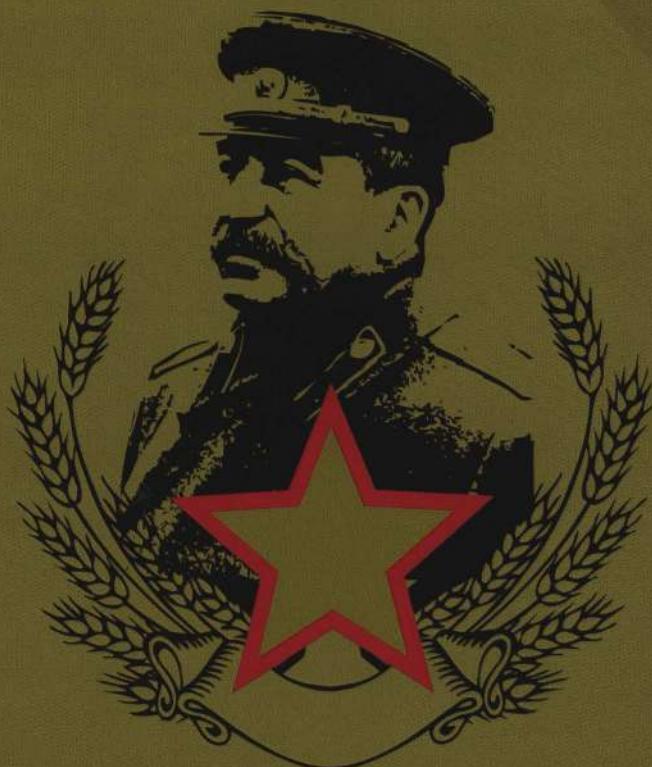


SIMON SEBAG  
MONTEFIORE

# ESTALINE

A CORTE DO CZAR VERMELHO



A extraordinária história do ditador soviético e dos homens e mulheres que o mantiveram no poder por quase trinta anos, numa obra vencedora do *History Book of the Year Award*, atribuído pelos British Book Awards em 2004.

Uma biografia cheia de revelações, que nos relata como a morte da mulher do ditador foi disfarçada - terá sido suicídio? Ou como os líderes soviéticos e as suas famílias viveram dentro das paredes do Kremlin. Ou o que aconteceu no primeiro dia de guerra com a Alemanha em 1941. Ou, ainda, o relato detalhado do encontro entre Estaline, Roosevelt e Churchill. E como foi que morreram dez milhões de pessoas.

Informações que Simon Sebag Montefiore baseou em novos materiais dos arquivos de Estaline, tornados públicos em 2000, assim como em entrevistas com testemunhas e numa profunda pesquisa de Moscovo ao mar Negro.

Simon Sebag Montefiore passou a maior parte dos anos 90 a percorrer o ex-Império Soviético, em particular o Cáucaso, a Ucrânia e a Ásia Central, e escreveu abundantemente sobre a Rússia, sobretudo para o *Sunday Times*, o *New York Times* e a *Spectator*. Os títulos que publicou valeram-lhe prémios e nomeações, entre os quais a atribuição pelos British Book Awards do prémio *History Book of the Year* em 2004.

«Este não é simplesmente mais um livro sobre Estaline. É um relato horrível, hipnótico e, até, por vezes, com um humor negro, da vida das famílias que governaram a União Soviética. Apesar de provenientes de meios diferentes, Estaline e os seus vizires eram *workaholics* autodidactas, que gostavam de beber e que arrastaram a URSS para a colectivização e guerra com uma estupidez tirânica e quase inegotável energia.»

*Observer*



## ESTALINE

A CORTE DO CZAR VERMELHO

ISBN: 989-622-024-7



9 789896 220242



# ESTALINE

A CORTE DO CZAR VERMELHO

SIMON SEBAG  
MONTEFIORE

# ESTALINE

A CORTE DO CZAR VERMELHO



2.ª EDIÇÃO

CALETHEIA  
EDITORES

Título original: *Stalin, The Court of the Red Tsar*

© 2003, Simon Sebag Montefiore

Todos os direitos de publicação em Portugal  
reservados por:

ALÈTHEIA EDITORES  
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, n.º 16  
1200-369 Lisboa, Portugal  
Tel.: (+351) 21 325 41 06, Fax: (+351) 21 325 41 11  
e-mail: aletheia@aletheia.pt  
[www.aletheia.pt](http://www.aletheia.pt)

Tradução:  
Mário Dias Correia

Revisão:  
José João Leiria

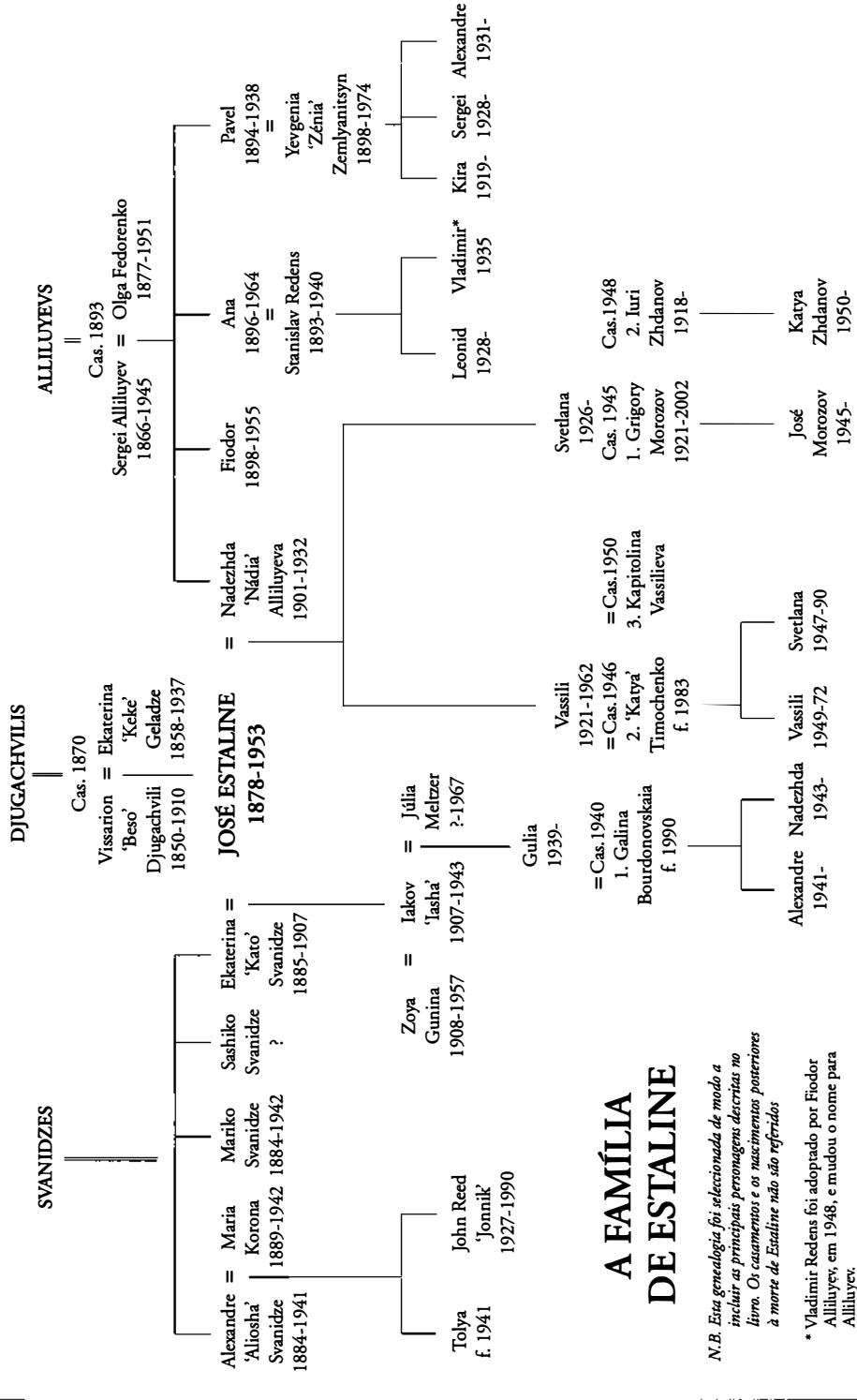
Paginação:  
a dentada do rato azul

Impressão e acabamento:  
CEM Artes Gráficas  
Parque Industrial ACIB  
Pavilhão 38  
Várzea, Barcelos

ISBN: 989-622-024-7  
Depósito Legal: 253726/07

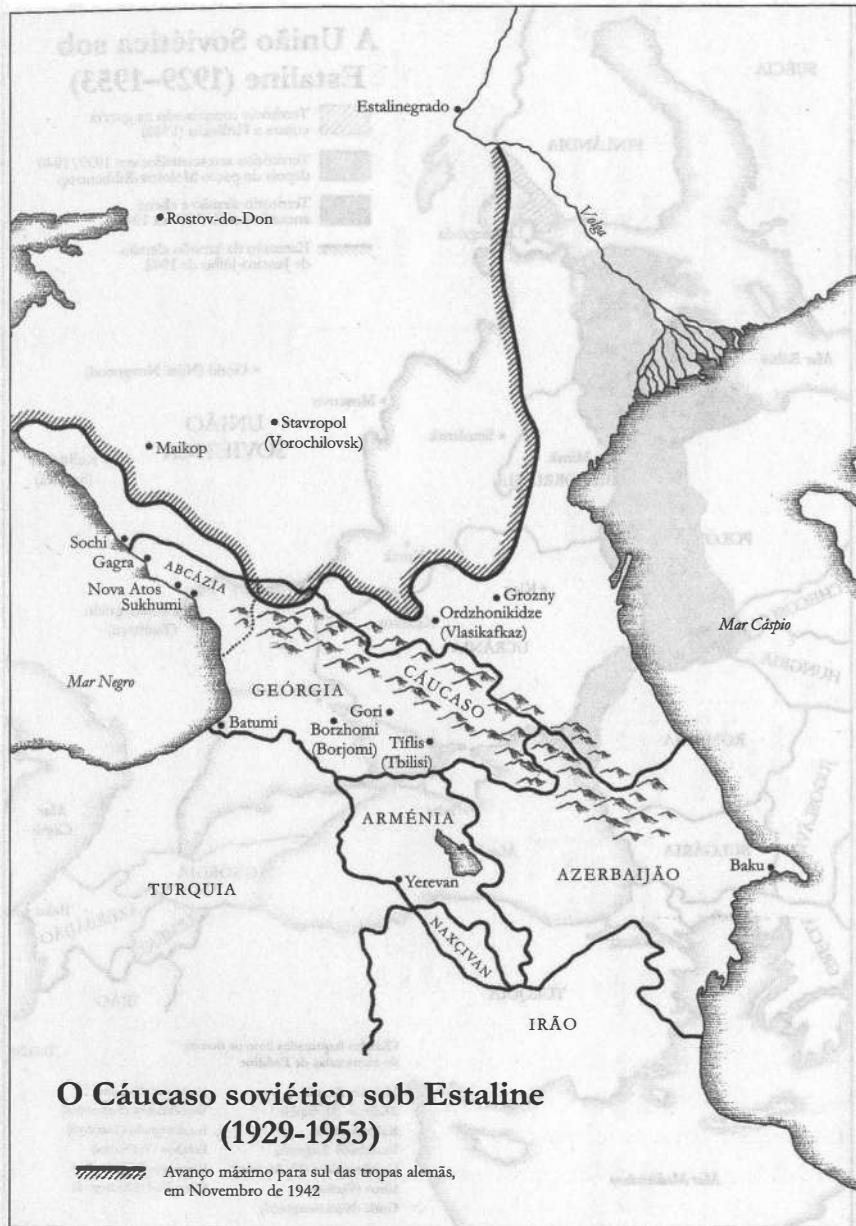
Janeiro de 2007

**Para Lilly Bathsheba**



## A União Soviética sob Estaline (1929–1953)





## O Cáucaso soviético sob Estaline (1929-1953)

## INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

Fui, neste meu empreendimento, generosamente ajudado por muitas pessoas, de Moscovo e São Petersburgo a Sukhumi, de Tbilisi a Buenos Aires e a Rostov-do-Don. O meu objectivo, neste livro, é simplesmente traçar um retrato de Estaline, dos seus vinte mais importantes potentados e respectivas famílias, mostrar como governavam e como vivia nessa cultura única que foram os seus anos de poder supremo. A obra não pretende ser uma história das suas políticas externa e interna, das suas campanhas militares, da sua juventude ou da sua luta com Trotski. É uma crónica da corte do Czar Vermelho desde que foi aclamado como «o Líder», em 1929, até à sua morte. É uma biografia dos seus cortesãos, um estudo de alta política e poder e costumes informais. De certa maneira, é uma biografia de Estaline através do seu relacionamento com os potentados do regime: na realidade, ele nunca sai de cena.

A minha missão era ir além das tradicionais explicações de Estaline como «enigma», «louco» ou «génio satânico», e das dos seus camaradas como «homens sem biografia», temíveis bajuladores de farfalhudos bigodes em fotografias a preto-e-branco. Recorri ao arsenal de novos arquivos e memórias inéditas, às minhas próprias entrevistas e a materiais já bem conhecidos na esperança de que Estaline se torne uma figura mais comprehensível e íntima, ainda que não menos repelente. Acredito que situá-lo, e aos seus oligarcas, no idiosincrático contexto bolchevique como membros de uma «ordem de portadores-da-espada» religioso-militar explica muito do inexplicável. Estaline foi totalmente único, mas os camaradas que o rodeavam partilhavam muitas das suas perspectivas e características, como a dependência da morte como ferramenta política, e a paranóia. Foi um homem do seu tempo, e os seus potentados também.

Molotov e Béria são talvez os mais famosos, mas muitos deles continuam pouco conhecidos no Ocidente. Iezhov e Zhdanov deram o nome a épocas, e, todavia, continuam na sombra. Muitos, como Mekhlis, pouca ou nenhuma atenção mereceram, mesmo aos académicos. Mikoyan era largamente admirado; Kaganovitch, largamente desprezado. Podem ter mostrado ao mundo exterior máscaras cinzentas, mas muitos foram exuberantes, dinâmicos, figuras em formato maior do que o tamanho natural. O recente acesso às respectivas epistolografias, incluindo as cartas de amor, torná-los-á pelo menos personagens vivas.

Ao contar as histórias deles, este livro é, inevitavelmente, um conto cautelar: dos muitos assassinos em massa de que aqui se faz a crónica, só Iezhov e Béria foram condenados (e não pelos seus verdadeiros crimes). A tentação tem sido atirar todas as culpas para cima de um só homem, Estaline. Há hoje, no Ocidente, uma obsessão com o culto da maldade: uma macabra mas fútil comparação entre Estaline e Hitler para encontrar «o pior ditador do mundo» contando as suas supostas vítimas. Isto é demonologia, e não História. Tem o efeito de acusar unicamente um louco e não nos oferece qualquer lição quer sobre o perigo das ideias e sistemas utópicos, quer sobre a responsabilidade dos indivíduos.

A Rússia moderna ainda não enfrentou o seu passado: não houve redenção, o que talvez continue a projectar uma sombra sobre o desenvolvimento da sua sociedade civil. Muitos russos dos nossos dias não me agradecerão a franqueza íntima de uma história que prefeririam esquecer ou evitar. Embora seguramente não diminua a enorme culpa de Estaline, este livro conseguirá talvez desencorajar a conveniente ficção da sua responsabilidade exclusiva ao denunciar os crimes de toda a liderança, bem como os seus sofrimentos, sacrifícios, vícios e privilégios.

Tive uma sorte imensa com aqueles que me ajudaram: este livro foi inspirado por Robert Conquest, que tem sido, desde o início, o mais paciente e generoso apoiante e conselheiro. Estou superlativamente grato a Robert Service, Professor de História Russa na Universidade de Oxford, que «supervisionou» o meu livro com generoso encorajamento e enorme erudição, e cuja leitura e correcção do texto se revelaram inestimáveis. Também na Rússia fui «supervisionado» pelo mais distinto estudioso da alta política estalinista, Oleg Khlevniuk, Investigador Superior no Arquivo Estatal da Federação Russa (GARF), que me guiou e ajudou ao longo de todo o meu trabalho. Tive também a sorte de, nas questões relacionadas com o NKVD/MGB, poder contar com a ajuda de Nikita Petrov, vice-presidente do Centro de Pesquisa Científica Memorial de Moscovo, actualmente o mais distinto especialista académico no funcionamento da polícia secreta. Nas questões militares, fui guiado e ajudado, tanto na interpretação como na pesquisa arquivística, pelo Professor Oleg Rzheshevsky e pelos seus colaboradores. Nas questões diplomáticas tive, além do prazer de conhecê-lo pessoalmente, a felicidade de contar com o saber e as confirmações de Hugh Lunghi, que esteve presente em Teerão, Ialta e Potsdam, e em reuniões com Estaline, em finais da década de 40. Sir Martin Gilbert foi generoso, tanto com o seu saber como

com os seus contactos na Rússia. Para as questões georgianas, os meus guias foram o Professor (Estudos Americanos) Zackro Megrelchvili, da Universidade Estatal de Língua e Cultura de Tbilisi, e Gela Charkviani. No que tem a ver com a Abcázia, devo os meus agradecimentos ao mais distinto académico de Sukhumi, o Professor Slava Lakoba. Estou igualmente grato pelas orientações e ideias das seguintes pessoas: Geoffrey Hosking, Professor de História Russa na Universidade de Londres; Isabel de Madariaga, Professora Emérita de Estudos Eslavos da Universidade de Londres, e Alexandre Kamenskii, Professor de História Russa Antiga e Antiga-Moderna da Universidade Estatal Russa de Humanidades, em Moscovo. Roy Medvedev, Edvard Radzinski, Arkady Vaksberg e Larissa Vassilieva foram também guias e conselheiros. Tive a sorte imensa de ser ajudado por um tão insigne grupo e tudo o que posso fazer é agradecer-lhes humildemente; toda a sabedoria é deles, todos os erros são meus.

Fui igualmente feliz na escolha do momento, pois a abertura de uma parte dos Arquivos Presidenciais dos Arquivos Estatais Russos de História Política e Social (RGASPI), em 1999, significou que tive a possibilidade de usar uma grande quantidade de nova documentação, incluindo fotografias, as cartas de Estaline, dos membros do seu círculo mais íntimo e das respectivas famílias, que tornou possível este livro. Além disso, tive acesso a novo material militar dos Arquivos da Guerra do Estado Russo (RGVA) e dos Arquivos Centrais do Ministério da Defesa da Federação Russa (TSAMO RF), em Podolsk. Oleg Khlevniuk foi o meu principal patrocinador, tanto nos RGASPI como no GARF. Os meus maiores agradecimentos vão para Larisa A. Rogojava, Chefe de Secção nos RGASPI, especialista nos papéis de Estaline e eminentíssima intérprete da sua caligrafia, que me ajudou ao longo de todo o caminho. Agradeço também à Dra. Ludmilla Gatagova, investigadora do Instituto de História Russa. Mas, acima de tudo, devo a minha gratidão a essa extraordinária estudiosa do Departamento de História Russa da Universidade Estatal Russa de Humanidades, Galina Babkova, que me ajudou tanto neste livro como já me tinha ajudado em *Potemkin*.

Tive a sorte de poder contactar muitas testemunhas da época e de, muitas vezes, ter acesso a documentação familiar, incluindo memórias inéditas. Por isto, estou imensamente agradecido a Mikhail Fridman, Ingaborga Dapkunaite e Vladimir Grigoriev, ministro-adjunto para a Imprensa, Televisão e Rádio da Federação Russa, proprietário da editora Vagrius; Galina Udenkova, dos RGASPI, que partilhou comigo os seus valiosíssimos contactos; Olga Adamichina, que arranjou várias das minhas entrevistas; e Rosamond Richardson, que me deu generosamente acesso aos seus contactos na família Alliluyev e às gravações das suas entrevistas com Svetlana Alliluyeva. Kitty Stidworthy autorizou-me a usar as memórias inéditas de Vera Trail sobre Iezhov. Agradeço à Dra. Luba Vinogradova a eficiência, empatia e paciência com que me ajudou em muitas entrevistas. Um agradecimento especial para Alan Hirst e Louise Campbell por me terem apresentado os Molotov. O tenente-general Stepan Mikoian e a sua filha Achken foram encantadores, hospitaleiros, prestáveis e generosos. Também as seguintes pessoas me

cederam parte das suas recordações e do seu tempo: Kira Alliluyeva, Vladimir Alliluyev (Redens), Natalya Andreieva, Nikolai Baibakov, Nina Budeny, Júlia Khrushcheva, Tanya Litvinova, Igor Malenkov, Volya Malenkova, Sergo Mikoian, Yossif Minervin (neto de Kaganovitch), Stas Namin, Viacheslav Nikonov (neto de Molotov), Eteri Ordzhonikidze, Marta Pechkova, Natalya Poskrebicheva, Leonid Redens, Natalya Rikova, tenente-general Artyom Sergeev, Iuri Soloviev, Oleg Troianovski, Iuri Zhdanov, Nadezhda Vlasik. Estou grato à minha pesquisadora, Galina Babkova, por me ter conseguido as entrevistas com Tina Egnatashvili e Gulia Djugachvili. Tenho de agradecer ao admirável Mark Fielder, das Granada Productions, com quem tive o prazer de trabalhar no comentário da BBC2 sobre Estaline. Em São Petersburgo, agradeço ao director e ao pessoal do Museu SM Kirov.

Em Tbilisi, o Professor Megrelichvili conseguiu-me muitas entrevistas, evocou as suas recordações do padrasto, Chalva Nutsibidze e apresentou-me a Maya Kavtaradze, que partilhou comigo as memórias inéditas do pai. Gela Charkviani contou-me as recordações da sua juventude e sobretudo, muito generosamente, deu-me acesso às memórias inéditas do pai. Estou igualmente grato às seguintes pessoas: Nádia Dekanozova, Aliosha Mirtskhulava, Eka Rapava, Nina Rukhadze. Agradeço a Lika Basileia por ter-me acompanhado ao Palácio Likani e a Gori, e a Nino Gagochidze e Irina Dmetradze pela sua enérgica ajuda; a Nata Patiachvili pela ajuda que me deu na tradução e a conseguir entrevistas; a Zurab Karumidze; a Lila Aburchvili, directora do Museu de Estaline em Gori.

Pela minha visita à Abcázia, tenho de agradecer à embaixadora de Sua Majestade na Geórgia, Deborah Barnes Jones: a Thadeus Boyle, administrador do Serviço de Campo do UNOMIG; ao primeiro-ministro abcaziano, Anri Djirgonia. Não teria sido possível sem a ajuda de Victoria Ivleva-Yorke. Obrigado a Saida Smir, directora da *dacha* de Novy Afon, e ao pessoal das outras residências de Estaline em Sukhumi, Kholodnaya Rechka, lago Ritza, Museri e Sochi. Em Buenos Aires, agradeço a Eva Soldati por ter entrevistado Leopoldo Bravo e a sua família.

Obrigado por me terem oferecido hospitalidade quando estive em Moscovo e noutras lugares: Macha Slonim, que, afinal, é neta de Maxim Litvinov; Marc e Rachel Polonski, que vivem no apartamento da Rua Granovski que pertenceu ao marechal Koniev e onde ocorreram muitos dos acontecimentos descritos neste livro; Ingaborga Dapkunaite, David Campbell e Tom Wilson em Moscovo; Olga Polizzi e Julietta Dexter em São Petersburgo.

Um obrigado muito especial para duas das mais argutas mentes históricas que conheço: o meu pai, o Dr. Stephen Sebag-Montefiore, que foi tão brilhante na leitura da psicologia de Estaline como já tinha sido na de Potemkin, e a minha mãe, April Sebag-Montefiore, pelos seus impecáveis dotes de linguagem e psicologia.

Tenho de agradecer à minha agente Georgina Capel; a Anthony Cheetham; ao meu editor Ian Trewin; e a Lord e Lady Weidenfeld. Agradeço, por terem respondido a perguntas e me terem ajudado de grandes e pequenas maneiras, a: Andy

Apostolou, Anne Applebaum, Joan Bright Astley, Professor Derek Beales, Antony Beevor, Vadim Benyatov, Michael Bloch, Dr. David Brandenburger, Pavel Chinski, Winston Churchill, Bernadette Cini, Lady Dahrendorf, Dra. Sarah Davies, Yelena Durden-Smith, Ellen, Lisa Fine, Sergei Degtiarev Foster, Mark Franchetti, Levan e Nino Gachechiladze, Professor J. Arch Getty, Nata Gologre, Jon Halliday, Andrea Dee Harris, Mariana Haseldine, Dr. Dan Healy, Laurence Kelly, Dmitri Khankin, Maria Lobanova, V. S. Lopatin, Edward Lucas, embaixador da República da Geórgia e Sra. Teimuraz Mamatsachvili, Neil Kendrick, O Mestre, Gonville & Caius College, Cambridge, Catherine Merridale, princesa Tatiana Metternich, Richard Overy, Charles e Patty Palmer-Tomkinson, Martin Poliakoff, Alexandre Prozverkin, David Pryce-Jones, Júlia Tourchaninova e Ernst Goussinski, Professor E. A. Rees, conde Fritz von der Schulenburg, Hugh Sebag-Montefiore, Lady Soames, Professor Boris Sokolov, Geia Sulkhanichvili, Lord Thomas of Swynnerton, conde Nikolai Tolstoi, príncipe Jorge Vassiltchikov, Dr. D. H. Watson, Adam Zamoyski. Devo muito à minha professora de russo, Galina Oleksiuk. Obrigado a Jane Birkett, a minha valorosa revisora, a John Gilkes pelos mapas, a Douglas Matthews pelo Índice Remissivo e um gigantesco obrigado a Victoria Webb pelo hercúleo trabalho de rever as provas.

Por fim, mas em primeiro lugar, agradeço à minha amada mulher Santa Montefiore, não só por ter traduzido do espanhol material sobre Leopoldo Bravo, mas sobretudo por tolerar, e às vezes até acolher com prazer, durante anos a fio, a sombria presença de Estaline nas nossas vidas.

## AS PERSONAGENS

José Estaline, de seu verdadeiro nome Iosebo Djugachvili, conhecido como «Soso» e «Koba». Secretário-geral do Partido Bolchevique de 1922 a 1953 e primeiro-ministro de 1941 a 1953. Marechal. Generalíssimo.

### **Família**

Keke Djugachvili, mãe de Estaline.

Kato Svanidze, primeira mulher de Estaline.

Iakov Djugachvili, filho do primeiro casamento com Kato Svanidze. Capturado pelos alemães.

Nádia Alliluyeva, segunda mulher de Estaline.

Vassili Estaline, filho de Estaline e de Nádia Alliluyeva, piloto, general.

Svetlana Estaline, agora conhecida como Alliluyeva, filha de Estaline.

Artyom Sergeev, filho adoptivo de Estaline e Nádia.

Sergei Alliluyev, pai de Nádia.

Olga Alliluyeva, mãe de Nádia.

Pavel Alliluyev, irmão de Nádia, comissário do Exército Vermelho, casado com

Zénia Alliluyeva, cunhada de Nádia, actriz, mãe de Kira.

Aliosha Svanidze, irmão de Kato, georgiano, cunhado de Estaline, funcionário bancário, casado com

Maria Svanidze, diarista, georgiana de origem judaica, cantora lírica.

Stanislas Redens, cunhado de Nádia, membro da polícia secreta, casado com

Ana Redens, irmã mais velha de Nádia.

## **Aliados**

Victor Abakumov, membro da polícia secreta, chefe do Smersh, ministro do MGB

Andrei Andreiev, membro do Politburo, secretário do CC, casado com

Dora Kazan, a melhor amiga de Nádia, ministra-adjunta dos Têxteis, mãe de Natacha Andreieva.

Lavrenti Béria, o «Tio Lara», membro da polícia secreta, chefe do NKVD, membro do Politburo encarregado da bomba nuclear, casado com

Nina Béria, cientista, tratada por Estaline «como uma filha», mãe de Sergo Béria, cientista, casado com

Marta Pechkova Béria, neta de Gorki, nora de Béria.

Semyon Budeny, cavaleiro, marechal, membro do Grupo de Tsaritsyn.

Nikolai Bulganine, «o Canalizador», chekista, presidente da câmara de Moscovo, membro do Politburo, ministro da Defesa, herdeiro putativo.

Cândido Charkviani, patrão do partido na Geórgia e confidente de Estaline.

Genrikh Iagoda, chefe do NKVD, judeu, apaixonado por Timocha Gorki.

Abel Ienukidze, o «Tio Abel», secretário do Comité Executivo Central, georgiano, *bon vivant*, padrinho de Nádia.

Nikolai Iezhov, «o Amora», ou «Kolya», chefe do NKVD, casado com

Ievgenia Iezhova, editora, *socialite*, judia.

Semyon Ignatiev, ministro do MGB, maestro da Conjura dos Médicos.

Lazar Kaganovitch, o «Lazar de Ferro» e «a Locomotiva», Velho Bolchevique judeu, adjunto de Estaline no início dos anos 30, patrão dos caminhos-de-ferro, membro do Politburo.

Mikhail Kalinine, o «Papa», o «Ancião da Aldeia», presidente soviético, camponês/operário.

Sergei Kirov, patrão de Leninegrado, secretário do CC, membro do Politburo e amigo íntimo de Estaline.

Nikita Khrushchev, primeiro-secretário de Moscovo, e depois da Ucrânia, membro do Politburo.

Valerian Kuibichev, patrão da economia e poeta, membro do Politburo.

Alexei (A. A.) Kuznetsov, adjunto de Zhdanov em Leninegrado; depois da SGM, foi secretário do CC e curador do MGB; herdeiro putativo de Estaline como secretário-geral.

Nestor Lakoba, chefe abcaziano.

Georgi Malenkov, alcunhado «Melanie» ou «Malanya», secretário do CC, aliado de Béria.

Lev Mekhlis, o «Demónio Sombrio» ou «Tubarão», judeu, secretário de Estaline, depois editor do *Pravda*, chefe político do Exército Vermelho.

Akaki Mgreladze, abcaziano, mais tarde patrão da Geórgia; Estaline chamava-lhe «o Lobo».

Anastas Mikoyan, Velho Bolchevique arménio, membro do Politburo, ministro do Comércio e Abastecimentos.

Viatcheslav Molotov, conhecido como «o Cu-de-Ferro» e «o nosso Vecha», membro do Politburo, primeiro-ministro, ministro dos Negócios Estrangeiros, casado com Polina Molotova, em solteira Karpovskaia, conhecida como Camarada Zemchuzina, «a Pérola», judia, comissária das Pescas, patroa da indústria dos perfumes.

Grigori Ordzhonikidze, conhecido como Camarada Sergo e «o Cu de Estaline», membro do Politburo, patrão da Indústria Pesada.

Karl Pauker, ex-barbeiro da Ópera de Budapeste, guarda-costas de Estaline e chefe da Segurança.

Alexandre Poskrebichev, ex-enfermeiro, *chef de cabinet* de Estaline, casado com Bronka Metalikova Poskrebicheva, médica, judia.

Mikhail Riumine, o «Pequeno Michka», «o Pigmeu», ministro-adjunto do MGB e arquitecto da Conjura dos Médicos.

Nikolai Vlasik, guarda-costas de Estaline e chefe do Directorado dos Guardas.

Klim Vorochilov, primeiro marechal, membro do Politburo, comissário da Defesa, veterano de Tsaritsyn, casado com Ekaterina Vorochilova, diarista.

Nikolai Voznessenski, economista de Leninegrado, membro do Politburo, vice-primeiro-ministro, herdeiro designado de Estaline como primeiro-ministro.

Andrei Zhdanov, «o Pianista», membro do Politburo, patrão de Leninegrado, secretário do CC, patrão da Marinha, amigo de Estaline e pai de Iuri Zhdanov, chefe do Departamento de Ciência do CC, casado com Svetlana Estaline.

## Generais

Boris Chapochnikov, marechal, chefe do Estado-Maior, o oficial preferido de Estaline.

Grigori Kulik, marechal, comandante da Artilharia, mulherengo e trapalhão, veterano de Tsaritsyn.

Semyon Timochenko, marechal, vencedor na Finlândia, comissário da Defesa, veterano de Tsaritsyn; a filha casou com Vassili Estaline.

Alexandre Vassilevski, marechal, chefe do Estado-Maior, filho de um padre.

Georgi Zhukov, marechal, vice-chefe do Estado-Maior, o melhor general de Estaline.

## Inimigos e Ex-Aliados

Nikolai Bukharine, «o menino bonito do partido», «Bukarchik», teórico, membro do Politburo, co-governante com Estaline entre 1925 e 1929, amigo de Nádia, direitista, principal réu no último julgamento-espectáculo.

Lev Kamenev, membro esquerdisto do Politburo, derrotou Trotski ao lado de Estaline, com quem governou em 1924-25, judeu, réu no primeiro julgamento-espectáculo.

Alexei Rikov, «Rikvodka», membro direitista do Politburo, primeiro-ministro e co-governante com Estaline e Bukharine de 1925 a 1928, réu no último julgamento-espectáculo.

Leão Trotski, génio da Revolução, judeu, comissário da Guerra e criador do Exército Vermelho, «comandante de opereta», nas palavras de Estaline.

Grigori Zinoviev, membro esquerdistas do Politburo, patrão de Leninegrado, judeu.

Fez parte de um triunvirato, com Estaline e Kamenev, em 1924-25. Réu no primeiro julgamento-espectáculo.

### «Engenheiros da Alma Humana»

Ana Akhmatova, poeta, «freira-puta», dizia Zhdanov.

Isaac Babel, autor de *A Cavalaria Vermelha* e amigo de Eisenstein e de Mandelstam.

Demian Bedni, o «poeta proletário», companheiro de farra de Estaline.

Mikhail Bulgakov, romancista e dramaturgo. Estaline viu quinze vezes a sua peça *Dias das Turbinas*.

Mikhail Cholokhov, romancista dos cossacos e da colectivização.

Sergei Eisenstein, o maior realizador do cinema russo.

Ilia Ehrenburg, escritor judeu e figura literária europeia.

Máximo Gorki, o maior romancista russo, próximo de Estaline.

Ivan Kozlovski, tenor da corte de Estaline.

Osip Mandelstam, poeta: «Isolar mas preservar», ordenou Estaline.

Boris Pasternak, poeta, «habitante das nuvens», chamava-lhe Estaline.

Konstantin Simonov, poeta e editor, amigo de Vassili Estaline, favorito de Estaline.

PROLOGO  
O JANTAR DE FESTA: 8 DE NOVEMBRO DE 1932

Por volta das sete da tarde de 8 de Novembro de 1932, Nádia Alliluyeva Estaline vestia-se para a sempre animada festa que anualmente celebrava o aniversário da Revolução. Na ocorrência, o décimo quinto. Com trinta e um anos, um rosto oval e olhos castanhos, a mulher do secretário-geral, puritana, determinada mas frágil, orgulhava-se da sua «modéstia bolchevique». Usava invariavelmente vestidos sem graça nem forma, um simples xale à volta dos ombros, blusas de decote quadrado e nenhuma maquilhagem. Naquela noite, porém, estava disposta a fazer um esforço. No sombrio apartamento que os Estaline ocupavam no Palácio Potechny, um edifício de dois andares do século XVII, fez rodopiar diante da irmã, Ana, a saia de um inusitadamente elegante vestido preto, com rosas vermelhas bordadas a toda a volta, importado de Berlim. A título excepcional, permitira-se um «penteado especial», em vez do costumeiro e severo carrapito. Sorrindo, enfeitou com uma rosa escarlata os cabelos negros.

A festa, a que assistiam todas as grandes figuras do partido, como o primeiro-ministro Molotov e a sua esbelta, inteligente e coqueta mulher, Polina, a melhor amiga de Nádia, era, como sempre, oferecida pelo comissário da Defesa, Vorochilov, que vivia no comprido e estreito edifício da Guarda Imperial, a curtos cinco passos de distância (do outro lado de um estreito caminho) do Potechny. No pequeno e fechado mundo do seu bolchevique, aqueles serões alegres e simples acabavam geralmente com os próceres do regime e as respectivas esposas a dançar danças cossacas e a cantar dolentes canções georgianas, Nessa noite, porém, a festa não acabou como de costume.

Entretanto, algumas centenas de metros para leste, mais perto do Mausoléu de Lenine e da Praça Vermelha, no segundo piso do Palácio Amarelo, construído no século XVIII segundo uma curiosa planta triangular, José Estaline, secretário-geral do Partido Bolchevique e *Vozhd* – líder – da União Soviética, na altura com cinquenta e três anos, vinte e dois mais do que Nádia, estava reunido com o seu polícia secreto preferido. Genrikh Iagoda, director-adjunto da GPU,\* um indivíduo com cara de furão, filho de um joalheiro judeu de Nijni Novgorod, que usava um bigodinho «à Hitler» e gostava de orquídeas, pornografia alemã e amizades literárias, informava Estaline sobre novas conjuras e mais distúrbios nas áreas rurais.

Assistido por Molotov, na altura com quarenta e dois anos, e pelo seu principal adjunto para a economia, Valerian Kuibichev, que, aos quarenta e cinco, tinha um ar de poeta louco, com uma farta cabeleira desgrenhada e uma estusiástica paixão por vinho, mulheres e, muito apropriadamente, escrever poesia, Estaline ordenava a detenção dos que se lhe opunham. A tensão daqueles meses era sufocante. Receava perder a Ucrânia, partes da qual tinham caído numa distopia de fome e desordem. Quando Iagoda saiu, às sete e cinco, os outros continuaram a falar da guerra que conduziam para «quebrar a espinha» ao campesinato, fosse qual fosse o preço a pagar pelos milhões que morriam de inanição na maior penúria provocada pelo Homem em toda a História. Estavam decididos a usar os cereais para financiar o seu gargantuesco esforço de fazer da Rússia uma moderna potência industrial. Naquela noite, porém, era à sua própria porta que a tragédia se preparava para bater: Estaline ia enfrentar a crise pessoal mais lancinante e misteriosa de toda a sua carreira. Havia de revivê-la vezes sem conta pelo resto dos seus dias.

Às oito e cinco, acompanhado pelos outros, descia os degraus para se dirigir à festa, percorrendo os caminhos e as praças cobertas de neve da velha fortaleza medieval, protegida pelos altos muros de tijolo vermelho. Vestia o dólman do partido, umas velhas calças tufadas, botas de couro macio, um capote do exército e o seu *shapka* de pele de lobo, com abas para proteger as orelhas. Tinha o braço esquerdo ligeiramente mais curto do que o direito – um defeito na altura muito menos evidente do que viria a tornar-se com a idade – e estava quase sempre a fumar um cigarro ou a arrancar baforadas ao cachimbo. A cabeça e os cabelos espessos e curtos, ainda pretos mas já com os primeiros salpicos de cinzento, emanavam a força graciosa dos montanheses do Cáucaso; os olhos felinos, quase orientais, eram «cor de mel», mas, quando se irritava, fiscavam com amarelados lampejos lupinos. As crianças queixavam-se de que o farto bigode «picava» e que o intenso cheiro a tabaco era desagradável, mas, como Molotov

---

\* A polícia secreta soviética começou por chamar-se Comissão Extraordinária para Combater a Contra-Revolução e a Sabotagem, mais conhecida pelo nome de Cheka. Em 1922, passou a chamar-se Administração Política do Estado (GPU) e, pouco depois, GPU Unida: OGPU. Em 1934, foi absorvida pelo Comissariado do Povo para os Assuntos Internos (NKVD). No entanto, os membros da secreta continuaram a ser conhecidos como «chekistas», e a organização propriamente dita como «Os Órgãos». Em 1941 e 1943, a Segurança do Estado passou para a tutela do seu próprio comissariado, o NKGB. De 1954 a 1991, tornou-se a Comissão de Defesa do Estado, a KGB.

e as suas admiradoras mais tarde recordariam, as mulheres, com as quais namoriscava de uma forma tímida e canhestra, continuavam a achá-lo atraente.

Aquele indivíduo entroncado, baixo – um metro e sessenta e cinco –, de passada pesada mas viva, com um ligeiro gingar provocado pelo hábito de meter as pontas dos pés para dentro (aplicadamente copiado pelos artistas do Bolchoi quando representavam czares), que falava em voz baixa a Molotov no seu carregado sotaque georgiano, era protegido por apenas um ou dois guardas. As grandes figuras do partido costumavam passear por Moscovo praticamente sem segurança. Até o desconfiado Estaline, que era já odiado nos campos, regressava a casa, do seu gabinete na Praça Velha, acompanhado por um único guarda-costas. Certa noite, quando Molotov e Estaline se dirigiam a casa atravessando a Praça do Picadeiro sob um intenso nevão, «sem guarda-costas», foram abordados por um mendigo. Estaline deu-lhe dez rublos, e o desapontado pedinte gritou-lhe: «Maldito burguês!»

«Quem consegue compreender o nosso povo?», costumava Estaline dizer. Não obstante os ataques a alguns altos funcionários do partido (incluindo uma tentativa contra Lenine, em 1918), o ambiente manteve-se notavelmente descontraído até ao assassinio do embaixador soviético na Polónia, em Junho de 1927, altura em que se verificou um ligeiro apertar da segurança. Em 1930, o Politburo promulgou um decreto que proibia «o camarada Estaline de deslocar-se a pé pela cidade». O que o não impediu de continuar a fazê-lo durante anos. Foi uma época dourada que, dentro de escassas horas, ia terminar em morte, senão em homicídio.

Estaline era já famoso pela sua imperscrutabilidade esfíngica e pela sua fleumática modéstia, representada pelo cachimbo que fumava ostensivamente como um ancião camponês. Longe de ser a apagada mediocridade burocrática que Trotski desdenhava, era um indivíduo enérgico e vaidoso, com uma marcada tendência para o melodrama, excepcional em todos os aspectos.

Por baixo da sombria calma daquelas águas insondáveis, havia mortíferos redemoinhos de ambição, fúria e infelicidade. Tão capaz de agir com um gradualismo controlado como das apostas mais loucas, parecia fechado dentro de uma fria armadura de aço, mas as suas antenas eram altamente sensíveis e o seu explosivo mau feitio georgiano de tal modo incontrolável que esteve muito perto de arruinar a sua carreira quando se voltou contra a mulher de Lenine. Era um neurótico instável, com o temperamento tenso e inflamável de um actor hipersensível que se compraz no seu próprio drama – Nikita Khrushchev, que acabou, afinal, por suceder-lhe, chamava-lhe um *litsedei*, um homem de muitos rostos. Foi Lazar Kaganovitch, um dos seus camaradas mais chegados durante mais de trinta anos e que, naquela noite, se dirigia também para a festa, quem nos deixou a melhor descrição desta «personagem única»: era «um homem diferente em momentos diferentes (...). Conheci pelo menos cinco ou seis Estalines.»

No entanto, a abertura dos seus arquivos e um grande número de fontes recentemente disponibilizadas permitem-nos vê-lo mais claramente do que nunca: já não

basta descrevê-lo como um «enigma». Sabemos agora como falava (constantemente a respeito de si mesmo, tantas vezes com uma reveladora franqueza), como escrevia notas e cartas, o que comia, cantava e lia. Situado no contexto da fissípara liderança bolchevique, um meio único, torna-se uma pessoa real. O homem interior era um político super-inteligente e dotado para quem o seu próprio papel histórico era primordial, um intelectual nervoso, leitor obsessivo de História e de literatura, um hipocondríaco inquieto que sofria de amigdalite crónica, de psorfase, de dores reumáticas do braço deformado e do frio do seu exílio siberiano. Loquaz, sociável e um excelente cantor, este homem solitário e infeliz destruiu todas as relações amorosas e todas as amizades da sua vida ao sacrificar a felicidade à necessidade política e a uma paranóia canibaltesca. Marcado pela infância e dotado de um temperamento anormalmente frio, este nostálgico apaixonado por rosas e mimosas, que acreditava que a solução para todos os problemas humanos era a morte e vivia obcecado pela mania das execuções, tentou ser um pai extremoso e um esposo amante, mas acabou por envenenar todos os poços emocionais. Este ateu que devia tudo aos padres e via o mundo em termos de pecado e arrependimento era, «desde a juventude, um marxista convicto e fanático». O seu fanatismo era «semi-islâmico», o seu egoísmo messiânico não tinha limites. Assumia a missão imperial dos Russos, mas continuava a ser muito georgiano, levando para norte, para Moscovo, as *vendettas* dos seus antepassados.

A maior parte dos homens públicos partilha o hábito cesariano de se dissociarem de si mesmos para admirarem as suas próprias figuras no palco mundial, mas, em Estaline, esta dissociação ia um grau mais acima. Artyom Sergeev, o filho adoptivo, recorda ouvi-lo gritar com Vassili por explorar o nome do pai.

– Mas eu também sou um Estaline – protestava Vassili.

– Não, não és – respondia-lhe Estaline. – Tu não és Estaline e eu não sou Estaline. Estaline é o poder soviético. Estaline é aquilo que é nas notícias e nos retratos. Não és tu, nem sequer eu!

Estaline era uma autocriação. Um homem que invente um nome, uma data de nascimento, uma nacionalidade, uma educação e todo um passado de modo a alterar a História e desempenhar o papel de líder acabará muito provavelmente num manicomio, a menos que agarre, por força de vontade, sorte e habilidade, o movimento e o momento capazes de subverter a ordem natural das coisas. Estaline era um homem assim. O movimento foi o partido bolchevique; o momento, a degradação da monarquia russa. Depois da sua morte, passou a estar na moda vê-lo como uma aberração, mas isto era reescrever a História tão toscamente quanto ele próprio o fez. O êxito de Estaline não foi um acidente. Nenhum outro homem vivo se adequava melhor às intrigas conspirativas, às runas teóricas, ao dogmatismo assassino e à determinação inumana do partido de Lenine. É difícil encontrar uma melhor síntese entre um homem e um movimento do que o casamento ideal de Estaline com o bolchevismo: um era o espelho das virtudes e dos defeitos do outro.

\* \* \*

Nádia estava excitada por estar a arranjar-se para a festa. Ainda na véspera, durante a parada do Dia da Revolução, as suas dores de cabeça tinham sido excruciantes. Naquele dia, porém, sentia-se feliz. Tal como o verdadeiro Estaline era diferente da sua pessoa histórica, o mesmo acontecia com a verdadeira Nadezhda Alliluyeva. «Era muito bonita, mas não se consegue ver nas fotografias», recorda Artyom Sergeev. Não era convencionalmente bonita. Quando sorria, os olhos dela irradiavam franqueza e sinceridade, mas era também solene, arrogante e perturbada por doenças mentais e físicas, de uma frieza periodicamente estilhaçada por ataques de histerismo ou depressão. Era cronicamente ciumenta. Ao contrário de Estaline, que tinha a graça fácil, a Nádia ninguém lhe evoca o sentido de humor. Era uma bolchevique, perfeitamente disposta a servir de espia ao marido, denunciando-lhe os inimigos. Estaremos então em presença do casamento de um ogre com uma pomba, uma metáfora do modo como Estaline tratava a própria Rússia? Só na medida em que era, sob todos os aspectos, um casamento bolchevique, típico da cultura peculiar que o gerou. Em todos os outros sentidos, é apenas a vulgaríssima tragédia de um trabalhador compulsivo que não poderia ter sido pior parceiro para a sua egocêntrica e desequilibrada mulher.

A vida de Estaline parecia ser a fusão perfeita entre política bolchevique e família. Não obstante a brutalidade da guerra conduzida contra os camponeses e as crescentes pressões a que os líderes estavam submetidos, foi um tempo idílico, uma vida de fins-de-semana passados no campo, em tranquilas *dachas*, alegres jantares no Kremlin e lânguidas férias junto ao mar Negro, que os filhos recordariam como as mais felizes das suas vidas. As cartas de Estaline revelam um casamento difícil mas amoroso:

«Olá, Tatka. (...) Tenho tantas saudades tuas, Tatochka – sinto-me mais sozinho do que um mocho-cornudo», escrevia Estaline a Nádia, usando a terna alcunha por que costumava tratá-la, a 21 de Junho de 1930. «Não vou sair da cidade para tratar dos meus assuntos. Vou só acabar o meu trabalho aqui e então, amanhã, vou saber dos miúdos (...). Adeus, então, não demores muito, vem para casa depressa! Beijos! Teu, José.» Nádia estava em Carlsbad, na Alemanha, a seguir um tratamento para as dores de cabeça. Estaline sentia a falta dela e tomava conta dos filhos, como qualquer marido normal. Numa outra ocasião, era ela quem terminava assim a sua carta:

«Peço-te tanto que tenhas cuidado contigo. Beijo-te apaixonadamente, como tu me beijaste quando nos despedimos! Tua, Nádia.»

Nunca foi uma relação fácil. Eram ambos apaixonados e melindrosos: as discussões entre os dois eram sempre dramáticas. Em 1926, Nádia levou os filhos para Leninegrado, afirmando que ia deixá-lo. Mas ele pediu-lhe que voltasse, e ela voltou. Sente-se que os episódios deste tipo eram frequentes, mas que havia intervalos de uma espécie de felicidade – se bem que esperar um terno aconchego num lar tão bolchevique seja pedir demasiado. Estaline tinha com frequência um comportamento agressivo e insultante, mas era talvez o seu despreendimento que tornava mais difícil viver com

ele. Nádia era orgulhosa e severa, mas sempre adoentada. Se os seus camaradas, como Molotov e Kaganovitch, a julgavam à beira da «loucura», a própria família admitia que era «por vezes caprichosa e hipersensível – todos os Alliluyev tinham um instável sangue cigano». Eram os dois igualmente impossíveis de aturar. Eram ambos egoístas, frios, com temperamentos inflamados, se bem que ela nada tivesse da crueldade e duplicidade do marido. Talvez fossem demasiado parecidos para poderem ser felizes. Todos os testemunhos estão de acordo em que a vida com Estaline «não era fácil – era uma vida dura». Não era «um casamento perfeito», disse Polina Molotova a Svetlana, a filha dos Estaline, «mas também, existirá algum?»

A partir de 1929, estavam com frequência separados, uma vez que Estaline fazia férias outonais no Sul, quando Nádia estava ainda a estudar. No entanto, os momentos felizes eram ternos e calorosos: as cartas entre os dois voam de um lado para o outro, transportadas por correios da polícia secreta, e as notas sucedem-se umas às outras a um ritmo tal que mais parecem *e-mails*. Mesmo entre estes ascéticos bolcheviques, havia sugestões de sexo: os «beijos muito apaixonados» que ela recorda na carta citada acima. Gostavam da companhia um do outro: como vimos, ele sentia amargamente a falta dela quando estava longe, e ela sentia a falta dele. «É muito aborrecido sem ti», escrevia Nádia. «Vem até cá, e ficaremos bem juntos.»

Partilhavam Vassili e Svetlana. «Escreve qualquer coisa a respeito dos miúdos», pedia Estaline, numa carta enviada do mar Negro. E quando Nádia estava longe, ele comunicava: «As crianças estão bem. Não gosto da professora, passa a vida a andar de um lado para o outro e deixa o Vasia e o Tolika [Artyom, o filho adoptivo do casal] correr à solta de manhã à noite. Tenho a certeza de que o Vaska vai chumbar, e quero que tenham bons resultados a alemão.» Nádia incluía frequentemente nas suas cartas infantis notas de Svetlana. Partilhavam, como qualquer outro casal, as suas preocupações com a saúde. Quando estava a fazer uma cura nas termas de Matsesta, perto de Sochi, Estaline relatava: «Já tomei dois banhos e vou tomar dez (...). Julgo que vamos ficar consideravelmente melhor.»

«Como está a tua saúde?», perguntava ela.

«Tinha um eco nos pulmões, e tosse», respondia ele. Os dentes eram um problema constante:

«Os teus dentes... por favor, vê se os tratas», pedia Nádia. Quando de uma cura que ela fez em Carlsbad, ele perguntava, preocupado: «Falaste com os médicos? Conta-me o que eles disseram!» Tinha saudades dela, mas compreendia se o tratamento se prolongasse.

Estaline não gostava de mudar de roupa e usava fatos de Verão no Inverno, o que era para ela uma permanente fonte de preocupação: «Mando-te um sobretudo porque, depois do Sul, podes apanhar uma constipação.» Também ele lhe mandava presentes: «Mando-te uns limões», escrevia, orgulhoso. «Vais gostar.» Este jardineiro apaixonado havia de cultivar amorosamente limões até ao fim dos seus dias.

Trocavam mexericos a respeito dos amigos e camaradas que viam: «Ouvi dizer que Gorki [o famoso romancista] vai a Sochi», escrevia Nádia. «Talvez te visite. Que pena

eu não estar. É um prazer tão grande ouvi-lo...» E, claro, como uma serviçal bolchevique a viver no seio daquela minúscula família alargada de potentados e respectivas esposas, era quase tão obcecada por política como ele, transmitindo o que Molotov ou Vorochilov lhe contavam. Enviava-lhe livros e ele agradecia, mas protestava quando faltava algum. Ela brincava com ele a respeito das referências que lhe eram feitas na literatura dos emigrados brancos.

A austera mente modesta Nádia não receava dar ordens. Durante umas férias, admoestou o saturnino *chef de cabinet* do marido, Poskrebichev, queixando-se de que «não recebemos livros estrangeiros novos, apesar de dizerem que há vários. Talvez seja melhor falar com o Iagoda [chefe-adju nto da GPU]. (...) Da última vez, recebemos uns livros tão pouco interessantes...» Quando regressou de férias, enviou as fotografias a Estaline: «Só as boas. O Molotov não está tão engraçado?» Mais tarde, Estaline faria troça do absurdamente afectado Molotov na presença de Churchill e de Roosevelt. E também ele lhe enviava as suas fotografias de férias.

No entanto, em finais dos anos 20, Nádia sentia-se profissionalmente insatisfeita. Queria ser, por direito próprio, uma autêntica mulher de carreira bolchevique. No início da década, secretariara um pouco o marido, e depois Lenine, e depois Sergo Ordzhonikidze, outro enérgico e apaixonado dínamo georgiano agora responsável pela Indústria Pesada. Em seguida, passara para o Instituto Internacional Agrário, ligado ao Departamento de Agitação e Propaganda, onde, perdido nos arquivos, encontramos o trabalho quotidiano da esposa de Estaline em toda a sua bolcheviquíssima apagada e vil tristeza: o chefe pede à sua assistente habitual, que assina «N. Alliluyeva», que trate da publicação de um espantosamente enfadonho artigo intitulado «Devemos Estudar o Movimento Juvenil na Aldeia».

«Não tenho nada a ver seja com quem for em Moscovo», queixa-se Nádia. «É estranho como me sinto mais próxima de pessoas não ligadas ao partido... mulheres, claro. A razão é serem muito mais descontraídas (...). Há uma quantidade horrível de novos preconceitos. Se uma pessoa não trabalha, não passa de uma *baba!*\* Tinha razão. A nova mulher bolchevique, como Polina Molotova, era uma política por direito próprio. Aquelas feministas desdenhavam as donas de casa e as dactilógrafas como Nádia. Mas Estaline não queria para si uma mulher assim: a sua Nádia seria aquilo a que ele chamava uma «*baba*». Em 1929, Nádia decidiu tornar-se uma poderosa mulher do partido por direito próprio e, em vez de ir de férias com o marido, ficou em Moscovo a preparar os exames de admissão à Academia Industrial, onde se propunha estudar fibras sintéticas. Daí a amorosa correspondência com Estaline. A educação foi uma das grandes realizações dos bolcheviques, e havia milhões como ela. O que Estaline queria na verdade era uma *baba*, mas apoiou-a neste empreendimento: ironicamente, é bem possível que o instinto lhe tenha ditado a melhor atitude a tomar, pois depressa

\* O certo era que cuidava do marido como uma boa *baba*: «Estaline tem de fazer uma dieta de galinha», escrevia ela ao presidente Kalinine, em 1921. «Só nos foram atribuídas 15 galinhas (...). Por favor, aumente a quota, uma vez que só chega para meio mês e já só nos restam cinco...»

se tornou evidente que nunca Nádia conseguiria ser, ao mesmo tempo, estudante, mãe e mulher de Estaline, o qual muitas vezes terminava assim às suas cartas:

«Como vão os exames? Dá um beijo à minha Tatka!»

A mulher de Molotov tornara-se comissária do povo. Havia todas as razões para que Nádia esperasse conseguir o mesmo.

\* \* \*

De todos os lados do Kremlin, as grandes figuras do partido e as respectivas esposas convergiam para o apartamento de Vorochilov, ignorantes da tragédia que não tardaria a desenrolar-se. Nenhum deles tinha muito que andar. Desde que Lenine mudara a capital para Moscovo, em 1918, os líderes viviam naquele mundo isolado e secreto, atrás de muralhas com quatro metros de espessura, baluartes ameados e enormes portões fortificados, que, mais do que qualquer outra coisa, fazia lembrar um parque temático com 26 hectares dedicado à história da antiga Moscóvia. «Ivan, o Terrível, costumava passear por aqui», dizia Estaline aos visitantes. Todos os dias passava pela Catedral do Arcanjo, onde Ivan, o Terrível, estava sepultado, e pela Torre de Ivan, o Grande – e o Palácio Amarelo, onde trabalhava, fora construído por ordem de Catarina, a Grande. Em 1932, havia já catorze anos que Estaline vivia no Kremlin; tantos quantos vivera em casa dos pais.

Aqueles potentados – os «trabalhadores responsáveis», na terminologia bolchevique – e o respectivo pessoal, os «trabalhadores de serviço», viviam em espaçosos apartamentos de altos tectos, em tempos ocupados pelos governadores e mordomos czaristas, sobretudo no Potechny\* e no edifício da Guarda Imperial, tão próximos uns dos outros naqueles pátios cheios de cúpulas e pináculos que mais pareciam mestres residentes num colégio de Oxford: Estaline estava sempre a bater-lhes à porta e eles visitavam-no regularmente para trocar dois dedos de conversa, quase para pedir a proverbial chávena de açúcar.

À maior parte dos convidados, bastava percorrer o corredor para chegar ao apartamento que Kliment Vorochilov e a esposa, Ekaterina, ocupavam no segundo piso do edifício da Guarda Imperial (nominalmente, o Edifício da Guarda Vermelha, mas ninguém lhe chamava assim). Entrava-se em casa deles por uma porta aberta na passagem arqueada para a qual dava também o pequeno cinema onde Estaline e os amigos muitas vezes se reuniam depois do jantar. O interior era espaçoso mas aconchegado, com salas apaineladas a madeira escura e de cujas janelas se avistava, por cima das muralhas do Kremlin, a cidade. Vorochilov, o anfitrião, era, aos cinquenta e dois anos, o maior herói do panteão bolchevique – um comandante de cavalaria simpático e jactancioso, ex-torneiro mecânico, senhor de um belo bigode quase d'artagnanesco, cabelos lou-

\* O nome do Palácio Potechny, onde o casal Estaline vivia, significa «Palácio do Divertimento», por ter alojado, no passado, os actores e um teatro mantidos pelos czares.

ros e um rosto rosado de querubim. Estaline chegaria acompanhado pelo presumido Molotov e o debochado Kuibichev. A mulher de Molotov, a morena e formidável Polina, sempre elegantemente vestida, veio do seu próprio apartamento, no mesmo edifício. Nádia e a irmã, Ana, viriam do Potechny, atravessando o estreito caminho.

Em 1932, não haveria escassez de comida e bebida, mas aqueles eram os tempos em que os jantares de Estaline não se tinham ainda transformado em banquetes imperiais. A comida – *hors d'oeuvres* russos, sopa, vários pratos de peixe salgado e talvez um pouco de cordeiro –, preparada na cantina do Kremlin, era levada quente até ao apartamento, servida por uma governanta e engolida com um farto acompanhamento de *vodka* e vinho georgiano, numa infinidade sucessão de brindes. Confrontado com um desastre sem precedentes nas regiões onde milhões de pessoas morriam de fome, conspirações no seio do partido, incerteza sobre a lealdade do seu próprio círculo íntimo... e com a tensão acrescida de uma mulher perturbada, Estaline sentia-se acossado e em pé de guerra. Como os outros que se encontravam com ele no centro deste turbilhão, precisava de beber para descontrair. Sentava-se sempre a meio da mesa, nunca à cabeceira, com Nádia à sua frente.

\* \* \*

Durante a semana, a família Estaline tinha a sua base no apartamento do Kremlin. Havia os dois filhos do casal, Vassili, com onze anos, um rapazito enfezado, obstinado e nervoso, e Svetlana, com sete, uma miúda sardenta e de flamejantes cabelos ruivos. E havia também Iakov, na época com vinte e cinco anos, filho do primeiro casamento de Estaline e que, em 1921, se juntara ao pai. Criado na Geórgia, era um jovem tímido, moreno, com uns bonitos olhos. Estaline achava-o irritantemente lento. Aos dezoito anos, Iakov apaixonara-se por Zoya, filha de um padre, e casara com ela. Estaline desaprovara, porque queria que Iasha estudasse. Num «grito de socorro», Iasha disparara uma arma contra si mesmo, mas a bala limitara-se a passar-lhe de raspão pelo peito. Estaline considerara isto «uma forma de chantagem». A rígida Nádia reprovava a fraqueza do enteado: «Ficava horrorizada com o Iasha», comentava Estaline. Mas ele fazia ainda pior: «Nem sequer consegue disparar a direito», troçava, cruelmente. «Era o seu humor de soldado a falar», explica Svetlana. Mais tarde, Iasha divorciou-se de Zoya e regressou a casa.

Estaline tinha grandes – e, tendo em conta o seu próprio êxito meteórico, injustas – expectativas em relação aos filhos varões, mas adorava a filha. Além destes três, havia ainda Artyom Sergeev, o amado filho adoptivo, que passava longas temporadas em casa da família Estaline, apesar de a mãe ser ainda viva.\* Estaline era mais indulgente

\* Uma das poucas tradições simpáticas do bolchevismo era a adopção de filhos dos heróis tombados e de simples órfãos. Estaline adoptou Artyom quando o pai, um famoso revolucionário, foi morto, em 1921, e a mãe ficou doente. Do mesmo modo, Mikoyan adoptou os filhos de Sergei Shaumian, o herói de Baku; Vorochilov adoptou o filho de Mikhail Frinze, o comissário da Guerra que teve uma morte suspeita, em 1925. Mais tarde, tanto Kaganovitch como Iezhov, ambos homens indiscutivelmente duros, adoptaram órfãos.

do que Nádia, apesar de ter dado umas palmadas a Vassili «um par de vezes». Na realidade, esta mulher, apresentada em todas as histórias como uma figura angélica, era, a seu modo, ainda mais egocêntrica do que Estaline. A própria família considerava-a «extremamente comodista e exigente na satisfação dos seus desejos», recorda o sobrinho, Vladimir Redens. «A ama queixava-se de que Nádia não estava nem remotamente interessada nos filhos.» A filha, Svetlana, admite que se mostrava muito mais empenhada nos estudos. Tratava os filhos com severidade e nunca dirigiu a Svetlana «uma palavra de elogio». É surpreendente que discutisse sobretudo com o marido, não por causa da criminosa política que ele praticava, mas por mimar demasiado os filhos!

Será, no entanto, excessiva dureza censurá-la por isso. Os registos médicos, que Estaline conservou no seu arquivo, e os testemunhos dos que a conheceram confirmam que Nádia sofria de uma grave doença mental, talvez uma depressão maníaca hereditária ou um distúrbio de estado-limite da personalidade, ainda que a filha lhe chamassem «esquizofrenia», e de uma doença do crânio que lhe provocava violentas dores de cabeça. Teve de fazer curas especiais de repouso, em 1922 e 1923, devido a sintomas de «tontura e astenia». Tivera, em 1926, um aborto, que, revelou a filha, lhe deixou como sequela «problemas de mulheres». Depois deste episódio, deixou de ter menstruação durante meses a fio. Em 1927, os médicos descobriram-lhe uma válvula cardíaca defeituosa, e sofria de exaustão, angina e artrite. Em 1930, a angina voltou a atacar. Entretanto, tinha recentemente sido operada às amígdalas. A viagem a Carlsbad não curou as misteriosas dores de cabeça.

Não que lhe faltassem cuidados médicos: os bolcheviques eram tão obsessivamente hipocondríacos como fanaticamente políticos. Nádia foi tratada pelos melhores médicos, na Rússia e na Alemanha. Mas não eram psiquiatras: é difícil imaginar pior ambiente para uma frágil jovem do que a cruel aridez dessa panela de pressão que era o Kremlin, impregnada do bolchevismo marcial que ela tanto venerava... e da raivosa desconsideração de Estaline, que ela tanto reverenciava.

Estava casada com um ególatra exigente incapaz de lhe dar, a ela ou provavelmente a quem quer que fosse, felicidade: era como se a inesgotável energia dele a sugasse até ao tutano. Mas ela era também, muito claramente, a pessoa errada para ele. Não lhe acalmava a tensão, agravava-a. Estaline admitia que ficava desorientado face às crises mentais da mulher. Não possuía, pura e simplesmente, os recursos emocionais necessários para ajudá-la. Por vezes, a «esquizofrenia» dela era insuportável, «ficava quase louca». A simpatia e a solidariedade dos próceres do partido e dos próprios Alliluyev iam para Estaline, não para Nádia. No entanto, apesar de um casamento turbulento e de uma estranha similitude de paixão e ciúme, amavam-se um ao outro, à sua maneira.

Ao fim e ao cabo, era para Estaline que Nádia se arranjava. O «vestido preto com rosas vermelhas bordadas (...)» tinha-lhe sido oferecido pelo irmão, Pavel Alliluyev, um elegante jovem de olhos castanhos, que acabava de regressar, com a habitual arca do tesouro cheia de prendas, de Berlim, onde trabalhava para o Exército Vermelho. Com o orgulhoso sangue cigano, georgiano, russo e alemão que corria nas veias de Nádia,

a rosa vermelha destacava-se como uma pincelada contra o negro de azeviche dos cabelos. Estaline teria ficado surpreendido, porque, segundo o sobrinho dela, «nunca a encorajava a vestir-se mais elegantemente».

\* \* \*

Bebeu-se rijo ao jantar, num ritual regulamentado por um *tamada* (mestre-de-brindes, na Geórgia). Há-de ter sido, aliás, um dos georgianos a assumir o papel, talvez o exuberante Grigori Ordzhonikidze, sempre conhecido como Sergo, que parecia «um príncipe georgiano», com a sua juba de longos cabelos e o seu rosto leonino. A dada altura no decurso do serão, sem que nenhum dos outros convivas se apercebesse, Estaline e Nádia zangaram-se um com o outro (o que dificilmente se poderia considerar um caso raro). A noite de Nádia começou a desmoronar-se quando, no meio de tantos brindes, danças e namoricos à mesa, Estaline mal notou que ela se tinha arranjado de uma forma especial, isto apesar de ser uma das mulheres mais jovens ali presentes. Falta de cortesia, sem dúvida, mas não propriamente uma ocorrência invulgar em muitos casamentos.

Estavam rodeados pelos outros potentados bolcheviques, todos eles endurecidos por anos de clandestinidade, salpicados de sangue pelas suas proezas na Guerra Civil, e agora exultantes, ainda que esgotados, com os triunfos industriais e as lutas campomexas da revolução de Estaline. Alguns, como o próprio Estaline, andavam na casa dos cinquenta. Mas outros, a maioria, eram vigorosos e enérgicos fanáticos com menos de quarenta anos, dos administradores mais dinâmicos que o mundo alguma vez vira, capazes de construir cidades e fábricas contra tudo e contra todos, mas também de chacinar os inimigos e de fazer guerra contra os seus próprios camponeses. Com os seus dólmans e botas altas, eram machões, grandes bebedores, poderosos e famosos de uma ponta à outra do império, estrelas com egos ofuscantes, responsabilidades colossais e *Mausers* à cintura. O impetuoso, tonitruante e atraente sapateiro judeu, Lazar Kaganovitch, adjunto de Estaline, regressara recentemente do Norte do Cáucaso, onde presidia a execuções e deportações em massa. E havia também o espantoso Budeny, comandante dos cossacos, com o seu luxuriante bigode de morsa e os seus dentes resplandecentemente brancos, e o magro, astuto e elegante Mikoian, o arménio, todos eles veteranos de brutais expedições destinadas a recolher cereais e a esmagar os camponeses. Eram, todos eles, actores políticos violentos, volúveis e pintorescos.

Constituíam uma família incestuosa, uma teia de velhas amizades e ódios duradouros, amores partilhados, exílios na Sibéria e façanhas cometidas durante a Guerra Civil: Mikhail Kalinine, o presidente, era visita de casa dos Alliluyev desde 1900. Nádia conhecia a mulher de Vorochilov desde os tempos de Tsaritsyn (mais tarde Estalinegrado) e estudara na Academia Industrial com Maria Kaganovitch e Dora Kazan (mulher de um outro potentado, Andreiev, também presente), que eram, juntamente com Polina Molotova, as suas melhores amigas. Finalmente, havia o pequeno

intelectual Nikolai Bukharine, todos ele olhos faiscantes e barbicha vermelha, pintor, poeta e filósofo, a quem Lenine certa vez chamara «o menino bonito do partido» e que fora um dos amigos mais íntimos de Estaline e de Nádia. Era encantador, o Puck dos bolcheviques. Estaline derrotara-o em 1929, mas ele continuara a ser amigo de Nádia. O próprio Estaline nutria em relação a «Bukarchik» um sentimento de amor-ódio, nessa letal mistura de admiração e inveja tão típica dele. Naquela noite, Bukharine fora readmitido, pelo menos temporariamente, no círculo mágico.

Irritada pelo alheamento de Estaline, Nádia foi dançar com o seu debochado e louro padrinho georgiano, o «Tio Abel» Ienukidze, o funcionário encarregado do Kremlin cujos *affaires* com bailarinas adolescentes começavam, já nessa altura, a chocar o partido. A sorte do «Tio Abel» ilustraria bem as mortíferas armadilhas do hedonismo quando a vida privada pertencia ao partido. Talvez Nádia estivesse a tentar enfurecer o marido. Natalya Rikova, que nessa noite estava no Kremlin com o pai, ex-primeiro-ministro, ouviu dizer, no dia seguinte, que o facto de Nádia ter dançado com o padrinho irritara Estaline. A história é certamente credível, uma vez que outros testemunhos referem o facto de ela ter flirtado com alguém. Talvez Estaline estivesse tão bêbedo que nem sequer tenha dado por isso.

\* \* \*

Estaline estava ocupado com os seus próprios jogos amorosos. Apesar de ter Nádia sentada à sua frente, namoriscou descaradamente com a «bela» mulher de Alexandre Iegorov, um comandante do Exército Vermelho ao lado de quem combatera na guerra contra a Polónia, em 1920. Galya Iegorova, em solteira Zekrovskaya, com trinta e quatro anos, era uma exuberante actriz de cinema, uma morena «bonita, interessante e encantadora», famosa pelos seus *affaires* e pela ousadia dos seus vestidos. No meio daquelas pardacentas matronas bolcheviques, devia parecer um pavão no pátio de uma quinta, porque, como ela própria admitiu ao ser posteriormente interrogada, vivia num mundo de «companhias encantadoras, roupas elegantes, (...) namoros, bailes e divertimento». O estilo de namoriscar de Estaline alternava entre o tradicional cavalheirismo georgiano e, quando estava bêbedo, a patetice pueril. Nessa ocasião, foi a segunda que se impôs. Estaline sempre gostara de divertir as crianças atirando biscoitos, cascas de laranja ou pedaços de pão para dentro de pratos de gelado ou chávenas de chá. Flertou com a actriz da mesma maneira, atirando-lhe bolas de miolo de pão. Esta corte descarada a Iegorova deixou Nádia loucamente ciumenta; não podia tolerar aquilo.

Estaline não era um mulherengo: estava casado com o bolchevismo e emocionalmente empenhado no drama que representava na causa da Revolução. Quaisquer emoções privadas não passavam de bagatelas quando comparadas com o aperfeiçoamento da humanidade através do marxismo-leninismo. Mas, por muito baixo que elas se situassem na sua lista de prioridades, e apesar de emocionalmente perturbado, não deixava de interessar-se por mulheres... e as mulheres de se interessarem por ele, até de

mais, segundo Molotov. Um dos membros do seu círculo íntimo diria, mais tarde, que Estaline se queixava de que as mulheres da família Alliluyev «não o deixavam em paz» porque «queriam todas ir para a cama com ele». Havia alguma verdade nisto.

Quer fossem esposas de camaradas, parentes ou criadas, as mulheres zumbiam à volta dele como amorosas abelhas. Os arquivos recentemente tornados públicos revelam que era bombardeado com cartas de admiradoras não muito diferentes das que hoje recebem as estrelas da música *pop*. «Querido camarada Estaline, (...) vi-o nos meus sonhos, (...) tenho a esperança de conseguir uma entrevista...», escreve uma professora da província, e acrescenta esperançosamente, como uma qualquer deslumbrada fã: «Junto a minha fotografia...» Estaline enviou-lhe uma resposta brincalhona, ainda que negativa:

«Camarada Desconhecida! Peço-lhe que acredite que não quero desiludi-la e que estou pronto para respeitar a sua carta, mas tenho de dizer que não posso (falta de tempo!) satisfazer o seu desejo. Com votos de felicidades. J. Estaline. PS: Devolvo a carta e a fotografia.» Mas, por vezes, deve ter dito a Poskrebichev que gostaria de conhecer as suas admiradoras. A possibilidade é consistente com a história de Ekaterina Mikulina, uma ambiciosa e atraente jovem de vinte e três anos, autora de um ensaio, «Competição Socialista na Classe Trabalhadora», o qual enviou a Estaline, admitindo que estava cheio de erros e pedindo-lhe ajuda. Estaline convidou-a a visitá-lo, a 10 de Maio de 1929. Simpatizou com ela, e diz-se que a jovem passou a noite na *dacha*, aproveitando a ausência de Nádia.\* Esta curta ligação não lhe rendeu outras vantagens além da honra de ele lhe ter prefaciado o trabalho.

Nádia, que era quem o conhecia melhor, suspeitava certamente destas aventuras, e tinha todas as razões para o saber. Vlasik, que foi guarda-costas de Estaline, confirmou a Svetlana que o pai era de tal modo assediado por propostas que não podia resistir a todas: «era um homem, ao fim e ao cabo», que se comportava com a sensualidade senhorial do tradicional marido georgiano. O ciúme de Nádia era por vezes maníaco, por vezes indulgente: nas cartas que lhe escrevia, admoestava-o amorosamente a respeito das suas admiradoras, como se se orgulhasse de estar casada com um tão grande homem. Mas, no teatro, estragara recentemente a noite ao fazer uma cena quando ele namoriscara com uma bailarina. Nos últimos tempos, havia no Kremlin uma cabeleireira com quem Estaline mantinha muito claramente uma relação qualquer. Se ele se limitasse a ir ao barbeiro, como os outros líderes, nunca esta anónima jovem se teria tornado tão importante. No entanto, Molotov lembrava-se dela, cinquenta anos mais tarde.

Estaline tivera a sua quota de casos dentro do partido. As suas relações eram tão fugazes como as suas passagens pelo exílio. As namoradas eram, na sua maioria, camaradas revolucionárias ou esposas de camaradas revolucionários. Molotov dizia-se

---

\* Tornou-se, mais tarde, directora de uma fábrica de gramofones, da qual foi despedida, anos depois, por receber subornos. Viveu até 1998, mas nunca falou da sua breve amizade com Estaline.

impressionado pelo «êxito» de Estaline junto das mulheres: quando, pouco antes da Revolução, Estaline lhe roubou uma namorada chamada Marusia, atribuiu o facto «aos belos olhos castanhos-escuros dele», ainda que roubar uma namorada a um ceço como Molotov dificilmente qualifique Estaline como um Casanova. Kaganovitch confirma que Estaline teve casos com diversas camaradas, incluindo a «suculenta e bonita» Ludmila Stal.\* Uma fonte refere um caso anterior com Dora Kazan, a amiga de Nádia. É possível que Estaline tenha tirado proveito da liberdade sexual revolucionária, mesmo à sua maneira tímida, gozando de um certo êxito junto das raparigas que trabalhavam no secretariado do Comité Central, mas nunca deixou de ser um típico homem do Cáucaso. Preferia ter as suas ligações, discretamente, com pessoal da GPU: a cabeleireira enquadrava-se neste padrão.

E como tantas vezes acontece com o ciúme, as cenas furiosas e os ataques de depressão de Nádia encorajavam exactamente as coisas que ela mais temia. Tudo isto – as doenças, o desapontamento por causa da roupa, a política, o ciúme e a brutalidade de Estaline – se conjugou naquela noite.

\* \* \*

Estaline era intoleravelmente grosseiro para com Nádia, mas os historiadores, na sua determinação de mostrá-lo como um monstro, ignoraram que também ela era intoleravelmente grosseira para com ele. Aquela «mulher irascível», como Pauker, o chefe da segurança de Estaline, a descrevia, gritava frequentemente com o marido em público, uma das razões que levavam a própria mãe a considerá-la uma «louca». O cossaco Budeny, presente no jantar, recordava como ela estava «constantemente a espicaçar e humilhar» Estaline. «Não percebo como é que ele atura aquilo», confidenciou Budeny à mulher. Por esta altura, a depressão de Nádia agravara-se de tal modo que ela confessou a uma amiga estar farta «de tudo, até dos filhos».

A falta de interesse de uma mãe pelos filhos é o mais gritante de todos os sinais de perigo, mas não havia ninguém disposto a fazer qualquer coisa. Estaline não era o único a não compreender o que se passava. Poucos membros deste mal-alinhavado círculo, incluindo mulheres do partido como Polina Molotova, percebiam que Nádia provavelmente padecia de uma depressão clínica: «não conseguia controlar-se», diz Molotov. Precisava desesperadamente de solidariedade e compreensão. Polina admitia que o *Vozhd* era «duro» para com Nádia. E a corrida na montanha-russa continuava. Tão depressa ela ia deixar Estaline, como voltavam a amar-se apaixonadamente.

---

\* Outra das suas namoradas foi uma jovem activista do partido, Tatiana Slavotinskaia. O fogo das cartas de amor que ele lhe escrevia do exílio aumentava em função das suas necessidades materiais: «Minha muito querida Tatiana Alexandrovna», escreveu, em Dezembro de 1913, «recebi a tua encomenda, mas não era verdadeiramente necessário comprar-me roupa interior. (...) Não sei como pagar-te, minha querida adorada!»

No jantar, de acordo com certos relatos, foi um brinde político que chegou fogo à pólvora. Estaline brindou à destruição dos Inimigos do Estado, e reparou que Nádia não erguia o copo.

— Por que é que não estás a beber? — perguntou truculentamente, consciente de que ela e Bukharine reprovavam a maneira como estava a matar os camponeses à fome. Nádia ignorou-o. Para lhe chamar a atenção, Estaline atirou-lhe cascas de laranja e pontas de cigarro, o que teve o condão de a enfurecer. Enquanto ela ficava cada vez mais furiosa, ele gritou-lhe: — Eh, tu! Bebe!

— O meu nome não é «eh, tu»! — retorquiu Nádia, e, levantando-se bruscamente da mesa, saiu. Foi provavelmente neste momento que Budeny a ouviu gritar a Estaline:

— Cala-te! Cala-te!

Fez-se silêncio. Estaline abanou a cabeça.

— Que louca! — murmurou ebriamente, sem se aperceber de como ela estava perturbada. Budeny deve ter sido um dos muitos que se solidarizaram com ele.

— Nunca consentiria que a minha mulher me falasse desta maneira! — declarou o bravo cossaco, que talvez não fosse o melhor conselheiro possível na matéria, uma vez que a primeira mulher se suicidara, ou pelo menos morrera accidentalmente quando brincava com a pistola dele.

Alguém tinha de ir atrás de Nádia. Sendo ela a mulher do líder, a tarefa competia à mulher do segundo na hierarquia. Polina Molotova vestiu o casaco e saiu também. Deram voltas e mais voltas em redor do Kremlin, como outros fariam em tempos de crise. Nádia queixou-se a Polina:

— Está sempre a ralhar... e que necessidade tinha de pôr-se a flertar daquela maneira?  
— Falou do «caso com a cabeleireira», e de Iegorova, durante o jantar.

As duas mulheres decidiram, como as mulheres costumam fazer, que ele estava bêbedo e a fazer figura de parvo. Mas Polina, dedicada ao partido, também criticou a amiga, dizendo-lhe «que era errado da parte dela abandonar Estaline num momento tão difícil». É possível que a *«Partiinost»* — devoção ao partido — de Polina tenha feito Nádia sentir-se ainda mais isolada.

«Ela acalmou», recorda Polina, «e falou da Academia e da possibilidade de começar a trabalhar (...). Quando parecia perfeitamente calma», já de madrugada, despediram-se. Polina deixou Nádia no Potechny e, atravessando o caminho, regressou à sua casa no edifício da Guarda Imperial.

Nádia dirigiu-se ao seu quarto, deixando cair a rosa vermelha junto à porta. A sala de jantar, com uma mesa especial para a colecção de telefones que Estaline usava para se manter em contacto com o governo, era a divisão principal. Dela, partiam dois corredores. Para a direita, ficava o gabinete de Estaline e um pequeno quarto onde dormia numa cama de campanha ou num divã, hábitos de um revolucionário itinerante. As noitadas de Estaline e a estrita assiduidade de Nádia às aulas na Academia faziam com que tivessem quartos separados. Os quartos de Carolina Til, a governanta, das amas e dos criados ficavam mais para o fundo, naquele mesmo corredor. O corredor

da esquerda levava ao minúsculo quarto de Nádia, onde a cama tinha a servir de colcha os xales preferidos dela. As janelas abriam para os fragrantes roseira dos Jardins Alexandrovski.

\* \* \*

Os movimentos de Estaline nas duas horas seguintes são um mistério: terá regressado a casa? A festa continuou *chez Vorochilov*. Vlasik, o guarda-costas, disse a Khrushchev (que não estava no jantar) que Estaline saíra para um encontro, na sua *dacha* Zubalovo, com uma mulher chamada Guseva, esposa de um oficial, descrita por Mikojan, grande apreciador da estética feminina, como «muito bonita». Algumas destas casas de campo ficavam a uns escassos quinze minutos de carro do Kremlin. Se foi, é possível que tenha levado alguns parceiros de farra consigo, depois de as respectivas caras-metades terem ido para a cama. A mulher de Vorochilov era famosamente ciumenta. Molotov e o presidente Kalinine, batido nestas andanças, foram posteriormente referidos a Bukharine pelo próprio Estaline. Também Vlasik teria de certeza acompanhado Estaline no carro. Ao ver que o marido não aparecia em casa, Nádia terá, diz-se, ligado para a *dacha*.

- Estaline está afi?
- Sim – respondeu o «cretino inexperiente» de um dos guardas.
- Quem está com ele?
- A mulher de Gusev.

Esta versão poderá explicar o súbito desespero de Nádia. No entanto, o reaparecimento da enxaqueca, uma vaga de depressão ou até a solidão sepulcral do sombrio apartamento àquela hora da madrugada são igualmente motivos verosímeis. E há buracos também nesta história: Molotov, a ama e a neta de Estaline, entre outros, insistiram em que ele passara essa noite no apartamento. Estaline não iria com certeza receber mulheres na *dacha* Zubalovo, sabendo que os filhos estavam lá. Mas havia muitas outras *dachas*. Mais importante, nunca ninguém conseguiu identificar a tal Guseva, embora houvesse no exército vários oficiais com este nome, e Mikojan nunca falou disto aos netos, nem o refere nas suas memórias. Talvez o pomposo Molotov tenha tentado proteger Estaline nas conversas que manteria anos mais tarde – mentiu a respeito de muitos outros assuntos, tal como Khrushchev, ao ditar as suas reminiscências quando a senilidade já lhe afectava a memória. Parece mais provável que, se a mulher em causa era a «bonita» esposa de um soldado, fosse Iegorova, que estava presente na festa e que, ao despertar o interesse de Estaline, fora a causadora original da discussão.

Nunca saberemos a verdade, mas não há contradição entre os vários relatos: Estaline foi provavelmente beber para uma *dacha* com alguns companheiros de paródia, talvez também Iegorova, e regressou de certeza ao apartamento já de madrugada. A sorte destes potentados e das respectivas esposas não tardaria a depender do seu relacionamento

com o *Vozhd*. Muitos deles sofreriam mortes terríveis no espaço de cinco anos. Estaline nunca esqueceu o papel que cada um deles representou naquela noite de Novembro.

\* \* \*

Nádia olhou para uma das muitas prendas que Pavel, o amável irmão, lhe trouxera de Berlim, juntamente com o vestido preto com rosas vermelhas bordadas que continuava a vestir. Era uma prenda que ela pedira expressamente, porque, como dissera ao irmão, «por vezes o Kremlin torna-se muito solitário e um pouco assustador, só com um soldado de serviço». Era uma requintada pistola de senhora, num elegante coldre de couro. Sempre foi descrita como uma *Walther*, mas era na realidade uma *Mauser*. Poucos sabem que Pavel oferecera uma pistola exactamente igual a Polina Molotova, mas, naquele círculo, pistolas não eram coisa difícil de conseguir.

Quando chegou a casa, fosse a que horas fosse, Estaline não foi ver como estava a mulher, seguindo directamente para o seu próprio quarto, no lado oposto do apartamento.

Há quem diga que Nádia fechou à chave a porta do quarto. Começou a escrever uma carta a Estaline, uma «carta terrível», na opinião de Svetlana. De madrugada, algures entre as duas e as três da manhã, terminou-a e deixou-a em cima da cama.

\* \* \*

A casa despertou como de costume. Estaline ficava sempre na cama até por volta das onze. Ninguém sabia a que horas chegara, ou se falara com a mulher. Já era tarde quando Carolina Til tentou abrir a porta de Nádia, e talvez a tenha forçado. «A tremer de horror», viu o corpo da patroa caído no chão, junto da cama, numa poça de sangue, com a pistola ao lado. Já estava fria. A governanta correu a chamar a ama. Voltaram ao quarto e estenderam o corpo em cima da cama antes de debaterem o que fazer. Por que não acordaram Estaline? Os «pequenos» têm sempre uma compreensível relutância em levar más notícias aos czares. «A desmaiari de medo», telefonaram ao chefe da segurança, Pauker, e depois ao «Tio Abel» Ienukidze, último parceiro de dança de Nádia e o político encarregado do Kremlin, e em seguida a Polina Molotova, a última pessoa a vê-la viva. Ienukidze, que vivia no edifício da Guarda Imperial, como todos os outros, foi o primeiro a chegar... e foi o único dos líderes a ver a cena sem alterações, um conhecimento pelo qual pagaria bem caro. Molotov e Vorochilov apareceram minutos mais tarde.

Só podemos imaginar a frenética confusão que há-de ter reinado enquanto o senhor da Rússia, ignorante da tragédia, curtia a bebedeira a dormir, numa ponta do apartamento, ao mesmo tempo que, na outra, a mulher dormia o eterno sono da morte. Entretanto, tinham também ligado para os familiares de Nádia – o irmão, Pavel, que vivia do outro lado do rio, na nova Casa do Cais, e os pais, Sergei e Olga Alliluyev.

Alguém chamou o médico pessoal da família, que por sua vez convocou o conhecido Professor Kushner.

Quando, algum tempo depois, os membros deste díspar grupo de potentados, familiares e criados contemplavam o corpo estendido em cima da cama, à procura de razões para aquele acto de desespero e de traição, descobriram a furiosa carta que Nádia deixara. Ninguém sabe o que continha, ou se foi destruída por Estaline ou qualquer outra pessoa. Mas Vlasik viria a revelar, posteriormente, que algo mais fora encontrado no quarto: um exemplar de *Plataforma*, um panfleto ferozmente antiestalinista escrito por Riutine, um Velho Bolchevique que na altura se encontrava preso. Isto pode ser significativo, ou pode não significar coisa alguma. Todos os líderes da época liam os jornais da oposição e dos emigrados, de modo que talvez Nádia andasse a ler o exemplar de Estaline. Nas suas cartas ao marido, contava-lhe o que lia na imprensa branca «a teu respeito! Estás interessado?» No entanto, naquele tempo e no país em geral, a simples posse do documento era motivo bastante para se ser preso.

Ninguém sabia o que fazer. Juntaram-se na sala de jantar, entre murmurários. Deviam acordar Estaline? Quem daria ao notícia ao *Vozhd*? Como morrera ela? Subitamente, Estaline em pessoa entrou na sala. Alguém, provavelmente Ienukidze, o amigo mais antigo de Estaline e que, segundo os arquivos, assumira o controlo da situação, avançou uns passos e disse:

– José, Nadezhda Sergeevna já não está connosco. José, José, a Nádia morreu.

Estaline ficou petrificado. Aquela criatura supremamente política, capaz de um desprezo inumano pelos milhões de homens, mulheres e crianças que morriam de fome no seu próprio país, mostrou mais humanidade naqueles poucos dias que se seguiram do que em qualquer outra altura da sua vida. Olga, a mãe de Nádia, uma elegante senhora de espírito independente que conhecia Estaline havia muito tempo e sempre reprovara o comportamento da filha, irrompeu subitamente na sala de jantar, onde um Estaline destroçado estava ainda a absorver a notícia. Apareceram médicos, que ofereceram à desolada senhora algumas gotas de valeriana, o Valium dos anos 30, mas ela não conseguiu bebê-las. Estaline avançou com passos trôpegos.

– Bebo-as eu – disse. E despejou a dose inteira. Viu então o corpo e a carta, que, segundo Svetlana, o chocou e magoou profundamente.

Pavel, o irmão de Nádia, chegou com a sua rechonchuda e jovial mulher, Ievgenia, que todos conheciam como Zénia e que haveria de desempenhar um papel secreto na vida de Estaline... e pagar por isso. Ficaram chocados, não só pela morte de uma irmã, mas também pelo espectáculo que o próprio Estaline oferecia.

– Ela mutilou-me – disse ele. Nunca o tinham visto tão frágil, tão vulnerável. Chorou, dizendo qualquer coisa semelhante a este lamento de muitos anos mais tarde: «Oh, Nádia, Nádia... como precisávamos de ti, eu e as crianças!»

Os rumores que falavam de assassinio começaram imediatamente. Teria Estaline regressado ao apartamento, matando-a no calor da discussão? Ou tê-la-ia insultado mais uma vez e ido para a cama, deixando-a sozinha para que se suicidasse? Mas a

tragédia levantava também outras questões: até àquela noite, a vida dos potentados fora «uma coisa maravilhosa», assim descrita por Ekaterina Vorochilova no seu diário. Naquela noite, acabou para sempre. «Como foi», pergunta ela, «que a nossa vida no partido se tornou tão complexa? Era incompreensível, ao ponto da agonia.» Mas a «agonia» mais não fazia do que começar. O suicídio «alterou a História», afirma o sobrinho de Estaline, Leonid Redens. «Tornou o Terror inevitável.» Naturalmente, a família de Nádia exagera a importância da sua morte: o carácter vingativo, paranóico e defeituoso de Estaline estava já formado havia muito. O Terror em si foi o resultado de vastas forças políticas, económicas e diplomáticas... mas não restam dúvidas de que a personalidade de Estaline o enformou. A morte de Nádia criou um desses raros momentos de dúvida numa vida de ferrea autoconfiança e dogmática certeza. Como recuperou Estaline e qual foi o efeito desta humilhação nele, nos que o rodeavam... e na própria Rússia? Terá a vingança por este fiasco pessoal desempenhado um papel no Terror que aí vinha e durante o qual alguns dos convidados daquela noite liquidariam alguns dos outros?

Repentinamente, Estaline pegou na pistola de Nádia e sopesou-a na mão.

– É um brinquedo – disse a Molotov, e acrescentou estranhamente. – Só era disparada uma vez por ano!

O homem de aço «estava em farrapos, atirado ao chão», explodindo em «esporádicos acessos de raiva», culpando tudo e todos, até os livros que ela lia, antes de sucumbir ao desespero. Anunciou então que renunciava ao poder. Ia também ele suicidar-se.

– Não posso continuar a viver assim...



P R I M E I R A P A R T E

**OS BONS TEMPOS:  
ESTALINE E NÁDIA,  
1878-1932**



1  
O GEORGIANO E A COLEGIAL

Estaline e Nádia estavam casados havia catorze anos, mas a história vinha de muito mais fundo e muito mais longe, tão entranhadamente enraizada no bolchevismo era a relação entre os dois. Tinham partilhado as experiências formativas da vida na clan-destinidade, a intimidade com Lenine durante a Revolução, e depois durante a Guerra Civil. Estaline conhecia a família dela havia mais de trinta anos e vira-a pela primeira vez em 1904, quando Nádia tinha três. Ele, na altura com vinte e cinco, era marxista havia seis.

Iosebo Vissarionovitch Djugachvili não veio ao mundo a 21 de Dezembro de 1879, a data oficial do aniversário de Estaline. Na realidade, «Soso» nasceu – numa minúscula cabana (que ainda existe), filho de Vissarion, ou «Beso», e de Ekaterina, «Keke», sua mulher, em solteira Geladze – mais de um ano antes, a 6 de Dezembro de 1878. Viviam em Gori, uma pequena cidade junto ao rio Kura, na romântica, montanhosa e desafiadoramente não-russa província da Geórgia, a milhares de quilómetros da capital dos czares: ficava mais perto de Bagdad do que de São Petersburgo.\* É frequente os ocidentais não se aperceberem de como a Geórgia era estrangeira: reino independente durante milénios, com a sua própria e antiga língua, as suas tradições, a sua cozinha e a sua literatura, só foi engolida pela Rússia, um pedaço de cada vez, entre 1801 e 1878.

---

\* Circunstância que não passou despercebida a um outro camponês, nascido a escassas centenas de quilómetros de Gori: Saddam Hussein. Um líder curdo, Mahmoud Osman, que negociou com ele, observou que o gabinete e o quarto de Saddam estavam cheios de livros a respeito de Estaline. Hoje, o lugar onde o líder soviético nasceu, a pequena cabana em Gori, está magnificamente rodeado por um templo de brancos pilares de mármore, mandado construir por Lavrenti Béria, e continua a ser o ponto central da Avenida Estaline, perto do Museu Estaline.

Com o seu clima soalheiro, as suas sangrentas guerras entre clãs, as suas canções e as suas vinhas, era mais parecida com a Sicília do que com a Sibéria.

O pai de Soso era um sapateiro semi-itinerante, um alcoólico violento que espancava selvaticamente tanto o filho como a mulher. Ela, por sua vez, como Soso mais tarde recordaria, «desancava-o sem piedade». Em certa ocasião, Soso atirou-lhe uma faca. Muito mais tarde, Estaline evocaria como Beso e o padre Charkviani, o sacerdote local, se embebedavam juntos, para grande fúria da mãe: «Padre, não faça do meu marido um bêbedo, vai destruir a minha família.» Keke acabou por expulsar Beso de casa. Estaline orgulhava-se da «força de vontade» dela. Quando, algum tempo depois, Beso obrigou, pela força, o filho a ir trabalhar para Tíflis, como aprendiz de sapateiro, os padres de Keke ajudaram-na a recuperá-lo.

Keke lavava roupa para os mercadores locais. A mãe de Estaline era uma mulher piedosa e tornou-se muito próxima dos padres que a protegiam. Mas era também pragmática e determinada: é possível que tenha feito o género de compromissos que tão tentadores são para uma mãe solteira e sem dinheiro, tornando-se amante dos patrões. Isto inspirou o tipo de lendas que tantas vezes rodeiam a paternidade dos homens famosos. Não é impossível que Estaline fosse filho do padrinho, um rico estalajadeiro, funcionário público e praticante amador de luta-livre chamado Koba Egnatachvili. Muito mais tarde, protegeria os dois filhos de Egnatachvili, de quem continuou a ser amigo até à morte, e gostava de evocar, nos seus últimos anos de vida, as proezas atléticas do padrinho. Em todo o caso, há por vezes que admitir que os grandes homens sejam filhos dos respectivos pais. Estaline era, dizia-se, extraordinariamente parecido com Beso. No entanto, ele próprio dizia-se filho de um padre. José nasceu com o segundo e o terceiro dedos do pé esquerdo unidos. Tinha a cara marcada pela varíola e, mais tarde, aleijou o braço esquerdo, possivelmente num acidente de carrogem. Tornou-se, com o passar dos anos, um garoto pálido, atarracado e sombrio, com os olhos salpicados de reflexos cor-de-mel e espessos cabelos negros – um *kinto*, um miúdo da rua. Era excepcionalmente inteligente e tinha uma mãe ambiciosa que queria que ele fosse para padre, talvez como o seu verdadeiro pai. Mais tarde, gabava-se de ter aprendido a ler aos cinco anos, a ouvir o padre Charkviani ensinar o alfabeto. Com essa idade, ajudava a filha de Charkviani, que tinha treze anos, nas suas leituras.

Em 1888, entrou para Escola Eclesial de Gori, e em 1894 ganhou triunfantemente uma «bolsa de estudos de cinco rublos» para frequentar o Seminário de Tíflis, a capital da Geórgia. Como relataria anos depois a um confidente: «O meu pai descobriu que, além da bolsa de estudos, eu também ganhava algum dinheiro (cinco rublos por mês) por cantar no coro, (...) e uma vez saí e encontrei-o à porta. “Meu caro senhor”, disse ele, “esqueceu o seu pai. Dá-me pelo menos três rublos, não sejas forreta como a tua mãe!” “Não grite!”, respondi eu. “Se não sai imediatamente daqui, chamo o guarda!”»

Beso afastou-se.\* Aparentemente, acabou por morrer de cirrose, em 1909.

\* Estou grato a Gela Charkviani por me ter permitido ver o inédito mas fascinante manuscrito das memórias do pai, Cândido Charkviani, primeiro-secretário do partido na Geórgia (de 1938 a 1951). Já velho, Estaline passava horas a falar com ele a respeito da sua juventude. Charkviani escreve que tentou encon-

De vez em quando, Estaline enviava algum dinheiro para ajudar a mãe, mas, a partir dessa altura, manteve as suas distâncias relativamente a Keke, cujo espírito mordaz e dura disciplina faziam lembrar os dele. Tem-se feito muita psicologia de cordel a respeito da infância de Estaline, mas uma coisa é certa: criado numa casa pobre e sempre cheia de padres, foi vítima dos efeitos nocivos da violência, da insegurança e da suspeita, mas, ao mesmo tempo, inspirado pela tradições locais de dogmatismo religioso, infundáveis guerras entre famílias e banditismo romântico. «Estaline não gostava de falar a respeito dos pais ou da sua infância», mas não faz qualquer sentido analisar-lhe exageradamente a psicologia. Era emocionalmente embotado e totalmente desprovido de empatia, mas as suas antenas eram super-sensíveis. Era um anormal, mas ele próprio compreendia que os políticos raramente são normais: a História, escreveria mais tarde, está cheia de «pessoas anormais».

\* \* \*

Foi o seminário que lhe proporcionou a única educação formal que teve. O ensino catequísico e os «métodos jesuíticos» de «vigilância, intrusão, invasão da vida íntima, violação dos sentimentos das pessoas» deste colégio interno repeliam-no, mas, ao mesmo tempo, impressionaram-no tão profundamente que passou o resto da vida a refiná-los. Estimulavam a paixão deste autodidacta pela leitura, mas fizeram dele um ateu logo no primeiro ano. «Tenho alguns amigos», disse, «e estabeleceu-se um debate entre os crentes e nós!» Pouco depois, abraçou o marxismo.

Em 1899, foi expulso do seminário, aderiu ao Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos e tornou-se um revolucionário profissional, adoptando o *nom de révolution* Koba, inspirado no herói de um romance de Alexandre Kazbegi, *O Parricida*, um ousado e vingativo bandido caucásiano. Combinava a «ciência» do marxismo com uma esfuziante imaginação: escreveu poesia romântica, publicada em georgiano, antes de trabalhar como meteorologista no Instituto Meteorológico de Tíflis, o único emprego que teve antes de tornar-se, em 1917, um dos governantes da Rússia.

Koba estava convencido do papel de panaceia universal do marxismo, «um sistema filosófico» que se adequava à totalidade obsessiva do seu carácter. Além disso, a luta de classes ecoava a sua própria e melodramática beligerância. O secretismo paranóico da intolerante e idiosincrática cultura bolchevique quadrava perfeitamente com a sua contida autoconfiança e o seu talento para a intriga. Por isso, mergulhou no submundo da política revolucionária, uma fervilhante e estimulante mistura de intrigas conspirativas, minúcias ideológicas, educação académica, jogos de facções, casos amorosos com outros revolucionários, infiltrações da polícia e caos organizacional. Estes revolu-

---

trar a sepultura de Beso no cemitério de Tíflis, mas sem êxito. Descobriu fotografias em que Beso aparecia e pediu a Estaline que o identificasse, mas o velho líder afirmava sempre que aquelas fotos não eram do pai. É, pois, improvável que a habitual foto que supostamente mostra Beso seja a correcta. Quanto à paternidade de Estaline, a família Egnatashvili nega enfaticamente que o stalajadeiro fosse seu pai.

nários vinham dos mais diversos meios – havia russos, arménios, georgianos, judeus, operários, nobres, intelectuais e aventureiros – e organizavam greves, imprimiam panfletos, faziam reuniões e praticavam assaltos. Unidos no estudo obsessivo da literatura marxista, havia sempre uma divisão entre os instruídos burgueses que tinham emigrado, como o próprio Lenine, e os rudes homens de ação que tinham permanecido no país. A vida na clandestinidade, sempre itinerante e perigosa, foi a grande experiência formativa não só para Estaline mas para todos os seus camaradas. Isto explica muito do que aconteceu a seguir.

Em 1902, Koba conquistou os louros do seu primeiro exílio na Sibéria, o primeiro de sete, dos quais fugiu seis vezes. Estes exílios nada tinham a ver com os brutais campos de concentração estalinistas: os czares eram polícias ineptos. Poder-se-ia quase considerá-los férias de leitura em distantes aldeias siberianas – com um guarda em *part-time* a vigiá-los –, durante as quais os revolucionários aprendiam a conhecer-se (e a odiarem-se) uns aos outros, se correspondiam com os seus camaradas de Petersburgo ou de Viena, discutiam abstrusas questões de materialismo dialéctico e namoravam as raparigas da terra. Quando o apelo da liberdade ou da revolução se tornava demasiado premente, fugiam, atravessando a taiga de trouxa às costas até ao comboio mais próximo. No exílio, os dentes de Koba, que haviam de ser uma fonte de dor para toda a vida, começaram a deteriorar-se.

Koba apoiaava avidamente Vladimir Lenine e a sua obra seminal, *Que Fazer?* Este dominador génio político combinava o pragmatismo maquiaveliano da tomada do poder com um domínio absoluto da ideologia marxista. Explorando o cisma que levava à criação do seu próprio Partido Bolchevique, a mensagem de Lenine era que um partido supremo de revolucionários profissionais podia conquistar o poder para as mãos dos trabalhadores e em seguida governar em nome deles numa «ditadura do proletariado» até deixar de ser necessário por ter sido alcançado o socialismo. A visão de Lenine do partido como «a guarda-avançada» do «exército de proletários, (...) um grupo combatente de líderes», estabeleceu definitivamente o tom militarista do bolchevismo.

Foi em 1904, ao regressar a Tíflis, que Koba conheceu o seu futuro sogro, Sergei Alliluyev, doze anos mais velho do que ele, russo, artesão electricista, casado com Olga Fedorenko, uma beldade georgiana-germano-cigana dotada de uma enorme força de vontade e um gosto especial por aventuras amorosas com revolucionários, polacos, húngaros e inclusivamente turcos. Murmurou-se que Olga tivera um caso com o jovem Estaline e que este seria o verdadeiro pai da sua futura mulher, Nádia. Isto é falso, uma vez que Nadezhda tinha já três anos quando os pais conheceram Koba, mas o *affaire* com Olga é inteiramente verosímil e é até possível que tenha sido ele próprio a insinuá-lo. Olga, que, segundo a neta, Svetlana, sempre tivera um «fraco pelos homens do Sul», dizendo que os «russos são uns rústicos», sempre «gostou muito» de Estaline. O casamento dela atravessava momentos difíceis. A lenda familiar pretende que o irmão mais velho de Nádia, Pavel, terá surpreendido a mãe com Estaline. Este tipo de ligações a curíssimo prazo eram ocorrências diárias entre os revolucionários.

Muito antes de se apaixonarem, já Estaline e Nádia faziam parte da família bolchevique que passava pela casa dos Alliluyev: Kalinine e Ienukidze, entre vários outros presentes no jantar de 1932. Houve um outro laço especial: pouco tempo depois, Koba encontrou-se com os Alliluyev em Baku e salvou Nádia de morrer afogada no mar Cáspio. Um laço do mais romântico que se poderia imaginar.

\* \* \*

Entretanto, Koba casou com um outro rebento de uma família bolchevique. Ekaterina, «Kato», uma bonita e plácida georgiana nascida no seio de uma família culta, era irmã de Alexandre Svanidze, também ele um bolchevique formado no seminário de Tíflis que mais tarde se juntou ao séquito de Estaline no Kremlin. A viver numa cabana perto dos campos petrolíferos de Baku, Kato deu-lhe um filho, Iakov. Mas as passagens de Koba por casa eram esporádicas e imprevisíveis.

Durante a revolução de 1905, em que Leão Trotski, um jornalista judeu, dominou o Soviete de Petersburgo, Koba afirmou ter andado a organizar revoltas camponesas na região de Kartli, na Geórgia. Passada a reacção czarista, viajou até Tammerfors, na Finlândia, para assistir a uma conferência bolchevique, e encontrar, pela primeira vez, o seu herói, Lenine, «essa águia da montanha». No ano seguinte, deslocou-se ao Congresso de Estocolmo. De regresso à Rússia, fez a vida de um bandido caucásiano, reunindo fundos para o partido através de assaltos a bancos, ou «expropriações». Já velho, gabava-se destes «assaltos»: «Na Praça Yerevan, os nossos amigos deitaram a mão a duzentos e cinquenta mil rublos!»

Depois de uma visita a Londres, para mais um Congresso, a sua amada – e semi-esquecida – Kato morreu-lhe «nos braços», em Tíflis, vítima da tuberculose, a 25 de Novembro de 1907. Koba ficou com o coração destroçado. Quando o pequeno cor-tejo fúnebre chegou ao cemitério, apertou a mão de um amigo e disse: «Esta criatura amoleceu o meu coração de pedra. Morreu, e com ela morreram os meus últimos sentimentos de ternura para com a humanidade.» Levou a mão ao peito. «Há um deserto aqui dentro.» O que não o impediou, porém, de deixar o filho de ambos, Iakov, aos cuidados da família de Kato. Depois de ter passado algum tempo escondido no apartamento dos Alliluyev em Petersburgo, foi recapturado e devolvido ao seu lugar de exílio, Solvichegodsk. Foi nesta remota povoação que, em Janeiro de 1910, Koba se mudou para a casa de uma jovem viúva chamada Maria Kuzakova, com quem teve um filho.\*

---

\* Este filho, Konstantin Kuzakov, gozou de poucos privilégios, excepto, diz-se, o de, durante as Purgas, e quando caiu sob suspeita, ter apelado para o verdadeiro pai, que escreveu «Não tocar» no respectivo dossier, embora seja possível que Estaline só o tenha feito por se tratar do filho de uma mulher que fora bondosa para com ele nos tempos do exílio. Em 1995, no final de uma bem sucedida carreira como executivo de um canal de televisão, Kuzakov anunciava, num artigo intitulado «Filho de Estaline»: «Era ainda criança quando soube que era filho de Estaline.» Há quase de certeza um outro filho, de um exílio posterior.

Passado pouco tempo, estava envolvido num caso amoroso com uma colegial de dezassete anos chamada Pelageya Onufrieva. Quando ela voltou à escola, ele escreveu-lhe: «Deixa-me beijar-te agora. Não estou apenas a enviar-te um beijo, estou a BEIJAAAR-TE apaixonadamente (não vale a pena beijar de outra maneira).» No Norte, russificaram-lhe o «Iosebo» georgiano para «Ossip», e as cartas dele para Pelageya eram frequentemente assinadas com a reveladora alcunha que ela lhe dava: «Louco Ossip».

\* \* \*

Após mais uma fuga, Koba regressou a Petersburgo, em 1912, partilhando acomodações com um grave bolchevique que havia de tornar-se o camarada mais estreitamente associado à sua figura. Viatcheslav Scriabin, na altura com apenas vinte e dois anos, seguira o costume bolchevique de assumir um *nom de révolution* bem macho e dera a si mesmo um «nome industrial»: Molotov, «o martelo». Também Koba adoptara um pseudónimo «industrial»: o seu primeiro artigo assinado «Estaline» apareceu em 1913. Não era simples coincidência o facto de «Estaline» soar como «Lenine». É possível que o tenha usado mais cedo, e não só pelo seu toque metálico. Talvez se tenha inspirado no nome dessa «suculentamente bonita» bolchevique chamada Ludmila Stal, com quem tivera um caso.

Este «maravilhoso georgiano», como Lenine lhe chamava, foi acolhido no seio do Comité Central do partido no final da Conferência de Praga, em 1912. Em Novembro, Koba Estaline viajou de Viena para Cracóvia, a fim de se encontrar com Lenine, em cuja casa ficou instalado: o líder supervisionou o seu diligente discípulo na redacção de um artigo que expunha a política bolchevique no respeitante à sensível questão da nacionalidade, a partir de então a área de especialidade de Estaline. «O Marxismo e a Questão Nacional», que defendia a manutenção do Império Russo, granjeou-lhe créditos ideológicos e a confiança de Lenine.

– Escreveste-o todo sozinho? – perguntou Lenine (segundo Estaline).

– Sim... cometí erros?

– Não, pelo contrário, está esplêndido!

Foi esta a última viagem de Estaline ao estrangeiro, até à Conferência de Teerão, em 1943.

Em Fevereiro de 1913, Estaline foi mais uma vez preso e condenado a um exílio suspeitosamente leve; seria um agente da polícia secreta do czar, a Okhrana? O sensationalismo histórico da duplicidade de Estaline revela uma ingénua incompreensão da vida na clandestinidade: os revolucionários estavam infestados de espionagem da Okhrana, mas muitos deles eram agentes duplos, ou mesmo triplos.\* Claro que Koba estava

\* O recente *Secret File of Stalin*, de Roman Brackman, afirma que o Terror foi, do princípio ao fim, uma tentativa de Estaline para eliminar todos os que sabiam da sua duplidade. Houve, no entanto, muitas razões para o Terror, não obstante o carácter de Estaline ter evidentemente sido uma causa maior. Estaline liquidou muitos que o tinham conhecido nos primeiros tempos, mas, misteriosamente, poupou outros.

mais do que disposto a trair os camaradas que se lhe opunham, mas, como a própria Okhrana admite nos seus relatórios, foi sempre um marxista fanático... e isso era o que importava.

O último exílio de Estaline começou em 1913, no remoto e frio Nordeste da Sibéria, onde os camponeses lhe deram a alcunha de «O Bexigoso». Por receio de novas fugas, os exilados foram transferidos para Kureika, uma desolada aldeia de Turukansk, a norte do círculo ártico, onde as proezas de Koba como pescador convenceram as gentes locais de que possuía poderes mágicos e onde arranjou uma nova amante. Entretanto, escrevia a Sergei e a Olga Alliluyev cartas cheias de lamentos: «A natureza nesta amaldiçoada região é vergonhosamente pobre», e pedia que lhe enviassem um postal: «Estou louco de saudades de cenas da natureza, nem que seja no papel.» No entanto, foi também, e estranhamente, uma época feliz, talvez a mais feliz da sua vida, pois havia de recordar as façanhas que por lá praticou até ao fim dos seus dias, particularmente uma caçada em que se internara de esquis na taiga, abatera uma grande quantidade de perdizes e quase morrera gelado no caminho de regresso.

Os erros militares e a escassez de alimentos da Grande Guerra destruíram inexoravelmente a monarquia, que, para grande surpresa dos bolcheviques, se desmoronou repentinamente em Fevereiro de 1917, substituída por um governo provisório. A 12 de Março, Estaline chegou à capital e visitou os Alliluyev: mais uma vez, Nádia, uma beldade morena de dezasseis anos, a irmã Ana e o irmão Fiodor interrogaram o herói regressado a casa a respeito das suas aventuras. Quando o acompanharam, no eléctrico, até às instalações do jornal *Pravda*, ele gritou-lhes:

– Não se esqueçam de reservar um quarto para mim no novo apartamento.

Encontrou Molotov como editor do jornal, cargo que de imediato requisitou para si mesmo. Enquanto Molotov adoptara uma linha radicalmente antigoverno, Estaline e Lev Kamenev, de seu verdadeiro nome Rosenfeld, um dos camaradas mais próximos de Lenine, mostraram-se mais conciliadores. Lenine, que chegou a 4 de Abril, acabou com as tergiversações de Estaline. Num raro pedido de desculpas a Molotov, este admitia: «Estavas mais próximo de Lenine...»

Quando Lenine precisou de fugir para a Finlândia, para evitar ser preso, Estaline escondeu-o em casa dos Alliluyev, rapou-lhe a barbicha e escoltou-o até o deixar em segurança. As irmãs, Ana, que trabalhava no quartel-general bolchevique, e Nádia, esperavam por ele à noite. O georgiano entretinha-as, imitando políticos e lendo em voz alta obras de Chekov, Puchkine ou Gorki, como mais tarde leria para os filhos. A 25 de Outubro de 1917, Lenine desencadeou a Revolução Bolchevique.

---

Assassinou, além disso, mais de um milhão de pessoas que não tinham qualquer conhecimento da sua vida anterior. Em todo o caso, Brackman faz uma excelente descrição das intrigas e traições da vida na clan-destinidade.

\* \* \*

Talvez Estaline fosse, naqueles dias, uma «mancha cinzenta», mas era a mancha cinzenta de Lenine. Trotski admitia que os contactos com Lenine se faziam sobretudo através de Estaline, por ser uma figura menos importante para a polícia. Quando Lenine formou o seu novo governo, Estaline fundou o Comissariado das Nacionalidades, com um secretário, o jovem Fiodor Alliluyev, e uma dactilógrafa... Nádia.

Em 1918, os bolcheviques lutavam pela sobrevivência. Confrontados com um fulminante avanço alemão, Lenine e Trotski foram obrigados a assinar o pragmático acordo de Brest-Litovsk, que cedia ao *kaiser* a maior parte da Ucrânia e os países bálticos. Depois do colapso da Alemanha, deu-se uma intervenção das tropas britânicas, francesas e japonesas, ao mesmo tempo que os Exércitos Brancos convergiam sobre o periclitante regime, que transferiu a capital para Moscovo, onde estaria menos vulnerável. Em pouco tempo, o sitiado império de Lenine viu-se reduzido às dimensões da Moscovia medieval. Em Agosto, Lenine saiu ferido de uma tentativa de assassinio, vingada pelos bolcheviques com uma vaga de terror. Em Setembro, Lenine, recuperado, declarou a Rússia «um campo militar». Como «solucionadores de problemas», contava com dois homens implacáveis: Trotski, o comissário da Guerra, que criara e agora dirigia o Exército Vermelho a partir do seu comboio blindado, e Estaline – os únicos líderes que tinham acesso ao seu gabinete sem audiência marcada. Quando Lenine criou um órgão executivo decisivo com apenas cinco membros, chamado Bureau Político – ou Politburo –, ambos foram membros. O intelectual judeu era o herói da Revolução, superado apenas pelo próprio Lenine, enquanto Estaline parecia um rústico provinciano. Mas a altivez condescendente de Trotski ofendia os simples e rudes «velhos ilegais» das regiões, que apreciavam mais o astuto pragmatismo de Estaline. E Estaline identificou de imediato Trotski como o principal obstáculo à sua própria ascensão.

Tsaritsyn desempenhou um papel decisivo na carreira de Estaline... e no seu casamento. Em 1918, esta cidade estrategicamente vital do Baixo Volga, a porta de acesso aos cereais (e ao petróleo) do Norte do Cáucaso e a tranca meridional de Moscovo, parecia prestes a cair nas mãos dos Brancos. Lenine despachou Estaline para Tsaritsyn, com o cargo de director-geral dos Abastecimentos Alimentares para o Sul da Rússia. Em pouco tempo, porém, Estaline havia de conseguir guindar-se à posição de comissário, com amplos poderes militares.

A 6 de Abril, acompanhado por 400 Guardas Vermelhos, Fiodor Alliluyev e a sua dactilógrafa adolescente, Nádia, Estaline chegou a Tsaritsyn num comboio blindado, encontrando a cidade paralisada pela inépcia e pela traição. Tratou imediatamente de dar o tom, mandando fuzilar todos os suspeitos de contra-revolucionarismo: «uma implacável purga da retaguarda», escreveu Vorochilov, «administrada com mão de ferro». Lenine ordenou-lhe que fosse ainda mais «impiedoso» e «implacável». Estaline respondeu:

«Fica certo de que a nossa mão não tremerá.» Foi aqui que Estaline se apercebeu da conveniência da morte como a mais simples e mais eficaz das ferramentas políticas, mas a verdade é que dificilmente se poderia dizer que estava sozinho nesta posição: durante a Guerra Civil, os bolcheviques, com as suas botas de couro, os seus capotes e os seus coldres, abraçaram o culto da violência, de uma brutalidade machista que Estaline fez sua. Foi também aqui que conheceu e se fez amigo de Vorochilov e de Budený, ambos presentes no jantar de 8 de Novembro de 1932, que se tornaram o núcleo do seu apoio político e militar. Quando, em Julho, a situação militar se deteriorou, Estaline assumiu efectivamente o controlo do exército: «Tenho de ter poderes militares.» Era o tipo de liderança de que a Revolução precisava para sobreviver, mas era também um desafio a Trotski, que criara o seu Exército Vermelho com a ajuda de pseudo «peritos militares», ex-oficiais czaristas. Estaline não confiava nestes úteis renegados e mandava-os fuzilar sempre que podia.

Residia numa luxuosa carruagem de comboio em tempos propriedade de um cantor romântico cigano que a mandara forrar a seda azul-clara. Foi provavelmente lá que ele e Nádia se tornaram amantes. Ela tinha dezassete anos; ele, trinta e nove. Deve ter sido uma excitante e aterradora aventura para a jovem colegial. Quando chegaram, Estaline passou a usar o comboio como seu quartel-general: era de lá que ordenava os constantes fuzilamentos, levados a cabo pela Cheka. Era uma época em que as mulheres acompanhavam os maridos para a guerra: Nádia não estava sozinha. As mulheres de Vorochilov e de Budený encontravam-se também em Tsaritsyn.

Estaline e estes dois ferrabrases formavam uma oposição militar a Trotski, a quem o primeiro reveladoramente chamava «comandante de opereta, tagarela, ha! ha! ha!». Quando mandou prender um grupo de «especialistas» de Trotski e os encerrou numa barcaça parada no Volga, Trotski protestou violentamente. A barcaça afundou-se com todos os que se encontravam a bordo. «A morte resolve todos os problemas», terá Estaline afirmado. «Desaparece o homem, desaparece o problema.» Era a maneira bolchevique.\*

Lenine chamou-o de volta a Moscovo. Pouco importava que ele tivesse provavelmente tornado as coisas ainda piores, desperdiçado a experiência dos oficiais czaristas e apoiado um bando de espadachins rufiões. Tinha sido implacável, e a aplicação impiedosa de pressão era o que Lenine queria. Mas o *kinto* vislumbrara a glória do generalíssimo. Mais do que isso, a inimizade com Trotski e o namoro com o «Grupo de Tsaritsyn» foram seminais: talvez admirasse a coragem temerária de Vorochilov e Budený, uma qualidade que não possuía. O ódio a Trotski tornou-se uma das pa-

\* Mais tarde, Estaline pareceu confirmar a história da barcaça afundada numa fascinante carta dirigida a Vorochilov: «No Verão seguinte à tentativa de assassinio de Lenine (...) fizemos uma lista de oficiais que reunimos no Picadeiro (...) para os fuzilar em massa (...). Portanto, a barcaça de Tsaritsyn não foi o resultado da luta contra os especialistas militares, mas de um impulso vindo do centro (...).» Cinco futuros marechais da Segunda Guerra Mundial combateram em Tsaritsyn. Por ordem crescente de competência: Kulik, Vorochilov, Budený, Timochenko e Zhukov (embora este último tenha lá estado em 1919, já depois da Estaline ter regressado a Moscovo).

xões determinantes da sua vida. Casou com Nádia quando regressou a Moscovo, mudando-se para um modesto apartamento no Kremlin (partilhado com toda a família Alliluyev) e, mais tarde, para uma bela *dacha* chamada Zubalovo.

Em Maio de 1920, foi nomeado comissário político para a Frente Sudoeste, depois de os polacos terem capturado Kiev. O Politburo ordenou a conquista da Polónia, a fim de expandir a revolução para oeste. O comandante da frente ocidental, que marchava sobre Varsóvia, era um jovem brilhante chamado Mikhail Tukatchevski. Quando Estaline recebeu ordens para transferir para ele a sua cavalaria, recusou fazê-lo até ser já demasiado tarde. As vinganças que resultaram deste fiasco acabaram numa matança, dezassete anos mais tarde.

Em 1921, Nádia deu provas da sua austeridade bolchevique indo a pé para o hospital onde deu à luz um filho, Vassili, seguido, cinco anos depois, por uma filha, Svetlana. Entretanto, trabalhava como dactilógrafa no gabinete de Lenine, onde provou ser muito útil nas intrigas que aí vinham.

\* \* \*

A «vanguarda» bolchevique, constituída em grande parte por jovens agora ensanguentados pela brutalidade da luta, viu-se de repente no papel de uma pequena e isolada minoria, cercada de inimigos por todos os lados e a governar nervosamente um vasto e arruinado império, também ele sitiado por um mundo hostil. Lenine, que desprezava os operários e os camponeses, nem por isso ficou menos surpreendido ao descobrir que nenhuma destas classes os apoiava. Propôs então um órgão único para dirigir e supervisionar a criação do socialismo: o partido. Era esta embaraçosa diferença entre realidade e aspiração que tornava a fidelidade quase religiosa do partido à pureza ideológica tão importante, a disciplina militar tão obrigatória.

Neste peculiar dilema, improvisaram um sistema peculiar e procuraram consolo numa visão extremamente peculiar do mundo. O órgão soberano do partido era o Comité Central (CC), os cerca de dezassete funcionários de topo, eleitos anualmente por congressos do partido que, mais tarde, começaram a ser cada vez menos frequentes. O CC elegia o pequeno Politburo, um super-Gabinete da Guerra que definia a política, e um Secretariado, constituído por três secretários (ocasionalmente mais ou menos), que dirigia o partido. Sob a sua tutela, tinham o governo convencional de um Estado de partido único radicalmente centralizado e vertical: Mikhail Kalinine, nascido em 1875, o único autêntico camponês entre os líderes e conhecido como o «ancião camponês da União», tornou-se Chefe de Estado, em 1919.<sup>\*</sup> Lenine governava

\* Estaline nunca foi, e Lenine também não, o Chefe de Estado titular da União Soviética. O título de Kalinine era Presidente do Comité Executivo Central, tecnicamente o mais alto corpo legislativo, mas todos lhe chamavam, coloquialmente, «o Presidente». Depois da Constituição de 1936, o seu título passou a ser Presidente do Presidium do Soviete Supremo. Só com a Constituição de Brezhnev o secretário-geral do partido passou a acrescentar a presidência aos seus títulos. Os bolcheviques criaram todo um novo jargão de acrônimos no seu esforço de inventar um novo tipo de governo. Os comissários do povo (*Narodny*

o país como primeiro-ministro, Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, um gabinete de ministros que executava as ordens do Politburo. Havia uma espécie de democracia dentro do Politburo, mas, depois das desesperadas crises da Guerra Civil, Lenine proibiu as facções. O partido recrutava freneticamente milhões de novos membros, mas seriam dignos de confiança? Pouco a pouco, uma ditadura autoritária e burocrática foi substituindo os debates fracos dos primeiros dias, mas, em 1921, Lenine, esse supremo improvisador, reintroduziu um certo grau de capitalismo, um compromisso chamado Nova Política Económica (NEP), para salvar o regime.

Em 1922, Lenine e Kamenev maquinaram a nomeação de Estaline para secretário-geral – ou *gensec* –, com a missão de dirigir o partido. O Secretariado de Estaline era a casa das máquinas do novo Estado, outorgando-lhe vastos poderes, como ficou demonstrado no «Caso Georgiano», em que ele e Sergo anexaram a Geórgia, que se separara do império, e em seguida impuseram a sua vontade ao renitente partido georgiano. Lenine não gostou, mas o AVC que o atingiu, em Dezembro de 1922, impediu-o de agir contra Estaline. O Politburo, assumindo o controlo da saúde do mais valioso activo do partido, proibiu-o de trabalhar mais de dez minutos por dia. Quando Lenine tentou ultrapassar este limite, Estaline insultou a mulher dele, Krupskaia, numa explosão de ira que poderia ter-lhe acabado com a carreira.\*

Só Lenine se apercebia de que Estaline estava a emergir como o seu mais provável sucessor, o que o levou a ditar, secretamente, um testamento político em que exigia o seu afastamento. A 21 de Janeiro de 1924, Lenine foi vitimado por um segundo e fatal AVC. Contrariando os seus desejos expressos e os da família, Estaline orquestrou a deificação do líder e o seu embalsamamento, como um santo ortodoxo, num mausoléu em plena Praça Vermelha. E deste modo usou a ortodoxia sagrada do falecido herói para construir o seu próprio poder.

Em 1924, qualquer observador externo teria esperado que Trotski sucedesse a Lenine. Mas, na oligarquia bolchevique, tanta e tão refulgente fama era na realidade um óbice que pesava em desfavor do despreocupado comissário da Guerra. O ódio entre Estaline e Trotski não se baseava apenas em questões de personalidade e de estilo, mas também de política. Estaline já usara o patrocínio maciço do Secretariado para promover os seus aliados, Molotov, Vorochilov e Sergo; além disso, apresentara uma encorajadora e realista alternativa à insistência de Trotski numa revolução europeia:

---

*Komissar*) eram conhecidos como *narkoms*. O Conselho (Soviete) dos Comissários era conhecido como *Sovnarkom*.

\* A discussão de Estaline com Krupskaia ofendeu os sentimentos burgueses de Lenine. Mas Estaline considerou-a totalmente consistente com a cultura do partido: «Por que é que hei-de pôr-me a dar ao rabo para ela? Dormir com Lenine não significa que se comprehende o marxismo-leninismo. Lá porque ela usa a mesma retrete que Lenine (...).» Esta parte levou a uma série de piadas clássicas estalinianas, durante as quais avisou Krupskaia de que, se não obedecesse, o Comité Central designaria outra pessoa como esposa de Lenine. O que era um conceito muito bolchevique. Esta falta de respeito por Krupskaia não foi provavelmente indiferente às constantes queixas dela a respeito dos namoricos de Lenine com as suas assistentes, incluindo Ielena Stasova, a mesma que Estaline ameaçava promover a «esposa».

«Socialismo Num Só País». Os outros membros do Politburo, encabeçados por Grigori Zinoviev e por Kamenev, os dois dirigentes mais próximos de Lenine, tinham, ainda por cima, um medo enorme de Trotski, que conseguira a proeza de coligar todos contra si. Por isso, quando o testamento de Lenine foi aberto, em 1924, Kamenev propôs que se deixasse Estaline continuar como secretário, mal imaginando que não voltaria a surgir outra verdadeira oportunidade de afastá-lo do cargo nos próximos trinta anos. Trotski, o ostentoso grão-mogol da Revolução, foi derrotado com uma facilidade e uma rapidez surpreendentes. Depois de o terem isolado da sua base de poder como comissário da Guerra, Zinoviev e Kamenev descobriram, demasiado tarde, que era do seu co-tríunvirio, Estaline, que vinha a verdadeira ameaça.

Em 1926, Estaline tinha-os derrotado também a eles, ajudado pelos seus aliados direitistas, Nikolai Bukharine e Alexei Rikov, que sucedera a Lenine como primeiro-ministro. Estaline e Bukharine apoiavam a NEP. Mas muitos dos «duros» regionais receavam que o compromisso minasse o próprio bolchevismo, adiando o dia do ajuste de contas com o campesinato hostil. Em 1927, uma escassez de cereais trouxe o assunto para a ribalta, deu rédea solta à tendência bolchevique para as soluções extremas e instaurou no país um clima de repressão marcial que iria durar até à morte de Estaline.

Em Janeiro de 1928, Estaline deslocou-se pessoalmente à Sibéria para investigar a quebra nos fornecimentos de cereais. Retomando o seu glorioso papel como comissário da Guerra Civil, ordenou a recolha forçada de cereais e culpou da penúria os chamados *kulaks*, que estavam a reter as suas colheitas na esperança de conseguir melhores preços. *Kulak* significava, geralmente, um camponês que empregava um ou dois trabalhadores rurais ou era dono de um par de vacas. «Dei um bom safanão aos órgãos do partido», diria Estaline mais tarde, mas depressa descobriu que «os direitistas não gostavam de medidas duras (...), julgavam que era o começo da guerra civil nas aldeias». Quando regressou a Moscovo, o primeiro-ministro Rikov ameaçou-o: «Devíamos apresentar uma queixa-crime contra si!»

No entanto, os jovens comissários, os «homens do comité» que constituíam o núcleo duro do partido, apoiavam os métodos violentos que Estaline usava para requisitar cereais. Todos os Invernos, dirigiam-se para o interior para arrancá-los aos *kulaks*, identificados como os principais inimigos da revolução. Compreendiam, não obstante, que a NEP tinha falhado. Tinham de encontrar uma solução radical e militar para a escassez de alimentos.

Estaline, que era um radical nato, vestiu então desavergonhadamente as roupas dos esquerdistas que acabava de derrotar. Ele e os seus aliados já falavam de uma nova e definitiva Revolução, a «Grande Viragem» à esquerda, para resolver o problema do campesinato e do atraso económico. Estes bolcheviques odiavam o mundo obstinado e velho dos camponeses: era preciso arrebanhá-los e levá-los para quintas colectivas, tirar-lhes pela força o produto das colheitas, vendê-lo no estrangeiro e financiar com esse dinheiro uma louca galopada para criar *à la minute* uma potência industrial capaz de produzir tanques e aviões. Proibiu-se o comércio privado de alimentos. Os *kulaks*

eram forçados a entregar os seus cereais e acusados de especulação quando recusavam fazê-lo. Gradualmente, os próprios aldeões foram empurrados para a colectivização. Quem resistisse era um *kulak*, um inimigo.

Do mesmo modo, na indústria, os bolcheviques deram rédea solta ao seu ódio contra os técnicos, ou «especialistas burgueses» – na realidade, modestos engenheiros de nível médio. Enquanto treinavam a sua nova elite vermelha, intimidavam os que diziam impossíveis os planos industriais de Estaline com uma série de julgamentos forjados que começaram na mina de carvão de Sakhty. Nada era impossível. O pesadelo rural que daqui resultou foi como uma guerra sem batalhas, mas com morte a uma escala monumental. E, no entanto, os senhores da guerra desta luta, Estaline e os seus próximos, com as respectivas esposas, continuavam a viver no Kremlin, como uma família surpreendentemente unida.

2  
A FAMÍLIA DO KREMLIN

«Oh, que tempos maravilhosos aqueles», escreveu no seu diário a mulher de Vorochilov. «Que relações simples, agradáveis e amistosas.» Nada poderia estar mais longe do chavão do mundo mortífero e assustador de Estaline do que a vida colegial e íntima dos líderes bolcheviques até meados dos anos 30. No Kremlin, estavam constantemente a entrar e a sair das casas uns dos outros. Pais e filhos viam-se a todo o instante. O Kremlin era uma aldeia de uma intimidade sem paralelo. Alimentadas por décadas de afecto (e, claro, de ressentimentos), as amizades aprofundavam-se ou desfaziam-se, as inimizades fervilhavam. Estaline aparecia com frequência em casa dos seus vizinhos Kaganovitch para uma partida de xadrez. Natacha Andreievna lembra-se de o *Vozhd* enfiar a cabeça pela porta entreaberta, à procura dos pais dela: «O Andrei está, ou a Dora Moisevna?» Por vezes, queria ir ao cinema, mas, como os pais estavam atrasados, fazia-lhe ela própria companhia. Quando Mikoian precisava de alguma coisa, limitava-se a atravessar o pátio e a bater à porta de Estaline, onde quase sempre era convidado para jantar. Se ele não estava em casa, enfiavam-lhe uma nota por baixo da porta. «Foi uma pena terem saído», escrevia Vorochilov. «Fui bater-lhes à porta e ninguém respondeu.»

Quando Estaline estava de férias, o alegre bando passava grande parte da vida em casa de Nádia, para enviar mensagens ao marido e saber das últimas coscuvilhices políticas: «Ontem, o Mikoian esteve cá e perguntou pela tua saúde e disse que vai visitar-te a Sochi», escrevia Nádia a Estaline, em Setembro de 1929. «O Vorochilov voltou hoje de Nalchik e veio visitar-me (...).» Vorochilov, por sua vez, dava-lhe notícias de Sergo. Alguns dias mais tarde, foi Sergo quem apareceu, acompanhado por Vorochilov.

Depois, falou com Kaganovitch, que mandava cumprimentos a Estaline. Algumas famílias eram mais fechadas do que outras: ao contrário dos Mikoian, extremamente sociáveis, os Molotov, que moravam no mesmo piso, mostravam-se mais reservados e fechavam à chave a porta entre os respectivos apartamentos. Se Estaline era o reitor indiscutido desta escola tagarela e buliçosa, Molotov era o empertigado prefeito.

\* \* \*

Único homem em todo o mundo a ter apertado a mão a Lenine, Hitler, Himmler, Göring, Roosevelt e Churchill, Molotov era o aliado mais próximo de Estaline. Alcunhado «Cu-de-Pedra» em razão da sua inesgotável capacidade de trabalho, gostava de corrigir as pessoas, com um ar grave, e dizer-lhes que fora o próprio Lenine quem lhe pusera a alcunha de «Cu-de-Ferro». Baixo, atarracado, com uma testa proeminente, gélidos olhos cor-de-avelã a piscar por trás de uns óculos de aros redondos e uma curiosa gaguez quando se irritava (ou quando falava com Estaline), Molotov, então com trinta e nove anos, parecia um estudante burguês, como, aliás, tinha efectivamente sido. Mesmo entre os crentes do Politburo, era um fanático da teoria e da severidade bolcheviques: o Robespierre da corte de Estaline. No entanto, tinha também um fortíssimo instinto para o possível nas políticas do poder. «Sou um homem do século dezanove», costumava dizer.

Nascido em Kukarla, uma parvónia provinciana próxima de Perm (que em breve passaria a chamar-se Molotov), Viatcheslav Scriabin era filho de um vendedor semi-alcoólico, um membro pobre da pequena nobreza sem qualquer parentesco com o compositor. Tinha tocado violino para os mercadores na sua terra natal e, muito excepcionalmente, para os homens de Estaline, passara de relance pelo ensino secundário e tornara-se revolucionário aos dezasseis anos. Considerava-se a si mesmo um jornalista – conhecera Estaline quando ambos trabalhavam no *Pravda*. Era cruel e vingativo, pedindo invariavelmente a pena de morte para aqueles, mesmo mulheres, que o traíam, duro para com os subordinados, com os quais tinha constantes acessos de fúria, e tão disciplinado que, no escritório, anunciava ir fazer «uma sesta de treze minutos», e então acordava precisamente no décimo terceiro minuto. Ao contrário dos enérgicos exibicionistas do Politburo, era um «mouro de trabalho» desprovido de inspiração ou graça.

Candidato a membro do Politburo desde 1921, «o nosso Vecha» fora secretário do partido antes de Estaline, mas Lenine acusara-o «do mais vergonhoso e estúpido burocratismo». Quando Trotski o atacou, revelou o complexo de inferioridade que partilhava com Estaline e Vorochilov: «Nem todos podemos ser génios, camarada Trotski», respondeu. Os ressentimentos que estes bolcheviques de produção caseira carregavam às costas eram na verdade descomunais.

Agora segundo-secretário, número dois na hierarquia logo a seguir ao próprio Estaline, Molotov admirava Koba, mas não o venerava. Discordava dele muitas vezes,

criticando-o até ao fim. Conseguia beber mais do que qualquer outro membro da liderança... o que não era pequena proeza no meio de tantos alcoólicos. Parecia gostar das piadas de Estaline, mesmo quando este o tratava como judeu, «Molotstein».

A única coisa que o redimia era a devoção ilimitada que dedicava a Polina Karpovskaia, a sua mulher judia, conhecida pelo *nom de guerre* Zemchuzina, «a Pérola». De modo algum bonita, mas voluntariosa e inteligente, Polina dominava Molotov, venerava Estaline e tornou-se uma líder por direito próprio. Ambos bolcheviques ferrenhos, tinham-se conhecido e apaixonado durante uma conferência de mulheres, em 1921. Molotov achava-a «inteligente, bonita e, acima de tudo, uma grande bolchevique».

Se Polina era o consolo para a disciplina, as tensões e a severidade da cruzada dele, Molotov também não era um autómato. As suas cartas de amor mostram como a idolatrava com o ardor de um colegial apaixonado. «Polinka, minha querida, meu amor! Não esconderei que por vezes me deixo dominar pela impaciência e pelo desejo de estar ao pé de ti, das tuas carícias. Beijo-te, minha amada, desejada (...). O teu Vecha que te ama. Estou preso a ti de corpo e alma (...) meu mel.» Por vezes, as cartas eram loucamente apaixonadas: «Espero impacientemente poder beijar-te, beijar-te toda, minha adorada, meu doce, meu amor.» Ela era o seu «brilhante amor, meu coração e minha felicidade, meu mel de prazer, Polinka».

Svetlana, a mimada filha dos Molotov, e os outros filhos de membros do Politburo brincavam no pátio, mas «não queríamos viver no Kremlin. Os nossos pais estavam sempre a dizer-nos que não fizéssemos barulho. “Não estão na rua”, diziam-nos. “Estão no Kremlin.” Era como uma prisão, e tínhamos de mostrar passes e conseguir passes para os nossos amigos poderem ir visitar-nos», recorda Natacha, a filha de Andreiev e Dora Kazan. As crianças estavam constantemente a dar com Estaline: «Quando eu tinha dez anos e umas tranças muito compridas, estava a brincar e a pular com o Rudolf Menzhinski [filho do chefe da OGPU], e fui de repente levantada por duas fortes mãos e, ao voltar-me, dei por mim a olhar para a cara de Estaline, com os seus olhos castanhos e uma expressão muito severa e intensa. “Quem és tu?”, perguntou ele, e eu respondi, “Andreieva”. “Bem, continua lá então a pular.”» Depois deste primeiro encontro, Estaline conversava frequentemente com ela, sobretudo porque a entrada para o primeiro cinema do Kremlin se fazia por uma escada próxima da porta dos pais.

Não raro, os jantares de Estaline mais não eram do que o prolongamento das suas reuniões com camaradas tão viciados no trabalho como ele: punha-se uma terrina de sopa em cima do aparador, cada um servia-se, e muitas vezes trabalhavam até às três da manhã, recorda Artyom, o filho adoptivo de Estaline. «Via Molotov, Mikoián e Kaganovitch todos os dias.» Estaline e Nádia jantavam muitas vezes com os outros casais do Kremlin. «Os jantares eram simples», escreve Mikoián nas suas memórias. «Dois pratos, meia dúzia de entradas, por vezes um pouco de arenque (...). Sopa como primeiro prato, depois peixe ou carne, e fruta para a sobremesa – como em qualquer outro sítio, naquela altura.» Havia uma garrafa de vinho branco, e bebia-se pouco. Ninguém se sentava à mesa por mais de meia hora. Certa noite, Estaline, que levava a sério a imagem política, resolveu imitar as proezas de Pedro, o Grande, como barbeiro.

— Livra-te dessa barba! — ordenou a Kaganovitch. — Es capaz de me trazer a tesoura? — pediu a Nádia. — Eu próprio trato disto.\*

Kaganovitch obedeceu sem repontar. Assim eram os divertimentos nos jantares em casa de Estaline e Nádia.

As esposas eram influentes. Estaline dava ouvidos a Nádia: a dada altura, ela conheceu na Academia, onde ele esmagava vigorosamente a oposição, um desajeitado e rotundo jovem de grandes orelhas, montador de máquinas nas minas de Donets, chamado Khrushchev. Recomendou-o a Estaline, que lhe lançou a carreira convidando-o regularmente para jantar. Estaline sempre gostou de Khrushchev, em parte por causa da recomendação de Nádia. Foi assim, recordaria Khrushchev, «que sobrevivi (...), foi este o meu bilhete premiado». Nem queria acreditar que era Estaline, o semideus que venerava, quem estava ali, tão modestamente, «a rir e a brincar» com ele.

Nádia era temerária quando se tratava de abordar Estaline por causa de injustiças: quando um funcionário, provavelmente um direitista, foi despedido do seu emprego, defendeu-o e disse a Estaline que «não se devia usar estes métodos com tais trabalhadores (...), é tão triste (...). Parecia que lhe tinham dado um tiro. Sabes como detesto interferir, mas acho sinceramente que devias intervir neste caso, que toda a gente sabe ser injusto.» Inesperadamente, Estaline aceitou ajudar, o que a deixou deliciada: «Fico tão contente por confiar em mim (...) é uma vergonha não corrigir um erro.» Estaline não aceitava este tipo de interferência de qualquer outra pessoa, mas, no caso da sua jovem esposa, parecia não se importar.

Polina Molotova era tão ambiciosa que, quando decidiu que o seu chefe, o responsável pela Indústria Ligeira, não estava à altura do cargo, perguntou a Estaline, durante um jantar, se não se poderia criar uma indústria de perfumes soviética. Estaline chamou Mikoian e confiou-lhe a tutela da concessão do perfume *TéZhe*, entregue a Polina, que assim se tornou a czarina das fragrâncias soviéticas. Mikoian considerava-a «capaz, inteligente e enérgica», mas «altiva».

\* \* \*

Com exceção dos afectados Molotov, estes potentados continuavam a fazer uma vida simples nos palácios do Kremlin, inspirados pela devota missão revolucionária de que tinham sido incumbidos, com a sua obrigatoria «modéstia bolchevique». A corrupção e a extravagância não eram ainda males generalizados; na realidade, as mulheres dos membros do Politburo quase não tinham dinheiro para vestir os filhos e os arquivos recentemente desclassificados mostram que o próprio Estaline ficava por vezes sem fundos.

---

\* Claro que Kaganovitch conservou o bigode, que estava na moda. Até os pêlos faciais se baseavam, então, no culto do líder: se um cliente queria um talhe de barba com pêra e bigode, pedia ao barbeiro uma «Kalinine». Quando Estaline ordenou a outro líder, Bulganine, que cortasse a barba, Bulganine optou por um meio-termo, conservando uma barbicha «à Kalinine».

Nádia Estaline e Dora Kazan, a dominadora mulher de Andreiev, apanhavam diariamente o eléctrico para a Academia. Nádia sempre foi apresentada como um paradigma de modéstia por usar o seu nome de solteira, mas Dora fazia o mesmo: era o estilo da época. Sergo proibiu a filha de ir de limusina para a escola: «Demasiado burguês!» Os Molotov, em contrapartida, eram já notoriamente muito pouco proletários: Natalya Rikova ouviu o pai queixar-se de que os Molotov nunca convidavam os guarda-costas para comer à mesa com eles.

Em casa dos Estaline, era Nádia quem mandava; Svetlana diz que a mãe geria a vida do agregado familiar com um «orçamento modesto». Orgulhavam-se da sua austeridade bolchevique. Nádia esgotava regularmente o dinheiro para as despesas da casa: «Por favor, manda-me 50 rublos, pois só recebo o meu dinheiro a 15 de Outubro e já não me resta nenhum.»

«Tatka, esqueci-me de te mandar o dinheiro», respondia Estaline. «Mas envio-to (120 rublos) por colegas que partem daqui hoje (...). Beijos, José.» Mais tarde, escrevia a perguntar se ela o tinha recebido. E Nádia respondia:

«Recebi a carta com o dinheiro. Obrigada! Ainda bem que vais regressar! Escreve a dizer quando chegas, para eu poder ir esperar-te!»

A 3 de Janeiro de 1928, Estaline escreveu a Khalatov, director da GIZ (a editora do Estado): «Tenho uma grande necessidade de dinheiro. Envia-me, por favor, 200 rublos!»\* Cultivava este puritanismo tanto por convicção como por gosto: quando encontrava mobílias novas no apartamento, reagia violentamente:

«Parece que alguém da administração interna ou da GPU comprou mobílias novas (...), contrariando a minha ordem de que as mobílias antigas servem perfeitamente», escreveu. «Descubram e castiguem o culpado! Quero que retirem as mobílias e as ponham num armazém!»

Os Mikoian tinham tantos filhos – cinco rapazes, além de vários adoptivos e, durante o Verão, os parentes arménios, que se instalavam por três meses – que estavam sempre sem dinheiro, apesar de Mikoian fazer parte da meia dúzia de homens mais poderosos da Rússia. Por isso, Achken Mikoian pedia em segredo dinheiro emprestado às outras esposas de membros do Politburo que tinham menos filhos. Segundo os filhos, Mikoian teria ficado furioso se soubesse disto. Quando Polina Molotova viu as mal vestidas crianças da família, admoestou a mãe, que respondeu:

– Tenho cinco filhos, e muito pouco dinheiro.

– Mas – observou Polina –, és a mulher de um membro do Politburo!

---

\* Estaline seguia o mesmo princípio em matéria de roupas: recusava substituir o seu escasso guarda-rope de dois ou três dólmans já muito usados, calças velhas e o seu capote e boné preferidos do tempo da Guerra Civil. Não era o único a praticar este ascetismo vestimentário, mas, como Pedro, o Grande – que, aliás, estudara –, tinha consciência de que aquela maneira deliberadamente modesta de vestir lhe acentuava a autoridade natural.

3  
O SEDUTOR

Este pequeno grupo de potentados idealistas e implacáveis, na sua maioria entre os trinta e os quarenta anos, era o motor de uma vasta e assombrosa revolução: iam construir imediatamente o socialismo e abolir o capitalismo. O seu programa industrial, o Plano Quinquenal, faria da Rússia uma grande potência que nunca mais voltaria a ser humilhada pelo Ocidente; a guerra nos campos exterminaria para sempre o inimigo interno, os *kulaks*, e traria de volta os valores de 1917. Fora Lenine quem dissera: «Impiedoso terror interno contra os *kulaks* (...). Morte aos *kulaks*!» Milhares de jovens partilhavam este idealismo. O Plano exigia um aumento da produtividade da ordem dos 110%, que Estaline, Kuibichev e Sergo afirmavam ser possível porque tudo era possível. «Abrandar o ritmo significa ficar para trás», explicava Estaline, em 1931. «E os que ficam para trás são espancados! Mas nós não queremos que nos espanquem (...). A história da velha Rússia consistiu (...) em ser espancada (...) pelo seu atraso.»

Os bolcheviques eram capazes de tomar de assalto qualquer fortaleza. Toda a dúvida era uma traição. A morte era o preço do progresso. Tão rodeados de inimigos como tinham estado durante a Guerra Civil, sentiam a precariedade do controlo que mantinham sobre o país. Por isso cultivavam a *tverdost*, a dureza, a virtude bolchevique.\* O

---

\* E no entanto, esta brutalidade consciente coexistia com um rígido código de etiqueta partidária: os bolcheviques deviam comportar-se uns com os outros como cavalheiros burgueses. Os divórcios eram «vistos com maus olhos, mais severamente ainda do que na Igreja Católica». Quando Kaganovitch escreveu na sentença de morte de um general inocente que ele era um «porco», pôs apenas «p...». Molotov censurava o uso constante que Lenine fazia da palavra «merdoso», substituindo-a por «....», e falava virtuosamente de usar «um nome não utilizado nos círculos do partido». Quando Kaganovitch criticou a crua poesia de Demian Bedni, disse a Estaline: «Ser o poeta proletário do povo de modo algum significa descer ao nível das qualidades negativas das nossas massas.»

próprio Estaline era louvado por isso: «Sim, ele corta vigorosamente o que está podre (...). Se o não fizesse, não seria (...) um combatente comunista.» Escrevia a Molotov, exortando-o a «inspeccionar e verificar esmurrando as pessoas na cara» e dizia abertamente aos funcionários que lhes «esmagaria os ossos».

Bukharine resistia à «revolução estalinista», mas nem ele nem Rikov estavam à altura de fazer frente ao nepotismo e ao encanto de Estaline, nem ao gosto bolchevique pelas soluções temerariamente violentas. Em 1929, Trotski partiu para o exílio, com uma expressão de altivez ofendida no rosto, para se tornar o seu grande crítico no estrangeiro e o seu grande símbolo de heresia e traição em casa. Bukharine foi afastado do Politburo. Estaline era o líder dos oligarcas, mas estava longe de ser um ditador.

Em Novembro de 1929, quando Nádia se preparava para os exames na Academia Industrial, Estaline regressava, refrescado, das suas férias, e intensificava imediatamente a guerra contra o campesinato, exigindo «uma ofensiva contra os *kulaks* (...), preparando a acção e aplicando à classe *kulak* um golpe tal que nunca mais volte a erguer a cabeça». Mas os camponeses recusaram semear as terras, declarando guerra ao regime.

A 21 de Dezembro de 1929, no auge inebriante do seu colossal e terrível empreendimento, os jovens potentados e as respectivas esposas, exaustos mas exaltados pelas suas notáveis realizações na construção de novas cidades e novas fábricas, ensanguentados pela excitação das brutais expedições contra os obstinados camponeses, reuniram-se na *dacha* Zubalovo para festejar o quinquagésimo aniversário oficial de Estaline. É nesta noite que a nossa história verdadeiramente começa. Naquele dia, cada um deles escrevera no *Pravda* um artigo a aclamá-lo como o *Vozhd*, o líder, o legítimo herdeiro de Lenine.

\* \* \*

Dias depois da festa de aniversário, os próceres do partido aperceberam-se de que tinham de incrementar a guerra nos campos e literalmente «liquidar os *kulaks* como classe». Desencadearam uma ofensiva da polícia secreta em que a brutalidade organizada, a pilhagem e o fanatismo ideológico competiram entre si para destruir a vida de milhões de pessoas. O círculo íntimo de Estaline seria fatalmente posto à prova pelos rigores da colectivização, porque os seus membros seriam julgados pelos respectivos desempenhos nesta crise definitiva. O veneno daqueles meses manchou as amizades de Estaline, e até o seu casamento, iniciando o processo que culminaria nas câmaras de tortura de 1937.

Estaline ocupava metade das cartas que escrevia aos seus homens a perder a cabeça com eles, e a outra metade a pedir desculpa. Tratava pessoalmente de tudo: quando Molotov regressou de uma operação de requisição de cereais na Ucrânia, Estaline disse-lhe: «Era capaz de cobrir-te de beijos como agradecimento pela tua acção...» Dificilmente se pode distinguir aqui o azedo e duro Estaline da lenda.

Em Janeiro de 1930, Molotov planeou a destruição dos *kulaks*, que foram divididos em três categorias: «Primeira categoria: (...) a eliminar imediatamente; a segunda seria encarcerada em campos de concentração, e a terceira, 150.000 famílias, seria deportada. Molotov supervisionou pessoalmente os pelotões de fuzilamento, os transportes ferroviários, os campos de concentração, como um comandante militar. Entre cinco e sete milhões de pessoas acabaram incluídos nas três categorias. Não havia maneira de definir um *kulak*: o próprio Estaline se interrogava amargamente, ao escrever nas suas notas: «O que significa *kulak*?»\*

Em 1930-31, cerca de 1.680.000 pessoas foram deportadas para o Leste e o Norte. No espaço de meses, o plano de Estaline e Molotov tinha gerado 2200 rebeliões, envolvendo mais de 800.000 camponeses. Kaganovitch e Mikoian chefiram expedições aos campos com brigadas de tropas especiais da OGPU e comboios blindados, como senhores da guerra. As cartas que escreviam a Estaline estavam cheias da emoção fraterna da guerra que em conjunto conduziam, em nome do aperfeiçoamento da humanidade, contra camponeses desarmados: «Tomámos todas as medidas no respeitante a alimentos e cereais», relatava Mikoian a Estaline, referindo a necessidade de afastar os «destruidores»: «Enfrentamos uma grande resistência (...). Precisamos de esmagar a resistência.» No álbum de fotografias de Kaganovitch, vemo-lo a partir para a Sibéria com o seu bando de rufiões armados e vestindo blusões de couro, a interrogar camponeses, a procurar no meio das medas de feno, a descobrir cereais, a deportar os culpados e a seguir em frente, exausto, adormecendo entre paragens. «Molotov trabalha duramente e está muito cansado», dizia Mikoian a Estaline. «A massa de trabalho é tão enorme que exige muita energia (...).»

Sergo e Kaganovitch possuíam a «energia» necessária: quando os líderes decidiam qualquer coisa, era possível pô-la imediatamente em prática, numa escala maciça e sem considerações pelo desperdício em termos de vidas humanas e recursos. «Quando nós, os bolcheviques, queremos qualquer coisa feita», diria, mais tarde, Béria, um georgiano em plena ascensão na polícia secreta, «fechamos os olhos a tudo o mais.» Esta implacável e insone fraternidade vivia num frenesi de excitação e actividade, movida a adrenalina e convicção. Vendo-se a si mesmos como Deus no primeiro dia, estavam a criar um mundo novo num delírio ao rubro-branco; as grandes feras do Politburo personificavam as qualidades do comissário estalinista: «Devoção ao partido, moralidade, exigência, atenção, boa saúde, conhecimento das funções», mas acima de tudo, como Estaline costumava dizer, tinham de ter «nervos de touro».

«Participei em tudo isto», escreveu um jovem activista, Lev Kopelev, «corri os campos, procurei cereais escondidos (...), despejei as arcas de velhos, fechando os ouvidos

\* Os seus pensamentos, muito reveladores, sobre a matéria, que registava em pequenos pedaços de papel, incluíam: «*kulaks* – desertores», e depois, mais sugestivamente: «aldeias e escravos». Um camponês explicou como eram seleccionados os *kulaks*: «Nós os três, os camponeses pobres da aldeia, juntávamo-nos em reunião e decidímos: “Fulano tinha seis cavalos...” Avisávamos a GPU, e pronto. Fulano apanhava cinco anos.» Só os romancistas e os poetas conseguem captar a embrutecedora alienação das aldeias. O romance de Andrei Platonov, *A Fossa da Fundação*, é uma das obras que melhor o faz.

aos gritos das crianças e aos uivos das mulheres (...), convencido de assim levar a cabo a grande e necessária transformação dos campos.»

Os camponeses acreditaram que conseguiriam obrigar o governo a parar destruindo o seu próprio gado: a fúria capaz de levar um camponês a matar os seus próprios animais – o equivalente, no nosso mundo, a pegar fogo à nossa própria casa – dá uma ideia do grau de desespero: foram chacinados 26,6 milhões de cabeças de gado, 15,3 milhões de cavalos. A 16 de Janeiro de 1930, o governo decretou a confiscação das propriedades dos *kulaks* que tivessem abatido animais. Se os camponeses pensavam que os bolcheviques iam ser forçados a alimentá-los, estavam enganados. À medida que a crise se agrava, até os lugares-tenentes mais próximos de Estaline se esforçavam por arrancar os cereais ao campesinato, sobretudo na Ucrânia e no Norte do Cáucaso. Estaline acicatava-os, mas eles, apesar de serem muitas vezes vinte anos mais novos, respondiam com birras e ameaças de demissão. Estaline passava o tempo a tentar deitar água na fervura. Andrei Andreiev, de trinta e cinco anos, patrão do Cáucaso Norte, fazia parte do círculo íntimo (a mulher, Dora, era uma das melhores amigas de Nádia). Mesmo assim, afirmou que as exigências de Estaline eram impossíveis de satisfazer: precisava de, pelo menos, cinco anos. Primeiro, Molotov tentou encorajá-lo:

«Caro Andreievitch, recebi a tua carta a respeito do abastecimento de cereais, e comprehendo que está a ser difícil para ti. Vejo, também, que os *kulaks* começaram a usar novos métodos de luta contra nós. Mas espero que lhes quebres a espinha (...). Mando-te cumprimentos e os melhores votos (...). PS: Estou de partida para a Crimeia, para férias.» Depois disto, Estaline, farto, perdeu a paciência com Andreiev, que amou até receber um pedido de desculpas:

«Camarada Andreiev, claro que não penso que não estás a fazer nada na área do abastecimento de cereais. Mas os fornecimentos de cereais do Cáucaso Norte estão a cortar-nos como uma faca e precisamos de medidas para reforçar o processo. Não esqueças, por favor, que cada novo milhão de *puds* conseguido é extremamente valioso para nós. Não esqueças, por favor, que temos muito pouco tempo. Vamos então ao trabalho? Com saudações comunistas, Estaline.» Andreiev, no entanto, continuava amuado, de modo que Estaline voltou a escrever-lhe, desta vez tratando-o por um nome carinhoso e fazendo apelo à sua honra bolchevique:

«Olá, Andriucha, estou atrasado. Não estejas zangado. Quanto à estratégia (...), retiro o que disse. Friso mais uma vez que as pessoas chegadas devem merecer confiança e ser honradas até ao fim. Estou a falar da nossa gente de topo. Sem isso, o nosso partido falhará totalmente. Aperto-te a mão. J. Estaline.» Acontecia-lhe com frequência ter de retirar o que dissera.

\* \* \*

A base do poder de Estaline dentro do partido não era o medo: era o encanto. Sendo embora, indiscutivelmente, a vontade dominante entre os potentados, acrescia

o facto de estes estarem, de um modo geral, de acordo com as suas políticas. E apesar de ser o mais velho –, exceptuando o presidente Kalinine –, todos usavam com ele o informal «tu». Vorochilov, Molotov e Sergo tratavam-no por «Koba». A familiaridade de alguns chegava, por vezes, a roçar o atrevimento: Mikoian, que o tratava por «Soso», terminava assim uma carta: «Se não fores preguiçoso, escreve-me!» Em 1930, todos estes potentados, em especial o carismático e exuberante Sergo Ordzhonikidze, eram aliados, não protegidos, todos capazes de acção independente. Havia amizades chegadas que representavam potenciais alianças contra Estaline: Sergo e Kaganovitch, os dois líderes mais duros, eram grandes amigos. Vorochilov, Mikoian e Molotov discordavam frequentemente do secretário-geral. O dilema dele era ser líder de um partido sem *Führerprinzip*, e, ao mesmo tempo, governante de um país habituado à autocracia czarista.

Estaline não era o sombrio burocrata que Trotski pretendia – embora fosse certamente um organizador dotado. «Nunca improvisava», mas «tomava as suas decisões pesando-as cuidadosamente». Tinha uma capacidade de trabalho extraordinária – por vezes, dezasseis horas por dia. Mas os novos arquivos confirmam que o seu verdadeiro génio consistia em algo totalmente diferente... e totalmente surpreendente: «Sabia captivar as pessoas.» Era aquilo a que hoje se chama «um comunicador». Embora incapaz de verdadeira empatia, por um lado, era, por outro, mestre na arte de fazer amizades. Perdia constantemente as estribeiras, mas, quando se lhe metia na cabeça seduzir alguém, era irresistível.

O rosto de Estaline era «expressivo e móvel»; os seus movimentos felinos, «ágeis e graciosos»; zumbia de energia sensitiva. Quem o via uma vez «ficava ansioso por voltar a vê-lo», porque «ele criava a sensação de que havia, doravante, um elo a ligá-lo definitivamente a essa pessoa». Artyom dizia que ele fazia «com que nós, as crianças, nos sentíssemos adultos e nos sentíssemos importantes». Os visitantes ficavam impressionados pela sua tranquila modéstia, pelo cachimbo, pela calma. Quando o futuro marechal Zhukov o conheceu, não conseguiu dormir nessa noite: «O aspecto de JV Estaline, a sua voz tranquila, a solidez e profundidade dos seus julgamentos, a atenção com que escutou o relatório causaram-me uma fortíssima impressão.» Sudoplatov, um chekista, pensava que «era difícil imaginar que um homem assim pudesse enganar-nos, as reacções dele eram tão naturais, sem a mais pequena ponta de pose», mas notava também «uma certa dureza (...), que ele não (...) escondia».

Aos olhos destes duros bolcheviques das regiões, a maneira calma e simples que Estaline tinha de falar em público era um ponto a seu favor, uma grande melhoria relativamente à mestria oratória de Trotski. A falta de polimento de Estaline, a sua antioratória, inspiravam confiança. Os seus próprios defeitos, os complexos, a brutalidade e os acessos de fúria irracional, eram os defeitos do partido. «Não era de confiança, mas era o homem em que o partido confiava», admitia Bukharine. «É como o símbolo do partido, as camadas mais baixas confiam nele.» Mas, acima de tudo, reflectia o futuro chefe da polícia secreta, Béria, era «superiormente inteligente», um «génio» político.

Fosse muito grosso ou muito encantador, «dominava sempre os que o rodeavam com a sua inteligência»

E não se limitava a conviver com os potentados: apadrinhava também os funcionários menores, constantemente à procura de lugares-tenentes mais duros, mais leais e mais incansáveis. Estava sempre acessível: «Estou pronto para ajudá-lo e para recebê-lo», era a resposta que muitas vezes dava aos pedidos. Os funcionários chegavam directamente a Estaline. Os dos escalões mais baixos chamavam-lhe, nas costas dele, o *Khozyain*, que habitualmente se traduz por «Chefe», mas significa muito mais: o «Amo». Nicolau II chamava a si mesmo «*Khozyain* das terras russas». Quando Estaline ouvia alguém usar a palavra, ficava «claramente irritado» com a sua mística feudal: «Parece que estás a falar de um latifundiário rico da Ásia Central. Parvo!»

Os potentados viam-no como seu patrono, mas ele via-se a si próprio como muito mais. «Sei que estás furiosamente ocupado», escreveu-lhe Molotov, no dia de aniversário, «mas aperto a tua mão quinquagenária (...). Devo dizer que, no meu trabalho pessoal, te estou obrigado (...).» Estavam-lhe todos obrigados. Mas Estaline via o seu próprio papel engalanado com espírito de cavalaria arturiano e, ao mesmo tempo, com santidade cristã: «Não duvidem, camaradas, estou preparado para dedicar à causa da classe trabalhadora (...) todas as minhas forças, todas as minhas capacidades, e, se necessário for, todo o meu sangue,gota a gota», escreveu para agradecer ao partido o tê-lo aclamado como líder. «As vossas felicitações, lanço-as a crédito do grande partido (...) que me gerou e me criou à sua imagem e semelhança.» Era assim que se via a si mesmo.

Em todo o caso, este auto-ungido herói messiânico trabalhava duramente para envolver os seus protegidos num irresistível abraço de intimidade familiar que os convenia de que não havia ninguém em que ele mais confiasse. Estaline era volátil, mas de modo algum destituído de sentido de humor: era simpático e divertido, ainda que esgotantemente intenso. «Tinha imensa graça», afirma Artyom. Para o comunista jugoslavo Milovan Djilas, o seu «humor rude (...) cheio de autoconfiança» era «malicioso» e «travesso», mas «não inteiramente desprovido de finura e profundidade», apesar de nunca andar muito longe da chinela. Tinha uma graça viva, mas dificilmente wildeana. Certa vez, quando Kozlovski, o famoso tenor, cantava no Kremlin, os membros do Politburo começaram a exigir uma determinada canção.

– Para quê pressionar o camarada Kozlovski? – interveio calmamente Estaline.  
– Deixem-no cantar o que quiser. – Fez uma pausa. – E a mim parece-me que quer cantar a ária de Lensky, de *Onegin*.

Toda a gente riu, e Kozlovski, obediente, cantou a ária.\*

Quando Estaline nomeou Isakov como comissário naval, o almirante respondeu que o cargo seria demasiado árduo para ele, por ter só uma perna. Considerando que a

\* No Bolchoi, Kozlovski perdeu subitamente a voz durante o *Rigoletto*. O cantor olhou desesperadamente para o camarote A, de Estaline, apontando para a garganta. Rápido como um relâmpago, Estaline apontou silenciosamente para o lado esquerdo do dólman, junto à algibeira onde as medalhas são presas, e desenhou uma medalha. Kozlovski recuperou a voz, e ganhou a medalha.

Marinha tinha sido «comandada por pessoas sem cabeça, uma perna não é problema», respondeu Estaline. Gostava particularmente de fazer troça das pretensões da casta governante: quando uma lista de enfadonhas personalidades a condecorar lhe caiu em cima da secretaria, escreveu no topo: «Os merdosos levam a Ordem de Lenine!»

Gostava de pregar partidas. Durante a invasão italiana da Etiópia, ordenou aos seus guarda-costas que pusessem «Ras Kasa ao telefone, imediatamente!» Quando um dos jovens guardas reapareceu, «meio morto de medo», para explicar que não conseguia ligar para o chefe montanhês abissínio, Estaline riu-se. «E estás tu na segurança!», comentou.

Era igualmente capaz de réplicas cortantes. Quando Zinoviev o acusou de ser ingrato, atirou-lhe: «A gratidão é uma doença de cão.»

Estaline «sabia tudo a respeito dos seus camaradas mais próximos. TUDO!», marca bem a filha de um deles, Natacha Andreieva. Observava os seus protegidos, educava-os, levava-os para Moscovo e tinha imenso trabalho com eles. Promoveu Mikoyan, mas disse a Bukharine e a Molotov que achava o arménio «ainda um principiante em política (...); se crescer, há-de melhorar». O Politburo estava cheio de egomaníacos exaltados como Sergo Ordzhonikidze: Estaline era perito em – lisonjeando-os, seduzindo-os, manipulando-os e impondo-se-lhes – levá-los a fazer o que queria. Quando mandou regressar do Cáucaso dois dos seus homens mais competentes, Sergo e Mikoyan, ambos discutiram com ele e um com o outro, mas a paciência que tinha para os acalmar (e engodar) era inesgotável.

Supervisionava pessoalmente as condições de vida de toda a gente. Quando, em 1913, passou algum tempo com a família Troianovski, em Viena, dava todos os dias um saco de rebuçados à filha dos donos da casa. Então, perguntou à mãe da criança para qual dos dois correria a garota se ambos a chamassem. Quando fizeram a experiência, a menina correu para Estaline, na esperança de conseguir mais rebuçados. Este cínico idealista usava os mesmos incentivos com os membros do Politburo. Quando Sergo se mudou para Moscovo, Estaline emprestou-lhe o seu próprio apartamento. E quando Sergo adorou o apartamento, Estaline pura e simplesmente ofereceu-lho. Quando o jovem e provinciano Béria visitou Moscovo para assistir ao Décimo Sétimo Congresso, Estaline mandou o filho, na altura com dez anos, dormir em Zubalovo. Maya Kaganovitch recorda que, quando aparecia nos apartamentos dos membros do Politburo, insistia sempre em que acendessem as lareiras. «Nenhum pormenor lhe escapava.» Cada oferta era perfeitamente adequada ao respectivo obsequiado: oferecia a Budeny, o seu aliado cossaco, espadas com lâminas gravadas. Distribuía pessoalmente os carros e as últimas engenhocas.\* Existe, nos arquivos, uma lista escrita pelo seu

\* Kirov, o patrão de Leninegrado, vivia num enorme apartamento recheado com um completo sortido do mais moderno equipamento. Em primeiro lugar, havia um enorme e novo frigorífico americano – um General Electric – de que apenas dez unidades tinham sido importadas para a Rússia. Os gramofones americanos eram particularmente apreciados: havia uma «radiola», graças à qual Kirov podia ouvir o Ballet Mariinski no seu apartamento; havia um «petifone», um gramofone de corda sem altifalante, um outro com altifalante, além de um candeeiro-rádio. Quando o primeiro televisor chegou a Moscovo,

punho que atribui um carro a cada líder: as esposas e as filhas escreviam-lhe cartas a agradecer.

E havia o dinheiro. Aqueles potentados tinham com frequência falta de fundos, porque os salários eram pagos na base do «máximo do partido», o que significava que um «trabalhador responsável» não podia ganhar mais do que o operário mais bem pago. Mesmo antes de, em 1934, Estaline ter abolido esta disposição, havia modos de contorná-la. Todos os líderes recebiam cestos de comida fornecidos pela cantina do Kremlin e rações especiais dos armazéns do GORT (governo). Mas também recebiam *pacotes*, ofertas secretas em dinheiro, como bónus especiais ou notas metidas num sobreescrito castanho, além de cupões de férias. As quantias eram nominalmente fixadas pelo presidente Kalinine e por Ienukidze, secretário do Comité Executivo Central e o mordomo de todas estas benesses, mas Estaline interessava-se pessoalmente por estes *pacotes*. Numa lista intitulada «Ofertas em Dinheiro de Fundos do Presidium para grupo de trabalhadores responsáveis e membros das respectivas famílias», existente nos arquivos, sublinhou a lápis as quantias. «Números interessantes!», anotou à margem. Se percebia que um dos seus colaboradores estava com dificuldades financeiras, intervinha para o ajudar, como aconteceu quando conseguiu um pagamento de direitos de autor ao seu principal secretário, Tovstukha. Escreveu ao chefe da editora, dizendo que se Tovstukha negasse estar num aperto, «é porque está a mentir. Precisa desesperadamente de dinheiro.» Costumava ser considerado irónico chamar à elite soviética uma «aristocracia», mas a verdade é que funcionava muito como uma espécie de nobreza feudal, cujos privilégios dependiam totalmente da lealdade que mostrasse.

Precisamente na altura em que estes potentados precisavam de ser mais duros do que nunca, alguns começaram a tornar-se moles e decadentes, sobretudo os que tinham acesso aos luxos, como Ienukidze e Lagoda, o homem da polícia secreta. Além disso, os patrões regionais construíram os seus próprios séquitos e estavam a ficar tão poderosos que Estaline lhes chamava «grão-duques». Mas não havia «príncipe» do partido tão munificente como ele próprio, o patrono dos patronos.

O partido não era apenas uma massa de grupos que se autopromoviam – era quase um negócio de família. Clãs inteiros eram membros da liderança: Kaganovitch era o mais novo de cinco irmãos, três dos quais ocupavam cargos importantes na hierarquia bolchevique. Os familiares de Estaline eram, todos eles, altos funcionários. Ambos os irmãos de Sergo eram bolcheviques do escalão superior no Cáucaso, onde a unidade familiar continuava a ser a norma. Uma emaranhada teia de casamentos\* complicava

---

pouco antes da guerra, os Mikoian receberam o estranho objecto, que reflectia a imagem num vidro que se projectava para fora num ângulo de quarenta e cinco graus. Quanto a Budeny, Estaline escreveu-lhe: «Dei-te a espada, mas não é muito bonita, de modo que decidi enviar-te uma melhor, gravada. Já vai a caminho!»

\* Por exemplo, a mulher de Kamenev era irmã de Trotski; Lagoda estava casado com uma mulher da família Sverdlov; Poskrebichev, o secretário de Estaline, casou com a cunhada da irmã de Trotski. Dois estalinistas do topo, Shcherbakov e Zhdanov, eram cunhados. Mais tarde, os filhos dos membros do Politburo casariam igualmente entre si.

ainda mais as relações de poder, e acabaria por ter resultados fatais: quando um líder caía, todos os que estivessem ligados a ele desapareciam no abismo, como montanhistas presos à mesma corda de segurança.

A espinha dos camponeses estava, nas arrepiantes palavras de Estaline e Molotov, efectivamente a ser quebrada, mas a escala da luta abalava até os apoiantes mais empedernidos. Em Fevereiro de 1930, Sergo e Kalinine fizeram uma viagem de inspecção aos campos, e regressaram dispostos a pôr um travão àquilo. Sergo, que, como chefe da Comissão de Controlo do Partido, orquestrara a campanha contra os direitistas, ordenava agora à Ucrânia que deixasse de «socializar» o gado.

Estaline tinha perdido o controlo. O táctico magistral cedeu face aos potentados e aceitou recuar... com ressentida prudência. A 2 de Março, escreveu o famoso artigo «Inebriado pelo êxito», no qual se proclamava bem-sucedido e culpava os funcionários locais dos seus próprios erros, o que aliviou a pressão\* nas aldeias.

Estaline considerara os seus aliados como um «apertado círculo» de «amigos», uma irmandade «historicamente fundada na luta contra (...) o oportunismo» de Trotski e de Bukharine. Agora, porém, sentia o Politburo envolto de dúvida e de deslealdade, enquanto a «revolução estalinista» transformava os campos num pesadelo distópico. Mesmo nas épocas mais tempestuosas, as reuniões do Politburo, todas as quintas-feiras ao meio-dia, à volta das duas mesas paralelas na Sala Sovnarkom do Palácio Amarelo, de paredes forradas de mapas, conseguiam ser surpreendentemente descontraídas. Estaline nunca presidia ao Politburo, deixando essa função ao primeiro-ministro, Rikov. Tinha, segundo Mikoian, sempre o cuidado de nunca ser o primeiro a falar, para que ninguém se sentisse condicionado pela opinião dele antes de expressar a sua.

Havia, nestas reuniões, muitos bilhetinhos rabiscados e passados de um lado para o outro da mesa. Bukharine, antes de perder o lugar, fazia caricaturas de todos os líderes, muitas vezes em poses ridículas, com ereções olímpicas ou envergando uniformes czaristas. Estavam constantemente a troçar da vaidade e estupidez de Vorochilov, apesar de este herói da Guerra Civil ser um dos aliados mais próximos de Estaline. «Olá, amigo», escrevia-lhe Estaline afectuosamente. «É uma pena não estares em Moscovo. Quando voltas?»

«Vaidoso como uma mulher», ninguém gostava mais de uniformes do que Vorochilov. Este *boulevardier* proletário, que vestia roupas de flanela branca na sua sumptuosa *dacha* e tinha um equipamento completo para jogar ténis, era um alegre epicurista, «amável e divertido, amante de música, de festas e de literatura», que apreciava a companhia de actores e escritores. Estaline soube que usava o lenço de pescoço da mulher por causa de uma constipação de Verão: «É natural, gosta tanto de si mesmo que se cuida o mais que pode. Ah! Até faz exercício!», comentou. «Notoriamente estúpido», Vorochilov raramente via um pau sem lhe pegar pela ponta errada.

---

\* No romance de Cholokhov, *Terra Virgem Revolvida*, os cossacos põem fim à sua revolta depois de o lerem. Mas também se retiram da quinta colectiva.

Serralheiro em Lugansk (mais tarde crismada Vorochilov), mal completara, como muitos dos líderes de Estaline, dois anos de escolaridade. Membro do partido desde 1903, partilhara um quarto com Estaline em Estocolmo, em 1906, mas foi em Tsaritsyn que se tornaram amigos. A partir de então, o *Vozhd* apoiou o seu «comandante-chefe desde o torno-mecânico» até que se tornou comissário da Defesa, em 1925. Completamente fora de pé, Vorochilov odiava as mentes militares mais sofisticadas com o complexo de inferioridade que era, no círculo de Estaline, uma das paixões mais motivadoras. Desde os tempos em que levava o correio, a cavalo, aos mineiros de Lugansk, o cérebro dele sentia-se muito mais à vontade com o equino do que com o mecanizado.

Habitualmente descrito como um ranhoso covarde na presença do amo, Vorochilov tinha flertado com as oposições e era perfeitamente capaz de perder a paciência com Estaline, que sempre tratou como um velho amigo. Era muito ligeiramente mais novo do que Koba e continuava a chamar os bois pelos nomes mesmo depois do Terror. De cabelos louros e faces rosadas, olhos calorosos e brilhantes, era meigo por natureza. E a coragem deste *beau sabreur* não tinha igual. No entanto, por baixo deste aspecto angelical, havia qualquer coisa nos lábios que revelava um feitio petulante, uma crueldade vingativa e um gosto pelas soluções violentas.\* Uma vez convencido, era «politicamente tacanho», cumprindo as ordens com rígida obediência.

O culto que lhe prestavam só ficava aquém do de Estaline: até no Ocidente, o romancista Denis Wheatley publicou um panegírico intitulado *The Red Eagle* – «a assombrosa história do rapazinho que derrotou os soldados profissionais de três nações e é hoje o Senhor da Guerra da Rússia».

Numa nota passada à volta da mesa, Vorochilov escreveu: «Não posso fazer o discurso na fábrica de travões por causa da minha dor de cabeça.»

«Para safar o Vorochilov, proponho o Rudzutak», respondeu Estaline, sugerindo outro membro do Politburo.

Vorochilov não ia, no entanto, safar-se tão facilmente: Rudzutak recusou, de modo que Kalinine propôs que fosse Vorochilov a fazer o discurso, como lhe competia.

«Contra!», votou Vorochilov, assinando: «Vorochilov, o que tem a dor de cabeça e não pode falar!»

Se Estaline aprovava o discurso de um dos líderes, envia-lhe uma nota entusiasticamente escatológica: «Um líder mundial, A PUTA QUE O PARIU! Li o teu relatório – criticas toda a gente – a puta que os pariu!», escreveu aprovadoramente a Vorochilov, que queria mais elogios. «Diz-me mais claramente; falhei 100%, ou apenas 75%?» Replicou Estaline, no seu estilo inimitável: «Foi um bom (...) relatório. Deste umas boas palmadas no cu do Hoover, do Chamberlain e do Bukharine. Estaline.»

---

\* «Lembras-te do Marapulta?», escrevia Vorochilov a Estaline, em Outubro de 1930. «Foi condenado a cinco anos (...). Julgo que concordarás comigo que foi justamente condenado.» Noutra ocasião, Vorochilov apelou a Estaline por causa de um «semilunático» que conhecia desde 1911 e que estava preso. «O que é que eu quero que faças? Quase nada (...) mas que tenhas em conta por um instante a destruição de Minin e decisões o que fazer com ele (...).»

Também eram tratadas questões sérias: durante uma discussão do orçamento, Estaline incitou verbalmente Vorochilov a bater-se pelo seu departamento: «Estão a roubar-te, e tu calas-te.» Quando os colegas voltavam a qualquer assunto que Estaline considerava estar já decidido, recebiam uma nota por cima do tampo da mesa. «O que é isto? Ontem decidimos uma coisa a respeito do discurso, hoje estamos a decidir outra. Desorganização! Estaline.» Também as nomeações eram feitas deste modo. O tom era muitas vezes brincalhão: Vorochilov queria ir inspecionar o exército na Ásia Central:

«Koba, posso ir...? Queixam-se de que estão esquecidos.»

«A Inglaterra vai pôr-se a berrar que Vorochilov se prepara para atacar a Índia», respondeu Estaline, que queria evitar complicações no estrangeiro enquanto industrializava a Rússia.

«Manter-me-ei caladinho que nem um rato», insistiu Vorochilov.

«Pior ainda. Eles descobririam e diriam que Vorochilov andava secretamente pela região com intenções criminosas», escrevinhou Estaline. Quando se tratou de nomear Mikoian para dirigir o Comércio, Vorochilov perguntou:

«Koba, devíamos dar a Pesca ao Mikoian? Achas que ele aceitaria?» Os membros do Politburo regateavam frequentemente as nomeações. A dada altura, Vorochilov propôe a Kuibichev: «Fui o primeiro a propor a candidatura do Piatakov, numa conversa com o Molotov e o Kaganovitch, e apoiar-te-ei como teu segundo (...).»

As reuniões do Politburo chegavam a durar seis horas, esgotando o próprio Estaline.

«Olha», escreveu ele a Vorochilov, durante uma sessão, «vamos adiar isto até quarta-feira à noite. Hoje não dá. Já são 4:30 e ainda temos três questões importantes para tratar (...). Estaline.» Por vezes, dava mostras de cansaço: «As questões militares são tão graves que têm de ser discutidas seriamente, mas hoje a minha cabeça não está capaz de fazer trabalho sério.»

Estaline tinha, em todo o caso, consciência de que o Politburo podia facilmente unir-se para o demitir. Rikov, o primeiro-ministro direitista, não acreditava nos planos dele, e agora também Kalinine vacilava. Estaline sabia que podia perder a maioria, que podia até ser afastado.\* Os novos arquivos mostram quão abertamente Kalinine se lhe opunha.

«Defende os *kulaks?*», rabiscou Estaline, e empurrou o papel por cima da mesa em direção a Papa Kalinine, o antigo camponês de modos suaves, óculos redondos, barbicha e bigode de pontas caídas.

«Não os *kulaks*», respondeu Kalinine, «mas o camponês-comerciante.»

---

\* Discordavam frequentemente dele, é certo que em pequenas questões, como a da Escola Militar do Kremlin: «Parece que depois das objecções do camarada Kalinine e de outros (eu sei que outros membros do Politburo também objectam), podemos perdoar-lhes porque não se trata de um assunto importante», escreveu Estaline a Vorochilov. Tendo derrotado Kalinine em 1929, Estaline queria nomeá-lo comissário para a Educação, mas, como Vorochilov dizia a Sergo numa carta: «Como somos uma maioria unida, levámos a melhor (contra Koba).»

«Mas esqueceu os mais pobres?», voltou Estaline a escrever. «Ignorou o campesinato russo?»

«O camponês médio é muito russo, mas... e os que não são russos? Esses são os mais pobres», argumentou Kalinine.

«Agora é o presidente basuir, não o russo!», admoestou-o Estaline.

«Isso não é um argumento, é uma maldição!» A maldição de Estaline abateu-se sobre todos os que se lhe opuseram durante esta grande crise. Nunca esqueceu a traição de Kalinine. Para este ególatra neurótico e susceptível empenhado numa missão messiânica, todas as críticas eram uma luta pela sobrevivência, uma questão de pecado *versus* bondade, doença *versus* saúde. Durante meses, remoew a falta de lealdade dos que o rodeavam, porque a família e os aliados políticos estavam inextricavelmente interligados. Estaline tinha todos os motivos para se sentir paranóico. Na realidade, os bolcheviques acreditavam que a paranóia, a que chamavam «vigilância», era quase um dever religioso. Mais tarde, Estaline falaria do «medo sagrado» que os mantinha a todos, incluindo ele próprio, sempre alerta.

A sua paranóia fazia parte de um círculo vicioso pessoal que iria revelar-se fatal para muitos que o conheciam, mas era compreensível. As políticas radicais que implementava conduziam a repressões excessivas que, por sua vez, conduziam à oposição que ele mais temia. As suas reacções desequilibradas geravam um mundo em que tinha excelentes razões para ter medo. Em público, reagia a tudo isto com um humor seco e uma modesta tranquilidade, mas encontramos bastas provas das suas reacções histéricas em privado. «Não podem silenciar-me, nem manter as minhas opiniões confinadas dentro de mim», escreveu a Vorochilov, durante a luta contra os direitistas, «e no entanto proclamam: “Quero ensinar toda a gente.” Quando cessarão estes ataques contra mim? Estaline.» Este clima estendia-se à família. Uma das suas cartas para Nádia perdeu-se. Estaline vivia obcecado pelo secretismo das suas cartas e dos seus planos de viagem. Acusou impulsivamente a sogra, mas Nádia defendeu-a: «Acusas injustamente a Mamã. Acontece que a tua carta nunca foi entregue fosse a quem fosse (...). Ela está em Tíflis.»

Nádia ria-se do facto de os estudantes da Academia estarem divididos em «*kulaks*, camponeses médios e camponeses pobres», mas, ao fazê-lo, ria da liquidação de mais de um milhão de mulheres e crianças inocentes. Há provas de que informava alegremente Estaline a respeito dos seus inimigos, mas isso estava a mudar. A luta rural provocava uma divisão entre os amigos dela: os seus adorados Bukharine e Ienukidze confiavam-lhe as suas dúvidas. Os colegas «consideram-me direitista», contou, em tom de brincadeira, a Estaline, que não pode ter deixado de sentir-se preocupado ao saber que lhe atacavam a mulher numa altura em que se preparava para entrar em águas muito tempestuosas.

\* \* \*

Quando estava de férias, no Sul, Estaline soube que Riutine, um Velho Bolchevique que tinha a seu cargo o Cinema, estava a tentar criar uma oposição para o demitir.

Reagiu rapidamente, escrevendo a Molotov, a 13 de Setembro: «No que respeita a Riutine, parece impossível limitarmo-nos a expulsá-lo do partido (...), vai ser preciso afastá-lo para o mais longe possível de Moscovo. Esse miserável\* contra-revolucionário tem de ser totalmente desarmado.» Simultaneamente, organizava uma série de julgamentos-espectáculo e de «conspirações» por pseudo «destruidores», redobrava o ímpeto colectivista e acelerava a industrialização. À medida que a tensão subia, alimentou a atmosfera marcial, inventando novos inimigos para intimidar os seus verdadeiros adversários dentro do partido e os especialistas técnicos que diziam que não podia ser feito.

Ordenou freneticamente a Molotov que publicasse de imediato os testemunhos dos «destruidores», e então, «passada uma semana, anuncia que todos esses patifes foram fuzilados. É preciso matá-los a todos.»

Voltou então a sua atenção para os direitistas no governo. Ordenou uma campanha contra a especulação monetária, de que acusava os comissários das Finanças de Rikov, esses «comunistas duvidosos», Piatakov e Briukhanov. Queria sangue, e ordenou ao culto chefe da OGPU, Menzhinski, que detivesse mais «destruidores». Disse a Molotov que fuzilasse «duas ou três dúzias de sabotadores infiltrados nesses gabinetes».

E brincou a este respeito no Politburo. Quando os líderes criticaram Briukhanov, escrevinhou a Valery Mezhlauk, que fora apresentar o relatório da Gosplan, a agência de planeamento económico:

«Por todos os seus novos, presentes e futuros pecados, ser pendurado pelos tomates, e se os tomates forem fortes e não se partirem, perdoar-lhe e declará-lo inocente, mas se se partirem, atirá-lo ao rio.» Mezhlauk, que era também um exímio caricaturista, fez um desenho representando este tipo especial de tortura, com testículos e tudo. Todos, sem dúvida, hão-de ter rido a bandeiras despregadas. Mas Briukhanov foi despedido e, mais tarde, destruído.

Naquele Verão de 1930, enquanto o Décimo Sexto Congresso consagrava Estaline como líder, Nádia, que sofria de uma grave doença interna, viajou até Carlsbad, para ser tratada, e em seguida visitou Berlim, para passar algum tempo com o irmão, Pavel, e a cunhada, Zénia. Os problemas de saúde de Nádia eram complexos, misteriosos e possivelmente psicosomáticos. Os registos médicos, que Estaline conservou, mostram que, em diversas ocasiões, sofreu de «agudas dores abdominais», provavelmente causadas pelo aborto. E havia também as dores de cabeça, violentíssimas, que talvez fossem sintomas de sinosteose, uma doença em que os ossos do crânio se soldam uns aos outros, ou simplesmente causadas pelas primeiras tensões da guerra intestinal que ia dilacerar a URSS. Apesar de freneticamente ocupado a preparar o Congresso e a combater os inimigos nas aldeias e no Politburo, Estaline mostrou-se, durante todo este período, mais terno do que nunca.

---

\* *Nechist* significa um diabo impuro no folclore camponês.

## A FOME E O GRUPO DO CAMPO: ESTALINE DE FIM-DE-SEMANA

«Tatka! Como foi o teu dia? O que foi que viste? Falaste com os médicos? Que disseram eles a respeito da tua saúde? Escreve e conta-me», escrevia ele, a 21 de Junho. «Começamos o Congresso a 26 (...). As coisas não estão a correr muito mal. Tenho saudades tuas, (...) volta para casa depressa. Beijos.» E, mal o Congresso terminou, escreveu: «Tatka! Recebi as tuas três cartas. Não pude responder, estava demasiado ocupado. Agora, finalmente, estou livre (...). Não demores muito a voltar para casa. Mas fica mais tempo, se a tua saúde o tornar necessário (...). Beijos.»

\* \* \*

No Verão, Estaline, apoiado pelo formidável Sergo, engendrou uma das suas conspirações forjadas, o chamado «Partido Industrial», para implicar o presidente Kalinine, e parece ter apresentado provas de que o «Papa», um velho mulherengo, andava a gastar fundos do Estado com uma bailarina. O presidente pediu perdão.

Estaline e Menzhinski estavam em constante comunicação a respeito de outras conspirações. Estaline não se sentia seguro da lealdade do Exército Vermelho. A OGPU obrigou dois oficiais a testemunhar contra o chefe do Estado-Maior-General, Tukatchevski, o brilhante e corajoso comandante que era, desde a guerra contra a Polónia, em 1920, um dos mais acerbos inimigos de Estaline. Tukatchevski era detestado pelos oficiais menos sofisticados, que se queixavam a Vorochilov de que o arrogante comandante «troça de nós» com os seus «planos grandiosos». Estaline concordava que eram «fantásticos», e tão excessivamente ambiciosos que raiavam o contra-revolucionarismo.

Os interrogados pela OGPU acusavam Tukatchevski de planejar um golpe contra o Politburo. Em 1930, era talvez forçar demasiado a nota, mesmo para os bolcheviques. Estaline, que ainda não era ditador, sondou o seu poderoso aliado, Sergo: «Só eu próprio, o Molotov, e agora tu, sabemos (...). Será possível? Que história! Discute o assunto com o Molotov (...).» Sergo, no entanto, não foi tão longe. Não haveria detenção e julgamento de Tukatchevski naquele ano: o comandante «está, afinal, 100% limpo», escreveu despudoradamente Estaline a Molotov, em Outubro. «Ainda bem.» É interessante notar que, sete anos antes do Grande Terror, já Estaline testava as mesmas acusações contra as mesmas vítimas – um ensaio geral para 1937 –, mas não conseguiu reunir os apoios de que precisava. Os arquivos revelam uma sequela fascinante: quando compreendeu a ambiciosa modernidade das estratégias de Tukatchevski, Estaline pediu-lhe desculpa. «Agora que a questão se tornou mais clara para mim, tenho de admitir que o meu comentário foi demasiado forte e que as minhas conclusões estavam erradas.»

\* \* \*

Nádia regressou de Carlsbad e foi juntar-se a Estaline, que estava de férias. Ele, preocupado com a questão de saber como controlar Rikov e Kalinine, não a fez sentir-se bem-vinda. «Não senti que quisesse que prolongasse a minha estada, muito pelo contrário», escreveu ela antes de partir para Moscovo, onde os Molotov, os eternos abelhudos do Kremlin, «me ralharam por ter-te deixado sozinho», como escreveu iradamente ao marido. Estaline ficou irritado com os Molotov, e com o facto de Nádia ter sentido que não era desejada:

«Diz ao Molotov que está enganado. Só alguém que não conheça o meu trabalho poderia censurar-te ou fazer com que te preocipes comigo.» Nádia soube então, através do padrinho, que o marido ia adiar até Outubro o regresso a Moscovo. Estaline explicou que mentira a Ienukidze para confundir os seus inimigos:

«Tatka, dei origem a esses rumores (...) por questões de segredo. Só tu, o Molotov e talvez o Sergo conhecem a data da minha chegada.»

Próximo de Molotov e de Sergo, Estaline já não confiava num dos seus amigos mais chegados, simpatizante dos direitistas: o padrinho de Nádia, o «Tio Abel» Ienukidze. Conhecido pela alcunha de «Tonton», este veterano de muitas conspirações, dois anos mais velho do que Estaline, conhecia Koba e a família Alliluyev desde o virar do século. Também ele ex-seminarista de Tíflis, tinha criado, em 1904, a imprensa clandestina bolchevique de Batumi. Nunca foi um homem ambicioso e diz-se que recusou um lugar no Politburo, mas era amigo de toda a gente, incapaz de guardar rancores contra as oposições que derrotava, sempre disposto a ajudar os antigos companheiros. Este simpático sibarita georgiano estava bem relacionado nas Forças Armadas, no partido e no Cáucaso, personificando a incestuosa trama do bolchevismo: tivera um caso com Ekaterina Vorochilova, antes de ela casar. Apesar de tudo, Estaline continuava a apre-

ciar a companhia de Ienukidze: «Olá, Abel. Que diabo te retém em Moscovo? Vem até Sochi (...).»

Entretanto, Estaline concentrou-se no primeiro-ministro Rikov, cujo hábito da bebida se agravara ao ponto de, nos círculos do Kremlin, se chamar «rikvodka» à *vodka*.

«Que fazer a respeito do Rikov (que incontestavelmente os ajudava) e de Kalinine (...)?», escrevia a Molotov, a 2 de Setembro. «Não há dúvida de que Kalinine pecou (...). O CC tem de ser informado, para ensiná-lo a não voltar a envolver-se com aquela escumalha.»

Kalinine foi perdoado... mas o aviso era claro: nunca mais voltou a contrariar Estaline, tornou-se uma casca política vazia de conteúdo, aprovando cobardemente todos os excessos do *Vozhd*. E, no entanto, Estaline gostava de Papa Kalinine, e gostava das jovenzinhas bonitas que encontrava nas festas dele, em Sochi. O eco do êxito dos seus «belos» encantos depressa chegou aos ouvidos da semi-indulgente semicumenta Nádia, em Moscovo.

«Soube por uma bela jovem», escrevia ela, «que estavas muito bonito no jantar de Kalinine, notavelmente bem-disposto, e que puseste toda a gente a rir, apesar de se sentirem intimidados pela tua augusta presença.»

A 13 de Setembro, Estaline comentou com Molotov que «o cume do Estado sofre de uma terrível doença (...). É preciso tomar medidas. Mas o quê? Falo contigo quando regressar a Moscovo (...).» Expôs mais ou menos o mesmo pensamento a outros membros do Politburo, que sugeriram o nome dele para substituir Rikov.

«Caro Koba», escreveu Vorochilov, «o Mikoian, o Kaganovitch, o Kuibichév e eu próprio pensamos que o melhor resultado seria a unificação da chefia do Sovnarkom e nomear-te a ti para o cargo, uma vez que queres assumir a liderança com todo o vigor. Não estamos em 1918-21, mas a verdade é que Lenine chegou a chefiar o Sovnarkom.» Kaganovitch insistia em que tinha de ser Estaline. Sergo concordava. Também Mikoian escreveu a contar que, na Ucrânia, «destruíram a colheita do ano passado – muito perigoso (...). Precisamos hoje de uma liderança forte de um chefe único, como nos tempos de Illitch [Lenine], e a melhor solução é seres tu o candidato ao lugar (...). Não sabe já a humanidade inteira quem é o governante do nosso país?»

No entanto, nunca ninguém ocupara simultaneamente os cargos de secretário-geral e primeiro-ministro. Além disso, poderia um estrangeiro, um georgiano, governar oficialmente o país? Por tudo isto, Kaganovitch apoiou o candidato proposto por Estaline, Molotov.

– Devias substituir o Rikov – disse Estaline a Molotov.

A 21 de Outubro, Estaline descobriu uma nova traição: Sergei Sirtsov, candidato a membro do Politburo e um dos seus protegidos, era acusado de conspirar contra ele. A denúncia fazia já parte do ritual e do dever bolcheviques – os arquivos de Estaline

---

\* O próprio Lenine tinha governado como primeiro-ministro (presidente do Sovnarkom) de 1917 a 1924. Quando morreu, o seu sucessor natural, Kamenev, não ascendera ao cargo pelo facto de ser judeu, e não russo. Por isso, Rikov ficara com o lugar.

estão cheios de cartas deste tipo. Sirtsov foi chamado à presença do Comité Central. Implicou o primeiro-secretário do partido transcaucasiano, Beso Lominadze, um velho amigo tanto de Estaline como de Sergo. Lominadze admitiu ter participado em algumas reuniões secretas, mas afirmou que só desaprovava a equiparação de Estaline a Lenine. Como sempre, Estaline reagiu melodramaticamente:

«É uma baixeza inimaginável (...). Brincaram a organizar um golpe, brincaram ao Politburo e desceram até às mais negras profundidades (...).» Então, passada a erupção, perguntava a Molotov: «E contigo, como vão as coisas?»

Sergo queria-os expulsos do partido, mas Estaline, que já se apercebera, pelas suas sondagens no caso Tukatchevski, de que não detinha ainda uma posição suficientemente forte, limitou-se a expulsá-los do Comité Central. Há um pequeno mas importante pós-escrito a este episódio: Sergo Ordzhonikidze protegeu o seu amigo Lominadze, não revelando todas as suas cartas ao CC. Em vez disso, foi ter com Estaline e entregou-lhas pessoalmente. Estaline ficou chocado. Por que não ao CC?

– Porque lhe dei a minha palavra – respondeu Sergo.

– Como pudeste? – exaltou-se Estaline, acrescentando, mais tarde, que Sergo se comportara não como um bolchevique mas «como (...) um príncipe. Disse-lhe que não queria fazer parte do segredo dele (...).» Posteriormente, tudo isto assumiria um significado terrível.

A 19 de Dezembro, reuniu um Plenário para consolidar as vitórias de Estaline sobre os seus adversários. Os Plenários eram reuniões do todo-poderoso Comité Central, que Estaline comparava a um «Areópago», no imenso salão, transformado para o efeito, do Grande Palácio do Kremlin, com painéis de madeira escura a forrar as paredes e compridos bancos de madeira, como uma sombria igreja puritana. Era ali que os potentados centrais e os vice-reis regionais, que governavam fatias do país como primeiros-secretários de repúblicas e cidades, se reuniam como um medieval Conselho de Barões. Aqueles encontros faziam lembrar extraordinariamente o coro de uma qualquer maldosa assembleia evangélica, com constantes interjeições de «Certo!», ou «Bestas!», ou simples gargalhadas. Este foi um dos últimos Plenários em que a velha tradição bolchevique de discussão intelectual e de verve espirituosa ainda esteve presente. Vorochilov e Kaganovitch entraram em confronto com Bukharine, que fazia o seu papel de apoianta da linha de Estaline, agora que a sua própria linha direitista tinha sido derrotada:

– Fizemos bem em esmagar os desvios direitistas mais perigosos – afirmou Bukharine.

– E os que foram infectados por eles! – gritou Vorochilov.

– Se estás a falar de destruição física, deixo isso para aqueles dos nossos camaradas que são (...) mais dados a excessos sanguinolentos.

Houve risos, mas as graças começavam a tornar-se sinistras. Era, por enquanto, impensável que o círculo íntimo pudesse ser fisicamente tocado, mas, mesmo assim, Kaganovitch exortou Estaline a ser mais duro para com a oposição, ao mesmo tempo

que Vorochilov afirmava que «a Procuradoria deve tornar-se um órgão muito activo (...).»

O Plenário afastou Rikov do lugar de primeiro-ministro, para o qual nomeou Molotov.\* Sergo entrou para o Politburo e assumiu a chefia do Supremo Conselho Económico, o colosso industrial que regia todo o Plano Quinquenal. Era o *bulldozer* ideal para empurrar para a frente a industrialização. As novas promoções, e este renovado impulso para que se completasse o Plano no espaço de quatro anos, desencadearam uma infinidade de confrontos entre os potentados. Cada um defendia os seus próprios comissariados e apoiantes. Quando mudavam de lugar, tendiam a mudar também de devoções: como presidente da Comissão de Controlo, Sergo apoiara as campanhas contra os sabotadores e os destruidores na indústria. A partir do momento em que assumiu a condução da Indústria, passou a defender os especialistas. Começou a ter discussões constantes com Molotov, «de quem não gostava muito», a propósito dos orçamentos. Não havia um grupo radical: todos eles eram mais ou menos extremistas, consoante as ocasiões. O próprio Estaline, principal arquitecto do Terror, fez um caminho bem sinuoso para chegar à sua revolução.

Estaline arbitrava as discussões, que se tornaram de tal modo violentas que Kuibichev, Sergo e Mikoian ameaçaram demitir-se, em defesa dos respectivos cargos: «Caro Estaline», escrevia friamente Mikoian, «os teus dois telegramas deixaram-me tão desapontado que não consegui trabalhar durante dois dias. Aceito todas as críticas (...) excepto ser acusado de falta de lealdade ao CC e a ti (...). Sem o teu apoio pessoal, não posso continuar como *narkom* do Comércio e Abastecimentos (...) é melhor procurar outro candidato, mas arranja-me outro trabalho (...).» Estaline pediu desculpa a Mikoian, como tantas vezes teve de pedir desculpa a outros. Os ditadores não precisam de desculpar-se. Entretanto, Andreiev regressou de Rostov para chefiar a disciplinadora Comissão de Controlo, enquanto Kaganovitch, com apenas trinta e sete anos, se tornava adjunto de Estaline, juntando-se ao secretário-geral e a Molotov num triunvirato governante.

\* \* \*

«Impetuoso e viril», alto e forte, com compridos cabelos negros, grandes pestanas e «belos olhos castanhos», Lazar Moiseievitch Kaganovitch era um viciado no trabalho, sempre a brincar nervosamente com um *komboloi* de contas de âmbar ou uma corrente de relógio. Sapateiro de profissão com um mínimo de instrução primária, a primeira coisa para que olhava, num homem, era para as botas. Se ficava impressionado pelo trabalho do artesão, não raro pedia ao interlocutor que as descalçasse para poder exa-

---

\* Estaline anunciou orgulhosamente o facto ao escritor Máximo Gorki, que se encontrava em Itália: «É um líder moderno, corajoso e inteligente – o verdadeiro nome dele é Scriabin.» (Terá Estaline, sempre um *snob* intelectual, acrescentado o apelido para impressionar Gorki com uma falsa associação de Molotov ao compositor, com o qual não tinha qualquer parentesco?)

miná-las em cima da secretária, onde ainda conservava um estojo de ferramentas especialmente gravado, oferta de um qualquer grupo de trabalhadores agradecidos.

Modelo perfeito do moderno gestor macho, Kaganovitch tinha um feitio explosivo, como o seu amigo Sergo. Nunca tão feliz como quando tinha um martelo na mão, batia com frequência nos seus subordinados ou levantava-os do chão, agarrados pelas lapelas. No entanto, politicamente, era cauteloso, «rápido e astuto». Estava em constante conflito com o meticuloso Molotov, que o considerava «rude, duro e austero, muito enérgico, um bom organizador que falhava (...) na área da teoria» mas que era um líder «muito dedicado a Estaline». Não obstante um marcado sotaque judaico, Sergo julgava-o o melhor orador do grupo: «Prendia verdadeiramente os ouvintes!» Gestor agressivo, tão impetuoso e esforçado que lhe chamavam «A Locomotiva», Kaganovitch «não só sabia aplicar pressão», dizia Molotov, «como era ele próprio um pouco rufião». «Fazia com que as coisas fossem feitas», no dizer de Khrushchev. «Se o CC lhe pusesse um machado nas mãos, cortaria a direito», mas destruiria «as árvores saudáveis juntamente com as podres.» Estaline chamava-lhe «Lazar de Ferro».

Nascido em Novembro de 1893, numa choupana da remota aldeia de Kabana, nas terras fronteiriças entre a Ucrânia e a Bielorrússia, no seio de uma família pobre de judeus ortodoxos com cinco filhos e uma filha – todos a dormir no mesmo quarto –, Lazar, o mais novo, foi recrutado para o partido por um dos irmãos, em 1911, e militou na Ucrânia sob o improvável nome de «Kocherovitch».

Lenine notou-lhe as qualidades de um líder em ascensão: era, na verdade, muito mais notável do que parecia. Constantemente a ler na sua vasta biblioteca, auto-educando-se com livros de História czaristas (e romances de Balzac e Dickens), este «trabalhador-intelectual» foi o cérebro por trás da militarização do Estado-partido. Em 1918, com apenas vinte e quatro anos, governou e aterrorizou Nijni Novgorod. Em 1919, exigiu uma ditadura mais estrita, apelando à disciplina militar do «Centralismo». Em 1924, escrevendo numa prosa clara mas fanática, foi ele quem concebeu a maquinaria daquilo que viria a ser o «estalinismo». Depois de gerir a secção de nomeações do CC, o «Lazar de Ferro» foi enviado para gerir a Ásia Central e, logo a seguir, em 1925, a Ucrânia, antes de regressar a Moscovo, em 1928, e, em 1930, durante o Décimo Sexto Congresso, ser admitido no Politburo como membro de pleno direito.

Kaganovitch e a mulher, Maria, conheceram-se, romanticamente, no decurso de uma missão secreta em que os dois jovens bolcheviques tinham de fingir estar casados: acharam os papéis fáceis de desempenhar, porque se apaixonaram um pelo outro e casaram de verdade. Sentiam-se tão felizes juntos que estavam sempre de mãos dadas, mesmo quando viajavam nas limusinas do Politburo, criando a filha e o filho adoptivo num lar cheio de amor, muito judaico. Temperamental e emotivo, Lazar era um atleta que praticava esqui e equitação, mas tinha um fraquíssimo instinto de autopreservação. Como judeu, Kaganovitch sabia-se vulnerável, e Estaline tinha o máximo cuidado em proteger o seu camarada contra qualquer forma de anti-semitismo.

Foi ele o primeiro verdadeiro estalinista, cunhando a palavra durante um jantar em Zubalovo.

– Toda a gente fala constantemente de Lenine e de leninismo, mas Lenine morreu há muito tempo. Viva o estalinismo!

– Como te atreves a dizer semelhante coisa? – retorquiu Estaline, modestamente.  
– Lenine era uma alta torre, Estaline não passa de um pequeno dedo.

Kaganovitch sempre tratou Estaline muito mais reverentemente do que Sergo ou Mikojan: era, dizia Molotov desdenhosamente, «duzentos por cento estalinista». Admirava de tal maneira o *Vozhd*, admitia, que «quando vou falar com Estaline, tento não me esquecer de nada! Estou sempre preocupadíssimo. Preparo todos os documentos que levo na pasta e encho os bolsos de cábulas, como um colegial, porque nunca se sabe o que Estaline pode perguntar.» Estaline reagia a este respeito estudantil da parte de Kaganovitch ensinando-lhe ortografia e pontuação, mesmo sendo ele tão poderoso. «Reli a sua carta», escrevia Kaganovitch a Estaline, em 1931, «e apercebi-me de que não cumpri a sua directiva de dominar a pontuação. Comecei, mas ainda não o consegui, mas sou capaz de fazê-lo, apesar da minha carga de trabalho. Vou tentar usar pontos e vírgulas em cartas futuras.» Considerava Estaline o «Robespierre» russo e recusava tratá-lo por «tu»: «Alguma vez trataram Lenine por “tu”?»

A sua brutalidade era, porém, mais importante, e mais apreciada, do que a pontuação: esmagara recentemente uma série de revoltas camponesas, desde o Norte do Cáucaso ao Oeste da Sibéria. Sucedendo a Molotov como patrão de Moscovo e herói de um culto que se aproximava do de Estaline, Lazar de Ferro iniciou a construção vandalística de uma metrópole bolchevique, dinamitando entusiasticamente velhos edifícios históricos.

No Verão de 1931, uma grave escassez de alimentos no campo começava a degenerar em penúria. Enquanto, em meados de Julho, o Politburo suavizava a sua campanha contra os especialistas industriais, a luta rural continuava. A GPU e os 180.000 trabalhadores do partido enviados das cidades usaram as armas, os linchamentos e o Gulag para submeter os camponeses. Mais de dois milhões foram deportados para a Sibéria ou para o Cazaquistão; em 1930, havia 179.000 nos Gulags; em 1935, eram quase um milhão. O Terror e os trabalhos forçados tornaram-se a essência da acção do Politburo. Numa folha de papel coberta de rabiscos, Estaline escrevinhou com um grosso lápis azul:

1. Quem pode fazer as detenções?
2. Que fazer com os ex-militares brancos nas nossas fábricas industriais?
3. As prisões devem ser esvaziadas de presos. [Queria-os sentenciados mais rapidamente, para arranjar espaço para os *kulaks*.]
4. Que fazer com os diferentes grupos detidos?
5. Permitir (...) deportações: Ucrânia 145.000. Cáucaso N. 71.000. Baixo Volga 50.000 (muitos!). Bielorrússia 42.000 (...). Sibéria Ocidental 50.000. Sibéria Oriental 30.000 (...).

A lista continuava, até perfazer um total de 418.000 exilados. Entretanto, anotava à mão as quantidades de cereais e de pão em pedaços de papel,\* como um merceeiro de aldeia a governar um império.

\* \* \*

«Saiamos da cidade», escrevia, por esta altura, Estaline a Vorochilov, que lhe respondia na mesma nota:

«Koba, podes receber (...) o Kalmikov por cinco minutos?»

«Posso», assentia Estaline. «Vamos para fora e levamo-lo connosco.» A guerra de extermínio nos campos de modo algum restringia a vida «clube-de-campo» dos potentes. Pouco depois da Revolução, tinham-lhes sido atribuídas *dachas* onde, muitas vezes, se faziam os verdadeiros jogos do poder.

No centro desta vida idílica estava Zubalovo, perto de Usovo, a 35 quilómetros de Moscovo, onde Estaline e vários outros tinham as suas *dachas*. Antes da Revolução, um nababo do petróleo de Baku, chamado Zubalov, construirá duas propriedades muradas, cada uma com uma mansão, para o filho e para ele próprio. Havia, ao todo, quatro casas, *dachas* góticas de tectos pontiagudos ao estilo alemão. Os Mikoian partilhavam a Casa Grande de Zubalovo Dois com um comandante do Exército Vermelho, um comunista polaco e Pavel Alliluyev. Vorochilov e outros comandantes partilhavam a Casa Pequena. As esposas e os filhos visitavam-se constantemente uns aos outros — a família alargada da Revolução a desfrutar um Verão chekoviano.

A Zubalovo Um, de Estaline, era um mundo mágico para as crianças. «Era uma vida de autêntica liberdade», recorda Artyom. «Tanta felicidade», evoca Svetlana. Os pais viviam no piso superior; os filhos, no inferior. Os jardins eram «soalheiros e luxuriantes», escreveu Svetlana. Estaline era um entusiasta da jardinagem, embora preferisse inspecionar e podar rosas ao verdadeiro trabalho. As fotografias mostram-no a passear no jardim, com os filhos pequenos. Havia uma biblioteca, uma sala de bilhar, um banho russo e, mais tarde, um cinema. Svetlana adorava esta «vida feliz e resguardada», com as suas hortas, pomares e uma quinta onde ordenhavam vacas e alimentavam gansos, galinhas, galinholas, gatos e coelhos brancos. «Tínhamos uns lilases brancos enormes, lilases vermelhos-escuros, jasmins, que a minha mãe adorava, e um arbusto que cheirava a limão. Passeávamos pelos bosques com a ama. Apanhávamos amoras e groselhas e cerejas.»

«A casa de Estaline», recorda Artyom, «enchia-se de amigos.» Os pais de Nádia, Sergei e Olga, estavam sempre lá — apesar de, na altura, estarem separados. Ficavam em extremos opostos da casa, mas discutiam à mesa. Enquanto Sergei gostava de consertar tudo o que estivesse avariado e convivia com os criados, Olga, segundo Svetlana, «pu-

\* Ao longo da sua carreira, manteve sempre o registo daquilo a que se poderia chamar as jóias da coroa, as reservas de ouro soviéticas e o número de tanques deixados de reserva para a batalha de Moscovo, em 1941, anotados no seu bloco de notas pessoal. Interessava-se particularmente pela produção de ouro, quase toda a cargo de mão-de-obra forçada.

nha-se no papel de grande dama e adorava a sua elevada condição, coisa que a minha mãe nunca fez».

Nádia jogava ténis com um imaculado Vorochilov, quando ele estava sóbrio, e com Kaganovitch, que ia para o *court* de dólman e botas altas. Mikoian, Vorochilov e Budeny<sup>\*</sup> montavam cavalos fornecidos pelo exército. Se era Inverno, Kaganovitch e Mikoian esquiavam. Molotov puxava o trenó da filha como uma pileca a puxar um arado de camponês. Vorochilov e Sergo eram caçadores ávidos. Estaline preferia o bilhar. Os Andreev eram escaladores de rochas, um entretenimento que consideravam muito bolchevique. Mesmo em 1930, Bukharine aparecia frequentemente em Zubalovo, com a mulher e a filha. Levava consigo alguns dos muitos animais que tinha – as suas raposas domesticadas corriam pelos jardins. Nádia gostava de «Bukarchik» e passeavam muitas vezes juntos. Também Ienukidze fazia parte desta família alargada. Mas havia igualmente trabalho que fazer.

\* \* \*

As crianças estavam habituadas aos guarda-costas e aos secretários: os guarda-costas faziam parte da família. Pauker, chefe do Directorado dos Guardas, e Nikolai Vlasik, guarda-costas pessoal de Estaline, estavam sempre presentes. «O Pauker era muito divertido. Gostava de crianças, como todos os judeus, e não era nada convencido, mas o Vlasik pavoneava-se de um lado para o outro, como um peru recheado», diz Kira Alliluyeva, a sobrinha de Estaline.

Karl Pauker, com trinta e seis anos, era o preferido da miudagem, e importante para o próprio Estaline. Símbolo da cultura cosmopolita da Cheka da época, este judeu húngaro fora cabeleireiro da Ópera de Budapeste antes de ser mobilizado para o exército austro-húngaro, capturado pelos russos, em 1916, e convertido ao bolchevismo. Era um actor exímio, a quem Estaline costumava pedir que imitasse sotaques, especialmente judaicos. Rotundo, sempre enfiado num (muito troçado) espartilho para tentar disfarçar a barriga, calvo, perfumado, com uma sensual boca de lábios muito vermelhos, este histrião nato adorava os elaborados uniformes da OGPU e passeava-se alcandorado em botas com saltos de quatro centímetros e meio. Ocasionalmente, voltava à sua antiga profissão de cabeleireiro, barbeando Estaline como um vulgar criado de quarto, usando pó de talco para esconder as marcas da varíola. Fornecedor de

\* O inspector da Arma de Cavalaria do Exército Vermelho, Semyon Budeny, nascido no Don cossaco, era um antigo sargento dos Dragões do czar, condecorado, durante a Grande Guerra, com a fita de Cavaleiro de São Jorge, a mais alta distinção possível. Serviu primeiro o czar, depois a Revolução, e depois Estaline, pessoalmente, até ao fim dos seus dias, distinguindo-se em Tsaritsyn, no Décimo Exército de Vorochilov, e conquistando fama mundial como comandante do Primeiro Exército de Cavalaria. Quando Babel publicou as suas histórias sobre a *Cavalaria Vermelha*, em que falava da crueldade, do lirismo e do machismo dos cossacos e da taciturna implacabilidade (e dos «deslumbrantes dentes brancos») de Budeny, o furioso comandante tentou suprimi-las. Nunca tendo chegado ao Politburo, continuou a ser um dos íntimos de Estaline até à guerra, e, apesar de sempre devotado à cavalaria, estudou duramente para modernizar os seus conhecimentos militares.

guloseimas, carros e novos produtos aos membros do Kremlin, guardava os segredos das vidas íntimas dos potentados e dizia-se que costumava «arranjar» raparigas para Kalinine, Vorochilov e Estaline.

Gostava de mostrar às crianças o seu *Cadillac*, um presente de Estaline. Muito antes de o *Vozhd* ter autorizado a reintrodução da árvore de Natal, em 1936, já Pauker fazia de Pai Natal, distribuindo presentes pelo Kremlin e organizando festas natalícias para as crianças. O homem da polícia secreta como Pai Natal é bem o símbolo deste estranho mundo.

A outra figura que nunca andava muito longe era o *chef de cabinet* de Estaline, Alexandre Poskrebichev, de trinta e nove anos, que atravessava constantemente os jardins de Zubalovo para entregar a papelada mais recente. Baixo, calvo, de cabelos avermelhados, este filho de um sapateiro dos Urales tinha estudado para enfermeiro e costumava organizar reuniões bolcheviques no seio da sua unidade médica. Quando Estaline o descobriu a trabalhar no CC, disse-lhe: «Tem um aspecto horrível. Vai aterrorizar as pessoas.» Este «anão de ombros estreitos» era «pavorosamente feio», parecendo «um macaco», mas tinha uma «memória excelente e era meticoloso no seu trabalho». O seu Sector Especial era o coração da máquina de poder de Estaline. Poskrebichev preparava e assistia às reuniões do Politburo.

Quando Estaline exercia o seu patronado, ajudando, por exemplo, um protegido a conseguir um apartamento, era Poskrebichev quem de facto se encarregava do trabalho. «Peço-lhe que OS AJUDE IMEDIATAMENTE», escrevia-lhe Estaline, tipicamente. «Informe-me por carta sobre o rápido e exacto cumprimento deste pedido.» Perdida até agora nos arquivos, temos hoje ao nosso dispor a correspondência de Estaline com Poskrebichev. Nela, vemos como costumava espicaçar o seu secretário: «Recebo jornais ingleses, mas alemães não, (...) porquê? Será possível que tenha cometido um erro? Será burocratismo? Cumprimentos. J. Estaline.» Por vezes, o pobre homem metia-se em sarilhos. Em 1936, encontramos numa «lista de coisas que fazer» de Estaline: «1. Perdoar ao Poskrebichev e aos amigos.»

O rosto triste e deformado deste Quasímodo era uma espécie de cata-vento do humor do amo. Se se mostrava amistoso, a pessoa estava nas boas graças. Se não, por vezes murmurava, «Hoje está tramado.» Os *cognoscenti* sabiam que a melhor maneira de conseguir que Estaline lesse as cartas deles era dirigir-las a Alexandre Nicolaievitch. No trabalho, Estaline chamava-lhe camarada, mas em casa era «Sacha», ou «o Chefe».

Poskrebichev era meio bufão, meio monstro, mas, mais tarde, sofreu dolorosamente às mãos de Estaline. Segundo a filha, Natalya, tinha pedido para estudar medicina, mas o *Vozhd* obrigou-o a estudar economia. No fim, porém, foi este enfermeiro meio formado que proporcionou a Estaline os únicos cuidados médicos que teve.

\* \* \*

Estaline levantava-se tarde, por volta das onze, tomava o pequeno-almoço e trabalhava todo o dia com montes de papéis, que carregava de um lado para o outro embru-

lhados num jornal – não gostava de pastas. Quando estava a dormir, os pais, ansiosos, pediam aos filhos que não fizessem barulho.

A grande refeição do dia era um farto lanche-ajantarado, entre as três e as quatro da tarde, que reunia toda a família e, claro, metade dos membros do Politburo e as respectivas esposas. Quando havia visitas, Estaline gostava de fazer o papel de anfitrião georgiano. «Era elaboradamente hospitalero, à maneira asiática», recorda Leonid Redens, o sobrinho. «Era muito meigo para as crianças.» Quando os rebentos dos Estaline precisavam de alguém com quem brincar, tinham sempre os primos Alliluyev, filhos de Pavel, Kira, Sacha e Sergei, e os rapazes mais novos de Ana Redens. E havia também a família bolchevique: os simpáticos filhos de Mikojan, a quem Estaline chamava Mikojanchiks, só tinham de vir da porta ao lado.

As crianças brincavam todas juntas, mas Svetlana descobriu que havia muito mais rapazes do que raparigas. O irmão, Vassili, tiranizava-a e gostava de pavonear-se contando-lhe histórias de cariz sexual que, segundo ela admitiria mais tarde, a perturavam intensamente. «Estaline era muito amoroso para com a Svetlana, mas não gostava verdadeiramente dos rapazes», recorda Kira. Inventou uma rapariga imaginária, chamada Lelka, que era o alter-ego perfeito da filha. O fraco Vassili era já nessa altura um problema. Nádia apercebia-se disto e dava-lhe uma atenção especial. Mas os pais bolcheviques não criavam os filhos: confiavam essa tarefa a amas e a preceptores. «Éramos como uma família aristocrática da época vitoriana», diz Svetlana. «E os outros também, os Kaganovitch, os Molotov, os Vorochilov (...). Mas todas as senhoras daquele círculo superior trabalhavam, de modo que a minha mãe não me vestia nem me dava de comer. Não me lembro de alguma vez ter tido para comigo uma manifestação de afecto físico, mas gostava muito do meu irmão. Sei que me amava, mas era uma disciplinadora.» Certa vez, quando cortou uma toalha de mesa, a mãe bateu-lhe com força.

Estaline beijava e abraçava Svetlana com um «transbordante afecto georgiano», mas a filha confessaria, mais tarde, que não gostava «do cheiro a tabaco dele nem do eriçado bigode, que a picava». A mãe, cujo amor era tão difícil de conseguir, tornou-se, aos olhos dela, a santa intocável.

\* \* \*

Os bolcheviques, que acreditavam ser possível criar um «Homem Novo» leninista, davam uma enorme importância à educação.\* Os potentados eram autodidactas semi-instruídos que nunca cessavam de estudar, pelo que esperavam dos filhos que

\* O ex-secretário de Estaline, na altura director editorial do *Pravda*, mantinha um «diário bolchevique» para o seu recém-nascido filho, Leonid, ao qual confiava a louca e fanática fé no comunismo para a qual estava a criar «este homem do futuro, este Homem Novo». A 2 de Janeiro de 1923, o orgulhoso pai recorda como pôs uma foto de Lenine, «com uma fita vermelha», no carrinho do bebé: «O bebé olha muitas vezes para a fotografia.» Estava a treinar o filho «para a luta».

trabalhassem duro e crêsessem muito mais cultos do que os pais, falando três línguas que lhes eram ensinadas por explicadores especiais. (Os filhos de Estaline e de Molotov partilhavam o mesmo explicador de inglês.)

O partido não vinha simplesmente *à frente* da família, era *über-família*: Quando Lenine morreu, Trotski disse que tinha «ficado órfão», e Kaganovitch já chamava a Estaline «o nosso pai». Estaline fazia prelecções a Bukharine, explicando-lhe que «o elemento individual (...) não vale um tostão. Não somos um círculo familiar nem um grupo de velhos amigos – somos o partido político da classe trabalhadora.» Estes homens e mulheres cultivavam a frieza.\* «Um bolchevique deve amar mais o seu trabalho do que a própria mulher», dizia Kirov. Os Mikoian eram uma família arménia, muito unida, mas Anastas era um «pai austero, exigente, severo, mesmo», que nunca esquecia a sua condição de membro do Politburo e de bolchevique: quando batia no filho, dizia, ao ritmo das palmadas: «Não és TU que és Mikoian, sou EU!». A mãe de Stepan Mikoian, Achken, «por vezes “distraía-se” e abraçava-nos». Certa vez, num jantar no Kremlin, Estaline disse a Ienukidze: «Um verdadeiro bolchevique não deve nem pode ter uma família, porque tem de dar-se inteiramente ao partido.» Nas palavras de um veterano: «Se é preciso escolher entre o partido e o indivíduo, escolhe-se o partido, porque o partido tem um objectivo geral, o bem de muitas pessoas, mas uma pessoa é apenas uma pessoa.»

Estaline, no entanto, chegava a ser muito indulgente com as crianças, oferecendo-lhes passeios pela propriedade na limusina. «Julgo que o “Tio Estaline” gostava verdadeiramente de mim», escreve Artyom. «Eu respeitava-o, mas não tinha medo dele. Ele conseguia tornar as conversas interessantes. Fazia-nos sempre formular os pensamentos como se fôssemos adultos.»

«Vamos fazer o jogo de partir ovos – ver quem consegue partir primeiro o seu?», dizia Estaline ao sobrinho Leonid, quando eram servidos ovos cozidos. Divertia as crianças atirando cascas de laranja ou rolhas de garrafa para o gelado ou biscoitos para dentro das chávenas de chá. «Nós achávamos divertidíssimo», recorda Vladimir Redens.

Era uma tradição caucasiana deixar que os bebés chupassem vinho dos dedos dos adultos e, quando cresciam mais um pouco, dar-lhes pequenos copos de vinho. Estaline dava frequentemente a Vassili, e mais tarde a Svetlana, pequenos golos de vinho, que pareciam inofensivos (embora Vassili tenha morrido de alcoolismo), mas que enfureciam a severa Nádia. Estavam constantemente a discutir por causa disto. Quando Nádia ou a irmã protestavam, Estaline limitava-se a rir:

– Não sabem que é medicinal?

Certa vez, Artyom fez uma coisa que podia ter-se tornado muito séria, porque nessa altura Estaline era já altamente desconfiado. «Quando os líderes estavam a trabalhar

\* Kirov, por exemplo, não via as irmãs havia vinte anos quando foi assassinado, e nem sequer se dera ao incômodo de lhes dizer quem era. Só o descobriram quando leram nos jornais que o famoso Kirov era o seu irmão Kostrikov.

na sala de jantar», o jovem Artyom reparou na terrina, que, como de costume, fora deixada em cima do aparador. O rapazito deslizou sem ser visto por trás das costas de Estaline, Molotov e Vorochilov e espalhou um pouco do tabaco de Estaline por cima da sopa. Ficou então à espera, a ver se a comiam. «Molotov e Vorochilov provaram a sopa e encontraram o tabaco. Estaline perguntou quem tinha feito aquilo. Eu disse que tinha sido eu.»

– Já provaste? – perguntou Estaline.

Artyom abanou a cabeça.

– Bem, está deliciosa – disse Estaline. – Prova, e se gostares podes ir dizer a Carolina Vassilevna [Til, a governanta] que passe a pôr sempre tabaco na sopa. Se não, é melhor não voltares a fazê-lo.

As crianças tinham consciência de que viviam num lar político. «Olhávamos para tudo com humor e ironia», conta Leonid Redens. «Quando Estaline demitiu um comissário, achámos tudo aquilo divertido.» Um divertimento que não continuaria a ter graça durante muito mais tempo.

Este grupo de alegres convivas sabia das inomináveis depredações que se praticavam nos campos. Stanislas Redens, cunhado de Estaline e de Nádia, era o chefe da GPU na Ucrânia, no centro da vaga de fome, um cargo que implicava um conhecimento e uma participação íntimas: não há a mínima dúvida de que a mulher dele falava com Nádia a respeito da tragédia ucraniana – que, pouco depois, acabaria por envenenar não só o casamento de Estaline, mas a própria família bolchevique.

## FÉRIAS E INFERNO: O POLITBURO À BEIRA-MAR

Em finais de 1931, Estaline, Nádia e a maior parte dos potentados estavam já de férias quando a escassez de alimentos se transformou em penúria. As férias eram uma coisa que este grupo levava muito a sério. Na realidade, cerca de 10% da correspondência trocada entre os membros do círculo mais chegado de Estaline, mesmo durante os piores anos da fome, tinham a ver com férias. (Outros 20% diziam respeito a questões de saúde.) Cunhas e o recurso a redes de influências durante as férias eram a melhor maneira de chegar ao conhecimento de Estaline: fizeram-se mais carreiras e teceram-se mais intrigas naqueles soalheiros alpendres do que nas nivosas muralhas do Kremlin.\*

Havia um ritual estabelecido para fazer estas férias: a questão era formalmente posta ao Politburo, «para propor a concessão de uma semana de férias ao camarada Estaline», mas em finais dos anos 20 as férias tinham passado de «vinte dias» para um ou dois meses, «por sugestão dos médicos». Uma vez definidas as datas, o secretário de Estaline enviava um memorando a Lagoda, informando-o do calendário «para garantir a seleção atempada de guarda-costas».

Os potentados partiam em comboios particulares, guardados por tropas da OGPU, em direcção ao Sul e à Riviera soviética – as *dachas* e as casas de saúde do Politburo espalhavam-se desde a Criméia, a oeste, até à estância termal georgiana de Borzhomi, a leste. Molotov preferia a Crimeia, mas Estaline era um adepto indefectível do quente

---

\* Estas longas férias eram geralmente propostas por colegas, e por isso os decretos muitas vezes diziam: «Por proposta de Ordzhonikidze», ou «Aprovada a proposta dos camaradas Molotov, Kaganovitch e Kalinine para conceder ao camarada Estaline vinte dias de férias.»

litoral do mar Negro, desde Sochi até às cidades semitropicais de Sukhumi e Gagra, na Abcázia. Todas estas instalações eram propriedade do Estado, mas havia o entendimento de que quem tivesse supervisionado a construção tinha direitos preferenciais em termos de uso.

Os potentados deslocavam-se para se visitarem uns aos outros, pedindo autorização para não estragarem as férias a ninguém, mas tendiam naturalmente a concentrar-se à volta de Estaline. «Estaline gostaria de ir a Mukhalatka [na Crimeia],<sup>\*</sup> mas não quer atrapalhar seja quem for. Pede ao Iagoda que organize os guarda-costas (...).»

Havia em tudo isto um lado negro. A GPU planeava cuidadosamente a viagem de comboio de Estaline, que, durante a Fome, era sempre acompanhado por um comboio carregado de provisões. Se, à chegada, o pessoal achasse que havia mesmo assim falta de alimentos para Estaline e os seus convidados, os assistentes enviavam imediatamente «um telegrama para Orel e Kursk», a pedir mais. Relatavam, orgulhosamente, que durante a viagem tinham conseguido preparar refeições quentes para Estaline. «Quanto à GPU», escrevia um dos assistentes, «há muito que fazer, foram levadas a cabo detenções em massa», e continuavam a trabalhar, perseguindo «os que restam (...). Foram capturados dois bando de malfeiteiros.»

Os gostos de Estaline em matéria de casas de férias foram mudando com o tempo, mas, nos anos 30, a Dacha n.º 9, em Sochi, era a sua preferida. Krasnaya Polyana, o Prado Vermelho, era «uma casa de madeira com um alpendre exterior a toda a volta», conta Artyom, que passava geralmente as férias com o «Tio Estaline».† A casa ficava no topo da colina, enquanto as de Molotov e Vorochilov se situavam simbolicamente no vale. Quando Nádia fazia férias com o marido, convidavam regra geral uma família alargada, incluindo Ienukidze e o obeso poeta proletário Demian Bedni. Competia ao pessoal de Estaline, bem como à polícia secreta e aos patrões locais, preparar a casa antes da chegada do *Vozhd*: «A vivenda (...) foi 100% renovada», escrevia um dos assistentes, «como que pronta para uma grande festa», com todos os frutos imagináveis.

Gostavam de fazer férias em grupo, como que numa «república» universitária, frequentemente sem as mulheres, que ficavam em Moscovo com os filhos. «Eu e o Molotov andamos a cavalo, jogamos ténis, boliche, andamos de barco, caçamos – numa palavra, o descanso perfeito», escrevia Mikoian à mulher, fazendo a lista dos que

\* Mukhalatka era a estância preferida de Molotov e de Mikoian, embora ambos fizessem também férias na órbita de Estaline, em Sochi. Continuou, aliás, a ser um dos locais mais apreciados pelos soviéticos: a estância fica perto de Soros, onde Gorbatchev foi preso durante o golpe de Estado de 1991. Naturalmente, sendo bolcheviques, os líderes estavam constantemente a demitir os funcionários locais destas estâncias: «O Belinski foi mal-educado, (...) e não pela primeira vez», escrevia Estaline a Molotov e a Iagoda. «Devia ser imediatamente afastado do controlo de Mukhalatka. Nomeiem alguém do tipo do Iagoda, ou aprovado pelo Iagoda.» Se não achavam as casas de férias a seu gosto, propunham novos luxos: «Não há no mar Negro um bom hotel para turistas e especialistas e líderes trabalhadores estrangeiros», escrevia Kalinine a Vorochilov. «Para apressar o assunto, o melhor é confiá-lo à GPU.»

† Em meados dos anos 30, Miron Merzhanov, o arquitecto de Estaline, reconstruiu a casa em pedra. O grande edifício verde-escuro ainda hoje existe: há agora um museu, com um «boneco» de Estaline sentado à sua secretária, e um Café Estaline, com um mini-parque temático dedicado ao *Vozhd* nos jardins.

se encontravam com ele. «É um mosteiro bolchevique só para homens.» Mas, noutras ocasiões, levavam também as mulheres e os filhos: quando Kuibichev, o cabeludo poeta e patrão da economia, foi de férias, andou a passear pelo litoral do mar Negro acompanhado por um «grande e alegre grupo» de bonitas raparigas e *bon vivants*.

Todos queriam, claro, fazer férias com Estaline, mas o companheiro preferido era, sem dúvida, o exuberante Sergo. Ienukidze convidava frequentemente Kuibichev, outro mulherengo como ele, para a sua aldeia georgiana. Estaline, que era como que ciumento destes homens, pareceu ficar deliciado quando Molotov não foi ter com Sergo. «Andas a fugir do Sergo?», perguntou. Perguntavam constantemente uns aos outros quem estava com quem:

«Aqui em Nalchik», escrevia Estaline, «estou eu, o Vorochilov e o Sergo.»

«Recebi a tua nota», dizia a Andreiev. «O diabo me carregue! Estava em Sukhumi, e só não nos encontrámos por azar. Se soubesse que tinhas a intenção de vir (...) nunca teria saído de Sochi (...). Que tal foram as tuas férias? Caçaste tanto quanto querias?» Quando chegavam às respectivas casas, trocavam conselhos e opiniões sobre os melhores lugares. «Vem à Crimeia em Setembro», escrevia Estaline a Sergo, de Sochi, acrescentando que Borzhomi, na Geórgia, era confortável, «porque não há mosquitos (...). Em Agosto e metade de Setembro, vou estar em Krasnaya Polyana [Sochi]. A GPU descobriu uma *dacha* muito agradável, nas montanhas, mas a minha saúde impede-me de ir já para lá (...). O Klim [Vorochilov] está agora em Sochi e encontramo-nos muitas vezes (...).»

«No Sul», escreve Artyom, «a central de planeamento ia com ele.» Estaline trabalhava no alpendre, sentado numa cadeira de verga diante de uma mesa de verga, sobre a qual havia uma enorme resma de papéis. Todos os dias, um avião voava para sul, para lhe levar a correspondência. Poskrebichev (muitas vezes instalado numa casa próxima) ia entregar-lha. Estaline exigia constantemente mais jornais para ler. Costumava ler as cartas e então dizia aos rapazes qual era a sua resposta. Certa vez, recebeu uma carta de um mineiro a queixar-se de que não havia chuveiro na sua mina. Escreveu na própria carta: «Se não houver uma solução rápida, e água, o director da mina deveria ser julgado como Inimigo do Povo.»

Molotov ou Kaganovitch, que ficavam em Moscovo a governar o barco, assediavam-no com perguntas. «É uma pena não termos ligação telefónica com Sochi», escrevia Vorochilov. «O telefone seria uma grande ajuda. Gostaria de visitar-te por dois ou três dias, e também de dormir um pouco. Há muito tempo que não consigo dormir normalmente.» Estaline, porém, gostava de saber-se indispensável.

---

\* O que foi um autêntico maná para os historiadores: comunicavam sobretudo por carta até que, em 1935, foi estabelecida uma ligação telefónica segura entre Moscovo e o Sul. Trotski parafaseara o comentário de Herzen a respeito de Nicolau I, «Gengis Khan com um telégrafo», chamando a Estaline «Gengis Khan com um telefone». Em todo o caso, dá que pensar saber que, durante vários meses por ano, Estaline governava sem telefone.

«A quantidade de perguntas que o Politburo me faz não afecta a minha saúde», disse a Molotov. «Podes mandar-me quantas perguntas quiseres. Terei muito prazer em responder-lhes.» Todos eles lhe escreviam longas cartas manuscritas, sabendo, como Bukharine dizia, que «Koba adora receber cartas». Kaganovitch, que ficara a tomar conta das coisas em Moscovo pela primeira vez, tirava o máximo partido disto, embora os membros do Politburo continuassem a tomar sozinhos a maior parte das decisões, com Estaline a intervir à distância se não estava de acordo. Os vaidosos, abrasivos e temperamentais potentados discutiam violentamente na ausência de Estaline: depois de uma zanga com o seu amigo Sergo, Kaganovitch confessou ao líder: «Perturbou-me muito.» Por vezes, Estaline divertia-se com estes conflitos: «Bem, queridos amigos (...), mais zangas (...).» Havia alturas, porém, em que até ele ficava exasperado: «Não posso nem devo decidir todas as questões possíveis e imaginárias levantadas pelo Politburo. Têm de ser capazes de estudar e encontrar uma resposta (...) sozinhos!»

\* \* \*

Havia também tempo para a brincadeira: Estaline interessava-se muito pelos jardins da casa, plantando caramanchões de limoeiros e laranjais, mondando orgulhosamente as ervas daninhas e obrigando os membros do seu séquito a labutar ao sol. Apreciava tanto o jardineiro de Sochi, um tal Alferov, que escreveu a Poskrebichev: «Seria bom mandá-lo [a Alferov] para a Academia de Agricultura – é o jardineiro de Sochi, um bom e honesto trabalhador (...).»

A vida no Sul não tinha qualquer semelhança com a fria solidão que normalmente se associa a Estaline. «José Vissarionovitch gostava de explorar a natureza», escreveu Vorochilova no seu diário. «Íamos de carro, instalávamo-nos junto de um pequeno rio, acendíamos uma fogueira e fazímos um churrasco, cantando canções e fazendo jogos.» O séquito inteiro participava nestas excursões.

«Juntamo-nos muitas vezes», escrevia um excitado secretário a outro. «Fazemos tiro ao alvo com espingardas de pressão de ar, vamos muitas vezes a passeios e expedições nos carros, passeamos pela floresta e fazemos churrascos em que assamos espadas, bebemos à farta e empanturramo-nos!» Estaline e Ienukidze entretinham os seus convidados com relatos das suas aventuras como conspiradores pré-revolucionários, enquanto Demian Bedni contava «histórias obscenas, de que tinha uma reserva inegotável». Estaline caçava perdizes e andava de barco.

«Lembro-me da *dacha* em Sochi para onde eu e o Klim fomos convidados pelo camarada Estaline», escreveu Vorochilova. «Via-o jogar jogos como o boliche, enquanto Nadezhda Sergeevna jogava ténis.» Estaline e Budeny, o cavaleiro, jogavam boliche com Vassili e Artyom. Budeny era tão forte que, quando atirava a bola, partia os paulitos e o escudo por trás. Toda a gente ria da sua força (e estupidez).

«Quando se é forte, não se precisa de um cérebro para nada.» Troçavam dele por ter-se magoado ao fazer um salto de pára-quedas. «Pensou que estava a saltar de um cavalo!»

«Só dois homens foram conhecidos como os maiores cavaleiros do mundo: Lannes, o marechal de Napoleão, e Semyon Budeny», dizia Estaline, defendendo-o. «Portanto, deviam ouvir tudo o que ele diz a respeito de cavalaria!» Anos mais tarde, Vorochilova só conseguia escrever: «Que tempos maravilhosos, aqueles!»

\* \* \*

Em Setembro de 1931, Estaline e Nádia receberam a visita de dois potentados georgianos, um de quem ela gostava muito, outro que detestava. O bem-vindo era Nestor Lakoba, o Velho Bolchevique líder da Abcázia, que governava como um feudo independente e com invulgar brandura. Protegia alguns dos príncipes locais e resistia à colectivização, afirmando que não havia *kulaks* abcazianos. Quando o partido georgiano apelou para Moscovo, Estaline e Sergo apoiaram Lakoba. Ebelto e sempre muito bem arranjado, com olhos que brilhavam, cabelos negros escovados para trás e um aparelho no ouvido por ser parcialmente surdo, Lakoba passeava-se pelas ruas e cafés dos seu pequeno reino como um trovador. Mestre de cerimónias das estâncias de veraneio da elite, conhecia toda a gente e estava sempre a construir novas casas para Estaline e a organizar-lhe banquetes – tal como é retratado no romance abcaziano de Fasil Iskander, *Sandro de Chegem*. Estaline considerava-o um verdadeiro aliado.

– Eu Koba – costumava brincar. – Tu Lakoba!

Também Lakoba fazia parte da família bolchevique, passando tardes inteiras sentado no alpendre, com o *Vozhd*. Quando visitava a *dacha*, levando as suas festas e canções abcazianas, Estaline gritava: «Viva a Abcázia!» Artyom dizia que a chegada de Lakoba era «como luz a entrar naquela casa».

Estaline permitia que Lakoba o aconselhasse a respeito do partido georgiano, irre-vogavelmente dividido em clãs e resistente às ordens do centro. Era esta a razão da presença do outro convidado: Lavrenti Pavlovitch Béria, chefe da GPU no Transcaucaso. Béria, que começava a ficar calvo, era um homem baixo e ágil, com uma cara larga e carnuda, grossos lábios sensuais e uns cintilantes «olhos de cobra» escondidos por um *pince-nez*. Este aventureiro incansável, competente, dotado, inteligente e implacável, que Estaline havia um dia de descrever como «o nosso Himmler», deu provas da lisonja exótica, dos apetites sexuais e da crueldade elaborada de um cortesão bizantino na sua ascensão para dominar primeiro o Cáucaso, depois o círculo íntimo de Estaline, e, finalmente, a própria URSS.

Nascido perto de Sukhumi e de ascendência mingreliana, provavelmente filho ilegítimo de um proprietário de terras abcaziano e da sua piedosa mãe georgiana, Béria foi quase de certeza um agente duplo ao serviço do regime anticomunista que governou Baku durante a Guerra Civil. Dizia-se que Sergei Kirov, aliado de Estaline, o tinha salvado da pena de morte, uma sorte a que só escapara por ter faltado o tempo para organizar a execução. Enquanto estudava Arquitectura na Politécnica de Baku, sentira-se atraído pelo poder da Cheka, onde conseguiu ser admitido e onde prosperou, ajudado

por Sergo. Mesmo pelos padrões daquela horrível organização, destacou-se pelo seu sadismo. «Béria é um homem a quem nada custa matar o seu melhor amigo, se esse melhor amigo disse alguma coisa má a respeito de Béria», afirmou um dos seus sequazes. A sua outra carreira como aventureiro sexual começara, contou ele à nora, mais tarde, numa viagem de estudo à Roménia, quando fora seduzido por uma mulher mais velha... mas na prisão, durante a Guerra Civil, apaixonara-se por Nina Gegechkori, sobrinha do seu companheiro de cela, uma adolescente loura e de olhos dourados oriunda de uma família abastada: um tio foi ministro do governo menchevique da Geórgia, outro do governo bolchevique. Quando ele tinha vinte e dois anos, na altura já um alto funcionário da Cheka, e ela dezassete, Nina pedira-lhe a libertação do tio. Béria cortejara-a e, finalmente, tinham fugido os dois no comboio oficial dele – daí o mito de que a violara numa carruagem de comboio. Pelo contrário, Nina continuou apaixonada pelo seu «sedutor» até ao fim da sua longa vida.

Béria tinha agora trinta e dois anos e era a personificação da geração de líderes de 1918, muito mais instruídos do que os precursores da primeira geração, como Estaline e Kalinine, ambos com mais de cinquenta, ou da segunda, como Mikoian e Kaganovitch, já perto dos quarenta. Como este último, Béria era competitivo em tudo o que fazia e um desportista ávido – foi lateral esquerdo da equipa de futebol da Geórgia e praticante de *jujitsu*. Friamente competente, descaradamente louvaminheiro mas cheio de astúcia, tinha um génio especial para conseguir patronos. Sergo, na altura patrão do Cáucaso, facilitou-lhe a ascensão na GPU e, em 1926, apresentou-o a Estaline. Béria ocupou-se de organizar a segurança das férias do *Vozhd*. «Sem si», escreveu a Sergo, «não seria ninguém. É mais do que um irmão e um pai para mim.» Sergo acompanhou-o ao longo de reuniões que o declararam inocente de ter trabalhado para o inimigo. Quando, em 1926, Sergo foi promovido para Moscovo, Béria afastou-se dele e passou a cultivar a amizade do homem mais influente da região, Lakoba, a quem pedia constantemente que o levasse a ver Estaline uma vez mais.

Estaline ficara irritado com o untuoso servilismo de que Béria dera provas durante as férias. Quando o viu chegar à *dacha*, resmungou:

– O quê, outra vez ele? – e mandou-o embora, acrescentando: – Digam-lhe que, aqui, Lakoba é o patrão!

Quando Béria se desentendeu com os chefes georgianos, que o consideravam um oportunista amoral, Lakoba apoiou-o. No entanto, Béria visava mais alto.

«Caro camarada Nestor», escreveu a Lakoba, «queria muito ver o camarada Koba antes de ele partir (...), peço-lhe que lhe recorde o meu pedido.»

Naquela tarde, Lakoba levava Béria até junto do *Vozhd*. Estaline estava furioso com os insubordinados clãs dos chefes georgianos, que promoviam descaradamente os velhos amigos, conspiravam com os respectivos patronos em Moscovo e sabiam demasiado a respeito dos seus inglórios primeiros tempos. Lakoba propunha substituir aqueles Velhos Bolcheviques por Béria, um membro da nova geração dedicada a Estaline. Nádia detestou Béria à primeira vista.

– Como é que podes ter aquele homem nesta casa?  
– É um bom trabalhador – respondeu Estaline. – Dá-me factos.  
– Que factos queres tu? – gritou Nádia. – É um miserável! Não o quero em minha casa.

Mais tarde, Estaline recordaria que a mandara para o diabo.

– É meu amigo, um bom chekista. Confio nele.

Kirov e Sergo alertaram Estaline contra Béria, mas ele ignorou os seus avisos, algo de que mais tarde havia de arrepender-se. De momento, deu as boas-vindas ao seu novo protegido. No entanto, «quando ele entrava em nossa casa», recorda Artyom, «trazia a escuridão consigo». Estaline, segundo as notas de Lakoba, concordou com promover o chekista, mas perguntou:

– O Béria faz o serviço?

– Sem dúvida – respondeu Lakoba, que em breve teria razões para lamentar a afirmação.

Depois de Sochi, Estaline e Nádia foram a águas para Tsaltubo, de onde Estaline escreveu a Sergo informando-o dos seus novos planos para o protegido de ambos. Gracejava, dizendo ter falado com os líderes regionais, chamando a um «uma figura muito cómica» e a outro «demasiado gordo». E concluía: «Puseram-se de acordo para chamar Béria ao Kraikom [comité regional] da Geórgia.» Sergo e os chefes regionais ficaram horrorizados pela ideia de ter um polícia a chefiar velhos revolucionários. Estaline, no entanto, encerrava alegremente a sua carta: «Cumprimentos da Nádia! Como está a Zina?»

\* \* \*

Ir a águas era uma espécie de peregrinação anual. Em 1923, Mikoian encontrara Estaline a sofrer de reumático, com o braço ligado, e sugerira-lhe que experimentasse as termas de Matsesta, perto de Sochi. Foi inclusivamente ele que escolheu a casa de um mercador, com três quartos e um salão, onde Estaline ficou. Era um sinal da relação íntima que existia entre os dois homens. Estaline levava frequentemente Artyom consigo, «no velho *Rolls-Royce* descapotável de 1911». Só Vlasik, o guarda-costas profissional, os acompanhava.\*

Estaline parece ter sido fisicamente tímido, talvez por causa do defeito no braço, ou da psoríase: entre os líderes, só Kirov ia aos banhos com ele. Mas não se importava de ter Artyom consigo. Enquanto se ensopavam de vapor, contava-lhe «histórias da sua infância e aventuras no Cáucaso, e falávamos da nossa saúde».

Estaline vivia obcecado com a sua própria saúde e a dos camaradas. Eram «trabalhadores responsáveis» por conta do povo, o que fazia da preservação das respectivas

\* O motorista da viagem para sul chamava-se Nikolai Ivanovich Soloviev, e era suposto ter sido o condutor de Nicolau II. Na realidade, Soloviev fora *chauffeur* do general Brusilov, mas tinha, numa única ocasião, durante a I Guerra Mundial, conduzido o carro do czar.

saúdes uma questão de Estado. Era, aliás, uma tradição soviética: já Lenine tinha o hábito de vigiar a saúde dos líderes. No início da década de 30, os membros do Politburo trabalhavam tão duramente e sob pressões tais que não espantava que a saúde de todos eles, já minada pelos exílios czaristas e pela Guerra Civil, ficasse seriamente comprometida. As cartas que escreviam uns aos outros pareciam minutas de uma convenção de hipocondríacos.\*

«Agora estou a ficar saudável», confidenciava Estaline a Molotov. «As águas aqui perto de Sochi são muito boas e resultam contra a esclerose, a neurose, a ciática, a gota e o reumatismo. Não deverias mandar a tua mulher para cá?» Estaline sofria os efeitos da má alimentação e dos Invernos gelados do exílio: a amigdalite assanhava-se sempre que estava em tensão. Gostou tanto do especialista de Matsesta, o Professor Valedinski, que o convidava frequentemente para beber *cognac* no alpendre, com os filhos, o escritor Máximo Gorki e os membros do Politburo. Mais tarde, levou-o para Moscovo, e o professor foi o seu médico pessoal até à guerra.

Os problemas dentários deviam provocar-lhe dores. Depois de o Dr. Shapiro ter trabalhado heroicamente, por insistência de Nádia, em oito dos seus estragados e amarelecidos dentes, Estaline ficou grato:

– Há alguma coisa que queira pedir-me?

O dentista pediu um favor. «O Dr. Shapiro, que trata dos dentes de muitos trabalhadores responsáveis, pediu-me (está agora a tratar dos meus) que colocasse a filha no Departamento de Medicina da Universidade de Moscovo», escreveu Estaline a Poskrebichev. «Julgo que devemos dar esta ajuda a este homem, pelo serviço que presta diariamente aos nossos camaradas. Trate disto e resolva a questão (...) muito rapidamente (...), pois corremos o risco de se nos esgotar o tempo (...). Fico à espera de uma resposta.» Se não conseguisse inscrever a filha do dentista em Moscovo, Poskrebichev deveria tentar Leninegrado.

Estaline gostava de partilhar com os amigos notícias sobre a sua saúde: «Cheguei a Sochi com uma pleuresia (seca)», escrevia a Sergo. «Agora sinto-me bem. Iniciei uma série de dez banhos terapêuticos. Não tenho tido mais problemas com o reumatismo.» E eles faziam o mesmo.

«Como estão os teus cálculos renais?», perguntava Estaline a Sergo, que estava de férias com Kaganovitch. As cartas formavam um triângulo hipocondríaco.

«Eu e o Kaganovitch não pudemos ir, estamos sentados num grande barco a vapor», respondia Sergo, dizendo a «Soso» que «o Kaganovitch anda adoentado. A causa não é ainda clara. Talvez o coração dele esteja assim-assim (...). Os médicos dizem que a água e os banhos especiais vão ajudar, mas que precisa de passar mais um mês aqui (...). Eu sinto-me bem, mas ainda não repousado (...).»

---

\* Béria não foi o único futuro monstro de que Estaline se ocupou durante estas férias. Mostrou também um especial interesse em Nikolai Iezhov, um jovem funcionário que seria o chefe da polícia secreta durante o Terror: «Dizem que não será má ideia o Iezhov prolongar as férias por um ou dois meses. Ele está contra, mas dizem que lhe faz falta. Prolonguemos-lhe as férias e deixemo-lo ficar em Abastuman mais dois meses. Voto a favor.» Iezhov era, muito claramente, um homem a ter debaixo de olho.

Também Kaganovitch enviou uma nota, das termas de Borzhomi: «Caro camarada Estaline, envio-lhe um olá cheio de vapor (...). É uma pena a tempestade o impedir de vir visitar-nos.» Sergo fala igualmente da saúde de Kaganovitch: «O Kaganovitch tem as pernas inchadas. A causa não foi ainda estabelecida, mas é possível que o coração esteja a trabalhar com pouca força. As férias dele acabam a 30 de Agosto, mas vai ser preciso prolongá-las (...). Até os que tinham ficado em Moscovo enviavam a Estaline, que estava de férias, relatórios médicos: «O Rudzutak está doente e o Sergo tem micróbios de TB [tuberculose] e vamos mandá-lo para a Alemanha», comunicava Molotov ao chefe. «Se dormíssemos um pouco mais, cometíramos menos erros.»

\* \* \*

As aulas iam recomeçar, e Nádia teve de regressar a Moscovo. Estaline voltou a Sochi, de onde lhe escrevia notas afectuosas: «Jogamos *bowling* e boliche. O Molotov já nos visitou duas vezes, mas quanto à mulher, foi não sei para onde.» Sergo e Kalinine chegaram, mas «não há nada de novo. Diz ao Vasia e à Svetlana que me escrevam.»

Ao contrário do que acontecera no ano anterior, Estaline e Nádia tinham-se dado bem durante as férias, a julgar pelas cartas que trocaram. Não obstante o episódio de Béria, o tom dela era confiante e jovial. Nádia queria relatar ao marido a situação em Moscovo. Longe de ser antipartido, continuava tão desejosa como sempre de passar nos exames e tornar-se uma gestora qualificada: trabalhava duramente nos seus desenhos têxteis, com a ajuda de Dora Kazan.

«Moscovo está melhor», escrevia, «mas é como uma mulher a usar pó-de-arroz para disfarçar os defeitos da pele, sobretudo quando escorre água por todo o lado.» A remodelação de Kaganovitch estava já a abalar Moscovo, tal era a sua explosiva energia. A demolição de Cristo Salvador, a feia catedral do século XIX, para dar lugar a um ainda mais horroroso Palácio dos Sovietes, progredia lentamente. Nádia começou a relatar os «pormenores» que, em sua opinião, Estaline precisava de conhecer, mas fazia-o de uma perspectiva estética muito feminina: «O Kremlin está limpo, mas o pátio das garagens é muito feio (...). Os preços nas lojas estão muito altos e os *stocks* muito altos também. Não te zangues por eu entrar em tanto pormenor, mas gostaria que as pessoas se vissem aliviadas de todos estes problemas e seria bom para todos os trabalhadores (...).» Voltava-se então para o próprio Estaline: «Por favor, descansa bem (...).» Era, porém, impossível esconder-lhe as tensões no seio do governo: na realidade, ela vivia no centro de tudo, no pequeno mundo do Kremlin, onde os outros líderes a visitavam todos os dias: «O Sergo veio ver-me. Estava desapontado com a tua carta de censura. Pareceu-me muito cansado.»

Estaline não se zangava por causa dos «pormenores». «É bom. Moscovo muda para melhor.» Pedia-lhe que telefonasse a Sergei Kirov, o patrão de Leninegrado, de quem era particularmente amigo:

«Ele decidiu ir ter contigo a 12 de Setembro», informava Nádia, perguntando, alguns dias mais tarde: «O Kirov visitou-te?» Kirov chegou pouco depois a Sochi, onde a

casa dele era uma das do vale, por baixo da de Estaline. Entretinham-se com ocupações que talvez reflectissem a breve passagem de Estaline pelo Instituto Meteorológico:

«Com o Kirov, verificámos a temperatura no vale, onde ele vive, e aqui em cima, onde eu vivo: há uma diferença de dois graus.»\* Estaline não era um nadador, provavelmente por causa do braço, apesar de ter dito a Artyom que era porque «os montanheses não nadam». Mas, com Kirov, costumava ir nadar.

«Ainda bem que o Kirov te foi visitar», respondeu Nádia ao marido, que em tempos a salvara de morrer afogada. «Tem cuidado quando fores nadar.» Mais tarde, Estaline mandou fazer, na casa de Sochi, uma pequena piscina interior onde a água lhe dava exactamente pelo peito, para poder refrescar-se em privado.

Entretanto, a fome alastrava: Vorochilov escreveu a Estaline, exortando-o a enviar líderes às regiões, para verem o que estava a acontecer.

«Tens razão», concordou Estaline, a 24 de Setembro de 1941. «Nem sempre compreendemos o significado das viagens pessoais e do conhecimento pessoal das questões. Ganharíamos muito mais vezes se viajássemos mais e fôssemos conhecer as pessoas. Eu não queria vir de férias, mas (...) estava muito cansado e a minha saúde está a melhorar (...).» Não era ele o único a discutir o problema da fome enquanto estava de férias: Budeny abordava o assunto, mas rematava: «A nova casa de campo está pronta, e é muito bonita (...).»

«Chove interminavelmente em Moscovo», informava Nádia. «As crianças já tiveram gripe. Eu protegi-me agasalhando-me bem.» E brincava a propósito do livro de um trânsfuga a respeito dele e de Lenine. «Li os jornais brancos. Há material interessante a teu respeito. Queres saber? Pedi ao Dvinski [adjunto de Poskrebichev] que me arranje um exemplar (...). O Sergo telefonou a queixar-se da pneumonia (...).»

Uma violenta tempestade assolou Sochi: «O vento uivou durante dois dias com a fúria de uma besta raivosa», escreveu Estaline. Nos terrenos da nossa *dacha*, dezoito grandes carvalhos foram arrancados pela raiz (...).» Estava feliz por ter recebido as cartas dos filhos. «Dá-lhes um beijo por mim, são uns bons filhos.»

A nota de Svetlana para o seu «primeiro-secretário» dizia:

«Olá, *Papochka*. Vem depressa para casa. É uma ordem!» Estaline obedeceu. A crise estava a agravar-se.

---

\*Mais tarde, o velho ditador presidiria a concursos de bebida em que os convidados tinham de beber um copo de *vodka* por cada grau em que se enganassem.

## COMBOIOS CHEIOS DE CADÁVERES: AMOR, MORTE E HISTERIA

«Os camponeses comiam cães, cavalos, batatas podres, a casca das árvores, tudo o que conseguiam arranjar», observava uma testemunha, Fedor Belov, enquanto, a 21 de Dezembro de 1931, em plena crise, Estaline festejava o seu aniversário em Zubalovo. «Lembro-me de ter visitado aquela casa com o Kliment, em aniversários, e recordo a hospitalidade de José Vissarionovitch. Canções, danças, sim, sim, danças, todos dançavam o que podiam!», escreveu a diarista Ekaterina Vorochilova, a mulher judia do comissário da Defesa, ela própria uma revolucionária, em tempos amante de Ienukidze e agora uma dona de casa a ficar gorducha. Primeiro, cantavam: Vorochilova recorda ouvi-los cantar árias de óperas, romanzas camponesas, lamentos georgianos, baladas cossacas... e, surpreendentemente para aqueles rufiões sem Deus, hinos, aprendidos em igrejas de aldeia e em seminários.

Por vezes, esqueciam a presença das senhoras e lançavam-se também em canções escabrosas. Vorochilov e Estaline, ambos ex-meninos de coro, cantavam juntos: Estaline «tinha uma bela voz de tenor e adorava música e canções». «Tinha as suas árias preferidas» – gostava especialmente de antigas melodias georgianas, árias do *Rigoletto*, e queria sempre ouvir o hino da liturgia ortodoxa chamado *Mnogaya leta*. Mais tarde, diria ao presidente Truman: «A música é uma coisa excelente, reduz a besta que há no homem.» Um tema em que era seguramente perito. Tinha um tom perfeito: uma voz «rara» e «doce». Na realidade, um dos seus lugares-tenentes disse dele que era suficientemente bom para poder ter sido cantor profissional. Uma possibilidade histórica alucinante.

Estaline presidia junto ao gramofone americano: «mudava os discos e entretinha os convidados – adorava as músicas cómicas». Molotov «dançava à maneira russa, de lenço na mão», com Polina, no estilo formal de quem tinha aprendido danças de salão. Os caucasianos dominavam a dança. Na descrição de Vorochilova, Anastas Mikoian tentava desafiar Nádia Estaline. Este arménio, que tinha estudado para o sacerdócio, como o próprio Estaline, era magro, circunspecto, astuto e industrioso, com cabelos negros, bigode e olhos faiscantes, nariz aquilino e um gosto especial por roupas imaculadas que, mesmo quando vestia os habituais dólman e botas, lhe dava um ar de *dandy*. Altamente inteligente, senhor de um humor cortante, era dotado para as línguas: compreendia inglês e, em 1931, aprendeu alemão sozinho traduzindo *Das Kapital*.

Mikoian não receava contrariar Estaline, e apesar disso tornou-se o grande sobrevivente da história soviética, ainda no topo no tempo de Brezhnev. Bolchevique desde 1915, conseguira escapar à sorte dos famosos Vinte e Seis Comissários fuzilados durante a Guerra Civil, e era, na altura, o patrão do Comércio e Abastecimentos.\* Svetlana achava-o o mais atraente dos potentados, «jovem e espirituoso». Era sem dúvida, de todos, o que melhor dançava e melhor vestia. «Com Mikoian, uma pessoa nunca se aborrecia», diz Artyom. «É o nosso cavalheiro», declarou Khrushchev. «Pelo menos, é o melhor que temos!» Mas avisava que era melhor não confiar naquela «mahnosa raposa do leste».

Apesar de dedicado à sua modesta e discreta esposa, Achken, Mikoian, talvez tentando incluir Nádia nos festejos, «arrastou durante muito tempo os pés diante de Nadzhda Sergeevna, convidando-a para dançar a *lezginka* [uma dança tradicional cossaca que ela tão bem conhecia]. Dançava a um ritmo muito rápido, esticando-se como se fosse mais alto e mais magro.» Mas Nádia era «tão tímida e envergonhada» que «tapou a cara com as mãos, como que incapaz de reagir à viva e artística dança dele, e escapou-se para longe». Talvez tivesse consciência dos ciúmes de Estaline.

Vorochilov era tão ágil e ligeiro na pista de dança como desgracioso e pesadão na cena política. Dançou a *gopak* e então pediu parceiros para aquilo a que a mulher chamava o seu «grande número, a polca». Não espanta que a atmosfera entre os potentados fosse tão febril. Nos campos, o próprio regime parecia vacilar.

\* \* \*

Quando, no Verão, Fred Beal, um radical americano, visitou uma aldeia próxima de Kharkov, na altura capital da Ucrânia, encontrou todos os habitantes mortos, excepto uma mulher, que tinha enlouquecido. As ratazanas faziam autênticos festins nas choupanas, transformadas em sepulcros.

\* Mikoian era o Vigário de Bray da política soviética. «De Illitch [Lenine] a Illitch [Leonid Illitch Brezhnev]», diz o provérbio russo, «sem um acidente ou uma síncope». Um velho funcionário soviético descrevia-o assim: «O malandro era capaz de atravessar a Praça Vermelha num dia de tempestade, sem guarda-chuva, e não se molhar.»

A 6 de Junho de 1932, Estaline e Molotov declararam que «não pode ser permitido qualquer desvio em matéria de quantidades ou prazos estabelecidos para a entrega de cereais». A 17 de Junho, o Politburo ucraniano, chefiado por Vlas Chubar e Stanislas Kosior, suplicou ajuda alimentar, porque a região estava em «estado de emergência». Estaline culpou a má administração dos próprios Chubar e Kosior, combinada com depredações levadas a cabo por inimigos – a penúria era apenas um acto hostil contra o Comité Central e, logo, contra ele. «A Ucrânia», escreveu a Kaganovitch, «já recebeu mais do que devia.» Quando um funcionário expôs corajosamente os factos diante do Politburo, Estaline interrompeu-o: «Dizem-nos, camarada Terekov, que é um bom orador, mas a mim parece-me que é um bom contador de histórias. Fabricar semelhante conto de fadas a respeito de uma fome! Julgou que nos assustava, mas não vai resultar. Não seria melhor para si abandonar os cargos (...) de secretário do CC ucraniano e filiar-se no Sindicato dos Escritores? Inventará fábulas, e os tolos lê-las-ão.» Mikoian recebeu a visita de um ucraniano que lhe perguntou: «O camarada Estaline, ou já agora alguém do Politburo, sabe o que se está a passar na Ucrânia? Porque se não, eu posso dar-lhe uma ideia. Recentemente, chegou a Kiev um comboio carregado de cadáveres de pessoas que tinham morrido de fome. Tinha ido a apanhá-las pelo caminho desde Poltava (...).»

Os potentados sabiam exactamente o que se passava:<sup>\*</sup> as cartas que trocavam falam das coisas terríveis que viam dos seus comboios de luxo. Budeny escrevia a Estaline, de Sochi, onde estava a passar férias: «Olhando pelas janelas do comboio, vejo pessoas exaustas, vestindo roupas velhas e esfarrapadas, os nossos cavalos estão pele e osso (...).» O presidente Kalinine, o anódino «ancião de aldeia» de Estaline, troçava dos «impostores políticos» que pediam «contribuições para a “esfomeada” Ucrânia. Só classes degradadas e em desintegração podem produzir elementos tão cínicos.» No entanto, a 18 de Junho de 1932, Estaline discutia com Kaganovitch aquilo a que chamava «as gritantes absurdidades» da «fome» na Ucrânia.

O número de mortos desta fome «absurda», que só aconteceu para financiar a construção de mais fundições e o fabrico de mais tractores, situa-se entre quatro e cinco (há quem fale de dez) milhões, uma tragédia só igualada na história humana pelos terrores nazi e maoísta. Os camponeses sempre foram o Inimigo dos bolcheviques. O próprio Lenine dissera: «O camponês está a precisar de passar um pouco de fome.» Kopelev admitia: «Como toda a minha geração, acreditava firmemente que os fins justificavam os meios. Vi pessoas a morrer de fome.» «Recusam a responsabilidade pelo que acon-

\* Quando Beal, o americano, relatou ao secretário do Comité Executivo Central ucraniano (o presidente titular), Petrovski, o que tinha visto, este respondeu: «Sabemos que estão a morrer milhões de pessoas. É uma infelicidade, mas o glorioso futuro da União Soviética justificá-lo-á.» Calcula-se que, em 1933, 1,1 milhões de famílias, ou seja, sete milhões de pessoas, perderam todos os seus bens, tendo metade sido deportada. Pelo menos três milhões de famílias foram liquidadas. No início deste processo, em 1931, havia 13 milhões de famílias colectivizadas, em cerca de 25 milhões. Em 1937, 18,5 milhões tinham sido colectivizadas, mas na altura já só havia 19,9 milhões de famílias: 5,7 milhões, talvez 15 milhões de pessoas, tinham sido deportadas. Muitas delas acabaram por morrer.

teceu mais tarde», escreveu Nadezhda Mandelstam, esposa do poeta, na sua clássica memória *Esperança Abandonada*. «Mas como podem fazê-lo? Foram, ao fim e ao cabo, estas pessoas dos anos 20 que demoliram os antigos valores e inventaram as fórmulas (...) para justificar uma experiência sem precedentes: não se pode fazer uma omeleta sem partir os ovos. Cada novo assassinato era desculpado na base de que estávamos a construir um “notável” mundo novo.» As chacinas e a fome causaram pressões enormes no seio do partido, mas os seus membros mal pestanejaram: como conseguiam eles tolerar a morte a uma escala tão gigantesca?

\* \* \*

«Uma revolução sem pelotões de fuzilamento», terá Lenine afirmado, «não faz sentido.». Lenine passou a sua carreira a louvar o Terror da Revolução Francesa, porque o seu bolchevismo era um credo único, «um sistema social baseado no derramamento de sangue». Os bolcheviques eram ateus, mas dificilmente se poderia chamar-lhes políticos seculares no sentido convencional do termo: rebaixavam-se a matar descendendo dos mais altos cumes da eminência moral. O bolchevismo pode não ter sido uma religião, mas andou lá muito perto. Estaline disse a Béria que os bolcheviques eram uma «espécie de ordem religiosa-militar». Quando Dzerzhinski, fundador da Cheka, morreu, Estaline chamou-lhe «um devoto cavaleiro do proletariado». A «ordem dos portadores-da-espada» estalinista assemelhava-se mais à dos Cavaleiros do Templo, ou mesmo à teocracia dos *ayatollahs* iranianos, do que a qualquer tradicional movimento secular. Morreriam e matariam pela sua fé no inevitável progresso para o aperfeiçoamento da humanidade, sacrificando as próprias famílias com um fervor só visto nas matanças e martírios da Idade Média... e no Médio Oriente.

Viam-se a si mesmos como pessoas especiais, de «sangue nobre». Quando, em 1941, Estaline quis perguntar ao general Zhukov se a capital poderia cair, disse: «Podemos aguentar Moscovo? Diga-me como bolchevique», tal como um inglês do século XVIII poderia dizer: «Diga-me como cavalheiro!»

Os «portadores-da-espada» tinham de *acreditar* com uma fé messiânica, e convencer os outros de que tinham *razão* ao fazê-lo. O fanatismo «quase-islâmico» de Estaline era típico dos potentados bolcheviques: o filho de Mikoian chamava ao pai «um fanático bolchevique». A maior parte\* vinha de meios devotamente religiosos. Abominavam o judeo-cristianismo – mas substituíam a ortodoxia dos pais por algo ainda mais rígido, uma amoralidade sistemática: «Esta religião – ou ciência, como modestamente lhe chamavam os seus adeptos – investe o homem de uma autoridade semelhante à de Deus (...). Nos anos 20, muita gente estabelecia um paralelo com a vitória do cristianismo

\* No mínimo, os Velhos Bolcheviques tinham uma educação religiosa: Estaline, Ienukidze e Mikoian eram seminaristas; Vorochilov, menino de coro. Na pré-adolescência, Kalinine frequentava a igreja. Até a mãe de Béria passava tanto tempo na igreja que acabou por morrer numa. Os pais judeus de Kaganovitch eram *frum*: quando o visitaram no Kremlin, a mãe disse, estupefacta: «Mas vocês são todos ateus!»

e acreditava que esta nova religião duraria pelo menos mil anos», escreveu Nadezhda Mandelstam. «Todos estavam de acordo quanto à superioridade do novo credo, que prometia o paraíso na terra em vez de recompensas num outro mundo.»

O partido justificava a sua «ditadura» com a pureza da fé. As suas Escrituras eram os ensinamentos do marxismo-leninismo, considerado a verdade «científica». Uma vez que a ideologia era tão importante, todos os líderes tinham de ser – ou parecer – peritos em marxismo-leninismo, de modo que aqueles rufiões passavam as suas cansadas noites a estudar, a fim de melhorar as respectivas credenciais esotéricas, aborrecidíssimos artigos sobre materialismo dialéctico. Era tão importante, que Molotov e Polina discutiam marxismo nas suas cartas de amor: «Polichka, minha querida (...), ler os clássicos marxistas é muito necessário (...), tens de ler mais algumas obras de Lenine que vão sair em breve, e depois algumas de Estaline (...). Quero tanto ver-te.»

*Partiinost* era «um conceito quase místico», explicava Kopelev. «Os pré-requisitos indispensáveis eram uma disciplina férrea e uma observância fiel de todos os rituais da vida partidária.» No dizer de um velho comunista, um bolchevique não era alguém que acreditava simplesmente no marxismo, mas «algum que tinha uma fé absoluta no partido, acontecesse o que acontecesse (...). Uma pessoa com a capacidade de adaptar a sua moralidade e a sua consciência de tal maneira que pudesse aceitar sem reservas o dogma de que o partido nunca erra – apesar de estar sempre errado.» Estaline não exagerava quando dizia: «Nós, os bolcheviques, somos pessoas de uma fibra especial.»

\* \* \*

Nádia não era de «uma fibra especial». A mesma fome que assolava os campos alimentava as tensões que dilaceravam o casamento de Estaline. Quando a pequena Kira Alliluyeva visitou o tio Redens, chefe da GPU em Kharkov, abriu as persianas do comboio especial em que viajava e viu, para seu espanto, pessoas que mendigavam comida e cães esfaimados que corriam ao lado da composição. Falou disto à mãe, Zénia, que, temerariamente, informou Estaline.

– Não ligues – respondeu ele. – É uma criança, gosta de inventar coisas.\*

No último ano do casamento de Estaline, encontramos fragmentos de felicidade e de infelicidade. Em Fevereiro de 1932, festejou-se o aniversário de Svetlana: ela foi a estrela de uma peça representada para os pais, no Politburo. Os dois rapazes, Vasia e Artyom, recitaram versos.

«As coisas por aqui parecem correr pelo melhor, estamos todos muito bem. As crianças crescem, o Vasia tem agora dez anos, e a Svetlana cinco (...). Ela e o pai são grandes amigos (...),» escrevia Nádia à mãe de Estaline, Keke, que vivia em Tiflis. Não seria exactamente uma ocasião para confidenciar grandes segredos, mas o tom é inte-

\* Os Alliluyev acabavam de regressar da Alemanha e ficaram chocados pelas mudanças: «Havia barreiras e filas por todo o lado», recorda Kira. «As pessoas andavam cheias de fome e assustadas. A minha mãe tinha vergonha de usar os vestidos que trouxera da Alemanha. Toda a gente fazia troça da moda europeia.»

ressante. «A verdade é que temos muito pouco tempo livre, eu e o José. Provavelmente já sabe que voltei à escola, agora que estou velha. Não acho que estudar seja difícil em si mesmo. Mas é muito difícil tentar coordenar os estudos com os meus deveres em casa durante o dia. Mas não me queixo e, por enquanto, estou a conseguir lidar bastante bem com a situação (...).» Estava a ter dificuldade em lidar com a situação.

Os nervos do próprio Estaline estavam tensos até ao limite, mas continuava a ter ciúmes: sentia que Ienukidze e Bukharine, velhos amigos do casal, estavam a minar a relação dele com Nádia. Quando de uma visita a Zubalovo, Bukharine passeava pelos jardins com ela. Estaline estava a trabalhar, mas saiu de casa e surgiu repentinamente junto deles, gritando:

– Eu mato-te!

Bukharine, ingenuamente, julgou tratar-se de uma graça asiática. Quando casou com uma beldade adolescente, Ana Larina, também ela filha de uma família bolchevique, Estaline, já meio embriagado, telefonou-lhe a meio da noite:

– Os meus parabéns, Nikolai! Voltaste a ganhar-me! – Bukharine perguntou como, e Estaline explicou. – Uma boa esposa, uma esposa bonita... Mais nova do que a minha Nádia!

Em casa, Estaline alternava entre o tirano ausente e o esposo submisso. Nádia tinha, no passado, denunciado dissidentes na Academia: nestes últimos meses, torna-se difícil saber se denunciava Inimigos ou censurava Estaline que os mandava prender. Há a história desta «mulher irascível» a gritar-lhe: «És um atormentador, é o que tu és! Atormentas o teu próprio filho, a tua mulher, todo o povo russo!» Quando Estaline alegou a importância do partido acima da família, Ienukidze perguntou:

– E os teus filhos?

– São dela! – gritou Estaline, apontando para Nádia, que fugiu a chorar.

Nádia estava a ficar cada vez mais histérica, ou, como Molotov dizia, desequilibrada. Eteri, a filha de Sergo, que tinha todas as razões para odiar Estaline, explica: «Estaline não a tratava bem, mas ela, como todos os Alliluyev, era instável.» Parecia alhear-se dos filhos e de tudo o mais. Estaline confidenciou a Khrushchev que, por vezes, se fechava à chave na casa de banho, enquanto ela dava murros na porta e gritava:

– És um homem impossível! É impossível viver contigo!

Esta imagem de Estaline como marido impotente e perseguido, encurrulado na casa de banho por uma Nádia de olhos desvairados, deve qualificar-se como uma das visões mais incongruentes de toda a carreira do Homem de Ferro. Vivendo ele próprio num frenesi, a ver a sua missão em risco, Estaline não compreendia nem aceitava a mania de Nádia. Disse a um velho amigo que «tudo a aborrecia, estava farta de tudo».

– E os filhos? – perguntou o amigo.

– Tudo, até os filhos.

Isto dá-nos uma ideia das dificuldades que Estaline enfrentava. O estado de espírito de Nádia parece mais uma doença mental do que desespero causado pelo protesto

político ou até por um marido insensível. «Tinha ataques de melancolia.» Zénia disse a Estaline que a mulher estava «doente». Os médicos receitaram cafeína, para a animar. Mais tarde, Estaline culpou a cafeína, e tinha razão: a cafeína terá exacerbado desastrosamente o desespero dela.

\* \* \*

Estaline tornou-se também histérico, sentindo que as vastas estepes da Ucrânia fugiam ao seu controlo: «É como se, em algumas regiões da Ucrânia, o poder soviético tivesse deixado de existir», escrevia a Kosior, membro do Politburo e patrão da Ucrânia. «Será isto verdade? A situação é assim tão má nas aldeias ucranianas? Que anda a GPU a fazer? Talvez seja bom verificar o problema e tomar medidas.» Mais uma vez, os potentados percorreram os campos para açambarcar cereais, encabeçando ferozes expedições semimilitares com tropas da OGPU e funcionários do partido de pistola à cinta. Molotov seguiu para os Urales, o Baixo Volga e a Sibéria. Enquanto por lá andava, as rodas do carro em que viajava atascaram-se nos sulcos lamacentos da estrada e o veículo tombou de lado na berma. Ninguém ficou ferido, mas Molotov clamou: «Foi cometido um atentado contra a minha vida.»

Estaline sentia as dúvidas dos chefes locais, que o tornavam mais consciente do que nunca da necessidade de uma nova e mais dura raça de adjuntos, homens como Béria, que promoveu a governador do Cáucaso. Chamando a Moscovo todos os chefes georgianos, atacou violentamente os velhos «caciques» do partido:

«Fico com a impressão de que não existe qualquer espécie de organização do partido na Transcaucásia», declarou, representando para a galeria. «Há apenas o poder dos caciques, que votam a favor daqueles com quem se embebedam (...). É uma autêntica anedota (...). Temos de promover homens que trabalhem honestamente (...). Sempre que mandamos alguém para lá, transforma-se também num cacique! Toda a gente riu, mas então ele pôs-se sério: «Esmagaremos os ossos de todos eles, se este domínio dos caciques não for liquidado (...).»

Sergo estava fora.

– Onde está ele? – murmurou um dos funcionários a Mikoian, que respondeu:

– Por que havia o Sergo de participar na coroação do Béria? Conhece-o bem de mais.

Havia uma oposição declarada à promoção de Béria: os chefes locais tinham quase conseguido afastá-lo para um fim-do-mundo provinciano, mas Estaline salvava-o. E, então, definira a essência da carreira de Béria:

– Ele resolve problemas, enquanto o Buro se limita a empurrar papéis de um lado para o outro!\*

---

\* Margaret Thatcher usou uma expressão semelhante a respeito do seu ministro preferido, Lord Young: «Ele traz-me soluções, os outros trazem-me problemas.» Não há líder que não aprecie este tipo de lugar-tenente.

– Não vai resultar, camarada Estaline. Não podemos trabalhar juntos – respondeu um georgiano.

– Não podemos trabalhar com um charlatão! – acrescentou outro.

– Resolveremos este assunto da maneira habitual – disse Estaline, pondo iradamente termo à reunião. E, passando por cima de tudo e de todos, nomeou Béria primeiro-secretário da Geórgia e segundo-secretário da Transcaucásia.

Béria tinha chegado.

\* \* \*

Na Ucrânia, Fred Beal deambulava por aldeias onde não restava ninguém vivo e encontrava mensagens desesperadas rabiscadas ao lado dos cadáveres: «Deus abençoe os que entram aqui, e que nunca eles sofram o que nós sofremos», dizia uma delas. E outra: «Meu filho, não pude esperar. Deus esteja contigo.»

Kaganovitch, que patrulhava a Ucrânia, não se deixava comover. Estava era furioso com a pusilanimidade dos chefes locais. «Olá, caro Valerian», escrevia a Kuibichev, «estamos a trabalhar numa porção de questões relacionadas com a preparação dos cereais (...). Tivemos de criticar muito as regiões, especialmente a Ucrânia. O estado de espírito deles, particularmente o de Chubar, é muito mau (...). Admoestei as regiões.» Mas, no meio desta desolação mortal, Kaganovitch não ia estragar as férias de um amigo: «Como tens estado? Onde estás a planear passar as férias? Não me parece que vá chamar-te antes de acabares as tuas férias (...).»

Depois de uma última reunião com Kaganovitch e Sergo, no seu gabinete, a 29 de Maio de 1932, Estaline e Nádia partiram para Sochi. Lakoba e Béria foram visitá-los, mas este último tinha agora acesso directo ao *Vozhd*. Pôs de lado o seu antigo patrono, Lakoba, que murmurou de maneira a ser ouvido:

– Que pessoa tão reles!

Não sabemos como se deram Estaline e Nádia durante as férias, mas a pressão aumentava de dia para dia. Estaline governava por correspondência um país à beira da revolta, recebendo as más notícias através de pilhas de relatórios da GPU... e das dúvidas dos amigos.\* Enquanto Kaganovitch reprimia a rebelião dos operários têxteis em Ivanovo, Vorochilov sentia-se infeliz e enviava a Estaline uma carta notável: «Em toda a região de Stavropol, vi os campos por cultivar. Estávamos à espera de uma boa colheita, mas não a tivemos (...). Vendo a Ucrânia da janela do meu comboio, a verdade é que parece ainda menos cultivada do que o Norte do Cáucaso (...).» E Vorochilov terminava assim a sua nota: «Lamento dizer-te estas coisas quando estás de férias, mas não posso ficar calado.»

\* Estaline sentia que o seu «círculo de amigos», temperado na luta contra as oposições, estava a ceder sob as pressões da crise e das querelas entre Sergo e Molotov, como confidenciou a Kaganovitch: o camarada Kuibichev, já um alcoólico, «cria uma má impressão. Parece fugir ao trabalho (...). Ainda pior é a conduta do camarada Ordzhonikidze. Este último não tem claramente em conta o facto de o seu comportamento (a sua dureza para com os camaradas Molotov e Kuibichev) levar ao enfraquecimento do nosso grupo de líderes.» Além disso, Estaline estava descontente com Kosior e com Rudzutak, entre outros do Politburo.

Mais tarde, Estaline diria a Churchill que aquela fora a pior época da sua vida, pior ainda do que a invasão de Hitler: «foi uma luta terrível», durante a qual tivera de destruir «dez milhões de pessoas. Foi horrível. Durou quatro anos. Era absolutamente necessário (...). Não valia a pena discutir com eles. Um certo número fora reinstalado no Nordeste do país (...). Outros tinham sido chacinados pelos próprios camponeses... tal era o ódio contra eles.»

Os camponeses, comprehensivelmente, atacavam os funcionários comunistas. Sentado no terraço da sua *dacha* em Sochi, sob um calor escaldante, Estaline insurgia-se contra a quebra de disciplina e a traição no seio do partido. Em momentos como aquele, parecia refugiar-se numa inacessível fortaleza melodramática rodeada de inimigos. A 14 de Julho, escreveu a ordenar a Molotov e a Kaganovitch, que se encontravam em Moscovo, que criassem uma lei draconiana para fuzilar os esfomeados camponeses que roubassem nem que fosse folhelho de cereal. Os dois redigiram o célebre decreto que punia «a apropriação indevida de propriedade socialista» com castigos terríveis, «baseados no texto da tua carta».º A 7 de Agosto, o decreto tornou-se lei. Estaline estava agora num estado de pânico nervoso, escrevendo a Kaganovitch: «Se não fazemos agora um esforço para melhorar a situação na Ucrânia, podemos perder a Ucrânia.» Assacava as culpas à fraqueza e à ingenuidade do cunhado, Redens, chefe da GPU na Ucrânia, e ao patrão local, Kosior. A região estava «infestada de agentes polacos», que «são muito mais fortes do que o Redens ou o Kosior pensam». Mandou substituir Redens por alguém mais duro.

\* \* \*

Nádia regressou mais cedo a Moscovo, talvez para estudar, talvez porque a tensão em Sochi se tornara insuportável: as dores de cabeça e abdominais tinham piorado. O que só pode ter aumentado a ansiedade de Estaline, mas os nervos dele eram bem mais fortes. As cartas dela não chegaram até nós: talvez ele as tenha destruído, talvez ela não tenha escrito nenhuma, mas sabemos que tinha sido influenciada contra a campanha: «Bukharine e Ienukidze tinham um grande ascendente sobre ela.»

Vorochilov traiu Estaline ao afirmar que um esforço concertado do Politburo teria permitido resistir às suas políticas. Quando um camarada ucraniano chamado Korneiev abateu a tiro um (possivelmente faminto) ladrão e foi preso, Estaline foi de opinião de que não devia ser castigado. Vorochilov, um improvável campeão da moral, estudou o caso, verificou que a vítima era um adolescente e escreveu a Estaline a apoiar a condenação de Korneiev, mesmo que cumprisse apenas uma curta pena de prisão. No dia em que recebeu a carta de Klim, 15 de Agosto, Estaline, furioso, anulou a decisão de Vorochilov, libertou Korneiev e promoveu-o.

---

\* Tal como os cereais alimentavam a máquina industrial, o mesmo acontecia com os próprios camponeses. Nessa mesma semana, Estaline e Sergo, de férias em Sochi, ordenaram a Kaganovitch e a Molotov que transferissem mais 20.000 trabalhadores-escravos, provavelmente *kulaks*, para trabalharem na nova cidade industrial, Magnitogorsk. A repressão, talvez deliberadamente, criava mão-de-obra escrava.

Seis dias depois desta tomada de posição de Vorochilov, a 21 de Agosto, Riutine, que já tinha estado preso por criticar Estaline, reuniu-se com alguns camaradas para divulgar o «Apelo a Todos os Membros do Partido», um manifesto arrasador em que se pedia o afastamento do líder. Dias mais tarde, era denunciado à GPU. A oposição de Riutine, tão pouco tempo depois do caso Sirtsov-Lominadze e das hesitações de Vorochilov, abalou Estaline. A 27 de Agosto, estava de regresso ao Kremlin e reunido com Kaganovitch. Talvez também tenha voltado para se juntar a Nádia.

Por muito horrível que fosse a situação do país, o estado de saúde dela seria só por si o suficiente para minar o moral de uma pessoa forte. Estava terrivelmente doente, sofrendo «dores agudas na região abdominal». «Voltar para novos exames», escreveu o médico no seu relatório. A causa não era apenas a tensão psicossomática provocada pela crise, mas também as sequelas do aborto de 1926.

A 31 de Agosto, Nádia foi novamente examinada: tê-la-á Estaline acompanhado à clínica do Kremlin? Tinha apenas duas reuniões, às quatro da tarde e às nove da noite, como se o dia tivesse deliberadamente sido deixado livre. Os médicos anotaram: «Exame para considerar operação dentro de três a quatro semanas.» Ao abdómen, ou à cabeça? Fosse como fosse, não chegaram a operar.

A 30 de Setembro, Riutine foi preso. É possível que Estaline, apoiado por Kaganovitch, tenha pedido a pena de morte para o dissidente, mas a execução de um camarada – de um «portador-da-espada» – era um passo perigoso, a que Sergo e Kirov resistiram. Não há provas de que a possibilidade tenha sido formalmente discutida – Kirov não assistiu às sessões do Politburo em finais de Setembro e em Outubro. Além disso, nunca Estaline proporia uma tal medida sem ter primeiro sondado Sergo e Kirov, tal como fizera no caso de Tukatchevski, em 1930. O mais certo é nunca ter chegado a propô-la especificamente. A 11 de Outubro, Riutine foi condenado a dez anos nos campos de trabalho.

A *Plataforma* de Riutine afectou o lar de Estaline. Segundo Vlasik, o guarda-costas, Nádia conseguiu um exemplar do documento, na Academia, e mostrou-o ao marido. Isto não significa que se tenha juntado à oposição, mas parece agressivo, embora também seja possível que estivesse a tentar ajudar. Mais tarde, o manifesto foi encontrado no quarto dela. Nos anos 50, Estaline admitiu que não lhe tinha prestado atenção suficiente naqueles últimos meses: «A pressão sobre mim era tão grande (...), havia tantos Inimigos. Tínhamos de trabalhar dia e noite (...).» Talvez as questões literárias se revelassem uma distração bem-vinda.

A 26 de Outubro, um escol seleccionado de cinquenta escritores foi convidado para a grande mansão *art déco* do maior romancista russo vivo, Máximo Gorki.\* O alto e esgalgado escritor, com o seu bigode grisalho, então com sessenta e quatro anos, recebeu os convidados no topo da escadaria do pórtico. No salão de jantar, havia várias mesas cobertas por imaculadas toalhas brancas. Todos esperavam, num ambiente de excitada expectativa. E então Estaline chegou, acompanhado por Molotov, Vorochilov e Kaganovitch. O partido levava a literatura tão a sério que os potentados reviam pessoalmente as obras dos escritores mais proeminentes. Depois de um pouco de conversa de circunstância, Estaline e os camaradas sentaram-se à mesa de honra, ao lado de Gorki. Estaline parou de sorrir e começou a falar a respeito da criação de uma nova literatura.

A ocasião era momentosa: Estaline e Gorki eram os dois homens mais famosos de toda a Rússia, e o relacionamento entre os dois era um barómetro da própria literatura soviética. Desde finais dos anos 20 que Gorki era tão próximo de Estaline que já passara férias com ele e com Nádia. Nascido em 1869, de seu verdadeiro nome Máximo Pechkov, usara as suas próprias e amargas experiências (daí o *nom de plume*, Gorki) como órfão abandonado nas ruas que sobrevivera às mais «vis abominações», obrigado a subsistir à custa de restos entre os marginalizados em aldeias campões, para escrever obras-primas que inspiraram a Revolução. Mas, em 1921, desiludido com a di-

---

\* Nenhum dos grandes escritores, como Akhmatova, Mandelstam, Pasternak, Bulgakov ou Babel foi convidado, mas Cholokhov, que Estaline considerava «um grande talento artístico», estava presente.

tadura de Lenine, exilara-se numa *villa* em Sorrento, Itália. Estaline sondara as águas, numa tentativa de persuadi-lo a regressar. Entretanto, colocara a literatura soviética sob a férula da RAPP (Associação Russa de Escritores Proletários), «a ala literária do Plano Quinquenal para a indústria», que perseguia e atacava todos os autores que não descrevessem a Grande Viragem com arrebatado entusiasmo. Gorki e Estaline iniciaram um complexo *pas de deux* em que a vaidade, o dinheiro e o poder desempenharam o seu papel na decisão do escritor de voltar a casa. O conhecimento pessoal que Gorki tinha do selvagem atraso do campesinato levou-o a apoiar a luta de Estaline contra as aldeias, mas considerou miseráveis os padrões literários da RAPP. Em 1930, já a vida de Gorki era facilitada por generosos donativos da GPU.

Estaline concentrou no escritor toda a força do seu encanto felino.\* Em 1931, Gorki voltou para tornar-se o adorno literário do regime, sendo-lhe concedido um vultuoso subsídio, além dos milhões que ganhava com os seus livros. Vivia em Moscovo, numa mansão que pertencera ao milionário Riabuchinski, numa grande *dacha* nos arredores da capital e numa vivenda apalaçada na Crimeia, juntamente com um numeroso pessoal, todo ele constituído por agentes da GPU. A casa de Gorki tornou-se o quartel-general da *intelligentsia*, onde ajudava jovens e brilhantes escritores como Isaac Babel e Vassili Grossman.

Os potentados acolheram-no como sua grande e exclusiva celebreidade literária, enquanto o chekista Iagoda se ocupava dos pormenores da gestão diária da casa, onde, aliás, passava cada vez mais tempo. Estaline levava os filhos a ver o escritor, com cujos netos brincavam; Mikoian levava os filhos para brincarem com o macaco de estimação de Gorki; Vorochilov aparecia para cantar; Marta, a neta de Gorki, brincava um dia com Babel, no dia seguinte com Iagoda.

Estaline gostava dele: «O Gorki esteve cá», escreveu a Vorochilov, numa nota sem data. «Falámos a respeito de coisas. É uma pessoa boa, inteligente e amistosa. Aprova a nossa política. Compreende tudo (...). Em política, está connosco contra a direita.» Mas tinha também consciência de que o escritor era um bem que podia ser comprado. Em 1932, ordenou a celebração dos quarenta anos de carreira literária de Gorki. A cidade onde nascerá, Nijni Novgorod, foi rebaptizada com o nome dele, tal como a principal rua de Moscovo, a Tverskaia. Quando Estaline deu o nome do escritor ao Teatro de Arte de Moscovo, o burocrata literário Ivan Gronski reponhou:

– Mas, camarada Estaline, o Teatro de Arte de Moscovo está na verdade mais associado a Chekov.

\* «Durante o Congresso, estive ocupado a trabalhar», escreveu a Gorki, em 1930, num tom amistoso e confidencial. «Agora, as coisas estão diferentes e posso escrever. Não é bom, claro, mas vamos ter oportunidade de limar os defeitos. "Sem pecado não há arrependimento, sem arrependimento não há salvação." Dizem-me que está a escrever uma peça a respeito dos sabotadores e que precisa de mais material. Estou a juntar material, que lhe vou enviar (...). Quando pensa vir à URSS?» Tratava Gorki quase como um membro do governo soviético, consultando-o a propósito da promoção de Molotov. Se acaso se atrasava a responder, pedia desculpa por ter-se comportado «como um porco».

– Isso não tem a mínima importância. Gorki é um homem vaidoso. Temos de prendê-lo com cabos ao partido – respondeu Estaline.

E resultou: durante a liquidação dos *kulaks*, Gorki deu, no *Pravda*, vazão ao seu ódio contra os reaccionários camponeses. «Se o inimigo não se rende, tem de ser extermínado.» Fez a volta aos campos de concentração e elogiou-lhes o valor reeducacional. Apoiava os projectos baseados na utilização de trabalho-escravo, como o canal Belomor, que visitou com Iagoda, a quem felicitou: «Vocês, homens duros, não se apercebem do grande trabalho que estão a fazer!»

Iagoda, a figura dominante na polícia secreta, seguia os passos de Estaline. «A primeira geração de jovens chekistas (...) distinguia-se pelos seus gostos sofisticados e a sua paixão pela literatura», escreveu Nadezhda Mandelstam. «Os chekistas eram a vanguarda do Novo Povo.» O *grand seigneur* desta vanguarda era Iagoda, de trinta e nove anos, que se apaixonou pela nora de Gorki, Timocha; que era «jovem, muito bonita, alegre, simples, encantadora», e casada com Max Pechkov.

Filho de um joalheiro, treinado como estatístico e ajudante de farmácia, Genrikh Iagoda (o seu verdadeiro nome era Enoch), que tinha aderido ao partido em 1907, era também de Nijni Novgorod, o que lhe dava um bom cartão de visita. «Superior» às pessoas que se lhe seguiram, segundo Ana Larina, Iagoda tornou-se um «carreirista (...) corrupto», mas nunca foi um homem de Estaline. Tinha sido mais próximo dos direitistas, mas mudara de lado em 1929. A sua grande realização, apoiada por Estaline, foi a construção, com o recurso a mão-de-obra escrava, do vasto império económico dos Gulags. Iagoda era um indivíduo tortuoso, baixo e careca, sempre de uniforme completo, com um fraco por vinhos franceses e brinquedos sexuais: também ele um assassino-jardineiro, gabava-se de ter na sua enorme *dacha* «2000 orquídeas e rosas», e de ter gastado quase quatro milhões de rublos a decorar as suas residências.\* Frequentava as casas de Gorki, fazendo a corte a Timocha com ramalhetes de orquídeas. Gorki foi nomeado presidente do Sindicato dos Escritores e aconselhou Estaline a acabar com a RAPP, que foi dissolvida em Abril de 1932, provocando delícia e confusão entre a *intelligentsia*, que esperava ansiosamente alguma melhoria. Foi então que surgiu o convite.

Brincando ominosamente com um corta-papel com cabo de madrepérola, de súbito «severo», com «uma nota metálica» na voz, Estaline propôs:

– O artista deve mostrar a vida com verdade. E se mostrar a nossa vida com verdade, não poderá deixar de mostrá-la avançando em direcção ao socialismo. Isto é, e será, Realismo Socialista.

\* Vorochilov, outro *seigneur* bolchevique, mandava regularmente prendas a Iagoda. «Recebi o cavalo», agradecia-lhe este, numa nota. «Não é um simples cavalo, e sim um puro-sangue. Os meus mais calorosos agradecimentos. G.I.» Mas também Iagoda estava casado com uma representante da realeza revolucionária: Ida, a mulher, era sobrinha de Sverdlov, o génio organizador e primeiro Chefe de Estado. Por coincidência, Gorki adoptara o tio de Ida. O cunhado de Iagoda era Leopoldo Averbakh, um escritor proletário que fora presidente da RAPP, ajudara a atrair Gorki de regresso à Moscovo e passara a fazer parte do seu círculo íntimo quando ele chegara.

Por outras palavras, os escritores tinham de descrever a vida como ela deveria ser, um panegírico ao futuro utópico, e não como era. Houve então um toque de farsa, como quase sempre involuntariamente proporcionado por Vorochilov:

— Vocês produzem os bens de que nós precisamos — disse Estaline. — Ainda mais do que de máquinas, tanques e aviões, precisamos de almas humanas. — E Vorochilov, o simplório do costume, levou isto à letra e interrompeu-o para fazer notar que os tanques eram também «muito importantes».

Os escritores, afirmou Estaline, eram «engenheiros da alma humana», uma frase impressionante pela sua ousadia e crueza, e apontou o dedo aos que estavam sentados mais perto dele.

— Eu? Porquê eu? — perguntou um dos escritores. — Não estou a discutir.

— E qual é a vantagem de apenas não discutir? — voltou Vorochilov a interromper.  
— Têm de andar para a frente com isto.

Entretanto, alguns escritores começavam a ficar embriagados pelo vinho de Gorki e pelo inebriante aroma do poder. Estaline enchia-lhes os copos. Alexandre Fadeev, o romancista bêbedo e o mais notório de todos os burocratas literários, pediu ao romancista cossaco preferido de Estaline, Mikhail Cholokhov, que cantasse. Os escritores brindaram a Estaline.

— Bebamos à saúde do camarada Estaline — propôs o poeta Lugovskoi, O romancista Nikoforov levantou-se de um salto e disse:

— Estou farto disto até aos olhos! Já bebemos um milhão cento e quarenta e sete mil vezes à saúde de Estaline. Ele próprio está provavelmente tão farto como eu...

Fez-se silêncio, mas Estaline apertou a mão a Nikoforov.

— Obrigado, Nikoforov, obrigado. É verdade, estou farto.

\* \* \*

Em todo o caso, Estaline nunca se cansava de lidar com escritores. Mandelstam tinha razão ao afirmar que a poesia era mais respeitada na Rússia, onde «se mata pessoas por causa dela», do que em qualquer outro lado. A literatura importava enormemente para Estaline. Pode ter pedido «engenheiros da alma humana», mas estava ele próprio longe de ser o labrego inculto que as suas maneiras sugeriam. Não só apreciava e admirava a grande literatura, como distinguia a diferença entre charlatanismo e génio. Era, desde os tempos do seminário, na década de 1890, um leitor voraz, capaz de devorar, segundo afirmava, quinhentas páginas por dia. No exílio, quando algum outro prisioneiro morria, apoderava-se-lhe da biblioteca e recusava partilhá-la com os furiosos companheiros. A fome de conhecimento literário era nele quase tão compulsiva como a fé no marxismo e a megalomania: poder-se-ia dizer que eram estas as paixões dominantes da sua vida. Não possuía talentos literários próprios, mas, só em termos de leitura, era um intelectual, apesar de ser filho de um sapateiro e de uma lavadeira. Na realidade, não seria exagero afirmar que Estaline foi o mais culto governante da Rússia

desde Catarina, a Grande, até Vladimir Putine, mesmo incluindo Lenine, que era sem dúvida um intelectual e gozara das vantagens de uma educação aristocrática.

«Trabalhava duramente para se aperfeiçoar», dizia Molotov. Tinha uma biblioteca constituída por 20.000 volumes bem usados. «Se queres conhecer as pessoas que te rodeiam», afirmava Estaline, «descobre o que elas lêem.» Nesta biblioteca, Svetlana encontrou livros que iam desde *A Vida de Jesus* aos romances de Galsworthy,\* Wilde, Maupassant e, mais tarde, Steinbeck e Hemingway. A neta reparou que lia também Gogol, Chekov, Hugo, Thackeray e Balzac. Para o fim da vida, estava ainda a descobrir Goethe. «Venerava Zola.»

Os bolcheviques, que acreditavam na perfectibilidade do Homem Novo, eram autodidactas ávidos, sendo Estaline o mais completo e diligente de todos eles. Lia seriamente, tomando notas, decorando citações, como um estudante omnipotente, deixando anotações reveladoras nas margens de livros que iam de Anatole France à *História da Grécia Antiga*, de Viper. Tinha «um excelente conhecimento da Antiguidade e da mitologia», recordava Molotov. Era capaz de citar a Bíblia, Chekov e *O Bom Soldado Svejk*, bem como Napoleão, Bismarck e Talleyrand. O seu conhecimento da literatura georgiana era tal que discutia poesia arcana com o filósofo Chalva Nutsibize, que disse, muito depois de Estaline ter deixado de ser um deus, que os seus comentários eram notáveis. Costumava ler em voz alta para o seu círculo íntimo – geralmente Saltikov-Shchedrin ou uma nova edição do poema épico medieval georgiano de Rustaveli, *O Cavaleiro da Pele de Leopardo*. Adorava *O Último dos Moicanos*, espantando um jovem intérprete ao cumprimentá-lo em pseudo-ameríndio: «Grande chefe saúda cara-pálida!»

Os seus gostos, profundamente conservadores, continuaram a ser século XIX mesmo durante o desabrochar modernista dos anos 20: sentia-se sempre muito mais feliz com Puchkine e Tchaikovski do que com Akhmatova e Chostakovitch. Respeitava os intelectuais, mudando totalmente de tom quando se dirigia a um famoso professor. «Lamento muito não poder satisfazer agora o seu pedido, ilustre Nikolai Iakolevitch», escreveu ao professor de linguística Marr. «Depois da conferência, poderei conceder-nos 40 ou 50 minutos, se estiver de acordo (...).»

Estaline sabia sem dúvida apreciar o génio, mas, tal como acontecia com o amor ou a família, a sua fé no progresso marxista era imensamente mais importante. Admirava o «grande psicólogo» Dostoievski, mas baniu-o por «ser mau para os jovens». Gostava tanto das sátiras de Mikhail Zoschenko, apesar de troçarem dos burocratas soviéticos, que costumava ler excertos aos seus dois rapazes, Vassili e Artyom, e no fim brincava: «E foi aqui que o camarada Zoschenko se lembrou da GPU e alterou o final!» – uma brincadeira típica do seu brutal cinismo misturado com um rude humor de carrasco. Reconhecia que Mandelstam, Pasternak e Bulgakov eram génios, mas proibia-lhes as obras. Era, no entanto, capaz de tolerar artistas caprichosos: Bulgakov e Pasternak

\* *The Forsyte Saga*, de Galsworthy, e *O Último dos Moicanos*, de Fenimore Cooper, eram provavelmente as obras estrangeiras mais populares entre os membros do Politburo, que pareciam gostar de ler o que viam como libelos contra a aristocracia capitalista e a repressão imperialista britânica nas Américas.

nunca foram presos. Mas pobre daquele, génio ou charlatão, que insultasse a pessoa ou a política de Estaline – porque as duas eram sinónimos.

Os seus comentários são particularmente fascinantes quando lidava com um mestre como Bulgakov, cuja peça sobre a Guerra Civil, *Dias das Turbinas*, baseada num seu romance intitulado *A Guarda Branca*, era a sua preferida: viu-a quinze vezes. Quando a peça de Bulgakov *Fuga* foi atacada como «anti-soviética e direitista», Estaline escreveu ao director do Teatro: «Não é bom chamar à literatura de Esquerda ou de Direita. Esses são termos do partido. Em literatura, use classe, anti-soviética, revolucionária ou anti-revolucionária, mas não de Esquerda ou de Direita (...). Se Bulgakov juntasse aos oito sonhos um ou dois em que descobrisse o conteúdo social da Guerra Civil, o espectador compreenderia que a honesta “Serafima” e o professor foram expulsos da Rússia não por um capricho dos bolcheviques, mas porque viviam à custa dos outros. É fácil criticar *Dias das Turbinas* – é fácil rejeitar, mas é muito mais difícil escrever boas peças. A impressão final da peça é boa para o bolchevismo.» Quando Bulgakov foi impedido de trabalhar, apelou para Estaline, que lhe telefonou a dizer: «Vamos tentar fazer qualquer coisa por si.»

O dom de Estaline, além dos seus ritmos catequímicos de perguntas e respostas, era a capacidade de reduzir problemas complexos a uma lúcida simplicidade, um talento inestimável num político. Era capaz de redigir, geralmente pelo seu próprio punho, um telegrama diplomático, um discurso ou um artigo, de jacto e numa prosa claríssima e muitas vezes subtil (como demonstrou durante a guerra) – mas era também capaz da mais desastrada crueza, embora isto reflectisse, em parte, o seu autoconsciente machismo proletário.\*

Estaline não era apenas o censor supremo; deliciava-se no seu papel de editor imperial, alterando infindavelmente a prosa de terceiros, adorando acima de tudo rabiscar a expressão que cobre as páginas da sua biblioteca, essa gargalhada desprovida de humor:

«Ha, ha, ha!»

\* \* \*

A ironia de Estaline não ajudava Nádia, cuja depressão, atiçada pela cafeína e pela tensão do marido, piorava cada vez mais. No entanto, havia também momentos de ternura comovente: Nádia bebeu uma bebida alcoólica, a que não estava habituada, e sentiu-se mal. Estaline levou-a para a cama, e ela olhou para ele e disse pateticamente:

---

\* Boris Pilniak, o mais respeitado romancista russo até ao regresso de Gorki, que tinha caído em desgraça, escreveu nervosamente a Estaline a perguntar se podia ausentar-se para o estrangeiro: «Estimado camarada Pilniak», respondeu o líder (sarcasticamente, uma vez que ficara a odiar o escritor desde que lera o seu «Conto da Lua Inextinta», no qual sugeria que Estaline organizara o assassinato médico do comissário da Defesa Frunze, em 1925), «os nossos inquéritos mostram que os corpos de controlo não se opõem à sua ida para o estrangeiro. Tinham dúvidas, mas agora deixaram de ter. Portanto (...) a sua ida para o estrangeiro está decidida. Boa sorte. Estaline.» Pilniak foi executado a 21 de Abril de 1938.

– Então sempre me amas um pouco, afinal.

Anos mais tarde, Estaline contaria este episódio à filha.

A passar o fim-de-semana em Zubalovo, Nádia, que nunca dirigiu a Svetlana uma palavra de elogio, disse-lhe que recusasse se o pai lhe oferecesse vinho:

– Não bebas o álcool!

Se Nádia considerava um tão grave crime esta pequena indulgência de Estaline para com os filhos, só podemos imaginar com que desespero se ressentiria da brusquidão dele, para não falar da tragédia dos camponeses. Naqueles últimos dias, visitou o irmão e a cunhada, Pavel e Zénia, que acabavam de regressar de Berlim, no apartamento que ocupavam na Casa do Cais. «Cumprimentou-me com extrema frieza», notou Kira, a sobrinha, mas a verdade é que Nádia era uma mulher austera. Passava algumas tardes a trabalhar com Dora Kazan, trocando murmúrios no quarto da filha desta última, Natalya Andreieva.

Ficamos, pois, com a perturbadora imagem de um casal que alternava manifestações de terno carinho e explosões de raiva virulenta, de pais que tratavam os filhos de maneiras diferentes. Ambos tinham o hábito de humilhar o outro em público, embora Nádia continuasse a dar a impressão de amar «o meu homem», como lhe chamava. Foi uma época de tensões, mas havia uma diferença entre estas duas pessoas altamente irritáveis e supersusceptíveis. Estaline era esmagadoramente forte, como Nádia disse à mãe: «Posso dizer que fico espantada com a força e energia dele. Só um homem verdadeiramente saudável conseguiria aguentar a carga de trabalho que ele suporta.» Nádia, pelo contrário, era fraca. Se um dos dois tinha de quebrar, era ela. O embotamento emocional dele permitia-lhe resistir aos mais duros golpes.

Mais uma vez, Kaganovitch abandonou o seu feudo em Moscovo para ir esmagar dissidências na região do rio Kuban, ordenando represálias maciças contra os cossacos e deportando quinze aldeias para a Sibéria. Chamava a isto «a resistência dos últimos remanescentes das classes moribundas que levava a uma forma concreta de luta de classes». As classes estavam moribundas, sem dúvida. Kopelev viu «mulheres e crianças de ventres inchados, a começarem a ficar azuladas, ainda a respirar mas com olhos já vazios e sem vida. E cadáveres, cadáveres vestidos com esfarrapados casacos de pele de carneiro e pobres botas de feltro; cadáveres nas choupanas dos camponeses, na neve derretida do velho Vologda, debaixo das pontes de Kharkov.» O «Lazar de Ferro» organizou uma série de execuções de açambarcadores de cereais e regressou a tempo do fatal jantar de festa para celebrar o aniversário da Revolução.

A 7 de Novembro, os potentados receberam a saudação do povo no alto do recém-acabado mausoléu de mármore cinzento de Lenine. Reuniram-se cedo no apartamento de Estaline, com os seus capotes e barretes de pele, porque a temperatura estava bem abaixo de zero. Nádia já fora integrar-se no desfile, como delegada da Academia. A governanta e as amas certificaram-se de que Vassili e Artyom estavam vestidos e prontos: Svetlana encontrava-se ainda na *dacha*.

Pouco antes das oito da manhã, os líderes saíram do Potechny, conversando animadamente, e atravessaram a praça central, passando pelo Palácio Amarelo em direcção à escadaria que dava acesso ao Mausoléu. O frio era intenso; o desfile durou quatro horas.\* Vorochilov e Budeny esperavam, montados a cavalo, em diferentes portas do Kremlin. Quando a Torre Spasski, o equivalente moscovita do Big Ben, deu as oito horas, saíram a trote para se encontrarem no meio da praça, em frente do Mausoléu, após o que desmontaram e foram juntar-se aos restantes líderes.

Muitas pessoas viram Nádia naquele dia. Não parecia deprimida nem zangada com Estaline. Marchou como os outros, voltando o rosto oval para os chefes. Depois, juntou-se a Vassili e a Artyom na tribuna, à direita do Mausoléu, e encontrou Khrushchev, que apresentara a Estaline. Ergueu os olhos para ver o marido, mas, como qualquer outra esposa, preocupou-se por Estaline ter o capote desabotoado.

— O meu homem não trouxe o cachecol, vai apanhar frio e adoecer — disse, mas repentinamente foi como que fulminada por uma das suas violentas dores de cabeça.

«Começou a gemer: “Oh, a minha cabeça”», recorda Artyom. Depois do desfile, os rapazes pediram à governanta que perguntasse a Nádia se podiam passar o feriado em Zubalovo. Era mais fácil lidar com a governanta do que enfrentar a severa mãe.

— Eles que vão para a *dacha* — respondeu Nádia, acrescentando jovialmente: — Em breve terminarei o meu curso, e haverá férias a sério para todos. — Estremeceu. — Oh, as minhas dores de cabeça!

Estaline, Vorochilov e os outros festejavam na pequena sala atrás do Mausoléu, onde havia sempre um bufete preparado.

Na manhã seguinte, os rapazes foram levados para Zubalovo. Estaline trabalhou no seu gabinete, como de costume, recebendo Molotov, Kuibichev e o secretário do CC, Pavel Postichev. Iagoda apresentou as transcrições de mais uma reunião anti-Estaline dos Velhos Bolcheviques Smirnov e Eismont, um dos quais exclamara: «Não me digam que não há em todo o país ninguém capaz de afastá-lo.» Ordenaram a prisão de ambos e dirigiram-se a casa de Vorochilov para o jantar. Também Nádia ia a caminho. Aparentemente, muito bem-disposta.

A uma dada altura, nessa madrugada, Nádia pegou na pequena *Mauser* que o irmão lhe oferecera e deitou-se em cima da cama, no seu quarto. O suicídio era uma morte bolchevique: Nádia assistira ao funeral de Adolf Ioffe, o trotskista que protestara contra a vitória de Estaline sobre as oposições pondo termo à própria vida, em 1929. Em 1930, Maiakovski, o poeta modernista, recorrera também a essa suprema forma de protesto. Levou a pistola ao peito e apertou o gatilho. Uma vez. Ninguém ouviu a voz da pequena arma feminina; as paredes do Kremlin são grossas. O corpo rolou da cama para o chão.

\* Havia cadeiras escondidas para que os mais fracos pudessem descansar um pouco e, melhor ainda, havia uma sala com um bar para os que precisassem de retemperar forças. O primeiro Chefe de Estado bolchevique, Iakov Sverdlov, morreu, em 1919, depois de um gélido desfile; Alexandre Shcherbakov, membro do Politburo, morreu depois de ter assistido ao desfile da vitória, em 1945; Klement Gottwald, presidente checo, morreu depois de ter suportado as gélidas horas passadas no topo do Mausoléu, durante o funeral de Estaline.



SEGUNDA PARTE

**OS ALEGRES COMPANHEIROS:  
ESTALINE E KIROV,  
1932-1934**

Nádia teve morte imediata. Horas mais tarde, na sala de jantar, Estaline tentava absorver a notícia. Perguntou à cunhada, Zénia Alliluyeva, «o que era que lhe faltava». A família ficou chocada quando ele ameaçou suicidar-se, algo «que nunca tinham ouvido». Passou dias fechado no quarto. Zénia e Pavel resolveram ficar com ele, para se certificarem de que não cometia qualquer acto de desespero. Não conseguia compreender por que acontecera aquilo, e isso enfurecia-o. Por que fora apunhalado pelas costas daquela maneira? «Era demasiado inteligente para não saber que as pessoas se suicidam sempre para castigar alguém (...),» escreveu Svetlana. Por isso perguntava constantemente se era verdade que tinha sido um marido pouco atento. Não a tinha amado? «Fui um mau marido», confessou a Molotov. «Não tinha tempo para levá-la ao cinema.» A Vlasik, disse: «Ela virou completamente a minha vida de pernas para o ar!» Punha-se a olhar tristemente para Pavel, resmungando: «Que raio de belo presente lhe deste! Uma pistola!»

Por volta da uma da tarde, o Professor Kushner e um colega examinaram o corpo de Nadezhda Estaline no seu pequeno quarto. «A posição do corpo», escreveu o médico num pedaço de papel quadrado arrancado a um dos cadernos das crianças, «era que tinha a cabeça apoiada na almofada, voltada para o lado direito. Perto da almofada, em cima da cama, havia uma pequena arma.» A governanta deve ter voltado a colocar a arma em cima da cama. «O rosto está perfeitamente tranquilo, os olhos semicerrados. No lado direito do rosto e no pescoço, há marcas azuis e vermelhas, e sangue (...).» Havia contusões na face: teria Estaline, na verdade, alguma coisa a esconder? Teria regressado ao apartamento, discutido com ela? Ter-lhe-ia batido e... tê-la-ia matado?

Considerando o seu mortífero *pedigree*, mais uma morte não é impossível. Em todo o caso, as marcas podem ter sido causadas pela queda da cama. Ninguém que soubesse o que aconteceu naquela noite alguma vez sugeriu que ele a tivesse assassinado. Mas Estaline estava seguramente consciente de que os seus inimigos sugeririam que o fizera.

«Há um orifício com cinco milímetros à altura do coração – um orifício aberto», notava o professor. «Conclusão: a morte foi causada por uma ferida aberta infligida ao coração.» Este pedaço de papel, que hoje é possível consultar nos Arquivos do Estado, não voltou a ser visto durante as seis décadas seguintes.

Molotov, Kaganovitch e Sergo entravam e saíam, decidindo o que fazer: como de costume em momentos assim, o instinto bolchevique foi mentir e esconder, ainda que, nessa ocorrência, um pouco mais de abertura talvez tivesse evitado as calúnias mais gravosas. Era mais do que claro que Nádia cometera suicídio, mas Molotov, Kaganovitch e o padrinho dela, Ienukidze, conseguiram o acordo de Estaline para a posição de que este acto de autodestruição não podia ser publicamente anunciado. Seria visto como um protesto político. Anunciariam que a morte resultara de uma apendicite. Os médicos, uma profissão cujo juramento hipocrático seria tão envilecido pelos bolcheviques como pelos nazis, subscreveram a mentira. Os criados foram informados de que Estaline estivera na sua *dacha* com Molotov e Kalinine... mas, sem que isso possa constituir surpresa, envolveram-se em perigosos mexericos. Ienukidze fez um rascunho do obituário e em seguida escreveu a carta de condolências, a ser publicada no dia seguinte, no *Pravda*, assinada pelas esposas de todos os líderes e pelos próprios líderes, a começar pelas suas quatro melhores amigas: Ekaterina Vorochilova, Polina Molotova, Dora Kazan e Maria Kaganovitch: «A nossa querida amiga, uma pessoa com uma alma maravilhosa (...), jovem, vigorosa e dedicada ao partido bolchevique e à Revolução.» Até esta morte era vista por aqueles peculiares dogmatistas em termos de bolchevismo.

Uma vez que Estaline estava praticamente incapacitado, Ienukidze e os potentados discutiram sobre como organizar aquele funeral ímpar. O ritual fúnebre bolchevique combinava elementos da tradição funerária czarista com a sua própria e idiosincrática cultura. O falecido era embelezado pelos mais hábeis especialistas, geralmente os professores que se tinham encarregado do cadáver de Lenine, e em seguida exposto em câmara ardente, o rosto lívido muitas vezes pesadamente maquilhado, no meio de uma surreal *mise-en-scène* de luxuriantes palmeiras tropicais, ramos de flores e pendões vermelhos, tudo bizarramente iluminado por lâmpadas de arco. Os membros do Politburo transportavam o féretro aberto de e para a Sala das Colunas, onde ficavam de vigília, como cavaleiros de outros tempos. A rígida eminência era então cremada, seguindo-se um plangente funeral militar, com os membros do Politburo mais uma vez a carregarem um elaborado catafalco contendo a urna com as cinzas, que era depositada na Muralha do Kremlin. Mas o próprio Estaline deve ter querido um funeral à moda antiga.

Ienukidze presidiu à Comissão do Funeral, juntamente com Dora Kazan, mulher de Andreiev, e Karl Pauker, o chekista tão próximo de Estaline. Reuniram-se cedo na manhã seguinte e decidiram sobre o cortejo, o local do enterramento e a guarda de honra. Pauker, o périto em teatro – ex-cabeleireiro da Ópera de Budapeste –, ficou encarregue das orquestras: haveria duas, uma banda militar e uma orquestra de teatro, com cinquenta instrumentos.

Estaline não estava capaz de falar. Pediu a Kaganovitch, o melhor orador do Politburo, que se encarregasse do elogio fúnebre. Até aquele *bulldozer*, recém-chegado de mandar fuzilar centenas de inocentes cossacos no Kuban, estremeceu face à tarefa de fazer um tal discurso na presença do próprio *Vozhd*, mas, como acontecera com tantas outras missões macabras: «Estaline pediu, e eu fiz-lo.»

A morte de Nádia, de apendicite, foi anunciada às crianças em Zubalovo: Artyom ficou perturbado, mas Vassili nunca se recompôs. Svetlana, com seis anos, não compreendeu a finalidade do que tinha acontecido. Vorochilov, que era tão terno em tudo o que não fosse política, foi vê-la, mas não conseguiu parar de chorar. As crianças mais crescidas foram levadas de carro para Moscovo. Svetlana continuou no campo até ao funeral.

Quando o corpo foi retirado do apartamento, na manhã do dia 10, no edifício da Guarda Imperial, mesmo em frente do Palácio Potechny, uma rapariguinha permanecia colada à janela do seu apartamento. Natalya Andreieva, filha de Andreiev e de Dora Kazan – que, com Ienukidze e Pauker, tratava dos preparativos do funeral –, viu um grupo de homens transportar o caixão para baixo. Estaline caminhava ao lado, sem luvas apesar do frio cortante, agarrado ao lado do féretro e com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces. O corpo deve ter sido levado para o Kremlevka, para disfarçar as contusões.

Os dois rapazes, Vassili e Artyom, chegaram ao apartamento de Estaline, onde Pavel, Zénia e Ana, a irmã de Nádia, se revezavam para vigiar o viúvo, que permaneceu fechado no quarto, de onde não saiu para jantar. O lúgubre apartamento estava cheio de murmúrios. A mãe de Artyom apareceu e, tolamente, revelou ao filho a horrível verdade a respeito do suicídio. Artyom interrogou a governanta sobre o assunto. Tanto ele como a mãe foram severamente admoestados. «As coisas que eu vi naquela casa!», recorda Artyom.

Durante a noite, o corpo foi levado para a Sala das Colunas, perto da Praça Vermelha e do Kremlin, que havia de servir de cenário aos grandes julgamentos e exéquias do reinado de Estaline. Às oito horas da manhã seguinte, Iagoda juntou-se à Comissão do Funeral.

As três crianças mais pequenas foram levadas até à imensa sala onde Nadezhda Alliluyeva Estaline jazia num caixão aberto, o rosto oval rodeado de ramos de flores, as contusões cuidadosamente escondidas e maquilhadas pelos macabros mestres de Moscovo. «Estava muito bonita no seu caixão, muito jovem, o rosto límpido e encantador», recorda a sobrinha, Kira Alliluyeva. Zina Ordzhonikidze, a rechonchuda (tinha

sangue iacute) esposa do irreprimível Sergo, pegou na mão de Svetlana e levou-a até ao caixão. Svetlana começou a chorar, e levaram-na para fora. Ienukidze confortou-a, despachando-a de volta para Zubalovo. Só soube do suicídio uma década mais tarde – por extraordinário que pareça, pelo *Illustrated London News*.

Estaline chegou acompanhado pelos membros do Politburo, que montaram guarda à volta do catafalco, um dever a que se iriam habituando cada vez mais nos mortíferos anos seguintes. Estaline chorava. Vassili largou Artyom, correu para ele e «agarrou-se ao pai, pedindo: «Papá, não chores!» No meio de um coro de soluços dos parentes de Nádia e dos rufiões do Politburo e da Cheka, o *Vozhd* aproximou-se do caixão, ainda com Vassili agarrado à perna. Baixou os olhos para aquela mulher que o amara, odiara, castigara e rejeitara. «Nunca tinha visto Estaline chorar», disse Molotov, «mas ali, de pé ao lado do caixão, as lágrimas corriam-lhe pelas faces.»

– Deixou-me como um inimigo – disse Estaline, amargamente, mas então Molotov ouviu-o murmurar: «Não te salvei.»

Preparavam-se para fechar o caixão quando, de repente, Estaline os impediu. Para espanto de todos, inclinou-se, levantou a cabeça de Nádia e começou a beijá-la ardente. O que provocou mais soluços.

O caixão foi levado para a Praça Vermelha e depositado numa carreta fúnebre, onde um conjunto de quatro pequenas cúpulas em forma de bolbo, uma em cada canto, suportava um intrincado pálio. Formou-se então um cortejo digno da época dos czares. Uma guarda de honra marchava ao lado da carreta, percorrendo as ruas flanqueadas por duas filas ininterruptas de soldados. Seis cavalariços vestidos de negro levavam pela arreata os seis cavalos e, à frente, uma banda do exército tocava a marcha fúnebre. Bukharine, que era próximo de Nádia mas a contaminara politicamente, apresentou condolências a Estaline. O viúvo insistiu estranhamente em que tinha ido para a *dacha* depois do banquete; não estava no apartamento. Aquela morte não tinha nada a ver com ele. Assim Estaline propagava um álibi.

O cortejo percorria as ruas, enquanto a polícia mantinha a populaçā à distância. Aquele era o primeiro dos muitos funerais em que a causa da morte foi escondida da maior parte dos participantes. Estaline caminhava entre Molotov e Mikoyan, o astuto arménio de olhos de águia, por sua vez ladeados por Kaganovitch e Vorochilov. Pauker, resplandecente no seu uniforme, o ventre comprimido pelo invisível espartilho, mantinha-se um pouco afastado. Vassili e Artyom seguiam o grupo principal, juntamente com o resto da família, a nata do movimento bolchevique e representantes da Academia de Nádia. Olga, a mãe, culpava a filha:

– Como foste capaz de fazer isto? – perguntava, dirigindo-se à ausente Nádia. – Como pudeste deixar as crianças?

A maior parte da família e dos líderes concordava, solidarizando-se com Estaline.

– A Nádia fez mal – declarou Polina, como sempre sem papas na língua. – Deixou-o num momento muito difícil.

Artyom e Vassili ficaram para trás e perderam Estaline de vista. Tem sido afirmado, contraditoriamente, ou que Estaline não foi ao funeral, ou que foi a pé até ao cemitério de Novodevichi. Nenhuma destas afirmações é verdadeira. Iagoda insistiu em que não era seguro o *Vozhd* fazer a pé o percurso completo. Quando o cortejo chegou à Praça do Picadeiro, Estaline, juntamente com a mãe da falecida, seguiu de carro para o cemitério.

Em Novodevichi, Estaline ficou de um dos lados da sepultura, e os dois rapazes, Vassili e Artyom, do outro. Bukharine falou, e então Ienukidze anunciou o principal orador. «Foi tão difícil», recordaria Kaganovitch, «com Estaline ali presente.» O Comissário de Ferro, mais habituado a proferir violentas diatribes, fez o seu discurso naquela tão peculiar linguagem bolchevique:

«Camaradas, estamos no funeral de um dos melhores membros do nosso partido. [Nadezhda Sergeevna] cresceu na família de um trabalhador bolchevique (...) organicamente ligada ao nosso partido (...), foi uma amiga dedicada dos que governavam (...) combatendo na grande luta. Distinguiu-se pelas melhores características de um bolchevique: firmeza, dureza na luta (...).» Em seguida, voltou-se para o líder. «Somos amigos chegados e camaradas do camarada Estaline. Compreendemos o peso da perda do camarada Estaline (...). Compreendemos que devemos partilhar o fardo da perda do camarada Estaline.»

Estaline pegou num punhado de terra e atirou-o para cima do caixão. Artyom e Vassili foram convidados a fazer o mesmo. Artyom perguntou por que razão era aquilo necessário. «Para que ela possa ter um punhado de terra da tua mão», responderam-lhe. Mais tarde, Estaline escolheu o monumento que cobre a sepultura, com uma rosa, em memória da que ela usara nos cabelos, e orgulhosamente engalanado com as palavras: «Membro do Partido Bolchevique». Até ao fim dos seus dias, Estaline não deixou de remoer esta morte. «Oh, Nádia, que fizeste tu?», perguntava, já velho, desculpando-se: «Havia sempre tanta pressão sobre mim.» O suicídio de um cônjuge afecta geralmente o sobrevivo, deixando com frequência um gosto amargo de culpa, traição e, acima de tudo, deserção. O facto de Nádia o ter abandonado magoava-o e humilhava-o, quebrando mais um dos fracos elos que o prendiam à simpatia humana, redobrando-lhe a brutalidade, o ciúme, a frieza e a autocomiseração. Mas os desafios políticos de 1932, principalmente aquilo que Estaline via como traições por parte de alguns camaradas, desempenharam também o seu papel. «Depois de 1932», observou Kaganovitch, «Estaline mudou.»

\* \* \*

A família vigiava-o, visitando com frequência o apartamento para ver se ele precisava de alguma coisa. Certa tarde, Zénia Alliluyeva foi vê-lo, mas o silêncio era absoluto. Ouviu então o som desagradável de alguém a puxar um escarro, e encontrou o *Vozhd* deitado no sofá, na penumbra, a cuspir para a parede. Soube que havia já bastante

tempo que estava a fazer aquilo, porque autênticos riachos de saliva escorriam, brilhantes, pela parede abaixo.

— Que está a fazer, José? — perguntou. — Não pode ficar assim.

Ele nada disse, continuando a olhar para o cuspo que escoria pela parede.

Na altura, Maria Svanidze, mulher de Aliosha, ex-cunhado de Estaline, que começara a escrever um notável diário,\* achou que a morte de Nádia o fizera parecer «menos um herói de mármore». No seu desespero, Estaline repetia constantemente duas perguntas:

«Não importa as crianças, esquecem-na em meia dúzia de dias, mas como pôde ela fazer-me isto a mim?» Por vezes, via as coisas ao contrário, e perguntava a Budeny: «Compreendo que tenha podido fazer-me isto a mim; mas, e os filhos?» E a conversa acabava sempre da mesma maneira: «Desfez a minha vida. Deixou-me aleijado.» Aquilo era um humilhante fracasso pessoal, que lhe minava a autoconfiança. Estaline, escreve Svetlana, quis demitir-se, mas o Politburo disse: «Não, não, tens de ficar!»

O certo é que depressa recuperou a messiânica confiança na sua missão: a guerra contra os camponeses e contra os inimigos no interior do partido. Lembrou-se então dos recém-detidos Eismont, Smirnov e Riutine, cuja *Plataforma* fora encontrada no quarto de Nádia. Andava a beber muito, e a sofrer de insónias. Um mês depois da morte da mulher, a 17 de Dezembro, escreveu a Vorochilov uma estranha nota:

«Os casos de Eismont, Smirnov e Riutine estão cheios de álcool. Vemos uma oposição empapada em *vodka*. Eismont, Rikov. Caçar animais selvagens. Tomski, repito, Tomski. Rugidores animais selvagens que rosnam. Smirnov e outros boatos de Moscovo. Como um deserto. Sinto-me pessimamente, não durmo o suficiente.» Esta carta mostra a que ponto Estaline ficou perturbado depois da morte de Nádia. Ressuma álcool e desespero.

Não suavizou a sua atitude relativamente aos camponeses. A 28 de Dezembro, Postichev enviou-lhe uma nota sugerindo a colocação de guardas da GPU junto dos silos de cereais, por estar a ser roubada uma grande quantidade de pão por pessoas esfomeadas. E acrescentava: «Tem havido fortes elementos de sabotagem nas Estações de Máquinas Tractoras colectivas (...). Deixe-me enviar 200 a 300 *kulaks* de Dniepetrovsk para o Norte, por ordem da GPU.»

«Certo! *Pravilno!*», escreveu Estaline entusiasticamente, com o seu lápis azul.

Nádia ficou como que suspensa sobre a cabeça dele até à sua própria morte. Sempre que encontrava alguém que a tivesse conhecido bem, falava dela. Quando, dois anos mais tarde, encontrou Bukharine no teatro, perdeu um acto inteiro a falar de Nádia, de como não era capaz de viver sem ela. Abordava muitas vezes o assunto com Budeny.<sup>†</sup>

\* Maria «Marusia» Svanidze havia de tornar-se uma figura-chave do círculo íntimo do *Vozhd*: Estaline preservou no seu arquivo pessoal o diário manuscrito que ela deixou, e que é um dos documentos mais reveladores dos anos 30.

† Budeny tinha perdido a primeira mulher num possível suicídio, talvez quando ela descobrira a relação dele com aquela que viria a ser a sua segunda esposa, a cantora Olga. Ironicamente, o outro líder soviético cuja mulher se suicidara era o brilhante comandante que Estaline mais odiava: Mikhail Tukatchevski.

A família reunia-se todos os anos, a 8 de Novembro, para recordá-la, mas ele detestava aqueles aniversários, permanecendo no Sul. No entanto, sempre conservou fotografias dela, cada vez maiores, em todas as suas casas. E afirmava ter desistido de dançar no dia em que Nádia morreu.

Milhares de cartas de condolências chegavam de todos os lados ao *apparat* de Estaline, o que torna particularmente interessantes as que ele decidiu conservar: «Ela era frágil como uma flor», dizia uma. Talvez a tenha conservado porque o final era a respeito dele: «Não esqueça, precisamos que tenha cuidado consigo.» Guardou também um poema que lhe foi enviado, dedicado a Nádia, mas que, mais uma vez, apelava à visão que ele tinha de si mesmo:

*Oceano nocturno, Louca tempestade...  
Uma figura atormentada na ponte do navio.  
É o comandante. Quem é ele?  
Um homem de carne e osso,  
Ou será de aço e ferro?*

Quando os estudantes quiseram dar o nome dela ao Instituto que tinha frequentado, Estaline não esteve de acordo, limitando-se a remeter o pedido para a irmã de Nádia, Ana, com a indicação: «Depois de leres esta nota, deixa-a na minha secretária!» A dor do tema estava ainda fresca dezasseis anos mais tarde, quando um escultor escreveu a dizer que queria oferecer-lhe um busto de Nádia. Estaline escreveu laconicamente a Poskrebichev, o seu *chef de cabinet*: «Diga-lhe que recebeu a carta e que a devolve. Estaline.»

Não havia tempo para lutos. O partido estava em guerra.

\* \* \*

Às quatro da tarde de 12 de Novembro, no dia seguinte ao funeral, Estaline chegou ao seu gabinete para se reunir com Kaganovitch, Vorochilov, Molotov e Sergo. Além destes, estava presente o amigo mais íntimo do *Vozhd*, Sergei Mironitch Kirov, primeiro-secretário de Leninegrado e membro do Politburo. «Depois da trágica morte de Nádia», notou Maria Svanidze, «Kirov era a pessoa mais chegada – conseguia abordar Estaline com intimidade e simplicidade, para lhe dar o calor e o conforto que lhe faltavam.» Estaline voltou-se para Kirov, que, como ele próprio dizia, «tratava de mim como se eu fosse uma criança».

Sempre a cantar em voz alta árias de óperas, a transvazar bom humor e entusiasmo juvenil, Kirov era um desses homens descomplicados que fazem amigos com toda a facilidade. Baixo, bem-parecido, com uns olhos castanhos ligeiramente tártaros e órbitas fundas, o rosto marcado pela varíola, cabelos castanhos e pómulos altos, parecia agradar igualmente a homens e mulheres. Casado e sem filhos, diziam-no um mulhe-

rengó com um gosto especial pelas bailarinas do Ballet Mariinski, que controlava em Leninegrado.\* O certo era que seguia de muito perto as épocas de bailado e de ópera, que ouvia no seu apartamento graças a uma ligação especial. Viciado no trabalho como todos os seus camaradas, Kirov gostava da vida ao ar livre, de acampar e caçar com o seu grande companheiro de paródias, Sergo. Como Andreiev, era um montanhista empenhado, um passatempo considerado apropriado para um bolchevique. Sentia-se bem consigo mesmo. Era talvez isto que o tornava tão atraente para Estaline, cujas amizades pareciam paixões – e, como paixões, podiam rapidamente transformar-se em amarga inveja. De momento, queria estar constantemente com Kirov, que chamou ao seu gabinete cinco vezes durante os dias que se seguiram ao funeral de Nádia.

De seu verdadeiro nome Sergei Kostrikov, Kirov nasceu em Urzhum, oitocentos quilómetros a nordeste de Moscovo, em 1886, filho de um modestíssimo escriturário que pouco depois o deixou órfão. Frequentou a Escola Industrial de Kazan, para onde foi mandado por caridade e onde se revelou um excelente aluno. A Revolução de 5 de Outubro interferiu com os seus planos de entrar para a universidade. Acabou por aderir ao Partido Social-Democrata, tornando-se um revolucionário profissional. Entre exílios, casou com a filha de um relojoeiro judeu, mas, como acontecia com todos os bons bolcheviques, a sua vida pessoal «estava subordinada à causa revolucionária», segundo a mulher. Durante o período de calmaria que precedeu a guerra, trabalhou como jornalista na imprensa burguesa, o que ficaria para sempre como uma mancha negra no seu *pedigree* bolchevique. Mil novecentos e dezasseis encontrou-o a criar um base de poder na região do Terek, no Norte do Cáucaso. Durante a Guerra Civil, foi um dos comissários ferrabrases do Cáucaso Norte, ao lado de Sergo e de Mikoian. Em Astracã, impôs o poder bolchevique, em 1919, com largo derramamento de sangue: foram mortas mais de quatro mil pessoas. Quando um *bourgeois* foi apanhado a esconder a sua própria mobília, Kirov mandou-o fuzilar. Ele e Sergo, cujas vidas e mortes foram semelhantes, maquinaram a anexação da Geórgia, em 1931, permanecendo depois em Baku, ambos brutais bolcheviques da geração da Guerra Civil. É provável que tenha encontrado Estaline em 1917, mas foi só durante umas férias, em 1925, que conheceu bem o seu futuro patrono:

«Caro Koba, estou em Kislovodsk (...). Sinto-me melhor. Dentro de uma semana, irei ver-te (...). Cumprimentos a todos. Diz olá à Nádia.» Kirov era o preferido da família. Estaline dedicou um exemplar do seu livro *Sobre Lenine e o Leninismo* «a SM Kirov, meu amigo e querido irmão». Em 1926, afastou Zinoviev da sua base de poder em Leninegrado e promoveu Kirov a patrão do partido na antiga capital de Pedro, o Grande, na altura o segundo maior do Estado. Kirov entrou para o Politburo em 1930.

---

\* Pareceu, portanto, inteiramente apropriado que, após a morte de Kirov, o Ballet fosse rebaptizado com o seu nome.

Quando Kirov perguntou se podia viajar de avião para sul, para se lhe juntar nas férias de 1931, Estaline respondeu: «Não tenho o direito e não aconselharia ninguém a autorizar viagens de avião. Peço-te muito humildemente que venhas de comboio.» Artyom, muitas vezes presente nestas férias, recorda: «Estaline gostava tanto de Kirov que ia pessoalmente esperá-lo à estação de Sochi.» «Divertia-se sempre imenso com Kirov», indo nadar e visitando os *banya*. Por vezes, enquanto Kirov nadava, «Estaline sentava-se na praia e esperava por ele», escreve Artyom.

Depois da morte de Nádia, a amizade de Estaline pelo «meu Kirich» tornou-se ainda mais insistente. Telefonava-lhe frequentemente para Leninegrado, a qualquer hora da noite: o telefone *vertushka* ainda hoje pode ser visto junto à cama de Kirov, no apartamento onde viveu. Quando ia a Moscovo, Kirov preferia ficar em casa de Sergo, que gostava tanto do seu companheiro de farra que, recorda a viúva, certa vez forjou um acidente de automóvel para fazer com que ele perdesse o comboio.\* No entanto, Estaline e Kirov eram «como dois irmãos iguais, brincando um com o outro, contando histórias porcas, rindo», diz Artyom. «Grandes amigos, irmãos que precisavam um do outro.»

Isto não significa que Estaline confiasse inteiramente em Kirov. No Outono de 1929, orquestrou no *Pravda* uma crítica contra ele. Por muito amigos que fossem, não tinha dúvidas em mostrar-lhe o seu desagrado. Em Junho de 1928, um artigo que escrevera apareceu no *Leningradaskaia Pravda* com algumas frases amputadas, provocando uma carta reveladora da sua extrema, quase paranóica, susceptibilidade, mesmo nas questões mais comezinhas: «Compreendo (...) as razões técnicas (...). No entanto, não sei de qualquer outro exemplo de artigos de membros do Politburo (...). Parece estranho que as 40 ou 50 palavras cortadas sejam precisamente as melhores a respeito do campesinato como classe capitalista (...). Fico à espera de uma explicação.»

Kirov não via o amigo como um santo: durante a celebração que, em 1929, elevou Estaline à condição de *Vozhd*, os leninegradenses tiveram a ousadia de evocar a opinião de Lenine a respeito da rudeza do novo líder máximo. Kirov conhecia bem a invulgar mentalidade de Estaline: quando um estudante lhe enviou meia dúzia de perguntas a respeito de ideologia, ele remeteu-as para Kirov, com a seguinte nota: «Kirov! Tens de ler esta carta do estudante Fedotov (...), um jovem politicamente iletrado. Talvez devas telefonar-lhe e conversar com ele, provavelmente é um “membro do partido” corrupto e alcoólico. Julgo que não devemos envolver a GPU. A propósito, este estudante é um espertalhão com uma cara anti-soviética que esconde artisticamente sob uma simples cara que diz: “Ajudem-me a compreender. Talvez vocês compreendam tudo... mas eu não.” Cumprimentos! Estaline.» Não restam dúvidas de que a intimidade de Kirov com Sergo, Mikoian e Kuibichev preocupava Estaline. Os desafios de 1932 – a *Plataforma de Riutine*, a possível resistência de Kirov à execução deste último, a fome,

---

\* Os acidentes de automóvel forjados, frequentemente com efeitos fatais, haviam de tornar-se uma bizarra característica do regime estalinista.

o suicídio de Nadezhda – tinham-lhe mostrado que precisava de uma lealdade mais firme.

Depois da morte de Nádia, Kirov passou a fazer quase parte da família: Estaline insistia na companhia dele, e não na de Sergo. Ficava tantas vezes no apartamento de Estaline que sabia onde estavam guardados os lençóis e as almofadas, e fazia a cama no sofá. As crianças adoravam-no, e, por vezes, quando ele estava, Svetlana montava um espectáculo de marionetas em sua honra. O jogo preferido da filha de Estaline era «brincar aos governos». O pai era «primeiro-secretário». Esta *estalinette* escrevia ordens como: «Ao meu primeiro-secretário, ordeno-te que me deixes ir ao teatro contigo.» Assinava «A Patroa ou Ama (*khozyaika*) Setanka». Prendia as notas na sala de jantar, por cima do telefone. Estaline respondia: «Obedeço.» Kaganovitch, Molotov e Sergo eram «segundos-secretários», mas «ela tem uma amizade especial por Kirov», notava Maria Svanidze, «porque o José é tão bom e tão íntimo dele».

Estaline voltou à ascética vida de beduíno dos tempos da clandestinidade bolchevique, cheia da tensão e da diversidade do revolucionário sempre em fuga, com a diferença de que agora a sua inquietude se assemelhava mais à de um *khan* mongol. Apesar de ser uma criatura de rotinas, precisava de constante movimento: havia camas nas casas dele, mas havia também grandes e duros divãs em todas as divisões. «Nunca durmo numa cama», disse a um visitante. «Sempre num divã», e naquele em que acontecesse estar a ler. «Que personagem histórica tinha o mesmo hábito espartano?», perguntava, e respondia, com essa omnisciência dos autodidactas: «Nicolau I.» A morte de Nádia mudou, naturalmente, a maneira como Estaline e os filhos viviam.

## O VIÚVO OMNIPOTENTE E A SUA AMANTÍSSIMA FAMÍLIA: SERGO, O PRÍNCIPE BOLCHEVIQUE

Estaline não suportava continuar a viver no Palácio Potechny nem na *dacha* Zubalovo, porque a recordação de Nádia era demasiado dolorosa para ele. Bukharine propôs uma troca. Estaline agradeceu a proposta e mudou-se para o apartamento do camarada, no primeiro piso do Palácio Amarelo, o antigo Senado,\* praticamente por baixo do gabinete onde trabalhava. Uma vez que o gabinete se situava na esquina onde as duas alas do edifício se juntavam, era conhecido pelos *cognoscenti* como «O Cantinho». Os seus soalhos polidos, com os tapetes verdes e vermelhos a correr pelo centro, os painéis de madeira à altura do ombro, os escuros cortinados, tudo era mantido escrupulosamente limpo e silencioso como um hospital. Na antecâmara, Poskrebichev, sentado atrás de uma secretária imaculada, controlava os acessos. O gabinete propriamente dito era comprido, arejado e rectangular, com pesados cortinados nas janelas e ornamentados fogões de ferro russos distribuídos ao longo das paredes e aos quais ele costumava apoiar-se para aliviar as dores nas pernas. Ao fundo, do lado direito, havia uma enorme secretária, e do lado esquerdo, sob os retratos de Marx e

---

\* O presidente Putine ainda governa a partir deste edifício, sede do poder na Rússia desde Lenine. O chefe do Estado-Maior de Putine trabalha no antigo gabinete de Estaline. Até 1930, Estaline manteve as suas principais instalações de trabalho no quinto piso do edifício de granito cinzento do Comitê Central, na Praça Velha, acima do Kremlin, onde tinha sido bem servido pelos seus sucessivos secretários – Lev Mekhlis, que saiu para dedicar-se a coisas melhores e maiores, e Tovstukha, que morreu prematuramente. Foi lá que Estaline planeou as suas campanhas contra Trotski, Zinoviev e Bukharine. Em 1930, Poskrebichev e o Sector Especial, o fulcro da ditadura estalinista, mudaram-se para o Palácio Amarelo (também conhecido como Sovnarkom ou Edifício do Conselho de Ministros), onde o Politburo reunia, Estaline trabalhava... e passou a viver.

Lenine, uma comprida mesa coberta por um pano verde e rodeada de cadeiras de espaldar direito.

No piso inferior, o «formal» e sombrio apartamento «de tectos abobadados» seria doravante a sua residência moscovita. «Não era como uma casa», escreveu Svetlana. Fora, em tempos, um corredor. Estaline esperava que os filhos lá estivessem todas as noites, quando regressava para jantar, para rever e assinar os trabalhos de casa, como qualquer pai. Até ao deflagrar da guerra, manteve religiosamente esta rotina: algumas das notas que escreveu aos professores dos filhos sobrevivem nos arquivos.

As crianças adoravam Zubalovo, era a sua verdadeira casa, de modo que Estaline decidiu não as desenraizar e, em vez disso, mandou construir para si mesmo uma «maravilhosa, arejada e moderna *dacha* de um só piso», em Kuntsevo, a nove quilómetros do Kremlin – que passou a ser a sua principal residência até ao dia em que lá morreu, vinte anos mais tarde –, transformando-se, com o passar do tempo, numa grande mas austera mansão de dois pisos, pintada de um severo verde-camuflagem e rodeada por um complexo de casamatas, moradias para convidados, estufas, um banho russo e uma casa especial para a biblioteca, tudo isto no meio de pinhais e protegido por duas vedações concéntricas, inúmeros postos de controlo e pelo menos cem guardas.\* Era lá que satisfazia o seu desejo inato de privacidade, a manifestação externa do desprendimento emocional que o caracterizava: à noite, não ficavam guardas nem criados no interior da casa; a menos que tivesse a companhia de amigos, encerrava-se dentro daquelas paredes, completamente sozinho. Costumava sair de carro para Kuntsevo depois do jantar – era tão próximo que os membros do círculo íntimo lhe chamavam «Perto», por oposição a uma outra casa que tinha em Semionovskoe e onde por vezes também ficava, conhecida, naturalmente, como «Longe». A vida idílica continuava em Zubalovo, o «paraíso» de Svetlana, «como uma ilha encantada».

Estaline não se tornou, depois da morte de Nádia, num eremita perseguido por fantasmas. É verdade que passava cada vez mais tempo com os seus potentados, todos eles homens, quase como a segregada corte de um czar do século XVII. Mas o omnipotente viúvo viu-se também envolvido no abraço terno mas sufocante de uma família reconstituída. Pavel e Zénia Alliluyeva, recém-regressados de Berlim, tornaram-se os seus companheiros constantes. Ana, a irmã de Nádia, e o marido, Stanislas Redens, tinham voltado a Moscovo, onde ele ia ocupar o cargo de chefe da GPU local, para o qual acabava de ser nomeado. Redens, um robusto e bem-parecido polaco, sempre ataviado com o seu uniforme de chekista, fora secretário do fundador da polícia secreta, Dzerzhinski. Ele e Ana apaixonaram-se durante a expedição de Estaline e Dzerzhinski para investigar a queda de Perm, em 1919. Redens tinha a fama, entre os austeros

\* Kuntsevo foi, como a maior parte das suas residências, construída por Merzhanov. Estaline ordenou renovações constantes e, depois da guerra, a construção de um segundo piso. Depois da morte do *Vozhd*, o recheio da casa foi empacotado, mas, durante o consulado de Brezhnev, foi recuperado pelos antigos companheiros de Estaline, uma vez mais reunidos. Actualmente, a casa está fechada e colocada sob a égide da FSB (Federalnaia Sluzhba Bezopasnosti – Serviço de Segurança Social).

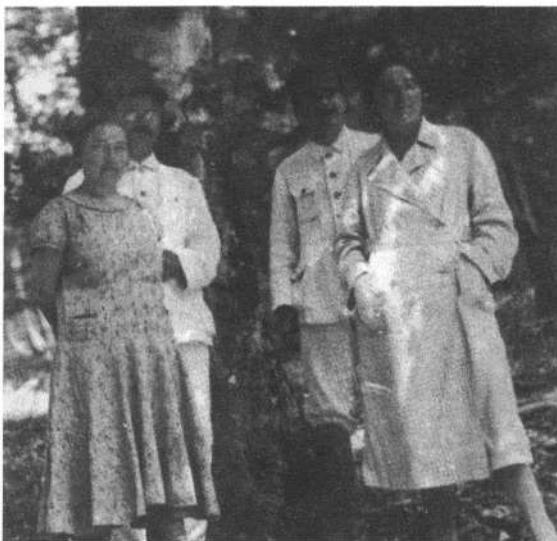
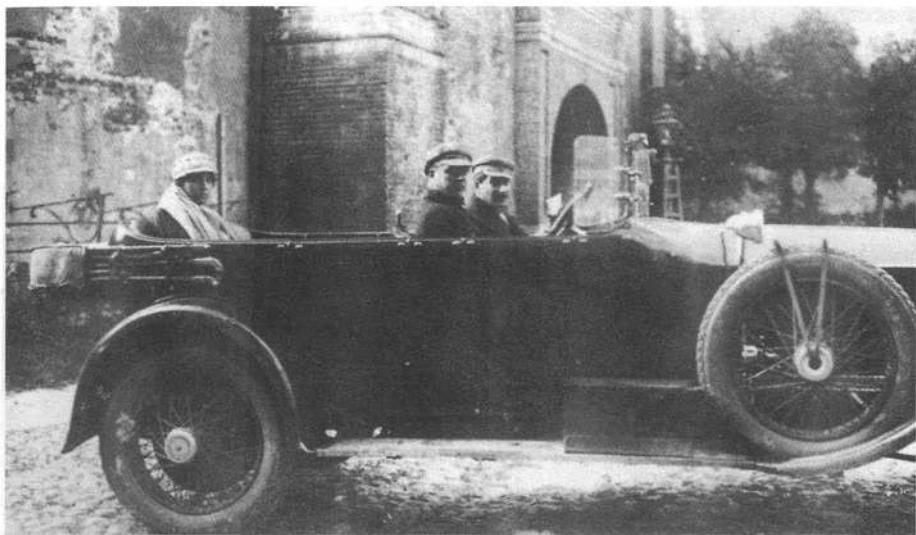
1929-34



Estaline beija a filha, Svetlana, durante umas férias no início da década de 30. Adorava-a: as sardas e os cabelos ruivos lembravam-lhe a mãe, Keke, mas a inteligência e a determinação herdara-as dele. Chamava-lhe «a Chefe» e deixava-a fingir dar ordens aos seus sequazes. Foi um pai afectuoso... até que ela começou a crescer.

Nádia era muito menos afectuosa, mais estrita e puritana para com os filhos: quando do seu primeiro parto, foi a pé para o hospital. Tinha uma relação especial com o frágil e truculento Vassili – mas era antes e acima de tudo uma funcionária bolchevique, que deixava a educação dos filhos ao cuidado de amas. Nesta foto, tem ao colo Svetlana, que ansiava o amor da mãe.





*Em cima:* Estaline e o seu motorista à frente, com Nádia no banco traseiro de uma das limusinas do Kremlin, geralmente Packards, Buicks e Rolls-Royces. Nádia e Estaline viviam asceticamente, mas ele encarregava-se pessoalmente de distribuir carros e apartamentos pelos seus seguidores — e até pelos respectivos filhos. Cada família recebia cerca de três automóveis.

*Em baixo, à esquerda:* Estaline e Nádia gostavam de fazer férias sossegadas nas praias do mar Negro, embora ambos tivessem feitiços explosivos e as discussões fossem frequentes. Os governantes da Rússia soviética constituíam uma pequena oligarquia que passava a maior parte do tempo junta: aqui, vemos os Estaline, à direita, com Molotov e a sua inteligente e apaixonada esposa judia, Polina. Estaline e Nádia rião-se de Molotov, mas o ditador nunca perdoou a amizade que ligava Polina à mulher.

*Em baixo à direita:* Os Estaline e as outras famílias do topo da hierarquia costumavam fazer idílicos fins-de-semana em Zubalovo, a dacha do casal perto de Moscovo. Na foto, Estaline entra em casa, levando Svetlana ao colo.



Estaline construiu o seu poder lentamente, informalmente e com encanto... não obstante a rígida fachada do Congresso do Partido, do Comitê Central e do Politburo. As decisões verdadeiramente importantes eram tomadas nos bastidores, nos fumacenos corredores do Kremlin. Na foto, Estaline conversa, durante um congresso do partido (1927), com os seus aliados Sergo Ordzhonikidze e (à direita) o primeiro-ministro Alexei Rikov. Rikov iria em breve, no entanto, opor-se à dura política de Estaline... e pagar por isso a penalidade máxima.



Estaline era o principal líder soviético desde meados dos anos 20... mas ainda não um ditador. Muitos dos seus colegas eram homens poderosos por direito próprio. Aqui, num congresso do partido, Estaline preside entre algumas das primeiras figuras: Sergo Ordzhonikidze (frente esquerda), Klim Vorochilov, que se volta para olhar para ele, o risonho Kirov (à direita de Estaline), Kaganovich e Mikoian (na extrema direita) e Postichev (segundo a contar da esquerda).



Depois da sua trágica morte, Nádia jaz em câmara ardente. Estaline nunca se recompondo do suicídio da mulher e vingou-se daqueles que, em sua opinião, a tinham encorajado. «Deixou-me aleijado», disse. Soluçou ao vê-la no caixão. «Não chores, Papa», pediu Vassili, que lhe dava a mão.

No funeral de Nádia, Estaline caminhou durante algum tempo atrás do surpreendentemente tradicional féretro, mas, depois, foi de carro até ao cemitério. Foi o chefe da sua segurança pessoal, Pauker, judeu e antigo cabeleireiro da Ópera de Budapeste, que mobilizou a banda que se vê à direita.

*Em baixo:* Estaline sai do Grande Palácio do Kremlin com dois dos seus aliados mais chegados: Sergo Ordzhonikize, o extravagante, irascível e emocional terror dos seus inimigos, de quem se dizia ser «o perfeito bolchevique» e parecer um «príncipe georgiano» (ao centro), e Mikhail «Papa» Kalinine (com a bengala), o Chefe de Estado soviético, um antigo camponês simpático e mulherengo. Kalinine opôs-se a Estaline... e teve a sorte de sobreviver. Sergo confrontou Estaline, e viu-se encurrulado.



*Em cima:* Lazar Kaganovitch, um vigoroso e bem-parecido sapateiro judeu, era, nos anos 30, o rude, enérgico, cruel e inteligente adjunto de Estaline. Aqui, durante a penúria que acompanhou a colectivização, cheia pessoalmente uma expedição aos campos siberianos, à procura de cereais escondidos pelos camponeses. O ritmo da campanha de Estaline era esgotante: Kaganovitch (*embainho*, ao centro) adormeceu rodeado pelos seus oficiais e membros da polícia secreta.



*À esquerda:* Os próceres do partido eram tão próximos que mais pareciam uma família: o «Tio Abel» Ienukidze (à esquerda) era padrinho de Nádia, velho amigo de Estaline, funcionário superior e um solteirão sibarita com um fraco por bailarinas. Estaline acabou por se fartar da sua intimidade. Vorochilov (à direita), elegante, bem-humorado, estúpido, invejoso e brutal, fez nome na batalha de Tsaritsyn e, em 1937, supervisionou a matança de cerca de 40.000 dos seus próprios oficiais.



Em 1933, o primeiro ano depois da morte de Nádia, as férias de Estaline ficaram registadas num álbum especial organizado pela polícia secreta, que depois lho ofereceu: mostra a surpreendente familiaridade e descontração da sua vida durante os meses de férias. Gostava particularmente de piqueniques. Aqui, ele e Vorochilov vão acampar (*em cima*). Estaline adorava jardinagem, que praticava na sua *dacha* de Sochi (*à esquerda*). Gostava muito de rosas, mas as mimosas eram as suas flores preferidas. Gostava menos de caçar, mas aqui o vemos com (a partir da esquerda) Budeny, Vorochilov e Evdokimov, o seu amigalhaço da Cheka.





As férias eram a melhor altura para conhecer Estaline: a competição e o tráfico de influências entre os potentados eram frenéticos, até as actividades mais triviais se tornavam politicamente significativas se aproximavam os cortesãos do Chefe. O jovem Lavrenti Béria, líder georgiano e um sádico depravado, ofereceu-se para ajudar a mondar os jardins: enfiando um machado no cinto (em cima), disse a Estaline que não havia árvore que não pudesse abater. Estaline compreendeu.

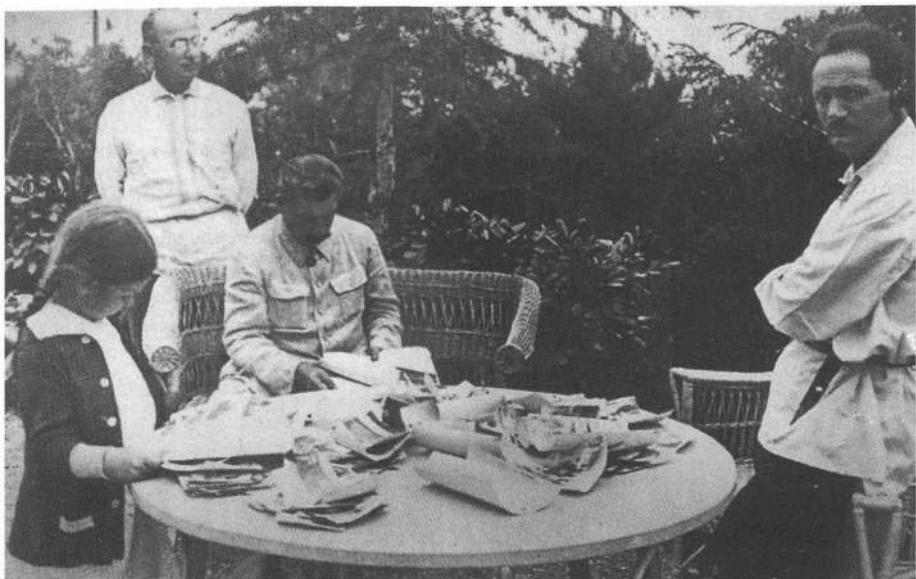


Estaline, Lakoba e Kirov embarcam para uma expedição de caça e pesca que havia de terminar numa tentativa de assassinio. Terá Béria encenado o episódio? *Em cima:* Estaline inspecciona a pescaria.





Molotov, primeiro-ministro durante os anos 30 — e o segundo líder mais importante depois de Estaline, que gostava de troçar dele —, era dominado pela mulher, Polina, a quem escrevia apaixonadas cartas de amor. Aqui, em férias, joga ténis com a família; no Inverno, puxava o trenó da mimada filha. Mas este Robespierre soviético acreditava no terror e nunca hesitou em assinar as sentenças de morte das mulheres dos amigos. Estaline chamava-lhe «Molotstein», ou, mais amistosamente, «o nosso Vecha».



Era assim que Estaline governava o império: rodeado pela família e pelos amigos, sentado ao sol na *dacha* de Sochi, lendo centenas de páginas e escrevendo as suas ordens com um lápis vermelho, enquanto os sequazes travavam brutais duelos pelas suas boas graças. Béria mantém-se de pé atrás dele, como um guarda, tendo-se já desligado do seu patrono, Lakoba (à direita), enquanto Svetlana (que tratava Béria por «Tio Lara») brincava à volta deles. Cinco anos mais tarde, Lakoba e toda a sua fanúlia estavam mortos.

Velhos Bolcheviques, de «se dar ares» e ser um beberrão, isto devido a um infeliz incidente. Até 1931, fora o chefe da GPU na Geórgia. No entanto, o seu adjunto, Béria, conseguira, de acordo com a versão da família, enganá-lo com uma partida mais digna de uma animada despedida de solteiro do que de uma intriga da polícia secreta... mas que em todo o caso resultou. Béria embriagou Redens e mandou-o para casa nu. As lendas familiares raramente contam a história toda: as cartas de Estaline revelam que Redens e os chefes locais tentaram exilar Béria para o Baixo Volga, mas que alguém, provavelmente Estaline, interveio. Béria nunca lhes perdoou. No fim, foi Redens, e não Béria, quem saiu.

Estaline gostava do seu jovial cunhado, mas duvidava da competência dele como chekista, e tirou-o da Ucrânia. Ana, uma mãe terna e carinhosa, era uma boa mulher, mas imprudente, que – os próprios filhos o admitiam – falava de mais. Estaline chamava-lhe «tagarela».

Um terceiro casal completava este sexteto de preocupados parentes. Aliosha Svanidze, também ele recém-chegado do estrangeiro, era irmão da primeira mulher de Estaline, Kato, que morrera em 1907. «Bonito, louro, com olhos azuis e um nariz aquilino», era um *dandy* georgiano. Falava francês e alemão e ocupava altos cargos no Banco do Estado. Estaline gostava muito dele – «eram como irmãos», escreveu Mikoian. A mulher, Maria, uma soprano georgiana de ascendência judaica «com um narizinho arrebitado, uma pele de casca de pêssego e grandes olhos azuis», era a *prima donna* da ópera da sua própria vida.\* No dizer de Svetlana, formavam um casal vistoso e animado, constantemente a trazer prendas do estrangeiro. Maria, essa ávida diarista, parecia estar, aliás como todas as mulheres da corte de Estaline, um pouco apaixonada pelo *Vozhd*. Havia uma constante e maldosa competição pelos favores dele entre aquelas damas, tão ocupadas a sentirem-se superiores e a minarem-se umas às outras que, por vezes, não se apercebiam dos perigosos sinais dos agitados humores do líder.

Entretanto, Iakov, agora com vinte e sete anos, completava a sua formação como engenheiro eléctrico, apesar de Estaline ter querido que ele fosse militar. Iasha «fazia lembrar o pai na voz e na aparência», mas irritava-o. Por vezes, Estaline era capaz de mostrar bruscos afectos: enviou-lhe um dos seus livros, *A Conquista da Natureza*, escrevendo na página de rosto: «Iasha, lê este livro imediatamente. J. Estaline.»

À medida que Svetlana crescia e se transformava numa ruiva sardenta, Estaline dizia que ela era exactamente igual à mãe – para ele, sempre o maior dos elogios. Mas a verdade é que Svetlana se parecia com ele: inteligente, teimosa e determinada. «Era a preferida. Depois da morte da Mãe, ele tentou aproximar-se mais. Era muito afectuoso – só queria saber como estavam as coisas a correr-me. Apercebo-me agora de que era um pai muito terno (...).» Maria Svanidze recorda como Svetlana borboleteava à volta do pai. «Ele beijava-a, admirava-a, dava-lhe de comer do seu próprio prato, es-

---

\* Deram ao filho o absurdo nome bolchevique de Johnreed, em honra do autor de *Dez Dias que Abalaram o Mundo*.

colhendo os melhores pedaços para ela.» Svetlana, com sete anos, dizia muitas vezes: «Desde que o papá goste de mim, não quero saber que o mundo inteiro me odeie! Se o papá me dissesse “Voa até à Lua!”, eu fá-lo-ia!» No entanto, achava o afecto dele sufocante. «Sempre aquele cheiro a tabaco, uma grande nuvem de fumo com bigode, a beijar-me e a abraçar-me». Na realidade, Svetlana foi criada pela sua adorada ama, a robusta Alexandra Bichkova, e pela enérgica governanta, Carolina Til.

Um mês depois da morte de Nádia, recorda Artyom, ainda ela perguntava quanto tempo faltava para a mãe regressar do estrangeiro. Svetlana tinha um medo pavoroso do escuro, que associava à morte. Admitia que não conseguia gostar de Vassili, que ou estava a tiranizá-la, estragando-lhe as brincadeiras, ou a falar-lhe de perturbadores pormenores sexuais que, acreditava ela, deformaram a maneira como passou a ver o sexo.

Vassili, com doze anos, foi o mais afectado: «sofreu um choque terrível», escreveu Svetlana, «que o arruinou completamente». Tornou-se um rufião truculento, agressivo e grosseiro, que dizia palavrões diante das senhoras e exigia ser tratado como um príncipe, apesar de ser tragicamente inepto e infeliz. Semeava o caos em Zubalovo, mas ninguém falava a Estaline deste intolerável comportamento. No entanto, Artyom afirma que Vassili era na realidade «bondoso, gentil, meigo, desinteressado das coisas materiais; podia ser um rufião, mas também defendia os mais pequenos». Tinha, porém, um medo enorme do pai, que respeitava como «os cristãos respeitam Cristo». Na ausência do seu desapontado progenitor, Vassili cresceu no triste e emocionalmente estéril mundo dos guarda-costas e dos duros e subservientes agentes da polícia secreta, e não sob a direcção amorosa mas firme das amas. Era Pauker quem supervisionava a educação deste Fauntleroy bolchevique. O comandante de Zubalovo, Efimov, reportava a Vlasik, que por sua vez informava «o Chefe».

Estaline confiava no seu dedicado guarda-costas, um robusto, duro e inculto camponês, Nikolai Vlasik, na altura com trinta e sete anos, que entrara para a Cheka em 1919 e começara por proteger os membros do Politburo antes de, a partir de 1927, passar dedicar-se exclusivamente ao *Vozhd*. Tornou-se, ao lado de Estaline, um poderoso vizir, mas continuou a ser, para Vassili, a coisa mais parecida com uma figura paterna: Vassili costumava apresentar-lhe as namoradas, para que as aprovasse.

Quando o comportamento de Vassili na escola se tornou intolerável, foi Pauker quem escreveu a Vlasik, dizendo que «a transferência dele para outra escola é absolutamente necessária». Vassili anelava pela aprovação do pai: «Olá, pai!», escreveu numa carta típica, em que usa uma versão infantil do jargão bolchevique. «Estou a estudar na nova escola, é muito boa e acho que vou tornar-me um bom Vaska Vermelho! Pai, escreva-me a dizer como está e como estão a ser as suas férias. A Svetlana está bem e também estuda na escola. Saudações do nosso colectivo de trabalho. Vaska Vermelho.» Mas também escrevia cartas aos homens da polícia secreta:

«Olá, Camarada Pauker. Estou óptimo. Já não brigo com o Tom [Artyom]. Apanho imenso [peixe] e muito bem. Se não estiver muito ocupado, venha ver-nos. Camarada

Pauker, peço-lhe que me mande um frasco de tinta para a minha caneta.» Pauker, que era tão próximo de Estaline que lhe fazia a barba, mandou o frasco de tinta ao rapaz. Quando o recebeu, Vassili agradeceu ao «Camarada Pauker», negou ter feito outro rapazinho chorar e denunciou o camarada Vlasik por tê-lo acusado. Já uma vida passada entre estudantes e polícias estava a levar o garoto mimado a denunciar outros, um hábito que, em anos futuros, viria ocasionalmente a revelar-se mortal para as suas vítimas. O tom principesco é inconfundível: «O camarada Efimov informou-o de que eu pedia que me enviasse uma caçadeira, mas não a recebi. Talvez se tenha esquecido, por isso faça o favor de ma mandar. Vasya.»

Estaline, estupefacto face à insubordinação de Vassili, sugeriu mais disciplina. A 12 de Setembro de 1933, Carolina Til partiu para férias, e Estaline, que estava no Sul, enviou as seguintes instruções para Efimov, em Zubalovo: «A ama ficará na casa de Moscovo. Certifique-se de que o Vasya não se porta mal. Não lhe dê demasiado tempo para brincar e seja severo. Se o Vasya não obedecer à ama e for mal-educado, feche-o em casa.» E acrescentava: «Afaste o Vasya de Ana Sergeevna [Redens, a irmã de Nádia] – ela estraga-o com concessões prejudiciais e perigosas.» Enquanto estava de férias, Estaline mandou ao filho uma carta e alguns pêssegos. «Vaska Vermelho» agradeceu. No entanto, nem tudo estava bem com Vassili. A pistola que matara Nádia continuava em casa de Estaline. Vassili mostrou-a a Artyom e deu-lhe o coldre de couro, como recordação.

Só anos mais tarde Estaline compreenderia a que ponto os filhos tinham sido prejudicados pela sua ausência e por uma educação deixada a cargo de guarda-costas – aquilo a que ele chamava «o mais fundo segredo do seu coração»:

«As crianças que crescem sem a mãe podem ser perfeitamente criadas por amás, mas estas nunca podem substituir a mãe (...).»

\* \* \*

Em Janeiro de 1933, Estaline fez, perante o Plenário, um discurso de vangloria e bazofia tipicamente bolchevique: o Plano Quinquenal tinha sido um êxito notável. O partido oferecera ao país uma indústria de tractores e a produção de energia eléctrica, de carvão, de aço e de petróleo. Tinham sido construídas cidades onde antes nada existia. A barragem e a central eléctrica do Dniepre e a via-férrea Turq-Sib tinham sido completadas (construídas pela crescente força de mão-de-obra escrava de Iagoda). Quaisquer dificuldades eram culpa exclusiva da oposição inimiga. E no entanto, este foi o Faminto Trinta e Três, durante o qual milhões de pessoas morreram de fome e centenas de milhares foram deportadas.

Em Julho de 1933, Kirov juntou-se a Estaline, Vorochilov, Iagoda, vice-presidente da OGPU, e Berman, patrão do Gulag, o sistema de campos de trabalho, a bordo do navio *Anokhin*, para celebrar a abertura de um gargantuesco projecto dos trabalhadores socialistas: o canal Báltico-mar Branco, ou, em acrônimo bolchevique, o

Belomor,\* um canal com 227 quilómetros de comprimento, iniciado em Dezembro de 1931 e construído por uma força faraónica de 170.000 prisioneiros-escravos, 25.000 dos quais morreram no espaço de ano e meio. Mais tarde, Vorochilov louvaria Kirov e Iagoda pelas respectivas contribuições para este crime.

No Verão, os potentados estavam exaustos, ao cabo de cinco anos de esforço hercúleo a levar por diante o Plano Quinquenal, derrotar a oposição e, sobretudo, esmagar o campesinato. Depois de tantas tensões, precisavam de relaxar para não quebrarem... Mas, não obstante a crise do Faminto Trinta e Três ter sido vencida à custa de uma repressão maciça, não era ainda tempo de descansar. Sergo, comissário do povo para a Indústria Pesada e director do Plano Quinquenal, teve problemas circulatórios e cardíacos. Estaline em pessoa supervisionou os tratamentos. Também Kirov cedia à pressão, sofrendo de «taquicardia (...), acentuada irritabilidade e distúrbios do sono». Os médicos ordenaram-lhe que descansasse. Kuibichev, amigo de Kirov e chefe da Gosplan, que tinha a seu cargo a tarefa impossível de fazer com que os números batessem certo, começou a beber e a perseguir mulheres: mais tarde, Estaline queixou-se a Molotov, resmungando que o homem se tornara um «debochado».

A 17 de Agosto, Estaline e Vorochilov partiram no seu comboio especial.<sup>†</sup> Sabemos, graças a uma nota que ficou inédita, que já nessa altura o *Vozhd* se tornara paranóico no que respeitava aos seus movimentos, farto da cunhada, Ana Redens, e desejoso de que Klim se mostrasse mais discreto:

«Ontem, junto da minha cunhada (uma tagarela) e dos médicos (são uns mexeri-queiros), não quis falar da data exacta da minha partida. Estou agora a informar-te de que resolvi ir amanhã (...). Não é bom falar livremente destas coisas. Somos ambos alvos apetecidos e não devemos informar seja quem for falando abertamente. Portanto, se estiveres de acordo, vamos amanhã, às duas. Vou mandar o Iusis [o lituano que partilhava com Vlasik os deveres de guarda-costas] ordenar imediatamente ao chefe da estação que acrescente uma carruagem, sem dizer para quem é. Até amanhã, às duas (...).» Foram umas férias cheias de acontecimentos: até houve uma tentativa de assassinio.

\* \* \*

Em Krasnaya Polyana, Sochi, Estaline encontrou Lakoba, o chefe abcaziano, à espera no alpendre, juntamente com o presidente Kalinine e Poskrebichev. Quando

\* Os cigarros *Belomor* tornaram-se, na altura, umas das marcas mais populares, fumada pelo próprio Estaline quando não era possível encontrar a sua preferida, Herzegovina Flor. O canal Belomor foi um dos triunfos exaltados por escritores e realizadores de cinema: Gorki, o romancista que se tornara o desvergonhado do apologista dos piores excessos do bolchevismo, editou um livro, *O Canal que Tem o Nome de Estaline*, em que, espantosamente, louvava os aspectos humanitários da obra.

† Estamos particularmente bem informados sobre estas férias, porque temos não só a correspondência de Estaline com Kaganowitch, que ficara em Moscovo a aguentar o forte, mas também as fotografias que a GPU tirou e reuniu num álbum especial destinado a Estaline. Além disso, Lakoba, o anfitrião na Abcázia, tomou uma grande quantidade de notas. Dispomos, pois, tanto de imagem como de som.

ele e Lakoba passeavam pelos jardins, Béria, agora vice-rei *de facto* do Cáucaso, juntou-se-lhes. Lakoba e Béria, já inimigos, tinham chegado separadamente. Depois do pequeno-almoço no alpendre, o *Vozhd*, seguido por um crescente séquito, a que tinha vindo juntar-se Ian Rudzutak, um Velho Bolchevique letão que chefiava a Comissão de Controlo mas em quem Estaline confiava cada vez menos, voltou a passear pelos jardins.

— Deixem de ser preguiçosos — disse Estaline, o jardineiro. — Estes arbustos precisam de ser podados.

Líderes e guardas meteram mãos à obra, apanhando ramos e cortando galhos, enquanto Estaline, de dólman branco e largas calças tufadas metidas para dentro das botas, supervisionava, fumando o seu cachimbo. A dada altura, e para dar o exemplo, pegou numa forquilha e extirpou ele próprio algumas ervas daninhas. Béria trabalhava com um ancinho, enquanto um dos líderes de Moscovo cortava ramos mortos com um machado. Béria pegou no machado e, golpeando vigorosamente para impressionar Estaline, gracejou, com um *double entendre* mais do que óbvio:

— Estou só a mostrar ao dono do jardim, José Vissarionovitch, que posso abater qualquer árvore. — Nenhum líder era tão grande que Béria não pudesse derrubá-lo. Em breve teria oportunidade de esgrimir o seu pequeno machado.

Estaline sentou-se na sua cadeira de verga, e Béria sentou-se atrás dele, como um cortesão medieval, com o machado enfiado no cinto. Svetlana, que agora chamava a Béria «Tio Lara», juntou-se ao grupo. Enquanto Estaline trabalhava um pouco nos seus papéis e Lakoba ouvia música com os auscultadores postos, Béria, chamando Svetlana, sentou-a num joelho e ficou registado para a posteridade numa fotografia famosa, com o *pince-nez* a refletir e as mãos pousadas na criança, enquanto o líder trabalhava pacientemente em segundo plano.

Vorochilov e Budeny, que também tinham aparecido, levaram Estaline, no banco dianteiro de um *Packard* descapotável, a ver os potros filhos do garanhão do exército. Depois de um passeio, foram caçar. Estaline carregava alegremente a espingarda ao ombro, com o barrete empurrado para a nuca enquanto o guarda chekista lhe limpava o suor da testa. Depois de um dia de caça, montaram tendas para um piquenique e churrasco *al fresco*. Mais tarde, Estaline foi à pesca. A descontração de toda a viagem é evidente: foi uma das últimas ocasiões em que viveu assim.

\* \* \*

Entretanto, Estaline ficou furioso quando, na sua ausência, Sergo conseguiu manipular o Politburo contra ele. Kaganovitch ficava aos comandos, enquanto mais e mais líderes partiam para férias. Escrevia a Estaline praticamente todos os dias, terminando sempre as suas cartas com o mesmo pedido: «Por favor, informe-nos sobre a sua opinião.» Os potentados mantinham entre si uma luta constante pelo acesso aos recursos disponíveis: quanto mais duro era o combate pela colectivização e mais rápido o ritmo

da industrialização, mais acidentes e erros aconteciam nas fábricas e mais implacável se tornava a batalha no seio do Politburo pelo controlo dos respectivos feudos. Molotov, o «Cu-de-Ferro», primeiro-ministro, discutia com Ordzhonikidze, o temperamental comissário da Indústria Pesada, e com Kaganovitch, que se digladiava com Kirov, que enfrentava Vorochilov, e assim por diante. Mas, inesperadamente, o Politburo uniu-se contra os desejos do próprio Estaline.

Durante o Verão de 1933, Molotov recebeu um relatório a dizer que uma fábrica de Zaporozhe estava a produzir peças defeituosas para ceifeiras-debulhadoras, devido a sabotagem. Molotov, que acreditava, como Estaline, que, sendo o sistema perfeito e a ideologia cientificamente correcta, todos os erros industriais tinham de resultar da acção de sabotadores, ordenou ao procurador-geral Akulov que prendesse os culpados. Os chefes locais apelaram para Sergo. Quando o caso apareceu perante o Supremo, o governo foi representado pelo procurador-adjunto, um advogado ex-menchevique chamado Andrei Vichinski, que seria um dos mais notórios sequazes de Estaline durante o Terror. Mas, com o *Vozhd* de férias, Sergo defendeu apaixonadamente os homens da indústria e conseguiu convencer o Politburo, incluindo Molotov e Kaganovitch, a condenar a exposição de Vichinski.

A 29 de Agosto, Estaline descobriu a traição de Sergo e disparou um telegrama de farisaica ira: «Considero a atitude adoptada pelo Politburo incorrecta e perigosa (...). Acho lamentável que Kaganovitch e Molotov não tenham sabido resistir à pressão burocrática do Comissariado para a Indústria Pesada.» Dois dias mais tarde, Kaganovitch, Andreiev, Kuibichev e Mikoyan anulavam oficialmente a resolução. Estaline ficou a remoer os perigos da capacidade de Sergo de usar o seu indiscutível prestígio e a força da sua personalidade para influenciar os potentados, dando vazão à sua irritação numa carta a Molotov:

«Considero as acções do Sergo o comportamento de um energúmeno. Como foi possível deixarem-no levar a sua por diante?» Estava estupefacto pelo facto de Molotov e Kaganovitch se terem deixado influenciar. «Que se passa? O Kaganovitch fez alguma das suas? (...) E não é ele o único.» Continuou a desfrechar reprimendas: «Escrevi ao Kaganovitch para lhe expressar a minha surpresa por ele se ter encontrado, neste caso, no campo dos elementos reaccionários.»

Duas semanas mais tarde, a 12 de Setembro, ainda se queixava a Molotov de que Sergo revelara tendências antipartido ao defender «elementos reaccionários do partido contra o Comité Central». Castigou Molotov arrancando-o às suas férias na Crimeia – «Nem eu nem o Vorochilov achamos bem que faças seis semanas de férias em vez de duas» – e pouco depois arrependeu-se: «Custa-me ser a razão do teu regresso prematuro», desculpava-se, mas logo a seguir mostrava a sua persistente irritação contra Kaganovitch e Kuibichev: «É óbvio que seria imprudente deixar o trabalho do centro exclusivamente a cargo do Kaganovitch (o Kuibichev é capaz de começar a beber).» Molotov, miseravelmente, regressou a Moscovo.

Estaline derrotou Sergo sem a mais pequena dificuldade, mas a veemência do seu ataque ao «energúmeno» mostra como levava a sério o mais forte dos líderes depois dele próprio. Temperamental e excitável, mas também a personificação perfeita do duro administrador estalinista, Sergo Ordzhonikidze nasceu em 1886, filho de um nobre georgiano. Órfão aos dez anos, quase não tinha instrução, mas estudou, incongruentemente, para enfermeiro.\* Aos dezassete anos, já tinha aderido ao partido, e foi preso pelo menos quatro vezes antes de, em 1911, ir juntar-se a Lenine em Paris, sendo assim um dos poucos estalinistas a ter conhecido a experiência da emigração (ainda que brevemente). Membro do Comité Central desde 1912 (como Estaline), foi pessoalmente responsável, em 1921, pela brutal anexação e bolchevização da Geórgia e do Azerbaijão, onde era conhecido como «Cu-de-Estaline». Lenine atacou-o por ter batido num camarada e por envolver-se em orgias alcoólicas com prostitutas, mas também defendeu a forma agressiva que tinha de gritar, gracejando: «É verdade que ele grita (...), mas é surdo de um ouvido.»

Durante a Guerra Civil, Sergo fora um impetuoso e leonino herói, um excelente cavaleiro (era acusado de ter atravessado a galope, montado num cavalo branco, a recém-conquistada Tíflis), tão «jovem e forte» que «parecia ter nascido já de capote comprido e botas». Era explosivamente temperamental. No início dos anos 20, chegou a esmurrar Molotov durante uma discussão a respeito do livro de Zinoviev, *Leninismo*, um incidente que mostra a que ponto levavam a sério as questões ideológicas: Kirov teve de separá-los. Eteri, a filha de Sergo, recorda que este vulcânico georgiano perdia frequentemente a cabeça ao ponto de esbofetear os camaradas, mas a erupção depressa passava – «daria a vida por alguém que amasse e mataria alguém que odiasse», dizia a mulher, Zina.

Promovido à chefia da Comissão de Controlo em 1926, Sergo foi o mais agressivo dos aliados de Estaline na luta contra as oposições até ser posto à cabeça da Indústria Pesada. Não compreendia as subtilezas da economia, mas empregava especialistas que as compreendiam, fazendo-os funcionar pelo encanto e pela força. «Aterroriza os camaradas no trabalho», queixava-se um dos seus subordinados, que estavam constantemente a apelar contra os seus excessos. «O Sergo bateu-lhes mesmo!», escrevia aprovadamente Estaline a Vorochilov, em 1928. «A oposição andava cheia de medo!»

Sergo, que começara por flertar com Bukharine e depois o traíra, era um apoiante ferrenho da Grande Viragem de Estaline – «aceitava a política de alma e coração», dizia Kaganovitch. Amado pelos amigos, de Kaganovitch a Bukharine e Kirov, era «o perfeito bolchevique», achava Maria Svanidze, e também «cavalheiresco», segundo Khrushchev. «Os seus olhos bondosos, os cabelos grisalhos e o grande bigode», escrevia o filho de Béria, «davam-lhe o ar de um velho príncipe georgiano.» Devendo a carreira a Estaline,

\* Depois da Segunda Guerra Mundial, Estaline recordaria como, no exílio, «eu, como camponês, recebia 8 rublos mensais; Ordzhonikidze, como nobre, recebia 12 rublos, de modo que os nobres deportados custavam ao Tesouro mais 50% do que os camponeses». O outro enfermeiro que fazia parte do grupo de líderes era Poskrebischew.

foi a última grande fera do Politburo, céptico no respeito ao culto do *Vozhd*, com a sua própria clientela, que era capaz de defender, na indústria e no Cáucaso. Com toda a certeza nunca teve medo de discordar de Estaline,\* que via como um irritadiço irmão mais velho: por vezes, pouco faltava para lhe dar ordens.

No Verão de 1933, estava de férias em Kislovodsk, a sua estância favorita, de onde manteve uma intensa correspondência com Estaline, que, no fundo, invejava este «príncipe» de coração aberto. Sergo era, queixava-se Estaline, «vaidoso ao ponto de parecer tolo».

\* \* \*

«Aqui de férias», escrevia Estaline, «não fico sentado no mesmo lugar, ando sempre de um lado para o outro (...).» Passado um mês, mudou-se para sul, para a recém-construída casa de Museri. Situada no alto de uma colina, no meio de um parque semi-tropical, era uma feia moradia de dois pisos, com os painéis de madeira de que ele tanto gostava, grandes varandas, uma vasta sala de jantar e uma magnífica vista sobre o porto, onde Lakoba mandara construir um pontão especial. Uma rede de sinuosos caminhos conduzia a um pavilhão de Verão, onde Estaline trabalhava, e, descendo uma longa série de degraus, chegava-se até ao mar. Estaline e Lakoba visitavam com frequência uma aldeia próxima, onde os habitantes faziam festas abcazianas ao livre.

A 23 de Setembro, Lakoba organizou um passeio de barco e uma caçada: Estaline e Vlasik seguiram ao longo da costa, partindo do pontão especial, num iate a motor, o *Estrela Vermelha*, com as espingardas atravessadas sobre os joelhos. Repentinamente ouviram-se, vindas de terra, rajadas de metralhadora.

---

\* Estaline tratava Sergo como um incontrolável irmão mais novo. «Esta semana andaste a arranjar sari-lhos», escrevia-lhe, tipicamente, «e foste bem sucedido. Devo felicitar-te, ou não?» Numa outra ocasião: «Amanhã, reunião a respeito da reforma bancária. Estás preparado? É bom que estejas.» Quando o censurava, Estaline acrescentava: «Não ralhes comigo por ser rude (...). Na verdade, podes protestar tanto quanto quiseres.» Geralmente, assinava «Koba». As notas de Sergo eram quase sempre para discordar de qualquer decisão de Estaline: «Caro Soso», criticava, numa delas, «estará a Nova Rússia a ser construída pelos americanos?» Era perfeitamente capaz de dar instruções a Estaline: «Soso, querem pôr o Kaganovitch na aviação civil (...). Escreve ao Molotov e ao Kaganovitch e diz-lhes que não o façam!»

## O TRIUNFO ESTRAGADO: KIROV, A CONJURA E O DÉCIMO SÉTIMO CONGRESSO

Vlasik atirou-se para cima de Estaline, no tombadilho do *Estrela Vermelha*, pedindo autorização para responder ao fogo. No meio de uma troca de tiros, o iate regressou ao mar alto. De início, Estaline pensara que tinham sido apenas georgianos a disparar para o ar em jeito de saudação, mas depois mudou de ideias. Recebeu uma carta dos guardas da fronteira, em que admitiam ter disparado julgando tratar-se de uma embarcação estrangeira. Béria investigou pessoalmente, usando da sua habitual dureza para obter resultados que impressionaram o *Vozhd*, mas suscitou suspeitas de que tinha maquinado o ataque para desacreditar Lakoba, que era responsável pela segurança dentro das fronteiras da Abcázia. Os guardas foram despachados para a Sibéria. Vlasik e Béria tornaram-se ainda mais próximos de Estaline.

De novo em terra firme, o grupo seguiu para Gagra, onde a GPU descobrira, nas colinas, uma nova *dacha* que Lakoba estava a reconstruir e que se tornou uma das residências preferidas de Estaline, Kholodnaya Rechka, Córrego Frio, um ninho de águia estalinista construído no alto de uma falésia com vistas de uma deslumbrante beleza natural.\* De regresso a Sochi, Svetlana ficou com o pai, mas, quando ela voltou à esco-

---

\* A casa de Gagra é uma das mais belas residências de Estaline, mas também uma das menos acessíveis. Mais tarde, os filhos tiveram direito às suas próprias casas. Um coleante caminho de degraus serpenteia até ao mar, mas de terra não se vê. Como a maior parte destas casas, continua sob o controlo da segurança presidencial abcziana, escondida, fantasmagórica, mas perfeitamente preservada. Museri fica perto da mesma estância de repouso secreta do CC, Pitsunda, onde Khrushchev, quando primeiro-secretário, tinha uma casa e onde, nos anos 80, Mikhail Gorbatchev e a mulher, Raisa, foram criticados, nos últimos anos da União Soviética, por terem construído uma moradia de Verão que custou vários milhões de libras. Todas elas permanecem desertas, mas guardadas, sob o escaldante clima abcziano.

la, Estaline viu-se como «um mocho solitário», e desejou a companhia de Ienukidze. «O que é que te prende em Moscovo?», escreveu a Abel. «Vem para Sochi, nadar no mar, e deixar o teu coração descansar. Diz ao Kalinine, da minha parte, que comete um crime se não te mandar imediatamente de férias (...). Podias ficar comigo na *dacha* (...). Hoje fui visitar a nova *dacha*, em Gagra (...). O Vorochilov e a mulher ficaram encantados (...). O teu Koba.»

\* \* \*

Depois destas longas férias, o «mocho solitário» regressou a Moscovo, a 4 de Novembro, para preparar o iminente Congresso dos Vencedores, que iria coroá-lo pelos seus triunfos ao longo dos quatro últimos anos. Moscovo parecia estar a acordar e a espreguiçar-se depois de um longo pesadelo. A penúria acabara. As colheitas tinham melhorado. Os milhões de mortos pela fome estavam enterrados e esquecidos em aldeias que tinham desaparecido para sempre do mapa.

Havia muito que celebrar quando os delegados começaram a chegar para o Décimo Sétimo Congresso, em finais de Janeiro. Há-de ter sido um momento emocionante e um motivo de orgulho, para os 1996 delegados com direito a voto, encontrarem-se em Moscovo vindos dos quatro cantos do vasto paraíso dos trabalhadores. O Congresso era o órgão mais alto do partido, que teoricamente elegia o Comité Central para governar por delegação sua até que voltasse a reunir, regra geral quatro anos mais tarde. Mas, em 1934, foi uma pantomima de triunfalismo, supervisionada por Estaline e Kaganovitch e minuciosamente coreografada por Poskrebichev.

Em todo o caso, o Congresso não era só trabalho: o Grande Palácio do Kremlin viu-se repentinamente cheio de extravagantes vestimentas quando barbudos cossacos e cazaques e geogianos vestidos de seda invadiram a enorme sala. Os vice-reis da Sibéria, da Ucrânia ou da Transcaucásia aproveitavam para reatar os seus contactos com aliados no centro, enquanto os delegados mais jovens encontravam patronos.\* A geração de Lenine, que considerava Estaline o seu líder mas não o seu deus, ainda dominava, mas o *Vozhd* dedicava um cuidado especial aos seus protegidos mais jovens.

Convidou Béria, a loura esposa deste, Nina, e o filho para irem ao Kremlin assistir a um filme com os membros do Politburo. Sergo Béria,<sup>†</sup> com dez anos, e Svetlana Estaline, que mais tarde se tornariam amigos, assistiram, na companhia de Estaline,

\* Estes provincianos queriam conhecer os seus heróis, e uma grande parte do tempo era gasta a tirar fotografias na sala onde se reuniam em grupos excitados, sorridentes, com as suas botas, dólmans e barretes, à volta de Estaline, Kalinine, Vorochilov, Kaganovitch e Budeny. No Décimo Quinto Congresso, em 1927, Estaline fora apenas um dos líderes que posava rodeado de admiradores. No Décimo Sétimo, vemo-lo sempre no centro. O álbum está mutilado pelo grande número de figuras riscadas ou cortadas à medida que eram presas e executadas durante os quatro anos seguintes: dos 1996 delegados, 1108 seriam presos. Poucos sobreviveram.

† A quem tinha sido dado, claro, o nome do antigo patrono, Ordzhonikidze, uma amizade que degenerara num ódio recíproco.

ao desenho animado *Os Três Porquinhos* antes de seguirem para Zubalovo, onde os Béria se juntaram aos potentados para um festim animado por canções georgianas. Ao reparar que o garoto estava com frio, Estaline abraçou-o e deixou-o aninhar-se no seu capote forrado com pêlo de lobo antes de o aconchegar na cama. Deve ter sido emocionante para Béria, o ambicioso provinciano, atravessar pela primeira vez os umbrais interiores do poder.

«ESTALINE!», ofegava o *Pravda* quando ele assistiu a uma representação do Bolchoi. «O aparecimento do ardente amado *Vozhd*, cujo nome está inextricavelmente ligado a todas as vitórias conseguidas pelo proletariado, pela União Soviética, foi saudado por estrondosas ovações» e «não tinham fim os gritos de “Hurra!” e “Viva Estaline!”»

No entanto, alguns chefes regionais tinham ficado descontentes com a brutal e inepta gestão do Líder. Segundo parece, um grupo de conspiradores terá reunido secretamente em apartamentos de diversos amigos para discutir o seu afastamento. Cada um tinha as suas razões: no Cáucaso, Orakhelachvili sentia-se insultado pela promoção de Béria, esse arrivista. Os gritos de Kosior para que o ajudassem a alimentar a Ucrânia tinham sido ignorados, ou até desprezados. Alguns destes encontros terão supostamente ocorrido no apartamento de Sergo no edifício da Guarda Imperial, onde Orakhelachvili estava instalado. Mas quem substituiria Estaline? Kirov, popular, vigoroso e russo, era o favorito. Na cultura bolchevique, com a sua obsessão pela pureza ideológica, o antigo membro do Partido Constitucional Democrata (Kadet) e jornalista burguês sem quaisquer credenciais ideológicas, que devia a carreira a Estaline, era um candidato improvável. Molotov, sempre leal ao *Vozhd*, diria depreciativamente que Kirov nunca chegou a ser uma verdadeira hipótese.

Quando, no apartamento de Sergo, o abordaram a respeito do assunto, Kirov teve de decidir muito rapidamente o que fazer: informou-os de que não estava minimamente interessado em substituir Estaline, mas que se certificaria de que as queixas deles eram ouvidas. Kirov estava ainda doente, a convalescer de uma gripe, e a sua reacção mostra que não tinha o estofo necessário para pegar naquele cálice envenenado. O seu instinto imediato foi contar tudo a Estaline, como aliás fez, provavelmente no seu novo apartamento, onde denunciou a conjura, repetiu as queixas e negou qualquer interesse em tornar-se líder.

«Obrigado», terá Estaline supostamente respondido. «Não esquecerei o que te devo.» O líder ficou com certeza perturbado pela ideia de aqueles Velhos Bolcheviques terem considerado «o meu Kirich» como seu eventual sucessor. Mikoian, amigo de Kirov, afirmou que Estaline reagiu com «hostilidade e espírito de vingança para com todo o Congresso e, claro, para com o próprio Kirov». Kirov sentiu-se ameaçado, mas, em público, nada revelou. Estaline escondeu a sua própria ansiedade.

Na sala do Congresso, Kirov sentou-se ostensivamente, a rir e a brincar, com a sua delegação e não com o Presidium, o tipo de atitude demagógica que enfurecia Estaline, que não parava de perguntar a respeito de quê estariam eles a rir. Tinham-lhe estra-

gado o triunfo. E no entanto, esta luta constante contra os traidores adequava-se ao seu carácter e à sua ideologia. Nenhum líder estava tão programado para este combate perpétuo como Estaline, que se via a si mesmo como o cavaleiro solitário da História, partindo, com cansada resignação, para mais uma nobre missão, a versão bolchevique do misterioso *cowboy* que chega à corrupta cidade fronteiriça.

Nada disto transpirou no triunfo público: «O nosso país tornou-se um país com uma indústria poderosa, um país de colectivização, um país de vitorioso socialismo», declarou Molotov na abertura do Congresso, a 26 de Janeiro. Estaline teve a satisfação de ver os seus inimigos antigos e novos, de Zinoviev a Rikov, louvarem-no extravagantemente: «O glorioso marechal das forças do proletariado, o melhor dos melhores – o camarada Estaline», proclamou Bukharine, na altura editor do *Izvestiya*. Mas quando Postichev, outro duro Velho Bolchevique recentemente promovido a patrão da Ucrânia, chamou Kirov, o Congresso concedeu-lhe uma ovacão de pé. Kirov esteve à altura da ocasião, referindo Estaline («o grande estratego da libertação das classes trabalhadoras do nosso país e de todo o mundo») vinte e nove vezes, concluindo ex-citadamente:

– Os nossos êxitos são na verdade tremendos. Diabos levem tudo... uma pessoa só quer viver e viver. Palavra, vejam só o que está a acontecer. É um facto!

Estaline juntou-se aos «estrondosos aplausos».

O último dever de um Congresso era eleger o Comité Central. Geralmente, uma mera formalidade. Os delegados recebiam um boletim de voto, uma lista de nomes preparada pelo Secretariado (Estaline e Kaganovitch) que eram propostos pela assembleia: Kirov tinha de propor Béria. Os delegados riscavam os nomes a que se opunham, votando nos restantes. Quando o Congresso terminou, a 8 de Fevereiro, os delegados receberam as suas listas, mas quando a comissão de contagem de votos começou a trabalhar, teve um choque. Os acontecimentos estão ainda envoltos em mistério, mas parece que Kirov recebeu uma ou duas negativas, ao passo que Kaganovitch e Molotov contabilizaram 100 cada um. Estaline teve entre 123 e 292 negativas. Foram automaticamente eleitos, mas ali estava mais um golpe para a auto-estima de Estaline, confirmando que cavalgava sozinho entre «traidores de duas caras».

Quando Kaganovitch, gestor do Congresso, foi informado do que se passava pela comissão de contagem de votos, correu para Estaline a perguntar o que fazer. Estaline, quase de certeza, mandou-o destruir a maior parte dos votos negativos (ainda que, naturalmente, Kaganovitch o tenha negado, mesmo muitos anos mais tarde). O certo é que 166 votos não foram ainda encontrados. A 10 de Fevereiro, foram anunciados os nomes dos 71 membros do Comité Central: Estaline recebeu 1056 votos e Kirov 1055, em 1059. A nova geração, personificada por Béria e Khrushchev, entrava para o CC, enquanto Budeny e Poskrebichev eram eleitos candidatos. O Plenário deste novo corpo reuniu imediatamente a seguir, para tratar do verdadeiro trabalho.

Estaline gizou um plano para lidar com a perigosa eminência de Kirov, propondo o seu regresso de Leninegrado para se tornar um dos quatro secretários, satisfazendo

deste modo, astutamente, aqueles que queriamvê-lo elevado ao Secretariado: no papel, uma grande promoção; na realidade, uma maneira de colocá-lo sob vigilância e isolá-lo da sua clientela em Leninegrado. Na *entourage* de Estaline, uma promoção para o centro era uma honra bastante dúbia. Kirov não foi o primeiro nem o último a protestar vigorosamente – mas, aos olhos do *Vozhd*, uma recusa significava pôr o poder pessoal à frente da lealdade ao partido, um pecado mortal. O pedido de Kirov para ficar em Leninegrado mais dois anos foi apoiado por Sergo e Kuibichev. Furioso, Estaline abandonou a reunião.

Sergo e Kuibichev aconselharam Kirov a aceitar um compromisso: tornar-se-ia terceiro-secretário, mas continuaria provisoriamente em Leninegrado. Uma vez que Kirov teria pouco tempo para Moscovo, Estaline voltou-se para um outro recém-eleito membro do CC que iria tornar-se, de todos os líderes, o mais próximo do *Vozhd*: Andrei Zhdanov, patrão de Gorki (Nijni Novgorod), mudou-se para Moscovo, como quarto-secretário.

Kirov regressou a Leninegrado, sofrendo de gripe, congestão do pulmão direito e palpitações. Em Março, Sergo escreveu-lhe: «Escuta, meu amigo, tens de descansar. Sinceramente, não vai acontecer nada de mau se não estiveres aí 10 ou 15 dias (...). O nosso compatriota [o nome de código que usavam para falar de Estaline] considera-te um homem saudável (...); mesmo assim, tens de descansar uns dias!» Kirov sentia que nunca Estaline lhe perdoaria a história da conjura. Estaline, no entanto, mostrava-se cada vez mais sufocadoramente amistoso, insistindo em que se encontrassem em Moscovo. Era com Sergo, e não com Estaline, que Kirov precisava verdadeiramente de discutir as suas apreensões. «Quero muito conversar contigo a respeito de uma grande quantidade de questões, mas não se pode dizer tudo numa carta, de modo que é melhor esperar até ao nosso encontro.» Discutiam seguramente política em privado, tendo o cuidado de não pôr nada por escrito.

Havia indicações do ceticismo de Kirov no respeitante ao culto de Estaline: a 15 de Julho de 1933, escreveu formalmente ao «Camarada Estaline» (não o habitual Koba) para o informar de que as reproduções da sua fotografia tinham sido impressas em Leninegrado em «papel muito fino». Infelizmente, não fora possível conseguir melhor. É fácil imaginar Kirov e Sergo a troçar da vaidade de Estaline. Em privado,\* Kirov imitava para os amigos o sotaque do líder.

Quando Kirov visitava Estaline em Moscovo, eram grandes companheiros, mas Artyom recorda ter notado uma certa competitividade nas suas graças. Certa vez, num jantar de família, brincaram a fazer brindes:

– Um brinde a Estaline, o grande líder de todos os povos e de todos os tempos. Sou um homem muito ocupado, de modo que provavelmente esqueci-me de algumas outras grandes coisas que ele também fez! – propôs Kirov, que muitas vezes «mono-

\* Entre os artigos existentes no seu apartamento, preservado em Leninegrado, conta-se uma caixa de cigarros adornada com um pouco lisonjeiro retrato de Estaline, com um nariz compridíssimo. Abria-se a caixa carregando no nariz.

polizava as conversas, tornando-se o centro das atenções», troçando do culto do líder. Kirov podia falar com Estaline de uma maneira que seria impensável para Béria ou para Khrushchev.

– Um brinde ao nosso amado líder do partido em Leninegrado e possivelmente também do proletariado de Baku, embora ele me jure que não tem tempo para ler todos os jornais... De que mais és tu o amado líder? – replicou Estaline. Até estas trocas de alfinetadas entre os dois estavam cheias de mal disfarçada raiva e ressentimento, e, todavia, ninguém da família se apercebeu de que fossem outra coisa que não os mais íntimos amigos. No entanto, os «anos vegetarianos», como a poetisa Akhmatova lhes chamou, estavam prestes a terminar: vinham aí os «anos carnívoros».

A 30 de Junho, Adolf Hitler, o recém-eleito chanceler da Alemanha, chacinou os seus inimigos no seio do partido nazi durante a Noite das Facas Longas – uma proeza que fascinou Estaline.

– Já sabes o que aconteceu na Alemanha? – perguntou a Mikoian. – Um tipo e tanto, esse tal Hitler! Esplêndido! Ora aí está um truque que exigiu alguma habilidade!

Mikoian ficou surpreendido por Estaline admirar o fascista alemão, mas os bolcheviques dificilmente se poderiam considerar estranhos a matanças.

11  
O ASSASSÍNIO DO FAVORITO

Nesse Verão, as suas próprias repressões pareciam estar a abrandar. Em Maio, o presidente da OGPU, Menzhinski, um obscuro erudito que estava sempre doente e passava a maior parte do seu tempo em reclusão a estudar manuscritos persas numa das doze línguas que dominava, morreu. A imprensa anunciou que a odiada OGPU tinha morrido com ele, engolida pelo recém-criado Comissariado para os Assuntos Internos – o NKVD. Isto fez nascer a esperança de que o dealbar da idade do *jazz* fosse de facto o prenúncio de uma nova liberdade na Rússia – mas o novo comissário era Iagoda, que vinha a dirigir *de facto* a OGPU havia já algum tempo.

A ilusão deste degelo viu-se confirmada quando Iagoda foi ter com Estaline e recitou um poema de Osip Mandelstam, que, juntamente com a sua amiga, a bela poetisa de Leninegrado Ana Akhmatova, escrevia versos de uma refulcente clareza emocional que ainda hoje brilham no meio desse crepúsculo da humanidade como faróis de dilacerante franqueza. Naturalmente, tinham dificuldade em conformar-se à mediocridade soviética.

Iagoda fez a Mandelstam o dúbio elogio de decorar o poema, dezasseis versos que apresentavam Estaline como um hirsuto «troglodita do Kremlin», um «assassino de camponeses» cujos «gordos dedos» eram «oleosos como vermes». O poeta Demian Bedni queixara-se a Mandelstam de que Estaline deixava dedadas gordurosas nos livros que estava constantemente a pedir emprestados. Os outros líderes eram uma corja de «rufiões de pescoço fino», um verso que escrevera depois de reparar em como o pescoço de Molotov parecia espetar-se para fora do colarinho, suportando uma cabeça demasiado pequena. Estaline ficou furioso... mas tinha consciência do valor de

Mandelstam. Daí a insensibilidade da ordem que deu a Iagoda, e que mais parecia referir-se a uma jarra sem preço: «Preservar mas isolar.»

Na noite de 16 para 17 de Maio, Mandelstam foi preso e condenado a três anos de exílio. Imediatamente, os amigos do poeta correram a apelar aos respectivos patronos entre os potentados bolcheviques. A mulher, Nadezhda, e Boris Pasternak apelaram a Bukharine, no *Izvestiya*, enquanto Akhmatova era recebida por Ienukidze. Bukharine escreveu a Estaline, alegando que Mandelstam era «um poeta de primeira classe (...), mas não completamente normal (...). PS: O Boris Pasternak ficou estupefacto com a prisão de Mandelstam e mais ninguém sabe nada.» Talvez mais reveladoramente, recordava a Estaline que: «Os poetas têm sempre razão, a História está do lado deles (...).»

«Quem autorizou a prisão de Mandelstam?», perguntou Estaline. «É uma vergonha.» Em Julho, sabendo que a notícia do seu interesse alastraria como ondas num charco antes do iminente Congresso dos Escritores, Estaline telefonou a Pasternak. Estes telefonemas para escritores tinham já um ritual próprio. Poskrebichev ligava previamente para o destinatário, a avisar que o camarada Estaline desejava falar com ele: devia ficar à espera. Quando a chamada chegou, Pasternak recebeu-a no seu apartamento comunal e disse a Estaline que não conseguia ouvir por causa das crianças que gritavam no corredor.

— O caso do Mandelstam está a ser revisto, vai correr tudo bem — disse Estaline, antes de acrescentar: — Se eu fosse poeta e um outro poeta meu amigo estivesse com problemas, faria tudo para o ajudar. — Pasternak, characteristicamente, tentou definir o seu próprio conceito de amizade, mas Estaline interrompeu-o: — Mas ele é um génio, não é?

— Mas não é essa a questão.

— Qual é então a questão? — Pasternak, que estava fascinado por Estaline, disse que gostaria de ter uma conversa com ele.

— A respeito de quê? — perguntou Estaline.

— A respeito da vida e da morte — respondeu Pasternak. Estaline, confuso, desligou.

A conversa mais significativa aconteceu, no entanto, logo a seguir, quando Pasternak tentou convencer Poskrebichev a restabelecer a ligação. Poskrebichev recusou. Pasternak perguntou se podia repetir o que fora dito. A resposta foi um veemente sim.

Estaline orgulhava-se de saber reconhecer o génio: «é sem dúvida um grande talento», escreveu, a propósito de outro escritor. «É muito caprichoso, mas as pessoas dotadas são assim mesmo. Deixem-no escrever o que quiser, quando quiser!»

A extravagância de Pasternak pode ter-lhe salvado a vida, porque quando, mais tarde, a sua detenção foi proposta, Estaline terá respondido:

— Deixem o habitante das nuvens em paz.

\* \* \*

A intervenção de Estaline ficou famosa, mas não tinha nada de novo: o que Nicolau I foi para Puchkine, foi Estaline para todos os escritores. O *Vozhd* pretendia conside-

rar-se apenas um observador casual: «Camaradas que sabem de arte ajudá-lo-ão. Eu não passo de um diletante», mas era ao mesmo tempo *gourmet* e *gourmand*. Os seus papéis mostram críticas omnipotentes a escritores, que lhe escreviam aos magotes.

O favorito absoluto era «o Poeta Proletário», Demian Bedni, um rimador falstaffiano com uns olhos divertidos a espreitar de uma cabeça que «parecia um grande caldeirão de cobre», cujos trabalhos pareciam regularmente no *Pravda* e que passava férias com Estaline, desbobinando um interminável repertório de anedotas obscenas. Recompensado com um apartamento no Kremlin, era membro do Politburo literário. Mas Bedni começava a irritar Estaline: bombardeava-o com queixas e egrégios poemas numa longa e facciosa correspondência, ao mesmo tempo que apanhava descomunais bebedeiras no interior do Kremlin: «Ha, ha, ha! Tentilhão!», exclamou Estaline, ao receber uma destas cartas. Pior, Bedni resistia teimosamente às críticas do líder supremo:

- E então o presente na Rússia? O Bedni insiste nos mesmos erros!
- Concordo – acrescentou Molotov. – Não pode ser publicado sem ser emendado. Estaline, farto do seu poeta bêbedo, expulsou-o do Kremlin.

«Não pode haver mais escândalos dentro das paredes do Kremlin», escreveu, em Setembro de 1932. Bedni ficou ofendido, mas Estaline tranquilizou-o: «Não deve ver esta saída do Kremlin como uma expulsão do partido. Milhares de camaradas respeitados vivem fora do Kremlin. E o mesmo acontece a Gorki!»

Vladimir Kirshon fazia parte do círculo de Gorki e era mais um dos recipientes dos fundos da GPU que gostavam de enviar a Estaline tudo o que escreviam. Quando estava nas boas graças, não podia errar.

«Publicar imediatamente», rabiscou Estaline no mais recente artigo de Kirshon, ao devolvê-lo para o editor do *Pravda*. Quando Kirshon lhe enviou a sua última peça, Estaline leu-a em seis dias, e escreveu em resposta:

«Camarada Kirshon, a sua peça não é má. Deve ser levada à cena sem demora.» Kirshon, porém, estava a ser recompensado pela sua lealdade política: fazia parte do grupo de mediocres que destruíram maldosamente a carreira de Bulgakov. No entanto, depois da criação do Realismo Socialista, escreveu a Estaline e a Kaganovitch a perguntar se tinha caído em desgraça.

«Por que põe a questão da confiança?», respondeu Estaline, «Peço-lhe que acredite que o Comité Central está absolutamente satisfeito com o seu trabalho e confia em si.» Os escritores procuravam igualmente Estaline para dirimir as suas querelas: Panferov escreveu a queixar-se de que Gorki troçava da sua obra. O comentário de Estaline? «Vaidoso. Guardar no meu arquivo. Estaline.»

Quando não gostava de um escritor, não estava com meias palavras: «Klim», escreveu a Vorochilov, a propósito de um artigo, «a minha impressão: um tagarela de primeira que julga que é o Messias. Pois! Pois! Estaline.»\* Quando o romancista americano

\* Quando leu a sátira de Andrei Platonov sobre o «Comando Superior» da colectivização, *Para Uso Futuro*, terá supostamente escrito «Filho da mãe!» no manuscrito e dito a Fadeev: «Dêem-lhe um cinto, “para uso futuro”.» Platonov nunca foi preso, mas morreu na miséria, de tuberculose.

Upton Sinclair lhe escreveu a pedir a libertação de um realizador de cinema que estava preso, comentou: «Vapor verde!» O seu teatro preferido era o das Artes, em Moscovo, e por isso tratava com especial consideração o seu famoso director, Stanislavski, assacando as suas opiniões aos colegas: «Não elogiei altamente a peça “Suicídio” (de N. Erdman) (...). Os meus colegas mais próximos acharam-na vazia e até nociva (...).»

Os «camaradas mais próximos», muito menos letrados do que ele, tornaram-se também, incrivelmente, tiranos literários: Estaline, Molotov e Kaganovitch (um sapateiro sem educação) decidiam questões artísticas. Molotov dirigiu-se a Bedni, por exemplo, com uma absurda mistura de ameaça pessoal e crítica literária. Bedni, um boateiro incorrigível, ousava inclusivamente jogar Estaline contra Molotov, que lhe fez uma grave prelecção:

«Li a carta que Estaline lhe escreveu. Concordo absolutamente. Ninguém poderia tê-lo dito melhor do que ele (...).» E alertava-o contra o hábito de espalhar boatos a respeito de desentendimentos entre os líderes: «Também fez a sua parte, camarada Bedni. Não esperava tal coisa. Não é bom para um poeta proletário (...).» Molotov chegava ao ponto de dar conselhos poéticos: «É demasiado pessimista (...), tem de deixar aberta uma janela através da qual a luz do Sol possa brilhar (heroísmo do socialismo).»

Estaline informava frequentemente Gorki e outros escritores de que estava a corrigir os seus textos com Kaganovitch, uma visão que devia horrorizá-los. Nos teatros, o *Vozhd* desenvolveu uma pantomima para dar a sua opinião sobre uma nova peça que era seguida à letra por Molotov e Kaganovitch. No camarote do Politburo e na pequena sala contígua, a *avant-loge*, onde comiam durante os intervalos, tecia comentários sobre os actores, as peças e até sobre a decoração do *foyer*. Todos estes comentários se tornavam objecto de rumores, mitos e decisões que afectavam carreiras.

Assistiu a uma nova peça sobre Pedro, o Grande, de Alexei Tolstoi, outro escritor *émigré* recém-retornado que, exceptuando Gorki, era o autor mais rico do império. O conde Tolstoi, um nobre ilegítimo e renegado, regressara à Rússia em 1923, sendo aclamado como o «conde-operário-camponês». Este ginasta literário especializou-se em compreender Estaline, afirmando: «É realmente preciso ser um acrobata.» A sua peça *Na Roda* foi atacada pelos escritores bolcheviques. Estaline saiu um pouco antes do fim, acompanhado até ao carro pelo pesaroso encenador. Pressentindo a reprovação imperial, os espectadores atacaram furiosamente a peça até que o encenador voltou à sala e anunciou, triunfante:

– O camarada Estaline, falando comigo, emitiu a seguinte opinião: “Uma peça esplêndida. Só é pena que Pedro não seja retratado com suficiente heroicidade.”

Estaline recebeu Tolstoi e forneceu-lhe «a perspectiva histórica correcta» para o seu próximo projecto, o romance *Pedro, o Grande*.

Esta pantomima foi exactamente repetida quando Kaganovitch rejeitou uma nova produção do director teatral de *avant-garde* Meyerhold e foi perseguido até ao carro pelo desapontado artista. Em contrapartida, protegia o actor *yiddish* Solomon Mikhoels. Como os *grands seigneurs* do século XVIII, os potentados apadrinhavam os

seus teatros, os seus poetas, os seus cantores e escritores, e defendiam os seus *protégés*,<sup>\*</sup> que «recebiam» nas suas *dachas* e visitavam em casa. «Toda a gente vai ver alguém», escrevia Nadezhda Mandelstam nas suas memórias, um guia moral da época absolutamente ímpar. «Não há outra maneira.» Mas quando o partido se voltava contra os protegidos, os líderes apressavam-se a abandoná-los.

Os artistas deixavam-se fascinar por Estaline. «Posso conhecê-lo pessoalmente?», escrevia, ansioso, o poeta Gidosh. Meyerhold suplicou um encontro que, disse, «dissipará a minha depressão como artista», e assinava «com amor».

«Estaline não está aqui de momento», respondeu Poskrebichev.

\* \* \*

A 30 de Julho, um mês depois da Noite das Facas Longas de Hitler, Estaline dirigiu-se à *dacha* de Sochi, onde ia encontrar-se com o seu antigo favorito, Kirov, que não tinha o mínimo desejo de lá estar, e com o novo, Andrei Zhdanov, que há-de ter-se sentido muito honrado pelo convite. Eram quatro, porque Zhdanov levara consigo o filho, Iuri, futuro genro de Estaline, um jovem que o *Vozhd* havia de considerar o homem soviético ideal. Tinhamb-se reunido para escrever a nova história da Rússia.

Já doente e exausto, Kirov era o tipo de homem que quer ir acampar e caçar com amigos como Sergo. Não havia nada de relaxante numas férias com Estaline. Na realidade, escapar a ter férias com Estaline haveria de tornar-se uma experiência comum a todos os seus convidados. Kirov tentou escusar-se, mas o *Vozhd* insistiu. Kirov, apercebendo-se de que «Estaline estava a travar uma batalha de vontades», não podia recusar. «Não estou num estado de espírito muito feliz», dizia à mulher. «Aborreço-me, aqui (...). Não consigo ter umas férias tranquilas. Ao diabo tudo isto!» De modo algum a atitude que Estaline precisava ou esperava do «meu Kirich», mas, se tivesse lido estas cartas, elas teriam confirmado os seus já ambíguos sentimentos em relação a Kirov.

Os três líderes e o rapaz «sentaram-se a uma mesa, com um tempo magnífico, na varanda fechada» da grande casa de Sochi, com o seu pátio e a sua pequena piscina interior para recreio de Estaline. Os criados serviram *hors d'oeuvres* e bebidas. «Nós os quatro entrávamos e saímos», escreve Iuri Zhdanov. «Umas vezes, fámos para o gabinete, dentro de casa, outras, atravessando o jardim, até ao pavilhão de Verão.» O ambiente era descontraído, livre e informal. Nos intervalos, Kirov levava Iuri a apanhar amoras que depois ofereciam a Estaline e a Zhdanov. Ao fim da tarde, Kirov regressava

\* Havia um outro *émigré* retornado que Estaline favorecia pessoalmente. Ilia Ehrenburg, um judeu da Boémia, amigo de Picasso e de Malraux, queixou-se de ser perseguido pelo partido. O seu velho colega de escola, Bukharine, apelou a favor dele. Estaline escrevihou na carta: «Ao camarada Kaganovitch, dá atenção ao documento junto – não deixes os comunistas darem com o Ehrenburg em doido. J. Estaline.» Molotov e Bukharine ajudavam Mandelstam. Vorochilov tinha a sua própria clientela, bem como o seu «pintor da corte», Gerassimov. Kirov protegia o Ballet Mariinski; Ienukidze, o Bolchoi. Iagoda apadrinhava os seus escritores e arquitectos, com quem se encontrava frequentemente na mansão de Gorki. Poskrebichev recebia em casa o tenor Kozlovski.

à sua própria *dacha*, e os Zhdanov à deles. Por vezes, o solitário Estaline acompanhava-os. «Não havia guarda-costas, nem escolta, nem carros do NKVD», diz Iuri Zhdanov. «Apenas eu no banco da frente, ao lado do condutor, e o meu pai e Estaline no banco de trás.» Certa vez, partiram ao entardecer e, quando ligaram as luzes do carro, viram duas raparigas a pedir boleia na berma da estrada.

— Pára! — ordenou Estaline. Abriu a porta e convidou as raparigas a sentarem-se nos bancos do meio do *Packard* de sete lugares. As raparigas reconheceram-no.

«Aquele é o Estaline!», Iuri ouviu uma delas sussurrar. Deixaram-nas em Sochi. «Era o ambiente da época.» Não tardaria a mudar.

Por muito informais que as coisas fossem, Zhdanov era, como Béria, um dos poucos potentados que poderia ter levado o filho para uma reunião com Estaline, mesmo apesar de o rapaz o conhecer desde que tinha cinco anos. «Só Zhdanov recebia de Estaline o mesmo tipo de tratamento de que Kirov gozava», explicou Molotov. «Depois de Kirov, Zhdanov era aquele de quem Estaline mais gostava. Apreciava-o mais do que qualquer outro.»

Atraente, de olhos castanhos, peito largo e atlético, apesar de ser asmático, Zhdanov estava sempre bem-disposto e sorridente, sempre com uma piada na ponta da língua. Como Kirov, um alegre companheiro, gostava de cantar e tocar piano. Conhecia Estaline bastante bem. Nascido em Mariupol, o porto do mar Negro, em 1896, Andrei Alexandrovitch Zhdanov, um nobre hereditário (como Lenine), era descendente de intelectuais chekovianos. Filho de um mestre de Estudos Religiosos da Academia Religiosa de Moscovo, que fora, como o pai de Lenine, inspector de escolas públicas (a sua tese de doutoramento tivera como título «Sócrates, o Pedagogo»), e de uma licenciada pelo Conservatório de Música de Moscovo, por sua vez filha do reitor de uma academia religiosa, Zhdanov era, nos círculos superiores do partido, o único representante da classe média instruída do século XIX. A mãe, uma dotada pianista, ensinara-o a tocar bastante bem.

Zhdanov estudou numa escola religiosa (como Estaline), sonhou ser agricultor e então, com vinte anos, frequentou o Colégio de Treino de Oficiais Subalternos de Tíflis. Foi aqui que «entrou em contacto com a cultura e as canções georgianas». Cresceu com três irmãs que se tornaram bolcheviques: duas delas nunca casaram e transformaram-se em tias revolucionárias que viviam em casa dele e o dominavam completamente, o que muito irritava Estaline. Tendo aderido ao partido em 1915, conquistou os seus louros na Guerra Civil, como comissário, a exemplo de tantos outros. Em 1922, governou Tver, e depois Nijni Novgorod, de onde foi chamado a maiores e melhores empreendimentos.

Severo e rígido em questões do partido, os seus papéis revelam um homem de meticulosa diligência que não podia abordar um assunto sem se tornar um perito enciclopédico na matéria. Apesar de nunca ter chegado a completar uma educação superior, tendo embora frequentado o Colégio Agrícola, era mais um trabalhador obsessivo que

estudava vorazmente música, história e literatura. Estaline «respeitava Zhdanov», diz Artyom, «como seu companheiro intelectual», a quem telefonava constantemente para perguntar: «Andrei, já leste este novo livro?» Ambos passavam o tempo a pegar em obras de Chekov ou de Saltikov-Shchedrin para ler em voz alta. Rivałs invejosoſ troçavam das suas pretensões: Béria deu-lhe a alcunha de «o Pianista». Zhdanov e Estaline partilhavam uma educação religiosa, as canções georgianas, a paixão pela história e pela cultura clássica russas, as obsessões autodidactas e ideológicas e o sentido de humor, com a diferença de Zhdanov ser um puritano.\* Era pessoalmente dedicado a Estaline, que tratava por «José Vissarionovitch», nunca por «Koba». «O camarada Estaline e eu próprio decidimos...», era a sua pomposa e preferida maneira de iniciar uma reunião.

Na varanda ou no pavilhão, discutiam História, época a época, à volta de uma mesa coberta de manuais revolucionários e czaristas. Zhdanov tomava notas. O supremo pedagogo não conseguia impedir-se de ostentar o seu conhecimento.† A missão deles era criar uma nova História que passasse a ser a ortodoxia estalinista. Estaline adorava estudar História, e tinha tão felizes recordações do seu professor desta disciplina no seminário que, em Setembro de 1931, se deu ao trabalho de escrever a Béria:

«Nikolai Dimitrievitch Makhatadze, de 73 anos, encontra-se detido na prisão de Metéchi (...). Conheço-o desde o Seminário e não acredito que represente um perigo para o poder soviético. Peço-lhe que liberte o velho e me comunique o resultado.» Desde esses tempos já remotos que era um viciado em História. Em 1931, interveio decisivamente na Academia para criar o precursor histórico do «Realismo Socialista» na ficção: doravante, a História não seria o que os arquivos dissessem mas aquilo que o partido decidisse em férias como aquelas. «Falam de História», dizia Estaline aos seus potentados. «Mas, por vezes, é preciso corrigir a História.» A biblioteca histórica do *Vozhd* estava intensivamente lida e anotada: dedicava uma especial atenção às guerras napoleónicas, à Grécia Antiga, às relações entre a Grã-Bretanha e a Alemanha no século XIX, e a todos os xás da Pérsia e czares russos. Estudante nato, aprofundava sempre cuidadosamente a história do tema do dia.

Enquanto Zhdanov estava no seu elemento nestas discussões em Sochi, Kirov sentia-se totalmente perdido. Diz-se que tentou escapar, perguntando:

– José Vissarionovitch, mas que espécie de historiador sou eu?

– Não importa – respondeu Estaline. – Senta-te e escuta.

---

\* A mulher, Zinaida, era ainda pior. Certa vez, disse a Svetlana Estaline que o delicado romancista Ehrenburg «gosta de Paris porque há lá mulheres nuas». Foi Zinaida quem teve a falta de tacto suficiente para dizer a Svetlana que a mãe era «uma doente mental».

† Iuri Zhdanov, o rapaz sentado à mesa com Estaline, foi a principal fonte deste relato e vive hoje em Rostov do Don, onde acedeu generosamente a ser entrevistado para este livro. As férias ficaram famosas devido à trágica sorte que Kirov conheceria pouco depois: as duas coisas aparecem associadas no romance de Anatoly Ribakov *Filhos do Arbar*. Iuri Zhdanov lembra-se de Estaline lhe ter perguntado: «Qual foi o génio de Catarina, a Grande?» E respondeu à sua própria pergunta: «A sua grandeza residiu em ter sabido escolher o príncipe Potemkine e outros amantes e administradores igualmente talentosos para governarem o Estado.»

Kirov apanhou uma insolação tão grande que nem sequer podia jogar *gorodki*: «Por estranho que pareça, estamos ocupados a maior parte do dia. Não era isto que eu esperava de umas férias. Bom, que vá tudo para o diabo», escreveu a um amigo, em Leninegrado. «Safo-me daqui o mais depressa que possa.» No entanto, Iuri Zhdanov evoca uma «calorosa intimidade» entre Estaline e Kirov, uma constante troca de histórias picantes que Zhdanov escutava num afectado silêncio. Iuri ainda recorda a piada de Estaline a respeito de Jesus: estavam a trabalhar no pavilhão, que fica sob um enorme carvalho, quando Estaline olhou para os seus amigos mais chegados.

— Olhem para vocês os dois aqui comigo — disse, apontando para a árvore. — Aquela é a árvore de Mamre.

Zhdanov sabia, do estudo da Bíblia, que a árvore de Mamre era onde Jesus reunia os seus apóstolos.\*

Pode ter havido um desenvolvimento bem mais sinistro que preocupou Kirov: a dada altura, quando ele estava fora, Moscovo tentou afastar o chefe do NKVD em Leninegrado, Medved, um homem em quem ele confiava e que era um amigo chegado da família, e substituí-lo por um rufião com antecedentes criminosos, Evdokimov, um dos mais rudes companheiros de bebedeira de Estaline durante as férias no Sul. Estaline estava a tentar enfraquecer o patronado local de Kirov e talvez até controlar-lhe a segurança. Kirov recusou aceitar Evdokimov.

Enquanto Kirov regressava a Leninegrado, Estaline despachava Zhdanov para Moscovo, com a missão de supervisionar o Primeiro Congresso dos Escritores. Era o primeiro teste de Zhdanov, que passou com distinção, conseguindo, ajudado por Kaganovitch, enfrentar as exigências de Gorki e a histeria de Bukharine. Relatava todos os pormenores a Estaline, em fastidiosas cartas de vinte páginas que mostravam a intimidade do relacionamento entre os dois e a nova eminência do homem mais novo. (Parece ter havido entre os potentados uma competição não admitida para escrever as cartas mais compridas: se isto é verdade, Zhdanov foi sem dúvida o vencedor.) Como um estudante a dirigir-se ao seu tutor, Zhdanov gabava-se do seu bom trabalho: «A opinião de todos os escritores — nossos e estrangeiros — foi boa. Todos os cépticos que previam um fracasso têm agora de admitir que foi um êxito colossal. Todos os escritores viram e compreenderam a atitude do partido.» Admitia que «o Congresso custou-me muito em termos de nervos, mas julgo que me saí bem.» Estaline apreciou esta abertura no respeitante às suas fraquezas. Uma vez terminado o Congresso, Zhdanov teve inclusivamente de pedir desculpa ao *Vozhd* por escrever «uma carta tão comprida — não sei fazer de outra maneira».

Entretanto, os outros líderes tinham ido de férias: «Molotov, Kaganovitch, Chubar e Mikoian partiram hoje. Ficámos eu, o Kuibichev e o Andreiev.» Zhdanov, que nem sequer era candidato ao Politburo, e novo no Secretariado, ficou a empunhar as ré-

---

\* Quando o escritor Mikhail Cholokhov criticou o culto do líder, Estaline respondeu, com um sorriso malicioso: «Que posso eu fazer? As pessoas precisam de um deus.»

deas do país, assinando decretos pelo seu próprio punho. Aqui temos mais um sinal da decrescente importância do Politburo: a proximidade com Estaline era a fonte do verdadeiro poder.\* A Rússia soviética gozava os seus últimos meses de oligarquia e aproximava-se do primeiro da ditadura.

Zhdanov, uma dos mais frágeis dos «cavalos de trabalho» de Estaline, estava exausto: «Peço um mês de férias em Sochi (...). Sinto-me muito cansado», escreveu a Estaline. Continuaria, evidentemente, a trabalhar na amada História de ambos. «Gostaria, durante as férias, de dar uma vista de olhos aos manuais de História (...). Já examinei os manuais do segundo nível – não prestam. Um grande cumprimento para si, caro camarada Estaline!»

Qual era o estado de espírito de Estaline na calmaria que precede a tempestade? Sentia-se frustrado com as asneiras do NKVD e «as choraminguices» dos «grandes» do partido. A 11 de Setembro, queixava-se a Zhdanov e a Kuibichev dos desmandos da polícia secreta: «Descubram todos os erros dos métodos de dedução dos trabalhadores da GPU (...). Libertem as pessoas inocentes, se estiverem inocentes e (...) purguem a OGPU» de elementos com «métodos de dedução» específicos e castiguem-nos todos, «sejam eles quem forem» [nas palavras de Estaline: «sem olhar a caras»].

Poucos dias mais tarde, um marinheiro fugiu para a Polónia. Estaline ordenou de imediato a Zhdanov e a Iagoda que castigassem a família do trânsfuga: «Informem-me imediatamente de que: 1. os membros da família do marinheiro foram presos, e 2. se não, quem, nos nossos Órgãos, é o responsável pelo erro [de o não ter feito]. O culpado foi punido pela sua traição à Pátria?» Também nas suas relações com Kirov a tensão aumentava.

\* \* \*

A 1 de Setembro, Estaline despachou o Politburo para os campos com a missão de verificar as colheitas: Kirov foi para o Cazaquistão, onde ocorreu um estranho incidente que pode ter sido uma tentativa de assassinio, ou pretendido passar como tal. As circunstâncias são pouco claras, mas o certo é que, quando regressou a Moscovo, foram acrescentados mais quatro membros do NKVD à sua guarda pessoal, elevando o total para nove homens que trabalhavam por turnos em diferentes locais e fazendo dele o mais protegido de todos os líderes soviéticos. Kirov não gostou, sentindo que havia ali uma nova tentativa de separá-lo dos chekistas locais, em quem confiava, e especialmente de Borisov, o seu guarda-costas, já de meia-idade e a tornar-se obeso, mas leal. Depois da digressão, Sergo e Vorochilov juntaram-se a Estaline, de férias, en-

\* Depois do Décimo Sétimo Congresso, as reuniões formais do Politburo tornaram-se cada vez menos frequentes. Muitas vezes, resumiam-se a Estaline sentar-se a conversar com um par de camaradas. As minutas de Poskrebichev limitavam-se a assinalar: «Camaradas Estaline, Molotov e Kaganovitch – a favor», e os outros eram por vezes contactados pelo telefone, por Poskrebichev, que assentava os votos e assinava por baixo com o seu «P». No final do ano, houve uma reunião em Setembro, nenhuma em Outubro e nenhuma em Novembro.

quanto Zhdanov inspeccionava Estalinegrado, de onde enviou mais uma carta de treze páginas em que provava a sua dureza afirmando que «alguns trabalhadores devem ser enviados a tribunal aqui mesmo». E rematava, entusiasticamente: «Cem vezes: ao diabo os pormenores!»

Quando Estaline voltou a Moscovo, a 31 de Outubro, quis uma vez mais ver Kirov, que se opunha ao seu plano de pôr fim ao racionamento do pão de que dependia para alimentar a enorme população de Estalinegrado. Kuibichev estava com Kirov: «Preciso do teu apoio», escrevia este, de Leninegrado. A 3 de Novembro, segundo Maria Svanidze, Estaline entrou no seu apartamento acompanhado por Kaganovitch, com o «absurdamente gordo» Zhdanov a correr atrás dele. Telefonou ao relutante Kirov e convidou-o a «ir a Moscovo defender os interesses de Leninegrado». A dada altura, passou o telefone a Kaganovitch, que «convenceu Kirov a vir». Tudo o que Estaline queria, diz Maria, era «tomar um banho de vapor e conversar um pouco com ele».

Poucos dias mais tarde, Kirov seguiu de carro, com Estaline e o filho, Vassili, para Zubalovo, a fim de assistir a um espectáculo de marionetas montado por Svetlana, após o que jogaram bilhar. Khrushchev, uma estrela em ascensão no Politburo, assistiu a «uma troca de palavras duras» entre Estaline e Kirov e, ao que parece, ficou chocado ao ver que o *Vozhd* tratava «desrespeitosamente outro membro do partido». Svanidze notou que Estaline estava «de mau humor». Kirov regressou a Leninegrado cheio de apreensão: desejava ardenteamente discutir a crescente tensão com o seu amigo: «Há imenso tempo que não vejo o Sergo.»

A 7 de Novembro, houve mais um sinal de aparente degelo. Durante a recepção diplomática na Sala Andreevski, presidida por Estaline, Kalinine e Vorochilov, a tradicional banda do Exército Vermelho meteu os instrumentos no saco e foi substituída, para espanto geral, por Antonin Ziegler e a sua *Jazz Revue*. Os ritmos loucos e contagiantes da orquestra pareciam completamente deslocados, e ninguém sabia se devia ou não dançar. Foi então que o lépido Vorochilov, que andava a ter lições de dança, se lançou num trepidante *foxtrot* com a mulher, Ekaterina Davidovna.

A 25 de Novembro, Kirov voltou a Moscovo para assistir ao Plenário, na esperança de poder falar com Ordzhonikidze. Mas Sergo não apareceu. No princípio do mês, quando visitava Baku na companhia de Béria, adoecera inesperadamente, depois do jantar. Béria levara-o para Tíflis, de comboio. Depois da parada de 7 de Novembro, voltara a adoecer, com hemorragias intestinais, e então sofrera um grave ataque cardíaco. O Politburo mandara três especialistas examiná-lo, mas as sumidades tinham ficado confundidas pelos misteriosos sintomas. Sergo estava, apesar de tudo, determinado a assistir ao Plenário, mas Estaline ordenara-lhe formalmente que cumprisse «à letra as instruções dos médicos, e não voltes a Moscovo antes do dia 26. Não brinques com a tua doença. Cumprimentos. Estaline.»

Com Béria envolvido, seria sem dúvida loucura brincar com a doença: talvez Estaline não quisesse que Sergo e Kirov se encontrassem no Plenário. Béria, que se oferecera para usar o seu machado às ordens do *Vozhd*, estava já consciente do desapontamento

de Estaline em relação a Sergo. Havia de revelar-se um entendido em matéria de venenos. Na realidade, o NKVD tinha já nessa altura um departamento de envenenadores médicos chefiado pelo Dr. Grigori Maironovski, mas Béria precisava de pouca ajuda nessas questões. Trouxe verdadeiramente o veneno dos Bórgia para a corte dos bolcheviques. Mas o próprio Estaline pensava muitas vezes em venenos; reflectindo sobre as venenosas intrigas da corte persa do século XVIII, que estava a estudar, escrevera no seu bloco de notas, durante uma reunião do Politburo: «Veneno, veneno, Nadir Khan.»

Depois do plenário, a 28, escoltou pessoalmente Kirov até ao comboio «Flecha Vermelha», despedindo-se dele com um abraço, na carruagem. No dia seguinte, Kirov estava de regresso ao trabalho, em Leninegrado. A 1 de Dezembro, começou por ficar em casa, a preparar um discurso, e então, usando um pontiagudo barrete de operário e uma gabardina, dirigiu-se a pé para o seu gabinete. Entrou no grande edifício neoclássico do Instituto Smolny pela porta do público. Às quatro e meia da tarde, seguido por Borisov, o guarda-costas, encaminhava-se para o seu gabinete, no terceiro piso. O velho Borisov deixou-se ficar para trás, talvez devido à falta de fôlego, talvez retido por vários chekistas de Moscovo que tinham aparecido à entrada.

Kirov virou à direita na escada e passou por um jovem de cabelos negros chamado Leonid Nikolaev, que se apertou contra a parede para lhe dar passagem... e então começou a segui-lo. Nikolaev empunhou um revólver *Nagan* e disparou contra Kirov, de uma distância inferior a um metro, atingindo-o no pescoço. A bala saiu pelo alto da cabeça, furando o barrete. Nikolaev voltou a arma contra si mesmo e apertou o gatilho, mas um operário electricista que estava ali perto conseguiu derrubá-lo, e o segundo projétil foi cravar-se no tecto. Borisov, o guarda-costas, chegou a ofegar, empunhando uma arma agora inútil. Kirov tombou de cara para baixo, a cabeça voltada para o lado direito, a ponta do barrete apoiada no chão, e ainda agarrado à pasta com os documentos – um trabalhador bolchevique até ao fim.

Seguiram-se vários minutos de caos, durante os quais as testemunhas e os polícias correram em todas as direcções, vendo cada um os mesmos acontecimentos de maneiras diferentes e fazendo depoimentos contraditórios: até a arma tão depressa era vista no chão como na mão do assassino. Parece haver uma espécie de miasma especial no ar durante os acontecimentos terríveis, e aquele não foi diferente. O que importa é que Kirov jazia sem vida no chão, ao lado do inconsciente Nikolaev. O seu amigo Rosliakov ajoelhou junto dele, levantando-lhe a cabeça e sussurrando: «Kirov, Mironich.» Carregaram o corpo – com Rosliakov a segurar a cabeça que balançava – para cima de uma mesa de reuniões, enquanto o sangue que lhe escorria do pescoço deixava ao longo do corredor um rastro de heróico sacramento bolchevique. Desapertaram-lhe o cinto e desabotoaram o colarinho da camisa. Medved, o chefe do NKVD de Leninegrado, chegou ao local, mas foi detido à entrada pelos chekistas de Moscovo.

Chegaram também três médicos, incluindo um georgiano, Dzhanelidze. Todos declararam Rikov morto, mas continuaram mesmo assim a aplicar respiração artificial

até quase às cinco e quarenta e cinco. Os médicos dos Estados totalitários têm sempre um medo enorme de pacientes importantes mortos – e com boas razões. Quando os médicos desistiram, os presentes aperceberam-se de que alguém ia ter de contar a Estaline. Toda a gente se lembrava de onde estava quando Kirov foi assassinado: o JFK soviético.



TERCEIRA PARTE

**NO LIMIAR DO PESADELO,**  
**1934-1936**



12

«FIQUEI ÓRFÃO»:  
O ESPECIALISTA EM FUNERAIS

Poskrebichev atendeu o telefone de Estaline no seu gabinete. Chudov, o adjunto de Kirov, transmitia de Leninegrado a terrível notícia. Poskrebichev tentou a linha particular de Estaline e, não obtendo resposta, mandou um secretário procurá-lo. O *Vozhd*, segundo o seu diário, estava em reunião com Molotov, Kaganovitch, Vorochilov e Zhdanov, mas ligou imediatamente para Leninegrado, insistindo em interrogar o médico georgiano na sua língua nativa. Pouco depois, voltou a ligar para saber o que usava o assassino. Um barrete? Tinha consigo quaisquer artigos estrangeiros? Iagoda, que já telefonara a perguntar se tinham sido encontrados artigos estrangeiros em poder do assassino, chegou ao gabinete de Estaline por volta das 17:50.

Mikoian, Sergo e Bukharine não tardaram a aparecer. Mikoian recordaria especificamente que «Estaline anunciou que Kirov tinha sido assassinado, e ali mesmo, sem qualquer investigação, disse que os apoiantes de Zinoviev [o ex-líder de Leninegrado e da oposição de esquerda a Estaline] tinham lançado uma campanha de terror contra o partido». Sergo e Mikoian, tão próximos de Kirov, ficaram particularmente perturbados, uma vez que Sergo perdera a oportunidade de ver o seu amigo uma última vez. Kaganovitch notou que Estaline ficou «chocado, ao princípio».

Agora sem mostrar qualquer emoção, Estaline ordenou a Ienukidze, como secretário do Comité Executivo Central, que assinasse uma lei de emergência que decretava o julgamento de terroristas acusados no espaço de dez dias e a execução imediata sem apelo depois de pronunciada a sentença. Deve ter sido ele próprio a redigi-la. Esta Lei de 1 de Dezembro – ou, mais exactamente, as duas directivas daquela noite – era o equivalente da Lei Plenipotenciária de Hitler, uma vez que lançava as bases de um

terror aleatório sem sequer um simulacro de legalidade. Em seu nome, e no espaço de três anos, dois milhões de pessoas seriam condenadas à morte ou aos campos de trabalho. Mikoian diz que não houve discussão nem objecções. Tão facilmente como destravavam a patilha de segurança das suas *Mausers*, os membros do Politburo voltaram à mentalidade de emergência militar da Guerra Civil.

Se alguma oposição houve, partiu de Ienukidze, essa figura incongruentemente benigna no meio daqueles bandidos amorais, mas foi ele quem acabou por assinar o documento. Os jornais disseram que as leis tinham sido aprovadas numa reunião do Presidium do Comité Executivo Central – o que provavelmente significava Estaline a intimidar Ienukidze numa sala cheia de fumo uma vez terminado o encontro. Constitui igualmente um mistério o facto de não ter sido o pusilânime Kalinine, que era o presidente, a assiná-la. Mas a sua assinatura já tinha aparecido quando a lei foi anunciada nos jornais. De todos os modos, o Politburo só a votou oficialmente vários dias mais tarde.

Estaline decidiu de imediato que chefaria pessoalmente a delegação que iria a Leninegrado investigar o assassinato. Sergo também queria ir, mas o líder ordenou-lhe que ficasse, devido ao estado do seu coração. É verdade que Sergo se deixou abater pelo desgosto, e é possível que tenha sofrido um novo ataque cardíaco. A filha recordaria que «foi a única vez que o vi chorar abertamente». Zina, a mulher, viajaria até Leninegrado para confortar a viúva de Kirov.

Também Kaganovitch queria ir, mas Estaline disse-lhe que alguém tinha de ficar a governar o país. Levou consigo Molotov, Vorochilov e Zhdanov, além de Iagoda e Vichinski, o procurador-adjunto que, meses antes, traíra Sergo. Naturalmente, faziam-se acompanhar por uma horda de agentes da polícia secreta e pelos mirmidões pessoais de Estaline – Pauker e Vlasik. Em retrospectiva, o homem mais significativo que Estaline escolheu para fazer parte do grupo foi Nikolai Iezhov, chefe do Departamento de Pessoal do CC. Iezhov era um desses jovens especiais, como Zhdanov, com quem Estaline começava a contar.

Os líderes locais, siderados, juntaram-se na estação. Estaline fez o seu papel, o de um Lancelot com o coração desfeito e enfurecido pela morte de um bravo cavaleiro, com convicção e premeditada teatralidade. Quando se apeou do comboio, avançou para Medved, o chefe do NKVD em Leninegrado, e esbofeteou-o com a mão enluvada.

Feito isto, seguiu imediatamente para o hospital, do outro lado da cidade, para examinar o corpo, e estabeleceu o quartel-general no gabinete de Kirov, onde iniciou a sua própria e estranha investigação, ignorando todos os indícios que não apontassem para uma conjura terrorista montada por Zinoviev e a oposição de esquerda. Pobre Medved: o jovial chekista esbofeteado por Estaline foi interrogado e criticado por não ter impedido o assassinato. Então, o «miserável e reles» assassino, Nikolaev, foi arrastado para dentro da sala. Nikolaev foi uma dessas trágicas e simples vítimas da História, como o holandês que pegou fogo ao Reichstag e cujo caso tem muitas semelhanças

com este. Com trinta anos, pequeno e frágil, já tinha sido uma vez expulso do partido, e depois readmitido, mas escrevera a Kirov e a Estaline a queixar-se da sua situação. Estava aparentemente aturdido e só reconheceu Estaline quando lhe mostraram uma fotografia. Caindo de joelhos diante do líder, soluçou:

– Que fiz eu? Que fiz eu?

Khrushchev, que não estava na sala, afirmou que Nikolaev ajoelhou e disse que tinha feito o que fizera a mando do partido. Uma fonte próxima de Vorochilov pôs Nikolaev a gaguejar:

– Mas o senhor mesmo me disse... – Alguns testemunhos dizem que foi esmurrado e pontapeado pelos chekistas presentes.

– Levem-no! – ordenou Estaline.

Orlov, o bem informado trânsfuga no NKVD, escreveu que Nikolaev apontou para Zaporozhets, o chefe-adjunto do NKVD de Leninegrado, e disse: «Por que é que estão a perguntar-me a mim? Perguntem-lhe a ele!»

Zaporozhets, o homem de Estaline e de Iagoda no feudo de Kirov, tinha sido imposto em Leninegrado em 1932. A razão de a pergunta dever ser-lhe feita a ele e não a Nikolaev era o facto de este já ter sido detido em Outubro, por andar a rondar a casa de Kirov com intenções suspeitas, na posse de um revólver, e posto em liberdade sem sequer o terem revistado. Numa outra ocasião, os guarda-costas tinham-no impedido de disparar. Mas quatro anos mais tarde, quando Iagoda foi julgado, confessou, num testemunho cheio de verdades e mentiras, ter ordenado a Zaporozhets «que não levantasse qualquer tipo de obstáculo a um acto terrorista contra Kirov».

Em seguida, foi chamada a mulher do assassino, Milda Draul. O NKVD espalhou a história de que o acto de Nikolaev fora um *crime passionnel* motivado pelo *affaire* que ela mantinha com Kirov. Draul era uma criatura vulgar, sem qualquer espécie de beleza. Kirov gostava de bailarinas élficas, mas a verdade é que a mulher dele também não era bonita: é impossível desvendar o impenetrável mistério do gosto sexual, mas aqueles que conheciam ambos acreditavam que eram um casal muito improvável. Draul afirmou nada saber. Estaline foi à antecâmara e ordenou aos médicos que reanimassem Nikolaev.

«Para mim, é desde já claro que está activa em Leninegrado uma organização terrorista contra-revolucionária (...). Deve ser levada a cabo uma investigação minuciosa.» Não foi feita qualquer verdadeira tentativa de analisar o crime do ponto de vista forense. Estaline não queria certamente descobrir se o NKVD tinha ou não encorajado Nikolaev a matar Kirov.

Mais tarde, disse-se que Estaline visitou o «sacaninha» na sua cela e passou mais de uma hora sozinho com ele, oferecendo-lhe a vida a troco de testemunhar contra Zinoviev em tribunal. Depois desta conversa, Nikolaev ficou com receio de ser traído.

As brumas adensam-se e transformam-se num nevoeiro deliberadamente impenetrável. Houve um atraso. Borisov, o guarda-costas de Kirov, foi chamado para ser interrogado por Estaline. Só ele podia revelar se fora ou não retido à entrada do Smolny e

o que sabia a respeito das maquinações do NKVD. Borisov viajava no banco traseiro de um *Corvo Negro* do NKVD, a caminho do Smolny. Subitamente, o passageiro do branco da frente estendeu a mão e rodou o volante, de tal modo que o carro roçou pela esquina de um prédio. Sem que se saiba muito bem como, Borisov morreu neste mais do que dúvida acidente. O «abalado» Pauker chegou à antecâmara para dar a trágica notícia. Estes mal-amanhados «acidentes de viação» iriam tornar-se uma espécie de risco profissional para bolcheviques eminentes. Quem quisesse esconder uma conjura poderia sem dúvida ter desejado a morte de Borisov. Ao ser informado desta despudoradamente suspeita morte, Estaline condenou a Cheka local: «Nem isso foram capazes de fazer como deve ser.»

O mistério nunca será conclusivamente esclarecido. Terá Estaline ordenado o assassinato de Kirov? Não há provas de que o tenha feito, mas a verdade é que a suspeita da sua cumplicidade ainda paira no ar. Molotov, que chegou a Leningrado num comboio diferente, como delegado de Moscovo, afirmou, anos mais tarde, que Estaline ordenou o assassinato. Mikoian, sob muitos aspectos uma testemunha mais convincente e com muito menos que provar, acabou por convencer-se de que o *Vozhd* estivera de algum modo envolvido naquela morte.

O certo é que Estaline deixara de confiar em Kirov, cujo assassinato lhe serviu de pretexto para destruir as cliques dos Velhos Bolcheviques. O facto de ter redigido a Lei de 1 de Dezembro minutos depois da morte é tão suspeito como a sua decisão de assacar as culpas do crime a Zinoviev. Estaline tinha, sabemo-lo, tentado substituir Medved, o amigo de Kirov, e conhecia o suspeito Zaporozhets, que, pouco antes do assassinato, tinha ido de licença sem autorização de Moscovo, talvez para se ausentar da cena. Nikolaev era um patético monte de circunstâncias suspeitas. E depois, houve os estranhos acontecimentos do dia do assassinato: por que foi Borisov retido à porta e por que razão havia já agentes do NKVD de Moscovo no Smolny tão pouco tempo depois do crime? A morte de Borisov é altamente suspeita. E Estaline, quase sempre muito cauteloso, era também capaz de jogadas arriscadas deste tipo, sobretudo depois de ter admirado a reacção de Hitler ao incêndio do Reichstag e a purga que se seguiu.

No entanto, muito disto parece, numa análise mais atenta, bastante menos sinistro. A lassidão da segurança à volta de Kirov não prova nada, uma vez que o próprio Estaline muitas vezes tinha apenas um ou dois guardas. A arma torna-se menos suspeita quando sabemos que todos os membros do partido andavam armados. A deterioração das relações entre Estaline e Kirov era típica das fricções com os membros do seu círculo mais íntimo. A reacção de Estaline ao assassinato, e a sua surrealista investigação, não significam que tenha sido ele a gizar o golpe. Quando, a 27 de Junho de 1927, Voikov, o embaixador soviético na Polónia, foi assassinado, Estaline reagiu com a mesma rapidez e o mesmo desinteresse por saber quem tinham sido os verdadeiros culpados. Na altura, disse a Molotov que «sentia a mão da Grã-Bretanha» e ordenou de imediato o fuzilamento de dezenas de chamados «monarquistas». Os bolcheviques sempre encararam a justiça como uma ferramenta política. O NKVD local, desejoso

de disfarçar a sua própria incompetência, pode perfeitamente ter arranjado o assassinio de Borisov. Muita coisa pode ser explicada pela habitual atrapalhação do pânico totalitário.

É, em todo o caso, seguramente ingênuo esperar a existência de provas escritas sobre o crime do século. Sabemos que, no caso de outros assassínios, Estaline deu ordens verbais em nome da *Instantsiya*, um eufemismo quase mágico para «A Mais Alta Autoridade», que vai tornar-se-nos, doravante, muito familiar.\* O envolvimento directo de Iagoda parece improvável, uma vez que não era particularmente próximo de Estaline, mas havia muitos outros chekistas, de Agranov a Zaporozhets, que, além de terem a confiança pessoal do *Vozhd*, eram suficientemente amorais para fazer fosse o que fosse que o partido lhes pedisse. Parece pouco provável que se tenha tratado de um henriquino «Desembaracem-me deste turbulentão padre», porque Estaline tinha de microgerir tudo. Pode, por isso, ter lido a carta de Nikolaev e explorado o seu ressentimento contra Kirov.

A amizade de Estaline por Kirov era unilateral e frágil, mas não há a mínima dúvida de que «Estaline pura e simplesmente adorava-o», segundo o «Lazar de Ferro», que logo a seguir acrescenta: «Ele tratava politicamente toda a gente.» As suas amizades, como paixonetas de adolescente, ziguezagueavam entre o amor, a admiração e um ciúme venenoso. Era um exemplo extremo do célebre epígrama de Gore Vidal: «Sempre que um amigo meu é bem sucedido, um pouco de mim morre.» Tinha adorado Bukharine, cuja viúva explica que Estaline era capaz de amar e odiar a mesma pessoa «porque o amor e o ódio nascido da inveja (...) lutavam um contra o outro dentro do mesmo peito». Talvez o facto de Kirov ter traído a sua amizade sincera tenha provocado uma raiva semelhante à da mulher desprezada, seguida por um tremendo sentimento de culpa depois do crime. Mas, mesmo com os «amigos», Estaline cultivava a privacidade e o afastamento: queria ser superiormente inatingível.

Estaline era sempre um amigo mais leal para com aqueles que conhecia menos bem. Quando um rapaz de dezasseis anos lhe escreveu, Estaline enviou-lhe dez rublos, e o rapaz escreveu uma carta a agradecer. Estava constantemente a ceder a erupções de sentimentalismo para com os amigos da juventude. «Envio-te 2000 rublos», escreveu, em Dezembro de 1933, a Pedro Kapanadze, o seu amigo do Seminário que se tornara padre, e depois professor. «Neste momento, não tenho mais (...). As tuas necessidades são especialmente importantes para mim, e por isso vou enviar-te os meus direitos de autor. Receberás [também] 3000 rublos a título de empréstimo (...). Desejo-te uma longa vida e que sejas feliz!» E assinava a carta com o nome do pai, «Beso».

Uma estranha carta, que permaneceu inédita, ilustra bem esta distante generosidade: em 1930, Estaline recebeu uma comunicação do director de uma quinta colectiva na longínqua Sibéria a perguntar se devia ou não admitir um ex-polícia czarista que

\* *Instantsiya* deriva do costume alemão do século XIX de *aller instanzen*, que significa apelar para o mais alto tribunal.

afirmava tê-lo conhecido. O velho cívico fora, de facto, guarda de Estaline no exílio. E Estaline escreveu uma longa recomendação manuscrita: «Durante o meu exílio em Kureika, em 1914-16, Mikhail Merzlikov foi meu guarda/vigilante. Na época, tinha uma ordem: guardar-me (...). É evidente que não posso ter tido uma relação “amistosa” com Merzlikov. Devo, no entanto, testemunhar que, não sendo amistosas, as nossas relações não eram hostis como normalmente eram entre exilado e guarda. Deve ser explicada a razão por que, parece-me a mim, Merzlikov não desempenhava os seus deveres com o habitual zelo policial, não me espiava nem me perseguia, fechava os olhos às minhas frequentes saídas e muitas vezes admoestava outros guardas por contrariarem as suas “ordens” (...). É meu dever testemunhar tudo isto. Era assim em 1914-16, quando Merzlikov era meu guarda, diferindo, para melhor, dos outros polícias. Não sei o que fez sob o poder *kolchak* ou sob o poder soviético, nem sei como é agora.»

Da parte de um homem que matava os seus melhores amigos, isto era verdadeira amizade. Quer tenha ou não mandado assassinar Kirov, do que não há dúvida é de que explorou o assassinato para destruir não só os seus adversários mas também os seus aliados menos radicais.

\* \* \*

Kirov jazia em câmara ardente num caixão aberto, vestindo um dólman escuro e rodeado pelos pendões vermelhos, as coroas de flores com faixas inscritas e as palmeiras tropicais do funeral bolchevique, no meio da grandiosidade neoclássica potemkiniana do Palácio da Táurida.\* Às nove e meia da noite de 3 de Dezembro, Estaline e os membros do Politburo formavam a guarda de honra, uma outra parte do necro-ritual bolchevique. Vorochilov e Zhdanov pareciam perturbados, mas Molotov mantinha-se de pedra. «Surpreendentemente calmo e impenetrável era o rosto de JV Estaline», notou Khrushchev, «dando a impressão de estar absorto nos seus pensamentos, os olhos vítreos pousados no cadáver de Kirov.» Antes de partir, Estaline nomeou Zhdanov chefe do partido de Leninegrado, conservando o lugar de secretário do CC. Também Iezhov ficou, para acompanhar a investigação.

Às dez, Estaline e os outros transportaram o caixão para fora e depositaram-no num armão. O cortejo percorreu lentamente as ruas até à estação, onde foi carregado no comboio que levaria Estaline de volta a Moscovo. Envolto em grinaldas, este comboio da morte desapareceu na escuridão já depois da meia-noite, deixando para trás o cé-

---

\* O Palácio da Táurida servira de cenário ao extravagante baile que o príncipe Potemkine ofereceu, em 1791, a Catarina, a Grande, mas era também a sede da Duma, o Parlamento relutantemente concedido por Nicolau II depois da Revolução de 1905. Em 1918, acolhia a Assembleia Constituinte, encerrada, por ordem de Lenine, por um grupo de guardas vermelhos embriagados. Foi, pois, o berço e o túmulo das duas primeiras democracias russas anteriores a 1991.

rebro de Kirov, que seria examinado, em busca de sinais de fulgor revolucionário, no Instituto de Leninegrado.\*

Ainda antes de o comboio chegar a Moscovo, já Agranov, o chekista que dirigia a investigação, interrogava o assassino. «Teimoso como uma mula», comunicava a Estaline.

«Alimentem-no bem, dêem-lhe galinha», respondeu Estaline, que gostava muito de galinha. «Alimentem-no para que fique forte, e então dir-nos-á quem o dirigi. E se não falar, trataremos dele e ele dirá (...) tudo.»

Na Estação de Outubro, em Moscovo, o caixão foi novamente transferido para um armário e depositado na Sala das Colunas, para o funeral que decorreria no dia seguinte. Pouco depois, Estaline informou o Politburo dos resultados da sua muito pouco convincente investigação. Mikoian, que fora um grande amigo de Kirov, estava tão perturbado que perguntou como pudera Nikolaev escapar de ser preso por duas vezes, andando armado, e como morrera Borisov.

– Como pôde uma coisa assim acontecer? – concordou Estaline, indignadamente.

– Alguém tem de responder por isto! – exclamou Mikoian, apontando o estranho comportamento do NKVD. – Não é o chefe da OGPU [Iagoda] responsável pela segurança dos membros do Politburo? Devia ser chamado a prestar contas!

Estaline, no entanto, protegeu Iagoda, concentrando-se nos seus verdadeiros alvos, os Velhos Bolcheviques como Zinoviev. Mais tarde, Sergo, Kuibichev e Mikoian mostraram-se-iam profundamente desconfiados: Mikoian discutiu com Sergo o «comportamento pouco claro» de Estaline, provavelmente durante os seus passeios pelo interior do Kremlin, o lugar tradicional para ter estas conversas proibidas. Estavam ambos «surpreendidos e estupefactos e não conseguiam compreender». Sergo perdeu a voz, de desgosto. Kuibichev terá proposto uma investigação do CC para controlar a que estava a ser levada a cabo pelo NKVD. É com certeza duvidoso que Mikoian, que continuava a admirar Estaline e o serviu lealmente até ao fim, acreditasse, na altura, que o seu líder pudesse ter sido o responsável. Os bolcheviques estavam habituados a iludirem-se a si mesmos e a arranjar maneiras de contornar estas irritantes dúvidas.

Nessa noite, Pavel Alliluyev voltou a desempenhar o mesmo papel que já desempenhara depois da morte de Nádia, ficando com Estaline em Kuntsevo. Com a testa apoiada numa mão, Estaline murmurou que, depois da morte de Kirov: «Fiquei completamente órfão.» Disse isto de uma forma tão comovente que Pavel o abraçou. Não há razão para duvidar da sinceridade da sua angústia por alguém ter feito aquilo a Kirov... ou por ter sido necessário fazê-lo.

---

\* O estudo do cérebro fazia parte do ritual científico-racionalista da morte dos grandes bolcheviques. O cérebro de Lenine fora extraído e estava, na altura, a ser examinado no Instituto do Cérebro. Quando Gorki morreu, o seu cérebro foi também lá parar. Tratava-se seguramente de uma distorção científica marxista da tradição romântica que mandava sepultar o coração dos grandes homens, fossem eles Mirabeau ou Potemkine, separadamente do corpo. Mas a idade do coração tinha passado.

Às dez da manhã do dia 5, com a Rua Gorki fechada e a segurança sob o comando de Pauker (como no funeral de Nádia), o séquito de Estaline reuniu-se na Sala das Colunas. O funeral foi um espavento de *kitsch* sentimentalista bolchevique – com archotes a arder, cortinados de veludo escarlate, pendões suspensos do tecto e mais palmeiras –, um moderno frenesi mediático, com uma alcateia de membros da imprensa a tirar fotografias e o corpo iluminado por lâmpadas de arco como um adereço no palco de um teatro sob luzes de néon. A orquestra do Bolchoi tocava marchas fúnebres. Não eram só os nazis que sabiam organizar brilhantes funerais para os seus cavaleiros tombados; até as cores eram as mesmas: tudo vermelho e preto. Estaline já declarara Kirov como o seu martirizado camarada mais chegado: a cidade onde nascera, Viatka, o Ballet Mariinski de Leninegrado e centenas de ruas mudaram de nome para «Kirov».

O caixão repousava sobre um pano vermelho a cobrir o plinto. O rosto do cadáver tinha «uma cor esverdeada» e uma contusão violácea na testa, devido à queda. A viúva sentava-se junto das irmãs que ele não vira nem se dera ao trabalho de contactar durante trinta anos. Redens, o chefe do NKVD em Moscovo, escoltou a sua própria mulher, Ana Alliluyeva, que estava grávida, e os Svanidze até aos respectivos lugares, junto às esposas dos membros do Politburo. Fez-se silêncio. O bater dos saltos das botas das sentinelas ecoou na sala. Então, Maria Svanidze ouviu os «passos daquele grupo de duras e determinadas águias»: o Politburo tomou posição à volta da cabeça de Kirov.

A orquestra do Bolchoi atacou a Marcha Fúnebre de Chopin. Depois, no silêncio que se seguiu, só se ouvia o cliquetear e o zumbido das máquinas de filmar: Estaline, com as mãos cruzadas sobre o estômago, estava ao lado do flamante Kaganovitch, com um cinto de couro a apertar-lhe a rotundidade do dólman. Os guardas começaram a aparafusar a tampa do caixão. Mas, tal como fizera no funeral de Nádia, Estaline interrompeu-os dramaticamente, subindo até junto do féretro. Com todos os olhos postos no seu rosto marcado pela «dor», inclinou-se e beijou a testa de Kirov. «Foi um espectáculo de partir o coração, sabendo quão próximos aqueles dois homens tinham sido.» Um soluço audível encheu a sala; até os homens choravam abertamente.

– Adeus, querido amigo, havemos de vingar-te – murmurou Estaline para o corpo. Estava a tornar-se um especialista em funerais.

Um a um, os líderes despediram-se de Kirov: Molotov, muito pálido, Zhdanov e Kaganovitch inclinaram-se, mas não beijaram o corpo, enquanto Mikoyan pousava a mão na beira do caixão e se inclinava para a frente. A mulher de Kirov desmaiou e os médicos tiveram de dar-lhe algumas gotas de valeriana. Para a família de Estaline, a perda de Kirov, «essa pessoa completamente encantadora que todos amavam», estava ligada à morte de Nádia, pois sabiam que o *Vozhd* «transferira toda a dor e o fardo da perda da mulher» para aquele querido amigo.

Os líderes saíram e o caixão foi fechado e transportado até ao crematório, onde Pavel e Zénia Alliluyeva ficaram avê-lo desaparecer na fornalha. Os Svanidze e outros voltaram ao apartamento de Vorochilov no edifício da Guarda Imperial, palco da última ceia de Nádia, para um jantar tardio. Molotov e os restantes potentados jantaram com Estaline, em Kuntsevo.

Na manhã seguinte, Estaline – usando o seu velho capote e o gorro em bico –, Molotov e Kalinine acompanharam a urna das cinzas, colocada dentro de um mini-templo clássico do tamanho de um caixão, a transbordar de flores, até ao outro lado da Praça Vermelha, onde um milhão de trabalhadores permanecia de pé, num gelado silêncio. Kaganovitch falou – outro paralelo com o funeral de Nádia – antes de as trombetas irromperem numa saudação, cabeças e pendões baixaram-se, e esse «perfeito bolchevique», Sergo, colocou a urna onde ainda hoje se encontra, no Muro do Kremlin. «Pensei que seria o Kirich a enterrar-me, mas afinal foi ao contrário», diria mais tarde à mulher.

As execuções já tinham começado: a 6 de Dezembro, sessenta e seis «guardistas brancos», presos por planearem actos terroristas ainda antes de Kirov ter sido assassinado, foram sentenciados à morte pelo Supremo Tribunal do Colégio Militar, presidido por Vassili Ulrikh, um nobre balto-alemão que tinha uma cabeça em forma de bala e se tornou o juiz-carrasco de Estaline. Outros vinte e oito foram fuzilados em Kiev. A 8, Nikolai Iezhov, acompanhado por Agranov, regressou de Leninegrado a Moscovo, onde, durante três horas, fez o relatório da sua caça aos «terroristas».

Não obstante a tragédia e as perigosas indicações de que em breve até bolcheviques começariam a ser fuzilados por causa da morte de Kirov, a vida do círculo íntimo de Estaline seguia o seu curso normal, ainda que sombrio. Nesse mesmo dia 8 – depois da reunião com Iezhov, Molotov, Sergo, Kaganovitch e Zhdanov –, jantaram, como de costume, com Estaline, Svetlana e Vassili, os Svanidze e os Alliluyev, no apartamento do líder. Svetlana recebeu prendas para a ajudar a recompor-se da perda do seu amado «segundo-secretário», Kirov. Estaline «estava mais magro, mais pálido, com uma expressão escondida no olhar. Sofre tanto.» Maria Svanidze e Ana Alliluyeva afadigavam-se à volta dele. Aliosha Svanidze aconselhou Maria a manter as distâncias. Era um bom conselho, mas ela não o escutou, quem sabe por pensar que ele estava apenas a ter ciúmes de uma relação que talvez incluísse um caso amoroso num passado distante. Não havia comida suficiente, de modo que Estaline chamou Carolina Til e ordenou-lhe que arranjasse mais. Ele quase não comeu. Nessa noite, levou Aliosha Svanidze, juntamente com Svetlana e Vassili, para passarem a noite em Kuntsevo, enquanto os outros iam para o apartamento de Sergo.

Uma vez que Estaline proclamara, escassas horas depois da morte de Kirov, que Zinoviev e os seus apoiantes tinham sido os responsáveis, ninguém ficou surpreendido quando Iezhov e o NKVD prenderam uma «Central de Leninegrado» e uma «Central de Moscovo», conforme listas estabelecidas pelo próprio Estaline. Nikolaev, interrogado com o objectivo de «provar» a ligação a Zinoviev, admitiu, a 6 de Dezembro, a existência dessa ligação. Zinoviev e Kamenev, os dois camaradas mais próximos de Lenine e ambos ex-membros do Politburo, que tinham salvo a carreira de Estaline em 1925, foram presos. Os testemunhos dos «terroristas» foram mostrados ao Politburo. Estaline ordenou pessoalmente a Vichinski, procurador-geral-adjunto, e a Ulrikh que os condenassem à morte.

Todas as testemunhas recordam que, para usar as palavras de Iuri Žhdanov, «tudo mudou depois da morte de Kirov». A segurança foi maciçamente reforçada numa altura em que a informalidade da corte de Estaline, com o seu sentido de humor, as suas empreendedoras e ambiciosas mulheres, as suas crianças, parecia mais do que nunca importante para o conforto do desolado *Vozhd*. No entanto, a mudança era definitiva: a 5 de Dezembro, Rudzutak julgou ter visto Estaline apontar para ele e acusar aquele orgulhosamente semi-iletrado Velho Bolchevique de «ter estudado na universidade – como pode então o pai ter sido um trabalhador agrícola?» «Não te incomodaria com tais trivialidades», escreveu Rudzutak a Estaline, «mas ouço tantos boatos a meu respeito, e é uma pena que tenham chegado aos teus ouvidos.» Ian Rudzutak, um letão astuto e inteligente, apaixonado fotógrafo da natureza, membro do Politburo e aliado de Estaline, formado por dez anos de escola nas prisões czaristas, com uns «olhos cansados e expressivos», um «ligeiro coxejar que lhe ficara dos trabalhos forçados», sentia claramente a frieza do Chefe, que já não confiava nele.

«Estás enganado, Rudzutak», respondeu Estaline. «Estava a apontar para o Žhdanov, não para ti. Sei muito bem que não andaste na universidade. Li a tua carta na presença do Molotov e do Žhdanov. Ambos confirmaram que estás enganado.»

Pouco depois do assassinato, Estaline caminhava pelo Kremlin com um oficial da Marinha, passando pelos guardas da segurança, agora colocados a intervalos de dez metros ao longo dos corredores e treinados para seguir com os olhos quem ali passasse.

– Reparou neles? – perguntou Estaline ao oficial. – Uma pessoa vai caminhando pelo corredor e pensando: «Qual deles vai ser?» Se for este, mata-me pelas costas depois de eu ter passado; se for aquele, dá-me um tiro na cara.»

\* \* \*

A 21 de Dezembro, pouco antes destas execuções, o séquito chegou a Kuntsevo para festejar o quinquagésimo quinto aniversário de Estaline. Ao verem que não havia cadeiras suficientes para todos, Estaline e os homens começaram a mudar os lugares e a trazer mais mesas, pondo mais pratos. Mikoian e Sergo foram eleitos «*tamada*». Estaline estava ainda deprimido pela perda de Kirov, mas, pouco a pouco, foi recuperando o bom humor. No entanto, quando Maria Svanidze se preparava para ler um poema que tinha escrito, o marido impediu-a, talvez sabendo que o seu tom descaradamente laudatório, ou o óbvio pedido para que as senhoras pudessem fazer uma viagem ao Ocidente, o irritaria.\*

O jantar constou de *shchi*, sopa de couves, e vitela. Estaline serviu a sopa aos convidados, dos Molotov, Poskrebichev (acompanhado pela sua nova mulher) e Ienukidze

\* O poema de Maria revela tanto a devoção como a ousadia das damas da corte de Estaline: «Desejamos muitas felicidades ao nosso Querido Líder e que viva para sempre. Que faça tremer os seus inimigos. Que liquide todos os fascistas (...). Que, para o ano, domine o mundo e governe toda a humanidade. É uma pena que as senhoras não possam ir a Carlsbad. Em Sochi é sempre a mesma coisa.»

aos filhos. «Estaline comeu da sua malga, pegando no garfo para tirar a carne», recorda Artyom. Béria e o seu ex-patrono, o surdo Lakoba, senhor da Abcázia, chegaram a meio do jantar. Estaline fez um brinde a Sashiko Svanidze, irmã da sua primeira mulher, Keke, e de Aliosha. O que deixou furiosa a mulher deste último, Maria Svanidze: havia uma guerra constante entre as mulheres pelas boas graças de Estaline. Estaline reparou então nas crianças e «serviu-me a mim e ao Vassili um pouco de vinho», continua Artyom, «perguntando: "Que se passa convosco? Bebam um pouco de vinho!"» Ana Redens e Maria Svanidze resmungaram que o vinho fazia mal às crianças, como Nádia costumava dizer, mas Estaline riu-se: «Não sabem que é medicinal? Cura todo o género de doenças!»

Foi aqui que a noite deu para o sentimentalismo: tal como a família recordara Nádia durante o funeral de Kirov, este Banquo de saias apareceu também na festa. Sergo, o mestre-dos-brindes, ergueu o copo numa homenagem a Kirov:

– Um filho da mãe qualquer matou-o, roubou-o à nossa companhia!

O silêncio foi interrompido por soluços. Alguém bebeu a Dora Kazan, esposa de Andreiev e que era uma das mulheres preferidas de Estaline, e aos seus estudos na Academia. Isto fez Estaline lembrar-se de Nádia. Pondo-se de pé, disse:

– Já por três vezes falámos da Academia. Bebamos à Nádia!

Levantaram-se todos, com as lágrimas a correr cara abaixo. Um a um, deram silenciosamente a volta à mesa e tocaram com o copo no de Estaline, que parecia esmagado pelo desgosto. Ana Redens e Maria Svanidze beijaram-no nas faces. Maria achou que ele estava «mais terno, mais bondoso». Mais tarde, Estaline fez de *disk-jockey*, pondo discos no gramofone enquanto os convidados dançavam. Em seguida, os caucasianos cantaram lamentos com o seu todo-poderoso companheiro de coro.

Então, como que para descontrair depois da tristeza, Vlasik, o guarda-costas, que acumulava as funções de fotógrafo da corte, juntou toda a gente para uma fotografia, um notável registo da corte de Estaline antes do Terror: mas até esta fotografia seria motivo de mais discussões entre as competitivas mulheres.

Estaline sentou-se no meio, rodeado pelas adoradoras damas – à sua direita sentava-se a agressiva Sashiko Svanidze, depois Maria Kaganovitcha e a plantuosa soprano Maria Svanidze; à esquerda, ficou a esbelta e elegante primeira-dama, Polina Molotova. Uniformes misturavam-se com dólmans do partido: Vorochilov, sempre resplandecente como o oficial mais graduado do país; Redens, vestindo o azul do NKVD; Pavel Alliluyev, com o seu uniforme de comissário militar. Os caucasianos Sergo, Mikojan e Lakoba sentavam-se no chão, a rir, enquanto Béria e Poskrebichev conseguiram aparecer estendendo-se quase de bruços. Mas aos pés de Estaline, ainda mais em destaque quando ele voltou a posar só com as mulheres, sentava-se um gato Cheshire que sorria para a câmara como se tivesse comido o pote das natas: Zénia Alliluyeva.

UMA AMIZADE SECRETA:  
A ROSA DE NOVGOROD

— Vistes tão bem — disse Estaline, num tom carregado de admiração, à sua cunhada, Zénia Alliluyeva. — Devias ter sido estilista.

— Eu? Nem sou capaz de pregar um botão! — espantou-se a risonha Zénia. — É a minha filha que mos prega.

— E então? Devias ensinar as mulheres soviéticas a vestirem-se! — retorquiu Estaline.

Depois da morte de Nádia, Zénia mudara-se praticamente para o apartamento, para cuidar dele. Em 1934, ao que parece, esta relação tornou-se algo mais. Com trinta e seis anos, escultural e de olhos azuis, cabelos louros ondulados, covinhas nas faces, nariz arrebitado e uma boca larga e soridente, Zénia era filha de um padre de Novgorod. Não era bonita, mas esta «rosa dos campos de Novgorod», com a sua pele dourada e o seu humor vivo e malicioso, irradiava saúde. Quando estava grávida da filha, Kira, ainda partiu lenha instantes antes de dar à luz. Enquanto Dora Kazan vestia com austera simplicidade e Vorochilova engordava, Zénia mantinha-se jovem, fresca e totalmente feminina nos seus vestidos com folhinhos, golas exuberantes e lenços de seda.

Estas mulheres achavam Estaline ainda mais atraente por se sentir tão obviamente sozinho, depois das mortes de Nádia e, agora, de Kirov: «a solidão dele está sempre presente no nosso espírito», escreveu Maria Svanidze. Se o poder em si é um grande afrodisíaco, se lhe juntarmos força, solidão e tragédia, temos um *cocktail* explosivo. No entanto, Zénia era diferente. Conhecia Estaline desde que casara com o irmão de Nádia, Pavel, na altura da Revolução, mas passavam muito tempo no estrangeiro

e tinham regressado de Berlim pouco antes do suicídio. Nascera então um novo relacionamento entre o viúvo e esta mulher jovial e divertida. O casamento de Pavel e Zénia não fora fácil. Sem feitio para a vida militar, Pavel era terno, mas histérico, como Nádia. Zénia queixava-se da fraqueza do marido. O casamento quase acabou, nos anos 30, mas Estaline ordenou-lhes que continuassem juntos. Apesar de ter oferecido a pistola a Nádia, Pavel ficava frequentemente com o *Vozhd*.

Estaline admirava a *joie de vivre* de Zénia. E ela não tinha medo dele: da primeira vez que chegou a Zubalovo depois de regressar de Berlim, encontrou uma refeição em cima da mesa e comeu-a. Estaline entrou na sala e perguntou:

– Onde está a minha sopa de cebola?

Zénia admitiu que a tinha comido. Isto poderia ter provocado uma explosão, mas Estaline limitou-se a sorrir e a dizer:

– Da próxima vez, o melhor é fazerem duas.

Zénia dizia sempre o que pensava – foi ela, entre outros, que lhe falou da fome, em 1932, mas Estaline perdoou-lhe. Lia muito, e Estaline consultava-a a respeito do que devia ler. Ela sugeriu-lhe uma história do Egito, mas observou, na brincadeira, que ele «começava a imitar os faraós». Zénia fazia-o rir a bandeiras despregadas com o seu humor terra-a-terra. As conversas entre os dois pareciam-se muito com as que ele tinha com os amigos. Ela era uma grande cantora de *chastuska*, versos libidinosos cheios de trocadilhos. Não é fácil traduzi-los, mas os preferidos de Estaline incluíam pérolas como: «É simples cagar do alto da ponte, mas uma pessoa que o fez caiu da ponte abaixo», ou: «Sentarmo-nos na nossa própria merda faz-nos sentir seguros como se estivéssemos numa fortaleza.»

Zénia, com a sua falta de tacto, não conseguia impedir-se de rebentar os balões das rígidas mulheres do partido, e Estaline gostava sempre de brincar com os seus cortesãos. Quando Polina Molotova, patroa da indústria perfumista, se gabou diante de Estaline de estar a usar o seu mais recente produto, *Moscovo Vermelho*, ele cheirou o ar e disse:

– É por isso que cheiras tão bem.

– Ora vamos, José – interveio Zénia. – Ao que ela cheira é a *Chanel Número Cinco!*

Mais tarde, apercebeu-se de que tinha cometido um erro. «Por que disse eu aquilo?» Este hábito criava inimigos à família entre os políticos numa altura em que a política estava à beira de tornar-se um desporto sangrento. Em todo o caso, só ela podia dizer estas coisas, porque Estaline «respeitava a sua irreverência».

Quando Estaline inaugurou a Constituição de 1936, Zénia, que chegava atrasada a todo o lado, chegou atrasada também para isto. Entrou o mais discretamente que pôde e convenceu-se de que ninguém tinha reparado, até que, mais tarde, Estaline lhe fez uma observação.

– Como foi que me viste? – perguntou ela.

– Eu vejo tudo, consigo ver a dois quilómetros de distância – respondeu o *Vozhd*, cujos sentidos eram apurados como os de um animal selvagem. – Tu és a única que se atreveria a chegar atrasada.

Estaline precisava dos conselhos de uma mulher para lidar com os filhos. Quando Svetlana, que amadurecia rapidamente, apareceu com a sua primeira saia, o pai fez-lhe uma prelecção sobre a «modéstia bolchevique», mas perguntou a Zénia:

– Uma rapariga deve usar um vestido daqueles? Não quero que ela ande de joelhos à mostra.

– Não faz mal nenhum – respondeu Zénia.

– E pede-me dinheiro.

– É normal, não é?

– Para que quer ela o dinheiro? – insistiu Estaline. – Uma pessoa pode viver perfeitamente com dez *kopeks*!

– Ora, vamos, José! – troçou Zénia. – Isso era antes da Revolução.

– Pensava que se podia viver com dez *kopeks* – murmurou ele.

– Que andam eles a fazer? A imprimir jornais especiais só para ti?

Só Zénia poderia dizer-lhe este tipo de coisa.

Estaline e Zénia tornaram-se provavelmente amantes por esta altura. Os historiadores nunca sabem o que se passa por trás das portas fechadas dos quartos, e tanto o secretismo conspirativo como a afectada moral dos bolcheviques tornam estas questões particularmente difíceis de investigar,\* mas Maria Svanidze observou a relação entre os dois e registou-a no seu diário, que o próprio Estaline preservou: nesse Verão, Maria notou como Zénia fazia tudo o que podia para estar a sós com Estaline. No Inverno seguinte, conta como Estaline, ao chegar ao seu apartamento, a encontrou a ela e a Zénia. «Brincou com a Zénia a respeito de estar outra vez a ficar gorda. Tratava-a muito afectuosamente. *Agora que sei tudo, tenho-os observado attentamente (...).*»

«Estaline estava apaixonado pela minha mãe», afirma Kira, a filha de Zénia. As filhas tendem talvez a acreditar que os grandes homens estão apaixonados pelas mães delas, mas o primo, Leonid Redens, acredita também que «era mais do que amizade». E há outras provas. Mais para o fim da década de 30, Poskrebichev abordou Zénia com uma oferta que parece muito uma desastrada proposta de casamento da parte de Estaline. Quando ela voltou a casar depois da morte do marido, o *Vozhd* reagiu com ciumenta fúria.

Estaline foi sempre gentilmente cortês para com Zénia. Se era raro telefonar a Ana Redens ou a Maria Svanidze, Svetlana lembra-se de que para ela ligava com bastante frequência, para conversar um pouco, mesmo depois de a relação entre os dois ter terminado.

\* Ainda hoje, os que conhecem esses segredos teimam em acreditar – nas palavras do filho adoptivo de Estaline, o general Artyom Sergeev, agora com oitenta anos – que «a vida privada dele [Estaline] é secreta e irrelevante para o seu lugar na História». Até ao momento, não foram encontradas cartas de amor dirigidas a alguém que não fosse Nádia.

Zénia estava longe de ser a única mulher atraente que vivia na órbita de Estaline. Em meados dos anos 30, este fazia ainda uma vida social normal, com uma *entourage* que incluía um círculo de mulheres jovens e disponíveis. Mas, de momento, era Zénia quem se sentava aos pés do *Vozhd*.

\* \* \*

Logo a seguir à festa, a 28 e 29 de Dezembro, Nikolaev, o assassino, e outros catorze réus foram julgados por Ulrikh, em Leninegrado. O reptiliano juiz-carrasco telefonou a Estaline, a pedir instruções.

– Arrume o assunto – ordenou o *Vozhd*, laconicamente.

Nos termos da Lei de 1 de Dezembro, foram todos fuzilados uma hora mais tarde... e as famílias, totalmente inocentes, pouco depois. Em Dezembro, foram fuziladas 6501 pessoas. Estaline não tinha um plano preciso para o Terror que ia crescendo. Acreditava simplesmente que era preciso levar o partido à submissão e eliminar os velhos inimigos. Oportunista e super-sensitivo, avançou sinuosamente para o seu objectivo. O NKVD não tinha nada que ligasse Leninegrado à «Central de Moscovo» de Zinoviev e Kamenev, mas tinha meios para persuadir os seus prisioneiros a fazê-lo. E de facto, em meados de Janeiro, tinham persuadido um preso a implicar Zinoviev e Kamenev, que foram condenados a dez e cinco anos, respectivamente. Estaline distribuiu uma carta secreta na qual avisava que toda a oposição tinha de ser «tratada como guardistas brancos» e «detida e isolada». Houve um número tão grande de detenções que os campos foram inundados pela «torrente de Kirov». E no entanto, ao mesmo tempo, Estaline orquestrava um «degelo» ao som do *jazz*: «A vida tornou-se mais alegra, camaradas», disse. «A vida tornou-se melhor.»\*

\* \* \*

A 11 de Janeiro, Estaline e a maior parte do Politburo assistiram, no Bolchoi, a uma gala de celebração da indústria cinematográfica soviética, uma espécie de «Óscars sem as piadas». Os realizadores receberam Ordens de Lenine.

«Para nós», disse Lenine, «a mais importante de todas as artes é o cinema», a forma de arte da nova sociedade. Estaline controlava pessoalmente a «Hollywood soviética» através da Comissão Estatal do Filme, chefiada por Boris Chumiatski, que fora seu companheiro de exílio. E não se limitava a interferir nos filmes: supervisionava minuciosamente os realizadores e as películas até ao nível dos guiões; o seu arquivo revela como até ajudava a escrever canções. Falava de cinema com a sua *entourage* e via todos os filmes antes de serem mostrados ao público, tornando-se o seu próprio censor supremo. Era Joseph Goebbels combinado com Alexander Korda, um par improvável unido pelo amor ao celulóide, numa espécie de dois-em-um.

---

\* É a versão estalinista do «Nunca viveram tão bem» de Harold Macmillan.

Era um fã de cinema obsessivo. Em 1934, tinha já visto tantas vezes o novo *eastern* cossaco *Chapaev* e *Os Alegres Companheiros* que sabia os diálogos de cor. Realizado por Grigori Alexandrov, este último filme foi pessoalmente supervisionado por ele. Quando Alexandrov acabou de rodar *Os Alegres Companheiros*,<sup>\*</sup> Chumiatski resolveu fazer sofrer Estaline mostrando-lhe só a primeira bobina, alegando que a segunda ainda não estava pronta. O *Vozhd* adorou o filme.

– Mostra-me o resto!

Chumiatski chamou Alexandrov, que esperava ansiosamente lá fora:

– Querem-te na corte!

– É um belo filme – disse Estaline a Alexandrov. – Sinto-me como se tivesse passado um mês de férias. Tirem-no das mãos do realizador. É bem capaz de estragá-lo! – brincou.

Alexandrov iniciou de imediato uma série de descontraídas e ligeiras comédias musicais do mesmo tipo: a *O Circo* seguiu-se o grande favorito de Estaline, *Volga, Volga*. Quando o realizador se preparava para fazer o último da série, chamou-lhe *Cinderela*, mas Estaline enviou-lhe uma lista de doze títulos possíveis, incluindo *Caminho Brilhante*, que Alexandrov aceitou. Estaline chegou a trabalhar nas próprias canções: encontramos, no seu arquivo, uma intrigante nota, datada de Julho de 1935, na qual escreve, a lápis, os versos de uma das canções, fazendo emendas e mudando palavras para acertar a métrica:

*Uma canção alegre é boa para o coração;  
Nunca nos aborrece;  
E todas as aldeias, grandes e pequenas, adoram a canção;  
As grandes cidades gostam da música.*

Por baixo, rabiscou as palavras: «À Primavera. Espírito. Mikoian», e a seguir: «Obrigado, camaradas.»

Quando o realizador Alexandre Dovzhenko lhe pediu ajuda para o seu filme *Aerograd*, Estaline chamou-o ao «Cantinho» logo no dia seguinte e ordenou-lhe que lesse o guião inteiro a Vorochilov e Molotov. Mais tarde, sugeriu-lhe o próximo filme, acrescentando que «nem as minhas palavras nem os artigos dos jornais o colocam sob qualquer obrigação. É um homem livre (...). Se tem outros planos, faça uma coisa diferente. Não se sinta embarçado. Chamei-o para que soubesse disto.» Aconselhou o realizador a usar «canções populares russas, canções maravilhosas», que gostava de tocar no seu gramofone.

\* A estrela era a sua própria mulher, Liuba Orlova, e as canções foram escritas pelo compositor judeu Isaac Dunayevski. Os Russos, saídos de uma era de fome e assassinatos, acorriam em massa para ver filmes musicais e comédias – como os Americanos durante a Depressão. O estilo era cantar, dançar e *slapstick*: um porco salta para cima da mesa, num banquete, causando os mais hilariantes estragos com as patas e o focinho.

– Costuma ouvi-las? – perguntou Estaline.  
– Não – respondeu o realizador, que não tinha gramofone.  
«Uma hora depois desta conversa, foram entregar um gramofone em minha casa, uma oferta do nosso líder que», conclui Dovzhenko, «guardarei como um tesouro até ao fim dos meus dias.»

Entretanto, os potentados discutiam como lidar com Sergei Eisenstein, então com trinta e seis anos, o realizador *avant-garde* letão-germano-judeu de *O Couraçado Potemkine*. Passara demasiado tempo em Hollywood e, como Estaline explicou ao escritor americano Upton Sinclair, «perdeu a confiança dos amigos na URSS». E a Kaganovitch disse que Eisenstein era «um trotskista, senão mesmo coisa pior». Ainda assim, Eisenstein foi convencido a regressar e posto a trabalhar em *O Prado de Bezhin*, inspirado na história de Pavlik Morozov, o menino-herói que acusou o próprio pai de «kulakismo» e o denunciou. O espalhafatoso projecto não saiu como Estaline esperava. Kaganovitch criticou abertamente a ingenuidade dos colegas:

«Não se pode confiar em Eisenstein. Vai outra vez desperdiçar milhões e dar-nos coisa nenhuma (...), porque é contra o socialismo. Eisenstein foi salvo pelo Viatcheslav [Molotov] e pelo Andrei Zhdanov, que estavam dispostos a dar ao realizador uma nova oportunidade.» Estaline sabia, no entanto, que ele era «muito talentoso. Numa altura em que cresciam as tensões com a Alemanha, encomendou a Eisenstein um filme sobre esse vencedor de invasores estrangeiros, *Alexandre Nevski*, promovendo o seu novo paradigma de socialismo e nacionalismo. Ficou encantado com o resultado.

Quando escreveu ao realizador Friedrich Emmler um longo memorando sobre o seu filme *O Grande Cidadão*, o terceiro ponto rezava o seguinte: «Devem ser excluídas as referências a Estaline. Em vez de Estaline, mencione o Comité Central.»

\* \* \*

A modéstia de Estaline era, à sua maneira, tão ostentosa como os excessos do seu culto da personalidade. Os próprios líderes tinham promovido um culto de Estaline que era o triunfo do seu complexo de inferioridade. Mikoian e Khrushchev acusavam Kaganovitch de ter encorajado a vaidade disfarçada de Estaline e inventado o estalinismo: «Substituimos “Viva o Leninismo” por “Viva o Estalinismo”!»

Estaline criticava Kaganovitch, mas este conhecia-o bem e continuou a promover o «estalinismo».

«Por que me elogiam como se fosse uma pessoa sozinha a decidir tudo?», perguntava Estaline. Entretanto, ele próprio supervisionava o culto que florescia nos jornais: no *Pravda*, o seu nome é referido em metade dos editoriais entre 1933 e 1939. Estava sempre a receber flores e a ser fotografado com crianças. Apareciam artigos sobre «Como conheci o camarada Estaline». Os aviões que sobrevoavam a Praça Vermelha escreviam no céu a palavra «Estaline». O *Pravda* declarava: «A vida de Estaline é a nossa vida, o nosso belo presente e o nosso belo futuro.» Quando apareceu no Sétimo

Congresso dos Sovietes, dois mil delegados gritaram e aplaudiram. Um escritor descreveu a reacção como «amor, devoção, entrega». Uma operária murmurou: «Como ele é simples, como é modesto!»

Havia cultos semelhantes para os outros: Kaganovitch era celebrado como o «Lazar de Ferro» e o «Comissário de Ferro» e, nos desfiles, aparecia em milhares de fotografias. Vorochilov era honrado nas «rações Vorochilov» para o exército e no «Prémio Vorochilov para o Melhor Atirador». As festividades do seu aniversário eram tão gloriosas que Estaline fez numa delas um dos seus mais famosos discursos. As crianças das escolas trocavam postais com as fotografias destes heróis como se fossem estrelas de futebol: o brilhante Vorochilov valia muito mais do que, por exemplo, o apagado Molotov.

A modéstia de Estaline não era totalmente fingida: nas suas muitas batalhas entre vangloria e humildade, encorajava a apologia ao mesmo tempo que a desprezava. Quando o director do Museu da Revolução perguntou se podia expor os manuscritos das suas obras, respondeu: «Nunca pensei que, com a idade, ficasse tão tolo. Se o livro está publicado aos milhões, para que quer o manuscrito? Queime os manuscritos todos!» E quando o editor de umas memórias georgianas da infância dele enviou uma nota a Poskrebichev a pedir a sua autorização, Estaline ordenou a Zhdanov que proibisse a publicação, queixando-se de que era «uma falta de tacto e uma parvoíce» e exigindo que os culpados «sejam punidos». Mas isto era em parte para manter sob controlo a revelação pública dos primeiros tempos da sua vida.

Tinha consciência das absurdidades do culto, sendo suficientemente inteligente para perceber que a veneração de escravos não tem qualquer valor. Um estudante de um colégio profissional foi ameaçado de prisão por ter atirado uma seta de papel e acertado no retrato de Estaline. O estudante apelou ao próprio *Vozhd*, que o apoiou:

«Foram injustos», escreveu-lhe. «Peço (...), não o castiguem!» E acrescentava, em tom de brincadeira: «O bom atirador que acerta no alvo deve ser louvado!» No entanto, precisava do culto e, secretamente, fomentava-o. Com o seu leal *chef de cabinet*, podia ser sincero. Duas notas enterradas nos arquivos de Poskrebichev são particularmente reveladoras: quando uma quinta colectiva solicitou o direito de adoptar o nome de Estaline, este deu a Poskrebichev carta branca para autorizar todos os pedidos deste tipo:

«Não me oponho ao desejo deles de “lhes ser concedido o nome de Estaline” ou a outros (...). Dou-lhe o direito de responder afirmativamente [sublinhado] a estes pedidos em meu nome.» Um admirador escrevia a dizer: «Decidi mudar o meu nome para o do melhor aluno de Lenine, Estaline», e pedia a autorização do titã.

«Não me oponho», respondeu Estaline. «Estou até de acordo. Fico feliz, porque as circunstâncias dão-me a possibilidade de ter um irmão mais novo. (Não tenho irmãos.) Estaline.»

Depois da entrega dos prémios de cinema, a morte voltou a tocar o Politburo.

14

A ASCENSÃO DO ANÃO  
E A QUEDA DO CASANOVA

A 25 de Janeiro de 1935, Valerian Kuibichev, na altura com quarenta e cinco anos, morreu inesperadamente, vítima de doença cardíaca e de alcoolismo, seis semanas apenas depois do seu amigo Kirov. Uma vez que questionara a investigação do NKVD e se aliara a Kirov e a Sergo, disse-se que fora assassinado pelos médicos que o tratavam, uma impressão não necessariamente confirmada pela sua inclusão na lista dos supostamente envenenados por Iagoda. Estamos agora a entrar numa fase de tão tortuosa criminalidade e desavergonhado banditismo que todas as mortes de pessoas proeminentes se tornam suspeitas. Mas nem todas as mortes referidas como «assassinio» nos julgamentos-espectáculo de Estaline resultaram sem margem para dúvidas de uma acção criminosa: temos de admitir que, na década de 30, houve pelo menos algumas mortes naturais. Vladimir, o filho de Kuibichev, acreditava que o pai fora assassinado, mas a verdade é que este heróico bebedor estava doente havia já algum tempo. Os potentados faziam uma vida tão pouco saudável que só é de espantar que tantos tenham chegado a velhos.

Em todo o caso, esta morte veio mesmo a calhar para Estaline, que aproveitou a oportunidade para, a 1 de Fevereiro,\* promover duas jovens estrelas que personificavam o próprio espírito da época. Kaganovitch, que assumia a colossal tarefa de dirigir os caminhos-de-ferro, passou Moscovo para Nikita Khrushchev, o operário semiletrado que havia um dia de suceder a Estaline.

---

\* Mikoian e Chubar, um funcionário superior na Ucrânia, sendo os dois candidatos mais antigos ao Politburo, passaram a membros de pleno direito, enquanto Zhdanov e Eikhe, o patrão da Sibéria Ocidental, os substituíram como candidatos.

Kaganovitch conheceu Khrushchev durante a Revolução de Fevereiro de 1917, na cidade mineira de Yusovka. Apesar de ter namoriscado o trotskismo, Khrushchev tinha patronos imbatíveis: «Kaganovitch simpatizou muito comigo», recorda ele. E o mesmo se pode dizer de Nádia («o meu bilhete premiado», segundo Khrushchev) e do próprio Estaline. Mais tipo bala de canhão do que vendaval, Khrushchev, com os seus olhos brilhantes e porcinos, um físico atarracado e um amplo sorriso refulgente de dentes de ouro, exsudava uma rudeza primitiva e uma energia prometeana que escondiam uma enorme astúcia. Como primeiro-secretário da capital, foi ele que conduziu a transformação da «Moscovo estalinista»; graças a um vastíssimo programa de construção, a demolição de velhas igrejas e a construção do Metro, conquistou o seu lugar na elite. Já uma visita regular em Kuntsevo, este crente implacável e ambicioso via-se a si mesmo como «filho» de Estaline. Nascido em 1894, filho de um camponês-mineiro, o meteórico labrego tornou-se o «menino bonito» do *Vozhd*.

Foi, no entanto, o outro protegido de Kaganovitch que subitamente emergiu como principal figura. Iezhov tinha já a seu cargo o caso Kirov. Agora, era promovido ao lugar de Kirov como secretário do CC, e, a 31 de Março, oficialmente designado para supervisionar o NKVD. A verdade é que o homem que em breve se tornaria famoso como um dos grandes monstros da História, o «anão sanguinolento», um fantasma que ninguém se lembrava de ter alguma vez conhecido, parecia simpático a praticamente todos quantos, na altura, contactavam com ele. Era «uma pessoa sensível, humana, gentil, delicada», que tentava ajudar «em qualquer questão pessoal mais desagradável», recordavam os colegas. As mulheres, em particular, gostavam dele. Tinha um rosto «quase bonito», lembrava certa senhora, um sorriso rasgado, uns olhos azuis-esverdeados e inteligentes, cabelos espessos e negros. Era namoradeiro e brincalhão, «discreto e agradável». Não se limitava a ser um enérgico trabalhador compulsivo; este «homem baixo e magro, sempre vestido com um fato barato e amarrrotado e uma camisa de cetim azul», encantava as pessoas, conversando animadamente com o seu sotaque de Leninegrado. Inicialmente tímido, conseguia ser extremamente divertido, exuberante, com um agudo sentido de humor. Sofria de um ligeiro coxear, mas tinha uma bela voz de barítono, tocava guitarra e dançava a *gopak*. Era, no entanto, escanzelado e minúsculo: num governo de homens baixos, era quase um pigmeu, com o seu 1,51 m.

Nascido em 1895, numa pequena cidade lituana, filho de um guarda-florestal que geria uma casa-de-chá-bordel e de uma criada, Iezhov, como Kaganovitch e Vorochilov, só frequentara a escola primária durante um par de anos antes de ir trabalhar para as Oficinas Putilov, em Petersburgo. De modo algum um intelectual, era mais um autodidacta obsessivo, a quem os colegas davam a alcunha de «Kolya, o apaixonado pelos livros», mas possuía todas as virtudes do gestor bolchevique: determinação, dureza, talento organizacional e uma excelente memória, esse trunfo burocrático descrito por Estaline como «sinal de uma elevada inteligência». Demasiado baixo para servir no exército czarista, consertava armas, tendo-se juntado ao Exército Vermelho em 1919: conhecia Kaganovitch, o seu patrono, em Vitebsk. Em 1921, trabalhava na República Tártara, onde suscitou ódios ao demonstrar o seu desprezo pela cultura local e onde

adoeceu, o primeiro de muitos sinais da sua fragilidade. Por esta altura, é provável que já tivesse conhecido Estaline. Em 1925, tornou-se um dos secretários da Quirguízia. Depois de ter estudado na Academia Comunista, passou a trabalhar no CC, sendo então nomeado comissário-adjunto da Agricultura. Em 1930, Estaline recebeu-o no seu gabinete. Por sugestão de Kaganovitch, Iezhov passou a assistir às sessões do Politburo. No início da década de 30, chefiava o Departamento de Colocações de Pessoal do CC, e em 1933 ajudou Kaganovitch a purgar o partido, desabrochando num frenesi de dinamismo burocrático. No entanto, já estavam presentes os sintomas de perigo e de complexidade.

«Não conheço um trabalhador mais ideal», observava um colega. «Depois de lhe ter sido confiado um trabalho, pode-se deixá-lo sem supervisão na certeza de que o fará.» Havia, porém, um problema: «Não sabe parar.» Era uma admirável e mortífera característica num bolchevique durante o Terror, mas estendia-se também à vida pessoal de Iezhov.

Por vezes, dava provas de um humor grosseiramente pueril: presidia a competições em que se tratava de ver que comissário, de calças pelos joelhos, conseguia soprar com uma «ventosidade» a maior quantidade de cinza de cigarro. Envolvia-se em orgias com prostitutas, mas era também um bissexual entusiasta, que já tivera ávidos encontros com colegas aprendizes de alfaiate, soldados na frente e até bolcheviques altamente colocados, como Filipp Goloshchekin, que organizara o assassinato dos Romanov. O seu único *hobby*, além de festejar e fornicular, era construir e colecionar modelos de iates. Instável, sexualmente confuso e nevrótico, era demasiado fraco para competir com *bulldozers* como Kaganovitch, para não falar do próprio Estaline. Sofria de constantes doenças nervosas, incluindo feridas e pruridos, tuberculose, angina, ciática, psoríase (uma condição nervosa que provavelmente partilhava com Estaline) e aquilo a que chamavam «neurastenia». Caía frequentemente em depressão profunda, bebia demasiado e tinha de ser estimulado por Estaline, só para o manter a trabalhar.

Estaline acolheu-o no seu círculo: Iezhov estava exausto, e o *Vozhd* insistiu em que fizesse mais curas de repouso. «O próprio Iezhov está contra isto, mas dizem-me que é necessário», escrevia, em Setembro de 1931. «Vamos prolongar-lhe as férias e deixá-lo ficar em Abastuman mais dois meses.» Estaline punha alcunhas a todos os seus favoritos: a Iezhov, chamava «minha amora» (*yevhevika*). As suas notas eram com frequência secas indicações de carácter pessoal: «Ao camarada Iezhov. Arranje-lhe trabalho», ou «Ouça e ajude». No entanto, compreendia intuitivamente a essência de Iezhov: há, no seu arquivo, uma nota inédita, datada de Outubro de 1935, que resume bem a relação entre os dois: «Quando diz uma coisa», escreveu Estaline, «faz sempre o que diz!» Era este o cerne da parceria que os unia. Quando Vera Trail, cuja recordação do encontro nunca foi publicada, o conheceu no auge do seu poder, reparou que Iezhov era tão sensível aos desejos dos outros que conseguia, literalmente, «acabar as frases pelas pessoas». Iezhov era inculto, mas era também astuto, hábil, perceptivo e totalmente livre de barreiras morais.

Iezhov não subiu sozinho: foi acompanhado pela mulher, que havia de tornar-se a mais exuberante e, literalmente, a mais fatal coqueta da *entourage* de Estaline. Aconteceu que Mandelstam, o poeta, testemunhou o namoro dos dois. Por força de um desses acasos quase incríveis, o encontro do maior poeta russo com o maior assassino russo, Mandelstam estava, em 1930, em Sukhumi, no mesmo sanatório que Iezhov e aquela que era, na altura, a sua mulher, Tonya. Os Mandelstam ocupavam o sótão da mansão em forma de gigantesco bolo de casamento que se erguia no Parque Dedra.\*

Iezhov tinha casado, em 1919, com Antonina Titova, uma jovem culta e dedicadamente marxista. Em 1930, Tonya apanhava banhos de sol estendida numa cadeira de repouso na mansão de Sukhumi, lia *Das Kapital* e desfrutava das atenções de um Velho Bolchevique enquanto o marido se levantava cedo todas as manhãs para colher as rosas que oferecia a uma jovem, também casada, que lá se encontrava igualmente instalada. Colher rosas, envolver-se em romances adúlteros, cantar e dançar a *gopak*: ficamos com uma boa ideia do incestuoso mundo dos bolcheviques de férias. A nova amante de Iezhov não era, porém, uma Velha Bolchevique, e sim a versão soviética da «jovem emancipada» que já o apresentara a vários escritores seus amigos, de Moscovo. Nesse mesmo ano, Iezhov divorciou-se de Tonya e casou com ela.

Esbelta e de olhos faiscantes, Ievgenia Feigenberg era, aos vinte e seis anos, uma sedutora e animada jovem judia de Gomel. Admiradora tão fanática de escritores e poetas como as jovens dos nossos dias são das estrelas da música ou do cinema, era tão promíscua como o marido: tinha todo o entusiasmo amoroso de Messalina, mas nenhuma da sua astúcia. Casara em primeiras núpcias com um funcionário do governo, Khayutin, e depois com Gadun, que fora colocado na embaixada soviética em Londres. Acompanhara o marido, mas, quando ele voltou a casa, ela deixou-se ficar pelo estrangeiro, a trabalhar como dactilógrafa na legação de Berlim. Fora lá que conheceu a sua primeira estrela literária, Isaac Babel, que seduzira com a mesma frase usada por tantas outras fãs ao encontrarem-se com os seus heróis: «Não me conhece, mas eu conheço-o bem a si.» Estas palavras assumiriam, mais tarde, um significado terrível.

De regresso a Moscovo, conhecera «Kolya» Iezhov. Ievgenia sonhava ter um *salon* literário: daí o facto de Babel e a estrela do jazz Leonid Utsesov serem visitas tão frequentes da casa dos Iezhov. Foi ela que perguntou aos Mandelstam: «O Pliniak vai a nossa casa. E vocês, vão a casa de quem?» Iezhov era, porém, obsessivamente dedicado

\* Esta *dacha*, construída por um milionário judeu, mais tarde conhecida como Dom (casa de) Ordzhonikidze e hoje famosa como «a casa de Estaline», era a preferida dos líderes: o fundador da Cheka, Félix Dzerzhinski, ficava frequentemente lá instalado. Era também lá que Trotski se encontrava, a convalescer, quando Lenine morreu e Estaline e Ordzhonikidze arranjaram as coisas de maneira que ele não estivesse presente no funeral. Estaline (e Béria) estiveram lá, depois da guerra: a grande sala de bilhar foi instalada especialmente para ele, e o *Vozhd* interessou-se vivamente, até ao fim da vida, pelas luxuriantes árvores e flores plantadas pelos chefes locais do partido. Num dos episódios mais sinistros que encheram a pesquisa para este livro, o autor esteve quase sozinho nesta estranha mas histórica casa, provavelmente no sótão de Mandelstam.

ao trabalho de Estaline – não se interessava por escritores. O único potentado amigo de ambos os Iezhov era Sergo, bem como a mulher, Zina: há fotografias que mostram os dois casais nas respectivas *dachas*. O filho de Sergo, Eteri, recorda que Ievgenia «vestia muito melhor do que as outras esposas bolcheviques».

Em 1934, Iezhov estava uma vez mais tão exausto que quase se foi abaixo, coberto de furúnculos. Estaline, que estava de férias com Kirov e Zhdanov, mandou-o beneficiar dos mais luxuosos cuidados médicos disponíveis na *Mitteleuropa*, e ordenou ao adjunto de Poskrebichev, Dvinski, que enviasse para Berlim a seguinte nota cifrada:

«Peço que prestem muita atenção a Iezhov. Está gravemente doente e não sei avaliar a seriedade da situação. Ajudem-no e tratem dele com extremo cuidado (...). É um bom homem e um trabalhador muito valioso. Ficar-lhes-ei grato se informarem regularmente\* o Comité Central sobre os progressos do tratamento.»

Ninguém se opôs à ascensão de Iezhov. Pelo contrário, Khrushchev considerou-o uma excelente escolha. Bukharine respeitava o seu «bom coração e consciência limpa», apesar de notar que bajulava Estaline... o que estava muito longe de ser caso único. «Kolya» trabalhou, numa colaboração nem sempre fácil, com Iagoda para obrigar Zinoviev, Kamenev e os seus infelizes aliados a confessar terem sido responsáveis pelo assassinato de Kirov e toda uma série de outras inomináveis maldades.

\* \* \*

Não tardou muito até que o punho de ferro do «Amora» se abatesse para esmagar um dos mais velhos amigos de Estaline: Abel Ienukidze. Este alegre sibarita alardeava os seus casos amorosos com raparigas cada vez mais novas, incluindo bailarinas adolescentes. O gabinete dele estava constantemente cheio de jovens, chegando ao ponto de parecer uma espécie de agência de encontros bolchevique para amantes futuras e descartadas.

Tantos excessos começavam já a provocar murmúrios no círculo íntimo de Estaline. «Sendo dissoluto e sensual», Ienukidze deixava «um fedor por onde passava, permitindo-se aliciar mulheres, desfazer lares, seduzir raparigas», escrevia Maria Svanidze. «Tendo todas as coisas boas da vida ao seu alcance (...), usava-as para os seus nojentos propósitos, comprando mulheres e raparigas.» Mais, Ienukidze era «sexualmente anormal», escolhendo raparigas cada vez mais novas, até que desceu ao ponto de se

\* Enquanto escrevia os seus livros de História com os queridos amigos Zhdanov e Kirov, Estaline recebia relatórios pormenorizados sobre a saúde do seu «precioso» camarada. O caso Iezhov é uma ilustração clássica do controlo obsessivo que o partido exercia sobre os mais pequenos pormenores da vida dos líderes. «Os banhos radioactivos de Badgastein» melhoraram a saúde de Iezhov, comunicava a embaixada, ao cabo de cinco dias. Poucos mais tarde, o paciente sentia-se sem energias depois dos banhos, seguia uma dieta mas fumava cigarros atrás de cigarros... e as feridas nas coxas e pernas tinham quase desaparecido. O CC aprovou o envio de 1000 rublos, uma quantia enorme. Em seguida, Iezhov teve dores no apêndice mas, tendo consultado os médicos de Moscovo, Kaganovitch ordenou que não fosse operado, «a menos que seja absolutamente necessário». Depois de um novo período de descanso num sanatório italiano, os Iezhov regressaram a casa, no Outono.

envolver com crianças de nove a onze anos. As mães eram pagas para se calarem. Maria queixava-se a Estaline, que começou a dar-lhe ouvidos: desde 1929 que deixara de confiar em Ienukidze.

O padrinho de Nádia atravessou a linha que, na vida de Estaline, separava a família da política, uma divisória que não se transpunha sem correr sérios riscos. Amigo generoso tanto da direita como da esquerda, pode ter objectado à Lei de 1 de Dezembro, mas também personificava a decadência da nova nobreza. E não era o único: Estaline sentia-se rodeado por porcos à volta da gamela. Estava sempre sozinho, mesmo no meio do seu alegre séquito, convencido do seu isolamento e muitas vezes solitário. Ainda em 1933, pedira a Ienukidze que fizesse férias com ele. Em Moscovo, convidava frequentemente Mikolian e Aliosha Svanidze, que era como «um irmão», para passarem a noite em sua casa. Mikolian ficava de vez em quando, o que deixava a mulher muito contrariada: «Não tem modo de verificar se eu estou realmente com Estaline.» Svanidze ficava mais vezes.

O catalisador para a queda de Ienukidze foi o tema preferido de Estaline: para os bolcheviques, a história pessoal era o que a genealogia era para os cavaleiros medievais. Quando *As Imprensa Secretas Bolcheviques* foi publicado, Mekhlis, o untuoso editor do *Pravda*, enviou-lho imediatamente, com a indicação de que «certas partes (...) estão marcadas». As notas que Estaline escreveu à margem no seu exemplar revelam uma irritação quase blimpiana: «Isto é falso!», «tretas!» e «conversa!» Quando Ienukidze escreveu um artigo a respeito das suas actividades em Baku, Estaline distribuiu-o ao Politburo salpicado de «Ha, ha, ha!» Ienukidze cometera o gravíssimo erro de não mentir a respeito das heróicas proezas do *Vozhd*. O que era compreensível, uma vez que o papel mais importante na criação do movimento de Baku fora desempenhado por ele próprio.

— Que mais quer ele? — queixava-se Ienukidze. — Faço tudo o que me pede, mas nunca é suficiente. Quer que eu admita que é um génio.

Havia quem não fosse tão orgulhoso. Em 1934, Lakoba publicou uma encomiástica história do heróico papel de Estaline em Batumi. Não querendo ficar atrás, Béria mobilizou uma hoste de historiadores para falsificar o seu *Sobre a História das Organizações Bolcheviques na Transcaucásia*, publicado, um ano mais tarde, sob o seu próprio nome.

«Para o meu querido e adorado mestre», escreveu Béria no livro, «para o grande Estaline!»

\* \* \*

Passado tanto tempo, a morte de Nádia acabou por apanhar Ienukidze: Iezhov «descobriu» no Kremlin uma célula terrorista chefiada por Abel. «Havia ali qualquer coisa que cheirava mal», protestou shakespeareanamente Kaganovitch. O NKVD deteve 110 empregados de Ienukidze, bibliotecários e criadas, acusando-os de terrorismo. As

conjuras estalinistas tinham sempre de incluir uma beldade malvada: como não podia deixar de ser, havia nesta uma «condessa», que se dizia ter envenenado as páginas de um livro para assassinar Estaline. Dois dos presos foram condenados à morte, e os restantes, a penas de cinco a dez anos nos campos de trabalho. Como tudo o que acontecia à volta de Estaline, este «Caso do Kremlin» tinha vários ângulos: era em parte dirigido contra Ienukidze, em parte uma tentativa de limpar o Kremlin de possíveis elementos desleais, mas estava também de algum modo ligado a Nádia. Uma criada, cujo apelo ao presidente Kalinine consta dos arquivos, foi presa por coscuvilhar com as amigas a respeito do suicídio da mulher do *Vozhd*. Estaline não esquecera, com toda a certeza, que Ienukidze «influenciara» politicamente a mulher, nem que fora o primeiro a ver o corpo.

Ienukidze foi despedido, obrigado a publicar uma «Correcção de Erros», rebaixado à condição de director de um sanatório cáucasiano e implacavelmente atacado por Iezhov (e Béria) num Plenário. Foi o «Amora» o primeiro a subir a parada: Zinoviev e Kamenev não eram apenas *moralmente* responsáveis pelo assassinato de Kirov: tinham-no planeado. Voltou-se então para o pobre «Tio Abel», que acusou de cegueira política e complacência criminosa ao permitir que os «contra-revolucionários Zinoviev-Kamenev e terroristas trotskistas» se instalassem no Kremlin enquanto planeavam matar Estaline. «Isto quase custou a vida ao camarada Estaline», alegou. Ienukidze era «o mais típico representante dos corruptos e egocéntricos comunistas, que brincavam “aos liberais” a expensas do partido e do Estado». Ienukidze defendeu-se, atirando as culpas para Lagoda:

«Ninguém foi contratado sem aprovação da segurança!»

«Não é verdade!», replicou Lagoda.

«É verdade, sim! Eu, mais do que ninguém, posso apontar uma porção de incorreções. Que podem ser indignadamente classificadas (...) como traição e duplicidade.»

«Mesmo assim», interveio Béria, atacando Ienukidze pelo seu generoso hábito de ajudar os camaradas caídos em desgraça, «por que foi que concedeu empréstimos e ajuda?»

«Um momento, um momento (...),» respondeu Ienukidze, referindo o nome de um velho amigo que estivera na oposição, «eu conhecia o presente e o passado dele melhor do que Béria.»

«Nós conhecíamos a actual situação dele tão bem como o camarada.»

«Não o ajudei pessoalmente.»

«Ele é um trotskista activo», replicou Béria.

«Deportado pelas autoridades soviéticas», interveio o próprio Estaline.

«Agiste incorrectamente», acrescentou Mikoian.

Ienukidze admitiu ter dado dinheiro a um outro oposicionista, porque a mulher apelara para ele.

«E se ele morrer de fome?», interveio Sergo. «Se ele rebentar, que tens tu a ver com isso?»

«O que és tu? Uma criança?», perguntou Vorochilov. Os ataques às medidas de segurança tomadas por Ienukidze eram também ataques a Iagoda:

«Admito a minha culpa», confessou este, «por não ter (...) agarrado o Ienukidze pela garganta (...).»

Quanto à questão de como castigar Ienukidze, houve desacordo: «Tenho de admitir», disse Kaganovitch, «que nem toda a gente andou bem neste assunto (...), mas o camarada Estaline cheirou imediatamente a ratazana (...).» A ratazana acabou por ser expulsa do Comité Central e do partido (temporariamente).

Dias mais tarde, em Kuntsevo, um soturno Estaline sorriu inesperadamente a Maria Svanidze:

– Então, estás satisfeita por o Abel ter sido castigado?

Maria estava encantada por ter sido finalmente cauterizada aquela pustulenta ferida de depravação. No Primeiro de Maio, Zénia e os Svanidze juntaram-se a Estaline e Kaganovitch para comer espetadas, cebolas e molho, mas o *Vozhd* mostrou-se tenso até que as mulheres começaram a implicar. Brindaram então a Nádia: «Deixou-me aleijado», disse Estaline. «Depois de condenar o Iasha por ter disparado contra si mesmo, como pôde ela suicidar-se?»\*

---

\* Ignorando a queda do Tio Abel, Svetlana decidiu que queria ir para a *dacha* de Lipki, que Nádia escollera como casa de férias, decorando-a a seu gosto. Estaline concordou, apesar de «ser difícil para o José estar lá», segundo Maria. Toda a família alargada, incluindo Mikojan, partiu num comboio de viaturas. Estaline mostrou-se muito caloroso para com Mikojan. Svetlana perguntou se podia ficar a pé até ao jantar, e o pai aquiesceu. Também Vassili jantava muitas vezes com os adultos.

15  
O CZAR VIAJA DE METRO

Em pleno Caso Ienukidze, Estaline, Kaganovitch e Sergo assistiram à festa de aniversário da adorada ama de Svetlana, no apartamento do líder. «O José comprou um chapéu e umas meias de lã para a ama.» Bem-disposto e carinhoso, deu de comer a Svetlana do seu próprio prato. Estavam todos muito excitados e optimistas porque o grande metropolitano de Moscovo, o chamado Metro Kaganovitch, uma magnífica obra de fachada soviética com estações de mármore que parecem palácios, acabava de ser inaugurado. O seu criador, Kaganovitch, tinha levado dez bilhetes para que Svetlana, as tias e os guarda-costas pudessem ir andar de metro. Repentinamente, Estaline, encorajado por Zénia e por Maria, decidiu ir também.

Esta mudança de planos provocou grande «agitação» entre os cortesãos, hilariamente descrita no diário de Maria. A inesperada excursão deixou-os tão nervosos que até ao primeiro-ministro telefonaram; numa questão de minutos, metade do Politburo estava envolvida. Encontrava-se já toda a gente instalada nas limusinas quando Molotov atravessou apressadamente o pátio para informar Estaline de que «uma tal viagem podia ser perigosa sem a devida preparação». Kaganovitch, «o mais preocupado de todos, pôs-se muito pálido» e sugeriu que fossem depois da meia-noite, quando o metro encerrava ao público, mas Estaline insistiu. Três limusinas carregadas de potentados, senhoras, crianças e guarda-costas arrancaram do Kremlin e dirigiram-se à estação. O grupo apeou-se e desceu até aos túneis de Kaganovitch. Quando chegaram à gare, não havia comboio. Só podemos imaginar os frenéticos esforços de Kaganovitch para encontrar um, rapidamente. As pessoas que estavam na estação aperceberam-se da

presença de Estaline e começaram a gritar vivas. Estaline impacientava-se. Quando, finalmente, apareceu um comboio, embarcaram todos, no meio de ovações.

Saíram em Okhotny Ryad, para inspecionar a estação. Estaline viu-se rodeado de admiradores e Maria quase foi esmagada contra uma coluna, mas o NKVD conseguiu finalmente alcançá-los. Vassili estava assustado, notou Maria, mas Estaline mostrava-se jovial. Houve então uma confusão totalmente russa, quando Estaline decidiu voltar a casa, mudou de ideias e saiu no Arbat, onde se verificou outro quase-motim antes que todos regressassem ao Kremlin. Vassili ficou tão perturbado com a experiência que chorou na cama e foi preciso dar-lhe algumas gotas de valeriana.

A viagem marcou um novo declínio das relações entre os líderes e as mulheres Svanidze e Alliluyev, essas actrizes muito pouco bolcheviques, todas elas «pó-de-arroz e bâton», nas palavras de Maria. Kaganovitch ficou furioso por as mulheres terem convencido Estaline a ir passear de metro sem aviso: rosnou-lhes que teria organizado uma viagem, se lhe tivessem dado um pouco de tempo. Só Sergo teria abanado a cabeça a toda a ridícula cena. Dora Kazan, que prosseguia o seu percurso ascendente no Comissariado da Indústria Ligeira, achava-as «mulheres vulgares que não faziam coisa nenhuma, frívolas desperdiçadoras de tempo». A família começou a sentir que «éramos apenas os parentes pobres», disse Kira Alliluyeva. «Era assim que nos faziam sentir. Até Poskrebichev nos olhava de alto, como se fôssemos um empêcilho.» Quanto a Béria, a família, num erro de cálculo que se revelaria fatal, não escondia a aversão que tinha por ele. As mulheres interferiam e coscuvilhavam como Nádia nunca fizera. Mas, no severo mundo bolchevique, e especialmente tendo em conta a maneira como Estaline via a família, foram demasiado longe. Maria, que denunciara a Estaline os amores clandestinos de Ienukidze, gabava-se no seu diário: «Dizem até que sou mais poderosa do que o Politburo, porque posso anular os decretos deles.»

Pior ainda, as mulheres estavam constantemente a vingar-se umas das outras: a fotografia da festa de aniversário de 1934 acabou por ser motivo de uma nova guerra que minou ainda mais a confiança de Estaline. Quando Sashiko Svanidze ficou com ele em Kuntsevo, encontrou a foto na secretária e levou-a emprestada para mandar fazer várias cópias: o tipo de comportamento abusivo tão frequente nas mulheres das cortes imperiais, sugestivo de que aquelas senhoras tinham o hábito de ler os papéis que o *Vozhd* deixava em cima da sua mesa de trabalho. Maria, que detestava o descarado arrivismo de Sashiko, soube da história e avisou Estaline:

– Não podes permitir que ela faça o que quer em tua casa e tire partido da tua bondade.

Terá sem dúvida sido uma das poucas ocasiões em que Estaline foi criticado por ter bom coração. Irritou-se, culpando os secretários e Vlasik pelo desaparecimento da foto. Acabou por dizer que Sashiko podia «ir para o inferno», mas a sua fúria atingiu igualmente toda a família:

«Eu sei que ela fez coisas maravilhosas por mim e por outros Velhos Bolcheviques (...), mas mesmo assim está sempre ofendida, escreve-me cartas por dá cá aquela palha

e exige a minha atenção. Não tenho tempo para olhar por mim mesmo e nem sequer pude cuidar da minha própria mulher (...).» Nesta altura, Nádia estava constantemente presente nos seus pensamentos.

Sashiko foi posta de lado, para delícia de Zénia e de Maria, mas a verdade é que também elas tomavam liberdades. Os Svanidze continuavam a agir como se José fosse o seu bondoso *pater familias*, e não o Grande Estaline. Quando o *Vozhd* os convidou, e aos Alliluyev, para jantarem com ele depois de assistirem ao Ballet Kirov, «calculámos mal o tempo e só chegámos por volta da meia-noite, quando o espectáculo tinha acabado às dez. O José não gosta de esperar.» É dizer muito pouco: dificilmente se imagina alguém a esquecer-se das horas e a deixar um presidente americano à espera durante duas horas. Vemos aqui Estaline através dos olhos dos amigos antes de o Terror o ter transformado numa versão moderna de Ivan, o Terrível: encontramo-lo «deixado a secar» durante duas horas pelos seus convidados, reduzido a jogar bilhar com os guarda-costas, em Kuntsevo! Espoliado do seu sentido de missão histórica e sacerdotal, terá talvez reflectido sobre a falta de respeito destes aristocratas soviéticos: não tinham nem remotamente medo dele.

Quando chegaram, os homens foram jogar bilhar com um irritado Estaline, que se mostrou claramente frio para com as mulheres. Mas, depois do vinho, começou a falar de Svetlana, relatando orgulhosamente as suas saídas, como qualquer pai. Apesar disto, todos eles haviam de pagar pelo atraso.

\* \* \*

Estaline adorara a improvisada viagem de metro, dizendo a Maria como ficara emocionado «com o amor das pessoas pelo seu líder. Ali, nada tinha sido preparado ou organizado. Como ele dizia (...), as pessoas precisam de um czar, alguém que possam venerar e para quem possam viver e trabalhar.» Sempre acreditara que «o povo russo é czarista». Conforme as ocasiões, comparava-se a Pedro, o Grande, Alexandre I ou Nicolau I, mas este filho da Geórgia, uma satrapia persa durante séculos, identificava-se também com os xás. Nas suas notas, mencionava dois monarcas como seus «professores»: um era Nadir Xá, o construtor do império persa do século XVIII, a respeito de quem escrevia: «Nadir Khan. Professor.» (Interessava-se também por um outro xá, Abbas, que mandara decapitar os dois filhos de um homem e mandara entregar as cabeças ao pai: «Sou como o xá?», perguntava a Béria.)

Era, porém, Ivan, o Terrível, que via como o seu verdadeiro alter-ego, o seu «professor»,<sup>\*</sup> algo que revelava constantemente a camaradas como Molotov, Zhdanov e Mikoian, aplaudindo o necessário assassinio de uma nobreza excessivamente pode-

\* No seu círculo, segundo Kaganovitch, Estaline até chamava a Bukharine «Shuiski», referindo-se à família de boiardos que dominara a infância do jovem Ivan, ou ao chamado «czar dos boiardos», depois da morte de Ivan. Fosse como fosse, identificava os seus próprios opositores com os nobres que se tinham oposto a Ivan.

rosa. Também Ivan perdera a esposa amada, assassinada pelos boiardos. O que nos permite perguntar como puderam os potentados alegar que tinham sido «enganados» quanto à verdadeira natureza de Estaline quando ele elogiava abertamente um czar que eliminara sistematicamente os seus nobres.

Agora, em finais de 1935, começava também a reproduzir alguns dos adereços do czarismo: em Setembro, restaurou o título de marechal da União Soviética (ainda que não o de marechal-de-campo), promovendo Vorochilov, Budeny e três outros heróis da Guerra Civil, incluindo Tukatchevski, que odiava, e Alexandre Iegorov, o novo chefe do Estado-Maior, cuja mulher tanto perturbara Nádia na noite em que ela se suicidara. Para o NKVD, criou um posto equivalente ao de marechal, promovendo Iagoda a comissário-geral da Segurança do Estado. O esplendor vestimentário voltou repentinamente a ter importância: Vorochilov e Iagoda pavoneavam-se nos seus uniformes. Quando Estaline mandou Bukharine numa viagem a Paris, disse-lhe: «O teu fato está nas últimas. Não podes viajar assim (...). As coisas agora são diferentes para nós; tens de andar bem vestido.» Tal era o olho de Estaline para o pormenor que o alfaiate do Comissariado dos Negócios Estrangeiros telefonou nessa mesma tarde. Mais do que isso, o NKVD tinha acesso aos mais recentes luxos, a dinheiro e a casas. «Permitam-me 60.000 rublos de ouro para comprar carros para os nossos trabalhadores do NKVD», escreveu Iagoda a Molotov, a tinta cor-de-rosa, a 15 de Junho de 1935. Curiosamente, Estaline (a azul) e Molotov (a vermelho) assinaram o pedido, mas reduziram-no para 40.000 rublos. Mesmo assim, o suficiente para comprar uma porção de *Cadillacs*. Estaline já ordenara que os *Rolls-Royces* do Kremlin fossem guardados na «garagem especial».

O *Vozhd* tornara-se um czar: as crianças cantavam «Obrigado, camarada Estaline, pela nossa feliz infância», talvez por ele ter autorizado as árvores de Natal. Mas ao contrário dos Romanov, sempre cobertos de jóias e tão intimamente relacionados com a velha aldeia russa e o campesinato, Estaline criou o seu próprio tipo de czar muito especial, modesto, austero, misterioso e urbano. Não havia contradição com o seu marxismo.

Por vezes, o amoroso cuidado com que Estaline velava pelo seu povo assumia aspectos absurdos. Em Novembro de 1935, por exemplo, Mikoian anunciou aos stakanovitas do Kremlin que Estaline tinha desenvolvido um grande interesse por sabão e pedia amostras, «após o que recebemos um decreto especial do Comité Central sobre a preparação e composição do sabão», anunciou, entre aplausos. Em seguida, Estaline passou do sabão para as retretes. Molotov percorreu Moscovo com o presidente da Câmara Municipal, Nikolai Bulganine, outra estrela em ascensão, um atraente mas implacável ex-chekista de cabelos louros e barbicha: Estaline chamava-lhes «os pais da cidade». Convocou então Khrushchev: «Fala disto com o Bulganine e façam qualquer coisa (...). As pessoas procuram desesperadamente e não encontram um lugar onde possam aliviar-se (...).» A verdade é que gostava de fazer de Paizinho, intervindo do alto em defesa do seu povo. Em Abril, um professor do Cazaquistão chamado Karenkov apelou a Estaline, queixando-se de que ia perder o emprego.

«Ordeno-lhes que cessem imediatamente de perseguir o professor Karenkov», escreveu<sup>\*</sup> ele aos líderes cazaques. É difícil imaginar Hitler, ou mesmo o presidente Roosevelt, a interessar-se por urinóis, sabão ou um professor de uma remota cidadezinha.

O apagado mas complacente Vorochilov avançou mais um passo no pântano da depravação soviética quando leu um artigo a respeito da delinquência juvenil. Escreveu uma nota ao Politburo a dizer que Khrushchev, Bulganine e Iagoda «estão de acordo em que não há outra solução senão prender estes vagabundos (...); não percebo por que é que não fuzilamos esta escumalha». Estaline e Molotov agarraram com ambas as mãos esta oportunidade de juntar mais uma terrível arma ao seu arsenal para uso contra os opositores políticos, decretando que crianças de doze anos podiam, doravante, ser executadas.

\* \* \*

De férias em Sochi, Estaline continuava furioso com amigos caídos em desgraça e crianças truculentas. Incansavelmente convivial, Ienukidze continuava a tagarelar a respeito de política com o seu velho amigo, Sergo. Estaline não conseguia compreender como era possível alguém que lhe fosse leal continuar amigo de um homem caído em desgraça. Confessou esta sua desconfiança relativamente a Sergo numa conversa com Kaganovitch (de quem o visado era amigo): «Estranho, aquele Sergo (...) continua amigo» de Ienukidze. E ordenou que Abel, esse «tipo esquisito», fosse afastado da estância. Clamando contra o «grupo de Ienukidze», essa «escumalha», e contra os Velhos Bolcheviques, «esses “peidos velhos”, como dizia Lenine», Kaganovitch transferiu Abel para Kharkov.

Também Vassili, na altura com catorze anos, o preocupava: quanto mais absoluto Estaline se tornava, mais delinquente se fazia Vassili. Este mini-Estaline imitava os seus mentores chekistas, denunciando as mulheres dos professores:

«Pai, já pedi ao comandante que afastasse a mulher do professor, mas ele recusou (...),» escreveu. O assediado comandante de Zubalovo relatava que enquanto «Svetlana vai bem nos estudos, Vasya vai muito mal (...), é preguiçoso». Os professores chamaram Carolina Til e perguntaram-lhe o que fazer com ele. Faltava às aulas ou afirmava que «o camarada Estaline» lhe ordenara que não trabalhasse com certos professores. Quando a governanta lhe encontrou dinheiro num dos bolsos, Vassili recusou explicar onde o obtivera. A 9 de Setembro de 1935, Efimov, muito preocupado, comunicou a Estaline que Vassili escrevera: «Vasya Estaline, nascido em Março de 1921, faleceu em 1935.» O suicídio era um facto naquela família, mas também na cultura bolchevique:

\* Ao não receber resposta, em mais um exemplo da atitude típica dos patrões locais relativamente ao centro, Poskrebichev insistiu junto do primeiro-secretário cazaque: «Não recebemos confirmação da nossa ordem.» Desta vez, o patrão local respondeu imediatamente. Mas isto só ilustra como os líderes locais ignoravam Moscovo, seguindo a velha tradição russa de aparente obediência ao mesmo tempo que evitavam qualquer execução real das ordens.

quando Estaline iniciou a limpeza do partido, os seus adversários começaram a suicidar-se, o que só servia para o enfurecer ainda mais: chamava-lhe «cuspir no olho do partido». Pouco depois, Vassili entrou para uma escola de Artilharia juntamente com os filhos de outros líderes, incluindo Stepan Mikoian; também o professor escreveu a Estaline, a queixar-se das notas de suicídio do jovem.

«Recebi a sua carta a respeito dos truques do Vassili», escreveu Estaline em resposta a V. V. Martichin. «Respondo tão tarde porque tenho estado muito ocupado. O Vassili é um garoto mimado de capacidades medíocres, selvagem (uma espécie de cida), nem sempre honesto, recorre à chantagem com “regras” fracas, frequentemente impudente para com os mais fracos (...). Foi estragado por vários patronos que lhe recordam a cada passo que é “filho de Estaline”. Agrada-me ver que é um bom professor que o trata como qualquer outro rapaz e exige que ele obedeça ao regime da escola (...). Se o Vassili ainda não se arruinou completamente, é porque neste país ainda há professores que não dão quartel a este caprichoso filho de um barão. O meu conselho é: trate o Vassili MUITO MAIS ESTRITAMENTE e não receie as suas falsas e chantagistas ameaças de “suicídio”. Eu apoá-lo-ei (...).»

Svetlana, de férias com o pai, era ainda e sempre a adorada preferida: «meu passarinho, minha grande alegria», como ele escrevia tão ternamente nas cartas que lhe enviava. Quando lemos as cartas de Estaline para Kaganovitch (geralmente, a respeito de perseguir Ienukidze), quase conseguimos vê-la sentada ali perto no alpendre, enquanto ele escreve ordens com os seus lápis vermelhos, sentado na cadeira de verga diante da mesa de verga coberta das resmas de papéis embrulhados em jornais que Poskrebichev lhe levava todos os dias. Fala muitas vezes dela. Kaganovitch parece ter substituído Kirov como «secretário do partido» de Svetlana, cumprimentando-o nas suas cartas para Estaline e acrescentando:

«Saudações à nossa Chefe Svetlana! Aguardo instruções (...) a respeito de adiar 10/15 dias o início do período escolar. Um dos secretários, LM Kaganovitch.» Vassili era «o colega de Svetlana, a Chefe».

Três dias mais tarde, Estaline informava Kaganovitch de que «Svetlana, a Chefe\* (...), exige decisões (...) para poder verificar os seus secretários.»

«Saudações, Chefe Svetlana!», respondia Kaganovitch. «Aguardamo-la impacientes.» Quando voltou a Moscovo, Svetlana visitou Kaganovitch, que comunicou a Estaline: «Hoje, a nossa Chefe Svetlana veio inspecionar o nosso trabalho (...).» A verdade é que Estaline encorajava o interesse dela pela política:

«Os teus secretariozinhos receberam a tua carta e estudámos o seu conteúdo, com grande satisfação nossa. Ajudou-nos a encontrar a melhor maneira de resolver certas complicadas questões políticas internacionais e domésticas. Escreve-nos muitas vezes.» Pouco depois, ela enviava-lhe a sua «Ordem do Dia N.º 3. Ordono-te que me mostres o que se passa no Comité Central! Estritamente confidencial. Estalina, a dona da casa.»

---

\* *Khozyaika* significa ama, o feminino de *Khozyain*, amo, patrão, a alcunha de Estaline entre os burocratas, embora usualmente signifique «dona de casa».

Estaline soube então, através de Béria, que a mãe, Keke, estava a enfraquecer rapidamente. A 17 de Outubro, deslocou-se a Tíflis, para visitá-la pela... terceira vez desde a Revolução.

Béria chamara a si a responsabilidade de cuidar da velha senhora como um cortesão cuidaria de uma rainha-mãe. A mãe do *Vozhd* vivia, havia anos, em aposentos confortáveis, na ala dos criados do palácio oitocentista do governador czarista príncipe Miguel Vorontsov, na companhia de outras duas velhas senhoras. Todas elas usavam o tradicional toucado negro e o vestido comprido das viúvas georgianas. Béria e a mulher, Nina, visitavam-na frequentemente e recordavam o gosto dela por apimentados mexericos sexuais: «Por que não arranjas um amante?», costumava perguntar a Nina.

Estaline era um filho negligente, mas mesmo assim escrevia-lhe com alguma regularidade:

«Querida mãe, por favor, vive 10.000 anos. Beijos, Soso.» Pedia desculpa: «Sei que estás desapontada comigo, mas que posso eu fazer? Estou muito ocupado e mal tenho tempo para escrever.» Ela mandava-lhe doces; ele mandava-lhe dinheiro; mas, como o filho que substituíra o marido como homem da família, fazia o papel de herói, revelando os seus sonhos de destino e coragem:

«Olá, minha mamã, as crianças agradecem-te os doces. Eu estou bem, não te preocipes comigo (...). Enfrentarei o meu destino! Precisas de mais dinheiro? Envie-me 500 rublos e fotografias minhas com as crianças. PS: As crianças fazem-te uma vénia. Desde a morte da Nádia, a minha vida particular tem sido muito dura, mas um homem forte tem de ser *sempre* valente.»

Estaline punha um cuidado especial em proteger os irmãos Egnatachvili, filhos do stalajadeiro que fora o benfeitor da mãe. Alexandre Egnatachvili, funcionário chekista em Moscovo (alegadamente o «provador» de Estaline, alcunhado «o Coelho»), mantinha vivo este antigo laço:

«Minha querida mãe espiritual», escrevia a Keke, em Abril de 1934, «ontem visitei o Soso e conversámos durante muito tempo (...). Está um pouco mais gordo (...). Nestes últimos quatro anos, nunca o vi mais saudável (...). É muito brincalhão. Quem diz que está mais velho? Ninguém lhe dá mais de 47 anos!»

Ela, porém, estava doente.

«Sei que está doente», escreveu-lhe Estaline. «Seja forte. Mando-lhe os meus filhos (...).» Vassili e Svetlana ficaram instalados nas residências de Béria e foram visitar a velha senhora no seu «minúsculo quarto», cheio de retratos do filho. Svetlana recordava-se de como Nina Béria conversava com ela em georgiano, mas a velha senhora não falava russo.

Estaline recrutou o ex-cunhado, Aliosha Svanidze, e Lakoba para o acompanharem na visita à mãe, enquanto ele e Béria tratavam rapidamente dos preparativos. Não ficou muito tempo. Se tivesse olhado em redor, teria reparado que a mãe conservava no quarto não só fotografias dele, mas também uma de Béria. Béria tinha o seu próprio culto da personalidade na Geórgia, mas, mais do que isso, deve ter-se tornado como um filho para ela.

Os verdadeiros sentimentos de Estaline para com a mãe eram complicados pela recordação das sovas que ela lhe dava e dos alegados casos amorosos que mantinha com os patrões. Encontramos, na biblioteca dele, uma pista para este possível complexo santa-prostituta, uma passagem da *Ressurreição* de Tolstoi que ele sublinhou e que fala de como uma mãe é simultaneamente bondosa e má. Mas Keke tinha também uma marcada tendência para fazer comentários muito pouco diplomáticos, ainda que secamente espirituosos. Perguntava por que razão o filho se zangara com Trotski: deviam ter governado juntos. Agora, sorridente e sentado junto dela, Estaline perguntou-lhe, reveladoramente:

- Por que é que me batias tanto?
- Foi por isso que te saíste tão bem – respondeu ela, antes de perguntar por sua vez:
- José, o que és tu exactamente, agora?
- Bem, lembras-te do czar? Sou uma espécie de czar.
- Tínhas feito melhor indo para padre – respondeu ela, um comentário que deliciou Estaline.

Os jornais relataram a visita com o sentimentalismo lamecha de uma versão bolchevique da revista *Hola!*:

«Aos setenta e cinco anos, Keke continua generosa e animada», babava-se o *Pravda*. «Parece brilhar quando fala a respeito dos inesquecíveis momentos do encontro. «O mundo inteiro rejubila quando olha para o meu filho e para o nosso país. Como queriam que eu, que sou mãe dele, me sentisse?»»

Estaline não gostou desta erupção de *holaísmo* estalinista. Quando Poskrebichev lhe enviou o artigo, respondeu:

«Não tem nada a ver comigo.» Mas a seguir redigiu uma outra blimpiana nota dirigida a Molotov e a Kaganovitch: «Exijo que eliminemos estas parvoíces *petit-bourgeoises* que infiltraram a nossa imprensa (...), publicar a entrevista com a minha mãe e toda essa conversa de treta. Peço que me livrem do incessante escarcéu publicitário desses filhos da mãe!» Mas ficou contente por encontrar a mãe de saúde, dizendo-lhe «O nosso clã é obviamente muito forte» e enviando-lhe algumas prendas: um toucado, um casaco e remédios.

De regresso a Moscovo,\* decidiu reabrir e alargar o caso Kirov, que amainara depois do fuzilamento de Nikolaev e da condenação de Zinoviev e Kamenev, no início de 1935. Os dois Velhos Bolcheviques foram novamente interrogados e a redada de detenções lançada mais longe. Então, um antigo associado de Trotski chamado Valentim Olberg foi preso pelo NKVD, em Gorki. O seu interrogatório «estabeleceu» que também Trotski estivera envolvido no assassinio de Kirov. Seguiram-se novas detenções.

\* Caso tenhamos esquecido que estamos perante um Estado baseado na repressão, Mikojan e Zhdanov estavam, na altura, ocupados a inspecionar os projectos do NKVD no Ártico, como o canal Belomor, que dependiam de mão-de-obra escrava: «Os chekistas fizeram um excelente trabalho», escrevia entusiasticamente Zhdanov a Estaline. «Permitem que ex-*kulaks* e elementos criminosos trabalhem para o socialismo para poderem tornar-se verdadeiras pessoas (...).»

ESCOLHAM OS VOSSOS PARES; MONTEM OS VOSSOS  
PRESOS: O JULGAMENTO-ESPECTÁCULO

Indiferente às sombras que se alongavam, a festa de aniversário de Estaline, em que estiveram presentes os potentados, Béria e a família, foi «barulhenta e alegre». Vorochilov estava resplandecente no seu novo uniforme branco de marechal, enquanto a desengraçada esposa mirava com inveja o vestido que Maria Svanidze trouxera de Berlim. Depois do jantar, cantou-se e dançou-se, como nos velhos tempos: com Zhdanov a regeir, cantaram canções abcazianas e ucranianas, motetes estudantis e cómicos. Estaline decidiu mandar vir um piano, para que Zhdanov pudesse tocar. No meio da hilaridade geral, Postichev, um dos líderes ucranianos, dançou uma dança lenta com Molotov – e «este par divertiu muito Estaline e todos os convidados». Era um primeiro exemplo do notório hábito de danças de pares masculinos que havia de tornar-se mais marcante depois da guerra.

Estaline ocupou-se do gramofone e chegou inclusivamente a executar algumas danças russas. Mikoian exibiu a sua saltitante *lezginka*. Os Svanidze dançaram o *foxtrot* e convidaram Estaline a juntar-se-lhes, mas ele disse que se tinha deixado disso depois da morte de Nádia. Dançaram até às quatro da manhã.

Na Primavera de 1936, aumentou o número de detenções de antigos trotskistas e os que já estavam nos campos foram condenados a novas penas. Os sentenciados por crimes «terroristas» seriam fuzilados. O verdadeiro trabalho foi, porém, a criação de um novo espectáculo político: o primeiro dos grandes julgamentos de Estaline. Iezhov foi o supervisor deste caso – estava, inclusivamente, a escrever um livro a respeito dos zinovievitas, revisto pessoalmente por Estaline. Iagoda, comissário-geral da Segurança do Estado, que se mostrava céptico em relação a todo aquele «disparate», era ainda o

chefe, mas Iezhov minava-lhe constantemente a autoridade. Este processo esgotou o frágil Iezhov. Passado pouco tempo, estava outra vez tão debilitado que Kaganovitch sugeriu, e Estaline aprovou, que lhe fossem concedidos dois meses de férias especiais, com um subsídio de 3000 rublos.

Os principais réus seriam Zinoviev e Kamenev. Os seus amigos mais chegados foram presos, para os convencer a colaborar. Estaline seguia os mínimos pormenores dos interrogatórios. Os inquisidores do NKVD tinham ordens para se dedicarem de alma e coração à obtenção de confissões. As instruções de Estaline ao NKVD dão bem uma ideia deste terrível processo:

«Montem os vossos presos e não voltem a desmontar sem eles terem confessado.» Alexandre Orlov, o trânsfuga do NKVD, deixou-nos o melhor relato de como Iezhov preparou o julgamento, prometendo a vida às «testemunhas» a troco de deporem contra Zinoviev e Kamenev, que recusavam cooperar. Do gabinete de Estaline, telefonavam de hora a hora para saber novidades.

– Acha que o Kamenev pode não confessar? – perguntou Estaline a Mironov, um dos chekistas de Iagoda.

– Não sei – respondeu Mironov.

– Não sabe? – disse Estaline. – Sabe quanto pesa o nosso Estado, com todas as suas fábricas, todas as suas máquinas, o exército com todas as suas armas, a marinha?

– Mironov pensou que se tratava de uma brincadeira, mas Estaline não estava a sorrir.

– Pense bem e diga-me – insistiu Estaline, sem desviar os olhos dele.

– Ninguém pode saber uma coisa dessas, José Vissarionovitch; pertence ao domínio dos números astronómicos.

– Bem, e poderá um só homem suportar a pressão desse peso astronómico?

– Não – respondeu Mironov.

– Muito bem, então... Não volte a falar comigo sem trazer nessa pasta a confissão de Kamenev.

Apesar de não terem sido fisicamente torturados, o regime de ameaças e falta de sono desmoralizou Zinoviev, que sofria de asma, e Kamenev. Ligavam-lhes o aquecimento das celas em pleno Verão. Iezhov ameaçou Kamenev com o fuzilamento do filho.

\* \* \*

Enquanto os interrogadores trabalhavam em Zinoviev e Kamenev, Máximo Gorki morria de gripe e pneumonia brônquica. O velho escritor estava agora completamente desiludido. O perigo que os seus companheiros chekistas representavam tornou-se óbvio quando o filho, Max Pechkov, morreu misteriosamente de gripe. Mais tarde, Iagoda seria acusado, juntamente com os médicos da família, de tê-lo assassinado. Depois desta morte, recorda Marta, neta do escritor, Iagoda passava todas as manhãs por casa dos Gorki, para beber uma chávena de café e cortejar a mãe, a caminho da

Lubianka: «estava apaixonado por Timocha e queria que ela retribuísse o seu afecto», disse a mulher de Alexei Tolstoi.

«Ainda não me conhece, posso fazer tudo o que quiser», afirmava Iagoda, ameaçando a perturbada Timocha. O escritor Alexandre Tikhonov afirmou que tiveram um caso; Marta nega-o. Quando Estaline ia visitar a família, Iagoda deixava-se ficar, ainda apaixonado por Timocha e cada vez mais preocupado consigo mesmo. Depois de o Politburo se retirar, perguntava à secretária de Gorki: «Estiveram cá? Já se foram embora? De que foi que falaram?... Disseram alguma coisa a nosso respeito...?»

Estaline pedira a Gorki que escrevesse a sua biografia, mas o velho escritor recuara perante a tarefa. Em contrapartida, bombardeava o *Vozhde* e o Politburo com propostas loucas, como o projecto de mobilizar os autores realistas socialistas para «escreverem de novo todos os livros do mundo». As desculpas de Estaline por responder tardiamente tornaram-se cada vez mais extremas. «Sou preguiçoso como um porco em tudo o que tenha o rótulo de “correspondência”», confessava a Gorki. «Como se sente? Saudável? Como vai o seu trabalho? Eu e os meus amigos estamos óptimos.» O NKVD chegou ao ponto de imprimir números falsos do *Pravda* especialmente para Gorki, para esconder a perseguição de que era vítima o seu amigo Kamenev.\* O próprio Gorki se apercebeu de que estava praticamente sob prisão domiciliária: «Estou cercado», murmurou, «encurralado.»

Na primeira semana de Junho, Gorki dormia a maior parte do dia, à medida que o seu estado de saúde se deteriorava. Era acompanhado pelos melhores médicos, mas estava a morrer.

– Eles que venham, se conseguirem chegar a tempo – disse Gorki. Estaline, Molotov e Vorochilov ficaram contentes ao ver que recuperara um pouco, depois de uma injeção de cânfora. Estaline assumiu de imediato o controlo da situação:

– Por que é que está aqui tanta gente? – perguntou. – Quem é aquela mulher vestida de preto sentada ao lado de Alexei Maximovitch? Uma freira? Só lhe falta uma vela na mão. – Era a baronesa Moura Budberg, a amante que Gorki partilhava com H. G. Wells. – Mandem-nos todos embora, excepto aquela mulher, a de branco, que está a tratar dele... Por que é que está aqui este ambiente de funeral? Até uma pessoa saudável era capaz de morrer, com um ambiente destes.

Estaline impediu Gorki de discutir literatura, mas mandou vir vinho e fizeram um brinde, e então abraçaram-se. No dia seguinte, quando Estaline chegou, disseram-lhe que Gorki estava demasiado doente para recebê-lo.

«Alexei Mikhailovitch, viemos visitá-lo às duas da manhã», escreveu. «O seu pulso estava, disseram-nos, a 82. Os médicos não nos autorizaram a vê-lo. Obedecemos. Um olá de todos nós, um grande olá. Estaline.» Molotov e Vorochilov assinaram por baixo.

---

\* Um velho truque: Kuibichev tinha sugerido a mesma coisa para enganar Lenine, à altura já próximo da morte.

Gorki começou a cuspir sangue e faleceu a 18 de Junho, de tuberculose, pneumonia e falência cardíaca. Mais tarde, disse-se que os médicos e Iagoda o tinham assassinado deliberadamente: e, na verdade, confessaram este crime. A sua morte antes do julgamento de Zinoviev era conveniente, mas os arquivos do NKVD sugerem que morreu de causas naturais.

Iagoda esperava na sala de jantar da casa de Gorki, mas Estaline já se tinha voltado contra ele.

«Que está aquela criatura aqui a fazer? Desembaracem-me dele.»

\* \* \*

Finalmente, em Julho, Zinoviev pediu para falar a sós com Kamenev. Em seguida, pediram autorização para se dirigirem ao Politburo: se o partido garantisse que não haveria execuções, confessariam. Vorochilov estava desejoso de deitar a mão àquela «escumalha»: quando recebeu alguns dos testemunhos contra eles, escreveu a Estaline que «estas pessoas más (...), todas elas representantes típicos do *petit bourgeois* com cara de Trotski (...), são pessoas acabadas. Não há lugar para elas no nosso país nem há lugar entre os milhões dispostos a morrer pela Pátria. Esta escumalha tem de ser absolutamente liquidada (...), temos de certificar-nos de que o NKVD inicia a purga como deve ser (...).» Ali estava, pois, um líder que parecia aprovar genuinamente o terror e a liquidação das antigas oposições. A 3 de Julho, Estaline respondeu ao «caro Klim, leste os testemunhos (...)? Que achas dos filhotes *bourgeois* de Trotski (...)? Queriam liquidar todos os membros do Politburo (...). Não é esquisito? Até onde pode uma pessoa descer? J. Est.»

Iagoda acompanhou os dois homens desfeitos no curto percurso da Lubianka ao Kremlin, onde ambos tinham vivido. Quando chegaram à sala onde Kamenev presidia a tantas reuniões do Politburo, descobriram que só Estaline, Vorochilov e Iezhov se encontravam presentes. Onde estava o resto do Politburo?

Estaline respondeu que ele e Vorochilov eram uma comissão do Politburo. Tendo em conta o veneno de Klim, não era difícil perceber por que razão ali estava, mas onde estaria Molotov? Talvez o meticoloso Cu-de-Ferro tivesse problemas com a etiqueta de mentir a Velhos Bolcheviques; a matar pessoas, já sabemos que não objectava.

Kamenev rogou ao Politburo uma garantia de que não seriam mortos.

– Uma garantia – terá Estaline respondido, na versão de Orlov. – Que garantia poderia ser? É simplesmente ridículo! Talvez queiram um tratado oficial certificado pela Liga das Nações? Zinoviev e Kamenev esquecem que não estão no mercado a regatear um cavalo roubado e sim no Politburo do Partido Comunista Bolchevique. Se a palavra do Politburo não é suficiente, não vejo a vantagem de prolongar esta conversa.

– Zinoviev e Kamenev comportam-se como se estivessem em posição de impor condições ao Politburo – exclamou Vorochilov. – Se tivessem uma ponta de senso comum, cairiam de joelhos diante de Estaline...

Estaline propôs três razões para não serem executados: quem estava realmente a ser julgado era Trotski; se não os mandara matar quando se opunham ao partido, por que o faria agora, que iam ajudá-lo, e, finalmente, «os camaradas esquecem que somos bolcheviques, discípulos e seguidores de Lenine, e não queremos derramar o sangue de Velhos Bolcheviques, por muito grandes que sejam os seus antigos pecados (...).».

Zinoviev e Kamenev aceitarem cansadamente declararem-se culpados, desde que não houvesse fuzilamentos e as suas famílias fossem protegidas.

– Isso nem é preciso dizer – declarou Estaline, pondo fim ao encontro.

Estaline começou a trabalhar no guião do julgamento de Zinoviev, comprazendo-se no seu hiperbólico talento como dramaturgo amador. Os novos arquivos revelam como até ditou as palavras do recém-nomeado procurador-geral, Andrei Vichinski, que tomava notas das perorações do líder.

A 29 de Julho, emitiu uma circular secreta na qual anuciava que um leviatão terrorista chamado «Central Unida Trotskista-Zinovievita» tentara assassinar Estaline, Vorochilov, Kaganovitch, Kirov, Sergo, Zhdanov e outros. Estas listas de supostos alvos tornaram-se uma bizarra honra, uma vez que aparecer nelas significava proximidade a Estaline. É fácil imaginar os líderes a verificar a lista como alunos de um liceu a consultar o *placard* para se certificarem de que foram incluídos na equipa de futebol. Significativamente, Molotov não fazia parte da equipa, o que foi interpretado como um sinal de que se opunha ao Terror, quando a verdade é que tinha caído momentaneamente em desgraça por causa de diferenças de opinião com Estaline. «Sempre apoiei as medidas tomadas», afirmou Molotov, mas há nos arquivos uma intrigante sugestão de que nessa altura estaria debaixo de fogo por parte de Iezhov. O NKVD prendera a enfermeira alemã da filha, Svetlana Molotova,\* e ele queixara-se a Iagoda. Um chekista denunciara-o por «comportamento impróprio (...), Molotov não agiu bem». A 3 de Novembro, Iezhov enviou a denúncia a Molotov, talvez em jeito de aviso.

Iezhov foi o associado mais próximo de Estaline nos dias que precederam o julgamento, ao passo que Iagoda, caído em desgraça por se lhe opor, foi recebido apenas uma vez. Estaline queixou-se do trabalho dele: «Está a trabalhar mal. O NKVD sofre de uma grave doença.» Finalmente, chamou Iagoda e disse-lhe, aos gritos, que lhe «dava um murro no nariz» se ele não se recompusesse. Temos as notas de Estaline referentes às suas reuniões de 13 de Agosto com Iezhov, e elas espelham bem o seu estado de espírito. Numa delas, considera a possibilidade de despedir um funcionário: «Correr com ele? *Sim, correr com ele!* Falar com Iezhov.» E outra vez: «Perguntar a Iezhov.»

\* \* \*

O primeiro dos famosos julgamentos-espectáculo começou a 19 de Agosto, na Sala Outubro, por cima da Casa dos Sindicatos. Os 350 espectadores eram na sua maioria

\* Muitas das famílias dirigentes empregavam alemãs do Volga como governantas e preceptoras: Carolina Til cuidava da casa de Estaline; uma outra alemã do Volga geria a de Molotov e os Béria empregavam Ella como preceptora-governanta. Todas elas seriam afectadas pelo Terror antigermânico de 1937.

agentes do NKVD à paisana, jornalistas e diplomatas estrangeiros. Num estrado, ao centro, os três juízes, encabeçados por Ulrikh, sentavam-se numa espécie de tronos cobertos por panos vermelhos. A verdadeira estrela deste espectáculo teatral, o procurador-geral Andrei Vichinski, cuja representação de ira espumejante e elaborado pedantismo teria bastado para fazer dele uma figura europeia, sentava-se à esquerda do público. Os réus, dezasseis cascas vazias e esfarrapadas, guardados por guardas do NKVD de baioneta calada, sentavam-se à direita. Atrás deles havia uma porta que dava acesso a uma *suite* que se poderia comparar à «sala de recepção de celebridades» num estúdio de televisão. Ali, numa sala de espera fornecida de sanduíches e refrescos, encontrava-se Iagoda, preparado para conferenciar com Vichinski e os acusados durante o julgamento.

Diz-se que Estaline assistiu a tudo de uma galeria recuada, com janelas de vidros foscos, onde as orquestras de outros tempos tocavam para os bailes da aristocracia e de onde alegadamente se via sair baforadas de fumo de cachimbo.

A 13, seis dias antes do início do julgamento, Estaline partiu para Sochi, de comboio, depois de uma reunião com Iezhov. É bem um sinal do impenetrável secretismo do sistema soviético o facto de terem sido precisos mais de sessenta anos para alguém descobrir que Estaline se encontrava longe, embora acompanhasse o melodrama quase tão de perto como se estivesse no seu gabinete. Oitenta e sete pacotes contendo as actas dos interrogatórios e os registos das acareações, enviados pelo NKVD, além do habitual monte de jornais, memorandos e telegramas, aterraram durante o período na mesa de verga do alpendre.

Kaganovitch e Iezhov confirmavam todos os pormenores com Estaline. O protegido era agora mais poderoso do que o seu antigo patrono – Iezhov assinava à frente de Kaganovitch em todos os telegramas. Enquanto a vontade do grande actor-encenador controlava tudo à distância, o duo de Moscovo fazia simultaneamente os papéis de relações-públicas e empresários. A 17, Kaganovitch e Iezhov comunicavam ao *Khozyain* que «resolvemos o problema da cobertura pela imprensa (...) da seguinte maneira: 1. O *Pravda* e o *Izvestiya* publicarão diariamente uma página inteira sobre o julgamento.» A 18, Estaline ordenou que o processo se iniciasse no dia seguinte.

Os réus eram acusados de uma fantástica coleção de crimes, quase todos gorados, ordenados pela nebulosa conjura encabeçada por Trotski, Zinoviev e Kamenev («A Central Unida Trotskista-Zinovievita»), que conseguira matar Kirov mas falhara várias tentativas para matar Estaline e os outros (embora nunca se tivesse preocupado com Molotov). Ao longo de seis dias, todos eles confessaram estes crimes com uma docilidade que espantou os observadores ocidentais.

A linguagem destes processos era tão obscura como os hieróglifos, e só podia ser compreendida no âmbito da alegoria esopiana do fechado universo bolchevique de conspirações do mal contra o bem, em que «terrorismo» significava simplesmente «qualquer dúvida a respeito das políticas ou carácter de Estaline». Todos os seus adversários políticos eram *per se* assassinos. Mais de dois «terroristas» faziam uma «cons-

piração», e juntando estes assassinos de várias facções tinha-se uma «Central Unida» de alcance global, poder-se-ia até dizer blofeldiana, o que é extremamente revelador do melodrama íntimo de Estaline e também da paranóia bolchevique, formada por décadas de vida clandestina.

Enquanto aqueles homens esmagados recitavam os respectivos papéis, o procurador-geral Vichinski combinava brilhantemente as indignadas apóstrofes de um pregador vitoriano com as maldições diabólicas de um feiticeiro africano. Pequeno, com «uns olhos negros e brilhantes» escondidos atrás de uns óculos de aros de tartaruga, cabelos ruivos já a rarear, nariz pontiagudo, e elegante, de «colarinho branco, gravata, fato bem cortado, bigode grisalho bem aparado», um observador ocidental achou que parecia um «próspero corretor da Bolsa habituado a almoçar no Simpson's e a jogar golfe em Sunningdale». Nascido no seio de uma família polaca nobre e abastada, em Odessa, Vichinski partilhara durante algum tempo uma cela com Estaline e dividira com ele os cestos de comida que os pais lhe enviam, um investimento que pode ter-lhe salvado a vida. Mas, como ex-menchevique, era absolutamente obediente e furiosamente sanguinário: durante toda a década de 30, as suas notas para Estaline propunham invariavelmente o fuzilamento dos acusados, regra geral «trotskistas que preparam a morte de Estaline», terminando sempre com as palavras: «Recomendo VMN – morte por fuzilamento».

Vichinski, com cinquenta e três anos, era notoriamente desagradável para com os subordinados, mas obscenamente bajulador para com os superiores: usava a palavra «ilustre» nas cartas que escrevia a Molotov e até a Poskrebichev (cujas boas graças inteligentemente cultivava). Os seus próprios subordinados consideravam-no «uma figura sinistra» que, independentemente da sua «excelente educação», acreditava na regra essencial da gestão estalinista: «Acredito na vantagem de manter as pessoas nervosas.» Mas ele próprio estava sempre nervoso, sofrendo ataques de eczema, vivendo no medo e ajudando a gerá-lo. Alerta, vigoroso, vaidoso e inteligente, impressionava os ocidentais tanto quanto os gelava com os seus maneirismos forenses e o seu humor venenoso: foi ele que, mais tarde, descreveu os Romenos como sendo «não uma nação, mas uma profissão». Orgulhava-se muito da sua notoriedade: quando, em 1947, foi apresentado à princesa Margarida, em Londres, sussurrou ao diplomata que fazia as apresentações: «Por favor, acrescente o meu antigo título de procurador nos famosos processos de Moscovo.»

Todos os dias, Iezhov e Kaganovitch, que, na «sala de recepção», devia ouvir tudo o que se passava, relatavam a Estaline o andamento do processo: «Zinoviev declarou que confirma o depoimento de Bakaiev relativamente ao facto de este último lhe ter enviado um relatório sobre a preparação de um ataque terrorista contra Kirov (...).» Deleitavam-se em relatar ao actor-encenador-dramaturgo o «desenrolar» da sua peça teatral.

Havia, no entanto, sérias dúvidas entre muitos dos jornalistas, exacerbadas pelas ridículas trapalhices do NKVD: o tribunal ouviu explicar como o filho de Trotski,

Sedov, ordenara o assassinio durante uma reunião no Hotel Bristol, na Dinamarca – mas veio a descobrir-se que o hotel fora demolido em 1917.

«Para que diabo precisavam do hotel?», terá Estaline gritado. «Deviam ter dito “estação dos caminhos-de-ferro”. A estação ainda lá está.»

O espectáculo tinha um elenco mais vasto do que os actores que apareciam em palco, porque outros estavam a ser cuidadosamente implicados, criando a perspectiva de mais «terroristas» famosos virem a aparecer em futuros julgamentos. Os réus tiveram o cuidado de implicar um par de comandantes militares e, a seguir, quer esquerdistas, como Karl Radek, quer direitistas, como Bukharine, Tomski e Rikov. Vichinski anunciou que ia abrir processos contra estas celebradas figuras

Os membros deste elenco fora-de-cena desempenharam os seus papéis de maneiras muito diferentes: Karl Radek, jornalista dotado e famoso revolucionário internacional, que tinha um aspecto absurdo com os seus óculos redondos, suíças, cachimbo, botas e casacos de couro, fora próximo de Estaline durante o início dos anos 30, aconselhando-o em matéria de política alemã. Os escritores imaginam sempre que, esgrimindo a pena, conseguem escapar a todos os perigos. Estaline decretou que, «embora não muito convencido, sugiro que se adie de momento a questão da detenção de Radek e que o deixemos publicar no *Izvestiya* um artigo assinado (...).» As ocasiões, e até uma temporária indulgência para com velhos amigos, podiam alterar o sinuoso progresso de Estaline.\*

A 22, os acusados declinaram falar em sua defesa. O Politburo – Kaganovitch, Sergo, Vorochilov e Chubar –, juntamente com Iezhov, pediu instruções. «Não é conveniente autorizar qualquer apelo», respondeu Estaline, às 11:10, dando em seguida indicações exactas sobre a cobertura mediática das sentenças. Reveladoramente, o dramaturgo achou que o veredito exigia um pouco de «polimento estilístico». Meia hora mais tarde, voltou a escrever, preocupado com a possibilidade de o julgamento ser encarado como uma simples «*mise-en-scène*».

Os *spin-doctors* ao serviço de Estaline souberam excitar a fúria do público contra os terroristas. Khrushchev, um apoiante ferrenho de julgamentos e fuzilamentos, chegou certa noite ao Comité Central e encontrou Kaganovitch e Sergo a tentarem forçar Demian Bedni a escrever um arrepiante poema para ser publicado no *Pravda*. Bedni recitou o resultado dos seus esforços. Seguiu-se uma embaraçada pausa:

– Não é bem o que tínhamos em mente, camarada Bedni – disse Kaganovitch. Sergo perdeu a paciência e gritou com o poeta, enquanto Khrushchev cravava nele um olhar assassino.

– Não sou capaz! – protestou Bedni. Mas foi. O seu «Nada de Misericórdia» foi publicado no dia seguinte, enquanto o *Pravda* ululava:

---

\* Nem todo o elenco fora-de-cena se comportou tão convenientemente. A 22 de Agosto, às 17:46, Estaline recebeu o seguinte telegrama de Kaganovitch, Iezhov e Ordzhonikidze: «O Tomski suicidou-se esta manhã. Deixou-te uma carta em que tenta provar a sua inocência (...). Não temos a mínima dúvida de que (...), sabendo que deixou de ser possível continuar a ocultar o seu papel no bando Zinovievita-Trotskista, tentou dissimular (...) através do suicídio (...).» Como sempre, o comunicado de imprensa era o mais importante.

«Esmaguem as Odiosas Criaturas! Os Cães Danados Têm de Ser Fuzilados!»

No tribunal, Vichinski encerrou a questão:

«Estes cães danados do capitalismo tentaram destroçar membro a membro o melhor da nossa terra soviética» – Kirov. «Exijo que estes cães danados sejam fuzilados... todos eles!» Foi então a vez de os cães danados fazerem os seus patéticos apelos e confissões. Mesmo passados setenta anos, são trágicos de ler. Kamenev terminou a sua confissão mas voltou a pôr-se de pé, num óbvio improviso, para apelar aos filhos, que não tinha qualquer modo de contactar: «Seja qual for a minha sentença, considero-a antecipadamente justa. Não olhem para trás», disse aos filhos. «Vão em frente (...). Sigam Estaline.» Os juízes retiraram-se para ponderar o seu mais do que decidido veredito, regressando às duas e meia para condenar todos os acusados à morte, após o que um dos réus gritou:

– Viva a causa de Marx, Engels, Lenine e Estaline!

De novo na prisão, os assustados «terroristas» pediram tremulamente misericórdia, recordando que Estaline prometera poupá-los. Enquanto Zinoviev e Kamenev esperavam nas respectivas celas, Estaline, que esperava sentado ao sol em Sochi, recebia, às 20:48, um telegrama de Kaganovitch, Sergo, Vorochilov e Iezhov a informá-lo de que fora recebido o apelo dos condenados. O Politburo propunha recusar o pedido e executar as sentenças naquela mesma noite.\* Estaline não respondeu, talvez congratulando-se pela sua iminente vingança, talvez ocupado a jantar, mas seguramente consciente de que o assassinato de dois dos camaradas mais próximos de Lenine assinalava um passo gigantesco no sentido da sua próxima e colossal jogada, um intenso reinado de terror contra o próprio partido, uma matança que ia consumir até os seus amigos e família. Estaline esperou três longas horas.

---

\* Estaline enviara Mikojan numa viagem de 19.000 quilómetros para conhecer a indústria alimentar americana. O astuto arménio certificou-se de que o *Vozhd* sabia que apoava o veredito, escrevendo, de Chicago, ao «Caro Lazar»: «Não te esqueças de dizer, na próxima carta que lhe escreveres, que envio ao Nosso Mestre as mais calorosas saudações. Que bom termo-nos desembargado tão depressa do bando trotskista de Zinoviev e Kamenev!» Mikojan encontrou-se com o secretário de Estado Cordell Hull em Washington, conversou com Henry Ford... e inspecionou o Macey's em Nova Iorque. A viagem teve dois efeitos: Mikojan deu aos Russos os hambúrgueres e os gelados americanos... e perdeu o gosto por usar o dólman do partido, preferindo os fatos de estilo americano durante todo o resto da sua carreira.



QUARTA PARTE

**A MATANÇA:  
IEZHOV, O ANÃO ENVENENADOR,  
1937-1938**

~

**O CARRASCO: O VENENO DE BÉRIA  
E O CERCO A BUKHARINE**

Minutos antes da meia-noite, Estaline enviava o seguinte lacónico telegrama: «De acordo.»

As primeiras horas de 25 de Agosto, uma caravana de limusinas atravessava os portões da Lubianka, transportando os funcionários que iam assistir às execuções.

Kamenev, muito digno, e Zinoviev, frenético, foram tirados das respectivas celas e levados para a cave. Iezhov e Lagoda estavam acompanhados pelo antigo cabeleireiro, Pauker. Vichinski, como procurador-geral, devia assistir às execuções importantes, mas dizia-se que tinha tão fraco estômago que geralmente mandava um dos seus principais investigadores, Lev Sheinin. Mikoian terá dito supostamente que Vorochilov representava o Politburo.

Estaline nunca assistia a torturas nem execuções (embora tivesse testemunhado um enforcamento, quando era criança, e desse ter visto casos de morte violenta em Tsaritsyn), mas respeitava os carrascos. A execução era oficialmente designada como «Mais Alta Medida de Punição», geralmente resumida às terríveis letras «VMN» ou ao acrônimo *Vishka*, mas Estaline chamava-lhe «trabalho negro», que considerava ser um nobre serviço prestado ao partido. O mestre do «trabalho negro» que, sob Estaline, presidia a este sombrio mas rápido ritual era Blokhin, um combativo chekista de quarenta e um anos, com um rosto decidido e cabelos negros penteados para trás, que foi um dos mais prolíficos carrascos do século, matando pessoalmente milhares de pessoas (por vezes, usava um avental de magarefe, de couro, para proteger o uniforme). No entanto, o nome deste carniceiro escapuliu-se por entre os dedos da História.\* No tea-

---

\* Havia muitos chekistas que por vezes faziam o papel de carrascos, mas era sempre Blokhin, assistido por dois irmãos assassinos, Vassili e Ivan Zhigarev, que se ocupava dos casos importantes. V. M. Blokhin,

tro da corte de Estaline, Blokhin estaria doravante escondido em segundo plano, mas raramente fora do palco.

Zinoviev gritou que aquilo era «um golpe fascista» e suplicou aos carrascos:

– Por favor, camaradas, telefonem ao José Vissarionovitch! O José Vissarionovitch prometeu poupar-nos a vida! – Alguns relatos mostram-no a abraçar e beijar as botas dos chekistas. Kamenev terá alegadamente afirmado:

– Merecemos isto como paga pelo nosso comportamento miserável durante o julgamento.

E disse também a Zinoviev que estivesse calado e morresse com dignidade. Zinoviev fez tanto barulho que um tenente do NKVD o arrastou para uma cela próxima e despachou-o ali mesmo. Foram ambos mortos com um tiro na nuca.

As balas foram extraídas dos crânios, com as pontas amassadas, limpas de sangue e de tecido cerebral e entregues a Iagoda, provavelmente ainda quentes. Não espanta que Vichinski achasse tudo isto repelente. Iagoda etiquetou as balas com os nomes de «Zinoviev» e «Kamenev» e levou para casa estas macabras relíquias, conservando-as religiosamente, como tesouros, junto da sua coleção de artigos eróticos e meias de senhora.\* Os corpos foram cremados.

Estaline ficou sempre fascinado com a conduta dos seus inimigos no momento supremo, saboreando a humilhação e a destruição daqueles que condenava: «Um homem pode ser fisicamente corajoso, mas um cobarde político», dizia. Semanas mais tarde, durante um jantar para celebrar a criação da Cheka, Pauker, o comediante da corte, mimou a morte e as súplicas de Zinoviev. No meio das estrondosas gargalhadas do *Vozhd* e de Iezhov, o gordo, espartilhado e lustroso Pauker foi arrastado para a sala por dois amigos, que faziam o papel de guardas. Imitou então os gritos de Zinoviev – «Pelo amor de Deus, telefonem a Estaline» –, mas improvisou um outro ingrediente. Pauker, que era judeu, especializou-se em contar a Estaline anedotas a respeito de judeus, usando o sotaque adequado, com muitos «erres» dobrados e demonstrações de medo. Na ocasião, combinou as duas coisas, retratando Zinoviev a erguer as mãos para o céu e soluçando: «Escuta, Israel, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é um!»† Estaline riu tanto que Pauker repetiu a cena. O *Vozhd* quase ficou doente de tanto rir e fez-lhe sinal para parar.

---

veterano do exército czarista da Primeira Guerra Mundial e chekista desde Março de 1921, alçandorara-se à chefia da Kommandatura, um ramo ligado ao Departamento Administrativo Executivo. Isto significava que tinha a seu cargo a prisão interna na Lubianka; entre outras coisas, era responsável pelas execuções. O major-general Blokhin foi reformado depois da morte de Estaline e louvado pelos seus «irrepreensíveis serviços» pelo próprio Béria. Depois da queda de Béria, foi demitido de todos os seus postos, em Novembro de 1954, e morreu a 3 de Fevereiro de 1955.

\* Encontradas entre os seus pertences quando foi preso, passaram para as mãos de Iezhov, que também as conservou até à sua própria queda.

† É muito pouco provável que Zinoviev tenha rezado a Shema, a oração mais sagrada da fé judaica, uma vez que, como todos os judeus que faziam parte daquele grupo de bolcheviques internacionalistas, desprezava a religião. Mas é natural que a conhecesse, por tê-la ouvido quando criança.

\* \* \*

Bukharine fazia montanhismo nos Pamires quando soube, pelos jornais, que tinha sido implicado no julgamento de Zinoviev. Regressou imediatamente a Moscovo. Na altura, os erros do passado pareciam ter-lhe sido relevados. Como director do *Izvestiya*, voltara à proeminência, com acesso frequente a Estaline. Em 1935, durante um banquete, o *Vozhd* chegara inclusivamente a fazer-lhe um brinde: «Bebamos a Nikolai Ivanovitch Bukharine. Todos nós amamos (...) Bukarchik. Que quem recorda o passado perca um olho!» Fosse com a intenção de preservá-lo para um futuro julgamento (depois do suicídio de Tomski), fosse por um rebate de amizade ou por simples sadismo felino, Estaline começou a brincar como o amado Bukarchik, que esperava ansiosamente no seu apartamento no Kremlin.

A 8 de Setembro, o Comité Central convocou Bukharine para uma reunião com Kaganovitch. Ao chegar, ficou surpreendido ao encontrar, além de Iezhov e Vizinski, o seu amigo de infância, Grigori Sokolnikov, que entrou na sala escoltado pelo NKVD. A «acareação» era um dos bizarros rituais de Estaline, durante o qual, como num exorcismo, o Bem era suposto enfrentar e derrotar o Mal. Destinava-se presumivelmente a aterrorizar o acusado mas também, e esta pode ter sido a sua principal função, a convencer os membros do Politburo da culpabilidade da vítima. Kaganovitch fez o papel de observador imparcial, enquanto Sokolnikov denunciava a existência de uma Central Esquerda-Direita, em que Bukharine estava envolvido e que planeava o assassinato de Estaline.

«Será possível que tenhas perdido a razão e não sejas responsável pelas tuas palavras?» Bukharine «desfez-se em lágrimas». Quando o preso foi retirado da sala, Kaganovitch trovejou:

– Malandro mente, do princípio ao fim! Volta para o jornal, Nikolai Ivanovitch, e trabalha em paz.

– Mas por que mente ele, Lazar Moiseievitch?

– Havemos de o descobrir – respondeu um pouco convencido Kaganovitch, que continuava a «adorar Bukharine» mas disse a Estaline que o «papel dele não está esclarecido».

As antenas de Estaline sentiram que não era ainda a altura certa: a 10 de Setembro, Vichinski anunciou que a investigação contra Bukharine e Rikov fora encerrada por falta de culpabilidade criminal. Bukharine voltou ao trabalho, novamente seguro, enquanto os investigadores avançavam para o julgamento seguinte – mas o gato não parou de acariciar o rato.

\* \* \*

Estaline continuou de férias, dirigindo uma série de tragédias paralelas numa campanha cada vez mais intensa para eliminar os seus inimigos ao mesmo que dedicava

muita da sua energia à Guerra Civil Espanhola. A 15 de Outubro, começaram a chegar a Espanha tanques, aviões e «conselheiros» soviéticos para ajudar o governo republicano a enfrentar o general Francisco Franco, apoiado por Hitler e Mussolini. Estaline tratou este conflito menos como um ensaio para a Segunda Guerra Mundial do que como uma repetição da sua própria Guerra Civil. A luta intestina contra os trotskistas do seu lado, e contra os fascistas do outro, criara em Moscovo uma febre guerreira que atiçou o Terror. O verdadeiro interesse de Estaline era manter a guerra acesa o maior tempo possível, confrontando Hitler sem ofender as potências ocidentais, e não propriamente ajudar os republicanos a vencer. Além disso, como hábil «vendilhão» que era, enganou sistematicamente os Espanhóis, roubando-lhes várias centenas de milhões de dólares ao «pôr-lhes a bom recato» as reservas de ouro e obrigando-os a pagar preços inflacionados pelas armas que lhes vendia.\*

Gradualmente, instruindo – pelo telefone e a partir de Sochi – Vorochilov sobre questões militares, Kaganovitch sobre questões políticas e Iezhov sobre questões de segurança, presidiu à apropriação da República espanhola pelo NKVD, uma situação em que se viu envolvido numa genuína luta contra os trotskistas. Preparou a liquidação dos trotskistas juntamente com a dos seus próprios homens. Os diplomatas, jornalistas e soldados soviéticos que se encontravam em Espanha passavam tanto tempo a denunciar-se uns aos outros como a combater os fascistas.

Depois de uma curta estada na nova e pequena *dacha* que Lakoba construirá para ele em Novy Afon (Nova Atos),<sup>†</sup> no Sul da Abcázia, mesmo junto ao mosteiro de Alexandre III, Estaline voltou a Sochi, onde Zhdanov e o presidente Kalinine se lhe juntaram. Iezhov estava a alargar as listas de suspeitos de modo a incluir todas as anti-gas oposições, mas também nacionalidades inteiras, sobretudo os Polacos. Ao mesmo tempo, visava o papel de chefe do NKVD, atacando Iagoda pela sua «complacência e passividade», e afirmando, numa carta que talvez tenha sido enviada a Estaline numa descarada candidatura a um emprego: «Sem a sua intervenção, as coisas vão dar para o torto.» Entretanto, Iagoda escutava os telefonemas de Iezhov para Estaline, ficando assim a saber que o «Amora» fora chamado a Sochi. Dirigiu-se imediatamente para a *dacha*, mas, quando lá chegou, Pauker impedi-lhe a entrada.

A 25 de Setembro, apoiado por Zhdanov, Estaline decidiu afastar Iagoda e promover Iezhov:

\* Relativamente a esta faceta de vendilhão, Estaline estava sempre interessado em descontos nos seus negócios com o estrangeiro: «Quanto custou o cruzador italiano?», escreveu a Vorochilov. «Se comprarmos dois, que desconto podem eles fazer-nos? Estaline.»

† Estaline começara a usar esta encantadora casita, uma pintoresca vivenda amarela aninhada nas colinas de Novy Afon, em 1935. Havia caminhos que subiam a encosta até um pavilhão de Verão, onde Estaline organizava churrascos. Mais tarde, mandou construir, perto da primeira, uma nova casa que havia de tornar-se uma das suas residências preferidas na velhice. Usada pelo presidente da Abcázia, está completamente equipada. Quando o autor a visitou, em 2002, as governantas convidaram-no a ficar e ofereceram-se para organizar um banquete em sua honra na sala de jantar de Estaline.

«Consideramos absolutamente necessário e urgente nomear o camarada Iezhov para o cargo de comissário do povo dos Assuntos Internos. Iagoda não está à altura da tarefa de desmascarar o Bloco Trotskista-Zinovievita (...). Estaline, Zhdanov.»

Sergo visitou a *dacha* para discutir a nomeação de Iezhov e as suas próprias guerras com o NKVD. Estaline sentia que tinha de conquistar Sergo para o seu lado na questão de Iezhov, mesmo apesar de o «Amora» e a mulher serem amigos de família dos Ordzhonikidze. «Esta decisão extraordinariamente sábia do nosso pai está de acordo com a atitude do partido e do país», escreveu, entusiasmado, Kaganovitch a Sergo, depois de Estaline ter afastado Iagoda, relegando-o para o cargo de Rikov como comissário das Comunicações.

A nomeação de Iezhov suscitou uma onda de alívio: muitos, incluindo Bukharine, viram-na como o fim do Terror, não o início. Mas Kaganovitch conhecia melhor o seu protegido: elogiou a Estaline os «soberbos (...) interrogatórios» de Iezhov e sugeriu a sua promoção a comissário-geral.

– O camarada Iezhov está a conduzir bem as coisas – disse Kaganovitch a Sergo.

– Tratou dos bandidos contra-revolucionários trotskistas ao estilo bolchevique.

«Amora», o anão, era agora o segundo homem mais poderoso da Rússia.

Estaline estava profundamente descontente com a doença que grassava no seio do NKVD, organização que considerava, e com razão, o exemplo acabado do grupo de «velhos amigos bolcheviques», infestada de polacos, judeus e letões. Precisava de alguém de fora para controlar esta presumida elite e torná-la sua. Há provas de que, durante os anos 30, discutiu a nomeação tanto de Kaganovitch como de Mikoian para a chefia do NKVD, e que mais recentemente oferecera o lugar a Lakoba.\*

Lakoba recusou trocar o seu paradiásico feudo por Moscovo. Leal como era a Estaline, a sua maneira de ser adequava-se mais a fazer de magnânimo anfitrião nas estâncias da Abcázia do que a torturar inocentes nas caves da Lubianka. Mas esta recusa chamou as atenção para o poder do clã Lakoba na Abcázia, conhecida como o «Lakobistão», que ele pretendia tornar uma república soviética de parte inteira, uma ideia perigosa na frágil multinacional URSS. Não havia maior «príncipe» do que Lakoba. Estaline já proibira o uso de nomes abcazianos no seu feudo e frustrara-lhe os planos para elevar o estatuto constitucional da Abcázia.

A 31 de Outubro, Estaline regressou a Moscovo, onde jantou com Lakoba. Parecia estar tudo bem. Mas não estava. Quando Lakoba regressou à Abcázia, Béria convidou-o para jantar em Tíflis. Lakoba recusou, até que a mãe de Béria telefonou a insistir.

---

\* Curiosamente, nenhum destes candidatos era de etnia russa: um era judeu, outro, arménio, e o terceiro, abcaziano. Alguns historiadores estão convencidos de que sempre houvera uma política secreta no sentido de escolher polacos, baltos, judeus e representantes de outras minorias para desempenhar os papéis menos simpáticos no NKVD. Isto é verosímil, mas também é verdade que Estaline precisava de ter na organização homens em quem pudesse confiar: os seus colaboradores mais próximos eram frequentemente caucasianos como ele. Não tinha qualquer interesse em provocar o ressentimento dos russos contra os georgianos colocados em altos cargos.

Jantaram a 27 de Dezembro e em seguida foram ao teatro, onde Lakoba foi sacudido por vômitos. De regresso ao hotel, sentou-se junto à janela, gemendo:

– Essa cobra do Béria assassinou-me.

Às 04:20, nessa madrugada, Lakoba morreu de «ataque cardíaco». Tinha quarenta e três anos. Béria acompanhou o corpo ao comboio que o levou de volta a Sukhumi. Os médicos de Lakoba estavam convencidos de que ele fora assassinado, mas Béria mandara remover os órgãos internos e, mais tarde, exumou e destruiu o corpo. Os familiares de Lakoba foram igualmente mortos. Foi denunciado, a título póstumo, como Inimigo do Povo. Lakoba foi o primeiro membro do círculo íntimo de Estaline a ser assassinado. «Veneno, veneno», como Estaline escreveu. Dera *carte blanche* a Béria para resolver as coisas no Cáucaso. Já anteriormente, na Arménia, Béria visitara o primeiro-secretário, Aghasi Khanchian, que se suicidara ou fora assassinado. Por todo o império, as regiões começaram a denunciar conspirações de «destruidores»\* para justificar a inépcia e a corrupção. Os ponteiros do relógio avançavam para o momento da guerra com a Alemanha de Hitler. Mas enquanto a tensão aumentava com um Japão agressivo no Extremo Oriente e os «conselheiros» soviéticos a combaterem em Espanha, a URSS estava já em guerra.

\* \* \*

Pouco antes da sinistra morte de Lakoba, Béria prendeu Papulia Ordzhonikidze, o irmão mais velho de Sergo, funcionário dos caminhos-de-ferro. Béria sabia que o seu antigo patrono, Sergo, avisara Estaline de que ele era um «miserável». Sergo recusava apertar a mão a Béria e mandou erguer uma sebe especial entre as *dachas* dos dois.

A vingança de Béria foi apenas uma das maneiras que Estaline usou para começar a pressionar o emocional Sergo, o *magnífico* industrial que apoiava as políticas draconianas do regime mas se opunha à detenção dos seus colaboradores. A estrela do próximo julgamento-espectáculo seria o comissário-adjunto de Sergo, Iuri Piatakov, um ex-trotskista e hábil gestor. Os dois homens eram amigos e gostavam de trabalhar juntos.

Em Julho, a mulher de Piatakov fora presa devido às suas ligações a Trotski. Pouco antes do julgamento de Zinoviev, Iezhov convocara Piatakov, lera-lhe todos os depoimentos que o implicavam no terrorismo trotskista e informara-o de que estava dispensado do seu cargo de comissário-adjunto. Piatakov propusera provar a sua inocência pedindo autorização para «executar pessoalmente todos os condenados à morte no

\* Na Sibéria Ocidental, houve um julgamento-espectáculo regional de «destruidores» acusados de tentarem matar o líder local, Eikhe – e de terem tentado assassinar Molotov durante uma visita anterior. O condutor confessou que planeava sacrificar-se e matar Molotov lançando o carro do alto de um precipício, mas que perdera a coragem e só conseguira fazer o veículo capotar numa estrada lamaçenta. Esta óbvia patranha deve sem dúvida ter consolado Molotov por ter sido deixado fora das listas no julgamento de Zinoviev.

julgamento, incluindo à sua ex-esposa, e publicar tudo isto na imprensa». Como bolchevique, estava disposto a executar até a própria mulher.

«Fiz-lhe notar a absurdidade da proposta», relatou friamente Iezhov a Estaline. A 12 de Setembro, Piatakov foi preso. Sergo, que recuperava em Kislovodsk, votou a sua expulsão do Comité Central, mas devia estar profundamente preocupado. Uma sombra de si mesmo, cinzento e exausto, estava tão doente que o Politburo o restringiu a uma semana de três dias. O NKVD começou então a prender todos os seus especialistas que não eram bolcheviques, e ele apelou para o «Amora»: «Camarada Iezhov, por favor, dê atenção a isto.» Não estava sozinho: Kaganovitch e Sergo, esses dois «melhores amigos», não só partilhavam o mesmo exuberante dinamismo como chefiavam gigantescos comissariados industriais. Também os especialistas ferroviários de Kaganovitch estavam a ser presos. Entretanto, Estaline enviava a Sergo transcrições dos interrogatórios de Piatakov, em que este confessava ser um «sabotador». A destruição de «peritos» era um desporto constante dos bolcheviques, mas a detenção do irmão de Sergo denunciou a jogada do *Vozhd*: «Nunca isto poderia ter sido feito sem o consentimento de Estaline. Mas ele concordou sem sequer falar comigo», disse Sergo a Mikoian. «Éramos amigos tão chegados! E, de repente, ele deixa-os fazer uma coisa destas!» Para ele, a culpa era de Béria.

Apelou a Estaline, fazendo tudo o que pôde para salvar o irmão. Fez demasiado: prender um membro do clã de um homem era um teste de lealdade. Estaline não era o único a ver com maus olhos estes sentimentalismos pequeno-burgueses: o próprio Molotov atacou Sergo por «deixar-se guiar pelas emoções (...), pensando apenas em si mesmo».

A 9 de Novembro, Sergo sofreu novo ataque cardíaco. Entretanto, o terceiro irmão Ordzhonikidze, Valiko, era afastado do seu cargo no Soviete de Tíflis por ter afirmado que Papulia estava inocente. Sergo engoliu o orgulho e telefonou a Béria, que respondeu:

«Caro camarada Sergo! Depois de ter recebido o teu telefonema, chamei imediatamente o Valiko (...). Hoje, o Valiko voltou ao seu trabalho. Teu, Béria.» Vemos aqui a marca da pata de Estaline no seu jogo do gato e do rato, do seu sínuso caminho para a destruição declarada, talvez de um dos seus momentos de amizade nostálgica, do seu super-sensitivo testar dos limites. Mas Estaline via agora Sergo como um inimigo: a biografia do seu ex-amigo acabava de ser publicada e Estaline examinou-a cuidadosamente, rabiscando sarcasticamente ao lado das passagens que aclamavam o heroísmo de Sergo: «E o CC? O partido?»

Estaline e Sergo regressaram separadamente a Moscovo, onde cinquenta e seis funcionários do segundo se encontravam a contas com o NKVD. Sergo, no entanto, continuava a ser uma restrição viva para Estaline, tendo pequenos gestos de coragem para com os perseguidos direitistas. «Meu querido e docemente abençoado Sergo», encorajava-o Bukharine. «Mantém-te firme!» No teatro, enquanto Estaline e o Politburo ocupavam os primeiros lugares, Sergo avistou o ex-primeiro-ministro Rikov e a filha,

Natalya (que conta a história), sozinhos e ignorados, vinte filas mais atrás. Deixando Estaline, correu galeria acima para ir beijá-los. O gesto comoveu os Rikov até às lágrimas.\*

A 7 de Novembro, Estaline, do alto do Mausoléu, viu Bukharine sentado numa vulgar cadeira e mandou um chekista dizer-lhe: «O camarada Estaline convida-o para o Mausoléu.» Bukharine pensou que estava a ser preso, mas depois subiu agradecidamente os degraus.

Bukharine, o encantador mas histérico intelectual que todos adoravam, bombardeava Estaline com cartas frenéticas nas quais podemos sentir a tarraxa a apertar. Quando os escritores temem pela vida, escrevem e escrevem: «Criança grande!», escreveu Estaline numa das suas cartas; «Maníaco!», numa outra. Bukharine não conseguia parar de apelar a Estaline, com quem sonhava:

«Tudo o que me diz respeito é criticado», escreveu, a 19 de Outubro de 1936. «Nem sequer para o aniversário do Sergo me propuseram que escrevesse um artigo (...). Talvez tenha perdido a honorabilidade. Quem posso eu procurar, como pessoa amada, sem levar um murro nos dentes? Vejo a tua intenção, mas escrevo-te como tu escreveste ao Illitch [Lenine], como um homem que amo sinceramente e que até vejo nos meus sonhos, como via o Illitch. Talvez seja estranho, mas é assim. É difícil para mim viver sob suspeita e os meus nervos já estão em franja.» Finalmente, numa noite insone, escreveu um poema, um hino embaraçosamente panegírico ao «Grande Estaline!»

O mais antigo amigo de Bukharine era Vorochilov. Os dois homens tinham sido tão próximos que Bukharine costumava chamar-lhe a sua «gaivota de mel» e escrever-lhe os discursos. Klim oferecera-lhe uma pistola em que mandara gravar um testemunho de amor e amizade. Agora, Vorochilov tentava esquivar-se às cartas de Bukharine: «Por que me magoas assim?», perguntava este, numa delas.

Verdadeiramente em perigo, Bukharine enviou a Klim uma longa súplica na qual chegava a anunciar-se «deliciado por os cães [Zinoviev e Kamenev] terem sido abatidos (...). Perdoa esta confusa carta: mil pensamentos correm de um lado para o outro dentro da minha cabeça, como cavalos cheios de força, e eu não tenho rédeas fortes. Abraço-te porque estou limpo. N' Bukharine.» Vorochilov decidiu que tinha de pôr fim àquele fantasma de amizade, de modo que ordenou a um adjunto que fizesse uma cópia da carta e a enviasse ao Politburo, escrevendo: «Junto, por ordem do camarada Vorochilov, a resposta do camarada Vorochilov a Bukharine.» A resposta de Vorochilov é todo um estudo de amoralidade, crueldade, medo e cobardia:

*Ao camarada Bukharine, devolvo a tua carta, em que te permite lançar visões de ataques contra a liderança do partido. Se esperavas (...) convencer-me da tua total inocência,*

---

\* «Houve quem fosse para o céu por coisas mais pequenas», escreveu Oscar Wilde, em *De Profundis*, a respeito de Robbie Ross ter esperado no meio da multidão em Reading Station e ser o único a avançar e a tirar o chapéu ao vilipendiado escritor no seu caminho para Reading Gaol. No caso de Sergo, a parada era ainda mais alta.

*tudo o que conseguiste foi convencer-me de que, doravante, devo afastar-me de ti (...).  
E se não retractares por escrito os teus soezes insultos contra a liderança do partido,  
passarei até a considerar-te um miserável.*

*K Vorochilov, 3.de Setembro de 1936.*

Bukharine ficou desfeto com «a tua terrível carta. A minha terminava com “abraço-te”. A tua termina com “miserável”».

Iezhov estava a construir o caso contra os chamados esquerdistas Radek e Piatakov, mas, em Dezembro, tinha também conseguido produzir indícios contra Bukharine e Rikov. O Plenário de Dezembro foi uma espécie de denúncia destas vítimas e, como sempre com Estaline, um teste às condições necessárias para destruí-las. Estaline era a vontade dominante, mas o Terror não foi obra de um só homem. Ouvimos o entusiasmo evangélico de uma sede de sangue que por vezes raia os limites da tragicomédia. Kaganovitch até contou a Estaline uma história a respeito de um cão.

Iezhov leu orgulhosamente a lista das duzentas pessoas presas por causa da Central Trotskista na região Azov-Mar Negro, outras trezentas na Geórgia, quatrocentas em Leninegrado. Molotov não era o único que escapara a uma tentativa de assassinio: Kaganovitch evitara a morte por uma unha negra, nos Urales. Iezhov abordou em primeiro lugar o julgamento Piatakov-Radek, que ia começar em breve. Quando leu a descrição que Piatakov fazia dos trabalhadores como «um rebanho de ovelhas», aqueles assustados fanáticos reagiram como se estivessem numa reunião revivalista arrancada a um pesadelo.

– O porco! – gritou Béria. Houve «na sala um som de indignação». Então, conta o registo:

Vozes:

– As bestas!

– Tão baixo desceu este depravado agente fascista, este comunista degenerado, e sabe Deus o que mais! Estes porcos têm de ser estrangulados!

– E Bukharine? – perguntou uma voz.

– Temos de falar a respeito deles – concordou Estaline.

– Aí está um grande patife! – rosnou Béria.

– Que porco! – exclamou outro camarada.

Iezhov anunciou que Bukharine e Rikov eram indiscutivelmente membros da «Central de apoio». Eram na realidade terroristas – e, no entanto, aqueles assassinos estavam ali sentados no meio deles. Pretendia-se agora que Bukharine confessasse os seus crimes e implicasse os amigos. Recusou fazê-lo.

– Achas então que também aspirei ao poder? Estás a falar a sério? – perguntou a Iezhov. – Ao fim e ao cabo, há muitos velhos camaradas que me conhecem bem... conhecem a minha alma, a minha vida interior.

– É difícil conhecer a vida de um homem – troçou Béria.

– Não há uma palavra de verdade no que foi dito contra mim... O Kamenev afirmou no seu julgamento que se tinha reunido comigo todos os anos até mil novecentos

e trinta e seis. Perguntei ao Iezhov onde e quando, para poder refutar esta mentira. Disseram-me que não tinham perguntado ao Kamenev... e que agora já não era possível perguntar-lhe.

– Mataram-no – acrescentou Rikov, tristemente.

Poucos dos antigos líderes se assanharam contra Bukharine, mas Kaganovitch, Molotov e Béria atacaram-no implacavelmente. Então, no meio de alegações mortíferas, Kaganovitch recordou a história do cão de Zinoviev.

– Em mil novecentos e trinta e quatro, o Zinoviev convidou o Tomski para a sua *dacha*. Depois de beberem chá, o Tomski e o Zinoviev foram ao carro do Tomski buscar um cão que ele levava para o Zinoviev. Estão a ver que amizade, ajudou-o a ir ao carro buscar um cão.

– Que tinha o cão? – perguntou Estaline. – Era uma cão de caça ou um cão de guarda?

– Não foi possível estabelecer o facto – respondeu Kaganovitch, com jovial e arrepiante humor.

– De qualquer maneira, foram buscar o cão? – insistiu Estaline.

– Foram – tonitruou Kaganovitch. – Andavam à procura de um companheiro de quatro patas que não fosse muito diferente deles.

– Era um bom cão ou um mau cão? – inquiriu Estaline. – Alguém sabe?

Houve «risos na sala».

– Também não foi fácil estabelecer o facto durante a acareação – respondeu Kaganovitch.

Finalmente, Estaline, sentindo quantos dos membros mais antigos não estavam a alinhar contra Bukharine, disse, com mais tristeza do que raiva:

– Acreditámos em ti e estávamos enganados... Acreditámos em ti... Ajudámos-te a subir a escada e estávamos enganados. Não é verdade, camarada Bukharine?

No entanto, encerrou o Plenário sem um voto de apoio a Iezhov; só a ominosa decisão de considerar «a questão de Bukharine e Rikov não encerrada». Os «príncipes» regionais perceberam que até um tal gigante podia ser destruído.

Ajudado por Iezhov, Estaline pegou no medo febril de uma guerra contra a Polónia e a Alemanha, nos perigos muito reais da Guerra Civil Espanhola, nos inexplicáveis fracassos industriais causados pela incompetência soviética e na resistência dos «príncipes» regionais, e transformou tudo isto numa rede de conspirações que se ajustava como uma luva à alma paranóica, à gloriosa e saudosa brutalidade da Guerra Civil russa e às guerrilhas pessoais dos bolcheviques. Temia particularmente a infiltração de espiões através da porosa fronteira com a Polónia, o inimigo tradicional a ocidente e que, em 1921, derrotara a Rússia (e Estaline pessoalmente).<sup>\*</sup> No Plenário, Khrushchev

\* As obsessões políticas e pessoais de Estaline encontravam com frequência paralelos nas suas óperas preferidas: assistia constantemente a representações da ópera *Ivan Susanin*, de Glinka, mas só até à cena em que os polacos eram atraídos para os bosques por um russo e morriam gelados. Depois disto, saía do teatro e ia para casa.

foi denunciado como sendo um «polaco» secreto. Quando Khrushchev conversava no corredor com o seu amigo Iezhov, Estaline aproximou-se e espetou-lhe um dedo no ombro. «Como te chamas tu?», perguntou. «Khrushchev, camarada Estaline.» «Não, não te chamas Khrushchev (...). Fulano e fulano dizem que não é esse o teu nome.» «Como pode acreditar em semelhante coisa? A minha mãe ainda vive (...). Verifique.»

Estaline referiu Iezhov, que o negou. Estaline deixou cair o assunto, mas andava a investigar os que o rodeavam.

Estava finalmente decidido a subjugar os «príncipes» locais: a Ucrânia era um caso especial, o celeiro da União, a segunda república, com um forte sentido da sua própria cultura. Kosior e Chubar tinham demonstrado a sua fraqueza durante a fome, e o segundo-secretário, Postichev, comportava-se como um «príncipe», com a sua própria corte. A 13 de Janeiro, Estaline atacou com um telegrama em que acusava Postichev da falta da «mais básica vigilância partidária». Kaganovitch, o antigo flagelo da Ucrânia, que governara em finais dos anos 20, apareceu em Kiev, onde depressa conseguiu encontrar «uma pessoa insignificante» esmagada por um «príncipe» local. Polia Nikolaenko, uma velha semilouca e mexeriqueira do partido, criticara Postichev e a esposa, também ela ocupante de um alto cargo. A Sra. Postichev expulsara a incómoda Nikolaenko do partido. Quando Kaganovitch informou Estaline da existência desta «heróica denunciante», o *Vozhd* percebeu de imediato a sua utilidade.

A 21 de Dezembro, a família e os potentados dançaram até de madrugada na festa de aniversário de Estaline. Mas as lutas e as conspirações estavam a cobrar o seu tributo ao actor-encenador: Estaline sofria frequentemente de amigdalite quando sob pressão. O Professor Valedinski, o especialista das termas de Matsesta que tinha levado para Moscovo, juntou-se ao seu clínico pessoal, o distinto Vladimir Vinogradov, que fora um médico da moda antes da Revolução e continuava a viver num apartamento recheado de antiguidades e bons quadros. O paciente permaneceu deitado num sofá, com febres altas, durante cinco dias, rodeado pelos professores e pelo Politburo. Os professores examinavam-no duas vezes por dia e mantinham uma vigília à noite. Na véspera do Ano Novo, estava suficientemente bem para assistir à festa em que a família dançou junta pela última vez. Quando os médicos o visitaram no Dia de Ano Novo de 1937, Estaline falou do seu primeiro emprego como meteorologista e das suas proezas como pescador na Sibéria. Mas o duelo com Sergo continuava a roubar-lhe forças numa altura em que preparava a sua jogada mais arriscada desde a colectivização: a chacina do partido de Lenine.

\* \* \*

Estaline organizou uma «acareação» entre Bukharine e Piatakov perante o Politburo. Piatakov, o abrasivo gestor industrial que em breve desempenharia o primeiro papel no seu próprio julgamento-espectáculo, confirmou o terrorismo de Bukharine, mas estava agora transformado num testemunho ambulante dos métodos no NKVD. «Despojos

vivos», disse Bukharine à mulher, «não de Piatakov mas da sua sombra, um esqueleto a que tinham arrancado os dentes à pancada.» Falou de cabeça baixa, tentando esconder os olhos com as mãos. Sergo olhou fixamente para o seu antigo adjunto e amigo.

– O teu testemunho é voluntário? – perguntou.

– O meu testemunho é voluntário – respondeu Piatakov.

Parece absurdo que Sergo tenha sequer tido de fazer a pergunta, mas ir mais longe seria ir contra o próprio Politburo, onde homens como Vorochilov estavam a entrar em paroxismos de ódio:

– O teu adjunto veio a revelar-se um porco de primeira classe – disse-lhe Klim.

– Deves saber o que ele nos disse. O porco, o filho de uma cadel!

Quando Sergo leu as páginas assinadas do interrogatório de Piatakov, «acreditou no que lia e acabou por odiá-lo», mas não foi uma época feliz para ele.

Estaline supervisionava o julgamento de Piatakov e da «Central Paralela Trotskista Anti-Soviética», que era, na realidade, um ataque ao Comissariado da Indústria Pesada de Sergo, onde trabalhavam dez dos dezasseis acusados. O verdadeiro papel do *Vozhd* nos famosos julgamentos sempre foi conhecido, mas os arquivos mostram-nos como até ditou as palavras das alegações finais de Vichinski, com quem deve ter-se encontrado em Kuntsevo, onde recuperava da amigdalite. Imaginamo-lo a passear de um lado para o outro, a fumar o seu cachimbo, enquanto o subserviente procurador-geral tomava notas: «Estes patifes nem sequer têm a mínima noção de serem cidadãos (...). Os acordos deles com o Japão e a Alemanha são os acordos da lebre com o lobo (...).» Vichinski anotou as palavras de Estaline: «Quando Lenine estava vivo, eram contra Lenine.» Usou exactamente as mesmas palavras em tribunal, a 28 de Janeiro. Mas os pensamentos de Estaline, em 1937, revelam a razão mais lata do iminente assassinato de centenas de milhar de pessoas aparentemente por escassa razão. «Talvez se possa explicar pelo facto de terem perdido a fé», disse, dirigindo-se aos Velhos Bolcheviques. Aqui estava a essência do frenesi religioso da chacina que se avizinhava.

A amigdalite de Estaline voltou a assanhar-se. Estendeu-se em cima da mesa da sala de jantar, para que os professores pudessem examinar-lhe a garganta. Em seguida, os membros do Politburo juntaram-se ao líder e aos médicos para o jantar. Houve brindes e, depois do jantar, os médicos ficaram espantados ao ver os potentados dançar. Mas o espírito de Estaline estava concentrado nas brutais tarefas daquele ano terrível. Brindou à medicina soviética, e então acrescentou que havia «inimigos entre os médicos (...), não vão tardar a descobri-lo!» Estava pronto para começar.

SERGO: A MORTE DO  
«PERFEITO BOLCHEVIQUE»

O melodrama legal estreou a 23 de Janeiro e espalhou imediatamente o Terror a milhares de novas vítimas potenciais. Radek, que talvez tenha sido pessoalmente instruído por Estaline, excedeu-se em saídas de humor negro, afirmando, por exemplo, que não fora torturado durante os interrogatórios; pelo contrário, ele é que, ao longo de meses, torturara os investigadores recusando-se a cooperar. Recitou então as palavras que provavelmente lhe tinham sido ditadas pelo próprio *Vozhd*: «Mas há no nosso país meios-trotskistas, um-quarto-trotskistas, um-oitavo-trotskistas, pessoas que nos ajudaram [aos trotskistas] sem nada saberem da organização terrorista mas simpatizando connosco.» A mensagem era clara e, quando a combinamos com as notas de Vichinski, o mistério do carácter aleatório do Terror fica esclarecido. Os que não possuíam uma fé cega tinham de morrer.

Às 17:13 de 29 de Janeiro, os juízes retiraram-se para deliberar, e às três da manhã seguinte voltaram à sala do tribunal. Treze dos acusados, incluindo Piatakov, foram condenados à morte, mas Radek apanhou dez anos. Mais uma vez, Blokhin presidiu às execuções. Iezhov foi recompensado com o cargo de comissário-geral da Segurança do Estado e um apartamento no Kremlin.

Em Moscovo, 200.000 pessoas, intoxicadas pela propaganda, juntaram-se na Praça Vermelha, não obstante as temperaturas de 27° negativos, empunhando faixas nas quais se lia: «O veredito do tribunal é o veredito do povo.» Khrushchev arengou-lhes, denunciando o «Judas-Trotski», uma fórmula que implicava fortemente que Estaline era o metafórico Jesus. (Sabemos, por Iuri Zhdanov, que, a brincar, ele se comparava a Jesus.) «Ao erguerem a mão contra o camarada Estaline», gritou Khrushchev à mul-

tidão, «ergueram a mão contra o que de melhor a humanidade tem, porque Estaline é esperança (...). Estaline é a nossa bandeira. Estaline é a nossa vontade. Estaline é a nossa vitória.» O país foi varrido pela «efervescência emocional» do ódio, do medo e da sede de sangue. Maria Svanidze escreveu no seu diário que «a baixeza humana [de Radek] excede toda a imaginação. Estes monstros morais mereceram o fim que tiveram (...). Como pudemos nós confiar tão cegamente num tal bando de miseráveis?»

Hoje, parece-nos impossível que praticamente todas as fábricas e vias-férreas tenham sido sabotadas por terroristas trotskistas alojados nas respectivas direcções, mas a indústria soviética era assombrada por erros sucessivos e acidentes constantes devidos a má gestão e ao ritmo alucinante dos Planos Quinquenais. Havia milhares de acidentes: por exemplo, só em 1934, registaram-se 62.000 desastres ferroviários! Como podia aquilo acontecer num país perfeito? Inimigos acoitados entre as elites corruptas expliavam os fracassos. A detenção de sabotadores e destruidores nas fábricas industriais e nos caminhos-de-ferro acelerou. Os colaboradores de Sergo e de Kaganovitch foram, uma vez mais, atingidos em cheio.

Estaline preparou-se cuidadosamente para o Plenário que ia inaugurar formalmente o Terror contra o próprio partido. A 31 de Janeiro, o Politburo nomeou os dois patrões industriais para falarem a respeito de sabotagem nos respectivos departamentos. Estaline reviu os discursos: Sergo aceitava que era necessário travar os sabotadores, mas queria acrescentar que, agora que tinham sido presos, era tempo de voltar à normalidade. Estaline escreveu furiosamente no discurso: «Explica com factos que ramos são afectados pela sabotagem e exactamente como são afectados.» Quando se encontraram, Sergo pareceu concordar, mas enviou discretamente para as regiões gestores da sua confiança para investigarem se era o NKVD que estava a fabricar aqueles casos: um desafio directo a Estaline.

Cada vez mais doente, Sergo apercebeu-se de que o abismo entre os dois se aprofundava. Enfrentava agora a ruptura com o partido a que dedicara a sua vida.

«Não percebo por que é que Estaline não confia em mim», confidenciou a Mikoian, talvez enquanto passeavam os dois pelos caminhos cobertos de neve do Kremlin, à noite. «Sou-lhe totalmente leal, não quero lutar contra ele. Os esquemas do Béria têm uma grande parte da culpa de tudo isto... dá a Estaline informações erradas, mas Estaline confia nele.» Nenhum deles compreendia, segundo Mikoian, «o que estava a acontecer a Estaline, como podiam mandar homens honestos para a prisão e depois executá-los por sabotagem».

— O Estaline começou uma coisa má — disse Sergo. — Sempre fui um amigo tão chegado. Confiava nele, e ele confiava em mim. E agora não posso trabalhar com ele, vou suicidar-me.

Mikoian disse-lhe que o suicídio nunca resolvia nada, mas os suicídios eram agora cada vez mais frequentes. A 17 de Fevereiro, Sergo e Estaline discutiram durante várias horas. Sergo foi então para o seu gabinete, antes de regressar, às três da tarde, para uma reunião do Politburo.

Estaline aprovou o relatório de Iezhov, mas criticou Sergo e Kaganovitch, que se retiraram para o gabinete de Poskrebichev, como dois estudantes, para reescrever as respectivas composições. Às sete, também eles caminhavam, a conversar, à volta do Kremlin: «ele estava doente, com os nervos desfeitos», disse Kaganovitch.

Estaline apertou deliberadamente a tarraxa: o NKVD revistou o apartamento de Sergo. Só o *Vozhd* poderia ter ordenado um tal ultraje. Além disso, os Ordzhonikidze passavam os fins-de-semana com os Iezhov, mas a amizade era como pó comparada com as ordens do partido. Sergo, tão furioso e humilhado como se pretendia, ligou para Estaline.

— Sergo, por que estás tão perturbado? — perguntou Estaline. — Este Órgão pode revistar o meu apartamento de um momento para o outro, também.

Disse-lhe então que fosse vê-lo, e Sergo saiu tão precipitadamente que se esqueceu do sobretudo. A mulher, Zina, correu atrás dele, com o sobretudo e o barrete de pélo, mas já o marido estava no apartamento de Estaline. Zina esperou, na rua, hora e meia. As provocações do *Vozhd* só serviram para confirmar a impotência de Sergo, que «saiu do apartamento de Estaline num estado de enorme agitação, não vestiu o sobretudo nem pôs o barrete e correu para casa». Começou a reescrever o discurso e então, segundo a mulher, voltou a casa de Estaline, que o provocou com mais uma série dos seus «ha, ha» escritos à margem.

Sergo disse a Zina que não podia enfrentar Koba, que amava. Na manhã seguinte, ficou na cama, recusando o pequeno-almoço. «Sinto-me mal», disse. Pediu apenas para não ser incomodado e trabalhou no quarto. Às 17:30, Zinaida ouviu um som abafado e correu para o quarto.

Sergo jazia, de peito nu e morto, em cima da cama. Disparara um tiro de pistola contra o coração e tinha a pele do peito chamuscada pela pólvora. Zina beijou-lhe fervorosamente as mãos, o peito, os lábios, e chamou um médico, que certificou o óbito. Telefonou então a Estaline, que tinha ido para Kuntsevo. Os guardas disseram que ele tinha saído para dar um passeio, mas ela gritou-lhes:

— Digam-lhe que é a Zina. Digam-lhe que venha imediatamente ao telefone. Eu espero.

— Qual é a pressa? — perguntou Estaline. Zina ordenou-lhe que voltasse urgentemente a Moscovo.

— O Sergo fez a mesma coisa que a Nádia! — disse.

Estaline bateu com o telefone ao ouvir este incrível insulto.

Aconteceu que Konstantin Ordzhonikidze, um dos irmãos de Sergo, chegou ao apartamento naquele instante. À entrada, o motorista de Sergo disse-lhe que se apressasse. Quando chegou à porta, um dos funcionários de Sergo limitou-se a dizer:

— O nosso Sergo já não está connosco.

Meia hora mais tarde, Estaline, Molotov e Zhdanov (que, por qualquer razão, usava uma fita preta na testa) chegaram do campo e juntaram-se a Vorochilov, Kaganovitch

e Iezhov. «Não acredito!», exclamou Mikojan quando lhe disseram o que tinha acontecido, e correu para casa dos Ordzhonikidze. Mais uma vez, a família do Kremlin chorava a morte de um dos seus, mas o suicídio deixava tanta raiva como dor.

Zinaida sentava-se na beira da cama, ao lado do corpo de Sergo. Os líderes entraram, olharam para o cadáver e sentaram-se. Vorochilov, de coração tão terno em questões pessoais, tentava confortar Zina.

— Para que me confortas — atirou-lhe ela —, quando não soubeste salvá-lo do partido?

Estaline captou o olhar de Zina e fez-lhe sinal para que o seguisse até ao escritório. Ficaram frente a frente. Estaline parecia esmagado e miserável, mais uma vez traído.

— Que vamos dizer agora às pessoas? — perguntou ela.

— Isto tem de ser comunicado à imprensa — respondeu Estaline. — Diremos que morreu de ataque cardíaco.

— Ninguém vai acreditar — replicou a viúva. — O Sergo amava a verdade. É preciso publicar a verdade.

— Por que não hão-de acreditar? Toda a gente sabe que ele sofria do coração, e toda a gente vai acreditar — concluiu Estaline.

A porta do quarto estava agora fechada, mas Konstantin Ordzhonikidze espreitou para dentro e viu Kaganovitch e Béria em deliberação, sentados na cama aos pés do corpo do seu amigo comum. De súbito, Béria, que estava em Moscovo para assistir ao Plenário, entrou na sala de jantar. Zinaida correu para ele, tentando esbofeteá-lo, e gritou: «Ratazana!» Béria «desapareceu logo a seguir».

Tiraram o corpulento cadáver de Sergo do quarto e colocaram-no em cima da mesa da sala de jantar. O irmão de Molotov, que era fotógrafo, apareceu com a sua câmara. Estaline e os potentados posaram junto do corpo.

A 19, os jornais anunciaram a morte de Sergo, vítima de ataque cardíaco. Uma lista de médicos assinou o falso comunicado: «Hoje, às 17:30, quando estava a fazer a sua habitual pausa da tarde, sentiu-se subitamente indisposto e, minutos mais tarde, morreu em consequência de uma paragem cardíaca.» O funeral de Sergo obrigou a atrasar o Plenário, mas o obstáculo de Estaline tinha sido removido. A morte do «perfeito bolchevique» chocou Maria Svanidze, que descreveu a exposição do corpo em câmara ardente na Sala das Colunas, entre «grinaldas, música, o cheiro de flores, lágrimas, guardas de honra. Milhares e milhares desfilaram» diante do caixão aberto. Sergo era santificado por um culto. Uns choraram-no mais do que outros. Bukharine escreveu um poema: «Ele estralejava com o raio sobre águas espumejantes», mas escreveu também uma patética carta a Estaline:

«Queria escrever ao Klim e ao Mikojan. E se também eles me magoarem? Porque as calúnias fizeram o seu trabalho. Eu não sou eu. Não posso sequer chorar junto ao corpo de um velho camarada (...). Koba, não consigo viver nesta situação (...). Amo-te na verdade apaixonadamente (...). Desejo-te rápidas e resolutas vitórias.»

O suicídio continuou a ser um segredo bem guardado. Estaline e outros, como os Vorochilov,\* pensavam que Sergo tinha sido um egoísta e uma desilusão. No Plenário, Estaline atacou o nobre bolchevique por ter-se comportado como um «príncipe».

Estaline liderou o grupo de potentados que transportaram a urna das cinzas, enterrada, perto da de Kirov, na Muralha do Kremlin. Mas as suas antenas detectavam outros que duvidavam e que podiam seguir a linha de Sergo. Durante o funeral, recordou a Mikóian o facto de ter escapado ao fuzilamento dos Vinte e Seis Comissários, durante a Guerra Civil. «Foste o único que se safou» naquela «obscura e nebulosa história. Anastas, não nos obrigues a tentar esclarecê-la.» Mikóian deve ter decidido não fazer ondas, mas dificilmente lhe terão passado despercebidos o aviso e as trevas que se adensavam.

«Não posso continuar a viver assim (...),» escrevia Bukharine a Estaline, dias mais tarde. «Não estou em condições físicas nem morais para ir ao Plenário (...), vou iniciar uma greve de fome até que as acusações de traição, sabotagem e terrorismo sejam retiradas.» Mas a agonia de Bukharine estava apenas a começar: Ana, a mulher, acompanhou-o à primeira reunião no meio de uma tempestade de neve. É curioso o facto de as principais vítimas do Plenário, Bukharine e Iagoda, continuarem ambas a viver no Kremlin, a poucas portas de distância de Estaline e dos outros membros do Politburo, ao mesmo tempo que eram acusados de planear assassiná-los a todos. O Kremlin continuava a ser uma aldeia... mas uma aldeia de inexcedível malevolência.

Às seis da tarde do dia 23 de Fevereiro, tinha início este febril e cruel Plenário, ensombrado pela morte de Sergo, a execução de Piatakov, a multiplicação das detenções e a efervescente sede de sangue do público, acicatada pelos *media*. Se houve algum momento em que Estaline emergiu como ditador, com poderes de vida e de morte, foi aquele. Iezhov abriu as hostilidades com um selvagem ataque a Bukharine e à sua greve de fome.

– Não me suicidarei – respondeu Bukharine –, porque as pessoas dirão que o fiz para prejudicar o partido. Mas se eu morresse, digamos, de uma doença, que teriam vocês a perder?

– Chantagista! – gritaram várias vozes.

– Miserável! – gritou Vorochilov ao seu ex-amigo. – Cala essa boca! Patife! Como te atreves a falar assim?

– É muito difícil para mim continuar a viver.

---

\* Ekaterina Vorochilova escreveu, vinte anos mais tarde, no seu diário: talvez Zinaida «tivesse razão e Ordzhonikidze fosse um homem com uma grande alma, mas, a este respeito, tenho a minha própria opinião». Eteri, a filha de Sergo, recordava como Estaline aparecera um par de vezes, para confortar a viúva, e depois disso mais ninguém os visitara. Só Kaganovitch continuava a aparecer. Anos mais tarde, Khrushchev elogiou Sergo, em Kuntsevo. Béria falou dele insultuosamente. Estaline nada disse. Mas quando safram, Malenkov chamou Khrushchev à parte: «Escuta, por que falaste tão imprudentemente a respeito de Sergo? Ele suicidou-se... Não sabias? Não reparaste como o ambiente ficou contrafeito depois de teres pronunciado o nome dele?» Apesar de tudo isto, a cidade de Vladikavkaz, no Cáucaso, mudou de nome para Ordzhonikidze.

— E é fácil para nós? — interveio Estaline. — Na verdade, estás sempre a lamuriar-te.

— Abusaste da confiança do partido! — declamou Andreiev. Este rancor encorajou outros membros mais destacados a provarem a sua lealdade.

— Não me parece que haja qualquer razão para continuarmos a debater esta questão — declarou I. P. Zhukov (nenhum parentesco com o marechal). — Esta gente merece ser fuzilada como os [outros] miseráveis foram fuzilados!

O ataque era tão raivoso que os líderes o acolheram com gargalhadas: no meio daquela caça às bruxas, era talvez um alívio poder rir. Mas houve mais piadas. Bukharine protestou, em tom de troça, que os testemunhos contra ele eram falsos:

— A procura gera oferta. Isto significa que aqueles que prestam testemunho sabem qual é o ambiente geral!

Mais risos. Mas de nada serviu: uma comissão de potentados, encabeçada por Mikoian, reuniu para decidir a sorte de Bukharine e Rikov, mas quando estes regressaram, ao cabo de várias noites sem dormir, ninguém quis apertar-lhes a mão. Ainda antes de Iezhov avançar para o golpe final, Estaline espicaçou Bukharine:

— Bukharine está em greve de fome. A quem é dirigido o teu ultimato, Nikolai? Ao Comité Central?

— Estão a preparar-se para me expulsar do partido.

— Pede perdão ao Comité Central.

— Não sou o Zinoviev nem o Kamenev e não mentirei a respeito de mim mesmo.

— Se não confessares — disse Mikoian —, estarás só a provar que és um lacaio dos fascistas.

Os «lacaios» esperaram em casa. No antigo apartamento de Estaline e Nádia, no Potechny, Bukharine trabalhava freneticamente numa carta dirigida a um futuro Comité Central e à Posteridade, pedindo à sua bonita esposa, Ana, que tinha apenas vinte e três anos, que a decorasse. «Uma e outra vez, Nikolai Ivanovitch leu-me aquela carta num murmúrio, e eu tinha de repeti-la», escreveu ela. «Depois, li-a e reli-a eu própria, vezes sem conta, repetindo baixinho as frases. Como ele me apertava o braço quando eu me enganava!»

Do outro lado do rio, no seu apartamento na Casa do Cais, Rikov só conseguia dizer: «Vão mandar-me para a prisão!» A mulher sofrera uma trombose, quando os ataques contra ele se tinham tornado cada vez mais virulentos. Natalya, a dedicada filha de vinte e um anos, ajudava-o a vestir-se todos os dias, para ir ao Plenário — como a mãe antes fazia.

A comissão votou a sorte de ambos. Muitos dos devotos de Estaline, como Khrushchev, queriam um julgamento «mas sem a aplicação da pena de morte». Iezhov, Budeny e Postichev, ele próprio já debaixo de fogo, votaram pela morte. Molotov e Vorochilov apoiavam servilmente «a sugestão do camarada Estaline», que era enigmática, uma vez que o seu voto originariamente sugerira «exílio», mas depois fora alterado, à mão, para «Transferir o caso para o NKVD».

Bukharine e Rikov foram chamados. Ambos enfrentavam o pânico angustiado e a dor imensa do último adeus. Rikov pediu à filha que ligasse a Poskrebichev, para ficar a saber o que lhe estava reservado.

— Quando precisar dele — respondeu Poskrebichev —, enviarei um carro.

Ao fim da tarde, o sinistro arauto da morte telefonou:

— Vou mandar o carro.

Natalya ajudou o adorado pai a vestir fato, gravata, colete e sobretudo. Ele nada disse enquanto desciam no elevador até ao vestíbulo e saíram para o cais. Quando olharam para o Kremlin, viram a limusina preta. Pai e filha voltaram-se um para o outro. Trocaram um desajeitado aperto de mão e em seguida beijaram-se formalmente, à la russe, três vezes na cara. Sem uma palavra, «o meu pai entrou naquele carro que se afastou em direcção ao Kremlin». Natalya nunca esqueceu aquele momento: «E nunca mais voltei a vê-lo... a não ser nos meus sonhos.»

Quando Poskrebichev ligou para Bukharine, Ana «começou a dizer adeus», nesse dilacerante momento de separação definitiva que havia de ser partilhado por milhões de pessoas nos anos seguintes. Poskrebichev voltou a ligar: o Politburo estava à espera, mas Bukharine não tinha pressa. Caiu de joelhos diante da jovem Ana: «Com lágrimas nos olhos, pediu perdão pela minha vida arruinada. Mas pediu-me que criasse o nosso filho como bolchevique, “um bolchevique sem falhas”, disse por duas vezes.» Obrigou-a a jurar que entregaria ao partido a carta que decorara: «És nova, hás-de viver o suficiente para ver.» Pôs-se então de pé, abraçou-a, beijou-a e disse: «Não fiques zangada, Aniutka. Na História, há sempre gralhas irritantes, mas a verdade prevalecerá.»

«Soubemos», escreveu Ana, «que nos despedíamo para sempre.» Tudo o que ela pôde dizer foi: «Não mintas a respeito de ti mesmo, mas isto era pedir demasiado.» Enfiando o casaco de couro, Bukharine afastou-se pelos caminhos que rodeiam o Grande Palácio do Kremlin.

Momentos mais tarde, Boris Borman, um chekista à moda antiga, gordo, ostentoso, vestindo «um fato elegante», com grossos anéis nos dedos e uma unha muito comprida, chegou com os homens do NKVD para revistar o apartamento. Entretanto, no Plenário, Estaline propunha que os dois fossem «entregues ao NKVD».

— Alguém deseja falar? — perguntou Andreiev. — Não. Há outras propostas além da apresentada pelo camarada Estaline? Não. Votemos... Votos contra? Nenhum. Abstenções? Duas. A resolução é aprovada com duas abstenções... Bukharine e Rikov.

Os dois homens, que em tempos tinham governado a Rússia juntamente com Estaline, foram presos e abandonaram o Plenário. Bukharine deu esse passo que era como cair um milhar de quilómetros: num instante, vivia no Kremlin, com carros, *dachas* e criados; no instante seguinte, passava os portões da Lubianka, a entregar as suas posses, a ser obrigado a despir-se, a passar pela humilhação de lhe examinarem o recto, a receber de novo as roupas sem cinto nem atacadores dos sapatos, e então a ser encerrado numa cela com o habitual bufo para o provocar. Mas não foi torturado.

Ana Larina, a semiparalisada mulher de Rikov, e a filha, Natalya, foram presas pouco depois e cumpriram quase duas décadas de trabalhos forçados.\*

Esta terrível reunião desferiu ainda outros golpes: Iezhov atacou Iagoda. Molotov, baseando-se no relatório de Sergo, referiu 585 sabotadores na Indústria Pesada; Kaganovitch perorou empolgadamente a respeito de «desmascarar» os Inimigos nos caminhos-de-ferro.

Estaline usou a «heróica denunciante» de Kiev, Polia Nikolaenko, para atacar o potentado ucraniano Postichev. Exaltou-a como «simples membro do partido» que Postichev trata «como se fosse uma incómoda mosca (...). Por vezes, as pessoas mais simples estão muito mais perto da verdade do que certos altos exemplos.» Postichev foi transferido para outro cargo, mas não foi preso. O aviso era claro: nenhum «príncipe» do Politburo e respectivo «grupo familiar» podia considerar-se a salvo. «Nós, os velhos membros do Politburo, não tardaremos a sair de cena», explicou Estaline, ominosamente. «É a lei da natureza. Gostaríamos de ter algumas equipas de substituição.»

Estaline, político e homem, estava soberbamente equipado para a constante exacerbção da luta que definiu no seu credo de Terror: «Quanto mais longe formos, mais êxito teremos, mais furiosos ficarão os remanescentes das classes exploradoras destruídas e mais depressa recorrerão a formas extremas de luta.»

\* \* \*

Iezhov meteu ombros à tarefa de transformar o NKVD numa «seita secreta» de carascos sagrados. Mandou funcionários de Iagoda inspecionar as províncias e então prendeu-os no comboio. Seriam executados três mil chekistas. Pauker, o chefe da Segurança, e Redens, cunhado de Estaline, permaneceram nos seus postos. Entre 19 e 21 de Março, Iezhov chamou os chekistas que restavam ao Clube de Oficiais. Ali, o diminuto comissário-geral anunciou que Iagoda era um espião alemão desde 1907 (quando aderira ao partido), além de ser um ladrão corrupto. E referiu absurdamente a sua própria pequenez: «Posso ser pequeno em estatura, mas as minhas mãos são fortes... as mãos de Estaline.» A matança seria deliberadamente aleatória. «Vai haver algumas vítimas inocentes nesta luta contra os agentes fascistas», disse-lhes Iezhov. «Estamos a lançar uma ofensiva geral contra o Inimigo; que não haja ressentimentos se empurramos alguém com o cotovelo. Antes sofram dez inocentes do que um só espião consiga fugir. Quando cortamos lenha, as lascas voam.»

---

\* Natalya Rikova sobreviveu quinze anos nos campos de trabalhos forçados junto ao mar Branco, graças «à beleza da natureza que via todos os dias nas florestas e à bondade das pessoas, porque havia mais pessoas boas do que pessoas más». O autor agradece a Natalya Rikova, hoje com oitenta e dois anos, indomita e a viver em Moscovo, que generosamente lhe contou a sua história, sem azedume mas com lágrimas a correrem-lhe pelas faces. Ana Larina foi separada dela e do filho de Bukharine, mas também ela sobreviveu e escreveu as suas memórias.

A CHACINA DOS GENERAIS,  
A QUEDA DE IAGODA E A MORTE DE UMA MÃE

Iezhov «descobriu» que Iagoda tentara envenená-lo salpicando com mercúrio os cortinados do seu gabinete. Mais tarde, soube-se que tinha sido ele próprio a simular o ataque. Mesmo assim, Iagoda foi preso no seu apartamento do Kremlin ainda antes de o Politburo ter dado a ordem formal. O poder do Politburo estava oficialmente delegado nos chamados «Cinco»: Estaline, Molotov, Vorochilov, Kaganovitch e Iezhov, apesar de este último nem sequer ser membro.

A busca passada às residências de Iagoda – tinha dois apartamentos no Centro de Moscovo e uma luxuosa *dacha* – revelou, no inventário então feito, o deboche da elite do NKVD. A colecção pornográfica que reunira continha 3094 fotografias e 11 filmes. A sua carreira como mulherengo era amplamente ilustrada pelas roupas femininas que conservava no apartamento e poderiam convencer qualquer pessoa de que, em vez de um corpo policial, geria uma *boutique* de *lingerie*. A verdade, porém, é que nunca os chefes do NKVD conseguiram resistir a explorar o seu poder. Havia 9 casacos de senhora estrangeiros, 4 casacos de pele de esquilo, 3 capas de pele de foca, outra de astracã, 31 pares de sapatos de senhora, 91 boinas de senhora, 22 chapéus de senhora, 130 pares de meias de seda estrangeiras, 10 cintos de senhora, 13 malas de mão, 11 fatos de senhora, 57 blusas, 69 camisas de noite, 31 coletes de senhora, mais 70 pares de meias de seda, 4 xales de seda – além de uma colecção de cachimbos e boquilhas pornográficos e um pénis artificial de borracha.

Finalmente, havia o macabro fetichismo das duas balas etiquetadas que tinham sido extraídas dos crânios de Zinoviev e Kamenev. Como relíquias sagradas numa depravada distorção da sucessão apostólica, Iezhov herdou-as, conservando-as no seu gabinete.

Iagoda, acusado de tráfico de diamantes e de corrupção, implicou obedientemente a geração seguinte de vítimas, guiado por Iezhov, o qual se certificou de que os seus protegidos ficavam de fora antes de os depoimentos serem enviados a Estaline. Três semanas depois de ter iniciado os interrogatórios, a 2 de Abril, Iezhov comunicava a Estaline que Iagoda admitia ter encorajado Rikov a resistir ao partido, no final dos anos 20: «Podes agir. Não te toco.» Em seguida, denunciou Pauker e confessou ter espalhado mercúrio nos cortinados do «Amora». Mas, muito mais importante do que tudo isto, Iagoda acusava Abel Ienukidze de ter planeado um golpe em conluio com o marechal Tukatchevski, o velho inimigo de Estaline nos tempos da Guerra Civil. Quando foi julgado, com Bukharine e Rikov, Iagoda tinha confessado o assassinato médico de Gorki e do filho e o assassinato de Kirov.

No seu inferno privado, sabia que a família e os amigos enfrentavam a destruição juntamente com ele: a regra, no mundo de Estaline, era que quando um homem caía, todos os que estivessem relacionados com ele, fossem amigos, amantes ou protegidos, caíam também. O sogro e o cunhado foram fuzilados pouco depois, bem como o seu *salon* de escritores. A irmã e os pais foram exilados. O pai de Iagoda escreveu a Estaline, renegando o «nossa único filho sobrevivo» pelos seus «graves crimes». Dois outros filhos tinham dado a vida pelo bolchevismo, numa outra época. Agora, aos setenta e oito anos, o joalheiro de Nijni Novgorod ia perder o terceiro. Tanto ele como a mulher morreram nos campos.

Iagoda pareceu passar por uma espécie de conversão damascena. «Pela primeira vez na minha vida, vou ter de dizer toda a verdade a respeito de mim mesmo», suspirou o cansado chekista, como se fosse um alívio. Vladimir Kirshon, o autor que Estaline aconselhou em matéria de trabalho e que seria fuzilado pouco depois, foi o escolhido para fazer o papel de bufo. Iagoda perguntou o que se comentava na cidade a seu respeito, dizendo tristemente:

«Só quero perguntar-lhe como está a Ida [a mulher] e a Timocha [a amante, nora de Gorki], o bebé, a minha família, e ver algumas caras familiares antes de morrer.» Falava da morte. «Se tivesse a certeza de que me deixavam viver, suportaria o fardo de ter confessado o assassinato» de Gorki e do filho. «Mas é muito duro declará-lo historicamente diante de toda a gente, sobretudo da Timocha.» Ao seu interrogador, disse: «Podes pôr no teu relatório para o Iezhov que eu disse que afinal sempre deve haver um Deus. De Estaline, não merecia outra coisa senão gratidão pelo meu fiel serviço; de Deus, mereço o mais severo castigo por ter violado os seus mandamentos milhares de vezes. Agora, vê onde eu estou e julga por ti mesmo: há ou não há um Deus?»

A beladona de Iagoda deu frutos fatais: o cabeleireiro húngaro e favorito das crianças do Kremlin, Pauker, de quarenta e quatro anos, foi preso a 15 de Abril, culpado de saber de mais e de viver demasiado bem: Estaline deixara de confiar em chekistas à moda antiga com ligações ao estrangeiro. Pauker foi discretamente executado a 14 de Agosto de 1937 – o primeiro cortesão a morrer. Também Ienukidze foi preso e executado a 20 de Dezembro. O NKVD pertencia agora a Estaline, que se voltou para o exército.

\* \* \*

Na noite de 1 de Maio de 1937, depois do desfile do Primeiro de Maio, houve a festa habitual em casa de Vorochilov, mas o ambiente estava efervescente com sede de sangue e tensão. Budeny<sup>\*</sup> recordaria como Estaline falou abertamente da «limpeza» que ia em breve atingir o seu círculo mais íntimo: era tempo, disse, «de acabar com os nossos inimigos, porque eles estão no exército, entre o pessoal, até no Kremlin». Tem sido frequentemente afirmado que Estaline planeou o Terror sozinho com Iezhov e Molotov: isto prova que, mesmo socialmente, ele dizia abertamente a todo o seu círculo, dos médicos aos membros do Politburo, que se preparavam para «acabar» com os seus inimigos espalhados por todo o regime. «Temos de acabar com eles sem olhar a caras.» Budeny calculou que se referia ao marechal Tukatchevski e a outros comandantes do escalão mais elevado, como Jonas Iakir e Jan Garmarnik (todos eles tinham feito parte do grupo que assistira ao desfile do alto do Mausoléu, nessa manhã). Budeny afirma ter esperado que não fosse verdade. No entanto, os arquivos mostram que ele e Vorochilov andavam, havia mais de um ano, a exortar Estaline a «destruir» os seus inimigos no Exército Vermelho. É muito provável que os convidados de Vorochilov, mais do que apoiassem Estaline, o encorajassem entusiasticamente: um ano antes, por exemplo, Vorochilov enviara a Estaline um relatório dos Serviços Secretos sobre as comunicações entre a embaixada alemã em Moscovo e Berlim, segundo as quais Tukatchevski deixara subitamente de ser um «francófilo» e mostrava agora «um grande respeito pelo exército alemão».

Tukatchevski, o homem que Estaline odiava e que era talvez o seu melhor general, seria, naturalmente, o primeiro e principal alvo. Este «aristocrata refinado, bem-parecido, inteligente e competente», como Kaganovitch o descrevia, não suportava gente estúpida, razão bastante para que Vorochilov e Budeny o detestassem. O gaboso Don Juan tinha uma presença tão forte e carismática que Estaline lhe dera a alcunha de «Napoleonchik», enquanto Kaganovitch parafraseava o dito de Bonaparte: «Tukatchevski escondeu na sua mochila o bastão de Napoleão.»

Era tão impiedoso como qualquer outro bolchevique, capaz de usar gases venenosos contra os camponeses revoltados. Em finais da década de 20 e início da de 30, este «empresário de ideias militares», como um historiador recente lhe chama, advogava uma enorme expansão do Exército Vermelho e a criação de forças mecanizadas que seriam utilizadas naquilo a que chamava «operações em profundidade»: compreendia a era dos *Panzers* e do poder aéreo, o que o fazia entrar em conflito com os amigalhaços de Estaline, ainda a viver no tempo das cargas de cavalaria e dos comboios blindados. Estaline tentara acusá-lo de traição, em 1930, mas Sergo, entre outros, opusera-se,

---

\* Semyon Budeny publicaria as suas convencionais e cautelosas memórias muito depois da morte de Estaline, mas as suas notas pessoais, sessenta e seis páginas maioritariamente inéditas e conservadas pela filha, proporcionam-nos vislumbres fascinantes da época. Estou grato a Nina Budeny por me ter permitido usá-las.

ajudando-o a reaparecer como comissário-adjunto da Defesa. Houve, porém, um outro choque, em Maio de 1936, com o susceptível e vingativo Vorochilov, o qual ficou tão enfurecido com as mais do que justificadas críticas de Tukatchevski que gritou, de cabeça perdida: «Vá-se foder!» Fizeram as pazes, mas foi precisamente por esta altura que o primeiro dos generais do Exército Vermelho foi preso e interrogado com o objectivo de implicar Tukatchevski. Durante o julgamento de Janeiro, foram referidos outros generais. Iagoda, Ienukidze e os generais incriminados atiraram novas achas para esta fogueira.

A 11 de Maio, Tukatchevski foi demitido de comissário-adjunto e relegado para o Distrito do Volga. A 13, Estaline pousou a mão no ombro dele e prometeu-lhe que em breve estaria de regresso a Moscovo. Cumpriu a sua palavra, uma vez que, a 22, Tukatchevski foi preso e levado para a capital. Iezhov e Vorochilov orquestraram a prisão de praticamente todo o alto-comando.

Iezhov assumiu pessoalmente o controlo dos interrogatórios. Numa reunião com Estaline, Vichinski quis fazer-se notar recomendando o recurso à tortura.

«Vê por ti mesmo», ordenou Estaline ao «Amora», que se apressou a regressar à Lubianka para assistir às agoniais do marechal, «mas o Tukatchevski tem de ser obrigado a contar tudo (...). É impossível ter agido sozinho.» Tukatchevski foi torturado.

No meio de todo este drama, a mãe de Estaline morreu, a 13 de Maio de 1937, com setenta e sete anos. Três professores e dois médicos assinaram a certidão de óbito. Causa da morte: esclerose cardíaca. Poskrebichev aprovou o anúncio oficial.\* Estaline escreveu pelo seu próprio punho, em georgiano, o texto que constaria da coroa de flores. Dizia: «Querida e amada mãe, do filho José Djugachvili.» Ao usar o seu nome original, queria talvez sublinhar a distância entre Soso e Estaline. Envolvido na conjura contra Tukatchevski, não assistiu ao funeral: Béria, a mulher e o filho, Sergo, presidiram em sua representação, mas mais tarde Estaline fez perguntas sobre a cerimónia, como que sentindo-se culpado por não ter estado presente.

Poucos dias depois, enquanto Iezhov andava num corrupio entrando e saindo do gabinete de Estaline, Tukatchevski, completamente desfeito, confessou que Ienukidze o recrutara em 1928 e que era um agente alemão conluiado com Bukharine para tomar o poder. A confissão, que subsiste nos arquivos, está salpicada de gotas castanhas que se comprovou serem de sangue espalhado por um corpo em movimento.

Estaline teve de convencer o Politburo da culpa do soldado. Iakir, um dos comandantes detidos, era grande amigo de Kaganovitch, que foi chamado ao Politburo e interrogado por Estaline a respeito desta amizade. Kaganovitch recordou-lhe que tinha sido ele a insistir na promoção de Iakir, ao que o *Vozhd* respondeu: «Certo, lembro-me (...). O assunto está encerrado.» Confrontado com as espantosas confissões arrancadas

---

\* O apartamento de Keke continha bustos de Estaline e retratos de Lenine e de Estaline. Possuía 505 rublos em títulos, mas deixou 42 rublos e 20 *kopeks* em dinheiro e 4533 rublos às amigas, além de bilhetes de lotaria no valor de 3 rublos. No quarto, havia vários maços de cigarros, mais retratos de Estaline e, reveladoramente, de Béria.

aos generais à força de pancada, Kaganovitch acreditou que «havia uma conspiração de oficiais». Também Mikoian era amigo de muitos dos detidos. Estaline leu-lhe excertos do depoimento em que Uborevitch confessava ser um espião alemão:

– É incrível – disse Estaline –, mas é um facto, eles admitem-no. – Até rubricaram todas as páginas, para evitar «falsificações».

– Conheço muito bem o Uborevitch – disse Mikoian. – É um homem honesto.

Estaline tranquilizou-o, prometendo que seriam os próprios militares a julgar os generais:

– Conhecem o caso e saberão distinguir o verdadeiro do falso.

Estaline atirou o vice-primeiro-ministro Rudzutak para este caldo talvez *pour encourager les autres*, o primeiro membro do Politburo (mais exactamente, candidato a membro) a ser preso. «Participava em demasiadas festas com amigos filisteus», recordava Molotov, o que, em bolcheviques, significava amigos cultos. Tendo-se tornado uma espécie de *bon vivant*, «mantinha as distâncias em relação a nós». Exemplo típico dos aliados de Estaline nos anos 20, não era de confiança, tendo chegado ao ponto de acusar o *Vozhd* de o caluniar logo a seguir ao assassinio de Kirov. «Estás enganado, Rudzutak», respondera-lhe Estaline. Foi preso quando jantava com um grupo de actores. Diz-se que as mulheres ainda usavam os farrapos dos seus vestidos de baile na Lubianka, semanas mais tarde. «Estava envolvido (...), misturado sabe o diabo com que tipo de pessoas, com mulheres (...)", disse Molotov, e, acrescentou Kaganovitch, «raparigas muito novas». Talvez tenha sido executado por ser sociável. No entanto, explicou Molotov, «acredito que não fosse conscientemente participante [numa conspiração]», mas era culpado, de todos os modos: «Não se deve agir com base em impressões pessoais. Ao fim e ao cabo, tínhamos provas materiais que o incriminavam.» O NKVD começou então a prender muitos dos Velhos Bolcheviques, especialmente aqueles obstinados «peidos velhos» georgianos que se tinham oposto a Estaline.

Ao princípio, a liderança era de facto chamada a pronunciar-se sobre as detenções, de acordo com a tradição do partido: os votos assinados que subsistem nos arquivos captam bem o vil frenesi deste processo. Normalmente, os líderes limitavam-se a votar «A favor», ou «Concordo», mas por vezes, na ânsia de mostrar a sede de sangue que os animava, acrescentavam exclamações raivosas:<sup>\*</sup> «Incondicionalmente sim», escreveu Budeny quando das detenções de Tukatchevski e de Rudzutak. «É preciso acabar com esta escumalha.» O marechal Iegorov, cuja esposa actriz (com quem Estaline namoriscara durante o jantar fatal de Novembro de 1932) estava já sob investigação, escreveu: «Todos estes traidores devem ser varridos da face da Terra como inimigos hostis e miserável escumalha.»

\* Por vezes, apercebiam-se de que não tinham sido suficientemente sanguinários, e daí Veinberg ter escrito: «Hoje, quando votei a favor da expulsão de Rudzutak e de Tukatchevski do Comité Central, lembrei-me de que ao votar a favor da expulsão de (...) Eliava e de Orakelachvili, me esqueci accidentalmente de acrescentar as palavras “e a remoção dos seus processos para o NKVD”, por isso informo que voto a favor da expulsão de todos estes traidores mas também da remoção dos seus processos para o NKVD.»

A 1 de Junho, Estaline, Vorochilov e Iezhov reuniram mais de uma centena de comandantes no Kremlin e deram-lhes a notícia de que o alto-comando era maioritariamente constituído por agentes alemães. Vorochilov denunciou a existência desta «organização conspirativa fascista contra-revolucionária», admitindo que ele próprio era próximo dos conspiradores. Era culpado de não ter querido acreditar! No dia seguinte, Estaline falou, lançando um miasma de mistério sobre a aterrorizada assembleia:

«Espero que ninguém duvide de que existia uma conspiração político-militar», ameaçou, explicando que Tukatchevski fora subornado por Trotski, Bukharine, Rikov, Ienukidze, Iagoda e Rudzutak. Como em qualquer bom romance de espionagem, lembrou-se de *chercher la femme*, jogando com o donjuanismo de Tukatchevski e Ienukidze: «Há uma hábil e experiente espia na Alemanha, em Berlim (...), Josephine Heinze (...), é uma mulher muito bela (...). Foi ela que recrutou o Ienukidze. E ajudou a recrutar o Tukatchevski.» Vários dos oficiais presentes foram detidos durante a reunião, pelo que não admira que os sobreviventes tenham apoiado Estaline.

Vorochilov deliciava-se na sua vingança. «Nunca confiei no Tukatchevski, nunca confiei particularmente no Uborevitch (...), eram uns miseráveis (...), declarou perante o Comissariado da Defesa, acrescentando alguns pontos à história de depravação sexual inventada por Estaline. «Camaradas», disse, «ainda não purgámos todos. Pessoalmente, não duvido de que haja pessoas que pensavam que estavam apenas a falar, mais nada. “Seria uma boa coisa matar o Estaline e o Vorochilov”, diziam, em conversa (...). O nosso governo vai exterminar essas pessoas.»

«Certo!», gritou a audiência, aplaudindo.

«Eram degenerados», continuou Vorochilov. «Sujos nas suas vidas privadas!»

A 9 de Junho, Vichinski interrogou os acusados e relatou o sucedido por duas vezes a Estaline, chegando ao «Cantinho» às 10:45. O Politburo reviu os apelos dos oficiais, passando-os à volta da mesa. No de Iakir, Estaline escreveu: «Um patife e uma prostituta.» «Uma descrição exactamente precisa», acrescentou bajuladoramente Vorochilov. Molotov assinou, mas Kaganovitch quase que dançou em cima da sepultura do amigo:

«Para este traidor, filho de uma cadela (...), só há um castigo possível: a execução.»

A 11, o Supremo convocou um tribunal militar especial para julgar os «traidores». O reptiliniano Ulrikh representava o Colégio Militar, mas os juízes-chave eram os próprios marechais. Budeny mostrou-se um dos mais activos, acusando-os de «sabotagem» ao proporem a formação de divisões blindadas.

– Sinto que estou a sonhar – comentou Tukatchevski ao ouvir as acusações.

Não se falou de Josephine, a bela espia alemã. Ominosamente, muitos dos generais foram acusados de servir uma «segunda pátria», sendo Iakir um judeu da Bessarábia. A maior parte dos juízes estava aterrorizada: «Amanhã, estarei eu naquele lugar», disse um deles, o comandante de corpo Belov, aos amigos. (E tinha razão.) Foram todos condenados à morte, às 23:35 daquele dia. Ulrikh correu a comunicar o resultado a Estaline, que esperava com Molotov, Kaganovitch e Iezhov e nem sequer examinou as

sentenças. «Concordo», foi tudo o que disse. Iezhov regressou com Ulrikh para supervisionar as execuções, que ocorreram na manhã de 12 de Junho. Como sempre, Estaline mostrou-se sadicamente curioso.

– Quais foram as últimas palavras de Tukatchevski? – perguntou a Iezhov.

– A cobra disse que era devotado à Pátria e ao camarada Estaline. Pediu clemência. Mas era óbvio que não estava a ser sincero, não tinha deposto as armas.

Todos os juízes acabaram por ser executados, excepto Ulrikh, Budeny e Chapochnikov. Se Budeny tinha algumas dúvidas a respeito de apoiar o Terror, o NKVD chegou para o prender pouco depois do julgamento. Empunhando uma pistola, ameaçou matar os chekistas, enquanto telefonava a Estaline, que cancelou a ordem de detenção. A mulher não teve tanta sorte.

Vorochilov desencadeou uma purga maciça no exército, exigindo pessoalmente a detenção de trezentos oficiais em cartas dirigidas ao NKVD.\* A 29 de Novembro de 1938, gabava-se de que 40.000 tinham sido presos e 100.000 novos oficiais promovidos. Três dos cinco marechais, quinze dos dezasseis comandantes, sessenta dos sessenta e sete comandantes de corpo e todos os dezassete comissários foram executados. Estaline encorajava vigorosamente a caça às bruxas durante reuniões informais com oficiais:

– Ainda não sabemos se podemos ou não falar abertamente de Inimigos do Povo...  
– observou o comandante Laukhin.

– Falar publicamente? – perguntou Estaline.

– Não, aqui, internamente.

– Devemos falar, é obrigatório! – respondeu Estaline.

Os comandantes discutiram casos individuais:

– O Gorbatov anda preocupado – informou Kulikov, comandante de divisão na Ucrânia.

– Está assustado? – quis saber Estaline.

O exército fora a última força capaz de travar Estaline, razão suficiente para a destruição do seu alto-comando. É possível que os generais soubessem do cadastro de Estaline como agente duplo da Okhrana e estivessem a pensar tomar medidas. A explicação habitual é que a desinformação alemã convenceu Estaline de que estavam a planejar um golpe. O chefe dos Serviços Secretos de Hitler, Heydrich, teria fabricado provas que fizera chegar a Estaline através do bem-intencionado presidente checo, Benes. Mas não foram usadas quaisquer provas alemãs no julgamento de Tukatchevski... nem foram necessárias. Estaline não precisava da desinformação alemã nem dos misteriosos arquivos da Okhrana para o persuadir a destruir Tukatchevski. Ao fim e ao cabo, já considerara a ideia em 1930, três anos antes de Hitler subir ao poder. Além disso, Estaline

---

\* Uma nota tipicamente sinistra de Vorochilov para Iezhov dizia o seguinte: «N(ikolai) I(vanovitch) Nikolaiev perguntou se Urtski devia ser preso. Quando podem ir buscá-lo? Já conseguiram levar o Slavin e o Bazenkov. Seria bom se conseguissem apanhar também o Todorovski (...). KV.» Todos os nomeados, com exceção de Todorovski, foram executados.

e os que o rodeavam estavam convencidos de que os oficiais não mereciam confiança e deviam ser fisicamente exterminados à mais pequena suspeita. Estaline recordava a Vorochilov, numa nota sem data, os oficiais detidos no Verão de 1918. «Aqueles oficiais», escreveu, «que queríamos fuzilar em massa.» Nada mudara.

Vorochilov foi ajudado nesta chacina por um homem que personificou a tragédia prestes a abater-se sobre o Exército Vermelho. Estaline e Iezhov planearam a publicidade com o editor do *Pravda*, Lev Mekhlis, um dos mais extraordinários dos seus cortesãos e que agora explodia na cena nacional, transformado de flagelo dos *media* em Mefistófeles militar, comparado a um «tubarão» ou a um «demónio sombrio». Até Estaline lhe chamava «fanático», tinha dificuldade em contê-lo e gostava de contar histórias a respeito do seu «ridículo zelo».

Com uma plumagem de cabelos negros que parecia um nimbo e um rosto pontiagudo, de ave, Mekhlis desempenhou, à sua maneira, um papel tão importante como os de Molotov ou Béria. Nascido em Odessa, em 1889, de pais judeus, deixou a escola com catorze anos, mas só aderiu aos bolcheviques em 1918, depois de ter trabalhado para o Partido Social-Democrata Judeu. Serviu, no entanto, como um implacável comissário na Crimeia, durante a Guerra Civil, executando milhares de inimigos. Conheceu Estaline durante a campanha da Polónia, tornando-se um dos seus assistentes, aprendendo todos os segredos. Dedicado ao «meu querido camarada Estaline», para quem trabalhou com um frenesi neurótico e arrepiante, era demasiado enérgico e talentoso para permanecer escondido nos bastidores, como Poskrebichev. Casado com uma médica judia, colocou um retrato de Lenine, com uma fita vermelha, no berço do filho e registava as reacções daquele Homem Novo num diário especial. Em 1930, Estaline nomeou-o editor do *Pravda*, onde a maneira como tratou os escritores foi impressionantemente brutal.\*

Mekhlis, que deixara o exército czarista como soldado artilheiro, foi agora promovido a comissário-adjunto da Defesa, chefe do respectivo Departamento Político, abatendo-se sobre o exército como um galopante cavaleiro do Apocalipse. Estaline e os seus Cinco imaginaram então uma espantosa lotaria de matança destinada a liquidar toda uma geração.

---

\* Pouco depois do anúncio da execução dos generais, Mekhlis descobriu que o «poeta proletário», Demian Bedni, resistindo às ordens, compunha secretamente versos dânticos sob o pseudónimo de Conrad Rotkeempfer. Escreveu de imediato a Estaline: «Que devo fazer? Ele explica que é o seu estilo literário.» Estaline respondeu com mordaz sarcasmo: «Respondo com uma carta que pode mostrar ao Demian. Ao novo aparente Dante, aliás Conrad, oh!, na verdade a Demian Bedni, a fábula ou poema "Luta ou Morre" é medíocre. Como crítica ao fascismo, é pouco original e baça. Como crítica à construção soviética (não estou a brincar) é tola mas transparente. É lixo, mas uma vez que nós [o povo soviético] temos por aí muito lixo, devemos aumentar a oferta de outros tipos de literatura com uma nova fábula (...). Compreendo que devo pedir desculpa a Demian-Dante pela minha franqueza.» Mekhlis guardava as cartas de Estaline num cofre, de onde as tirava para impressionar os jornalistas, perguntando-lhes se reconheciam a letra. «A meio da noite de 21 de Julho», comunicou urgentemente a Estaline, «convidei Bedni para criticar o seu poema» e para lhe ler a arrasadora carta do *Vozhd*. Bedni limitou-se a dizer: «Estou louco (...), talvez esteja demasiado velho. Talvez o melhor seja ir para o campo cultivar couves.» Até este comentário pareceu suspeito a Mekhlis, que aflorou a ideia de prender o poeta: «Talvez esteja implicado.» Estaline ignorou-a. Bedni foi afastado do círculo do líder, mas continuou livre, falecendo em 1945.

Nem sequer especificavam os nomes, limitavam-se a atribuir quotas de mortes aos milhares. A 2 de Julho de 1937, o Politburo ordenou aos secretários locais que detivessem e fuzilassem os «elementos anti-soviéticos mais hostis», que seriam sentenciados por *troikas*, tribunais constituídos por três homens que geralmente incluíam o secretário local do partido, o procurador e o chefe do NKVD.

O objectivo era «acabar de uma vez por todas» com os Inimigos, e os que era impossível educar no socialismo, de modo a apressar a eliminação das barreiras de classe e consequentemente trazer o paraíso para as massas. Esta solução final era uma chacina que fazia sentido em termos da fé e do idealismo do bolchevismo, uma religião baseada na destruição sistemática das classes. O princípio de ordenar assassinios como se fossem quotas industriais do Plano Quinquenal era, portanto, natural. Os pormenores pouco importavam: se a destruição dos judeus por Hitler foi um genocídio, então isto foi um democídio, a luta de classes a degenerar em canibalismo. A 30 de Julho, Iezhov e o seu adjunto, Mikhail Frinovski, propunham ao Politburo a Ordem N.º 00447, para que, entre 5 e 15 de Agosto, as regiões recebessem quotas para duas categorias: Categoria Um: fuzilada; Categoria Dois: deportada. Sugeriam 72.950 fuzilamentos e 259.450 detenções, apesar de terem deixado passar em claro algumas regiões. As regiões podiam elas próprias sugerir listas adicionais. As famílias dos deportados seriam igualmente deportadas. O Politburo confirmou esta ordem no dia seguinte.

Não tardou que esta «trituradora» ganhasse um ímpeto tal, à medida que a caça às bruxas se aproximava do seu auge e os ciúmes e ambições locais se exacerbavam, que cada vez mais carne era lançada para a máquina. As quotas foram rapidamente

preenchidas pelas regiões, que logo pediram números ainda maiores, de modo que, entre 28 de Agosto e 15 de Setembro, o Politburo concordou com o fuzilamento de mais 22.500 pessoas, primeiro, e, logo a seguir, mais 48.000. Foi nisto que o Terror mais diferiu dos crimes de Hitler, que destruíram sistematicamente um alvo limitado: judeus e ciganos. Aqui, pelo contrário, a morte era por vezes aleatória: o comentário há muito esquecido, o namoro com uma oposição, a inveja do emprego, da mulher ou da casa de outro homem, a vingança ou a simples coincidência levaram a morte e a tortura a famílias inteiras. Não importava: «É preferível ir demasiado longe a não chegar suficientemente longe», disse Iezhov aos seus homens quando a quota inicial saltou para 767.397 detenções e 386.798 execuções, famílias destruídas, crianças deixadas órfãs, nos termos da Ordem N.º 00447.\*

Simultaneamente, Iezhov atacava «contingentes nacionais» – assassinio por nacionalidade tendo por alvo grupos étnicos como os polacos e os alemães, entre outros. A 11 de Agosto, Iezhov assinou a Ordem N.º 00485 – para liquidar «os diversionistas polacos e grupos de espionagem» –, que ia significar a eliminação de quase todo o Partido Comunista Polaco, da maior parte dos polacos dentro da liderança bolchevique, de todos os que tivessem «contactos consulares» ou sociais e, claro, as respectivas mulheres e filhos. No âmbito desta operação, foram presas 350.000 pessoas (114.000 das quais polacas) e fuziladas 247.157 (110.000 polacos) – um minigenocídio. Como veremos, esta vaga atingiu com especial força o círculo íntimo de Estaline.<sup>†</sup> No total, as estimativas mais recentes, combinando quotas e contingentes nacionais, situam o número de detenções em 1,5 milhões e o número de mortos em cerca de 700.000.

«Batam, destruam sem discriminação», ordenou Iezhov aos seus carrascos. Os que dessem provas de «inércia operacional» na detenção de «formações contra-revolucionárias dentro e fora do partido (...), polacos, alemães e *kulaks*» seriam igualmente destruídos, mas, por esta altura, quase todos tentavam «ultrapassar-se uns aos outros com relatórios sobre números gigantescos de pessoas detidas». Iezhov, obviamente instruído pelos «Cinco», especificou que, «se, durante esta operação, forem fuziladas mil pessoas a mais, não fará grande mal». Uma vez que Estaline e Iezhov estavam constantemente a

---

\* Tem havido um debate entre aqueles que, como Robert Conquest, insistiam em que foi o próprio Estaline quem iniciou e supervisionou o Terror, e os chamados revisionistas, para os quais o Terror foi uma consequência da pressão de jovens burocratas ambiciosos e das tensões entre o centro e as regiões. Os arquivos provam que Conquest estava certo, embora seja verdade que as regiões ultrapassaram as suas quotas, mostrando que também os revisionistas tinham razão, apesar de não abarcarem a imagem completa. As duas visões são, portanto, complementares.

† Foram igualmente deportados 170.000 coreanos. A que se somaram, pouco depois, búlgaros e macedônios. Estaline ficou deliciado com a operação contra os polacos, escrevendo no relatório de Iezhov: «Muito bem! Continue, de futuro, a escavar e a purgar esta lama de espionagem polaca. Destrua-a no interesse da URSS!» Os polacos e os alemães foram os que mais sofreram com esta operação, mas outros grupos étnicos foram também deportados: curdos, gregos, finlandeses, estónios, iranianos, letões, chineses, retornados da via-férrea de Harbin e romenos. Exoticamente, o NKVD assassinou 6311 padres, senhores e funcionários comunistas, cerca de 4% da população do Estado-satélite da Mongólia, onde a versão local de Estaline, o marechal Choibalsang, também prendeu e mandou executar o seu Tukatchevski, o marechal Demid.

empurrar as quotas para cima, um milhar a mais aqui e ali era inevitável, mas a questão é que destruíram deliberadamente toda uma «casta». E, como o Holocausto de Hitler, isto significou um feito de gestão notável. Iezhov chegou ao ponto de especificar que arbustos deviam ser plantados para cobrir as valas comuns.

A partir do momento em que a chacina começou, Estaline quase desapareceu da vista do público, aparecendo apenas para receber crianças e delegações. Correu o rumor de que não sabia o que Iezhov estava a fazer. Estaline falou em público apenas duas vezes em 1937 e uma em 1938, cancelando todas as suas férias (só voltou a ir para o Sul em 1945). Foi Molotov quem fez o discurso de 6 de Novembro, em ambos os anos. O escritor Ilia Ehrenburg encontrou Pasternak na rua: «Parou e agitou os braços, no meio da neve que caía: “Se ao menos alguém dissesse a Estaline o que está a acontecer”.» O encenador teatral Meyerhold disse a Ehrenburg: «Eles andam a esconder isto de Estaline.» Mas o amigo de ambos, Isaac Babel, amante da mulher de Iezhov, conhecia «a chave do quebra-cabeças»: «Claro que o Iezhov faz o seu papel, mas não é ele que está por trás disto.»

Estaline era o cérebro, mas não estava sozinho. Na realidade, não é correcto nem útil assacar as culpas do Terror a um único homem, porque o assassínio sistemático tinha começado pouco depois de Lenine assumir o poder, em 1917, e nunca parou até à morte de Estaline. Aquele «sistema social baseado no derramamento de sangue» justificava o assassínio no presente com a perspectiva de uma felicidade futura. O Terror não foi apenas uma consequência da monstruosidade de Estaline, mas foi com certeza formado, expandido e acelerado pelo carácter singularmente dominador da personagem, reflectindo a sua malícia e o seu espírito de vingança. «A maior das delícias», disse ele a Kamenev, «é marcar o nosso inimigo, preparar tudo, vingarmo-nos totalmente e em seguida ir dormir.» Não poderia ter acontecido sem Estaline. E no entanto, também reflectia os ódios paroquiais da incestuosa seita bolchevique, em que os ciúmes fervilhavam desde os anos do exílio e da guerra. Estaline e a sua facção consideravam a Guerra Civil o seu melhor momento: 1937 foi um reencontro de Tsaritsyn, como Estaline chegou a recordar a um grupo de oficiais:

— Estávamos em Tsaritsyn com o Vorochilov — começou. — Uma semana mais tarde, tínhamos desmascarado [Inimigos], apesar de não sabermos de questões militares. Desmascarámo-los porque os julgámos pelo trabalho que faziam, e se os trabalhadores políticos de hoje julgarem as pessoas pelo trabalho que realmente fazem, depressa desmascararemos os Inimigos no nosso exército.

A ressurgência do antibolchevismo na Alemanha era bem real, a guerra espanhola definia novos padrões em termos de traição e brutalidade, os desastres económicos eram gritantes: os papéis de Molotov revelam que continuava a haver fome e canibalismo,\* mesmo em 1937.

\* A 14 de Abril de 1937, o procurador-geral Vichinski escreveu ao primeiro-ministro a informá-lo de um conjunto de casos de canibalismo em Cheliabinsk, nos Urales, em que uma mulher comera um filho de quatro meses, outra comera, juntamente com a filha, de treze anos, uma criança de oito, e uma terceira comera um bebé de três meses.

A corrupção dos potentados era notória: Iagoda, aparentemente, geria hotéis e traficava diamantes à custa dos fundos públicos, Iakir alugava *dachas* como um senhorio. As mulheres dos marechais, como Olga Budeny e a sua amiga Galina Iegorova, que merecera as atenções de Estaline durante o último jantar de Nádia, brilhavam em embaixadas e «salões reminiscentes das sumptuosas recepções (...) da Rússia aristocrática», com «garbosa companhia e roupas elegantes».

«Por que subiram os preços 100% e não se encontra nada nas lojas?», perguntava Maria Svanidze ao seu diário. «Onde estão o algodão, o linho e a lã quando foram distribuídas medalhas por ultrapassar os objectivos do Plano? E a construção de *dachas* privadas (...), dinheiro louco gasto em apartamentos e casas de férias?»

A responsabilidade cabe às centenas de milhares de funcionários que ordenavam ou perpetravam os assassinatos. Estaline e os potentados mandavam matar entusiasticamente, arrebatadamente, quase alegremente, e eles muitas vezes matavam muitos mais do que lhes fora dito que matassem. Nunca ninguém foi julgado por estes crimes.

Estaline era surpreendentemente franco, no seu círculo, a respeito do objectivo de «liquidar» todos os Inimigos. Segundo Budeny, disse-o muito claramente aos cúmplices, na festa do Primeiro de Maio em casa de Vorochilov. Ao que parece, gostava de comparar o seu Terror à matança dos boiardos ordenada por Ivan, o Terrível. «Quem vai lembrar-se desta escumalha daqui a dez ou vinte anos? Ninguém. Quem recorda hoje os nomes dos boiardos que Ivan, o Terrível, despachou?\* Ninguém (...). O povo tinha de saber que ele estava a desembaraçar-se de todos os seus inimigos. No fim, todos tiveram o que mereciam.»

«O povo comprehende, José Vissarionovitch, o povo comprehende e apoia-te», respondeu Molotov. Na mesma linha, disse a Mikoian: «Ivan matou muito poucos boiardos. Devia tê-los matado todos, para criar um Estado forte.» Os potentados não eram tão ignorantes da natureza de Estaline como mais tarde alegaram.

Enquanto as regiões cumpriam as suas quotas anónimas, Estaline matava também milhares que conhecia bem. Iezhov visitava-o praticamente todos os dias. No espaço de ano e meio, 5 dos 15 membros do Politburo, 98 dos 139 membros do Comité Central, 1109 dos 1966 delegados ao Décimo Sétimo Congresso tinham sido presos. Iezhov entregou 383 listas de nomes – conhecidas como «álbuns», porque muitas vezes incluíam uma foto e uma biografia resumida das vítimas sugeridas – e propôs: «Peço sanção para condená-los todos sob a Primeira Categoria.»

A maior parte das listas da morte era assinada por Estaline, Molotov, Kaganovitch e Vorochilov, mas muitas incluíam também as assinaturas de Zhdanov e Mikoian. Houve dias – 12 de Novembro de 1938, por exemplo – em que Estaline e Molotov aprovaram 3167 execuções. Geralmente, limitavam-se a escrever «A favor», VMN ou *Vishka*. Molotov admitiu: «Assinei a maior parte – na realidade todas – das listas de detenções.

\* Isto parece-se estranhamente com o comentário de Hitler a respeito do genocídio dos judeus, referindo-se à chacina dos arménios pelos turcos, em 1915: «Ao fim e ao cabo, quem é que hoje fala da matança dos arménios?»

Debatíam-nos e tomávamo-nos uma decisão. Havia sempre uma enorme pressa. Como seria possível entrar em todos os pormenores? Por vezes, eram presas pessoas inocentes. Obviamente, uma ou duas em cada dez foram detidas sem motivo, mas as restantes por boas razões.» Como Estaline dissera: «Mais vale uma cabeça inocente a menos do que hesitações na guerra.» Os dois ordenaram a morte de 39.000 pessoas. Estaline marcava as listas com notas dirigidas a Iezhov: «Camarada Iezhov, aqueles cujos nomes assinalei com "pr" devem ser detidos imediatamente, se o não foram já.» Por vezes, limitava-se a escrever: «Fuzilar todos os 138.» Quando Molotov recebia listas regionais, sublinhava unicamente os números, nunca os nomes. Kaganovitch recordava o frenesi da época: «Que emoções! Eram «todos responsáveis» e talvez «culpados de terem ido demasiado longe».

Estaline afirmava que os filhos não deviam pagar pelos pecados dos pais, mas perseguia ferozmente as famílias dos Inimigos: o que talvez reflecta a sua mentalidade caucasiana, ou apenas o incestuoso labirinto dos relacionamentos bolcheviques. «Tinham de ser isolados», explicava Molotov. «Caso contrário, espalhariam todo o tipo de queixas.» A 5 de Julho de 1937, o Politburo ordenou ao NKVD que «confinasse todas as mulheres de traidores condenados (...) em campos de trabalho por 5 a 8 anos» e que tomasse sob a protecção do Estado as crianças com menos de quinze anos: 18.000 mulheres e 25.000 crianças desapareceram no Gulag. Mas isto ainda não chegava: a 15 de Agosto, Iezhov decretou que as crianças entre um e três anos seriam recolhidas em orfanatos, mas as crianças «socialmente perigosas» entre os três e os quinze podiam ser presas, «dependendo do grau de perigosidade». Quase um milhão destas crianças foram criadas em orfanatos e não voltaram a ver as mães durante vinte anos.\*

Estaline era o motor desta máquina assassina. «Agora vai ficar tudo bem», escreveu, a 7 de Maio de 1937, a um dos seus assassinos, que se queixara de que «não perdera os dentes», mas estava um pouco confuso: «Quanto mais afiados forem os dentes, melhor. J. Est.» Esta é apenas uma das muitas notas constantes dos arquivos recentemente abertos que provam não só as ordens burocráticas de Estaline, mas também o seu empenhamento pessoal ao encorajar até os mais insignificantes funcionários a assassinar os camaradas. Os dentes nunca eram suficientemente afiados.

Enquanto todos os líderes podiam salvar alguns dos seus amigos – e não outros –, Estaline podia proteger quem quisesse: os seus caprichos só lhe aumentavam a mística. Quando o seu velho amigo da Geórgia, Sergo Kavtaradze, foi preso, Estaline não aprovou a execução, fazendo um risco ao lado do nome. Aquele pequeno traço a lápis salvou a vida a Kavtaradze. Um outro amigo, o embaixador Troianovski, apareceu numa das listas: «Não tocar», escreveu Estaline.<sup>†</sup> Por muito que aiguém fosse denun-

\* Esta situação atingiu o clímax quando sessenta crianças com idades entre os dez e os doze anos foram acusadas de formar «um grupo terrorista contra-revolucionário» em Leninsk-Kuznetsk e encarceradas durante oito meses, até que os agentes do NKVD responsáveis foram presos e as crianças libertadas.

† Os papéis de Estaline contêm vislumbres fascinantes das suas intervenções: um pai denunciou o filho à polícia por andar sempre metido em festas, mas o rapaz foi preso e envolvido num caso contra Tomski. O pai apelou a Estaline, que escreveu na nota: «É necessário alterar o castigo!» O pai escreveu a agradecer.

ciado, o favor de Estaline podia ser praticamente inquebrantável, mas quando perdia a confiança, a condenação era fatal, ainda que pudesse demorar anos a chegar. A melhor maneira de sobreviver era tornar-se invisível, porque, por vezes, coincidências infelizes podiam pôr uma pessoa em contacto mortal com Estaline: a comunista polaca Kostyrzewska estava a cuidar das suas rosas, perto de Kuntsevo, quando viu Estaline a observá-la por cima do muro. «Que belas rosas», disse ele. Kostyrzewska foi presa naquele mesma noite – embora isto se tenha passado no auge da mania antiespiões polacos e talvez ela já constasse das listas, de qualquer forma.

Estaline esquecia frequentemente – ou fingia esquecer – o que tinha acontecido a certos camaradas e, anos mais tarde, fazia um ar de desapontamento quando lhe diziam que tinham sido fuzilados. «Vocês tinham pessoas tão simpáticas», comentou, passados anos, a um grupo de camaradas polacos. «A Vera Kostyrzewska, por exemplo, sabem o que é feito dela?» Nem mesmo a sua famosa memória *Rolodex* conseguia recordar todas as vítimas.

Gostava de assustar os colegas: foi este o caso de Stetski, que fizera parte do *kinder-garten* de jovens *protégés* de Bukharine mas conseguira entrar para o Departamento Cultural do CC, de Estaline. Aconteceu que Bukharine, numa das suas «acareações» com os acusadores, entregou a Estaline uma carta que Stetski lhe escrevera dez anos antes e em que criticava o secretário-geral. «O camarada Bukharine», escreveu Estaline a Stetski, «deu-me uma carta tua para ele [de 1926-27] com a sugestão de que nem tudo a respeito de Stetski é sempre tão limpo como parece. Não li essa carta. Estou a devolver-a. Com saudações comunistas. Estaline.» Imagine-se o terror de Stetski ao receber esta nota manuscrita. Respondeu imediatamente:

«Camarada Estaline, recebi a sua carta e agradeço-lhe a sua confiança. Em relação à minha carta (...), escrita quando eu não era limpo (...), pertencia na altura ao grupo de Bukharine. Hoje envergonho-me ao recordá-la (...).» Foi detido e executado.

Estaline fazia estes jogos até com os seus camaradas mais chegados: Budeny, por exemplo, tinha-se portado bem nos julgamentos, mas, quando as detenções começaram a atingir os seus próprios colaboradores, foi queixar-se a Vorochilov, levando uma lista de homens inocentes que estavam a ser investigados. Vorochilov ficou aterrorizado: «Fala tu com ele!», disse. Budeny confrontou Estaline:

– Se estes são o Inimigo, quem fez a Revolução? Isto significa que também nós devíamos ir para a prisão!

– Que estás tu a dizer, Semyon Mikhailovitch? – riu-se Estaline. – Enlouqueceste. – Chamou Iezhov. – Aqui o Budeny afirma que chegou o momento de nos prender.

Mais tarde, Budeny afirmou ter dado a lista a Iezhov, que libertou alguns dos detidos.

O próprio Estaline especializou-se em tranquilizar as suas vítimas e depois prendê-las. No princípio do ano, telefonou à mulher de um dos adjuntos de Ordzhonikidze na Indústria Pesada:

– Ouvi dizer que é obrigada a andar a pé. Isso não é bom... Vou mandar-lhe um carro.

No dia seguinte, a limusina estava à porta. Dois dias mais tarde, o marido foi preso.

Os generais, diplomatas, espiões e escritores que tinham combatido na Guerra de Espanha, atolados num pântano de traições, assassinatos, derrotas, intrigas trotskistas e denúncias, eram dizimados mesmo quando aparentemente pouco mal tinham feito. O embaixador de Estaline em Madrid, Antonov-Ovseenko, um ex-trotskista, enredou-se a si mesmo ao tentar provar a sua lealdade; foi chamado a Moscovo, amavelmente promovido por Estaline, e preso no dia seguinte. Quando recebeu o jornalista Mikhail Koltsov, Estaline brincou com ele a respeito das suas aventuras na Guerra Civil Espanhola, chamando-lhe «Don Miguel», mas então perguntou-lhe: «Não tenta suicidar-se? Adeus, Don Miguel.» Mas Koltsov jogara um jogo letal em Espanha, denunciando outros a Estaline e a Vorochilov. O «Don» foi preso.

O gabinete de Estaline era bombardeado com notas sobre execuções vindas das regiões: uma típica, de 21 de Outubro de 1937, listava onze fuzilados em Saratov, oito em Leningrado e mais outros doze, seis em Minsk e mais outros cinco... num total de 82. Havia centenas de listas como esta, dirigidas a Estaline e a Molotov. Por outro lado, o líder recebia um fluxo constante de miseráveis gritos de ajuda. Bronch-Bruevitch, cuja filha tinha casado com um íntimo de Iagoda, insistia:

«Acredite, caro José Vissarionovitch, eu próprio levaria um filho ou uma filha ao NKVD se eles fossem contra o partido (...).» O próprio secretário de Estaline nos anos 20, Kanner, que tivera a seu cargo os golpes sujos contra Trotski e outros, foi preso. «Kanner não pode ser um vilão», escreveu uma tal Marakova, talvez a mulher. «Era amigo de Iagoda, mas quem pensaria, naquela altura, que o Narkom da Segurança era um tão reles bandido? Creia, camarada Estaline, que o Kanner merece a sua confiança!» Kanner foi executado.

Muitas vezes, os apelos vinham de Velhos Bolcheviques que tinham sido amigos íntimos, como Vano Djaparidze, cuja trágica carta dizia o seguinte: «A minha filha foi presa. Não consigo imaginar o que poderá ela ter feito. Peço-te, caro José Vissarionovitch, que amenizes o terrível destino da minha filha (...).»

Também recebia cartas de líderes condenados e desesperados por salvar a própria pele: «Estou incapaz de trabalhar, não é uma questão de devoção ao partido, mas é impossível para mim não reagir à situação que me rodeia e fazer qualquer coisa para limpar o ambiente e compreender a razão disto (...). Por favor, conceda-me um momento do seu tempo para me receber (...).», escrevia Nikolai Krilenko, nada menos que o comissário do povo da Justiça e signatário de muitas sentenças de morte. Também ele foi executado.

Iezhov foi o principal arquitecto do Terror, tendo Molotov, Kaganovitch e Vorochilov como entusiásticos cúmplices. Mas todos os potentados tinham poder de vida e de morte: anos mais tarde, Khrushchev recordaria o seu poder sobre um jovem agrónomo que o contrariara:

«Bem, claro que eu podia ter feito o que quisesse com ele, podia tê-lo destruído, podia ter arranjado as coisas de maneira que desaparecesse da face da Terra.»

Estaline recebeu Iezhov 1100 vezes durante o Terror, uma frequência que só fica atrás da de Molotov – e isto contando apenas os encontros formais no «Cantinho». Deve ter havido muitos mais na *dacha*. Os arquivos mostram que o *Vozhd* escrevia os nomes dos que deviam ser presos em pequenas listas que depois discutia com o «Amora»: a 2 de Abril, por exemplo, escreve, com os seus lápis azuis e vermelhos, uma lista de seis pontos, muitos deles ominosos, como «Purgar o Banco do Estado», destinada a Iezhov.\* Por vezes, dava-lhe boleia até à sua *dacha*.

Iezhov fazia um horário de trabalho arrasante, agravado pelas terríveis acções que supervisava e pela pressão, vinda tanto de cima como de baixo, para prender e matar ainda mais gente: vivia a existência nocturna dos estalinistas e estava constantemente exausto, cada vez mais pálido e mais nervoso. Sabemos agora como trabalhava: tendia a dormir de manhã, jantava em casa com a mulher, reunia-se com o seu adjunto, Frinovski, para uma bebida na *dacha* de um deles, e então ia de carro até Butikri ou à Lubianka, supervisionar os interrogatórios e as torturas. Instalado nos escalões superiores do partido havia cerca de sete anos, conhecia pessoalmente muitas das suas vítimas. Em Junho de 1937, assinou as ordens de detenção do «padrinho», Moskvin, e da mulher, cuja casa muitas vezes visitara. Foram ambos executados. Era capaz de ser brutal. Em certa ocasião, entrou na sala quando Bulatov, que chefia juntamente

---

\* Iezhov respondeu, a tinta preta: «Para juntar à cópia do relatório de Uzakovski, que lhe mandei, envio-lhe um outro da 7.<sup>a</sup> Divisão da GUGB [Segurança do Estado] a respeito das actividades dos sino-trotskistas. Iezhov.»

com ele um Departamento do CC e fora visita de sua casa, estava a ser interrogado pela quinta vez.

- Então, Bulatov está a depor? – perguntou
- Nem uma palavra, camarada comissário-geral! – respondeu o interrogador.
- Então, cheguem-lhe com força! – ordenou Iezhov, e saiu.

Havia, no entanto, alturas em que achava claramente o seu trabalho difícil: quando teve de assistir à execução de um amigo, ficou perturbado. «Vejo nos teus olhos que tens pena de mim!», disse o amigo. Iezhov ficou atrapalhado, mas ordenou ao carrasco que disparasse. Quando um outro velho companheiro foi preso, Iezhov pareceu emocionado, mas ordenou ebriamente aos seus homens: «Cortem-lhe as orelhas, arranquem-lhe os olhos, cortem-no aos pedaços!» Mas era só espectáculo. Depois disto, conversou com o amigo até altas horas da noite (o que o não impediu de levar por diante a execução). O Politburo tinha uma enorme admiração por Iezhov, que, na opinião de Molotov, «não era imaculado, mas era um bom trabalhador do partido».

Por vezes, no meio de todos estes assassínios e patifarias, Iezhov mostrava a sua antiga faceta. Quando recebeu o médico de Estaline, Vinogradov, que ia ter de testemunhar no iminente julgamento de Bukharine contra o seu antigo professor, aconselhou-o, talvez já animado pelo álcool: «É uma boa pessoa, mas fala demasiado. Não esqueça que uma em cada três pessoas trabalha para mim e informa-me de tudo o que se passa. Recomendo-lhe que fale menos.»

O comissário-geral estava no seu auge. De férias, Iezhov foi filmado a passear pelo Kremlin, a rir com Estaline enquanto fumava o que parecia ser um cigarro absurdamente comprido. Durante os longos discursos de 6 de Novembro no Teatro Bolchoi, o embaixador americano, Davies, viu «Estaline, Vorochilov e Iezhov obviamente a cochichar e a brincar uns com os outros». O *Pravda* exaltava-o como «um inflexível bolchevique que sem abandonar a sua secretaria, noite e dia, desemaranhava e cortava os fios da conspiração fascista». Cidades e estádios foram baptizados com o seu nome. Para Dzambul Dzabaev, o «bardo» cazaque, ele era «uma chama que queimava os ninhos das serpentes».

Ele e Ievgenia viviam agora luxuosamente numa *dacha*, com a habitual sala de cinema, *court* de ténis e pessoal, em Meshcherino, perto de Leninski Gorki, onde muitos líderes tinham as suas casas. Tinham adoptado uma filha, Natacha, uma órfã tirada de um lar para crianças. Iezhov tratava-a com ternura, ensinando-a a jogar ténis e a andar de patins e de bicicleta. Nas fotografias, aparece ao lado dos amigos, abraçando Natacha como qualquer outro pai. Estragava-a com presentes e brincava com ela quando voltava do trabalho.

---

\* Grandes retratos seus desfilavam diante do Mausoléu em todas as festas do Estado. O trocadilho baseado na semelhança do seu nome com a «luva de aço» gerara o aparecimento de enormes cartazes que mostravam o seu punho de ferro a «estrangular as serpentes» (com as cabeças de Trotski, Rikov e Bukharine). A outra palavra de ordem iezhovita rezava: «*Yezhovy rukavity* – governa com uma vara de ferro!»

Quando começou a atirar comunistas estrangeiros e emigrantes retornados para a trituradora, recebeu um apelo de uma ansiosa, bonita e muito grávida emigrada russa chamada Vera Trail, que era filha de Alexandre Gutchkov, o liberal pré-revolucionário. O telefone tocou em casa de Vera, já passava da meia-noite.

— Fala do Kremlin. O camarada comissário recebe-a agora.

Vera foi levada ao Kremlin, onde a conduziram ao longo e escuro gabinete de Iezhov, iluminado por um candeeiro de quebra-luz verde. Com o afrodisíaco do poder a operar as suas maravilhas, ela admirou no mesmo instante «o rosto finamente cinzelado», os «cabelos castanhos ondulados e os olhos azuis – o azul mais profundo que alguma vez vi», bem como «as mãos finas e graciosas». Referiu uma lista de amigos, sobretudo escritores, que tinham sido presos. Ele era agudamente perceptivo, «um ouvinte maravilhoso». O «Amora» dispensou os guardas para a receber:

- Não tenho o hábito de receber desconhecidos sem protecção.
- Não trago sequer uma mala de mão – respondeu ela, coqueta.
- Não, apenas cigarros Belomor. Mas disse que está grávida.
- Disse? Não se nota? — A barriga dela era enorme.

— Vejo um volume – brincou Iezhov. — Como posso saber que não é uma bomba-relógio habilmente embrulhada numa almofada? — Pôs-se de pé e começou a rodear a secretária, como que preparado para lhe apalpar a barriga, mas, a meio caminho, parou e voltou a sentar-se, rindo: — Claro que está grávida. Estava a brincar.

Tratou-se de um momento puramente iezhoviano, em que o comissário revelou o seu humor pesadamente pueril (ainda que, felizmente, uma melhoria em comparação com os concursos de ventosidades), o esgrimir de uma ameaça... e a sua paranóia. Prometeu rever o caso dela e voltar a recebê-la, sugerindo bondosamente que fosse dormir. Na noite seguinte, voltaram a ligar do gabinete de Iezhov:

— Parta imediatamente para Paris.

Vera partiu no primeiro comboio da manhã seguinte, e ficou convencida de que Iezhov, por qualquer motivo, tinha querido poupar-lhe a vida. Todos os amigos da lista dela foram executados... mas ele salvou-a.

No entanto, a atracção pessoal raramente foi motivo para poupar um Inimigo: o «Amora» tivera um caso amoroso com uma outra Ievgenia, mulher do embaixador russo na Polónia durante os anos 30, oferecendo-se para a manter em Moscovo. Ievgenia Podoskaia recusou, foi presa em Novembro de 1936 e executada a 10 de Março de 1937.

Iezhov bombardeava Molotov com relatórios sobre conspirações que tinha descoberto. Ele e Kaganovitch eram entusiastas: «Sempre pensei que os principais responsáveis foram Estaline e nós que o encorajávamos, que estávamos sempre activos. Eu estava sempre activo, sempre apoiei as medidas tomadas», disse Molotov. «Estaline tinha razão: “Melhor uma cabeça inocente a menos (...)"» Kaganovitch concordava: «De outro modo, nunca teríamos ganho a guerra!» Molotov reviu comprovadamente uma lista de detenções e escreveu pelo seu próprio punho VMN a seguir ao nome de uma

mulher. Foi Molotov quem assinou e aparentemente acrescentou nomes à lista de esposas de Inimigos como Kosior e Postichev. Todas elas foram executadas. Dos vinte e oito comissários que serviam sob o primeiro-ministro Molotov no início de 1938, vinte foram mortos. Quando encontrou o nome de um tal G. I. Lomov numa lista, Estaline perguntou: «É a respeito deste?»

«A favor da detenção imediata desse filho da mãe Lomov», escreveu Molotov. No caso de um infeliz professor, perguntou a Iezhov: «Por que é que este professor ainda está no Ministério dos Negócios Estrangeiros e não no NKVD?» Quando alguns livros de Estaline e de Lenine foram queimados por engano, ordenou a Iezhov que acelerasse a investigação. Ao saber que um procurador regional tinha resmungado contra a Purga e comentado, muito compreensivelmente, que era espantoso Estaline e Molotov estarem ainda vivos havendo tantos terroristas a tentar matá-los, ordenou ao NKVD: «Investiguem, tendo a concordância de Vichinski [o superior do funcionário em Moscovo]. Molotov.» Kaganovitch afirmava que não havia uma única via-férrea «sem sabotadores trotskistas/japoneses», tendo escrito pelo menos trinta e duas cartas ao NKVD a exigir oitenta e três detenções – e assinando listas da morte para 36.000 pessoas. Foram executados tantos ferroviários que um funcionário telefonou a Poskrebichev a avisá-lo de que uma linha não tinha um único homem.

No entanto, os líderes sabiam que também eles estavam constantemente a ser testados: ambos os secretários de Molotov foram presos.

«Sentia o perigo adensar-se à minha volta», disse, enquanto eram reunidos testemunhos contra ele. «O meu primeiro adjunto atirou-se para o poço do elevador do NKVD.» Ninguém estava a salvo: tinham de pensar nas famílias. Estaline deixara perfeitamente claro que todos os Inimigos tinham de ser destruídos «sem olhar a caras». Se acaso tinham a esperança de que os seus altos cargos os protegessem, a prisão de membros do Politburo, como Rudzutak, encarregara-se de corrigir essa impressão. Foram preparados testemunhos contra todos eles, incluindo Molotov, Vorochilov e Kaganovitch. Os respectivos motoristas eram presos com tanta frequência que Khrushchev se queixou a Estaline, que disse: «Estão a reunir provas também contra mim.» Todos deviam pensar como Khrushchev, que perguntava: «Pensam que me sinto confiante (...) que amanhã não serei transferido do meu gabinete para uma cela de prisão?»

\* \* \*

O caso do marechal Budeny chamou seguramente todas as atenções: a 20 de Junho de 1937, pouco depois da execução de Tukatchevski, Estaline disse ao cossaco:

– O Iezhov diz que a tua mulher anda a comportar-se de uma maneira desonrosa e não esqueças que não permitimos que ninguém, nem sequer uma esposa, nos comprometa no partido e no Estado. Fala com o Iezhov a este respeito e, se necessário, decidam o que fazer. Não viste um Inimigo mesmo ao pé de ti. Por que é que tens pena dela?

– Uma má mulher é família, não é uma questão política, camarada Estaline – respondeu Budeny. – Eu trato disto sozinho.

– Tens de ter coragem – continuou Estaline. – Pensas que não fico triste quando membros do meu círculo mais chegado acabam por revelar-se Inimigos do Povo?

A mulher de Budeny, Olga, era cantora do Bolchoi e grande amiga da mulher do marechal Iegorov, que era actriz. Ao que parece, Olga andava a enganar Budeny com um tenor do Bolchoi e a flertar com diplomatas polacos. Budeny foi ter com Iezhov e disse-lhe que a mulher, «juntamente com a Iegorova, frequenta embaixadas estrangeiras (...). Quando Budeny estava fora, a inspecionar tropas, a mulher foi detida em plena rua, interrogada e condenada a oito anos, e depois a mais três. Budeny solucionou, «com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces». Olga enlouqueceu em prisão solitária. Havia a lenda de que Estaline era mais misericordioso para com as mulheres, e é certo que os membros femininos do CC tinham mais probabilidades de sobreviver.\* Mas Galina Iegorova, com quarenta anos, foi executada ainda antes do marido. Não havia ali cavalheirismo. A coqueteria com Estaline na noite do suicídio de Nádia com toda a certeza não a ajudou, mas o Líder era sempre mais implacável quando havia alguma sugestão de deboche sexual.

O terror foi, entre muitas outras coisas bem mais importantes, o triunfo da rígida moral bolchevique sobre a liberdade sexual dos anos 20. A destruição de Ienukidze, Tukatchevski e Rudzutak envolveu aquilo a que Molotov chamava «o ponto fraco (...), mulheres!» O cheiro a actrizes, o turbilhão dos bailes diplomáticos e o brilho da decadência estrangeira eram por vezes o suficiente para convencer o solitário Estaline e o afectado Molotov, ambos a resumir inveja puritana, de que a traição e a duplicidade não podiam andar longe. Mas o deboche nunca foi a verdadeira razão da destruição das suas vítimas. Essa era invariavelmente política. As acusações de desvio sexual eram sempre usadas para desumanizá-las face aos antigos colegas. Ienukidze e Rudzutak foram ambos acusados de seduzir aquilo a que Kaganovitch chamava «rapariguinhas». Uma vez que é pouco provável que o Comité Central contivesse uma célula de pedófilos, além de uma rede de terroristas e espiões, parece mais verosímil que estes potentados hedonistas «protegessem» bailarinas, como fizeram e fazem os milionários passados e presentes. E no entanto, Estaline tolerara (e provavelmente apreciara) durante anos as festas de Ienukidze. Mulherengos, como Bulganine e Béria, continuavam a prosperar, desde que fossem leais e politicamente competentes, mas ninguém pode

---

\* Alexandra Kollontai, na altura com sessenta e cinco anos e embaixadora na Suécia, era uma bela aristocrata bolchevique que escreveu o manifesto do feminismo e do amor livre, o romance *O Amor das Obreiras*. A sua escandalosa vida sexual divertia e escandalizava Estaline e Molotov. Vários dos seus famosos amantes bolcheviques foram assassinados durante o Terror, mas ela sobreviveu. Talvez as suas cartas a Estaline, sempre dirigidas ao «altamente respeitado José Vissarionovitch», com «saudações amistosas de um coração aberto» e os romantismos insinuantes de uma mulher em tempos muito bela, apelassem ao cavalheirismo dele. Similarmente, Estaline disse a Dmitrov, a propósito da veterana bolchevique Ielena Stasoya, «vamos provavelmente ter de prender a Stasova. É escumalha.» Mas, no fim, acabou por deixá-la viver, e ela continuou a escrever-lhe cartas de gratidão até uma idade bem avançada.

dizer que isto não passava de tagarelice na corte de Estaline.\* Havia pessoas que morriam por causa de mexericos.

Estaline era um bizarro homem do século XIX: apreciador (e namoradeiro) das mulheres mais elegantes do seu círculo, estritamente puritano no que respeitava à filha, chocado pelo feminismo e pelo amor livre do início dos anos 20, e todavia crumente machista entre os amigos. A sua austeridade era totalmente «vitoriana»: o facto de Svetlana mostrar os joelhos, ou até a sua maneira de olhar a câmara de frente nas fotografias, provocavam crises absurdas. Reprovou o «primeiro beijo» no *Volga, Volga* de Alexandrov, que era demasiado apaixonado. Resultado: não só a cena do beijo foi cortada, como *todos os beijos* foram praticamente banidos da filmografia soviética graças à acção de funcionários excessivamente zelosos. Em *Ivan, o Terrível, II Parte*, de Eisenstein, Estaline, que se identificava tão intimamente com o czar, sentiu-se embaraçado com o beijo de Ivan, que achou demasiado prolongado e mandou cortar. Quando Tatiana apareceu na ópera *Onegin* envergando um vestido transparente, Estaline exclamou: «Como pode uma mulher aparecer diante de um homem vestida daquela maneira?» O encenador apressou-se a impor a «modéstia bolchevique» ao mundanismo de Puchkine. Quando já era velho, vendo um maço de cigarros ilustrado com a imagem mais ousada de uma bonita rapariga, ordenou furiosamente que a marca fosse completamente redesenhada: «Onde teria ela aprendido a sentar-se daquela maneira? Em Paris?»

Encorajava a moralidade burguesa entre os seus potentados: a mulher de Zhdanov queria deixá-lo, por ele ser um alcoólico, mas, tal como Hitler insistira com Goebbels para que voltasse para junto da mulher, Estaline ordenou: «Têm de continuar juntos.» E aconteceu o mesmo com Pavel Alliluyev. Quando Estaline soube que Kuibichev maltratava a mulher, exclamou: «Se o tivesse sabido mais cedo, teria posto fim a tamanha bestialidade.»

Se, no entanto, um amigo precisava de ajuda numa situação embaraçosa, Estaline divertia-se a fazer-lhe a vontade, como mostra uma carta fascinante encontrada no seu arquivo. Alexandre Troianovski, provavelmente o diplomata, pedia-lhe ajuda no caso de uma amante (uma tal F. M. Gratsanova) que trabalhava para o NKVD, a quem Iagoda tinha dado emprego. «Agora, se ambos sairmos simultaneamente, as pessoas vão falar. Por isso, se for possível eu sair primeiro (...). Por favor, resolva-me este problema, como velho camarada.» Estaline ajudou, escrevendo sarcasticamente:

\* Nesta geração, as honrosas exceções a esta hipocrisia tacanha eram esses raros bolcheviques que combinavam a disciplina partidária com uma boémia muito europeia, o comissário dos Negócios Estrangeiros, Máximo Litvinov, e a sua esposa inglesa, Ivy, que troçava abertamente dos morços de Moscovo, como Molotov, e ostentava a sua promiscuidade com uma série de amantes germânicos: «Não quero saber do que diga quem quer que seja (...) porque sinto-me muito acima de qualquer pessoa capaz de perder tempo com razões de escândalo tão ultrapassadas como saber quem dormiu com quem.» Entretanto, o comissário Litvinov, o roliço, desleixado e duro intelectual judeu que conhecia Estaline havia muito tempo mas nunca fora próximo dele, iniciou um caso com uma jovem «muito bonita, decididamente vulgar e muitíssimo sexy» que vivia em casa deles. Chegava a acompanhá-lo a recepções diplomáticas e visitava-o no gabinete usando calções de montar extremamente justos.

«Camarada Iagoda, resolva esta história do Troianovski. Está metido numa embrulhada, o diabo, e nós somos responsáveis [por ajudá-lo]. Oh, o diabo que o leve, ou Deus! Trate disto e faça dele um sujeito (*muzhik*) satisfeito. Estaline.» Em 1938, Troianovski voltou a pedir a Estaline que dissesse a Iezhov que deixasse a senhora conservar o apartamento. Mais uma vez, o *Vozhd* ajudou.

\* \* \*

Um dos mistérios do Terror foi a obsessão de Estaline com obrigar as suas vítimas a assinar, antes de morrerem, elaboradas confissões de crimes improváveis. Foi só com a chacina do NKVD e das chefias militares, entre Março e Julho de 1937, que Estaline emergiu como ditador absoluto. Mesmo assim, continuava a ter de convencer os potentados a fazerem o que ele queria. Como o conseguia?

Havia o carácter do próprio Estaline: o culto da personalidade estava tão impregnado no país que «a palavra de Estaline era lei», disse Khrushchev. «Tudo o que fazia era bem feito. Estaline via tudo claramente.» Mikoian acreditava que o culto era a razão pela qual ninguém podia desafiar o *Vozhd*. Mas o Terror não resultava apenas da vontade de Estaline: pode ter sido inspirado por ele, e é possível que reflectisse os seus ódios e complexos, mas os potentados estavam constantemente a exortá-lo a purgar mais Inimigos. Em todo o caso, quando conheciam a vítima, exigiam provas. Por isso Estaline dava tanta importância às confissões escritas, assinadas pelos «Inimigos».

Logo que recebia os testemunhos das mãos de Iezhov, distribuía-os pelo Politburo, que tinha dificuldade em refutar este dilúvio de auto-incriminação e denúncia: em Março de 1937, Estaline enviou, tipicamente, uma nota de introdução a Molotov, Vorochilov, Kaganovitch e Mikoian:

«Peço-lhes que reconheçam os testemunhos das espías germano-polacas Alexandra (mãe) e Tamara (filha) Litziskaia e de Minervina, antiga secretária de A. Ienukidze.» Todos os potentados conheciam bem Ienukidze, de modo que Estaline tratou de certificar-se de que todos viam as provas. Quando Mikoian duvidou das confissões, Estaline acusou-o de fraqueza, mas então voltou a chamá-lo e mostrou-lhe os testemunhos assinados: «Ele próprio o escreve (...), assina todas as páginas.» Estas confissões absurdas bastaram para convencer Kaganovitch: «Como não havia de assiná-la [a sentença de morte] quando, de acordo com a investigação (...), o homem era um Inimigo?» Zhdanov, segundo o filho, «confiava nas denúncias de Iezhov (...). Durante algum tempo, o meu pai acreditou que havia agentes czaristas entre a liderança de Leninegrado». Mas quando os pais conheciam pessoalmente as vítimas como amigos, a mãe dizia: «Se ele é um Inimigo do Povo, então eu também sou!» Constantemente, em conversas sussurradas, os líderes e as esposas usavam as mesmas palavras para expressar as suas dúvidas a respeito de uma ou duas detenções, embora acreditassem na culpa da maioria das vítimas.

O choque dos potentados era hipócrita. Quando conheciam a pessoa, manifestavam naturalmente um interesse especial pelas provas, mas todos eles compreendiam e aceitavam que os pormenores das acusações e das confissões não importavam. Por que era então morta toda aquela gente? Nadezhda Mandelstam dizia que «por nada», enquanto Maya Kavtaradze, cujos pais foram presos, se limita a dizer: «Não perguntem porquê!» As pessoas eram mortas não pelo que *tinham* feito, mas pelo que *poderiam* fazer. Como Molotov explicava: «O principal era que, no momento decisivo, não se podia confiar neles.» Sem dúvida que alguns, como Rudzutak, nem sequer eram «conscientemente» desleais. Era a natureza *potencial* da traição que fazia com que Estaline pudesse continuar a admirar a obra, ou até a personalidade, das suas vítimas: já depois de Tukatchevski e Uborevitch terem sido executados, continuava a falar ao Politburo do talento do primeiro e a exortar os militares: «Treinem as vossas tropas como Uborevitch fazia.» Mas havia também um aspecto estranhamente religioso.

Quando instruiu Vichinski relativamente ao julgamento de Janeiro, dirigiu-se aos acusados nestes termos: «Perderam a fé» – e tinham de morrer por tê-la perdido. A Béria, disse: «Um Inimigo do Povo não é só aquele que faz sabotagem, mas também aquele que duvida da justeza da linha do partido. E são muitos, e temos de liquidá-los.» Era o que estava implícito nas suas palavras quando respondeu a um camarada que lhe perguntava desesperadamente se continuava a ter a sua confiança: «Confio em ti politicamente, mas não estou tão seguro na esfera das perspectivas futuras de actividades do partido», o que parece significar que confiava nele naquele momento, mas não necessariamente na guerra que se avizinhava.

«Há qualquer coisa de grande e ousado na ideia política de uma purga geral», escreveu-lhe Bukharine, que o conhecia tão bem, da prisão, porque «fará nascer uma desconfiança perpétua (...). Deste modo, a liderança está a obter uma garantia plena para si mesma.» Quanto mais fortes fossem os Inimigos do Estado, mais forte tinha o Estado (e Estaline) de ser. O círculo de «desconfiança perpétua» era o seu *habitat* natural. Acreditava em todos os casos? Não do ponto de vista forense, mas este político de coração de pedra acreditava apenas na santidade das suas próprias necessidades políticas, por vezes fundidas com a vingança pessoal.

No almoço que se seguiu ao desfile do 7 de Novembro, como de costume no apartamento de Vorochilov e em que estiveram presentes os potentados, incluindo Iezhov, Khrushchev e Redens, Mikoian fez de *tamada*, propondo «espirituosos brindes a cada um por sua vez». Depois, «novamente (um brinde) ao grande Estaline», que então se pôs de pé para explicar e encorajar o Terror: quem se atrevesse a enfraquecer o poder do Estado soviético «nos seus pensamentos, sim, até nos seus pensamentos» seria considerado um inimigo e «destruí-los-emos como um clã». Em seguida, brindou à chacina: «À destruição completa de todos os inimigos, deles e das suas famílias!», ao que os potentados responderam com «exclamações de aprovação: ao grande Estaline!» Podia ser um chefe medieval caucásiano a falar, «um brilhante político da Renascença italiana»... ou Ivan. Explicou que, sem ser um grande orador nem uma figura impo-

nente, sucedera à «águia» Lenine por ser aquilo que o partido queria. Ele e os seus eram movidos pelo «medo sagrado» de não justificar a confiança das massas. Portanto, continuou Estaline a explicar, aquele era verdadeiramente um terror sagrado que decorria da natureza messiânica do bolchevismo. Não admira que Iezhov chamasse ao NKVD a sua «seita secreta».

A abjecção deste banditismo sagrado desafia a credulidade: as câmaras de tortura da Lubianka ficam a cerca de quilómetro e meio do «Cantinho» de Estaline, mas, naquele tempo, eram muito mais perto.

**MANGAS DE CAMISA ENSANGUENTADAS:  
O CÍRCULO ÍNTIMO DO CRIME**

De manhã, o «Amora» visitava o Politburo e assistia às sessões, vindo directamente das câmaras de tortura. Certo dia, Khrushchev viu salpicos de sangue coagulado nos punhos da blusa de camponês que Iezhov usava e, estando ele próprio longe de ser um anjo, perguntou-lhe o que eram. Iezhov respondeu, com um piscar dos olhos azuis, que tinha o direito de orgulhar-se daqueles salpicos, porque eram o sangue dos inimigos da Revolução.

Estaline escrevia com frequência instruções ao lado dos nomes. Em Dezembro de 1937, acrescentou a ordem «Bater, bater!» a seguir a um nome. «Não será altura de apertar com este cavalheiro e obrigá-lo a falar dos seus negociozinhos?», rabiscou junto de outro. «Onde está ele... numa prisão ou num hotel?» Foi em 1937 que o Politburo sancionou oficialmente o recurso à tortura. Como Estaline afirmaria mais tarde: «A prática do NKVD do recurso à pressão física (...) permitido pelo Comité Central» era «um método totalmente correcto e expediente.»

Iezhov supervisava os torturadores, que tinham um jargão próprio para o trabalho que faziam: chamavam ao processo de destruir um ser humano inocente «luta livre francesa» – *«frantsuskaya borba»*. Quando alguns deles foram por sua vez interrogados, anos mais tarde, revelaram como usavam o *zhguti*, o taco especial, e o *dubenka*, o cacete, bem como a mais tradicional privação do sono e os interrogatórios constantes, a que chamavam «tapete rolante». A Cheka sempre tivera um culto da tortura: Leonid Zabovski, um dos homens de Lagoda, tinha inclusivamente escrito um manual sobre o tema.

Frequentemente, membros do Politburo, como Molotov ou Mikoyan, usavam o grande gabinete de Iezhov na Lubianka para interrogar camaradas: «Rudzutak tinha

sido violentamente espancado e torturado», disse Molotov, a propósito de uma destas sessões. «Era necessário actuar impiedosamente.» Kaganovitch achava «muito difícil não ser cruel», mas «é preciso ter em consideração que se tratava de empedernidos Velhos Bolcheviques; como poderiam testemunhar voluntariamente?» Isto faz parecer que «o Politburo estava cheio de *gangsters*», nas palavras de Molotov. Podiam não ser assassinos da Máfia – poucos, excepto Iezhov e, mais tarde, Béria, torturavam ou matavam pessoalmente as suas vítimas, e a verdade é que nenhum assassino da Máfia seria suficientemente estúpido para perder tanto tempo com ideologias de pacotilha –, mas por vezes é difícil perceber a diferença.

Estaline e os seus potentados costumavam fazer graça a respeito da habilidade do NKVD para obter confissões. Estaline contou esta anedota a alguém que tinha sido torturado: «Prenderam um rapaz e acusaram-no de ter escrito *Ievgeni Onegin*. O rapaz tentou negar (...). Passados poucos dias, o interrogador do NKVD encontrou os pais do rapaz. “Parabéns”, disse-lhes, “o vosso filho escreveu *Ievgeni Onegin*.”\* Muitos dos prisioneiros eram espancados com tanta violência que os olhos lhes saltavam literalmente da cabeça. Eram rotineiramente espancados até à morte, registada como ataque cardíaco.

Foi o próprio Iezhov quem concebeu o sistema de execução. Em vez de usar as caves da Lubianka e de outras prisões, como os seus predecessores tinham feito, criou um matadouro especial. Usou um outro edifício do NKVD, na Rua Varsonofievski, um pouco atrás e à esquerda da Lubianka. Os presos eram levados até lá de carro (não havia túnel) e deixados num pátio, no meio do qual tinha sido especialmente construído um edifício baixo e quadrado cujo chão de cimento descia em ligeiro declive até uma parede de troncos, para absorver as balas. Um sistema de torneiras, mangueiras e esgotos permitia lavar os fluidos. Depois de abatidas com um tiro na nuca, as vítimas eram metidas em caixas metálicas e transportadas para um dos crematórios da cidade. As cinzas eram habitualmente despejadas numa vala comum, como a do cemitério de Donskoi.

O caminho que terminava em Donskoi começava muitas vezes com uma nota em cima da secretaria de Estaline. O *Vozhd* recebia não só pedidos de misericórdia, mas também denúncias a exigir a morte. Uma vez desencadeado o Terror, as denúncias funcionaram como querosene num incêndio, alimentando-o. Estas denúncias eram já uma parte fundamental do sistema estalinista: toda a gente devia denunciar toda a gente. No universo bolchevique, havia apenas duas maneiras de os erros chegarem ao conhecimento da liderança: acidentes... e denúncias. As denúncias entravam em cata-

\* Os primeiros interrogadores tentavam adequar o crime ao criminoso, com resultados frequentemente absurdos: ao ser preso, o primeiro-secretário da Oblast Autónoma Judaica de Birobizhan foi apropriadamente acusado de ter envenenado o *gefilté* de Kaganovitch, durante uma das visitas deste último à região. Presumivelmente, em todas as muitas repúblicas da URSS, o veneno era introduzido nos respectivos pratos tradicionais – desde os enchidos dos Baltos às apimentadas sopas dos Buriates, passando pelos guisados de cordeiro dos Tajiques.

dupa no gabinete de Estaline: algumas eram válidas. «Se vivêssemos num Estado capitalista, estariam a falar a nosso respeito no Parlamento e nos jornais», disse Vorochilov. Algumas eram o equivalente estalinista de incómodas perguntas parlamentares ou de jornalistas-investigadores:

«Provavelmente acham desagradável o facto de estas cartas serem escritas, mas eu fico contente», explicava Estaline. «Seria mau se ninguém se queixasse. Não tenham medo de se zangarem (...). Isto é preferível à amizade à custa do governo.» Mas, regra geral, aquelas cartas eram o resultado de uma mentalidade de caça às bruxas, de malícia canibalística e de ambição amorral.

Estaline apreciava o poder de decidir o que fazer com as denúncias. Se não gostava da pessoa, as cartas iam para o NKVD, acompanhadas por uma nota a dizer «Verificar», e a consequência mais provável era a morte. Se queria «preservar» a pessoa, arquivava a carta, sem prejuízo de poder recuperá-la anos mais tarde. Daí os seus arquivos abarrotarem de denúncias, algumas de pessoas vulgares, outras de altos funcionários: uma típica, de um funcionário do Comintern, apontava a existência de Inimigos no Comissariado dos Negócios Estrangeiros. Só podemos imaginar a atmosfera de medo e intriga que se respirava no Kremlin: o ex-secretário de Ordzhonikidze, seguramente a tentar salvar a própria pele, escreveu a Estaline a denunciar a viúva de Sergo, Zinaida, que «disse várias vezes que não pode viver sem o Sergo e receio que faça qualquer coisa estúpida (...). Recebe muitos telefonemas de mulheres de traidores ao nosso partido. Estas mulheres abordam-na com pedidos (para entregar ao camarada Iezhov). Não está certo e é preciso dizer-lhe que não o faça (...). Peço instruções suas. Todas as ordens serão cumpridas até à última gota de sangue. Devotado a si, Semiuchkin.» Por vezes, a farsa transformava-se rapidamente em tragédia, como a história de como a voz de Estaline\* foi estragada por sabotadores.

Uma denúncia típica, que Estaline leu e marcou, veio de um tal Krilov, na remota Saratov, que dizia ao seu líder que «os Inimigos têm amigos dentro do NKVD e da Procuradoria e escondem inimigos». Os militares eram tão ávidos como todos os ou-

\* Quando, no final de 1939, Estaline inaugurou a nova Constituição, Shumiatski, o patrão da indústria cinematográfica, perguntou a Molotov se podia gravar o discurso. A 20 de Novembro, Molotov deu autorização. Maltsev, o chefe do Comité de Radioficação e Radiosom da União, comunicou jubilosamente a Estaline que o discurso tinha sido gravado com êxito e aprovado. Queria agora autorização para fazer um disco de gramofone «para que possa ouvi-lo pessoalmente». Estaline concordou. Mas, a 29 de Abril de 1937, quando os aterrorizados funcionários da fábrica de gramofones ouviram o disco, algo de errado se passava com a voz de Estaline. Comunicaram de imediato a Poskrebichev que havia: «1. Fortes ruídos. 2. Grandes intervalos. 3. Ausência de frases inteiras. 4. Espiras fechadas. 5. Saltos e falta de clareza.» O processo continha ainda uma nervosa análise da sibilância da voz de Estaline e como era difícil reproduzi-la em disco. Pior, tinha já sido produzido um milhar de discos. Alguns funcionários queriam recolhê-los, mas, como era típico do período, o chefe atacou a sugestão por se tratar de uma falta de respeito para com a voz do camarada Estaline. Achou que seria mais respeitoso distribuí-los mesmo com os ruídos, os intervalos e os saltos. O processo termina com um relatório do *Komsomolskaya Pravda* a sugerir que algo de muito sinistro acontecera à voz do camarada Estaline na fábrica de gramofones, onde a insistência do camarada Straik em «distribuir mais rapidamente os discos» era uma «posição estranha». Straik era claramente um sabotador e todos os sabotadores da fábrica «devem ser severamente castigados». Com toda a certeza, o NKVD acabou por ouvir a coleção de discos do camarada Straik.

tos: «Peço-lhe que demita o comandante (...) Osipov», escrevia um oficial de Tíflis, «que é uma pessoa muito suspeita.» Estaline sublinhou a palavra «suspeita» com o seu lápis azul.

Os raios deste Zeus moscovita fulminavam as regiões de diversas maneiras: em Julho de 1937, Liuchkov, um implacável chekista que já assolara Rostov, foi chamado a Moscovo e enviado para o Extremo Oriente. Estaline falava de vidas humanas como se fossem roupas velhas: algumas conservamos, outras deitamos fora. Vareikis, o primeiro-secretário do Extremo Oriente, não era «completamente fiável», tendo a sua própria clique, mas «era necessário conservar» o marechal Bliukher. Obedientemente, Liuchkov prendeu Vareikis.

Um método menos fiável era utilizar uma ferramenta local como Polia Nikolaenko, a «heróica denunciante de Kiev» exaltada por Estaline. A especialidade desta harpia aterradora, responsável pela morte de pelo menos 8000 pessoas, era comparecer em reuniões e gritar acusações. Khrushchev viu-a «apontar o dedo e dizer: “Não conheço aquele homem ali, mas, pela expressão do olhar, é um Inimigo do Povo!”» Esta conversa da «expressão do olhar» era mais um sinal do frenesi religioso do Terror. A única maneira de a refutar era responder imediatamente: «Não conheço a mulher que acaba de denunciar-me, mas, pela expressão do olhar, é uma prostituta.» Polia Nikolaenko apelou a Estaline. A nota que acompanha a carta denuncia-lhe a pobreza de espírito:

«À antecâmara do camarada Estaline. Peço que esta declaração seja pessoalmente entregue ao camarada Estaline. O camarada Estaline falou a meu respeito no Plenário de Fevereiro.» A carta chegou às mãos de Estaline, com consequências devastadoras para os inimigos dela: «Querido Líder camarada Estaline», escreveu Polia, a 17 de Setembro de 1937, denunciando astutamente como os chefes locais ignoravam as ordens do *Vozhd*. «Peço a tua intervenção nas questões de Kiev (...). Os Inimigos daqui ganham novamente um poder invencível (...), sentados no seu *apparat* a fazer coisas más. Desde o Plenário em que falaste de Kiev e do meu caso como uma “pequena pessoa”, organizaram-se activamente para me desacreditarem e destruírem politicamente.» Os funcionários superiores trataram-na como um «Inimigo» e, mais uma vez, usaram a linguagem da bruxaria contra a própria bruxa: «Um ligado aos Inimigos do Povo gritou: “Está nos olhos dela, é uma mentirosa!”» Kosior, o líder ucraniano, e outros, ridicularizaram-na «no meio de muitas gargalhadas». «Fui, sou e serei dedicada ao partido e ao Grande Líder. Ajudaste-me a encontrar a verdade. A VERDADE DE ESTALINE É FORTE! Desta vez, volto a pedir-te que faças tudo o que puderem à organização de Kiev (...).» Dez dias mais tarde, Estaline correu a socorrê-la, dizendo aos chefes ucranianos:

«Prestem atenção à camarada Nikolaenka (vejam a carta dela). Podem protegê-la contra essa corja de energúmenos! De acordo com a minhas informações, Glaz e Timofeev não são na verdade especialmente dignos de confiança.» Estes dois homens foram presumivelmente presos, enquanto Kosior escapava, de momento.

Não tardou que as regiões estivessem a matar demasiada gente, demasiado depressa: Khrushchev,\* o patrão de Moscovo, ordenou a execução de 55.741 funcionários, o que mais do que cumpria a quota originariamente estabelecida pelo Politburo (50.000). A 10 de Julho de 1937, escreveu a Estaline, solicitando a execução de 2000 ex-*kulaks* para preencher a quota. Os arquivos do NKVD mostram que rubricou numerosos documentos a pedir detenções. Na Primavera de 1938, tinha supervisionado a detenção de trinta e cinco dos trinta e oito secretários provinciais e municipais, o que nos dá uma ideia do seu zelo. Uma vez que estava baseado em Moscovo, levava directamente as listas a Estaline e a Molotov.

– Não podem ser tantos! – exclamou Estaline.  
– Na realidade, são mais – respondeu Khrushchev, segundo Molotov. – Não imagina sequer quantos são.

A cidade de Stalinabad (Askabad) recebeu uma quota de 6277, mas acabou por executar 13.259.

O mais grave era, porém, estarem a matar as pessoas erradas. Os chefes regionais escolhiam as vítimas, e não conseguiam resistir à tentação de destruir os adversários e preservar os amigos. No entanto, era precisamente estes «príncipes» e os respectivos círculos que Estaline pretendia eliminar. Assim, a sangueira inicial dos primeiros-secretários não só não os salvou, como até proporcionou um pretexto para a sua erradicação. Seria só uma questão de tempo antes que o centro desencadeasse uma nova onda de terror para liquidar os «príncipes».

Só os vice-reis pessoais de Estaline – Zhdanov em Leningrado e Béria na Transcaucásia – não precisaram desta «ajuda». Zhdanov era outro crente fanático de que havia trotskistas infiltrados em Leningrado, embora por vezes surgissem casos que o surpreendiam: «Sabe que nunca pensei que o Viktorov fosse um Inimigo do Povo», disse ao almirante Kuznetsov, que não detectou «qualquer dúvida na voz dele, apenas surpresa (...). Falávamos (...) como que de homens que já tivessem passado para lá da sepultura.» Zhdanov supervisionou a detenção de 68.000 pessoas, em Leningrado. Quanto a Béria, um chekista profissional, assegurou o cumprimento da quota inicial de 268.950 detenções e 75.950 execuções. Mais tarde, a quota foi aumentada. Dez por cento do partido georgiano, que Estaline conhecia particularmente bem, foram eliminados. Béria distinguiu-se ao torturar pessoalmente a família de Lakoba, levando a viúva à loucura ao colocar uma cobra na cela dela e espancando os filhos adolescentes até à morte.

A solução era mandar os favoritos de Estaline destruir os «príncipes»; e era também um útil teste à lealdade dos potentados. Não havia melhor para um bom banho de

---

\* Khrushchev foi, durante a década de 30, um terrorista estalinista tão fanático quanto se possa imaginar, mas o poder de destruir documentos incriminatórios, e as memórias que escreveu, envolveram num véu de mistério toda a sua conduta. A. N. Chelepin, ex-chefe do KGB, testemunhou, em 1988, que as listas da morte assinadas por ele tinham sido removidas pelo agente da polícia secreta I. V. Serov. Entre 2 e 9 de Julho de 1954, foram queimadas 261 páginas dos papéis do novo líder soviético.

sangue do que uma viagem às regiões. Como no tempo da Guerra Civil, partiam, acompanhados por hostes de assassinos do NKVD, nos seus comboios blindados. Mikoyan, comissário do Comércio Externo e do Abastecimento Alimentar, goza da reputação de ter sido um dos líderes mais decentes: é verdade que, mais tarde, ajudou as vítimas, e trabalhou duramente para desmantelar o regime estalinista depois da morte do *Vozhd*. Em 1936, porém, louvou as execuções de Zinoviev e Kamenev – «um justo veredicto!», disse a Kaganovitch. Em 1937, também ele assinou listas e propôs a detenção de centenas dos seus próprios funcionários. Ao longo de todo o reinado de Estaline, Mikoyan foi suficientemente astuto para evitar intrigas, rejeitar ambições a mais altos cargos e, com uma brilhante inteligência e extraordinária capacidade de trabalho, concentrar-se nas suas responsabilidades: sabia jogar o jogo e fazer exactamente o suficiente.

Os potentados salvaram amigos, mas fizeram-no sobretudo em 1939, num contexto muito diferente. A antecâmara de Andreiev, afirma a filha, «estava cheia daqueles que ele ajudou», mas Kaganovitch reconheceu francamente que «era impossível salvar amigos e parentes», por causa do «estado de espírito público». Tinhama de matar muitos para salvar uns poucos. Mikoyan fez provavelmente mais do que a maioria, queixando-se a Estaline de que o seu amigo Andresian fora acusado de ser francês por investigadores completamente cretinos, só porque o seu primeiro nome era «Napoleão».

«É tão francês como tu!», brincou Mikoyan. Estaline riu à gargalhada.\* Vorochilov, responsável por tantas mortes, transmitiu ao próprio Estaline o apelo da filha de um amigo que tinha sido preso. Como de costume, o *Vozhd* escreveu no processo: «Ao camarada Iezhov, investigue isto!» O homem foi libertado e telefonou para agradecer a Vorochilov, que perguntou:

– Foi terrível?

– Sim, muito. – Os dois amigos nunca mais voltaram a falar no assunto.

Estaline era de tal maneira assediado por pedidos que acabou por fazer aprovar um decreto do Politburo a proibir os apelos. Se um líder intervinha para salvar um amigo, o mais importante era impedir que caísse nas garras de outro líder. Mikoyan conseguiu salvar um camarada e suplicou-lhe que saísse imediatamente de Moscovo, mas o Velho Bolchevique, com todo o escrúpulo formalista de um cavaleiro obrigado a recuperar a sua espada, insistiu em que lhe devolvessem o cartão do partido. Telefonou a Andreiev, que o mandou prender novamente.

É possível que a bondade de Mikoyan tenha chegado aos ouvidos de Estaline, pois, de repente, o *Vozhd* passou a tratá-lo com frieza. Em finais de 1937, resolveu testar-lhe o empenho enviando-o para a Arménia com uma lista de trezentas vítimas para serem presas. Mikoyan assinou-a, mas riscou o nome de um amigo. O homem foi preso do mesmo modo. Quando dirigia a palavra a uma reunião do partido de Yerevan, Béria

\* Estes absurdos eram frequentes: no seu terrível campo de trabalho, a viúva de Bukharine encontrou este mesmo espírito quando uma outra prisioneira a denunciou por possuir um livro chamado *Ligações Perigosas*, que ela presumia ser um mortífero manual de espionagem.

apareceu na sala, tanto para o vigiar como para aterrorizar os locais. Pouco depois, Mikojan regressou a Moscovo e Estaline pareceu esquecer o assunto.

Todos os potentados faziam sangrentas digressões pelo país. Zhdanov purgou os Urales e o Médio Volga. A Ucrânia teve a infelicidade de receber Kaganovitch, Molotov e Iezhov. Kaganovitch visitou o Cazaquistão, Cheliabinsk, Ivanovo e outros locais, espalhando o terror: «O primeiro estudo (...) mostra que o secretário de Obkom, Epantchikov, deve ser imediatamente detido (...).» Assim começava o seu primeiro telegrama de Ivanovo, em Agosto de 1937. E prosseguia: «A sabotagem direitista-trotskista assumiu aqui grandes proporções, na indústria, na agricultura, nos abastecimentos, nos cuidados de saúde, no comércio, na educação e no trabalho político (...), excepcionalmente infestado.» Isto não era nada, porém, em comparação com o frenesi assassino dos dois mais prolíficos monstros em digressão.

Andrei Andreiev, com quarenta e dois anos, baixo, de bigode e cara de gato-pingado, não estivera à altura do desafio representado pelos caminhos-de-ferro soviéticos, mas encontrara o seu lugar a dirigir, juntamente com Iezhov, o Secretariado do CC. Um dos raros proletários entre a liderança, este taciturno fanático de Tchaikovski, montanhista e fotógrafo da natureza, casado com Dora Kazan, a quem escrevia postais apaixonados a respeito dos filhos, tornou-se o mestre insubstituível do crime itinerante.

A 20 de Julho, chegou a Saratov para assolar a República Alemã do Volga.\* «São necessários todos os meios para limpar Saratov», dizia a Estaline no primeiro de uma série de telegramas excitados e fanáticos. «A organização de Saratov cumpre todas as decisões do CC com grande prazer.» Isto era difícil de acreditar. Por todo o lado, verificava que os chefes locais «não queriam descobrir o grupo terrorista» e tinham «perdoado a Inimigos desmascarados». No dia seguinte, Andreiev estava a prender freneticamente suspeitos: «Tivemos de prender o segundo-secretário (...). A respeito de Freshier, temos provas de que era membro da organização direitista-trotskista. Pedimos autorização para o deter.» Um grupo era composto por «vinte sabotadores extremamente activos que trabalhavam na Fábrica de Máquinas Tractores. Decidimos prender e acusar dois dos directores», que afinal faziam parte de uma «organização *kulak*-direitista» que tinha «sabotado tractores», ou melhor, tinham trabalhado devagar, uma vez que «de 74 tractores, só 14 estavam prontos». Às 23:38, nessa mesma noite, Estaline respondeu, com o seu lápis azul: «Comité Central concorda com proposta de prender e executar ex-operários da FMT.» Vinte foram mortos. Três dias mais tarde, Andreiev gabava-se a Estaline de ter desmascarado uma «organização fascista – planeamos prender imediatamente o primeiro grupo de 50-60 pessoas (...). Tivemos de prender o primeiro-ministro da república, Luf, por pertencer comprovadamente ao grupo direitista-trotskista.» Andreiev seguiu então para Kuibichev e depois para a Ásia Central, onde demitiu toda

---

\* Depois de ter entrevistado Natacha, filha de Andreiev e Dora Kazan, e ouvi-lo inocentado de todos os crimes, o autor descobriu este processo incriminatório. As notas e cartas de Andreiev sobreviveram porque, ao contrário dos seus parceiros no crime, como Kaganovitch, Malenkov e Khrushchev, foi afastado do poder depois da morte de Estaline, ao passo que outros conseguiram destruir muitos documentos que os incriminavam.

a liderança, uma vez que Estaline lhe tinha dito: «De um modo geral, pode agir como achar melhor.» O resultado foi que, em Stalinabad, «prendi 77 narkoms, 55 chefes do CC, 3 secretários do CC», e, de regresso a Voronezh, declarou alegremente: «Aqui não há Buro. Todos presos como inimigos. Sigo agora para Rostov!»

Andreiev tinha como companheiro nestas loucas viagens um rolioço jovem de trinta e cinco anos, Georgi Malenkov, o burocrata assassino cuja carreira mais beneficiou com as purgas, que vinha da *intelligentsia* provincial, filho de funcionários civis czaistas, e era nobre.\* Acompanhou Mikoian à Arménia e Iezhov à Bielorrússia. Um historiador calcula que Malenkov foi responsável por 150.000 mortes.

Baixo, balofo, com uma cara de lua cheia e um queixo imberbe, nariz sardento e olhos ligeiramente mongolóides, sempre com os cabelos negros caídos para a testa, Malenkov tinha ancas largas, de mulher, um corpo em forma de pêra e uma voz aguda. Não admira que Zhdanov lhe chamassem «Malanya». «Parecia que, por baixo daqueles montes e rolos de banha», havia um homem magro e faminto a querer sair cá para fora. O bisavô viera da Macedónia durante o reinado de Nicolau I, mas, como Béria costumava dizer em tom de troça, dificilmente se poderia chamar-lhe um Alexandre Magno. Os antepassados de Malenkov tinham governado Orenburg em nome dos czares. Descendente de generais e almirantes, Malenkov via-se a si mesmo na tradição de um *posadnik*, um administrador eleito da antiga Novgorod, ou um *chinovnik*, como os seus antepassados. Ao contrário dos rufiões estalinistas como Kaganovitch, que gritavam e esmurravam os funcionários, Malenkov punha-se de pé quando um subordinado entrava no seu gabinete e falava sempre em voz baixa, num russo perfeito, sem praguejar, embora as coisas que dizia fossem muitas vezes arrepiantes.

O pai chocara a família ao casar com a formidável filha de um ferreiro, com quem teve três filhos. Grigori, que amava a dominadora mãe, era o mais novo. Estudou no *Gymnasium* clássico local, aprendendo latim e francês. Malenkov, como Zhdanov, passava, no meio de sapateiros e montadores, por um homem instruído, tendo-se licenciado como engenheiro electrotécnico. Da mesma forma que muitos outros jovens ambiciosos, aderira ao partido durante a Guerra Civil: a família afirmava, muito pouco convincentemente, que estava na cavalaria, mas depressa passou para terrenos mais seguros, nos comboios da propaganda, onde conheceu a sua dominadora mulher, Valéria Golubtseva, que vinha de um meio semelhante ao dele.

Com um casamento feliz, Malenkov era conhecido como um pai maravilhoso para os seus altamente instruídos filhos, ensinando-os ele próprio e lendo-lhes poesia mesmo quando estava exausto, no auge da guerra. A mulher ajudou-o a conseguir um emprego no Comité Central, foi notado por Molotov, passou a fazer parte do secretariado de Estaline e foi secretário do Politburo no início dos anos 30, um desses jovens entusiastas, como Iezhov, que atraíram a atenção, primeiro, de Kaganovitch e, depois,

\* Lenine, Felix Dzerzhinski, fundador da Cheka, e Chicherin, comissário dos Negócios Estrangeiros até 1930, eram nobres hereditários, tal como Molotov, Zhdanov, Sergo e Tukatchevski, segundo a Tabela das Classes de Pedro, o Grande, que regeu as classes sociais até 1917. Nenhum deles era titulado.

de Estaline, pela sua dedicação e eficiência. No entanto, em companhia, tinha um agradável sentido de humor.

Este potentado – duro e astuto apesar do seu ar de eunuco – nunca falava a menos que fosse absolutamente necessário e escutava Estaline escrevendo num bloco de notas que tinha escrito na capa «Instruções do Camarada Estaline». Sucedeu a Iezhov como chefe do Departamento de Registo de Pessoal do CC, que seleccionava quadros. Em 1937, disse Mikoian, desempenhou um «papel especial». Foi o maestro burocrático do Terror. Uma nota encontrada entre os papéis de Estaline ilustra laconicamente esta relação:

«Camarada Malenkov – é preciso prender Moskvín. J. Est.» As três jovens estrelas, Malenkov, Khrushchev e Iezhov, eram amigos tão íntimos que lhes chamavam «Os Inseparáveis». Todavia, nesta paranóica lotaria, até um Malenkov podia ser destruído. Em 1937, foi acusado, numa Conferência do partido de Moscovo, de ser ele próprio um Inimigo. Estava a falar da sua entrada para o Exército Vermelho em Orenburg, durante a Guerra Civil, quando uma voz gritou:

– Havia brancos em Orenburg, nessa altura?

– Sim...

– Isso significa que estavas com eles.

Khrushchev interveio:

– Havia brancos em Orenburg na altura, mas o camarada Malenkov não era um deles.

Foi uma época em que uma hesitação podia levar à prisão. Simultaneamente, Khrushchev salvou a própria pele indo ter pessoalmente com Estaline e confessando um namoro com o trotskismo no início dos anos 20.

O séquito encorajava raivosamente o Terror. Mesmo décadas mais tarde, estes «fanáticos» continuavam a defender os assassinatos em massa: «Tenho responsabilidades na repressão e considero-a correcta», disse Molotov. «Todos os membros do Politburo foram responsáveis (...). Mas 1937 era necessário.» Mikoian concorda que «todos os que trabalharam com Estaline (...) partilham essa responsabilidade». Já era suficientemente mau matar tanta gente, mas a consciência plena que aqueles homens tinham de que muitas vítimas eram inocentes, mesmo pelos seus arcanos padrões, é o mais difícil de aceitar: «Somos culpados de ter ido demasiado longe», disse Kaganovitch. «Todos nós cometemos erros (...), mas ganhámos a Segunda Guerra Mundial.» Os que sabiam destes assassinatos em massa reflectiram, mais tarde, que Malenkov ou Khrushchev «não eram maus por natureza», não eram «aquilo em que acabaram por tornar-se». Eram homens do seu tempo.

Em Outubro, outro Plenário aprovou a detenção de mais membros do Comité Central. «Aconteceu gradualmente», explicou Molotov. «Setenta pessoas expulsavam uma a quinze pessoas, depois sessenta pessoas expulsavam outras quinze.» Quando os aterrorizados líderes locais apelavam a Estaline, suplicando «receba-me apenas por dez minutos, para falar de assuntos pessoais – sou acusado numa terrível mentira», o *Vozhd* escrevia a verde, para Poskrebichev:

«Diz que estou de férias.»

A VIDA SOCIAL DURANTE O TERROR:  
AS MULHERES E OS FILHOS DOS POTENTADOS

E no entanto, toda esta tragédia ocorria num ambiente de júbilo público, uma interminável *fiesta* de triunfos e aniversários. Aqui fica uma cena dos anos do Terror que podia ter acontecido em qualquer lugar e em qualquer altura entre uma menina, a sua melhor amiga e o seu papá intimidante. Estaline encontrava-se todos os dias com Svetlana, para o jantar. No auge do Terror, costumava jantar com a filha, na altura com onze anos, e a sua melhor amiga, Marta Pechkova, cujos avô, Gorki, e pai tinham supostamente sido assassinados por Iagoda, o amante da mãe. Estaline queria que Svetlana fosse amiga de Marta, tendo-as apresentado especialmente. Naquela tarde, as duas raparigas brincavam no quarto de Svetlana quando a governanta as informou de que Estaline estava em casa e à mesa. O *Vozhd* estava sozinho, mas de muito bom humor – adorava claramente chegar ao apartamento e ver Svetlana, pois muitas vezes entrava a gritar: «Onde está a minha *khozyaika*?», e então sentava-se e ajudava-a a fazer os trabalhos de casa. As pessoas de fora perguntavam a si mesmas, espantadas, como podia aquele homem tão duro «ser tão terno com a filha». Certa vez, tendo-a sentada nos joelhos, disse a um visitante:

– Desde que a mãe morreu, digo-lhe sempre que agora é ela a *khozyaika*, e a verdade é que acreditou de tal maneira que tentou dar ordens na cozinha. Claro que foi imediatamente corrida. Fartou-se de chorar, mas consegui acalmá-la.

Na tarde em questão, revolveu brincar com Marta, que era muito bonita mas tinha tendência para corar como um pimentão:

– Então, Marfochka, ouvi dizer que os rapazes não te largam?

Marta ficou tão envergonhada que foi incapaz de engolir a sopa ou responder.

# 1934-41



Já antes do assassinato de Kirov, Andrei Zhdanov, esfuziante, atlético mas frágil, pretensioso, vaidoso e implacável, tornou-se o favorito de Estaline — o único outro potentado que se qualificava como seu «irmão intelectual». Vemo-lo aqui (em baixo) com a família, provavelmente na *dacha* de Córrego Frio (da esquerda): Vassili, Zhdanov, Svetlana Estaline e Iakov. À direita: Estaline e Svetlana, na mesma ocasião.

A amizade de Estaline era sufocante. Depois da morte de Nádia, Sergei Kirov, o bem-parecido e simpático patrão de Leninegrado, passou a ser o amigo mais íntimo do *Vozhd*. Vemo-lo aqui de férias, com Estaline e Svetlana, em Sochi. Mas surgiram tensões quando Kirov se tornou perigosamente popular. Terá Estaline orquestrado a sua morte?

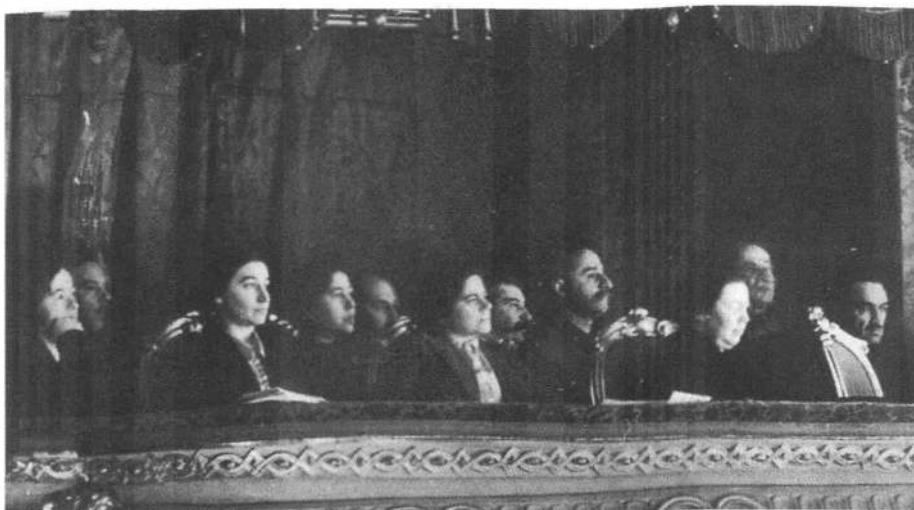




A corte do Czar Vermelho em meados dos anos 30. Estaline, rodeado pelos seus camaradas e pelo círculo de mulheres voluntárias e prepotentes que acabaram por pisar o risco e pagaram por isso. A 21 de Dezembro de 1934, ainda abalados pelo assassinato de Kirov, os cortesãos, família e potentados juntaram-se para festejar o aniversário de Estaline na *dacha* de Kuntsevo e foram fotografados por Vlasik. Lakoba e Béria chegaram mais tarde. (Fila de trás, de pé, da esquerda): Stan Redens, Kaganovich, Molotov, Aliosha, Svanidze, Ana Alliluyeva Redens, Vlas Chubar, Dora Kazan (casada com Andreiev), Andrei Andreiev, Zinaida Ordzhonikidze, Pavel Alliluyev. (Fila do meio): Maria Svanidze, Maria Kaganovich, Sashiko Svanidze, Estaline, Polina Molotova, Vorochilov. (Fila da frente): Desconhecido, possivelmente, Chalva Eliava; Lakoba, possivelmente a mulher de Lakoba; Sergo Ordzhonikidze, Zénia Alliluyeva, Bronislava Poskrebicheva, desconhecido. (Em baixo, à frente): Béria, Mikoian e Poskrebichev.



As mulheres de Estaline: a sua soridente amante, Zénia Alliluyeva, senta-se aos pés dele, com uma gola de renda; dizia o que queria a Estaline, e isso granjeou-lhe inimigos. A bonita Bronislava Poskrebicheva senta-se à direita de Polina. A filha afirma que também ela foi amante do *Vozhd*. O que a não impediu de ser liquidadas.



Estaline microgeria o teatro tal como dominava o cinema, a literatura e a política. Os potentados comiam na *avant-loge*, nos intervalos. Aqui, no ex-camarote imperial do Bolchoi, vemos (da esquerda): Vorochilov, Kaganovitch, Estaline, Sergo Ordzhonikidze, Mikoyan e as respectivas esposas.



Keke, a mãe de Estaline, tinha o mesmo humor sardônico e corrosivo do filho. Não eram próximos, mas Estaline escrevia-lhe, deixando para Béria o papel de filho por procuração. Pouco antes da morte dela, quando Estaline estava de férias na Geórgia, Béria combinou uma visita. Ex-amigos transformados em acerbos rivais, Béria e Lakoba sentam-se atrás da mãe e do filho, no quarto de Keke.



*A esquerda:* Como três *boulevardiers* ao sol, Béria, o vice-rei caucasiano (ao centro), recebe Vorochilov e Mikoian (à direita) em Tiflis, durante o Festival Rustaveli, no auge do Terror, em 1937.

*Em baixo:* Filho de um joalheiro judeu, perito em venenos e implacavelmente ambicioso, Genrikh Iagoda foi o chefe do NKVD que manifestou dúvidas relativamente ao Terror. Estaline ameaçou dar-lhe um murro no nariz. Iagoda gostava da boa vida: colecionar vinhos, criar orquídeas, cortejar a nora de Gorki, juntar lingerie feminina e comprar filmes pornográficos alemães e boquilhas obscenas. Da esquerda: Iagoda (de uniforme), Kalinine, Estaline, Molotov, Vichinski, Béria.



O marechal Semyon Budeny, exuberante cossaco, cavaleiro e herói de Tsaritsyn, famoso pelo seu retorcido bigode, dentes resplandecentes e um nível de inteligência equino, posa com Kaganovitch e Estaline, rodeados de mulheres adoradoras. Buden provou ser melhor general do que muitos dos oficiais de cavalaria de Estaline, mas gostava sobretudo de cavalos, que considerava mais úteis do que os tanques.



Os dois monstros mais depravados da corte de Estaline. No 17.º Congresso, em 1934, quando se juntaram à liderança (mas antes de chegarem ao poder absoluto), Béria e Iezhov, um funcionário do Comité Central em plena ascensão, posaram para a câmara. Iezhov era um fanático ambicioso, simpático mas pouco saudável, um anão bissexual de quem todos gostavam até que, em 1936, foi promovido a chefe do NKVD e se tornou um assassino louco às ordens de Estaline. Béria era um membro da polícia secreta, desprovido de escrúulos mas inteligente e capaz. Em 1938, foi chamado a Moscovo para destruir Iezhov, cuja execução supervisionou.



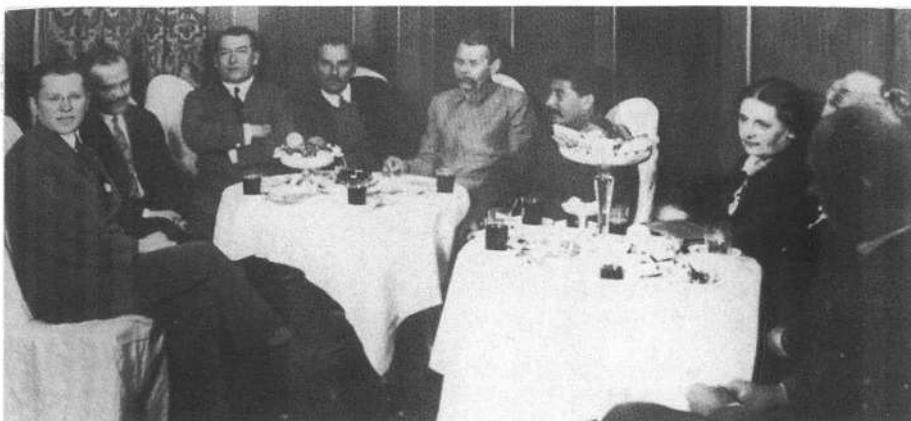
*À esquerda:* Iezhov, a estrela ascendente, (a abraçar a filha adoptiva, Natacha), e a sua promíscua esposa, Ievgenia (que dormiu com uma coorte de escritores desde Isaac Babel a Mikhail Cholokov) recebem o seu poderoso amigo, Sergo Ordzhonikidze. Pouco depois, Iezhov ajudaria Estaline a levar Sergo ao suicídio. Ievgenia Iezhova tornou-se a «viúva negra» do círculo de Estaline: muitos dos seus amantes, incluindo Isaac Babel, morreram devido às suas ligações com ela. Sacrificou-se para tentar salvar a filha, Natacha. *Em cima, à direita:* Sergo e Iezhov.



À medida que o Terror ganhava ímpeto, Sergo Ordzhonikidze entrou em conflito com Estaline. A sua misteriosa morte, no apartamento onde o falecido foi colocado em cima da mesa para esta foto, significou a resolução de um problema para o *Vorghd*. Estaline, Zhdanov (com uma cómica faixa anti-dores de cabeça a cingir-lhe a testa), Kaganovitch, Mikoian e Vorochilov posaram com o corpo. Kaganovitch e Mikoian eram muito próximos de Sergo e parecem particularmente abalados.

Em 1937, no auge do Grande Terror, dois jovens potentados juntam-se à liderança: Iezhov, agora chefe do NKVD e envergando o uniforme de comissário-geral da Segurança do Estado (o segundo da direita) e (na extrema direita) o seu amigo Nikita Khrushchev, recentemente nomeado patrão de Moscovo e mais tarde um dos sucessores de Estaline, acompanharam Molotov, Kaganovitch, Estaline, Mikoian e Kalinine. Estaline confiava no implacável e rude Khrushchev, que se descrevia a si mesmo como o «preferido» do líder. Idolatrava Estaline.





Estaline considerava-se um intelectual. Convenceu o famoso romancista Gorki a regressar e tornar-se o grande escritor do regime, dando-lhe uma mansão em Moscovo e duas *dachas* no campo. A casa de Gorki passou a ser o centro literário do Politburo, que o visitava regularmente. Foi lá que Estaline disse aos escritores que deviam ser «engenheiros da alma humana». Na foto, Estaline e Molotov (segundo da esquerda) tomam chá com Gorki. Quando Estaline se desencantou de Gorki, a morte do escritor, em 1936, revelou-se «conveniente».



Quando ela lhe deixou cair um bolo de creme no dólman, Poskrebichev apaixonou-se por uma bonita, encantadora e bem relacionada jovem médica chamada Bronislava, que se tornou íntima do círculo de Estaline. Mas a sua origem judaico-lituana, a sua amizade com a mulher de Iezhov e, pior ainda, as suas remotas ligações a Trotski levaram a que fosse detida por Béria e, mais tarde, executada. Poskrebichev chorou quando ouviu o nome dela, mas continuou a trabalhar ao lado de Estaline, manteve um bom relacionamento com Béria... e voltou até a casar. Poskrebichev com a mulher (*à direita*) e a cunhada.

Mais poderoso do que muitos potentados, Alexandre Poskrebichev (*à esquerda*) foi chefe de gabinete de Estaline durante a maior parte do seu reinado. Este ex-enfermeiro e mestre do pormenor dirigia o gabinete e guardava os segredos enquanto, nos jantares, Estaline o desafiava para concursos de bebida, lhe chamava «comandante-chefe» e ria quando tinham de levá-lo, a vomitar, para longe da mesa.



Poskrebichev dirigia a política, mas o general Nikolai Vlasik, chefe da segurança de Estaline, era o fotógrafo da corte. Este grande bebedor e devasso, com um harém de «concubinas», fazia também as vezes de figura paterna de Vassili Estaline. Aqui, pouco antes da guerra, vemos Vlasik, à esquerda, com Iakov, o malogrado filho do *Vozhd*, provavelmente em Kuntsevo.

Estaline sempre foi afectuoso para com Svetlana, mas, em finais dos anos 30, a maturidade precoce da filha, ainda adolescente, alarmou-o profundamente. Quando ela lhe enviou esta foto, em que veste o uniforme dos Jovens Pioneiros, ele devolveu-lha, com a seguinte nota: «A tua expressão não é adequada para alguém da tua idade.» Quando, em plena Guerra Mundial, Svetlana se apaixonou por um homem mais velho, Estaline ficou chocadíssimo, e isso destruiu para sempre a relação entre os dois. Desde então, o tratamento mais terno que tinha para ela era «Sua parvinha».

– Diz lá, quantos rapazes andam atrás de ti? – insistiu Estaline. Svetlana correu em auxílio da amiga:

– Vá lá, papá, deixa-a em paz.

Estaline riu-se e concordou, dizendo que obedecia sempre à sua querida *khozyai-ka*. O jantar, recordaria Marta «foi um suplício para mim», mas não tinha medo de Estaline, porque o conhecia desde a infância. No entanto, para aquelas crianças, nada era o que parecia: tinham desaparecido tantos dos pais dos amigos de Svetlana! Marta acabava de ver\* o novo amante da mãe ser preso.

Para os filhos dos líderes que não tinham sido presos, nunca houvera uma época de maior alegria e energia. A loucura do *jazz* continuava a varrer o país: o mais recente musical de Alexandrov, *Volga, Volga*, apareceu em 1938, e as suas canções eram tocadas vezes sem conta nos salões de baile. Nas festas oferecidas ao corpo diplomático, os assassinos dançavam ao som do *jazz*: Kaganovitch exaltava o *jazz* como sendo «acima de tudo o amigo da alegria, o organizador musical da nossa alegre juventude». Escreveu inclusivamente um manual, de parceria com o seu amigo, o milionário do *jazz* Leonid Utesov, intitulado *Como Organizar Conjuntos de Canto e Dança e Orquestras de Jazz nos Caminhos-de-Ferro*, no qual «a Locomotiva» decretava que devia haver uma banda de «*dzhaz*» em cada estação soviética. Que bem precisavam de animação.

«Foi verdadeiramente um tempo de grandes esperanças e alegria para o futuro», recorda Stepan Mikoian. «Estávamos perpetuamente excitados e felizes – o novo metro tinha sido inaugurado com os seus lustres, o gigantesco Hotel Moskva, a nova cidade de Magnitogorsk, e todo o género de outros triunfos.» A máquina da propaganda cantava heróis do trabalho como o supermineiro Stakhanov, de aviação, de exploração. Vorochilov e Iezhov eram exaltados como «cavaleiros» em baladas. Os filmes tinham nomes como *Histórias de Heróis da Aviação*. «Sim, foi uma era de heróis», conta Natacha, a filha de Andreiev. «Não tínhamos medo, naquele tempo. A vida era cheia... Lembro-me de rostos soridentes e de escalar montanhas, de heróicos pilotos. Nem toda a gente vivia sob a opressão. Sabíamos, quando crianças, que a primeira coisa a fazer era tornar as pessoas fortes, criar o Homem Novo, e educar o povo. Na escola, aprendíamo-nos a usar várias ferramentas, íamo-nos para os campos ajudar nas colheitas. Ninguém nos pagava, era o nosso dever.»

Também os agentes do NKVD eram heróis: a 21 de Dezembro, os «Órgãos» festejaram o seu vigésimo aniversário com uma gala no Bolchoi. Por baixo de flores e faixas com os nomes de Estaline e Iezhov, Mikoian, vestindo um dólman do partido, declarou:

---

\* Marta e a mãe tinham sido convidadas pelo mais recente amante de Timocha, o académico Lupel, para ir a Tiflis assistir à comemoração do 750.º aniversário do poeta Rustaveli. Ali, através de uma fresta da porta, vira-o ser preso pela calada da noite. «Vi cinco homens levá-lo», recordava. Mais tarde, o caso de Timocha com o arquitecto da corte de Estaline, Merzhanov, acabou também com a prisão dele. «Estou amaldiçoada!», exclamou Timocha Pechkova. «Todos aqueles em que toco são destruídos.»

– Aprendam a maneira estalinista de trabalhar com o camarada Iezhov, tal como ele a aprendeu com o camarada Estaline.

O cerne do discurso era, porém: «Todos os cidadãos da URSS devem ser agentes do NKVD.»

O país celebrou o aniversário da morte de Puchkine, e o aniversário do poeta georgiano Rustaveli, organizado por Béria e em que estiveram presentes Vorochilov e Mikoian. Estaline estava a fundir deliberadamente a cultura russa tradicional com o bolchevismo, enquanto a Europa caminhava para a guerra. Os soviéticos combatiam os fascistas, por procuração, na Guerra Civil de Espanha, lançando a moda das canções espanholas e dos bonés espanhóis, «azuis com um debrum vermelho na pala», e das grandes boinas «inclinadas para um lado». As mulheres usavam blusas espanholas. *Se o amanhã trouxer a guerra* tornou-se uma das canções mais populares. Todos os filhos dos líderes queriam ser pilotos ou soldados.

«Até as crianças sabiam que ia haver guerra», recorda Artyom, o filho adoptivo de Estaline, «e que teríamos de ser fortes para não sermos destruídos. Um dia, o Tio Estaline chamou os rapazes e perguntou: “O que é que querem ser na vida?”» Artyom queria ser engenheiro. «Não, precisamos de homens que percebam de artilharia.» Artyom e Iakov, que já era engenheiro, foram para a Escola de Artilharia. «Foi este o único privilégio que alguma vez recebi do meu Tio Estaline», diz Artyom. Mas os aviadores eram o escol. Mais filhos de potentados optaram pelos «Falcões de Estaline» do que por qualquer outro ramo das Forças Armadas. Vassili treinou para piloto, tal como Stepan Mikoian e Leonid Khrushchev.

Em contrapartida, as famílias dos líderes passaram por uma experiência especial durante aquele tempo. Para os pais, era um tormento diário de depressão, incerteza, exultação e ansiedade, enquanto amigos, colegas e parentes eram presos. No entanto, lendo as histórias ocidentais e as memórias soviéticas, poder-se-ia pensar que esta nova elite bolchevique estava convencida de que todos os presos eram vítimas inocentes. Isto reflecte o sentimento de culpa retrospectivo daqueles cujos pais participaram na matança. A verdade era diferente: Zhdanov dizia ao filho, Iuri, que Iezhov tinha razão, mesmo nos casos mais improváveis:

– Só o diabo sabe! Conhecia-o há muitos anos, mas a verdade é que tivemos o Marinovski – alegava, referindo-se ao famoso espião czarista.

Andreiev sabia que havia Inimigos, mas pensava que todos deviam ser «aprofundadamente investigados» antes de serem presos. Mikoian tinha as suas reservas relativamente a muitas detenções, mas o filho, Sergo, sabia que o pai era, nas suas próprias palavras, «um comunista fanático». E as mulheres eram, em muitos casos, mais fanáticas ainda do que os maridos: Mikoian recordava como a mulher acreditava incondicionalmente em Estaline e seria a última pessoa a questionar as suas acções. «O meu pai», diz Natacha Andreieva, «acreditava que os sabotadores e quinta-colunistas estavam a destruir o nosso Estado e tinham de ser destruídos. A minha mãe estava totalmente convencida. Preparávamo-nos para a guerra.»

Os potentados nunca discutiam o Terror na presença dos filhos, que viviam num mundo de mentiras e assassinios. A «relutância em revelar os nossos pensamentos, mesmo aos nossos próprios filhos, era o sinal mais assustador daqueles tempos», recordava Andrei Sakharov, o físico. No entanto, as crianças reparavam, naturalmente, quando tios e amigos da família desapareciam, deixando nas suas vidas vazios sobre os quais nada se dizia e nada se perguntava. Os filhos dos Mikonian ouviam os pais e os tios falar em murmurários a respeito de detenções na Arménia, mas, por vezes, o pai não conseguia impedir-se de exclamar: «Não acredito!» Andreiev «nunca nos falava a respeito dessas coisas – era um assunto dos pais», lembra Natacha Andreieva. «Mas, quando alguém importante era preso, o meu pai telefonava à mamã: "Dorochka, podes falar comigo por um minuto?"» Na realidade, Dora afirmava à família que era capaz de identificar Inimigos olhando-lhes para os olhos. Cochichavam na cozinha, com a porta fechada. Sempre que a mulher lhe fazia uma pergunta perigosa, Mikonian respondia: «Cala-te.» Antes de morrer, Ordzhonikidze calava a esposa com um firme: «Agora não!» Os pais estavam constantemente a sair para passear pelos bosques ou à volta do Kremlin.

Os moradores da Casa do Cais, o horroroso edifício de luxo destinado aos líderes mais jovens, incluindo os Khrushchev, a maior parte dos comissários do povo e os parentes de Estaline, como os Svanidze e os Redens, esperavam todas as noites pelo ranger do elevador e as pancadas nas portas, quando o NKVD chegava para prender os seus suspeitos.\* Como Trifonov relata no seu livro *A Casa do Cais*, todas as manhãs o porteiro uniformizado comunicava aos moradores quem fora preso durante a noite. Não tardou que o edifício estivesse cheio de apartamentos vazios, as portas ominosamente seladas pelo NKVD. Khrushchev preocupava-se com as coscuvilheiras mulheres da família e ficava furioso com a sogra, uma camponesa, que passava o tempo a tagarelar no átrio do prédio, sabendo bem como uma língua solta podia custar vidas.

Os pais tinham sempre preparados sacos de roupa para a prisão e dormiam com pistolas *Mauser* ou *Chagan* debaixo da almofada, para se suicidarem. Os mais expeditos explicavam aos filhos o que fazer se eles fossem presos: a mãe de Zoya Zarubina, enteada de um chekista, ensinou-a a juntar roupas quentes e a levar a irmã mais nova, de oito anos, para casa de uma parente afastada, no campo.

As crianças observavam frequentes mudanças de casa, porque cada execução criava um apartamento e uma *dacha* vagos que eram imediatamente ocupados pelos sobreviventes e pelas suas ambiciosas esposas, desejosos de acomodações mais esplêndidas. Estaline explorava esta maneira de ligar os líderes à chacina. A família de Iezhov mudou-se para o apartamento de Iagoda. Zhdanov recebeu a *dacha* de Rudzutak, comprou a de Iagoda e, mais tarde, a de Rikov. Vichinski era, de todos, o mais morbidamente

---

\* Nadezhda Mandelstam descreve, em frases de grande beleza, como ela e o marido ficavam acordados, no edifício do Sindicato dos Escritores, até o elevador passar pelo andar deles.

ávido: sempe cobiçara a *dacha* de Leonid Serebriakov: «Não consigo tirar os olhos dela (...). És um homem de sorte, Leonid», costumava dizer. Dias depois da detenção de Serebriakov, a 17 de Agosto de 1936, o procurador exigiu a *dacha* para seu uso, conseguindo inclusivamente ser reembolsado pela sua antiga casa e receber um subsídio de 600.000 rublos para restaurar a nova. Esta quantia enorme foi aprovada a 24 de Janeiro de 1937, no próprio dia em que Vichinski interrogou Serebriakov no âmbito do julgamento de Radek.\* Mal de quem recusasse estas dádivas mal-assombradas: o marechal Iegorov rejeitou imprudentemente a *dacha* de um camarada executado. «Os fantasmas dos anteriores proprietários», escreveu Svetlana Estaline, «pareciam continuar a habitar entre aquelas paredes.»

«Never tínhamos medo, em 1937», explica Natacha Andreieva, porque acreditava piamente que o NKVD só prendia Inimigos. Portanto, ela e os pais nunca seriam presos. Stepan Mikoian «não andava preocupado, mas só mais tarde percebi que os meus pais viviam numa apreensão constante». Além disso, os membros do Politburo recebiam as transcrições de todos os interrogatórios. Stepan costumava entrar às escondidas no gabinete do pai e espreitar as extraordinárias revelações sobre os amigos da família que afinal eram Inimigos. Todas as famílias tinham o seu «expurgador»: em casa dos Mikoian, Sergei Shaumian, filho adoptivo de um falecido Velho Bolchevique, passava em revista os álbuns de fotografias familiares e apagava os rostos dos Inimigos à medida que iam sendo presos e executados, uma horrível distorção dos livros de colorir que a maior parte das crianças tanto aprecia.

Mesmo que não se apercebessem do carácter caprichosamente aleatório da morte, tinham consciência de que ela estava sempre presente e aceitavam que a guerra iminente significava que os Inimigos tinham de ser mortos. As crianças discutiam o assunto entre si: Vassili Estaline comentava jocosamente com Artyom Sergeev e os Redens a questão das prisões. Protegidas por murmúrios e mistérios em casa, era na escola que descobriam mais. A maior parte dos filhos dos líderes frequentava a Escola N.º 175 (ou a 110), aonde eram levadas pelos motoristas dos pais em *Packards* e *Buicks* que conseguiam ser tão embaraçosos como um *Rolls-Royce* à porta de uma escola no Ocidente. Os Mikoian faziam questão de que o carro deixasse os filhos a pelo menos meio quilómetro de distância, para que pudessem chegar a pé. Nesta escola de elite, os professores (entre os quais se contava a esposa de Nikolai Bulganine, um líder em ascensão, que ensinava inglês) fingiam que nada se passava, numa altura em que os alunos começavam a aperceber-se do perigo ao verem a repressão atingir os colegas: o melhor amigo de Stepan Mikoian era Serezha Metalikov, filho do médico-chefe da Kremlevka e sobrinho de Poskrebichev, que viu ambos os pais serem presos em 1937.

---

\* Depois da morte de Estaline, os Serebriakov conseguiram reaver metade das propriedades que lhes tinham sido confiscadas, mas os Vichinski conservaram a outra metade. Assim, em 2002, sessenta anos depois de o pai ter sido fuzilado por ordem do vizinho, os Serebriakov passavam os fins-de-semana paredes-meias com os Vichinski.

Na escola, Svetlana era tratada como uma czarina pelos atemorizados professores. Uma colega recorda como a carteira dela brilhava como um espelho, a única que era limpa e encerada. Sempre que um progenitor era preso, os filhos desapareciam misteriosamente da escola de Svetlana, para que a czarina não tivesse de conviver com a parentela do Inimigo.

Por vezes, os amigos eram detidos em festas de adolescentes, à vista de todos os outros. Vassili Estaline e Stepan Mikoian estavam numa festa oferecida por um amigo comum, na Academia Militar, quando a campainha da porta tocou. Um homem à paisana pediu para falar com Vassili Estaline, que foi à porta e a quem foi dito, quase como um gesto de respeito feudal, que o NKVD estava ali para prender um dos rapazes. Vassili voltou à sala e disse ao visado que fosse à porta, enquanto murmurava ao ouvido de Stepan que o rapaz ia ser preso. Da janela, viram os chekistas arrastarem-no para um carro preto, acusado de ser «membro de um grupo de adolescentes anti-soviéticos». Nunca mais voltou a ser visto.

Os pais escrutinavam cuidadosamente os amigos dos filhos. «O meu padrasto era muito cauteloso em relação aos meus namorados», recordava Zoya Zarubina. «Queria sempre saber quem eram os pais deles (...), e investigava-os na Lubianka. Os Vorochilov eram mais estritos do que os Mikoian, que eram mais estritos do que os Zhdanov: quando um dos filhos dos Vorochilov recebeu um telefonema de um rapaz cujos pais tinham sido presos, Ekaterina Vorochilova ordenou-lhe que pusesse fim à relação. Iuri, o filho dos Zhdanov, conta que os pais o deixavam convidar para casa filhos de Inimigos. «Os meus pais não levantavam objecções.» Mas era tudo uma questão de tempo: no frenesi de 1937-38, isto custa a acreditar. Depois de Stepan Mikoian ter começado a andar com uma rapariga chamada Katya, descobriu um relatório do NKVD que referia a amizade dela com o filho de um Inimigo. «Esperei que o meu pai me dissesse qualquer coisa (...), mas ele nunca o fez.» No entanto, quando algumas famílias próximas dos Mikoian caíram sob suspeita, ele cortou todos os contactos com elas.

\* \* \*

No início de 1937, a chegada das jovens e bonitas esposas de Poskrebichev e Iezhov significou que nunca a *entourage* tinha sido mais colorida e cosmopolita. Em Zubalovo, Estaline continuava a sair com a família para piqueniques, levando chocolates para a filha e para Marta Pechkova. Enquanto o país tremia sob as depredações do NKVD, Estaline mostrava-se solícito para com as crianças: certa vez, Leonid Redens, que tinha nove anos, perdeu-se em Kuntsevo até que, finalmente, apareceu a correr, espavorido, junto de um grupo de adultos. Todos riram, excepto Estaline.

– Perdeste-te, foi? – perguntou. – Vem comigo, eu ensino-te o caminho.

No entanto, a antiga familiaridade com o *Vozhd* estava pouco a pouco a transformar-se num medo gelado.



QUINTA PARTE

**MATANÇA:  
A CHEGADA DE BÉRIA,  
1938-1939**

Certa vez, quando Estaline estava a descansar em Zubalovo, Sergei, o filho do meio de Pavel e Zénia, não parava de chorar e os pais estavam com receio de que o choro da criança o incomodasse. Pavel, que tinha, como a irmã, Nádia, um temperamento histérico, deu uma estalada a Kira por não ser capaz de calar o irmão. Kira, já uma adolescente, era indomável e, tendo crescido perto de Estaline, não compreendia o perigo. Quando recusou comer qualquer coisa que o *Vozhd* lhe oferecera, o pai deu-lhe um pontapé por baixo da mesa. Mesmo assim, as crianças brincavam à volta de Estaline e dos seus assassinos tão inconscientemente como aves a entrar e a sair da boca aberta de um crocodilo.

Estaline continuava a visitar as casas dos camaradas, aparecendo frequentemente, para jantar, na de Poskrebichev, onde se dançava e todos jogavam às adivinhas. Poskrebichev casara recentemente com uma brilhante jovem que se juntara ao círculo do poder. Em 1934, este mais do que improvável herói romântico fora a uma festa em casa do médico do Kremlin, o doutor Mikhail Metalikov, cuja mulher, Asya, estava indirectamente relacionada com Trotski, tendo a irmã casado com Sedov, o filho do exilado. O verdadeiro nome de Metalikov era Masenakis, uma família de barões do açúcar judaico-lituano, uma combinação perigosa.

Bronislava, irmã de Metalikov, era uma jovem morena e elegante, cheia de energia e animação que tantas vezes faltavam às mulheres dos Velhos Bolcheviques. Aos vinte e quatro anos, Bronka estava casada com um advogado, com quem já tinha uma filha, e preparava-se para ser endocrinologista. As fotografias mostram-na esbelta, travessamente elegante num vestido às bolinhas. No dia da festa, participava numa brincadei-

ra qualquer, correndo à volta da mesa de onde Poskrebichev, o simiesco *chef de cabinet* de Estaline, com quarenta e três anos, a observava. Quando Bronka iniciou uma «luta de comida», atirou um bolo que falhou o alvo e foi cair no dólman de Poskrebichev: ele apaixonou-se por ela e os dois casaram pouco tempo depois. As fotos de família mostram a devotada adoração de Poskrebichev, que aparece na História como um Quasímodo mas é aqui visto como um marido apaixonado, com a cabeça apoiada no lustroso ombro da mulher, o nariz escondido entre os cabelos castanhos dela.

A Bela e o Monstro levaram divertimento e alegria à *entourage* de Estaline: Kira Alliluyeva ouviu «a bela esposa polaca de Poskrebichev dizer, a brincar, que o marido era tão feio que só conseguia ir para a cama com ele às escuras». Mas Poskrebichev orgulhava-se da sua fealdade: Estaline escolhera-o precisamente pelo seu aspecto assustador. E fazia alegremente o papel de bobo da corte: Estaline desafiava-o a beber um copo de *vodka* de um só trago, sem um golo de água, ou a ver quanto tempo conseguia manter as mãos levantadas com um pedaço de papel a arder debaixo de cada unha. «Vejam!», dizia Estaline. «O Sacha consegue beber um copo de *vodka* sem sequer franzir o nariz!»

O *Vozhd* gostava de Bronka, que fazia parte dessa nova geração de jovens alegres, perfeitamente à vontade no seio da elite, onde estavam habituadas a conviver com os potentados. Quanto a ela, tratava-o pelo familiar *tye*, se viajava ao estrangeiro, como as Alliluyev, trazia sempre uma lembrança para Svetlana, telefonando a Estaline para perguntar se podia oferecer-lha.

— Achas que lhe serve? — perguntou, a propósito de uma camisola trazida do Ocidente.

— Oh, sim!

— Então dá-lha.

A melhor amiga de Bronka era Ievgenia Iezhova, editora e irreprimível fã literária. Estas duas risonhas e borboleteantes beldades de ascendência judaico-polaca ou lituana eram tão parecidas que Kira Alliluyeva as julgava irmãs. Até partilhavam o mesmo patronímico, Solomonova, apesar de não serem aparentadas. Também Iezhov e Poskrebichev eram amigos chegados — costumavam ir juntos à pesca, enquanto as mulheres trocavam mexericos.

Enquanto o «Amora», agora promovido a candidato a membro do Politburo, chacinava as suas vítimas, a mulher fazia amizade com todas as estrelas artísticas e ia para a cama com a maior parte delas. O encantador Babel era a principal celebridade de Iezhova: «Quando convidávamos pessoas “para o Babel”, apareciam todos», escreveu a mulher do visado, Pirozhkova. Solomon Mikhoels, o actor *yiddish* que fez *O Rei Lear* para Estaline, Leonid Utesov, líder de uma banda de *jazz*, Eisenstein, o realizador, Mikhail Cholokhov, o romancista, e o jornalista Mikhail Koltsov, todos frequentavam o *salon* desta fascinante leviana. Nas festas do Kremlin, Iezhova era quem mais pulava, não perdendo uma dança. Também a sua melhor amiga, Zinaida Glikina, criou um *salon* literário. Quando o casamento dela se desfez, Iezhov convidou-a para viver com eles, e então seduziu-a. Não era, nem pouco mais ou menos, a sua única amante, en-

quanto Ievgenia mantinha entusiasticamente romances literários com Babel, Koltsov e Cholokhov. Poucos recusavam um convite da mulher de Iezhov: «Imagine-se!», dizia Babel. «A nossa rapariguinha de Odessa tornou-se a primeira-dama do reino!»

Depois da morte de Nádia, correu o boato de que Estaline se tinha apaixonado por, e casado com, a irmã de Lazar Kaganovitch, Rosa, a sobrinha (também chamada Rosa), ou a filha, Maya. A história foi largamente divulgada, e muitos acreditaram nela: havia até fotografias que mostravam Rosa Kaganovitch como uma bela mulher de cabelos negros. Os Kaganovitch eram uma família bem-parecida – o próprio Lazar fora um jovem atraente e havia quem comparasse a filha, Maya, a Elizabeth Taylor. O principal objectivo do boato era atribuir a Estaline uma esposa judia, propaganda útil para os nazis, que tinham interesse em fundir os demónios judaico e bolchevique no Sr. e Sra. Estaline. Os Kaganovitch, pai e filha, foram tão enfáticos nos seus desmentidos que talvez tenham protestado um pouco mais do que convinha, mas parece que se trata, na verdade, de um mito.\*

A história é duplamente irónica, uma vez que os nazis não tinham necessidade de inventar uma tal personagem: Estaline estava rodeado de judias – de Polina Molotova e Maria Svanidze a Poskrebicheva e Iezhova. O filho de Béria, fiável no que respeita a mexericos, dúvida em questões de política, recordava que o pai mantinha maliciosamente um registo dos *affaires* de Estaline com judias.

Estas bonitas jovens borboleteavam à volta de Estaline, mas eram todas de «origens duvidosas». Estavam mais interessadas em roupas, brincadeiras e casos amorosos do que em materialismo dialéctico. Juntamente com Zénia Alliluyeva e Maria Svanidze, eram sem dúvida a vida e a alma daquela sociedade fatalmente entreteceda formada pela família e camaradas de Estaline. Stanislas Redens, chefe do NKVD de Moscovo, levava frequentemente a família e os outros Alliluyev a casa dos Iezhov. As crianças ficavam fascinadas pelo patrão do NKVD: «Iezhov descia as escadas envergando o uniforme de comissário-geral com um ar bastante assustador, como se estivesse cheio de si mesmo», recorda Leonid Redens. «Era muito macambúzio, enquanto o meu pai era tão aberto.» Kira Alliluyeva gostava da alegre tagarelice de Ievgenia Iezhova e Bronka Poskrebicheva. Iezhov, que trabalhava toda a noite, estava geralmente demasiado cansado para conviver, de modo que Kira e as outras adolescentes escondiam-se atrás de uma cortina. Quando o minúsculo «Amora» passava, com as suas botas altas, punham-se aos risinhos. Os pais, Pavel Alliluyev e Stanislas Redens, que conheciam os riscos, ficavam furiosos com elas... mas como podiam explicar-lhes a que ponto aquela brincadeira era perigosa? Agora, os promíscuos jogos das mulheres que rodeavam Estaline tornavam-nos subitamente vulneráveis.

Na Primavera, Estaline começou a afastar-se da família, cuja arrogante coscuvilhice parecia repentinamente suspeita. Quando se reuniram todos no apartamento para

\* Havia duas Rosas Kaganovitch: a irmã de Lazar morreu jovem, em 1924, enquanto a sobrinha residiu em Rostov, mudando-se depois para Moscovo, onde ainda hoje vive. É possível que tenham conhecido Estaline, mas nenhuma delas casou com ele.

festejar o décimo primeiro aniversário de Svetlana, a 28 de Fevereiro de 1937, Iakov, o gentil filho georgiano de Estaline, levou, pela primeira vez, Júlia, a sua esposa judia. Júlia estava casada com um guarda-costas chekista quando conheceu Iakov, através dos Redens, que Estaline imediatamente acusou de terem arranjado um casamento com «aquela judia». Maria Svanidze, sempre intriguista, chamava a Júlia «uma aventureira», e tentava persuadir Estaline: «José, é impossível. Tens de intervir!» Fora o suficiente para conquistar Estaline para a causa do filho.

«Um homem ama a mulher que ama!», retorquia, seja ela «princesa ou costureira». Depois de os dois terem casado e tido uma filha, Gulia, Estaline reparara em como Júlia cuidava bem das roupas de Iakov. Afinal, era uma *baba*. «Vejo agora que a tua mulher é uma coisa boa», disse finalmente a Iasha, que vivia com a sua pequena família no luxuoso edifício de apartamentos da Rua Granovski. Quando, finalmente, Estaline conheceu Júlia, gostou dela, tratava-a com todos os carinhos e até lhe dava de comer com um garfo, como qualquer amoroso sogro georgiano.

Estaline, que perdia a paciência com a família, não assistiu à festa. Maria Svanidze julgava compreender porquê: os Alliluyev eram uns inúteis – «Olga era louca; Fiodor, um idiota; Pavel e Niura [Ana Redens], uns imbecis; Stan [Redens], um cretino; Vasya [Vassili Estaline], um preguiçoso; Iasha [Djugachvili], um lamecha. As únicas pessoas normais são o Aliosha, a Zénia, eu e (...) a Svetlana.» Isto era irónico, porque foram os Svanidze os primeiros a cair. Maria era ebullientemente egocêntrica, atormentando o marido com cartas em que proclamava: «Sou mais bonita do que 70% das esposas bolcheviques (...). Quem me conhece recorda-se de mim para sempre.» Era verdade, mas estava longe de ajudar na corte de Estaline. Não podemos impedir-nos de lamentar estas mulheres altivas e decentes que se viram atascadas no atoleiro daquele lugar e daquele tempo que tão mal compreendiam.

Nessa Primavera, Estaline e Pavel jogavam bilhar com Svanidze e Redens. Quem perdia tinha, tradicionalmente, de gatinhar por baixo da mesa. Quando a equipa de Estaline perdeu, Pavel sugeriu, diplomaticamente, que os filhos, Kira e Sergei, gatinhasssem por baixo da mesa em vez deles. Sergei não se importou – tinha apenas nove anos –, mas Kira, que tinha dezoito, recusou desafiadoramente. Tão rebelde e corajosa como a mãe, insistiu em que Estaline e o pai tinham perdido e deviam ser eles a passar por baixo da mesa. Pavel ficou histérico e bateu-lhe com o taco de bilhar.

Pouco tempo depois, Estaline e Svanidze, o *dandy* de olhos azuis, deixaram repentinamente de ser «como irmãos». «O Aliosha era muito liberal, um europeu», explicou Molotov. «Estaline apercebeu-se disto (...).» Svanidze era presidente-adjunto do Banco do Estado, uma instituição cheia de delicados cosmopolitas agora sob grave suspeita. A 2 de Abril de 1937, Estaline escreveu uma ominosa nota a Iezhov: «Purgar o Banco do Estado.» Também Svanidze tinha feito para Estaline, ao longo dos anos, algum trabalho de natureza secreta e sensível. O diário de Maria Svanidze termina a meio desse ano: o seu acesso a Estaline fora repentinamente cortado. A 21 de Dezembro, estavam ambos sob investigação e não foram convidados para a festa de aniversário de Estaline, o que deve ter sido um tormento para Maria. Dias mais tarde, os Svanidze visitaram

Zénia e Pavel Alliluyev na Casa do Cais (onde todos eles viviam). Maria mostrou o seu novo vestido de veludo, de saia curta. Depois de eles terem partido, à meia-noite, Zénia e Kira estavam a lavar a louça quando a campainha tocou. Era o filho de Maria, do seu primeiro casamento: «A Mamã e o Aliosha foram presos. Levaram-na com o seu bonito vestido.» Meses mais tarde, Zénia recebeu uma carta de Maria, com o pedido de que a passasse a Estaline: «Se não saio deste campo, morro.» Zénia levou a carta a Estaline, que a avisou: «Nunca mais faças uma coisa destas!» Maria foi transferida para uma prisão ainda mais rigorosa.

Zénia pressentiu o perigo que representava para ela e para os filhos serem tão próximos de Estaline. Não deixou por isso de o adorar até ao fim dos seus dias, não obstante os terríveis infortúnios por que passou. Afastou-se do *Vozhd*, sem deixar de acicatar Pavel para que falasse com ele a respeito dos amigos presos. Aparentemente, Pavel fez o que a mulher lhe pedia: «São meus amigos (...), portanto, manda-me também para a prisão!» Alguns foram libertados.

Também os outros Alliluyev fizeram a sua parte: a avó Olga, que continuava a fazer uma vida de *grande dame* no Kremlin, pouco dizia. Enquanto todos os outros acreditavam que Estaline não conhecia os pormenores e estava a ser enganado pelo NKVD, só ela, naquela nave de loucos, compreendia: «Nada acontece sem que ele saiba.» Mas o marido, de quem estava separada, o respeitado Sergei, apelava constantemente ao Líder, esperando por ele no sofá do apartamento. Muitas vezes, adormecia ali sentado e acordava a altas horas, quando Estaline chegava de jantar. Suplicava então pela vida de alguém. Estaline gostava de troçar do sogro repetindo a sua expressão preferida: «Exactamente, exactamente»:

– Veio então falar comigo, «exactamente exactamente»? – brincava Estaline.

Pouco depois da detenção de Svanidze, Mikoyan chegou, como de costume, a Kuntsevo, para jantar com Estaline, o qual, sabendo da amizade que o ligava a Aliosha, foi direito a ele e disse:

– Já sabes que prendemos o Svanidze?

– Sim... mas como foi isso possível?

– É um espião alemão – respondeu Estaline.

– Como pode ser? Não há indícios de que tenha sabotado fosse o que fosse. Qual é a vantagem de um espião que não faz nada?

Estaline explicou que Svanidze era um «espião de um tipo especial», recrutado quando fora prisioneiro dos alemães, durante a Grande Guerra, e cujo trabalho era apenas fornecer informações. Presumivelmente, depois desta revelação, o jantar em casa de Estaline prosseguiu como habitualmente.

\* \* \*

Quando um líder ficava debaixo de fogo, o Terror seguia o seu próprio impulso. Pouco depois de ter sido despromovido, Postichev, o duro, lívido e arrogante «príncipe» da Ucrânia, que tanto divertira Estaline ao dançar com Molotov, provara freneti-

camente a sua ferocidade eliminando quase toda a máquina burocrática da cidade de Kuibichev,\* junto ao Volga. Agora, no Plenário de Janeiro de 1938, ia ser destruído por ter matado as pessoas erradas

– A liderança do partido soviético estava nas mãos de inimigos – clamou Postichev.

– Toda? De alto a baixo? – interrompeu Mikoian.

– Não havia ninguém honesto? – perguntou Bulganine.

– Não estará a exagerar, camarada Postichev? – acrescentou Molotov.

– Mas houve erros – declarou Kaganovitch, uma deixa para Postichev dizer:

– Falarei a respeito dos meus erros pessoais.

– Quero que diga a verdade – interveio Béria.

– Por favor, permita-me que acabe e explique toda esta questão o melhor que souber

– pediu Postichev, ao que Kaganovitch replicou, tonitruante:

– Não é muito bom a explicar seja o que for... é aí que reside a questão.

Postichev pôs-se de pé para se defender, mas Andreiev ordenou-lhe:

– Sente-se, camarada Postichev. Isto não é lugar para se passear de um lado para o outro.

Para Postichev, os tempos de passear de um lado para o outro tinham chegado ao fim: Malenkov atacou-o; Estaline propôs a sua expulsão do Politburo; Khrushchev, que em breve seria nomeado para governar a Ucrânia, substituiu-o como candidato a membro, passando para a primeira fila. Mas os ataques a Postichev continham um aviso a Iezhov, que multiplicava cada vez mais freneticamente o ritmo das detenções. Entretanto, Estaline parecia indeciso quanto a Postichev, cuja arrogância criara inimigos que talvez tenham persuadido o Líder a destruí-lo.<sup>†</sup> A última esperança era um apelo pessoal, provavelmente escrito depois de uma acareação com os seus acusados:

«Camarada Estaline, peço-lhe que me receba depois da reunião.»

«Não posso recebê-lo hoje», respondeu Estaline. «Fale com o camarada Molotov.» Dias depois, Postichev foi preso. Estaline assinou outra ordem para 48.000 execuções, por quota, enquanto o marechal Iegorov seguia a sua «bonita» esposa nas engrenagens da trituradora. Mas Iezhov estava já tão exausto que, a 1 de Dezembro de 1937, Estaline recebeu do Politburo a missão de obrigá-lo a uma semana de férias.

No início de Fevereiro, um alcoolizado «Amora» liderou uma expedição para purgar Kiev, onde, com a ajuda do novo vice-rei ucraniano, Khrushchev,<sup>‡</sup> foram presas mais

\* Depois da morte de Kuibichev, em 1935, a antiga cidade de Samara fora rebaptizada com o seu nome.

† Terá Estaline recordado a pequena ousadia de Postichev, em 1931? Quando lhe escrevera a queixar-se da lista dos nomeados para receber a Ordem de Lenine, dizendo: «Damos a Ordem de Lenine a qualquer merda», Postichev respondera jovialmente que todos os «merdas» eram pessoalmente aprovados pelo próprio Estaline.

‡ Khrushchev, a exemplo de outros chefes regionais, como Béria e Zhdanov, tornou-se objecto de um extravagante culto local: não tardou que uma «Canção de Khrushchev» fosse juntar-se à «Canção de Béria» e às odes a Iezhov no cancioneiro soviético.

30.000 pessoas. Tendo descoberto, ao chegar, que praticamente todo o Politburo de Kiev fora expurgado pelo seu predecessor, Kosior, Khrushchev tratou de prender vários comissários e os respectivos adjuntos. O Politburo aprovou 2140 vítimas das listas de execução de Khrushchev, que, mais uma vez, ultrapassou a sua quota. Em 1938, foram presas 106.119 pessoas no terror ucraniano de Khrushchev. A visita de Iezhov acelerou o banho de sangue: «Depois da viagem de Nikolai Ivanovitch Iezhov à Ucrânia (...), começou a verdadeira destruição dos Inimigos escondidos», anunciou Khrushchev, exaltado como um «inflexível estalinista» pela sua «implacável extirpação de Inimigos». O NKVD descobriu uma conspiração para envenenar cavalos e prendeu dois professores, acusando-os de serem agentes nazis. Khrushchev testou o alegado veneno e chegou à conclusão de que não matava cavalos. Só depois de terem sido nomeadas três comissões diferentes conseguiu provar que aquela conspiração em particular era falsa – mas suspeitamos de que Khrushchev só questionava o trabalho do NKVD quando Estaline assinalava o seu desagrado.

Sempre embriagado, em Kiev, Iezhov dava mostras de uma alarmante impudência, gabando-se de ter o Politburo «nas mãos». Podia prender quem quisesse, até os líderes. Certa noite, teve de ser literalmente carregado para casa, depois de um banquete. Não podia passar muito tempo antes que Estaline soubesse destes excessos, senão da sua perigosa garabolice.

Iezhov regressou a tempo de assistir ao terceiro e último julgamento-espectáculo do «Bloco Anti-Soviético de Direitistas e Trotskistas», que começou a 2 de Março, tendo como principais atracções Bukharine, Rikov e Lagoda, o qual admitiu ter assassinado Kirov e Gorki, entre outros. Bukharine obteve o seu próprio triunfo privado numa confissão de culpa em que troçava com esopiana e oblíqua ironia das infantis conjuras de Estaline e Iezhov. O que nada mudou. Iezhov presidiu às execuções. Diz-se que ordenou que Lagoda fosse espancado:

«Vá, cheguem-lhe por todos nós.» Houve, porém, um toque de humanidade quando chegou a altura de executar o seu antigo companheiro de bebedeira, Bulanov, ex-secretário de Lagoda: fez com que lhe dessem um pouco de *brandy*.

Quando tudo acabou, Iezhov propôs um quarto superjulgamento contra os espiões polacos no Comintern, algo que andava a preparar havia meses. Mas Estaline cancelou a ideia. Raramente perseguia uma política com exclusão de todas as outras: as suas antenas diziam-lhe que a matança estava a exaurir os seus lugares-tenentes, especialmente o próprio e debochado «Amora».

A 4 de Abril, Iezhov foi nomeado comissário do Transporte de Águas, o que até fazia algum sentido, uma vez que a construção de canais estava a cargo da mão-de-obra escrava do NKVD. Mas havia ali uma simetria preocupante, considerando que também Iagoda fora nomeado para um comissariado semelhante ao ser demitido. Entretanto, Iezhov atacava até o Politburo: Postichev estava a ser interrogado; Eikhe, da Sibéria Ocidental, tinha sido preso. Estaline chamou Kosior de Kiev para Moscovo, nomeando-o vice-primeiro-ministro soviético. Mas, em Abril de 1938, o irmão de Kosior foi preso. A única esperança deste último residia em denunciá-lo:

«Vivo sob suspeita e desconfiança», escreveu a Estaline. «Não imagina o que isso significa para um homem inocente. A detenção do meu irmão lança uma sombra sobre mim também (...). Juro pela minha vida que não só não fazia a mínima ideia da verdadeira natureza de Casimir Kosior, como nunca fomos muito chegados (...). Por que inventou ele tudo isto? Não consigo compreender, mas, camarada Estaline, foi tudo inventado do princípio ao fim (...). Peço ao camarada Estaline e a todo o Politburo que me deixem justificar-me. Sou vítima das mentiras de um inimigo. Por vezes, penso que tudo isto não passa de um estúpido sonho (...).» Quantas vezes estas vítimas compararam os seus tormentos a um «sonho». A 3 de Maio, Kosior foi preso, e Chubar logo a seguir. «Tentei proteger Kosior e Chubar», proclamou Kaganovitch, mas, confrontado com as suas confissões manuscritas, «desisti».

Iezhov, que fazia uma vampiresca vida nocturna de bebedeiras e sessões de tortura, estava a ser esmagado pelo peso do seu trabalho. Estaline notou a decadência do «Amora». «Liga-se para o ministério», queixou-se, «e ele saiu para o Comité Central.

Liga-se para o Comité Central, e ele saiu para o ministério. Manda-se um mensageiro ao apartamento, e lá está ele, morto de bêbedo.» A pressão sobre os carrascos era enorme: tal como, mais tarde, Himmler faria prelecções aos seus magarefes das SS, assim Estaline se esforçava agora por tranquilizar e encorajar os seus homens. Mas nem todos eram suficientemente fortes para aguentar o ritmo.

Os executores sobreviviam à força de bebida. Até os mais sóbrios estavam inebriados pela morte. O funcionário encarregado de inspecionar o Distrito Militar da Bielorrússia admitia a Estaline: «Não perdi os dentes, mas tenho de confessar (...) que me senti um pouco desorientado.» Estaline tranquilizou-o. Até o terrível Mekhlis quase se foi abaixo no início do Terror, quando ainda dirigia o *Pravda*, escrevendo a Estaline uma carta extraordinária que nos oferece uma janela fascinante sobre as pressões de ser um potentado estalinista no turbilhão de terror:

*Caro Camarada Estaline,*

*Os meus nervos não aguentaram. Não me comportei como um bolchevique; sinto especialmente a dor das minhas palavras na nossa «conversa pessoal» quando lhe devia a si a minha vida e o meu Partiinost. Sinto-me completamente esmagado. Estes anos levam-nos muitas pessoas (...). Tenho de gerir o Pravda numa situação em que não há secretário nem chefe de redacção, em que não aprovámos um tema, em que me encontro finalmente na posição de «editor perseguido». Isto é uma balbúrdia organizada capaz de engolir toda a gente. E tem engolido pessoas! Nos últimos dias, sofro de falta de sono e só consigo adormecer às onze da manhã ou ao meio-dia (...). Ainda fico mais frenético no meu apartamento depois de noites sem dormir o normal. É tempo de me libertar [deste trabalho]. Não posso ser chefe do Pravda estando doente e sem conseguir dormir, incapaz de acompanhar o que está a acontecer no país, na economia, na arte e na literatura, nunca tendo uma oportunidade de ir ao teatro. Tinha de dizer-lhe isto pessoalmente mas era uma parvoice mentir. Desculpe-me, meu querido camarada Estaline, este desagradável minuto que lhe causei. Para mim é muito difícil experimentar um tal trauma!*

Também Vichinski, o procurador-geral, sentia a pressão, tendo encontrado em cima da sua secretaria um papel que dizia: «Toda a gente sabe que és um menchevique. Depois de te usar, Estaline vai condenar-te à *Vishka* (...). Foge (...). Lembra-te do Iagoda. É o teu destino. O Mouro fez o seu dever. O Mouro pode ir.»

Constantemente embriagado, Iezhov sentia que Estaline estava, como mais tarde escreveu ao amo, «descontente com o trabalho do NKVD, o que deteriorou ainda mais o meu estado de espírito». Fazia tentativas frenéticas de provar o seu valor: diz-se que sugeriu mudar o nome de Moscovo para «Estalinodar». A sugestão teria sido acolhida com gargalhadas. Em vez disso, Iezhov foi chamado a assassinar os homens que nomeara para o NKVD e protegera. No início de 1938, Estaline e ele decidiram liquidar Abram Slutski, um veterano da Cheka, mas, uma vez que este chefiava o Departamento dos

Negócios Estrangeiros, gizaram um plano de modo a fazê-lo sem alarmar os agentes no exterior. A 17 de Fevereiro, Frinovski convidou Slutski para o seu gabinete, onde outro dos adjuntos de Iezhov surgiu por trás dele e lhe enfiou uma máscara de clorofórmio pela cabeça. Foi então injectado com veneno e morreu ali mesmo. Oficialmente, foi anunciado que morrera de ataque cardíaco.\* Não tardou que a purga começasse a ameaçar os mais próximos de Iezhov. Quando Liuchkov, um seu protegido, foi chamado do Extremo Oriente, Iezhov avisou-o. Liuchkov desertou, passando-se para os japoneses. Iezhov ficou tão abalado pelo fiasco que pediu a Frinovski que fosse com ele dizer a Estaline: «Não tive forças para o fazer sozinho.» Iezhov «ficou literalmente louco». Estaline suspeitou, e com razão, de que ele tinha alertado Liuchkov.

Sentindo as dúvidas do Chefe, os potentados, que já tinham provado a sua disponibilidade para matar, começaram a denunciar a degenerescência e as mentiras de Iezhov. Diz-se que Zhdanov, em especial, se opunha ao terror do «Amora». O filho, Iuri, afirma que o pai tentou por várias vezes falar a sós com Estaline, mas Iezhov estava sempre presente. «Finalmente, o meu pai conseguiu um *tête-à-tête* com Estaline, e disse: “Está em curso uma provocação política (...).”» Isto é verosímil, porque Zhdanov estava pessoalmente mais próximo de Estaline, mas os filhos de Malenkov contam uma história semelhante. Molotov e Iezhov tiveram uma discussão no Politburo, em meados de 1938. Estaline ordenou ao segundo que pedisse desculpa. Quando um outro homem do NKVD, Alexandre Orlov, agente residente em Espanha, desertou também, Iezhov ficou com tanto medo de Estaline que tentou ocultar-lhe a informação.

A 29 de Julho, Estaline assinou outra lista de execuções que incluía mais protegidos de Iezhov. Este ficou de tal modo perturbado pelo medo que começou a matar quaisquer presos que pudessem incriminá-lo. Uspenski, o chefe do NKVD na Ucrânia, estava em Moscovo e descobriu que, nos cinco dias seguintes, iam ser liquidadas mil pessoas. «É preciso apagar os rastros», avisou-o Iezhov. «Todos os casos sob investigação devem ser concluídos num processo acelerado, para tornar impossível alguém perceber alguma coisa do que se passou.»

Estaline conversou gentilmente com Iezhov e disse-lhe que precisava de alguém que o ajudasse a dirigir o NKVD, e pediu-lhe que escolhesse essa pessoa. Iezhov escolheu Malenkov, mas Estaline queria mantê-lo no Comité Central, de modo que alguém, talvez Kaganovitch, propôs Béria. É possível que Estaline tenha querido um caucasiano, talvez convencido de que as sanguinárias tradições dos montanheses – rixas de clãs, *vendettas* e assassinatos secretos – se adequavam bem à função. Béria era um assassino nato, o único primeiro-secretário que torturava pessoalmente as suas vítimas. O porrete de cabo flexível – o *zhguti* – e o cacete – o *dubenka* – eram os seus brinquedos preferidos. Muitos dos Velhos Bolcheviques odiavam-no, e muitos dos membros das famílias próximas do líder também. Com o sussurrante, tortuoso e vingativo Béria do seu lado, Estaline sentiu-se capaz de destruir o seu próprio e poluído mundo íntimo.

---

\* A esplêndida lápide que lhe assinala a campa no cemitério de Novodevichi, não muito longe da sepultura de Nádia Estaline, não dá qualquer indicação sobre o seu fim sinistro.

É provável que Iezhov tenha tentado prender Béria, mas era demasiado tarde. Estaline já o tinha visto durante o Soviete Supremo, a 10 de Agosto. Béria vinha para Moscovo.

Tinha percorrido um longo caminho, desde 1931. Com trinta e seis anos, era complexo e talentoso, com um cérebro de primeira classe. Era espirituoso, uma fonte de piadas irreverentes, anedotas maliciosas e réplicas demolidoras. Conseguia ser simultaneamente um torturador sádico e um marido amante e pai carinhoso, mas era já nessa altura um mulherengo priápico que o poder transformaria em predador sexual. Gestor competente, era o único líder soviético que «qualquer pessoa poderia imaginar a tornar-se presidente da General Motors», como, anos mais tarde, a nora diria. Era capaz de dirigir grandes empresas com uma mistura de abomináveis ameaças – «Vou reduzi-los a pó» – e meticulosa precisão. «Tudo o que dependesse de Béria tinha de funcionar com a precisão (...) de um relógio», e «as duas coisas que ele não conseguia tolerar era verbosidade e falta de clareza».¹ Era «um bom organizador, metódico e competente», disse Estaline a Kaganovitch, já em 1932, possuidor dos «nervos de touro» e da resistência física indispensáveis para sobreviver na corte de Estaline. Era «um homem muito inteligente», admitia Molotov, «inumanamente enérgico, capaz de trabalhar uma semana inteira sem dormir».

Béria tinha a «singular capacidade de inspirar ao mesmo tempo medo e entusiasmo». Era «idolatrado» pelos seus sequazes, apesar de ser com frequência duro e grosseiro. Gritava: «Vamos prendê-lo e deixá-lo apodrecer nos campos (...), vamos transformá-lo em pó de campo.» Um jovem como Aliosha Mirtskhulava, que Béria promovera no partido ucraniano, ainda lhe louvava a «humanidade, força, eficiência e patriotismo» quando, em 2002, foi entrevistado para este livro.² No entanto, Béria gostava de vangloriar-se a respeito das suas vítimas: «Deixem-me tê-lo durante uma noite, e eu faço-o confessar que é o rei de Inglaterra.» Os seus filmes preferidos eram os *westerns*, mas identificava-se com os bandidos mexicanos. Era bastante instruído, para um potentado bolchevique, e Estaline costumava brincar com este arquitecto *manqué* dizendo-lhe que usava um *pince-nez* com lentes de vidro simples só para dar uma impressão de gravidade intelectual.

Hábil intriguista, rude psicopata e aventureiro sexual, é fácil imaginá-lo a cortar gargantas, seduzir damas de companhia e envenenar cálices de vinho nas cortes de Gengis Khan, Suleimão, o Magnífico, ou Lucrécia Bórgia. Mas este «zelota», como Svetlana lhe chamava, idolatrava Estaline, naqueles primeiros anos – a relação entre eles era a de monarca e vassalo –, tratando-o como se fosse um czar e não o primeiro camarada. Os velhos potentados tratavam Estaline com respeito mas com familiaridade.

\* Assinava geralmente os documentos, dactilografados numa máquina de escrever com fita cor de turquesa, com uma letra pequena e precisa, usando uma tinta também cor de turquesa que não se confundia com os lápis azuis e vermelhos de Estaline.

† O autor está grato a Aliosha Mirtskhulava, chefe do Komsomol ucraniano sob Béria e mais tarde primeiro-secretário da Geórgia, pela entrevista que lhe concedeu em Tbilisi.

dade, mas até Kaganovitch usava o léxico bolchevique nos seus louvores. Béria, no entanto, dizia: «Oh, sim, tem toda a razão, é absolutamente verdade, tão verdade» de uma maneira obsequiosa, recorda Svetlana. «Estava sempre a destacar como era dedicado ao meu pai, e Estaline acabou por perceber que, fosse o que fosse que dissesse, aquele homem o apoiaria.» Levando um pouco da sua escaldante Abcázia para a corte de Estaline, Béria havia de tornar-se ainda mais complexo, poderoso e depravado, embora menos devotado ao marxismo, com a passagem do tempo. Mas, em 1938, «esta figura colossal», como Artyom lhe chama, mudou tudo.

Da mesma forma que muitos antes dele, Béria tentou recusar a promoção. Não temos motivos para duvidar da sua sinceridade – Iagoda tinha sido executado e Iezhov tinha o destino traçado. A mulher, Nina, não queria mudar – mas Béria era desmedidamente ambicioso. Quando Estaline o propôs para primeiro-adjunto no NKVD, Iezhov sugeriu pateticamente que o georgiano daria talvez um bom comissário. «Não, um bom adjunto», tranquilizou-o Estaline.

Estaline encarregou Vlasik de tratar da mudança. Em Agosto, depois de ter voltado fugazmente à Geórgia para colocar um sucessor em Tíflis, Béria chegou a Moscovo, onde, a 22 de Agosto de 1938, foi nomeado primeiro-adjunto Narkom do NKVD. Foi atribuído à família um apartamento na assombrada Casa do Cais. Estaline foi inspecionar as instalações e não ficou impressionado. Os chefes estavam habituados a viver muito melhor no quente e fértil Cáucaso, com as suas tradições de luxo, vinho e fartura de frutos, do que em qualquer outro lugar: em Tíflis, Béria residira numa elegante moradia. Estaline sugeriu que se mudassem para o Kremlin, mas Nina não se mostrou particularmente entusiasmada. Finalmente, Estaline escolheu para o georgiano uma aristocrática *villa* na Malaya Nikitskaia, em pleno centro da cidade, em tempos a residência do general czarista Kuropatin, onde passou a viver esplendidamente, mesmo pelos padrões do Politburo. Béria era o único a ter a sua própria mansão.

Estaline tratava o recém-chegado como um parente há muito perdido. Adorava a escultural e loura Nina Béria, que sempre tratou «como uma filha»: quando o novo líder georgiano, Cândido Charkviani, foi convidado para jantar *chez* Béria, houve um telefonema e um súbito turbilhão de actividade.

– Estaline vem aí! – anunciou Nina, preparando apressadamente um prato georgiano. Momentos mais tarde, Estaline chegou. Durante o *supra* georgiano, Estaline e Béria cantaram juntos. Mesmo depois do Terror, o *Vozhd* não tinha perdido uma certa espontaneidade.

Béria e Iezhov tornaram-se ostensivamente amigos. Béria chamava ao chefe «caro Vozhik» e passava inclusivamente fins-de-semana na *dacha* dele. Mas nada disto podia durar na selva da corte de Estaline. Béria assistia a todas as reuniões com Iezhov e assumiu a chefia dos departamentos de informações, levando a cabo uma dissimulada campanha para destruir o «Amora»: convidou Khrushchev para jantar e alertou-o para a proximidade de Malenkov e Iezhov. Khrushchev percebeu que estava na realidade a ser avisado da inconveniência da sua própria amizade com o chefe do NKVD. Béria teve

sem dúvida o mesmo tipo de conversa com Malenkov. Mas as provas mais reveladoras são os arquivos: Béria conseguiu levar Vichinski a queixar-se a Estaline da lentidão de Iezhov.\* Estaline não reagiu, mas Molotov ordenou a Iezhov:

«É necessário dar uma atenção especial ao camarada Béria e andar depressa. Molotov.» O cata-vento do favor de Estaline, Poskrebichev, deixou de tratar Iezhov pelo familiar *ty*, e passou a visitar a casa de Béria em vez da dele.

Béria levou um novo espírito para o NKVD: o frenesi de Iezhov foi substituído por um apertado sistema de administração do terror que se tornou o método estalinista de governar a Rússia. Mas esta nova eficiência era fraca consolação para as vítimas. Béria trabalhava com Iezhov no interrogatório dos potentados caídos em desgraça, Kosior, Chubar e Eikhe, que foram cruelmente torturados. Chubar apelou a Estaline e a Molotov, descrevendo os seus tormentos.

Estaline, o «Amora» e Béria voltaram-se então para o Extremo Oriente, onde o exército, comandado pelo competente marechal Bliukher, escapara largamente ao Terror. Em finais de Junho, Mekhlis, o «demónio sombrio», abateu-se sobre o comando de Bliukher com uma raivosa sede de sangue. Estabelecendo o seu quartel-general numa carruagem de comboio, como um caudilho do tempo da Guerra Civil, pouco tardou que começasse a enviar a Estaline e a Vorochilov telegramas deste teor:

«O Corpo Especial dos Caminhos-de-Ferro deixa pedaços de pessoas suspeitas espalhados por todo o lado (...). Há 46 comandantes alemães, polacos, lituanos, letões e galicianos (...). Tenho de ir a Vladivostok purgar o corpo.» De Vladivostok, anunciou: «Demití 215 trabalhadores políticos, a maior parte foi presa. Mas a purga (...) ainda não terminou. Julgo impossível deixar Khabarovsk sem investigações ainda mais duras (...).» Quando Vorochilov e Budeny tentaram proteger os oficiais, Mekhlis queixou-se de Vorochilov (os dois odiavam-se um ao outro) a Estaline: «Informei o CC e o Narkom (Vorochilov) sobre a situação no Departamento dos Serviços Secretos. Há aqui uma grande quantidade de pessoas duvidosas e espiões (...). Agora, o c. Vorochilov ordena o cancelamento do processo (...). Não posso concordar com a situação.» Até Kaganovitch achava que Mekhlis «era cruel e, por vezes, exagerava!»

Na altura em que Mekhlis seguia para leste, o exército japonês de Kwangtung sondava as defesas soviéticas no lago Khasan, lançando uma ofensiva em larga escala. Bliukher atacou os japoneses entre 6 e 11 de Agosto, obrigando-os a recuar mas sofrendo pesadas baixas. Encorajado por Mekhlis e alarmado pelas baixas e hesitações de Bliukher, Estaline admoestou o marechal pelo telefone:

– Diga-me com franqueza, camarada Bliukher, quer de verdade combater os japoneses? Se não quer, diga-mo abertamente, como um bom comunista.

«Chegaram os tubarões», disse Bliukher à mulher. «Querem comer-me. Ou eles me comem, ou como-os eu a eles, mas a segunda hipótese é muito pouco provável.»

---

\* O caso em questão respeitava à investigação para descobrir a pessoa que, por engano, queimara numa fornalha livros de Lenine, Estaline e Gorki: mais um exemplo da absurdidade mortífera do Terror.

O tubarão-assassino selou a sorte de Bliukher. Mekhlis prendeu quatro oficiais do seu estado-maior, pedindo a Estaline e a Vorochilov que o deixassem «executar os quatro sem procedimento especial, por minha ordem especial». Bliukher foi afastado, novamente chamado e preso, a 22 de Outubro de 1938.

«Estou condenado!», soluçava Iezhov no seu gabinete, enquanto continuava a executar quaisquer prisioneiros que «possam voltar-se contra nós». A 29 de Setembro, perdeu grande parte do seu poder quando Béria foi escolhido para chefiar o coração do NKVD: a Segurança do Estado (GUGB). Béria passou a co-assinar as ordens de Iezhov. O «Amora» tentou ripostar: propôs a Estaline que Stanislas Redens, inimigo de Béria e casado com Ana Alliluyeva, se tornasse o seu outro adjunto. Não havia a mínima possibilidade de isto acontecer.

Iezhov fechava-se na sua *dacha*, a beber com os seus cúmplices, tão deprimidos como ele, e avisando-os de que em breve todos seriam destruídos, ao mesmo tempo que fantasiava a respeito de matar os seus inimigos: «Afaste imediatamente todas as pessoas colocadas por Béria no Kremlin», ordenou aos berros ao chefe da segurança do Kremlin, durante um destes acessos, «e substitua-as por gente de confiança.» Pouco depois dizia, numa voz entaramelada, que Estaline devia ser morto.

Subitamente, chegaram aos ouvidos de Estaline notícias da agitadíssima e literária vida sexual de Ievgenia Iezhova. Cholokhov, um dos romancistas preferidos do *Vozhd*, iniciara um caso com ela. Iezhov colocou sob escuta o quarto dele no Hotel Nacional e ficou furioso ao ler a transcrição minuciosa de como «se beijavam» e a seguir «se deitavam». Iezhov estava tão embriagado e louco de ciúmes que esbofeteou Ievgenia na presença da complacente hóspede do casal, Zinaida Glikina (com quem ele andava a dormir), mas mais tarde perdoou-lhe. Cholokhov apercebeu-se de que andava a ser seguido e queixou-se a Estaline e a Béria. Estaline chamou o «Amora» ao Politburo e obrigou-o a pedir perdão ao escritor.

Os potentados navegavam cautelosamente entre Iezhov e Béria. Quando Iezhov prendeu um comissário, Estaline mandou Molotov e Mikoian investigar. De regresso ao Kremlin, Mikoian proclamou a inocência do homem e Béria atacou as alegações de Iezhov. «Iezhov esboçou um sorriso ambíguo», escreveu Mikoian, «Béria parecia satisfeita», mas «a cara de Molotov era como uma máscara.» O comissário\* tornou-se aquilo a que Mikoian chamava um «cadáver com sorte», regressado de entre os mortos. Estaline pô-lo em liberdade.

---

\* Estaline apoiou a decisão de Béria de arquivar o processo contra Tevosian, comissário dos Transportes Marítimos, mas disse a Mikoian: «Digam-lhe que o CC sabe que ele foi recrutado pela Krupp como agente alemão. Toda a gente comprehende que uma pessoa se deixa apanhar (...). Se ele confessar honestamente (...), o CC perdoa-lhe.» Mikoian ligou para o gabinete de Tevosian a propor-lhe o truque de Estaline, mas o comissário recusou confessar, o que Estaline aceitou. Tevosian viria a ser um dos grandes gestores industriais da Segunda Guerra Mundial.

Quando algum agente do NKVD precisava de uma assinatura do chefe, nunca se sabia onde estava Iezhov. Béria dizia-lhe então que fosse até à *dacha* e conseguisse a assinatura. E ele lá estava, «fatalmente doente ou completamente bêbedo». Os chefes regionais do NKVD começaram a queixar-se.

As trevas adensavam-se à volta da família Iezhov, num drama em que a estúpida e sensual mulher ia involuntariamente desempenhar o terrível papel de viúva-negra: a maior parte dos seus amantes acabaria por morrer. Ela própria era uma flor demasiado sensível para o universo do marido. Ambos eram promíscuos, mas a verdade é que viviam num mundo de alta tensão e inebriante poder de vida e de morte, um turbilhão dinâmico em que homens e mulheres subiam e caíam à volta deles. Se houve justiça na queda de Iezhov, foi uma tragédia irremediável para Ievgenia e para a pequena Natacha, para quem ele foi um pai carinhoso. Um véu de ameaça como que desceu sobre o *salon* literário de Ievgenia. Quando um amigo a acompanhou até ao Kremlin depois de uma festa, ela comentou que Babel estava em perigo por ter sido amigo de vários generais trotskistas presos pelo NKVD: «Só a sua fama europeia pode salvá-lo (...).» Ela própria estava cada vez mais ameaçada.

Iezhov descobriu que Béria se preparava para usar Ievgenia, uma «espia inglesa» desde que vivera em Londres, contra ele, de modo que, em Setembro, pediu o divórcio. A atitude era sensata: noutros casos, tinha bastado para salvar a vida da divorciada. Mas a tensão quase quebrou a nervosa Ievgenia, que partiu de férias para a Crimeia, com Zinaida, para recuperar. Aparentemente, Iezhov estava a tentar proteger a mulher, o que explica a carta ternamente agradecida que ela lhe escreveu:

«Kolyuchenka!», diz ela ao encurrulado marido. «Peço-te de verdade – insisto em controlar a minha própria vida, Kolya querido! Suplico-te que investigues toda a minha vida, tudo a meu respeito (...). Não consigo reconciliar-me com a ideia de ser suspeita de ter cometido crimes que nunca cometi (...).»

O mundo deles parecia encolher de dia para dia: Iezhov conseguira mandar executar o ex-marido de Ievgenia, Gladun, antes de Béria assumir o controlo do NKVD, mas um outro amante, o editor Uritski, estava a ser interrogado. Uritski denunciou o caso dela com Babel. Também o secretário e os amigos de Iezhov foram presos. Iezhov chamou a mulher a Moscovo.

Ievgenia esperou na *dacha*, com a filha, Natacha, e a amiga, Zinaida. Estava desesperadamente preocupada com a família... e quem poderia censurá-la? Os nervos cederam. No hospital, diagnosticaram-lhe uma «condição asténico-depressiva, talvez ciclotimia», e mandaram-na para um sanatório próximo de Moscovo.

Quando Zinaida foi presa, Ievgenia escreveu a Estaline: «Suplico-lhe, camarada Estaline, que leia esta carta (...). Sou tratada por professores, mas que significado tem isso se sou queimada pelo pensamento de ter perdido a sua confiança? (...) É muito querido e amado para mim.» Jurando pela vida da filha que era honesta, admitia que «na minha vida privada pode ter havido erros a respeito dos quais poderia falar-lhe, e tudo por causa do ciúme». Estaline já sabia, sem dúvida, tudo a respeito das façanhas messalinianas dela. Vinha então a oferta sacrificial: «Que me tirem a liberdade, a vida

(...), mas não prescindirei do direito de amá-lo como toda a gente ama aquele que ama o povo e o partido.» E concluía: «Sinto-me uma morta-viva. Que devo fazer? Perdoe esta carta escrita na cama.» Estaline não respondeu.

A armadilha fechava-se sobre Ievgenia e o seu Kolyuchenka. A 8 de Outubro, Kaganovitch redigia uma resolução do Politburo a respeito do NKVD. A 17 de Novembro, uma comissão do Politburo denunciava «erros muito graves no trabalho dos Órgãos do NKVD». As *troikas* da morte foram dissolvidas. Estaline e Molotov assinaram um relatório em que se dissociavam do Terror.

No desfile de 7 de Novembro, Iezhov apareceu no Mausoléu, mas ficou atrás de Estaline. Pouco depois, desapareceu e foi substituído por Béria, de barrete azul e envergando o uniforme de comissário de primeira classe da Segurança do Estado. Quando Estaline ordenou a prisão do amigo de Iezhov, Uspenski, chefe do NKVD ucraniano, Iezhov avisou-o. Uspenski fingiu um suicídio e fugiu. Estaline (talvez com razão) desconfiou de que Iezhov lhe tinha colocado os telefones sob escuta.

De uma maneira muito sua, Ievgenia amava Iezhov, apesar das infidelidades tanto de um como do outro, e adorava a filha, Natacha, ao ponto de estar disposta a sacrificar-se para salvá-los aos dois. Zinaida Ordzhonikidze, a viúva de Sergo, visitou-a no hospital, num heróico gesto de lealdade. Ievgenia entregou-lhe uma carta para Iezhov, na qual propunha suicidar-se e pedia um soporífero. Sugeria que lhe enviasse uma pequena estatueta de um gnomo, quando chegasse a altura. Iezhov mandou-lhe Liminal e, um pouco mais tarde, mandou a criada levar-lhe a estatueta. Tendo em conta a pequena estatura de Iezhov, a ideia do gnomo parece quase irónica: talvez a estatueta fosse uma recordação dos primeiros tempos do romance entre os dois e representasse o próprio «querido Kolya». Quando a detenção de Glikina tornou a dela própria inevitável, Ievgenia mandou a Iezhov uma nota de despedida. A 19 de Novembro, tomou o Luminal.

Às onze da noite, enquanto a mulher mergulhava na inconsciência, Iezhov chegava ao «Cantinho», onde encontrou o Politburo reunido com Béria e Malenkov, que o atacaram durante cinco horas. Ievgenia morreu dois dias mais tarde. O próprio Iezhov reflectiu que fora «obrigado a sacrificá-la para se salvar a si mesmo». Ievgenia casara com um monstro, mas morrera jovem para salvar a filha, o que, a seu modo, foi um fim maternal para uma vida dedicada ao prazer inocente. Babel ouviu dizer que «Estaline não comprehende a morte dela. Os seus próprios nervos são feitos de aço, e por isso não é pura e simplesmente capaz de compreender que, noutras pessoas, cedam à pressão.» A filha adoptiva dos Iezhov,\* Natacha, com nove anos, foi acolhida pela irmã

\* Mudaram-lhe o apelido para o do primeiro marido de Ievgenia, Khayutin – mas ela permaneceu leal ao pai adoptivo até ao milénio seguinte. Natacha Iezhova sobreviveu depois de ter suportado sofrimentos terríveis em nome do padrasto. Vassili Grossman, autor do clássico *Vida e Destino*, que conheceu a família, tendo frequentado os *salons* juntamente com Babel e outros, escreveu um conto a respeito da trágica infância de Natacha, que veio a tornar-se música em Pensa e Magadan. Em Maio de 1998, pediu a reabilitação de Iezhov. Ironicamente, podia ter ganho a causa, uma vez que ele não era sem dúvida culpado do crime de espionagem pelo qual foi executado. O apelo foi negado. No momento em que escrevo, ainda é viva.

da ex-mulher dele e em seguida enviada para um desses lúgubres orfanatos destinados aos filhos dos Inimigos.

Dois dias depois da morte de Ievgenia, a 23 de Novembro, Iezhov voltou ao «Cantinho» para mais quatro horas de críticas da parte de Estaline, Molotov e Vorochilov, após o que se demitiu do NKVD. Estaline aceitou a demissão, nas deixou-o ficar numa espécie de limbo como secretário do CC, comissário do Transporte de Águas e candidato a membro do Politburo, a viver durante mais algum tempo ainda no Kremlin como um pequeno fantasma, experimentando o que as suas vítimas tinham conhecido antes dele. Os amigos «voltavam-me as costas como se eu tivesse a peste (...). Nunca me tinha apercebido de como era profunda a maldade de todas aquelas pessoas.» Assacava as culpas do Terror ao *Vozhd*, usando uma expressão russa: «A vontade de Deus – o julgamento do czar», em que ele próprio era o czar e Estaline era Deus.

Iezhov consolou-se com uma série de orgias alcoólicas e bissexuais no seu apartamento no Kremlin. Convidando dois amigos de bebedeira e amantes homossexuais dos tempos da juventude para ficarem com ele, experimentou «as mais pervertidas formas de debache». O sobrinho levava-lhe raparigas, mas ele voltou também à homossexualidade. Quando um dos compinchas, Konstantinov, levou a mulher à festa, Iezhov dançou o *foxtrot* com ela, tirou o membro para fora e levou-a para a cama. Na noite seguinte, quando o paciente Konstantinov apareceu, beberam e dançaram ao som do gramofone até que o convidado tombou adormecido. Ao acordar, «senti qualquer coisa na boca. Quando abri os olhos, vi que Iezhov me tinha enfiado o pénis na boca.» De braguita aberta e seminu, Iezhov aguardava a sua sorte.

Béria, a quem Estaline dera a alcunha de «o Acusador», foi triunfalmente nomeado comissário a 25 de Novembro,\* e chamou a Moscovo os seus sequazes georgianos. Tendo destruído as *entourages* dos «príncipes» Velhos Bolcheviques, Estaline tinha agora de importar o bando de Béria para destruir a de Iezhov.

Ironicamente, os cortesãos de Béria eram muito mais instruídos do que Kaganovitch ou Vorochilov, mas a instrução nunca foi barreira para a barbárie. O encantador e refinado Merlukov, um arménio russificado de cabelos grisalhos que haveria de escrever, sob o pseudónimo de Vsevolod Rok, peças de teatro que foram representadas nos palcos de Moscovo, conhecia Béria desde que tinham estudado juntos no Instituto Politécnico de Baku, e entrara para a Cheka em 1920. Béria, que, como Estaline, dava alcunhas a toda a gente, chamava-lhe «o Teórico». E depois havia o príncipe georgiano renegado (ainda que na Geórgia os aristocratas sejam tão comuns como as vinhas) Chalva Tsereteli, outrora oficial czarista e membro da Legião Georgiana, antibolchevique, que tinha o ar de um antiquado cavalheiro mas era o assassino privado de Béria, função que acumulava com os seus outros deveres no Departamento Especial do NKVD. E havia Bogdan Kobulov, um gigante com mais de cento e trinta quilos

\* A mudança de chefes da Polícia Secreta fez-se sem sobressaltos: a 24, Dmitrov, o chefe do Comintern, discutiu detenções com Iezhov na sua *dacha*; na noite de 25, tratava dos mesmos casos com Béria, *em casa deste*.

de peso, sempre coberto de jóias, «o homem mais malvado que Deus pôs à face da Terra». «Um caucasiano enorme, com uns olhos castanhos e lamacentos de touro», a «cara gorda de um homem [que] gosta da boa vida (...), mãos peludas, pernas curtas e encurvadas» e um garboso bigode, era um desses torturadores entusiastas que estariam tão à vontade na Gestapo como no NKVD. Era tão atarracado que Béria lhe chamava «o Samovar».

Quando Kobulov espancava as suas vítimas, usava os punhos, o seu peso elefantino e os seus cacetes preferidos. Era ele que Estaline encarregava de colocar sob escuta os telefones dos potentados, mas também fazia de bobo da corte, substituindo o falecido Pauker, com os seus sotaques esquisitos. Não tardou a provar a sua utilidade: Béria estava a interrogar uma vítima no seu gabinete quando o prisioneiro o atacou. Kobulov gabava-se do que aconteceu a seguir: «Vi o chefe [usava o calão georgiano *khozeni*] no chão e saltei para o tipo e esmaguei-lhe o pescoço com as minhas próprias mãos.» No entanto, até este bruto sentia que o trabalho que fazia não estava certo, porque, quando visitava a mãe, soluçava como uma enorme criança georgiana: «Mamã, mamã, que estamos nós a fazer? Um dia, vou pagar por isto.»

A chegada destes exóticos e espalhafatosos georgianos, alguns deles inclusivamente criminosos condenados, deve ter sido como Pancho Villa e os seus *banditos* a entrarem numa cidade do Norte num dos filmes preferidos de Béria. Mais tarde, Estaline fez todo um espectáculo de mandar alguns deles de volta a casa, substituindo-os por russos, mas continuou sempre a ser ele próprio um georgiano. Os homens de Béria davam ao séquito do *Vozhd* um toque decididamente sulista. No dia da nomeação oficial de Béria, Estaline e Molotov assinaram a ordem de execução de mais 3176 pessoas, de modo que estavam ocupados.

Béria aparecia de noite na prisão de Lefortovo para torturar o marechal Bliukher, ajudado pelo «Teórico», pelo «Samovar» e pelo seu principal interrogador, Rodos, que trabalhava no marechal com tal zelo que este gritou: «Estaline, ouves o que eles estão a fazer-me?» Torturaram-no tão violentamente que conseguiram arrancar-lhe um olho. Bliukher acabou por morrer em consequência dos seus ferimentos. Béria informou Estaline, que mandou cremar o corpo. Entretanto, Béria ajustava contas, prendendo pessoalmente Alexandre Kosarev, o chefe do Komsomol que em tempos o insultara. Estaline soube posteriormente que se tratara de uma *vendetta* pessoal. «Diziam-me que Béria era muito vingativo, mas não havia provas», comentaria anos mais tarde. «Zhdanov e Andreiev verificaram os factos no caso de Kosarev.»

Béria deliciava-se no desporto do poder: a encantadora viúva de Bukharine, ainda com apenas vinte e quatro anos, foi levada ao gabinete dele, na Lubianka, por Kobulov, que em seguida serviu sanduíches, como um Jeeves infernal.

– Devo dizer-lhe que me parece ainda mais bonita do que da última vez que a vi – disse-lhe Béria. – A execução é só uma vez. E o Iezhov tê-la-ia certamente mandado executar.

Quando ela recusou trair fosse quem fosse, Béria e Kobulov acabaram com as ameaças.

— Quem está a tentar salvar? Ao fim e ao cabo, Nikolai Ivanovitch [Bukharine] já não está entre nós... Quer viver?... Se não mantiver a boca fechada, isto é o que vai conseguir! — Levou o indicador à testa. — Promete ficar calada?

Ela compreendeu que Béria queria poupar-lhe e prometeu. Mas não comeu as sanduíches de Kobulov.\*

\* \* \*

Estaline teve o cuidado de não se colocar totalmente nas mãos de Béria: ser chefe da Segurança do Estado (Primeiro Ramo), a sua segurança pessoal, era uma posição sensível, mas perigosa. Dois outros tinham sido executados depois de Pauker, mas, desta vez, Estaline nomeou o seu guarda-costas pessoal, Vlasik, para o lugar, o que significava responsabilizar-se não só pela segurança do líder, como também pelas *dachas*, as cozinhas e milhões de rublos. Daí em diante, explica Artyom, Estaline «governou através de Poskrebichev nas questões políticas e de Vlasik nas questões pessoais». Ambos eram infatigavelmente industriosos... e fracos.

Os dois homens viviam vidas semelhantes: as filhas recordam como só passavam o domingo com a família. Tirando isso, estavam sempre com Estaline, regressando a casa exaustos, para dormir. Ninguém conhecia melhor o *Vozhd*. Em casa, nunca discutiam política, falavam das suas expedições de pesca. Vlasik, que vivia numa elegante *villa* na Avenida Gogolevski, era caninamente leal, iletrado e brutalmente dissoluto: era, já na altura, um mulherengo insaciável, que organizava festas com Poskrebichev. Tinha tantas concubinas que fazia listas, esquecia os nomes e por vezes chegava ao ponto de ter uma diferente em cada quarto, nas suas orgias. Chamava a Estaline *Khozyain*, mas frente a frente tratava-o por «camarada Estaline», e raramente comia com ele à mesa.

A posição social de Poskrebichev era mais elevada, juntando-se frequentemente aos potentados para jantar e tratando Estaline por «José Vissarionovitch». Era alvo e perpetrador de partidas constantes. Sentava-se teimosamente à sua secretaria na antecâmara do gabinete de Estaline: o «Cantinho» era o seu domínio. Os potentados adulavam-no, jogando com a vaidade do homem para que ele os avisasse quando Estaline estava de mau humor. Poskrebichev telefonava a Vichinski sempre que o chefe partia para Kuntsevo, para que o procurador pudesse ir para a cama, e, uma vez, protegeu Khrushchev. Era tão poderoso que podia dar-se ao luxo de insultar o Politburo. O «fiel escudeiro», nas palavras de Khrushchev, desempenhava o seu papel nos actos mais mundanos de Estaline e também nos mais terríveis, vangloriando-se mais tarde de que usavam veneno. Era um marido apaixonado de Bronka e um pai indulgente para os dois

---

\* Ana Larina passou vinte anos nos campos. O filho, Iuri, tinha onze meses quando ela foi presa, em 1937, e Ana só voltou a vê-lo em 1956. Apenas uma história triste.

filhos, Galia, a enteada, e Natalya, sua filha. Mas quando o *vertushka* tocava ao domingo, ninguém mais estava autorizado a atender. Orgulhava-se da sua posição: quando a filha teve de ser operada, fez-lhe uma prelecção sobre como devia comportar-se de uma forma adequada à sua condição. Poskrebichev trabalhava de perto com Béria: as famílias visitavam-se com frequência, mas se havia negócios a tratar iam passear para o jardim. No entanto, em última análise, tanto Vlasik como Poskrebichev eram obstáculos ao poder de Béria. O mesmo já não podia dizer-se da família Alliluyev.

**A MORTE DA FAMÍLIA ESTALINE:  
UMA ESTRANHA PROPOSTA E A GOVERNANTA**

Deixar Béria entrar para a família era o mesmo que trancar a raposa dentro do galinheiro, mas Estaline partilha a responsabilidade pela sorte dos seus parentes. «Ninguém na nossa família», escreveu Svetlana, «percebeu por que razão Estaline tornou Béria – um agente da polícia secreta provinciano – tão próximo dele e do governo de Moscovo.» Fora precisamente por isso que Estaline o promovera: para Béria, ninguém era sagrado.

Os potentados e os funcionários resmungavam constantemente contra a pespontânea das «tias». Impante da dimensão do seu novo poder e consumido pelo complexo de inferioridade de um provinciano desprezado, Béria estava decidido a provar a sua força destruindo aqueles resplandecentes mas arrogantes membros da nova nobreza. No princípio dos anos 30, tentara flertar com Zénia enquanto o marido dela e Estaline se encontravam sentados ali perto. Zénia dirigira-se a Estaline:

– Se este filho da mãe não me deixa em paz, parto-lhe o *pince-nez*!

Toda a gente riu. Béria ficou embaraçado. Mas quando começou a aparecer mais regularmente em Kuntsevo, continuou a tentar flertar com Zénia, que apelou a Estaline: «José, ele está a querer apertar-me o joelho!» Estaline, provavelmente, considerava Béria uma espécie de cromo. A família era típica da elite que estava decidido a destruir. Quando Béria apareceu de camisola de gola alta para jantar, Zénia, que vestia sempre elegantemente, sem o mais pequeno vestígio de modéstia bolchevique, disse em voz alta: «Como se atreve a vir vestido dessa maneira?» O avô Alliluyev descrevia regularmente Béria como um «Inimigo».

Em Novembro de 1938, a vida da família de Estaline chegou realmente ao fim. Béria alargou o Terror a todos aqueles que tinham tido qualquer contacto com Iezhov, o qual não só nomeara o cunhado de Estaline, Stanislas Redens, chefe do NKVD no Cazaquistão, como o sugerira para seu adjunto: era o beijo da morte. O relacionamento fora sem dúvida caloroso quando Estaline recebera a família Redens antes da sua partida para Alma-Ata. Sabemos pouco a respeito do papel de Redens no Terror, mas as matanças em Moscovo e no Cazaquistão aconteceram, por assim dizer, no turno dele. A chegada de Béria, a sua némesis, a Tíflis, em 1931, fora uma má notícia, mas, mesmo sem isso, Redens estaria provavelmente condenado.

Entretanto, o lugar de Pavel Alliluyev como comissário de uma força de tanques colocava-o em perigo: próximo dos generais executados, estava também envolvido na espionagem da produção de blindados alemã. Quando falara com o espião soviético Orlov, antes de este ter desertado, Alliluyev avisara-o: «Nunca perguntas nada sobre o caso Tukatchevski. Saber do assunto é como inalar gás venenoso.» Depois disto, estivera no Extremo Oriente, onde os generais apelaram a ele, e regressara de avião a Moscovo, segundo a filha, Kira, com provas que os inocentavam. Muito claramente, não compreendia que as provas só existiam para persuadir terceiros, não para demonstrar a culpa. Diz-se que Pavel terá redigido uma carta, assinada por três generais, a sugerir a Estaline que pusesse cobro ao Terror. A escolha do momento parece ter sido fortuita: o Terror estava a chegar ao fim. Estaline não castigou abertamente os generais, mas estava evidentemente farto da interferência de Pavel.\*

Depois de umas férias em Sochi, Pavel voltou a Moscovo, a 1 de Novembro. Na manhã seguinte, tomou o pequeno-almoço e foi para o escritório, onde descobriu que a maior parte do Departamento fora detida, segundo Svetlana: «Esforçou-se por salvar certas pessoas, tentando contactar o meu pai, mas sem resultado.» Às duas da tarde, Zénia recebeu um telefonema: «O que foi que deu de comer ao seu marido? Está a sentir-se mal.» Zénia quis correr para junto dele, mas foi impedida. Pavel foi enviado para a clínica Kremlevka. Nas palavras do relatório médico oficial: «Quando foi admitido, estava inconsciente, cianótico e aparentemente a morrer. O paciente não chegou a recuperar a consciência.» Isto é estranho, uma vez que o médico que telefonou a Zénia para lhe dar a notícia perguntou: «Por que demorou tanto tempo? Ele tinha qualquer coisa para lhe dizer. Perguntou várias vezes “por que não vem a Zénia”. Agora está morto.» Assim morreu o irmão que dera a Nádia a sua pistola. As inconsistências numa morte já de si suspeita, numa altura em que o assassinio médico era quase rotina, tornam verosímil a hipótese de dolo. Estaline conservou a certidão de óbito. Mais tarde, Zénia foi acusada de ter envenenado o marido. Por vezes, Estaline acusava outros dos seus próprios crimes. Nunca saberemos a verdade.

---

\* Os três generais que teriam assinado a carta foram alegadamente o antigo companheiro de Estaline em Tsaritsyn, Grigori Kulik, os comandantes Meretskov e Pavlov, e ainda o comissário Savchenko. Savchenko foi executado em Outubro de 1941; a sorte dos restantes é relatada mais adiante neste livro. Todos sofreram dolorosamente às mãos de Estaline. Só Meretskov lhe sobreviveu.

«Quando voltei a vê-lo», diz Kira, «jazia em câmara ardente na Sala das Colunas. Tinha só 44 anos, e estava ali estendido todo bronzeado, muito bonito com as suas compridas pestanas.» Olhando para o caixão, Sergei Alliluyev murmurou que não havia coisa mais triste do que enterrar um filho.

Redens regressou a Moscovo, onde chegou a 18 de Novembro. Em Kuntsevo, Vassili ouviu Béria pedir a Estaline que o deixasse prendê-lo. «Mas eu confio no Redens», respondeu Estaline, «muito decisivamente.» Para grande surpresa de Vassili, Malenkov apoiou Béria. Era o começo da aliança entre aqueles dois homens, que nunca teriam insistido na detenção se não conhecessem os instintos de Estaline: estas cenas de pretença discussão fazem lembrar os debates com que os advogados estagiários praticam as suas habilidades. No entanto, Estaline era altamente sugestionável. Redens teve a infelicidade, como Pavel, de ser abrangido por dois ou três círculos de suspeição que se sobreponham. Béria é sempre acusado de ter voltado Estaline contra o seu outro cunhado, mas a questão não é assim tão simples. Estaline tinha retirado Redens da Ucrânia em 1932. Redens era próximo de Iezhov. E era polaco. Estaline ouviu Béria e Malenkov, e então disse: «Nesse caso, resolvam isso com o Comité Central.» No dizer de Svetlana: «O meu pai não quis protegê-lo.» A 22, Redens foi detido a caminho do trabalho e não voltou a ser visto.

Ana Redens começou a telefonar a Estaline. Deixara de ser bem-vinda em Zubalovo. Não conseguia chegar ao *Vozhd*. «Nesse caso, vou telefonar ao Vorochilov, ao Kaganovitch e ao Molotov», soluçou. Quando os filhos chegaram, encontraram a mãe histérica por causa do desaparecimento do seu amado Stan, deitada na cama a ler Alexandre Dumas. Apelou a toda a gente, até que, finalmente, Estaline lhe atendeu o telefone, chamando-a ao «Cantinho». Redens «estará presente e investigaremos toda esta história». Mas impôs uma condição: «Traz o Avô Sergei Iakovlevitch contigo.» Sergei, que tinha perdido dois filhos, já não esperava todas as noites por Estaline, sentado no sofá, mas aceitou ir. No último instante, porém, mudou de ideias. Talvez Béria o tenha ameaçado, ou talvez pensasse que Redens era culpado de qualquer coisa no seu sujo trabalho na Lubianka: Leonid, o filho de Redens, faz notar que havia tensões entre os Velhos Bolcheviques, como Sergei, e a impetuosa elite a que Redens pertencia. Foi a Avó Olga em vez dele, um gesto corajoso mas pouco sensato, uma vez que Estaline detestava mulheres intrometidas.

– Por que veio? Ninguém a chamou! – rosnou, ao vê-la.

Ana gritou com Estaline, que ordenou que a levassem dali.

Redens e os Svanidze estavam na prisão; Pavel estava morto. Estaline permitira que o Terror assolasse o seu próprio círculo. Quando o comunista búlgaro Georgi Dmitrov apelou a favor de alguns camaradas que tinham sido detidos, Estaline encolheu os ombros: «Que posso eu fazer por eles, Georgi? Todos os meus parentes estão também na prisão.» Uma desculpa reveladora. Certamente que, no caso de Pavel, a pistola de Nádia há-de ter estado presente no espírito dele, mas também as relações militares do cunhado e as suas intercessões a favor de «Inimigos». Talvez Estaline estivesse a ajus-

tar contas com uma família excessivamente «familiar» que lhe lembrava a rejeição de Nádia. Mas não via o Terror como um empreendimento privado: estava a limpar de espiões o país cercado e a salvaguardar os seus grandes empreendimentos antes que a guerra deflagrasse. A família contou-se entre as baixas. Via-a como o seu próprio sacrifício enquanto supremo pontífice do bolchevismo. Mas estava também a afirmar a sua libertação de laços privados e, talvez revigorantemente, a sacudir velhas obrigações de família e amizade.\* As suas vinganças eram as do partido, porque, como disse a Vassili: «Eu não sou Estaline (...), Estaline é o poder soviético!» Mas também proporcionavam uma excelente desculpa para exigir que os camaradas sacrificassem as próprias famílias. Em todo o caso, podia ter salvo quem quisesse, e não o fez. O mundo familiar de Estaline e dos filhos continuava a encolher.

Svetlana perdeu mais uma parte do seu sistema de apoio: Carolina Til, a governanta de confiança, o reconfortante elo de ligação à mãe, foi despedida durante a purga dos alemães. Béria encontrou-lhe substituta na pessoa de uma sobrinha de Nina, sua mulher, da Geórgia – ainda que, como sempre, os seus motivos sejam pouco transparentes. A nova preceptor de Svetlana era Alexandra Nakachidze, alta, magra, de longas pernas, uma pele perfeita e compridos cabelos negro-azulados. Uma ingénua e quase iletrada rapariga de uma aldeia georgiana, esta tenente do NKVD entrou naquele mundo cada vez mais monocolor como um pavão de penas cor de púrpura. Os rapazes Alliluyev e Mikojan ainda hoje a recordam com arrebatada admiração.

Svetlana não gostou da sua suposta preceptor. A chegada de Nakachidze mostra o papel especial de Béria na família: seria ela a sua espia na casa de Estaline, em tudo o mais controlada por Vlasik? Sabemos que a corte encorajava Estaline a voltar a casar: destinar-se-ia ela ao *Vozhd*?† De qualquer forma, havia uma candidata mais óbvia praticamente no seio da família.

Zénia Alliluyeva era viúva, mas estava convencida de que o marido fora assassinado por Béria. Sentir-se-ia culpada por causa da sua relação com Estaline? Não há provas disto. O marido com certeza soubera (ou preferira não saber) o que se passava, mas a relação com Estaline, qualquer que tivesse sido, fazia já, em 1938, parte do passado. Agora, porém, Estaline sentia a falta dela e fez-lhe uma estranha e indirecta proposta. Béria procurou Zénia e disse-lhe:

– É uma pessoa tão agradável, e tão bonita... Quer ir viver para casa de Estaline e ser a governanta dele?

Geralmente, isto é interpretado como uma misteriosa ameaça da parte de Béria, mas é com certeza muito pouco provável que ele fizesse semelhante proposta sem autoriza-

---

\* A sua antiga amante de 1913, a «minha querida» Tatiana Slavotinskaia, é um exemplo: Estaline protegia-a bem durante os anos 30, introduzindo-a no aparelho do Comité Central, mas agora a protecção cessou bruscamente. A família dela foi reprimida e ela própria expulsa da Casa do Cais. Slavotinskaia era avó de Iuri Trifonov, autor do romance *A Casa do Cais*.

† Nakachidze continuou presente em casa dos Estaline até depois de terminada a guerra, altura em que casou com um general e regressou à Geórgia, onde teve filhos. A filha continua a viver na Geórgia.

ção de Estaline, sobretudo considerando que ela podia ter-lhe telefonado para discutir o assunto. No espírito de Estaline, uma «governanta» era a *baba* ideal, a *khozyaika*. Tratava-se seguramente de uma semiproposta de casamento, uma desastrada tentativa de salvar o calor dos velhos tempos da destruição que ele próprio desencadeara. Enviar Béria, que Zénia odiava, numa missão tão delicada era uma imperdoável falta de tacto, mas era também muito típico de Estaline. E se algumas dúvidas houvesse quanto a esta análise, a reacção de Estaline ao que Zénia fez a seguir confirma-a definitivamente.

Zénia ficou assustada, receando que Béria quisesse acusá-la de tentar envenenar Estaline. Casou rapidamente com um velho amigo, chamado N. V. Molotchnikov, um engenheiro judeu que conhecera na Alemanha, talvez o amante que quase lhe destruíra o casamento. Estaline ficou horrorizado, afirmando que era indecente, tão pouco tempo depois da morte de Pavel. A proposta de Béria coloca a indignação de Estaline sob uma luz um tudo-nada diferente. Béria atiçou as chamas sugerindo que talvez Zénia tivesse envenenado o marido, uma ideia com ressonância neste covil de envenenadores. Há quem afirme que o corpo foi exumado duas vezes, para testes. Apesar das alegações de envenenamento, Estaline conservou o seu fascínio por Zénia, lembrando-se de, pouco antes do começo da guerra, perguntar a Kira como estava a mãe. Zénia e Ana Redens foram banidas do Kremlin e Estaline teve de procurar alhures a sua «governanta».

\* \* \*

Havia uma jovem criada chamada Valentina Vassilevna Istormina que começara a trabalhar em Zubalovo quando ainda não tinha vinte anos, no início da década de 30. Em 1938, foi trabalhar para Kuntsevo. Estaline era atraído por um ideal específico: a camponesa russa, de seio farto, olhos azuis, cabelos compridos e nariz arrebitado, submissa e prática, uma *baba* capaz de lhe proporcionar um lar sem se envolver fosse de que maneira fosse na outra parte da sua vida. Zénia tinha o físico, mas não havia nela nada de submissa. Encontrava também o mesmo físico, ligado a uma enorme altivez, nas grandes artistas da época. Estaline era um ávido frequentador do teatro, da ópera e do *ballet*, ocupando regularmente o camarote do Politburo (ex-camarote imperial) no Bolchoi ou no Teatro das Artes de Moscovo. As suas cantoras preferidas eram a soprano Natalya Schpiller, uma valquíria de olhos azuis, e a *mezzo* Vera Davidova. Gostava de instruí-las, «num tom paternal», mas também de jogar uma contra a outra. Fingia estar apaixonado por Davidova, que mais tarde se gabou de ele ter proposto casamento: se é verdade, não passou de uma brincadeira. Espicaçava-a, sugerindo-lhe que melhorasse a sua maneira de cantar imitando Schpiller. Quando Davidova apareceu com um resplandecente cinto brilhante, Estaline disse-lhe: «Ouça, a Schpiller também é uma mulher sedutora, mas veste modestamente nas recepções oficiais.»

Estas divas eram demasiado vistosas para Estaline, mas não havia falta de admiradoras disponíveis, como Vlasik disse à filha. Abundavam as histórias de mulheres

convidadas para Kuntsevo: Mirtskhulava, um jovem funcionário georgiano, lembra-se de, num jantar, em 1938, Estaline o ter mandado perguntar a uma rapariga na delegação do seu Komsomol se era filha de um certo Velho Bolchevique, e depois convidá-la para a sua *dacha*. Estaline insistira em que Mirtskhulava fizesse o convite em segredo, sem que os potentados ou os georgianos sentados à mesa se apercebessem. O mesmo aconteceu com uma bonita oficial piloto que conheceu no Festival Aéreo de Tushino, em 1938, e que o visitava regularmente.

Este é talvez o padrão dos seus triviais folguedos, mas o que acontecia em Kuntsevo é algo que continuamos a não saber. Os que conheciam Estaline insistem em que não era nem de longe um Don Juan e era até notoriamente inibido em relação ao próprio corpo. Nada sabemos a respeito dos seus gostos sexuais, mas as cartas de Nádia sugerem que tinham uma relação apaixonada. A atitude dele em relação à dança ofereceu-nos, no entanto, um vislumbre fascinante do seu relacionamento com as mulheres – talvez ligado à visão que tinha do sexo. Gostava dos passos e saltos da dança russa, que executava sozinho, mas dançar à *deux* deixava-o nervoso. Certa vez, numa festa, disse ao tenor Kozlovski que não dançava porque tinha aleijado um braço, durante o exílio, o «que o impedia de enlaçar uma mulher pela cintura».

Estaline alertou o filho, Vassili, contra «mulheres com ideias», que achava desconfortáveis: «conhecemos o género, arenques com ideias, pele e ossos». Não se sentia à vontade com os membros femininos do pessoal. Nas suas várias casas, as criadas, cozinheiras e guardas dependiam todos do departamento de Vlasik e assinavam contratos de confidencialidade, dificilmente necessários naquele reino de medo. Mesmo depois do colapso da URSS, poucos quiseram falar.\* A cabeleireira do Kremlin, que tanto tinha perturbado Nádia, fez parte deste grupo, tal como a criada Valentina Istomina, conhecida como Valechka, que pouco a pouco se tornou o grande esteio da vida casreira de Estaline.

«Estava sempre a rir, e nós gostávamos verdadeiramente dela», disse Svetlana. «Era muito nova, com bochechas cor-de-rosa, e toda a gente gostava dela. Era uma figura agradável, tipicamente russa. E era a mulher «ideal» de Estaline, opulenta e arrumada, «de rosto redondo e nariz arrebitado», primitiva, simples e iletrada. «Servia habilmente à mesa, nunca participando nas conversas», embora estivesse sempre ali quando era preciso. «Tinha cabelos castanhos claros... lembro-me bem dela, de cerca de 1936, nada de especial, nem gorda nem magra, mas sempre simpática e soridente», conta Artyom Sergeev. Longe da presença de Estaline, era divertida de uma maneira inocente, astuta, mesmo. «Era muito esperta, faladora, uma tagarela», recordava um dos guarda-costas de Estaline.

\* O avô do presidente Vladimir Putin foi chefe de cozinha numa das casas de Estaline e nunca revelou ao neto fosse o que fosse: «O meu avô mantinha um grande segredo a respeito da sua vida passada.» Lembrava-se de, quando rapaz, ter servido comida a Rasputine. Mais tarde, cozinhou para Lenine. Foi, sem a mínima dúvida, o chef mais ligado à história russa, uma vez que serviu Estaline, Lenine e o Monge Louco.

Valechka foi promovida a governanta, ocupando-se «da roupa, da comida da casa [de Estaline] e assim por diante, e acompanhava-o para onde quer que ele fosse. Era uma pessoa com quem se podia estar confortavelmente calado, e ele confiava nela, e ela era-lhe dedicada.» Estaline mostrava-se comicamente orgulhoso da maneira como ela lhe preparava a roupa interior: depois da guerra, um funcionário georgiano ficou espantado quando ele lhe mostrou as pilhas de cuecas e camisolas resplandecentemente brancas arrumadas no armário, seguramente um momento único na história dos ditadores.

No apartamento do Kremlin, Valechka servia muitas vezes Svetlana e a sua amiga Marta, que a recorda «de avental branco, como uma boa mulher da aldeia, com os seus cabelos claros e figura informe, mas não gorda. Sempre a sorrir. Também a Svetlana gostava muito dela.» Artyom foi um dos poucos que tiveram ocasião de ouvir Estaline falar com ela: «Dizia, a respeito do aniversário dela, ou coisa assim:

«— Claro que tenho de dar-te uma prenda.

«— Não preciso de nada, camarada Estaline – respondeu ela.

«— Bem, se eu me esquecer, lembra-me.»

No final da década de 30, Valechka tornou-se a companheira de confiança de Estaline, e, de facto, a sua esposa secreta, numa cultura em que a maior parte dos casais bolcheviques não era formalmente casada. «Valya cuidava dos confortos pessoais do Pai», escreveu Svetlana. A corte compreendeu que ela era a sua companheira e não se falou mais do assunto. «Se Istomina era ou não mulher de Estaline, ninguém tem nada com isso», declarou Molotov, já velho. «Engels vivia com a governanta.» Budený e Kalinine «casaram» com as respectivas governantas.

«O meu pai dizia que ela era muito próxima dele», revela Nadezhda Vlasika. A nora de Kaganovitch ouviu o «Lazar de Ferro» afirmar: «Que eu saiba, Estaline só teve uma união de facto em toda a sua vida: Valechka, a criada dele. Ela amava-o.»\*

Valechka parecia uma jovial, calma e rechonchuda irmã-enfermeira, usando sempre um avental branco durante os jantares de Estaline. Ninguém reparou na sua presença em Ialta e Potsdam: era assim que Estaline queria. A partir deste momento, a vida pessoal do *Vozhd* parece ter congelado por volta de 1939: os dramas de Nádia e Zénia, que lhe tinham causado tanto desgosto e raiva, pertenciam ao passado. «Estas questões», recordava o comunista polaco Jakob Berman, que visitava frequentemente Kuntsevo nos anos 40, «eram tratadas com extrema discrição e nunca transpiravam para fora do círculo mais íntimo. Estaline tinha sempre um grande cuidado para que não houvesse

\* Os guarda-costas de Estaline, cujas poucas fiáveis mas reveladoras recordações foram recolhidas muito depois da morte do *Vozhd*, não estavam muito certos quanto à natureza da relação de Valechka com ele. Ao ficar mais velha, casou, e, durante os últimos anos de Estaline, queixava-se dos ciúmes do marido. Depois da morte de Estaline, Valechka nunca disse uma palavra a respeito da relação entre ambos, mas, quando lhe perguntaram se a cantora de ópera Davidova costumava visitar Kuntsevo, a resposta dela revelou talvez uma pontada de sentido de propriedade: «Never a vi na *dacha* (...). Teria sido posta na rua!» Valechka não era membro do partido.

mexericos a seu respeito (...). Estaline compreendia o perigo dos mexericos.» Se outros homens podiam ser traídos pelas esposas, aí, pelo menos, ele estava seguro. Por vezes, perguntava a Valechka a sua opinião política, como pessoa comum. De todos os modos, para este homem político, ela não era uma companheira. Permaneceu sozinho.

\* \* \*

Entre 24 de Fevereiro e 16 de Março de 1939, Béria presidiu à execução de 413 presos importantes, incluindo o marechal Iegorov e os ex-membros do Politburo Kosior, Postichev e Chubar. Já estava, aliás, a viver na *dacha* deste último. Sugeriu então a Estaline que ficassem por ali, ou não restaria mais ninguém para prender. Poskrebichev marcou com VN – Inimigo do Povo – todo o antigo Comité Central, assinalando a data da execução. No dia seguinte, Estaline reflectiu com Malenkov: «Acho que nos livraremos verdadeiramente da mó da oposição. Precisamos de novas forças, de novas pessoas....» A mensagem foi transmitida ao longo da *vertikal* do poder: quando Mekhlis exigiu mais prisões no exército, por «falta de lealdade revolucionária», Estaline respondeu:

«Proponho que nos limitemos a uma repreensão oficial (...). (Não vejo malícia nas acções deles – não se trata de erros, e sim de mal-entendidos.)»\* Atirando a culpa de todos os excessos para os ombros de Iezhov, Estaline protegeu os seus outros monstros. Nikolaenko, a «denunciante de Kiev», foi desacreditada. No entanto, mais uma vez, apelou a Estaline e a Khrushchev: «Peço-lhes que verifiquem tudo, onde me enganei, onde me mentiram e onde fui provocada, estou pronta a ser castigada», escreveu a Khrushchev, mas logo a seguir, continuando a brincar à alta política, avisava Estaline: «Tenho a certeza de que ainda restam muitos Inimigos em Kiev (...). Querido José Vissarionovitch, não tenho palavras para dizer-lhe como compreender-me, mas sei que nos comprehende a nós, o seu povo, sem palavras. Escrevo-lhe com lágrimas amargas.» Estaline protegeu-a: «Camarada Khrushchev, peço-lhe que tome medidas para que a camarada Nikolaenko encontre um trabalho calmo e proveitoso. J. Est.»

As vítimas das suas criaturas podiam agora apelar para ele. Khrulev, que foi o mais notável quartel-mestre do Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial, queixou-se a Estaline do peripatético e pomposo Mekhlis. «O leão é o rei da selva», respondeu Estaline, com uma gargalhada. «Sim», respondeu Khrulev, «mas o Mekhlis é um animal perigoso que me disse que faria tudo o que estivesse ao seu alcance (...) [para me destruir].» Estaline sorriu. «Bem, se nós os dois (...) combatermos o Mekhlis juntos, acha que ele vai conseguir alguma coisa?», replicou o «rei-leão».

---

\* Vichinski relatou que a prisão de centenas de adolescentes em Novosibirsk fora maquinada pelo NKVD: «As crianças estavam inocentes e foram libertadas, mas três funcionários superiores, incluindo o chefe do NKVD e o procurador da cidade, eram culpados de “trair a lealdade revolucionária” e foram expulsos do partido.» Que fazer com eles? A 2 de Janeiro de 1939, Estaline respondeu: «Há que julgar publicamente os culpados.»

Estaline não tinha esquecido o seu maior inimigo. Béria e um dos seus talentosos especialistas em truques sujos e mortes rápidas e discretas foram recebidos no «Cantinho», onde, caminhando silenciosamente de um lado para o outro com as suas botas georgianas, o *Vozhd* ordenou laconicamente:

— Trotski tem de ser eliminado no espaço de um ano.

\* \* \*

A 10 de Março de 1939, os 1900 delegados ao Décimo Oitavo Congresso reuniram\* para declarar o fim de uma matança que fora um êxito, ainda que ligeiramente manchado pelos excessos maníacos de Iezhov. Os sobreviventes, de Molotov a Zhdanov, continuavam no topo, mas eram desafiados por uma geração mais jovem: Khrushchev juntou-se ao Politburo, enquanto Béria era eleito candidato e «Malanya» Malenkov se tornava secretário do CC. Este grupo governou o país durante os dez anos seguintes sem uma única baixa: contrariando o seu próprio mito, Estaline, o mestre do dividir para reinar, conseguia ser surpreendentemente leal aos seus protegidos. Mas não ao «Amora».

Iezhov estava em banho-maria, apesar de continuar a assistir às sessões do Politburo, a sentar-se ao lado de Estaline no Bolchoi e a aparecer para trabalhar no Comissariado do Transporte de Águas, onde passava as sessões a fazer e atirar aviões de papel. Embebedava-se durante o dia, mas ia às sessões nocturnas do Congresso, tentando conseguir autorização para falar. «Peço-lhe empenhadamente que fale comigo por um minuto», escreveu a Estaline. «Dê-me a oportunidade.» Ainda membro do CC, estava presente na reunião do partido em que foram escolhidos os novos nomes. Ninguém objectou quando Estaline o chamou.

— Então, o que pensa de si mesmo? É capaz de ser membro do Comité Central?

Iezhov protestou a sua devoção ao partido e a Estaline. Não conseguia compreender o que tinha feito de mal. Uma vez que todos os outros assassinos estavam a ser promovidos, a confusão do anão é comprensível.

— Ah, sim? — E Estaline começou a referir nomes de Inimigos próximos de Iezhov.

— José Vissarionovitch! — gritou Iezhov. — Sabe muito bem que fui eu... eu próprio... que desmascarei essa conspiração! Fui ter consigo e comuniquei-lhe...

— Sim, sim, sim. Quando pressentiu que ia ser apanhado, apressou-se a ir ter conigo. Mas, e antes disso? Estava a organizar a conspiração? Queria matar Estaline? Funcionários superiores do NKVD conspiraram, mas você não está envolvido. Pensa que eu não vejo nada? Lembra-se de quem mandou, em certa data, trabalhar com Estaline? Quem? Com revólveres? Porquê revólveres perto de Estaline? Porquê? Para matar Estaline? Então? Vá, saia daqui! Não sei, camaradas, é possível mantê-lo como

---

\* Na feia câmara de madeira que fora criada vandalizando o sumptuoso Salão Alexandrovski do Grande Palácio do Kremlin.

membro do Comité Central? Duvido. Pensem nisso, claro... Como quiserem... Mas eu duvido.

Iezhov estava decidido a distribuir a culpa e vingar-se destruindo Malenkov, que denunciou. A 10 de Abril, Estaline ordenou-lhe que assistisse a uma reunião para ouvir estas acusações. Iezhov apresentou-se a Malenkov, o qual, ritualisticamente, retirou a fotografia dele da galeria de ícones da liderança que decorava as paredes do gabinete, como um anjo expulso do paraíso. Béria e o seu príncipe-carrasco, Tsereteli, entraram e prenderam Kolya, levando o «Paciente Número Um» para a enfermaria da prisão de Sukhanov.

A busca ao apartamento de Iezhov revelou garrafas de *vodka*, vazias, meio cheias e cheias, espalhadas por todo o lado, 115 livros contra-revolucionários, armas e essas macabras relíquias, as balas achatadas, embrulhadas em papel e etiquetadas com os nomes de Zinoviev e Kamenev. Sobretudo, a busca revelou que Iezhov coleccionara material sobre o cadastro policial de Estaline anterior a 1917: seria isto prova de que o *Vozhd* fora um espião da Okhrana? Havia também provas contra Malenkov.\* Os papéis desapareceram no cofre de Béria.

Estaline era agora tão poderoso que quando, num discurso, pronunciava mal uma palavra, todos os oradores subsequentes repetiam o erro. «Se a dissesse da maneira correcta», recordava Molotov, «Estaline pensaria que eu estava a corrigi-lo.» Era muito «susceptível e orgulhoso».† A Europa estava à beira da guerra e Estaline voltou a sua atenção para o passeio na corda bamba entre a Alemanha nazi e as democracias ocidentais. Entretanto, Zhdanov anuncia o fim da matança de Iezhov, brincando (com execrável mau gosto) a respeito de «grandes Inimigos», «pequenos Inimigos» e «minúsculos Inimigos», enquanto Estaline e Béria planeavam alguns dos seus mais sórdidos actos de depravação.

---

\* Esta chantagem contra Malenkov, acusando-o de ter ligações à nobreza, pode ter feito parte da aliança dele com Béria, apesar de Estaline saber da existência das provas. «Considere-se feliz por esses documentos estarem em meu poder», disse-lhe Béria. Quando Béria foi preso, em Junho de 1953, depois da morte de Estaline, os papéis foram entregues a Malenkov, que os destruiu.

† A 5 de Fevereiro de 1939, essa astuta observadora do poder que foi Svetlana Estaline, com treze anos, fazia, numa nota, a lista dos sobreviventes do Terror: «1. Estaline. 2. Vorochilov. 3. Zhdanov. 4. Molotov. 5. Kaganovitch. 6. Khrushchev. Ordem do Dia N.º 8. Vou viajar até Zubalovo (...), deixando-os por vossa conta. Agarrem-se à barriga com mão de ferro! Setanka, senhora da casa.» Os potentados responderam, cada um à sua maneira, todas elas reveladoras: «Obedeço. Estaline, o camponês pobre. L. Kaganovitch. O obediente Vorochilov. O diligente sobrevivente ucraniano N. Khrushchev. V. Molotov.»



SEXTA PARTE

**«O GRANDE JOGO»:  
HITLER E ESTALINE,  
1939-1941**

## A PARTILHA DA EUROPA: MOLOTOV, RIBBENTROP E A QUESTÃO JUDAICA DE ESTALINE

Quando Estaline se concentrou na diplomacia, os primeiros visados foram os seus próprios diplomatas. Na noite de 3 de Maio de 1939, tropas do NKVD cercaram o Comissariado dos Negócios Estrangeiros, marcando bem a urgência da contagem decrescente para a guerra e a iminente revolução das alianças. Molotov, Béria e Malenkov chegaram para informar Maxim «Papacha» Litvinov, o experiente e entusiástico campeão da paz europeia através da «segurança colectiva», de que tinha sido despedido. Não foi surpresa para Litvinov: Estaline deu uma palmadinha nas costas do seu comissário dos Negócios Estrangeiros e disse-lhe:

– É que, bem vê, nós podemos chegar a um acordo.  
– Não por muito tempo – respondeu Papacha Litvinov.

O novo comissário dos Negócios Estrangeiros foi Molotov, que já era primeiro-ministro. Estaline emergiu do terror mais paranóico e mais confiante, um estado de espírito que o tornava ainda menos equipado para analisar a perigosa situação internacional. Mikojan reparou que este novo Estaline «era uma pessoa completamente mudada – absolutamente desconfiado, implacável e ilimitadamente egocêntrico, falando com frequência de si mesmo na terceira pessoa. Julgo que enlouqueceu.» Kaganovitch recordava que deixara praticamente de reunir o Politburo, decidindo ele próprio a maior parte das questões. Estaline não «conhece o Ocidente», pensava Litvinov. «Se os nossos adversários fossem um bando de xeques e xás, teria conseguido enganá-los.» E os seus dois principais conselheiros, Molotov e Zhdanov, não tinham melhores qualificações. Estaline preparara-se lendo livros de História, sobretudo as memórias de Bismarck,

mas não se apercebeu de que, comparado com Hitler, o Chanceler de Ferro era um estadista tradicional. Agora, o *Vozhd* citava constantemente Bismarck e Talleyrand.

Molotov insistia em que a política bolchevique era o melhor treino para a diplomacia e considerava-se a si mesmo um político, não um diplomata, mas orgulhava-se da sua nova carreira: «Estava tudo na mão de Estaline, na minha mão», disse. Mas trabalhou à sua maneira incansável e metódica, sob uma tremenda pressão, debatendo ideias com Estaline ao mesmo tempo que aterrorizava os seus colaboradores com «acessos de fúria». Todavia, nas cartas que escrevia à mulher, Polina, revelava a vanglória e a paixão que o enchiam: «Vivemos sob uma pressão constante para não deixar escapar nada (...). Tenho tantas saudades tuas e da nossa filha, quero abraçar-te, apertar-te contra o peito com toda a tua doçura e encanto (...).» Mais directo e menos intelectual do que Estaline, dizia a Polina que tinha começado a ler, não a respeito de Talleyrand, mas de Hitler. Além do escaldante desejo por Polina, a parte mais divertida destas cartas era o prazer sem disfarces que lhe dava a sua nova fama. «Posso dizer-te, sem me gabar», gabava-se, «que os nossos homólogos sentem (...) que estão a lidar com pessoas que sabem do seu ofício.»

Estaline e Molotov tornaram-se uma dupla internacional de crescente subtileza, mestres na velha rotina do «polícia bom, polícia mau». Estaline era sempre mais radical e precipitado; Molotov, o calmo analista do possível; mas nenhum dos dois via qualquer contradição entre expansionismo imperial e a sua cruzada marxista: muito pelo contrário, o primeiro era a melhor maneira de dar poder à segunda.

A Europa do início de 1939 era, nas palavras de Estaline, um «jogo de póquer» com três jogadores, no qual cada um esperava convencer os outros dois a destruírem-se mutuamente para poder ficar sozinho com os lucros. Os três jogadores eram os fascistas da Alemanha nazi de Hitler, os capitalistas da Grã-Bretanha de Neville Chamberlain aliada à França de Daladier... e os bolcheviques. Apesar de admirar a indisfarçada brutalidade do austríaco, compreendia o perigo de uma Alemanha militarmente resurgente e a hostilidade do fascismo.

Estaline considerava as democracias ocidentais pelo menos tão perigosas como a Alemanha. Amadurecera politicamente durante a intervenção dessas mesmas democracias na Guerra Civil. Sentia instintivamente que podia trabalhar com Hitler. Mal o «cabo austríaco» subiu ao poder, o *Vozhd* começou a sondar cautelosamente as águas, aconselhado por Karl Radek, o seu perito em questões germânicas, e usando como emissários pessoais Abel Ienukidze e David Kandekalai. A delicadeza destas discussões era absoluta, uma vez que, simultaneamente, Estaline fuzilava milhares de agentes alemães, com o país num frenesi de preparações bélicas prussofóbicas. Os embaixadores eram abatidos.

Hitler manteve Estaline à distância enquanto as democracias continuaram a apaguiá-lo. Mas o acordo de Munique convenceu o líder soviético de que o Ocidente não estava verdadeiramente empenhado em travar a Alemanha. Pelo contrário, tinha a certeza de que estava disposto a deixá-la destruir a Rússia soviética. Munique acabou

de vez com a «segurança colectiva» de Litvinov. Estaline avisou os ocidentais de que a União Soviética «não lhes tiraria as castanhas do lume». A solução era dividir o mundo em «esferas de influência». Isto era uma forma oblíqua de fazer saber a Hitler que negociaria com quem estivesse disposto a negociar com ele. Berlim tomou boa nota da mudança. Mais tarde, no Plenário, Estaline atacou Litvinov:

– Isso significa que me considera um Inimigo do Povo? – perguntou o bravo Litvinov. Estaline hesitou, enquanto o ex-comissário dos Negócios Estrangeiros abandonava a sala.

– Não, não consideramos Papacha um Inimigo. Papacha é um revolucionário honesto.\*

Entretanto, Molotov e Béria aterrorizavam uma reunião de experientes diplomatas, muitos deles bolcheviques judeus que se sentiam perfeitamente à vontade nas grandes capitais europeias. Béria olhou em redor:

– Nazarov – disse –, por que foi que prenderam o teu pai?

– Lavrenti Pavlovitch, sabes sem dúvida a resposta muito melhor do que eu.

– Havemos de falar disso noutra ocasião – riu Béria.

O Comissariado dos Negócios Estrangeiros era quase porta com porta com a Lubianka, de tal modo que os dois ministérios eram chamados «os Vizinhos». O adjunto de Molotov, Vladimir Dekanozov, de quarenta e um anos, outro dos inteligentes e competentes sequazes caucasicos de Béria, supervisionou a purga dos diplomatas. Este anão de cabelos ruivos, um georgiano russificado com uma preferência especial por filmes ingleses (chamou ao filho Reginald) e rapariguinhas adolescentes, era um estudante de Medicina falhado que conhecia Béria desde os tempos da universidade, quando ambos tinham entrado para a Cheka. Molotov costumava dizer, na brincadeira, que era na realidade um arménio a fingir que era georgiano para agradar a Estaline, que lhe chamava «Kartveliano Lento», do nome da sua região de origem. Em Kuntsevo, Estaline troçava da sua fealdade. Sempre que ele aparecia, o *Vozhd* dizia sarcasticamente, no meio da gargalhada geral:

– Que homem tão bonito! Olhem para ele! Nunca vi uma coisa assim!

O adido de imprensa do Comissariado dos Negócios Estrangeiros, Ievgeni Gnedin, ele próprio um artefacto da história revolucionária, pois era filho de Parvus, o financiero de Lenine e seu intermediário junto da Alemanha kaiseriana, foi preso por Dekanozov e levado ao gabinete de Béria, onde lhe ordenaram que confessasse ser um espião. Gnedin recusou, e Béria mandou-o estender-se no chão enquanto o «gigante»

\* Estaline dava valor a este tipo de coragem. Litvinov, que era três anos mais velho do que ele, nunca soube dobrar a língua. Este desabrido cosmopolita queixava-se aos amigos da «estreiteza de vistas, vaidade, ambição e rigidez» de Estaline, e chamava «atrasado mental» a Molotov, «carreirista» a Béria e «míope» a Malenkov. Molotov dizia que «Litvinov continuava entre os vivos por puro acaso», mas Estaline teimava em preservá-lo, apesar do ódio de Molotov contra aquele diplomata muito mais capaz, por ele ser conhecido no Ocidente e ainda poder voltar a ser útil. Havia uma história a respeito de Litvinov ter salvado Estaline de ser espancado pelos estivadores de Londres, em 1907: «Não me esqueci daquela vez em Londres», costumava Estaline dizer.

caucasiano Kobulov lhe batia na nuca com um cacete. Gnedin foi um dos «cadáveres com sorte». Em Julho, Béria ordenou ao príncipe Tsereteli que matasse o embaixador soviético na China, Bovkun-Luganets, e a esposa, a sangue frio, num falso acidente rodoviário (o método habitual de matar aqueles que eram demasiado conhecidos para desaparecerem simplesmente).\*

O Terror diplomático de Estaline destinava-se a agradar a Hitler: «Purguem o ministério de judeus», ordenou. «Acabem com a “sinagoga”» «Graças a Deus por estas palavras», explicou Molotov (que estava casado com uma judia). «Os judeus constituem uma maioria absoluta e muitos embaixadores (...).»

Estaline era, à luz da maioria dos critérios, um anti-semita, mas, até depois da guerra, tratou-se mais de um maneirismo russo do que de uma obsessão perigosa. Nunca foi um racista biológico, como os nazis. Desagradava-lhe, no entanto, qualquer nacionalidade que ameaçasse a lealdade à multinacional URSS. Abraçou o povo russo, não por rejeitar as suas próprias origens georgianas, mas precisamente por aquele motivo: os Russos eram os alicerces e o cimento da União Soviética. Depois da guerra, porém, a criação do Estado de Israel, o aumento da autoconsciência étnica entre os judeus soviéticos e a Guerra Fria com a América combinaram-se com o seu velho preconceito de modo a transformá-lo num sanguinário anti-semita.

Tal como os seus camaradas judeus – Kaganovitch, entre muitos outros –, era orgulhosamente internacionalista. Mas, ao mesmo tempo, achava declaradamente piada a anedotas sobre estereótipos nacionais. Conservava, sem a mínima dúvida, toda a carga de preconceitos tradicionais georgianos contra os povos muçulmanos do Cáucaso, que iria deportar. Perseguia igualmente os alemães. Gostava das anedotas sobre judeus que Pauker (que era judeu) e Kobulov contavam, e ria-se quando Molotov chamava a Kaganovitch «o Israelita». Mas também gostava de anedotas sobre arménios e alemães, e partilhava o ódio nacional dos russos contra os polacos: até aos anos 40, foi tão polonofóbico como anti-semita.

A sua desconfiança constante devia-se ao facto de os judeus não terem uma pátria, o que os tornava «místicos, intangíveis, de outro mundo». No entanto, Kaganovitch insistia em que a opinião de Estaline tinha sido formada pelo judaísmo dos seus inimigos – Trotski, Zinoviev e Kamenev. Por outro lado, a maior parte das mulheres que o rodeavam e muitos dos seus colaboradores mais próximos, de Lagoda a Mekhlis, eram judeus. A diferença é óbvia: odiava o intelectual Trotski, mas não tinha qualquer problema com o sapateiro Kaganovitch.

Não ignorava que o seu regime tinha de manter uma posição firme contra o anti-semitismo, e encontramos entre as suas notas um lembrete para fazer um discurso a respeito do assunto: chamava-lhe «canibalismo», fez dele um crime punível por lei e criticava regularmente os anti-semitas. Fundou, inclusivamente, uma pátria judaica, o

\* Planeavam fazer o mesmo a Litvinov, mas quando a esposa inglesa do diplomata, Ivy, aterrorizada pela perspectiva de uma prisão iminente, se queixou a uns amigos americanos, a carta foi parar à secretaria de Estaline. Que telefonou a Papacha: «Tem uma mulher extremamente corajosa e faladora. Diga-lhe que se acalme. Não está ameaçada.»

Birobizão, na inóspita fronteira com a China, e gabava-se: «O czar não deu terra aos judeus, mas nós vamos dar.»

No entanto, a nacionalidade sempre teve importância na política soviética, por muito internacionalista que o partido se proclamassem. Havia um número desproporcionado de judeus, além de georgianos, polacos e letões, porque tinham sido estas as minorias mais perseguidas na Rússia czarista. Apesar de, em 1937, apenas 5,7% dos membros do partido serem judeus, estes formavam uma maioria no governo. O próprio Lenine (que era parcialmente judeu por ascendência) dizia que, se o comissário fosse judeu, o adjunto devia ser russo: Estaline seguiu esta regra.\*

Era, porém, «sensível» ao judaísmo de Kaganovitch. Nos jantares em Kuntsevo, Béria tentava obrigar Kaganovitch a beber mais, mas Estaline impedia-o:

– Deixa-o em paz... os judeus não sabem beber.

Certa vez, perguntou a Kaganovitch por que razão fazia um ar tão triste quando alguém contava anedotas de judeus.

– Olha para o Mikoian. Nós rimos dos arménios, e o Mikoian ri connosco.

– Sabe, camarada Estaline, é que o sofrimento afectou o carácter dos judeus, e por isso agora somos como uma flor de mimosa. Se lhe tocamos, fecha-se imediatamente.

Acontece que a mimosa, essa flor hipersensível que se encolhe como um animal, era a preferida de Estaline. A partir desse momento, não voltou a permitir esse tipo de anedotas na presença de Kaganovitch.

Em todo o caso, houve um acréscimo de anti-semitismo durante os anos 30: mesmo em público, Estaline perguntava se um homem era «*natsmen*» – «minorias nacionais» –, um eufemismo para judeu baseado no quinto ponto dos formulários pessoais soviéticos, respeitante à «nacionalidade». Ao recordar Kamenev, Molotov disse que «não parecia judeu, excepto quando se lhe olhava para os olhos».

Os judeus da corte de Estaline sentiam que tinham de ser mais russos do que os russos, mais bolcheviques do que os bolcheviques. Kaganovitch desprezava a cultura *yidish*, perguntando certa vez a Solomon Mikhoels, o actor judeu: «Por que é que rebaixa as pessoas?» Quando o Politburo debateu a demolição do Templo do Salvador, um dos actos de vandalismo que acompanharam a criação da Moscovo estalinista, Estaline, Kirov e os outros votaram a favor, mas Kaganovitch disse: «As Centúrias Negras [os bandos anti-semitas de 1905] vão dizer que o culpado fui eu!» Similarmemente, Mekhlis reagiu aos insultos de Estaline contra os «Yids» de Lenine: «Sou um comunista, não um judeu.» Mais honestamente, explicou o seu próprio zelo: «Têm de compreender que só há uma maneira de o combater [o anti-semitismo] – ser corajoso; se se é judeu, ser mais honesto, puro como o cristal, uma pessoa-modelo, especialmente em termos de dignidade humana.»

\* Os três primeiros chefes de governo soviéticos eram russos. Quando Lenine morreu, Rikov sucedeu-lhe como PredSovnarkom, apesar de ser normalmente Kamenev, um judeu, quem presidia às reuniões. Em 1930, Molotov sucedeu a Rikov. Estaline recusou o cargo, tanto por razões políticas como raciais.

Estaline compreendia que, embora fosse necessário dar a ideia de que se opunha ao anti-semitismo, os seus judeus eram um obstáculo à aproximação a Hitler, especialmente Litvinov (Wallach). Muitos bolcheviques judeus usavam pseudónimos russos. Já em 1936, Estaline ordenara a Mekhlis, então no *Pravda*, que usasse um desses pseudónimos: «Não há vantagem em provocar o Hitler!» Esta atmosfera agudizou-se no Plenário de início de 1939, quando Iakovlev atacou Khrushchev por promover um culto da personalidade usando o nome completo e o patronímico, um sinal de respeito. Khrushchev, que era anti-semita, sugeriu que talvez Iakovlev desvesse usar o seu verdadeiro nome, Epstein. Mekhlis interveio para apoiar Khrushchev, explicando que Iakovlev, sendo judeu, não conseguia compreender aquilo.

O afastamento dos judeus era um sinal dirigido a Hitler... mas Estaline enviava sempre mensagens duplas: Molotov escolheu Solomon Lozovski, um judeu, como um dos seus adjuntos.

\* \* \*

O póquer europeu jogava-se com movimentos rápidos, conversações secretas e corações frios. As apostas eram altas. Os ditadores mostraram-se mais hábeis neste vertiginoso jogo do que as democracias ocidentais, que só começaram a jogar a sério demasiado tarde. Enquanto se intensificava a luta contra os japoneses, Hitler subia a parada, depois de ter engolido a Áustria e a Checoslováquia, voltando os seus *Panzer* na direcção da Polónia. Tardiamente, as democracias ocidentais compreenderam que era necessário travá-lo: a 31 de Março, a Grã-Bretanha e a França garantiam as fronteiras polacas. Precisavam que a Rússia se lhes juntasse, mas não souberam pôr-se na pele de Estaline nem compreenderam a sua sensação de fraqueza e isolamento. Ironicamente, a garantia oferecida aos Polacos agravaava as dúvidas do *Vozhd* quanto à sinceridade do empenho britânico: se Hitler invadisse a Polónia, que impediria a «pérfida Albion» de usar essa garantia como simples moeda de troca para negociar um outro acordo estilo Munique, deixando o exército alemão à sua porta?

Estaline exigiu, portanto, uma aliança militar formal com o Ocidente. Caso contrário, voltar-se-ia para Hitler. A 29 de Junho, Zhdanov apoiava a opção alemã num artigo, publicado no *Pravda*, em que expunha a sua «opinião pessoal» que «me permito expressar (...) ainda que nem todos os meus amigos a partilhem (...). Ainda acreditam que, ao iniciarem negociações com a URSS, os governos inglês e francês têm intenções honestas (...). Eu penso que os governos inglês e francês não desejam um tratado de igualdade com a URSS (...).» A vulnerabilidade de Belgrado tornava necessário ter mão livre nos países bálticos: era esse o preço daquilo a que Zhdanov chamava «igualdade». Iuri, o filho de Zhdanov, lembra-se de ver Estaline e o pai lerem uma tradução especial de *Mein Kampf* e discutirem interminavelmente os prós e os contras de uma aliança germânica. Estaline leu em *Ambassadors of the World*, de D'Abernon, que se a

Alemanha e a Rússia fossem aliadas, «o perigoso poder do Leste» eclipsaria o da Grã-Bretanha. «Sim!», escreveu aprovadoramente na margem.

A Grã-Bretanha e a França enviaram a Moscovo, dir-se-ia quase que com relutância, uma ridículamente triste delegação de baixo nível, para oferecer uma aliança mas nenhuma garantia de fronteiras nem liberdade de acção nos países bálticos. Quando o almirante Sir Reginald Aylmer Ranfurly Plumett-Ernle-Erle-Drax (autor de um livro chamado *Handbook on Solar Heating*) e o general Joseph Doumenc chegaram a Leninegrado, na noite de 9 para 10 de Agosto, o namoro germano-soviético estava a tornar-se sério. O almirante e o general apanharam o comboio para Moscovo e foram levados a um encontro com Vorochilov e Molotov.

Estaline não estava minimamente impressionado com os quatro apelidos do almirante inglês quando discutiu a delegação com Molotov e Béria:

– Não estão a falar a sério. Estes tipos não podem ter os poderes necessários. Londres e Paris estão outra vez a jogar pôquer...

– Mesmo assim, é preciso ir para a frente com as negociações – disse Molotov.

– Bom, se é preciso, é preciso.

O caso estava a transformar-se num leilão dos favores de Estaline, mas apenas com um licitante sério. Entretanto, na Alemanha, Hitler decidia invadir a Polónia a 26 de Agosto: de repente, o acordo com Estaline tornava-se desesperadamente necessário. A reunião com as potências ocidentais só começou a 12 de Agosto, mas o abismo entre o que o Ocidente estava disposto a oferecer e o preço que Estaline pedia era intransponível. Nesse mesmo dia, os russos fizeram saber aos alemães que estavam prontos para iniciar as negociações, inclusivamente sobre o desmembramento da Polónia. A 14, Hitler decidiu enviar Ribbentrop, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, a Moscovo. A 15, o embaixador alemão, conde Friedrich Werner von der Schulenburg, pediu um encontro com Molotov, que, correndo a consultar Estaline, respondeu que a Rússia estava pronta. Quando a notícia chegou a Ribbentrop, este apressou-se a informar Hitler, no Bergdorf. A 17, Vorochilov propôs aos franceses e aos britânicos um tratado de assistência militar mútua, mas acrescentou que não valia a pena continuar as discussões enquanto a Grã-Bretanha e a França não convencessem os polacos e os romenos a permitir a livre passagem de tropas soviéticas na eventualidade de um ataque alemão. Drax, porém, ainda não recebera ordens de Londres.

– Basta destes jogos! – disse Estaline a Molotov. – Os ingleses e os franceses querem-nos a trabalhar para eles de graça!

Na tarde de sábado, 19, Molotov convocou apressadamente Schulenburg, entregando-lhe o esboço de um pacto de não-agressão que era mais formal do que a versão alemã, mas nada continha de objecionável. Tendo assinado o acordo comercial que Estaline especificara como necessário antes de se poder começar a falar a sério, os alemães, cuja data-limite se aproximava rapidamente, aguardavam com a expectativa de jogadores. Hitler decidiu astutamente cortar o nó górdio da confiança mútua e

do prestígio dirigindo-se pessoalmente a Estaline, num telegrama datado de 20 de Agosto: «Caro Senhor Estaline.» Estaline, Molotov e Vorochilov redigiram a resposta:

*Para o chanceler da Alemanha, A. Hitler. Agradeço a sua carta. Espero que o acordo germano-soviético de não-agressão seja um ponto de viragem no sentido de uma verdadeira melhoria das relações políticas entre os nossos países (...). O governo soviético deu-me instruções para o informar de que concorda com a visita do Senhor Ribbentrop a Moscovo a 26 de Agosto.*

*J. Estaline*

Muito para leste, nesse domingo, 20 de Agosto, Georgi Zhukov, comandante do exército soviético no rio Khalkin-Gol, desencadeou uma formidável barragem de artilharia contra os japoneses, e em seguida atacou em toda a frente. A 23, os nipónicos tinham sido derrotados, sofrendo 61.000 baixas. O suficiente para dissuadi-los de voltar a atacar a Rússia.

As três da manhã de segunda-feira, 21, Molotov recebia Schulenburg, que lhe transmitiu o pedido de Hitler de um encontro, a 23. Duas horas mais tarde, Schulenburg e Estaline chegavam a acordo sobre a histórica visita de Ribbentrop. De repente, os dois ditadores já não estavam a retrair-se, e sim a correr um para o outro de braços abertos. Às sete da tarde do dia seguinte, Vorochilov despedia os britânicos e os franceses: «Esperemos até que as coisas se esclareçam...»\*

A resposta de Estaline chegou a Hitler às oito e meia dessa noite: «Maravilhoso! Felicito-os!», disse Hitler, acrescentando, com o exagero de um *entertainer*: «Tenho o mundo no bolso!»

Nessa noite, Vorochilov acompanhava uma delegação vital da liderança soviética numa expedição de caça aos patos, no campo. Khrushchev acabava de chegar de Kiev. Antes de partir para ir matar patos, jantou com Estaline na *dacha*. Foi então que o *Vozhd*, «que sorria e me observava atentamente», o informou de que Ribbentrop estava a chegar. Khrushchev, que nada sabia das negociações, ficou «pasmado. Olhei para ele, pensando que estava a brincar.»

\* A comédia destas negociações está perfeitamente resumida na questão da Ordem do Banho. Drax tinha chegado sem as credenciais pertinentes, um erro que disse a Estaline tudo o que ele precisava de saber sobre o empenhamento do Ocidente. Quando as credenciais finalmente chegaram, tinham-se tornado irrelevantes. Ao ler orgulhosamente em voz alta a sua lista de títulos oficiais. Sir Reginald chegou a esta nobre ordem, e o intérprete soviético proclamou: «Ordem da Banheira.» O marechal Vorochilov, dando prova das suas duas características mais marcantes – uma ingenuidade infantil e uma capacidade quase heróica de enfiar o pé na argola –, interrompeu para perguntar: «Da Banheira?» «No tempo dos nossos primeiros reis», explicou Drax, «os nossos cavaleiros viajavam pela Europa, matando dragões e salvando donzelas em perigo. Regressavam a casa sujos da viagem e apresentavam-se (...) ao rei [que] por vezes oferecia ao cavaleiro um luxo (...), um banho na casa de banho real.» As democracias ocidentais não podiam pagar o «preço» da aliança soviética, nomeadamente recuar na garantia de salvaguarda das fronteiras dada à Polónia e deixar cair os países bálticos na esfera de influência de Estaline. Talvez tivessem razão, uma vez que isso continuaria a não garantir que seria possível travar Hitler, e parecia fazer pouco sentido salvar a Polónia dos Hunos para a entregar aos Tártaros.

«Por que há-de o Ribbentrop querer falar connosco?», espantou-se Khrushchev. «Vai desertar?» Lembrou-se então de que, no grande dia, ia estar a caçar com Vorochilov. Não seria melhor cancelar?

«Não é preciso. Não há nada para tu fazeres (...). Eu e o Molotov falamos com ele. Quando voltares, conto-te qual é a ideia do Hitler (...).» Depois do jantar, Khrushchev e Malenkov foram encontrar-se com Vorochilov na sua reserva de caça, enquanto Estaline ficava na *dacha* para reflectir sobre o dia seguinte. A menos que estivesse de muito bom humor, achava «a caça uma perda de tempo». Foi talvez nessa noite que Estaline, ao ler a *História da Grécia Antiga*, de Vipper, assinalou a passagem a respeito das vantagens de os ditadores trabalharem em estreita colaboração.

Na terça-feira 22 de Agosto, todos os potentados visitaram o «Cantinho» numa ou noutra altura do dia. Se os pormenores eram secretos, a política não. O seu arquitecto era Estaline, assistido por Molotov e Zhdanov, mas não havia opiniões contra. Até Khrushchev e Mikojan, nas suas memórias destinadas a enegrecer sempre que possível a imagem do *Vozhd*, admitem que não havia alternativa. Estes leninistas tinham compreendido, no dizer de Kaganovitch, que aquilo era um Brest-Litovsk ao contrário.

Nessa noite, enquanto os caçadores de patos partiam para os pântanos de Zavidovo, cento e dez quilómetros a noroeste de Moscovo, o alto e pomposo Ribbentrop, ex-vendedor de champanhe, levantava voo no *Condor* de Hitler, o *Immelman III*, com uma delegação de trinta membros. À uma da tarde de 23 de Agosto, Ribbentrop chegou e desembarcou do *Condor* envergando um sobretudo de couro, casaco preto e calças às riscas, ficando impressionado ao encontrar o aeroporto decorado com suásticas. Uma orquestra tocou o hino nacional alemão. Foi então conduzido por Vlasik até um *ZiS* (um *Buick* soviético) preto blindado. Atravessaram velozmente a cidade, com uma paragem na embaixada alemã para caviar e champanhe. Às três, Ribbentrop, que ia encontrar-se com Molotov, passava a Porta Spasski a caminho do «Cantinho». Foi recebido por Poskrebichev, de uniforme militar, que o guiou escadas acima e através de uma série de antecâmaras, até uma grande sala rectangular, onde Estaline, envergando o dólman do partido e calças tufadas metidas nos canos das botas, e Molotov, de fato escuro, o esperavam.

---

\* As memórias de Khrushchev deixaram uma impressão confusa a respeito do Politburo e do Pacto. Molotov, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, era o testa-de-ferro neste jogo diplomático, e Estaline, claramente, o motor a funcionar nos bastidores. É geralmente afirmado que o Politburo, incluindo Vorochilov, só soube das negociações em curso quando a chegada de Ribbentrop estava iminente, mas os papéis deste corpo legislativo sempre foram confinados aos «Cinco» ou aos «Sete», e nunca distribuídos aos líderes regionais, como o primeiro-secretário ucraniano. As mensagens entre Estaline e Hitler eram discutidas com Molotov, Vorochilov e Béria, que tinha a seu cargo a segurança e precisava de saber. Zhdanov, com o seu ponto de vista sobre Leninegrado e os países bálticos, o seu conhecimento da cultura alemã e a sua publicamente afirmada desconfiança relativamente às intenções do Ocidente, tinha estado intimamente ligado a toda esta política, e pode ter sido o seu co-arquitecto, juntamente com Estaline. Os aspectos comerciais não podiam ser negociados sem Mikojan. Nessa semana, Zhdanov passou o tempo a entrar e sair do gabinete de Estaline e disse ao filho que estivera sempre a par das negociações.

Quando se sentaram à mesa – os russos, com o seu intérprete, V. N. Pavlov, de um lado, os alemães do outro –, Ribbentrop declarou:

– A Alemanha nada pede à Rússia. Apenas paz e comércio.

Estaline ofereceu a palavra a Molotov, como primeiro-ministro.

– Não, não, José Vissarionovitch. Fala tu. Estou certo de que farás um melhor trabalho do que eu.

Chegaram rapidamente a acordo sobre os termos do pacto, que visava dividir a Polónia e a Europa Oriental em esferas de influência – Estaline ficava com a Polónia Oriental, a Letónia, a Estónia, a Finlândia e a Bessarábia, na Roménia, embora Hitler conservasse a Lituânia. Mas quando Ribbentrop propôs um louvor à amizade germano-soviética, Estaline rosnou:

– Não lhe parece que devíamos prestar um pouco mais de atenção à opinião pública dos nossos países? Há anos que andamos a despejar baldes de merda na cabeça uns dos outros, e os nossos rapazes da propaganda não param de inventar coisas novas. Vamos agora, de repente, fazer crer aos nossos povos que está tudo esquecido e perdoado? As coisas não funcionam assim tão depressa.

Com tanta coisa resolvida tão rapidamente, Ribbentrop voltou à embaixada para telegrafar a Hitler.

Às dez da noite, regressou ao «Cantinho», acompanhado por uma delegação muito maior e dois fotógrafos. Quando Ribbentrop anunciou que Hitler estava de acordo com os termos do pacto, «um súbito tremor pareceu percorrer o corpo de Estaline, que não apertou imediatamente a mão que o seu parceiro lhe estendia. Era como se, primeiro, tivesse de ultrapassar um momento de medo.» Estaline mandou vir *vodka* e brindou:

– Sei quanto a nação alemã ama o seu *Führer*. É uma boa pessoa. Gostaria de beber à sua saúde.

Molotov brindou então a Ribbentrop, que brindou a Estaline. Um dos jovens alemães, um oficial das SS com mais de um metro e oitenta de altura chamado Richard Schulze, reparou que Estaline bebia de um frasco especial, e conseguiu servir-se dele, descobrindo que continha água. Estaline esboçou um sorriso. Schulze não seria o último convidado a descobrir este pequeno segredo.

Às duas da manhã de 24 de Agosto, o tratado estava pronto. Os fotógrafos – os alemães com equipamento moderno, os russos com velhas máquinas de madeira e latão e tripé de madeira – entraram na sala. O chefe do Estado-Maior-General do Exército Vermelho, o doente e frágil Chapochnikov, que Estaline respeitava, tomava notas num pequeno bloco. Quando chegou o momento da fotografia, Estaline reparou no jovem oficial SS que descobrira o truque da água e fez-lhe sinal para que se lhes juntasse, colocando-o entre Ribbentrop e Chapochnikov. Molotov assinou.

Uma criada serviu champanhe e pequenas sanduíches. Quando um dos fotógrafos alemães disparou a máquina no momento em que Estaline e Ribbentrop erguiam as taças, o primeiro abanou um dedo e disse-lhe que não queria aquela fotografia publi-

cada. O fotógrafo ofereceu-se para entregar a película, mas Estaline afirmou que podia confiar na palavra de um alemão. Quando, às três da manhã, os excitados líderes se preparavam para sair, Estaline disse a Ribbentrop:

– Posso garantir, sob minha palavra de honra, que a União Soviética não trairá este pacto.

Estaline seguiu para Kuntsevo, onde os caçadores aguardavam. Vorochilov, Khrushchev, Malenkov e Bulganine tinham já entregado os patos para serem cozinhados na cozinha do *Vozhd*. Quando Estaline e Molotov chegaram, radiantes com a sua cópia do tratado, Khrushchev gabou-se de ter abatido mais patos do que Vorochilov, o afamado «Primeiro Atirador», antes de o risonho Estaline lhes contar como tinham assinado o Pacto Molotov-Ribbentrop, que ia espantar o mundo: «Estaline parecia muito satisfeito consigo mesmo», mas não tinha ilusões quanto aos seus novos amigos. Enquanto ceavam pato, disse:

– Claro que é tudo um jogo para ver quem consegue enganar quem. Sei muito bem o que o Hitler anda a preparar. Julga que foi mais esperto do que eu, mas na realidade fui eu que lhe preguei a partida.» A guerra, explicou, «poupar-nos-á um pouco mais de tempo.»\* Zhdanov troçou da figura em forma de pêra de Ribbentrop:

– Tem as ancas maiores e mais largas de toda a Europa – anunciou, enquanto os potentados riam dos grotescos quadris de Ribbentrop. – Aquelas ancas! Aquelas ancas!

O «Grande Jogo», como Molotov chamava à guerra de nervos entre Estaline e Hitler, tinha começado.

\* \* \*

Às duas da manhã de 1 de Setembro, Poskrebichev entregou a Estaline um telegrama de Berlim a informá-lo de que, no início dessa noite, tropas «polacas» (na realidade, forças especiais alemãs disfarçadas) tinham atacado a estação de rádio alemã de Gleiwitz. Estaline retirou-se para a *dacha* e foi para a cama. Passadas poucas horas, Poskrebichev voltou a ligar: a Alemanha tinha invadido a Polónia. Estaline acompanhou a campanha enquanto a Grã-Bretanha e a França declaravam guerra à Alemanha, assumindo os seus compromissos. «Não vemos nada de errado no facto de eles lutarem uns contra os outros e enfraquecerem-se mutuamente», disse a Molotov e a Zhdanov.

Estaline planeou a invasão da Polónia com Vorochilov, Chapochnikov e Kulik, que comandaria a frente juntamente com Mekhlis, mas esperou até ter primeiro assegurado o fim da guerra com o Japão. Às duas da manhã de 17 de Setembro, acompanhado por Molotov e Vorochilov, disse a Schulenburg: «Às seis da manhã, daqui a quatro

\* Muito longe dali, no Berghof, Hitler recebera as notícias durante o jantar, pedindo silêncio e anunciando-as ao seus convidados, que levou até à varanda, de onde viram como a aurora boreal, «as luzes do norte», banhava o céu e os montes Unterberg num irreal clarão vermelho-sangue, tingindo de escarlate os rostos dos espectadores. «Parece um mar de sangue», disse Hitler a um ajudante. «Desta vez, não vamos consegui-lo sem violência.»

horas, o Exército Vermelho entrará na Polónia.» O primeiro-ministro Molotov foi à rádio anunciar o «dever sagrado de oferecer ajuda (...) aos nossos irmãos ucranianos e bielorrussos». Mekhlis afirmou a Estaline que os ucranianos ocidentais tinham acolhido os soldados russos «como verdadeiros libertadores», com «maçãs, empadas, água para beber (...). Muitos choraram de alegria.»

Khrushchev, primeiro-secretário ucraniano, envergou um uniforme militar e, acompanhado pelo chefe do NKVD local, Ivan Serov, juntou-se às forças de Semyon Timochenko, comandante do Distrito Militar de Kiev. Timochenko, que usava a cabeça rapada à navalha, era um duro veterano do Primeiro Exército de Cavalaria de Tsaritsyn; era um oficial competente, mas, durante o Terror, denunciara Budeny e fora denunciado por sua vez. Khrushchev afirmava ter-lhe salvo a vida. O avanço de Khrushchev em território polaco foi uma aventura para ele, mas ainda mais para a mulher, Nina Petrovna, que, também de uniforme e pistola à cinta, libertou os próprios pais, que tinham ficado na Polónia desde 1920. Khrushchev, refugiado em Lvov, ficou encantado aovê-la a ela e aos pais, mas perdeu a cabeça por causa da pistola.\*

Se a invasão foi alegre para os Khrushchev, significou para a população polaca depredações tão cruéis e trágicas como as causadas pelos nazis. Khrushchev eliminou implacavelmente todos os grupos susceptíveis de opor-se ao poder soviético: padres, oficiais, nobres e intelectuais foram raptados, assassinados e deportados com o objectivo de erradicar a própria existência da Polónia. Em Novembro de 1940, um décimo da população, 1.170.000 inocentes, tinham sido deportados. Destes, 30% estavam mortos em 1941: 60.000 foram presos e 50.000 fuzilados. Os soviéticos comportaram-se como conquistadores. Quando alguns soldados foram detidos por roubarem tesouros a um tal príncipe Radziwill, Vichinski consultou Estaline.

«Se não houve intenção dolosa», escreveu este na nota, «pode-se perdoar-lhes. J. Est.»

Às cinco da tarde de quarta-feira, 27 de Setembro, Ribbentrop voltou a Moscovo para negociar os famosos protocolos, tão secretos que Molotov continuava a negar a sua existência trinta anos mais tarde. Às dez da noite, estava no Kremlin, em conversações com Estaline e Molotov à volta da mesa coberta por um pano verde. Estaline queria a Lituânia. Ribbentrop tinha de telegrafar a Hitler, pelo que as negociações foram suspensas até às três da tarde do dia seguinte. Mas a resposta de Hitler não tinha ainda chegado quando Ribbentrop voltou para negociar os pormenores cartográficos.

Nessa noite, enquanto Estaline oferecia um jantar de gala aos alemães para celebrar a partilha da Europa, os russos reuniam com o infeliz ministro dos Negócios Estrangeiros estónio para o forçar a aceitar a presença de tropas soviéticas no seu país, o primeiro passo para a anexação pura e simples. Os nazis foram recebidos à porta

\* Houve um momento delicioso quando os pais de Nina chegaram ao apartamento de Khrushchev e viram, maravilhados, a água correr de uma torneira: «Eh, Mãe! Olha para isto», gritou o pai. «A água vem por um cano.» Quando viram o impressionante e esgalgado Timochenko ao lado do baixo e gordo Khrushchev, perguntaram se o primeiro é que era o genro deles.

do Grande Palácio do Kremlin, atravessaram a feia Sala dos Congressos, apainelada a madeira e que mais parecia uma gigantesca sala de aula, e entraram no deslumbrante salão escarlate e dourado onde Estaline, Molotov e o Politburo, incluindo o judeu Kaganovitch, os aguardavam. Os modos de Estaline foram «simples e desprestensiosos», sorrindo com uma «paternal benevolência» que podia tornar-se «fria como gelo» quando «dava ordens», apesar de usar «um tom jovial e bondoso com os seus assistentes mais jovens». Os alemães repararam no respeito com que os russos tratavam Estaline: o comissário Tevosian, o «cadáver com sorte» que escapara à execução por uma unha negra, em 1938, punha-se de pé, «como um colegial», sempre que Estaline lhe dirigia a palavra. O medo que rodeava o Czar Vermelho intensificara-se a partir de 1937. Mas era cordial com Vorochilov, amistoso com Béria e Mikoian, franco com Kaganovitch e coloquial com Malenkov. Só Molotov «falava com ele como um camarada com outro camarada».

O convívio era tão informal que Ribbentrop disse que se sentia tão à vontade com eles como entre os seus velhos camaradas nazis. Enquanto os convivas conversavam, Estaline foi ao sumptuoso Salão Andreievski verificar a disposição dos lugares à mesa, coisa que gostava de fazer, até em Kuntsevo.\* Os vinte e dois convivas foram como que esmagados pela grandiosidade do salão, pelos colossais arranjos de flores, pelo ouro da baixela imperial e, ainda mais, pelo jantar de vinte e quatro pratos que incluía caviar, os mais diversos tipos de peixes e carnes, rios de *vodka* apimentada e champanhe da Crimeia. Os criados, vestidos de branco, pertenciam ao pessoal do Hotel Metropol e haviam de servir Churchill e Roosevelt em Ialta. Antes que alguém pudesse comer, Molotov começou a propor brindes a cada um dos convidados. Estaline andava de um lado para o outro, a entrechocar copos. Era um processo complicado e esgotante que havia de tornar-se uma das tribulações diplomáticas da guerra. Quando Molotov chegou ao último conviva, os alemães suspiraram de alívio, até que ele anunciou:

– Agora, vamos brindar aos membros das delegações que não puderam estar neste jantar.

Estaline pegou-lhe na palavra, em tom de brincadeira:

– Brindemos ao novo Estaline anti-Comintern – e piscou o olho a Molotov. Brindou até a Kaganovitch, «o nosso comissário do povo dos Caminhos de Ferro». Podia ter brindado ao potentado judeu, sentado à sua frente, por cima da mesa, mas levantou-se deliberadamente e deu a volta para tocar no copo de Kaganovitch, obrigando Ribbentrop a imitá-lo e brindar a um judeu, uma ironia que muito o divertiu. Quarenta anos mais tarde, Kaganovitch ainda contava a história aos netos. Quando Molotov se lançou num novo brinde ao seu *Vozhd*, Estaline riu:

– Se Molotov quer mesmo beber, ninguém objecta, mas acho que não deve usar-me como desculpa.

---

\* Estaline foi filmado por Vlasik, em Kuntsevo, a verificar os lugares à mesa. Também Hitler tinha a mesma mania. Ambos comprendiam a importância do esplendor pessoal nas questões de Estado.

Ele próprio bebeu muito pouco, e quando Ribbentrop observou que estava a aguentar muito bem os brindes, revelou-lhe alegremente que estava a beber vinho branco. Mas Béria, que transformara a tradição georgiana de hospitalidade forçada numa despótica prova de submissão, deliciava-se a obrigar os convidados a beber. O diplomata alemão Hilger, que escreveu umas vívidas memórias daquela noite, recusou mais um *vodka*. Béria insistiu, chamando a atenção de Estaline, sentado do outro lado da mesa.

– Por que é a discussão? – perguntou o *Vozhd*, acrescentando: – Bem, se não quer beber, ninguém pode obrigá-lo.

– Nem sequer o chefe do NKVD? – perguntou o alemão, sorrindo.

– A esta mesa – respondeu Estaline –, até a palavra do chefe do NKVD vale tanto como a de outra pessoa qualquer.

No final do jantar, Estaline e Molotov escusaram-se, enquanto os alemães eram despatchados para o Bolchoi para assistir ao *Lago dos Cisnes*. Ao sair, Estaline murmurou a Kaganovitch: «Precisamos de ganhar tempo.» Subiram então ao andar superior, onde o embaixador da Estónia esperava miseravelmente que Estaline castrasse a sua minúscula nação báltica. Molotov exigia uma guarnição soviética de 35.000 homens, mais do que todo o exército estónio.

– Ora, vamos, estás a ser demasiado duro com os nossos amigos – disse Estaline, sugerindo 25.000 homens, mas o efeito era exactamente o mesmo.

Tendo engolido um país durante o primeiro acto do *Lago dos Cisnes*, Estaline voltou a juntar-se aos alemães, à meia-noite, para uma última sessão, durante a qual Hitler telefonou a dar o seu acordo à questão da Lituânia.

– Hitler sabe do ofício – murmurou Estaline.

Ribbentrop estava tão excitado que declarou que os dois países nunca mais voltariam a combater-se.

– Antes assim fosse – respondeu Estaline, chocando Ribbentrop, que pediu ao intérprete que voltasse a traduzir a frase. Quando o alemão sugeriu que a Rússia e a Alemanha se juntassem numa aliança militar contra o Ocidente, Estaline limitou-se a dizer: – Nunca consentirei que a Alemanha se torne fraca.

Acreditava obviamente que a Alemanha seria travada a ocidente pela Grã-Bretanha e pela França. Quando os mapas ficaram finalmente prontos, já altas horas da madrugada, Estaline assinou-os com um lápis azul, uma enorme assinatura com vinte e cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de altura e um sublinhado com quarenta e cinco centímetros de comprimento.

– A minha assinatura está suficientemente clara para vocês? – perguntou.

A 3 de Outubro, todos os três Estados bálticos tinham aceitado a presença de guarnições soviéticas. Estaline e Molotov voltaram as suas armas e as suas ameaças para o quarto país báltico na sua esfera de influência, a Finlândia, que esperavam ver claudicar como os outros.

29  
O ASSASSÍNIO DAS ESPOSAS

Enquanto o mundo ficava a ver Estaline e Hitler partilharem entre si o Leste, o *Vozhd* testava a submissão dos seus camaradas investigando-lhes, e por vezes matando-lhes, as respectivas esposas. A já frágil confiança que depositava nas mulheres em geral ficara irreparavelmente minada pelo suicídio de Nádia, mas esta posição fora exacerbada pela destruição, a seu mando, das mulheres de Inimigos. No dizer de Khrushchev, as mulheres dos outros começaram a interessar-lhe pela razão invulgar de poderem ser espias, e não como amantes.

Estaline sempre demonstrara um escasso interesse pelas esposas. Quando recebeu o censo de 1939, assinalou com uma caneta vermelha os nomes das mulheres e filhos de alguns potentados. O significado destas marcas permanece um mistério, mas é sempre uma tentação ver como sinistro tudo o que se relaciona com ele. Talvez estivesse apenas a tentar descobrir de quantos carros a família precisava. Nos jantares do Kremlin, as mulheres sentavam-se agora separadas dos maridos. A atitude de Estaline para com as suas antigas favoritas, Polina e Dora, tornara-se maliciosa e desconfiada, reflectindo em parte a relação delas com Nádia. Mas a verdade era que sempre vivera obcecado pela possibilidade de as esposas saberem demasiado. Já em 1930 sugerira a Molotov que a mulher de um certo camarada «devia ser investigada (...); é impossível ela não saber das indecências que se passam em casa deles». Esta inflamada suspeita de excessiva dedicação conjugal derivava em parte da aversão que tinha a tudo o que pudesse interferir com a cega devoção ao partido e a ele próprio. «Estaline não reconhecia as relações pessoais», disse Kaganovitch. «O amor de uma pessoa por outra não existia.» Via as esposas como penhores do bom comportamento dos camaradas e castigo do

mau. «Ninguém que contradiga Estaline», disse Béria a Nina, «conserva a mulher.» Mas a chacina das esposas coincidiu com a chegada de Béria.

Polina Molotova, a primeira-dama, estava em perigo. Era agora comissária das Pescas, candidata a membro do CC e senhora do seu império de perfumes. No entanto, Béria começou a investigá-la, descobrindo «vândalos» e «sabotadores» infiltrados entre os seus colaboradores. Polina tinha «involuntariamente facilitado a espionagem».† Talvez Estaline estivesse a enviar a Hitler mais um sinal anti-semita.

A 10 de Agosto, enquanto Polina e Molotov planeavam as suas cambalhotas diplomáticas, o Politburo acusou-a. Estaline propôs que fosse expulsa do Comité Central. Corajosamente, Molotov absteve-se, mostrando não só que era capaz de discordar do *Vozhd*, como também a sua confiança – e amor – na mulher. A 24 de Outubro, Polina foi demitida do seu comissariado, admoestada por «leviandade e precipitação», mas declarada inocente de «calúnias». Promovida à direcção do comércio de retalho soviético, voltou à sua habitual magnificência. A filha, Svetlana, era já conhecida como sendo a perfeita «princesa» soviética, com as suas peles e vestidos franceses, mas a família encontrava-se sob constante vigilância.† Estaline não esqueceu o desafio de Molotov, nem os pecados de Polina, que haviam de voltar para assombrá-la. Chegou, juntamente com Béria, a considerar a hipótese de raptá-la e matá-la. Polina tinha sorte em estar viva.

A 25 de Outubro de 1938, Béria prendeu a mulher do presidente Kalinine. Numa terra onde a esposa do Chefe de Estado podia ir parar à prisão, ninguém estava a salvo do partido. O inepto Kalinine, que não ousava resistir a Estaline desde os avisos de 1930 e dos seus balettomaníacos envolvimentos românticos, apesar de ter ficado furioso com esta falta de respeito, vivia de facto com outra mulher, a sua aristocrática governanta, Alexandra Gorchakova. A legítima, uma estoniana de nariz arrebitado chamada Ekaterina Ivanovna, tinha ido com uma amiga organizar uma campanha de alfabetização no Extremo Oriente. Quando ela e a sua possivelmente sáfica amiga regressaram ao apartamento de Kalinine, foram escutadas a protestar contra a sede de sangue de Estaline. A amiga foi executada, e Kalinine enviada para o exílio, como a esposa de Budeny antes dela. Quando alguém pedia ajuda ao presidente, Kalinine usava a mesma desculpa que Estaline: «Mas, meu caro, eu estou na mesma situação! Se não posso ajudar a minha própria mulher, como é que vou poder ajudar a sua?»

Nem toda a gente tinha, porém, tanta sorte como Molotova e Kalinina.

\* Polina tinha um calcanhar-de-aquiles: além de ser judia, o irmão, Karp, obtivera êxito como empresário nos Estados Unidos. Na realidade, em meados dos anos 30, Estaline chegara a encorajar o embaixador americano, Davies, a fazer negócios em Moscovo através de Karp, um raro exemplo do seu nepotismo.

† Tome-se o caso da instrutora de preparação física de Molotov, um papel que revela toda uma nova faceta do comissário dos Negócios Estrangeiros. Meses antes, Vlasik, que não mexia um dedo sem o conhecimento de Estaline, escrevera a Molotov a informá-lo de que Olga Rostovtseva, a senhora em questão, se vangloriava da sua proximidade em relação à família: «Sabemos de casos em que ela fala não só de instrução desportiva (...) mas também da sua família e casa (...).»

Em Abril de 1937, a Dra. Bronka Poskrebicheva, de vinte e sete anos, a bonita mulher do *chef de cabinet*, telefonou a Estaline e pediu-lhe um encontro a sós em Kuntsevo, ao qual compareceu usando o seu melhor vestido, talvez aquele às bolinhas com que aparece em todas as fotografias de família. O marido não soube deste encontro, e teria ficado furioso se soubesse. Só Vlasik teve conhecimento do secreto *tête-à-tête*. Bronka queria pedir a libertação do irmão, Metalikov, o médico do Kremlin, indirectamente relacionado, através da mulher, com Trotski. Depois da morte de Estaline, Vlasik relatou o incidente à família e sugeriu, segundo a filha de Poskrebichev e Bronka, Natalya, que os dois tinham iniciado um caso. Parece pouco verosímil, uma vez que Estaline detestava que mulheres lhe fossem pedir por parentes presos, embora uma das tragédias da vida soviética na época era que as mulheres suplicavam de facto aos potentados pela vida dos entes queridos, oferecendo em troca tudo o que podiam, inclusivamente o corpo. A missão de Bronka fracassou,\* e ela ficou aterrorizada face à perspectiva de ver-se maculada pelo pincel trotskista.

Antes de ser promovido e chamado a Moscovo, Béria tentara agarrá-la em Kuntsevo, e ela respondera com um estalo. «Não vou esquecer», prometera ele. Mas Bronka não desistiu. A 27 de Abril de 1939, telefonou a Béria e perguntou-lhe se podia ir ter com ele para discutir o caso do irmão. Nunca mais voltou a ser vista.

Poskrebichev esperou até à meia-noite, e então ligou para casa de Béria. Este revelou-lhe que Bronka estava sob detenção, mas não quis discutir o caso. De manhã, depois de uma noite sem dormir, Poskrebichev queixou-se a Estaline, que disse:

– Não depende de mim. Não posso fazer nada. Só o NKVD pode resolver o assunto.

Uma conversa em que Poskrebichev não podia acreditar. Estaline ligou para Béria, que lhe recordou as ligações trotskistas de Bronka. Reuniram-se os três, possivelmente por volta da meia-noite de 3 de Maio, quando Béria voltou ao «Cantinho». Béria apresentou uma confissão que implicava Bronka. Poskrevichev suplicou a Estaline que a libertasse, usando um argumento muito pouco bolchevique que de modo algum poderia ter comovido aqueles corações de pedra: «Que vou eu fazer com as minhas filhas? Que vai ser delas?» E então, lembrando-se da enteada: «E a Galia, vai para um orfanato?»

«Não te preocipes», terá Estaline supostamente respondido. «Arranjamos-te outra mulher.» Isto é típico de Estaline, o homem que ameaçara Krupskaia de que, se não obedecesse ao partido, nomeariam outra pessoa para ser a viúva de Lenine. Pelos pa-

\* Numa história tão entrecruzada por distorções emocionais, o mais estranho de todos os cortes é talvez o facto de Natalya Poskrebicheva, que nasceu nove meses depois da visita da mãe a Estaline, acreditar que podia ser filha do *Vozhd* não só por causa da história de Vlasik, mas também por, certa vez, ter encontrado a filha de Mikhail Suslov, o papa ideológico durante a maior parte do reinado de Brezhnev, que lhe disse: «Toda a gente sabe que o teu verdadeiro pai está no Mausoléu, ao lado de Lenine.» Isto quando Estaline ainda estava no Mausoléu. «Acha-me parecida com alguém?», perguntou a Menina Poskrebicheva ao autor. «Com a Svetlana Estaline?» É irónico ela julgar-se filha do homem que lhe assassinou a mãe, porque a verdade é que é a cara chapada de Poskrebichev.

drões da época, Poskrebichev fez um grande estardalhaço, mas nada mais podia fazer. Dois anos mais tarde, com apenas trinta e um, Bronka foi executada quando os alemaes se aproximavam de Moscovo.\*

A Natalya, a filha, disseram que tinha morrido de morte natural. Poskrebichev criou as filhas sozinho, com amorosa devoção. Conservava fotografias de Bronka espalhadas pela casa. Quando Natalya apontou para uma das fotos e disse «Mamã», Poskrebichev largou a chorar e saiu da sala. É típico das tragédias da época o facto de Natalya só ter descoberto que a mãe fora executada quando, na escola, a filha do tenor Kozlovski lhe revelou a verdade. Foi chorar para a casa de banho. Poskrebichev voltou a casar.

A destruição de Bronka não afectou a relação de Poskrebichev com Estaline ou com Béria: o partido era justo. Estaline interessava-se solicitamente pela filha de Bronka: «Como vai a Natacha?», perguntava com frequência ao seu *chef de cabinet*. «É gorducha e meiga?» Anos mais tarde, não sabendo fazer os trabalhos de casa, Natalya telefonou ao pai a pedir ajuda. Foi outra pessoa que atendeu.

– Posso falar com o meu pai? – pediu ela.

– Não está aqui de momento. Qual é o problema? – perguntou Estaline. E ajudou-a a resolver as questões de matemática.

A única estranheza na aparente amizade entre Poskrebichev e Béria era que, quando este abraçava a pequena Natalya e suspirava: «Vais ser tão bonita como a tua mãe», Poskrebichev ficava verde, esforçava-se por controlar as emoções e rouquejava: «Natalya, vai brincar lá para fora.»

\* \* \*

Antes de continuar a matar as mulheres dos comparsas, Estaline salvou caprichosamente dois velhos amigos. Sergo Kavtaradze era um Velho Bolchevique esquerdista que conhecia Estaline desde o virar do século, um georgiano cosmopolita e inteligente, casado com a princesa Sofia Vachnadze, afilhada da imperatriz Maria Fiodorovna, mãe de Nicolau II. Formavam um casal pouco vulgar. Kavtaradze juntava-se consistentemente às oposições, mas Estaline perdoava-lhe sempre. Detido em finais dos anos 20, Estaline foi buscá-lo e ordenou a Kaganovitch que o ajudasse. Voltou a ser preso no fim de 1936, constando das listas da morte de Iezhov. A mulher foi igualmente presa. A filha, Maya, na altura com onze anos, pensava que os pais já estavam mortos, mas, mesmo assim, escreveu corajosamente a Estaline, suplicando-lhe que lhes poupassse a vida e assinando as suas cartas: «A Pioneira Maya Kavtaradze». Ambos os Kavtaradze foram torturados, mas, posto que Estaline fizera um risco ao lado do nome do velho amigo na lista de execuções, não foram mortos. Agora, em finais de 1939, as cartas da «Pioneira Kavtaradze» lembraram Estaline de perguntar a Béria se o antigo companheiro ainda estava vivo.

\* O corpo dela foi sepultado numa vala comum perto de Moscovo. O irmão encontra-se numa das valas do cemitério Donskoi, juntamente com muitos outros. A filha da Dra. Metalikov ergueu-lhes um monumento no cemitério de Novodevichi.

Na Lubianka, Kavtaradze foi inesperadamente barbeado por um barbeiro, instalado num quarto confortável e recebeu uma ementa de onde podia encomendar o que quisesse. Levado ao Hotel Lux, encontrou lá a mulher, uma frágil sombra do que fora... mas viva. A filha dos dois veio de Tiflis. Pouco depois, Kavtaradze recebeu um telefonema: «O camarada Estaline espera-o. Se está pronto, um carro irá buscá-lo dentro de meia hora.» Levaram-no a Kuntsevo, onde Koba o recebeu no seu gabinete.

— Olá, Sergo — disse, como se Kavtaradze não tivesse sido declarado culpado de envolvimento numa conjura para o matar. — Onde tens estado?

— Sentado [na prisão].

— Oh, e tiveste tempo para te sentar?

A palavra de calão russo para estar na prisão é *sidet*, «sentar». Daí a piada de Estaline, que, aliás, a usava com muita frequência. Depois do jantar, voltou-se para Kavtaradze e perguntou, ansiosamente:

— Diz-me, todos vocês queriam matar-me?

— Acreditas verdadeiramente nisso? — respondeu Kavtaradze. Estaline limitou-se a sorrir.

Pouco depois, quando chegou a casa, Kavtaradze murmurou ao ouvido da mulher: «Estaline está doente.» Semanas mais tarde, a família recebeu uma inesperada e reveladora visita.\*

Os Kavtarazde jantavam com alguns amigos quando o telefone tocou, às onze horas. Kavtaradze disse que tinha de sair imediatamente e desapareceu sem uma explicação. A mulher e a filha, Maya, na altura com catorze anos, foram para a cama. Às seis da manhã, Kavtaradze entrou aos tombos no pequeno apartamento de três divisões que ocupavam na Rua Gorki, ainda toldado pela bebida.

— Onde estiveste? — ralhou a mulher.

— Temos convidados — anunciou ele.

— Estás bêbedo! — E então ouviu passos. Estaline e Béria entraram, a arrastar os pés, e sentaram-se à mesa da cozinha. Vlasik ficou de guarda junto à porta da rua. Enquanto Kavtaradze servia bebidas, a mulher correu ao quarto de Maya. — Levanta-te! — sussurrou.

— Que se passa? — perguntou a jovem. — Vieram prender-nos à noite?

— Não, o Estaline está cá.

— Não querovê-lo — declarou Maya, que, muito compreensivelmente, o odiava.

— Tem de ser — respondeu a mãe. — Ele é uma personagem histórica.

---

\* O facto é frequentemente referido nas biografias de Estaline, mas nunca com o testemunho de qualquer das cinco pessoas presentes. O que se segue baseia-se na conversa que o autor teve com Maya Kavtaradze, a última dos cinco ainda viva e cuja história nunca antes tinha sido publicada. Hoje com setenta e sete anos e a viver no enorme apartamento da família em Tbilisi, autorizou generosamente o autor a usar as memórias inéditas do pai, que constituem uma fonte de valor inestimável. Em 1940, Kavtaradze foi nomeado para a Editora do Estado, e em seguida comissário-adjunto dos Negócios Estrangeiros para o Próximo Oriente, cargo que ocupou durante toda a guerra. Uma vez que o Comissariado dos Negócios Estrangeiros ficava mesmo ao lado da Lubianka, Kavtaradze costumava dizer, a brincar: «Atravessei a rua.» Kavtaradze foi embaixador soviético na Roménia depois da guerra e faleceu em 1971.

Maya vestiu-se e dirigiu-se à cozinha. Mal ela apareceu, Estaline sorriu:

– Ah, és tu... a Pioneira Kavtaradze. – Lembrava-se das cartas dela, a pedir pelos pais. – Senta-te aqui ao meu colo. – Maya obedeceu. – Mimam-na muito?

Maya ficou encantada: «Era tão bondoso, tão meigo... beijou-me na face, e eu olhei para os olhos dele, cor de mel e avelã, a brilhar», recorda. «Mas eu estava muito nervosa.»

– Não temos comida! – exclamou a rapariguinha.

– Não te preocipes – disse Béria. Dez minutos mais tarde, chegava comida georgiana, enviada pelo famoso restaurante Aragvi. Estaline olhou atentamente para a mulher de Kavtaradze, a princesa nascida na corte imperial.

– Torturámo-los demasiado – disse.

– «Que quem falar do passado perca um olho» – respondeu ela astutamente, usando o provérbio que Estaline usara para Bukharine. Estaline interrogou Béria a respeito do irmão de Kavtaradze, também preso, mas era já demasiado tarde. Tinha morrido, juntamente com tantos outros, a caminho de Magadan.

Kavtaradze começou a cantar uma canção georgiana, mas desafinadamente.

– Não, Tojo – interrompeu-o Estaline, que tratava Kavtaradze, por causa dos seus olhos orientais, pelo nome do general japonês. E então começou ele próprio a cantar, numa «suave voz de tenor». Maya ficou «chocada. Ali estava ele, baixo e marcado pela varíola. A cantar!» De repente Estaline anunciou: – Quero ver o apartamento. – E inspecionou-o atentamente. A festa durou até às dez da manhã, e nesse dia Maya faltou à escola.

Estaline nomeou Kavtaradze para um cargo editorial que envolvia outro preso, Shalva Nutsibidze, um célebre filósofo georgiano. Nutsibidze encontrara uma vez Estaline, quando era jovem. Na prisão, começara a traduzir para russo o poema épico de Rustaveli, *O Cavaleiro da Pele de Leopardo*. Todos os dias, tiravam-lhe o trabalho feito, que lhe era devolvido na manhã seguinte marcado a tinta por um revisor anónimo. Kobulov torturou-o, arrancando-lhe as unhas. Então, inesperadamente, mostrou-se amistoso, dizendo ao preso que, durante um encontro recente, Estaline perguntara a Béria se sabia que espécie de ave era o tordo:

– Alguma vez soubeste de um tordo que cantasse dentro de uma gaiola? – Béria abanou a cabeça. – Com os poetas, acontece o mesmo – explicou Estaline. – Um poeta não pode cantar fechado numa cela. Se queremos o Rustaveli traduzido como deve ser, libertem o tordo.

Nutsibidze foi libertado e, a 20 de Outubro de 1940, Kavtaradze foi buscá-lo numa limusina, e os dois «cadáveres com sorte» foram ao «Cantinho» informar Poskrebichev sobre o andamento da tradução de Rustaveli. Quando entraram no gabinete, viram Estaline, que lhes sorria:

– É o Professor Nutsibidze? – perguntou. – Foi um bocado ofendido, mas não remexamos no passado.

E então pôs-se a discursar a respeito da «magnífica tradução de Rustaveli». Mandando-os sentar, entregou ao estupefacto professor um rascunho encadernado a couro da tradução, acrescentando:

— Traduzi uma estrofe. Diga-me se gosta. — E recitou-a em voz alta. — Se na verdade gosta, ofereço-lha. Use-a na sua tradução, mas não refira o meu nome. Tenho um enorme prazer em ser o seu editor.

Convidou-os então para jantar, e falaram dos velhos tempos na Geórgia. Depois de muitos copos de vinho, Nutsibidze recordou o encontro político em que vira Estaline pela primeira vez, repetindo de memória o discurso que o *Vozhd* então fizera. Estaline ficou deliciado:

- Um talento extraordinário anda sempre a par de uma memória extraordinária!\*
- Deu a volta à mesa e beijou Nutsibidze na testa.

\* \* \*

Foram ambos «cadáveres» particularmente afortunados, porque, depois do Pacto Ribbentrop, Estaline liquidou os casos em atraso na agenda de Iezhov, incluindo o próprio «Amora», que confessou ser um espião ao serviço dos ingleses, dos japoneses e dos polacos. Mas também denunciou os amantes literatos da mulher. Deste modo, a marca indelével dos beijos de Ievgenia revelou-se fatal muito depois de ela própria ter saído de cena. Cholokhov foi protegido pela sombra de Estaline, mas Isaac Babel foi preso, dizendo à jovem esposa: «Por favor, faz que a nossa filha cresça feliz.»

A 16 de Janeiro de 1940, Estaline assinou 346 sentenças de morte, uma lista dos trágicos restos do Terror que misturava monstros com inocentes, incluindo alguns dos maiores nomes das artes, como Babel, o encenador teatral Meyerhold, o jornalista Koltsovo, amante de Iezhova, (que inspirou a figura de Karpov em *Por Quem os Sinos Dobram*), e o próprio Iezhov, que arrastou consigo o irmão inocente, os sobrinhos e a amante, Glikina, e Eikhe, o potentado caído em desgraça. Quase todos (mas não Iezhov) foram barbaramente torturados, com o zelo que Béria e Kobulov punham no seu trabalho, na prisão de Sukhanov, o domínio especial de Béria, que, ironicamente, fora em tempos o Convento de Santa Catarina.

«Os investigadores começaram a usar a força contra mim, um homem de sessenta e cinco anos e doente», escreveu Meyerhold a Molotov. «Obrigaram-me a deitar-me de bruços e bateram-me nas solas dos pés e na coluna com uma tira de borracha. Sentaram-me numa cadeira e bateram-me no peito dos pés (...). Durante os dias que se seguiram, quando aquelas partes do meu corpo estavam cobertas de grandes hemorragias internas, continuaram a bater nas contusões vermelhas, azuis e amarelas, e as dores eram tão intensas que era como se estivessem a despejar-me em cima água a ferver (...). Uivei e chorei de dor. Bateram-me nas costas (...), esmurraram-me a cara, descendo os

---

\* Durante o resto da sua carreira, sempre que alguém o desafiava, Nutsibidze apontava para a testa e dizia: «Estaline beijou-me aqui.» A tradução de Rustaveli foi luxuosamente publicada, sem qualquer referência ao nome de Estaline. Nutsibidze pôde viver o resto da sua vida numa grande mansão, em Tiflis, que ainda hoje é propriedade da família. O autor está muito grato ao enteado do Professor, Zakro Megrelichvili, pelos excertos da autobiografia da mãe.

punhos de uma grande altura (...). A intolerável dor física e emocional fez que os meus olhos derramassem intermináveis rios de lágrimas (...)»

Ao longo dos dias que se seguiram, Ulrikh, o juiz-carrasco de Estaline, condenou todos «à mais alta medida de punição» em julgamentos improvisados na prisão de Lefortovo, antes de assistir a uma gala no Kremlin em que as primeiras figuras foram o tenor Kozlovski e a bailarina Lepechinskaia. Babel foi condenado como «agente da espionagem francesa e austríaca (...) ligado ao Inimigo do Povo Iezhov». À uma e meia da madrugada de 27 de Janeiro de 1940, foi executado e cremado.

Eikhe foi sujeito a uma última sessão de «luta livre francesa» na prisão de Sukhanov. Béria e Rodos «espancaram brutalmente Eikhe com cacetes de borracha; Eikhe caiu, mas eles puseram-no de pé e continuaram a bater-lhe». Béria perguntava-lhe: «Confessas que és um espião?» Eikhe recusou. «Tinham-lhe arrancado um olho, e o sangue escorria-lhe pela cara, mas ele repetia sempre: "Não confesso." Quando Béria se convenceu de que não conseguiria arrancar-lhe uma confissão (...), ordenou-lhes que o levassem e o matassem.»

Era agora a vez de Iezhov. A 1 de Fevereiro, Béria chamou-o ao seu gabinete em Sukhanovka e disse-lhe que, se ele confessasse no julgamento, Estaline o pouparia. Para seu magro abono, Iezhov recusou: «É melhor deixar este mundo como um homem de honra.»

A 2 de Fevereiro, Ulrikh julgou-o no gabinete de Béria. Iezhov leu em voz alta a sua última declaração a Estaline, dedicada à sagrada ordem da cavalaria bolchevique. Negava todas as acusações de espionagem por conta daqueles a quem chamava «latifundiários polacos (...), lordes ingleses e samurais japoneses», mas «não nego que bebia muito e trabalhava como um cavalo. A minha sorte é óbvia», mas pedia «uma coisa: matem-me rapidamente, sem me fazerem passar por qualquer agonia». Em seguida, pediu que a mãe fosse ajudada, «a minha filha protegida» e os inocentes sobrinhos poupadados. Terminava com um floreado que se poderia esperar de um cavaleiro para com o seu rei nos tempos da Távola Redonda: «Digam a Estaline que morrerei com o nome dele nos lábios.»

Enfrentou a *Vishka* menos corajosamente do que muitas das suas vítimas. Quando Ulrikh pronunciou a sentença, Iezhov caiu para a frente, mas foi agarrado pelos guardas, enfiado num carro preto e, às primeiras horas da madrugada de 3 de Fevereiro, levado para o local de execução que ele próprio mandara construir, com o soalho inclinado e as mangueiras, na Rua Varsonofievski, onde Béria, o procurador-adjunto (N. P. Afanasev) e o carrasco, Blokhin, o aguardavam. Segundo Afanasev, Iezhov soluçou e chorou. Finalmente, as pernas dele cederam e tiveram de arrastá-lo pelas mãos. Nesse dia, Estaline reuniu-se com Béria e Mikojan durante três horas, provavelmente para discutir assuntos económicos, mas não duvidamos de que o *Vozhd* há-de ter querido saber os pormenores da conduta do «Amora» no momento supremo.

As cinzas destes homens, Iezhov, o criminoso, e Babel, o génio, foram atiradas para uma cova marcada com a indicação «Vala Comum Número Um – cinzas não reclamadas, 1930-42 inclusive», no velho cemitério Donskoi. A vinte passos de distância, há

uma lápide que diz: «Khayutina, Ievgenia Solomonova, 1904-1938.» Iezhov, Ievgenia e Babel ficaram perto uns dos outros.\*

A eminência de Iezhov foi erradicada da memória da época. A partir daquele momento, passou a ser representado como um renegado sedento de sangue que assassinara inocentes contra a vontade de Estaline. Aqueles anos ficaram conhecidos como *Iezhovshchina*, o tempo de Iezhov, uma palavra cunhada provavelmente pelo próprio Estaline, pois não tardou que começasse a usá-la. Iagoda e Iezhov eram ambos «escumalha», pensava Estaline. Iezhov era «uma ratazana que matou muitas pessoas inocentes», disse o *Vozhd* a Iakovlev, o desenhador de aviões. «Tivemos de matá-lo», confidenciou a Kavtaradze. Mas, depois da guerra, admitiu: «Não se pode acreditar em muitas das provas relativas a 1937. O Iezhov não sabia dirigir devidamente o NKVD, que foi infiltrado por elementos anti-soviéticos. Destruíram algumas pessoas honestas, os nossos melhores quadros.»

Em retrospectiva, questionou também o terror de Béria: «Béria investiga demasiados casos e toda a gente confessa.» Mas Estaline sempre teve consciência de que o NKVD inventava provas: brincava e resmungava a este respeito, mas muitas vezes preferia acreditar nelas, porque na sua cabeça já tinha decidido quem era um Inimigo. Quase sempre, criara-os ele próprio. «Meyerhold era um talento enorme», reflectia, em 1950, mas «os nossos chekistas não compreendem os artistas, que têm todos eles os seus defeitos. Os chekistas apanham-nos e então destroem pessoas boas. Duvido que o Meyerhold fosse um Inimigo do Povo.» Protestava demasiado. Estaline tinha-lhes acompanhado atentamente as carreiras. Desaprovava o «frívolo» Babel e a sua *Cavalaria Vermelha*, «da qual nada sabe» – e assinava as listas da morte: nenhum outro líder alguma vez supervisionou a sua polícia secreta tão de perto como ele.

Béria, encarregado de limpar dos estábulos de Áugias o lixo de Iezhov, levou a Estaline a sentença de morte de Blokhin, o carrasco. Estaline recusou o pedido, dizendo que aquele «*chernaya rabota*» – trabalho negro – era uma tarefa difícil mas muito importante para o partido. Blokhin foi poupadão para poder assassinar mais uns milhares. O cunhado de Estaline, Stanislas Redens (implicado por Iezhov), foi executado a 12 de Fevereiro de 1940.<sup>†</sup> A mulher, Ana, continuava convencida de que ele havia de voltar e telefonava frequentemente a Estaline e a Béria, para perguntar por ele. Finalmente, Béria disse-lhe que esquecesse o casamento. Ao fim e ao cabo, nunca chegara a ser registado...

\* Nos anos 90, foi erguido um monumento onde se pode ler: «Aqui jazem sepultados os despojos das vítimas inocentes, torturadas e executadas, da repressão política. Que nunca sejam esquecidas.» Antonina Babel só soube que o marido tinha sido executado em 1954, quando foi reabilitado. Viveu muitos anos nos Estados Unidos. As suas dilacerantes memórias destacam-se, juntamente com as de Nadezhda Mandelstam e as de Ana Larina, como clássicos.

† Houve uma estranha misericórdia: a viúva e os filhos de Redens não partilharam a tragédia das famílias de outros Inimigos, embora, mais tarde, também eles tenham sofrido. De momento, continuavam a passar os fins-de-semana em Zubalovo, com Svetlana, e a vida deles prosseguiu como se nada tivesse acontecido. Ana continuava até a telefonar a Estaline e a ralhar-lhe por causa das roupas de Svetlana e das bebedícias de Vassili. Pouco depois, chegaram mesmo a reconciliar-se.

COCKTAILS MOLOTOV:  
A GUERRA DE INVERNO E A MULHER DE KULIK

Estaline ficara muito animado depois do Pacto Ribbentrop, mas continuava dominado por uma paranóia perigosa, sobretudo no que respeitava às mulheres dos amigos. Em Novembro de 1939, tocou o telefone na *dacha* de Kulik, o desastrado comissário-adjunto da Defesa que comandara a invasão da Polónia. Acompanhado pela esposa, Kira Simonich, uma beladade de longas pernas e olhos verdes de quem se dizia ser a mulher mais bonita do círculo de Estaline, o general celebrava o seu aniversário numa festa em que estava presente o *Almanaque de Gotha* da elite, desde Vorochilov e o conde-operário-camponês Alexei Tolstoi ao omnipresente tenor da corte, Kozlovski, e um bando de bailarinas. Foi Kulik quem atendeu.

— Calados! — sibilou. — É Estaline! — Escutou. — O que estou a fazer? Estou a festejar o meu aniversário com amigos.

— Esperem por mim — respondeu Estaline, que, pouco depois, apareceu com Vlasik e uma caixa de vinho. Cumprimentou toda a gente e sentou-se à mesa, onde bebeu do seu próprio vinho enquanto Kozlovski cantava as suas canções preferidas, particularmente a ária do duque, do *Rigoletto*.

Kira Kulik, em solteira Kira Simonich, aproximou-se e pôs-se a conversar, como uma velha amiga. Seguramente quem menos se esperaria ver como membro do círculo de Estaline, a esposa do general era filha de um conde de origem sérvia que chefiara a espionagem czarista na Finlândia e fora morto pela Cheka, em 1919. Depois da Revolução, casara com um negociante judeu exilado na Sibéria. Acompanhou-o no exílio, e algum tempo depois tinham conseguido instalar-se no Sul, onde conheceu Grigori Kulik, o vigoroso, «sempre meio bêbedo» *bon vivant* que comandara a artilha-

ria de Estaline em Tsaritsyn, mas cujo conhecimento da tecnologia militar congelara em 1918. A condessa era a sua segunda esposa – tinham-se apaixonado à primeira visita, abandonando os respectivos cônjuges –, mas era também triplamente suspeita, por ser uma aristocrata com ligações à espionagem czarista e ex-mulher de um negociante judeu condenado. Como Bronka, Kira Kulik falava com Estaline sem formalismos e «brilhava nas festas do Kremlin», recordava certa senhora que era também uma frequentadora habitual. «Era muito bonita. Tukatchevski, Vorochilov, Zhdanov, Lagoda, Iezhova, Béria, todos a cortejavam.» Naturalmente, corriam rumores de que o próprio Estaline fizera dela sua amante.

Agora, junto ao piano, na festa, Kira e outras jovens rodeavam-no:

– Bebemos à tua saúde, José Vissarionovitch – disse uma famosa bailarina –, e dei-xa-me beijar-te em nome de todas as mulheres!

Ele devolveu o beijo, e fez-lhe um brinde. Foi então que Kira Kulik cometeu um erro.

Quando estava ao piano, sozinha com Estaline, pediu-lhe que libertasse um irmão dela, um ex-oficial czarista, detido nos campos. Estaline escutou-a afavelmente, e a seguir pôs o gramofone a funcionar, tocando os seus discos preferidos. Todos dançaram, excepto Estaline.\* O *Vozhd* deu a Kulik um livro com a dedicatória «Para o meu velho amigo. J. Estaline», mas a abordagem de Kira, confiada na sua familiaridade e beleza, armara uma ratoeira no seu desconfiado cérebro.

\* \* \*

Dias mais tarde, Kulik ordenou a barragem de artilharia que deu início à invasão da Finlândia, o quarto país da esfera de influência da União Soviética e que, como os Estados bálticos, fizera parte do Império Russo até 1918, ameaçando agora Leninegrado.

A 12 de Outubro, uma delegação finlandesa reuniu com Estaline e Molotov, no Kremlin, para ouvir a exigência soviética de cessão de uma base naval em Hango. Os finlandeses recusaram, para grande surpresa de Estaline. «Isto não pode continuar durante muito tempo sem o risco de acidentes», disse. Os finlandeses responderam que precisavam de uma maioria de cinco sextos no Parlamento. Estaline riu-se: «Vão ter com toda a certeza noventa e nove por cento!» «E podem contar também com os nossos votos», brincou Molotov.

A última reunião decorreu com menos humor: «Nós, os civis», ameaçou Molotov, «não vemos saída (...). Agora é a vez dos militares (...).»

Durante o jantar com Béria e Khrushchev, no seu apartamento, Estaline enviou um ultimato à Finlândia. Molotov e Zhdanov, que tinha a seu cargo a política bálti-

\* Kozlovski cantava sempre as mesmas canções em todas as recepções no Kremlin. Quando tentava incluir outras novas no seu repertório, chegava ao Kremlin e encontrava o mesmo programa do costume. «O camarada Estaline gosta deste repertório. Gosta de ouvir as mesmas coisas do costume.»

ca, a Marinha e a defesa de Leninegrado, apoiaram-no. Mikoian confidenciou a um diplomata alemão que tinha dito aos finlandeses, em jeito de aviso. «Deviam ter o cuidado de não forçar demasiado os russos. Eles têm sentimentos muito profundos relativamente a esta parte do mundo e (...) só posso dizer-lhes que nós, os caucasianos do Politburo, estamos a ter grandes dificuldades em conter os russos.» Quando o prazo do ultimato se esgotou, o jantar ainda não terminara no Kremlin. «Comecemos hoje mesmo», disse Estaline, e ordenou a Kulik que comandasse o bombardeamento. Mas a simples presença de Kulik em qualquer empreendimento militar parecia ser garantia de desastre.

A 30 de Novembro, cinco exércitos soviéticos atacaram ao longo dos mil e trezentos quilómetros de fronteira. O assalto frontal à Linha Mannerheim foi gorado pelos engenhosos finlandeses, que, vestidos de branco, como fantasmas, chacinavam os atacantes. As florestas encheram-se de macabras pirâmides de cadáveres congelados de soldados russos. Os finlandeses usaram 70.000 garrafas cheias de gasolina contra os tanques russos – os primeiros «cocktails Molotov», uma parte do seu culto da personalidade que o vaidoso primeiro-ministro com certeza não apreciou. Em meados de Dezembro, Estaline tinha perdido cerca de 25.000 homens. Tinha, amadoristicamente, planeado a Guerra de Inverno como se de um exercício local se tratasse, ignorando o plano profissional de Chapochnikov, o chefe do Estado-Maior-General. Quando o adjunto de Kulik no comando da artilharia, Voronov, mais tarde um marechal famoso, perguntou de quanto tempo dispunha para levar a cabo aquela operação, responderam-lhe: «Entre dez e doze dias.» Voronov achava que ia demorar dois a três meses. Kulik acolheu esta opinião com «palavras de troça» e ordenou-lhe que resolvesse o assunto num máximo de doze dias. Estaline e Zhdanov estavam tão confiantes que criaram o esboço de um governo-fantasma constituído por comunistas finlandeses. Depois de 9 de Dezembro, o Nono Exército foi dizimado à volta da destruída aldeia de Suomussalmi.

Os amadores militares de Estaline reagiram com acessos de execuções e recriminações. «Considero essencial uma purga radical (...),» escreveu Vorochilov, num aviso à 44.<sup>a</sup> Divisão. A necessidade de reformar o Exército Vermelho era evidente para todas as chancelarias europeias. No entanto, a primeira solução de Estaline foi despachar o «demónio sombrio», Mekhlis, agora no auge do seu poder, para a frente:

«Estou tão absorvido no meu trabalho que nem dou pela passagem dos dias. Ando a dormir duas ou três horas por noite», escreveu Mekhlis à mulher. «Ontem, estavam trinta e cinco graus negativos (...). Sinto-me bastante bem (...). Tenho apenas um sonho: destruir os Guardas Brancos da Finlândia. Havemos de consegui-lo. A vitória não está muito longe.»\* A 26, Estaline nomeou finalmente Timochenko para comandar

\* Fazendo vénia à condição imperial do chefe, Mekhlis estava também obcecado com a ideia de oferecer uma vitória no dia do aniversário de Estaline, a 21 de Dezembro: «Quero festejá-lo com a derrota total da Guarda Branca finlandesa.» Quando o grande dia chegou, Mekhlis escreveu à família: «Saúdo-vos. É o 60.<sup>º</sup> aniversário de JV. Festejem-no em família!» Mas nessa noite, no Kremlin, Estaline celebrou o dia de anos com os seus cortesãos, numa festa que durou até às oito da manhã. «Uma noite inesquecível», registou Dmitrov no seu diário.

a frente noroeste e restabelecer a ordem entre as tropas, que entretanto morriam de fome. Até Béria assumiu uma posição mais humana, comunicando a Vorochilov a falta de provisões: «A 139.<sup>a</sup> Divisão está em dificuldades (...), não há mantimentos (...), não há combustível (...). As tropas estão dispersas.» Estaline sentiu que o exército estava a esconder-lhe a dimensão do desastre. Confiado apenas em Mekhlis, escreveu-lhe:

«Os Brancos finlandeses publicaram um relatório de operações em que anunciam “a destruição da 44.<sup>a</sup> Divisão (...), 1000 soldados do Exército Vermelho feitos prisioneiros, 102 canhões, 1170 cavalos e 43 tanques capturados”. Diz-me, primeiro: É verdade? Segundo, onde estão o Conselho Militar e o Estado-Maior da 44.<sup>a</sup> Divisão? Como é que eles explicam a sua vergonhosa conduta? Por que foi que abandonaram a divisão? Terceiro, por que foi que o Conselho Militar do 9.<sup>º</sup> Exército não nos informou (...)? Esperamos uma resposta. Estaline.»

Mekhlis chegou a Suomussalmi e encontrou cenas caóticas, que se encarregou de tornar ainda piores. Confirmou as baixas e mandou executar todo o comando da divisão: «O julgamento de Vinogradov, Volkov e do chefe do Departamento Político decorreu ao ar livre e na presença do que restava da divisão (...). A sentença de morte por fuzilamento foi executada publicamente (...). O desmascaramento de traidores e cobardes prossegue.» A 10 de Dezembro, o próprio Mekhlis quase foi morto quando o carro em que seguia caiu numa emboscada, como relatou orgulhosamente a Estaline. Ao contrário de muitos dos comissários, Mekhlis era fisicamente corajoso, para não dizer suicidariamente impetuoso, debaixo de fogo, em parte porque, como judeu, queria ser «mais puro do que o cristal». Chegou até a assumir o comando de companhias em debandada e a conduzi-las contra o inimigo. Mekhlis e Kulik não ocultaram a gravidade da situação: «Falta pão no exército», comunicou Mekhlis. Kulik corroborava: «A inflexibilidade e a burocracia estão por todo o lado.» Quando Kulik compareceu à pressa numa reunião do Politburo para anunciar ainda mais derrotas, Estaline fez-lhe uma preleção: «Estás a entrar em pânico (...). Os sacerdotes pagãos gregos eram inteligentes (...). Quando recebiam notícias perturbadoras, iam para os seus banhos, lavavam-se cuidadosamente e só então avaliavam os acontecimentos e tomavam as suas decisões (...).»

Estaline estava entristecido com estes desastres: «A neve é muito funda. As nossas tropas avançam, cheias de coragem (...). Subitamente, soam rajadas de armas automáticas, e os nossos homens tombam no chão.» Por vezes, parecia desesperadamente desprimido. Khrushchev encontrou-o estendido num sofá, sem ânimo, um ensaio do seu colapso nos primeiros dias da invasão nazi. Como sempre, a pressão fazia-o ficar doente, com os habituais estreptococos e estafilococos, temperaturas de 38º C e terríveis dores de garganta. A 1 de Fevereiro, a saúde dele melhorou quando Timochenko sondou as defesas finlandeses, lançando a sua grande ofensiva no dia seguinte. A superioridade numérica dos soviéticos acabou finalmente por fazer mossa nos bravos finlandeses. Quando os médicos voltaram a examinar Estaline, ele mostrou-lhes os mapas: «Hoje

vamos tomar Vyborg.» Os finlandeses pediram a paz. A 12 de Março, Zhdanov assinou um tratado nos termos do qual a Finlândia cedia Hango, o istmo da Carélia e o litoral nordeste do lago Ladoga, 57.000 quilómetros quadrados, para isolar Leninegrado. A Finlândia perdeu cerca de 48.000 homens; Estaline, mais de 125.000.

«O Exército Vermelho não prestava para nada», diria, mais tarde, Estaline a Churchill e a Roosevelt. O *Vozhd* estava furioso, e não era o único. Posteriormente, Khrushchev denunciou a «negligência criminosa» de Vorochilov, que acusava de passar mais tempo no estúdio de Gerassimov, o pintor da corte, do que no Comissariado da Defesa. Em Kuntsevo, a fúria de Estaline transbordou. Começou a gritar com Vorochilov, que lhe pagou na mesma moeda. Vermelho como um pimentão, berrou a Estaline:

– Só te podes culpar a ti mesmo de tudo isto. Foste tu que destruíste a velha guarda do nosso exército, mandaste matar os nossos melhores generais!

Estaline negou. Vorochilov «pegou numa travessa com leitão assado e partiu-a em cima da mesa». «Foi a única vez em toda a minha vida que assisti a uma tal explosão», admitiu Khrushchev. Só Vorochilov podia fazer uma coisa daquelas e continuar vivo.

A 28 de Março de 1940, Vorochilov, que se tornara o «bode expiatório» de Estaline para os fiascos finlandeses, confessou, no Comité Central: «Devo dizer que nem eu nem o Estado-Maior-General (...) fazímos a mais pequena ideia das peculiaridades e dificuldades envolvidas nesta guerra.» Mekhlis, que odiava Vorochilov e lhe cobiçava o lugar, declarou: «[Ele] não pode abandonar pura e simplesmente o cargo. Deve ser severamente punido.» Mas Estaline não podia dar-se ao luxo de destruir Vorochilov.

«Mekhlis fez um discurso histérico», disse, puxando a trela ao seu cão de fila. Em vez disso, convocou, em meados de Abril, um Supremo Conselho Militar que foi inusitadamente cônscio, chegando por vezes a ser cómico. Um comandante admitiu que o exército ficara surpreendido ao encontrar florestas na Finlândia. «Já era tempo de o nosso exército saber que há florestas na Finlândia», respondeu Estaline, sardonicamente. «(...) No tempo de Pedro, havia florestas. Isabel (...), Catarina (...), Alexandre encontraram lá florestas! E agora! Já faz quatro vezes!» (Risos.) Ficou ainda mais indignado quando Mekhlis revelou que, frequentemente, os finlandeses atacavam o Exército Vermelho durante a sesta da tarde.

– A sesta da tarde? – cuspiu Estaline.

– Uma hora de descanso – confirmou Kulik.

– As pessoas fazem sestas da tarde nas casas de repouso! – rosnou Estaline, que prosseguiu defendendo a campanha em si mesma: – Podíamos ter evitado a guerra? Penso que a guerra era inevitável... Um adiamento de um par de meses teria significado um adiamento de vinte anos.

Tinha conquistado na Finlândia mais território do que Pedro, o Grande, mas alertava contra o «culto das tradições da Guerra Civil. Faz lembrar os índios americanos, que combateram espingardas com mocas de pau... e foram todos mortos.» A 6 de Maio, Vorochilov foi afastado do cargo de comissário da Defesa, onde lhe sucedeu

Timochenko.\* Chapochnikov foi demitido de chefe do Estado-Maior-General, apesar de Estaline ter admitido que ele tinha razão desde o início, «mas só nós os dois o sabemos!» Elevou o moral das tropas restaurando o posto de general e o comando único por militares, cuja tarefa se tornara incomparavelmente mais difícil desde que tinham passado a ter de partilhar o controlo com os comissários políticos. Libertou 11.178 oficiais expurgados, que oficialmente regressaram de «uma longa e perigosa missão». Perguntou a um deles, Konstantin Rokossovski, notando talvez que lhe faltavam as unhas das mãos:

- Foi torturado na prisão?
- Sim, camarada Estaline.
- Há demasiada gente subserviente neste país – suspirou Estaline.

Nem todos regressaram, porém. «Onde está o Serdich?», perguntou o *Vozhd* a Budeny, referindo-se a um amigo comum. «Executado!», respondeu o marechal. «É pena. Queria nomeá-lo embaixador na Jugoslávia...»

Estaline atacou os «índios» do exército, mas logo a seguir voltou-se para a sua própria tribo de bravos primitivos que continuavam obcecados com a cavalaria e teimavam em ignorar a guerra moderna. Budeny e Kulik acreditavam que os tanques nunca conseguiriam substituir os cavalos. «A mim não me convencem», declarara Budeny, pouco antes. «Assim que a guerra começar, vai pôr-se toda a gente a gritar: "Chamem a cavalaria!"» Estaline e Vorochilov tinham abolido os corpos especiais de tanques. Felizmente, Timochenko conseguiu convencer o *Vozhd* a corrigir esta loucura.

Mikoian chamava à predominância destes incompetentes «o triunfo do Primeiro Exército de Cavalaria», uma vez que todos eles eram veteranos da unidade preferida de Estaline durante a Guerra Civil. Apesar de ter partido a travessa de leitão, Vorochilov foi promovido a vice-primeiro-ministro para as «questões culturais», o que Mikoian considerou ser uma piada, tendo em conta o muito que o marechal gostava que lhe pintassem o retrato.

Mekhlis, que se tornou também vice-primeiro-ministro, considerava-se um grande capitão: pressionava Timochenko para que pedisse a Estaline que voltasse a nomeá-lo comissário-adjunto da Defesa. Estaline troçou da ingenuidade de Timochenko: «Queremos ajudá-lo, mas ele não comprehende. Quer que lhe demos o Mekhlis. Mas, em menos de três meses, o Mekhlis corre com ele. O Mekhlis quer ser comissário da Defesa.» Mekhlis gozava da «confiança ilimitada» de Estaline. Kulik, o apalhaçado comandante da artilharia, que encorajava os seus subordinados gritando «Prisão ou medalha», era um pateta ignorante. Desprezava a artilharia antitanque: «Uma tre-

\* Musculoso paradigma da masculinidade camponesa, exemplo típico dos cavaleiros de Estaline, Timochenko fora comandante de divisão durante a guerra contra a Polónia, em 1920: aparece na pele do «cativante Savitski» nas histórias da *Cavalaria Vermelha* de Isaac Babel, que exalta «a beleza do seu corpo de gigante», a força do peito coberto de condecorações que «fendia a cabana como um estandarte fende o céu» e as altas pernas de cavaleiro que eram «como raparigas envoltas até ao pescoço em botas de couro». O menos poético Mikoian limita-se a chamar-lhe um «camponês corajoso».

ta – sem estrondo, sem crateras (...). Declarava inúteis os preciosos lança-foguetes *Katyusha*: «Para que diabo precisamos nós de artilharia de foguetes? O que conta é o canhão puxado por cavalos.» Atrasou a produção do notável tanque T-34. Khrushchev, cuja frontalidade Estaline apreciava, pôs em causa as qualificações de Kulik.

– Nem sequer o conheces! – rugiu Estaline. – Eu conheço-o desde a Guerra Civil, quando ele comandou a artilharia em Tsaritsyn. O Kulik percebe de artilharia.

– Mas quantos canhões tinham na altura. Dois? Três? E agora ele comanda toda a artilharia do país!

Estaline disse a Khrushchev que não metesse o nariz onde não era chamado. Acima de todos eles, Zhdanov era agora o perito de Estaline em questões de artilharia e navais. «Eram pessoas competentes», escreveu Mikoian, «mas Estaline estava a tornar-se cada vez mais desconfiado, de modo que a confiança era mais importante do que tudo o mais.» Estaline hesitava, tergiversava, voltava atrás. O que espanta é que, no meio de tudo isto, tenham sido tomadas algumas decisões acertadas.

\* \* \*

Em Maio, Estaline ordenou o rapto da mulher de Kulik, Kira, em cuja casa se fizera convidado, em Novembro. Em nome da *Instantsiya*, Béria encarregou Merkulov, «o Teórico», do assunto. A 5 de Maio, Kobulov, o príncipe-assassino Tsereteli e um dos principais torturadores, Vladzimirdski seguiram Kira, que ia a caminho do dentista, enfiaram-na num carro e levaram-na para a Lubianka. Estaline e Béria partilhavam, evidentemente, um sadismo jovial e um gosto perverso por este tipo de jogos depravados. A razão para o rapto é um mistério, uma vez que nunca foram apresentadas acusações contra ela, mas Mekhlis organizou um processo sobre os Kulik de que constam a nobreza de Kira e as indiscrições alcoólicas, a incompetência, o anti-semitismo, o passado de revolucionário-social, queixas a respeito do Terror e as ligações trotskistas do general. Terá Kira sido raptada por ter apelado a Estaline, ou foi denunciada pelo seu mais recente amante, mais uma vítima da falsa moralidade? A marca mais suspeita contra ela, aos olhos de Estaline, poderá ter sido a perigosa tendência de Kulik para dar «ordens na presença» das suas várias esposas.\*

Dois dias depois do rapto de Kira, a 7 de Maio, Estaline promoveu o marido a marechal, juntamente com Timochenko e Chapochnikov, naquilo a que só se pode chamar um golpe de irónico sadismo. No dia seguinte, o deliciado encanto de Kulik com o seu macharelato começou a ser empanado por preocupações a respeito da mulher. Telefonou a Béria, que o convidou a ir à Lubianka. Enquanto Kulik beberricava chá sentado diante dele, Béria telefonou a Estaline:

\* Nunca foram feitas acusações formais nem assinados quaisquer papéis, de modo que o rapto foi ilegal, mesmo pelos padrões bolcheviques. Quando Béria foi preso, depois da morte de Estaline, este rapto e assassinato foi um dos crimes em que figurou como arguido.

– O marechal Kulik está aqui comigo. Não, não sabe nada. Ela saiu, e não voltou. Com certeza, camarada Estaline, vamos anunciar uma busca em toda a União e faremos todos os possíveis para encontrá-la.

Ambos sabiam que Kira estava numa das celas por baixo do gabinete de Béria. Um mês mais tarde, a condessa Simonich-Kulik, mãe de uma menina de oito anos, foi transferida para a prisão especial de Béria, a Sukhanovka, onde Blokhin a assassinou a sangue-frio com um tiro na cabeça. Kobulov queixou-se de que Blokhin a tinha matado antes de ele chegar. Talvez Estaline encontrasse conforto ou prazer em promover homens como Kulik conhecendo, enquanto eles ignoravam, a sorte dos seus entes queridos.

Kira Kulik continuou oficialmente a ser procurada durante doze anos, mas o próprio marechal há muito se apercebera de que as dúbias ligações dela tinham acabado por destruí-la. Aliás, voltou a casar pouco depois de ela ter desaparecido.

\* \* \*

Entretanto, Estaline e os seus potentados debatiam o destino dos oficiais polacos, presos ou capturados em 1939 e mantidos em três campos, um dos quais próximo da floresta de Katyn. Quando Estaline estava indeciso a respeito de qualquer questão, a discussão era surpreendentemente franca. Kulik, comandante da frente polaca, propunha libertar todos os detidos. Vorochilov concordava, mas Mekhlis insistia em que havia Inimigos no meio deles. Estaline era contra a libertação, mas Kulik insistiu. Estaline aceitou um compromisso. Os polacos foram libertados – excepto cerca de 26.000, cujo destino foi finalmente decidido no Politburo, a 5 de Março de 1940.

O filho de Béria afirmou que o pai foi contra a chacina, não por filantropia, mas porque os polacos podiam vir a ser úteis. Não há quaisquer provas disto, a não ser o facto de Béria ter frequentemente uma abordagem mais prática do que ideológica. Se assim foi, perdeu a discussão. Comunicou docilmente que os 14.700 oficiais, latifundiários e polícias e os 11.000 latifundiários «contra-revolucionários» eram «espiões e sabotadores (...) empedernidos (...), inimigos do poder soviético» que deviam ser «julgados (...) pelos camaradas Merlukov, Kobulov e Bachtakov». Estaline foi o primeiro a rabiscar a sua assinatura, que sublinhou, seguido por Vorochilov, Molotov e Mikojan. Kalinine e Kaganovitch foram contactados por telefone e votaram «a favor».

A matança era demasiado «trabalho negro» para o NKVD, habituado à *Vishka* de umas poucas vítimas de cada vez, mas havia o homem indicado para a tarefa: Blokhin viajou até ao campo de Ostachkov, onde ele e outros dois chekistas prepararam uma cabana com paredes almofadadas, à prova de som, e estabeleceram uma quota de 250 execuções por noite. Tinha consigo um avental de couro e um barrete de magarefe que vestiu quando iniciou um dos mais prolíficos actos de assassinio em massa perpetrado por um único indivíduo, matando 7000 homens em exactamente vinte e oito noites,

usando uma pistola *Walter* alemã para baralhar as pistas. Os corpos foram enterrados em vários lugares – mas os 4500 do campo Kozelsk ficaram sepultados na floresta de Katyn.\*

\* \* \*

Em Junho desse ano, o *Führer* desencadeou a sua *Blitzkrieg* contra os Países Baixos e a França. Estaline continuava a ter um enorme respeito pelo poderio militar da Grã-Bretanha e da França, com o qual contava para sustar Hitler a ocidente. A 17 de Junho de 1940, a França capitulou, um choque que teria bastado para convencer Estaline a reavaliar a sua aliança com Hitler, que passara, aliás, a ser a única opção disponível. Molotov felicitou «calorosamente», mas a rilhar os dentes, Schulenburg «pelo esplêndido êxito da Wehrmacht alemã». Um abalado Estaline «amaldiçoou» os Aliados:

– Não podiam ter resistido um pouco que fosse? – perguntou a Khrushchev. – Agora, o Hitler vai rebentar connosco!

E apressou-se a anexar os países bálticos e a Bessarábia, que fazia parte da Roménia. Enquanto as tropas atravessavam as fronteiras, bombardeiros soviéticos transportavam os procônsules de Estaline para os respectivos feudos: Dekanozov para a Lituânia, o vice-primeiro-ministro (o antigo procurador do «matem os cães danados») Vichinski para a Letónia e Zhdanov para a Estónia. Zhdanov atravessou a capital estoniana, Tallinn, num carro blindado e flanqueado por dois tanques, e então nomeou um «primeiro-ministro» fantoche, dizendo aos Estónios que «tudo se fará de acordo com as regras da democracia parlamentar (...). Não somos alemães!» Para alguns cidadãos baltos, eram piores. No total, 34.250 letãos, quase 60.000 estónios e 75.000 lituanos foram assassinados ou deportados. «O camarada Béria», disse Estaline, «encarregar-se-á de acomodar os nossos convidados baltos.» O NKVD pôs a cereja no bolo de Estaline quando, a 20 de Agosto, Ramon Mercader, um agente de Béria, perfurou o crânio de Trotski com um picador de gelo. Trotski poderia ter minado a política externa de Estaline, mas, na realidade, a sua morte limitou-se a encerrar o capítulo do Grande Terror. A vingança pertencia a Estaline.

Estaline tinha criado uma zona-tampão do Báltico até ao mar Negro, mas por essa altura começou a receber informações sobre a intenção de Hitler de atacar a URSS. Redobrou de atenções para com os alemães. Mas, ao mesmo tempo, com Zhdanov, escarnecia dos nazis pondo o judeu Eisenstein a realizar *A Cavalgada das Valquírias*, de Wagner.

---

\* Em Novembro de 1941, o embaixador polaco, Stanislaw Kot, interrogou Estaline a respeito do paradeiro daqueles homens. Estaline fez todo um espectáculo de telefonar para Béria, antes de mudar de assunto. Em Dezembro de 1941, disse ao general Anders que tinham fugido para a Mongólia. Como já vimos, estas trocistas manifestações de fingida preocupação faziam parte do seu jogo com Béria. O filho de Mikoyan, Stepan, escreveu graciosamente que a assinatura do pai naquela ordem era «o mais pesado dos fardos para a nossa família».

– Quem faz de Wotan? – perguntou Zhdanov, na brincadeira.

– Um cantor judeu – respondeu Estaline.

Estes wagnerianos hebraicos, porém, não impediram Hitler de, pouco a pouco, movimentar tropas para leste. Estaline desconfiava instintivamente das informações fornecidas pelo novo chefe da GRU, a espionagem militar, o general Filip Golikov, uma mediocridade sem currículo, tal como desconfiava das do NKVD, dirigido por Béria e Merkulov. Considerava Golikov «ingénuo e inexperiente. Um espião deve ser como o diabo: ninguém deveria confiar nele, nem sequer ele próprio.» Merkulov, chefe do Departamento dos Negócios Estrangeiros do NKVD, era «hábil», mas ainda receoso de «ofender alguém». É compreensível que tivesse medo de ofender «alguém». Todos os seus predecessores tinham sido assassinados.\*

A desconfiança de Estaline e Molotov relativamente aos seus próprios espiões era um reflexo das suas origens nas águas turvas da clandestinidade bolchevique, em que muitos camaradas (incluindo o próprio *Vozhd*) eram agentes duplos ou mesmo triplos. Avaliavam os motivos dos outros pelos padrões da sua própria e paranóica criminalidade: «Penso que nunca se pode confiar em espiões», admitiu Molotov, anos mais tarde. «Há que ouvi-los (...), mas investigá-los (...). Há inúmeros provocadores de ambos os lados.» Isto era irónico, porque Estaline dispunha da melhor rede de espionagem do mundo: os seus espiões trabalhavam para Marx, não para Mamona. No entanto, quanto mais sabia, menos confiava: «O conhecimento», escreve um historiador, «só contribuía para aumentar o seu desgosto e o seu isolamento.» Por muito insistentes que fossem os factos sobre a escalada militar alemã, os espiões soviéticos eram pressionados a fornecer a informação que Estaline queria: «Nunca procurávamos informação ao acaso», recordou um espião. «As ordens, para procurar coisas específicas, vinham de cima.»

Estaline reagiu a este mal-estar promovendo agressivamente os tradicionais interesses soviéticos nos Balcãs, o que só por si alarmou Hitler, o qual ponderava se devia ou não atacar o seu aliado. Decidiu convidar Molotov para uma visita a Berlim, com o objectivo de desviar os soviéticos para uma arremetida em direcção ao Índico. Na noite em que partiu, Molotov ficou até tarde a falar com Estaline e Béria, debatendo a manutenção do Pacto. Na sua directiva manuscrita, Estaline ordenava a Molotov que insistisse em explicações para a presença de tropas alemãs na Roménia e na Finlândia, descobrisse quais eram os verdadeiros interesses de Hitler e afirmasse os interesses russos nos Balcãs e nos Dardanelos. Molotov, entretanto, disse à esposa, «meu prazer de mel», que andava a estudar Hitler: «Tenho estado a ler o *Gesprächer mit Hitler*, de Rauschning (...). Rauschning explica muito do que H está a fazer agora (...) e fará no futuro.»

\* Na Décima Oitava Conferência do partido, em Fevereiro de 1941, Estaline dividiu o NKVD de Béria em dois comissariados. Béria conservou o NKVD, enquanto a Segurança do Estado (NKGB) era confiada ao seu protegido Merkulov. O que não significou uma despromoção directa de Béria: pelo contrário, foi promovido a vice-primeiro-ministro e continuou a ser o supervisor geral, ou *curator*, dos dois «Órgãos».

## MOLOTOV ENCONTRA-SE COM HITLER: TRABALHO NO ARAME E ILUSÃO

Molotov partiu tarde, a 10 de Novembro de 1940, para a Estação da Bielorrússia, com uma pistola no bolso e uma delegação de sessenta membros que incluía os dois protegidos de Béria, Dekanozov, comissário-adjunto dos Negócios Estrangeiros, e Merkulov, dezasseis agentes da polícia secreta, três criados e um médico. Era a sua segunda viagem à Europa. Em 1922, com Polina, visitara a Itália, nos primeiros dias do fascismo. Agora, ia ter ocasião de observar o fascismo no seu apogeu.

Às 11:05, o comboio de Molotov entrou na estação Anhalter, em Berlim, decorada com flores sinistramente iluminadas por projectores e bandeiras soviéticas escondidas atrás de suásticas. Molotov apeou-se, de sobretudo escuro e chapéu de feltro cinzento, e foi recebido por Ribbentrop e pelo marechal-de-campo Keitel. O aperto de mão mais demorado que trocou foi com o *Reichsführer-SS* Himmler. A banda tocou intencionalmente a *Internacional* a ritmo acelerado, não fosse algum eventual ex-comunista que por ali passasse lembrar-se de se pôr a cantar.

Molotov foi levado a toda a velocidade num *Mercedes*, precedido por batedores de moto, para o seu luxuoso hotel, o Schloss Bellevue, um antigo palácio imperial, no Tiergarten, onde os soviéticos ficaram deslumbrados pelas «tapeçarias e quadros», as «finas porcelanas expostas em armários maravilhosamente lavrados» e, sobretudo, pelas «librés bordadas a ouro» dos empregados. A delegação inteira de Molotov usava fatos azuis-escuros iguais, gravata cinzenta e chapéus de feltro baratos, obviamente encomendados por atacado. Uma vez que alguns usavam os chapéus como se fossem boinas, outros empurrados para a nuca, como *cowboys*, outros ainda puxados para os olhos, como mafiosos, percebia-se bem que nenhum deles estava habituado àquele

tipo de peça de indumentária ocidental. A tepidez da visita tornou-se óbvia quando Molotov se reuniu com Ribbentrop no antigo gabinete de Bismarck e pouco ou nada revelou. «Um sorriso gelado perpassou pelo seu rosto inteligente, de jogador de xadrez», observou um diplomata alemão, que achou graça ao facto de, sentado num dos grandes cadeirões de talha dourada de Bismarck, o pequeno Dekanozov mal chegar com os pés ao chão. Quando Ribbentrop encorajou a Rússia a procurar um escape para as suas energias num mar de águas quentes, Molotov perguntou: «De que mar está a falar?»

Depois do almoço no Bellevue, o *Mercedes* descapotável levou Molotov à Chancelaria, onde foi conduzido, passando por uma série de portas de bronze, guardadas por homens das SS que batiam sonoramente os calcanhares, ao magnífico gabinete de Hitler. Dois gigantes louros das SS abriram as portas e formaram um arco com impecáveis saudações nazis, sob o qual o apagado e robusto russo passou, avançando em direcção à gargantuesca secretária do *Führer*, no extremo oposto da sala. Hitler hesitou, e então caminhou sacudidamente ao encontro do russo, com «passos pequenos e rápidos». Deteve-se e fez uma saudação nazi antes de cumprimentar Molotov e os outros com um aperto de mão «frio e húmido», enquanto os seus «olhos febris» se cravavam neles «como verrumas». A exibição teatral de Hitler para amedrontar e impressionar os visitantes não teve o mínimo efeito em Molotov, que se considerava um marxista-leninista e, por conseguinte, superior a qualquer outra pessoa, especialmente fascistas: «Não havia nada de notável no aspecto dele.» Hitler e Molotov tinham precisamente a mesma altura – «média», no dizer do pequeno russo. Mas Hitler «era muito convencido (...) e vaidoso. Era inteligente, mas o egoísmo e a absurdidade da sua ideia primordial tornavam-no tacanho e obtuso.»

Hitler levou Molotov para uma área de repouso onde o comissário dos Negócios Estrangeiros soviético, Dekanozov e os intérpretes se sentaram no sofá, enquanto o *Führer* ocupava o seu habitual cadeirão de braços, do alto do qual os sujeitou a um longo solilóquio sobre o modo como derrotara a Grã-Bretanha, a sua generosidade para com Estaline e o seu desinteresse nos Balcãs; tudo mentiras. Molotov respondeu com uma série de delicadas mas embaraçosas perguntas a respeito das relações entre as duas potências, referindo especificamente a Finlândia, a Roménia e a Bulgária. «Continuei a apertar com ele para que desse mais pormenores. “Têm de ter um porto de águas quentes. Irão, Índia... é esse o vosso futuro.” Ao que eu respondi: “É uma ideia interessante. Em sua opinião, como se poderia fazer?”» Hitler pôs fim ao encontro sem ter dado uma resposta.

Nessa noite, Ribbentrop ofereceu uma recepção a Molotov no Hotel Kaiserhof, na qual estiveram presentes o *Reichsmarschall* Göring, ostentando uma extravagante criação vestimentária cheia de fios de prata e jóias, e Hess, o delfim do *Führer*. Vendo Molotov conversar com Göring, Berezhkov, o intérprete russo, pensou que dificilmente se imaginaria dois homens mais diferentes. Um telegrama de Estaline aguardava Molotov, insistindo uma vez mais nos Balcãs e nos Estreitos. Na manhã seguinte,

Molotov respondeu, também por telegrama: «Vou sair para um almoço e reunião com Hitler. Vou pressioná-lo relativamente ao mar Negro, aos Estreitos e à Bulgária.» Começou por ir ver Göring, ao Ministério do Ar, onde fez ao «paladino» de Hitler mais uma série de perguntas embaraçosas, que o *Reichsmarschall* se limitou a afogar com a sua copiosa verbosidade. Em seguida, visitou Hess.

«Têm um programa do partido?», perguntou ao lugar-tenente do *Führer*, sabendo perfeitamente que não tinham. «Têm regras do partido? E têm uma Constituição?» O ideólogo bolchevique mostrou-se desdenhoso: «Como pode haver um partido sem um programa?»

As duas da tarde, Hitler recebeu Molotov, Merkulov e Dekanov para um almoço tardio com Goebbels e Ribbentrop. Os russos ficaram desapontados com a austera ementa de Hitler, que anunciava simplesmente: «*Kraftbrühe, Fasan, Obstsalat*» – caldo de carne, faisão e salada de fruta.

«Com a guerra em curso, não bebo café», explicou Hitler, «porque o meu povo também não bebe café. Não fumo, não bebo bebidas alcoólicas.» Mais tarde, Molotov acrescentaria: «Escusado será dizer que não me abstive de nada.»

A segunda reunião, depois do almoço, durou umas «mal-humoradas» três horas. Molotov pressionava Hitler para obter respostas. Hitler acusou a Rússia de ganância. Nada, porém, conseguia fazer mossá na teimosa persistência do «Cu-de-Ferro». Molotov obedeceu às instruções telegrafadas de Estaline, explicando que «todos os acontecimentos, desde a guerra da Crimeia (...) ao desembarque de tropas estrangeiras durante a Intervenção [a Guerra Civil], demonstram que não é possível garantir a segurança soviética sem (...) os Dardanelos».

Hitler quase perdeu a paciência quando o russo referiu a presença de tropas alemãs na Finlândia e na Roménia: «Isso são ninharias!»

Molotov comentou secamente que não havia necessidade de ser indelicado. Mas como podiam os dois homens chegar a acordo quanto às grandes questões se não o conseguiam sequer nas pequenas? Molotov notou que Hitler «começava a ficar agitado. Insisti. Cansei-o.»

Hitler pegou no lenço, limpou a transpiração que lhe humedecia o lábio superior e acompanhou o visitante até à porta

– Estou certo de que a História recordará para sempre o nome de Estaline – disse.

– Não tenho a mínima dúvida – respondeu Molotov.

– Devíamos encontrar-nos... – sugeriu Hitler vagamente, um encontro que nunca chegou a acontecer. – Mas espero que me recorde também a mim – acrescentou, com falsa modéstia, pois tinha assinado, dois dias antes, a Directiva N.º 18, que passava a invasão da União Soviética para o topo da sua agenda, um empreendimento que lhe garantiria um lugar na História.

– Não tenho a mínima dúvida.

Göring, Hess e Ribbentrop foram os convidados de honra no banquete que Molotov ofereceu nessa noite, com caviar e *vodka*, no grandioso mas deslavado edifício da embaixada soviética, e que foi interrompido pela RAF.

— Os nossos amigos ingleses estão a queixar-se por não terem sido convidados para a festa — brincou Ribbentrop, enquanto Göring passava a correr como um bisonte perfumado e coberto de jóias pelo meio da multidão, a caminho do seu *Mercedes*.

Não havia abrigos contra ataques aéreos na embaixada, pelo que a maior parte dos russos foi levada de volta ao hotel. Alguns perderam-se, mas Molotov foi acompanhado até ao abrigo privado de Ribbentrop. Ali, por entre os estrondos das bombas da RAF e o matraquear das antiaéreas, o ofegante russo interrompeu as floridas promessas do alemão. Se, como Hitler dizia, a Alemanha estava a travar uma luta de vida ou de morte com a Inglaterra, talvez isso significasse, sugeriu Molotov, que a Alemanha estava a lutar «pela vida» e a Inglaterra «pela morte». A Grã-Bretanha estava «acabada», respondeu Ribbentrop.

— Se assim é, que fazemos nós neste abrigo, e de quem são as bombas que estão a cair? — perguntou Molotov.

Partiu na manhã seguinte, sem ter, como disse a Estaline, conseguido «nada que se veja, mas (...) percebi o actual estado de espírito de Hitler».

\* \* \*

Estaline felicitou Molotov por ter desafiado Hitler.

— Como — indagou — engoliu ele que lhe dissesse tudo isso?

A resposta era: não engoliu. As teimosas ambições de Molotov relativamente aos Balcãs convenceram Hitler de que Estaline não tardaria a desafiar a sua hegemonia europeia. Tendo hesitado quanto a atacar a Rússia, decidiu agora acelerar os seus planos. A 4 de Dezembro, a Operação Barbarossa foi marcada para Maio de 1941.

Poucos dias mais tarde, Iakovlev, o desenhador de aviões, que estivera com Molotov em Berlim, encontrou o comissário dos Negócios Estrangeiros na antecâmara de Estaline.

— Ah, aqui está o alemão! — brincou Molotov. — Vamos ambos ter de nos arrepender!

— De quê? — perguntou Iakovlev, nervosamente.

— Bem, jantámos com Hitler? Jantámos. Apertámos a mão a Goebbels? Apertámos. Vamos ter de nos arrepender.

Os bolcheviques viviam num mundo de pecado e arrependimento. Quando Estaline recebeu Iakovlev, ordenou-lhe que estudasse os aviões nazis:

— Descubra a maneira de vencê-los.

A 29 de Dezembro de 1940, onze dias depois de Hitler ter assinado a Directiva N.º 21 sobre a Operação Barba Ruiva, os espiões de Estaline alertaram para a existência dos planos. Estaline sabia que a União Soviética não estaria pronta para a guerra antes de 1943, e esperava conseguir adiá-la através de um rearmamento frenético e de um agressivo trabalho no arame nos Balcãs — mas sem provocar Hitler. O *Führer*, pelo seu lado, compreendia a urgência do empreendimento, sabendo ainda que tinha de dominar os Balcãs antes de atacar a Rússia.

O pânico e a pressa de Estaline de produzir as melhores armas e criar a melhor estratégia acabou por gerar um novo Terror à sua volta. A contagem decrescente para a guerra redobrou o surreal miasma de medo e ignorância no cerne do poder soviético. Depois de um almoço no Kremlin, em que estiveram presentes todos os potentados, preparavam-se para sair quando, inesperadamente, Estaline os atacou, queixando-se dos sintomas da sua própria ditadura.

– Eu sou o ÚNICO que lida com todos estes problemas. Nenhum de vocês quer dar-se ao incômodo de se preocupar com eles. Estou aqui SOZINHO. Olhem para mim: sou capaz de aprender... todos os dias.

Só Kalinine se atreveu a responder:

– Por uma coisa ou por outra, nunca há tempo que chegue!

Ao que Estaline retorcou, furiosamente:

– As pessoas não pensam... OUVEM O QUE EU LHE DIGO E CONTINUAM COMO SE NADA FOSSE. Mas eu mostro-lhes, se um destes dias perco a paciência. Sabem muito bem que sou capaz de o fazer. Vou bater nesses gordos com tanta força que hão-de ouvi-los rachar a quilómetros de distância!

Dirigia-se especialmente a Kaganovitch e a Béria, que sabiam «muito bem» com quanta força Estaline podia bater «nos gordos». No fim, havia «lágrimas nos olhos de Vorochilov». Quanto mais se apercebia da terrível situação do seu aparelho militar, mais Estaline se atascava, simultaneamente convencido da sua própria infalibilidade e inconsciente da sua ignorância técnica. Supervisionava cada pormenor de cada arma. As reuniões com ele tornaram-se cada vez mais perturbadoras, a sua conduta, pensava Mikojan, cada vez mais «desorientada».

Havia uma etiqueta muito clara: discordar demasiado era mortalmente perigoso, mas, surpreendentemente, os gestores e generais defendiam com teimosia o seu próprio conhecimento. «Teria tido mais medo se soubesse mais», diria, mais tarde, um comissário. O silêncio era com frequência uma virtude, e os veteranos ensinavam aos neófitos a comportarem-se para sobreviver.

Quando Estaline mandou o comissário naval, Nikolai Kuznetsov, inspeccionar o Extremo Oriente, o almirante queixou-se a Zhdanov, o patrão-mor da Marinha, que estava demasiado ocupado com o seu novo lugar.

– Os papéis podem esperar – respondeu Zhdanov. – Aconselho-o a não dizer uma palavra a respeito deles ao camarada Estaline.\*

A dada altura, um novo oficial, que nunca tinha estado numa reunião com Estaline, começou a chamar «José Vissarionovitch» quando pretendia falar. «Estaline olhou para mim e voltei a ver (...) uma expressão pouco amistosa no rosto dele. De repente, um

\* Quando o almirante Kuznetsov começou a conhecê-lo melhor, durante a viagem que ambos fizeram ao Extremo Oriente, Zhdanov falou-lhe de quanto gostava de trabalhar com a Marinha. «Adoraria ir [num cruzeiro]. Mas nem sempre é fácil afastarmo-nos», disse, acrescentando, com um sorriso: «Sou mais um homem do rio do que um homem do mar. Um marinheiro de água doce, como é costume dizer. Mas adoro navios.» Kuznetsov admirava Zhdanov, que «fez muito pela Marinha». Noutros serviços, no entanto, foi consideravelmente menos útil.

murmúrio do homem sentado atrás de mim explicou tudo: "Nunca o trate pelo nome e patronímico. Só um círculo muito restrito de íntimos tem o direito de o fazer. Para todos nós, é Estaline. Camarada Estaline."» A atitude mais inteligente era manter o silêncio. Kuznetsov preparava-se para objectar à construção de uma esquadra de cruzadores pesados quando um outro oficial murmurou generosamente:

– Cuidado! Não insista!

\* \* \*

A 23 de Dezembro de 1940, Estaline convocou reuniões do alto-comando, o que poderia ter sido uma boa ideia se não estivessem todos paralisados pelo medo. O marechal Timochenko e o seu mais dinâmico general, Georgi Zhukov, que comandava o Distrito Militar de Kiev, criticaram a fraqueza gritante da estratégia soviética e propuseram um regresso às proibidas «operações em profundidade» concebidas pelo dotado Tukatchevski. O poderoso Zhdanov, principal conselheiro do Líder em todas as matérias, desde canhões a navios, passando pela Finlândia e pela cultura, assistiu às reuniões e fez o seu relatório a Estaline, que, no dia seguinte, chamou os generais. O insone Estaline, tão habituado à vida nocturna que nunca conseguia adormecer antes das quatro da manhã, confessou que não tinha dormido um instante sequer na noite anterior. Timochenko respondeu nervosamente que o *Vozhd* aprovara o seu discurso.

– Com certeza não pensa que consigo ler todos os papéis que me despejam em cima – retorquiu Estaline. Mas, ao menos, ordenou a preparação de novos planos e a realização urgente de manobras militares.

Mas essas manobras só serviram para expor ainda mais claramente a fraqueza do exército soviético. Estaline ficou tão furioso que, a 13 de Janeiro de 1931, convocou os seus generais sem lhes dar tempo para se prepararem. O chefe do Estado-Maior-General lá foi gaguejando o seu relatório, até que Estaline o interrompeu:

«Bem, ao fim e ao cabo, quem ganhou?» Meretskov estava com medo de falar, o que só serviu para irritar Estaline ainda mais. «Aqui entre nós (...), temos de falar em termos de capacidades reais.» Finalmente, Estaline explodiu: «O problema é que não temos um chefe de Estado-Maior à altura.» E ali mesmo, sem mais formalidades, demitiu Meretskov. A reunião descambou ainda mais quando Kulik afirmou que os tanques eram sobreestimados: o futuro estava na artilharia puxada por cavalos. É espantoso que, depois de duas *Blitzkrieg*, e seis meses apenas antes da invasão nazi, os soviéticos ainda estivessem a discutir este assunto. Só Estaline era culpado de Kulik ter sido promovido muito para lá das suas competências, mas, como de costume, atirou as culpas para cima de outro:

– Camarada Timochenko, enquanto reinar esta confusão, não será possível avançar com a mecanização do exército.

Timochenko respondeu que ali o único que estava confuso era Kulik. Estaline voltou-se contra o amigo:

— Kulik opõe-se ao motor. É como se se opusesse ao tractor e apoiasse o arado de madeira. A guerra moderna vai ser uma guerra de motores.

Na tarde seguinte, o general Zhukov, de quarenta e cinco anos, foi chamado à pressa ao «Cantinho», onde Estaline o nomeou chefe do Estado-Maior-General. Zhukov tentou recusar. Estaline, impressionado com a vitória do general sobre os japoneses em Khalkin-Gol, insistiu. O expoente máximo do general de combate, que se havia de tornar o maior capitão da Segunda Guerra Mundial, era também um dos cavaleiros da Guerra Civil e um protegido de Budený desde o final dos anos 20. Filho de um sapateiro pobre, este comunista convicto conseguira por pouco sobreviver ao Terror com a ajuda de Budený. Baixo, atarracado, infatigável, com feições rudes e um queixo preênsil, Georgi Zhukov partilhava a implacável brutalidade de Estaline, combinando represálias selvagens e uma disciplina romana com uma total indiferença em matéria de baixas humanas. Faltava-lhe, no entanto, o sadismo tortuoso do *Vozhd*. Era emocional e corajoso, atrevendo-se com muita frequência a discordar de Estaline, que, adivinhando-lhe as qualidades, o tolerava.

Alguns dias mais tarde, em Kuntsevo, Timochenko e Zhukov tentaram persuadir Estaline a mobilizar, convencidos de que Hitler ia invadir. Timochenko tinha aconselhado Zhukov sobre a maneira de lidar com Estaline: «Ele não ouvirá um grande sermão (...), no máximo dez minutos.» Estaline estava a jantar com Molotov, Zhdanov e Vorochilov, além de Mekhlis e Kulik. «Não seria bom reforçarmos as defesas ao longo da fronteira ocidental?», sugeriu Zhukov.

«Está ansioso por enfrentar os alemães?», perguntou Molotov, rispidamente.

«Espera um momento», interveio Estaline, acalmando o exaltado primeiro-ministro. E fez uma preleção sobre os alemães: «Eles têm medo de nós. Em segredo, vou dizer-lhe que o nosso embaixador teve uma conversa muito séria com o próprio Hitler, que lhe disse: “Por favor, não se preocupem com a concentração das nossas forças na Polónia. Estão lá para conter (...).»

Depois disto, os generais juntaram-se aos potentados para comer *borsch* georgiano, papas de trigo-mouro, carne estufada e fruta cozida e fresca à sobremesa, tudo empurrado por generosas doses de *brandy* e vinho *Kvanchakra*, da Geórgia.

\* \* \*

A imbecilidade de Kulik desencadeou um novo paroxismo de terror, que quase levou a morte a uma família do Politburo. Ao ouvir dizer que os alemães estavam a aumentar a espessura das suas blindagens, exigiu que se interrompesse imediatamente a produção de armas convencionais e se voltasse aos obuses de 107 mm da Primeira Guerra Mundial. O comissário do Armamento, Boris Vannikov, um formidável supergestor judeu, opôs-se sensatamente a Kulik, mas faltava-lhe o acesso a Estaline. Kulik, pelo seu lado, tinha o apoio de Zhdanov. A 1 de Março, Estaline convocou Vannikov.

— Quais são as suas objecções? O camarada Kulik diz que não concorda com ele.

Vannikov explicou que era muito pouco provável que os alemães tivessem modernizado as suas blindagens tão rapidamente como Kulik sugeria: o canhão de 76 mm continuava a ser o melhor. Nessa altura, Zhdanov entrou no gabinete.

— Escuta — disse-lhe Estaline. — Vannikov não quer fabricar os obuses de cento e sete milímetros... Mas são armas muito boas. Conheço-as dos tempos da Guerra Civil.

— Vannikov — respondeu Zhdanov — opõe-se sempre a tudo. É o estilo dele de trabalhar.

Estaline encarregou Zhdanov de resolver a questão:

— Tu és o nosso melhor especialista em artilharia, e o obus de cento e sete é uma boa arma.

Zhdanov convocou uma reunião em que Vannikov desafiou Kulik. Zhdanov acusou-o de «sabotagem».

— Os mortos atrasam os vivos — acrescentou, ominosamente. Vannikov gritou em resposta:

— Está a tolerar o desarmamento nas vésperas de uma guerra!

Zhdanov anunciou rigidamente que «ia fazer queixa de mim a Estaline». O *Vozhd* aceitou a solução de Kulik, que teve de ser anulada quando a guerra começou. Vannikov foi preso.\* Só no reino de Estaline seria possível o maior especialista em armamento de um país ser preso semanas antes de uma guerra. Mas o lema de Kulik, «Prisão ou medalha», tinha triunfado mais uma vez. Ao alastrar, o veneno atingiu o irmão de Kaganovitch. No sacrifício quase bíblico de um irmão querido, a témpera de Lazar foi duramente posta à prova.

\* \* \*

Vannikov foi cruelmente torturado por causa do seu recente cargo como adjunto de Mikhail Kaganovitch, irmão mais velho de Lazar e comissário da Produção Aeronáutica. A Força Aérea sempre foi o serviço mais propenso a acidentes. Não só os aviões se despenhavam com uma alarmante regularidade, reflectindo a pressa e o desleixo das técnicas de construção soviéticas, como alguém tinha de pagar por estes percalços. No espaço de um ano, quatro Heróis da União Soviética perderam a vida em acidentes de aviação, e o próprio Estaline questionava toda a gente, desde os generais aos engenheiros que trabalhavam em cada avião. «Que espécie de homem é ele?», perguntou a respeito de um determinado técnico. «Talvez seja um filho da mãe, um *svodoch*.» Os acidentes tinham de ser culpa de «filhos da mãe». Vannikov foi obrigado a implicar Mikhail Kaganovitch como o «filho da mãe» circunstancial.

Entretanto, Vassili Estaline, agora um piloto ávido de conseguir o amor paternal, geralmente denunciando os seus superiores, desempenhou um pequeno papel nesta

---

\* Não foi, nem pouco mais ou menos, a única loucura deste género: noutra ocasião, Estaline mandou fabricar um tanque baseado no estranho princípio de que, «ao ser destruído, protege».

tragédia. Continuava tão nervoso que, recordou Svetlana, quando o pai lhe dirigia a palavra ao jantar, dava um salto na cadeira e muitas vezes não conseguia responder, gaguejando: «Não ouvi o que disse, pai... O quê?» Em 1940, apaixonou-se por uma bonita loura que tocava trompete e pertencia a uma família do NKVD, Galina Bourdonovskaia, e casou com ela. Mas era truculento, arrogante, bêbedo e, ainda que frequentemente generoso, mais frequentemente ainda perigoso. Neste mundo tão peculiar, o «príncipe real» tornou-se, segundo Svetlana, «uma ameaça».

«Olá, querido Pai», escreveu, a 4 de Março de 1941. «Como está a sua saúde? Estive recentemente em Moscovo por ordem de Ritchagov [chefe do Directorado Principal da Força Aérea]. Quis muito vê-lo, mas disseram-me que estava demasiado ocupado (...). Não me deixam voar (...). Ritchagov telefonou-me e ofendeu-me muito, dizendo que, em vez de estudar teoria, eu andava a visitar comandantes para lhes provar que tinha de voar. Ordenou-me que o informasse desta conversa.» Vassili tinha de voar em velhos aviões «que têm um aspecto horrível», e nem sequer os futuros oficiais podiam treinar nos novos aparelhos: «Pai, escreva-me só duas ou três palavras, se tiver tempo, é a maior alegria para mim porque tenho muitas saudades suas. Seu, Vasya.»

Esta subtil denúncia não há-de ter ajudado Pavel Ritchagov, de trinta e nove anos, um ousado piloto que acabava de ser promovido para o alto-comando. Chegou embriagado a uma reunião para discutir os aviões. Quando Estaline criticou a Força Aérea, Ritchagov gritou que a taxa de acidentes mortais era tão elevada porque «nos obrigam a voar em caixões!» Fez-se silêncio, mas Estaline continuou a passear à volta da sala; os únicos sons eram as baforadas do cachimbo e o ruído abafado dos seus passos.

– Não devia ter dito isso. – Deu mais uma volta à mesa mortalmente silenciosa e repetiu: – Não devia ter dito isso.

Ritchagov foi preso uma semana mais tarde, juntamente com outros oficiais de alta patente da Força Aérea, entre eles o general Shtern, comandante do Extremo Oriente, mais tarde fuzilado. Todos eles, como Vannikov, implicaram Mikhail Kaganovitch.

– Recebemos testemunhos – disse Estaline a Kaganovitch. – O teu irmão está envolvido na conspiração.

Mikhail foi acusado de ter construído as fábricas de aviões perto da fronteira, para ajudar os alemães. Estaline explicou que Mikhail, um judeu, fora nomeado por Hitler chefe de um governo-sombra fantoche, uma ideia tão absurda que, ou era o resultado da cretinice de um qualquer atrasado mental do NKGB, ou, mais provavelmente, uma piada entre Estaline e Béria. Terão recordado a fúria de Ordzhonikidze quando o irmão fora preso? Ordzhonikidze fora o melhor amigo de Kaganovitch.

– É mentira! – afirmou Kaganovitch ter respondido. – Conheço o meu irmão. É um bolchevique desde mil novecentos e cinco, dedicado ao Comité Central.

– Como pode ser mentira? – retorquiu Estaline. – Tenho os testemunhos.

– É mentira. Exijo uma acareação.

Décadas mais tarde, Kaganovitch negou ter traído o irmão: «Se o meu irmão fosse um Inimigo, eu teria estado contra ele (...). Tinha a certeza de que era honesto.

Protegi-o. Protegi-o!» Kaganovitch podia expressar uma opinião, mas tinha também de deixar bem claro que, se o partido precisasse de destruir o irmão, então o irmão teria de morrer. «Bem, e então?», acrescentou. «Se é necessário, prendam-no.»

Estaline ordenou a Mikoian e a esse sinistro duo Béria-Malenkov que arranjassem uma acareação entre Mikhail Kaganovitch e o seu acusador, Vannikov, mas o «Lazar de Ferro» não foi convidado a assistir.

– Não o ponham ansioso, não o incomodem – ordenou Estaline.

A «acareação» decorreu no gabinete de Mikoian, no mesmo edifício onde se situava o «Cantinho», e Mikhail defendeu-se «apaixonadamente» contra Vannikov.

– Enlouqueceste? – perguntou ao seu ex-adjuunto, que passara noites inteiras em casa dele, durante o Terror, com medo de ser preso.

– Não, tu fazes parte da mesma organização a que eu pertenço – respondeu Vannikov.

Béria e Malenkov disseram a Mikhail que esperasse no corredor enquanto eles voltavam a interrogar Vannikov. Mikhail dirigiu-se à casa de banho privada de Mikoian (uma das mordomias do poder). Ouviu-se um tiro. Mikhail Kaganovitch foi encontrado morto. Ao suicidar-se antes de ser preso, salvou a família. Lazar passara o teste. Tinha sido encontrado um bode expiatório para os problemas da aviação.\*

\* \* \*

Enquanto estes comissários faziam o vaivém entre o Kremlin e as câmaras de tortura e os alemães dispunham sub-repticiamente as suas legiões ao longo da fronteira soviética, Estaline canalizava grande parte da sua energia para o esforço de reafirmar a influência russa nos Balcãs. Mas, em Março, Hitler conseguiu atrair a Bulgária, a Roménia e a Jugoslávia para o seu campo. Então, a 26 de Março, o governo germanófilo de Belgrado foi derrubado, provavelmente com a ajuda do NKGB e dos serviços secretos britânicos. Hitler não podia permitir um tal espinho cravado no seu flanco, pelo que os alemães se preparam para invadir a Jugoslávia, adiando por um mês o início da Operação Barba Ruiva.

A 4 de Abril, Estaline iniciou pessoalmente negociações com o novo governo jugoslavo, na esperança de que este percalço no plano de Hitler o levasse de volta à mesa das negociações, ou, no mínimo, adiasse a invasão para 1942. Quando assinou um tratado com os jugoslavos no mesmo dia em que a Wehrmacht começava a bombardear Belgrado, Estaline desvalorizou alegremente a ameaça: «Eles que venham. Nós temos bons nervos.» Mas a Jugoslávia foi a mais bem sucedida de todas as *Blitzkrieg* de Hitler: dez dias mais tarde, Belgrado rendia-se. Os acontecimentos andavam mais depressa do que a erosão das ilusões de Estaline.

---

\* Kaganovitch foi desprezado por não ter salvo o irmão, mas sepultou-o com honras, como membro do Comité Central, no cemitério de Novodevichi, perto de Nádia Estaline. Vannikov sobreviveu, mas continuou preso.

Nesse mesmo dia, Yosuke Matsuoka, o ministro dos Negócios Estrangeiros japonês, chegou a Moscovo depois de visitar Berlim. Enquanto a Wehrmacht esmagava os jugoslavos, Estaline apercebeu-se de que precisava de um novo caminho para voltar a Hitler. Mas estava também consciente das inapreciáveis vantagens de uma frente calma no Extremo Oriente se Hitler invadisse. A vitória de Zhukov persuadira Tóquio de que o seu destino se encontrava a sul, nos bem mais suculentos petiscos que o Império Britânico tinha para oferecer. Quando, a 14 de Abril de 1941, Matsuoka assinou um pacto de não-agressão com a União Soviética, Estaline e Molotov reagiram com uma excitação quase febril, como se tivessem, sozinhos, alterado a forma da Europa e salvo a Rússia. Estaline exclamou que era tão raro «encontrar um diplomata que diz abertamente o que lhe vai no espírito. É bem sabido o que Talleyrand disse a Napoleão: "A língua foi dada ao diplomata para que pudesse esconder os seus pensamentos." Nós, russos e bolcheviques, somos diferentes (...).» Por uma vez sem exemplo, Estaline descontraiu-se completamente no bacanal que se seguiu e em que Molotov serviu chamarilhe até ambos estarem tão embriagados como Matsuoka.

«Eu e Estaline fizemo-lo beber um pedaço», gabou-se Molotov, mais tarde. Às seis da manhã, Matsuoka «teve quase de ser levado em braços até ao comboio. Nós mal conseguíamos manter-nos de pé.» Estaline, Molotov e Matsuoka largaram a cantar, numa alcoolizada interpretação dessa grande favorita russa de todos os tempos, *Shoumel Kamish*, que diz: «Os juncos restolhavam, as árvores rangiam ao vento, a noite estava muito escura (...). E os amantes ficaram acordados toda a noite», no meio de gargalhadas. Na estação de Iaroslavski, os diplomatas reunidos ficaram espantados ao ver o utilizado Estaline, de capote, boné de pala castanha e botas, acompanhado por Matsuoka e Molotov, que não parava de fazer continência e gritar: «Sou um Pioneiro! Estou pronto!» – o equivalente soviético do «Dib! Dib! Estejam preparados!» dos escuteiros. O embaixador búlgaro achou que Molotov era o «menos embriagado» dos três. Estaline, que nunca antes acompanhara qualquer visitante até à estação, abraçou o cambaleante japonês, mas, uma vez que nenhum deles falava a língua do outro, a sua recente intimidade expressava-se através de abraços e rosnidos de «Ah! Ah!»

Estaline estava tão excitado que deu um murro no ombro do pequeno e calvo embaixador-geral nipónico, com tanta força que o homem «recuou três ou quatro passos, o que fez Matsuoka rir às gargalhadas». Estaline reparou então no alto adido coronel Hans Krebs e, abandonando os japoneses, bateu-lhe com um dedo no peito.

– Aleman? – perguntou. Krebs pôs-se rigidamente em sentido, e Estaline deu-lhe uma palmada nas costas, apertou-lhe a mão e disse em voz alta: – Temos sido vossos amigos e continuaremos a ser vossos amigos.

– Estou certo disso – respondeu Krebs, embora o embaixador sueco tenha achado que «não parecia muito convencido».\*

---

\* Krebs foi chefe do Estado-Maior da Wehrmacht durante as últimas horas do III Reich, em Abril de 1945.

Finalmente, voltando a arrastar os pés para junto dos japoneses, Estaline tornou a abraçar o mais do que muito abraçado Matsuoka, exclamando:

– Vamos organizar a Europa e a Ásia!

De braço dado, acompanhou o japonês até à sua carruagem e aguardou que o comboio partisse. Os diplomatas nipónicos escoltaram Estaline até ao *Packard* blindado que o esperava, enquanto o embaixador, «empoleirado num banco, agitava o lenço e gritava numa voz estridente: “Obrigado, obrigado!”»

\* \* \*

As celebrações não tinham ainda acabado para Estaline e Molotov. Ao entrar no carro, Estaline ordenou a Vlasik que ligasse para Zubalovo e dissesse a Svetlana, na altura com quinze anos, que reunisse a família para uma festa:

«Estaline vai chegar de um momento para o outro.» Svetlana correu a dizer à tia, Ana Redens, que estava na *dacha* com os filhos e Gulia Djugachvili, a filha de Iakov, com três anos:

– O pai vem aí!

Ana Redens não via Estaline pelo menos desde a discussão por causa da detenção do marido, e com toda a certeza desde que ele fora executado. Juntaram-se todos nos degraus da entrada. Minutos mais tarde, um Estaline muito bêbedo e invulgarmente bem-disposto abriu a porta do carro e gritou a Leonid Redens, então com doze anos:

– Anda daí... vamos dar um passeio!

O motorista andou um pedaço à volta dos canteiros. Finalmente, Estaline apeou-se e abraçou a apreensiva Ana Redens, que tinha ao colo Vladimir, o filho de seis anos. Estaline admirou o seu angélico sobrinho:

– Por um filho tão maravilhoso, façamos as pazes. Perdoo-te.

A pequena Gulia, a primeira neta de Estaline, foi trazida para ser admirada, mas chorou e esperneou tanto que foi rapidamente devolvida ao seu quarto. Estaline sentou-se à mesa em que, noutros tempos, presidira com Nádia às reuniões da sua jovem família. Foram servidos bolos e chocolates. Estaline sentou Vladimir nos joelhos e começou a abrir os chocolates: o rapazinho reparou «nos dedos dele, muito compridos e bonitos».

– Estão a estragar as crianças comprando-lhes prendas que elas nem sequer querem – ralhou Estaline, mas, diz Vladimir, «à sua maneira muito bondosa, que fazia com que todos o amassem».

Depois do chá, Estaline subiu para uma sesta. Passara toda a noite anterior em branco. Mais tarde, Molotov, Béria e Mikoian chegaram para o jantar,\* durante o qual

\* A 13 de Março de 1941, Svetlana escreveu ao pai: «Meu querido secretariozinho! Por que é que, recentemente, tens chegado a casa tão tarde? (...) Não tem importância, não quero tornar os meus respeitados secretários infelizes com a minha severidade. Come tudo o que quiseres. Também podes beber. Só peço que não ponhas legumes e outras comidas nas cadeiras das pessoas, na esperança de que alguém se sente

«Estaline atirou cascas de laranja para os pratos de toda a gente. Em seguida, atirou uma rolha para dentro do gelado», o que deliciou Vladimir Alliluyev. A família não tinha meio de saber que a iminente invasão de Hitler e a exaustão e paranóia de Estaline iam fazer daquilo o fim de uma era.

\* \* \*

Foi um oásis de alegria num céu cada vez mais negro. Dividido entre a tentação de tomar como realidade os desejos da sua poderosa vontade e as provas que se acumulavam, Estaline teimava em acreditar que um êxito diplomático com Hitler estava mesmo ao virar da esquina, apesar de conhecer, através dos seus espiões, a data marcada para o início da Operação Barba Ruiva. Quando Stafford Cripps, o embaixador britânico, lhe entregou uma carta de Winston Churchill a avisá-lo da invasão, o gesto teve o efeito contrário, convencendo Estaline de que a Grã-Bretanha estava a tentar enganar a Rússia: «Ameaça-nos a nós com os alemães, e aos alemães com a União Soviética», disse a Zhukov. «Estão a jogar-nos um contra o outro.»

Não estava, no entanto, completamente a leste do que se passava: na competição a que Molotov chamava «o grande jogo», Estaline pensava que a Rússia poderia manter-se afastada da guerra até 1942. «Só em 1943 estaremos em condições de enfrentar os alemães em pé de igualdade», disse a Molotov. Como sempre, procurava na leitura a solução para o problema, estudando minuciosamente a guerra franco-alemã de 1870. Ele e Zhdanov citavam frequentemente a sensata opinião de Bismarck, segundo a qual a Alemanha nunca devia enfrentar uma guerra em duas frentes: a Grã-Bretanha continuava invicta, portanto Hitler não atacaria. «Hitler não é tão parvo», dizia Estaline, «que não consiga perceber a diferença entre a URSS e a Polónia e a França, ou até a Inglaterra, ou até todos eles juntos.» Mas a sua carreira foi toda ela um triunfo da vontade sobre a realidade.

Insistiu em acreditar que Hitler, o jogador arrojado e «sonâmbulo» da História mundial, era um estadista racional de tipo bismarckiano, como ele próprio. Depois da guerra, em conversa com um pequeno grupo que incluía Dekanozov, embaixador em Berlim em 1941, Estaline, reflectindo em voz alta sobre essa época, explicou obliquamente o seu pensamento: «Quando estiverem a tentar tomar uma decisão, NUNCA se ponham no lugar da outra pessoa, porque, se o fizerem, poderão cometer um erro terrível.»

---

em cima deles. Estraga as cadeiras (...).» Era uma primeira sugestão das estúpidas brincadeiras que caracterizariam os jantares de Estaline depois da guerra. «Obedecemos», respondeu o *Vozhd*. «Beijos para o meu passarinho. O teu secretariozinho, Estaline.»

\* Dekanozov contou repetidamente esta história ao filho, Reginald, que a registou nas suas Notas antes de, muito recentemente, ter falecido. Nunca tinha sido publicada. O autor agradece a Nádia Dekanozova, de Tbilisi, Geórgia, ter-lhe disponibilizado esta fonte.

As medidas militares eram angustiosamente lentas. Zhdanov e Kulik sugeriram a remoção do velho armamento existente nas Zonas Fortificadas e a sua transferência para as novas zonas, que ainda não estavam acabadas. Zhukov objectou: não havia tempo. Estaline apoiou os seus cortesãos. Resultado: as fortificações não estavam prontas quando se deu o assalto.

A 20 de Abril, Ilia Ehrenburg, o escritor judeu que Estaline admirava, soube que o seu romance antialemão, *A Queda de Paris*, tinha sido recusado pelos censores, que continuavam a obedecer às ordens de Estaline para não ofender Hitler. Quatro dias mais tarde, Poskrebichev telefonou-lhe, a dizer que ligasse para um determinado número: «O camarada Estaline quer falar consigo.» Mal conseguiu a ligação, os cães começaram a ladrar, e a mulher teve de retirá-los da sala. Estaline disse-lhe que tinha gostado do livro: tencionava Ehrenburg denunciar o fascismo? O escritor respondeu que era difícil atacar os fascistas, uma vez que não lhe era permitido usar a palavra. «Continue a escrever», disse-lhe Estaline, jovialmente, «nós os dois vamos tentar fazer passar a terceira parte.» Era típico deste ditador estranhamente letrado pensar que aquilo iria alarmar os alemães: Hitler estava muito para lá de subtilezas literárias.

Agora, até os membros do círculo íntimo de Estaline sentiam no ar o cheiro a guerra. Era tão omnipresente que Zhdanov sugeriu que se cancelasse o desfile do Primeiro de Maio, que talvez fosse demasiado «provocador». Estaline não o cancelou, mas colocou Dekanozov, o embaixador em Berlim, mesmo a seu lado no alto do Mausoléu, para assinalar a sua amizade para com os alemães.

A 4 de Maio, enviou a Hitler um novo sinal de que estava pronto para falar: substituiu Molotov como primeiro-ministro, promovendo o protegido de Zhdanov, Nikolai Voznessenski, o ousado maestro económico, ao cargo de seu adjunto no Buro interior. Com trinta e oito anos, Voznessenski conhecera uma ascensão meteórica, e isto enurecia os outros: Mikoyan, que se sentia especialmente magoado, achava que ele era «economicamente educado, mas professoral, sem experiência prática». Voznessenski, natural de Leninegrado, bem-parecido e inteligente, mas arrogante, ficou «ingenuamente feliz com a nomeação», mas já Béria e Malenkov se ressentiam da proeminência do acerbo tecnocrata: Estaline «promoveu um professor para nos dar lições», sussurrou Malenkov a Béria. Dali em diante, Estaline governaria como primeiro-ministro através dos seus adjuntos, como Lenine fizera, equilibrando a rivalidade entre Béria e Malenkov, por um lado, e Zhdanov e Voznessenski, pelo outro. Ao mesmo tempo, expressou vestimentariamente a sua emergência na cena mundial, pondo de lado as calças tufadas e as botas. «Passou a usar calças lisas, bem engomadas, e botins com atacadores».

Finalmente, preparou os militares para a possibilidade da guerra. A 5 de Maio, recebeu apenas um visitante: Zhdanov, recém-promovido a adjunto do *Vozhd* no partido, esteve com ele vinte e seis minutos. Às seis da tarde, os dois homens saíram do «Cantinho» e dirigiram-se ao Grande Palácio do Kremlin, onde os esperavam dois mil oficiais: Estaline entrou com Zhdanov, Timochenko e Zhukov. O presidente Kalinine

«Estaline atirou cascas de laranja para os pratos de toda a gente. Em seguida, atirou uma rolha para dentro do gelado», o que deliciou Vladimir Alliluyev. A família não tinha meio de saber que a iminente invasão de Hitler e a exaustão e paranóia de Estaline iam fazer daquilo o fim de uma era.

\* \* \*

Foi um oásis de alegria num céu cada vez mais negro. Dividido entre a tentação de tomar como realidade os desejos da sua poderosa vontade e as provas que se acumulavam, Estaline teimava em acreditar que um êxito diplomático com Hitler estava mesmo ao virar da esquina, apesar de conhecer, através dos seus espiões, a data marcada para o início da Operação Barba Ruiva. Quando Stafford Cripps, o embaixador britânico, lhe entregou uma carta de Winston Churchill a avisá-lo da invasão, o gesto teve o efeito contrário, convencendo Estaline de que a Grã-Bretanha estava a tentar enganar a Rússia: «Ameaça-nos a nós com os alemães, e aos alemães com a União Soviética», disse a Zhukov. «Estão a jogar-nos um contra o outro.»

Não estava, no entanto, completamente a leste do que se passava: na competição a que Molotov chamava «o grande jogo», Estaline pensava que a Rússia poderia manter-se afastada da guerra até 1942. «Só em 1943 estaremos em condições de enfrentar os alemães em pé de igualdade», disse a Molotov. Como sempre, procurava na leitura a solução para o problema, estudando minuciosamente a guerra franco-alemã de 1870. Ele e Zhdanov citavam frequentemente a sensata opinião de Bismarck, segundo a qual a Alemanha nunca devia enfrentar uma guerra em duas frentes: a Grã-Bretanha continuava invicta, portanto Hitler não atacaria. «Hitler não é tão parvo», dizia Estaline, «que não consiga perceber a diferença entre a URSS e a Polónia e a França, ou até a Inglaterra, ou até todos eles juntos.» Mas a sua carreira foi toda ela um triunfo da vontade sobre a realidade.

Insistiu em acreditar que Hitler, o jogador arrojado e «sonâmbulo» da História mundial, era um estadista racional de tipo bismarckiano, como ele próprio. Depois da guerra, em conversa com um pequeno grupo que incluía Dekanozov, embaixador em Berlim em 1941, Estaline, reflectindo em voz alta sobre essa época, explicou obliquamente o seu pensamento: «Quando estiverem a tentar tomar uma decisão, NUNCA se ponham no lugar da outra pessoa, porque, se o fizerem, poderão cometer um erro terrível.»

---

em cima deles. Estraga as cadeiras (...).» Era uma primeira sugestão das estúpidas brincadeiras que caracterizariam os jantares de Estaline depois da guerra. «Obedecemos», respondeu o *Vozhd*. «Beijos para o meu passarinho. O teu secretariozinho, Estaline.»

\* Dekanozov contou repetidamente esta história ao filho, Reginald, que a registou nas suas Notas antes de, muito recentemente, ter falecido. Nunca tinha sido publicada. O autor agradece a Nádia Dekanozova, de Tbilisi, Geórgia, ter-lhe disponibilizado esta fonte.

As medidas militares eram angustiosamente lentas. Zhdanov e Kulik sugeriram a remoção do velho armamento existente nas Zonas Fortificadas e a sua transferência para as novas zonas, que ainda não estavam acabadas. Zhukov objectou: não havia tempo. Estaline apoiou os seus cortesãos. Resultado: as fortificações não estavam prontas quando se deu o assalto.

A 20 de Abril, Ilia Ehrenburg, o escritor judeu que Estaline admirava, soube que o seu romance antialemão, *A Queda de Paris*, tinha sido recusado pelos censores, que continuavam a obedecer às ordens de Estaline para não ofender Hitler. Quatro dias mais tarde, Poskrebichev telefonou-lhe, a dizer que ligasse para um determinado número: «O camarada Estaline quer falar consigo.» Mal conseguiu a ligação, os cães começaram a ladrar, e a mulher teve de retirá-los da sala. Estaline disse-lhe que tinha gostado do livro: tencionava Ehrenburg denunciar o fascismo? O escritor respondeu que era difícil atacar os fascistas, uma vez que não lhe era permitido usar a palavra. «Continue a escrever», disse-lhe Estaline, jovialmente, «nós os dois vamos tentar fazer passar a terceira parte.» Era típico deste ditador estranhamente letrado pensar que aquilo iria alarmar os alemães: Hitler estava muito para lá de subtilezas literárias.

Agora, até os membros do círculo íntimo de Estaline sentiam no ar o cheiro a guerra. Era tão omnipresente que Zhdanov sugeriu que se cancelasse o desfile do Primeiro de Maio, que talvez fosse demasiado «provocador». Estaline não o cancelou, mas colocou Dekanozov, o embaixador em Berlim, mesmo a seu lado no alto do Mausoléu, para assinalar a sua amizade para com os alemães.

A 4 de Maio, enviou a Hitler um novo sinal de que estava pronto para falar: substituiu Molotov como primeiro-ministro, promovendo o protegido de Zhdanov, Nikolai Voznessenski, o ousado maestro económico, ao cargo de seu adjunto no Buro interior. Com trinta e oito anos, Voznessenski conhecera uma ascensão meteórica, e isto enurecia os outros: Mikonian, que se sentia especialmente magoado, achava que ele era «economicamente educado, mas professoral, sem experiência prática». Voznessenski, natural de Leninegrado, bem-parecido e inteligente, mas arrogante, ficou «ingenuamente feliz com a nomeação», mas já Béria e Malenkov se ressentiam da proeminência do acerbo tecnocrata: Estaline «promoveu um professor para nos dar lições», sussurrou Malenkov a Béria. Dali em diante, Estaline governaria como primeiro-ministro através dos seus adjuntos, como Lenine fizera, equilibrando a rivalidade entre Béria e Malenkov, por um lado, e Zhdanov e Voznessenski, pelo outro. Ao mesmo tempo, expressou vestimentariamente a sua emergência na cena mundial, pondo de lado as calças tufadas e as botas. «Passou a usar calças lisas, bem engomadas, e botins com atacadores».

Finalmente, preparou os militares para a possibilidade da guerra. A 5 de Maio, recebeu apenas um visitante: Zhdanov, recém-promovido a adjunto do *Vozhd* no partido, esteve com ele vinte e seis minutos. Às seis da tarde, os dois homens saíram do «Cantinho» e dirigiram-se ao Grande Palácio do Kremlin, onde os esperavam dois mil oficiais: Estaline entrou com Zhdanov, Timochenko e Zhukov. O presidente Kalinine

apresentou um Estaline «severo», que elogiou a moderna mecanização do seu «novo exército». Então, atribuiu excentricamente a derrota francesa à desilusão amorosa: os Franceses estavam tão «inebriados de auto-satisfação» que desdenhavam os seus próprios guerreiros, ao ponto de «as raparigas nem quererem casar com soldados». O exército alemão era invencível? «Não há no mundo exércitos invencíveis», mas a guerra vinha a caminho. «Se VM Molotov (...) conseguir adiar por dois ou três meses o início da guerra, será uma sorte para nós.» Ao jantar, brindou: «Viva a política dinâmica e ofensiva do Estado soviético», acrescentando que «quem não reconhecer isto é um filisteu e um tolo». Foi um alívio para os militares: Estaline não vivia numa nuvem, numa terra de fantasia. O Estado estava preparado para lutar. Ou não estaria? O Estado não tinha a certeza.\*

Os potentados tentaram seguir uma rota entre a infalibilidade de Estaline e a realidade de Hitler: o absurdo de explicar como o exército tinha de estar pronto para uma guerra ofensiva que pura e simplesmente não ia acontecer, enquanto ao mesmo tempo se proclamava que não havia mudança de política; era tão ridículo que se enredaram em nós de sofisma estalinista e loucura neroniana. «Precisamos de um novo tipo de propaganda», declarou Zhdanov perante o Supremo Conselho Militar.

– Vai apenas um passo da paz à guerra. Por isso, a nossa propaganda não pode ser pacifista.

– Fomos nós próprios que concebemos a propaganda tal como está – explodiu Budeny (o que significava que iam ter de explicar por que razão estavam a modificá-la).

– Só estamos a alterar a palavra de ordem – protestou Zhdanov.

– Como se fôssemos para a guerra já amanhã! – troçou o pusilânime Malenkov, dezoito dias antes da invasão.

A 7 de Maio, Schulenburg, que se opunha secretamente à invasão de Hitler, tomou o pequeno-almoço com o embaixador soviético em Berlim, Dekanozov, a quem tentou ambiguamente avisar. Encontraram-se três vezes, mas «ele não avisou», disse mais tarde Molotov, «insinuou e insistiu na necessidade de negociações diplomáticas». Dekanozov informou Estaline, que estava a ficar cada vez mais mal-humorado e nervoso. «Estou a ver que a desinformação chegou agora ao nível dos embaixadores», resmungou. Dekanozov discordou.

---

\* Mas os discursos geraram um intenso debate sobre se Estaline estaria ou não a planejar um ataque preventivo contra Hitler: o chamado Debate Suvorov, que se seguiu ao artigo publicado por Victor Suvorov, em Junho de 1985. Suvorov alegou que Estaline se preparava para atacar Hitler, por causa da mobilização parcial e a construção de fortificações nas fronteiras ocidentais, a proximidade de bases aéreas e porque o general Zhukov tinha preparado um plano de ataque. Este ponto de vista está hoje desacreditado. Parece agora que a verdadeira opinião do Estado-Maior, incluindo o general Vassilevski, era que teriam de recuar muito mais profundamente para o interior do território – daí a proposta de Vassilevski de transferir as bases aéreas e as infra-estruturas para junto do Volga, uma proposta que Kulik e Mekhlis acusaram de ser «derrotista». No entanto, Estaline sempre manteve uma guerra ofensiva como uma possibilidade real, além de uma necessidade ideológica. Quanto aos discursos, destinavam-se unicamente a elevar o moral do exército e mostrar algum realismo quanto à situação soviética.

– Como se permite discutir com o camarada Estaline? – ameaçou Vorochilov durante um intervalo da reunião. – Ele sabe mais e vê mais longe do que qualquer um de nós!

A 10 de Maio, Estaline soube do quixotesco voo pela paz de Rudolf Hess, o delfim do *Führer*, até à Escócia. Os potentados, recordaria Khrushchev – que, naquele dia, se encontrava no gabinete –, estavam todos comprehensivelmente convencidos de que a missão de Hess tinha como alvo a União Soviética. Mas Estaline parecia finalmente disposto a preparar-se para a guerra, ainda que, é forçoso admiti-lo, de uma maneira tão frouxa que quase não se dava por ela. A 12 de Maio, autorizou os generais a reforçar as fronteiras, chamando ao activo 500.000 reservistas, mas com um medo enorme de ofender Hitler. Quando Timochenko comunicou que os alemães estavam a levar a cabo voos de reconhecimento, reflectiu: «Não estou certo de que Hitler saiba desses voos.» A 24, recusou tomar quaisquer novas medidas.

A paralisia voltou a atacar. Estaline nunca pediu desculpa, mas, mais tarde, reconheceu muito indirectamente os seus erros ao agradecer ao povo russo a «pacIÊncia» que demonstrara. Continuava, mesmo assim, a atirar a maior parte das culpas dos seus erros para os ombros de terceiros, admitindo que tinha «confiado demasiado na cavalaria». Zhukov confessou os seus erros: «Possivelmente, não tinha influência suficiente.» Mas não fora esta a verdadeira razão da sua inacção. Se tivesse exigido a mobilização, Estaline ter-lhe-ia perguntado: «Com base em quê? Béria, leva-o para uma masmorra!» Kulik resumiu bem a atitude da maior parte dos militares: «Isto é alta política. Não tem nada a ver connosco.»

A informação chegava em catadupas. Anteriormente, tinha sido apresentada de uma maneira ambígua, mas agora era perfeitamente claro que uma negra ameaça pesava sobre as fronteiras ocidentais. Merkulov reportava diariamente a Estaline, que enfrentava uma avalanche de dados de todos os tipos vindos das mais variadas fontes. Quando, a 9 de Junho, Timochenko e Zhukov referiram a montanha de relatórios dos serviços de espionagem, Estaline atirou-lhes os papéis à cara e rosou: «E eu tenho documentos diferentes!» Trocou de Richard Sorge, o incomparável agente colocado em Tóquio que usava os seus apetites amorosos e sibaríticos para esconder as suas actividades de espionagem: «Há esse tal filho da mãe que montou fábricas e bordéis em Tóquio e que até se dignou anunciar a data do ataque, 22 de Junho. Estão a sugerir que também acredeite nele?»

A CONTAGEM DECRESCENTE:  
22 DE JUNHO DE 1941

A 13 de Junho, Timochenko e Zhukov, eles próprios deprimidos e confusos, alertaram Estaline para um redobrar de actividade junto à fronteira. «Vamos pensar nisso», respondeu Estaline, que no dia seguinte perdeu a cabeça ao ouvir Zhukov propor a mobilização: «Isso significa a guerra. Compreende isto, ou não?» Perguntou então quantas divisões se encontravam estacionadas na região da fronteira.

Zhukov disse-lhe que havia 149.

«Bem, e isso não chega? Os alemães não têm tantas (...).» Mas os alemães estavam em pé de guerra, respondeu Zhukov. «Não se pode acreditar em tudo o que os relatórios da espionagem dizem», declarou Estaline.

A 16, Merkulov confirmou a decisão final de atacar, comunicada pelo agente «Starshina», infiltrado no quartel-general da Luftwaffe.\* «Diga à “fonte” no Estado-Maior da Força Aérea alemã que vá foder a mãe!», rabiscou Estaline, em resposta. «Isso não é uma fonte, é um desinformador. J. Est.» Até Molotov tentou autoconvencer-se: «Seriam loucos se nos atacassem», disse ao almirante Kuznetsov.

Dois dias mais tarde, numa reunião de três horas descrita pelo general, Timochenko e Zhukov insistiram com Estaline para que lançasse um alerta total, enquanto o *Vozhd* brincava com o lápis ou batia com o cachimbo no tampo da mesa, e os potentados concordavam com as maníacas ilusões do chefe ou se remetiam a um silêncio sombrio,

---

\* A 14 de Junho, Hitler reuniu a sua última conferência militar antes do início da Operação Barba Ruiva. Os generais chegaram ao quartel-general a horas diferentes, para não levantar suspeitas. A 16, convocou Goebbels para lhe dar instruções.

a única forma de protesto de que dispunham. Repentinamente, Estaline levantou-se de um salto e gritou a Zhukov:

— Veio assustar-nos a todos com a guerra, ou quer uma guerra porque não tem condecorações suficientes ou a sua patente não é suficientemente alta?

Zhukov empalideceu e sentou-se, mas Timochenko voltou a avisar Estaline, o que o deixou frenético:

— A culpa é de Timochenko, está a preparar-nos a todos para a guerra. Devia ser fuzilado, mas eu conheço-o como um bom soldado desde a Guerra Civil.

Timochenko respondeu que se limitava a repetir o discurso de Estaline a respeito da inevitabilidade da guerra.

— Como vêem — disse Estaline, dirigindo-se ao Politburo —, Timochenko é um bom homem com uma grande cabeça, mas, aparentemente, um cérebro pequeno. — Ergueu um polegar. — Disse-o para as pessoas, porque queremos que estejam alerta, mas vocês devem compreender que a Alemanha nunca atacará a Rússia por sua própria iniciativa. Têm de compreender isto.

Saiu precipitadamente, deixando atrás de si um angustiado silêncio, mas «logo a seguir voltou a enfiar a cara marcada pelas bexigas na abertura da porta e disse em voz alta: “Se provocarem os alemães na fronteira transferindo tropas para lá sem nossa autorização, vão rolar cabeças. Notem bem o que lhes digo.” E bateu com a porta.»

Estaline chamou Khrushchev, que deveria estar a vigiar a fronteira ucraniana, a Moscovo e não queria deixá-lo partir. «Estaline dizia-me constantemente que adiasse a minha partida. “Espera”, dizia. “Não tenhas tanta pressa. Não há necessidade de voltar para lá a correr.”» Khrushchev ocupava um lugar muito especial no afecto de Estaline: talvez o seu incontível optimismo, a sua adoradora devoção e a sua astúcia prática fizessem dele um companheiro útil num momento daqueles. Estaline estava «num estado de confusão, ansiedade, desmoralização, quase paralisia», segundo Khrushchev, acalmando os seus temores com noites sem dormir e muita bebida em intermináveis jantares em Kuntsevo. «Sentia-se a estática», diz Khrushchev, «a descarga de tensão.» Na sexta-feira, 20, Khrushchev disse, finalmente:

— Tenho de ir. A guerra vai começar de um momento para o outro. Pode apanhar-me aqui em Moscovo, ou no caminho de regresso à Ucrânia.

— Está bem — respondeu Estaline. — Vai.

A 19, Zhdanov, que governava o país juntamente com Estaline e Molotov, partira para umas férias de mês e meio. Sofrendo de asma, e da amizade sufocante de Estaline, estava exausto. «Mas tenho um mau pressentimento de que os alemães podem invadir», disse a Estaline. «Os alemães já perderam o melhor momento», foi a resposta. «Aparentemente, vão atacar para o ano. Vai de férias.»\* Mikoian achava que era uma

\* Talvez Estaline tenha encorajado Zhdanov a fim de reforçar a sua própria e abalada confiança: quando Dmitrov lhe passou um aviso vindo da Áustria, Estaline respondeu que não podia ser nada de grave, uma vez que Zhdanov, que comandava o Distrito Militar de Leninegrado, tinha ido de férias.

ingenuidade ir, mas Molotov encolheu os ombros. «Um homem doente precisa de descansar.» «Fomos [portanto] de férias», recorda Iuri, o filho de Zhdanov. «Chegámos a Sochi no sábado, 21 de Junho.»

A 20 de Junho, Dekanozov, de novo em Berlim, avisou firmemente Béria de que o ataque estava iminente. Béria ameaçou o seu protegido, enquanto Estaline resmungava que o «Kartveliano Lento» «não era suficientemente esperto para perceber as coisas sozinho». Béria transmitiu a «desinformação» a Estaline, com uma bajuladora mas ligeiramente irónica nota:

«Eu e a minha gente, José Vissarionovitch, recordamos firmemente a sua sábia previsão: Hitler não nos atacará em 1941!»

Por volta das sete e meia da tarde, Mikoian, primeiro-ministro-adjunto para a Marinha Mercante, recebeu um telefonema do comandante do porto de Riga: vinte e cinco navios alemães tinham levantado âncora e partido, apesar de muitos não terem ainda descarregado. Mikoian correu para o gabinete de Estaline, onde estavam reunidos vários líderes.

– Tem de ser uma provocação – disse-lhe Estaline, furiosamente. – Eles que partam.

O Politburo ficou alarmado, mas, é evidente, nada disse. Molotov estava profundamente preocupado: «A situação é pouco clara, está em curso um grande jogo», confiou ao comunista búlgaro Dmitrov, no sábado, 21 de Junho. «Nem tudo depende de nós.» O general Golikov apresentou novas provas: «Esta informação», escreveu Estaline no documento, «é uma provocação dos ingleses. Descubram quem é o autor e castiguem-no.» O serviço de bombeiros comunicou que a embaixada alemã estava a queimar documentos. O governo britânico e até Mao Tsé-tung (uma fonte surpreendente, via Comintern) enviaram alertas. Estaline telefonou a Khrushchev, para avisá-lo de que a guerra poderia começar no dia seguinte, e perguntou a Tiulenev, o comandante de Moscovo:

«Como estão as coisas com a defesa antiaérea de Moscovo? Note que a situação é tensa (...). Coloque as forças da defesa antiaérea de Moscovo a 75% de preparação para o combate.»

Sábado, 21 de Junho, foi um dia quente e desconfortável em Moscovo. As escolas estavam fechadas para férias. O Dínamo de Moscovo, a equipa de futebol, perdeu o jogo. Os teatros levavam à cena o *Rigoletto*, *La Traviata* e *As Três Irmãs*, de Chekov. Estaline e o Politburo passaram o dia de um lado para o outro. Ao fim da tarde, Estaline estava profundamente perturbado com os relatórios persistentemente ominosos que nem o seu Terror conseguia dissipar. Molotov voltou a juntar-se-lhe, por volta das seis e meia.

No exterior do «Cantinho», Poskrebichev, sentado junto a uma janela aberta, bebericava água *Narzan*. Telefonou a Chadaev, o jovem Sovnarkom adjunto.

– Alguma coisa importante? – sussurrou Chadaev.

— Eu diria que sim — respondeu Poskrebichev. — O Chefe falou com o Timochenko. Estava muito agitado... Estão à espera do... tu sabes... do ataque alemão...

Por volta das sete, Estaline ordenou a Molotov que convocasse Schulenburg para protestar contra os voos de reconhecimento alemães... e descobrir o que pudesse. Molotov correu para o seu gabinete, no mesmo edifício. Entretanto,\* Timochenko telefonou a comunicar que um deserto alemão revelara o plano de invasão para essa madrugada. Estaline balançava entre a força da realidade e a auto-ilusão da sua infalibilidade.

No gabinete de Molotov, Schulenburg ficou aliviado ao verificar que o comissário dos Negócios Estrangeiros não se apercebera ainda da enormidade da tragédia que ia abater-se sobre o seu país. O russo perguntou-lhe por que razão parecia a Alemanha insatisfita com o seu aliado soviético. E por que tinham as mulheres e as crianças da embaixada alemã abandonado Moscovo?

— Nem TODAS as mulheres — respondeu Schulenburg. — A minha esposa continua cá.

Molotov fez o que Hilger, o ajudante do embaixador, descreveu como «um encolher de ombros», e regressou ao gabinete de Estaline.

Timochenko chegou nessa altura, juntamente com a maior parte dos potentados: Vorochilov, Béria, Malenkov e o poderoso jovem vice-primeiro-ministro, Voznessenski. Às oito e um quarto, Timochenko regressou ao Comissariado da Defesa, de onde informou Estaline de que um segundo deserto tinha avisado que a guerra ia começar às quatro da madrugada. Estaline chamou-o de volta ao «Cantinho». Timochenko chegou às dez para as nove, com Zhukov e Budeny, o comissário-adjunto da Defesa, que conhecia Estaline muito melhor do que eles e tinha muito menos medo do *Vohzd*. Budeny admitiu que não sabia o que estava a acontecer na fronteira, uma vez que era apenas o comandante da frente interna. Budeny tinha desempenhado um papel ambíguo durante o Terror, mas mesmo nessa altura nunca se coibira de dizer o que pensava, uma qualidade rara naqueles círculos. Estaline nomeou-o comandante do Exército de Reserva. Foi então que Mekhlis, recentemente recolocado no seu antigo cargo — chefe do Departamento Político do Exército, o polícia de Estaline —, se juntou à funérea vigília.

«Bom, e agora?», perguntou-lhes Estaline, andando de um lado para o outro. Fez-se silêncio. Os membros do Politburo mantiveram-se mudos e quedos, como bonecos. Timochenko foi o único a falar: «Todas as tropas nos distritos fronteiriços» devem ser colocadas em «alerta total.»

---

\* Este relato baseia-se nas memórias de Molotov, Mikojan, Zhukov, Timochenko, Hilger e outros, mas os horários foram tirados do Livro de Registos do Kremlin, que está, evidentemente, incompleto. Mas, como, no meio do medo, incerteza e caos daquela noite, cada um refere naturalmente uma hora diferente para os diversos encontros, serve, pelo menos, para nos dar um quadro de referência. Zhukov parece não ter assistido à primeira reunião, às 19:05, e Vatutine, que era vice-chefe do Estado-Maior e aparece no relato de Zhukov, nem sequer é referido. Nem Mikojan. O que não significa que não estivessem presentes: na loucura das idas e vindas, até a Poskrebichev se pode perdoar um ou outro engano.

«Não terão mandado o desertor de propósito para nos provocar?», disse Estaline, mas então ordenou a Zhukov: «Leia isto em voz alta.» Quando Zhukov chegou à ordem de Alerta Máximo, Estaline interrompeu-o: «Seria prematuro emitir essa ordem agora. Talvez ainda seja possível resolver a questão de forma pacífica.» Tinham de evitar quaisquer provocações. Zhukov obedeceu a estas instruções à letra. Sabia qual era a alternativa: «A masmorra de Béria!»

Os potentados falavam agora timidamente, concordando com os generais que convinha pôr as tropas em alerta, «não fosse o caso de». Estaline fez um sinal de cabeça aos generais, que passaram para o gabinete de Poskrebichev para reescrever a ordem. Quando voltaram, o revisor compulsivo adoçou-a ainda um pouco mais. Os generais apressaram-se a voltar ao Comissariado da Defesa, de onde transmitiram a ordem para os distritos militares: «É possível um ataque-surpresa dos alemães a 22-23 de Junho (...). A missão das nossas forças é absterem-se de qualquer espécie de acção provocadora (...).» Quando tudo isto ficou feito, já passava da meia-noite de domingo, 22 de Junho.

Estaline disse a Budeny que a guerra começaria provavelmente no dia seguinte. Budeny saiu às dez, Timochenko, Zhukov e Mekhlis um pouco mais tarde. Estaline continuava a andar de um lado para o outro. Béria saiu, presumivelmente para verificar os últimos relatórios dos serviços secretos, e voltou às dez e quarenta. Às onze, os líderes subiram ao apartamento de Estaline, onde se sentaram na sala de jantar. «Estaline continuava a garantir-nos que Hitler não iniciaria a guerra», afirmaria Mikoian.

«Julgo que o Hitler está a tentar provocar-nos», disse Estaline, segundo Mikoian. «Com toda a certeza não se decidiu pela guerra!»

Zhukov voltou a telefonar à meia-noite e meia: um terceiro desertor, um operário comunista de Berlim chamado Alfred Liskov, atravessara o Pruth a nado para avisar de que a ordem de invasão fora lida à sua unidade. Estaline confirmou que a ordem de Alerta Máximo estava a ser transmitida, e em seguida ordenou que Liskov fosse executado pela sua «desinformação». Mesmo numa noite daquelas, era impossível quebrar a rotina estalinista de brutalidade... e de entretenimento: o Politburo saiu, pela Porta Borovitski, em direcção a Kuntsevo, numa caravana de limusinas que atravessou as ruas desertas com a sua escolta de homens do NKGB. Os generais, vigiados por Mekhlis, permaneceram no Comissariado da Defesa. Mas, noutras pontas da cidade, os cansados comissários, guardas e dactilografas, que esperavam todas as noites (incluindo sábados) que Estaline deixasse o Kremlin, puderam ir para casa dormir. Pelos padrões do *Vozhd*, era cedo.

Molotov dirigiu-se ao Comissariado dos Negócios Estrangeiros para enviar um último telegrama a Dekanozov, que em Berlim estava já a tentar contactar Ribbentrop para fazer as perguntas a que Schulenburg não respondera. Feito isto, foi juntar-se aos outros em Kuntsevo: «Até talvez tenhamos visto um filme», disse. Por volta das duas da manhã, depois de cerca de uma hora a jantar, beber e conversar (as memórias que

Zhukov, Molotov e Mikoian guardaram daquela noite eram confusas), regressaram aos respectivos apartamentos no Kremlin.\*

Muito longe, ao longo de toda a fronteira soviética, os bombardeiros da Luftwaffe voavam para os seus alvos. No mesmo dia em que o Grande Exército de Napoleão invadira a Rússia, 129 anos antes, os mais de três milhões de soldados de Hitler – alemães, croatas, finlandeses, romenos, húngaros, italianos e até espanhóis –, apoiados por 3600 tanques, 600.000 veículos motorizados, 7000 peças de artilharia, 2500 aviões e cerca de 625.000 cavalos, atravessavam a fronteira e atacavam forças soviéticas em número quase igual, com 14.000 tanques (2000 dos quais modernos), 34.000 canhões e mais de 8000 aviões. A maior guerra de todos os tempos ia começar, num duelo entre aqueles dois brutais e loucos egomaníacos. E ambos, provavelmente, estavam ainda a dormir.

---

\* Aproximadamente pela mesma altura, Hitler decidiu aproveitar uma hora de sono antes do início da invasão: «A sorte da guerra deve agora decidir-se.» Antes disso, um Hitler exausto e ansioso andara de um lado para o outro no gabinete, com Goebbels, a trabalhar na proclamação que seria lida ao povo alemão na manhã seguinte. «Esta excrescência cancerosa tem de ser queimada», disse Hitler a Goebbels. «Estaline cairá.» Liskov, o desertor alemão, estava ainda a ser interrogado duas horas e meia mais tarde, quando a invasão começou: não foi executado. Os acontecimentos daquela noite foram tão dramáticos que cada um dos participantes recorda horas diferentes: Molotov julgava ter deixado Estaline à meia-noite; Mikoian, às três da manhã. Molotov afirmava que Zhukov, que é usado como fonte pela maior parte dos historiadores, situou os acontecimentos mais tarde para amplificar o seu próprio papel. Pelo menos alguma da confusão deve-se à diferença horária entre a Alemanha e a Rússia: este relato baseia-se na hora russa. Mas é mais fácil situar os acontecimentos de acordo com a eficiência teutónica da invasão alemã, que começou às 03:30, hora alemã (04:30 pela hora russa), e pela chegada das instruções que Berlim enviou a Schulenburg. É claro, pelas três memórias, que o grupo se deslocou do gabinete de Estaline para o apartamento, e depois para Kuntsevo, entre as nove da noite e as três da manhã.



SÉTIMA PARTE

**GUERRA:  
O GÉNIO TRAPALHÃO,  
1941-1942**

33  
OPTIMISMO E COLAPSO

Estaline já se tinha retirado quando Zhukov ligou para Kuntsevo.

– Quem fala? – perguntou, com voz sonolenta, o general do NKGB que atendeu o telefone.

– Zhukov. Chefe do Estado-Maior. Ponha-me em contacto com o camarada Estaline. É urgente.

– O quê, agora? O camarada Estaline está a dormir.

– Acorde-o imediatamente! – ordenou Zhukov ao oficial de serviço. – Os alemães estão a bombardear as nossas cidades.

Seguiu-se um silêncio. Zhukov esperou o que lhe pareceu uma eternidade. Estava a tentar anunciar a invasão a Estaline, mas os generais pareciam tão petrificados pelo medo do seu próprio chefe como pelo facto da agressão alemã. Às 04:17 (hora russa) o comando do mar Negro ligou para Zhukov, no Comissariado da Defesa, a anunciar um enxame de bombardeiros. Às 04:30, foi a vez da frente ocidental. Às 04:40, o Báltico estava a ser atacado. Mais ou menos pela mesma altura, o almirante Kuznetsov recebeu um telefonema do comandante de Sebastopol: o bombardeamento alemão tinha começado. Kuznetsov ligou imediatamente para o Kremlin, onde enfrentou a tacanhez burocrática que é tão característica das tiranias. Era suposto ser segredo que Estaline vivia em Kuntsevo, de modo que o funcionário respondeu:

– O camarada Estaline não está aqui e não sei onde se encontra.

– Tenho uma mensagem importantíssima que preciso de transmitir imediatamente ao camarada Estaline, em pessoa...

— Não posso ajudá-lo — declarou o homem, e desligou, de modo que Kuznetsov ligou para Timochenko, que, inundado por telefonemas do mesmo teor, estava com medo de informar Estaline.

Kuznetsov tentou todos os números que conhecia de lugares onde poderia encontrar Estaline, mas sem resultado. Voltou a ligar para o Kremlin:

— Exijo que informe o camarada Estaline de que aviões alemães estão a bombardear Sebastopol. É a guerra!

— Informarei a pessoa competente.

Minutos mais tarde, o almirante descobriu quem era a «pessoa competente»: o frouxo Malenkov, o assassino de falinhas mansas, telefonou, perguntando, «num tom de voz descontente e irritado»:

— Compreende o que está a comunicar? — Já os bombardeiros alemães esmagavam Kiev e Sebastopol e as tropas de Hitler atravessavam as fronteiras, e ainda os cortesãos de Estaline continuavam a tentar afastar a realidade, nem que fosse pela força. Malenkov desligou e telefonou para Sebastopol, a confirmar a história.

Timochenko não estava sozinho no seu gabinete: Mekhlis, o «Tubarão», passara a maior parte da noite com os generais. Tal como Malenkov, tinha decidido que não haveria qualquer invasão naquela noite. Quando o comandante da artilharia antiaérea, Voronov, entrou apressado, para fazer o seu relatório, Timochenko estava tão nervoso que lhe entregou um bloco de notas e, absurdamente, «disse-me que apresentasse o meu relatório por escrito» para que, se fossem todos presos por traição, ele fosse responsável pelos seus crimes. Mekhlis foi colocar-se ao lado, espreitando-lhe por cima do ombro para se certificar de que estava a escrever exactamente o que dissera. No fim, obrigou-o a assinar. Timochenko ordenou às forças antiaéreas que não respondessem ao ataque. Voronov compreendeu que «ele não acreditava que a guerra tinha começado».

Pouco depois, Boldine, o comandante do Distrito Militar Especial Ocidental, telefonou, frenético, a comunicar que os alemães avançavam. Timochenko ordenou-lhe que não reagisse.

— Que está a dizer? — gritou Boldine. — As nossas tropas recuam, há cidades incendiadas, há pessoas a morrer...

— José Vissarionovitch acredita que pode tratar-se de uma provocação organizada por alguns generais alemães.

O instinto de Timochenko era o de persuadir outro qualquer a dar a notícia a Estaline. Perguntou a Budeny:

— Os alemães estão a bombardear Sebastopol. Devo ou não informar Estaline?

— Informa-o imediatamente!

— Telefona-lhe tu — pediu Timochenko. — Eu tenho medo.

— Não, telefona-lhe tu — replicou Budeny. — Tu é que és o comissário da Defesa!

Finalmente, Budeny concordou e começou a ligar para Kuntsevo. Timochenko estava tão ansioso por espalhar o mais possível a responsabilidade que ordenou a Zhukov que telefonasse também.

Zhukov continuava em linha, à espera, quando foram acordar Estaline. Três minutos depois, o *Vozhd* estava ao telefone. Zhukov informou-o e pediu autorização para contra-atacar. Fez-se um silêncio. Zhukov ouvia Estaline respirar.

– Compreendeu o que eu disse? – perguntou Zhukov. – Camarada Estaline? – Continuava a ouvir apenas a respiração pesada. Então, Estaline falou:

– Leve o Timochenko para o Kremlin. Diga ao Poskrebichev que convoque o Politburo.

Mikoian e os outros membros do Politburo estavam já a ser alertados:

– É a guerra!

Budeny conseguiu contactar Estaline na *dacha* e acrescentou que também Riga estava a ser bombardeada. Estaline ligou para Poskrebichev, que dormia no seu gabinete:

– Começou o bombardeamento.\*

Regressou apressadamente a Moscovo: tinha proibido os membros do Politburo de irem para as respectivas *dachas*, de modo que já se encontravam todos no Kremlin. Subiu no elevador até ao segundo piso, percorreu os corredores atapetados de vermelho, com as suas paredes apaineladas a madeira, e ordenou a Poskrebichev ao entrar no gabinete:

– Chama os outros, imediatamente.

Segundo Zhukov, o Politburo reuniu às 04:30, mas Molotov indica uma hora menos tardia. Seja como for, o livro de registos do gabinete de Estaline mostra que a reunião começou às 05:45, pouco mais de uma hora depois do ataque alemão. Molotov, que vivia no mesmo edifício, perto do apartamento de Estaline, foi o primeiro a chegar, rapidamente seguido por Béria, Timochenko, Zhukov e Mekhlis.

Estaline não se foi abaixo: Mikoian achou-o «abatido»; Zhukov reparou que estava «pálido» e com uma «expressão confusa», sentado à mesa coberta pelo pano verde, «com um cachimbo na mão»; Voronov achou-o «deprimido e nervoso» – mas estava, finalmente, a chefiar o seu gabinete. Lá fora, nas frentes de combate, era a anarquia. Mas ali, recordaria Chadaev, o vice-Sovnarkom, Estaline «falava pausadamente, escolhendo as palavras com cuidado. De vez em quando, a voz quebrava-se-lhe. Quando acabou, ficámos todos silenciosos durante algum tempo, e ele também.» Mas, espanhosamente, continuava a insistir na ideia de que a guerra podia ser «uma provocação de oficiais alemães», convencido de que Hitler podia ter um Tukatchevski entre o alto comando da Wehrmacht. «O Hitler pura e simplesmente não sabe disto.» Estaline recusava-se a ordenar a resistência antes de falar com Berlim.

«Aquele patife do Ribbentrop enganou-nos», disse várias vezes a Mikoian, teimando em não culpar o *Führer*. Eram quase cinco da manhã. «Temos de contactar a embaixada alemã imediatamente», ordenou a Molotov. Molotov fez a ligação da secretária de Estaline, carregada de telefones, e gaguejou: «Diga-lhe que venha.» Schulenburg

\* Nessa madrugada, o telefone tocou também na *dacha* de Zhdanov, em Sochi. «A primeira coisa que a minha mãe fez foi ir ao meu quarto», recorda Iuri Zhdanov. «Disse-me: “É a guerra!”, e voltámos todos a Moscovo com o meu pai.»

já tentara entrar em contacto com o gabinete de Molotov, pedindo para falar com o comissário dos Negócios Estrangeiros. «Saí do gabinete de Estaline e dirigi-me para o meu, no piso superior», o que demorou cerca de três minutos. Schulenburg, acompanhado por Hilger, chegou ao gabinete que dava para a igreja de Ivan, o Terrível, pela segunda vez naquela noite – e a última da sua carreira. O Kremlin estava banhado pelas primeiras luzes da aurora e perfumado pelas acácias e as rosas do Jardins Alexandrovski.\*

O embaixador alemão leu o telegrama que chegara às três da madrugada, hora de Berlim: a concentração de forças soviéticas forçara o *Reich* a tomar «contramedidas militares». E nada mais disse. O rosto de Molotov contraiu-se de incredulidade e fúria. Finalmente, tartamudeou:

– Isso é suposto ser uma declaração de guerra?

Também Schulenburg estava incapaz de falar: encolheu tristemente os ombros. A fúria de Molotov sobrepôs-se ao choque:

– A mensagem que acabo de receber não pode ser outra coisa senão uma declaração de guerra, uma vez que as tropas alemãs já atravessaram a fronteira, e cidades soviéticas como Kiev e Odessa estão a ser bombardeadas por aviões alemães há mais de uma hora e meia. – Molotov estava a gritar. Aquilo era «uma traição sem precedentes na História». A Alemanha desencadeara uma guerra terrível. «Com toda a certeza não merecemos isto.» Nada mais havia a dizer: o conde von der Schulenburg, que havia de ser executado por Hitler por causa do seu papel na conjura de Julho de 1944, apertou a mão a Molotov e saiu, passando pela fila de limusinas que chegavam ao Kremlin transportando generais. Molotov correu para o gabinete de Estaline, onde anunciou:

– A Alemanha declarou-nos guerra.

Estaline deixou-se cair num cadeirão, «absorto em pensamentos». O silêncio foi «longo e pesado». Estaline «parecia cansado, esgotado», recordaria Chadaev. «O rosto marcado pelas bexigas tinha uma expressão exausta e perturbada.» Foi, recordava Zhukov, «a única vez que vi Estaline deprimido». Então, pôs-se de pé, com uma palavra de ordem loucamente optimista: «O inimigo será batido em toda a linha.» E voltou-se para os generais:

– Que recomendam os senhores?

Zhukov sugeriu que os distritos da fronteira deviam «conter» os alemães...

– Aniquilar – interrompeu Timochenko. – Não «conter».

---

\* Simultaneamente, em Berlim, o embaixador soviético, Dekanov, era chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Quando chegou, reparou que a imprensa estava presente, para registar o momento. Adoptando uma atitude «o mais gelada possível», Ribbentrop recebeu-o no gabinete do príncipe Bismarck, o estadista que alertara a Alemanha contra o perigo de uma guerra em duas frentes e que tantas vezes fora citado, a este propósito, por Estaline e Zhdanov. Aparentemente embriagado, «muito vermelho» e «cambaleando um pouco», Ribbentrop leu a sua declaração. «Lamento profundamente (...),» respondeu Dekanov. Saíu sem apertar a mão ao ministro alemão. Ribbentrop correu atrás dele, murmurando que tentara impedir Hitler de desencadear aquela guerra, mas o *Führer* não dera ouvidos a ninguém. «Diga a Moscovo que eu fui contra o ataque», sibilou. Ribbentrop sentia que o pacto soviético tinha sido o clímax da sua carreira.

– Emita a directiva – disse Estaline, ainda sob o feitiço da sua grande ilusão. – Não atravessem a fronteira.

Foi Timochenko, e não Estaline, quem assinou a série de directivas emitidas ao longo dessa manhã. Chadaev notou que o estado de espírito tinha melhorado: «Naquele primeiro dia de guerra, estava toda a gente (...) bastante optimista.»

Estaline insistia, porém, e apesar de tudo, em agarrar-se aos restos da sua ilusão desfeita: disse que tinha a esperança de resolver a questão diplomaticamente. Ninguém, excepto Molotov, seu camarada desde 1912 e um dos últimos a poder discutir abertamente com ele, se atreveu a contrariar esta absurdade.

– Não! – declarou, enfaticamente. Era a guerra, e «nada se podia fazer a respeito». A escala da invasão e a teimosa insistência de Molotov conseguiram, finalmente, chamar Estaline à realidade. Quando Dmitrov, o chefe do Comintern, chegou, a antecâmara fervilhava de actividade, com Poskrebichev, Mekhlis (novamente de uniforme), o marechal Timochenko e o almirante Kuznetsov a trabalhar – e Béria a «dar ordens pelo telefone». Ao entrar no gabinete, notou a «impressionante calma, determinação, confiança»... de Estaline.

– Caíram em cima de nós, sem fazerem quaisquer exigências, num ataque à traição, como bandidos – disse-lhe o *Vozhd*.

Os «bandidos» tinham a vantagem da surpresa total. A linha da frente soviética fora esmagada. Os exércitos de Estaline eram mais fortes no Sul. No entanto, enquanto os alemães avançavam em direcção a Leninegrado e à Ucrânia, o grupo de exércitos mais poderoso de Hitler tinha como missão tomar Moscovo. As duas tenazes do Grupo de Exércitos do Centro estilhaçaram a frente ocidental soviética, comandada pelo coronel-general Pavlov, cujo contra-ataque foi aniquilado quando os *Panzer* avançaram para Minsk e para a estrada de Moscovo.

Estaline reagiu com um fluxo constante de ordens que, reconhecidamente, pouca ou nenhuma relação tinham com o desastre que acontecia na frente: apesar disso, Béria, Malenkov, Mikoian, Kaganovitch e Vorochilov passaram a manhã a entrar e a sair do «Cantinho», de tal modo que, por volta do meio-dia, cada um deles tinha já feito pelo menos duas visitas, e Béria três. Mekhlis foi um dos primeiros a chegar, Kulik apareceu mais tarde. O *Vozhd* ordenou a Kaganovitch que preparasse os comboios para retirar fábricas e 20 milhões de pessoas da zona da frente: nada podia cair em poder dos alemães. Mikoian abasteceria os exércitos.

Estaline manteve um controlo apertado sobre todos os pormenores, desde o tamanho e a forma das baionetas aos cabeçalhos do *Pravda* e quem escrevia os artigos, sem nunca perder a sua inveja da glória alheia nem o seu imbatível instinto de autopreservação. Quando o general Koniev mereceu várias referências nos jornais durante as primeiras semanas, Estaline arranjou tempo para telefonar ao editor e atirou-lhe: «Já escreveram o suficiente a respeito de Koniev.» Quando o mesmo editor perguntou se podia publicar um autor que Estaline atacara violentamente antes da guerra, a resposta foi: «Pode publicar. O camarada Adveenko já expiou os seus pecados.» Entretanto, ele próprio, e

por opção deliberada, desapareceu das vistas do público. O número das suas aparições na primeira página do *Pravda* diminuiu de forma espectacular. Surpreendentemente, a URSS não tinha um Comando Supremo: às nove dessa manhã, Estaline recriou uma versão anterior, o *Stavka*. Naturalmente, o decreto nomeava-o comandante-chefe, mas ele riscou o seu próprio nome e substituiu-o pelo de Timochenko.

Todos estavam de acordo em que o governo tinha de anunciar a guerra. Mikojan e os outros propunham que fosse Estaline a fazê-lo, mas ele recusou: «O Molotov que fale.» Ao fim e ao cabo, fora Molotov quem assinara o tratado com Ribbentrop. Os membros da *entourage* discordaram – com toda a certeza o povo não compreenderia por que motivo não ouvia a notícia da boca do primeiro-ministro. Estaline continuou a recusar, dizendo que falaria noutra ocasião. «Não queria ser o primeiro a falar», diria Molotov. «Precisava de ter uma imagem mais clara (...). Não podia responder a tudo, como um autómato (...). Era, ao fim e ao cabo, um ser humano.»

Molotov, que continuava a considerar-se um jornalista político, começou de imediato a trabalhar na comunicação ao país, mas Estaline apoderou-se do texto, porque tinha o dom de destilar ideias complexas nas frases simples que a partir daquele dia caracterizaram os seus discursos de guerra. Ao meio-dia, Molotov dirigiu-se ao Serviço Central de Telégrafo, na Rua Gorki, muito perto do Kremlin. Dominando a gaguez, fez o discurso com a sua voz átona mas vacilante:

«A nossa causa é justa. O inimigo será esmagado. A vitória será nossa.»

Quando Molotov regressou, Estaline foi ao gabinete dele, para felicitá-lo:

– Bem, parecias um pouco atrapalhado, mas o discurso saiu bem.

Molotov precisava de elogios: era muito mais vaidoso do que parecia. Nesse momento, o *vertushka* tocou: era Timochenko, a comunicar o caos que reinava na fronteira, onde os comandantes, sobretudo Pavlov, na crucial Frente Ocidental, que cobria Minsk e a estrada para Moscovo, tinham perdido o contacto com as respectivas tropas. Estaline perorou a respeito de como «o ataque-surpresa é importante na guerra. Dá a iniciativa ao atacante (...). É absolutamente necessário impedir (...) o pânico. Contactem os comandantes, esclareçam a situação e comuniquem (...). De quanto tempo precisam? Duas horas, bem, não mais do que isso (...). Qual é a situação no que respeita ao Pavlov?» Mas Pavlov, que suportara a força máxima do ataque alemão, «perdeu o contacto com as chefias dos seus exércitos (...).»

Assistido por Molotov, Malenkov e Béria, o trio que ia passar a maior parte da guerra no «Cantinho», Estaline foi descobrindo pouco a pouco a dimensão dos sustadores êxitos alemães e do colapso soviético. Durante aquela primeira semana, Béria, chefe do Departamento Especial, o *Osobyi Otdel*, a polícia secreta presente em todas as unidades militares e encarregada de caçar os traidores, reuniu com Estaline quinze vezes, enquanto Mekhlis, o patrão político do exército, praticamente vivia no «Cantinho»: o Terror era a solução de Estaline para a derrota. Mas estes dois, juntamente com antigos camaradas da Guerra Civil, como Vorochilov e Kulik, de pouco

conforto foram quando Timochenko comunicou que, no fim do primeiro dia, quase mil aviões tinham sido destruídos no solo.

– Com toda a certeza a aviação alemã não conseguiu chegar a todas as bases aéreas? – perguntou Estaline, pateticamente.

– Infelizmente, conseguiu.

Foi, porém, o desastre da Frente Ocidental de Pavlov que reduziu Estaline a um estado de louca e impotente fúria:

– Isto é um crime monstruoso. Os responsáveis pagarão com a cabeça. – Repentinamente, Estaline decidiu enviar os seus sequazes de mais confiança para as diversas frentes, para descobrir o que estava a acontecer. Ao vê-los hesitar, gritou:

– Imediatamente!

Zhukov, Chefe do Estado-Maior-General, seguiu para a Frente Sudoeste, mas perguntou quem trataria das coisas na sua ausência.

– Não percas tempo – troçou Estaline. – Cá havemos de nos arranjar.

Malenkov e Budeny, um estranho par, o frio burocrata e o garboso cossaco, voaram para Briansk; Kulik, para a Frente Ocidental.

O turbilhão quase os consumiu: numa série de fiascos semicómicos, todos tiveram a sorte de escapar com vida. Entretanto, no «Cantinho», as horas de Estaline eram tão inconsequentes como os desempenhos dos seus exércitos. Estaline e Béria foram os últimos a sair, às 16:45, depois de estarem a pé desde a madrugada. Continuavam a acreditar que as contra-ofensivas levariam a guerra ao território inimigo. Devem ter dormido um pouco, mas Estaline estava de regresso ao seu gabinete às 03:20 da madrugada de 23 de Junho, permanecendo reunido com Molotov, Mekhlis e Béria até de manhã. A 25, confrontado com a queda de todas as frentes, passou a noite inteira, da uma às cinco e meia da madrugada, no gabinete, num estado de fúria crescente à medida que, um a um, os seus enviados especiais eram sugados pelo cataclismo.

– Esse inútil do Kulik está a precisar de um pontapé no cu – disse.

Só Zhukov, brutal, corajoso e enérgico, conseguiu contra-atacar na Frente Sudoeste, fazendo gala da implacável selvajaria estalinista que havia de distingui-lo ao longo de toda a guerra: «Prender imediatamente», reza uma das suas típicas ordens ao Departamento Especial relativamente aos oficiais em retirada. «E trazê-los urgentemente para serem julgados como traidores e cobardes.»

O marechal Kulik, bêbedo e bufão, cuja guerra seria uma crónica de trapalhices tragicómicas, enfeiou-se com o blusão de couro e os óculos de um piloto de combate e chegou à Frente Ocidental, como um Biggles estalinista, na noite de 23 de Junho. Surpreendido pela derrocada do 10.º Exército, viu-se isolado, cercado e, por pouco, capturado. Teve de se mascarar para fugir. «O comportamento do marechal Kulik é incompreensível», escreveu o comissário governamental a Mekhlis. «Ordenou a toda a gente que se desembaraçasse das roupas, atirasse fora os documentos e se vestisse de camponês», um disfarce que lhe ficava muito bem. Depois de ter queimado o seu

uniforme de marechal (e a vestimenta de Biggles), «propôs que largássemos as nossas armas e disse-me pessoalmente que deitasse fora as minhas medalhas e documentos (...). Kulik seguiu, numa carroça puxada por cavalos, a mesma estrada que os tanques alemães tinham tomado (...)». A Frente Ocidental estava a desintegrar-se. O marechal Chapochnikov, doente, cedeu à pressão. O quartel-general perdeu-o também a ele.

Como num jogo de escondidas em que cada vez mais crianças são enviadas em busca das que se escondem, Estaline mandou Vorochilov procurar Kulik e Chapochnikov. A 26 de Junho, o «Primeiro Marechal» chegou a Mogilev num comboio especial, mas não conseguiu encontrar a Frente Ocidental nem qualquer um dos marechais. A dada altura, o seu ajudante-de-campo deu com uma cena miserável, que mais parecia um «acampamento de ciganos» do que um quartel-general, e avistou Chapochnikov estendido no chão, tapado com um capote e parecendo muitíssimo morto. A seguir, viu Pavlov, o comandante, deitado debaixo de uma árvore, a comer *kasha* de uma marmita, sob uma chuvala torrencial de que parecia nem sequer se aperceber. Chapochnikov mexeu-se. O ajudante-de-campo compreendeu que o marechal estava vivo e apresentou-se. Chapochnikov, com uma careta de dor, agradeceu a Deus por Vorochilov ter chegado e começou a barbear-se. Pavlov, que entretanto tinha acabado a *kasha*, tinha um ar confuso e desesperado.

– Estou liquidado! – exclamou.

Vorochilov apareceu no acampamento a gritar ameaças, mandando o ajudante-de-campo procurar Kulik. Os dois marechais retiraram-se então para o comboio especial, para decidir o que fazer a respeito do pobre Pavlov. Vorochilov mandou servir o jantar: um cozinheiro levou-lhes presunto, pão e chá, um repasto que muito claramente desapontou o marechal, que, furioso, começou a berrar pelo seu cozinheiro, o camarada Franz. Franz apareceu e pôs-se em sentido. Vorochilov exigiu saber como ousava ele servir uma refeição daquelas a dois marechais.

– Por que cortaram o presunto às fatias? É costume cortar o presunto desta maneira? Em qualquer porcaria de taberna servem um presunto melhor do que este!

Chamou então Pavlov, que admoestou pelos seus fracassos. Em mais um desses momentos que revelam a importância da vingança pessoal, recordou-lhe que, certa vez, se queixara dele a Estaline. Pavlov caiu de joelhos, pediu perdão e beijou as botas do marechal. Vorochilov regressou a Moscovo.

Na madrugada de 4 de Julho, Mekhlis prendeu Pavlov por traição.

«Pedimos confirmação da detenção e acusação», comunicou Mekhlis. Estaline acolheu a decisão «como uma das verdadeiras maneiras de melhorar a saúde na frente». Sob tortura, Pavlov implicou o general Meretskov, que foi também imediatamente detido. Antes do «julgamento» de Pavlov, Poskrebichev levou a «Sentença [o rascunho]» a Estaline. Ao ver que continha as habituais invenções, o *Vozhd* disse-lhe: «Aprovo a sentença, mas diz ao Ulrikh que elimine toda essa treta a respeito de “actividades conspirativas”. Não quero que o caso se arraste. Não haverá apelo. E depois, informem

todas as frentes, para que saibam que os derrotistas serão castigados sem misericórdia.» Mikoian (e presumivelmente o resto do Politburo) aprovou a sentença, e continuava a fazê-lo volvidos trinta anos, quando escreveu as suas memórias: «Foi uma pena perdê-lo, mas justificava-se.» A 22 de Julho, foram fuzilados os quatro comandantes da Frente Ocidental. Eram tantos os telegramas a pedir autorização para fuzilar traidores, que as linhas do gabinete de Mekhlis entupiram. Nesse dia, disse-lhes que cada um julgasse e fuzilasse os seus próprios traidores.

Estaline estava ainda a absorver a escala da catástrofe. As frentes estavam fora de controlo: os nazis aproximavam-se de Minsk, a Força Aérea dizimada, trinta divisões desbaratadas. A 26, chamou urgentemente Zhukov, que enviara para a Frente Sudoeste. O chefe do Estado-Maior-General encontrou Timochenko e o general Vatutine em sentido diante de Estaline, «os olhos avermelhados pela falta de sono». «Juntem-se os três e digam-me o que é possível fazer,\* ordenou Estaline. Deu-lhes quarenta minutos para propor novas linhas de defesa.

\* \* \*

No entanto, nem mesmo naqueles dias frenéticos Estaline esquecia a família. A 25 de Junho, estava reunido com Timochenko, a discutir uma «situação que era extremamente grave em todas as frentes», quando o comissário da Defesa conseguiu reunir coragem suficiente para perguntar se Iakov Djugachvili, o filho mais velho do *Vozhd*, do seu primeiro casamento, que sempre o desapontara e que ele tratava com grande dureza, devia ser enviado para a frente, a seu pedido. Disfarçando a fúria, Estaline respondeu:

— Certos oficiais excessivamente zelosos, para dizer o mínimo, estão sempre a tentar agradar aos seus superiores. Não o incluo nesse número, mas aconselho-o a não voltar a fazer-me perguntas como essa.

Nada mais disse a respeito do assunto, mas, mais tarde, certificou-se de que os dois filhos mais velhos, Iakov e Artyom, ambos artilheiros, eram enviados para a frente. Depois de Vassili ter organizado uma festa de despedida, a mulher de Iakov, Júlia, foi despedir-se do seu amado Iasha usando o seu vestido vermelho, que mais tarde afiançou estar amaldiçoado.

Certa noite, durante os dez primeiros dias da guerra, Estaline telefonou a Zénia Alliluyeva, com quem tinha cortado desde que ela voltara a casar. Depois de o visitar em Kuntsevo, Zénia disse que «nunca tinha visto o José tão esmagado». Estaline pediu-lhe que levasse Svetlana e as crianças para a *dacha* de Sochi, e, em seguida, fez-lhe um resumo surpreendentemente honesto da situação militar, o que a chocou, uma vez

---

\* Nesse dia, o Politburo ordenou que o corpo de Lenine fosse secretamente retirado do Mausoléu e enviado para Tyumen, na Sibéria.

que a propaganda continuava a proclamar que o glorioso Exército Vermelho estava prestes a esmagar o invasor fascista: «A guerra vai ser longa. Vai correr muito sangue (...). Por favor, leva a Svetlana para o Sul.» É bem a marca da força da personalidade de Zénia, aquilo que a tornava tão atraente e ao mesmo tempo tão irritante, o facto de ter recusado. Tinha de acompanhar o marido. Estaline ficou «perturbado e furioso». Nunca mais voltou a vê-la.

Foi, por isso, Ana Redens quem levou Svetlana, Alexandra Nakachidze, Galina (mulher de Vassili) e Gulia (filha de Iakov), além, dos seus próprios filhos, para a *dacha* de Sochi, onde permaneceram até que a frente se aproximou perigosamente.

\* \* \*

A 28 de Junho, os alemães, que tinham penetrado quase quinhentos quilómetros em território soviético, fecharam o cerco, apanhando na redada mais de 400.000 homens, e tomaram a capital da Bielorrússia, Minsk. À medida que novas informações sobre o desastre chegavam ao «Cantinho», durante uma longa sessão que se arrastou do meio da tarde até às vinte para as três da madrugada, Estaline ia ficando mais fora de si. Depois de um par de horas de sono, dirigiu-se ao Comissariado da Defesa, para saber mais, provavelmente acompanhado por Molotov, Malenkov e Budeny. A queda de Minsk abria a estrada para Smolensk e Moscovo, mas o caos era tal que Timochenko voltara a perder o contacto com os exércitos. Isto enfureceu Estaline, que regressou ao «Cantinho» às 19:35. Enquanto Timochenko e Zhukov entravam e saíam com notícias cada vez piores, Béria e Mikoyan chegaram para se juntarem aos camaradas numa reunião restrita do Politburo. Depois da meia-noite, Estaline telefonou a Timochenko, a pedir notícias concretas da Bielorrússia: não havia nenhuma. Foi a última gota.\* Estaline saiu furioso do gabinete. Poskrebichev e Chadaev viram-no entrar, com Molotov e Béria, no *Packard* que esperava à porta.

– É óbvio que os alemães tomaram Minsk – disse Poskrebichev.

Minutos mais tarde, os «Cinco» chegaram ao Comissariado da Defesa. Estaline liderou o grupo até ao gabinete de Timochenko e anunciou que queria ver pessoalmente os relatórios da frente. Zhukov preparava-se para sair, mas Timochenko fez-lhe sinal para ficar. Os «Cinco» juntaram-se à volta do mapa de operações.

– Que se passa em Minsk? – perguntou Estaline.

\* Agora que temos acesso a tantas fontes diferentes sobre este notável episódio, desde as memórias de Molotov e Mikoyan às de Chadaev, o sovarkom-adjunto, que registou o relato de Vatutin, vice-chefe do Estado-Maior-General, podemos reconstituir uma história que tem permanecido obscura. Mikoyan data a cena no Comissariado da Defesa de 29, e Chadaev, de 27 de Junho, uma indicação do caos que reinava naqueles dias. Na realidade, foi a 28, uma vez que sabemos, pelo livro de registos, que Estaline permaneceu no seu gabinete durante todo o dia 28, mas não apareceu a 29 nem a 30. Zhukov diz que ele visitou o Comissariado duas vezes naquele dia, mas é provável que a confrontação tenha acontecido à noite, como Mikoyan afirma.

– Não estou ainda em condições de responder a essa pergunta – disse Timochenko.

– É seu dever ter os factos claramente presentes a todo o momento e manter-nos informados – declarou Estaline. – Neste momento, está apenas com medo de dizer-nos a verdade.

Ao ouvir isto, o destemido Zhukov interrompeu rudemente:

– Camarada Estaline, temos autorização para continuar a fazer o nosso trabalho?

– Talvez estejamos a empatá-los? – troçou Béria, que deve ter ficado chocado ao ver alguém dirigir-se a Estaline naqueles termos. A reunião descambou numa discussão entre Zhukov e Béria, com um furioso Estaline de permeio.

– Sabe que a situação é crítica em todas as frentes. Os comandantes aguardam instruções, e é preferível que sejamos nós próprios a fazê-lo – replicou Zhukov.

– Nós também somos capazes de dar ordens! – gritou Béria.

– Se acham que conseguem, façam-no! – desafiou Zhukov.

– Se o partido no-lo ordenar, fá-lo-emos.

– Nesse caso, esperem até que o partido o ordene. De momento, somos nós que estamos encarregados de fazer o trabalho. – Zhukov apelou a Estaline. – Desculpe a minha franqueza, camarada Estaline, vamos com certeza esclarecer a situação. Quando isso acontecer, iremos ao Kremlin apresentar o nosso relatório.

Estava implícito nas palavras de Zhukov que os generais podiam ser mais competentes do que o Politburo. Estaline, que se mantivera calado até ao momento, não conseguiu continuar a reprimir a sua fúria:

– Está a cometer um erro crasso ao tentar traçar uma linha entre vocês e nós... Temos de pensar todos na melhor maneira de ajudar as frentes. – E então, no dizer de Mikojan, Estaline «explodiu»: – O que é um quartel-general? Que espécie de chefe do Estado-Maior é este que desde o primeiro dia da guerra não tem contacto com as suas tropas, não representa ninguém e não comanda ninguém?

O rosto de granito de Zhukov desmoronou-se sob este ataque e o marechal desfez-se em lágrimas, «soluçando como uma mulher», e «correu para outra sala». Molotov seguiu-o. Um dos bolcheviques mais empedernidos foi confortar um dos soldados mais severos daquele sanguinolento século: terá Molotov oferecido um lenço ou pousado uma mão no ombro de Zhukov? Cinco minutos mais tarde, o incôngruo duo regressou. Zhukov estava «calmo, mas tinha os olhos húmidos».

«Estávamos todos deprimidos», admite Mikojan. Estaline sugeriu que se enviasse Vorochilov ou qualquer outro para estabelecer contacto com a frente bielorrussa. «Estaline estava muito deprimido.» Então, olhou para os camaradas.

– Ficamos então assim – disse. – Deixemos que eles tentem resolver a situação. Vamos, camaradas.

E saiu do gabinete à frente do grupo. Enquanto se instalavam nos carros, disse as primeiras palavras sinceras desde o início da guerra: «Está tudo perdido. Desisto. Lenine fundou o nosso Estado e nós fodemos tudo.» Não parou de praguejar durante

todo o percurso até Kuntsevo. «Lenine legou-nos uma herança gloriosa, e nós fizemos merda (...).» Já depois de terem chegado, Molotov lembrava-se de tê-lo ouvido praguejar: «“Fodemos tudo!” O “nós” incluía-nos a todos!» Afirmou então que não podia continuar a ser o líder. Demitia-se. Em Kuntsevo, Molotov tentou «animá-lo». Acabaram por deixá-lo, desfeito, sozinho na *dacha*.\*

Mikoian não se deixou impressionar por esta representação. A caminho de casa, discutiu o assunto com Molotov, em quem confiava, apesar de não gostar dele: eram, talvez, quem melhor conhecia o *Vozhd*. «Ficámos chocados com a afirmação de Estaline. Que fazer, se tudo estava irremediavelmente perdido? Achámos que ele tinha dito aquilo para causar efeito.» Tinham razão, e Estaline estava, em parte, a representar, mas «era também um ser humano», no dizer de Molotov. A queda de Minsk abalaria-o, fazendo-o perder a face diante dos camaradas e dos generais. Aquela era a crise mais grave de toda a sua carreira.

No dia seguinte, descobriram que não fora apenas «para causar efeito». Ao meio-dia, hora a que Estaline costumava chegar ao Kremlin, não apareceu. E não apareceu durante todo o resto do dia. O vazio de poder era palpável: o tiā que, em maratonas de catorze horas, decidia até o mais pequeno pormenor, deixava um buraco enorme. Quando ligavam para ele, era Poskrebichev quem atendia: «O camarada Estaline não está aqui e não sei quando estará.» Mekhlis tentou contactá-lo em Kuntsevo, mas não obteve resposta. «Não comprehendo», suspirou Poskrebichev. No final do dia, o *chef de cabinet* de Estaline dizia: «O camarada Estaline não está aqui e não é provável que venha.»

«Foi para a frente?», perguntou o jovem Chadaev.

«Por que insiste em importunar-me? Já lhe disse que não está aqui e não vai estar.»

Estaline «tinha-se isolado de toda a gente, não recebia ninguém e não atendia o telefone». Molotov disse aos outros que «Estaline passara os últimos dois dias num tal estado de prostração que não se interessava por coisa nenhuma, não mostrava qualquer iniciativa e estava muito mal». O *Vozhd* não conseguia dormir. Limitava-se a passear pela *dacha*, sem sequer se dar ao incômodo de se despir. A dada altura, abriu a porta da casa da guarda, onde o adjunto de Vlasik, o major-general Rumiantsev, se levantou de um salto e se pôs em sentido. Estaline, porém, não disse uma palavra e voltou ao seu próprio quarto. Mais tarde, disse a Poskrebichev que tinha na boca um sabor a madeira podre. Era, porém, um profundo conhecedor de História: sabia que também Ivan, o Terrível, o seu «mestre», se retirara do poder para testar a lealdade dos boiardos.

Os boiardos soviéticos ficaram alarmados, mas os mais experientes adivinhavam o perigo. Molotov teve o cuidado de não assinar qualquer documento. Enquanto os alemães avançavam, o governo esteve paralisado durante dois longos dias.

---

\* As versões aqui usadas são de Molotov: «Fodemos tudo!», de Mikoian: «Lenine legou-nos uma herança gloriosa, e nós fizemos merda!», de Béria (via Khrushchev, que na altura não se encontrava em Moscovo): «Está tudo perdido. Desisto. Lenine deixou-nos um Estado proletário e agora nós fomos apanhados de calças na mão e deixámos ir tudo à merda», e Chadaev: «Lenine fundou o nosso Estado e nós fodemos tudo.»

«Não faz ideia do que é isto aqui», disse Malenkov a Khrushchev.

Na noite de 30, Chadaev regressou ao gabinete para obter uma assinatura de Estaline como primeiro-ministro, mas continuava a não haver sinais dele:

– Ontem também não veio.

– Não, ontem também não esteve cá – respondeu Poskrebichev, sem vestígios de sarcasmo. Mas era preciso fazer qualquer coisa. O jovem vice-primeiro-ministro, Voznessenski, apresentava-se diante da secretaria de Poskrebichev, como todos os outros. Quando Chadaev lhe propôs que assinasse os documentos, recusou e ligou pessoalmente para Estaline, mas «não houve resposta da *dacha*». Falou então para Molotov, o qual sugeriu que se encontrassem mais tarde, mas não revelou que já estava reunido com Béria, Malenkov e Vorochilov, tentando decidir o que fazer. O dinâmico Béria propunha um super-gabinete da guerra e um ultra-Politburo muito restrito mas dotado de vastos poderes, chefiado por Estaline, se este aceitasse, e incluindo Molotov, Vorochilov, Malenkov e ele próprio: três Velhos Bolcheviques e dois meteoros em ascensão. A exclusão de muitos dos potentados era um triunfo para Béria e Malenkov, que nem sequer eram membros de pleno direito do Politburo.

Uma vez decidido isto, Molotov ligou para Mikoian, que estava a falar com Voznessenski, e o Politburo foi convocado. Nunca os potentados tinham sido tão poderosos: estas manobras pareceram-se extraordinariamente com as que se seguiram à síntese que Estaline havia de sofrer, doze anos mais tarde, pois esta foi a única verdadeira oportunidade que tiveram para derrubar o líder desde a revelação do explosivo testamento de Lenine, fazia quase vinte anos. Molotov falou-lhes da quebra de Estaline, mas Mikoian respondeu que, mesmo que o *Vozhd* estivesse incapacitado, «o simples nome de Estaline era uma força poderosa para levantar o moral do povo». O pomposo Voznessenski fez, porém, algo que acabaria por revelar-se um erro fatal:

– Viatcheslav – declarou, dirigindo-se a Molotov. – Lidera, e nós seguir-te-emos!

Molotov deve ter ficado lívido ao ouvir esta mortal sugestão, e voltou-se para Béria,\* que propôs o seu Comité de Defesa do Estado. Decidiram ir a Kuntsevo.

Quando chegaram, entraram cautelosamente na penumbrosa casa pintada de verde escuro, cercada de pinhais, e foram conduzidos à pequena sala de jantar. Ali, nervosamente sentado num cadeirão de braços, estava Estaline, «mais magro (...), exausto (...), sombrio». Quando viu entrar os sete ou oito membros do Politburo, «ficou de pedra». Segundo um dos relatos, recebeu-os com mais murmúrios deprimidos: «O grande Lenine já não está connosco (...). Se ele pudesse ver-nos agora. Ver aqueles a quem confiou a sorte do seu país (...). Sou inundado por cartas do povo soviético, que justamente nos censura (...). Talvez alguns de vocês não se importassem de atirar as

---

\* Sergo, o filho de Béria, cujas memórias são fiáveis no que respeita a episódios pessoais, embora não em questões políticas, afirma que foi Alexandre Shcherbakov, o líder do partido de Moscovo, quem cometeu o erro, e que costumava perguntar a Béria se ele alguma vez o denunciaria a Estaline. Mikoian, que estava presente, é muito mais digno de confiança, mas é possível que Shcherbakov tenha perdido a coragem numa outra ocasião, a ameaça a Moscovo, em Outubro.

culpas para cima de mim.» Então, olhou para eles, interrogativamente, e perguntou: «Por que vieram?»

Estaline «parecia alerta, estranho», recordaria Mikoian, «e a pergunta dele não era menos estranha. Na realidade, devia ter sido ele a chamar-nos. Não tive a mais pequena dúvida: estava convencido de que tínhamos ido para o prender.» Béria estudou-lhe atentamente o rosto. «Era evidente», diria mais tarde à mulher, «que Estaline pensava que tudo podia acontecer, até o pior.»

Também os potentados estavam assustados. Mais tarde, Béria troçou de Mikoian por se ter escondido atrás dos outros. Molotov, que era o mais altamente colocado na hierarquia, e, por isso mesmo, o mais exposto à vingança de Estaline, deu um passo em frente.

— Obrigado pela tua franqueza — disse, segundo uma fonte possivelmente secundária —, mas digo-te, aqui e agora, que se algum idiota tentasse virar-me contra ti, mandava-o para o inferno. Viemos pedir-te que voltes ao trabalho...

— Sim, mas pensem bem — respondeu Estaline. — Será que ainda poderei corresponder às expectativas do povo? Conseguirei guiar o país até à vitória final? Pode haver outros candidatos mais merecedores.

— Julgo expressar a opinião de todos — interveio Vorochilov — ao afirmar que não há ninguém mais digno.

— *Pravlino!* Certo! — repetiram os potentados. Molotov explicou que Malenkov e Béria tinham proposto a criação de um Comité de Defesa do Estado.

— Chefiado por quem? — perguntou Estaline.

— Por ti, camarada Estaline.

O alívio de Estaline foi palpável, «a tensão abandonou-lhe o rosto»... mas, durante algum tempo, não disse nada. Então, Béria avançou, e disse:

— Tu, camarada Estaline, serás o chefe. — E referiu os nomes.

Estaline notou que Mikoian e Voznessenski tinham sido excluídos, mas Béria sugeriu que eles poderiam chefiar o governo. O pragmático Mikoian, sabendo que as suas responsabilidades no abastecimento do exército eram relevantes, pediu para ser um representante especial. Estaline distribuiu indústrias: Malenkov ficaria com os aviões, Molotov com os tanques, Voznessenski com os armamentos. O *Vozhd* estava de regresso ao poder.

Terá Estaline sofrido verdadeiramente um colapso nervoso, ou não passou tudo de uma encenação? Nunca nada foi simples e claro com este consumado actor político. O colapso foi real: estava deprimido e exausto. E não era a primeira vez: tinha passado por momentos semelhantes depois da morte de Nádia e durante a guerra com a Finlândia. E era uma reacção compreensível à má leitura que fizera das intenções de Hitler, um erro que não podia esconder dos seus cortesãos, que o tinham repetidamente ouvido afirmar que não haveria invasão em 1941. Mas isso era apenas a primeira parte deste desastre: a catástrofe militar pusera a nu os estragos que causara e a sua inépcia como comandante. O rei estava nu. Só um ditador que tivesse liquidado todos os possíveis

concorrentes poderia sobreviver àquilo. Em qualquer outro sistema, teria provocado uma mudança de governo. Mas, ali, uma tal mudança não podia acontecer.

Por outro lado, Molotov e Mikoian tinham razão: fora também «para causar efeito». A retirada do poder era uma pose bem ensaiada, utilizada com êxito de Aquiles a Ivan, o Terrível, passando por Alexandre Magno. A retirada de Estaline permitiu-lhe ser efectivamente reeleito pelo Politburo, com a vantagem acrescida de pôr uma pedra sobre os erros cometidos até então. Estavam esquecidos. «Estaline voltava a ter o nosso apoio», escreveu Mikoian, reveladoramente. Foi, portanto, um colapso e, simultaneamente, uma restauração política.

«Fomos testemunhas dos momentos de fraqueza de Estaline», diria Béria, mais tarde. «José Vissarionovitch nunca perdoará a nossa atitude.» Mikoian tinha boas razões para se esconder.

\* \* \*

Na tarde seguinte, Estaline reapareceu no seu gabinete, «um homem novo» empenhado em desempenhar o papel de senhor da guerra, para o qual se julgava especialmente talhado. A 1 de Julho, os jornais anunciaram que Estaline era o presidente do Comité de Defesa do Estado, o GKO. Pouco depois, mandou Timochenko comandar a Frente Ocidental, que defendia Moscovo. A 19 de Julho, tornou-se comissário da Defesa e, a 8 de Agosto, comandante-chefe-supremo: os generais passaram a chamar-lhe *Verkhovnyi*, Supremo. A 16 de Julho, restaurou o comando paralelo dos comissários políticos, que os militares tanto detestavam e fora abolido depois da Finlândia: os comissários, liderados por Mekhlis, deviam conduzir «uma guerra constante contra os cobardes, os derrotistas e os desertores», mas, na realidade, eram com frequência estes jactanciosos amadores que assumiam o verdadeiro comando, como chefe de todos eles. «O Comissariado da Defesa», disse Khrushchev, «era como um canil cheio de cães raivosos, com Kulik e Mekhlis.» Entretanto, Estaline reunia as forças de segurança, o NKVD e o NKGB, sob a autoridade de Béria. A 3 de Julho, falou ao povo com uma nova voz, a voz de um líder nacional russo:

«Camaradas, cidadãos», começou convencionalmente, a voz baixa, a respiração audível através das ondas de rádio do império, juntamente com os pequenos golos de água e o tilintar do copo. «Irmãos e irmãs! Guerreiros do Exército e da Armada! Apelo a vós, meus amigos.» Aquela era uma guerra patriótica, mas de um patriotismo que o terror tornava rígido: «Os cobardes, os desertores e os alarmistas» seriam esmagados «numa luta sem quartel». Um par de noites mais tarde, Estaline e Kalinine saíram do Kremlin às duas da manhã, sob pesada guarda, e entraram no Mausoléu de Lenine

\* O vaivém entre o tradicional «comando único» por um general e o «duplo comando» por generais e comissários políticos marcou o percurso do partido. Os comissários foram introduzidos por três vezes – em 1918, 1937 e 1941 – e abolidos outras tantas, quando foi necessário reforçar o prestígio dos militares – em 1925, 1940 e 1942.

para dizerem adeus à múmia do líder antes de esta ser despachada, num comboio secreto e selado, para a Sibéria.

A nova determinação de Estaline pouco ou nada melhorou a situação nas frentes. Em três semanas de guerra, os russos tinham perdido cerca de 2.000.000 de homens, 3500 tanques e mais de 6000 aviões. A 10 de Julho, os *Panzer* alemães retomaram o seu avanço em direcção ao ferrolho de Moscovo, Smolensk, que caiu seis dias mais tarde. Os alemães passaram e capturaram ao Exército Vermelho mais 300.000 soldados, 3000 canhões e 3000 tanques – mas a encarniçada resistência de Timochenko trouvou-lhes momentaneamente o ímpeto. Em finais de Julho, Hitler ordenou ao Grupo de Exércitos do Centro que se reagrupasse. No seu avanço, no Sul em direcção a Kiev, no Norte em direcção a Leningrado, Hitler conseguira vitórias surpreendentes, mas a verdade era que nenhum dos objectivos da Operação Barba Ruiva – Moscovo, Leningrado, a bacia de Donets – tinha caído. O Exército Vermelho não fora obliterado. Enquanto os generais alemães lhe suplicavam que lançasse os *Panzer* contra Moscovo, Hitler, talvez recordando a conquista deserta de Napoleão, queria apoderar-se do petróleo e dos cereais do Sul. Na falta disso, optou por uma nova estratégia: «Moscovo e a Ucrânia».

O novo Estaline até tolerava as opiniões do Politburo. Pouco depois da queda de Smolensk, chamou Zhukov e Timochenko à *dacha*, onde o encontraram, vestindo um velho dólmã e a passear de um lado para o outro com o cachimbo apagado – sempre um mau sinal –, na companhia de vários membros do Politburo.

– O Politburo discutiu a demissão de Timochenko... Que lhes parece?

Timochenko ficou calado, mas Zhukov objectou.

– Penso que ele tem razão – disse o velho Kalinine, que praticamente nunca mais voltara a discordar de Estaline desde 1930. O *Verkhovnyi* «acendeu o cachimbo, sem pressas, e olhou para os membros do Politburo»:

– E se concordássemos com o camarada Zhukov? – perguntou.

– Tem razão, camarada Estaline – responderam todos, a uma voz. Mas Zhukov nem sempre levava a melhor.

Confrontado com a ameaça de mais tropas cercadas no Sul, Estaline concebeu medidas draconianas para obrigar os seus homens, pelo terror, a lutar até ao fim. Na primeira semana, aprovou a Ordem N.º 246 do NKGB, que estipulava a destruição das famílias dos soldados que fossem capturados, e logo a seguir tornou a decisão pública através da sua famosa Ordem N.º 270. Quis que também a assinassem Molotov, Budeny, Vorochilov e Zhukov, apesar de alguns deles nem sequer estarem presentes, mas este era, ao fim e ao cabo, um método tradicional de governo bolchevique. Estas medidas arruinaram as vidas de milhares de soldados inocentes e das respectivas famílias, incluindo a dele próprio.\*

\* A Ordem N.º 270 está redigida no estilo muito próprio de Estaline: «Ordeno que (1) quem quer que remova as suas insígnias (...) e se renda seja considerado um desertor malicioso cuja família deve ser detida como sendo a família de alguém que quebrou o juramento e traiu a Mãe Pátria. Esses desertores devem ser imediatamente abatidos. (2) Aqueles que se virem cercados, deverão lutar até ao fim (...), os

A 16 de Julho, numa situação de cerco, em Vitebsk, um tenente de artilharia do 14.º Regimento de Obuses da 14.ª Divisão Blindada viu-se atacado por forças alemãs. Sentindo-se especial, não quis retirar: «Sou filho de Estaline, não permitirei que a minha bateria retire» – mas também não optou por um honroso suicídio. A 19 de Julho, Berlim anunciou que, entre a enorme massa de prisioneiros soviéticos, se contava Iakov Djugachvili. Zhdanov enviou a Estaline um pacote selado contendo uma fotografia de Iakov, que o pai examinou atentamente, atormentado pela ideia de o pusilâнимo filho ter fraquejado e traído. Pela segunda vez na vida de Iakov, Estaline amaldiçoou o próprio filho por não se ter matado:

– O estúpido... nem sequer foi capaz de se matar! – murmurou, junto de Vassili.

Estaline começou imediatamente a desconfiar da mulher de Iakov, Júlia.

– Não digas nada à mulher do Iasha, para já – ordenou a Svetlana.

Pouco depois, ao abrigo da Ordem N.º 270, Júlia era presa. Gulia, a filha de três anos, só voltou a ver a mãe dois anos mais tarde. E no entanto, sabemos como Estaline lamentou a sorte de Iakov e não deixou de pensar nele até ao fim da sua vida.

Tratou imediatamente de proibir Vassili de participar em acções de combate: «Um filho prisioneiro é mais do que o suficiente para mim!» Mas ficou irritado quando o «príncipe real» telefonou a pedir dinheiro para um novo uniforme e mais comida:

«1. Tanto quanto sei», escreveu, «as rações da Força Aérea são mais do que suficientes. 2. Um uniforme especial para o filho de Estaline não está na agenda.»

Mais ou menos pela altura em que Iakov foi capturado, Estaline fez a sua primeira abordagem a Hitler. Ele e Molotov ordenaram a Béria que sondasse o embaixador búlgaro, Ivan Stamenov. Béria confiou a missão ao especialista em assassínio/espionagem, Sudoplatov, que contou a história nas suas semi-fiáveis memórias: as instruções que recebera eram perguntar por que razão tinha Hitler violado o Pacto, em que condições poria fim à guerra e se ficaria satisfeito com a Ucrânia, a Bielorrússia, a Moldávia e os países bálticos. Um segundo Brest-Litovsk? Béria disse a Sudoplatov que se tratava de uma manobra para ganhar tempo. Sudoplatov encontrou-se com Stamenov no restaurante georgiano preferido de Béria, o Aragvi, a 25 de Julho, mas o búlgaro nunca passou a mensagem para Berlim, dizendo:

– Mesmo que recuem até aos Urales, no fim acabarão por vencer.

\* \* \*

Entretanto, o avanço alemão para sul era inexorável: os *Panzer* que constituíam as duas pontas de lança do Grupo de Exércitos do Centro, sob o comando de Guderian

---

que preferirem render-se serão destruídos recorrendo a todos os meios disponíveis, e as suas famílias serão privadas de qualquer ajuda.»

e de Kleist, fecharam-se como uma tenaz sobre Kiev, cercando a Frente Sudoeste do general Kirponos, com mais umas centenas de milhares de homens. Era óbvio que Kiev teria de ser abandonada, mas, a 29 de Julho, Estaline convocou Zhukov para discutir todas as frentes. Ominosamente, Poskrebichev avisou que a reunião só começaria depois de Mekhlis chegar. Quando o «demónio sombrio» apareceu, com Béria e Malenkov, o chefe do Estado-Maior-General predisse, sob o olhar medusiano do sinistro trio, que os alemães esmagariam a Frente Sudoeste antes de se voltarem para Moscovo. Mekhlis interrompeu para perguntar, em tom de ameaça, como sabia Zhukov tanto a respeito dos planos dos alemães.

– E Kiev? – perguntou Estaline.

Zhukov propôs que a cidade fosse abandonada.

– Que disparate é esse? – berrou o *Verkhovnyi*.

– Se acha que o chefe do Estado-Maior-General está a dizer disparates, peço que me demita do meu cargo e me envie para a frente! – respondeu Zhukov, também aos berros.

– Quem lhe deu o direito de falar ao camarada Estaline nesse tom? – rosnou Mekhlis.

– Não se excite – disse Estaline, dirigindo-se a Zhukov. – Mas, já que fala nisso, passaremos bem sem si. – Zhukov pegou nos seus mapas e saiu da sala, para voltar a ser chamado quarenta minutos mais tarde. Foi-lhe então dito que tinha sido afastado do cargo de chefe do Estado-Maior-General, na realidade uma bênção disfarçada que permitiu ao aguerrido comandante voltar ao seu *habitat* natural. «Acalme-se, acalme-se», disse-lhe Estaline. Chapochnikov foi novamente nomeado chefe do Estado-Maior-General. Estaline sabia que o velho marechal estava doente, mas «nós ajudamo-lo». Zhukov pediu autorização para sair, mas Estaline convidou-o para tomar chá: Estaline gostava de Zhukov. O desastre que se desenrolou à volta de Kiev não tardou a provar o bom-senso dos «disparates» do general.

As pontas das tenazes aproximavam-se agora do eixo sudoeste, comandado pelo marechal Budeny e por Khrushchev, que pediu autorização para retirar. Estaline foi informado pelo NKVD de que Khrushchev se preparava para entregar Kiev e telefonou a ameaçá-lo. «Devias ter vergonha! (...) Que se passa contigo? Já abriste mão de metade da Ucrânia. E agora estás preparado para abrir mão da outra metade (...). Faz o que for preciso. Senão (...) tratamos de ti!» Na alternância de pânico vociferante e calada ansiedade que são os estados de espírito característicos de uma derrocada, Khrushchev encontrou Budeny a beber *brandy* com o chefe de operações da frente, Bragamian, e a dizer-lhe afectuosamente que devia ser fuzilado.

A 11 de Setembro, com o tempo a esgotar-se, Budeny, que era mais corajoso e mais competente do que a maior parte dos outros «cavaleiros», sabendo embora que podia ser demitido ou até preso, insistiu com Estaline, afirmando que «mais atrasos conduzirão a perdas maciças em homens e equipamento». Estaline demitiu-o no dia seguinte. Ao nomear Timochenko para aquela frente, fez-lhe uma estranha oferta: dois

cachimbos com veados esculpidos no fornilho, simbolizando a sua transferência do Norte para o Sul. Um gesto raro.

— Assume o comando — disse Budeny a Timochenko, na frente. — Mas telefonemos juntos a Estaline e digamos-lhe que retire de Kiev. Somos marechais a sério e eles vão acreditar em nós.

— Não quero pôr a cabeça no cepo — respondeu Timochenko.

Dois dias mais tarde, os Grupos *Panzer* Um e Dois de Kleist e Guderian operaram a sua junção, às 18:20, cento e sessenta quilómetros a leste de Kiev, encerrando cinco exércitos soviéticos num gigantesco cerco, o fruto podre da teimosia de Estaline: foram capturados 452.700 homens. A 18, Kiev tinha caído. Os nervos de Estaline aguentaram: «Tape o buraco», ordenou a Chapochnikov. «Rapidamente!»

Estaline e Béria aceleraram tanto a repressão como a redenção. Mais «cadáveres com sorte» foram postos em liberdade para ajudar ao esforço de guerra. «Não há ninguém em quem se possa confiar», murmurou Estaline durante uma reunião sobre defesa antiaérea, em que o engenheiro aeronáutico Iakovlev tomou a palavra:

— Camarada Estaline, faz já mais de um mês que o Balandin, o nosso vice-comissário do povo, foi preso. Não sabemos por que razão foi preso, mas não nos passa pela cabeça que fosse um Inimigo. Faz-nos falta... Pedimos-lhe que reexamine o caso dele.

— Sim — respondeu Estaline —, há já quarenta dias que está na prisão e não confessou nada. Talvez não seja culpado de coisa nenhuma.

No dia seguinte, Balandin, «de faces encovadas e cabeça rapada», apresentou-se ao trabalho, «como se nada se tivesse passado». Béria e Mikoian pediram a libertação de Vannikov, preso por ter discutido artilharia com Kulik. Foi levado directamente da sua cela ao gabinete de Estaline, que lhe pediu desculpa, admitindo que tivera razão e promovendo-o a um posto mais alto.

Havia um certo mal-estar quando os «cadáveres com sorte» se encontravam com os seus torturadores. O general Meretskov, de rosto largo e cabelos louros, preso durante as primeiras semanas da guerra, fora horrivelmente torturado pelo donairoso Merkulov, «o Teórico», de quem fora amigo antes da sua captura. Como um dos interrogadores mais tarde testemunhou: «Foi aplicada a Meretskov, por altos funcionários, uma tortura contínua e brutal (...). Foi espancado com cacetes de borracha» até ficar coberto de sangue. Lavado e vestido, foi levado à presença de Merkulov, mas disse ao seu torturador que não podiam continuar a ser amigos, uma conversa única naqueles estranhos tempos.

— Vsevolod Nikolaievitch, costumávamos encontrar-nos em termos informais, mas agora tenho medo de ti.

Merkulov sorriu. Minutos mais tarde, de uniforme vestido, o general Meretskov apresentou-se a Estaline, para receber a sua próxima missão.

— Então, camarada Meretskov, como se sente?

Ao mesmo tempo, Béria redobrava o Terror. À medida que o NKVD retirava, nem todos os presos eram libertados — apesar de Estaline ter todas as oportunidades para

fazê-lo. Os «espiões alemães» que tinham sido tão próximos dele, Maria e Aliosha Svanidze, estavam presos desde Dezembro de 1937. Estaline lembrava-se de Aliosha, que, como ele próprio disse a Mikoian, «foi condenado à morte. Ordenei a Merkulov que lhe dissesse, antes da execução, que se pedisse perdão ao Comité Central seria poupado.» Mas Svanidze respondeu orgulhosamente que estava inocente, pelo que «não posso pedir perdão». Cuspiu na cara de Merkulov:

– É esta a resposta que tenho para lhe dar! – gritou.

A 20 de Agosto de 1941, foi executado. Poucos dias mais tarde, em Kuntsevo, Estaline voltou-se para Mikoian:

– Queres saber uma coisa a respeito do Aliosha?

– O que é? – Mikoian, que adorava Svanidze, estava na esperança de ouvir que ia ser libertado. Mas Estaline anunciou-lhe calmamente que fora morto.

– Não quis pedir perdão. Que nobre orgulho! – comentou Estaline.

– Quando foi isso?

– Recentemente.

Maria Svanidze, que venerara Estaline, foi, tal como Mariko, a irmã de Aliosha, assassinada no ano seguinte.

«FEROZ COMO UM CÃO»:  
ZHDANOV E O CERCO DE LENINEGRADO

Enquanto Molotov se sentava ao lado de Estaline no «Cantinho», Zhdanov governava a sitiada Leninegrado como um mini-Estaline. Mas, então, o *Verkhovnyi* voltou a sua fúria contra os comandantes da cidade de Lenine.\* A 21 de Agosto de 1941, um avanço alemão para nordeste quase cortou as ligações de Leninegrado com o resto da Rússia. Vorochilov, agora com sessenta anos, assumiu o comando ao lado de Zhdanov. Ambos os homens tinham muito que provar, mas, à medida que Leninegrado era gradualmente cercada, ambos se esforçavam por conservar a confiança de Estaline.

Dia após dia, os alemães apertavam o cerco, e Estaline sentia no ar o cheiro a derrotismo. Numa série de ordens carregadas de ansiedade, acusava os dois de não se aperceberem «deste perigo fatal. O Stavka não pode aceitar este estado de espírito fatalista nem a impossibilidade de tomar fortes medidas, nem a afirmação de que tudo o que era possível fazer foi feito e nada mais se pode fazer (...).» Soube então que Vorochilov, numa reconstituição dos dias gloriosos de Tsaritsyn, em 1918, estava a planear levantar o moral das tropas com a eleição de oficiais – só que, desta vez, o escandalizado comissário da Guerra não era Trotski.

«Parar imediatamente com as eleições, porque paralisarão o exército e elegerão chefes incapazes», ordenou Estaline, apoiado por Molotov e Mikoian. «Precisamos de líderes omnipotentes. O mal espalhar-se-á como uma doença. Não estamos a falar de Vologda, e sim da segunda cidade do país!» E acrescentava: «Pedimos a Vorochilov e a Zhdanov que nos informem sobre as operações. Ainda não o fizeram. É uma pena.»

---

\* A abertura dos papéis de Estaline e de Zhdanov permite-nos, pela primeira vez, escutar os frenéticos esforços dos dois para salvar Leninegrado.

«Tudo claro», respondeu Leninegrado. «Adeus, camarada Estaline. Ajuda muito. Excelente atitude!»

Zhdanov controlava todos os aspectos da vida de Leninegrado, lançando a frase que ficou famosa: «O inimigo está à nossa porta!» Agora gordo, asmático e exausto, a fumar cigarros *Belomor* uns atrás dos outros, vestindo um dólman verde-azeitona e de pistola à cinta, dirigia a frente a partir de um gabinete situado no terceiro andar da ala direita do Instituto Smolny, cheio de fotos de Estaline, Marx e Engels. A sua comprida mesa estava coberta por um pano de baeta vermelha, tal como a de Estaline era verde. A secretaria era encastrada em pedra dos Urales, uma oferta de uma qualquer fábrica de Leninegrado. Bebia chá, como Estaline, de um copo metido numa armação de prata, a chupar torrões de açúcar, e, também como Estaline, dormia num divã instalado no gabinete. Escrevia os editoriais dos jornais, distribuía pessoalmente cada volt de electricidade, ameaçava os «derrotistas» com morte imediata e partilhava o comando da frente.

Entretanto, Vorochilov fazia gala da magnífica coragem de que já dera provas em Tsaritsyn. Quando apareceu na frente, em Ivanovskoye, os soldados viram o Primeiro Marechal passear-se de um lado para o outro sob uma pesada barragem de artilharia:

– É ele! Vorochilov! Klim! Vejam como se ergue direito, como se tivesse nascido da terra!

Poucos quilómetros mais à frente, o marechal encontrou um grupo de soldados que tinham cedido sob o ataque alemão. Mandou parar o carro do Estado-Maior, empunhou a pistola e conduziu as tropas num feroz contra-ataque, aos gritos de «*Hurra!*» O velho cavaleiro bem podia brandir o seu sabre, mas isso não bastava para estabilizar a frente.

Estaline não se deixou comover pela heróica inépcia do seu *beau sabreur*. E a sua simpatia para com Zhdanov estava a arrefecer depressa. Quando os leninegradenses se referiam respeitosamente ao seu chefe como «Andrei Alexandrovitch», Estaline respondeu, gélido: «Andrei Alexandrovitch? De que Andrei Alexandrovitch estão vocês a falar?» A aterrorizada submissão às suas ordens não ajudava a melhorar as coisas: «Se não concorda», disse a Zhdanov, «diga-mo na cara.» Mas também mostrava a sua sarcástica irritação, rabiscando a lápis vermelho: «Não respondeu à proposta. Não respondeu? Por que não? (...) Está compreendido? Quando inicia o ataque? Exigimos uma resposta imediata em duas palavras: “Sim” significará uma resposta positiva e implementação imediata, e “Não” significará uma negativa. Responda sim ou não. Estaline.» Apesar disto, resistiu a todas as tentativas de demitir Zhdanov, que cambaleava sob o fardo da defesa de Leninegrado.

A 21, apercebendo-se de quanto a situação era desesperada, ordenou a Molotov e a Malenkov que, investidos de toda a sua autoridade, fossem a Leninegrado e escolhessem um bode expiatório, assinalando deste modo a queda em desgraça de Zhdanov. «Para Vorochilov, Malenkov, Zhdanov (...). A frente de Leninegrado só pensa numa coisa: qualquer maneira de retirar (...). Não será tempo de se desembaraçarem destes

heróis da retirada?» Mas Molotov e Malenkov tinham uma outra missão ainda mais importante e secreta: deviam ou não abandonar Leninegrado?

A viagem em si foi toda uma aventura. Foram de avião até Cherepovets, ondeapanharam um comboio especial para oeste, mas, subitamente, o comboio não podia ir mais longe e parou na pequena estação de Mga, quarenta quilómetros a leste da cidade. Os potentados assistiram, de longe, a um bombardeamento aéreo, mas não tinham modo de adivinhar que aquilo era o início do avanço alemão que fecharia o cerco a Leninegrado apenas dois dias mais tarde: Mga fora a última porta de entrada. Molotov e Malenkov estavam sem saber o que fazer. Caminharam pelos carris em direcção a Leninegrado até encontrarem um carro-eléctrico suburbano, que apanharam como vulgares habitantes dos arredores. Mais à frente, descobriram um comboio blindado.

Encontraram Zhdanov a controlar a situação por um fio, mas a procurar conforto na bebida e a lutar contra a asma. Zhdanov nunca fora o mais forte dos homens de Estaline: «falta-lhe fibra», achava Molotov. O álcool tornou-se o grande pecado deste estalinista perfeito. Estava agora perto do colapso, admitindo abertamente perante Estaline que a dada altura perdera a coragem, entrara em pânico durante um bombardeamento e correra a esconder-se, embriagado, no *bunker* do Smolny. Mas esta confissão ajudou-o a conservar o favor do *Vozhd*. Trabalhava como um possesso, mas a saúde dele nunca recuperou.

Malenkov gostava de espalhar a história da cobardia alcoólica de Zhdanov ao mesmo tempo que se gabava de nunca a ter comunicado a Estaline, o que é difícil de acreditar. Zhdanov dava-se bem com Molotov, mas desprezava Malenkov desde o fim dos anos 30. Fora ele quem cunhara a alcunha por que era conhecido o gordo e efeminado burocrata: «Malanya». O ódio recíproco destes dois nobres rebentos da *intelligentsia* provinciana havia de fervilhar até acabar numa matança. Provavelmente, Malenkov propôs a prisão de Zhdanov, mas Béria, sabendo da amizade de Estaline pelo «Pianista», disse que não era aquele o momento mais indicado para levar a tribunal militar membros do Politburo. Molotov concordou: «Zhdanov era um bom camarada», mas estava «muito descoroçado».

Além de procurarem bodes expiatórios, os plenipotenciários de Estaline dificilmente contribuíram para melhorar a situação: «Receio», escreveu Estaline histericamente a Molotov e Malenkov, «que Leninegrado se perca devido à imbecilidade e à estupidez, e Leninegrado inteira corre o risco de ficar cercada. Que andam Popov [o comandante da frente] e Vorochilov a fazer? Nem sequer nos informam sobre as medidas que estão a tomar contra o perigo. Estão demasiado ocupados a procurar novas linhas de retirada. Tanto quanto consigo ver, é esse o seu único propósito (...). Isto é puro fatalismo camponês (...). Que gente! Não comprehendo nada. Não acham que alguém está a abrir caminho aos alemães nesta importante direcção? De propósito? O que é esse tal Popov? Que anda o Vorochilov a fazer? Como está ele a ajudar Leninegrado? Escrevo a respeito disto porque estou perturbado com a falta de actividade do comandante de Leninegrado (...). Voltem a Moscovo. Não se atrasem.»

De regresso, os emissários aconselharam Estaline a riscar o eixo noroeste de Vorochilov e afastar o Primeiro Marechal, que passava «o tempo todo nas trincheiras». Entretanto, Schlüsselberg, a fortaleza junto ao Neva, e Mga caíam. Vorochilov não informou Moscovo, e quando Estaline soube destas prevaricações, ficou furioso.

«Estamos muito indignados com a vossa conduta», disse a Vorochilov e a Zhdanov. «Só nos falam de perdas, mas nem uma palavra a respeito de medidas para salvar cidades (...). E a perda de Schlüsselberg? Quando acabarão as nossas perdas? Decidiram entregar Leninegrado?»

A 8 de Setembro, Estaline chamou Zhukov ao seu apartamento, onde jantava com os companheiros do costume – Molotov, Malenkov e o patrão de Moscovo, Alexandre Shcherbakov.\*

- Para onde vai desta vez? – perguntou, em tom de conversa.
- De novo para a frente – respondeu Zhukov.
- Que frente?
- Aquela que considerar mais necessária.
- Nesse caso, vá imediatamente para Leninegrado. A situação lá é quase desesperada...

Estaline entregou-lhe uma nota para Vorochilov: «Entrega o comando a Zhukov e regressa imediatamente a Moscovo.» Para Zhdanov, rabiscou: «Vorochilov volta hoje a Moscovo!»

Zhukov assumiu o comando do quartel-general do Smolny, em Leninegrado, com uma mistura de profissionalismo e dureza draconiana, gritando aos oficiais: «Não compreendem que se a divisão de Antonov não ocupar a linha (...) os alemães entram na cidade? E se isso acontecer mando-o fuzilar diante do Smolny, como traidor.» Zhdanov, de pé ao lado do seu novo parceiro no comando, franziu o sobrolho: não gostava de ouvir praguejar.

Vorochilov, desolado, dirigiu-se aos seus oficiais:

- Adeus, camaradas – disse. – O Stavka chama-me a Moscovo. – Fez uma pausa.
- É o que merece um velho como eu. Isto não é a Guerra Civil. Agora, temos de lutar de uma maneira diferente... Mas não duvidem por um instante de que esmagaremos essa escumalha fascista!

De novo em Moscovo, Estaline admitiu: «É possível que tenhamos de abandonar “Peter”.» Mas Zhukov endureceu a resistência aos alemães, e então contra-atacou. Zhdanov, a trabalhar de perto com Zhukov, mostrava agora a sua fibra, queixando-se de que os seus «tribunais estão inactivos contra os que espalham boatos provocadores (...). Os

\* Shcherbakov era um desses Homens Novos que tinham subido trepando por cima de montes de cadáveres, nos anos 30. «Com a sua impassível cara de Buda, os óculos de grossas lentes e aros de tartaruga apoiados na ponta do nariz pequeno e arrebitado», Shcherbakov, que era cunhado de Zhdanov – mais um exemplo de endogamia no seio da elite –, fizera nome gerindo questões culturais, e em seguida sucedera a Khrushchev como primeiro-secretário de Moscovo, tornando-se candidato a membro do Politburo em 1941, juntamente com Malenkov e Voznessenski. Anti-semita primário e alcoólico, Khrushchev chamou-lhe «uma cobra (...), um dos piores».

Departamentos Especiais devem organizar o julgamento de provocadores e boateiros. O público tem de saber como tratamos esses filhos da mãe.» Fosse o que fosse que Estaline sugerisse, era posto em prática.\* A 13 de Novembro, Estaline disse-lhe que os alemães estavam a construir fortins nas caves de casas vulgares: «O comissário do povo para a Defesa, camarada Estaline, dá as seguintes instruções», escreveu Zhdanov. «Quando avançarem, não tentem capturar um ou outro ponto (...), reduzam a cinzas essas áreas povoadas. Deste modo, os oficiais e soldados alemães ficarão sepultados (...). Ponham os sentimentos de parte e destruam todas as áreas povoadas que encontrarem pela frente!»

Zhukov e Zhdanov conseguiram tornar qualquer tentativa de tomar Leninegrado de assalto demasiado cara para os alemães. Hitler hesitou, cancelou o ataque e ordenou que, em vez disso, a cidade fosse submetida pela fome e em seguida arrasada: assim começou um cerco que ia durar 900 dias. Zhdanov não perdera o hábito de escrever a Estaline cartas pessoais, com uma bela caneta de tinta permanente: «A principal causa do nosso fracasso foi o mau desempenho da infantaria (...). Lembrámo-nos do que nos disse durante a guerra da Finlândia», mas «o nosso povo tem o péssimo hábito de não acabar as coisas e analisá-las – e então pôe-se correr em todas as direcções (...). Actualmente, trabalhamos com empenho para modificar o nosso tipo de ataque (...). O pior é que a fome começa a alastrar.»

Havia 2,2 milhões de pessoas encurralladas em Leninegrado. Só nesse mês de Dezembro, 53.000 delas morreram, e muitas mais se seguiriam. As pessoas morriam em plena rua, nas suas camas, famílias inteiras desapareciam, uma a uma. Havia demasiados corpos e os vivos estavam demasiado fracos para os enterrar. O canibalismo floresceu: não era raro encontrar um corpo estendido no vestíbulo de um apartamento sem as coxas e o peito. Calcula-se que, a partir daquele momento e até Julho de 1942, morreu em Leninegrado cerca de um milhão de pessoas.

Zhdanov, assistido pelo seu respeitado segundo-secretário, Alexei Kuznetsov, reconquistou o respeito de Estaline e o dos leninegradenses. Pouco a pouco, foram-se tornando heróis, à medida que se sabia que partilhavam o infortúnio dos seus cidadãos, vivendo pessoalmente com uma ração militar de meio quilo de pão por dia, um prato de sopa de carne ou de peixe e um pouco de *kasha*. Enquanto centenas de milhares morriam nas ruas, os líderes trabalhavam dia e noite. Kuznetsov, um jovem alto e desengonçado com um rosto comprido e bonito, mantinha Leninegrado unida durante os momentos de fraqueza de Zhdanov, percorrendo as trincheiras acompanhado pelo filho pequeno. O próprio Estaline o louvou: «A Pátria não te esquecerá!», escreveu.

---

\* Quando, a 31 de Outubro, Estaline ouviu dizer que os nazis estavam a usar «delegações» de homens e mulheres russos como escudos humanos, ordenou a Zhdanov: «Diz-se que entre os bolcheviques de Leninegrado há quem ache impossível usar armas contra esses “delegados”. Se essas pessoas de facto existem (...), há que liquidá-las antes de todas as outras, pois são mais perigosas do que os soldados alemães. O meu conselho – nada de sentimentalismos (...). Destruam os alemães e os seus delegados!»

Em Novembro, ordenaram a construção da «Estrada da Vida» através do gelo do lago Ladoga, que se tornou a única via de abastecimento da cidade sitiada. Durante a fome, Zhdanov distribuiu os mantimentos com tal pormenor que, a dada altura, era ele o único homem autorizado a substituir um cartão de racionamento perdido. Por vezes, tinha lampejos de decência humana: quando se registou um surto de disenteria numa escola, suspeitou de que o pessoal andava a roubar a comida das crianças e enviou um general para investigar. Descobriu-se então que as crianças estavam a levar a comida para casa, em frascos, para as famílias, mas Zhdanov não as impediu.

«Eu teria feito a mesma coisa», admitiu, e ordenou a evacuação das crianças. Depois da guerra, foi citado como tendo afirmado que «as pessoas morriam como moscas», mas «a História nunca me perdoaria se tivesse entregado Leninegrado».

Mesmo assim, Estaline ficou furioso quando Zhdanov deu provas de uma perigosa independência: «Imagina que Leninegrado sob a chefia de Zhdanov não se situa na URSS e sim algures numa ilha no meio do Pacífico?»

«Admitimos o nosso erro», respondeu Zhdanov, que comunicou então um problema com as operações no lago Lagoda, o qual atribuía «à cobardia e à traição» dos comandantes da 80.<sup>a</sup> Divisão. «Enviamos um pedido para que sejamos autorizados (...) a fuzilar o comandante da 80.<sup>a</sup> Divisão e o seu comissário Ivanov (...). O Conselho precisa de combater o pânico e a cobardia mesmo entre os oficiais.»

«Frolov e Ivanov devem ser fuzilados e a notícia passada aos meios de comunicação», respondeu Estaline.

«Compreendido. Será feito.»

«Não percam tempo», disse Estaline. «Cada momento é precioso. O inimigo concentra as suas forças contra Moscovo. Todas as outras frentes têm a oportunidade de contra-atacar. Aproveitem o momento!»

Zhdanov terminou da seguinte maneira a sua resposta manuscrita: «Aguardamos o início da derrota alemã fora de Moscovo. Saúde!» E então acrescentou: «PS. Tornei-me feroz como um cão!»\*

\* \* \*

Hitler transferiu os seus *Panzer* para a Operação Tufão, a grande ofensiva contra Moscovo, destinada a derrubar definitivamente a União Soviética. Os blindados de Guderian surpreenderam e em seguida contornaram a frente de Briansk, no preciso instante em que Estaline recebia Lord Beaverbrook, o azougado barão da imprensa canadiano e membro do Gabinete de Guerra britânico, e Averell Harriman, o atraente e esgalgado herdeiro de um império ferroviário e enviado americano, que tinham ido negociar as modalidades de ajuda militar que permitisse manter a Rússia na guerra.

---

\* Talvez como recompensa por esta ferocidade, a 11 de Dezembro, Zhdanov, que não via Estaline desde 24 de Junho, voou até Moscovo e iniciou a subida de volta ao topo.

Os dois plutocratas viram Estaline fazer o papel de gracioso anfitrião ao mesmo tempo que enfrentava a catástrofe. «Estaline nunca estava quieto, passeando de um lado para o outro e fumando sem parar, dando-nos a ambos a impressão de se encontrar sob uma enorme tensão», recordaria Beaverbrook. Como sempre, Estaline alternava entre a grosseria e o encanto, desenhando lobos no seu bloco de notas para logo a seguir atirar para o lado uma carta de Churchill, sem a abrir, e exclamar:

— A mesquinhez das vossas ofertas mostra claramente que querem ver a União Soviética derrotada!

«Estava pálido, esgotado, marcado pelas bexigas (...), quase emaciado.» A 1 de Outubro, a frente de Moscovo desagregava-se enquanto Estaline oferecia um extravagante banquete no Grande Palácio do Kremlin. Às sete e meia da tarde, os cem convidados conversavam em voz alta no Salão Catarina, com os seus cadeirões e sofás estampados com o monograma de Catarina, a Grande, as suas paredes forradas a papel de seda verde e os velhos retratos nas suas molduras de talha dourada. Pouco antes das oito, os russos presentes começaram a olhar ansiosamente para as altas portas douradas, e às oito em ponto fez-se silêncio quando Estaline, «vestindo um dólman que parecia pender-lhe do corpo emagrecido», entrou e avançou lentamente.

Ao jantar, sentou-se entre os dois magnatas estrangeiros, com Molotov no seu lugar habitual, em frente dele, e, um pouco mais afastados, Vorochilov e Mikoian, que daí em diante se ocupariam de negociar os pormenores da ajuda ocidental.\* Enquanto os criados descarregavam em cima dos convidados uma avalanche de *hors d'oeuvres*, caviar, sopa, peixe, leitão, galinha e caça, gelados e bolos, tudo isto acompanhado por champanhe, *vodka*, vinho e *brandy* arménio, Estaline brindou à vitória antes de Molotov pegar no testemunho. Houve trinta e dois brindes antes que a noite chegasse ao fim. Quando gostava de um brinde, Estaline batia palmas antes de beber, mas continuava a falar alegremente enquanto outros discursavam. «Bebeu constantemente por um pequeno copo (de licor)», escreveu Beaverbrook, que registou tudo com a minúcia de um dos seus colunistas do *Daily Express*. «Comeu bem, copiosamente, mesmo», mordiscando o caviar da faca, sem pão nem manteiga. Estaline e Beaverbrook, dois malandros astutos, mantiveram uma espécie de malicioso duelo. Apontando para Kalinine, Beaverbrook, que ouvira falar da predilecção do velho presidente por jovens bailarinas, perguntou a Estaline se ele tinha uma amante. «Está demasiado velho», riu Estaline. «E o senhor?»

Estaline guiou então o grupo, de mãos atrás das costas, até ao cinema, onde assistiu atentamente a dois filmes, bebendo champanhe e rindo. Apesar de ser já uma e meia da manhã, o omnipotente insone sugeriu um terceiro filme, mas Beaverbrook estava demasiado cansado. Enquanto os ocidentais se retiravam, os alemães rompiam a frente e avançavam para Moscovo.

\* Até Estaline admitiu que a ajuda do Ocidente fora um contributo decisivo para o seu esforço de guerra. Mikoian mantinha-o ao corrente de tudo o que chegava, fossem camiões via Pérsia, fosse armamento via Arcangel. Era tanta a urgência que, em Novembro de 1941, Estaline somou o número de aviões (432), com o seu lápis vermelho, nas notas de Mikoian.

A 3 de Outubro, Guderian tomou Orel, 200 quilómetros para lá da suposta linha da frente russa. A frente de Briansk, comandada por Ieremenko, e a Frente de Reserva, de Budeny, foram esmagadas: 665.000 russos renderam-se. A 4, Estaline perdeu o contacto com a desmantelada Frente Ocidental, a cargo de Koniev, deixando um buraco com dezanove quilómetros de extensão nas defesas de Moscovo. Às primeiras horas do dia 5, o comandante da Força Aérea da capital, Sbytov, anunciou a quase incrível notícia de que uma longa coluna de tanques alemães avançava para a cidade pela estrada de Ukhnovo, a 100 quilómetros do Kremlin. Um segundo voo de reconhecimento confirmou a notícia. «Muito bem», disse Estaline a Telegin, comissário de Moscovo. «Actue decisiva e energicamente (...), mobilize todos os recursos disponíveis para conter o inimigo (...).»

Simultaneamente, a *entourage* do *Verkhovnyi* tentava abafar a notícia, como tentara negar a invasão alemã. «Ouça», disse Béria a Telegin, num tom ameaçador. «Aceita como verdade todos os disparates que ouve? É evidente que recebeu a notícia de alarmistas e provocadores!» Minutos mais tarde, o pobre coronel Sbytov entrou a correr no gabinete de Telegin, «pálido e a tremer». Béria ordenara-lhe que se apresentasse de imediato ao temido chefe do Departamento Especial, Victor Abakumov, que o ameaçara, e aos seus pilotos, de prisão por «cobardia e alarmismo». Quando um terceiro avião confirmou que todas as três frentes tinham caído, Estaline refreou as suas hienas.

Pouco depois, telefonou a Zhukov, que continuava em Leninegrado:

- Faço-lhe apenas uma pergunta. Pode meter-se num avião e vir a Moscovo?
  - Peço para ir de madrugada.
  - Esperamos por si em Moscovo.
  - Lá estarei.
- Boa sorte – respondeu Estaline. Entretanto, mandou Vorochilov procurar as frentes e descobrir o que pudesse.

Ao fim da tarde de 7 de Outubro, Vlasik conduzia Zhukov directamente ao apartamento do Kremlin onde Estaline, que estava engripado, conversava com Béria. Provavelmente «sem se ter apercebido da minha chegada», nas palavras de Zhukov, Estaline ordenava a Béria que usasse «os seus “Órgãos” para sondar a possibilidade de estabelecer uma paz separada com a Alemanha, dada a gravidade da situação (...).» Estaline pretendia testar a resolução germânica, mas não haveria com certeza momento em que Hitler estivesse menos disposto a negociar do que aquele, quando Moscovo parecia prestes a cair.\* Diz-se que Béria tentou uma segunda abordagem, usando um «banqueiro» búlgaro ou novamente o embaixador, mas sem resultado.

Sem perder tempo com rodeios, Estaline ordenou a Zhukov que se deslocasse às frentes de Koniev e de Budeny. Precisava de um bode expiatório, conjecturando que

\* Em 1966, quando as memórias de Zhukov foram publicadas em Moscovo, esta informação foi considerada demasiado perigosa e excluída. Só em 1990, com a publicação da versão integral, o relato foi conhecido.

talvez Koniev fosse um «traidor». Lançando-se de cabeça no turbilhão, Zhukov encontrou os atordoados comandantes da Frente Ocidental, o duro e calvo Koniev e o comissário político, Bulganine, numa desolada sala mal iluminada por velas. Bulganine acabava de falar com Estaline, mas não podia dizer-lhe nada «porque nós próprios não sabemos». Às duas e meia da madrugada do dia 8, Zhukov telefonou a Estaline, que continuava doente:

– O principal perigo, neste momento, é as estradas para Moscovo estarem praticamente sem defesa.

– E as reservas? – perguntou Estaline.

– Cercadas.

– Que tenciona fazer?

– Vou ter com o Budeny...

– E sabe onde está o quartel-general dele?

– Não. Vou procurá-lo...

Estaline despachou Molotov e Malenkov para este caldeirão, para assumir o controlo... e assacar culpas. Em Maloiaroslavets, Zhukov encontrou uma pequena cidade completamente deserta com exceção de um condutor adormecido ao volante de um jipe e que era nada menos que o condutor de Budeny. O marechal estava no interior do soviete distrital, a tentar descobrir os seus exércitos num mapa. Os dois cavaleiros abraçaram-se calorosamente. Budeny salvara Zhukov de ser preso durante o Terror, mas agora estava confuso e exausto. Na manhã seguinte, Estaline ordenou a Zhukov que regressasse ao quartel-general da Frente Ocidental, a norte de Mozaisk, e assumisse o comando.

Zhukov encontrou Molotov, Malenkov, Vorochilov e Bulganine empenhados numa feia e desesperada procura de um bode expiatório. Koniev e Vorochilov envolveram-se numa discussão a respeito de quem ordenara que retirada. A vida de Koniev ficou por um fio quando Vorochilov o acusou, aos gritos, de ser um «traidor». Vorochilov tinha o apoio de Nikolai Bulganine, o louro ex-chekista de barbicha pontiaguda que fora presidente da Câmara de Moscovo e patrão do Banco do Estado. Este Don Juan aparentemente afável, que cultivava uma elegância aristocrática mas a quem Béria chamava «o Canalizador», por causa do trabalho que fizera nos esgotos da capital, era habilmente ambicioso e suavemente implacável: queria que Koniev fosse fuzilado, talvez para salvar a sua própria pele.

Estaline telefonou a ordenar a prisão de Koniev, mas Zhukov persuadiu o Supremo de que precisava dele como seu ajudante. «Se Moscovo cair», ameaçou Estaline, «as cabeças de ambos vão rolar (...). Organizem rapidamente a Frente Ocidental e actuem!» Dois dias mais tarde, Molotov telefonou e ameaçou mandar fuzilar Zhukov se este não travasse a debandada. Se Molotov achava que era capaz de fazer melhor, estava à vontade para tentar, retorquiu Zhukov. Molotov desligou.

Zhukov endureceu a resistência, apesar de contar apenas com 90.000 homens para defender Moscovo. Lutou para ganhar tempo, com os combates a atingirem níveis de

selvajaria sem precedentes. A 18, Kalinine caíra, a norte, e Kaluga a sul, e havia agora *Panzer* no campo de batalha de Borodino. Nevou, e depois a neve derreteu, criando um pantanoso atoleiro que deteve temporariamente os alemães. Ambos os lados combateram heroicamente, tanque contra tanque, como dois gigantes a lutar num mar de lama.

Estaline controlava todos os aspectos da batalha, mantendo uma lista de homens e de tanques no seu pequeno bloco de notas com capas de couro. «Estão outra vez a esconder-me armas?», perguntou a Voronov. Já a 3 de Agosto, ordenara secretamente a criação de uma reserva especial de tanques para defender Moscovo: aqueles tanques não seriam «dados fosse a quem fosse», especificara. Mas os visitantes ficavam espantados «pelo tom de Zhukov»: falava com Estaline «num duro tom de comando, como se fosse ele o oficial superior, e Estaline aceitava isto».

Estaline aumentava constantemente o nível de crueldade. Foi possivelmente por esta altura que sublinhou a passagem em que d'Abernon afirma que os soldados alemães tinham mais medo dos seus próprios oficiais do que do inimigo. Começou por lançar a sua política de «terra queimada», «para destruir e reduzir a cinzas todas as áreas povoadas na retaguarda alemã numa profundidade de 40-60 km da linha da frente». Béria, Mekhlis e o chefe do Departamento Especial, Abakumov, uma estrela em ascensão, comunicavam semanalmente o número de soldados soviéticos detidos e fuzilados: por exemplo, Béria escreveu a Mekhlis, durante a batalha de Moscovo, a comunicar que, desde o início da guerra, tinham sido detidos na retaguarda 638.112 homens, dos quais 82.865 tinham ficado presos, enquanto Abakumov anunciava a Estaline que, naquela semana, o seu Departamento Especial detivera 1189 desertores e executara 505. Agora, na frente perto de Moscovo, os «batalhões de intercepção» de Bulganine, criados para aterrorizar os cobardes, tinham prendido 23.064 «desertores» em apenas três dias. Há o mito de que a única altura em que Estaline interrompeu a guerra contra

o seu próprio povo foi em 1941 e 1942, mas, durante esse período, foram condenados 994.000 soldados, e 157.000 fuzilados, o que corresponde a mais de quinze divisões.

Béria aproveitava para liquidar também antigos prisioneiros: a 13 de Outubro, a mulher de Poskrebichev, a outrora efervescente Bronka, foi executada, algo que, como o assassinio dos Svanidze, só podia ter acontecido por ordem de Estaline. À medida que recuavam, os homens do NKVD atiravam granadas para dentro das suas próprias prisões ou transferiam os presos para o interior. A 3 de Outubro, Béria liquidou 157 «celebridades» que se encontravam detidas, como Kameneva, irmã de Trotski e viúva de Kamenev, na floresta de Medvedev, perto do Orel. A 28, ordenou a execução de mais vinte e cinco, incluindo o ex-comandante da Força Aérea, Ritchagov, que retornaria a Estaline com a célebre réplica dos «caixões voadores». Os 4905 infelizes que aguardavam no corredor da morte foram despachados em oito dias.

Nas ruas de Moscovo, as grilhetas do controlo de Estaline foram quebradas pelo medo dos exércitos alemães. A lei desapareceu. A 14 de Outubro, as lojas de alimentos estavam a ser pilhadas, as casas vazias, saqueadas. Os refugiados atafulhavam as ruas, assaltados por bando de meliantes. Um véu de fumo dos papéis que as entidades oficiais queimavam cobria a cidade. Na Estação de Kursk, «uma multidão enorme de mulheres, crianças e velhos enchia a praça. O frio era cortante. As crianças choravam», mas as massas esperavam «paciente e submissamente». Cerca de cem soldados deram os braços para conter a turba. Alguns comissariados e as famílias dos funcionários mais importantes foram evacuados para Kuibichev. O fogo das antiaéreas iluminava o céu, enquanto o Kremlin, semideserto, com todas as janelas tapadas, se apresentava bizarramente camuflado: uma enorme lona em que tinha sido pintada uma fila de casas, uma verdadeira aldeia-Potemkine, cobria as muralhas voltadas para o rio.

Béria, Malenkov e Kaganovitch, segundo os guarda-costas de Estaline, «perderam o autocontrolo», encorajando a fuga da população. «Vamos ser abatidos como perdizes», disse Béria durante uma reunião, propondo o abandono imediato de Moscovo. Os potentados aconselhavam Estaline a refugiar-se em Kuibichev. Béria chamou Sudoplatov, o perito em «Missões Especiais», ao seu gabinete na Lubianka, onde estava reunido com Malenkov, e ordenou-lhe que dinamitas todos os edifícios principais, do metro de Kaganovitch ao estádio de futebol. Na noite de 15, tornou as coisas ainda piores do que já estavam ao convocar uma reunião dos líderes do partido para o seu gabinete no abrigo à prova de bomba no n.º 2 da Rua Dzerzhinski, e anunciando: «A ligação com a frente foi quebrada». Ordenou-lhes que evacuassem «todos os que estejam incapazes de defender Moscovo. Distribuam comida pelos habitantes.» Houve motins nas fábricas, onde os trabalhadores não podiam entrar porque os edifícios estavam minados. Molotov disse aos embaixadores que seriam imediatamente evacuados.

Quanto a Estaline, apresentava um ar de solitária imprescrutabilidade, não revelando os seus planos fosse a quem fosse, enquanto os potentados se preparavam para a evacuação. Quando os ataques da aviação alemã contra Moscovo se tornaram mais intensos, subia para o telhado da casa, em Kuntsevo, e ficava a ver os combates aéreos.

Certa vez, um estilhaço caiu perto dele, enquanto observava do jardim, e Vlasik entregou-lhe o pedaço de metal ainda quente. Vassili Estaline chegou uma noite, para visitar o pai. Quando um avião alemão passou por cima da casa, os guardas não abriram fogo, por não quererem chamar a atenção para a residência de Estaline.

– Cobardes! – gritou Vassili, disparando ele próprio as armas.

Estaline apareceu à porta.

– Acertou em alguma coisa? – perguntou.

– Não, não acertou.

– Vencedor do Prémio de Tiro Vorochilov – comentou Estaline, secamente.

A tensão começava, porém, a cobrar o seu tributo: ninguém fazia ideia de como tinha envelhecido. Estaline era agora «um homem baixo com um rosto cansado e gasto (...). Os olhos tinham perdido a antiga firmeza, a voz tornara-se insegura.» Khrushchev ficou horrorizado ao ver aquele «saco de ossos». Certa noite, quando Andreiev e a filha, Natacha, passeavam à volta do gelado Kremlin, viram Estaline a caminhar de um lado para o outro, nas muralhas, pouco vestido, como sempre, sem luvas e com o rosto azulado de frio. Nos seus momentos livres, continuava a ler História: foi por esta altura que escreveu numa nova biografia de Ivan, o Terrível, «professor, professor», e a seguir: «Venceremos!» Os seus estados de espírito oscilavam entre uma coragem espartana e acessos de fúria histérica. Koniev ficou espantado ao receber um telefonema durante o qual Estaline lhe gritou:

– O camarada Estaline não é um traidor. O camarada Estaline é um homem honrado; o seu único erro foi confiar demasiado em cavaleiros.

Era assediado por constantes «avistamentos» de pára-quedistas alemães a aterrarem no centro de Moscovo:

– Pára-quedistas? Quantos? Uma companhia? – gritava ao telefone quando um general entrou para apresentar o seu relatório. – E quem os viu? Você viu-os? E onde aterraram? Está louco... Digo-lhe que não acredito. Só falta dizer-me que já aterraram no seu gabinete! – Pousou violentamente o auscultador. – Há horas que me atormentam com histórias a respeito de pára-quedistas alemães. Não me deixam trabalhar. Tagarelas!

Os colaboradores prepararam-lhe a partida, sem o consultarem. As *dachas* foram dinamitadas. Havia um comboio especial pronto, estacionado numa transvia escondida, carregado com os pertences das várias residências, incluindo a sua amada biblioteca. Quatro aviões *Douglas DC-3* americanos estavam igualmente de prevenção.

Na tarde de 15 de Outubro, Estaline ordenou aos guardas que o levassem a Kuntsevo, que tinha sido fechada e minada. O comandante disse-lhe que não podia ir, mas Estaline insistiu: «Têm duas ou três horas para retirar as minas. Acendam o fogão na casa pequena. Trabalharei lá.»

Na manhã seguinte, dirigiu-se ao Kremlin mais cedo do que era habitual. Pelo caminho, este adorador da ordem ficou espantado ao ver multidões a saquear lojas. Os guardas afirmariam que mandou parar o carro na Praça Smolensk, onde foi rodeado por uma multidão que começou a fazer perguntas bastante pertinentes, como:

– Quando é que o exército soviético vai travar o inimigo?

– Esse dia está próximo – respondeu ele, antes de continuar em direcção ao Kremlin.

Às oito da manhã, Mikoian, que estivera a trabalhar, como de costume, até às seis, foi acordado e convocado. Às nove, os potentados tinham-se reunido no apartamento de Estaline para debater a grande decisão da guerra. Estaline propôs evacuar todo o governo para Kuibichev, ordenar ao exército que continuasse a defender a capital e a manter os alemães empenhados no combate até poder lançar as reservas na refrega. Molotov e Mikoian foram encarregados de gerir a evacuação, e Kaganovitch, de fornecer os comboios. Estaline propôs que o Politburo inteiro partisse naquele mesmo dia e acrescentou, sensacionalmente:

– Eu irei amanhã de manhã.

– Por que é que temos de ir hoje se tu só vais amanhã? – perguntou Mikoian, indignado. – Podemos ir todos amanhã. O Shcherbakov e o Béria não deviam ir sem primeiro terem organizado a resistência. Eu fico, e vou amanhã contigo.

Estaline concordou. Molotov e Mikoian começaram a instruir os comissários: o Comissariado dos Negócios Estrangeiros foi chamado às onze da manhã e recebeu ordens para se apresentar imediatamente na Estação de Kazan. Enquanto desciam no elevador, saídos do gabinete de Estaline, Kaganovitch pediu a Mikoian:

– Quando te fores embora, avisa-me. Não quero ficar cá sozinho.

Enquanto os líderes mantinham o corrupio de entradas e saídas no gabinete de Estaline, as respectivas famílias receberam, com apenas uma hora de antecedência, ordens para abandonar a cidade.\* Às sete da tarde do dia seguinte, Achken Mikoian e os três Mikoianchiks mais novos, juntamente com o presidente Kalinine e outras famílias de potentados, embarcavam no comboio do CC. Na estação fortemente guardada, mulheres de casaco de pele conversavam, rodeadas pelos bem vestidos filhos, no meio do vapor dos comboios, enquanto soldados carregavam caixotes marcados com a indicação «CUIDADO – CRISTAL». Poskrebichev chorou ao deixar no comboio, ao cuidado da ama, Natacha, a filha de três anos, ignorante de que a mãe fora executada três dias antes. Prometeu visitá-la logo que possível... e voltou a correr para junto de Estaline. Enquanto esperava, Valentin Berezhkov, o intérprete de Molotov, notou que as poças de neve derretida estavam a congelar. Os *Panzer* alemães iam poder continuar a avançar.

---

\* Na distante Kuibichev, a antiga cidade de Samara, junto ao Volga, que fora escolhida como nova capital no caso de ser necessário evacuar Moscovo, vários edifícios, incluindo a sede local do partido e uma mansão numa estreita garganta junto à íngreme margem do Volga, rodeada por caminhos empedrados sobranceiros ao rio, tinham sido preparados para acolher Estaline. Foi construído um abrigo antiaéreo especial, aonde se chegava por elevador, a partir do qual poderia continuar a governar o que restasse da Rússia. Svetlana Estaline, juntamente com a sua governanta, Alexandra Nakachidze, Galina, mulher de Vassili, que estava grávida, e a filha de Iakov, Gulia (sem a mãe, que fora presa), ficou instalada numa pequena casa com quintal. Kalinine e a amante partilhavam uma outra casa com os Mikoian, e os Khrushchev coabitavam com os Malenkov. Os Poskrebichev, os Litvinov e outros ficaram no sanitário local.

Zhukov decidiu aguentar a linha. Mas sentia o pânico sacudir o topo. Estava convencido de que conseguiria salvar Moscovo, disse a um editor que o visitou, «mas ELES ainda lá estão?», perguntou, referindo-se a Estaline no Kremlin.

Nessa tarde, os líderes chegaram a um Kremlin fantasmagoricamente deserto. Ao entrar no apartamento de Estaline, um comissário viu-o sair do quarto, a fumar, envergando o velho dólman e as calças tufadas enfiadas nos canos das botas. Todos repararam que as estantes estavam vazias; os livros tinham sido levados para o comboio. Ninguém se sentou. Então, Estaline parou de caminhar de um lado para o outro.

— Qual é a situação em Moscovo?

Os potentados permaneceram em silêncio, mas um jovem comissário tomou a palavra: o metro não estava a funcionar, as padarias estavam fechadas. Os operários das fábricas pensavam que o governo tinha fugido. Metade deles não recebera o salário. Estavam convencidos de que o director do Banco do Estado fugira com o dinheiro.

— Bom, não é tão mau como isso. Pensei que fosse pior — disse Estaline, e ordenou que o dinheiro fosse trazido de Gorki. Shcherbakov e Pronin, chefe do partido local e presidente da Câmara, deviam restabelecer a ordem e anunciar que Moscovo seria defendida até à última gota de sangue: Estaline ficava no Kremlin. Os líderes saíram para cumprir estas ordens: Mikoyan discursou perante uma assembleia de cinco mil desconfiados operários da Fábrica de Automóveis Estaline, que ainda não tinham sido pagos. Mas o pânico continuou: vagabundos e gatunos patrulhavam as ruas. Até a embaixada britânica, do outro lado do Moskva, em frente do Kremlin, foi saqueada, depois de os guardas terem fugido. Unidades de sapadores minaram as dezasseis pontes de Moscovo.

\* \* \*

Estaline hesitou durante dois longos dias. Ninguém sabe exactamente o que fez, mas não voltou a aparecer no gabinete. No auge da lendária luta por Moscovo, o Supremo dormiu, embrulhado no seu velho capote militar, em cima de uma enxerga nos corredores subterrâneos do metro, como uma espécie de vagabundo omnipotente. As condições de trabalho do *Vozhd* revelam a espantosa falta de preparação para a guerra. Havia ataques aéreos frequentes, mas não havia abrigos no Kremlin nem em Kuntsevo. Enquanto Kaganovitch supervisionava a construção de abrigos precisamente de acordo com as especificações de Estaline, o Supremo ia trabalhar no único posto de comando decente que existia, o quartel-general da Defesa Aérea, no n.º 33 da Rua Kirov (Rua Miasnitskaia), onde tinha um quarto. Durante os ataques aéreos, descia no elevador e continuava a trabalhar na Estação de Metro Kirov (hoje Chistye Prudy), até que, a 28 de Outubro, caiu uma bomba no pátio da casa. A partir daí, Estaline passou a trabalhar permanentemente na estação, onde também dormia.

No metro, ocupava um compartimento especialmente construído, isolado dos comboios que passavam por uma divisória de contraplacado. Muitos dos seus colaborado-

res dormiam em vulgares carruagens de metropolitano paradas na estação, enquanto o Estado-Maior-General funcionava na Estação Belorusski. Gabinetes, secretárias e compartimentos para dormir dividiam este quartel-general subterrâneo escondido nas profundezas por baixo da Rua Kirov. A passagem dos comboios fazia voar os papéis, que tinham de ser pregados às secretárias por percevejos. Depois de trabalhar todo o dia nas suas instalações subterrâneas, Estaline voltava finalmente ao seu «quarto», já de madrugada. Vlasik e os guarda-costas ficavam de vigilância à volta deste frágil refúgio e dormiam provavelmente atravessados nos umbrais das portas, como escudeiros a guardar um rei medieval. Um coronel do Estado-Maior, Sergei Shtemenko, um eficiente e carismático cossaco de trinta e quatro anos, senhor de um luxuriante bigode negro, trabalhava muito próximo de Estaline, e por vezes «dormiam juntos», embrulhados nos capotes em cima de enxergas, no «gabinete». É difícil imaginar qualquer dos outros senhores da guerra a viver desta maneira, mas Estaline estava habituado a dormir em qualquer lado, como o jovem revolucionário que em tempos fora.

\* \* \*

A 17 de Outubro, Shcherbakov fez a sua comunicação radiofónica destinada a restaurar o moral em Moscovo. Teve pouco efeito nas ruas, cheias de bandos de desertores e de refugiados que transportavam em carroças todos os seus haveres. Estaline continuava a debater se devia ou não abandonar a cidade, mas chegou finalmente o momento, talvez no fim da tarde do dia 18, em que teve de tomar uma decisão. O general da Força Aérea Golovanov recordava-se de o ver deprimido e indeciso. «Que fazer?», repetia. «Que fazer?»

No momento mais dilacerante da sua carreira, Estaline discutiu a decisão com generais e comissários, guarda-costas e criados, e, claro, leu os seus livros de História. Andava a ler a biografia, publicada em 1941, de Kutuzov – que abandonara Moscovo. «Até ao último instante», sublinhou a traço grosso, «ninguém soube o que Kutuzov tencionava fazer.» De novo no apartamento, Valechka, de avental branco, servia jivialmente o jantar a Estaline e aos seus convidados. Quando alguns deles pareciam inclinar-se para a evacuação, os olhos de Estaline pousaram na sua «sempre sorridente» amante.

– Valentina Vassilevna – perguntou de repente. – Estás a preparar-te para deixar Moscovo?

– Camarada Estaline – respondeu ela, em idioma camponês –, Moscovo é a nossa Mãe, a nossa casa. Temos de defendê-la.

– Assim falam os moscovitas! – disse Estaline, dirigindo-se ao Politburo.

Também Svetlana parecia desencorajar o abandono de Moscovo quando escreveu de Kuibichev: «Querido Papá, minha preciosa alegria, olá (...). Papá, por que é que os alemães continuam a aproximar-se cada vez mais? Quando é que vão apanhar na cabeça, como merecem? Ao fim e ao cabo, não podemos entregar-lhes todas as nossas cidades industriais.»

Estaline chamou Zhukov e perguntou-lhe:

– Tem a certeza de que conseguimos aguentar Moscovo? Pergunto-lhe isto com o coração destroçado. Diga-me a verdade, como bolchevique.\*

Zhukov respondeu que a cidade podia ser defendida.

– É encorajador vê-lo tão seguro.

Estaline ordenou aos guardas que o levassem para a sua *dacha* «Longe», em Semionovskoe, mais afastada da luta do que Kuntsevo. Béria respondeu, em georgiano, que também ela estava minada. Mas Estaline teimou iradamente em ir. Quando lá chegou, encontrou o comandante a emalar os últimos pertences.

– Que espécie de remodelações estão a ser feitas aqui? – perguntou, de mau humor.

– Estamos a preparar-nos, camarada Estaline, para a evacuação para Kuibichev.

É possível que Estaline também tenha ordenado ao seu motorista que o levasse ao comboio especial estacionado, sob guarda reforçada, no entroncamento de Abelmanovski, normalmente usado para armazenar toros de madeira. Uma fonte ligada ao gabinete do *Vozhd* recorda como ele caminhou ao longo do comboio. Mikojan e Molotov não referem o episódio, e até a simples sugestão de Estaline perto de um comboio teria causado o pânico, mas era o tipo de cena melodramática que ele teria apreciado. Se aconteceu, a imagem desta figura pequena e magra, com o seu rosto «cansado e gasto», de botas altas e envolta num surrado capote militar, a caminhar ao longo do desvio quase deserto, mas fortemente guardado, por entre o vapor da locomotiva sempre preparada é tão emocionalmente poderosa quanto viria a ser historicamente decisiva. Porque Estaline ordenou aos comandantes da sua *dacha* que voltassem a descarregar. «Não há evacuação. Vamos ficar aqui até à vitória», ordenou, «calma mas firmemente».

Quando regressou ao Kremlin, reuniu os guardas e disse-lhes:

– Não vou sair de Moscovo. E vocês vão ficar comigo.

Ordenou a Kaganovitch que cancelasse o comboio especial. O sistema estalinista permitia que os potentados, que oscilavam entre o derrotismo e a confiança, prosseguissem as suas próprias políticas enquanto Estaline não falasse. A partir desse instante, a palavra dele era lei. Na «húmida e fria» tarde de 18 de Outubro, a equipa encarregada de defender a cidade estava reunida no gabinete de Béria, onde o georgiano «tentou convencer-nos de que devíamos abandonar Moscovo. Era de opinião», escreveu um dos presentes, «de que tínhamos de retroceder para lá do Volga. Com que é que vamos defender Moscovo? Não temos nada (...). Vão esmagar-nos aqui dentro.» Malenkov concordava com ele. Molotov, para seu crédito, «resmungou objecções». Os outros «permaneceram calados». Diz-se que Béria foi o principal advogado da retirada, apesar de se ter tornado o bode expiatório para tudo o que de mau aconteceu sob o regime

---

\* Zhukov lembrava-se de Estaline ter voltado a fazer-lhe a pergunta em meados de Novembro, mas V. P. Pronin, presidente do Soviete de Moscovo (Câmara Municipal), recordava-se de ela ter sido feita a 16 ou 17 de Outubro. Com toda a certeza, Estaline repetiu-a várias vezes.

de Estaline. Também o alcoólico patrão do partido em Moscovo, Shcherbakov, queria partir, e parece que acabou por perder a compostura: mais tarde, «num estado de terror», perguntou a Béria o que aconteceria se Estaline descobrisse.

As 15:40 do dia 19, Estaline chamou os seus potentados e generais ao «Cantinho». O *Verkhovnyi* «aproximou-se da mesa e disse:

– Todos conhecem a situação. Devemos ou não defender Moscovo?

Ninguém respondeu. O silêncio tornou-se «pesado». Estaline esperou, e então prosseguiu:

– Se não querem falar, vou pedir a cada um que me dê a sua opinião.

Começou por Molotov, que manteve a sua posição:

– Temos de defender Moscovo.

Todos, incluindo Béria e Malenkov, deram a mesma resposta. Béria tinha-se convertido à opinião de Estaline, como o filho admitiu: «Nunca o meu pai teria agido como agiu se não soubesse (...) [e] antecipasse a reacção [de Estaline].»

– Se partir, Moscovo cairá – declarou Béria. Shcherbakov era um dos que pareciam ter dúvidas.

– A vossa atitude pode explicar-se de duas maneiras – disse Estaline. – Ou são imprestáveis e traidores, ou são idiotas. Prefiro considerá-los idiotas.

Expressou então a sua opinião e disse a Poskrebichev que chamassem os generais. Quando Telegin e o comandante de Moscovo, o general Artemev, do NKVD, chegaram, Estaline caminhava tensamente de um lado para o outro, na estreita alcatifa, a fumar o seu cachimbo. «Os rostos dos presentes», recordaria o comissário Telegin, «revelavam que acabava de ocorrer uma discussão tempestuosa e que os ânimos estavam ainda exaltados. Voltando-se para nós sem sequer nos cumprimentar», Estaline perguntou:

– Qual é a situação em Moscovo?

– Alarmante – respondeu Artemev.

– E o que sugere?

Artemev respondeu que era preciso declarar «o estado de sítio».

– Correcto! – e Estaline ordenou ao seu «melhor escriturário» que redigisse um rascunho do documento. Quando Malenkov leu em voz alta o seu verboso decreto, Estaline ficou tão irritado que avançou para ele e «arrancou-lhe literalmente os papéis da mão». Ditou então o seu próprio texto a Shcherbakov, ordenando «a execução imediata» de todos os suspeitos prevaricadores.

Chamou divisões para defender Moscovo, nomeando várias delas de memória, e falou directamente com os respectivos comandantes. O NKVD foi largado nas ruas, abatendo desertores e até porteiros que tinham tentado fugir. A decisão de ficar e lutar tinha sido tomada. A presença de Estaline em Moscovo, diria o líder do Comintern, Dmitrov, «valia um exército de bom tamanho». No fim da sua incerteza, Estaline parecia renovado. Quando um comissário lhe telefonou da frente para discutir a evacuação para leste, interrompeu-o:

- Descubra se os seus camaradas têm páis.
- Como, camarada Estaline?
- Se têm páis. – O comissário perguntou, afastando a boca do telefone, se tinham páis.
- Que espécie de páis, camarada Estaline? Das vulgares, ou...?
- Não interesssa.
- Sim, temos páis! Que devemos fazer com elas?
- Diga aos seus camaradas – respondeu Estaline calmamente – que peguem nas páis e cavem as suas próprias sepulturas. Não vamos sair de Moscovo. E eles também não. Mesmo naquela situação, os cortesãos querelavam entre si. Estaline ordenou a Molotov que se deslocasse a Kuibichev e visse o que fazia Voznessenski, que governava a cidade.
- Deixa o Mikoian ir comigo – pediu Molotov.
- Não sou a tua cauda, pois não? – gritou Mikoian.
- Por que não vais tu também? – sugeriu Estaline. Cinco dias mais tarde, chamou-os de volta.

Os *Panzer* continuavam a avançar sobre a neve gelada e ameaçavam cercar Moscovo. Zhukov já não tinha reservas. Tendo perdido três milhões de soldados desde Junho, o pequeno livro de notas de Estaline estava praticamente vazio. Como um lojista despótico, assistido pelo filho gordo e contabilista, Estaline guardava ciosamente as suas reservas secretas, enquanto Malenkov se sentava a seu lado, a fazer contas. Quando Estaline perguntou a um general o que salvaria a cidade, ele respondeu:

- Reservas.
- Qualquer idiota – atirou-lhe Estaline – conseguiria defender a cidade com reservas.

E então, generosamente, deu-lhe quinze tanques, ao que Malenkov comentou que eram tudo o que lhes restava. Espantosamente, em poucos meses, os vastos recursos militares daquele império infundível tinham ficado reduzidos a quinze tanques num bloco de notas. Em Berlim, o Gabinete de Imprensa do *Reich* declarou que «a Rússia estava acabada», mas a férrea gestão que Estaline fazia das suas reservas, aliada à táctica brilhante e brutal de Zhukov, começavam a fazer mossa nos alemães, cujas máquinas sofriam os efeitos da lama e do gelo enquanto os homens sucumbiam ao frio e à exaustão. Mais uma vez, fizeram uma pausa antes do assalto final, convencidos de que os recursos de Estaline estavam esgotados. Mas havia uma página do pequeno bloco de notas que tinham esquecido.

O Exército do Extremo Oriente, com 700.000 homens, mantinha-se de guarda contra o Japão, mas, em finais de Setembro, Richard Sorge, o espião a quem Estaline chamara «dono de bordéis», avisara que os nipónicos não atacariam a Rússia. A 12 de Outubro, Estaline discutiu a situação com os seus sátrapas no Extremo Oriente, que lhe confirmaram a ausência de intenções hostis por parte de Tóquio, certeza obtida através dos serviços de informações locais. Kaganovitch organizou comboios directos

que, no espaço de alguns dias, trouxeram 400.000 soldados, 1000 tanques e 1000 aviões através das desoladas vastidões eurasiáticas, num dos mais decisivos milagres logísticos da guerra. O último comboio partiu a 17, e estas legiões secretas começaram a agrupar-se atrás de Moscovo.

\* \* \*

Estaline mudou-se para o seu novo *bunker* no Kremlin, uma réplica exacta do «Cantinho» até ao pormenor dos painéis de madeira, se bem que os compridos corredores fizessem lembrar sobretudo «uma carruagem-cama dos caminhos-de-ferro. À direita havia uma fila de portas», «fortemente guardadas». Os funcionários esperavam «num dos compartimentos de dormir, à esquerda», até que Poskrebichev aparecesse para os levar a uma «espaçosa sala, bem iluminada, com uma grande secretária num canto», onde encontravam Estaline, a caminhar de um lado para o outro, geralmente acompanhado pelo seu chefe do Estado-Maior-General, o adoentado oficial e cavaleiro marechal Chapochnikov.

Um pouco mais novo do que Estaline, com os cabelos já ralos divididos ao meio por uma risca e o rosto amarelado de tártaro, sempre com uma expressão cansada, Chapochnikov dava a impressão de ser «movido por uma qualquer prática especial de vuduísmo, porque parecia mais do que morto (com pelo menos três meses de sepultura), e devia, mesmo quando vivo, ter sido muito, muito frio», segundo um diplomata britânico. Chapochnikov tratava toda a gente por *golubchik*, meu caro, e Estaline deixava-se encantar pela gentileza deste coronel czarista. Quando, certo dia, alguns generais não apareceram para apresentar os respectivos relatórios, Estaline perguntou iradamente a Chapochnikov se os tinha castigado. «Oh, sim», respondeu o marechal: tinha-lhes dado uma «severa reprimenda». Estaline não ficou impressionado: «Para um soldado, isso não é um castigo!» Mas Chapochnikov explicou pacientemente que «segundo a antiga tradição militar, se o chefe do Estado-Maior repreende [um oficial], o culpado deve apresentar a sua demissão». Estaline não pôde deixar de rir. Mas Chapochnikov era um sobrevivente: atacara Tukatchevski, nos anos 20, fora seu juiz, em 1937, e chegara até a denunciar um cozinheiro como sabotador por ter deitado demasiado sal na comida. Nunca assinava fosse o que fosse sem primeiro verificar. Na presença de Estaline, «não tinha opinião». Embora nunca renunciasse aos seus pontos de vista, nunca objectava a ser desautorizado. Era o único general que Estaline tratava pelo nome próprio e patronímico, o único autorizado a fumar\* no gabinete do *Verkhovnyi*.

A guerra tinha verdadeiramente chegado ao Kremlin, que estava agora salpicado de crateras. Mikojan foi atirado ao chão pela explosão de uma bomba. A 28 de Outubro,

---

\* Nunca ninguém era convidado a acompanhar Estaline enquanto ele fumava. Esta honra concedida a Chapochnikov faz lembrar a graciosa autorização que a rainha Vitória dava ao velho Disraeli para sentar-se durante as suas audiências, um privilégio de que nenhum outro primeiro-ministro gozou.

Malenkov estava a trabalhar na Praça Velha quando Estaline telefonou a chamá-lo ao Kremlin: mal ele saiu, uma bomba alemã destruiu o edifício. «Salvei-te a vida», disse-lhe Estaline.

Certo dia, Estaline insistiu em que queria assistir a uma barragem de artilharia contra posições alemãs. Béria, que o acompanhava, ficou preocupadíssimo com a possibilidade de o culparem se alguma coisa corresse mal. Os carros de Estaline e dos guarda-costas meteram pela estada de Volokolamsk em direcção à frente, mas, quando se aproximaram do local do combate, Vlasik recusou deixá-los ir mais longe. Estaline teve de ver as explosões à distância. Então, um tanque que passava salpicou a limusina de lama, o que deixou os guarda-costas à beira de um ataque de nervos. Béria obrigou Estaline a trocar de carro e regressar a casa. Mesmo assim, Estaline ficou um pouco mais animado: consentiu até que Svetlana fosse visitá-lo durante dois dias, mas, quando ela chegou, ignorou-a totalmente, resmungando contra os privilégios «do raio da casta» da elite em Kuibichev. Mais importante do que tudo o resto, o grande actor-encenador imaginava agora uma cena de perigosa mas inspirada espectacularidade.

\* \* \*

A 30 de Outubro, perguntou inesperadamente ao general Artemev:

– Como é que vamos fazer o desfile militar?

Não podia haver desfile, respondeu Artemev. Os alemães estavam a menos de oitenta quilómetros de distância. Molotov e Béria pensaram que era uma brincadeira. Mas Estaline, calmamente, ignorou-os.

– Vai haver um desfile militar a 7 de Novembro... Encarregar-me-ei disso pessoalmente. Se houver um ataque aéreo durante o desfile, os mortos e os feridos serão rapidamente retirados e a parada prosseguirá. O evento será filmado e o filme distribuído por todo o país. Farei um discurso... Que lhes parece?

– Mas... e o risco? – observou Molotov. – Embora admita que a resposta política seria enorme.

– Nesse caso, está decidido!

Artemev perguntou a que horas deveria o desfile começar.

– Trate de que ninguém saiba, nem mesmo eu – respondeu Estaline –, até ao último minuto.

Uma semana mais tarde, os espiões alemães, se os houvesse, poderiam ter assistido ao estranho espectáculo de grupos de cidadãos, vigiados por chekistas, tirarem as poltronas do Bolchoi e levarem-nas, escadas abaixo, para a estação de metro de Maiakovski. Nessa noite, os potentados desceram de elevador até à estação, onde encontraram um comboio parado numa das linhas laterais, de portas abertas. No interior, havia mesas com sanduíches e bebidas não alcoólicas. Depois deste refrigerio, ocuparam os respectivos lugares nas poltronas do teatro. Então, no que não pode deixar de ser considerado um ligeiro toque de *vaudeville*, Estaline reuniu-se com Mikoian, Béria,

Kaganovitch e Malenkov na estação seguinte, e apanharam o metro para Maiakovski. Ocuparam os seus lugares no estrado do Politburo, no meio de uma tempestade de aplausos. Levitan, o locutor da rádio, transmitiu o programa de uma carruagem especial. A banda do NKVD tocou canções de Dunaevski e Alexandrov. Kozlovski cantou. Estaline falou durante meia hora num tom de calma inspiradora, dizendo:

«Se eles querem uma guerra de extermínio, é aquilo que vão ter.» Depois do discurso, o general Artemev aproximou-se de Estaline: o desfile estava marcado para as oito da manhã. Até os oficiais envolvidos só tinham conhecido todos os pormenores às duas da madrugada.

Pouco antes das oito, com uma tempestade de neve e ventos cortantes que afastavam o perigo de um ataque aéreo alemão, Estaline subiu, à frente do Politburo, as escadas do Mausoléu, como nos velhos tempos – com a diferença de ser mais cedo e estar toda a gente extremamente nervosa. Béria e Malenkov encarregaram o seu especialista em Missões Especiais, Sudoplatov, de ir avisá-los ao Mausoléu se os alemães atacassem. O grande favorito do público no respeitante a desfiles, Budeny, saiu, de sabre desembainhado e montando um garanhão branco, da Porta Spasski, fez a continência e preparou-se para assistir à parada. Os tanques, incluindo os T-34, as máquinas mais notáveis da guerra, e os soldados desfilaram em colunas, fizeram uma inversão de marcha em São Basílio e meteram pela Rua Gorki em direcção à frente.

Houve um momento de tensão quando um pesado tanque Kliment Vorochilov parou abruptamente e virou na direcção errada, seguido por outro. Uma vez que estavam completamente armados, e uma vez que Estaline observava atentamente toda a cena, Artemev ordenou aos seus subordinados que investigassem de imediato. As tripulações foram interrogadas e revelaram ingenuamente que o primeiro tanque recebera uma mensagem a dizer que uma outra unidade estava em dificuldades; seguindo o treino recebido, tinham-se preparado para correr a ajudá-la. Quando Artemev contou esta história no Mausoléu, os potentados ficaram tão aliviados que largaram a rir: ninguém foi punido. Estaline falou brevemente a respeito da luta patriótica da Rússia de Suvarov, Kutuzov e Alexandre Nevski. A Pátria estava em perigo, mas desafiadora. Apropriadamente, nessa noite, o frio russo instalou-se a sério.

A 13 de Novembro, Estaline chamou Zhukov para planejar os contra-ataques destinados a colocar na defensiva as forças alemãs. Zhukov e o comissário Bulganine eram da opinião de que dispunham de tão poucos recursos que não podiam dar-se ao luxo de atacar, mas Estaline insistiu.

– Que forças vamos usar? – perguntou Zhukov.

– Considere essa parte resolvida. – Estaline desligou, mas telefonou imediatamente a Bulganine. – Você e o Zhukov andam a dar-se ares, mas eu vou pôr cobro a isso.

Foi a vez de Bulganine ligar para Zhukov:

– Bem, desta vez apanhei um raspanete a valer! – disse.

Os contra-ataques dissolveram-se na esmagadora ofensiva alemã de 15 de Novembro, a última tentativa de tomar Moscovo. Os alemães conseguiram passar. Mais uma vez, Estaline perguntou a Zhukov: consegue aguentar Moscovo?

– Vamos aguentar Moscovo sem a mínima dúvida. Mas precisamos de pelo menos mais dois exércitos e no mínimo duzentos tanques.

Estaline forneceu os exércitos, «mas, de momento, não temos tanques». Zhukov trouvou o avanço alemão a 5 de Dezembro, tendo perdido 155.000 homens em vinte dias. Para todos os efeitos, a *Blitzkrieg* de Hitler tinha falhado. A 6 de Dezembro, Estaline ofereceu a Zhukov três novos exércitos e ordenou uma grande contra-ofensiva nas quatro frentes mais próximas. No dia seguinte, o Japão atacou os Estados Unidos em Pearl Harbor.

Zhukov obrigou os alemães a recuar trezentos e vinte quilómetros. No entanto, nem mesmo numa batalha tão desesperada os generais esqueciam a vaidade imperial de Estaline: tal como Mekhlis tentara uma vitória no aniversário do *Vozhd*, na Finlândia, assim Zhukov e Bulganine ordenaram ao general Golubev, comandante do 10.º Exército: «Amanhã é o aniversário de Estaline. Tente assinalar o dia com a tomada de Balabanovo. Para incluir esta mensagem no nosso relatório a Estaline, informe-nos da sua concretização o mais tardar até às 19:00 de 21 de Dezembro.» A Batalha de Moscovo foi a primeira vitória de Estaline, mas uma vitória limitada. Apesar disso, ficou no mesmo instante perigosamente superoptimista, dizendo ao ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, de visita à URSS: «Os russos já estiveram em Berlim duas vezes e hão-de estar uma terceira.»\* Seriam necessários mais vários milhões de mortos e quase quatro anos para chegar a Berlim. Zhukov estava de tal modo exausto que, quando Estaline telefonou, os seus ajudantes tiveram de dizer-lhe:

– Zhukov está a dormir e não podemos acordá-lo.

– Não o acordem – consentiu o Supremo, benevolentemente. – Deixem-no dormir.

\* \* \*

A 5 de Janeiro, o superconfiante Supremo convocou Zhukov e os generais para lhes expor o plano de uma ofensiva maciça que se estenderia dos Urales ao mar Negro, explorando a derrota alemã diante de Moscovo.

– Quem deseja falar? – perguntou Estaline.

Zhukov criticou a ofensiva, dizendo que o exército precisava de mais homens e mais tanques. Voznessenski também era contra, afirmando não lhe ser possível fornecer a quantidade de tanques necessária. Estaline insistiu no seu plano, e então Malenkov e Béria atacaram Voznessenski, acusando-o de «encontrar sempre objecções imprevistas e insuperáveis». «E com isto», disse Estaline, «concluímos a reunião.» Na antecâmara do *Verkhovnyi*, o velho Chapochnikov tentou consolar Zhukov:

– Não vale a pena argumentar. Todas essas questões foram previamente decididas pelo Supremo...

---

\* Em 1760, durante a Guerra dos Sete Anos, o general Todtleben, ao serviço da imperatriz Isabel, tomou Berlim. Alexandre I tomou a capital da Prússia em 1813.

– Se assim é, para quê perguntar a nossa opinião?

– Não sei, meu caro.

O inteligente e infatigável Béria, na altura com quarenta e três anos, provou ser um voraz construtor de impérios na condução da guerra, mas forneceu os tanques e os canhões de que Estaline precisava. Béria estava apostado em ganhar pontos a Voznessenski, que odiava, e não tardou a deixar para trás Molotov e todos os representantes da geração mais velha. Nenhuma indústria era demasiado complexa ou demasiado vasta para que ele conseguisse dominá-la: foi, de muitas maneiras, não só o Himmler do séquito de Estaline, mas também o Speer, outro arquitecto. Usava as ameaças mais pitorescas que conseguia imaginar, perguntando aos seus subordinados: «Queres continuar a ver o Sol nascer e pôr-se todos os dias? Tem cuidado!»

No início de Janeiro de 1942, no Kremlin, Estaline consultou a sua *troika* industrial de topo, Béria, Malenkov e Mikoian, a respeito da escassez de armamento.

– Qual é o problema? – perguntou Estaline.

Béria apresentou um diagrama que mostrava que Voznessenski não estava a produzir armas em quantidade suficiente.

– E que se pode fazer?

– Não sei, camarada Estaline – respondeu Béria, astutamente. No mesmo instante, Estaline deu-lhe o controlo desta indústria vital.

– Camarada Estaline, não sei se vou conseguir... Não tenho experiência neste tipo de coisa...

– Não é experiência que faz aqui falta, mas um bom organizador... Use prisioneiros como mão-de-obra.

Os caminhos-de-ferro continuavam impossíveis de gerir, mesmo para o enérgico e ululante Kaganovitch. Quando um comissário, Baibakov, apresentou o seu relatório a Kaganovitch, «a Locomotiva» saltou da cadeira, agarrou-o pelas lapelas e sacudiu-o. Béria falou a Estaline das explosões de fúria de Kaganovitch: «Os caminhos-de-ferro deterioraram-se porque [Kaganovitch] recusa ouvir conselhos (...). Limita-se a responder com acessos de histerismo.»

Kaganovitch foi censurado por ter gerido mal a evacuação da indústria e, por duas vezes, despedido «por ser incapaz de lidar com o trabalho em condições de guerra», mas nunca tardava a voltar ao seu posto. Quanto a Molotov, não estava a sair-se melhor com a produção de tanques:

– Como está [Molotov] a safar-se? – perguntou Estaline a Béria, mais uma vez na presença de Malenkov e Mikoian.

– Não tem comunicação com as fábricas, não as gere adequadamente... e faz reuniões intermináveis... – respondeu Béria, que acrescentou os tanques ao seu império. Molotov perdeu os tanques mas ganhou o mundo.

**MOLOTOV EM LONDRES, MEKHLIS NA CRIMEIA,  
KHRUSHCHEV EM COLAPSO**

A 8 de Maio, o comissário dos Negócios Estrangeiros partiu para Londres a bordo de um bombardeiro quadrimotor. Levava instruções para obter a promessa de uma Segunda Frente... e o reconhecimento das fronteiras soviéticas de 1941, incluindo os países bálticos.

Estaline encarregara pessoalmente Golovanov, o seu general preferido na Força Aérea, de planear a rota. «Estaline era um grande conspirador», recordaria Golovanov. «A viagem foi planeada no mais absoluto segredo. Tinha de esconder o mapa da rota na gaveta até quando o meu ajudante entrava no gabinete. Estaline (...) disse-me: "Só nós os três sabemos disto: eu, você e o Molotov."»

«Mr. Brown», o nome de código de Molotov, aterrrou na Escócia e foi recebido por Eden, com quem apanhou um comboio de Glasgow para Londres. Quando soube que uma Segunda Frente estava fora de questão, Molotov recusou discutir a proposta de Eden de um tratado que não incluía qualquer referência às fronteiras soviéticas. Comunicou imediatamente o facto a Estaline: «Consideramos o tratado inaceitável (...), uma declaração vazia de sentido», mas o Supremo não era da mesma opinião:

«1. Não o consideramos uma declaração vazia de sentido, e sim importante (...). Não muito má, talvez. Dá-nos liberdade de acção. A questão das fronteiras será decidida pela força. 2. É desejável assinar o tratado o mais depressa possível e seguir para a América.»

Entretanto, Molotov saboreava um pouco a vida no campo à inglesa: tinha pedido para ser instalado fora de Londres, talvez por questões de segurança, de modo que Churchill lhe oferecera Chequers, a sua mansão de campo oficial. «Mr. Brown» não

ficou particularmente impressionado com a elegância do edifício estilo Tudor. «Uma velha casa vulgar», comentou, «com uma espécie de pequeno jardim. Aparentemente, um nobre<sup>\*</sup> qualquer tinha-a oferecido ao governo.» Estaline e Molotov eram infinitamente pedantes no que respeitava à superioridade da magnificência russa: ao fim e ao cabo, viviam e trabalhavam nos palácios de Catarina, a Grande. Molotov tinha, no entanto, olho para as casas de banho: ainda se lembrava dos lavabos muito depois de ter esquecido as negociações. «Havia uma casa de banho, mas sem duche», queixava-se. Mal chegou, os guardas que o acompanhavam pediram as «chaves de todos os quartos», e, à noite, trancava-se num deles. «Quando os criados de Chequers conseguiram entrar para fazer as camas», escreveu Churchill, «ficaram perturbados ao encontrar armas debaixo das almofadas. À noite, ficava sempre um revólver em cima da cómoda, junto à pasta dos documentos.» Quando Molotov saía, as «criadas» do seu próprio pessoal guardavam o quarto como Cérberos.

Depois de ter assinado o tratado, a 26 de Maio, Molotov voou até Washington para encontrar-se com o presidente Roosevelt, que lhe ofereceu uma fotografia autografada, emoldurada a seda verde, que dizia: «Para o meu amigo Viatcheslav Molotov, de Franklin Roosevelt, 30 de Maio de 1942.» Achando Roosevelt «sociável e simpático», Molotov ficou mais impressionado com a Casa Branca do que ficara com Chequers, especialmente no respeitante a casas de banho: «Era tudo como devia ser», disse. «Tinha uma casa de banho, com duche.»

A 9 de Junho, fez uma paragem em Londres no caminho de regresso a casa. Antes de iniciar a última etapa da perigosa viagem, houve um momento de sentimentalismo quando Churchill se deteve a conversar com o rebarbativo russo à porta do n.º 10 de Downing Street: «Peguei-lhe no braço», escreveu Churchill, «e olhámo-nos nos olhos. De repente, ele pareceu profundamente emocionado. Dentro da imagem, parecia haver um homem. Respondeu com uma pressão igual. Em silêncio, trocámos um aperto de mão (...). Estávamos todos juntos e era vida ou morte para todos nós.» Molotov admitiu ter-se dado bem com Churchill:

«Sim, bebemos um ou dois copos», recordaria. «Ficámos a conversar a noite inteira.» Mas nunca conseguia esquecer que Churchill era «um imperialista, o mais forte e o mais inteligente de todos eles (...). Cem por cento imperialista. E assim me fiz amigo da burguesia». Voltou a casa com a vaga promessa de uma Segunda Frente, um precioso contrato de Lend-Lease com a América e uma aliança com a Grã-Bretanha. No voo de regresso, o avião foi atacado por caças alemães, e por russos também.

\* \* \*

Enquanto Molotov viajava para oeste, Estaline lançava uma série de contra-ofensivas ao longo de toda a frente. Presumia, muito razoavelmente, que Hitler vol-

---

\* A descrição é seguramente elogiosa para Arthur Lee, o pitoresco aventureiro e deputado conservador que comprou a casa com a fortuna da mulher, uma herdeira americana. Foi nobilitado como barão (mais tarde visconde) Lee de Fareham por Lloyd George.

taria a atacar Moscovo, mas, na realidade, o que o *Führer* planeava era uma poderosa ofensiva de Verão para se apoderar dos cereais da Ucrânia e, mais importante ainda, do petróleo do Cáucaso. A grande culpa de Estaline reside, porém, no seu delirante excesso de confiança: faltavam-lhe os recursos para este vasto empreendimento que, em vez de explorar o êxito conseguido em Moscovo, ofereceu a Hitler o conjunto de esmagadoras vitórias que levaram à grande crise de Estalinegrado.

E sem dúvida não foi de grande ajuda o facto de ter concedido poderes draconianos ao seu grupo de militares amadores. Além do próprio Estaline, ninguém contribuiu mais para estas derrotas do que o corajoso, infatigável e sanguinolento Mekhlis, então no auge do seu poder. O «Tubarão» era incapaz de resistir a fazer ostentação do seu acesso privilegiado ao *Verkhovnyi*. «Quando chegava à antecâmara do gabinete de Estaline», recordava um comissário, «Mekhlis nem sequer esperava por um convite. Atravessava a sala de espera e entrava.» Mas «nunca escondeu fosse o que fosse a Estaline (...), que o sabia e confiava nele.» Isto dava-lhe o poder de conseguir que as coisas fossem feitas. «Se Mekhlis escrevia ao Supremo, as medidas eram muito rápidas.» No entanto, as suas manobras andavam sempre periclitantemente suspensas entre o ridículo e o diabólico: certa vez, quando Estaline perguntou que frente precisava mais de abastecimentos, todos os generais se calaram excepto Mekhlis, que começou a criticar o quartel-mestre Khrulev. Estaline ergueu o olhar, irritado, e perguntou quem estava a queixar-se.

– Muito provavelmente, o Mekhlis – respondeu Khrulev, o que provocou um coro de gargalhadas. Estaline ordenou a Mekhlis que fizesse a lista das suas necessidades.

– Falta-nos vinagre, pimenta e mostarda – respondeu Mekhlis. Até Estaline foi obrigado a rir.

Quando soube que tinha sido capturado um arsenal de pornografia alemã, Mekhlis lançou de imediato uma nova frente contra o erotismo nazi, escrevendo um panfleto intitulado «Como Hitler Corrompe o Seu Exército». Os conselheiros sugeriram que a pornografia era natural num exército burguês e que os hábitos de leitura nocturna dos soldados não eram pessoalmente ditados por Hitler, mas Mekhlis ignorou-os e mandou imprimir onze milhões de exemplares do seu muito ridicularizado folheto.

Iniciou o ano com uma visita à frente de Volkov, que recebera ordens para quebrar o cerco de Leningrado. Não havia condições para lançar uma ofensiva que, previsivelmente, acabou em desastre. Mekhlis chegou para investigar, prender e executar os culpados. Estaline ofereceu a frente a Vorochilov, que corajosamente, tendo por fim tomado consciência das suas limitações, a recusou. A recusa enfureceu Estaline, que ditou uma sarcástica denúncia da «falênciade liderança» de Klim. A conclusão era humilhante, mas não fatal: «Que o camarada Vorochilov seja colocado (...) na retaguarda.\* Em finais de Junho, nenhum destes criminosos amadores podia salvar a frente

---

\* O sobrinho de Estaline, Leonid Redens, encontrou o abatido marechal a tomar banho no Volga, perto de Kuibichev, com um grupo de crianças.

de Volkov: o exército perdeu-se e, juntamente com ele, o talentoso e jovem general Vlasov. Exausto e farto das asneiras de Estaline, fez-se traidor. Estaline vituperou esta traição na presença de Béria e de Molotov, que perguntou, reveladoramente:

– Como foi possível termo-lo deixado passar antes da guerra?

Estaline tentou atirar as culpas da traição de Vlasov para cima de Khrushchev, mas o chefe ucraniano argumentou que «Estaline o tinha encarregado da contra-ofensiva de Moscovo». Estaline, que reagia bem a um desafio corajoso, deixou morrer o assunto.

Vorochilov fora finalmente desacreditado, mas Mekhlis e Kulik, a despeito da série de desastres de que o segundo era culpado, continuavam a cavalgar a crista da onda. Em Outubro de 1941, Kulik fracassara no esforço de libertar Leningrado; em Novembro, no extremo oposto da frente, fora enviado para salvar a cidade de Kerch, na Crimeia. Chegara atrasado, e Kerch caíra temporariamente em poder de Manstein, um dos melhores capitães de Hitler. Estaline considerava agora a possibilidade de mandar fuzilar Kulik, e escreveu uma nota «Hoje. Kulik para a Sibéria?» Acabou por contentar-se com despromovê-lo ao posto de major-general, e mandar Mekhlis investigar a chegada atrasada do marechal no seu DC-3.

O «Demónio Sombrio» denunciou os passeios hedonísticos de Kulik, que envolviam barris de vinho e de *vodka*, o desaparecimento de 85.898 rublos e a tomada de uma nova esposa adolescente. Kulik recuperara rapidamente da perda da última esposa, começando a cortejar uma amiga da filha. Estaline ridicularizou a atitude, chamando-lhe «ir buscá-las ao berço», e despediu Kulik do cargo de comissário-adjunto da Defesa, mas Zhukov intercedeu por ele. O primitivo mas popular «reguila» foi reabilitado e, espantosamente, promovido. No entanto, a sua velha amizade com Estaline não ia acabar bem.

Em Março de 1942, Estaline ordenou uma ofensiva a partir de Kerch em direcção ao Centro da Crimeia, para libertar a sitiada Sebastopol. Mekhlis, que, tal como o seu amadorístico Supremo, se considerava um verdadeiro soldado, aceitou alegremente o comando daqueles 250.000 homens, aterrorizando Kozlov, o general que os chefiava, e ignorando o comandante da frente, Budeny. Nesta sensível e complicada batalha, Estaline substituíra um bêbedo corrupto e inepto por um maníaco incorruptível e inepto. Quando pressionou Mekhlis a iniciar a ofensiva a tempo, o «Tubarão» respondeu que tinha falta de munições, mas que «vou mandar prender [o oficial] se ele não resolver a situação em dois dias (...). Estamos a organizar uma grande música para os alemães!»

A 2 de Março, Mekhlis lançou a sua «grande música» num fiasco que provou ser o louco apogeu do terror aplicado à ciência militar. Proibiu a abertura de trincheiras, «para que o espírito ofensivo dos soldados não fosse minado», e decretou que «quem tomasse as mais elementares medidas de segurança» era um «derrotista». Foram todos «esmagados numa pasta sanguinolenta». Entretanto, bombardeava Estaline com pedidos de mais terror: «Camarada Béria», escreveu Estaline numa das notas de Mekhlis.

«Certo! Certifique-se de que, em Novorossisk, nem um bandalho, nem um patife ainda respira.»

O próprio Mekhlis, correndo pela frente no seu jipe a esgrimir uma pistola e a tentar impedir a retirada, deu mostras de «uma irrepreensível coragem pessoal e nada fez para sua própria glória», mas «a estúpida tirania e as decisões loucamente arbitrárias deste iletrado militar», nas palavras do poeta Konstantin Simonov, que foi testemunha dos acontecimentos, revelaram-se desastrosas.

A 7 de Maio, o contra-ataque de Manstein expulsou Mekhlis da Crimeia, deixando um espantoso acervo de 176.000 prisioneiros, 400 aviões e 347 tanques. Mekhlis disparava em todas as direcções, culpando Kozlov e pedindo a Estaline uma grande general, um Hindenburg. Estaline ficou fora de si:

«Toma a estranha atitude de um observador externo não responsável pela frente da Crimeia», escreveu a Mekhlis. «É uma posição muito confortável... mas insustentável! Não é um observador externo, é o representante do Stavka (...). Pede a substituição de Koslov por alguém como Hindenburg. Mas (...) nós não temos Hindenburgs (...). Se tivesse usado a aviação contra os tanques e os soldados inimigos em vez de a desperdiçar em acções secundárias, o inimigo não teria rompido a frente (...). Não é preciso ser um Hindenburg para compreender uma coisa tão simples (...).» Era bem um sinal dos obsoletos padrões da corte de Estaline o facto de Hindenburg, o herói alemão de 1914, continuar a ser um paradigma em 1942: precisavam de Guderians, não de Hindenburgs.

A 28 de Maio, um desanimado Mekhlis aguardava na antecâmara de Estaline, onde era sempre possível ver o Supremo reflectido na atitude dos seus assistentes. Poskrebichev ignorou-o, e então disse:

- O Chefe está muito ocupado. Raios, há tantos problemas.
- Provavelmente, correu qualquer coisa mal na frente? – perguntou Mekhlis, um tom de falsa inocência.
- Você lá deve saber – respondeu Poskrebichev.
- Sim, quero comunicar ao camarada Estaline uma situação muito desagradável.
- Aparentemente – disse Poskrebichev –, a condução da operação não esteve à altura da tarefa. O camarada Estaline está muito descontente...

Mekhlis corou. O jovem Chadaev intrometeu-se na conversa.

- Suponho que acha que a derrota foi causada pelas circunstâncias?
- Que disse? – Mekhlis voltou-se para aquele insignificante. – Você não é um soldado! Eu sou um verdadeiro soldado. Como se atreve...

Nesse instante, Estaline apareceu à porta do gabinete.

- Camarada Estaline, posso comunicar... – começou Mekhlis.
- Vá para o inferno! – rosnou Estaline, e bateu com a porta.

Mais tarde, segundo Poskrebichev, Mekhlis «quase se lançou aos pés de Estaline». Foi levado a tribunal militar, despromovido, demitido do cargo de comissário-adjunto da Defesa.

– Acabou-se tudo! – soluçou Mekhlis, mas Estaline manteve-se surpreendentemente leal: vinte e quatro horas mais tarde, Mekhlis era nomeado comissário da Frente e promovido a coronel-general.

\* \* \*

Como se Estaline, Kulik e Mekhlis não tivessem ainda causado desastres suficientes, o pior estava a acontecer na Frente Sudoeste, onde Timochenko e Khrushchev lançavam a sua própria ofensiva, a partir de uma bolsa soviética, para recapturar Kharkov, ignorantes do iminente ataque de Hitler. Sensatamente, Zhukov e Chapochnikov alertaram contra a iniciativa, mas o general preferido de Estaline insistiu em avançar e o Supremo deu luz verde.

A 12 de Maio, Timochenko e Khrushchev, ambos iletrados, toscos e enérgicos, atacaram os alemães e obrigaram-nos a recuar. Se Estaline ficou encantado, Hitler nem queria acreditar na sua sorte. Cinco dias mais tarde, os seus *Panzer* abriram largas brechas nos flancos de Timochenko, fechando as tropas soviéticas numa tenaz de aço, de tal modo que os russos já não estavam a avançar, mas apenas a enterrarem-se cada vez mais numa armadilha. O chefe do Estado-Maior-General pediu a Estaline que suspendesse a operação e alertou Timochenko para a presença de forças alemãs nos seus flancos, mas o marechal assegurou-lhe jovialmente que estava tudo bem. A 18, 250.000 homens estavam quase cercados quando Timochenko e Khrushchev se aperceberam finalmente da situação.

Por volta da meia-noite, Timochenko, o «camponês corajoso», que tinha um medo de morte de Estaline, convenceu Khrushchev a pedir ao Supremo que cancelasse a ofensiva. Em Kuntsevo, Estaline disse a Malenkov que atendesse o telefone. Khrushchev pediu para falar com Estaline.

– Diz-me a MIM! – disse Malenkov.

– Quem está a ligar? – perguntou Estaline.

– O Khrushchev – respondeu Malenkov.

– Pergunta-lhe o que quer!

– O camarada Estaline diz que fales comigo – disse Malenkov, e então, dirigindo-se a Estaline: – Diz que é preciso cancelar o avanço sobre Kharkov...

– Desliga o telefone! – gritou Estaline. – Como se ele soubesse do que está a falar! As ordens militares são para cumprir... O Khrushchev está a meter o nariz no que não lhe diz respeito... Os meus conselheiros militares é que sabem...

Mikoian ficou chocado pelo facto de Khrushchev «estar a telefonar da linha da frente, no meio de uma batalha, com homens a morrer à sua volta», e Estaline «recusar dar dez passos para atravessar a sala».

A armadilha fechou-se sobre um quarto de milhão de homens e 1200 tanques. No dia seguinte, Estaline cancelou a ofensiva, mas era demasiado tarde. Os exultantes alemães avançaram para o Volga e para o Cáucaso: a estrada de Estalinegrado estava aberta.

Timochenko e Khrushchev receavam ter de enfrentar o pelotão de fuzilamento. Os dois amigos não tardaram a atacar-se mutuamente, no esforço desesperado de salvar as carreiras e as vidas. Diz-se que Khrushchev sofreu um colapso nervoso depois do cerco, correndo a refugiar-se em Baku, junto de Bagirov, aliado de Béria, que, naturalmente, comunicou a sua chegada. Um Khrushchev muito destabilizado começou a denunciar veementemente Timochenko, que lhe pagou na mesma moeda.

«Camarada Estaline», escreveu Timochenko, «tenho uma coisa a acrescentar ao nosso relatório. O estado de nervos cada vez mais grave do camarada Khrushchev influencia o nosso trabalho. O camarada Khrushchev não tem fé em coisa nenhuma – e não é possível tomar decisões na dúvida (...). Todo o Conselho está convencido de que é esta a razão da nossa queda!» Timochenko parece confirmar que Khrushchev sofreu um colapso nervoso: «Torna-se difícil discutir – o camarada Khrushchev está muito doente (...). Enviámos o nosso relatório sem dizer quem foi o culpado. O camarada Khrushchev quer atirar as culpas todas para cima de mim.»

Estaline ainda considerou a ideia de nomear Bulganine para investigar a situação. Bulganine, sentindo a relutância, e talvez a culpa, do Supremo, pediu escusa, alegando a muito pouco bolchevique razão de ele e Khrushchev serem grandes amigos. Estaline não insistiu, limitando-se a comentar em termos muito suaves a simplicidade de Khrushchev: «Não percebe nada de estatísticas, mas temos de aturá-lo», porque só ele, Kalinine e Andreiev eram «verdadeiros proletários». Em vez de castigar Khrushchev, Estaline chamou-o para uma ameaçadora lição de História: «Sabes que durante a Primeira Guerra Mundial, depois de o nosso exército ter sido cercado pelos alemães, o general foi levado a conselho de guerra pelo czar – enforcado.» No entanto, perdoou-lhe e mandou-o de volta para a frente. Mas Khrushchev continuava aterrorizado, pois «sabia de muitos casos em que Estaline tinha tranquilizado as pessoas, deixando-as conservar os seus cargos com boas palavras, e em seguida mandado prendê-las».

Estaline foi também surpreendentemente tolerante quando Timochenko pediu mais homens, depois de ter malbaratado tantos: «Talvez seja altura de fazeres a guerra perdendo menos sangue, como os alemães estão a fazer. Fazer guerra não pela quantidade, mas pela competência. Se não aprenderes a combater melhor, nem todos os armamentos produzidos no nosso país serão suficientes para ti (...).» Isto era altamente irónico da parte do mais esbanjador Supremo de toda a História. Mesmo enquanto as tropas russas recuavam, Estaline continuou a mostrar-se sarcasticamente complacente para com Timochenko: «Não tenhas medo dos alemães. O Hitler não é tão mau como dizem.»

Khrushchev estava convencido de que tinham sido poupadados por Mikoian e Malenkov terem testemunhado o seu telefonema para Kuntsevo, mas a razão foi talvez mais simples: a vida e a morte estavam nas mãos de Estaline, e ele gostava\* de Khrushchev e de

---

\* As cartas de Timochenko para Estaline, escritas em páginas arrancadas a um bloco de notas, que se encontram nos arquivos recentemente abertos, lançam uma nova luz sobre a ofensiva de Kharkov e sobre o quase colapso nervoso de Khrushchev.

Timochenko. Em todo o caso, foi esta a maior crise da carreira de Khrushchev – até, como sucessor de Estaline, ter metido as mãos pelos pés no caso dos Mísseis de Cuba, vinte anos mais tarde. A dada altura, Estaline humilhou-o despejando-lhe na cabeça o fornilho do cachimbo: «Está de acordo com a tradição romana», disse. «Quando um comandante perdia uma batalha, deitava cinzas sobre a sua própria cabeça... a maior das desgraças para um comandante romano.»

\* \* \*

A 19 de Junho, um avião da Luftwaffe despenhou-se para cá das linhas alemãs. Entre os destroços, foi encontrada uma pasta que continha os planos da ofensiva de Verão de Hitler, que tinha como objectivo explorar o desastre de Kharkov e avançar em direcção a Estalinegrado e ao Norte do Cáucaso. Mas Estaline decidiu que a informação ou estava incompleta, ou era uma armadilha. Uma semana mais tarde, os alemães atacaram tal e qual o plano dizia, abrindo uma passagem entre as frentes de Brians e Sudoeste, na direcção de Voronezh e, a seguir, Estalinegrado. Era, porém, os campos petrolíferos o que Hitler cobiçava. Quando visitou o quartel-general em Poltava, disse ao marechal-de-campo von Bock: «Se não tomarmos Maikop e Grozny, vou ter de pôr fim à guerra.»

Timochenko e Khrushchev recuaram para Estalinegrado. Quando Timochenko pediu mais divisões, Estaline respondeu secamente:

«Se vendessem divisões no mercado, comprava-te uma ou duas. Mas, infelizmente, não vendem.» Mais uma vez, a frente de Timochenko estava em queda livre. A 4 de Julho, Estaline perguntava sarcasticamente ao marechal: «É então verdade que a 301.<sup>a</sup> e a 227.<sup>a</sup> Divisões estão cercadas e tu vais render-te ao inimigo?»

«A 227.<sup>a</sup> está a retirar», respondeu pateticamente Timochenko, «mas a 301.<sup>a</sup>... não conseguimos encontrá-la (...).»

«As tuas deduções soam a mentira. Se continuas a perder divisões desta maneira, em breve serás comandante de coisa nenhuma. As divisões não são agulhas, e é muito complicado perdê-las.»

Inebriado de autoconfiança, Hitler dividiu as suas forças: uma parte atravessaria o Don e marcharia sobre Estalinegrado, enquanto a outra se dirigiria para sul, em direcção aos campos petrolíferos do Cáucaso. Quando Rostov-do-Don caiu, Estaline emitiu mais uma ordem selvagem: «Nem Um Passo Atrás», decretando que todos os «derrotistas e cobardes devem ser imediatamente liquidados» e ordenando a criação de «unidades de bloqueio», atrás das linhas, para abater os que fugissem. Apesar de tudo isto, o Grupo de Exércitos A de Hitler chegou ao Cáucaso. A 4 e 5 de Agosto, Estaline, Béria e Molotov passaram a maior parte da noite no gabinete, enquanto os alemães tomavam Vorochilov (Stravropol) e avançavam para Grozny e Ordzhonikidze (Vladikavkaz), no Cáucaso, e, no Volga, se aproximavam de Estalinegrado. O 6.<sup>º</sup> Exército de von Paulus preparava-se para tomar a cidade e cortar a Rússia ao meio.

\* \* \*

A 12 de Agosto, no meio da calamitosa agitação da batalha decisiva de toda a guerra, Winston Churchill chegou a Moscovo para dizer a Estaline que não haveria tão depressa uma Segunda Frente, uma missão que comparou a «levar um pedaço de gelo para o Pólo Norte». Molotov foi aguardá-lo ao aeroporto e escoltou-o até à residência que lhe fora atribuída. Pelo caminho, Churchill notou que as janelas do *Packard* tinham mais de cinco centímetros de espessura.

– É mais prudente – disse Molotov.

Estaline e Béria levaram a visita de Churchill muito a sério, atribuindo-lhe uma guarda pessoal de 120 homens. As defesas à volta do Kremlin foram redobradas. Estaline cedeu a sua própria casa, Kuntsevo, a *dacha* n.º 7. É bem um sinal da obscuridade soviética o facto de os britânicos nunca o terem sabido, e de a história ter demorado seis décadas a ser conhecida. Talvez Estaline estivesse a pagar a Churchill na mesma moeda por ter cedido a *sua dacha*, Chequers, a Molotov.

CHURCHILL VISITA ESTALINE:  
MARLBOROUGH VS. WELLINGTON

Um robusto ajudante-de-campo oriundo de uma família principesca, segundo Churchill, fez as vezes de anfitrião em Kuntsevo. O primeiro-ministro foi conduzido à sala de jantar de Estaline, onde encontrou uma comprida mesa carregada «com todos os manjares e estimulantes que o poder absoluto pode conseguir». Os britânicos exploraram curiosamente o local.\* Sem de aperceber disso, Churchill descreve-nos a casa de Estaline: rodeada por uma cerca com quatro metros e meio de altura, guardada de ambos os lados, era «uma bela e espaçosa casa, com vastos relvados e jardins e um bosque de pinheiros com cerca de oito hectares. Havia agradáveis passeios (...), fontes (...) e um grande tanque de vidro com (...) peixes-vermelhos. Depois de atravessar um amplo vestíbulo, fui conduzido a um quarto com uma casa de banho quase do mesmo tamanho.† Fortes lámpadas eléctricas, quase ofuscantes, revelavam uma limpeza impecável.»

Três horas mais tarde, Churchill, Harriman e o embaixador britânico, Sir Archibald Clark Kerr, foram levados de carro até ao Kremlin, para se encontrarem com Estaline,

\* A casa de Kuntsevo era estilo «“utilitário” elegante, sumptuosa e brilhantemente colorida», achou um jovem diplomata britânico, John Reed, «vulgarmente mobilada e equipada com tudo o que o coração de um comissário soviético pudesse desejar. Até as casas de banho eram modernas (...) e limpas.» A cem metros da casa, ficava o novo abrigo antiaéreo de Estaline, do «tipo mais moderno e luxuoso», com elevadores que desciam vinte e sete metros no subsolo e constituído por oito ou dez divisões com paredes de betão maciçamente espessas, separadas por portas de correr. «Todo o conjunto tinha ar-condicionado e estava execravelmente mobilado (...) como uma espécie de monstruosa (...) Lyon's Corner House», escreveu Reed.

† As casas de banho de todas as *dachas* de Estaline eram espaçosas, com chuveiros especialmente construídos para a sua estatura.

Molotov e Vorochilov, que, afastado do comando das frentes de combate, era agora o adereço diplomático do *Vozhd*, um espécie de complemento histriónico do número executado pela dupla Estaline-Molotov. Churchill decidiu começar pelas más notícias: não haveria, naquele ano, uma Segunda Frente. Estaline, confrontado com uma luta pela sobrevivência no Volga, respondeu sarcasticamente:

«Não se ganham guerras sem correr riscos», disse, e mais adiante: «Não deviam ter tanto medo dos alemães.» Churchill resmungou que a Grã-Bretanha se batia sozinha desde 1940. Despachada a parte mais desagradável, o primeiro-ministro revelou que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha se preparavam para lançar a Operação Tocha, que tinha como objectivo tomar o Norte de África, usando para ilustrá-la o desenho da barriga mole de um crocodilo e o grande globo que se encontrava na sala contígua ao gabinete de Estaline. Numa impressionante demonstração dos seus instintos geopolíticos, Estaline percebeu imediatamente as razões por que aquela operação fazia todo o sentido. Isto, escreveu Churchill, «mostrou o rápido e completo domínio» que o ditador russo possuía da arte da estratégia militar. Foi então que o *Vozhd* os surpreendeu ainda mais: «Queira Deus ajudar ao êxito desse empreendimento!»

Na manhã seguinte, Churchill encontrou-se a sós com Molotov, esse «cortês e rígido diplomata», para o avisar:

– Estaline cometeria um grande erro tratando-nos mal, agora que chegámos tão longe.

– Estaline é um homem muito sensato – respondeu Molotov. – Pode ter a certeza de que, por muito que discuta, comprehende tudo.

Às onze, Estaline e Molotov, acompanhados pelo intérprete habitual, Pavlov, receberam Churchill no «Cantinho», onde o *Vozhd* entregou ao seu hóspede um memorando em que atacava o Ocidente por não abrir uma Segunda Frente e, mais uma vez, troçava da cobardia britânica.

– Só perdoo esse comentário por ter presente a bravura das tropas russas – respondeu o primeiro-ministro, que se lançou então num magnífico solilóquio churchilliano sobre o empenhamento do Ocidente naquela guerra. Ao ver que Churchill insistia com o seu pouco eficiente intérprete, Dunlop, perguntando-lhe: «Disse-lhe isto? Disse-lhe aquilo?», Estaline acabou por sorrir.

– As suas palavras não importam. O que importa é o espírito.

Esta convivialidade era, porém, fina como uma película de gelo: os insultos de Estaline tinham enfurecido Churchill, que, mais tarde, se pôs a andar irritadamente de um lado para o outro, em Kuntsevo, um lugar seguramente habituado a pensamentos sombrios e à malícia, ameaçando regressar a Inglaterra.

Ainda furioso e mal-humorado, Churchill teve de comparecer no Salão Catarina para o bacanaliano banquete que Estaline oferecia em sua honra. O *Vozhd* sentou-se a meio da mesa, com Churchill do seu lado direito e Harriman do lado esquerdo, seguindo-se um intérprete, o general Alan Brooke, chefe do Estado-Maior Imperial, e Vorochilov. Molotov manteve os brindes durante mais de três horas, enquanto os de-

zanove pratos se amontoavam em cima da mesa, que «gemia sob o peso de todo o tipo de *hors d'oeuvres*, peixes, etc.», escreveu Brooke, «uma autêntica orgia (...). Entre os muitos pratos de peixe, havia um pequeno leitão (...). Ninguém lhe tocou e, enquanto tudo o mais ia passando, manteve o seu pequeno olho negro cravado em mim, com a casca de laranja que lhe enfeitava a boca a compor um sorriso sardônico!»

Estaline foi encantador, deixando claro que «queria fazer as pazes», achou Clarke, «mas o primeiro-ministro (...) reagiu com frieza». Estaline tentou desajeitadamente a lisonja:

– Há alguns anos, recebemos a visita de Lady Astor – contou, maliciosamente. Quando ela sugerira que convidassem Lloyd George a visitar a Rússia, Estaline respondeu: «Por que havemos de convidar (...) o mentor da Intervenção?» «Não é verdade», corrigira-o Lady Astor, «(...) Foi o Churchill.» Então, ele disse-lhe: «Se surgir uma grande crise, os Ingleses (...) são bem capazes de voltar ao seu velho cavalo de batalha.» Além disso, acrescentara, «preferimos um inimigo declarado a um falso amigo.»

– Já me perdoou? – perguntou Churchill.

– Tudo isso pertence ao passado – respondeu o ex-seminarista –, e o passado pertence a Deus. A História julgar-nos-á.

Ouviu-se nesta altura um grande estrépito, quando o guarda-costas de Churchill, o comandante Thompson, se inclinou para trás, fazendo saltar das mãos de um criado uma taça de gelado que não acertou em Estaline por escassos centímetros.

«Então», regista portentosamente o intérprete soviético, Pavlov, nas suas notas, «Estaline falou.» Durante os brindes propostos pelo Supremo, Vorochilov, que pareceu a Brooke «uma excelente pessoa, disposto a falar com grande vivacidade a respeito de tudo e mais alguma coisa», apesar de ter os conhecimentos militares de uma «criança», descobriu que o seu interlocutor estava a beber água em vez de *vodka*. Mandou então vir uma garrafa de *vodka* condimentada com pimenta amarela, na qual flutuava uma ominosa malagueta, e encheu os copos de ambos:

– Vai até ao fim – disse, mas Brooke conseguiu ficar-se por um pequeno golo, enquanto Vorochilov despejava dois copos daquela pólvora.

«O resultado não se fez esperar. A testa cobriu-se-lhe de grandes gotas de suor, que depressa começaram a escorrer-lhe pelo rosto. Ficou calado e quieto, a olhar fixamente em frente, e eu perguntei a mim mesmo se teria chegado o momento de o ver escorregar para debaixo da mesa. Não, manteve-se no seu lugar (...).» Mas no preciso instante em que o querúbico inebriado mergulhava num mar de apimentado obvílio, Estaline, que reparava em tudo, «atirou-se a ele» com um brinde cuja ironia passou despercebida aos ocidentais.

«Um dos principais organizadores do Exército Vermelho era o marechal Vorochilov, e ele, Estaline, queria erguer o seu copo num brinde ao marechal Vorochilov.» Estaline sorriu, um sorriso impudente e malicioso de velho sátiro, pois, como Molotov e os outros bem sabiam, apenas três meses antes denunciara a «falência» de Vorochilov. O marechal pôs-se laboriosamente de pé, agarrando-se com ambas as mão à beira da mesa, «oscilando suavemente para trás e para a frente com uma expressão distante e

vaga nos olhos». Quando Estaline ergueu o copo, Vorochilov tentou concentrar-se e então inclinou-se para a frente, conseguindo tocar com o seu próprio copo no dele. Estaline voltou-se, para brindar a Chapochnikov, e «Vorochilov, com um fundo suspiro, deixou-se cair na cadeira».

Depois do jantar, Estaline convidou Churchill para ver um filme – *A Derrota Alemã Diante de Moscovo* –, mas o primeiro-ministro estava demasiado furioso e cansado. Despediu-se, e já ia a meio da sala apinhada de gente quando Estaline correu atrás dele e o acompanhou até ao carro.

Churchill acordou com «uma birra de criança mimada», segundo Clark Kerr, que chegou à *dacha* para descobrir que «o primeiro-ministro tinha decidido fazer as malas e regressar a casa». Com «um chapéu de *cowboy* absurdamente grande» enfiado na cabeça, seguramente o toucado mais bizarro alguma vez visto em Kuntsevo, Churchill saiu para o jardim e voltou as costas a Clark Kerr, que deu por si a falar para «um pescoço rosado e entumescido». O embaixador explicou a Churchill que, sendo ele «um aristocrata e um homem do mundo, esperava que aquelas pessoas fossem como ele. Mas não eram. Vinham directamente do arado e da sovela..»

– Aquele homem insultou-me – retorquiu Churchill. – De agora em diante, ele que trave sozinho as suas batalhas. – Finalmente, deteve-se. – Bem, que quer então que eu faça?

Uma hora mais tarde, um membro da *entourage* de Churchill ligou para o Kremlin a pedir um encontro a sós com Estaline. A única resposta foi que «Estaline tinha saído para um passeio», com toda a certeza um passeio diplomático, uma vez que a birra de Churchill coincidira com os momentosos acontecimentos que conduziram directamente à batalha de Estalinegrado: às 04:30 dessa madrugada, o 6.º Exército alemão atacara e esmagara o 4.º Exército Blindado na curva do Don, uma crise bem mais imediata do que um inglês gorducho a protestar com «um chapéu de *cowboy* enfiado na cabeça».

As seis da tarde, Estaline aceitou o encontro. Churchill apresentou as suas despedidas no «Cantinho». Quando se preparava para sair, Estaline «pareceu embaraçado» e perguntou quando voltariam a ver-se. «Por que não vem a minha casa e bebemos qualquer coisa?»

«Respondi», escreveu Churchill, «que era, em princípio, sempre a favor dessa política.» Estaline conduziu-o então, e ao major Birse, o seu intérprete, «através de uma imensidade de corredores e salas até uma espécie de rua deserta no interior do Kremlin, e, cerca de duzentos metros mais à frente, chegámos ao apartamento onde ele vivia». Estaline mostrou ao inglês o «simples e austero» apartamento de quatro divisões, com as suas estantes vazias: a biblioteca estava em Kuibichev. Uma governanta – não Valechka, uma vez que Churchill a descreve como uma «anciã» – começou a preparar a mesa na sala de jantar. Estaline tinha planeado aquela refeição: nessa tarde, Alexandra Nakachidze telefonara para Zubalovo a dizer que Estaline queria que Svetlana estivesse pronta, ao fim do dia, para «ser apresentada a Churchill». O *Vozhd* levou a conversa

para o tema das filhas. Churchill disse que a filha, Sarah, era ruiva. «Também a minha», exclamou Estaline, que ali tinha a sua deixa: ordenou à governanta que fosse chamar Svetlana.

Uma «bonita jovem de cabelos ruivos» entrou na sala e beijou o pai, que, bastante ostentosamente, lhe ofereceu um pequeno presente. Deu-lhe uma palmadinha na cabeça. «É ruiva», disse, e sorriu. Churchill explicou que, quando jovem, também ele fora ruivo.

«O meu pai», escreveu Svetlana, «estava numa daquelas disposições amáveis e hospitalícias em que era capaz de encantar fosse quem fosse.» Ajudou a pôr a mesa, enquanto Estaline abria o vinho. Svetlana tivera a esperança de ficar para o jantar, mas quando a conversa se voltou para «armas e obuses», Estaline deu-lhe um beijo e «disse-me que fosse tratar das minhas coisas». Ficou desapontada, mas, obedientemente, retirou-se.

– Por que não convidamos o Molotov? – sugeriu Estaline. – Anda preocupado com o comunicado. Podíamos resolver a questão aqui. Há uma coisa a respeito do Molotov que tem de saber: não aguenta a bebida.

Quando Molotov se lhes juntou, seguido por um cortejo de pratos pesados, concluindo com o inevitável leitão, Estaline começo a espicaçar «sem misericórdia» o seu comissário dos Negócios Estrangeiros. Churchill juntou-se à festa:

«Sabia o senhor Estaline que o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, na viagem que recentemente fizera a Washington, dissera estar decidido a visitar Nova Iorque por sua conta e que o atraso no seu regresso não se deveria a qualquer avaria do avião mas a ele ter querido tirar algum tempo para si mesmo?»

Molotov franziu o cenho, notou Churchill, sem se aperceber de que talvez tivesse lançado as sementes da desconfiança que quase havia de custar a vida ao «Cu-de-Ferro». Mas o rosto de Estaline iluminou-se de gozo.

– Não foi em Nova Iorque que ele esteve. Foi em Chicago, onde vivem os outros *gangsters*.

– As tensões da guerra têm sido tão más para si, pessoalmente, como implementar a política das quintas colectivas? – perguntou Churchill.

– Oh, não – respondeu Estaline, reveladoramente. Essa, sim, fora uma «luta terrível».

Churchill convidou Estaline para visitar Londres, e o *Vozhd* recordou a sua estada em 1907, com Lenine, Gorki e Trotski. No tema das grandes figuras históricas, Churchill referiu o seu antepassado, o duque de Marlborough, como fonte de inspiração. «No seu tempo, pôs fim ao perigo que ameaçou a liberdade europeia durante a Guerra da Sucessão espanhola.» Churchill deixou-se «levar pelo entusiasmo», exaltando o brilho militar de Marlborough. Mas um sorriso malicioso «começou a despontar no rosto de Estaline».

– Penso que a Grã-Bretanha teve um líder militar ainda mais brilhante – disse o *Vozhd*, provocador – na pessoa de Wellington, vencedor de Napoleão, que representou o maior perigo de toda a História.

À uma e meia, não tinham ainda sequer começado a comer, mas Estaline desapareceu por instantes, provavelmente para ouvir as últimas más notícias do Cáucaso. Quando Sir Alexander Cadogan, subsecretário permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, apareceu com o rascunho do comunicado de imprensa, Estaline ofereceu-lhe o leitão. «Quando o meu amigo declinou delicadamente», escreveu Churchill, «o nosso anfitrião atacou a vítima sozinho.» O jantar acabou, finalmente, por volta das três da madrugada. Churchill pediu a Molotov que não fosse despedir-se dele de manhã, pois «estava claramente exausto».

– Acredita verdadeiramente que eu deixaria de lá estar? – perguntou Molotov, cortês.

De regresso a Kuntsevo, Churchill, estendido no divã de Estaline, «começou a rir à gargalhada e a agitar alegremente as pernas no ar: Estaline fora esplêndido (...). Que prazer era trabalhar com “aquele grande homem”.» Despiu-se, revelando «uma camisola interior demasiado curta e amarrrotada» da qual «sobressaía um par de nádegas muito brancas e engelhadas», continuando a expressar o seu entusiasmo – «Estaline isto, Estaline aquilo» – até que, finalmente, se meteu na banheira. Era quase manhã; a aliança estava salva; Molotov chegou para levá-lo ao aeroporto.

## ESTALINEGRADO E O CÁUCASO: BÉRIA E KAGANOVITCH NA GUERRA

Estaline recuperou da sua noitada churchilliana em casa, mas, às 23:30, chegou ao gabinete para enfrentar a situação que se deteriorava no Norte do Cáucaso, onde os alemães se aproximavam de Ordzhonikidze e de Grozny. Budeny, comandante da frente do Norte do Cáucaso, tinha agora a companhia de Kaganovitch, que reclamara o direito de redimir-se na frente de combate depois de ter sido demitido de responsável pelos caminhos-de-ferro. Estaline concordara, dizendo: «Ele conhece o Cáucaso Norte e deu-se bem com o Budeny durante a Guerra Civil.» O cossaco de pernas arqueadas e o Comissário de Ferro judeu esforçavam-se por deter os alemães. Budeny não perdera pitada da «sua exuberância e sentido de ironia», recusando refugiar-se no abrigo durante os bombardeamentos: «Não faz mal, eles que bombardeiem!», mas «a Locomotiva» na guerra não era coisa bonita de se ver.

Rodeado por «um séquito de funcionários, desde os guarda-costas pessoais e conselheiros vindos de Moscovo (...), bajuladores, aldrabões e intriguistas», trabalhando toda a noite num estado permanente de histerismo ululante, sempre a brincar com a enfiada de contas que era a sua marca registada ou com a corrente de um porta-chaves, Kaganovitch considerava-se «um grande estratego (...), dando ordens por iniciativa própria», e insistia em interferir em todos os planos militares, estabelecendo prazos impossíveis, gritando: «Comunique pessoalmente (...) uma vez cumprida a ordem... senão!» Quando uma coluna de camiões bloqueou a passagem da sua limusina, «Lázaro», como os seus oficiais lhe chamavam, ficou completamente fora de si, bermando: «Despromovam! Prendam! Tribunal de guerra! Fuzilem!» Mas não eram os seus uivos que iam travar os alemães.

# 1941–45



O ataque de Hitler deixou Estaline chocado e confuso. Mas, depois da crise, o *Vozhd* assumiu o papel que considerava feito à sua medida: o de senhor supremo da guerra. Inicialmente, trabalhou com os potentados e generais numa atmosfera quase colegial, antes de o êxito lhe permitir apresentar-se como génio militar. Na foto, comanda a guerra, ajudado por (de pé, da esquerda): Bulganine (de uniforme), Mikoian, Khrushchev, Andreiev, Voznessenski, Vorochilov (de uniforme) e Kagánovitch; (sentados, da esquerda): Chvernik, Molotov, Béria e Malenkov.



A notável parceria militar da guerra: em finais de 1942, depois de os seus erros de cálculo terem causado uma série de desastres evitáveis, Estaline nomeou Georgi Zhukov seu adjunto. Admirava-lhe os dotes militares, a energia e a brutal determinação. Zhukov desempenhou um papel decisivo nas vitórias de Moscovo, Leninegrado, Estalinegrado e Berlim. No desfile da vitória, Estaline permitiu-lhe receber a continência, mas, pouco depois, o ciúme e a paranóia levaram-no a despromover e humilhar o seu melhor general. Aqui, em 1945, coloca Zhukov à sua direita, mas tem, do outro lado, os marchais «políticos», Vorochilov, corajoso mas inepto, e Bulganine, que se guindou, graças a uma implacabilidade que não deixou rastro, à condição de herdeiro putativo.



Estaline como árbitro da Grande Aliança, jogando Roosevelt contra Churchill: na foto, em Teerão (1943), o sorridente Vorochilov mantém-se de pé atrás do amo, enquanto o general Alan Brooke (atrás de Churchill e Roosevelt) olha sardonicamente para o seu intragável aliado.

Churchill e Estaline em Ialta, seguidos pelo general Vlasik.



Na Conferência de Potsdam, Estaline, resplandecente no seu uniforme branco de Generalíssimo, posa ao lado de Churchill, que seria em breve afastado pelo eleitorado britânico, e do novo presidente dos EUA, Harry Truman, que o informou de que a América possuía a Bomba. Estaline desprezava Truman, tinha saudades de Roosevelt e considerava Churchill o mais forte dos capitalistas.



10, Downing Street,  
Whitehall.

WORDS EXCHANGED BETWEEN THE PRIME MINISTER OF GREAT  
BRITAIN THE RT.HON. WINSTON CHURCHILL M.P., AND MARSHAL  
OF THE SOVIET UNION K.K. VOROSHILOV AT THE CONCLUSION  
OF THE THIRD PLENIARY CONFERENCE OF THE THREE POWER  
CONFERENCES (GREAT BRITAIN, U.S.S.R. and U.S.A.) HELD  
AT TEHRAN, IRAN, 28th NOVEMBER TO 1st DECEMBER 1943.  
(Interpreted by Captain H.A. Lunghi, R.A.).

29 Nov. 1943

Marshal Voroshilov: I say ~~see~~ you heartily.

The Prime Minister: Thank you.

Marshal Voroshilov: I wish you a hundred more  
years of life keeping the same  
fine spirit and vigor as  
now.

The Prime Minister: Thank you very much.

30 Nov. 1943

The Prime Minister's  
Birthday.

Winston Churchill

Em Teerão, Churchill ofereceu a Espada de Estalinegrado a um emocionado Estaline, que a passou a Vorochilov... que a deixou cair. Estaline mandou Vorochilov pedir desculpa a Churchill. Vorochilov, vermelho de vergonha, levou o jovem diplomata inglês, Hugh Lunghi, para servir de intérprete. Pediu desculpa e, em seguida, desejou a Churchill um feliz aniversário. O primeiro-ministro britânico achou que o marechal estava «a fazer-se» a um convite para a festa.



Em Potsdam, Estaline encarregou Béria de conduzir a corrida para conseguir a Bomba, o maior desafio da sua carreira, aquele em que não podia falhar. Aqui, Béria e Molotov visitam as ruínas da Berlim de Hitler, acompanhados pelos membros da polícia secreta Kruglov (à esquerda) e Serov, peritos em deportações.



Béria e a família por volta de 1946. Béria era um violador e um sádico... mas um sogro e um avô encantador. A mulher, Nina, loura, inteligente e resignada (segunda da esquerda), era a mais bonita das esposas dos potentados. Estaline tratava-a como uma filha. Svetlana Estaline tinha-se apaixonado pelo garboso e bem-parecido filho de Béria, Sergo (à esquerda), de quem Estaline também gostava. Mas Sergo casou com a esbelta neta de Gorki, Marta Pechkova (à direita), o que enfureceu Svetlana.



Quando, em 1938, promoveu Béria a chefe do NKVD e o chamou a Moscovo, Estaline escolheu-lhe pessoalmente a casa. Só Béria teve direito a esta sumptuosa mansão aristocrática (hoje a embaixada tunisina). A mulher e o filho viviam numa ala; os aposentos e gabinetes dele ficavam noutra: aqui foram violadas muitas mulheres. Quando uma o recusou e um guarda lhe oferecia o habitual *bouquet*, Béria terá alegadamente rosnado: «Não é um *bouquet*, é uma coroa de flores.»



Mesmo em frente do Kremlin, a colossal e pavorosa Casa do Cais, com o seu cinema privado, construída para os membros do governo no início dos anos 30, ficou quase vazia durante o Terror de 1937, quando muitos dos seus habitantes foram executados. De manhã, o porteiro dizia aos sobreviventes quem tinha sido preso na noite anterior. Foi aqui que Natalya Rikova viu o pai pela última vez. Familiares de Estaline, como Pavel e Zénia Alliluyeva, viveram aqui; depois da guerra, Svetlana e Vassili tiveram apartamentos no edifício.

Em 1949, a morte rondou o elegante bloco de apartamentos Granovski, próximo do Kremlin, onde os potentados mais jovens viviam em casas palacianas: Khrushchev e Bulganine no quinto andar, Malenkov no quarto. Béria era frequentemente visto diante da porta, numa limusina preta, à espera dos seus amigos Khrushchev e Malenkov.



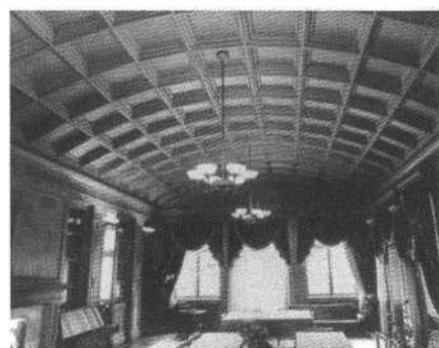
AS RESIDÊNCIAS DE ESTALINE

*À esquerda:* Kuntsevo, a sua principal casa em Moscovo a partir de 1932 e o lugar onde faleceu. Como a maior parte das suas residências, estava pintada de um feio verde-caqui.

*No meio:* A casa preferida antes da guerra: Sochi (vista do exterior do portão e, na info-gravura, do pátio).



*Em baixo:* O centro de todas as casas de Estaline era sempre a sala de jantar de tecto abobadado, onde gostava de desfrutar intermináveis banquetes georgianos com os seus sequazes. Aqui, a de Sochi. À esquerda, vemos a piscina pouco funda que mandou construir, pois não gostava de nadar.





AS CASAS PREFERIDAS DE ESTALINE NO SUL. O quartel-general de férias no pós-guerra, Córrego Frio, a mansão milionária em Sukhumi, e Museri.



Depois da guerra, o general Vassili Estaline convenceu o general Vlasika dar-lhe esta belíssima casa, não longe do Kremlin.

Promovido sem mérito, alcoólico, instável, cruel e aterrado, o general Vassili Estaline abandonou duas mulheres, que tratava miseravelmente, e tentou conquistar as boas graças do pai denunciando oficiais da Força Aérea, por vezes com resultados fatais. Estaline, envergonhado pelos seus debouches e festanças durante a guerra, despromoveu-o. Vassili recebeu que, depois da morte do pai, Bulganine e Khrushchev o mandassem matar: preferia a garrafa ou o suicídio. As raparigas eram aos magotes à volta do «príncipe reab».



Poder e família: o herdeiro putativo, Zhdanov. Terminada a guerra, Estaline, cansado mas feliz, senta-se entre os dois rivais: o frouxo, mau e pusilânime «escriturário», Malenkov — a quem chamaravam «Malanya» por causa das grandes ancas — e (à direita), sorrindo, o alcoólico Zhdanov. Kaganowitch senta-se do lado esquerdo. (Fila de trás, da esquerda): desconhecido, Vassili Estaline, Svetlana, Poskrebichev. Estaline queria que Svetlana casasse com o filho de Zhdanov. Mas a luta entre Zhdanov e Malenkov terminou numa chacina.

«Para que serve uma crista defensiva se não for defendida?», admoestou-o Estaline. «E parece que não conseguiste dar a volta à situação, apesar de não haver pânico e os soldados estarem a lutar bem.»

Kaganovitch chegou, porém, bem mais perto da guerra do que muitos outros. Foi atingido por um estilhaço numa mão, uma medalha de honra de que se orgulhava profundamente. Foi o único membro do Politburo a sofrer um ferimento.\* Quando voltou a Moscovo, para reuniões, Estaline, que ele tratava por «nossa pai», interessou-se solicitamente pela sua saúde e brindou ao glorioso ferimento. No entanto, estava ao mesmo tempo irritado por um dos seus camaradas mais chegados ter arriscado a vida daquela maneira.

Os alemães continuavam a avançar para sul, e Estaline receava que a frente transcaucasiana se desagregasse, deixando livre o caminho para os poços de petróleo, possivelmente trazendo a Turquia para a guerra e tentando os irrequietos povos do Cáucaso a rebelarem-se. Quatro dias depois da partida de Churchill, voltou-se para Béria:

– Lavrenti Pavlovitch – disse-lhe respeitosamente –, leva contigo quem quiseres e todo o armamento que julgares necessário, mas, por favor, pára os alemães.

Quando o inimigo tomou o monte Elbrus, Béria e Merkulov recrutaram um dos oficiais do estado-maior de Estaline, Shtemenko, ordenaram a Sudoplatov que trouxesse 150 montanhistas georgianos, reuniram a sua vistosa *entourage* – incluindo Sergo, filho de Béria, com dezoito anos – e voaram para sul numa esquadilha de C-47 americanos, fazendo uma paragem em Tíflis. Os generais estavam a considerar o abandono estratégico de Ordzhonikidze, mas, a 22, Béria chegou, com o seu bando, para aterrorizar os comandantes do Transcáucaso. Charkviani, o patrão georgiano, estava na sala quando Béria «passeou friamente à volta da mesa um olhar penetrante» e lhes disse:

– Parto-lhes a espinha se voltam a dizer uma palavra a respeito dessa retirada. Vão defender a cidade!

Quando um general sugeriu colocar 20.000 homens do NKVD na linha da frente, Béria «insultou-me vilmente e ameaçou partir-me a espinha se voltasse a referir o assunto». Apesar de Charkviani (que não era grande admirador de Béria) achar que o chefe do NKVD tinha salvo a situação, os generais, escrevendo todos eles depois da sua queda, queixaram-se de que o seu avanço ao longo da frente não passou de «espetáculo e barulho», o que lhes perturbara seriamente o trabalho.

Béria tinha igualmente de destruir qualquer campo petrolífero que caísse nas mãos dos nazis. Em Moscovo, Estaline chamou ao seu gabinete Nikolai Baibakov, de trinta anos, comissário-adjuunto da Produção Petrolífera. Estava sozinho:

---

\* A Frente ofereceu-lhe um relógio gravado como penhor da sua gratidão: encontra-se hoje no arquivo Kaganovitch, no RGASPI. Curiosamente, tanto Leonid Brezhnev como Mikhail Suslov, que governaram juntos a União Soviética durante quase duas décadas, depois de 1964, conheceram Kaganovitch nesta frente.

– Camarada Baibakov, sabes que Hitler quer o petróleo do Cáucaso. É por isso que te mando para lá. És responsável, sob pena de ficas sem cabeça, de garantir que nem uma gota de petróleo fica para trás.

Infelizmente para ele, Baibakov ficaria do mesmo modo «sem cabeça» se destruísse o petróleo demasiado cedo. Quando o jovem comissário-adjunto ia a sair, com a cabeça às voltas, Estaline acrescentou:

– Sabias que Hitler declarou que, sem petróleo, perderia a guerra?

Béria acrescentou mais e mais terríveis ameaças. «Sentia-me esmagado pela enorme responsabilidade», diz Baibakov, que não estava assustado, mas talvez devesse estar. «Subestimei os perigos da minha posição pessoal.» Os campos petrolíferos certos foram dinamitados com uma margem de escassos minutos. Baibakov conservou a cabeça.\*

A outra missão de Béria era esmagar quaisquer vestígios de traição que ainda pudesse subsistir entre os grupos étnicos do Norte do Cáucaso. Foi lá que estabeleceu o seu comando NKVD. Sendo um mingreliano da Geórgia criado entre abcazianos não georgianos, tinha todos os preconceitos dos minúsculos povos do Cáucaso relativamente uns aos outros. Os Georgianos sempre tinham desconfiado particularmente dos povos islamicados, como os Chechenos: em Grozny, Béria investigou os relatórios existentes a respeito de alguns chechenos terem recebido os alemães de braços abertos. Sergo Béria, que acompanhava o pai, escreveu que os Chechenos enviaram delegações para mostrar o seu apoio a Moscovo, prometendo lutar como o seu herói nacional, Shamyl. Uma vez que Shamyl desafiara a Rússia durante trinta anos, a analogia escondida não foi seguramente a mais adequada. A simpatia de Béria para com este povo servia apenas para esconder a sua desconfiança.

Béria juntou-se a Kaganovitch e Budeny em Novorossisk, mas não ficou grandemente impressionado pelo comportamento de qualquer deles: «Aqueles dois idiotas tinham desorganizado tudo», escreveu Sergo, exagerando um pouco. Encontraram Budeny «morto de bêbedo», num estado de «profundo torpor». Kaganovitch estava «sóbrio», mas «tremia como uma vara verde e rastejava de joelhos diante do meu pai».

– Não faça cenas tristes! – disse Béria a Kaganovitch.

O avanço alemão morreu às portas de Ordzhonikidze e Grozny, minado pela resistência soviética em Leninegrado. Béria regressou em triunfo a Moscovo, onde Estaline, que tinha uns ciúmes doentios da glória militar de toda a gente, o ouviu gabar-se a Malenkov das suas proezas.

---

\* A entrevista de Baibakov para este livro foi inestimável, uma vez que é um dos últimos ministros de Estaline ainda vivos. Baibakov tornou-se um membro perene do governo soviético: em 1944, Estaline nomeou-o comissário do Petróleo e, mais tarde, chefou a Gosplan, a principal agência económica, com exceção de um curto intervalo, até ser afastado por Gorbatchev, nos anos 80. É bem um sinal da obsolescência da economia soviética o facto de o mesmo jovem que Estaline nomeara continuar a dirigir a quarenta anos mais tarde. Na altura em que escrevo, este infatigável gestor trabalha na indústria petrolífera, fazendo conferências, com um dinamismo muito estalinista, de medalhas ao peito e à sombra de um retrato de Lenine.

– Agora o Béria vai imaginar que é um chefe militar – rosnou Estaline a Chapochnikov.

Béria recomendou o afastamento de Budeny, que abandonou o seu último comando activo e regressou a Moscovo para ser colocado à frente da cavalaria. Mas apelou para Estaline:

«A minha alma anseia pela batalha. Deixa-me ir para Estalinegrado!»

Estalinegrado estava sem dúvida prestes a tornar-se a batalha das batalhas, o foco das atenções do mundo inteiro.

\* \* \*

Os alemães atacaram por terra e devastaram a cidade de Estaline a partir do céu, destruindo esse Leviatão industrial num bombardeamento infernal que transformou as sombrias fábricas estalinistas numa paisagem primeva de grutas e desfiladeiros. Estaline, no gabinete desde madrugada, estava fora de si, descompondo os seus enviados a Estalinegrado, Malenkov e o chefe do Estado-Maior-General, Vassilevski: «O inimigo conseguiu passar (...) com pequenas unidades. Temos forças suficientes para aniquilar o inimigo (...). Mobilizar comboios blindados (...). Usar cortinas de fumo (...). Lutar noite e dia (...). O mais importante agora é não entrar em pânico, não temer o impudente inimigo e manter a confiança no nosso êxito.»

A gravidade da situação em Estalinegrado focou finalmente a mente de Estaline e causou uma revolução na maneira como vinha a conduzir a guerra. Compreendia agora que o caminho para a sobrevivência e para a glória passava por contar com generais profissionais e não com o seu próprio e impaciente amadorismo e com os desastrados veteranos do tempo do cavalo e do sabre. A 27, ordenou a Zhukov que voasse para Estalinegrado e promoveu-o a Vice-Comandante Supremo. Zhukov recusou a promoção:

– O meu feitio não nos permitiria trabalhar juntos.

– O desastre ameaça o país – respondeu Estaline. – Temos de salvar a Pátria por todos os meios ao nosso alcance, independentemente dos sacrifícios. Os nossos feitios não são para aqui chamados. Subordinemo-los aos interesses da Pátria. Quando parte?

– Preciso de um dia.

– Bom, muito bem. Mas não tem fome? Não lhe fará mal comer qualquer coisa.

– Foram servidos chá e bolos para celebrar o início da parceria mais bem sucedida de toda a guerra.

Zhukov encontrou Vassilevski em Estalinegrado, onde descobriu que os alemães estavam a infiltrar-se na cidade. Estaline exigia contra-ataques, mas as forças de Zhukov não estavam ainda preparadas para isso. Estaline vivia num tal estado de ansiedade que dormia agora num divã, no gabinete, e Poskrebichev acordava-o de duas em duas horas. Estava tão pálido, cansado e magro que Poskrebichev o deixou dormir mais meia hora, sem coragem para o acordar.

– Deste em filantropo, de repente? Liga-me para o Vassilevski. Rápido! Filantropo careca!

Ao telefone com Vassilevski, pôs-se a gritar:

– Que se passa com eles? Não compreendem que, se perdermos Estalinegrado, o Sul do país ficará isolado do Centro e provavelmente não poderemos defendê-lo? Não compreendem que isto não é uma catástrofe só para Estalinegrado? Perderíamos a nossa principal saída marítima e, pouco depois, o petróleo também!

A importância de Estalinegrado já não era, porém, apenas estratégica: a cidade tinha o seu nome porque desempenhara um papel formativo na vida dele. Fora lá, ainda Tsaritsyn, que, em 1918, ganhou segurança como homem de ação, aprendera a governar pelo terror, conquistara a confiança de Lenine e o ódio de Trotski. Fora na «Verdun Vermelha» que conheceu os seus amigos, de Vorochilov a Budeny, e casara com Nádia.

– Penso que há ainda uma possibilidade de não perdermos a cidade – respondeu Vassilevski, cautelosamente. Estaline ligou para Zhukov e ordenou o ataque:

– Um atraso é equivalente a crime.

Quando Zhukov lhe disse que haveria um atraso, Estaline troçou:

– Acham que o inimigo vai esperar até que vocês se mexam?

Ao romper do dia, os russos voltaram a atacar, mas com escassos ganhos. Os alemães tinham quase tomado a cidade, mas uma força interpunha-se-lhes no caminho: o 62.º Exército do general Vassili Chuikov, cabelos espigados, nariz arrebitado, dentes de ouro, agarrado à margem ocidental do Volga, comandando a partir de caves e combatendo nas ruínas esqueléticas de uma paisagem industrial apocalíptica, abastecido exclusivamente através do flamejante Volga, no qual se reflectia o destino da Rússia. A coragem, a nobreza, o desespero e a brutalidade destes homens são inultrapassavelmente descritas no épico de Vassili Grossman, *Vida e Destino*. Lutaram com armas modernas e antigas, espingardas de mira telescópica e granadas, pá, tubos de ferro e as próprias mãos, morrendo para ganhar tempo.

– Sangue – disse Chuikov –, chegou a altura.

A atenção de praticamente todos os minutos do dia de Estaline estava concentrada numa das mais intensas batalhas jamais travadas: os superiores imediatos de Chuikov eram o general Andrei Ieremenko e o comissário Khrushchev, que voltara às boas graças de Estaline, mas aquilo era demasiado importante para ser deixado nas mãos deles. O Supremo supervisionava pessoalmente a frente, com Zhukov e Vassilevski no comando activo e Malenkov a funcionar como espião privado. Costumavam aparecer sem aviso no abrigo de Ieremenko. «Via Vassilevski e Malenkov a conversar em voz baixa», diria Khrushchev, «preparando-se para denunciar alguém.» Malenkov convocava oficiais para os admoestar. Quando chegavam ao abrigo, encontravam «um homenzinho baixo, com uma cara macia e gorducha, envergando um dólman», além de rufões como Zhukov e Ieremenko. Durante uma destas sessões, Malenkov deu por si a dirigir-se a Vassili Estaline, que, apesar de proibido de voar em missões de combate, comandava uma divisão.

«Coronel Estaline!», disse Malenkov. «O desempenho em combate dos seus aviadores é revoltante (...).» Voltou-se então para outro oficial. «E o senhor, o general do barrete? Tenciona lutar, ou só andar por aí na brincadeira?» Depois de Malenkov partir, Khrushchev e Ieremenko voltavam a ficar sozinhos no abrigo, «num estranho silêncio (...), como uma floresta depois de uma tempestade». Foi o melhor momento de Khrushchev,\* a viver no seu abrigo, construindo amizades com generais que haviam de ser-lhe tão úteis depois da morte de Estaline.

A 12 de Setembro, os comandantes rivais da frente de Estalinegrado foram ao mesmo tempo falar com os respectivos Supremos, numa clara simetria ditatorial. Enquanto von Paulus se reunia com o *Führer* no seu quartel-general, o *Werwolf*, um complexo de cabanas de madeira e fortins de betão, em Vinnitsa, Zhukov e Vassilevski iam a caminho de um encontro com o *Vozhd*. Ao mesmo tempo que Hitler ordenava a von Paulus que «capturasse tão rapidamente quanto possível a totalidade de Estalinegrado», Zhukov e Malenkov, o rude soldado e o tuuoso cortesão, apresentavam a Estaline um relatório em que propunham novas ofensivas «para esmagar o inimigo (...) e simultaneamente preparar (...) um golpe ainda mais violento». Mas o quê? Estaline olhou para o mapa e estudou-o em silêncio, ignorando os militares durante um longo momento, absorto nos seus próprios pensamentos.

Zhukov e Vassilevski afastaram-se da mesa coberta pelo pano de baeta verde, conversando um com o outro em voz baixa. Talvez houvesse «outra solução».

– E que significa «outra solução»? – perguntou Estaline, erguendo repentinamente a cabeça. «Nunca pensei que tivesse um ouvido tão apurado», notou Zhukov. Antes que os generais pudessem responder, Estaline acrescentou: – Vão para o Estado-Maior-General e pensem cuidadosamente no que deve ser feito... Encontramo-nos aqui amanhã, às nove.

A vitória tem muitos pais, e muitos reclamaram a paternidade da de Estalinegrado, mas ela foi na realidade filha da colaboração inédita entre Estaline, Vassilevski e Zhukov, todos eles talentosos, cada um à sua maneira.

Às dez da noite de 13 de Setembro, Estaline recebeu Zhukov e Vassilevski no seu gabinete com um gesto pouco habitual – um aperto de mão.

– Então, qual é a vossa opinião? A que conclusão chegaram? Qual dos dois vai apresentar o relatório?

– Qualquer de nós – respondeu Vassilevski. Entregaram um mapa que mostrava a traços largos um plano para lançar uma ofensiva maciça contra os flancos alemães, guarnecidos por tropas romenas, muito mais fracas do que a Wehrmacht, esmagando a retaguarda e fazendo a ligação para cercar o corpo principal: a Operação Úrano. Nesse preciso instante, o ataque alemão ordenado horas antes por Hitler, em Vinnitsa, abatia-se sobre o 62.º Exército. Poskrebichev entrou na sala: Ieremenko estava ao telefone, de Estalinegrado. Chuikov continuava a agarrar-se desesperadamente à margem

---

\* Quando chegou ao poder, Khrushchev ordenou aos amigos, como Ieremenko, que inflacionassem o seu heróico papel em Estalinegrado, a exemplo do que o próprio Estaline costumava fazer.

ocidental do Volga enquanto o Stavka preparava a operação. Mandando os dois generais regressar a Estalinegrado, Estaline disse, sombriamente:

– Ninguém mais sabe o que foi aqui discutido esta noite. E ninguém, além de nós os três, deve saber, de momento.

A 9 de Outubro, Estaline devolveu o comando unitário dos exércitos aos generais. Mais uma vez, celebrou a ocasião apertando a mão a Zhukov e a Vassilevski, que usou como representantes especiais junto das frentes: não os queria «sentados sem nada que fazer» em Moscovo. Chefe do Estado-Maior-General desde Maio, Alexandre Vassilevski, com quarenta e sete anos, era o terceiro membro da extraordinária equipa de Estalinegrado. De muitas maneiras, estava mais próximo de Estaline do que o próprio Zhukov.

\* \* \*

De ombros largos e peito poderoso, mas com uma expressão sensível e um suave encanto cortês, Vassilevski, um notável oficial do Estado-Maior, tinha sido treinado por Chapochnikov, a quem sucedera não só no cargo mas também como o único cavalheiro no meio de um bando de rufiões e como confidente especial de Estaline. A sua decência intrigava, impressionava e confundia o *Vozhd*, tão totalmente desprovido dela.

– Comanda tantos exércitos – reflectiu –, e no entanto não faz mal a uma mosca.

Além disso, Vassilevski vinha de um mundo desaparecido que fascinava Estaline: o pai fora um próspero pároco de aldeia junto ao Volga e ele próprio fora educado para o sacerdócio, apesar de, em vez disso, se ter tornado capitão no exército do czar. Quando se juntara ao Exército Vermelho, tivera de renegar o seu pai sacerdote e cortar todos os laços. No final das reuniões, Estaline pedia-lhe frequentemente que ficasse para discutir se ainda se sentia ou não tentado pelo sacerdócio. «Bem, bem, não queria nada que se sentisse», ria Estaline. «Isso é evidente. Mas tanto o Mikoyan como eu próprio queríamos ser padres, e fomos rejeitados. Até hoje, ainda não consegui perceber por quê!» E então: «A educação religiosa serviu-lhe para alguma coisa?»

«Nenhum conhecimento é inteiramente desperdiçado», respondia Vassilevski, cautelosamente. «Parte dele acabou por revelar-se útil na vida militar.»

«O que os padres ensinam melhor é a compreender as pessoas», reflectiu Estaline, que, certa vez, disse ser filho de um padre. Talvez, de vez em quando, pensasse na sua própria paternidade, porque, mais ou menos por esta altura, disse a Vassilevski: «Uma pessoa não deve esquecer os seus pais.» E, numa outra ocasião, perguntou-lhe: «Quando foi a última vez que viu os seus pais?»

«Esqueci-os», respondeu o general, receando que aquilo fosse um teste. «O meu pai é padre, camarada Estaline.»

«Mas é um contra-revolucionário?»

«Não, camarada Estaline, acredita em Deus, como padre, mas não é um contra-revolucionário.»

«Quando a guerra acalmar, penso que devia meter-se num avião, ir ver os seus pais e pedir-lhes perdão.»

Estaline não esqueceu o pai de Vassilevski.

– Chegou a meter-se num avião e visitar os seus pais e pedir-lhes a bênção? – perguntou, mais tarde.

– Sim, camarada Estaline – respondeu Vassilevski

– Vai passar muito tempo antes que consiga pagar a dívida que tem para comigo. – Então, Estaline abriu o cofre e mostrou-lhe uns papéis. Eram ordens de subsídios, assinadas por ele próprio, pagas ao pai de Vassilevski ao longo de toda a guerra. Vassilevski, surpreendido e emocionado, agradeceu profusamente.

De momento, porém, a sua responsabilidade especial era Estalinegrado.

\* \* \*

Os dois messiânicos tiranos prepararam quase simultaneamente os respectivos povos para a vitória. «Vai ser feriado também na nossa rua», afirmou sugestivamente Estaline no seu discurso de 7 de Novembro. No dia seguinte, Hitler proclamava:

«Queria chegar ao Volga (...), a uma cidade especial. Por acaso, tem o nome do próprio Estaline (...). Queria capturá-la e (...) está praticamente em nosso poder!»

O «Cantinho» vibrava de tensão. Estaline temia acima de tudo que os alemães advinhassem o que se preparava. A 11, preocupava-o o facto de não ter aviões suficientes. A 13, enquanto von Paulus fazia uma última tentativa para desalojar Chuikov, agora reduzido a defender uma faixa de ruínas com quinze metros de profundidade, Zhukov e Vassilevski voavam até Moscovo para uma última reunião. «Pelo modo como Estaline fumava o seu cachimbo e cofiava o bigode, sem interromper uma única vez, percebemos que estava satisfeito», escreveu Zhukov. Depois da reunião, Vassilevski regressou a Estalinegrado.

A 18, Estaline, acompanhado por Béria, Molotov, Malenkov e Zhukov, que ficara para comandar a Operação Marte<sup>\*</sup> na frente de Moscovo, trabalhou no «Cantinho» até às 23:50. Três horas antes do ataque, as três frentes à volta de Estalinegrado, comandadas pelos generais Ieremenko, Rokossovski e Vatutine, foram informadas da ação iminente. Presumivelmente, Estaline e os camaradas foram então jantar ou ver um filme, para matar tempo. Estaline raramente adormecia antes das quatro da manhã – «passava-me a vontade», diria mais tarde a Churchill –, de modo que estava de certeza a pé para saber que as tropas tinham avançado. Às 07:20, na enevoada manhã de 19 de Novembro, os 3500 canhões do sector norte abriram fogo. Quando esta trovada jupiteriana rebentou, a terra tremeu a cinquenta quilómetros de distância. Um milhão de homens, 13.451 peças de artilharia, 1400 tanques e 1115 aviões atacaram as tropas de Hitler.

\* Em simultâneo com a Operação Úrano, em Estalinegrado, Zhukov lançou a esquecida Operação Marte contra a frente saliente de Rzhev, perto de Moscovo, provavelmente a sua maior derrota: centenas de milhares de homens perdidos em apenas dois dias, numa operação que ilustra bem o seu estilo ousado mas tosco.



OITAVA PARTE

**GUERRA:  
O GÉNIO TRIUNFANTE,  
1942–1945**

Durante a batalha de Estalinegrado, o Supremo adormeceu quase sempre, completamente vestido, na cama de campanha colocada junto à escada que dava acesso ao segundo piso de Kuntsevo. Em caso de emergência, Poskrebichev, o «filantropo careca», que dormia no gabinete, telefonava. Acordava por volta das onze, quando Shtemenko telefonava da Divisão de Operações para fazer o primeiro relatório do dia. Por essa altura, já o Politburo e o Estado-Maior levavam várias horas de trabalho, uma vez que tinham não só de partilhar as insónias de Estaline como também de dirigir os seus próprios e pesados impérios: Mikojan trabalhava das dez da manhã às cinco da madrugada, dormitando de vez em quando no seu gabinete.

Ao meio-dia, Estaline comia um pequeno-almoço ligeiro, servido por Valechka, ficando frequentemente em casa, em Kuntsevo ou no Kremlin, para trabalhar a partir do começo da tarde. Mas, estivesse onde estivesse, o Supremo, na altura com sessenta e três anos, passaria as dezasseis horas seguintes a dirigir a guerra. Recebia boletins de todos os plenipotenciários itinerantes do Stavka, que tinham de entrar em contacto duas vezes por dia, ao meio-dia e às nove da noite. Naquele dia, Vassilevski, em Estalinegrado, era o mais ansiosamente esperado de todos. Estaline ficava furioso se os seus enviados falhavam uma comunicação. Certa vez, quando isso aconteceu a Vassilevski, o *Vozhd* escreveu:

Já são 15:30 (...) e ainda não se dignou comunicar (...). Não pode usar a desculpa de que não tem tempo, porque Zhukov está a trabalhar tanto como você na frente e faz todos os dias os seus relatórios. A diferença entre você e Zhukov é que

ele é disciplinado (...), enquanto a si lhe falta disciplina (...). Aviso-o pela última vez de que se volta a esquecer [novamente] o seu dever, será demitido do cargo de chefe do Estado-Maior-General e enviado para a frente.

Malenkov era sempre pontual nos seus relatórios, mas até o meticoloso Zhdanov se deixava, por vezes, distrair pela batalha, provocando outra reprimenda: «É extremamente estranho o facto de o camarada Zhdanov não sentir a necessidade de pegar no telefone ou pedir-nos conselho recíproco nestes tempos de perigo para Estalinegrado.» Aos olhos de Estaline, a independência era perigosa.

Às 16:00, o general Alexei Antonov, «jovem, muito bem-parecido, moreno e esbelto», que gozava da confiança de Estaline e passara a Chefe de Operações depois da promoção de Vassilevski e depois de uma série de outros oficiais terem sido experimentados e rapidamente postos de lado, chegava para apresentar o seu relatório. Antonov era um «general incomparavelmente competente e um homem de grande cultura e encanto», escreveu Zhukov. Estaline era um maníaco da exactidão e, recorda Shtemenko, «não tolerava a mais pequena (...) divagação». Antonov lidava com ele com enorme habilidade: sempre calmo, «um mestre na avaliação de situações», classificava a urgência dos seus processos por cores e «sabia quando dizer ao seu ajudante: “Dá-me o *dossier* verde.”» E então Estaline, sorrindo, dizia: «Ora bem, vamos lá então ver o seu “*dossier* verde”».

Ao fim da tarde, Estaline chegava ao Kremlin na sua caravana de *Packards*, ou então descia as escadas do apartamento até ao «Cantinho», onde a «acolhedora» antecâmara, com os seus confortáveis cadeirões de braços, estritamente policiada por Poskrebichev, estava já cheia de gente. Os visitantes davam por si num mundo de controlo, austerdade e limpeza. Não havia em parte alguma nada que não fosse necessário. Todos tinham sido obrigados a identificar-se várias vezes e submetidos a revistas em busca de armas escondidas. Até Zhukov tinha de entregar a pistola antes de entrar. «A inspecção era repetida vezes sem conta.» Poskrebichev, envergando um uniforme de general do NKVD, recebia-os sentado à sua secretária. Sentavam-se em silêncio, embora os habituals se cumprimentassem com breves trocas de palavras. O ambiente era de tensão. Os que ainda não conheciam Estaline estavam cheios de expectativa, embora, como certo coronel recordava, «reparei que aqueles que (...) não era a primeira vez que ali estavam pareciam consideravelmente mais nervosos do que os que (...) estavam ali pela primeira vez».

Quando Estaline chegava, por volta das oito, um murmúrio percorria a sala. Nunca falava, mas fazia um aceno de cabeça a alguns dos presentes. «O meu vizinho», anotou o mesmo coronel, «limpou o suor que lhe molhava a testa e secou as mãos com um lenço.» Uma pequena divisão, uma espécie de cubículo, albergava os últimos guarda-costas, sentados a uma secretária ao lado da porta do gabinete. Estaline entrava na «sala espaçosa e bem iluminada», com a sua comprida mesa coberta pelo pano verde. No extremo mais distante ficava a secretária, em cima da qual havia sempre um monte de

documentos nos respectivos *papki*, uma central com múltiplas frequências, uma fila de telefones de várias cores e um monte de lápis bem afiados. Atrás da secretaria, havia a porta que dava acesso à casa de banho privada do *Vozhd* e à Sala de Comunicações, que continha várias cadeiras, o equipamento telegráfico que lhe permitia entrar em contacto com as frentes e o famoso globo que Churchill tinha usado para explicar a Operação Tocha.

\* \* \*

Nessa noite, Molotov, Béria e Malenkov, o eterno trio, esperavam juntamente com Vorochilov e Kaganovitch. Estaline fez um aceno de cabeça e deu início aos trabalhos do GKO sem mais rodeios nem preâmbulos; as sessões continuaram até ele sair, muitas horas mais tarde. O *Vozhd* sentou-se à secretaria, levantou-se, pôs-se a andar de um lado para o outro, voltou atrás para ir buscar os cigarros *Herzogovina Flor*, que desmanchava para encher o cachimbo. Os civis, como de costume, ocupavam as cadeiras encostadas à parede, erguendo os olhos para os novos retratos de Suvorov e Kutuzov, enquanto os generais se sentavam do lado oposto da mesa, de frente para Marx e Lenine, uma distribuição de lugares que reflectia a constante luta entre os dois grupos. Os generais estenderam imediatamente os seus mapas em cima da mesa e Estaline continuou o passeio, com o seu passo ligeiramente bamboleante. «Detinha-se em frente da pessoa a quem estava a dirigir-se e olhava-a bem a direito nos olhos», com aquilo a que Zhukov chamava «um olhar claro e tenaz que parecia envolver e ao mesmo tempo trespassar o interlocutor.»

Poskrebichev começou a chamar os especialistas que aguardavam na antecâmara. «Pouco depois, também o meu vizinho se pôs de pé (...). O recepcionista chamara o nome dele, ficou lívido, limpou as mãos ao lenço, pegou numa pasta (...) e avançou com passos hesitantes.» Antes de ele entrar, Poskrebichev aconselhou-o:

– Não se enerve. Não pense sequer em discordar seja do que for. O camarada Estaline sabe tudo.

O visitante devia falar sucintamente, sem rodeios, e retirar-se. Dentro do gabinete, a lúgubre *troika*, Molotov, Béria e Malenkov, voltou-se para examinar friamente o recém-chegado.

Estaline resumava poder e energia. «Uma pessoa sentia-se oprimida pelo poder de Estaline», escreveu o novo comissário dos Caminhos-de-Ferro, que falava com ele centenas de vezes, «mas também pela fenomenal memória e pelo facto de saber tanta coisa. Fazia-nos sentir ainda mais insignificantes do que éramos.»

O *Vozhd* acelerou o ritmo, irrequieto, agitado, nunca muito longe de uma explosão. As mais das vezes era lacónico, incansável e gelidamente distante. Se alguma coisa lhe desagradava, escreveu Zhukov, «perdia a cabeça e a objectividade».

Os visitantes sentiam o perigo constante, mas, ao mesmo tempo, ficavam surpreendidos pelo carácter genuinamente colegial daquelas sessões. Mikoian recordava com

saudade a «maravilhosa atmosfera de amizade» que reinou entre os potentados durante os primeiros três anos da guerra. O país era governado pelo GKO através das reuniões de Estaline com os principais líderes na presença de quem calhasse estar no gabinete – habitualmente Mikoian e, mais tarde, Zhdanov, Kaganovitch e Voznessenski.

«Surgiam acesas discussões», recordava Zhukov, em que «as opiniões eram expressas em termos duros e decisivos», enquanto Estaline passeava de um lado para o outro. Estaline pedia a opinião dos generais. «Ouvia-os mais» quando «discordavam. Desconfio de que até gostava de pessoas que tivessem os seus próprios pontos de vista e não receassem defendê-los», achava o almirante Kuznetsov. Tinha criado uma corte de lambe-boas que agora o irritavam.

«Para que é que perco o meu tempo a falar convosco?», gritava. «Seja o que for que eu diga, respondem: «Sim, camarada Estaline; com certeza, camarada Estaline (...); sabia decisão, camarada Estaline.» Os generais reparavam que «os seus camaradas concordavam sempre com ele», ao passo que os militares podiam discutir, embora tivessem de ter muito cuidado. Mas Molotov e o impetuoso recém-chegado, Voznessenski, discutiam com ele: «As discussões eram francas», recordava Mikoian. Quando Estaline, ao ler uma das cartas de Churchill, disse que o inglês «pensa que eu selei o cavalo e agora vai ser ele a montá-lo (...). Tenho razão, Viatcheslav?», Molotov respondeu:

«Não me parece que seja isso.» Zhukov «assistiu a discussões e (...) teimosas resistências (...), especialmente da parte de Molotov, em que as coisas chegaram ao ponto de Estaline elevar a voz e irritar-se, enquanto Molotov se limitava a manter um sorriso nos lábios e insistir no seu ponto de vista». Quando convidou Khrulev para tomar conta dos caminhos-de-ferro, tolerou a recusa: «Penso que não me respeita, ao recusar a minha proposta», disse, mas perdoou ao quartel-mestre, um dos seus favoritos. A meio das discussões, costumava gritar «Vá direito ao assunto» ou «Fale claro!»

A partir do momento em que formava a sua opinião e as discussões acabavam, Estaline nomeava o homem para o cargo, com a habitual ameaça de morte como incentivo acrescido. «Este homem extremamente severo controlava o cumprimento de cada ordem», recorda Baibakov, o engenheiro petrolífero. «Quando dava uma ordem, ajudava sempre a pessoa a cumpri-la, fornecendo-lhe todos os meios necessários. Por isso eu não tinha medo de Estaline – éramos fracos um com o outro. Eu cumpria as minhas tarefas.» Mas Estaline «tinha um jeito especial para detectar pontos fracos nos relatórios». Pobre daquele que comparecesse perante ele sem um conhecimento perfeito da respectiva frente. «Baixava imediatamente a voz e dizia, num tom ameaçador: «Não sabe? Então o que é que anda a fazer?»

A Operação Úrano pareceu reanimar Estaline, que, observou Khrushchev, começou a agir como «um verdadeiro soldado», vendo-se a si mesmo como «um grande estrategista militar». Nunca foi um general, quanto mais um génio militar, mas, segundo Zhukov, que sabia dessas coisas mais do que ninguém, este «notável organizador (...) mostrou a sua capacidade como Supremo a partir de Estalinegrado». «Dominou a técnica de organizar operações na frente (...) e conduzia-as com habilidade, compreendendo in-

tegralmente complicadas questões estratégicas», fazendo sempre gala da sua «inteligência natural (...), intuição profissional» e «uma memória tenaz». Era «multifacetado e dotado» mas «não tinha conhecimento de todos os pormenores». Mikoian tinha provavelmente razão quando disse, no seu estilo prático, que Estaline «sabia de questões militares o que um estadista deve saber... mas não mais do que isso».

\* \* \*

Por volta das dez da noite, Antonov fez o seu segundo relatório. Havia limites para o espírito de amizade que Mikoian descreveu. A guerra era o estado natural dos bolcheviques e aquilo em que eles eram bons. O terror e a luta, as duas paixões bolcheviques dominantes, permeavam estas reuniões. Estaline usava liberalmente o medo, mas ele próprio vivia numa tensão constante: quando o novo comissário dos Caminhos-de-Ferro chegou, Estaline limitou-se a dizer: «Os transportes são uma questão de vida ou de morte (...). Lembre-se, o não cumprimento (...) de ordens significa o tribunal de guerra.» Ao ouvir isto, o jovem sentiu «um arrepió a descer-me pela espinha». Quando um comboio se perdeu no emaranhado de frentes e linhas, Estaline ameaçou: «Se não o encontrar como general, vai para a frente como soldado.» Instantes depois, o comissário, «branco como um lençol», era acompanhado até à saída por Poskrebichev, que acrescentou: «Veja se não falha. O Chefe está no fim da corda.»

Estaline estava sempre a andar de um lado para o outro. Havia vários sinais de aviso a que convinha estar atento: se o cachimbo estava apagado, era mau sinal. Se o pousava, a explosão estava iminente. Mas se acariciava o bigode com a boquilha, significava que estava satisfeito. O cachimbo era simultaneamente um adereço e um cata-vento.\* As fúrias do *Vozhd* eram assustadoras: «Transformava-se literalmente diante dos nossos olhos», disse Zhukov. «Empalidecia, o rosto adquiria uma expressão azeda, o olhar tornava-se pesado e desdenhoso.» Quando alguns exércitos se queixaram de não ter recebido abastecimentos, Estaline descompôs Khrulev:

– Você é pior do que o inimigo: trabalha para Hitler.

Os três cães de guarda do «Cantinho», Molotov, Malenkov e Béria, «nunca faziam perguntas, limitavam-se a ficar sentados a ouvir, rabiscando por vezes uma nota (...) e olhando ora para Estaline, ora para quem entrava. Era como se Estaline precisasse deles para resolver qualquer coisa que acontecesse ou como testemunhas para a História.» O objectivo era preservar a ilusão do governo colegial e aterrorizar os generais. Estaline e os potentados viam-se a si mesmos como comandantes amadores e partilhavam a velha desconfiança da Guerra Civil relativamente aos «peritos militares».

\* À medida que a guerra progredia, tornou-se, no Ocidente, um símbolo da sua imagem avuncular – o Tio José – e os homens de Estado tendiam a enviar-lhe cachimbos como presente. Maisky, embaixador em Londres, por exemplo, escreveu a Estaline: «Depois do Sr. Kerr [embaixador britânico] lhe ter oferecido um cachimbo e de a notícia ter saído nos jornais, houve duas empresas que me enviaram cachimbos para si (...) e junto um exemplo (...).»

– Vejam um velho cocheiro – explicava Mekhlis. – Gosta muito dos animais e tem pena deles, mas o chicote está sempre pronto. O cavalo vê-o e tira as suas próprias conclusões.»

Aqui, condensada numa frase de um dos miniditadores de Estaline, está a essência do estilo de comando do Supremo. «Todos nós nos lembrávamos de 1937», disse Zhukov. Todos sabiam que, se alguma coisa corresse mal, iam «acabar nas mãos de Béria, e Béria esteve sempre presente durante os meus encontros com Estaline». Os pecados dos generais eram registados: em 1938, Mekhlis acusara Koniev de ser filho de *kulaks*. Rokossovski e Meretskov não estavam naturalmente interessados em voltar às câmaras de tortura de Béria. Estaline recebia informação, queixas e denúncias da polícia secreta e dos generais.

Quando, nos anos 60, os generais escreveram as suas memórias, todos se apresentaram como vítimas inocentes de Béria. Viviam, é certo, sob a ameaça constante de prisão, mas eram também eles próprios ávidos denunciantes. Timochenko tinha denunciado Budeny e Khrushchev. Mesmo naquele momento, a Operação Úrano estava a ser lançada no meio de uma febre de denúncias: Golikov (o infeliz ex-chefe da GRU) denunciou o comandante Ieremenko. Entretanto, Estaline usava Malenkov para vigiar Khrushchev e Ieremenko. Quando o Supremo acusou Khrushchev de querer entregar Estalinegrado, o comissário começou a desconfiar do seu próprio estado-maior. Mas o próprio Khrushchev não era peço a denunciar generais, como aconteceu quando culpou Timochenko do desastre de Kharkov. Pela mesma altura, em Estalinegrado, um membro do estado-maior do general Malinovski, uma estrela em plena ascensão, suicidou-se, deixando uma nota em que proclamava «Viva Lenine!», mas sem referir Estaline: talvez Malinovski, que servira na Legião Russa em França, durante a Primeira Guerra Mundial, fosse um Inimigo?

– É melhor manter o Malinovski debaixo de olho – ordenou Estaline a Khrushchev, que protegeu o general.

Os potentados lutavam ferozmente por poder e recursos uns com os outros e com os generais. Quando Béria requisitou mais 50.000 espingardas para o NKVD, o general Voronov mostrou o pedido a Estaline.

– Quem fez este pedido? – perguntou Estaline.

– O camarada Béria.

– Mande-o chamar.

Béria chegou e começou a tentar convencer Estaline falando em georgiano. O *Vozhd* interrompeu-o, irritado, e disse-lhe que falasse russo.

– Metade disso será suficiente – decretou Estaline, mas Béria quis argumentar. Estaline, «irritado até ao limite», voltou a baixar o número. Mais tarde, Béria encontrou Voronov na antecâmara.

– Não perdes pela demora – sibilou. – Eu trato-te das tripas.

Voronov esperou que aquilo fosse apenas uma «piada oriental». Não era.

Estaline fazia com frequência o papel de conciliador em discussões pela obtenção de meios: quando ordenou que a artilharia recebesse 900 camiões, Béria e Malenkov, que trabalhavam como um sinistro duo, vingaram-se de Voronov.

– Leva quatrocentos.

– Vou queixar-me ao Supremo – ameaçou o general. Malenkov entregou o número de camiões que Estaline estabelecera.

A viver neste ambiente de medo e competição, os próprios potentados eram atormentados por invejas recíprocas: «Molotov estava sempre com Estaline», escreveu Mikojan desdenhosamente, «sentado no gabinete, a dar-se ares de importância, mas na realidade afastado de todas as decisões.» Estaline só precisava dele para o papel de «segundo homem» por ser russo, mas mantinha-o «isolado». Molotov ajudava nas questões relacionadas com a política externa, mas não tinha as responsabilidades dos outros. Mikojan era um dos principais cavalos de trabalho, supervisionando a retaguarda, as rações, o material médico, as munições, a Marinha Mercante, os alimentos, os combustíveis, o vestuário para o povo e para o exército, tudo isto acumulado com o seu cargo de comissário do Comércio Externo encarregado das negociações de Lend-Lease com os Aliados. Uma pasta mais do que bem recheada. «Só Molotov falava com Estaline tão frequentemente como eu», gabava-se, esquecendo o incansável e omnipresente Béria.

O «terror do partido», Béria, que se comportava como o vilão num *film noir*, desabrochou com a guerra,<sup>\*</sup> usando os 1,7 milhões de trabalhadores-escravos do Gulag para fabricar as armas e construir os caminhos-de-ferro de Estaline. Calcula-se que cerca de 930.000 destes presos morreram durante a guerra. Mas o NKVD era o pilar do regime de Estaline, representando a supremacia do partido sobre os militares. Depois de o general Voronov o ter desafiado por duas vezes em frente do *Vozhd*, Béria teve finalmente autorização para prendê-lo. Quando Voronov não apareceu numa reunião, Estaline perguntou despreocupadamente a Béria:

– O Voronov está em tua casa?

Béria respondeu que estaria de regresso dentro de dois dias. Diz-se que os generais tinham cunhado um eufemismo para aqueles terríveis interlúdios: «Ir tomar café com Béria.» Os seus espiões vigiavam os soldados em todas as frentes, enviando-lhe, e por vezes também a Estaline, um caudal infindável de relatórios. Em 1942, Estaline fez subir mais um furo o nível de vigilância ao ordenar a Kobulov que colocasse sob escuta Vorochilov, Budeny... e o próprio Zhukov, cujos oficiais eram perseguidos e presos.

Estaline desconfiava, porém, do crescente poder do seu sequaz. Quando Béria conseguiu que Kaganovitch fosse afastado dos caminhos-de-ferro, tentou ser ele a nomear-lhe o sucessor.

\* Entre os seus comissários contavam-se Boris Vannikov e I. F. Tevosian, ambos presos e libertados, e D. F. Ustinov, que na altura tinha apenas trinta e três anos e havia de trepar até ser o senhor absoluto do complexo militar-industrial soviético, tornando-se secretário do CC, marechal... e o ministro da Defesa que, em 1979, ordenou a invasão soviética do Afeganistão.

«Pensaram que eu ia aceitar o candidato (...) que o Béria quer impor-me? Nunca darei o meu acordo (...).» Mas os caminhos-de-ferro eram uma dor de cabeça constante, e só Kaganovitch, esse «autêntico homem de ferro», nas palavras cheias de admiração de Estaline, conseguia realizar os milagres necessários.

\* \* \*

Durante dezasseis horas, Estaline não parou por um instante de «transmitir instruções, falar ao telefone, assinar papéis, chamar Poskrebichev e dar-lhe ordens». Quando soube, através de Mikoian e Khrulev, que os soldados tinham falta de cigarros, arranjou tempo, em plena batalha de Estalinegrado, para telefonar a Akaki Mgelandze, chefe do partido na Abcázia, onde o tabaco era cultivado: «Os nossos soldados não têm nada que fumar! O tabaco é absolutamente necessário na frente!» Redigia pessoalmente todos os comunicados de imprensa, um mestre na invenção de frases sucintas e ao mesmo tempo empolgantes, como «Sangue por sangue!», inserindo citações de Suvorov. No entanto, ao mesmo tempo que vigiava ciosamente o prestígio dos seus generais, tinha sempre o cuidado de atribuir-lhes os louros das respectivas vitórias.

A quantidade de horas que Estaline dedicava a trabalhar sob pressão era assustadora, mas os seus comissários e generais já estavam regra geral a pé desde o nascer do dia, uma vida que exigia «enormes recursos físicos e morais» e em que «o esgotamento nervoso» era um perigo muito real. Estaline legislava as vidas dos seus generais, decretando pessoalmente os horários de trabalho e descanso de cada um deles. Vassilevski tinha de dormir das quatro da madrugada até às dez da manhã, sem falta. Estaline ligava-lhe frequentemente para casa, como uma ama atenta, para se certificar de que estava a dormir. Se era ele a atender o telefone, descompunha-o. Mas Vassilevski não conseguia assistir aos jantares tardios e às sessões de cinema de Estaline e, ao mesmo tempo, fazer o seu trabalho, de modo que tinha de infringir as regras, pondo o seu ajudante ao telefone para responder: «O camarada Vassilevski está a descansar até à dez.» Os outros cavalos de trabalho do Supremo, Béria e Mikoian, deviam passar a maior parte das noites com ele sem descurarem as suas hercúleas tarefas. E conseguiam-no, gerindo gigantescos e insones impérios administrativos à custa de adrenalina, patriotismo, ameaças bolcheviques e talento para sobreviver.

Estaline bebia pouco e esperava dos outros que fossem sóbrios. Certa vez, o general de artilharia Iakovlev chegou a uma reunião fortificado por uma generosa dose de *cognac*. Sem levantar a cabeça do trabalho que estava a fazer, Estaline disse:

– Aproxime-se um pouco mais, camarada Iakovlev.

Iakovlev deu um passo em frente.

– Mais perto. – E então: – Está um pouco bêbedo, não está, camarada Iakovlev?

– Sim, ligeiramente, camarada Estaline.

Estaline não disse mais uma palavra a respeito do assunto.

\* \* \*

À meia-noite, Vassilevski, exultante, comunicou de Estalinegrado: os aliados romenos de Hitler estavam a ceder. Enquanto ouvia, Estaline chamou Poskrebichev e pediu chá. Quando o chá chegava, num copo metido num ornamentado suporte de prata, o comissário ou o general, regra geral Antonov, calava-se. Todos conheciam o ritual: Estaline espremia o limão para dentro do chá, e então punha-se lentamente de pé, abria a porta atrás da secretaria que dava para a sala de descanso, abria o armário embutido na parede e tirava de lá uma garrafa de *brandy* arménio. Voltava ao gabinete, deitava meia colher de chá de *brandy* no copo, sentava-se, mexia o chá e dizia: «Continue.»

Animados por este momento de sucesso, Estaline e os companheiros abandonaram o «Cantinho» e dirigiram-se provavelmente a Kuntsevo, para jantar e em seguida ver um filme, mas aqueles jantares não eram ainda as orgias alcoólicas de anos posteriores. Quando os exaustos Béria e Molotov regressavam a casa para dormir umas escassas horas antes de terem de voltar ao trabalho, Estaline lia os seus livros de História deitado no divã, até que adormecia, já de madrugada.

\* \* \*

Quatro dias depois do início da Operação Úrano, o 6.º Exército alemão, 330.000 homens, estava cercado naquele a que Estaline chamou «o momento decisivo da guerra». Quando os russos apertaram o cerco, a tentativa de contra-ataque de Manstein falhou. A Luftwaffe mostrou-se incapaz de fazer o reabastecimento pelo ar. Os alemães, cercados, sofreram uma lenta e cruel morte pela fome, o frio e a dinamite. A 16 de Dezembro, os russos atacaram a retaguarda de Manstein, ameaçando isolá-lo. O Grupo de Exércitos do Don e abrir caminho em direcção a Rostov. No «Cantinho», o impaciente Estaline escolheu o general Rokossovski, e não o comandante de Estalinegrado, Ieremenko, para chefiar a Operação Anel, a liquidação do 6.º Exército.

– Por que não diz qualquer coisa? – perguntou a Zhukov, que franzira o cenho.  
– O Ieremenko vai ficar muito ofendido – respondeu Zhukov.  
– O momento não é para ninguém se sentir ofendido – replicou Estaline. – Não somos meninas da escola. Somos bolcheviques!

A 10 de Janeiro, Rokossovski atacou os surpreendidos alemães, cortando ao meio as suas forças. O 6.º Exército diminuía de dia para dia. A derrota militar transformou-se numa luta humana pela sobrevivência: os alemães começaram a comer cavalos, gatos, ratazanas, uns aos outros e, finalmente, nada. A 31 de Janeiro, o general von Paulus rendeu-se e 92.000 espantalhos famintos, enregelados, quase irreconhecíveis como homens, quanto mais soldados, foram feitos prisioneiros. Estaline redigiu pessoalmente o boletim noticioso: «Hoje, perto de Estalinegrado, os nossos exércitos capturaram o comandante do 6.º Exército alemão, com todo o seu estado-maior (...).»

\* \* \*

Um Estaline confiante e jactancioso, e uma Rússia de ombros enfeitados com tranças de fio de ouro e o peito carregado de medalhas, bolchevique e imperial, salpicada de sangue mas impante de orgulho, surgiram de trás da máscara de ferro da austeridade soviética, preparados para abrir caminho em direcção à Europa.\*

A 6 de Janeiro de 1943, Estaline, depois de ter consultado os seus velhos camaradas Kalinine e Budeny, cancelou a antiga palavra de ordem bolchevique «Abaixo os ombros dourados» e restaurou as áureas dragonas dos oficiais czaristas. Troçou de Khrulev «por sugerir que restauremos o antigo regime», mas instruiu pessoalmente os meios de comunicação sobre a maneira de expor a questão: as tranças douradas não eram «apenas decoração, mas também ordem e disciplina: expliquem isto».

Duas semanas mais tarde, promoveu Zhukov a marechal. A 23 de Fevereiro, o omnisciente militar amador juntou-se por sua vez às fileiras do macharelato: ao longo dos dois anos seguintes, Estaline raramente apareceu em público sem o seu uniforme.

Ao mesmo tempo, aparava muito ao de leve as poderosas asas de Béria: em Abril,<sup>†</sup> colocou a contra-espionagem militar, e os temidos Departamentos Especiais, sob a sua própria tutela, como comissário da Defesa. Passou a chamar-lhe *Smersh*, um acrónimo de «Morte aos Espiões» que ele próprio inventou, mas manteve Abakumov no comando. Este hábil mas depravado agente da polícia secreta, com trinta e cinco anos, tinha trabalhado muito perto de Béria, mas Estaline, o Chefe dos Chefes, acolhia-o agora sob a sua asa.

No entanto, os triunfos históricos de Estaline eram sempre ensombrados por um qualquer desapontamento pessoal. Pouco depois de Estalinegrado, o *Vozhd* recebeu duas mensagens perturbadoras: uma carta que denunciava os debouches do seu filho Vassili e revelava a sedução da sua adorada Svetlana, e uma proposta dos alemães para uma troca que envolvia Iakov, o seu outro filho.

---

\* Esta confiança reflectiu-se de imediato na maneira ingrata como tratou os seus aliados europeus, que tinham arriscado galantemente inúmeras vidas para levar ajuda à Rússia: Mikojan comunicou que os britânicos tinham levado equipamento rádio na sua missão naval a Murmansk «sem documentação. Ou lhes pedimos que o levem de volta, ou que no-lo ofereçam. Peço instruções.» Molotov limitou-se a escrever «Concordo», mas Estaline rabiscou irritadamente, com o seu lápis azul: «O camarada Molotov concorda... mas Mikojan não sugere coisa nenhuma!» Quanto aos rádios da Royal Navy: «Proponho que o equipamento seja confiscado como contrabando!»

† A 16 de Abril de 1943, Estaline voltou a dividir o gargantuesco NKVD em duas agências separadas: o NKGB, chefiado por Merkulov e incluindo a Polícia de Segurança do Estado, e o NKVD, chefiado por Béria, que controlava a polícia normal e o imenso império dos campos de trabalho-escravo. Em todo o caso, Béria continuou a ser o *curator* e chefe máximo de ambos os «Órgãos».

## FILHOS E FILHAS: OS FILHOS DE ESTALINE E DO POLITBURO NA GUERRA

A inédita rendição de um marechal-de-campo alemão humilha Hitler tão profundamente como a captura de Iakov expusera Estaline: ambos os ditadores esperavam que estes embaraços caíssem, como os romanos, em cima das suas próprias espadas. Agora, o conde Bernadotte, da Cruz Vermelha Internacional, abordava Molotov com uma oferta de trocar Iakov por von Paulus. Molotov comunicou a proposta a Estaline, mas o Supremo recusou trocar um marechal por um soldado:

«Todos eles são meus filhos», respondeu Estaline como um bom czar, dizendo a Svetlana: «A guerra é a guerra!»

A recusa de resgatar Iakov tem sido usada como prova da implacável crueldade de Estaline, mas isso é injusto. Estaline era um assassino em massa, mas, neste caso, é difícil imaginar Churchill ou Roosevelt a trocar um filho que tivesse sido capturado – quando milhares de homens vulgares estavam a ser mortos ou feitos prisioneiros.\* Depois da guerra, um confidente georgiano conseguiu reunir coragem suficiente para perguntar a Estaline se a oferta de Paulus era um mito. Estaline «deixou pender a cabeça», respondendo «numa voz triste e penetrante... “Não, não é um mito... Lembra-te

---

\* Gulia, a filha de Iakov, pensa que Estaline «fez o que devia». Svetlana Estaline compara o comportamento do pai à recusa de Margaret Thatcher em negociar com os terroristas que detinham Terry Waite: «Não falamos com essa gente.» Iakov não foi o único membro da família de Estaline a ser apanhado num cerco: também Artiom Sergeev se encontrou na mesma situação, mas conseguiu escapar e voltar a Moscovo, onde contou a sua história a Mikoyan. Foi enviado a um comissário-adjunto da Defesa, que lhe disse: «O senhor é um tenente e eu sou um comissário-adjunto. Não repita isto seja a quem for. Esqueça. Há quem talvez não comprehendesse e lhe arruinasse a vida, por isso escreva aqui e assine: “Não estava lá e não vi nada.”»

de quantos filhos acabaram em campos de prisioneiros! Quem os trocaria por Paulus? Eram acaso piores do que o Iakov? Tinha de recusar... Que diriam de mim, os nossos milhões de pais, se, esquecendo-me deles, eu tivesse aceitado resgatar o Iakov? Não, não tinha o direito...» E então mostrou mais uma vez a luta que se travava entre o homem zangado e atormentado que vivia dentro dele e a pessoa em que se tinha tornado: «Se o tivesse feito, deixaria de ser "Estaline".» E acrescentou: «Tive tanta pena do Iasha!»

Poucas semanas mais tarde, a 14 de Abril, num campo de prisioneiros de guerra perto de Lübeck, Iakov, que recusara corajosamente cooperar com os alemães, suicidou-se lançando-se contra a cerca electrificada. Nessa noite, no «Cantinho», ignorante do heroísmo de Iasha, Estaline trabalhou com Molotov e Béria antes de sair para jantar, por volta da uma da manhã. Só soube a verdade bastante mais tarde, mas, quando soube, orgulhou-se do filho. Uma vez, em Kuntsevo, levantou-se da mesa a meio do jantar e foram encontrá-lo a olhar para a fotografia de Iasha.

– Alguma vez viste o Iasha? – perguntou ao seu confidente georgiano depois da guerra, pegando na moldura. – Olha! É um homem a sério, há! Um homem nobre até ao fim! A sorte tratou-o injustamente...

Ordenou a libertação da mulher de Iakov, Júlia (que, no entanto, ficou irremedavelmente afectada pelo trauma). Tal como Nádia, Iakov havia de perturbá-lo até ao fim da vida.

\* \* \*

A segunda mensagem que Estaline recebeu foi uma carta do conhecido documentarista Roman Karmen em que este acusava o coronel Vassili Estaline de lhe ter seduzido a mulher e de fazer uma vida de ostentoso debuche. Esta carta foi o destapar de uma latrina que destruiu as relações do Supremo tanto com o alcoólico Vassili como com a adorada Svetlana. Estaline começou a olhar para as vidas de ambos e o que descobriu chocou-o profundamente.

Por altura do clímax de Estalinegrado, Vassili estava em Moscovo, a fazer uma vida que era uma caricatura das decadentes orgias da aristocracia descritas por Puchkine em *Onegin*. Mimado pela bajulação da sua própria corte, marcado pela perda da mãe e pela irritação do pai, promovido muito para lá das suas verdadeiras competências e arrogante, mas ao mesmo tempo receoso da sua própria eminência e extravagantemente generoso para com os amigos, Vassili instalou-se em Zubalovo, outrora a casa da sua ascética mãe e do seu severo pai, e transformou a mansão (reconstruída depois de ter sido dinamitada) num antro de prazer, de bebedeiras, danças e sexo. O séquito do *cza-revitch* era constituído por bonitas aspirantes a estrelas de cinema, guionistas, pilotos, bailarinas e exploradores, uma espécie de «Bando de Ratazanas» estalinista: Karmen e a sua bonita mulher, Nina, actriz de cinema, estavam no centro de tudo, juntamente com o espirituoso poeta Konstantin Simonov e a mulher, Valentina Serova, também

ela estrela de cinema. Estaline conhecia-os a todos pessoalmente e gostara da colecção de poemas de amor de Simonov, *Contigo e Sem Ti*, que fora um êxito.

— Quantos exemplares estão a imprimir? — perguntara a Merkulov.

— Duzentos mil — respondeu o homem da secreta.

— Li-o — brincou Estaline —, e penso que teria sido suficiente imprimir dois, um para ela e outro para ele.

Estaline gostou tanto desta piada que a repetiu ao longo de toda a guerra.

O divertimento nas orgias de Vassili era com frequência de um tipo desesperado. Estava «permanentemente bêbedo» e muitas vezes batia na mulher, Galina, que tivera havia pouco um filho, Alexandre. Volta não volta, puxava do revólver e disparava contra os candeeiros, com os seus tresloucados amigos. Frustrado pela proibição de Estaline de participar em acções de combate, descuidado com a sua própria segurança e a dos companheiros, gostava de pilotar embriagado, numa espécie de versão aeronáutica da roleta russa. Quando quis impressionar a amiga da irmã, a bonita Marta Pechkova, chegou bêbedo a Tashkent e insistiu em levá-la de avião a ver Svetlana, em Kuibichev. «Levou-me no avião, bêbedo, com uma tripulação embriagada», recorda ela. «Apesar de haver gelo nas asas, beberam o álcool em vez de o usarem para descongelação, e por isso o avião não conseguia manter a altitude. Acabámos por fazer uma aterragem de emergência e deslizámos por um campo até irmos chocar contra uma meda de feno, numa clareira.» Marta estava aterrorizada. Vassili apanhou uma boleia até à quinta colectiva mais próxima, de onde enviou uma missão de salvamento, e foi recebido em casa do secretário local do partido. Estava tão embriagado que a mulher do secretário fechou Marta à chave num quarto, para a proteger. Até o amigo dele, Vladimir Mikoian, morto em Estalinegrado, se queixava das «bebedeiras, teimosia e explosões de mau feito [de Vassili]: que cretino!»

No entanto, para os jovens heróis e as estrelas do cinema e do teatro daquela época, Zubalovo era «como o Paraíso», diz o primo de Vassili, Leonid Redens, «porque estava cheia até ao tecto de comida e bebida e ficava muito longe da guerra!» O príncipe real podia escolher qualquer das raparigas que frequentavam Zubalovo, mas, quando começou um caso com Nina Karmen, apaixonou-se por ela e levou-a para a mansão. Apesar de a mulher e o filho terem havido muito regressado de Kuibichev, juntamente com Svetlana, e devessem ir viver para Zubalovo, Vassili não escondia o seu *affaire*, que, diz Redens, «ultrapassava todos os limites». Ninguém podia travar o czarevitch excepto o próprio czar, pelo que o marido ofendido escreveu a Estaline, que ficou escandalizado. Quando ordenou ao NKGB que investigasse o séquito de Vassili, descobriu algo que era o bastante para levar qualquer pai georgiano a deitar a mão à caçadeira.

\* \* \*

Svetlana, com dezasseis anos, a viver entre a estéril austeridade do apartamento no Kremlin e a insípida degenerescência de Zubalovo, sentia-se «sozinha» e ignorada

tanto pelo pai, sempre demasiado atarefado, como pelo «desagradável» irmão, mas a verdade é que a menina sardenta e ruiva se tinha metamorfoseado prematuramente numa jovem beldade inteligente e sensível, que se parecia com a avó materna e herdara muito da obstinação e dureza do pai. Os primos Redens pensavam até que Vassili, com todos os seus defeitos, era «muito mais meigo e simpático». Leitora voraz e fluente em inglês, Svetlana encontrou, talvez em casa de Béria, que visitava com frequência, um exemplar do *Illustrated London News* em que se contava a história do suicídio da mãe. «Alguma coisa em mim foi destruída», escreveu. «Deixei de ser capaz de obedecer sem discutir à palavra e à vontade do meu pai (...).»

Numa das festas de Vassili, durante Estalinegrado, apareceu em Zubalovo um atraente, famoso e mundano autor de guiões de cinema chamado Alexei Kapler. Kapler, por alcunha Lyusia, era um suave e fascinante contador de histórias, e também um Casanova, apesar de casado: «Oh, ele sabia falar e tinha o dom da comunicação com pessoas de todas as idades; ele próprio era como uma criança», escreveu Svetlana. Estaline era o seu patrono, supervisionando o retrato de si mesmo nos guiões de Kapler para os filmes *Lenine em Outubro* e *Lenine em 1918*. Kapler tinha levado consigo uma bobina de Greta Garbo em *A Rainha Cristina*. Ficou imediatamente encantado com Svetlana, imaginando que a situação de ambos era semelhante à do filme. «Ela era a grande dama e eu era o pobre Don Alfonso. Ela era viva e despretensiosa. Eu tinha quarenta anos e alguma importância no mundo do cinema», mas «ela vivia cercada e oprimida num ambiente digno de um deus». Para a inteligente mas ensimesmada Svetlana, ele era como uma personagem de um dos seus romances de Dumas.

«Dança o foxtrot?», perguntou ele. Svetlana sentia-se embaraçada com os seus sapatos rasos — «mas Kapler assegurou-me que eu dançava muito bem (...). Estava a usar o meu primeiro bom vestido feito por uma modista», com «um velho broche que tinha sido da minha mãe». Acreditou nele.

«Por que está tão infeliz?», quis Kapler saber. Svetlana explicou que «fazia exactamente dez anos que a minha mãe morrera, e no entanto ninguém parecia lembrar-se». Foram os dois «irresistivelmente atraídos um para o outro» — estava-se em guerra «e estendemos a mão um ao outro». Ele emprestava-lhe livros «adultos» e poesia a respeito do amor que a fez ultrapassar o seu medo da vulgaridade do sexo, sobre o qual Vassili estava constantemente a falar-lhe. «Tinha medo dessa parte da vida que me era apresentada pelo Vassili da maneira mais feia, com as suas conversas porcas.»

A relação entre os dois foi apaixonada, mas nunca plenamente sexual. «Um beijo, foi tudo», recordava Kapler. No entanto, era excitante para Svetlana: «Romântica e pura. Tinha sido criada a pensar que o sexo era só para o casamento», revelaria mais tarde. «Nunca o meu pai pensaria sequer em permitir-me fosse o que fosse fora do casamento.» Mas a guerra mudara tudo: em qualquer outra altura, Kapler teria certamente pensado duas vezes antes de seduzir Svetlana, a única filha de Estaline, mas «acreditei que ela precisava verdadeiramente de mim».

«Para mim», disse Svetlana, «Kapler era a pessoa mais inteligente, mais bondosa, mais maravilhosa à face da Terra. Irradiava saber e todo o seu fascínio», iniciando a co-

legal nas inebriantes liberdades do tempo de guerra: levou-a ao teatro, emprestou-lhe uma tradução ilegal de *Por Quem os Sinos Dobram*. Vassili dava festas loucas no Aragvi, onde eles dançavam o *foxtrot* ao som de uma orquestra de *jazz*. Todos os dias, na escola, Svetlana, ofegante, relatava o seu romance a Marta Pechkova: Kapler ofereceu-lhe um broche caro – uma folha com um insecto pousado.

Este carismático Don Juan deixava-se comover pela situação de Svetlana, mas também se comprazia no seu novo romance, gabando-se junto do realizador de cinema Mikhail Romm de que estava agora muito próximo de Estaline. O *Pravda* enviou-o como correspondente para Estalinegrado, de onde escrevia as suas «Cartas do Tenente L, de Estalinegrado», em que fazia gala do seu *affaire* com as palavras: «Provavelmente está a nevar em Moscovo. Da tua janela, vês as muralhas ameadas do Kremlin.» Os *cognoscenti* ficavam espantados com a loucura de desafiar um vingativo pai georgiano na primeira página do *Pravda*, mas, para Svetlana, era «estonteante na sua impetuosidade cavalheiresca. No instante em que li aquelas palavras, fiquei gelada», mas «senti que tudo aquilo podia vir a ter um fim terrível». Na escola, mostrou o artigo a Marta, por baixo do tampo da carteira.

Quando Kapler voltou, Svetlana suplicou-lhe que não a procurasse, mas, como ele diz, «já não recordo qual dos dois sugeriu o risco daquele dilacerante adeus». Encontraram-se num apartamento vazio, perto da Estação de Kursk, onde os parceiros de Vassili desfrutavam os seus prazeres ilícitos. Klimov, o guarda-costas de Svetlana, aguardou nervosamente na sala ao lado.

Béria já tinha informado Estaline, que avisou Svetlana «num tom de extremo desagrado de que eu estava a comportar-me de uma maneira que não podia ser tolerada», mas culpava Vassili por tê-la corrompido. Furioso com os deboches do filho, o Supremo demitiu-o de inspector da Força Aérea por conduta indigna e ordenou que ficasse detido na casa da guarda durante dez dias, despachando-o a seguir para a Frente Noroeste. Vlasik, o papão doméstico de Estaline, sugeriu a Kapler que saísse de Moscovo. Kapler disse-lhe que «fosse para o inferno», mas arranjou um trabalho fora da cidade.

Entretanto, Merkulov entregava a Estaline as transcrições das escutas das conversas telefónicas entre Svetlana e Kapler, uma ferramenta que geralmente não está ao alcance dos irados pais de meninas malcomportadas. Estaline ficou furioso. A 2 de Março, Kapler foi atirado para dentro de um carro que arrancou, seguido por um sinistro *Packard* preto «no qual seguia sentado o general Vlasik, com um ar muito importante». Na Lubianka, Vlasik e Kobulov assistiram à condenação do insensato amante a cinco anos em Vorkuta, por «opiniões anti-soviéticas».

No dia seguinte, já sob pressão enquanto a contra-ofensiva de Manstein retomava Kharkov e ameaçava o êxito de Estalinegrado, Estaline estava tão furioso que se levantou algumas horas mais cedo do que era costume. Svetlana estava a vestir-se para ir para a escola com a ama quando Estaline «entrou repentinamente no meu quarto, uma coisa que nunca antes tinha feito». A expressão dos olhos dele foi «o suficiente para pregar a minha ama ao chão». Svetlana nunca «tinha visto o meu pai naquele es-

tado». Estaline, a chamejar de ira georgiana, estava «engasgado de fúria e quase incapaz de falar».

— Onde estiveste ontem todo o dia? — rosnou. — Onde estão as cartas do teu «escritor»? Sei a história toda! Tenho aqui todas as vossas conversas telefónicas! — Bateu no bolso do dólmán. — Muito bem! Dá-mas! O teu Kapler é um espião britânico. Foi preso!

Svetlana entregou as cartas e as peças de Kapler, mas gritou:

— Mas eu amo-o!

— Amor! — gritou Estaline, «com ódio à própria palavra», e, «pela primeira vez na minha vida», esbofeteou-a duas vezes na cara. Voltou-se então para a ama:

— Vê bem o ponto a que ela desceu! No meio de uma guerra destas, anda ocupada a fornigar!

— Não, não, não! — tentou a ama explicar, agitando as mãos gorduchas.

— Como «não»? — disse Estaline, agora um pouco mais calmo. — Eu sei a história toda. — E então, dirigindo-se a Svetlana: — Olha para ti! Quem te quereria? Estúpida! Ele tem mulheres por todo o lado!

Estaline pegou nas cartas e levou-as para a sala de jantar, sentando-se à mesa onde Churchill tinha jantado, e, esquecendo a guerra, começou a lê-las. Nesse dia, não apareceu no «Cantinho».

Nessa tarde, ao regressar da escola, Svetlana encontrou o pai à espera na sala de jantar, enquanto rasgava as cartas e as fotografias de Kapler.

— Escritor! — rosnou Estaline. — Nem sequer sabe escrever num russo decente! A maldita rapariga nem sequer conseguiu arranjar um russo!

O facto de Kapler ser judeu irritava-o particularmente. Svetlana saiu da sala e os dois não voltaram a falar-se durante meses: a terna relação entre eles ficara destruída para sempre.

Isto é muitas vezes apresentado como a epítome da brutalidade de Estaline, mas a verdade é que, mesmo hoje, poucos pais ficariam deliciados ao saberem seduzida (pensava ele) uma filha adolescente, sobretudo por um *playboy* de meia-idade e casado. No entanto, Estaline era um georgiano tradicional, enraizado na severa austeridade do século XIX, e, ainda nos nossos tempos, os pais georgianos têm tendência para pegar na caçadeira à mais pequena provocação. «Sendo um georgiano, ele DEVIA ter dado um tiro naquele mulherengo», diz Vladimir Redens. Muito depois de ter escrito as suas memórias, Svetlana compreendeu que «o meu pai reagiu emocionalmente»: julgava estar a proteger a filha de um devasso muito mais velho do que ela».\*

\* A diferença de idades entre os dois era de vinte e quatro anos, não muitos mais do que os que, em 1918, separavam Estaline de Nádia, mas este é um paralelo que pode ter exacerbado a fúria do *Vozhd*. As duas estaladas não foram os piores crimes de Estaline. Os cinco anos de Kapler em Vorkuta foram cruéis, mas mesmo assim pôde dar-se por feliz por não ter sido discretamente eliminado. Ao ser libertado, em 1948, regressou a Moscovo, em violação dos termos da liberdade condicional, foi preso e sentenciado a mais cinco anos nas minas. Voltou depois da morte de Estaline, tornou a casar e em seguida reencontrou Svetlana, com quem teve finalmente um escaldante caso amoroso. Morreu em 1979.

Dias depois, Vassili e o seu séquito seguiram para a Frente Noroeste, onde ele teve finalmente oportunidade de participar em algumas missões de combate, mas nem mesmo isto pôs fim aos seus excessos. Em Maio, envolveu-se numa utilizada expedição de pesca durante a qual os pilotos apanharam peixes atirando *rockets* de avião com espoleta retardada para dentro de um lago. Um dos *rockets* explodiu, matando um Herói da União Soviética.

A 26 de Maio, Estaline ordenou a Novikov, comandante da Força Aérea «1. Demitir imediatamente o coronel VJ Estaline do (...) comando do seu regimento aéreo. 2. Comunicar aos oficiais do regimento e a VJ Estaline que o coronel Estaline era demitido por ser um bêbedo, um debochado e por corromper o regimento.» Mas era impossível manter em baixo o filho de um ditador: no final do ano, o incorrigível Vassili tinha sido novamente promovido e pouco depois andava a passear-se pela frente no seu *Rolls-Royce*, requisitando aviões para uso particular sempre que lhe apetecia. Um dos seus companheiros de estúrdia ficou alarmado quando ele insistiu em ultrapassar um camião do exército nas atravancadas estradas da frente do Báltico. Quando o camião recusou deixá-lo passar, Vassili limitou-se a estourar-lhe os pneus a tiro.

Quanto a Svetlana, não tardou a apaixonar-se por alguém cujo nome era tão temido que, em dois livros publicados e inúmeras entrevistas ao longo de cinquenta anos, nunca revelou a sua identidade.

\* \* \*

Só em Março de 1943, pouco depois do caso Kapler, Estaline conseguiu finalmente conter o contra-ataque de Manstein, deixando uma gorda bolsa soviética encravada nas linhas alemãs à volta de Kursk. Hitler autorizou a Operação Cidadela para eliminar esta bolsa, enquanto Estaline e os seus generais debatiam o que fazer. O seu instinto era sempre o de atacar, mas Zhukov e Vassilevski conseguiram convencê-lo a esperar e derrotar os alemães numa posição defensiva. Isto tornou o *Vozhd* ainda mais agitado e nervoso, mas tinha aprendido a grande lição de Estalinegrado: seguiu o conselho dos generais naquela que iria ser a maior batalha de tanques da História: Kursk.

Depois de um jantar com Estaline que durou das três da madrugada às sete da manhã, Zhukov e Vassilevski dirigiram-se à frente para planejar a batalha. Malenkov supervisionava os generais, Mikoian amontoava reservas, Béria fornecia 300.000 trabalhadores-escravos para abrir uns intransponíveis 4800 quilómetros de trincheiras. Mais de um milhão de homens, incluindo as reservas, e cerca de 6000 tanques aguardavam o ataque alemão.

A espera era um tormento para o nervosíssimo Supremo, que descarregou a pressão num ataque vulcânico ao seu desenhador de aviões. Iakovlev chegou ao gabinete e encontrou Estaline e Vassilevski a examinar fragmentos da asa de um caça Iak-9. Estaline apontou para as peças... e perguntou:

– Sabe alguma coisa a este respeito? – E, logo a seguir, explodiu numa erupção de fúria. «Nunca tinha visto Estaline tão furioso», recordaria Iakovlev. O Supremo exigia saber quando fora descoberta aquela falha. Ao ser-lhe dito que só fora detectada «na presença do inimigo», «perdeu ainda mais a compostura». – Sabia que só o mais astuto dos inimigos conseguiria fazer uma coisa assim... desenhar os nossos aviões de tal maneira que pareçam bons na fábrica e maus na frente? Isto é trabalhar para Hitler! Faz ideia do serviço que prestou a Hitler? Hitleristas!

«Era difícil imaginar a nossa situação no momento (...). Eu tremia», admitiu Iakovlev. Fez-se um silêncio «sepulcral» enquanto Estaline andava de um lado para o outro, até que, por fim, perguntou:

– O que é que vamos fazer?

Na madrugada de 5 de Julho, os alemães lançaram 900.000 homens e 2700 tanques nesta colossal batalha de máquinas em que esquadrões de gigantes metálicos se defrontaram, torre contra torre, canhão contra canhão. A 9, os alemães tinham chegado ao seu limite. A 12, Zhukov lançou um oneroso mas altamente bem sucedido contra-ataque. A batalha de Kursk foi o ápice da era *Panzer*, o «equivalente mecanizado do combate corpo a corpo», que deixou um cemitério de 700 tanques e carne queimada. Ao aceitar cancelar a Operação Cidadela, Hitler perdeu a sua última oportunidade de ganhar a guerra.

Na tarde de 29 de Julho, Estaline recebeu Antonov e Shtemenko no «Cantinho», num «estado de espírito de júbilo exultante». Nem sequer quis ouvir relatórios – limitou-se a reler alegremente o comunicado de vitória, acrescentando as palavras: «Glória eterna aos heróis que tombaram no campo de batalha na luta pela liberdade e pela honra da Pátria!»

\* \* \*

Estaline não era o único a ter dificuldade em controlar os filhos naqueles tempos de guerra: Mikoian e Khrushchev desempenharam papéis essenciais no triunfo de Kursk, o primeiro como comissário da Frente, o segundo como maestro dos abastecimentos, mas ambos encontraram os filhos envolvidos em perigosas crises. Estaline era simultaneamente compreensivo e implacável no modo como lidava com as tragédias das famílias do Politburo.

Leonid Khrushchev, o filho mais velho de Nikita, do seu primeiro casamento, era já notório como libertino e desbragado. Agora, tornara-se uma espécie de Guilherme Tell estalinista. Admoestado pelo Komsomol por «embriaguez», assentara, casara com Liubov Kutuzova, com quem tinha uma filha, Júlia, e mostrara alguma coragem como piloto de bombardeiros, apesar de continuar a ser um zaragatoiro e um beberrão.\*

---

\* Em 1941, tinha gritado que Estaline, longe de ser «o maior e o pai dos povos», era um «maldito crápula» e o assassino de Kirov!

Completamente bêbedo, Leonid gabava-se da sua pontaria quando alguém o desafiou a disparar contra uma garrafa equilibrada na cabeça de um camarada piloto. Leonid estilhaçou, com um tiro, o gargalo da garrafa. O que não foi considerado suficiente pelos companheiros. Leonid voltou a disparar, atingindo mortalmente o camarada em plena testa. Foi levado a tribunal militar.

É possível que Khrushchev tenha apelado à clemência de Estaline, alegando a coragem de que o rapaz dera provas. Mas Estaline, que recusara salvar Iakov, «não quis perdoar ao filho de Khrushchev», no dizer de Molotov. Em todo o caso, Leonid não foi condenado, mas apenas obrigado a passar a piloto de caça. A 11 de Março de 1943, foi abatido durante um combate com dois *Focke Wulf 190*, perto de Smolensk. O corpo nunca chegou a ser encontrado. Correram rumores de que se fizera traidor – o que, no sistema de Estaline, lançava a sombra da dúvida sobre a viúva, Liubov, a qual fora vista no teatro, em Kuibichev, acompanhada por um «espantosamente atraente» adido militar francês. Liubov foi provavelmente denunciada pelo chefe dos guarda-costas de Khrushchev. Presa e interrogada por Abakumov em pessoa, foi condenada.

Noutra destas tragédias da vida familiar estalinista, foi dito à pequena Júlia que a mãe tinha morrido. A recordação dos pais foi apagada e a criança adoptada pelo avô, Khrushchev, a quem chamava «Papa». Os Khrushchev eram pais frios. O próprio Nikita parecia acreditar nas acusações contra a nora. «Estaline fez o seu jogo», recorda Júlia, «e Khrushchev estava a jogar a vida», mas «Nikita nunca falou a este respeito e, mesmo já reformado, só se lhe referia em termos gerais. Era demasiado humilhante e doloroso para ele.» Talvez, diz Júlia Khrushcheva, tenha contribuído para a sua decisão posterior de denunciar Estaline.

\* \* \*

Nesse Verão, foi a vez de Mikoian. Dois dos seus filhos eram pilotos. Stepan foi ferido, e, pouco depois, Vladimir, com dezoito anos, morria em Estalinegrado. Estaline «ordenou expressamente» a Vassili que levasse Stepan para a sua divisão e «se certificasse de que não perdia mais Mikoians». Por ordem de Vassili, o mecânico de Stepan afirmava, sempre que possível, que o avião não estava em condições de voar. Esta indulgência não durou.

Entre todos os outros filhos de potentados que viviam em Kuibichev, os dois mais novos de Mikoian, Vano, de quinze anos, e Sergo, de catorze, tornaram-se amigos do desequilibrado filho de Chakhurin, o comissário da Produção Aeronáutica. Volodya Chakhurin gostava de uma tola mas arriscada brincadeira em que fingia «nomear» um

---

\* Liubov cumpriu cinco anos num campo de trabalho na Mordóvia, seguidos por cinco anos de exílio. Quando regressou, em 1954, Khrushchev recusou recebê-la. Júlia só voltou a ver a mãe em 1956. Eram duas estranhas... e assim continuaram. A mãe ainda vive, residindo em Kiev. Em 1995, foi descoberto um avião, perto de Smolensk, contendo o esqueleto do piloto, ainda de capacete e óculos: talvez fosse Leonid.

governo tendo como ministros os dois Mikoian, tudo isto registado no seu caderno escolar. Quando regressaram a Moscovo, Volodya apaixonou-se por Nina, filha do embaixador Umanski, que se preparava para partir para o seu novo posto.

– Não te deixo ir – disse o jovem Chakhrin a Nina. Iam a atravessar a Kamennyi Most, perto do Kremlin, quando Chakhrin pediu a Vano Mikoian a pistola que um dos guarda-costas do pai lhe tinha emprestado. Afastou-se então a correr com Nina e, na ponte, matou-a com um tiro e suicidou-se. Vano Mikoian, horrorizado, correu para o Kremlin para contar à mãe. O NKGB descobriu que a arma pertencia aos jovens Mikoian, que eram também «ministros» no «governo» de Chakhrin, o que enformava obviamente uma conspiração. Vano foi preso.

«O Vano pura e simplesmente desapareceu», recorda Sergo. «A minha mãe ficou de cabeça perdida e telefonou para todas as esquadras de polícia.» Mikoian, que estava a trabalhar ao fundo do corredor com o próprio Estaline, telefonou a Béria, e em seguida à mulher deste, Achken.

– Não se preocupe, o Vano está na Lubianka.

Mikoian sabia que aquilo só podia ter acontecido com autorização de Estaline. O astuto arménio decidiu não apelar ao *Vozhd*, «para não piorar ainda mais as coisas». Dez dias mais tarde, também Sergo foi preso, em Zubalovo, e levado para a Lubianka de pijama.

– Tenho de dizer à mamã.

– É só por uma hora – responderam os captores.

Vinte e seis garotos foram detidos e encarcerados, incluindo o sobrinho de Estaline, Leonid Redens, cujo pai fora executado em 1940. A polícia secreta comunicou a inocência das crianças, mas Estaline respondeu: «Têm de ser castigados.»

Isto era tão vago que ninguém sabia muito bem o que fazer com os jovens prisioneiros. Os rapazes foram interrogados pelo tenente-general Vlodzirmirski, um dos mais cruéis torturadores de Béria, «alto e elegante no seu uniforme», que era, diz Sergo, «muito mau. Gritou connosco.» Sergo foi atirado para a solitária durante uma semana. Em Dezembro, depois de seis meses na Lubianka, os interrogatórios cessaram e as crianças ficaram verdadeiramente assustadas. O interrogador de Sergo mostrou-lhe uma confissão em que afirmava ser «participante numa organização (...) para derrubar o governo existente».

– Assina e podes voltar para junto da tua mãe!

– Não assino, não é verdade – respondeu Sergo.

– Não faz a mínima diferença! – berrou o general. – Assina... e vai para casa. Caso contrário, voltas para a tua cela. Escuta!

Sergo ouvia a voz da mãe na sala ao lado. Todas as crianças assinaram as confissões. «Claro que aquilo podia ser usado contra o meu pai.» Sergo e Vano, com a mãe, foram levados de carro de regresso ao Kremlin. «Fiquei muito contente por o meu pai não estar lá... Tinha medo da ira dele», diz Sergo.

Mikoian disse ao filho mais velho:

– Se fosses culpado, estrangulava-te com as minhas próprias mãos. Vai descansar.

Nunca falou do assunto ao mais novo. Mas a questão não estava encerrada: depois de três dias em casa, as crianças tiveram de ir para o exílio. Os Mikoian passaram um ano em Stalinabad, ao cuidado de uma criada. Estaline nunca esqueceu o caso e, mais tarde, pôs a hipótese de usá-lo contra Mikoian.

## O FESTIVAL DA CANÇÃO DE ESTALINE

Por volta das onze da noite de 1 de Agosto de 1943, Estaline e Béria chegaram à estação de Kuntsevo e embarcaram num comboio especial, camuflado com ramos de faia, eriçado de canhões e carregado de provisões especialmente testadas. O comboio, que, com as suas teatrais moitas a espreitar da boca dos canhões, devia parecer uma locomotiva de Birnan Wood, partiu para oeste. Os contra-ataques de Kursk, as operações Rumiantsev, a norte, e Kutuzov, a sul, ambas baptizadas com os nomes de heróis czaristas, tinham sido tão bem sucedidas que Estaline sentia não haver grande perigo nesta sua absurdamente encenada visita às frentes.

Dormiu em Gzhatsk, e na manhã seguinte seguiu para Rzhev, na frente Kalinine. Passando do comboio para o *Packard*, instalou o seu quartel-general numa envergonhadamente modesta cabana de madeira com uma pitoresca varanda (ainda hoje um museu), na aldeia de Khoroshevo, onde recebeu os generais. Sabendo, por Zhukov, que Orel e Belgorod não tardariam a cair, comeu um «alegre jantar», rodeado pelo seu séquito.

A velhota que vivia na cabana estava à mão para proporcionar a necessária pincelada de autenticidade folclórica, até que Estaline, que se orgulhava do seu toque popular, insistiu inesperadamente em pagar-lhe o alojamento. Não foi capaz de definir uma quantia sensata, porque não lidava com dinheiro desde 1917 e, de qualquer forma, não tinha nenhum consigo. Pediu aos companheiros que lho emprestassem. Há-de ter sido um momento clássico na farsa do Estado operário quando, com grande cópia de palmadas nos bolsos, tilintar de medalhas e restolhar de dragonas douradas, nenhum daqueles beberrões e pançudos comissários conseguiu encontrar um *kopek* com que

pagar à mulher. Estaline amaldiçoou os «parasitas». Uma vez que não podia pagar em dinheiro, compensou a velhota com uma parte das suas provisões.

Espreitou então, carrancudo, para a aldeia, que, logo o descobriu, pululava chekistas tão bem escondidos como gatos com o rabo de fora: perguntou quantos eram, mas o NKVD tentou esconder o número verdadeiro. Quando Estaline se irritou, acabaram por admitir que estava ali uma divisão completa. Na realidade, conforme os generais verificaram, a aldeia fora completamente evacuada: não havia vivalma num raio de quilómetros em redor, excepto homens do NKVD.

Estaline dormiu na cama da velhota, embrulhado no seu capote. Ieremenko pô-lo ao corrente da situação. Voronov foi chamado, percorrendo quilómetros para comparecer ao misterioso encontro. «Chegámos finalmente a um belo bosque, com casas de madeira espalhada por entre as árvores.» Conduzido à cabana, encontrou Estaline de pé diante de uma «desconjuntada mesa de madeira, atabalhoadamente composta» para se manter de pé, e dois bancos de madeira em bruto. Tinha sido montado um telefone especial para manter o Supremo em contacto com as frentes, com os fios a saírem pela janela. À espera para apresentarem os respectivos relatórios, os generais não ficaram particularmente impressionados com a *mise-en-scène*.

— Esta foi bem pensada — murmurou um dos generais ao ouvido de Voronov, que subitamente comprehendeu: — É intencional... para parecer a frente.

Estaline interrompeu a reunião, contentando-se com dar algumas ordens, e logo a seguir despediu os generais, que tiveram de voltar o melhor que puderam aos lugares onde se travava a verdadeira luta. Estaline perguntou se podia aproximar-se mais da frente, mas Béria proibiu-o. Visitou o hospital de Yokono, segundo os guarda-costas, e ficou deprimido ao encontrar tantos amputados. Mais tarde, adoeceu com um acesso de artrite.\* Regressou por estrada, no seu *Packard* blindado, no meio de um cortejo de veículos da segurança.

Repentinamente, a caravana deteve-se. «Estaline precisava de defecar», escreveu Mikojan, que ouviu a história da boca de alguém que estava lá. O Supremo apeou-se do carro e perguntou «se os arbustos que ladeavam a estrada estavam minados. Claro que ninguém podia dar-lhe uma tal garantia (...). Então, o Supremo Comandante-Chefe baixou as calças na presença de todos os presentes.» Num comentário metafórico ao modo como tratava o povo soviético e ao seu desempenho como comandante militar, «envergonhou-se a si mesmo à frente dos seus generais e oficiais (...), e fez o que tinha a fazer ali mesmo na estrada».

De regresso a Moscovo, encontrou imediatamente ocasião de referir a sua heróica viagem numa carta dirigida ao presidente Franklin D. Roosevelt, com quem estava em negociações para escolher o cenário do primeiro encontro dos três líderes da Grande Aliança: «Tendo acabado de regressar da frente, só agora posso responder à sua carta

---

\* A cena é de certo modo semelhante ao momento em que Hitler, no seu comboio, deu por si a olhar para dentro de um comboio-hospital que voltava da frente oriental: ele e os feridos olharam-se nos olhos por um segundo antes de o *Führer* mandar baixar as persianas.

(...).» Não podia encontrar-se com FDR e Churchill em Scapa Flow, em Orkney – «Tenho de visitar pessoalmente (...) a frente com uma frequência cada vez maior.» Propunha que se encontrassem num local mais conveniente: Teerão, a capital do Irão, ocupada por forças anglo-soviéticas.

Os cortesãos de Estaline conheciam o significado desta visita à frente. Um mês mais tarde, Ieremenko, que servira de anfitrião, propôs, a instâncias de Béria e de Malenkov, que fosse concedida ao Supremo a Ordem de Suvorov de Primeira Classe, por Estalinegrado e por ter dado «ordens de tal modo valiosas que asseguraram a vitória na frente Kalinine (...), inspirada pela visita à frente do Supremo Comandante-Chefe (...).»

A 5 de Agosto, quando Orel e Belgorod caíram, Estaline perguntou jovialmente a Antonov e a Shtemenko: «Costumam ler história militar?» Shtemenko admitiria que ficara «confuso, sem saber o que responder». Estaline, que andava a reler a *História da Grécia Antiga*, de Vipper, prosseguiu: «Nos tempos antigos, quando os soldados obtinham vitórias, todos os sinos tocavam em honra do comandante e das suas tropas. Não seria má ideia assinalarmos as nossas vitórias de uma forma mais marcante (...). Estávamos», e fez um gesto de cabeça na direcção dos seus camaradas, «a pensar em salvas de artilharia e em organizar uma espécie de fogo-de-artifício (...).» Nesse dia, os canhões do Kremlin dispararam a primeira salva de vitória. A partir de então, Estaline passou a organizar minuciosamente as comemorações de cada vitória, e os membros do seu estado-maior tinham de executar correctamente todos os pormenores. Um pouco antes das onze da noite, as mensagens eram enviadas ao estentóreo locutor da rádio Levitan, que telefonava a Poskrebichev para obter a aprovação de Estaline. Em seguida, as salvas ressoavam por toda a Pátria.

«Ouçamos», sugeria frequentemente Estaline, no «Cantinho». Os generais competiam agora por serem os primeiros a levar-lhe boas notícias. A 28, Koniev telefonou a anunciar que tomara Kharkov, mas foi-lhe dito que Estaline dormia sempre durante a manhã. Temerário, Koniev ligou directamente para Kuntsevo. Foi um Estaline deliciado que atendeu o telefone. Mas quando houve um erro no comunicado de vitória, Estaline gritou: «Por que foi que Levitan omitiu o nome de Koniev? Mostrem-me a mensagem!» Shtemenko deixara-o de fora. Estaline ficou «terrivelmente furioso». «Que espécie de mensagem anónima é esta? O que é que têm em cima dos ombros? Parem a emissão e voltem a ler tudo do princípio. Podem ir!»

Na vez seguinte, disse a Shtemenko que preparasse sozinho o comunicado, perguntando: «Não deixou nenhum nome de fora?» Shtemenko estava perdoado.

Enquanto reunia cinquenta e oito exércitos, da Finlândia ao mar Negro, para se lançar numa colossal vaga de ofensivas, um exultante Estaline, que acabava de encerrar o Comintern e conseguir o apoio da Igreja ao nomear um patriarca, decidiu criar um novo hino nacional para substituir a *Internacional*. A ideia ia apelar à recém-reencontrada e eufórica autoconfiança soviética. Estaline decidiu que a maneira mais rápida de encontrar a música e os versos era organizar uma competição, uma espécie de dita-

torial Festival Eurovisão da Canção, com Molotov e Vorochilov a ajudarem na letra e Chostakovitch e Prokofiev na música.

\* \* \*

Numa semana de finais de Outubro, quando os ministros dos Negócios Estrangeiros aliados estavam em Moscovo a preparar a cimeira dos Três Grandes, o hino foi forjado no frenesi ao rubro-branco do stakanovismo musical para estar pronto para as celebrações de 7 de Novembro. Em finais de Setembro, Estaline convidara compositores de toda a União Soviética a apresentarem as suas propostas. Em meados de Outubro, cinquenta e quatro compositores, incluindo usbeques, georgianos e alguns judeus cantores, envergando trajes tradicionais, chegaram à capital para a primeira eliminatória do festival da canção de Estaline. Ainda antes de a música ser escolhida, o *Vozhd* nomeou os letristas, Sergei Mikhalkov e El-Registan, cujas notas, existentes nos arquivos, contam a história. Entregaram um primeiro esboço. No dia 23, à hora do almoço, os letristas foram chamados ao Hotel Moskva, o colossal mamarracho estalinista situado em frente do Kremlin, onde Molotov e Vorochilov os receberam. «Entrem», disseram. «Ele está a ler as letras.» Nenhum dos dois precisou de perguntar quem era «ele». Dois minutos mais tarde, Estaline ligou. Vorochilov, que estava «muito bem-disposto e sorridente», pegou nas mãos de El-Registan: «O camarada Estaline», anunciou, «fez algumas correcções.» Eram palavras que iam ouvir com muita frequência ao longo das duas semanas seguintes. Entretanto, o seco Molotov ia sugerindo as suas próprias emendas.

— Têm de acrescentar alguns pensamentos a respeito da paz, não sei onde, mas tem de ser feito.

— Vamos dar-lhes um quarto — disse Vorochilov. — Tem de ser quente. Dêem-lhes chá, ou põem-se a beber! E não os deixem sair antes de terem acabado.

Os dois trabalharam durante quatro horas.

— Precisamos de pensar nisto até amanhã de manhã — anunciou Mikhalkov.

— Pensem tudo o que quiserem — atirou-lhe Molotov —, mas não podemos esperar. — Enquanto saíam, ouviram-no ordenar: — Levem isso a Estaline!

À meia-noite menos um quarto, Estaline corrigia a nova versão com o seu lápis vermelho, alterando as palavras dos versos, devolvendo tudo a Molotov e Vorochilov: «Dêem uma vista de olhos a isto. Estão de acordo?» A 26 de Outubro, Vorochilov, o marechal despromovido à condição de juiz de cantigas, ouvia diligentemente outros trinta hinos no Salão Beethoven do Bolchoi quando, sem que ninguém o esperasse, «Estaline apareceu e tudo se fez muito depressa». Foi uma reunião notável, com Estaline, Vorochilov e Béria sentados com Chostakovitch e Prokofiev a discutir a composição. Quando os letristas chegaram, encontraram Estaline «muito cinzento e muito enérgico» no seu novo uniforme de marechal. Passeando de um lado para o outro enquanto ouvia as melodias, Estaline perguntou a Chostakovitch e Prokofiev

que orquestra seria melhor... Talvez uma eclesiástica? Era difícil escolher sem uma orquestra. Estaline deu-lhes cinco dias para escreverem mais alguns hinos, despediu-se e abandonou o salão.

As três da madrugada, Poskrebichev telefonou aos letristas, passando-lhes o Supremo Autor de Canções, o qual lhes disse que agora gostava da letra, mas que a achava demasiado «fina» e curta. Tinham de acrescentar um verso, um verso exaltante a respeito do Exército Vermelho, do poder «e da derrota das hordas fascistas».\*

Estaline celebrou a conferência aliada com um banquete, a 30 de Outubro, e voltou à música. Às nove da manhã de 1 de Novembro, flanqueado por Molotov, Béria e Vorochilov, chegou ao Salão Beethoven e ouviu quarenta hinos em quatro horas. Durante o jantar que se seguiu, os potentados chegaram finalmente a uma decisão: Vorochilov telefonou aos dois letristas, a meio da noite, a anunciar que tinham gostado do hino de A. V. Alexandrov. Passou o telefone a Estaline, que não estava ainda plenamente satisfeito:

– Podem deixar os versos – disse o Supremo –, mas reescrevam os refrões. «País dos Soviетes»... se não for problema, mudem-no para «país do socialismo». Classificação: secreto.

Os letristas trabalharam a noite inteira, agora com a música de Alexandrov. Vorochilov enviou o resultado a Estaline e convidou os autores para a sua *dacha*, onde presidiu, como «um tio muito divertido e bem-disposto», a um sumptuoso festim.

Às nove do dia seguinte, Estaline estava pronto. Os autores chegaram. Béria, Vorochilov e Malenkov sentavam-se à volta da mesa. Estaline apertou-lhes formalmente a mão, esse sinal especial de batalhas vencidas e canções escritas:

– Como vão as coisas? – perguntou, mas o hino não estava ainda bem bem como ele o queria. Havia que destacar o papel «da Pátria! A Pátria é bom!» Os escritores apressaram-se a introduzir as alterações. Estaline queria Chostakovitch envolvido na orquestração.

– Tudo bem. Feito! – disparou Béria. Foi então que Malenkov, muito sensatamente, sugeriu que deviam ouvir o hino inteiro ao menos uma vez. Estaline confiou a tarefa a Vorochilov, que, dando provas de uma desbragada falta de respeito que pertencia a uma outra era, respondeu:

– Outro que o faça... Já o ouvi mais de cem vezes e estou pelos cabelos!

---

\* Quando cantaram «As hordas fascistas foram batidas, são batidas e serão batidas», desmancharam-se a rir, porque as palavras «são batidas», cantadas em russo, soam como «estão a foder-nos». Rindo, mudaram-nas rapidamente para «Batê-los-emos até à morte e derrotá-los-emos». O marechal Vorochilov voltou das suas reuniões e «gostou muito», de modo que lhe contaram o problema que tinham tido com o «foder» e o «derrotar». Vorochilov, claro, com o seu rude humor de cavaleiro, achou imensa graça: «Maravilhoso para uma canção aldeã, mas talvez não tão bom para um hino nacional!», declarou, no meio de gargalhadas, e começaram a recordar todas as hilaridades do concurso de cantigas. «E aqueles quatro cantores judeus, envergando trajes tradicionais, que tinham entoado a sua canção judaica olhando Vorochilov bem a direito nos olhos?» O marechal riu com gosto: «Tragam-me *vodka*. Temos de beber. De nós, em vossa honra! Brindo a todos vocês!» Deixaram o Kremlin ao fim da tarde, exaustos.

O novo hino soviético, proclamou entusiasticamente Estaline, «rasga o céu e o firmamento como uma onda infindável». Quando da sua apresentação no Bolchoi, Estaline apareceu para brindar aos autores, que foram convidados para o camarote e em seguida para o jantar na *avant-loge*. Ao ver que Mikhalkov\* e El-Registan bebiam a *vodka* de um trago, o Supremo protestou:

– Por que despejaram os vossos copos? Se ficarem bêbedos, não terá o mínimo interesse conversar convosco!

\* \* \*

A exaltação propagou-se de cima para baixo. Enquanto o novo hino nacional era cada vez mais divulgado, Molotov presidiu a uma celebração do 7 de Novembro que poucos esqueceriam. A elite saiu, nessa noite, da tristeza da década de 30 e da austeridade dos anos de derrotas. «A festa inteira», notou o jornalista Alexander Werth, «refugia de jóias, peles, galões dourados e celebridades (...). Tinha algo dessa extravagância louca e irresponsável que geralmente associamos à Moscovo de antes da Revolução.» O traje era casaca completa, o que fazia Chostakovitch parecer «um colegial que a usasse pela primeira vez». A partir daquela noite, os membros da corte de Estaline passaram a comportar-se mais como os senhores de um império do que como sorumbáticos bolcheviques. Molotov ostentava o novo uniforme diplomático, que, tal como as dragonas douradas, assinalava a nova era imperial: era «preto, debruado a ouro, com uma pequena adaga suspensa da cintura... bastante parecido com o das SS hitlerianas», achou o diplomata norte-americano Chip Bohlen.

Molotov, Vichinski e o velho amigo de Estaline, Sergo «Tojo» Kavtaradze, receberam os convidados à entrada. Kavtaradze estava acompanhado pela sua bonita filha, Maya, então com dezoito anos e usando o comprido vestido de baile da época. Captou a atenção de Vichinski, que «atravessou oleosamente o salão» para convidá-la a abrir o baile.

Um «jovial Molotov» começou a ficar vociferantemente bêbedo, dirigindo-se com passos arrastados à filha de Averell Harriman, Kathleen, para lhe perguntar entaradeadamente por que razão fora ela a única a não lhe elogiar o bonito uniforme. Não tinha gostado? Kathleen achou que os russos estavam tão excitados com as suas novas vestimentas «como um rapazinho com o seu uniforme de bombeiro oferecido pelo Pai Natal». Ao avistar o embaixador sueco, Molotov foi direito a ele e declarou que não gostava de neutrais.

\* Sergei Mikhalkov passou a ser o «fazedor de palavras» preferido de Estaline. Os arquivos contêm uma nota sua dirigida ao *Vozhd*, em que diz: «No Bolchoi, a 30 de Dezembro de 1943, prometi-lhe, e ao camarada Molotov, escrever um poema para crianças. Junto “Uma Fábula para Crianças”.» Estaline leu e gostou: «É um poema muito bom», escreveu a Molotov. «Quero que seja publicado hoje no *Pravda* e numa qualquer outra edição para crianças (...).» O filho de Mikhalkov, Nikita, é actualmente o maior realizador de cinema russo, autor de *Sol Enganador* e *O Barbeiro da Sibéria*.

Cada um dos membros do Politburo atracou-se então a um embaixador ocidental, que tentavam pôr tão embriagados como eles próprios estavam: Mikoian, «famoso pela sua capacidade de enfiar qualquer um debaixo da mesa», segundo Kathleen Harriman, trabalhou o pai da jovem com a ajuda de Shcherbakov, que se encontrava também nos estádios derradeiros de alcoolização. Molotov, que «aguentava a bebida melhor do que a maior parte dos outros», conseguiu manter-se de pé enquanto Clark Kerr, o embaixador britânico, «caía de borco em cima de uma mesa coberta de garrafas e copos de vinho», fazendo um golpe na face. Maya Kavtaradze viu um general americano chegar acompanhado por duas prostitutas. Mais tarde, reparou que todos os potentados tinham desaparecido, e foi procurar o pai. Encontrou-se numa sala vermelha, o equivalente bolchevique da «sala-VIP», com o espíritooso e exuberante Mikoian que, de joelho em terra, fazia uma serenata às duas mulheres.

No dia seguinte, Roosevelt aceitou finalmente o encontro em Teerão, daí a vinte dias: «O mundo inteiro tem os olhos postos nesta reunião a três (...).»

A 26 de Março de 1943, o coronel-general Golovanov, o comandante de bombardeiros que ia pilotar o avião de Estaline, dirigiu-se de carro a Kuntsevo para iniciar a longa viagem até à Pérsia. Quando chegou, ouviu gritos e encontrou o Supremo «a descompor Béria» enquanto Molotov assistia, empoleirado no parapeito da janela. Béria estava sentado numa cadeira, «com as orelhas muito vermelhas», enquanto Estaline troçava:

— Olhe para ele, camarada Golovanov! Tem olhos de cobra! — Molotov queixara-se, na brincadeira, de que não conseguia ler as garatujas de Béria. — O nosso Viatcheslav Mikhailovitch já não vê muito bem. O Béria insiste em enviar-lhe mensagens, e insiste em usar um *pince-nez* com lentes sem graduação!

Tudo isto assinalava o crescente desdém de Estaline pelo dinâmico georgiano.

Mais tarde, embarcaram no comboio que chegou a Baku às oito da manhã, seguindo directamente para o aeródromo onde estavam reunidos quatro SI-47, sob o comando do marechal-do-ar Novikov. Estaline nunca tinha andado de avião — e não achava graça à ideia, mas não havia outro modo de chegar a Teerão. Enquanto se aproximava do aparelho que devia transportá-lo, olhou para o do lado, destinado a Béria, e decidiu trocar.

— Os coronéis-generais não pilotam assim tantas vezes — disse. — É melhor irmos com o coronel. Não leve a mal — acrescentou, dirigindo-se a Golovanov. E subiu para o avião de Béria. Guardado por vinte e sete caças, quase entrou em pânico quando o avião apanhou um poço de ar.

Poucas horas mais tarde, chegava à quente e poeirenta Teerão («um lugar sujíssimo, muita pobreza», escreveu Roosevelt), onde um carro o levou a toda a velocidade até à embaixada soviética, a oito quilómetros de distância, e separada da legação britânica por dois muros e uma estreita rua. Só a legação americana ficava fora da cidade.

Teerão foi o menos formal dos encontros entre os Três Grandes: o próprio Estaline viajava com um séquito reduzido. Tinha consigo apenas Molotov e Vorochilov, os seus assistentes oficiais nas negociações, Béria como encarregado da segurança, Vlasik como comandante da guarda pessoal e um médico, o Professor Vinogradov. A guarda pessoal era constituída por doze homens liderados por Tsereteli, que os ocidentais acharam «bem-parecido, altamente inteligente e cortês». Fosse como fosse, havia algo de apropriado no facto de o senhor do Império Oriental ser protegido por uma guarda de compatriotas seus chefiada por um príncipe-assassino. Talvez Churchill pensasse o mesmo, uma vez que a sua guarda pessoal era constituída por sikhs armados de turbante e espingarda-metralhadora.

A embaixada soviética era uma elegante mansão, construída por um qualquer magnata persa, rodeada por um alto muro. O complexo compreendia várias casas e vivendas: Estaline instalou-se numa das casas, enquanto Molotov e Vorochilov partilhavam a residência do embaixador, com dois pisos. Havia já duas semanas que a guarda-avançada do NKVD preparava a embaixada. «Ninguém ousava desobedecer a Béria», escreveu Zoya Zarubina, uma jovem oficial do NKGB em Teerão.\*

Mal Roosevelt chegou, Estaline convidou-o a instalar-se no complexo soviético. O percurso da embaixada até à legação dos Estados Unidos através das estreitas ruas da parte oriental de Teerão era impossível de guardar – e Béria estava sem dúvida mais preocupado com a segurança de Estaline do que com a de Roosevelt. A espionagem soviética tinha alegadamente descoberto um plano nazi para assassinar os líderes. Estaline estava, além disso, disposto a separar os ocidentais, que, estava convencido, iam unir-se contra ele. Aconteceu que também convinha à estratégia de Roosevelt tratar directamente com Estaline, sem os britânicos, para lhe provar que não havia motivo para as suas suspeitas. Harriman apareceu logo a seguir. Molotov explicou-lhe as preocupações que as questões de segurança lhes inspiravam. Mais tarde, o mesmo Molotov ordenou a Zarubina que telefonasse a saber quando poderiam contar com a chegada de FDR. O almirante William Leahy, chefe de pessoal da Casa Branca, respondeu: «Vamos amanhã.»

Quando Zarubina transmitiu esta resposta a Molotov, ele explodiu: «O que é que julga que está a fazer? Mas quem diabo é você? Quem lhe encomendou o trabalho? Tem a certeza? Que vou eu dizer a Estaline?»

---

\* Béria ordenou pessoalmente à jovem Zoya Zarubina, enteada do general do NKGB Leonid Eitingon (que organizara o assassinato de Trotski), que escolhesse o mobiliário para a conferência. Não havia nenhuma mesa redonda, pelo que foi necessário mandar fazer uma. Uma vez que a conferência era um segredo ciosamente guardado, Béria disse a Zarubina que fosse a Teerão e encomendasse uma mesa para vinte e duas pessoas, «para um casamento».

Entretanto, num desses encontros esquecidos entre potentados que parecem pertencer a épocas diferentes, Estaline visitou o orgulhoso Mohammed Pahlevi, que era, aos vinte e um anos, o xá de um Irão ocupado e cujo pai, Reza Pahlevi, ex-oficial cossaco e fundador da dinastia, fora deposto, em 1941, devido às suas tendências germanófilas. Estaline julgava-se capaz de persuadir o jovem, cujo império abrangera em tempos a Geórgia, a deixá-lo pôr um pé no Irão. Molotov, já então um mestre do diplomáticamente possível, mostrava-se céptico. Béria era contra a excursão, por razões de segurança. Estaline insistiu. O Rei dos Reis ficou agradavelmente «surpreendido» com o felino Estaline, que foi «particularmente delicado e cortês e parecia decidido a causar-me uma boa impressão». A oferta de «um regimento de tanques T-34 e um dos nossos caças» também não deixou de impressionar o xá. «Estive muito tentado», escreveria mais tarde, mas adivinhou o perigo nas ofertas daquele georgiano. Molotov resmungou que «Estaline não compreendeu o xá e deixou-se envolver num situação embarçoosa. Julgava conseguir impressioná-lo, mas não resultou.» As ofertas seriam acompanhadas por oficiais soviéticos. «Declinei, com agradecimentos», escreveu o xá.

Na manhã seguinte, Béria patrulhou pessoalmente os portões, à espera de Roosevelt, que chegou por fim à embaixada soviética com membros dos Serviços Secretos empoleirados nos estribos do automóvel e empunhando espingardas-metralhadoras, de uma maneira gangsteriana que o NKVD achou muito pouco profissional. Um jipe carregado de criados filipinos de Roosevelt confundiu por momentos os homens do NKVD, que finalmente acabaram por deixá-los entrar também.

Estaline mandou notícia de que visitaria o presidente, um encontro que tinha preparado com todo o cuidado. Naturalmente, Béria mandara instalar microfones na *suite* presidencial. Sergo, o atraente filho de Béria e um cientista, que Estaline conhecia bem, era um dos encarregados de fazer a escuta. Estaline chamou-o. «Como está a tua mãe?», perguntou (Nina Béria sempre fora uma das suas favoritas). Despachadas as amenidades, confiou a Sergo a «moralmente repreensível e delicada» missão de todas as manhãs, às oito, o pôr a par do que tivesse escutado. Estaline interrogava-o sempre, inclusive sobre o tom de voz de Roosevelt: «Ele disse isso com convicção ou sem entusiasmo? Como reagiu Roosevelt?» Estava espantado com a ingenuidade dos americanos. «Eles sabem que estamos a escutá-los?»\* Ensaiava estratégias com Molotov e Béria, até ao pormenor do lugar onde se sentaria.<sup>†</sup> Fez o mesmo para as reuniões com Churchill, segundo o filho de Béria, dizendo: «Dele, pode-se esperar absolutamente tudo.»

\* Roosevelt presumia que estava a ser escutado, mas esperava que os resultados pudesse reforçar a confiança de Estaline na pureza das suas intenções. O relato de Sergo Béria sugere que foi o que aconteceu.

† Num acesso de charlatanice profissional, o segundo intérprete soviético, Valentin Berezhkov, descreve como Estaline ensaiava os encontros e como Roosevelt ia à residência do Supremo sem um intérprete. Na realidade, era Estaline que visitava os aposentos reservados a Roosevelt, onde Chip Bohlen interpretava para os americanos e Pavlov para os soviéticos. Pavlov era o intérprete de Estaline e de Molotov para as línguas inglesa e alemã; Berezhkov trabalhava ocasionalmente para Molotov. A única parte deste incidente que parece verosímil é o facto de Estaline ensaiar as posições que cada um ocuparia, o que era típico dele. Talvez Berezhkov tenha assistido a esta cena.

Um pouco antes das três, naquela «magnífica tarde iraniana, dourada e azul, amena e soalheira», Estaline, acompanhado por Vlasik e Pavlov, o seu intérprete, e rodeado pelos guarda-costas georgianos, que caminhavam dez metros à frente e dez metros atrás, como faziam no Kremlin, saiu, «bamboleante como um pequeno urso», da sua residência, envergando o dólman cor-de-mostarda do uniforme de Verão de marechal, e atravessou o complexo para ir visitar Roosevelt na mansão. Um jovem oficial americano recebeu-o com uma continência e conduziu-o aos aposentos do presidente, mas então deu por si dentro da sala de reuniões, com apenas os dois líderes e os respectivos intérpretes. Estava quase a entrar em pânico quando Bohlen, que fazia o papel de intérprete, lhe sussurrou que devia sair.

— Viva, marechal Estaline — disse Roosevelt, enquanto os dois homens trocavam um aperto de mão.

A figura «redonda e atarracada» do líder soviético, com o rude rosto marcado pelas bexigas, os cabelos cinzentos, os dentes partidos e manchados de nicotina e os olhos orientais, ficava a mundos de distância do aristocrático presidente americano, vestido de azul e sentado muito direito na sua cadeira de rodas: «Se usasse vestes chinesas», escreveu Bohlen, «seria o modelo perfeito para o retrato de um antepassado chinês.»

Estaline destacou a necessidade de uma Segunda Frente antes que Roosevelt tivesse oportunidade de estabelecer uma relação menoscabando o Império Britânico. A Índia estava madura para uma revolução «vinda do fundo», como a Rússia, disse FDR, tão mal informado a respeito do leninismo como dos intocáveis. Estaline demonstrou saber mais a respeito da Índia, respondendo que a questão das castas era mais complicada. Este breve *tour d'horizon* estabeleceu uma improvável relação entre o paraplégico brâmane de Nova Iorque e o bolchevique georgiano. Ambos capazes de um *charme* legendário quando isso lhes convinha, a simpatia de Estaline por Roosevelt foi a amizade diplomática mais genuína que ele alguma vez teve com qualquer outro imperialista. Terminada esta troca de palavras, Estaline retirou-se para deixar Roosevelt descansar.

Às quatro da tarde, os Três Grandes juntaram-se à volta da «mesa de casamento» especialmente fabricada, num grande salão decorado num pesado estilo imperial com cadeirões de braços forrados a seda às riscas: Estaline sentou-se entre Molotov e Pavlov. Vorochilov sentava-se frequentemente numa cadeira, em segunda fila. Estaline e Churchill concordaram que seria Roosevelt a presidir à reunião. «Por ser o mais novo», brincou o presidente.

— Temos nas nossas mãos — declamou Churchill — o futuro da humanidade.

Estaline completou este triunvirato declamatório:

— A História mimou-nos — disse. — Deu-nos grandes poderes e grandes oportunidades... Iniciemos o nosso trabalho.

Quando abordaram o tema da Operação Overlord, a invasão da França, Estaline queixou-se de que não estava à espera de discutir assuntos militares, pelo que não tinha consigo peritos na matéria. «Tenho só o marechal Vorochilov», acrescentou, rudemente. «Espero que sirva.» Dito isto, ignorou Vorochilov e tratou ele próprio de todas as

questões bélicas. Um jovem intérprete britânico, Hugh Lunghi,\* ficou chocado ao ver que Estaline tratava Vorochilov «como um cão». Estaline insistiu na necessidade de dar, o mais brevemente possível, preferência à Operação Overlord, a invasão através do Canal... e em seguida encheu tranquilamente o seu cachimbo. Churchill ainda não estava convencido, preferindo uma operação preliminar no Mediterrâneo, com o recurso a tropas já colocadas na região. Roosevelt, no entanto, tinha-se já comprometido com o Canal. Enquanto Churchill se apercebia, confuso, de que estava em minoria, Roosevelt piscava um olho a Estaline, o início de um desastrado namoro que reforçou enormemente a posição do marechal como árbitro da Grande Aliança. Churchill lidou muito melhor com Estaline sendo ele próprio.

Estaline era expansivamente cordial para com os estrangeiros, mas áspero para com os seus próprios delegados. Quando Bohlen se aproximou dele, pelas costas, a meio de uma sessão, Estaline grunhiu, sem voltar a cabeça: «Pelo amor de Deus, deixe-nos acabar este trabalho.» Ficou muito embaraçado quando descobriu que era o jovem americano. Nessa noite, Roosevelt ofereceu um jantar na sua residência. Os criados filipinos cozinharam bifes e batata assada, enquanto o presidente preparava *cocktails* com vermute, *gin* e gelo. Estaline provou um, franziu o nariz e comentou: «Bem, não é mau, mas faz frio no estômago.» Roosevelt ficou repentinamente «verde, e grandes gotas de suor perlaram-lhe o rosto». Foi levado na cadeira de rodas para o quarto. Quando Churchill disse que Deus estava do lado dos Aliados, Estaline zombou: «E o Diabo está do meu lado. O diabo é comunista, e Deus é um bom conservador!

A 29, Estaline e Roosevelt voltaram a reunir: o Supremo sabia, através de Sergo Béria, que o seu encanto tinha resultado. «Roosevelt falava sempre de Estaline em termos muito elogiosos», recordava Sergo. O que lhe permitia exercer pressão sobre Churchill. Naquela manhã, o presidente americano propôs a criação de uma organização internacional que havia de tornar-se as Nações Unidas. Entretanto, os generais reuniam com Vorochilov, que, segundo Lunghi, recusou totalmente compreender o desafio que uma invasão anfíbia da França representava, teimando em acreditar que era como atravessar um rio russo numa jangada.

Antes da sessão seguinte, Churchill, o único primeiro-ministro britânico a usar uma vestimenta militar no desempenho das suas funções, apareceu com o uniforme azul da RAF, levando ao peito as asas douradas de piloto, na abertura de uma cerimónia solene para celebrar Estalinegrado. Às 15:30, as delegações reuniram-se no átrio da embaixada. Pouco depois, chegavam os Três Grandes. A guarda de honra era constituída por soldados da infantaria britânica de baioneta calada e homens do NKVD, de uniforme azul e espingarda-metralhadora ao ombro. Uma orquestra tocou os hinos nacionais – no caso da União Soviética, o antigo. A música parou. Fez-se silêncio. Então, um oficial da guarda britânica aproximou-se da grande caixa negra pousada em

\* O major Hugh Lunghi, cuja entrevista foi de enorme utilidade para a redacção deste livro, é provavelmente o último homem vivo que assistiu a todas as cimeiras dos Três Grandes, em Teerão, Ialta e Potsdam.

cima da mesa e abriu-a. Uma espada refulgia num escrínio de «veludo cor de clarete». Entregou-a a Churchill, que, segurando a espada na horizontal, com as duas mãos, se voltou para Estaline:

«Sua Majestade o rei Jorge VI ordenou-me que lhe entregasse (...) esta espada de honra (...). A lâmina contém a inscrição: “Para os cidadãos de Estalinegrado, heróis de coração de aço, uma oferta do rei Jorge VI como testemunho da homenagem do povo britânico.”» Churchill deu um passo em frente e entregou a espada a Estaline, que a segurou reverentemente e então, com lágrimas nos olhos, a levou aos lábios e a beijou. O Supremo estava emocionado.

«Em nome dos cidadãos de Estalinegrado», respondeu, «em voz baixa e rouca, «de-sejo expressar o meu agradecimento (...).» Aproximou-se de Roosevelt, para lhe mostrar a espada. O presidente americano leu a inscrição. «Tinham verdadeiramente corações de aço», declarou. Estaline entregou a espada a Vorochilov. Ouviu-se um retinir metálico, quando o marechal deixou a bainha escorregar da lâmina e cair no chão a seus pés. O desastrado cavaleiro, que brandira o seu sabre em inúmeras cargas, conseguira introduzir uma nota de comédia no momento mais solene da carreira internacional de Estaline. Com as querubínicas faces pintadas de um vermelho intenso, Klim voltou a embainhar a espada. O Supremo, notou Lunghi, franziu irritadamente a testa e em seguida esboçou «um sorriso gélido, sombrio, forçado». Um tenente do NKVD pegou na espada, mantendo-a bem erguida, e levou-a. Estaline deve ter rosado a Vorochilov que tinha de pedir desculpa, pois, quando voltou, o marechal correu atrás de Churchill, recrutando Lunghi como intérprete. Muito corado, «gaguejou um pedido de desculpas», mas então, inesperadamente, desejou ao primeiro-ministro britânico «um feliz aniversário», no dia seguinte. Estava a ser preparado um banquete especial na legação britânica. «Desejo-lhe mais cem anos de vida», disse o marechal, «com o mesmo espírito e vigor.» Churchill agradeceu, mas sussurrou a Lunghi: «Não será um pouco prematuro? Deve estar a fazer-se a um convite.»\* Depois disto, os Três Grandes saíram para fazer a famosíssima fotografia da conferência.

Após um curto intervalo, as delegações voltaram a sentar-se à volta da mesa para mais uma ronda de negociações. Como sempre, Estaline certificou-se de que era o último a chegar. Quando estavam todos prontos, a chekista Zoya Zarubina, que estava de serviço no exterior, recebeu ordens para ir fazer qualquer coisa. Ao correr degraus abaixo, «chocou com o ombro de alguém». Para seu horror, era Estaline. «Fiquei gelada, rígida na posição de sentido (...),» escreveu. «Pensei que ia de certeza dar-me um tiro ali mesmo.» Estaline não reagiu e seguiu em frente, acompanhado por Molotov. Mas Vorochilov, sempre generoso para com os jovens, e com maioria de razão para com os desastrados, «deu-me uma palmadinha na mão e disse: “Não faz mal, miúda. Não faz mal.”»

\* Hugh Lunghi registou por escrito esta cómica troca de palavras e, no dia seguinte, pediu a Churchill que assinasse o papel. Como intérprete dos chefes do Estado-Maior-General britânico, coadjuvava o principal intérprete de Churchill, o major Arthur Birse.

Estaline, «constantemente a fumar e a desenhar cabeças de lobo no bloco de notas com o seu lápis vermelho», nunca se agitava, raramente gesticulava e poucas vezes consultava Molotov ou Vorochilov. Mas continuava a pressionar Churchill na questão da abertura da Segunda Frente: «Os britânicos acreditavam verdadeiramente na Operação Overlord, ou só diziam que sim para tranquilizar os russos?» Quando soube que os Aliados não tinham ainda chegado a acordo quanto a um comandante, resmungou: «Esta operação não vai dar em nada.» A União Soviética tinha feito a experiência do governo colegial e descobrira que não funcionava. Tinha de ser um homem só a tomar as decisões. Finalmente, quando Churchill recusou definir uma data, Estaline pôs-se de pé e, voltando-se para Molotov e Vorochilov, disse:

– Não percamos o nosso tempo aqui. Temos muito que fazer na frente.

Roosevelt conseguiu deitar água na fervura.

Nessa noite, era a vez de Estaline oferecer um banquete ao habitual estilo soviético, «com uma quantidade incrível de comida». Um gigantesco «criado» russo, vestido de branco, manteve-se de pé atrás da cadeira do Supremo durante toda a refeição.\* Estaline «bebeu pouco», mas divertiu-se a espicaçar Churchill, com trocas de palavras que pareciam divertir Roosevelt de uma maneira muito pouco condigna. Estaline declarou-se muito satisfeito por Churchill não ser um «liberal», a mais odiosa das criaturas no léxico soviético, mas então pôs à prova a severidade do primeiro-ministro britânico ao dizer, em tom de brincadeira, que deviam fuzilar 50.000, ou talvez mesmo 100.000, oficiais alemães. Churchill ficou furioso: empurrando o copo para a frente, com tanta força que o fez tombar, derramando *brandy* em cima da toalha, resmoneou:

– Uma tal atitude é contrária ao sentido de justiça dos Britânicos. Nunca o nosso Parlamento nem o nosso povo aprovariam a execução de homens honestos que lutaram pelo seu país.

Roosevelt entrou na brincadeira, afirmando que aceitava um compromisso: executariam apenas 49.000. Elliott Roosevelt, filho do presidente e que era um inepto e um madraço, pôs-se ebriamente de pé e exclamou: «Não iam os 50.000 tombar no campo de batalha, de todos os modos?»

– À tua, Elliott! – e Estaline tocou com o seu copo no dele. Churchill, porém, rosnuou ao *fils* de Roosevelt:

– Está interessado em prejudicar as relações entre os Aliados?... Como se atreve.<sup>†</sup>

Dirigiu-se para a porta, mas, antes de lá chegar, «duas mãos agarraram-me os ombros, pelas costas, e, quando me voltei, ali estava Estaline, com Molotov a seu lado, ambos

---

\* Os americanos julgaram que era o *maître d'hotel* e, no final da conferência, preparavam-se para presentá-lo com alguns cigarros quando o encontraram, resplandecente, num uniforme de major-general do NKVD.

† Estaline tinha convidado especialmente Elliott para o jantar, talvez por sentir as semelhanças com o seu próprio filho, Vassili. Ambos eram pilotos, alcoólicos ineptos mas arrogantes, dominados por pais brilhantes. Ambos exploravam o nome da família e envergonhavam os pais. Ambos tinham tido vários casamentos falhados e abandonado as mulheres. Talvez não haja maior maldição do que ter um titã como pai.

a rir rasgadamente e a afirmar que estavam apenas a brincar (...). Estaline consegue ter modos muito encantadores, quando quer.» A deferência com que Roosevelt tratava Estaline, em contraste com a mesquinhez que mostrava para com Churchill, era tão deslocada como contraproducente, mas a boa-disposição foi restaurada quando o Supremo começou a atormentar Molotov.

– Chega aqui, Molotov, e fala-nos do teu pacto com o Hitler.

O *gran finale* foi o sexagésimo novo aniversário de Churchill, celebrado no salão de jantar da legação britânica, que, escreveu Alan Brooke no seu diário, parecia «um templo persa», com as paredes «cobertas por um mosaico de pequenos pedaços de espelho» e «pesados cortinados de um vermelho profundo. Os criados persas vestiam librés azuis e vermelhas» com «luvas de algodão branco demasiado grandes, de modo que as pontas dos dedos pendiam molemente e agitavam-se de um lado para o outro.» A guarda era assegurada por soldados sikhs.

Béria, que estava ali *incognito*, insistiu em que o NKVD revistasse a legação britânica, operação que ele próprio liderou com a ajuda do elegante rufião Tsereteli. «Não pode pura e simplesmente haver a mínima dúvida», escreveu um oficial da segurança britânica, Béria «era um homem extremamente inteligente e astuto, com uma tremenda força de vontade e uma enorme habilidade para impressionar, comandar e liderar outros homens». Desdenhava todas as opiniões, ficando «muito zangado quando alguém (...) se opunha à suas propostas». Os outros russos «comportavam-se como escravos na sua presença».

Mal Béria saiu, Estaline chegou, mas, quando um criado fez menção de tirar-lhe o sobretudo, um dos guarda-costas reagiu intempestivamente, levando a mão à arma. A calma foi rapidamente restabelecida. Em cima da mesa principal, havia um bolo com sessenta e nove velas. Estaline brindou a «Churchill, o meu combativo amigo, se é possível considerar o senhor Churchill meu amigo», e então contornou a mesa para tocar com o seu copo no do inglês, passando-lhe um braço pelos ombros. Churchill respondeu: «A Estaline, o Grande.» Quando o primeiro-ministro disse, na brincadeira, que a Grã-Bretanha estava «a ficar mais cor-de-rosa», Estaline retorquiu: «Um sinal de boa saúde.»

No clímax do banquete, o *chef* da legação apresentou uma criação que esteve mais perto de assassinar Estaline do que todos os agentes alemães escondidos em todos os *souks* da Pérsia. O *Vozhd* fazia um brinde quando os criados empurraram para dentro da sala, em cima de mesas equipadas com rodas, duas gigantescas pirâmides de gelado, cada uma delas formada por um «grande prato» equilibrado e seguro com açúcar *glacé* na extremidade de um tubo com vinte e cinco centímetros de altura enfiado no centro de «uma base de gelo com noventa centímetros quadrados de superfície e dez centímetros de espessura», dentro da qual ardia uma pequena lâmpada. Mas à medida que estas criações se aproximavam de Estaline, Brooke notou que a lâmpada estava a derreter o gelo e as pirâmides «mais pareciam agora a Torre de Pisa». Subitamente, a inclinação assumiu um ângulo mais perigoso e o chefe do Estado-Maior-General

britânico gritou aos companheiros que se baixassem. «Com o estrondear de uma avalanche, toda a maravilhosa construção deslizou por cima das nossas cabeças e explodiu num estilhaçar de pratos.» Lunghi viu o nervoso criado persa «saltar para o lado no último instante». Pavlov, com o seu novo uniforme diplomático, «foi apanhado em cheio! (...), salpicado dos pés à cabeça», mas Brooke calculou que «preferiria morrer a parar de interpretar». Estaline escapou sem uma beliscadura.

– Falhou o alvo – sussurrou o marechal-do-ar Sir Charles Portal.

Durante a reunião final, no dia seguinte, Roosevelt explicou a Estaline que, tendo pela frente uma eleição presidencial, não discutiria a Polónia naquele encontro. A subordinação da sorte de um país por causa do qual a guerra tinha supostamente começado às necessidades da máquina política americana só pode ter encorajado os planos de Estaline para ter uma Polónia submissa. Na última reunião plenária, é bem um sinal do amadorismo e improviso desta conferência íntima o facto de Estaline e Churchill terem discutido as fronteiras polacas usando um mapa arrancado ao jornal *The Times*. Os perigos destes encontros para os membros da *entourage* de Estaline sempre foram subestimados pelos ocidentais, até que Birse, o intérprete de Churchill, ofereceu ao seu homólogo soviético, Pavlov, um conjunto da obra de Charles Dickens. Muito pouco à vontade, Pavlov aceitou a oferta.

– Está a tornar-se MUITO próximo dos nossos amigos ocidentais – disse Estaline, sorrindo da ansiosa atrapalhação de Pavlov.

A 2 de Dezembro, Estaline, «convencido» de que os Aliados tinham finalmente aceitado lançar a Operação Overlord na Primavera seguinte, partiu de Teerão e despiu as suas vestimentas de marechal no aeródromo de Baku, reaparecendo com o seu velho capote, barrete e botas. O comboio levou-o até Estalinegrado, a única visita que fez, depois da batalha, à cidade que desempenhara um papel tão decisivo na sua vida. Visitou o quartel-general de Paulus, mas a limusina que o transportava passou demasiado depressa pelas ruas atulhadas de equipamento alemão. Chocou com uma condutora, que quase morreu ao ver contra quem tinha batido. Pôs-se a chorar:

– A culpa foi minha!

Estaline apeou-se e acalmou-a:

– Não chore. A culpa não foi sua. Foi da guerra. O nosso carro é blindado e não sofreu nada. Pode mandar reparar o seu.

Depois disto, regressou a Moscovo.

\* \* \*

Estalinegrado, Kursk e Teerão reafirmaram a zelosa fé de Estaline na sua própria e infalível grandeza. «Quando a vitória se tornou óbvia», escreveu Mikojan, «Estaline como que inchou e tornou-se caprichoso.» Voltaram os longos e alcoólicos jantares: Estaline recomeçou a beber, fazendo o papel de director de pista de um circo de rudes farristas, mas, na massa de informação que recebia de Béria, havia sempre muito com

que se preocupar. Em 1943, Béria prendeu 931.544 pessoas no território libertado. Em Moscovo, pelo menos 250.000 crentes assistiram, nas igrejas, às celebrações da Páscoa. Béria entregou a Estaline, que as leu atentamente, transcrições de escutas telefónicas e relatórios de informadores. Foi por eles que ficou a saber que Eisenstein estava a cortar partes do seu novo filme, *Ivan, o Terrível, II Parte*, porque os assassinos do czar lhe faziam lembrar o Terror de Iezhov, «que não conseguia recordar sem estremecer (...).» A mensagem era clara: o liberalismo e a indisciplina ameaçavam o Estado. O preço das vitórias de Estaline fora enorme: quase 26 milhões de mortos, outros tantos sem abrigo. A fome assolava o país, havia traição entre os povos do Cáucaso, uma guerra civil nacionalista na Ucrânia e um liberalismo perigoso entre os próprios Russos. Todos estes males tinha de ser resolvidos com o tradicional remédio bolchevique: o Terror.

Antes de se dedicarem a aterrorizar a Rússia propriamente dita, Béria e o chefe local, Khrushchev, travavam uma nova guerra na Ucrânia, onde três exércitos nacionalistas combatiam as forças soviéticas. E havia ainda a questão da duvidosa lealdade do Cáucaso e da Crimeia.

Em Fevereiro de 1944, Béria propôs a deportação dos Chechenos e dos Inguches, dois povos islamizados. Houvera casos de traição, mas a maioria mantivera-se leal. Mesmo assim, Estaline e o GKO concordaram – embora Mikoian afirme ter objectado. A 20 de Fevereiro, Béria, Kobulov e o perito em deportações, Serov, chegaram a Grozny acompanhados por 19.000 chekistas e 100.000 soldados do NKVD. A 23, os habitantes receberam ordens para se reunirem nas praças, e então foram repentina e arrebanhados e metidos em comboios que seguiram para leste. A 7 de Março, Béria comunicava a Estaline que 500.000 inocentes iam a caminho.

Outros povos, os Karachai e os Kalmiks, foram juntar-se aos Alemães do Volga, que tinham sido deportados em 1941. Béria estendia cada vez mais a rede: «Os Balkars são bandidos e (...) atacaram o Exército Vermelho», escreveu a Estaline, a 25 de Fevereiro. «Se estiver de acordo, posso, antes de regressar a Moscovo, tomar medidas para recolocar os Balkars. Peço ordens.» Foram deportados mais de 300.000, mas... onde largá-los? Como os nazis com os seus judeus, os homens de Estaline tinham de distribuir estes destroços humanos que ninguém queria por todo o império. Molotov sugeriu 40.000 para o Cazaquistão, 14.000 para outro lugar qualquer. Kaganovitch forneceu os comboios. Andreiev, na altura a dirigir a Agricultura, tratou das alfaias agrícolas. Todos se envolveram. Quando um funcionário fez notar que ainda havia 1300 kalmiks a viver em Rostov, Molotov ordenou que fossem imediatamente deportados. É possível que Mikoian tenha discordado, mas o certo é que a capital dos Karachai, Karachaevsk, foi rebaptizada com o seu nome. Na linguagem seca destas notas burocráticas, podemos apenas entrever a tragédia e o sofrimento deste crime monumental.

Então, Béria denunciou a traição dos Tártaros na Crimeia, e pouco depois 160.000 deles iam a caminho do leste, em quarenta e cinco comboios: enviou a Estaline a lista dos alimentos que lhes tinham sido atribuídos, mas, tendo em conta os milhares que

morreram, é muito pouco provável que tenham recebido a maior parte. Ao longo do ano, Béria continuou a descobrir novas bolsas desta pobre gente: a 20 de Maio, havia «ainda apoiantes dos alemães na república de Kabardin, depois da reinstalação dos Balkars», e perguntava se podia «remover» mais 2467 pessoas: «Concordo. J. Estaline», aparece escrito ao fundo da página. Quando deu por terminada a sua tarefa, um triunfante Béria tinha removido 1,5 milhões de pessoas. Estaline aprovou a concessão de 413 medalhas aos chekistas de Béria. Mais de um quarto dos deportados morreu, segundo o NKVD, mas pelo menos 530.000 pereceram pelo caminho ou logo após a chegada aos campos. Para cada uma destas pessoas, foi um apocalipse comparável ao Holocausto.

Enquanto estes vagões de gado cheios de carga humana se arrastavam para leste, a fome devastava a Rússia, a Ásia Central e a Ucrânia. Numa repetição da colectivização, Estaline sentiu fraqueza no seu Politburo. Há, nos arquivos, sugestões de coisas perturbadoras: em Novembro de 1943, Andreiev, em Saratov, comunicava a Malenkov que «as coisas aqui estão muito más (...). Ontem, ao chegar de Estalinegrado (...), vi coisas horríveis (...).» A 22 de Novembro de 1944, Béria informava Estaline de um outro caso de canibalismo nos Urales, em que duas mulheres raptaram e comeram quatro crianças. Mikoian e Andreiev recomendava que se distribuísse sementes aos camponeses:

«A Molotov e Mikoian», rabiscou Estaline na nota dos dois. «Voto contra. O comportamento de Mikoian é anti-Estado (...), corrompeu completamente Andreiev. Retirar a Mikoian e entregar a Malenkov a tutela do Narkomzag [Comissariado dos Abastecimentos] (...).» Assim começou, entre Estaline e Mikoian, uma crescente frieza que havia de tornar-se cada vez mais perigosa.

\* \* \*

A 20 de Maio de 1944, Estaline reuniu com os seus generais para coordenar a vasta ofensiva de Verão que expulsaria finalmente os alemães do território soviético. A maior parte da Ucrânia fora já libertada e tinha sido levantado o cerco a Leninegrado. Estaline propôs a Rokossovski avançar numa frente única. Rokossovski sabia que seria necessário avançar em duas frentes para evitar perdas inúteis, mas Estaline tinha tomado uma decisão. Rokossovski, o alto e elegante general meio-polaco que gozava da simpatia do *Vozhd*, apesar de ter sido torturado pouco antes da guerra, foi suficientemente corajoso para insistir no seu ponto de vista.

— Vá até lá fora e pense no assunto — disse-lhe Estaline, que pouco depois voltou a chamá-lo. — Já pensou bem, general? — perguntou.

— Sim, camarada Estaline.

— Então... uma única frente? — e Estaline marcou-a no mapa. Fez-se silêncio até que Rokossovski respondeu:

— É mais aconselhável duas frentes, camarada Estaline.

Mais uma vez, fez-se silêncio.

– Volte lá para fora e torne a pensar. Não seja teimoso, Rokossovski.

O general foi novamente sentar-se na sala ao lado até que se apercebeu de que não estava sozinho: Molotov e Malenkov tinham aparecido diante dele. Rokossovski pôs-se de pé.

– Não esqueça onde está nem com quem está a falar, general – ameaçou Malenkov.

– Está a discordar do camarada Estaline.

– Tem de concordar, Rokossovski – acrescentou Molotov. – Concorde... é só o que tem de fazer!

O general foi mais uma vez chamado ao gabinete.

– Então, o que é melhor? – perguntou Estaline.

– Duas – respondeu Rokossovski. Fez-se silêncio até que Estaline perguntou:

– Será realmente preferível lançar o ataque em duas frentes?

Estaline aceitou o plano de Rokossovski. A 23 de Junho, a ofensiva estilhaçou as forças alemãs. Minsk e, em seguida, Lvov foram recuperadas. A 8 de Julho, Zhukov encontrou Estaline em Kuntsevo «muito bem-disposto. Ao mandar avançar as suas tropas para o Vístula, o Supremo estava decidido a impor o seu próprio governo à Polónia, para que nunca mais voltasse a ameaçar a Rússia: a 22 de Julho, criou um Comité Polaco, encabeçado por Boleslaw Bierut, com a missão de formar o novo governo.

– Hitler é como um jogador a arriscar a sua última moeda! – exultou Estaline.

– A Alemanha vai tentar fazer a paz com Churchill e Roosevelt – avisou Molotov.

– Sim – disse Estaline –, mas eles não vão aceitar.

Foi então que os Polacos atiraram uma pedra para dentro da engrenagem da Grande Aliança.

\* \* \*

A ofensiva do Exército Vermelho tinha-se detido, exausta, na margem do Vístula, a leste de Varsóvia, quando, a 1 de Agosto, o general Tadeusz Bor-Komorowski e os 20.000 patriotas do Exército Polaco do Interior se ergueram contra os alemães na chamada Sublevação de Varsóvia. Mas o objectivo dos patriotas, nas palavras de um distinto historiador, «não era facilitar o avanço russo, e sim atrasá-lo». Hitler ordenou que Varsóvia fosse arrasada, usando um tenebroso grupo de fanáticos SS, criminosos e renegados russos para exterminar 225.000 civis num impiedoso inferno. A liquidação do Exército do Interior completou para Estaline, que não tinha a mínima intenção de intervir para salvar os polacos, o «trabalho negro» da floresta de Katyn. No entanto, a sublevação, e mais particularmente a simpatia manifesta do Ocidente, fizeram Estaline entrar em parafuso. Se o êxito da revolta ameaçava os seus planos para a Polónia, a fúria anglo-americana por ela ter fracassado ameaçava a Grande Aliança.

A 1 de Agosto, Zhukov e Rokossovski encontraram o Supremo «agitado», aproximando-se dos mapas e voltando a afastar-se, chegando inclusivamente a pousar em

cima da mesa o cachimbo apagado, sempre um sinal de tempestade. Estaline pressionou os generais: os exércitos podiam avançar? Zhukov e Rokossovski responderam que precisavam de repousar. Estaline pareceu ficar furioso. Béria e Molotov ameaçaram-nos. Estaline mandou os militares para a biblioteca, na sala ao lado, onde os dois discutiram nervosamente a situação. Rokossovski achava que Béria estava a acicatar Estaline. As coisas podiam acabar mal. «Sei muito bem do que o Béria é capaz», sussurrou Rokossovski, ultracauteloso, sendo, como era, filho de um oficial polaco. «Já passei pelas prisões dele.» Vinte minutos mais tarde, Malenkov apareceu e afirmou apoiar os generais. Não seria feita qualquer tentativa para salvar Varsóvia.

Zhukov suspeitava de que o Supremo tinha encenado aquela charada como álibi. Mas as forças soviéticas estavam exaustas: como Rokossovski disse a um jornalista ocidental: «A sublevação só teria feito sentido se nós estivéssemos à beira de tomar Varsóvia. Esse ponto não foi atingido em momento algum (...). Fomos repelidos.» Entretanto, enquanto Churchill e Roosevelt exerciam uma intensa pressão junto do seu aliado para que ajudassem os Polacos, Estaline afirmava friamente que os relatos que faziam da revolta eram «muitíssimo exagerados». Quando, por fim, os seus exércitos entraram na Polónia, na Hungria e na Roménia, era demasiado tarde para os patriotas de Varsóvia.

\* \* \*

Sete dias depois da rendição do Exército do Interior, Churchill chegou a Moscovo para partilhar os despojos da Europa Oriental. Em 1942, Estaline expusera a Molotov a sua verdadeira posição: «A questão das fronteiras será decidida pela força.» No apartamento de Estaline no Kremlin, Churchill, que dessa vez se encontrava instalado numa residência na cidade, propôs um «documento mauzinho» em que listassem em termos de percentagens os respectivos interesses nos pequenos países. Os registos soviéticos encontrados nos arquivos do próprio Estaline mostram que, tal como Roosevelt fizera um trabalho de sapa relativamente a Churchill, em Teerão, assim agora o inglês iniciava as conversações afirmando que os «Americanos, incluindo o presidente, ficariam chocados com a divisão da Europa em esferas de influência». Na Roménia, a Rússia tinha 90% e a Grã-Bretanha 10%; na Grécia, a Grã-Bretanha tinha 90% e a Rússia 10%. Estaline assinalou estes números com uma marca.

– Não irá parecer cínico resolvemos estas questões, tão importantes para milhões de pessoas, de uma maneira tão descuidada? – perguntou Churchill, por um lado sentindo-se culpado, por outro comprazendo-se na arrogância das Grandes Potências.

– Não, fique com ele – respondeu Estaline.

O documento foi levado suficientemente a sério para que Eden e Molotov negociassem durante mais dois dias a percentagem de influência soviética na Bulgária e na Hungria, em ambos os casos elevada para 80%, e Estaline manteve-se fiel ao acordo no respeitante à Grécia, mas só porque isso lhe convinha. O acordo das percentagens

representava seguramente, da perspectiva de Estaline, uma tentativa divertida de negociar o que era já um *fait accompli*.

O clímax da visita foi a primeira aparição pública de Estaline no Bolchoi desde o início da guerra, acompanhado por Churchill, Molotov, Harriman e Kathleen, a filha do americano. Quando chegaram ao teatro, as luzes já estavam apagadas – Estaline costumava entrar discretamente depois de a peça ter começado. Quando as luzes se acenderam e a assistência viu o Supremo e Churchill, houve uma «tempestade de aclamações e aplausos». Estaline retirou-se modestamente, mas Churchill mandou Vichinski buscá-lo. Ficaram os dois de pé, lado a lado, sorrindo no meio de uma ovAÇÃO tão estrondosa que era como «uma chuvara num telhado de zinco». Estaline e Molotov levaram então os seus convidados para a *avant-loge*, onde foi servido um jantar para doze pessoas. Bebericando champanhe, o Supremo comportou-se como uma malicioso e velho sátiro, encantando e gelando os seus convidados em partes iguais. Quando Molotov ergueu o seu copo ao «Grande Líder», Estaline gracejou:

– Pensei que ia dizer qualquer coisa de novo a meu respeito.

Alguém declarou, em tom de brincadeira, que os Três Grandes eram como a Santíssima Trindade.

– Nesse caso – disse Estaline –, Churchill deve ser o Espírito Santo. Voa tanto de um lado para o outro.\*

Quando o primeiro-ministro finalmente partiu, a 19 de Outubro, tendo conseguido escassíssimos progressos no respeitante à Polónia, Estaline foi despedir-se dele ao aeroporto, agitando lenço.

Estaline saboreava agora o poder da vitória – e o prepotente actor que dali emergiu não era um espectáculo bonito de se ver. A respeitosa jovialidade que mostrava para com Churchill transformava-se em embriaguez ameaçadora com os menos poderosos, como Charles de Gaulle. Em Dezembro, o francês visitou Moscovo para assinar um tratado de aliança e assistência mútua. Em troca, Estaline queria o reconhecimento da França para o governo polaco de Bierut, que de Gaulle recusou. Na altura do banquete, as negociações tinham chegado a um impasse. O que não impediu Estaline de ficar completamente embriagado, para horror do austero de Gaulle. O Supremo queixou-se a Harriman de que o general francês era «um homem esquisito e desastrado», mas isso não importava, porque «tinham de beber mais vinho e tudo se resolveria».

Então, sem parar de beber champanhe, chamou a si os brindes, que até aí tinham estado a cargo de Molotov. Depois de ter elogiado Roosevelt e Molotov, ignorando ostensivamente de Gaulle, começou, com um arrepiante humor de carrasco, a brindar

---

\* Estaline disse uma piada a respeito de Maisky, o ex-embaixador em Londres, presente no jantar, que não foi traduzida. Os russos, no entanto, riram estrepitosamente, o que levou Brooke a perguntar o que fora assim tão engraçado. Num tom sombrio, Maisky explicou: «O marechal referiu-se a mim como o poeta-diplomata, porque eu de vez em quando escrevia uns versos, mas o nosso último poeta-diplomata foi morto... Foi essa a piada.» O poeta-diplomata em questão fora o embaixador russo na Pérsia, Briboiedov, despedaçado por uma multidão em fúria nas ruas de Teerão, em 1829. Mais tarde, Maisky foi preso e torturado.

sucessivamente a todos os membros do seu séquito: a Kaganovitch, «um homem corajoso. Sabe que se os comboios não chegarem a tempo», fez uma pausa, «o mandamos fuzilar! Chega aqui!» Kaganovitch levantou-se e entrechocaram jovialmente os copos. Foi em seguida a vez do comandante da Força Aérea, Novikov, «este bom marechal, bebamos a ele. E se não fizer o seu trabalho como deve ser, enforcamo-lo.» (Passado pouco tempo, Novikov seria preso e torturado.) Avistou então Khrulev: «É bom que faça o melhor que pode e sabe, ou será enforcado, pois é esse o costume no nosso país!» E mais uma vez: «Chega aqui!» Reparando na expressão de repulsa no rosto de de Gaulle, riu-se: «As pessoas chamam-me um monstro, mas, como vêem, levo tudo a brincar. Talvez não seja uma pessoa horrível, ao fim e ao cabo.»

Molotov encorralou o seu homólogo francês, Bidault, com quem começou a discutir o tratado. Estaline fez um gesto na direção deles, gritando a Bulganine: «Tragam as metralhadoras. Vamos liquidar os diplomatas.» Enquanto levava os convidados para beber café e ver filmes, Estaline «abraçava o francês, cambaleando de um lado para o outro», notou Khrushchev, que estava presente mas escapou a um brinde ameaçador. Estava «completamente embriagado». Enquanto os diplomatas negociavam, Estaline bebeu mais champanhe. Finalmente, de madrugada, quando de Gaulle já tinha ido para a cama, os russos aceitaram subitamente assinar o tratado sem o reconhecimento de Bierut. De Gaulle foi levado à pressa de volta ao Kremlin, onde Estaline começou por pedir-lhe para assinar o tratado original. Quando de Gaulle respondeu furiosamente: «A França foi insultada», Estaline, risonho, mandou trazer o novo texto, que foi assinado às seis e meia da manhã.

Quando o seco e severo francês se retirou, Estaline chamou o seu intérprete e, a rir, disse-lhe: «Sabes demasiado. É melhor mandar-te para a Sibéria!» De Gaulle olhou para trás uma última vez: «Vi Estaline sentado à mesa, sozinho. Tinha recomeçado a comer.»

Nesse Inverno, o mesmo exuberante vencedor presidiu a uma série de jantares e banquetes oferecidos em honra de uma delegação jugoslava. Estaline estava muito ofendido por Milovan Djilas, membro do Politburo jugoslavo, se ter queixado das violações e pilhagens perpetradas pelo Exército Vermelho. Considerava qualquer crítica ao exército como um ataque à sua própria pessoa. Fez uma etilizada peroração aos jugoslavos a respeito do seu exército, «que abriu caminho através de milhares de quilómetros» só para ser atacado por «nada menos que Djilas! Djilas, que eu recebi tão bem!» Na ausência do ofensor propriamente dito, a atenção do Supremo recaiu sobre a mulher de Djilas, Mitra Mitrovic, que fazia parte da delegação. «Propôs brindes, brincou, provocou-a, chorou, antes de beijá-la repetidas vezes», gracejando grosseiramente: «Vou beijar-te, ainda que os Jugoslavos e Djilas me acusem de ter-te violado!»

Quando Estaline convidou alguns funcionários americanos para o cinema do Kremlin, fez menção de sentar-se entre os dois mais importantes, mas então voltou-se para Kavtaradze:

– Anda, rapaz, senta-te aqui ao pé de mim!

– Como? – perguntou Kavtaradze. – Tens convidados...

Estaline agitou uma mão, acrescentando em georgiano:

– Que se fodam!

Nessa véspera de Ano Novo, o Supremo e os potentados, juntamente com o general Khrulev, assistiram à chegada de 1945 com um bacanal de canto e dança que durou a noite inteira.

## O IMPANTE CONQUISTADOR: IALTA E BERLIM

Quando Estaline pôs os olhos no grande prémio que era Berlim, decidiu alterar o modo como dirigia a guerra: deixaria de haver representantes do Stavka a comandar as frentes. Doravante, o Supremo comandaria directamente.

Zhukov preparava-se para comandar a frente bielorrussa, que combateria ao longo de todos os oitocentos quilómetros que a separavam de Berlim. Seis milhões de soldados soviéticos aguardavam ordens para lançar a ofensiva Vístula-Oder. Duas semanas mais tarde, Koniev punha as mãos no «ouro» da industrial Silésia, Zhukov tinha escorraçado os alemães do Centro da Polónia e Malinovski lutava freneticamente por Budapeste. A segunda e a terceira frentes bielorrussas penetraram na Prússia Oriental, em território da Alemanha, num festival de vingança: ao longo dos meses seguintes, dois milhões de mulheres seriam violadas. Os soldados russos violaram inclusivamente mulheres russas recém-libertadas dos campos nazis. Estaline pouco se preocupava com isto, dizendo a Djilas: «Leu com certeza Dostoievski? Compreende que coisa complicada é a alma de um homem...? Muito bem, imagine então um homem que lutou de Estalinegrado a Belgrado... ao longo de milhares de quilómetros da sua pátria devastada, por cima dos cadáveres dos seus camaradas e entes queridos. Como pode um homem assim reagir normalmente? E o que é que tem de tão horrível divertir-se um pouco com uma mulher depois de tais horrores?»

Roosevelt e Churchill andavam a discutir a próxima cimeira dos Três Grandes desde Julho de 1944. Estaline estava relutante: quando, em Setembro, Harriman sugeriu um encontro no Mediterrâneo, Estaline respondeu que os médicos lhe tinham dito que «qualquer mudança de clima teria efeitos perniciosos», isto da parte de um homem

que alimentava uma arreigada desconfiança em relação aos médicos. Podia ir Molotov em vez dele. Molotov insistiu delicadamente em que nunca poderia substituir o marechal Estaline.

«És demasiado modesto», disse Estaline, secamente. Por fim, chegaram a acordo: seria Ialta. A 29 de Janeiro, Zhukov estava no Oder. Enquanto as forças alemãs contra-atacavam as cabeças-de-ponte soviéticas, Roosevelt e Churchill eram recebidos, a 3 de Fevereiro, na Base Aérea de Saki, por Molotov, de colarinho engomado, sobretudo preto e barrete de pele, e Vichinski, resplandecente no seu uniforme diplomático, que lhes ofereceram «um magnífico almoço» a caminho de Ialta.

\* \* \*

Estaline ainda não partira de Moscovo, mas aprovara as disposições tomadas por Béria num memorando tão secreto que os nomes foram omitidos, sendo mais tarde acrescentados à mão. A conferência seria guardada por quatro regimentos do NKVD e defendida por uma floresta de canhões antiaéreos, além de 160 aviões de caça. A segurança de Estaline foi descrita da seguinte maneira: «Para a guarda do chefe da delegação soviética, além dos guarda-costas comandados pelo camarada Vlasik, há mais 100 trabalhadores operacionais e um destacamento especial de 500 escolhidos entre os regimentos do NKVD.» Por outras palavras, Estaline tinha uma escolta pessoal de 620 homens. Além disto, havia mais dois círculos de proteção durante o dia e três durante a noite, e ainda cães de ataque. Cinco distritos, num raio de vinte quilómetros, tinham sido «purgados de elementos suspeitos» – tinham sido investigadas 74.000 pessoas, 835 das quais foram detidas. Com as suas cidades desertas e em ruínas depois das depredações dos nazis e da deportação dos Tártaros, não admira que Churchill tenha chamado a Ialta «a Riviera de Hades».

Na manhã de domingo, 4 de Fevereiro, Estaline embarcou na sua carruagem de comboio pintada de verde, acompanhado por Poskrebichev e Vlasik, viajando para sul em direcção a Kharkov. A sua residência, o Palácio Iussopov, o riquíssimo príncipe que assassinara Rasputine, estava pronta para receber a delegação soviética, com os seus vinte quartos e o seu átrio de setenta metros quadrados. Tudo fora levado de Moscovo, incluindo os pratos, os talheres e os experientes criados dos hotéis Metropol e Nacional, de confiança provada. Padarias especiais coziam o pão e um pescador especial fornecia o peixe fresco. Tinham sido instalados «um telefone *Vch* de alta frequência e um telégrafo *Baudot*, além de uma central telefónica com 20 linhas (...) que podiam ser aumentadas para 50», para que Estaline pudesse «contactar Moscovo, as frentes e todas as cidades». Tinha à sua disposição um abrigo antiaéreo capaz de aguentar bombas até 500 kg.

Estaline recebeu imediatamente os seus delegados no gabinete. O quarto de Béria era praticamente na porta ao lado, enquanto os dois diplomatas mais jovens se situavam na ala contígua. Sudoplatov apresentou os retratos psicológicos dos líderes ocidentais,

Molotov avaliava as informações e, mais uma vez, Sergo Béria foi, segundo afirma, encarregado das escutas. Na ocasião, terão inclusivamente sido usados microfones direcionais de orientação variável capazes de seguir os movimentos de FDR quando se deslocava na cadeira de rodas de um lado para o outro, no exterior.

Às três da tarde, Estaline\* ligou para a residência de Churchill, o fabuloso palácio do príncipe Miguel Vorontsov, um anglófilo que criara um *pot-pourri* arquitectural único de baronial escocês, neogótico e arabesco mourisco. Dirigiu-se então, de carro, ao Palácio Livadia, construído, em 1911, com granito branco para servir de residência de Verão ao último czar e que fora atribuído a Roosevelt.<sup>†</sup> Ao jantar, nessa noite, Roosevelt, avaliando mal a susceptibilidade de Estaline em tudo o que respeitava à sua imagem, confidenciou-lhe que, nos Estados Unidos, era conhecido por «Uncle Joe». O Supremo ficou ofendido, e resmungou:

«Quando é que posso sair desta mesa?» Asseguraram-lhe que se tratava de uma brincadeira. Às quatro da tarde do dia seguinte, tinha início a conferência no grande salão de baile do Palácio Livadia. Sentado entre Molotov e Maisky, a fumar cigarros uns atrás dos outros, Estaline impressionou fortemente o jovem Andrei Gromyko, embaixador nos Estados Unidos e que mais tarde viria a tornar-se o sempiterno ministro dos Negócios Estrangeiros de Brezhnev: «nada lhe escapava» e trabalhava «sem papéis, sem notas», usando uma «memória que era como um computador». Foi durante estas reuniões plenárias que Estaline teve uma das suas saídas mais famosas. Como sempre acontecia com as suas piadas, repetiu-a inúmeras vezes e acabou por entrar para o anedotário político como uma expressão de força sobre o sentimento. Estavam a falar do papa.

— Façamos dele nosso aliado — sugeriu Churchill.

— Tudo bem — sorriu Estaline —, mas como bem sabem, meus senhores, a guerra faz-se com soldados, canhões, tanques. Quantas divisões tem o papa? Se ele no-lo disser... que se torne nosso aliado.<sup>‡</sup>

À noite, Estaline oferecia pequenas festas em que convivia com os membros do seu séquito, e Gromyko notou que «trocava algumas palavras com cada um deles»,

---

\* Um mês mais tarde, o editor do *Izvestiya* preparou um álbum fotográfico especial que enviou a Poskrabichev: «Estimado Alexandre Nikolaievitch, envio-lhe as fotografias da conferência de Ialta para JV Estaline.» A capa apresentava, em grandes letras em relevo, o nome do Supremo. Estaline fazia uma fraca figura ao lado do elegantíssimo Molotov: o álbum de fotografias de Ialta mostra os bolsos atamanadamente cerzidos do seu amado mas surrado capote militar. O porcino Vlasik estava sempre um passo atrás dele, a sorrir afavelmente, mas a segurança de Estaline era tão apertada como sempre. Certa vez, quando Bohlen reparou numa visita de Estaline à casa de banho, dois guarda-costas puseram-se a correr de um lado para o outro e a gritar: «Onde está Estaline? Para onde foi ele?» Bohlen apontou para os lavabos.

† O presidente estava exausto e doente. Os aposentos que ocupava incluíam uma sala de estar, uma sala de jantar (a antiga sala de bilhar do czar), um quarto de cama e uma casa de banho. O seu conselheiro mais chegado, Harry Hopkins, estava tão doente que passou a maior parte do tempo na cama. Segundo Alan Brooke, o general Marshall «está no quarto da czarina» e o almirante King «no *boudoir*, com a escada especial que Rasputine usava para visitá-la»

‡ Estaline contou esta versão a Enver Hoxha, o líder albanês.

deslocando-se de grupo em grupo, dizendo piadas, recordando os nomes de todos os cinquenta e três delegados. Havia reuniões todas as manhãs e todas as tardes: Estaline esmagava muitas vezes os seus conselheiros, se não faziam o seu trabalho como deve ser. Hugh Lunghi, a desempenhar mais uma vez as funções de intérprete na conferência, ouviu-o dizer: «Não confio no Vichinski, mas com ele não há impossíveis. Salta sempre para o lado que lhe dissermos.» Vichinski reagia a Estaline «como um cão assustado».

Quando Roosevelt adoeceu, Estaline, Molotov e Gromyko fizeram-lhe uma visita de vinte minutos. Quando desciam as escadas, «Estaline deteve-se repentinamente, tirou o cachimbo do bolso, carregou-o sem pressa e, como que para si mesmo, disse em voz baixa: "Por que teve a natureza de castigá-lo desta maneira? Será pior do que a maioria das outras pessoas?"» Sempre desconfiou de Churchill, mas Roosevelt parecia fasciná-lo.

— Diga-me — perguntou a Gromyko —, que acha de Roosevelt? É inteligente?

Estaline não escondia a sua simpatia por FDR, o que surpreendeu o jovem diplomata, uma vez que «raramente simpatizava com alguém pertencente a outro sistema social». Só muito ocasionalmente «expressa emoções humanas positivas».

No dia seguinte, 6 de Fevereiro, reuniram-se para discutir a sensível questão da Polónia e da organização mundial que havia de tornar-se a ONU. A Rússia ficaria com fatias da Polónia Oriental em troca de abrir mão de territórios alemães a ocidente. Estaline só consentiu em incluir um punhado de nacionalistas no novo governo polaco dominado pelos comunistas. Quando Roosevelt disse que as eleições polacas tinham de «estar acima de qualquer dúvida, como a mulher de César», Estaline gracejou:

— Dizia-se isso a respeito da senhora, mas ela tinha os seus pecados.

Explicou então a obsessão russa relativamente à Polónia:

— Ao longo dos séculos, a Polónia sempre serviu de corredor aos inimigos que vinham atacar a Rússia.

Por isso, queria uma Polónia forte. A dar crédito ao filho de Béria, o pai entrou no quarto dele, nessa tarde, dizendo: «José Vissarionovitch não cedeu um centímetro na questão da Polónia.» Aprovaram as três zonas de ocupação numa Alemanha desmilitarizada e desnazificada. Os americanos ficaram satisfeitos com a reiterada promessa de Estaline de intervir contra o Japão, concordando com as reivindicações soviéticas sobre as ilhas Curilhas e Sacalinhas.

A 8, no fim de mais uma sessão, jantaram com Estaline no Palácio Iussupov, onde os discursos de abertura se tornaram cada vez mais emocionais à medida que os Três Grandes, todos eles envelhecidos pela guerra, contemplavam a vitória. Estaline esteve à altura da ocasião, brindando a Churchill, «um homem que nasce apenas uma vez em cada cem anos e que ajudou a erguer o estandarte da Grã-Bretanha. Disse o que sinto, o que tenho no coração, e de que tenho consciência.» O Supremo estava «no melhor da sua forma», escreveu Brooke, «divertido e cheio de bom humor». Estaline, que não enganava ninguém ao descrever-se a si mesmo como um «velho ingênuo (...) e tagare-

la», brindou ominosamente aos generais «que só são reconhecidos durante a guerra e cujos serviços, acabada a guerra, depressa são esquecidos. Depois da guerra, o prestígio deles vai por aí abaixo e as damas voltam-lhes as costas.» Na altura, os generais não se aperceberam de que ele próprio tencionava esquecê-los.

Este épico jantar contou com uma presença pouco habitual: Estaline convidara um deliciado Béria, que começava a achar sufocante o seu papel secreto. Roosevelt reparou nele e perguntou ao Supremo:

- Quem é aquele, de *pince-nez*, ao lado do embaixador Gromyko?
- Ah, aquele. É o nosso Himmler – respondeu Estaline, com deliberada maldade.
- É o Béria.

O chefe da polícia secreta «não disse nada, limitou-se a sorrir, mostrando os dentes amarelados», mas «a frase deve tê-lo ferido até ao âmago», escreveu Sergo, que sabia como o pai ansiava pisar o palco mundial. Roosevelt ficou perturbado com a resposta, observou Gromyko, especialmente por Béria a ter também ouvido. Os americanos examinaram aquela misteriosa figura com uma espécie de fascínio: «É baixo e gordo, com grossas lentes que lhe dão um ar sinistro, mas muito simpático», disse Kathleen Harriman, enquanto Bohlen o achava «gorducho, pálido, com umas lunetas, como um mestre-escola». Não tardou que Béria, sempre obcecado pelo sexo, estivesse a discutir aspectos da vida sexual dos peixes com o beberrão e mulherengo Sir Archibald Clark Kerr. Então, já completamente embriagado, Sir Archibald pôs-se de pé e brindou a Béria – «o homem que trata dos nossos corpos», um elogio que era tão pouco próprio como desastrado. Churchill considerava Béria o tipo de amigo errado para um embaixador de Sua Majestade:

- Não, Archie, deixe-se disso. Tenha cuidado – disse, agitando um dedo.

A 10 de Fevereiro, durante o jantar oferecido por Churchill, Estaline propôs um brinde à saúde de Jorge VI, fazendo questão de declarar previamente que sempre fora contra os reis porque sempre estivera do lado do povo. Churchill, um tudo-nada irritado, sugeriu a Molotov que, de futuro, se limitasse a brindar «aos três Chefes de Estado». Com apenas cerca de doze convivas presentes, discutiu-se as próximas eleições britânicas, que, na opinião de Estaline, Churchill ia ganhar:

- Quem poderia ser melhor líder do que o homem que conseguiu a vitória?
- Churchill explicou que havia dois partidos.
- Um só partido é muito melhor – respondeu Estaline.

Quando falaram a respeito da Alemanha, Estaline regalou-os com uma história a respeito do «irracional sentido de disciplina» dos Alemães, que já contara repetidamente aos membros do seu séquito. Certa vez, quando chegara a Leipzig para uma conferência comunista, os delegados alemães, ao desembarcarem do comboio, não tinham encontrado qualquer revisor, pelo que tinham esperado duas horas na gare até que aparecesse um.

Depois do último jantar, na antiga sala de bilhar do Livadia, Molotov acompanhou Roosevelt até Saki, entrando no avião presidencial, o *Sacred Cow*, para se despedir.

Churchill passou a noite a bordo do *Franconia*, no porto de Sebastopol, partindo de avião na manhã seguinte. Estaline já ia no seu comboio a caminho de Moscovo. Budapeste caiu dois dias mais tarde.\*

Estaline conseguira dos Aliados praticamente tudo o que queria, o que é de um modo geral atribuído à doença de Roosevelt e à sua susceptibilidade ao *charme* do Supremo. Ambos os ocidentais são acusados de terem «entregado de mão beijada a Europa Oriental a Estaline».† O namoro de Roosevelt a Estaline e a maneira pouco cortês como tratou Churchill foram erros graves. É certo que FDR estava doente e exausto. Mas Estaline sempre acreditara que seria a força a decidir quem governaria a Europa de Leste, entretanto ocupada por 10 milhões de soldados soviéticos. Ele próprio contou, depois da guerra, uma anedota que mostra bem a sua perspectiva sobre Ialta: «Churchill, Estaline e Roosevelt foram à caça. Finalmente, conseguiram matar um urso. Churchill disse: "Eu fico com a pele. Roosevelt e Estaline que dividam a carne." Ao que Roosevelt disse: "Não, eu fico com a pele. Churchill e Estaline que dividam a carne." Estaline não dizia nada, de modo que Churchill e Roosevelt lhe perguntaram: "Então, senhor Estaline, que diz?" Estaline limitou-se a responder: "O urso pertence-me. Ao fim e ao cabo, fui eu que o matei."» O urso é Hitler, e a pele do urso é a Europa de Leste.

A 8 de Março, enquanto decorriam as operações para limpar a Pomerânia, Estaline chamou Zhukov a Kuntsevo para uma estranha reunião que assinalou a apoteose da íntima mas melindrosa parceria entre os dois. O Supremo estava doente e «extremamente exausto». Parecia deprimido. «Trabalhara de mais e dormira de menos», pensou Zhukov. A batalha de Berlim estava no seu último grande esforço. Posteriormente, não conseguiria continuar a manter este ritmo de trabalho. E não era o único: Roosevelt estava às portas da morte; Hitler, quase senil; Churchill, frequentemente doente. A guerra total cobrava um imposto total aos que a faziam. O Estaline que emergiu do conflito era ao mesmo tempo mais sentimental e mais mortífero.

– Vamos dar um passeio para esticar as pernas – sugeriu Estaline. – Sinto-me perro. Enquanto passeavam, falou da sua infância durante uma hora.

– Voltemos para dentro beber um chá. Há uma coisa que quero discutir consigo.

---

\* Há, nos arquivos, uma nota intrigante a respeito de Churchill: um tal general Gorbatov comunica a Béria, a 5 de Maio, que tinham sido enviadas ordens ao destacamento do NKVD adstrito ao exército do general Malinovski, na Hungria, para procurar uma parente de Winston Churchill chamada Betsy Ponrantz, e que esta tinha sido encontrada. O significado não é claramente preciso, mas nenhum dos membros da família de Churchill tinha alguma vez ouvido falar desta «parente». A filha sobreviva de Sir Winston, Lady Soames, desconhece a existência desta parente possivelmente húngara: «Talvez o senhor Béria e o NKVD tenham percebido mal», sugere.

† Se houve entrega de mão beijada, aconteceu provavelmente muito mais cedo, em Outubro de 1943, durante a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Moscovo. Em todo o caso, Estaline ficou certamente deliciado por sair de Ialta com a assinatura do ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Eden, que estipulava a entrega de todos os ex-prisoneiros de guerra «sovieticos», muitos deles cossacos brancos emigrados durante a Guerra Civil e que tinham lutado ao lado dos nazis. Muitos deles foram fuzilados ou pereceram no Gulag.

Encorajado por esta intimidade, Zhukov perguntou por Iakov:

– Sabe o que lhe aconteceu?

Estaline não respondeu. A sorte do filho atormentava-o. Ao cabo de cerca de cem passos em silêncio, disse, «numa voz contida»:

– O Iakov não vai conseguir sobreviver ao cativeiro. Vão fuzilá-lo, os assassinos. Tanto quanto sabemos, têm-no mantido separado dos outros prisioneiros... a tentar convencê-lo a trair o seu país. – Ficou novamente calado, e então acrescentou: – Não, o Iakov preferiria qualquer espécie de morte a trair a pátria.

Orgulhava-se finalmente do filho, mas não sabia que ele tinha morrido havia já quase dois anos. Estaline não comeu, mas sentou-se à mesa: «Que guerra terrível. Quantas vidas do nosso povo roubadas. Deve haver poucas famílias que não tenham perdido alguém que lhes fosse querido.» Falou de como gostava de Roosevelt. Ialta fora um êxito total. Nesse momento, Poskrebichev entrou com o seu saco de papéis, e Estaline voltou a sua atenção para Berlim:

– Vá ao Stavka e dê uma vista de olhos aos cálculos para a operação de Berlim...

Três semanas mais tarde, a 1 de Abril, o Supremo reuniu-se em conferência com os seus dois generais mais agressivos, Zhukov, da 1.<sup>a</sup> Frente Bielorrussa, e Koniev, da 1.<sup>a</sup> Frente Ucraniana.

– Bem, quem vai tomar Berlim? Nós, ou os Aliados?

– Nós é que vamos tomar Berlim! – ladrou Koniev, antes que Zhukov pudesse sequer responder.

– É então desses – disse Estaline, sorrindo aprovadoramente.

Zhukov atacaria Berlim a partir das cabeças-de-ponte do Oder, transpondo os montes Seelow; Koniev avançaria sobre Leipzig e Dresden, com o seu flanco norte a inflectir para o Sul de Berlim, em paralelo com Zhukov. O mestre da ambiguidade deixou que ambos os generais pensassem que iam tomar Berlim: «sem dizer uma palavra», Estaline traçou a linha de demarcação das frentes dentro de Berlim – e então parou e apagou a linha a sul da cidade. Koniev entendeu isto como uma autorização para se juntar ao ataque à capital alemã... se pudesse. «Que aquele que chegar primeiro», desafiou-os o Supremo, «tome Berlim.» Naquele mesmo dia, naquilo que um historiador descreveu como a maior peta do dia das mentiras de toda a História moderna, Estaline afirmou a Eisenhower que «Berlim perdeu a sua antiga importância estratégica». Dois dias mais tarde, os dois marechais russos faziam uma autêntica corrida até ao aeroporto, e os aviões de ambos descolaram com minutos de diferença. Tal era, admitiu Koniev, o «seu apaixonado desejo» de conquistar o prémio.

Enquanto preparavam as suas forças, Roosevelt morreu. Para Estaline, foi o fim de uma era. A *entente* entre os dois conquistara-lhe a avara confiança e despertara a sua escassa simpatia humana. Molotov «parecia profundamente comovido e perturbado». Nunca Harriman o ouvira «falar com tanta veemência». Estaline, «profundamente emocionado», recebeu Harriman, segurando-lhe a mão durante trinta segundos. Anos mais tarde, de férias na sua *dacha* de Nova Atos, Estaline diria que «Roosevelt foi um

grande estadista, um líder inteligente, culto, de vistos largas e liberal que prolongou a vida do capitalismo (...).»

As cinco da madrugada de 16 de Abril, Zhukov desencadeou uma barragem de artilharia, com 14.600 canhões, contra os montes Seelow. Os dois marechais comandavam 2,5 milhões de homens, 41.600 canhões, 6250 tanques e 7500 aviões, «a maior concentração de poder de fogo jamais mobilizada». Mas os montes eram um obstáculo bem defendido. Zhukov sofreu baixas terríveis. À meia-noite, telefonou a Estaline, que o provocou:

– Então, subestimou as forças do inimigo no eixo de Berlim? As coisas começaram melhor para o Koniev.

Logo a seguir, o Supremo contactou Koniev.

– As coisas estão más para o Zhukov. Ainda está a martelar as defesas. – Calou-se. Koniev, que sabia como funcionava a cabeça de Estaline, manteve silêncio até que ele perguntou: – É possível transferir os tanques do Zhukov e mandá-los para Berlim através de uma brecha na sua frente?

Koniev respondeu excitadamente que os seus próprios tanques podiam atacar Berlim. Estaline estudou o mapa.

– Concordo. Mande os seus blindados para Berlim.

Zhukov estava, porém, decidido a ser ele a tomar Berlim. Ignorando a sabedoria convencional em matéria de tanques, atacou os montes com blindados que se atasavam no atoleiro formado por terra pulverizada e cadáveres. Perdeu 30.000 homens. Estaline deixou passar três dias antes de voltar a falar com ele.

A 20 de Abril, Zhukov chegou aos subúrbios orientais de Berlim. Ambos os marechais avançaram, combatendo casa a casa, rua a rua, em direcção à Chancelaria de Hitler. A 25, Koniev ordenou o assalto ao Reichstag. A trezentos metros do edifício do Parlamento alemão, Chuikov, que comandava a ponta de lança do ataque de Zhukov, encontrou forças russas: os tanques de Koniev. Zhukov em pessoa correu para a frente e gritou a Rybalko, o comandante dos blindados de Koniev:

– Que vieram vocês aqui fazer?

Koniev, desapontado, infletiu para oeste, deixando o Reichstag para Zhukov, mas Estaline ofereceu outro prémio:

– Quem vai tomar Praga?

Estaline esperou em Kuntsevo, só aparecendo no gabinete por volta da meia-noite, todos os dias, demorando-se um par de horas. A 28 de Abril, no *Führerbunker*, Hitler desposou Eva Braun, ditou o seu testamento e ambos beberam champanhe.\* Dois dias mais tarde, com Zhukov a aproximar-se cada vez mais, testou uma cápsula de cianeto no seu pastor-alemão, «Blondi». Por volta das 15:15, ouvindo os sons distantes da

\* Nos níveis superiores do *bunker*, a secretária de Hitler descobriu que «uma espécie de febre erótica parecia ter-se apoderado de toda a gente. Vi por todo o lado, até na cadeira do dentista, corpos enlaçados em abraços lascivos. As mulheres, desdenhando todo o pudor, expunham livremente as suas partes privadas.»

festa que decorria lá em cima, suicidou-se com um tiro na cabeça. Eva ingeriu veneno. Goebbels e Borman fizeram uma última saudação nazi antes de cremarem o corpo do *Führer* nos jardins da Chancelaria. Às sete e meia da tarde, um Estaline ainda ignorante destes factos chegou ao gabinete para se reunir com Malenkov e Vichinski durante quarenta e cinco minutos antes de regressar a Kuntsevo.

Na madrugada de 1 de Maio, o chefe do Estado-Maior-General alemão visitou Chuikov, anunciando a morte de Hitler e pedindo um cessar-fogo. Ironicamente, era o mesmo Hans Krebs, o alto oficial alemão a quem Estaline dissera, enquanto se despedia dos japoneses, em Abril de 1941: «Havemos de continuar a ser amigos.» Chuikov recusou um cessar-fogo. Krebs retirou-se e cometeu suicídio. Numa inversão do 22 de Junho de 1941, Zhukov, ansioso por divulgar a histórica notícia, ligou para Kuntsevo. Mais uma vez, os homens da segurança recusaram cooperar.

– O camarada Estaline acaba de ir para a cama – respondeu Vlasik.

– Acorde-o, por favor – retorquiu Zhukov. – O assunto é importante e não pode esperar até amanhã.

Estaline pegou no telefone e ficou a saber que Hitler estava morto.

– É então o fim desse biltre.



N O N A P A R T E

O PERIGOSO JOGO  
DA SUCESSÃO,  
1945–1949

44  
A BOMBA

– Foi pena não termos conseguido apanhá-lo vivo – disse Estaline a Zhukov. – Onde está o corpo?

– Segundo o general Krebs, o corpo foi cremado.

Estaline pôs de parte a hipótese de negociações, a não ser com vista a uma rendição incondicional.

– E não me telefone antes da manhã, se não houver nada urgente. Quero descansar um pouco antes do desfile de amanhã.

Às 10:15, a artilharia de Zhukov bombardeou o centro da cidade. Na madrugada do dia 2, Berlim era dele. A 4 de Maio, um coronel do Smersh descobriu os restos calcinados de Hitler e Eva. Os corpos foram levados. Zhukov não foi avisado. Estaline divertiu-se inclusivamente a humilhar o marechal perguntando-lhe se sabia alguma novidade a respeito do cadáver de Hitler.\* Entretanto, o Supremo estava fascinado pela chefia nazi: «Envio-lhe (...) a correspondência dos principais chefes alemães (...) encontrada em Berlim», escreveu-lhe Béria, fazendo a lista das cartas de Himmler para Ribbentrop.

Depois da guerra, durante um jantar tardio junto à costa do mar Negro, alguém perguntou a Estaline se Hitler tinha sido um lunático ou um aventureiro.

---

\* O maxilar inferior e uma parte do crânio ficaram em Moscovo; o resto do cadáver foi examinado pelo Smersh e em seguida enterrado ao lado de uma garagem na base militar soviética de Magdeburgo, onde permaneceu até que, em Abril de 1970, o director do KGB Iuri Andropov ordenou que fosse cremado e as cinzas dispersadas.

«Concordo que era um aventureiro, mas não penso que fosse louco. Hitler era um homem dotado. Só um homem dotado poderia ter unido o povo alemão. Quer gostemos quer não (...), o exército soviético atravessou todo o território da Alemanha (...) e chegou a Berlim sem que a classe operária alemã se erguesse uma única vez (...) contra o regime fascista. Poderia um louco unir desta maneira toda uma nação?»

A 9 de Maio, Moscovo festejou o Dia da Vitória, mas o irascível conquistador estava descontente com as celebrações. Estaline ficou furioso quando um general desconhecido aceitou a rendição alemã em Reims e, passeando impacientemente de um lado para o outro, ordenou a Zhukov que assinasse uma rendição como devia ser em Berlim, «de onde partiu a agressão alemã». Mas os dias de glória dos generais tinham acabado: Vichinski chegou para «tratar das questões políticas» e passou a cerimónia inteira a «pôr-se de pé para murmurar instruções ao ouvido de Zhukov». Estaline vigiava atentamente o marechal e as suas supostas ilusões de grandeza. Mais tarde, nesse mesmo ano, chamou-o ao Kremlin para o avisar de que Béria e Abakumov andavam a reunir provas contra ele:

– Não acredito nesses disparates, mas mantenha-se afastado de Moscovo.

O que não constituía problema, uma vez que Zhukov era o procônsul do Supremo em Berlim. Estaline enviou os seus sátrapas para governarem o novo império. Mikojan recebeu o encargo de alimentar os Alemães. Malenkov e Voznessenski chegaram e debateram se deviam saquear a indústria alemã ou preservá-la para construir um regime soviético satélite. Zhdanov reinava na Finlândia, Bulganine na Polónia, Vichinski na Roménia. Quando Khrushchev telefonou para o felicitar, Estaline ralhou-lhe por estar a fazê-lo «perder tempo».

Um telefonema de Svetlana animou-o um pouco.

– Parabéns pela vitória, papá!

– Sim, ganhámos. – Riu-se. – Parabéns para ti também!

A 24 de Maio, às oito da noite, Estaline ofereceu, no Salão Georgevski, um banquete para o qual convidou os membros do Politburo e os marechais, cantores, actores e até mineiros polacos. Houve um engarrafamento de limusinas que se estendeu até à Porta Borovitski. Os convidados encontraram os respectivos lugares e aguardaram ansiosamente. Quando Estaline apareceu, «ovações e “hurras!” fizeram estremecer as salas abobadadas (...) com um rugido ensurcedor». Molotov brindou aos marechais, que entrechocaram copos com os membros do Politburo. Quando o almirante Isakov, que perdera uma perna em 1942, foi brindado, Estaline, sempre um mestre do toque pessoal, deslocou-se até à mesa distante onde ele se encontrava para o cumprimentar. Em seguida, elogiou o povo russo e referiu os seus próprios erros: «Outro povo podia ter dito ao governo: não corresponderam às nossas expectativas, por isso vão-se embora, e nós instalaremos outro governo que faça a paz com os alemães e nos garanta uma vida tranquila.»

Mais tarde, perguntou a Zhukov e aos outros marechais:

– Não acham que devíamos festejar a derrota da Alemanha fascista com um desfile de vitória?

Estaline decidiu assistir ao desfile montado a cavalo. Não sabia montar, mas a sua fome de glória continuava a arder, de modo que começou a treinar secretamente com um garanhão árabe branco escolhido por Budeny. Por volta de 15 de Junho, uma semana antes da parada, Estaline, de calção, bota e espora, segundo parece acompanhado por Vassili, montou o garanhão. Tocou com as esporas nos flancos do cavalo, que se empinou. Estaline agarrou-se às crinas e tentou manter-se na sela, mas foi derrubado, magoando um ombro. Pondo-se de pé, cuspiu:

– O Zhukov que comande a parada. É de cavalaria.

Em Kuntsevo, perguntou a Zhukov se ainda sabia montar.

– Sei – respondeu Zhukov. – Ainda monto, de vez em quando.

– Óptimo... Comande a parada.

– Obrigado pela honra, mas... o camarada é o Supremo, cabe-lhe a si o privilégio.

– Estou demasiado velho... Vá você. É mais novo.

Zhukov montaria um garanhão árabe branco que Budeny lhe mostraria. No dia seguinte, Zhukov assistia ao ensaio do desfile, no aeródromo central, quando Vassili Estaline o abordou:

– Estou a dizer-lhe isto no maior segredo. O meu pai estava a preparar-se para comandar a parada, mas... há três dias, o cavalo empinou-se...

– E que cavalo estava o seu pai a montar?

– Um garanhão árabe branco. O mesmo que o senhor vai montar.

Zhukov dominou o cavalo.

Às 09:57 da manhã de 24 de Junho, Zhukov montou o garanhão branco junto à Porta Spasski. Chovia a cãntaros. Os relógios bateram as dez.

«O meu coração começou a bater mais depressa», escreveu Zhukov. Simultaneamente, o marechal Rokossovski, montado no corcel negro do próprio Budeny, apropriadamente chamado «Polus» – o Polaco –, esperava junto à Porta Nikolski. Estaline, de capote vestido, com um rosto sem expressão, avançou sozinho, lenta e pesadamente, e então subiu com ligeireza os degraus do Mausoléu, com Béria e Malenkov a suar, ofegantes, no esforço de acompanhá-lo. Quando a multidão o viu, os «hurras!» ecoaram pela praça. A chuva caía, a água a escorrer-lhe pela pala da barretina. Nem uma única vez limpou a cara. Quando os sinos tocaram, Zhukov e Rokossovski apareceram a cavalo, ambos encharcados, a banda tocou o *Slavysa* – «Glória a Ti» – de Glinka, os tanques e os *Katyushas* desfilaram estrepitosamente pelo empedrado. Fez-se silêncio na Praça Vermelha. Então «ouviu-se o rufar ameaçador de centenas de tambores», escreveu Iakovlev. «Marchando numa formação precisa, martelando o chão com um cadência férrea, aproximou-se uma coluna de soldados soviéticos.» Duzentos veteranos, empunhando cada um deles um estandarte nazi. Diante do Mausoléu, rodaram à direita e baixaram as bandeiras, brasonadas com suásticas vermelhas e negras, aos pés de Estaline, onde a água as empapou. Ali estava o clímax da vida do Supremo.

Logo que a parada terminou, Estaline e os altos chefes recolheram à sala nas traseiras do Mausoléu, para comer e beber. Foi ali, segundo o almirante Kuznetsov, que um dos marechais, provavelmente Koniev, propôs promover Estaline a generalíssimo. Ele recusou com um gesto da mão, mas então declarou que estava já com sessenta e sete anos e muito cansado:

— Vou trabalhar mais dois ou três anos, e depois terei de retirar-me.

Os marechais e o Politburo gritaram em coro que havia de viver para governar o país ainda por muitos anos. Durante as bem bebidas festividades, o Supremo riu quando Poskrebichev tirou dissimuladamente a adaga ceremonial do uniforme diplomático de Vichinski e a substituiu por um *pickle*. Para grande gáudio de Estaline, o pomposo ex-procurador andou todo o dia a pavonear-se de um lado para o outro com o vegetal enfiado na bainha, por entre os sorrisos dos potentados.

Nessa noite, no banquete oferecido a 2500 oficiais, Estaline, que estava já a pensar em como apertar a disciplina e reforçar a União, brindou ao «povo russo (...)» e aos «parafusos», as pessoas comuns, «sem as quais todos nós, marechais e comandantes de frentes e de exércitos (...), não valeríamos um chavo».

Nestes brindes cuidadosamente fraseados, Estaline definiu um marcador para os seus cortesãos. Os marechais «não valiam um chavo» em comparação com o povo russo que só o partido (Estaline) podia representar. A sua conversa a respeito de retirar-se desencadeou uma luta brutal entre homens implacáveis pela sucessão de um imperador do século XX que não tinha a mínima intenção de retirar-se. Nos cinco anos seguintes, três dos contendores iriam morrer.

A proposta de Koniev a Molotov e Malenkov no sentido de promover Estaline a generalíssimo, para o distinguir dos marechais, não era totalmente ruritaniana – Suvorov fora generalíssimo –, mas tinha um leve toque de *junta* sul-americana. Estaline era contra a ideia. Já possuía todo o prestígio de um conquistador mundial, «uma divindade (...), um feio anão que se passeava por dourados salões de mármore», mas os potentados estavam decididos a honrá-lo com o título de Herói da União Soviética, mais uma Ordem da Vitória e a patente de generalíssimo.

— O camarada Estaline não precisa dela – respondeu ele a Koniev. — O camarada Estaline tem toda a autoridade sem ela. Que raio de título foi arranjar. O Chiang-Kai-chek é generalíssimo. O Franco é generalíssimo... Ia ficar em bela companhia!

Kaganovitch, o orgulhoso inventor do «estalinismo», sugeriu também que Moscovo fosse rebaptizada com o nome de Estalinodar, uma ideia sugerida em primeira mão por Iezhov, em 1938. Estaline «escandalizou-se»: «Para que preciso eu disso?»

O cortesão avisado sente quando o amo quer que ele desobedeça. Malenkov e Béria convenceram Kalinine a assinar o decreto. Três dias depois da parada, o *Pravda* anunciava a nova patente de Estaline e a entrega da estrela de ouro de Herói da União Soviética. Estaline ficou furioso e chamou à sua presença Molotov, Malenkov, Béria, Zhdanov e o velho Kalinine, já muito doente com um cancro no estômago. «Não comandei regimentos no campo de batalha (...). Recuso a estrela, por imerecida.» Eles

argumentaram, mas o Supremo insistiu: «Digam o que quiserem. Não aceito a condecoração.» Todos notaram, porém, que tivera o cuidado de aceitar a patente de generalíssimo.

Uma vez que os marechais pareciam agora árvores de Natal ambulantes, carregados de tranças de fio de ouro e tilintantes medalhas, o uniforme de generalíssimo tinha de ser ultra-especial: o alfaiate da elite, Lerner, criou uma extravagância ruritaniana, com uma capa dourada. Khrulev vestiu três encorpados oficiais com as göringuescas vestimentas. Quando Estaline saiu do gabinete para falar com Poskrebichev, rosnou:

– Quem são eles? Que está esse pavão a fazer aqui?

– São amostras do uniforme de generalíssimo.

– Não servem para mim. Preciso de qualquer coisa mais modesta... Querem que pareça um porteiro?

Finalmente, o Supremo aceitou um dólmán branco de gola alta enfeitada com dourados e umas calças listadas de preto e vermelho que o faziam parecer um chefe de banda de música, se não um porteiro de Park Avenue. Quando vestiu o uniforme, arrependeu-se, murmurando para Molotov: «Por que foi que aceitei?»

Faltava a estrela de Herói da União Soviética: como convencê-lo a aceitá-la? É aqui que a corte de Estaline se dissolve num libreto de ópera bufa, com o intratável generalíssimo a ser praticamente perseguido de uma ponta à outra de Moscovo por cortesãos que tentam espetar-lhe a medalha no peito. Malenkov foi o primeiro a aceitar a tentativa, mas Estaline nem o quis ouvir. Em seguida, recrutaram Poskrebichev, que aceitou o encargo mas desistiu quando o Supremo resistiu energicamente. Béria e Malenkov experimentaram Vlasik, que não conseguiu melhor. Decidiram então que o melhor seria emboscar Estaline quando andasse a jardinar, porque ele amava as suas rosas e limoeiros, de modo que convenceram Orlov, o comandante de Kuntsevo, a apresentar-lha. Quando Estaline pediu as tesouras para podar as suas adoradas roseiras, Orlov levou-lhas, mas mantendo a estrela escondida atrás das costas, sem saber o que fazer com ela.

– O que é que estás a esconder? – perguntou Estaline. – Mostra cá.

A medo, Orlov mostrou a estrela. Estaline irritou-se:

– Devolve-a aos que inventaram este disparate! – gritou, mas, no fim, acabou por aceitar a medalha: «Estão a mimar um velho. Não vai ser bom para a minha saúde!»

Estaline não aceitou a patente de generalíssimo só para se juntar a Franco. A vaidade misturou-se com a política: aquilo ajudava a rebaixar o perigosamente prestigiado macharelato. A 9 de Julho, agouou ainda mais a honraria ao promover Béria, a besta negra dos militares, a marechal, tornando-o igual de Zhukov e Vassilevski.

O humor do vitorioso podia, no entanto, ser arrepiante. Cada vez que encontrava Nosenko, comissário da Construção Naval, perguntava-lhe: «Então, ainda não o prenderam?» Numa outra ocasião disse-lhe, a rir: «Nosenko, ainda não o fuzilaram?» E sempre Nosenko respondia com um sorriso amarelo. Por fim, durante uma celebratória reunião do Sovnarkom, o Supremo declarou:

– Acreditámos na vitória... e nunca perdemos o sentido de humor. Não é verdade, camarada Nosenko?

\* \* \*

Uma semana mais tarde, Estaline, que, segundo Gromyko, «parecia agora sempre cansado», embarcou no comboio blindado com onze carruagens para a jornada até Potsdam: fez, em quatro carruagens verdes – que tinham sido retiradas do comboio do czar guardado num qualquer museu –, um percurso de exactamente 1923 quilómetros, segundo Béria, que organizou aquela que foi talvez a mais apertada de todas asseguranças para um potentado em viagem. «Para garantir a segurança adequada», escreveu a Estaline, «1515 homens do pessoal operacional do NKVD/GB e 17.409 soldados do NKVD estão colocados pela seguinte ordem: em território da URSS, 6 homens por quilómetro; em território polaco, 10 homens por quilómetro; em território alemão, 15 homens por quilómetro. Além disto, o percurso do comboio especial será patrulhado por 8 comboios armados – 2 na URSS, 2 na Polónia e 4 na Alemanha.» Havia, «para garantir a segurança do chefe da delegação soviética», sete regimentos do NKVD e 900 guarda-costas. A segurança interior «será assegurada pelo pessoal operacional do NKGB», disposto em «três círculos concêntricos de segurança, no total de 2041 homens do NKVD». Dezasseis companhias do NKVD eram responsáveis só por guardar as linhas telefónicas, enquanto onze aviões permitiam ligações rápidas com Moscovo. Em caso de necessidade urgente, estavam de prevenção os três aviões pessoais de Estaline, incluindo um *Dakota*. A polícia secreta «garantiria a ordem e a purga de elementos anti-soviéticos» em todas as estações e aeroportos.\*

Na noite que antecedeu a sua chegada a Potsdam, Estaline telefonou a Zhukov:

– Não se lhe meta na cabeça receber-nos com guarda de honra e banda. Vá pessoalmente à estação e leve consigo quem considerar necessário.

Às cinco e meia da madrugada de 16 de Julho, o dia em que Estaline chegou a Potsdam, os Estados Unidos testaram, no Novo México, uma bomba nuclear que ia mudar tudo e, de muitas maneiras, estragar o triunfo do Supremo. A notícia foi telegrafada a Harry S. Truman, que sucedera a Roosevelt na presidência, com o eufemismo do século:

«Os bebés nasceram satisfatoriamente.»

Estaline e Molotov, acompanhados por Poskrebichev, Vlasik e Valechka, encontraram a gare praticamente deserta, exceptuando Zhukov, Vichinski e uma mesa com três telefones ligados ao Kremlin e aos exércitos. «Bem-disposto», Estaline cumprimentou

\* O NKVD tinha reparado todos os sistemas eléctricos de Babelsberg e, como em Ialta, levara inclusivamente o seu próprio corpo de bombeiros. Mais, Estaline tinha o seu próprio «armazém organizado de abastecimentos económicos com vinte frigoríficos (...) e três quintas – uma quinta de criação de gado, uma quinta de criação de aves de capoeira e uma quinta de cultivo de legumes», além de «duas padarias especiais com pessoal de confiança e capazes de cozer 850 kg de pão por dia».

com o chapéu e subiu para a limusina ZiS 101 blindada, mas então voltou a abrir a porta e convidou Zhukov a acompanhá-lo até à sua residência em Babelsberg, «uma moradia de pedra de dois pisos», com «quinze quartos e uma varanda aberta», informou-o Béria, «equipada com electricidade, aquecimento e uma central telefónica VCh com capacidade para 100 números». Tinha pertencido a Ludendorff. Estaline detestou o extravagante mobiliário e ordenou que a maior parte fosse removida – como certa vez fizera no seu apartamento no Kremlin.

Chegou atrasado à conferência, mas isso pouco importava: as grandes decisões tinham sido tomadas em Ialta. Os outros líderes tinham chegado a 15 e ido visitar a Chancelaria de Hitler. Béria, que já se encontrava em Berlim para supervisionar os preparativos, acompanhado pelo filho Sergo, estava desejoso de ver as ruínas, mas esperara obedientemente para pedir a autorização do Supremo. Estaline recusou ir, não era nenhum turista. E assim Béria, envergando um fato largo e camisa de colarinho aberto, foi sozinho com o imaculado Molotov.

Ao meio-dia de terça-feira, 17, Estaline, resplandecente no seu uniforme de generalíssimo, chegava à «Pequena Casa Branca» de Truman para o primeiro encontro entre os dois. O novo presidente nada disse a respeito do tópico que iria dominar a conferência. Sergo Béria escreveu que o pai, informado por espiões do projecto nuclear americano, deu a notícia a Estaline durante essa semana: «Não sabia na altura, pelo menos não da parte dos americanos», foi como Estaline pôs a questão. Béria falara-lhe pela primeira vez do Projecto Manhattan em Março de 1942: «Temos de começar», dissera Estaline, encarregando Molotov do assunto. Mas, sob a liderança do «Cu-de-Ferro», as coisas avançavam com exasperante e ponderosa lentidão. Finalmente, em Setembro de 1944, o mais destacado cientista nuclear russo, o Professor Igor Kurtchatov, escreveu a Estaline para denunciar o lento Molotov e pedir que Béria assumisse o comando. Estaline tinha uma ideia muito limitada da importância mundial da fissão nuclear e dos vastos recursos que ia exigir. Ele e Béria desconfiavam dos seus próprios cientistas e espiões. Mesmo assim, ambos estavam conscientes da urgência de conseguir urânio, e por duas vezes durante a Conferência debateram a melhor maneira de reagir aos americanos.\* Tinham combinado que Estaline «fingiria não compreender», quando o tema fosse abordado. Mas, até ao momento, Truman nada dissera. Discutiram a entrada da Rússia na guerra contra o Japão. Truman convidou Estaline para almoçar com ele, mas o Supremo declinou.

– Podia, se quisesse – disse Truman.

Estaline ficou muito pouco impressionado com aquele camiseiro do Missouri, que não era substituto à altura de FDR. «Não se podiam comparar», diria mais tarde.

\* Béria tinha obtido uma grande quantidade de urânio no decurso de uma operação especial nas ruínas de Berlim: ele e Malenkov comunicaram a Estaline a descoberta de «250 kg de urânio metálico, 2 toneladas de óxido de urânio e 20 litros de água pesada» no Instituto Kaiser Guilherme, além da captura de um certo número de destacados físicos alemães, tendo todo este tesouro sido secretamente enviado para a URSS. Roy Medvedev, no seu *Neizvestnyi Stalin*, afirma que Béria só falou a Estaline do teste americano a 20 ou 21 de Agosto, mas não sabemos qual foi a data exacta.

«Truman não é culto nem inteligente.» (Truman, pelo contrário, ficou encantado: «Gosto de Estaline!» Mas, reveladoramente, o líder soviético fazia lembrar ao presidente e o seu patrono, T. J. Pendergast, o patrão da máquina política de Kansas City.)

Estaline, cada vez mais consciente da sua imagem, optou pela magnificência branca e dourada do uniforme de generalíssimo, ostentando apenas a estrela de ouro de Herói da União Soviética, e foi o último a chegar para a primeira sessão no Palácio de Cecilienhof, construído, em 1917, pelo último príncipe real, troçando da sua grandiosidade kaiseriana: «Hum. Nada de especial», disse a Gromyko. «Modesto. Os czares russos construíam coisas bem mais sólidas.» Na Conferência, sentou-se entre Molotov e o seu intérprete, Pavlov, flanqueado por Vichinski e Gromyko. Foram trazidas taças de champanhe para brindar à Conferência. Churchill, a fumar um charuto, aproximou-se de Estaline, que fazia o mesmo. Se alguém fotografasse o generalíssimo com um charuto, ia «causar uma enorme sensação», disse Churchill, com um sorriso, «Todos diriam que era por minha influência.» A realidade era que a influência britânica surgia grandemente diminuída na nova ordem mundial das superpotências, que podiam chegar a acordo quanto à desnazificação da Alemanha mas não quanto às reparações de guerra nem quanto à Polónia. Agora que Hitler desaparecera, as diferenças eram enormes.

Quando Estaline decidiu que queria dar um passeio pelos jardins no final de uma sessão, um delegado britânico ficou estupefacto ao ver um «pelotão de soldados russos, de espingarda-metralhadora empunhada e em formação de combate, e logo a seguir numerosos guardas e unidades do exército do NKVD. Finalmente, apareceu o Tio José, a pé, rodeado pelo habitual bando de rufiões, seguido por outro pelotão de soldados. O enorme oficial que se senta sempre atrás do Tio nas reuniões parecia comandar todo aquele aparato e corria de um lado para o outro, ordenando aos soldados das metralhadoras que cobrissem todos os caminhos.» Umas centenas de metros mais à frente, Estaline enfiou-se na limusina e desapareceu.

Às 20:30 de 18, Churchill jantou na *villa* Ludendorff, notando que Estaline estava doente, «fisicamente oprimido». Enquanto fumavam charutos, discutiram o poder e a morte. Estaline admitiu que era a monarquia que mantinha unido o Império Britânico, talvez pensando em como ele próprio mantinha unido o seu.\* Não sendo propriamente um especialista em questões eleitorais, previu que Churchill ia ganhar a reeleição por uma margem de oito lugares. Reflectiu então que, no Ocidente, as pessoas se perguntavam o que ia acontecer quando ele morresse, mas estava «tudo preparado». Tinha promovido «os homens certos, preparados» para o substituir.

\* Estaline era um regicida que se comparava constantemente aos monarcas. Disse inclusivamente, em tom de brincadeira, a um visitante jugoslavo: «Talvez eu e o Molotov devêssemos casar com princesas», uma perspectiva que sem dúvida fez passar um arrepió pelo *Almanaque de Gotha*. Não se importava de usar as monarquias quando necessário, aconselhando Tito a restaurar o jovem rei da Jugoslávia: «Pode sempre cravar-lhe uma faca nas costas, quando não estiver ninguém a ver.»

Finalmente, a 24 de Julho, dois momentos monumentais simbolizaram o fim iminente da Grande Aliança. Primeiro, Churchill atacou Estaline por ter isolado a Europa Ocidental, referindo os problemas da missão britânica em Bucareste:

– Uma vedação de ferro desceu à volta deles – disse, ensaiando a frase que havia de tornar-se «a cortina de ferro».

– Histórias da carochinha! – replicou Estaline.

A reunião acabou às 19:30. Estaline dirigiu-se para a saída, mas Truman pareceu correr atrás dele. Pavlov, o intérprete, surgiu imediatamente ao lado do Supremo. Churchill, que tinha discutido aquele momento com o presidente americano, ficou a ver, fascinado, como Truman se aproximava do generalíssimo, «como que por acaso», nas palavras de Estaline.

– Os Estados Unidos – disse Truman – testaram uma bomba de extraordinário poder destruidor.

Pavlov observava atentamente Estaline: «Nem um músculo se moveu na cara dele.» Limitou-se a dizer que ficava contente por sabê-lo:

– Uma nova bomba! De extraordinária potência! Provavelmente decisiva contra os japoneses! Que sorte!

Estava a seguir o plano traçado com Béria de não dar satisfação aos americanos, mas continuava convencido de que estes estavam a fazer os seus joguinhos. «Uma bomba atómica é uma arma completamente nova, e não foi exactamente isso que Truman disse.» Reparou também no ar satisfeito do primeiro-ministro britânico: Truman falou «com o conhecimento de Churchill».

De regresso à *villa* de Ludendorff, Estaline, acompanhado por Zhukov e Gromyko, transmitiu imediatamente a Moscovo a conversa que acabava de ter. Mas sabia que, de momento, os americanos tinham apenas uma ou duas bombas – ainda havia tempo de os apanhar.

– Estão a subir o seu preço – disse Molotov, que estava encarregado do projecto nuclear.

– Eles que subam – respondeu Estaline. – Vamos ter de falar com o Kurtchatov e dizer-lhe que acelere as coisas.

Kurtchatov queixou-se de que precisava de mais energia eléctrica e não tinha tractores suficientes. Estaline ordenou imediatamente cortes de corrente em várias zonas povoadas e deu-lhe duas divisões de tanques para servirem de tractores. A importância revolucionária da Bomba estava ainda a ser assimilada quando o primeiro engenho foi lançado sobre Hiroshima. Só então Estaline começou a aperceber-se da escala de recursos necessários.

Convocou uma reunião com Molotov e Gromyko, durante a qual anunciou:

– Os nossos aliados disseram-nos que os Estados Unidos possuem uma nova arma. Falei com o nosso físico Kurtchatov logo que Truman me informou. A verdadeira questão é: devem os países que possuam a bomba competir simplesmente uns com os

outros ou... devem procurar uma solução que signifique a proibição da sua produção e uso?

Compreendia que a América e a Grã-Bretanha «estão na esperança de que nós não consigamos desenvolver a bomba ainda durante algum tempo (...)» e «querem forçar-nos a aceitar os planos deles. Pois bem, isso não vai acontecer.» Amaldiçoou-os, usando aquilo a que Gromyko chamou uma «linguagem madura», e em seguida perguntou ao diplomata se os Aliados tinham ficado satisfeitos com todos os acordos.

– Churchill ficou tão fascinado com as nossas sinaleiras nos seus magníficos uniformes que deixou cair cinza de charuto em cima do fato – respondeu Gromyko. Estaline sorriu.

Na manhã seguinte, Churchill e o líder trabalhista, Clement Attlee, regressaram a Londres, onde descobriram que o senhor da guerra tinha sido rotundamente derrotado nas eleições gerais, pondo deste modo fim ao triunvirato de Teerão e Ialta. Estaline preferia Roosevelt, mas admirava mais Churchill: «Um político poderoso e astuto», diria dele, em 1950. «Durante os anos da guerra, comportou-se como um cavalheiro e conseguiu muito. Era a personalidade mais forte de todo o mundo capitalista.»

Entretanto, Estaline encontrou-se com o filho, Vassili, agora colocado na Alemanha, que lhe disse que os aviões soviéticos continuavam a ser inferiores aos americanos, e ainda por cima eram perigosos. As denúncias de Vassili podiam ser bem intencionadas, mas Estaline arranjava sempre maneira de as usar de uma maneira letal. À hora do almoço do dia 25, o Supremo conheceu o bisneto da rainha Vitória, primo de Nicolau II e Comandante Supremo Aliado para o Sueste Asiático, o efervescente almirante Lord Louis Mountbatten, que o lisonjeou ao fazer um desvio na sua viagem da Índia para Inglaterra «especialmente para conhecer o generalíssimo», sendo de há muito «um admirador das realizações do generalíssimo não só na guerra como também na paz».

Estaline respondeu que tinha feito o melhor que soubera. «Nem tudo» fora «bem feito», mas fora o povo russo «que conseguira todas aquelas coisas». O verdadeiro objectivo de Mountbatten era conseguir um convite para visitar a Rússia, onde estava convencido de que as suas ligações aos Romanov seriam apreciadas, explicando que visitara frequentemente o czar quando criança, «durante três a quatro semanas de cada vez».

Estaline perguntou secamente, com um sorriso condescendente, se «já tinha passado muito tempo desde a última vez que lá estivera». Mountbatten «acharia que as coisas tinham mudado consideravelmente». O inglês insistia em fazer-se convidado, repisando as suas ligações imperiais, com as quais julgava impressionar Estaline. «Pelo contrário», diz Lunghi, o intérprete do almirante, «o encontro foi embarracoso porque Estaline não estava minimamente impressionado. Não fez qualquer convite. Mountbatten foi-se embora com o rabo entre as pernas.»\*

---

\* Talvez seja por esta razão que a história não aparece em qualquer das biografias de Lord Mountbatten e é aqui contada pela primeira vez. Estou grato a Hugh Lunghi, tanto pela sua entrevista sobre este episódio como pela generosa oferta das suas minutas oficiais, ainda inéditas.

Potsdam acabou num afável mas cada vez mais gelado impasse: Estaline possuía a Europa de Leste, mas Truman tinha a Bomba. Antes de partir, a 2 de Agosto, o Supremo apercebeu-se de que a Bomba exigiria um esforço colossal e o mais dinâmico dos seus administradores. Afastou Molotov e encarregou Béria de criar a Bomba soviética. Sergo Béria viu o pai «a tomar notas numa folha de papel (...), a organizar a futura comissão e a escolher os respectivos membros». Malenkov e outros faziam parte da lista.

– Que necessidade tem de incluir essas pessoas? – perguntou Sergo.

– Prefiro que façam parte. Se ficarem de fora, vão procurar entravar o projecto. Era o clímax da carreira de Béria.

BÉRIA: POTENTADO, MARIDO, PAI,  
AMANTE, ASSASSINO, VIOLADOR

A 6 de Agosto de 1945, os Estados Unidos largaram a sua bomba sobre Hiroshima. Estaline não quis perder os despojos, lançando os seus exércitos contra o Japão, mas a destruição de Hiroshima teve um impacte muito maior do que o aviso de Truman. Svetlana visitou Kuntsevo naquele dia. «Andavam todos muito atarefados e ninguém me prestou atenção», queixou-se. «A guerra é bárbara», reflectiu Estaline, «mas usar a bomba-A é superbarbaridade. E não havia necessidade de usá-la. O Japão já estava condenado!» Não tinha a mínima dúvida de que Hiroshima o visava a ele: «A chantage atómica é política americana.»

No dia seguinte, teve uma série de reuniões em Kuntsevo, com Béria e os cientistas.

«Hiroshima abalou o mundo inteiro. O equilíbrio foi desfeito», disse-lhes. «E isso não pode ser.» Compreendia agora que o projecto era a coisa mais importante do seu mundo: com o nome de código «Tarefa Número Um», seria dirigido «a uma escala russa» pelo «Comité Especial» de Béria, que funcionava como uma espécie de «Politburo Atómico». Havia que mimar e ameaçar os cientistas. Os prémios e os luxos eram essenciais. «É com certeza possível assegurar que alguns milhares de pessoas vivam muito bem... e até melhor do que muito bem.» Estaline achava «aborrecida» a ciência, mas tratava Kurtchatov com amabilidade: «Se uma criança não chorar, a mãe não sabe o que é que ela precisa. Peça o que quiser. Não lhe será recusado.»

Béria meteu ombros à Tarefa Número Um como se a sua vida dependesse disso – como de facto dependia. O projecto era a uma escala verdadeiramente soviética, com Béria a dirigir entre 330.000 a 460.000 pessoas e 10.000 técnicos. Béria era o

expoente máximo do empresário do Terror, dizendo a um dos seus gestores: «É um bom trabalhador, mas, se tivesse passado seis anos nos campos, trabalharia ainda melhor.» Controlava os seus cientistas nas *charachkis*, as prisões especiais para especialistas técnicos que Soljenitsine descreve em *O Primeiro Círculo*. Quando um perito sugeria que poderia trabalhar melhor em liberdade, Béria troçava: «Não duvido, mas seria perigoso. O trânsito nas ruas é uma loucura, e podia ser atropelado.»

No entanto, também sabia ser «cativante», perguntando simpaticamente ao físico Sakharov: «Há alguma coisa que me queira pedir?» O seu aperto de mão, «balofo, húmido e mortalmente frio», fazia lembrar a Sakharov a própria morte: «Não esqueçam que temos fartura de espaço nas nossas prisões!» A simples menção do seu nome era o bastante para aterrorizar a maior parte das pessoas: «Um comentário como “Foi Béria que mandou” resultava infalivelmente», recordava Mikoian. Quando Béria telefonava a Vichinski, este levantava-se de um salto, permanecendo respeitosamente de pé e «encolhia-se como um servo na presença do amo».

A Tarefa Número Um, como todos os projectos de Béria, funcionou «tão suave e fiavelmente como um relógio suíço». Kurtchatov considerava o próprio Béria «invulgarmente enérgico». Mas também conquistava a lealdade dos cientistas protegendo-os, apelando a Estaline, que concordava:

«Deixem-nos em paz. Podemos sempre fuzilá-los mais tarde.» Brutalidade nefisto-félica, precisão suíça e energia infatigável eram as marcas registadas de Béria, que era «incrivelmente inteligente (...), um homem invulgar e também um grande criminoso».

Béria era um dos poucos estalinistas que compreendia instintivamente o dinamismo americano: quando Sakharov perguntou por que motivo os projectos deles estavam tão «atrás dos americanos», só Béria podia ter respondido como um director da IBM: «Falta-nos I&D.» Mas as complexidades científicas ultrapassavam completamente Béria e o seu principal gestor, Vannikov, o ex-patrão dos Armamentos. «Eles falam e eu pisco os olhos», admitia Vannikov. «As palavras parecem russas, mas estou a ouvi-las pela primeira vez.» Quanto a Béria, um cientista disse ironicamente a Sakharov: «Até Lavrenti Pavlovitch sabe o que são mesões.» A resposta dele era arrogância e ameaças: «Se isto é desinformação, atiro-o para uma masmorra!»

A fusão do cacete de Béria e dos mesões de Kurtchatov levou a algumas bombásticas discussões. Em Novembro de 1945, Piotr Kapitsa, um dos mais brilhantes cientistas soviéticos, queixou-se a Estaline de que Béria e os outros se comportavam como «super-homens». E relatou a sua discussão com Béria: «Disse-lhe na cara: “Você não percebe nada de física.”» Béria respondeu «que eu não percebia nada de pessoas». Béria empunhava a «batuta do maestro», mas o maestro «tinha não só de agitar a batuta, mas também de compreender a partitura». Béria não compreendia a ciência. Kapitsa sugeriu que estudasse física e terminava habilidosamente, afirmando: «Desejo que o camarada Béria tome conhecimento desta carta, pois não se trata de uma denúncia e sim de uma crítica construtiva. Ter-lhe-ia dito tudo isto pessoalmente, mas é extrema-

mente difícil chegar à fala com ele.» Estaline disse a Béria que tinha de dar-se bem com os cientistas. Béria convocou Kapitsa, que, espantosamente, recusou comparecer: «Se quer falar comigo, venha ao Instituto.» Béria engoliu o orgulho e levou uma espingarda de caça como oferta de paz. Kapitsa, no entanto, recusou continuar a colaborar. Estaline escreveu-lhe uma nota:

«Recebi todas as suas cartas (...). Há nelas muita coisa instrutiva e estou a pensar em conhecê-lo um dia destes (...).» Mas nunca o fez.

\* \* \*

Béria estava no centro não só do mundo político de Estaline, mas também do seu próprio mundo. Por esta altura, as famílias de ambos tinham-se quase fundido numa espécie de aliança dinástica georgiana. Svetlana, ainda a sofrer as sequelas do fim do seu primeiro caso amoroso com Kapler, passava grande parte do tempo nas casas de Béria, com Nina, a mulher dele, loura, bonita (apesar de ter pernas curtas) e uma cientista oriunda de uma família aristocrática que conseguia ser simultaneamente uma tradicional dona de casa georgiana. Estaline continuou a tratá-la paternalmente, mesmo depois de ter começado a odiar o marido. «Estaline pediu a Nina que tomasse conta de Svetlana, porque ela não tinha mãe», disse a nora de Béria.

Béria sempre gostara de mulheres atléticas, frequentando os balneários das nadadoras e basquetebolistas soviéticas. A própria Nina era um pouco amazona, sempre a fazer exercício, a jogar ténis com os guarda-costas, a pedalar numa bicicleta de dois lugares. Béria era, como muitos mulherengos, um marido extremamente ciumento, e os guarda-costas eram os únicos homens autorizados a aproximarem-se dela. Vivia com algum estilo: dividia a sua grande mansão citadina em gabinetes e salas privadas de um lado, e apartamentos para a mulher e a família do outro. Nina e o filho passavam a maior parte do tempo na «imensa e sumptuosa» *dacha* branca de Sosnovka, perto de Barvikha, de «estilo Jugend, montes de vidro e pedra, como *art déco* com um terraço e montes de guardas à volta», além de crias de urso e de raposa como animais de companhia.\* Mas Nina mantinha-a «aconchegada», e estava sempre atafulhada de livros e revistas inglesas e alemãs. Durante umas férias no Sul, Béria, que era licenciado em Arquitectura, desenhou os planos da sua própria *dacha* em Gagra, perto da de Estaline. O Amo convidava frequentemente os Béria, que levavam o filho, Sergo.

No final da guerra, Béria, já calvo e com a sua cara achatada, de lábios grossos e húmidos e turvos olhos castanhos, era «feio, flácido e tinha um aspecto doentio, com uma pele cinzenta-amarelada». A vida de um potentado estalinista não era das mais saudáveis. Ninguém trabalhava mais do que o «inumanamente enérgico» Béria, mas continuava a jogar voleibol todos os fins-de-semana, com Nina e a sua equipa de guar-

---

\* Muitos dos líderes soviéticos tinham autênticos zoos privados: Bukharine coleccionara crias de urso e de raposa; Khrushchev tinha raposas e veados; Budeny, Mikoian e Kaganovitch preferiam cavalos.

da-costas. «Apesar de estar tão em baixo de forma, era surpreendentemente rápido.» A exemplo de outros predadores humanos, tornou-se vegetariano, comendo «ervas» e pratos georgianos, mas só muito raramente carne. Ia a casa nos fins-de-semana, praticava tiro ao alvo com a pistola no jardim, via um filme no seu cinema privado e voltava a partir.

Sempre vestido como um viticultor do Sul, detestava uniformes e só usou o seu, de marechal, em 1945: regra geral, vestia uma camisola de gola alta, um casaco leve, calças largas e um chapéu mole. Era mais inteligente, mais ousado e mais ambicioso do que os outros potentados, e não resistia à tentação de o provar. Troçava do aspecto e do donjuanismo de Khrushchev, dizendo: «Olhem para o Nikita, não é nada que se veja, mas tem mulheres aos montes!» Atormentava Andreiev por ser doente, Vorochilov por ser estúpido, Malenkov por ser frouxo, e, certa vez, disse a Kobulov que se vestia como Göring. Nenhum deles esqueceu as suas alfinetadas. Nina suplicava-lhe que fosse mais circunspecto: «Detestava o modo como ele magoava as pessoas», escreveu o filho. Os seus próprios cortesãos, que o «idealizavam», reuniam-se, como os modernos diretores de grandes empresas, no camarote dele no estádio do Dínamo de Moscovo. As principais organizações tinham as suas próprias equipas de futebol – o MVD de Béria tinha o Dínamo, os sindicatos tinham o Spartak. Em 1942, a competição era tão feroz que Béria conseguiu que o bem sucedido treinador do Spartak, Nikolai Starostin, fosse preso e exilado. Para qualquer jovem chekista, um convite para assistir a um jogo no camarote de Béria significava a entrada para o seu círculo íntimo.

O inventário da sua secretaria, quando, mais tarde, foi preso, revela bem a natureza dos seus interesses: poder, terror e sexo. Guardava no gabinete cacetes de borracha para torturar pessoas e toda a panóplia de roupa interior feminina, brinquedos sexuais e pornografia que parecia ser obrigatória para os chefes da polícia secreta. Descobriu-se que conservava onze pares de meias de seda, onze corpetes de seda, sete camisas de noite de seda, equipamento desportivo feminino, o equivalente soviético das indumentárias das chefes de claque americanas, blusas, lenços de seda, inúmeras cartas de amor obscenas e uma «quantidade enorme de objectos de deboche masculino».

Não obstante a sua gigantesca carga de trabalho, Béria ainda arranjava tempo para uma draculeana vida sexual que combinava amor, violação e perversidade em quase igual medida. A guerra tinha-lhe dado a oportunidade de fazer uma vida de banditismo sexual ainda mais intensa e desregrada do que a que fora gozada pelos seus predecessores no cargo. Os chefes da polícia secreta tinham sempre uma enorme licença sexual: só o Smersh vigiava Béria; tirando isso, podia fazer o que quisesse. Pensou-se, em tempos, que as seduções e violações de Béria tinham sido exageradas, mas a abertura dos arquivos dos seus próprios interrogatórios, bem como os depoimentos de testemunhas ou até das vítimas, revelam um predador sexual que usava o seu poder para praticar uma depravação obsessiva. É muitas vezes impossível distinguir entre as mulheres que seduziu ou foram para a cama com ele para pedir por entes queridos, e as mulheres que simplesmente raptou e violou. Era, no entanto, frequente mães

venderem as filhas a troco de limusinas e privilégios. O próprio Béria era também capaz de ser um cavalheiro, tratando algumas das suas amantes com tanta gentileza que elas nunca o criticaram, nem mesmo depois de ter sido desmascarado como um Barba Azul soviético.\* Combinava sedução com espionagem: seduziu uma mais do que complacente amiga de Kira Alliluyeva dizendo-lhe: «Que adoráveis lábios de cereja tem! Uma figura como a de Vénus!» Depois, interrogou-a a respeito dos amigos, recrutando-a para espiar os Alliluyev.

Era uma presença familiar em Moscovo, quando percorria as ruas num *Packard* blindado e mandava os seus guarda-costas caucasianos, os coronéis Sarkisov e Nadaraia, arranjar-lhe mulheres. Os coronéis nem sempre se sentiam felizes com este papel – Sarkisov mantinha um registo das perversões de Béria, com a intenção de denunciá-las a Estaline. As raparigas eram geralmente levadas para a residência citadina, onde as aguardava uma festa georgiana com comida e bebida, numa paródia do cavalheirismo caucásiano. Um dos coronéis oferecia-lhes sempre um ramalhete de flores no caminho de regresso a casa. Se resistiam, corriam o risco de ser presas. A estrela de cinema Zoya Fiodorovna foi arrebanhada por estes chekistas numa altura em que estava ainda a amamentar o filho. Levada para uma festa onde havia outros convidados, foi abordada por Béria, a quem suplicou que a deixasse ir, por ter os seios doridos. «Béria ficou fúrisso.» O oficial que a levou a casa entregou-lhe, por engano, um ramo de flores. Béria, que assistiu à cena, gritou: «É uma coroa de flores, não um ramalhete. Que apodreçam na tua sepultura!» Pouco tempo depois, Fiodorovna foi presa.

A actriz de cinema Tatiana Okunevskaia teve ainda menos sorte: no fim da guerra, Béria convidou-a a representar para o Politburo. Em vez disso, foram para uma *dacha*. Béria insistiu em oferecer-lhe de beber, «despejando praticamente o vinho no meu colo. Comeu avidamente, arrancando a comida com as mãos, sempre a falar.» Então «despe-se, rebola, os olhos exorbitados, um sapo feio e informe. “Grita ou não grites, não faz diferença”, disse. “Pensa bem e age em consequência.”» Tentou amaciá-la prometendo libertar da prisão o pai e o avô dela, e então violou-a. Sabia muito bem que ambos tinham já sido executados. Também ela foi detida pouco depois e condenada a prisão solitária. A derrubar árvores na taiga siberiana, foi salva, como muitos outros, pela bondade de pessoas vulgares.

Estas mulheres eram apenas a ponta de um icebergue de depravação. A energia priápica de Béria era tão frenética e infatigável como o seu ardor burocrático. «Apanhei

\* Em Dezembro de 2003, no quinquagésimo aniversário da morte do chefe do NKVD, o embaixador tunisino em Moscovo revelou que tinham sido encontrados despojos humanos nas caves da embaixada, a antiga casa de Béria: presumivelmente, suas vítimas. Talvez nunca chegemos a saber se eram vítimas de violações ou Inimigos executados. A 17 de Janeiro de 2003, o procurador-geral russo confirmou a existência de quarenta e sete volumes de processos sobre as actividades criminosas de Béria, reunidos por altura da sua prisão depois da morte de Estaline. Apesar de o caso contra ele ser totalmente político, com acusações forjadas, os arquivos confirmam as dúzias de mulheres que o acusaram de ter violado. A estação televisiva estatal, RTR, foi autorizada a filmar as listas manuscritas dos nomes e números de telefone destas mulheres. Será preciso esperar ainda vinte e cinco anos pela abertura destes arquivos.

sífilis durante a guerra, em 1943, julgo, e fui tratado», confessou mais tarde. Depois da guerra, foram Vlasik e Poskrebichev que, recordando Bronka, falaram a Estaline a respeito da sífilis. As listas eram já uma obsessão estalinista, de tal forma que este tarado sexual sentiu a necessidade de manter um registo das suas conquistas. Os dois coronéis faziam o mesmo; uns dizem que a lista continha trinta e nove nomes, outros, setenta e nove: «Quase todas estas mulheres foram minhas amantes», admitiu Béria. A dada altura, ordenou a Sarkisov que destruísse a lista, o que ele fez, mas, sendo um bom chekista, conservou uma cópia, que mais tarde usou contra o chefe...

Algumas destas amantes, como «Sofia» e «Maya», uma estudante no Instituto de Relações Estrangeiras, tiveram a falta de gosto de engravidar. Mais uma vez, os coronéis Sarkisov e Nadaraia foram encarregados de tratar dos abortos no Departamento Médico do MVD – e quando nascia uma criança, os coronéis colocavam-na num orfanato.\*

Béria era conhecido até entre os próprios potentados: Estaline tolerava os pecadilhos dos seus colaboradores mais chegados desde que fossem politicamente de confiança. Quando, durante a guerra, alguém o informou do priapismo de Béria, que na altura dirigia metade da economia do país, o Supremo respondeu indulgentemente: «O camarada Béria está cansado e sobrecarregado de trabalho.» Mas quanto menos confiava em Béria, menos tolerante se mostrava. Certa vez, ao saber que Svetlana estava em casa de Béria, entrou em pânico, telefonou-lhe e disse-lhe que saísse dali imediatamente. «Não confio no Béria.» Se isto se referia à sexualidade ou à política, nunca ficou bem claro. Quando Béria disse a Poskrebichev que tinha uma filha tão bonita como a mãe, o *chef de cabinet* disse à jovem: «Nunca aceites uma boleia do Béria.» A nora de Vorochilov foi seguida pelo carro de Béria durante todo o caminho de regresso ao Kremlin. A mulher de Vorochilov ficou aterrorizada:

– É o Béria! Não digas nada! Não contes a ninguém!

As mulheres dos líderes odiavam-no:

– Como consegues tu trabalhar com um homem assim? – perguntava Achken Mikojan ao marido.

– Cala-te – respondia Mikojan, mas Achken recusava assistir a eventos onde Béria estivesse presente:

– Diz que estou com dores de cabeça!

A mulher de Béria, Nina, confessou a Svetlana e a outras amigas que «era terrivelmente infeliz. O Lavrenti nunca está em casa. Estou sempre sozinha.» Mas a nora recorda que «ela nunca deixou de amá-lo». Sabia que ele tinha outras mulheres, «mas

\* Ainda hoje, os filhos ilegítimos de Béria são bem conhecidos na sociedade de Moscovo e de Tbilisi: incluem um respeitadíssimo deputado do Parlamento georgiano e uma matrona soviética que casou com o filho de um membro do Politburo de Brezhnev. Depois da guerra, Estaline transformou os Comissariados do Povo em Ministérios, de forma que o NKVD e o NKGB passaram a ser o MVD e o MGB. O Comité de Defesa do Estado, GKO, foi abolido em Setembro de 1945. O Politburo voltava a ser a mais alta instância do partido, apesar de Estaline governar como primeiro-ministro, deixando o secretariado do partido para Malenkov.

encarava o facto com uma tolerância muito georgiana». Quando o marido ia a casa aos fins-de-semana, «[Nina] passava horas com as manicuras e a maquilhar-se. Vivia no piso inferior, no seu próprio quarto, mas quando ele ia a casa, mudava-se para o piso de cima, para partilhar a cama dele». Sentavam-se «aconchegadamente junto à lareira, a ver filmes, quase sempre de *cowboys* e bandidos mexicanos. O preferido dele era *Viva Villa!*, sobre Pancho Villa. Conversavam amorosamente em mingreliano.» Nina nunca acreditou na escala das proezas do marido: «Onde iria o Lavrenti arranjar tempo para tornar suas amantes essas hordas de mulheres? Passava o dia e a noite a trabalhar.» Por isso, presumia que aquelas mulheres deviam ser as suas «agentes secretas».

\* \* \*

Sergo Béria, na altura com vinte e um anos, a quem fora dado o nome de Ordzhonikidze, frequentara a Escola N.º 175 com Svetlana Estaline, Marta Pechkova e a maior parte dos filhos da elite. Como pai, Béria estava quase sempre ausente, mas orgulhava-se imensamente de Sergo. Mantinha uma relação pai-filho formal, tipicamente bolchevique. «Se o Sergo queria falar com o pai», recordaria Nina, «o Lavrenti dizia-lhe: "Vai ter comigo ao escritório."» A exemplo de Malenkov e da maior parte dos outros líderes, Béria opunha-se terminantemente a que o filho entrasse para a política.

Como todos os pais do Politburo, encorajava-o a tornar-se cientista: o coronel Béria chegou à proeminência como chefe do cada vez mais importante Gabinete de Desenho de Mísseis Número Um. Sergo tinha crescido à volta de Estaline, pelo que Béria não tinha maneira de evitar que o generalíssimo o convidasse para as conferências de guerra.

Sergo era inteligente, culto e, segundo Marta Pechkova, a melhor amiga de Svetlana Estaline, «tão maravilhosamente bonito que era como um sonho – todas as raparigas estavam apaixonadas por ele». Em 1944, também Svetlana cedeu a este fascínio, um facto que omite tanto nas suas memórias como nas suas entrevistas. Quando Sergo escreveu as suas memórias e o afirmou, muitos historiadores recusaram dar-lhe crédito. No entanto, Svetlana queria casar com ele, uma ambição de que não desistiu mesmo depois de Sergo ter desposado outra. Quando ele estava em Sverdlovsk, durante a guerra, Svetlana convenceu o irmão a levá-la de avião até lá. Depois do caso Kapler, esta paixão preocupou os Béria.

– Não percebes o que estás a fazer? – perguntou Nina a Svetlana. – Se o teu pai sabe disto, esfolo o Sergo vivo.

Estaline queria que Svetlana casasse com o filho de um dos seus potentados, especificando que teria de ser com Iuri Zhdanov, Sergo Béria ou Stepan Mikoian. Mas a honra aterrorizava Béria.

– Seria terrível – disse a Mikoian. Apesar de Estaline ter mostrado interesse na ideia, ambos sabiam que, na realidade, «interpretaria aquilo como uma tentativa de se insi-

nuar na família», como Béria disse ao filho. Svetlana estava decidida a casar com Sergo, mas os Béria puseram firmemente fim ao assunto. Aliás, como a própria Svetlana admite, ainda que de uma maneira oblíqua:

«Quando era muito nova queria casar com uma pessoa (...), mas os pais dele não me aceitaram por eu ser quem sou. Foi um golpe muito doloroso.»

O pior estava para vir: Marta Pechkova tornara-se «bonita e roliça como uma codorniz» e parecia existir «numa nuvem quente e perfumada de estranha sedução». Era, recordaria Gulia Djugachvili, «difícil ter a Marta como amiga». O namorado de Marta era Rem Merkulov, filho do chefe do NKGB. É possível que, tendo crescido perto de Iagoda, ela tivesse desenvolvido uma preferência especial por jovens príncipes da Cheka, pois o facto é que se apaixonou por Sergo Béria, com quem casou pouco depois. Os Béria não fizeram um grande casamento: «não era o estilo da época», diz Marta. Béria disse a Sergo que Estaline não aprovaria «a tua ligação com aquela família» – os Gorki. E, efectivamente, Estaline chamou Sergo a Kuntsevo.

– O Gorki em si mesmo não era tão mau como isso, mas havia à volta dele uma porção de gente que era anti-soviética. Não te deixes cair sob a influência da tua mulher – avisou o *Vozhd*, sempre desconfiado das caras-metades.

– Mas ela é totalmente apolítica – argumentou Sergo.

– Eu sei. Mas considero este casamento um gesto de deslealdade da tua parte... não para comigo, mas para com o Estado soviético. Foste... obrigado pelo teu pai?

Estaline acusava Béria de estabelecer relações com a «*intelligentsia* oposicionista». Em resposta, Sergo culpou Svetlana por tê-lo apresentado a Marta.

– Tu nunca dissesse à Svetlana uma palavra a este respeito – retrorquiu Estaline. – Ela própria mo disse. – Então, repentinamente, sorriu a Sergo. – Não ligues, os velhos são sempre rabugentos... Quanto à Marfochka, vi-a crescer.

Marta foi viver para a *dacha* dos Béria, onde aprendeu a conhecer, e a amar, o homem mais infame da sua época.\* Béria não podia ter sido mais bondoso para com ela: «Era muito amiga dele. Ele era muito alegre e divertido, sempre a cantar uma canção mexicana, *La Paloma*, e a contar histórias engraçadas da sua vida», como aquela a respeito de como perdera a virgindade na Roménia, enredando-se nas enormes *culottes* da mulher. Afirmava que, como um novo Hércules, fora encontrado a gatinhar no quintal, segurando uma cobra entre os dedos. Aos domingos, o seu único dia de descanso, ele e Nina dormiam até tarde, e então jogavam voleibol com Marta e Sergo, coadjuvados por um grupo de guarda-costas. Quando Marta deu a Béria a sua primeira neta, «ele não poderia ter sido mais meigo, passando horas junto ao berço só a olhar para ela. De manhã, mandava levar a bebé para o quarto dele e de Nina, sentava-a entre os

\* Tive a sorte de Marta Pechkova, neta de Gorki, melhor amiga de Svetlana Estaline e nora de Béria, me ajudar com as suas memórias, que são um documento único, e me ter apresentado à famlia Gorki/Béria, incluindo as netas deste último (ver Pós-Escrito). Como prenda de casamento, Estaline deu a Sergo e a Marta um exemplar de *O Cavaleiro da Pele de Leopardo*, de Rustaveli, que ele próprio tinha revisto com o Professor Nutsibidze, escrevendo nele, provocadoramente: «Fariam melhor criando laços com a *intelligentsia* georgiana!»

dois e sorria-lhe.» Era tão indulgente para com a criança que a «deixava enfiar as mãos todas nos bolos de aniversário».

Marta gostava menos de Nina. A sogra veio a revelar-se tão despótica em casa como o sogro fora dela. Nina era uma mulher solitária e Marta depressa descobriu que passava mais tempo com ela do que com o marido. Queria arranjar a sua própria casa, mas Nina disse-lhe: «Se tornas a falar disso, vais dar por ti muito longe dos teus filhos.»

Béria era, diz Marta, «a pessoa mais inteligente do círculo de Estaline. De certa maneira, tenho pena dele, pois quis o destino que estivesse ali naquela altura. Numa outra era, teria sido muito diferente. Se tivesse nascido na América, teria sido qualquer coisa como presidente da General Motors.» Tinha a certeza de que ele nunca fora um verdadeiro comunista. Certa vez, espantou-a, quando estava a brincar com a neta. «Esta menina», disse, «vai ser ensinada em casa e depois vai para a Universidade de Oxford! Nenhum outro membro do Politburo teria dito tal coisa.

\* \* \*

Svetlana ressaltou de Sergo para um casamento que não era para ela. Conheceu, no apartamento de Vassili na Casa do Cais, Grisha Morozov, que servira durante a guerra como polícia de trânsito. «Nasceu uma amizade», recorda, mas «não estava apaixonada por ele». Em contrapartida, estava ele apaixonado por ela. Estaline tinha dúvidas a respeito de Morozov, outro judeu: depois de Kapler, começava a sentir que os judeus lhe assediavam a família. Mas Svetlana sentia-se atraída pelo calor humano e cultura deles, de modo que Estaline disse: «É Primavera. Queres casar. O diabo que te leve. Faz o que quiseres.»

«Tudo o que eu queria era ultrapassar a rejeição», explicou Svetlana, anos mais tarde, «por isso casámos, mas, dadas as circunstâncias, não se pode dizer que tenha sido por minha escolha. O meu primeiro marido era uma pessoa muito boa que sempre me amou.» Não houve cerimónia: limitaram-se a ir ao registo, onde o funcionário olhou para o passaporte e perguntou: «O seu papá sabe?»

Ao entrar para a família de Estaline, Morozov tornou-se «instantaneamente uma pessoa de alguma importância», diz Leonid Redens. Tiveram o primeiro filho muito pouco tempo depois – um rapaz chamado José, claro. Svetlana descobriu que não estava preparada para o casamento: «Tive um filho aos dezanove anos (...). O meu marido também ainda era estudante. Tínhamos pessoas para tomar conta do bebé. Fiz três abortos deliberados e logo a seguir um espontâneo, que correu muito mal.» Entretanto, Estaline recusava conhecer Morozov.

Svetlana continuava apaixonada por Sergo Béria. «Nunca me perdoou por ter casado com ele», diz Marta. Svetlana recordou a Sergo que Estaline estava «furioso» com o casamento. Continuava a visitar Nina, a sua mãe «adoptiva». Certa vez, sugeriu que afastassem Marta, que poderia levar consigo a filha mais velha, e então ela iria viver com Sergo e criaria o mais novo. «É igual ao pai», comentou Mikoian. «Consegue sempre o que quer!»

Era, no entanto, também capaz de ser muito generosa. Uma vez provado o heroísmo de Iakov no seu cativeiro na Alemanha, a viúva, Júlia, foi libertada, mas descobriu que a filha de sete anos, Gulia, mal sabia quem ela era. Svetlana aceitou tomar conta de Gulia, e um dia anunciou: «Hoje vamos conhecer a Mamã.» Mas a criança teve medo da desconhecida, de modo que todos os dias, com tocante sensibilidade, Svetlana a levava a ver a mãe, até que, pouco a pouco, se criou um laço entre elas. Isto teve de ser feito sub-repticiamente, porque, enquanto Gulia era criada por amas, a mãe esteve afastada da família. Finalmente, Júlia escreveu a Estaline: «José Vissarionovitch, peço-lhe muito que não recuse o meu pedido porque é muito difícil ver a Gulia. Vivemos na esperança de falar consigo e dizer-lhe coisas que não estão escritas nesta carta. Gostaríamos que conhecesse a Gulia (...).» Mais tarde, graças a Svetlana, Estaline viu pela primeira vez a sua primeira neta.

UMA NOITE NA VIDA DE JOSÉ VISSARIONOVITCH:  
TIRANIA NOS FILMES E JANTARES

11

Como verdadeiro vencedor da guerra, Estaline gozava do prestígio de um conquistador mundial, mas a disparidade entre o seu poder político e a sua exaustão pessoal fazia-o sentir-se vulnerável.

O generalíssimo e Molotov estavam satisfeitos, ainda que nunca saciados, com os seus prémios. Durante um jantar sulista, Estaline mandou Poskrebichev buscar o novo mapa. Abriram-no em cima da mesa. Usando o cachimbo como ponteiro, o Supremo passou em revista o seu império:

— Vejamos então o que temos: a norte, tudo bem, a Finlândia fez-nos muito mal, de modo que passámos a fronteira para mais longe de Leninegrado. Os Estados bálticos, que eram território russo nos antigos tempos, voltam a ser nossos, e os Bielorrussos são nossos também, e os Ucranianos, e os Moldavos voltaram a ser nossos. Portanto, a oeste está tudo bem. — Voltou-se então para o Leste. — E aqui, o que temos? As ilhas Curihas são nossas, e as Sacalinas... A China, a Mongólia, tudo como deve ser. — O cachimbo Dunhill desceu para sul. — Desta fronteira é que não gosto nada. Os Dardanelos... Temos reivindicações em relação à Turquia e à Líbia.

Podia ter sido o discurso de um czar russo — nunca o de um bolchevique georgiano. Molotov partilhava esta missão:

«A minha tarefa, como ministro dos Negócios Estrangeiros, foi expandir as fronteiras da pátria. E julgo que Estaline e eu próprio a cumprimos bastante bem. Sim, não me importaria de recuperar o Alasca», gracejou.

Molotov sabia que não havia qualquer contradição entre bolchevismo e a construção de um império: «Foi bom os czares russos terem conquistado tanta terra para nós. Torna mais fácil a nossa luta contra o capitalismo.»

Os cortesãos de Estaline notaram, porém, que o triunfo lhe subira à cabeça. «Tornou-se vaidoso», disse Molotov, «o que não é uma boa característica num estadista.» O prestígio dele era tão grande que passou a ser absoluto em todas as questões: as suas simples palavras eram vistas como «ordens do partido, e imediatamente obedecidas». No entanto, governava agora de uma maneira muito diferente: «afastou-se do governo directo», disse um dos seus funcionários, e assumiu o manto olímpico do líder supremo, como o velho presidente Mao, que gostava de guiar os seus homens servindo-se de anedotas, sinais e sugestões. Usava o secretismo, o capricho e a obscuridade para manter o seu domínio sobre os ambiciosos potentados, mais jovens e mais fortes. Dominava os que o rodeavam por meio do mistério.

«Nunca dava ordens directas», escreveu o patrão do partido na Geórgia, Charkviani, «de modo que uma pessoa tinha de tirar as suas próprias conclusões.» Estaline compreendia que «seja qual for a parte do lago para que se atire uma pedra, as ondas espalham-se sempre». Certa vez, mostrou vezes seguidas ao chefe do partido abcaziano, Mgelandze, os seus amados limoeiros, até que o *apparatchik* finalmente comprehendeu e declarou que a Abcázia produziria limões para toda a URSS.

«Agora entendeste!», sorriu Estaline. A menos que estivesse encolerizado, terminava geralmente as suas ordens com um «Faz como quiseres», mas ninguém se iludia quanto ao significado destas palavras. Se, por outro lado, dava uma ordem directa, escrevendo «Não creio que as minhas razões precisem de ser discutidas, são perfeitamente claras», ou simplesmente gritando o que queria, a obediência era instantânea. No MGB, a simples menção de *Instantsiya* justificava qualquer acto de barbarismo.

No entanto, o generalíssimo estava também mais velho e mais fraco. Pouco antes do desfile da vitória, Estaline sofrera uma espécie de ataque cardíaco, ou aquilo a que Svetlana chama «uma pequena síncope», o que não surpreende, tendo em conta as tensões a que a condução da guerra sujeitaram o seu notavelmente estável metabolismo. «Seguramente supercansado», notou Molotov, Estaline já sofria de artrite, mas era o endurecimento das artérias, a arteriosclerose, que reduzia o afluxo de sangue ao cérebro e podia diminuir-lhe as faculdades mentais. Depois de voltar de Potsdam, voltou a adoecer, o que o fez sentir-se mais fraco precisamente na altura em que a sua posição era mais forte. A circunstância colocava-o sob a alçada dos médicos, uma profissão que desprezava e que tinha corrompido (obrigando o seu médico pessoal, o Professor Vinogradov, a depor nos julgamentos-espactáculo dos anos 30). Poskrebichev, o ex-enfermeiro, tornou-se o seu médico secreto, receitando comprimidos e medicamentos.

Estas contradições tornavam-no mortalmente imprevisível, atacando todos os que o rodeavam. As esperanças e liberdades da guerra não alteravam fosse de que maneira fosse a sua convicção de que a melhor solução para os problemas da URSS era a eliminação de indivíduos. A pobreza do império, em comparação com a pujante riqueza dos Estados Unidos, parecia confirmar não só a sensação que tinha de que os seus próprios poderes estavam a falhar, mas também os complexos de inferioridade de uma vida inteira.

Regra geral «calmo, reservado e paciente», muitas vezes «explodia de um momento para outro, e tomava decisões erradas e irrelevantes». «Depois da guerra, não ficou bem da cabeça», disse Khrushchev. Continuava a ser o supremo manipulador, embora seja provável que a arteriosclerose exacerbasse as fúrias, a depressão e a paranóia pre-existentes. Nunca foi um louco: na realidade, as suas mais estranhas obsessões sempre tiveram uma base na política real. No entanto, a mortalidade fê-lo compreender a esterilidade do que tinha criado dentro de si mesmo: «Sou a mais infeliz das pessoas», disse a Zhukov. «Tenho medo da minha própria sombra.» Era, porém, esta hipersensibilidade que fazia dele um político tão assustador como magistral. O medo de perder o controlo do Império baseava-se na realidade: até no seu Politburo, Mikoyan pensava que a guerra era «uma grande escola de liberdade», sem necessidade de «regressar ao terror».

Estaline desprezava esta permissividade. Gracejou até com o assunto quando mandou um grupo de escritores visitar o conquistado Japão e perguntou a Molotov se já tinham partido. Descobriu então que a viagem fora adiada. «Por que não foram?», perguntou. «Foi uma decisão do Politburo. Talvez não aprovassem e tenham querido consultar o Congresso do Partido?» Os escritores partiram logo a seguir. Mas Estaline sentia esta atitude de laxismo a toda a sua volta.

«Andava muito nervoso», disse Molotov. «Os últimos anos dele foram os mais perigosos. Ia de extremo a extremo.» Invejava o prestígio de Molotov e de Zhukov, desconfiava do poder de Béria e desprezava a satisfação frouxa dos seus potentados: mesmo velho e doente, nunca se sentia tão feliz como quando estava a orquestrar uma luta. Era um dom, o seu estado natural. Ia ser preciso quebrar algumas espinhas. Estaline governava «por intermédio de um pequeno grupo que estava sempre perto dele», e «o governo [formal] deixou de funcionar». Mesmo durante as longas férias longe de Moscovo, conservava o seu poder absoluto dirigindo cada pasta através de um contacto directo com o funcionário em questão, e mais ninguém. As suas intervenções eram quase deliberadamente caprichosas e imprevisíveis.

Mais do que nunca, os cortesãos tinham de saber como lidar com ele, mas, ainda antes disso, tinham de sobreviver à sua rotina nocturna. Não é exagero afirmar que, a partir desta altura, Estaline governou o seu império, de Berlim às ilhas Curihas, sentado à mesa do jantar ou no cinema. Desafiar o próprio tempo é a medida última da tirania: nas suas capitais – de Varsóvia a Ulan Bator, de Budapeste a Sófia –, as luzes estavam acesas ao longo de toda a noite.

\* \* \*

Os potentados reuniam-se no «Cantinho», após o que o generalíssimo propunha invariavelmente um filme. Guiava os seus convidados pelos corredores atapetados a azul e preto até à sala de cinema, luxuosamente construída no velho jardim de Inverno do segundo piso do Grande Palácio do Kremlin. Béria, Molotov, Mikoyan e Malenkov es-

tavam sempre presentes, mas os seus procônsules na Finlândia e na Ucrânia, Zhdanov e Khrushchev, eram visitas frequentes.

Depois, havia toda uma nova corte de vassalos europeus; os favoritos eram o líder polaco Boleslaw Bierut, «delicado, bem vestido, com modos elegantes», «um perfeito cavalheiro com as senhoras», mas um estalinista implacável «com uma fé fanática no dogma», o seu adjunto Jakob Berman, o presidente checo Clement Gottwald e o húngaro Matias Rakosi. Gostava menos dos orgulhosos jugoslavos, o marechal Tito e Milovan Djilas. Ambos tiveram a honra de visitar Moscovo para prestar homenagem e receber a sabedoria sacerdotal e as ordens imperiais de Estaline. Tinham, além disso, de aprender a comportar-se no cinema e ao jantar.

A visão do generalíssimo a aproximar-se rodeado pela sua guarda devia ser aterradora para qualquer jovem funcionário que por acaso fosse a passar por aqueles corredores. Os guardas à paisana caminhavam vinte e cinco metros à frente e dois metros atrás de Estaline, enquanto os uniformizados o seguiam com o olhar. No meio desta falange de mirmidões, avançava, com passadas silenciosas mas rápidas e ligeiras, as pontas dos pés pronunciadamente apontadas para fora, o barrigudo imperador, com a sua bela cabeça de montanhês, os ombros descaídos, as rugas ferozes do duro sorriso. Quem quer que o visse aproximar-se tinha de encostar-se a uma das paredes, com as mãos bem à vista. Anatoly Dobrynin, um jovem diplomata, viu-se certa vez nesta situação: «Apertei-me contra a parede.» Estaline «não deixou de notar a minha atrapalhação» e perguntou «quem eu era e onde trabalhava». Então, «destacando as palavras com um lento movimento do indicador da mão direita» diante do nariz de Dobrynin, declarou: «A juventude não deve ter medo do camarada Estaline. Ele é um amigo.» Dobrynin estremeceu.

A caminhada até ao cinema demorava uns poucos minutos. Decorada a azul, a sala continha várias filas de macias poltronas de braços dispostas aos pares, tendo no meio pequenas mesas com água mineral, vinho, cigarros, caixas de chocolates. A alcatifa era cinzenta e sobre ela havia espalhados vários tapetes. Antes de Estaline chegar, os membros do Politburo ocupavam os respectivos lugares, deixando vazia a primeira fila. Eram recebidos pelo ministro do Cinema, Ivan Bolchakov, que dirigia a indústria cinematográfica desde 1939 e se tornara, no séquito, uma presença vital mas cómica. Bolchakov tinha um medo de morte de Estaline, o que se explicava pelo facto de os seus dois antecessores terem sido fuzilados. À medida que o Supremo envelhecia, o cinema tornou-se um ritual obsessivo, além de um meio, e um local, de governo.

A grande decisão de Bolchakov era que filme passar. E tinha de lá chegar tentando adivinhar o estado de espírito de Estaline. Observava a maneira de andar e a entonação da voz do líder – ou por vezes, se tinha sorte, Vlasik ou Poskrebichev davam-lhe uma pista. Se Estaline estava de mau humor, Bolchakov sabia que não era boa ideia passar um filme novo. O Supremo era uma criatura de hábitos: adorava os seus velhos favoritos dos anos 30, como *Volga! Volga!*, ou filmes estrangeiros como *In Old Chicago*, a comédia *It Happened One Night* ou qualquer um dos filmes de Charlot.

Estaline era agora o possuidor de um novo acervo de filmes americanos, ingleses e alemães que até muito recentemente pertencera a Goebbels. Se estava de mau humor, um dos filmes de Goebbels era o melhor. Gostava de filmes policiais, de *cowboys*, de *gangsters* – e adorava lutas. Proibia qualquer sugestão de sexualidade. Quando, certa vez, Bolchakov lhe mostrou uma cena ligeiramente mais ousada, que envolvia uma jovem nua, deu um murro na mesa e gritou: «Está a fazer disto um bordel, Bolchakov?» E saiu, seguido por todo o Politburo, deixando o pobre Bolchakov à espera de ser preso. Daí em diante, passou a cortar até a mais leve sugestão de nudez.

Estaline ordenava a Bolchakov que traduzisse os filmes estrangeiros. Bolchakov, porém, só falava inglês, e muito mal, de modo que passava grande parte do seu tempo a preparar-se para estas sessões da meia-noite, pondo tradutores a ver os filmes e decorando os guiões. Isto representava um sério desafio, pois tinha sempre várias centenas de filmes para mostrar a Estaline. Por isso as suas traduções eram regra geral absurdamente óbvias e atrasadas, muito depois de todos já terem percebido o que a personagem dissera. O Politburo ria e troçava das traduções de Bolchakov. Béria apon-tava para o ecrã e gritava: «Vejam, ele começou a correr...» Todos riham, mas Estaline, a quem esta farsa evidentemente divertia, nunca pediu um tradutor qualificado. Em 1951, Bolchakov pediu-lhe que aprovasse o filme *Tarzan*: com toda a certeza a sua tradução dos gritos do homem-macaco enquanto saltava de árvore em árvore e dos grunhidos com que tenta seduzir Jane provocava a incontida hilaridade do público. Se Bolchakov passava o velho favorito, *Volga! Volga!*, Estaline gostava de mostrar como o conhecia bem, dizendo todas as falas antes dos actores.

Se Estaline estava de bom humor, era uma oportunidade para Bolchakov mostrar um novo filme soviético. O Supremo continuava a ser o censor de toda a indústria: nenhum filme podia ser passado sem a sua aprovação pessoal. Quando passava meses seguidos no Sul, ninguém podia tomar decisões, de modo que tinha de ver todos os novos filmes quando regressava.

Quando Estaline se aproximava, Bolchakov tomava posição junto à entrada do cinema. Certa vez, assustara o líder mantendo-se na sombra. «Quem é você? Que está aí a fazer?», ladrara Estaline. «Por que se esconde?» Depois disto, olhara Bolchakov de ceno franzido durante semanas. Ao sentar-se no seu lugar na primeira fila, rodeado pelos convidados, geralmente enquanto misturava vinho georgiano e água mineral, perguntava sempre:

«Que vai o camarada Bolchakov mostrar-nos hoje?» Bolchakov anunciava o filme, sentava-se na última fila e ordenava aos projecionistas que começassem. Certa vez, um deles deixou cair uma parte do projector, que se partiu, derramando mercúrio no chão. Foram ambos acusados de tentar matar o generalíssimo.\*

Estaline falava durante todo o filme. Gostava de filmes de *cowboys*, especialmente os realizados por John Ford, e admirava Spencer Tracy e Clark Gable, mas também

---

\* O envenenamento com mercúrio tinha um *pedigree* especial na corte de Estaline: Iezhov espalhara mercúrio no seu próprio gabinete e em seguida acusara Iagoda de tentar assassiná-lo.

os «amaldiçoava, atribuindo-lhes uma avaliação ideológica», recordava Khrushchev, «e depois encomendava mais».\*

Estaline admirava os actores, perguntando frequentemente: «Onde foi que já vimos este actor?» Depois da guerra, actores e realizadores eram frequentemente convidados para os jantares de Estaline, sobretudo o realizador georgiano de filmes em que a personagem central era o heróico líder Mikhail Chiaureli, e os actores que muitas vezes faziam o papel, Mikhail Gelovani (que imitava Estaline com sotaque georgiano) e Alexei Diky (cada vez mais, depois da guerra, com sotaque russo). «Observa-me em profundidade», disse Estaline a Gelovani. «Não perde tempo, pois não?» Certa vez, perguntou a Diky como «faria Estaline».

– Como o povo o vê – respondeu o actor.

– É a resposta certa – disse Estaline, oferecendo-lhe uma garrafa de *brandy*.

Terminado o filme, Estaline perguntava sempre ao seu «colega» intelectual:

«Que nos diz o camarada Zhdanov?» Zhdanov pronunciava o seu pomposo veredito, seguido pelo lacónico julgamento de Molotov e pelas piadas sarcásticas de Béria. Estaline gostava de gracejar a propósito dos *auteurs*:

«Se o camarada [realizador e guionista] não prestar, o camarada Ulrikh assina-lhe a sentença de morte..» Certa vez, Bolchakov telefonou a Béria e a Molotov para perguntar se *Zhukovski*, um filme a respeito do célebre piloto, podia ser lançado no Dia da Força Aérea, mas Estaline, de férias, ainda não o tinha visto. A decisão cabia ao líder, não a eles, disseram. Bolchakov apresentou o filme. Quando regressou, Estaline viu-o, e disse: «Sabemos que decidiu passá-lo em todos os ecrãs da URSS! Querem enganar-me, mas é impossível.» Bolchakov ficou gelado. «Com que autoridade?», perguntou Estaline. Bolchakov respondeu que «consultara e decidira».

«Consultou e decidiu», repetiu Estaline, calmamente. Levantou-se e dirigiu-se à porta, abriu-a e repetiu: «Decidiu.» Saiu, deixando atrás de si um silêncio carregado de ameaça. Então, voltou a abrir a porta e acrescentou, com um sorriso: «Decidiu correctamente.» Se tivesse detestado filme, teria simplesmente saído, mas não sem antes provocar Bolchakov.

Bolchakov anotava todas estas augustas críticas. Na manhã seguinte, telefonava aos realizadores e guionistas e transmitia os comentários sem lhes especificar a fonte, que todavia a sua voz trémula e o medo ofegante que o dominava tornavam de certeza óbvia.<sup>†</sup>

\* Uma biografia recente de John Wayne afirma que o simbolismo da estrela de cinema como herói americano e inimigo do comunismo enfurecia Estaline, que teria sugerido que o «Duke» devia ser assassinado. Diz-se que, quando Khrushchev visitou Hollywood, em 1958, explicou a John Wayne: «Foi essa a decisão de Estaline, nos seus últimos anos de loucura. Quando ele morreu, eu cancelei a ordem.» A história baseia-se num boato; tem todo o ar de ser uma dessas piadas pesadas de que Estaline tanto gostava quando bebia em excesso. Se é verdadeira, não se percebe como conseguiu Wayne sobreviver... e por que razão Khrushchev não a usou contra Estaline nas suas memórias.

† Bolchakov sobreviveu a Estaline e ainda serviu Khrushchev na qualidade de vice-ministro do Comércio. Faleceu em 1980.

Estaline impunha a política ao cinema, mas também o cinema à realidade. Djilas notou que parecia misturar o que se passava «à maneira do homem inculto que toma a realidade artística pela verdadeira realidade». Deliciava-se com filmes a respeito de matar amigos e associados. Khrushchev e Mikoyan foram obrigados a ver vezes sem conta um filme inglês, sem dúvida da coleção de Goebbels, sobre um pirata que roubava uma porção de ouro e então, «um a um», matava todos os cúmplices, para defender o produto do saque.

«Que sujeito, vejam o que ele faz!», exclamava Estaline. Aquilo era «deprimente» para os camaradas, sempre conscientes de que, no dizer de Khrushchev, eram «pessoas a prazo». A posição isolada de Estaline tornava aqueles filmes cada vez mais poderosos. Depois da guerra, o Supremo quis exigir impostos aos camponeses, apesar da fome que assolava as províncias. Muito sensatamente, o Politburo inteiro opôs-se, o que o enfureceu. Estava convencido de que os camponeses podiam pagar: apontava como prova disto a fartura apresentada nos seus filmes de propaganda e que lhe permitia ignorar a penúria. Depois de ver o filme sobre Uchakov, o almirante de Catarina, a Grande, ficou obcecado com a ideia de construir uma poderosa Marinha de Guerra, citando uma personagem do filme que diz: «As forças terrestres são uma espada numa mão, as forças navais, uma espada na outra.»

Insistia muitas vezes em ver dois filmes seguidos, e então, por volta das duas da madrugada, dizia: «Vamos comer qualquer coisa», acrescentando: «Se tiverem tempo», como se fosse uma questão de escolha.

«Se é um convite», respondia Molotov, «com a maior satisfação.» Estaline voltava-se então para os seus convidados, muitas vezes Tito ou Bierut:

«Quais são os vossos planos para esta noite?», como se pudessem ter algum àquela hora. Estaline ria: «Hum, um governo sem um plano de Estado. Vamos petiscar qualquer coisa.» O «petisco» durava geralmente as seis intermináveis horas seguintes.

\* \* \*

Estaline ordenava ao omnipresente Poskrebichev que chamassem os carros, mas, se por caso eles se atrasavam, tremia «de raiva, gritava, as feições distorcidas, fazia gestos bruscos e insultava o secretário, que (...) ficava pálido como se estivesse a ter um ataque cardíaco». Era Poskrebichev quem se encarregava de convocar os convidados, que tinham de preparar-se para os jantares descansando durante a tarde, porque «aqueles que adormeciam à mesa de Estaline tinham um mau fim», segundo Khrushchev.\* Por vezes, convidava realizadores e actores georgianos, para animar a festa: «Sabes se o Chiaureli e o Gelovani estão em Moscovo?»

---

\* As famílias dos potentados conheciam a tensa espera pela chamada dos secretários de Estaline para o cinema ou para a *dacha*. Nos fins-de-semana, a única oportunidade que tinham de ver a família, os líderes ficavam especialmente tensos sempre que o telefone tocava. Não comiam durante o dia, para deixar espaço para a interminável procissão de pratos da ceia. Mas quando a chamada chegava, Sergei Khrushchev notava com que pressa o pai saía.

Os convidados estrangeiros iam no carro com Estaline, que ocupava sempre o banco desdobrável atrás do condutor e muitas vezes acendia uma luz do tejadilho, para poder ler. Molotov sentava-se no outro banco desdobrável, com Zhdanov, e os convidados no banco traseiro. Béria e Malenkov, «esse par de patifes», como Estaline lhes chamava, partilhavam invariavelmente um carro.\* Enquanto se afastavam velozmente da cidade, como Estaline gostava, ia planeando o percurso, fazendo «estranhos desvios» para confundir os terroristas.

Depois de percorrerem dezasseis quilómetros pela estrada governamental, chegavam a uma barreira, viravam à esquerda e aproximavam-se de um grupo de abetos. Depois de mais um posto de controlo, franqueavam os portões de Kuntsevo. Uma vez no interior, passavam por um grande mapa pintado na parede, onde Estaline, Zhdanov e Molotov se detinham para fazer grandiloquentes declarações geopolíticas e tomar caprichosas decisões. Zhdanov, o seu rival Malenkov e Voznessenski tinham sempre os blocos de notas prontos para registar as ordens de Estaline, enquanto Molotov e Mikoian, velhos bolcheviques, se consideravam superiores a tais bajulações.

A casa de banho ficava na cave, e quando os convidados iam lavar as mãos antes do jantar, Molotov gracejava, junto aos urinóis: «Chamamos a isto descarregar antes de carregar!» Esta casa de banho era um dos poucos locais de Moscovo onde os potentados podiam falar francamente: Béria e os outros murmuravam entre si a respeito do tédio das histórias de Estaline sobre o seu exílio siberiano. Quando ele afirmou ter esquiado doze quilómetros para matar doze perdizes, Béria, que já começava a odiar Estaline, insistiu: «Está a mentir!»

Entravam na espaçosa sala de jantar, onde havia uma grande mesa com cartorze cadeiras forradas a pano de cada lado; havia confortáveis sofás encostados às paredes, e altas janelas com compridos cortinados, dois lustres e candeeiros de parede. Como em todas as casas de Estaline, o chão e as paredes eram de madeira de pinho da Carélia. Era tudo tão limpo, tão «mortalmente silencioso» e tão «isolado do mundo exterior» que os visitantes se imaginavam «num hospital».

Estaline sentava-se sempre à esquerda da cabeceira da mesa, com Béria na ponta, muitas vezes a fazer o papel de *tamada*, e o convidado de honra à esquerda do Supremo. Mal se sentavam, começavam a beber. Ao princípio civilizadamente, algumas garrafas de vinho, por vezes o fraco «sumo» georgiano e um pouco de chamanhe, de que Estaline muito gostava.

Mikoian e Béria costumavam levar o vinho. «Sendo caucasiano, sabes mais de vinhos do que os outros. Prova este...», dizia Estaline. Depressa se tornou evidente que estava a testar os vinhos com receio de ser envenenado, de modo que deixaram de o fazer. Estaline oferecia do seu próprio vinho e abria simpaticamente as garrafas. À medida que a noite avançava, os brindes com *vodka*, *vodka* apimentada e *brandy*

---

\* Os motoristas dos líderes ficavam satisfeitos sempre que os patrões eram convidados para a casa de Estaline. Vorochilov era agora menos frequentemente convidado do que antes da guerra. «O meu velho já não é tão convidado como antigamente», queixava-se o seu veterano motorista.

tornavam-se mais insistentes, até que mesmo aqueles estômagos de ferro ficavam completamente embriagados. Estaline gostava de culpar Béria pelos excessos de bebida. Nos jantares georgianos, o anfitrião insistia tradicionalmente com os convidados para que bebessem, e ficava ofendido se eles recusavam. Por aquela altura, no entanto, esta hospitalidade estava já grosseiramente distorcida e representava apenas poder e medo. Depois das colossais bebedeiras de Estaline em 1944-45, o Professor Vinogradov avisou-o de que tinha de cortar na bebida, e ele passou a beber só vinho misturado com água mineral. Mesmo assim, acontecia-lhe exceder-se, e Svetlana viu-o cantar um dueto com o amputado (faltavam-lhe as duas pernas) mas orgulhoso ministro da Saúde. Forçar os seus duros camaradas a perderem o controlo de si mesmos tornou-se o seu desporto e a medida do seu domínio.

As libações começavam com Estaline, não com Béria: ele «forçava-nos a beber para nos soltar a língua», escreveu Mikoian. Estaline gostava do velho jogo de beberrões de adivinhar a temperatura. Uma vez, quando Djilas estava presente, Béria falfhou por três graus e teve de beber três *vodkas*. Béria, a quem Svetlana chamava «um magnífico espécime moderno do astuto cortesão», esforçava-se por satisfazer o prazer de Estaline em ver os seus cortesãos humilharem-se a si mesmos, e policiava as bebidas, certificando-se de que os copos estavam sempre cheios até à borda.

«Vá lá, bebe como os outros», dizia Béria, espiçando Molotov porque «ele estava sempre a armar na presença de Estaline – nunca ficava para trás se Estaline dizia qualquer coisa». Por vezes, o Supremo defendia os visitantes estrangeiros, e poupava Kaganovitch porque «os judeus não são grandes bebedores». Mesmo durante estas sessões, a mente de Béria fervilhava de imagens sexuais: depois de forçar Djilas a embarcar um copo de *vodka* apimentada, comentou ironicamente que aquilo «era mau para as glândulas性uais». Estaline olhou para o seu convidado, para ver se ele tinha ficado chocado, «pronto a explodir em gargalhadas».

Secretamente, Béria detestava aquelas sessões de bebedeira – queixa-se delas a Nina, a Khrushchev e a Molotov. Nina perguntou-lhe por que o fazia: «Temos de pôr-nos ao mesmo nível das pessoas com quem estamos», respondeu ele, mas não era só isso. Béria gostava do poder que tinha: naquilo, como em muitas outras coisas, «não conseguia resistir». Khrushchev admitia que aqueles jantares eram «assustadores».

Por vezes, bebia-se tanto naqueles bacanais que os potentados, como estudantes já velhos e inchados, tinham de sair para vomitar, urinavam ou defecavam nas calças ou tinham simplesmente de ser carregados para casa pelos respectivos guardas. Estaline louvava a resistência de Molotov, mas, ocasionalmente, até este se embebedava. Poskrebichev era o grande vomitador. Havia ocasiões em que ficava tão embriagado que Béria o levava para casa e o metia na cama, na qual ele imediatamente urinava. Zhdanov e Shcherbakov, incapazes de controlar a bebida, tornaram-se alcoólicos: o segundo sucumbiu à doença em Maio de 1945, mas Zhdanov tentou combatê-la. Bulganine era «praticamente um alcoólico». Malenkov ficava cada vez mais inchado.

Béria, Malenkov e Mikoian conseguiram subornar uma criada para que lhes servisse «água colorida», mas foram denunciados a Estaline por Shcherbakov. Depois de ter despejado vários grandes copos de *brandy*, Mikoian saiu da sala de jantar aos tropeções e encontrou uma pequena sala contígua com um divã e uma bacia. Molhou a cara com água, deitou-se e conseguiu dormir alguns minutos. Isto tornou-se um hábito secreto. Mas Béria contou a Estaline, que estava já a voltar-se contra o arménio: «Queres ser mais esperto do que os outros, não é?», disse Estaline, lentamente. «Vé lá se depois não te arrepentes!» Esta era sempre a ameaça *chez* Estaline.

Os vassalos da *Mitteleuropa* não se saíam muito melhor. Gottwald embebedou-se de tal maneira que pediu a adesão da Checoslováquia à URSS. A mulher, que o acompanhava, ofereceu-se heroicamente: «Permita, camarada Estaline, que beba eu no lugar do meu marido. Beberei pelos dois.» Rakosi, num acesso de insensatez, disse a Béria que os soviéticos eram uns «bêbedos».

«Havemos de ver isso!», rosnou Estaline, que juntou forças com Béria para «encharcar» o húngaro em bebida.

\* \* \*

No Verão, os convidados saíam a cambalear para as varandas. Estaline pedia a Béria e a Khrushchev conselhos sobre as roseiras (que podava amorosamente), os limoeiros e a horta. Supervisionava o cultivo de uma horta onde ensaiava novas variedades, como o cruzamento de abóboras com melancias. Alimentava as aves diariamente. Certa vez, Béria construiu uma estufa, como presente para o Supremo. «Quem foi o idiota que mandou fazer isto?», perguntou Estaline. «Quanta electricidade gastamos com os projectores?» Mandou destruí-la.

As brincadeiras-padrão daqueles bêbedos não eram muito melhores do que as de uma república estudantil. Khrushchev e Poskrebichev empurraram Kulik para dentro do lago – sabiam que Estaline perdera o respeito pelo palhaço. Kulik, famoso pela sua força, saiu de dentro de água, encharcado, e perseguiu Poskrebichev, que se escondeu no meio de uns arbustos. «Se alguém me fizesse uma coisa dessas», avisou Béria, «transformava-o em carne picada.» Poskrebichev foi atirado à água tantas vezes que os guardas, preocupados com a possibilidade de um potentado bêbedo morrer afogado, esvaziaram discretamente o lago. O infantilismo deliciou Estaline: «Parecem crianças pequenas!»

Certa noite, Béria sugeriu que fossem praticar tiro ao alvo para o jardim. Havia codornizes numa gaiola. «Se não as matarmos», disse Béria, «os guardas comem-nas!» O líder, que provavelmente já estava bêbedo, saiu para o jardim e mandou vir caçadeiras. Velho, fraco e etilizado, para não referir o braço esquerdo aleijado, começou por sentir-se «tonto» e disparou a arma para o chão, falhando Mikoian por muito pouco. Em seguida, disparou para o ar, conseguindo salpicar de chumbo os seus dois guarda-

-costas, os coronéis Tukov e Khrustalev. Mais tarde, pediu-lhes desculpa, mas assacou as culpas a Béria.\*

\* \* \*

Na sala de jantar, as criadas, gordas camponesas de avental branco, como enfermeiras inglesas, saíram da cozinha com uma variedade de pratos georgianos que deixaram em cima do aparador ou na outra extremidade da comprida mesa, e voltaram a desaparecer. Quando uma delas estava a servir chá a Estaline e aos polacos, deteve-se e hesitou. Estaline notou-o imediatamente. «Que está ela a ouvir?», perguntou. Se não havia eminências estrangeiras, o jantar era servido por uma das governantas, geralmente Valechka, e pelos guarda-costas. Os convidados serviam-se a si mesmos e em seguida iam juntar-se a Estaline, à mesa.

«Gradualmente, Estaline começou a interessar-se cada vez mais pela comida», recordava Mikoian. O exausto generalíssimo alimentava as suas esgotadas reservas de energia com «enormes quantidades de comida, adequadas para um homem muito mais corpulento». «Comia pelo menos duas vezes mais do que eu», continua Mikoian. «Pegava num prato covo, misturava nele duas sopas, e então, num costume de província que eu conhecia da minha própria aldeia, deitava pedaços de pão na sopa quente e cobria tudo com outro prato, e então comia tudo até ao fim. E depois havia as entradas, o prato principal e montes de carnes.» Gostava de peixe, especialmente arenque, mas «também gostava de caça – galinholas, patos, galinhas», e de codornizes cozidas. Inventou inclusivamente um novo prato, a que chamava *Aragvi*, à base de carneiro com beringelas, tomate, batata e pimenta-preta, tudo num molho picante, que mandava fazer com muita frequência. Era, no entanto, tão desconfiado, que habitualmente tentava persuadir Khrushchev, o mais comilão dos seus convidados, a provar o carneiro ou o arenque antes de ele próprio os comer.

Os jantares eram uma espécie de colonialismo culinário, destinados a impressionar pela sua simplicidade e ao mesmo tempo inspirar admiração pelo seu poder. E resultavam. Enquanto os independentes jugoslavos ficavam espantados com a grosseria da companhia, os complacentes polacos deixavam-se impressionar pelo «delicioso urso assado» e consideravam o seu anfitrião «um homem encantador» que os tratava com uma solicitude paternal, sempre a perguntar-lhes se as famílias estavam a gostar das férias na Crimeia. Com as pessoas de fora, Estaline conservava o seu antigo dom de ser um magistral praticante do «toque humano». Este encanto tinha os seus limites. Bierut insistiu em querer saber o que acontecera aos comunistas polacos que tinham desaparecido em 1937.

---

\* A história faz lembrar o episódio em que Napoleão deixou o general Massena cego de um olho, durante uma caçada. O incidente convenceu ainda mais Béria e Khrushchev de que as histórias de caça de Estaline eram mentira e de que o Supremo não sabia disparar.

— Lavrenti, onde estão eles? — perguntou Estaline a Béria. — Disse-te que os procurasses. Por que foi que ainda não os encontraste?

Estaline e Béria partilhavam o mesmo prazer nestes sinistros jogos. Béria prometeu procurar os polacos desaparecidos, mas quando Estaline não estava a ouvir, voltou-se para Bierut:

— Para que é que está a chatear o José Vissarionovitch? Cale a boca e deixe-o em paz. Ou ainda se arrende.

Bierut não voltou a falar dos amigos desaparecidos.

Estaline tinha maus dentes, o que afectava toda a corte, uma vez que só comia o carneiro mais macio e as frutas mais maduras. Quando passou a usar próteses dentárias, até isto desencadeou uma nova e feroz competição. Este glutão teimava em insistir na austeridade bolchevique, duas tendências difíceis de conciliar enquanto os cortesãos competiam para oferecer-lhe os melhores pedaços. Certa vez, depois de ter comido um delicioso cordeiro, perguntou a um dos guarda-costas:

— Onde arranjaram este cordeiro?

— No Cáucaso — respondeu o homem.

— E que combustível usaram no avião? Água? Isto é mais uma das partidas do Vlasik.\*

Mandou transformar uma parte dos terrenos de Kuntsevo numa quinta onde criava vacas, ovelhas e galinhas, e povoar o lago com peixes, sendo todo o conjunto gerido por uma equipa especial de três especialistas agrónomos. Quando Béria apareceu com trinta linguados, Estaline espicaçou os guardas:

— Vocês não conseguiram arranjar linguados, mas o Béria conseguiu.

Os guardas mandaram os linguados para o laboratório, e as análises revelaram que o peixe estava estragado.

— Não se pode confiar naquele patife — comentou Estaline.

Não obstante a sua própria e crescente ventripotência, Estaline criticava o cada vez mais balofa «Malanya» Malenkov, ordenando-lhe que fizesse exercício para «recuperar a forma humana». Béria juntava-se-lhe nesta perseguição ao seu aliado:

— Então, onde está essa aparência humana? Perdeste algum peso?

Já a glotonaria de Khrushchev divertia o Supremo, que murmurava para os guardas: «Dois peixes e um faisão não lhe chegavam, o comilão!» Apesar disto, encorajava sempre o esférico Khrushchev a comer mais: «Olha a cabidela, Nikita. Já provaste?» Os

---

\* Vlasik e o tenente-general Sacha Egnatachvili, filho do estalajadeiro de Gori que fora o protector de Keke, eram verosimilmente os responsáveis pela comida de Estaline, preparada num laboratório do MGB chamado «A Base» e marcada com um rótulo a anunciar: «Não foram encontrados elementos venenosos.» Um livro recente afirma que Egnatachvili era o provador de Estaline, mas isto não passa provavelmente de um mito. É todavia verdade que, muitas vezes, Estaline obrigava um dos membros do seu séquito a provar-lhe a comida e o vinho. Quando ia a uma festa, levava uma caixa de garrafas de vinho e outra de cigarros, que ele próprio abria. Só comia ou bebia se tivesse sido ele mesmo a quebrar o selo, deixando a comida, o vinho e os cigarros que sobrassem para que Vlasik os dividisse. O desperdício era enorme, a tentação de venalidade irresistível, mas perigosa. Vlasik nunca conseguia resistir a estes luxos.

potentados tentavam controlar as dietas alimentando-se apenas de fruta e sumos um dia por semana, «para descarregar», mas parecia não resultar. Béria insistia numa dieta de vegetais, pois já estava tão gordo como Malenkov.

– Bem, camarada Béria, aqui tem a sua erva – anunciava a governanta de Estaline.

\* \* \*

Estaline achava que aqueles ágapes faziam lembrar uma espécie de «sociedade de jantares políticos», mas Zhdanov, o seu «colega intelectual», convenceu-o de que, com a vasta gama de temas neles tratados, eram, na realidade, o equivalente dos *symposia* dos antigos Gregos. Fosse como fosse, aquele grupo de beberrões sujos de vomitado era o mais parecido que tinha com um governo. O Império estava verdadeiramente a ser «governado da mesa de jantar», disse Molotov. A liderança era como «uma família patriarcal com um chefe excêntrico cujas extravagâncias eram motivo de apreensão para toda a casa» mas «oficiosamente e *de facto*», escreveu Djilas, «uma parte significativa da política soviética era definida durante aqueles jantares. Era ali que se decidia o destino da vasta terra russa, dos territórios recentemente adquiridos (...) e da raça humana.» A conversa saltava entre as piadas e a literatura e «as mais graves questões políticas». Os membros do Politburo trocavam novidades a respeito dos respectivos feudos, mas a ausência de formalismo era ilusória: «O observador desprevenido podia não distinguir quaisquer diferenças entre Estaline e os outros, mas elas existiam.»

Zhdanov, «o Pianista», era o mais loquaz, gabando-se da sua mais recente campanha cultural e queixando-se de que Molotov devia tê-lo deixado anexar a Finlândia, enquanto o seu grande rival, o obeso superfuncionário Malenkov, se mantinha regra geral calado – «cautela extrema com Estaline» era a sua política. Béria, o mais bajulador e, apesar disso, o mais irreverente, era mestre na arte de provocar e manipular Estaline, ou, como a mulher dizia, «brincar com o tigre»: tinha o poder de liquidar as propostas fosse de quem fosse se não lhe tivessem sido previamente submetidas. Era «muito poderoso», porque sabia «escolher o momento exacto para (...) usar em seu proveito a boa ou a má vontade de Estaline».

Quando não havia estrangeiros presentes, decidia-se com frequência a sorte de muita gente. No entanto, Estaline falava a respeito dos seus conhecidos assassinados durante os anos 30 «com o calmo desprendimento de um historiador, sem mostrar remorso nem rancor, apenas uma ponta de humor». Certa vez, aproximou-se de um dos seus marechais, que tinha sido preso e libertado, e disse-lhe:

– Ouvi dizer que esteve detido recentemente?

– É verdade, camarada Estaline, estive. Mas deslindaram o meu caso e libertaram-me. No entanto, muita gente boa e notável lá pereceu.

– Sim – concordou Estaline, pensativamente –, perdemos uma porção de pessoas boas e notáveis.

Depois disto, saiu da sala para o jardim. Os cortesãos voltaram-se para o marechal:

— Que foi que disse ao camarada Estaline? — quis saber Malenkov, que se comportava sempre como o prefeito da escola. — Porquê?

Nesse momento, Estaline regressou com um ramo de rosas, que ofereceu ao marechal numa espécie de estranho pedido de desculpas.

\* \* \*

O poder supremo é com frequência o poder supremo de entediar: nada consegue bater o tédio obrigatório e a etilizada verbosidade do monarca absoluto em declínio. O velho generalíssimo tornara-se irritável, repetitivo e esquecido. Béria e Khrushchev sabiam de cor o exagerado relato das suas proezas no exílio, das suas viagens a Londres e a Viena, das tareias que, quando miúdo, apanhara do pai. Estaline falava cada vez mais da estranha felicidade do seu exílio, talvez a única verdadeira felicidade que conhecera. Acabava de receber um pedido de ajuda de um amigo dos tempos de Turukhansk, durante a Primeira Guerra Mundial: «Atrevo-me a incomodar-te da aldeia de Kureika», escrevia um velho professor chamado Vassili Solomin, que vivia com uma pensão de 150 rublos. «Lembro-me de quando (...) apanhaste um esturjão. Quanta felicidade me proporcionou!»

«Recebi a tua carta», respondeu Estaline. «Não te esqueci nem aos meus amigos de Turukhansk, e fica certo de que nunca os esquecerei. Mando-te 6000 rublos do meu salário de adjunto. Não é uma grande soma, mas vai ser-te útil. Saúde, Estaline.»

Cada potentado policiava os outros, numa constante vigilância para proteger os seus interesses e evitar irritar o velho tigre. Tornava-se cada vez mais difícil discutir verdadeira política. Quando Mikojan disse a Estaline que havia escassez de alimentos, o Supremo ficou muito enervado e, enquanto se banqueteava com uma infinidade de pratos, perguntava repetidamente:

— Por que é que não há comida?

— Pergunte ao Malenkov, ele é que está encarregado da Agricultura — respondeu Mikojan. Nesse preciso instante, os calcanhares de Béria e de Malenkov pisaram-lhe violentamente o pé, por baixo da mesa.

— Qual foi a vantagem? — perguntaram Béria e Malenkov mais tarde, a sós com Mikojan. — Só serviu para o irritar. Vai pôr-se a atacar um de nós. Só se deve dizer-lhe aquilo que ele gosta de ouvir, para criar um ambiente agradável, e não estragar o jantar!

\* \* \*

Estudavam Estaline como zoólogos, para lhe adivinhar o humor, conquistar-lhe as boas graças e sobreviver. O segredo residia em compreender a sua mistura única de supersensitiva frustração e colossal arrogância, a sua ânsia de ser amado e a sua implacável crueldade: era imperativo não o enervar. Quando o irmão, um engenheiro

aeronáutico, teve problemas, Mikoian «aconselhou-o sobre a melhor maneira de lidar com Estaline». Khrushchev notou que Bierut, o polaco, «conseguia evitar o desastre porque sabia como tratar com Estaline».

Havia certas regras-chave que de algum modo se assemelham aos conselhos dados aos turistas para o caso de terem a infelicidade de encontrar um animal selvagem durante as suas férias no campo. A primeira regra era olhá-lo de frente nos olhos. Caso contrário, ele perguntava: «Por que é que hoje não me olhas a direito?» Mas era perigoso insistir demasiado nesse olhar: Gomulka, um dos líderes polacos, tomava notas e mostrava-se respeitoso, mas a sua intensidade enervava Estaline: «Que tipo de sujeito é esse Gomulka? Fica ali sentado o tempo todo a olhar-me nos olhos, como se estivesse à procura de qualquer coisa.» Talvez fosse um agente.

O visitante tinha de manter a calma a todo o momento: o pânico alarmava Estaline. Bierut «nunca fazia Estaline sentir-se nervoso ou embaraçado». Os visitantes deviam mostrar respeito tomando notas, como Malenkov, mas não freneticamente, como Gomulka: «Por que é que ele traz sempre consigo um bloco de notas?», intrigava-se Estaline. Se os guardas exageravam o bater de calcanhares e as continências, Estaline irritava-se: «Quem és tu? O soldado Svejk?», atirava-lhes. Em contrapartida, a firmeza e o humor funcionavam quase sempre bem: Estaline admirava e protegia Zhukov e apreciava Khrushchev porque defendiam com vigor as suas opiniões.

Sabia que Béria e Malenkov tentavam predeterminar as decisões, e por isso gostava da franqueza de Voznessenski. Mas já não achava graça à rudeza dos antigos camaradas. Vorochilov, «o mais ilustre dos grandes senhores soviéticos», de quem ele agora desconfiava por causa do seu gosto pelo esplendor e do círculo boémio que o rodeava, tentou recordar-lhe a longa e antiga amizade que os unia. «Não me lembro», respondeu Estaline. Mikoian era um dos mais fracos e muitas vezes contradizia Estaline, o que fora aceitável durante a guerra, mas deixara de o ser: certa vez, quando discutiam a ofensiva de Kharkov, Mikoian declarou corajosamente que o culpado do desastre fora Estaline. O génio militar ficou furioso, passando a desconfiar ainda mais de Molotov e de Mikoian.

Os potentados nunca podiam encontrar-se em privado: «O perigo espreitava nos amigos e nas amizades», escreveu Sergei Khrushchev. «Um encontro inocente podia acabar de maneira trágica». Apesar de Khrushchev, Malenkov, Mekhlis, Budeny e outros viverem todos na Rua Granovski, praticamente nunca se visitavam. Estaline comprazia-se nestes ódios recíprocos: Béria e Malenkov odiavam Zhdanov e Voznessenski; Mikoian odiava Béria; Bulganine odiava Malenkov. As casas de todos eles estavam sob escuta. («Estive sob escuta toda a minha vida», admitiu Molotov quando um guarda-costas lhe confidenciou que a sua própria casa estava a ser electronicamente vigiada.) Béria, no entanto, afirmava criticar deliberadamente a política em casa, porque caso contrário Estaline desconfiaria. A importância de cada um dependia, não da competência nem da antiguidade, mas da respectiva relação com o Supremo. Por isso, Poskrebichev, um faz-tudo, ainda que membro do CC, insultava abertamente Mikoian, que era membro do Politburo, quando este passou por um período de sombra.

Estaline tinha de ser consultado a respeito de tudo, mesmo das coisas mais insignificantes, embora ele não quisesse que lhe pedissem decisões, porque também isso o enervava. Béria gabava-se de que, enquanto Iezhov costumava correr para Estaline por dí cá aquela palha, ele só o consultava nas questões verdadeiramente importantes. Se Estaline estava de férias, a opção mais segura era não tomar qualquer decisão, uma estratégia aperfeiçoadas por Bulganine que, graças a ela, subiu sem deixar rastro. Na dúvida, apelar para a sagacidade do Supremo: «Sem a sua ajuda, ninguém vai conseguir resolver este problema», dizia uma destas notas. Estaline gostava de ouvir as opiniões de todos antes de dar a sua, mas Mikoian «preferia esperar para ouvir o que Estaline vai dizer».

Béria afirmava que a única maneira de sobreviver era «ser sempre o primeiro a atacar». Era sensato denunciar constantemente os colegas, ou, como Vichinski dizia, «manter as pessoas na corda bamba». Quando Molotov cometia um erro, Vichinski rejugilava. Mas os denunciados estavam também na corda bamba. Manuilski escreveu uma carta de dez páginas a denunciar Vichinski: «Caro camarada Estaline, volto-me para si por causa do caso de Vichinski (...). No estrangeiro e sem o controlo do CC, é uma pessoa de ilimitada vaidade pequeno-burguesa, para quem os próprios interesses têm toda a precedência.» Estaline decidiu nada fazer a respeito da carta, mas, como sempre, informou a vítima. Mais tarde, nesse mesmo dia, Vichinski foi encontrado a olhar para o vazio: «Estou apenas teoricamente vivo. Cheguei ao fim do dia. Bem, já é alguma coisa, graças a Deus!»

A regra de ouro era não esconder a Estaline fosse o que fosse: Zhdanov neutralizou a sua crise em Leninegrado, e Khrushchev o seu trotskismo juvenil, confessando submissamente os seus pecados. Estaline tinha um olho de águia para qualquer espécie de fraqueza: quando Vichinski adoeceu e saiu a meio de uma reunião diplomática, Estaline soube imediatamente do caso e telefonou a Gromyko, seu subordinado: «Que aconteceu ao Vichinski? Estava bêbedo?» Gromyko disse que não. «Mas os médicos dizem que ele é um alcoólico... Oh, bom, está bem!»

\* \* \*

Depois do jantar, Estaline brindava solenemente a Lenine, cujo busto iluminado flamejava na parede: «A Vladimir Illitch, o nosso líder, o nosso mestre, o nosso tudo!» Mas, com esta bênção sacerdotal, desapareciam todos os vestígios de decoro. Se não havia estrangeiros presentes, o Supremo criticava Lenine, o herói que se voltara contra ele: chegou inclusivamente a contar a Sergo Béria histórias a respeito dos casos amorosos de Lenine com as suas secretárias. «Para o fim da vida», pensava Khrushchev, «deixou de controlar o que dizia.» Passava provavelmente das quatro da manhã. Os convidados estavam desesperadamente bêbedos, cansados e agoniados, mas o omnipotente insone continuava bem desperto, vigilante e quase sóbrio.

Havia um curto descanso para lavar as mãos, mais uma oportunidade para comentar com incrédula ironia o mais recente pecadilho do Supremo: os potentados riam-se

do número cada vez maior de fechaduras que havia nas portas e murmuravam a respeito das bazófias do anfitrião relativamente às suas proezas báquicas. «Sabem, já quando era novo, bebia demasiado!» Depois, era voltar ao jantar, que entretanto resvalara para o nível de uma estúrdia de neandertais solteiros.

Por vezes, o próprio Estaline «ficava tão bêbedo que se permitia grandes liberdades», diz Khrushchev. «Atirava tomates às pessoas.» Béria era o mestre das partidas, juntamente com Poskrebichev. Os dois convidados mais circunspectos, Molotov e Mikoian, passaram a ser os alvos preferidos, à medida que a desconfiança de Estaline em relação a eles se tornava mais maliciosa. Béria visava regra geral o esplendor vestimentário do «elegante» Mikoian. Estaline implicava com os «seus ares superiores», enquanto Béria lhe roubava o chapéu e o atirava para o alto dos pinheiros, onde ficava. Escondia tomates maduros nos fatos de Mikoian e então «apertava-o contra a parede», de maneira que se lhe esborrachasse nos bolsos. Mikoian começou a levar sempre um par de calças de reserva para os jantares. Em casa, Achken encontrava-lhe ossos de galinha nos bolsos. Estaline sorria quando Molotov se sentava em cima de um tomate ou Poskrebichev emborcava um copo de *vodka* tão carregada de sal que o fazia vomitar. Quase sempre, Poskrebichev ia-se abaixo e tinha de ser levado em braços para fora. Certa vez, Béria escreveu a palavra «CHATO» num pedaço de papel e colou-o nas costas de Khrushchev, que não deu por nada, para enorme gáudio dos presentes. Khrushchev nunca esqueceu a humilhação.

Por vezes, Svetlana aparecia durante o jantar, mas não conseguia disfarçar o embaraço e a repulsa. Achava que os potentados pareciam os «boiardos de Pedro, o Grande», que quase se mataram a beber para divertir o czar no seu «Sínodo» de bêbedos.

Depois do jantar, «Estaline ocupava-se do gramofone, considerando ser esse o seu dever como cidadão. Nunca o largava», disse Berman. Gostava de discos cómicos, incluindo um em que «o cantor cantava acompanhado pelos uivos e latidos de cães», que nunca deixava de o fazer rir perdidamente. «Continua a ser engracado, diabolicamente engracado!» Marcava os discos com comentários: «Muito bom!»

Estaline exortava aquelas grandes figuras a dançar, mas já não se tratava dos alegres rodopios de Vorochilov ou dos complicados passos de Mikoian. Também aquilo se tornara um teste de poder e de força. O próprio Estaline «arrastava os pés de um lado para o outro, de braços esticados» à maneira georgiana, embora tivesse «um bom sentido do ritmo».

— Camarada José Vissarionovitch, como está forte! — gorjeava o Politburo. Então ele parava e fazia um ar sombrio:

— Oh, não, já não vivo muito tempo. As leis fisiológicas seguem o seu curso.

— Não, não! — exclamava Molotov, juntando-se ao coro. — Camarada José Vissarionovitch, precisamos de si, tem ainda uma longa vida à sua frente!

— A idade apanhou-me e sou já um velho!

— Disparate! Está óptimo. Tem aguentado maravilhosamente...

Certa vez, quando Tito estava presente, Estaline descartou com um gesto estas afirmações e olhou para o seu convidado, cujo assassinio havia mais tarde de ordenar:

«Tito, devia ter cuidado consigo, não vá alguma coisa acontecer-lhe. Porque eu já não vivo muito mais tempo.» Voltou-se para Molotov: «Mas o Viatcheslav Mikhailovitch estará por cá.» Molotov agitou-se, inquieto. Então, numa bizarra demonstração de virilidade, Estaline declarou: «Ainda há força em mim!» Passou ambos os braços à volta do tronco de Tito e levantou-o três vezes do chão ao compasso da canção folclórica russa que tocava no gramofone, num *pas-de-deux* que era o equivalente tirânico de Nureiev e Fonteyn.

«Quando Estaline dança», disse Khrushchev a Mikoian, «os homens sensatos dançam.» O líder obrigou o suado Khrushchev a dobrar os joelhos e dançar o *gopak*, parecendo «uma vaca a dançar no gelo». Bulganine «batia com os pés no chão». Mikoian, o «grande dançarino», conseguia ainda uma vigorosa *lezginka*, e «o nosso dançarino cosmopolita», Molotov, valsava impecavelmente, fazendo gala do seu improvável talento terpsicórico. Desde os anos 30 que o grande truque de Molotov nas festas era dançar uma música romântica com outros homens, para grande gáudio de Estaline; o seu último par, Postichev, fora fuzilado havia muito.

Berman, o chefe da segurança polaca, ficou espantado quando o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético o convidou para dançar uma valsa. «Limitei-me a mexer os pés ao ritmo da música, como a mulher faz», escreveu Berman. «Molotov conduzia. Não era um mau dançarino. Eu esforçava-me por segui-lo, mas o que fazia era mais palhaçada do que dançar. Era agradável, mas com uma certa tensão interior.» Estaline, junto ao gramofone, sorria rudemente enquanto Molotov e Berman deslizavam pela sala. Era ele o único que «verdadeiramente se divertia. Para nós», continua Berman, «aqueelas sessões de dança eram uma boa oportunidade para dizer em voz baixa certas coisas que não podíamos dizer em voz alta.» Molotov avisou Berman de que «estava a ser infiltrado por várias organizações hostis», um alerta combinado com Estaline.\*

Raramente havia mulheres nestes jantares, mas, por vezes, eram convidadas algumas para a Véspera de Ano Novo ou para a festa de aniversário de Estaline. Certa vez, quando Nina Béria estava em Kuntsevo com o marido, Estaline perguntou-lhe por que não dançava. Ela respondeu que não lhe apetecia, de modo que Estaline se dirigiu a um jovem actor e ordenou-lhe que a convidasse para dançar. A ideia era provocar o ciumento Béria, que ficou furioso. Svetlana detestava as suas visitas a estas orgias. O pai insistia em que também ela dançasse:

– Vá lá, Svetlana, dança! És a anfitriã, portanto dança!

– Já dancei, Papá. Estou cansada.

Estaline puxou-lhe os cabelos, demonstrando o «seu perverso afecto à sua habitual maneira brutalhada». Quando ela tentou fugir, ele gritou-lhe: «Camarada anfitriã,

\* Estas danças entre homens simbolizam a sinistra degenerescência da ditadura de Estaline, mas não eram únicas. Em 1943, na festa de Acção de Graças que o presidente Roosevelt ofereceu no Cairo, pouco antes de partir para ir reunir-se com Estaline em Teerão, havia uma grande escassez de mulheres para dançar, pelo que Churchill dançou alegremente com o assistente militar de FDR, o general Edwin «Pa» Watson.

por que nos deixa, pobres criaturas pouco esclarecidas, sem (...) orientação? Chefia-nos! Mostra-nos o caminho!»

Zhdanov sentou-se ao piano, e cantaram hinos religiosos. Hinos brancos e canções folclóricas georgianas como *Suliko*. Se estavam presentes actores e realizadores georgianos, como Chiaureli, o entretenimento tinha um pouco mais de elevação. «As imitações, canções e anedotas» de Chiaureli «faziam rir Estaline.» O *Vozhd* gostava de cantar, e tinha uma bela voz. Os dois meninos do coro, Estaline e Vorochilov, juntavam-se a Mikoian, Béria e Zhdanov, que tocava piano.\*

A manhã quase rompia, mas a pungente nostalgia daquelas canções dos mundos perdidos de seminários e coros de igreja era repentinamente estilhaçada por uma das explosões de fúria e desprezo de Estaline. «Um interrogador razoável», disse Khrushchev, «não se comportaria com um criminoso empedernido como Estaline se comportava com os amigos à sua mesa.» Quando Mikoian ousou discordar dele, o Supremo gritou: «Estão velhos! Vou substituí-los a todos!»

Às cinco da manhã, Estaline despedia os seus exaustos camaradas, que estavam frequentemente tão bêbedos que mal conseguiam mover-se. Os guardas chamavam os carros e os condutores «carregavam os respectivos patrões». A caminho de casa, Khrushchev e Bulganine recostavam-se no assento, felizes por terem sobrevivido: «uma pessoa nunca sabe», murmurou Bulganine, «se vai para casa ou para a prisão».

Os guardas trancavam a porta da *dacha* e retiravam-se para os seus alojamentos. Estaline deitava-se num dos divãs e começava a ler. Finalmente, a bebida e o cansaço acabavam por vencer aquele autêntico dínamo. Adormecia. Os guarda-costas viam a luz apagar-se nos aposentos de Estaline: «nenhum movimento».

---

\* Gostavam tanto destas sessões que a mortífera banda gravou um disco, com Vorochilov na primeira voz e Zhdanov ao piano. Nele ouvimos «ao vivo» as belas vozes e o cintilante piano de uma noite em Kuntsevo. Este notável registo encontra-se actualmente em poder da família de Zhdanov.

A OPORTUNIDADE DE MOLOTOV: «QUANDO UM HOMEM ESTÁ BÊBEDO, NEM SABE O QUE DIZ!»

«A guerra», admitia Estaline, «quebrou-me.» Em Outubro de 1945, estava outra vez doente. Repentinamente, durante o jantar, declarou: «O Viatcheslav que trabalhe agora. É mais novo.» Kaganovitch, a soluçar, suplicou a Estaline que não se retirasse. Não há honra menos invejável do que ser nomeado sucessor de um sanguinário tirano. Mas agora Molotov, o primeiro de uma linha mortífera de potenciais sucessores, tinha a sua oportunidade de agir como líder por delegação.

A 9 de Outubro, Estaline, Molotov e Malenkov votaram uma resolução que dava «ao camarada Estaline um mês e meio de férias», e o generalíssimo partiu, no seu comboio especial, para Sochi, e dali para Gagra, junto ao mar Negro. E então, a dada altura entre 9 e 15 de Outubro, sofreu um grave ataque cardíaco. Uma foto pertencente ao arquivo da família Vlasik mostra um Estaline nitidamente doente, seguido pelo ansioso Vlasik, provavelmente a chegar a Sochi, agora uma grande mansão de dois pisos, pintada de verde e construída à volta de um pátio central. Mais tarde, continuou para sul, até Córrego Frio, perto de Gagra. Era ali o inexpugnável ninho de águia de Estaline, talhado na rocha, no alto de uma falésia sobranceira ao mar. Transformada por Merzhanov numa casa de campo sulista muito parecida com Kuntsevo, passou a ser a sua principal residência no Sul, uma espécie de Camp David secreto. O único acesso aos grandes portões de madeira fazia-se por uma «estreita e sinuosa estrada». Um alpendre georgiano rodeava-a a toda a volta, e tinha um vasto terraço. Uma frágil casa de madeira empoleirada na beira de um precipício.\*

---

\* Havia, um pouco mais abaixo na parede da falésia, uma pequena moradia destinada a Svetlana e à qual se chegava descendo uns degraus talhados na rocha. Quando a viu, Estaline resmungou: «Quem é ela?

Neste belo isolamento, Estaline recuperou num sossegado e hermético ritmo de férias, dormindo toda a manhã, passeando durante o dia, tomando o pequeno-almoço no terraço, lendo até tarde, recebendo um fluxo constante de papelada, incluindo os dois *dossiers* que nunca perdia: os relatórios do NKGB e as traduções da imprensa estrangeira. Talvez por vigiar tão apertadamente a imprensa soviética, tinha uma fé surpreendente nos jornalistas estrangeiros.

Durante a sua ausência, Molotov dirigiu o governo juntamente com Béria, Mikojan e Malenkov, os Quatro do Politburo. Mas o momento ao sol de Molotov não tardaria a ser ensombrado por perturbadores boatos a respeito de Estaline estar a morrer, ou já morto. A 10 de Outubro, a TASS, a agência noticiosa soviética, anunciou que o «camarada Estaline partiu para um período de descanso». Mas isto só serviu para despertar curiosidades e acirrar a vigilância de Estaline. O *Chicago Tribune* dava-o como incapacitado. Os seus sucessores seriam seguramente Molotov e o marechal Zhukov – um relatório enviado para sul com o título de «Boatos na Imprensa Estrangeira a Respeito do Estado de Saúde do Camarada Estaline». As suspeitas do Supremo acentuaram-se quando leu uma entrevista com Zhukov na qual o marechal chamava a si os louros da vitória na guerra, só muito para o fim se dignando louvar a acção de Estaline. Então, este concentrou-se nas razões que tinham levado ao aparecimento daqueles boatos, e em descobrir com que objectivos fora, na sua pessoa, manchada a honra soviética.

Talvez o «nossa Viatcheslav» andasse tão excitado por ter finalmente a responsabilidade que não se apercebia das nuvens negras que se acastelavam na Abcázia. Molotov estava nos píncaros do seu prestígio como estadista mundial. Acabava de regressar de uma série de encontros internacionais. Houvera tensão entre os dois quando Estaline exigira ao seu ministro que pressionasse a Turquia a ceder algum território: Molotov argumentara contra, mas Estaline insistira. As reivindicações soviéticas tinham sido recusadas. Em Abril, Molotov visitara Nova Iorque, Washington e São Francisco para se encontrar com o presidente Truman e assistira à inauguração das Nações Unidas. No decurso de um encontro bastante desagradável, Truman confrontou-o com a perfídia soviética na Polónia. «Vivemos sob uma pressão constante para não deixar escapar seja o que for» escreveu Molotov a «Polinska, meu amor», mas, como sempre, exultava na sua eminência: «Aqui, entre o público burguês», vangloriava-se, «fui o centro de todas as atenções, ao ponto de pouca atenção ter sido dada aos outros ministros!» Como sempre, «sinto a tua falta, e a da nossa filha. Não esconderei que por vezes me deixo dominar por um impaciente desejo da tua presença e das tuas carícias.» Mas o essencial era que «Moscovo [i.e., Estaline] apoia verdadeiramente o nosso trabalho e o encoraja».

Em Setembro, Molotov estava em Londres para participar no Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros, durante o qual pediu um protectorado da URSS sobre a

---

Membro do Politburo?» A vivenda de Vlasik ficava ao lado da casa da guarda: os visitantes percorriam um comprido túnel que atravessava a casa da guarda para chegarem à residência de Estaline.

Líbia italiana, fazendo uma espécie de humor negro a respeito do talento soviético para a administração colonial. Ao contrário de Estaline, que procurava incansavelmente saltos radicais, Molotov era um gradualista, e um realista, em matéria de política externa, e sabia que nunca o Ocidente concordaria com uma Líbia soviética. Cometeu alguns erros, mas Estaline perdoou-lhe o fracasso da conferência, assacando as culpas à intransigência americana. Mais uma vez, Molotov queixou-se a Polina da «pressão para não falhar». Quase não saía da embaixada soviética, passando o tempo a ver filmes como *Um Marido Ideal*, de Wilde, mas «uma vez, uma só vez, fui ver o túmulo de Karl Marx». Ao estilo tipicamente soviético, felicitava Polina por ter cumprido «o plano anual [dos têxteis]», mas «quero abraçar-te e aliviar o coração».

Agora, com Estaline a recuperar e Molotov a agir com um tudo-nada mais de independência, a temperatura estava a subir. Molotov sentia que era o momento certo para chegar a um acordo com o Ocidente. Estaline desautorizou-o: era tempo de «rasgar o véu da amizade». Quando Molotov continuou a mostrar-se demasiado brando para com os Aliados, Estaline, usando o formal *vy*, atacou-o duramente. «A maneira que Molotov tem de afastar-se do governo para dar de si mesmo uma imagem mais liberal (...) não serve para nada.» Molotov vergou a cerviz, com um ritualístico pedido de desculpa: «Admito ter cometido um erro grave de perspectiva.» Foi um momento revelador para os potentados: até Estaline e Molotov tinham deixado de tratar-se de um modo informal. Acabara-se o «Koba». Doravante, era só «camarada Estaline».

A 9 de Novembro, Molotov ordenou ao *Pravda* que publicasse um discurso de Churchill em que este elogiava Estaline como «um homem verdadeiramente grande, o pai da sua pátria». Molotov não percebera a nova visão que Estaline tinha do Ocidente. O Supremo telegrafou uma furiosa mensagem: «Considero a publicação do discurso de Churchill a elogiar a Rússia e Estaline um erro.» Em seguida, atacava aquele «infantil êxtase» que «gera (...) subserviência face a figuras estrangeiras. Devemos lutar com unhas e dentes contra esta subserviência (...). É evidente que os líderes soviéticos não precisam dos elogios de líderes estrangeiros. Falando pessoalmente, esses elogios só servem para me irritar. Estaline.»

Precisamente na altura em que os *media* ocidentais anunciam aos quatro ventos a doença de Estaline e a sucessão de Molotov, o mesmo Molotov embriagava-se um pouco durante a festa do 7 de Novembro e propunha aliviar a censura imposta aos meios de comunicação estrangeiros. Estaline ligou a Molotov, que sugeriu um «tratamento mais liberal dos correspondentes estrangeiros». O valetudinário tornou-se maldoso:

– Quando um homem está bêbedo, nem sabe o que diz!

Estaline dedicou os três dias seguintes a esmagar Molotov. Quando o *New York Times* publicou um artigo a respeito da doença de Estaline «em termos ainda mais rudes do que os usados pela imprensa amarela francesa», decidiu dar uma lição ao seu «substituto», ordenando aos Quatro que investigassem o assunto – o erro teria sido

de Molotov? Os outros três tentaram proteger Molotov, atirando as culpas para cima de um diplomata de segunda linha, mas admitiam ter seguido as suas instruções. A 6 de Dezembro, Estaline telegrafou a Malenkov, Béria e Mikoian, ignorando Molotov, e censurou-lhes a «ingenuidade» ao tentarem «disfarçar o assunto» enquanto davam cobertura às «habilidades do quarto». Estaline estava furioso com este «ultraje» feito ao «prestígio» do governo soviético. «Provavelmente, tentaram abafar o caso para esbofetearem (...) o bode expiatório e ficarem por aí. Mas cometaram um erro.» Referindo-se hipocritamente ao pretenso governo soviético, Estaline declarava: «Nenhum de nós tem o direito de agir isoladamente (...). Mas Molotov apropriou-se desse direito. Porquê? (...) Porque essas calúnias faziam parte do seu plano?» Uma reprimenda já não bastava, porque «Molotov está mais preocupado com ganhar popularidade em certos círculos estrangeiros. Não posso considerar um tal camarada meu primeiro-adjunto.» Terminava afirmando que não enviava aquele telegrama a Molotov «porque não confio em certas pessoas do círculo dele». (Uma clara alusão à mulher de Molotov, Polina, uma judia.)

Béria, Malenkov e Mikoian, que tinham pena do pobre Molotov, convocaram-no, como juízes, leram-lhe o telegrama de Estaline e censuraram-lhe os erros cometidos. Molotov admitiu que procedera mal, mas achava injusto perder a confiança nele. Os três comunicaram a Estaline que Molotov chegara a «derramar algumas lágrimas», o que deve ter apaziguado um pouco o generalíssimo. Molotov enviou então a Estaline um pedido de desculpas que foi, diz um historiador, «talvez o documento mais emocional de toda a sua vida política».

«O seu telegrama cifrado está impregnado de uma profunda desconfiança em relação a mim, como bolchevique e como ser humano», escrevia o lacrimoso Molotov, «e eu aceito isso como um sério aviso do partido para todo o meu trabalho subsequente, qualquer que ele possa vir a ser. Procurarei, com as minhas acções, reconquistar a sua confiança, na qual todo o bolchevique honesto vê não só uma confiança pessoal, mas a confiança do partido – algo que prezó mais do que a própria vida.»

Estaline deixou Molotov cozer no seu próprio molho durante dois dias, e então, à uma e um quarto da madrugada de 8, respondeu novamente aos Quatro, restabelecendo o seu transviado adjunto no anterior cargo de vice-primeiro-ministro. Mas nunca mais voltou a falar de Molotov como seu sucessor, e arquivou aqueles erros para os usar contra ele.\*

---

\* Também Mikoian conheceu a gélida reprovação do líder. Estaline achava que os seus dois velhos camaradas eram secretamente direitistas, o que era absurdo no caso de Molotov. Mas, durante as complexas discussões a respeito de despojar a Alemanha de toda a sua indústria ou construir um Estado-satélite no sector oriental, e no meio das intermináveis crises agrícolas e das fomes, Mikoian surgira como uma voz moderadora. Quando Mikoian não comunicou devidamente do Extremo Oriente, recebeu mais uma acerba nota de Estaline: «Não foi para poderes encher a boca de água [não dizer nada] e não enviar informação para Moscovo que te enviámos para o Extremo Oriente.»

Isto era apenas o começo. Estaline sentia-se melhor, mas remoera iradamente os desafios vindos do estrangeiro, a indisciplina interna, a deslealdade no seu próprio círculo, a impertinência dos marechais. Sentia-se deprimido e aborrecido pelo silêncio e pela solidão, mas a sua irascível energia e o seu gosto pela vida eram estimulados pela luta. Adorava a excitação de puxar os cordelinhos, como um bonecreiro, e o conflito ideológico. Regressado a Moscovo em Dezembro, com um brilho nos olhos amarelados e um renovado vigor na passada, decidiu tonificar o bolchevismo e abater os seus excessivamente poderosos boiardos numa súbita vaga de prisões e despromoções.

Depois de ter sacudido Molotov, voltou-se para Béria e Malenkov. Nem precisou de inventar o escândalo. Quando Vassili, o filho, o visitara em Potsdam, falara-lhe do desastroso cadastro dos aviões soviéticos em matéria de segurança: dos 80.300 aparelhos destruídos durante a guerra, 47% tinham-se perdido em consequência de acidentes, e não de fogo inimigo ou erro do piloto. Estaline reflectira a este respeito durante as suas férias, chegando a convidar para Sochi o ministro da Produção Aeronáutica, Chakhrin.\* Ordenou então a investigação do «Caso dos Aviadores» contra Chakhrin e o comandante da Força Aérea, o marechal-do-ar Novikov, um dos heróis da guerra, que ameaçara brincalhonamente durante o banquete oferecido a de Gaulle.

A 2 de Março, Vassili foi promovido a major-general. A 18 de Março, Béria e Malenkov, os dois potentados do tempo da guerra, foram promovidos a membros de pleno direito do Politburo – na precisa altura em que o Caso dos Aviadores lhes mordia os calcanhares. Logo a seguir, Chakhrin e o marechal-do-ar Novikov foram presos e torturados. A agonia por que passaram visava deliberadamente matar dois coelhos com uma cajadada: o chefe máximo da produção aeronáutica era Malenkov.

Abakumov, chefe do Smersh e protegido de Estaline, tratou do Caso dos Aviadores, que era igualmente dirigido contra Béria. A antiga simpatia do Supremo pelo mingreliano transformara-se havia muito num sombrio desdém. A teatral bajulação e a criatividade assassina de Béria enojavam Estaline tanto quanto o seu génio administrativo o impressionava. Estaline deixara de confiar no «Olhos de Cobra». A sua primeira regra era manter um controlo pessoal sobre a polícia secreta. «Ele sabe demasiado», disse a Mikoyan. O ressentimento do Supremo ardia lentamente. Passeavam pelos jardins de Kuntsevo, com Kavtaradze, quando Estaline sibilou venenosamente a Béria no dialeto mingreliano (que ninguém excepto os georgianos compreendia): «És um traidor, Lavrenti Béria!» E então acrescentou, «com um sorriso irónico: Traidor!» Num jantar em casa dos Béria, mostrou-se encantador para com Nina, mas desdenhoso em relação a Lavrenti: nos brindes, foi maldosamente avaro nos seus elogios. Béria recordou o primeiro encontro entre os dois, em 1926. «Não me lembro», respondeu Estaline, esmagadoramente.

---

\* Pai do jovem que assassinou a namorada, e depois se suicidou, em Kamenny Most, em 1943.

As tentativas de Béria de falar com ele em mingreliano, durante as reuniões, irritavam agora o *Vozhd*: «Não tenho segredos para estes camaradas. Que espécie de provação é esta? Fala a língua que todos compreendem!»

Estaline sentia, e não se enganava, que Béria, o «magnífico» industrial e nuclear, queria ser estadista. «É ambicioso a uma escala global», confidenciou ao seu protegido georgiano, «mas as munições dele não valem um chavo!» O Supremo decidiu que havia qualquer coisa de podre nos «Órgãos». Durante as férias, interrogara Vlasik a respeito do comportamento de Béria. Vlasik, deliciado com a oportunidade de destruir o seu inimigo, denunciou-o como corrupto, incompetente e possivelmente portador de doenças venéreas. Durante um jantar, no Sul, Estaline contou uma anedota a respeito de Béria:

«Estaline perde o seu cachimbo preferido. Dias mais tarde, Lavrenti telefona-lhe: “Encontrou o cachimbo?” “Encontrei”, responde Estaline, “estava debaixo do sofá.” “Impossível!”, exclama Béria: “Já três pessoas confessaram o crime!”» Estaline era um grande apreciador de histórias a respeito da capacidade que a Cheka tinha de arrancar confissões a pessoas inocentes. Mas, de súbito, pôs-se sério: «Toda a gente ri desta história. Mas não tem piada. Os violadores da lei não foram extirpados do MVD!»

O ataque foi fulminante: Béria foi demitido do cargo de ministro do MVD em Janeiro, mas continuou como *curator* dos «Órgãos», com Merkulov como chefe do MGB. Então, Merkulov foi denunciado pelo seu secretário. Béria largou-o, lavando as mãos do assunto. A 4 de Maio, Estaline, apoiado por Zhdanov, maquinou a promoção de Abakumov a ministro da Segurança do Estado: as suas qualificações para o cargo eram uma obediência cega e o facto de ser independente de Béria. Quando Abakumov, modestamente, recusou, Estaline perguntou-lhe, em tom de brincadeira, se «preferia o Instituto do Chá».

Abakumov continua ainda hoje a ser o mais nebuloso dos chefes da polícia secreta estalinista, tal como os anos do pós-guerra continuam a ser os mais turvos do reinado de Estaline, ainda que hoje saibamos muito mais a respeito deles. As atrocidades que se seguiriam foram obra de Abakumov, não de Béria, apesar de a maior parte das histórias culparem este último. Béria, que, como vice-primeiro-ministro encarregado da Bomba e da produção de mísseis, se mudou do seu gabinete na Lubianka para o Kremlin, tinha sido efectivamente «corrido» dos «Órgãos». Algo de que se ressentiu amargamente.

«Béria tinha um medo de morte de Abakumov e tentava a todo o custo manter boas relações(...), recordava Merkulov. «Béria encontrou em Abakumov um adversário à sua altura.» Como uma ratazana num barco a afundar-se, o proxeneta de Béria, o coronel Sarkisov, denunciou a degenerescênci a sexual do «Barba Azul» a Abakumov, que correu, deliciado, a contar tudo a Estaline: «Traz-me tudo o que esse merdas escrever!», ordenou Estaline.

ZHDANOV, O HERDEIRO, E O TAPETE  
ENSANGUENTADO DE ABAKUMOV

Abakumov, alto, com uma cara carnuda em forma de coração, olhos descoloridos, cabelos muito pretos, que usava *broussant*, lábios salientes e grossas sobrancelhas, era mais um pitoresco e jactancioso torturador, um *condottiere* amoral e um «carreirista zoológico» que tinha todo o sadismo de Béria, mas bastante menos inteligência.\* Antes de iniciar a tortura das suas vítimas, costumava estender no chão do gabinete um tapete já manchado de sangue, para não sujar as suas dispendiosas alcatifas persas. «Bem vês», disse a Leopold Trepper, um dos seus espiões, «só há duas maneiras de agradecer a um agente: cobrir-lhe o peito de medalhas ou cortar-lhe a cabeça.» Não era, nem pouco mais ou menos, o único a defender este ponto de vista tão bolchevique.

Até Estaline ter descido dos céus para fazer dele o seu chekista especial, Victor Abakumov foi um típico polícia secreto, que ganhara os seus louros na purga de Rostov, em 1938. Nascido em 1908, filho de um operário de Moscovo, era um *bon vivant* e um mulherengo. Durante a guerra, «armazenava amantes no Hotel Moskva e mandava vir de Berlim comboios carregados com o produto de pilhagens. O esplêndido apartamento onde vivia pertencera a uma soprano que tinha prendido e usava regularmente os esconderijos do MGB para os seus encontros amorosos. Adorava jazz. Costumava ter a banda de Eddie Rosner a tocar nas suas festas até que o jazz foi banido.

---

\* Abakumov aparece como um ardiloso e consumado cortesão, totalmente submisso aos misteriosos caprichos de Estaline, no romance de Soljenitsine sobre o Terror do pós-guerra, *O Primeiro Círculo*, e como um astuto e debochado carreirista da polícia secreta em *Fogo e Cinzas*, de Ribakov, o último volume da sua trilogia *Filhos de Arbat*.

Abakumov tratava directamente com Estaline, reunindo com ele todas as semanas, mas nunca fez parte do círculo dos jantares: «Nunca fiz nada por minha própria iniciativa», alegou, depois da morte do Supremo. «Estaline dava as ordens e eu cumpria-as.» Não temos motivos para não acreditar. Cultivava a simpatia dos filhos do líder. Durante um jantar, no Kremlin, «teve um súbito sobressalto, pôs-se de pé e inclinou respeitosamente a cabeça diante de uma jovem baixa, de cabelos ruivos» – Svetlana Estaline. Tal era a grandeza de Estaline que as pessoas faziam vénias à filha dele. Um dos companheiros habituais de Abakumov, nas noites de bebedeira, era Vassili Estaline. Os dois juntos, atiçaram o Caso dos Aviadores. Vassili saqueou a *dacha* de Novikov enquanto o «pai da Força Aérea soviética» era torturado. Estaline pediu a opinião de Abakumov.

– Devem ser executados.

– É fácil executar pessoas – respondeu o Supremo. – Mais difícil é fazê-las trabalhar. Faça-as trabalhar.

Chakhrin foi condenado a sete anos de trabalhos forçados, e Novikov a dez – mas as confissões de ambos implicaram peixes ainda mais graúdos.

A 4 de Maio, Malenkov era inesperadamente afastado do Secretariado. Os filhos lembravam-se de terem tido de abandonar a *dacha* onde viviam. A mãe levou-os para umas longas férias junto ao Báltico. Malenkov foi mandado supervisionar as colheitas na Ásia Central durante vários meses, mas não chegou a ser preso. Béria tentou convencer Estaline a trazê-lo de volta, o que muito divertiu o generalíssimo:

– Por que se preocupa tanto com esse imbecil? Há-de ser o primeiro que ele vai traír.

\* \* \*

Béria tinha perdido os «Órgãos» e o seu aliado, Malenkov, o que tornava crucial o êxito da Bomba. Mais perto do fim desse ano, correu à Elektrostal, em Noginsk, perto de Moscovo, para ver o reactor nuclear experimental do Professor Kurtchatov atingir a massa crítica, criando a primeira reacção nuclear sustentada soviética. Béria viu Kurtchatov empurrar para cima a alavanca de controlo no painel e ouviu os cliques que registavam os neutrões transformar-se num uivo.

– Começou! – disseram os físicos.

– É só isso? – ladrou Béria, com medo de ser enganado por aqueles cientistas. – Não há mais nada? Posso ir ver o reactor?

Teria sido uma perspectiva deliciosa para milhões de vítimas, mas os técnicos retiveram-no, ajudando deste modo a preservar o acossado Béria.

\* \* \*

A reviravolta na sorte de Béria e Malenkov assinalou a resurreição do inimigo de ambos, Andrei Zhdanov, o amigo especial de Estaline, esse entusiástico e pretensioso

intelectual que, depois do *stress* de Leninegrado, se transformara num alcoólico balofo de olhos aguados e tez lívida. Estaline falava abertamente dele como seu sucessor. Entretanto, Béria mal conseguia disfarçar o seu ódio pelas pretensões de Zhdanov: «Mal consegue tocar piano com dois dedos e distinguir um homem de um boi num quadro, e agora fala de pintura abstracta!»

«O Pianista» tornara-se um herói em Leninegrado, cujo cerco, não se coibia de o afirmar, fora, a seu ver, mais importante do que a batalha por Estalinegrado. Enviado para a Finlândia como procônsul de Estaline, em 1945, dominava a história finlandesa, dava mostras de um conhecimento enciclopédico das políticas de Helsínquia e conseguiu até conquistar o representante britânico na capital. Quando propôs a anexação da Finlândia (que fora um ducado russo até 1917), Molotov admoestou-o: «Foi demasiado longe (...). É excessivamente emocional!» Mas nada disto o prejudicou aos olhos de Estaline, que o fez regressar de Leninegrado e o promoveu a adjunto do partido encarregado da Agitprop e das relações com os partidos irmãos, tornando-o ainda mais poderoso do que fora antes da guerra. A família, sobretudo o filho, Iuri, voltou a fazer parte do círculo íntimo do líder. Na realidade, escreviam-lhe *en famille*: «Caro José Vissarionovitch, felicitamo-lo cordialmente por ocasião (...) do aniversário da vitória bolchevique e pedimos-lhe que aceite as nossas mais cordiais saudações. Zinaida, Andrei, Ana e Iuri Zhdanov.»

Zhdanov tinha jogado inteligentemente as suas cartas desde que regressara, em 1945. Consolidou o seu triunfo sobre Malenkov e Béria persuadindo Estaline a elevar ao poder, em Moscovo, a sua camarilha de Leninegrado: Alexei Kuznetsov, o emaciado herói do cerco, recebeu o Secretariado de Malenkov. Zhdanov compreendeu que Estaline não queria que Béria conservasse o controlo do MGB, pelo que sugeriu Kuznetsov para o substituir como *curator* dos «Órgãos». Kuznetsov foi suficientemente ingênuo para aceitar este presente envenenado; «devia ter recusado», disse Mikoian, mas era «inexperiente». As promoções de Kuznetsov granjearam-lhe o ódio imorredouro dos dois mais vingativos predadores da selva estalinista: Béria e Malenkov.

Em Fevereiro de 1946, com Estaline semi-retirado, Zhdanov parecia controlar o partido e também as políticas cultural e externa, além de ter neutralizado os «Órgãos» e os militares.\* Foi exaltado como «o segundo homem do partido», o seu «maior trabalhador», e colaboradores e amigos começavam a falar, à boca pequena, «do nosso príncipe herdeiro». Estaline considerou até a possibilidade de nomeá-lo secretário-geral. Em 1946, Zhdanov assinava decretos como «secretário», juntamente com Estaline, primeiro-ministro: «o Pianista» era tão importante que o embaixador jugoslavo notou que, quando um burocrata entrava no gabinete dele, fazia vénias «a Zhdanov enquanto

---

\* O próprio Estaline demitiu-se de ministro das Forças Armadas, passando o cargo a Bulganine, outro aliado de Zhdanov que odiava Malenkov desde que este o afastara da Frente Ocidental, em 1943. O círculo interior governante (Estaline, Molotov, Mikoian, Malenkov e Béria) expandiu-se pouco a pouco até incluir Zhdanov, Voznessenski, Bulganine e Kuznetsov, independentemente de serem já, ou não, membros formais do Politburo.

se aproximava» e depois retirava-se a recuar; percorrendo «seis ou sete metros a fazer vénias, chegava até à porta, procurando nervosamente encontrar a maçaneta com a mão». Durante o desfile de Novembro, Zhdanov, na ausência de Estaline, recebeu a continência, com o grupo de Leninegrado a encher o Mausoléu.

A sua saúde era, porém, frágil.\* Zhdanov nunca quis ser o sucessor. Enquanto Estaline esteve gravemente doente, viveu aterrorizado por esta perspectiva, dizendo ao filho: «Deus não permita que eu sobreviva a Estaline!»

\* \* \*

Estaline e Zhdanov retomaram as coisas no ponto onde as tinham deixado antes do conflito, debatendo a melhor maneira de fundir o russianismo da guerra com o bolchevismo da Revolução de modo a erradicar a influência estrangeira e restaurar a moralidade, o orgulho e a disciplina. Como dois professores rezingões, obcecados com a grandeza da cultura do século XIX e revoltados com a degenerescência da arte e dos costumes modernos, o velho seminarista e o descendente da *intelligentsia* provincial retrocederam às respectivas juventudes, preparando um ataque selvagem contra o modernismo («formalismo») e contra a influência estrangeira na cultura russa («cosmopolitismo»). Esmiuçando poemas e jornais literários até altas horas da noite, estes dois meticulosos e metedícos «intelectuais», que partilhavam um insaciável apetite bolchevique por mais e mais educação, cozinharam o esmagamento da liberdade cultural dos anos da guerra.

Entrincheirado nos clássicos, desprezando a arte moderna, Zhdanov lançou-se numa política que teria parecido familiar aos czares Alexandre I e Nicolau I. A vitória abençoara o casamento do russianismo com o bolchevismo: Estaline via os Russos como o elemento aglutinante da URSS, o «irmão mais velho» dos povos soviéticos, com um novo nacionalismo russo muito diferente do dos seus antecessores do século XIX. Não haveria novas liberdades, nem influências estrangeiras; pelo contrário, estes impulsos seriam suprimidos numa celebração forçada do russianismo.

Os jornais de Leninegrado eram o ponto natural para começar, porque publicavam os trabalhos do satirista Mikhail Zoshchenko, que Estaline em tempos lera aos filhos, e da poetisa Ana Akhmatova, cujos versos apaixonados simbolizavam a indestrutível dignidade e a sensibilidade do ser humano no terror e na guerra. Os papéis de Zhdanov revelam nas suas próprias palavras o que Estaline queria: «Peço-lhe que dê uma vista de olhos a isto», perguntava Zhdanov ao mestre. «É bom para os meios de comunicação e para o que precisa de ser melhorado?»

---

\* Em finais de 1946, teve problemas cardíacos e foi obrigado a repousar em Sochi, comunicando a Estaline, a 5 de Janeiro de 1947: «Sinto-me agora muito melhor (...). Não quero interromper o tratamento (...). Peço-lhe que acrescente dez dias às minhas férias (...) e permita que regresse a 25 (...), pelo que lhe ficarei imensamente agradecido. Saudações! Seu, Andrei Zhdanov.»

«Li o seu relatório. Parece-me perfeito», respondeu Estaline, a lápis. «Deve publicá-lo o mais depressa possível, e depois como livro. Saudações!» Mas «há algumas correcções» – que exprimiam o pensamento do líder: «se a nossa juventude tivesse lido Akhamatova e sido educada num tal ambiente, que teria acontecido na Grande Guerra Patriótica? A nossa juventude [tem sido] educada no alegre espírito capaz de permitir a vitória sobre a Alemanha e o Japão (...). Este jornal ajuda os nossos inimigos a destruir a nossa juventude.»\*

A 18 de Abril, Zhdanov lançou o seu terror cultural, conhecido como *Zhdanovshchina*, com um ataque aos jornais de Leninegrado. Em Agosto, o inquisidor literário deslocou-se à cidade para fulminar: «Tão fraca foi a vigilância dos cidadãos de Leninegrado encarregados de dirigir o jornal *Zvezda* que deixaram publicar, nesse jornal, obras (...) envenenadas pela peçonha da hostilidade zoológica à liderança soviética.» Akhamatova era «meio freira, meio puta, ou melhor, uma freira-puta cujo pecado se misturava com a oração», uma grotesca distorção dos seus próprios versos. Seguiram-se ataques aos realizadores de cinema e aos músicos, Numa famosa reunião com Chostakovitch e outros, «o Pianista» dedilhou o piano para demonstrar músicas que as pessoas retivessem facilmente no ouvido, uma visão tão absurda como a de José II a admoestar Mozart por «escrever demasiadas notas». Iuri Zhdanov foi ao teatro com o pai e Estaline. Quando, no fim, falaram com os actores, estes gabaram-se de o seu espectáculo ter sido aclamado em Paris:

– Esses franceses não valem a sola dos vossos sapatos – replicou Estaline. – Não há nada mais importante do que o teatro russo.

No meio de joiais gracejos, o omnipotente duo, Estaline e Zhdanov, mantiveram *conversazione* para orientar escritores e realizadores de cinema. Na noite de 14 de Maio de 1947, receberam os dois burocratas literários preferidos de Estaline, o poeta Simonov e Fadeev, o romancista de segunda categoria que dirigia o Sindicato dos Escritores. Estaline começou por estabelecer o pagamento dos escritores:

– Escrevem um livro bom, constroem uma *dacha* e deixam de trabalhar. Não lhes invejamos o dinheiro – riu Estaline –, mas isto não pode ser.

Sugeriu então que se constituísse uma comissão.

– Eu farei parte! – declarou Zhdanov, mostrando a sua independência.

– Muito modesto! – riu Estaline.

Enquanto discutiam a comissão, Zhdanov opôs-se a Estaline em três ocasiões, sendo em todas elas derrotado, mais um exemplo de como o seu favorito podia ainda discutir com ele. Estaline gostava de provocar Zhdanov num tom amistoso. Quando

\* Zhdanov discutiu esta campanha com o filho, Iuri, que estudara Química, tinha um mestrado em Filosofia – e continuava a ser, para Estaline, o jovem ideal e o genro de sonho. Explicou que «depois da guerra, com milhões de mortos e a economia destruída, temos de formar um novo conceito de valores espirituais para dar a um país devastado um alicerce baseado na cultura clássica (...).» Este homem, que cresceu alimentado por autores do século XIX, «de Puchkine a Tolstoi, e compositores como Haydn e Mozart», procurava «uma base ideológica nos clássicos».

«o Pianista» disse que tinha recebido uma lamuriosa carta de um escritor, o Supremo gracejou:

– Não acredite em cartas lamuriosas, camarada Zhdanov!

Dirigiu-se então aos escritores:

– Se não há mais nada, tenho uma pergunta para lhes fazer: em que espécie de temas trabalham actualmente os escritores?

E lançou-se numa prelecção sobre o «patriotismo soviético». O povo era orgulhoso, mas «a nossa *intelligentsia* média, médicos e professores, não tem uma educação patriótica. Alimenta uma injustificada admiração pela cultura estrangeira (...). Esta tradição vem dos tempos de Pedro (...), admiração por alemães, por franceses, por estrangeiros, por uns merdas.» Riu-se. «É preciso destruir o espírito de auto-rebaixamento. Deviam escrever um romance sobre este tema.»

Estaline estava a pensar num escândalo recente. Dois professores médicos especializados no tratamento do cancro tinham publicado o seu trabalho num jornal americano. Estaline e Zhdanov criaram «tribunais de honra», mais um retrocesso à classe dos oficiais czarista, para julgar os professores. (Zhdanov presidiu a este tribunal.) Estaline encarregou Simonov de escrever uma peça a respeito do caso. Zhdanov passou uma hora inteira a fazer a crítica literária do trabalho de Simonov antes de Estaline reescrever pelo seu próprio punho o final da peça.\*

Em Agosto, Bolchakov, o empresário cinematográfico, mostrou a Estaline um novo filme, *Ivan, o Terrível, II Parte*. Sabendo, através dos relatórios do MGB, que Eisenstein comparava *o Terrível* a Iezhov, Estaline rejeitou aquele «pesadelo, detestando a sua falta de orgulho russo, o retrato que fazia de Ivan (e a duração dos beijos, e o comprimento da barba). Astutamente, Eisenstein apelou a Estaline. Às onze da noite de 25 de Fevereiro de 1947, o cineasta e o seu guionista chegaram ao «Cantinho», onde Estaline e Zhdanov lhes deram uma lição magistral sobre bolchevismo nacional, um extremamente revelador *tour d'horizon* de História, terror e até sexo. Estaline atacou o filme por fazer o MGB do czar, a *Oprichnina*, parecer o Ku Klux Klan. Quanto ao próprio Ivan, «O seu czar é indeciso... parece o Hamlet», disse. «O czar Ivan foi um grande e sábio governante (...), sábio (...) ao não permitir a entrada de estrangeiros no país. Também Pedro, o Grande, foi um grande czar, mas tratava os estrangeiros com demasiada liberalidade (...). Catarina ainda mais. A corte de Alexandre I era russa? (...) Não, era alemã (...).» Foi, em seguida, a vez de Zhdanov dar a sua opinião, com uma interessante reflexão sobre a natureza de Estaline:

«Ivan, o Terrível, parece histérico na versão de Eisenstein!»

«As figuras históricas», acrescentou Estaline, «devem ser mostradas da maneira correcta (...). Ivan beijava a mulher durante demasiado tempo.» Beijos, outra vez, «não era permitido, naquela época». Chegaram então ao cerne da questão. «*Ivan, o Terrível*,

---

\* «Completei o trabalho com as instruções do camarada Estaline a respeito da peça, que anotei», escrevia Simonov a Poskrebichev, a 9 de Fevereiro de 1949, entregando a peça para apreciação.

era muito cruel», disse Estaline. «Pode mostrar que ele era cruel. Mas tem de mostrar por que razão ele *tinha de ser cruel*.» Zhdanov levantou então a questão crucial da barba de Ivan. Eisenstein prometeu encurtá-la. E perguntou se podia fumar.

«Julgo que não há qualquer proibição a respeito do fumo. Talvez votemos uma.» Estaline sorriu a Eisenstein. «Não estou a dar-lhe instruções, estou apenas a fazer-lhe os comentários de um espectador.»\*

A campanha de Zhdanov para promover o patriotismo russo ganhou rapidamente contornos tão absurdos que Sakharov recordava que as pessoas brincavam a respeito da «Rússia, a terra natal do elefante». Mas, mais sinistramente, o desencadear do nacionalismo russo e os ataques aos «cosmopolitas» começaram a voltar-se contra os judeus.

---

\* Eisenstein morreu antes de poder encurtar a barba, diminuir a duração dos beijos e mostrar por que razão Ivan, o Terrível, «tinha de ser tão cruel». Foi uma sorte, pois parece pouco provável que tivesse conseguido sobreviver à purga anti-semita de 1951-53.

## O ECLIPSE DE ZHUKOV E OS SAQUEADORES DA EUROPA: A ELITE IMPERIAL

Estaline apercebeu-se, logo no início da guerra, da utilidade dos judeus soviéticos para atrair a ajuda americana, mas já nessa altura o projecto estava manchado de sangue.\* Ordenou então a Béria que criasse o Comité Judaico Antifascista, controlado pelo NKVD mas oficialmente liderado pelo famoso actor *yiddish* Solomon Mikhoels, «baixo, com uma cara de intelectual travesso, testa proeminente e um lábio inferior espetado para fora», que Kaganovitch pôs a interpretar o *Rei Lear*. Antes de, em Abril de 1943, Mikhoels iniciar uma digressão pela América com o objectivo de angariar apoio para a Rússia, Molotov deu-lhe as últimas instruções e Estaline apareceu à porta do gabinete para lhe acenar um adeus. O CJAF era supervisionado por Solomon Lozovski, um rude Velho Bolchevique senhor de uma barba bíblica e que era o judeu simbólico nos escalões mais elevados do Comissariado dos Negócios Estrangeiros.

As pavorosas revelações do Holocausto nazi, a digressão de Mikhoels e as atracções do Sionismo como meio de dar aos judeus um porto de abrigo seguro amaciaram o inflexível internacionalismo até dos bolcheviques mais altamente colocados. Estaline tolerou isto, mas, ao mesmo tempo, encorajou a tradicional reacção anti-semita. No casting para *Ivan, o Terrível, II Parte*, recusou abertamente uma actriz porque «as suas feições semitas são claramente visíveis». Qualquer pessoa que parecesse demasiado judia era despedida.

---

\* Os dois primeiros candidatos a liderar esta campanha de relações públicas, os líderes polacos do Bund (Partido Socialista Judaico), V. Alter e G. Ehlich, exigiram demasiado e foram presos. O primeiro foi executado e o segundo suicidou-se na prisão.

Quando o avanço do Exército Vermelho expôs ao mundo a verdade do genocídio praticado por Hitler, Khrushchev, o patrão da Ucrânia, recusou qualquer tratamento especial para os judeus que tentavam regressar a casa saídos dos campos de extermínio. Recusou inclusivamente devolver-lhes as casas, que tinham entretanto sido ocupadas por ucranianos. Este anti-semita contumaz resmungava que os «Abramovitches» andavam a saquear-lhe o feudo «como corvos».

Tudo isto desencadeou um genuíno debate à volta de Estaline. Mikhoels queixou-se a Molotov de que, «depois da catástrofe judaica, as autoridades locais não davam a mínima atenção ao caso». Molotov transmitiu isto a Béria, que, para seu crédito, se mostrou solidário. Béria exigiu a Khrushchev que ajudasse os judeus, que «foram mais reprimidos pelos alemães do que quaisquer outros». Ao afirmá-lo, corria um risco, uma vez que Estaline já decretara que *todos* os cidadãos soviéticos tinham sofrido *igualmente*. Mais tarde, Estaline suspeitou de que Béria estava demasiado próximo dos judeus, o que talvez tenha dado origem ao boato de que o próprio Béria era um judeu «secreto». Molotov transmitiu a ordem de Béria. Khrushchev aceitou ajudar os seus «Abramovitches».

Encorajado por esta crescente simpatia, Mikhoels e o seu colega Fefer, poeta\* e espião do MGB, sugeriram a Molotov e ao seu adjunto encarregado do CJAF, Lozovski, a criação de uma república judaica na Crimeia (entretanto vazia de Tártaros) ou em Saratov (entretanto vazia de Alemães do Volga). Molotov achou a ideia de Saratov ridícula, «é impossível imaginar um judeu em cima de um tractor», mas preferiu a Crimeia: «Por que não escreve um memorando dirigido a mim e ao camarada Estaline, e depois se vê?»

«Toda a gente», recorda Vladimir Redens, «acreditava que a Crimeia judaica seria uma realidade.» É possível que Molotov, agora mais independente do que noutros tempos, tenha discutido o caso com Béria, mas esta opinião quase lhe custou a vida. Num prazo de cinco anos, todos os envolvidos estavam mortos.

A 2 de Fevereiro de 1944, Mikhoels entregou a sua carta a Molotov, com cópia para Estaline, o qual decidiu que o actor tinha deixado de fazer propaganda soviética para passar a fazer propaganda judaica. Sempre cauteloso em questões de anti-semitismo, mandou Kaganovitch deitar água fria em cima daquela ideia de uma «Califórnia judaica»: «Só mesmo actores e poetas poderiam imaginar um esquema destes», disse, «que na prática não vale nada!» Zhdanov supervisionou a elaboração de listas de judeus nos diferentes departamentos e recomendou o encerramento do CJAF.<sup>†</sup> Como Molotov

\* Fefer foi o autor de um absurdo poema aparecido em plena Segunda Guerra Mundial e intitulado «Eu, um Judeu», que exaltava os grandes bolcheviques judeus, desde Salomão a Marx, passando por Sverdlov e «o amigo de Estaline, Kaganovitch», o que sem dúvida terá deixado este último altamente embarçado.

† O principal ideólogo anti-semita de Zhdanov era o alto, magro e ascético secretário do CC Mikhail Suslov, que desempenhou um papel-chave nas deportações do Cáucaso e depois serviu como procônsul de Estaline nos países bálticos, que purgou brutalmente uma vez terminada a guerra. Trabalhando alternadamente sob as ordens de Zhdanov e Malenkov, tornou-se um dos mais jovens protegidos de Estaline.

em 1939, largou os cães às canelas dos judeus do *apparat*, que, a seu ver, estava a tornar-se «uma espécie de sinagoga».

O anti-semitismo de Estaline sempre tinha sido uma mistura de antiquado preconceito, suspeição relativamente a um povo sem pátria e desconfiança, uma vez que muitos dos seus inimigos eram judeus. Era tão descarado nas suas opiniões que disse abertamente a Roosevelt, em Ialta, que os judeus eram «intermediários, exploradores e parasitas». A partir de 1945, porém, houve uma mudança: Estaline surgiu como um anti-semita maldoso e obcecado.

Sempre supremamente político, isto resultava em parte de um julgamento pragmático: condizia com o seu novo nacionalismo russo. A supremacia da América, com a sua poderosa comunidade judaica, fazia que os judeus soviéticos, que tinham reatado laços com os Estados Unidos durante a guerra, parecessem uma perigosa Quinta Coluna. A suspeição relativamente aos judeus era outra faceta do seu complexo de inferioridade face à América, e também um sintoma do medo que lhe inspirava a recém-adquirida autoconfiança e assertividade do seu próprio povo vitorioso. Além de uma maneira de controlar os velhos camaradas, cujas ligações judaicas simbolizavam uma nova e cosmopolita confiança depois da vitória. De resto, detestava qualquer pessoa cuja lealdade não fosse exclusiva: não lhe escapara que o Holocausto tinha tocado num ponto fraco e despertara o judaísmo até entre os potentados. O seu novo anti-semitismo decorria de uma fervilhante paranóia, exacerbada pelo facto de a sorte ter introduzido judeus na sua própria família.

Continuava, no entanto, a desempenhar o papel do internacionalista, acusando os outros de anti-semitismo e recompensando publicamente judeus, desde Mekhlis ao romancista Ehrenburg. Não tardou que este turbilhão ameaçasse consumir Molotov, Béria e o seu próprio clã.

\* \* \*

«Logo que as hostilidades cessam», disse Estaline em Ialta, «os soldados são esquecidos e desaparecem no oblivio.» Bem desejava que assim fosse, mas nunca o prestígio do marechal Zhukov fora maior. A imprensa ocidental chegou a proclamá-lo sucessor do Supremo. Estaline gostava de Zhukov, mas «não reconhecia laços pessoais», de modo que sondou para ver se a sua ideia tinha algum apoio.

— Estou a ficar velho — disse despreocupadamente a Budeny, seu velho companheiro e amigo de Zhukov. — Que te parece o Zhukov suceder-me?

— Gosto do Zhukov — respondeu Budeny —, mas é um homem complicado.

— Tu conseguiste controlá-lo — disse Estaline —, e eu também consigo.

Estaline «controlou» Zhukov usando o «Caso dos Aviadores» contra ele, obrigando pela tortura o marechal-do-ar Novikov a implicá-lo.\* «Moralmente desfeito, levado ao

\* O próprio Churchill tinha acessos de ciúme dos seus generais: «O Monty quer encher o Mall quando receber o bastão! E não vai encher o Mall!», disse a Sir Alan Brooke quando regressavam de Moscovo, em Outubro de 1944. «Vai encher o Mall porque é Monty e eu não permitirei que encha o Mall!» Era,

desespero, noites sem dormir, assinei», admitiria Novikov mais tarde. Abakumov torturou setenta outros generais para conseguir as provas necessárias. Em Março, Zhukov foi chamado a Moscovo. Em vez de reportar directamente ao generalíssimo, compareceu perante o adjunto de Estaline como ministro das Forças Armadas, Bulganine, «o Canalizador» (como Béria lhe chamava), que estava em alto favor. Zhukov queixou-se da arrogância de Bulganine e Bulganine queixou-se de que Zhukov tinha puxado dos galões, resistindo a ordens do partido. Estaline ordenou ao «Canalizador» que forjasse um caso contra Zhukov. Abakumov revistou as casas do marechal, que revelaram ser autênticas cavernas de Ali-Babá.

«Só podemos dizer», comunicava Abamukov, deliciado, a Estaline, «que a *dacha* de Zhukov é um museu», cheia de ouro, 323 peles, 400 metros de veludo e seda. Havia tantos quadros que alguns estavam pendurados na cozinha. Zhukov foi ao ponto de suspender por cima da sua própria cama «uma enorme tela representando duas mulheres nuas (...). Não encontrámos um único livro soviético.» Havia ainda «vinte caçadeiras, peças únicas, da Holland & Holland». Deixaram os troféus onde estavam (só foram buscá-los em 1948) mas, estranhamente, confiscaram uma boneca de uma das filhas do marechal, e as memórias dele:

«Deixe a escrita da História para os historiadores», disse Estaline a Zhukov, em tom de aviso.

No início de Junho, Zhukov foi intimado a comparecer perante o Supremo Conselho Militar. Estaline entrou, «sombrio como uma nuvem negra». Sem uma palavra, atirou uma nota para cima da secretária de Shtemenko.

– Leia – ordenou.

Shtemenko leu o testemunho de Novikov, segundo o qual Zhukov reclamara para si os louros da vitória soviética, criticara Estaline e criara a sua própria clique. Chegara até a condecorar Lídia Ruslanova, uma aspirante a estrela de cinema com a qual talvez tivesse tido um caso.

Aquilo era «intolerável», declarou Estaline, voltando-se para os generais. Budeny (que fora instruído por Bulganine) criticou vagamente o amigo, mas sem o prejudicar. Koniev, o rival de Zhukov, disse que o marechal era um homem difícil, mas honesto. Só Golikov, que Zhukov afastara da frente de Voronezh, em 1943, o denunciou verdadeiramente. Mas Molotov, Béria e Bulganine acusaram o marechal de «bonapartismo», exigindo que «fosse posto no seu lugar». Zhukov defendeu-se, mas admitiu ter exagerado a sua própria importância.

– Que vamos nós fazer com Zhukov? – perguntou Estaline, que, tipicamente, não emitira qualquer opinião.

Os potentados queriam-no punido; os militares, não. Estaline, apercebendo-se de que já não se estava em 1937, sugeriu despromover Zhukov a comandante do Distrito

---

escreveu Brooke, «uma estranha veia de inveja mesquinha, quase inacreditável da parte dele (...). Os que se interpunham entre ele e o Sol não mereciam a sua aprovação.» É longa a tradição de governantes invejosos de, e ameaçados por, generais brilhantes mas excessivamente poderosos. O imperador Justiniano humilhou Belisário; o imperador Paulo fez o mesmo a Suvorov.

Militar de Odessa. O Terror contra os vencedores era uma política deliberada: o almirante Kuznetsov, entre outros, foi preso (ainda que também fosse apenas despromovido). O ex-marechal Kulik foi apanhado a queixar-se pelo telefone de que os políticos estavam a roubar os louros devidos aos militares. Era pura heresia: foi discretamente executado, em 1950. Zhukov foi expulso do CC, os seus troféus foram confiscados, os amigos foram torturados, e acabou por ser afastado ainda para mais longe, para os Urales. Sofreu um ataque cardíaco, mas Estaline nunca deixou Abakumov prendê-lo por ter planeado um golpe bonapartista:

«Não confio em ninguém que me diga que o Zhukov seria capaz disso. Conheço-o muito bem. É um homem franco e duro, capaz de dizer o que pensa seja a quem for, mas nunca iria contra o CC.»

Finalmente, Estaline deixou bem clara a subordinação dos generais enviando a seguinte nota ao Politburo:

«Proponho que o camarada Bulganine seja promovido a marechal pelo modo distinto como se comportou durante a Guerra Patriótica.» Para o caso de alguém querer questionar a apagadíssima folha de serviços militar – e civil – do «Canalizador», acrescentava: «Julgo que as minhas razões não precisam de ser discutidas – está absolutamente claro.»

\* \* \*

Zhukov não estava sozinho no seu «museu» de ouro e quadros. A corrupção é a história silenciada do Terror estalinista do pós-guerra: os potentados e os marechais saquearam a Europa com a voracidade de um Göring, ainda que com muito mais justificação depois do que os alemães tinham feito à Rússia. A elite imperial pôs de lado grande parte da sua «modéstia bolchevique». No entanto, «o camarada Estaline», era dito aos visitantes estrangeiros, «não tolera a imoralidade», embora sempre tivesse sido de opinião que os conquistadores tinham o direito a alguns despojos e às raparigas locais. Ria dos luxos dos generais com os seus cortesãos e servidores, mas tinha os arquivos a abarrotar de denúncias de corrupção que geralmente guardava para uso futuro.

Os marechais beneficiavam da etiqueta que lhes dava direito aos despojos, enquanto os meros oficiais roubavam o que podiam e então pagavam uma espécie de tributo aos seus superiores. Alguns havia que não precisavam dessa ajuda: o marechal-do-ar Golovanov, um dos favoritos de Estaline, desmontou a casa de campo de Goebbels e levou-a de avião para Moscovo, uma proeza que lhe arruinou a carreira.

Os militares eram os primeiros a chegar aos tesouros, mas eram os chekistas que ficavam com a melhor parte. Em Gagra, Béria perseguia e impressionava as atletas deslocando-se numa flotilha de lanchas rápidas roubadas. Abakumov andava por Moscovo em carros desportivos italianos, saqueou a Alemanha com uma extravagância góringuesca, mandou aviões a Berlim requisitar quantidades potemkinianas de roupa inte-

rior feminina, amassando um tesouro que mais parecia um grande armazém. Mandou que lhe levassem de avião a estrela de cinema alemã e *femme fatale* internacional Olga Chekhova, com quem teve um *affaire*. Quando a actriz Tatiana Okunevskaia (que ele já violara) o recusou, foi condenada a sete anos no Gulag. O pessoal que servia Estaline estava atolado em corrupção até aos cabelos. Vlasik, o vizir que geria um luxuoso império de comida, bebida e mansões, recebia os seus cortesãos nas casas de repouso oficiais acompanhado por um bando de pintores mal-amanhados, chekistas rufiões e burocratas sibaritas. Limusinas do Estado iam entregar as «concubinas», que recebiam apartamentos, caviar, bilhetes para as paradas na Praça Vermelha e para jogos de futebol. Vlasik seduzia as mulheres dos amigos mostrando-lhes fotografias de Estaline e mapas de Potsdam. Chegava a saquear as casas do próprio generalíssimo, roubando da *villa* de Potsdam 100 peças de porcelana, pianos, relógios, carros, três touros e dois cavalos, tudo transportado para a Rússia por comboios e aviões do MGB. Passou a maior parte da Conferência de Potsdam a beber, a fornicular ou a roubar.

E depois havia o enorme desperdício de comida nas *dachas* de Estaline. Não tardou que Vlasik fosse acusado de vender o caviar que sobrava, provavelmente por Béria, que ele tinha por sua vez denunciado. Em 1947, esteve à beira de ser preso, mas, em vez disso, Estaline deixou-o explicar os seus pecados: «Sempre que a hora da refeição era mudada [por Estaline], havia alguns pratos que não chegavam a ser servidos.» Eram distribuídos pelo pessoal. Estaline perdoou-lhe... e passou a encomendar menos comida, Vlasik conservou o lugar.

Entretanto, as amantes de Vlasik, como os proxenetas de Béria, espiavam-no por conta de Abakumov, que foi por sua vez denunciado pelo seu rival do MGB, o general Serov, que escreveu a Estaline sobre a corrupção e o debache do ministro. Estaline guardou as cartas para as usar mais tarde. Quanto a Serov, dizia-se que tinha roubado a coroa do rei da Bélgica. Por esta altura, cortesãos, proxenetas e generais do MGB denunciavam-se uns aos outros, num carrossel de favores sexuais e traições.

\* \* \*

Os potentados de Estaline viviam agora numa estufa de privilégios, com magníficos tapetes persas no chão dos gabinetes e grandes quadros a óleo nas paredes.\* As casas onde moravam era palacianas: o patrão do partido em Moscovo ocupava todo o palácio do grão-duque Sergei Alexandrovitch. O próprio Estaline deu origem a esta nova era imperial quando, depois de Ialta, se embeiciou pelo Palácio Livadia, de Nicolau II,

\* O tamanho e a qualidade do quadro de Estaline que cada um possuía era tanto um sinal de *status* como as estrelas nas dragonas de um oficial: um óleo de corpo inteiro em tamanho natural pintado por um artista da corte, como Gerassimov, indicava um potentado. Budeny e Vorochilov tinham igualmente retratos equestres deles próprios, em tamanho natural, envergando as galas militares e de sabre na mão, executados por Gerassimov. Estes «grandes senhores» tinham-se tornado tão pomposos, recordava Svetlana, que faziam «discursos magistrais» a «pretexido de tudo e mais alguma coisa», mesmo ao almoço nas suas próprias casas, enquanto a família «suspirava de tédio».

e pelo Alupka, do príncipe Vorontsov. «Ponham esses palácios em ordem», escreveu a Béria, a 27 de Fevereiro de 1945. «Preparem-nos para trabalhadores responsáveis.» Gostou tanto do palácio de Alexandre III em Sosnovka, na Crimeia, que mandou lá construir uma *dacha* onde só esteve uma vez. Doravante, os potentados e os respetivos filhos reservavam estes palácios através do 9.º Departamento do MGB: Stepan Mikoian passou a sua lua-de-mel no palácio de Vorontsov; Estaline passava férias no Livadia. As famílias voavam para Sul numa secção especial dos aviões das linhas aéreas do Estado – Sergo Mikoian lembra-se de o ter feito para regressar a casa, com Poskrebichev. Os filhos gozavam dos privilégios dos pais, mas tinham de dar o exemplo e seguir os ditames do partido: quando Zhdanov denunciou o *jazz*, Khrushchev, num acesso de fúria, partiu toda a colecção de discos do filho.

Svetlana Estaline reparava que as *dachas* dos Mikoian, dos Molotov e dos Vorochilov estavam «a abarrotar de ofertas dos trabalhadores (...), tapetes, armas caucasianas de ouro, porcelanas» que recebiam como «o costume medieval dos vassalos pagarem tributo». Por ordem de Estaline, os potentados viajavam em limusinas *ZiS* blindadas, baseadas no *Packard* americano, seguidas por uma «cauda» de chekistas com as sereias a uivar. Os moscovitas chamavam a estas procissões «casamentos de cão».

Era atribuído a cada líder um destacamento inteiro, chefiado por um coronel ou um general. Estes guardas viviam praticamente nas *dachas* dos respetivos protegidos, em parte como família alargada, em parte como informadores do MGB. Havia tantos que cada membro do Politburo podia formar uma equipa de voleibol, jogando, por exemplo, os Béria contra os Kaganovitch. Mas Kaganovitch recusava jogar na sua própria equipa: «O Béria ganha sempre, e eu quero estar do lado do vencedor», dizia. No jargão do MGB, o potentado era «o sujeito», a respectiva casa «o objecto» e os guardas «anexos ao objecto», de modo que as crianças riam quando os ouviam dizer: «O sujeito vai a caminho do objecto.» Malenkov fazia muitas vezes a pé o percurso da Rua Granovski até ao Kremlin, rodeado por uma corte de «anexos».

As esposas dos membros do Politburo tinham agora o seu estilista de *haute couture* particular. Todas as «famílias dos dez maiores» eram clientes do *atelier* em Kutuzovski Prospekt, controlado por um Departamento do MGB, onde Abram (Donjat Ignatovitch, segundo Nina Khrushchev) Lerner e Nina Adzhubei desenhavam os fatos dos homens e os vestidos das senhoras. Lerner era um tradicional alfaiate judeu que desenhava uniformes, incluindo a extravagante vestimenta de generalíssimo de Estaline. Se ele era o Dior do Politburo, Nina Adzhubei, «baixa, rechonchuda, de nariz achatado e muito forte», era a Chanel. Havia montes de revistas *Harper's Bazaar* e *Vogue* por todo o lado. Nina copiava vestidos de Dior, da *Harper's* ou da *Vogue*, ou desenhava-os ela própria, mas «era tão boa como a Chanel», afirmava Marta Pechkova, a nora de Béria. «Não era preciso pagar desde que não se perguntasse o preço», explica Sergo Mikoian. «A minha mãe pagava sempre, mas Polina Molotova não.» Esta prática acabou por ser denunciada, como tudo o mais, a Estaline, que repreendeu os membros do Politburo:

Achken Mikonian atirou os recibos à cara de Anastas, provando que pagava sempre. Foi Nina Adzhubei que «fez o primeiro vestido de Svetlana Estaline».\*

A costureira foi descoberta por Nina Béria, mas Polina Molotova, a magnífica «primeira dama», era a sua melhor cliente. Noutros tempos, os grandes da Europa vitoriana costumavam ir a banhos na estância boémia de Carlsbad. Agora, eram Zinaida Zhdanova e Nina Béria quem lá pontificava. «Luxuosamente vestida e coberta de peles», com a filha envolta numa «estola de arminho», Polina chegava muitas vezes a essa mesma estância num avião oficial e com um séquito de cinquenta pessoas. Svetlana, a filha, uma «autêntica princesa bolchevique», era diariamente transportada num carro com motorista até ao Instituto de Relações Externas, onde muitos dos filhos da elite estudavam, chegando no meio de uma nuvem de Chanel N.º 5 e «usando todos os dias uma roupa nova».

Estaline mantinha o seu controlo sobre estes privilégios, continuando a escolher os carros para cada líder: Zhdanov recebeu um *Packard* blindado, um outro normal, um *ZiS* e um *Mercedes*, enquanto Poskrebichev tinha um *Cadillac* e um *Buick*. Consolou a família de Shcherbakov, o patrão de Moscovo que morrera de alcoolismo, com uma chuva de benesses.<sup>†</sup> Especificou: «Dêem-lhes um apartamento com uma *dacha*, o direito de utilizar o hospital do Kremlin, limusina (...), pessoal especial do NKVD (...), professor para as crianças (...).» Concedeu à viúva uma pensão de 2000 rublos mensais, aos filhos 1000 rublos por mês até se licenciarem, à mãe 700 rublos mensais, à irmã 300. Também a mulher recebeu um bodo de 200.000 rublos e a mãe 50.000 – quantias de inimaginável munificência para o trabalhador médio. Assim era a nova ordem imperial de Estaline.

\* \* \*

O «príncipe real» Vassili estabeleceu novos padrões de corrupção, deboche e levianidade. Mesmo quando se queixavam dele a Estaline, os oficiais usavam uma fórmula especial para definir o lugar sagrado de Vassili: «Ele está perto do povo por ser seu filho.» No entanto, sob aquela capa de arrogância, Vassili era o mais aterrorizado de todos os cortesãos: Estaline costumava dizer, depreciativamente, que o filho «caminharia por entre chamas», se ele lho ordenasse. Vassili temia particularmente o futuro:

\* A própria Nina Adzhubei juntou-se à élite quando o filho casou com a filha de Khrushchev, Rada. Quando Khrushchev ascendeu à posição de líder soviético, Alexei Adzhubei tornou-se uma figura poderosa como principal conselheiro do editor do *Izvestiya*.

† Apesar de encarar com bastante cinismo o costume de crismar lugares com os nomes de falecidos potentados, decidiu erguer uma estátua e rebaptizar uma região, uma rua e uma fábrica com o nome de Shcherbakov. O primeiro rascunho do decreto sugeriu renomear também uma cidade, mas Estaline riscou esta parte, escrevendo no papel: «Dêem o nome dele a uma fábrica de roupas.» A 9 de Dezembro de 1947, o Politburo fixou os salários anuais do primeiro-ministro e do presidente em 10.000 rublos; os vice-primeiros-ministros e os secretários do CC ganhavam 8000 rublos. Os sobreescritos com os salários de Estaline empilhavam-se, intactos, na sua secretaria em Kuntsevo.

«Só tenho duas saídas», disse a Artyom. «A pistola ou a bebida! Se usar a pistola, vou arranjar uma porção de problemas ao meu pai. Mas quando ele morrer, o Khrushchev, o Béria e o Bulganine fazem-me em pedaços. Imaginas o que é viver com um machado suspenso sobre a cabeça?»

Abandonou cruelmente a mulher, Galina, levando consigo o filho de ambos, Sacha, para a Casa do Cais. Galina ansiava tanto ver Sacha que a ama ia ter com ela em segredo, para que pudessem estar juntos. Mas Galina tinha demasiado medo do marido para pedir-lhe um apartamento ou uma pensão de alimentos. Vassili casou então com a filha do marechal Timochenko, Ekaterina, «uma bonita ucraniana». O apartamento onde ele vivia não era suficientemente magnífico para os rebentos do generalíssimo e do marechal, pelo que Vassili pediu a elegante *villa* do general Vlasik em Gogolevski. Regressou da Alemanha num avião carregado de «despojos»: peças de ouro, diamantes, esmeraldas, dúzias de tapetes, montes de *lingerie* feminina, uma quantidade enorme de fatos de homem, sobretudos, casacos de peles, capas de pele, casacos de astracã, ao ponto de a casa «abarrotar de ouro, tapetes alemães e cristais». Havia tanta coisa que a mulher as foi vendendo pouco a pouco, amealhando o dinheiro. Quando o casamento com Timochenka se desfez, Vassili casou com uma estrela da natação, a escultural Kapitolina Vassileva, a mulher com quem foi mais feliz. Svetlana estava convencida de que ele procurava a mãe nas sucessivas mulheres, porque a esta chamava «mamã» e ela até usava o cabelo preso num carapito, como Nádia.

Vassili comandava a Força Aérea no Distrito Militar de Moscovo, um cargo muito além das suas capacidades. Exigia que os subordinados o tratassesem por *Khozyain*, como o pai. «Vassili bebia em excesso quase todos os dias», testemunharia, mais tarde, um seu ajudante. «Não aparecia no trabalho semanas seguidas e não deixava as mulheres em paz.»

Em tempos passados, os príncipes reais treinavam orgulhosamente os seus próprios regimentos. Agora, como o herdeiro de um milionário ocidental, Vassili estava determinado a levar a sua equipa de futebol, a VVS (Força Aérea), até ao topo da tabela. Despediu imediatamente o treinador, tendo decidido salvar Starostin, o mais famoso treinador russo, do Gulag, para onde Béria o tinha deportado sob a acusação de conspirar para assassinar Estaline. Starostin foi chamado ao gabinete do comandante do seu campo, onde lhe foi dito que atendesse o telefone: «Olá, Nikolai, daqui fala Vassili Estaline.» O avião do general Estaline chegou e levou Starostin para Moscovo, onde Vassili o escondeu enquanto tentava anular a sentença.

Abakumov, que entretanto se tornara o patrão do Dínamo, ficou furioso. O MGB raptou Starostin. Vassili, recorrendo a agentes dos serviços secretos da Força Aérea, recuperou-o. Abakumov voltou a raptá-lo. Quando Vassili telefonou ao ministro, este negou qualquer conhecimento do paradeiro do treinador, mas Starostin conseguiu fazer chegar uma mensagem a Vassili, que mandou o chefe da segurança da Força Aérea buscá-lo uma vez mais. Nesse dia, Vassili assistiu ao jogo do Dínamo no camarote do governo, com Starostin sentado a seu lado. Os chefes do MGB estavam frustrados.

1945–53



Depois da vitória, Estaline sofreu uma série de pequenas tromboses e ataques cardíacos. Aqui, o Generalíssimo, claramente adoentado, chega para repousar, acompanhado pelo porcino Vlasik.



A 12 de Agosto de 1945, o Generalíssimo Estaline encabeça alegremente os seus potentados num desfile: Mikoian, Khrushchev, vice-rei da Ucrânia, Malenkov, Béria, com o uniforme de marechal, e Molotov (atrás dele, vemos Vlasik).



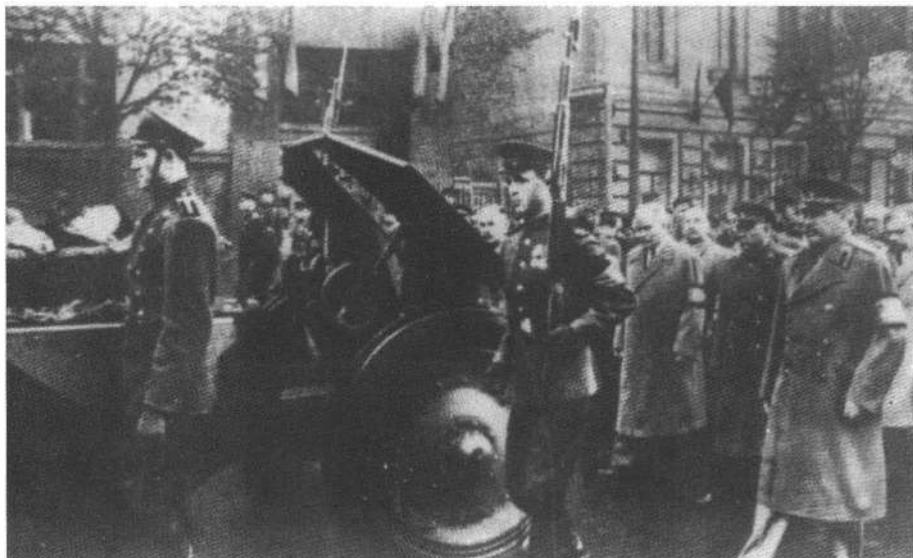
Zhdanov, aqui com o uniforme de coronel-general, era o herdeiro putativo de Estaline e supremo cultural que atacou as artes depois da guerra. Estaline promoveu-lhe o filho, Iuri, que queria para genro. Mas o charlatão geneticista Trofim Lisenko (na extrema esquerda) revelou-se a némesis dos Zhdanov.

Página ao lado: Estaline, exausto, atravessa o Kremlin, seguido por Béria, Mikoian e Malenkov, a caminho do Mausoléu, para o desfile do Primeiro de Maio de 1946. Neste ninho de víboras, andavam de braço dado, mas as amizades eram máscaras: qualquer deles liquidaria os outros sem hesitar. Agora, Estaline odiava Béria e troçava de Malenkov por estar tão gordo que perdera a forma humana. Quando Béria começou a atormentar o elegante Mikoian, nos jantares de Estaline, escondendo-lhe tomates no fato e esmagando-os, Mikoian passou a levar um fato de reserva.





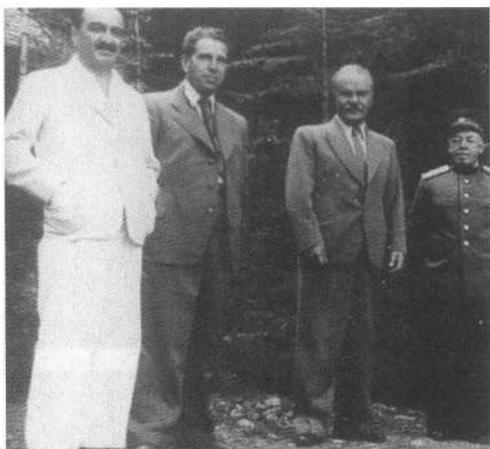
*Em cima:* Numa altura em que a luta pela sucessão se intensifica, Estaline encabeça o cortejo no funeral de Kalinine, em 1946. (Primeira fila, da esquerda): Béria, Malenkov, Estaline e Molotov. Atrás de Molotov, vemos o doente e frágil Zhdanov, no auge do seu poder. Os dois protegidos de Zhdanov, Voznessenski e Kuznetsov, estão ambos à direita, atrás do ombro de Malenkov. Kaganovitch está atrás de Molotov.



*Em baixo:* A morte de Zhdanov, o amigo e favorito de Estaline, que aqui vemos num caixão aberto, desencadeou a vingança de Béria e Malenkov contra a sua facção. Estaline, Vorochilov e Kaganovitch seguem o féretro. Nessa noite, ao jantar, Estaline embebedou-se: desaparecido Zhdanov, perdera o seu único par intelectual.



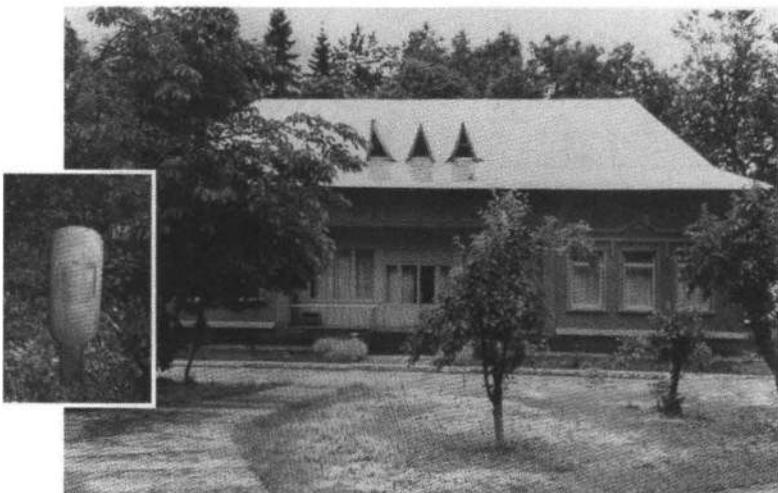
Aqui, em finais de 1948, Estaline senta-se com a geração mais velha, Kaganovitch, Molotov e Vorochilov, enquanto, nas costas deles e entre os mais novos, se prepara uma conspiração. Depois de dez anos sem que nenhum líder de topo fosse morto, Béria (segunda fila, extrema esquerda) e Malenkov (mesma fila, segundo a contar da esquerda), ajudaram Estaline a assassinar os seus dois sucessores putativos, Kuznetsov (segunda fila, entre Molotov e Estaline) e Voznessenski (segunda fila, entre Estaline e Vorochilov), no «Caso Leninegrado».



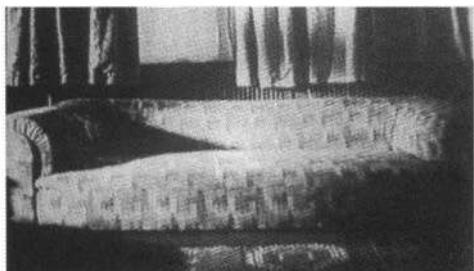
*À esquerda:* O Verão em casa de Estaline: o elegante Mikoyan, de branco, com o «jovem, bem parecido»... e condenado Kuznetsov, Molotov e Poskrebichev (de uniforme).



Estaline no palco do Bolchoi, durante a gala do seu septuagésimo aniversário, entre Mao Tsé-tung e Khrushchev, que mandara vir da Ucrânia para fazer face a Malenkov e a Béria.



*Página ao lado:* Estaline nas suas últimas férias sem descanso, em 1952. Durante meses a fio, em finais dos anos 40, governou a Rússia da sua nova casa em Nova Atos (*em cima*) — a sua preferida. Regressou também a uma casa onde tinha gozado uma férias felizes com Nádia, depois do nascimento de Vassili, em 1921 — o Palácio Likani, que em tempos pertencera ao irmão do czar Nicolau II, o grão-duque Miguel (*ao centro*). Quando Khrushchev e Mikoyan o visitavam, tinham de partilhar um quarto. Passava semanas na sua remota casa do lago Ritza (*em baixo*). Estava já tão fraco que os guardas construíram estas caixas metálicas pintadas de verde (infogravura) contendo telefones especiais para que pudesse pedir ajuda se adoecesse durante os seus passeios diários.



Durante toda a sua vida, Estaline dormiu em grandes sofás (havia um em praticamente todas as divisões das suas casas). Foi neste, em Kuntsevo, que morreu, a 5 de Março de 1953.

*À esquerda:* Planeando a destruição de Molotov e Mikoyan, o velho mas determinado Estaline assiste à apresentação do relatório principal, por Malenkov, durante a sua última aparição em público, no Décimo Nono Congresso (1952). Enquanto organizava a anti-semita Conjura dos Médicos, ordenou à polícia secreta que torturasse as vítimas: «Batam, batam e tornem a bater!», gritou. Mas ainda arranjava tempo para brincar com os netos...



A luta pelo poder começou logo junto ao leito de morte. À direita, Khrushchev e Bulganine (com Kaganovitch e Mikoyan) enfrentam Béria e Malenkov (com Molotov e Vorochilov), tendo pelo meio o corpo de Estaline. Béria parecia ter ganhado a luta pela sucessão, mas cometeu um erro fatal ao subestimar Khrushchev.



Estaline no Congresso de 1927: com a barba por fazer, marcado pela varíola, sardônico, sarcástico e extremamente vigilante, o supremo político, o egotista messiânico, o marxista fanático e o assassino superlativo no seu auge.

Vassili telefonou ao adjunto de Abakumov e gritou-lhe: «Há menos de duas horas disse-me que não sabia onde estava o Starostin... Está aqui sentado ao pé de mim. Os seus rapazes raptaram-no. Lembre-se, na nossa família nunca esquecemos um insulto. É o que lhe diz o general Estaline!»\*

Quando visitou Tíflis, embebedou-se, pegou num caça e causou o caos fazendo voos rasantes sobre as ruas. Se não conseguia o que queria, denunciava oficiais a Abakumov ou a Bulganine. A única escapadela possível era denunciá-lo a ele ao próprio Estaline:

«Caro José Vissarionovitch, peço-lhe que ordene a Vassili Iossipovitch que não me toque», escrevia o oficial da Força Aérea N. Sbytov, o mesmo que avistara os primeiros tanques alemães a aproximarem-se de Moscovo. «Eu podia ajudá-lo.» Sbytov dizia que Vassili estava constantemente a bazofiar: «Quando o meu pai aprovou este lugar, quis que eu tivesse um comando independente», dizia.

Vassili portava-se certamente como um rapaz educado por chekistas: quando foram descobertos alguns «Inimigos» no seu comando, improvisou uma câmara de tortura no apartamento onde vivia e começou «a bater nas solas dos pés do homem com uma fina vara de metal» até que este sucedâneo de Lubianka degenerou em festa.

\* \* \*

Dias depois do exílio de Zhukov, o presidente Kalinine, que sofria de cancro do estômago, começou a piorar. Estaline, que gostava do Papá Kalinine, encarregou-se pessoalmente de o mandar recuperar para a Abcázia, telefonando ao patrão local do partido para exigir «o máximo cuidado» e ordenando mais tarde aos guarda-costas que o tratasse com solicitude. O que o não impedia de, ao mesmo tempo, atormentar o quase cego Kalinine, recordando a dissidência dos anos 20, por causa da qual o manteve afastado do governo activo durante duas décadas. Quando, durante um banquete, Tito ofereceu cigarros a Kalinine, o *Vozhd* disse-lhe, a brincar:

– Não aceites esses cigarros ocidentais!

Kalinine, «muito atrapalhado, deixou cair os cigarros das mãos trémulas».

Com setenta e um anos, Kalinine vivia com uma governanta e dois filhos adoptados, enquanto a sua adorada esposa fenecia nos campos de trabalho. Encorajado pela iminência da morte, apelou a Estaline:

«Encaro com calma o futuro do nosso país (...) e desejo apenas uma coisa: preservar o teu poder e a tua força, a melhor garantia do êxito do Estado soviético», dizia, no

---

\* Quando Starostin foi finalmente devolvido ao seu campo (onde treinava a equipa de futebol), Vassili contratou o conhecido treinador do Dínamo de Tíflis e conseguiu chegar ao quarto lugar do campeonato, em 1950, e às meias-finais da Taça da URSS. Era adepto dos castigos estalinistas e dos incentivos pluto-cráticos: quando a equipa perdeu por 0-2, os jogadores foram levados de avião para um lugar distante de Moscovo e largados lá, como castigo; quando a equipa ganhava, um helicóptero carregado de presentes aterrava em pleno campo. Quando se dava ao incômodo de aparecer no seu comando, exercia o mesmo tipo de louca generosidade e terror sombrio. Agradeço a Zurab Karumidze estas histórias que lhe foram contadas pelo sogro, o treinador de futebol de Vassili.

início da sua carta. «Pessoalmente, dirijo-me a ti com dois pedidos: perdoa a Ekaterina Ivanovna Kalinina e escolhe a minha irmã para criar os dois órfãos que vivem comigo. Com toda a minha alma, um último adeus. M. Kalinine.» Estaline, Malenkov e Zhdanov votaram a favor de perdoar à mulher de Kalinine depois de ela admitir a sua culpa, a condição habitual para o perdão:

«Fiz coisas más e fui severamente punida (...), mas nunca fui inimiga do Partido Comunista. Peço perdão!»

«É necessário perdoar e libertar imediatamente, e trazer a perdoada para Moscovo. J. Estaline.»

Antes de morrer, a 24 de Junho, Kalinine escreveu a Estaline uma carta extraordinária mas patética, inspirada pela sua amarga necessidade de redenção bolchevique:

«Enquanto espero a morte (...), devo dizer que, durante todo o tempo das oposições, ninguém da oposição alguma vez propôs hostilidade à linha do partido. Talvez isto te surpreenda, porque eu era amigo de alguns deles (...). No entanto, fui criticado e desacreditado (...) porque o Iagoda fez todos os possíveis para sugerir a minha proximidade às oposições.» Revelava agora um segredo que guardara durante vinte e dois anos: «No ano seguinte à morte de Lenine, depois da zanga com Trotski, Bukharine convidou-me para ir ao apartamento dele ver os seus troféus de caça e perguntou-me se consideraria a hipótese de governar sem Estaline. Respondi que não podia sequer admitir semelhante coisa. Qualquer combinação sem Estaline era incompreensível (...). Depois da morte de Lenine, acreditei na política de Estaline (...). Considerava o Zinoviev muito perigoso.» Pedia então mais uma vez a Estaline que cuidasse da irmã e dos órfãos, e que guardasse «esta carta no teu arquivo».

No funeral, quando os fotógrafos assediaram Estaline, este apontou para o caixão e rosnou: «Fotografem Kalininel!»

\* \* \*

A 8 de Setembro, Estaline partiu para as suas férias enquanto Molotov andava pelo mundo em reuniões com os Aliados para negociar a nova Europa. Em Paris, defendeu os interesses soviéticos na Alemanha, ao mesmo tempo que tentava conseguir um protectorado sobre a Líbia, contra a oposição cada vez mais dura dos ocidentais. Aparentemente, Estaline esperava ainda consolidar a sua posição negociando com os antigos aliados.

Estaline, escrevendo em código sob o pseudónimo de «Druzkov» ou *Instantsyia*, louvava a indomável persistência do seu ministro dos Negócios Estrangeiros. Também Molotov estava muito satisfeito consigo mesmo. Quando se viu relegado para a segunda fila, num desfile militar, em França, abandonou abruptamente o pódio, mas depois escreveu a Estaline, em busca de aprovação: «Não sei se fiz bem.»

«O teu comportamento foi absolutamente correcto», respondeu Estaline. «A dignidade da União Soviética tem de ser defendida não só nas grandes questões, mas também nas pequenas.»

«Querida Polina, amor», escreveu, exultante, o vaidoso Molotov. «Envio-te saudações e fotografias dos jornais em que apareço a abandonar o pódio, durante o desfile de domingo! Junto a *Paris-Midi* que mostra três fotos de 1. eu na tribuna, 2. começo a sair e 3. saio da tribuna e entro no meu carro. Beijo-te e abraço-te calorosamente. Dá por mim um beijo à Stevusya!» Voou então até Nova Iorque para mais uma sessão, que Estaline, como sempre, supervisionou a partir de Córrego Frio, em Gagra: o Supremo estava menos interessado nos pormenores das indemnizações de guerra a serem pagas pelos Italianos do que no *status* da União Soviética como grande potência. Molotov estava mais uma vez nas boas graças: a 28 de Novembro, Estaline escrevia-lhe ternamente: «Vejo que estás nervoso e preocupado com a sorte da proposta soviética (...). Tens de agir com mais calma!» Mas, confrontado com a fome na Ucrânia e a rivalidade americana, o desconfiado *Vozhd* sentia fraqueza, corrupção e deslealdade à sua volta.

\* \* \*

Enquanto Molotov exultava por ter assinado tratados de paz com as nações derrotadas, Estaline preparava mais uma humilhação. Ele próprio era já membro da Academia de Ciências de Moscovo, e, agora, a mesma honra era oferecida a Molotov, com a bênção do *Vozhd*. Como devia, Molotov enviou à Academia um telegrama a agradecer. Que Estaline atacou com a ferocidade de uma águia: «Fiquei espantado pelo teu telegrama (...). Estás realmente assim tão extasiado por teres sido nomeado Académico honorário? O que significa esta assinatura: “Com respeitosas saudações, Molotov”? Nunca pensei que pudesses ficar tão excitado com uma coisa tão sem importância (...). Parece-me a mim que tu, um estadista do mais alto nível, devias ser mais cioso da tua dignidade.»

Estaline continuava furioso com a inconveniência de o seu povo passar fome. Era como que uma reposição da Grande Fome de Trinta e Três.\* Primeiro, tentou gracejar a respeito do assunto, chamando a um funcionário «Irmão Distrofia». Em seguida, quando já Zhdanov falava de fome, culpou Khrushchev, o seu vice-rei na Ucrânia, como já fizera em 1932: «Andam a enganá-lo (...).» No entanto, morreram 282.000 pessoas em 1946, e 520.000 em 1947. Finalmente, voltou-se para o maestro dos Abastecimentos, Mikoian. Ordenou a Mekhlis, ressurgente como ministro do Controlo do Estado, que investigasse:

«Não confie no Mikoian seja em que questão for, porque a falta de honestidade dele fez dos Abastecimentos um covil de ladrões!»

Mikoian foi suficientemente esperto para pedir desculpa:

«Vi tantos erros no meu trabalho, e o camarada de certeza viu tudo claramente», escreveu a Estaline, com submissa ironia. «Claro que nem eu nem qualquer de nós con-

\* Estaline não só não conseguia alimentar os seus civis, como, da correspondência que trocou com Béria e Serov (então em Berlim), transparece que os soviéticos temiam não poder alimentar o seu exército na Alemanha, quanto mais os Alemães Orientais.

segue pôr a questão tão limpidamente como o camarada. Vou esforçar-me ao máximo por aprender consigo a forma de trabalhar como é preciso. Tudo farei para aprender as lições (...), para que me sirvam no meu subsequente trabalho sob a sua paternal liderança.» Como acontecera com Molotov, a velha intimidade de Mikoian com Estaline tinha acabado. Também Khrushchev caiu em desgraça por causa da sua atitude face à penúria: «Pusilâmico!» Estaline descompô-lo e, em Fevereiro de 1947, demitiu-o do cargo de primeiro-secretário do partido ucraniano (continuou como primeiro-ministro). Kaganovitch, que agora parecia «um gordo latifundiário», substituiu-o e chegou a Kiev para o fazer entrar nos eixos. O desfavor de Estaline provocava sempre uma tensão debilitante nos seus potentados: Khrushchev adoeceu com uma pneumonia. O seu nome desapareceu dos jornais ucranianos, o seu culto esmoreceu. Mas Kaganovitch ordenou aos médicos que o tratassesem com penicilina, um dos medicamentos ocidentais que Estaline tanto desaprova. Mesmo que recuperasse, estaria o «preferido» de Estaline condenado?

Em 1947, o secretário da Defesa americano, George Marshall, anunciou um plano maciço de ajuda económica à Europa que, de início, pareceu atraente ao dilacerado império. Molotov foi imediatamente enviado a Paris, para saber mais. A princípio, os líderes pensaram no Plano como uma espécie de Lend-Lease, sem contrapartidas obrigatórias, mas Estaline depressa se apercebeu de que ia ressuscitar a Alemanha e minar a sua hegemonia no Leste europeu. Molotov, inicialmente a favor, continuava inclinado para um acordo negociado, mas Estaline rejeitou o Plano Marshall.

Estaline e Zhdanov decidiram tornar ainda mais férreo o seu controlo sobre a Europa Oriental. Simultaneamente, o *Vozhd* aprovava a criação do Estado judaico, que, esperava ele, se tornaria um satélite soviético no Médio Oriente. A 29 de Novembro, votou a favor na ONU, e foi o primeiro a reconhecer Israel. Deu a Mikhoels o Prémio Estaline. Mas não tardou a ficar claro que Israel ia ser um aliado dos Estados Unidos, e não da URSS.

No caldeirão dos preconceitos irracionais, instintos políticos afiados como navalhas e susceptibilidades agressivamente russas de Estaline, o sonho de Mikhoels de uma Crimeia judaica tornou-se um sinistro cavalo de Tróia sionista/americano,\* um Plano Marshall hebraico. Sionismo, judaísmo e América tornaram-se equivalentes e

---

\* Como em tantos dos medos febris de Estaline, havia aqui alguma substância: os sultões otomanos tinham controlado o mar Negro controlando a Crimeia. Catarina, a Grande, e o príncipe Potemkine tinham-na anexado, em 1783, pela mesma razão, tal como os exércitos anglo-franceses lá tinham desembarcado, em 1853, para minar a Rússia. Em 1954, num gesto controverso, Khrushchev ofereceu a Crimeia à Ucrânia, uma decisão que, nos anos 90, quase causou uma guerra civil entre os ucranianos e os que desejavam continuar a ser governados pela Rússia.

intercambiáveis no espírito do Supremo. Que era claramente apoiado pelos seus potentados: mesmo depois da morte de Estaline, Khrushchev explicou simpaticamente a um grupo de comunistas polacos: «Todos nós conhecemos judeus; todos eles têm uma ou outra relação com o mundo capitalista, porque todos têm parentes a viver no estrangeiro. Este tem uma avó (...). A Guerra Fria começou; os imperialistas estavam a debater como atacar a URSS; então os judeus querem instalar-se na Crimeia (...); aqui têm a Crimeia e Baku (...). Através das suas ligações, os judeus criaram uma rede para levar a cabo os planos americanos. Por isso ele esmagou a história toda.» Este ponto de vista não era defendido só nos conselhos de Estaline: o sobrinho, Vladimir Redens, concordava com as queixas de que «o Comité estava a fazer uma terrível propaganda sionista (...), como se os judeus tivessem sido o único povo a sofrer». O anti-semitismo de Estaline enquadrava-se na sua campanha de nacionalismo tradicional. Até os preconceitos do generalíssimo eram subordinados e complementares à *realpolitik*.

Estaline ordenou a Abakumov que reunisse provas de que Mikhoels e o Comité Judaico eram «nacionalistas activos orientados pelos americanos a trabalhar contra a União Soviética», especialmente através da viagem de Mikhoels aos Estados Unidos, durante a qual «estabelecerá contacto com conhecidas individualidades judaicas ligadas aos serviços secretos americanos». E Mikhoels foi pôr-se exactamente onde Estaline o queria.

O actor *yiddish*, completamente fora de pé nesta sua luta com o Golem estalinista, queria apelar ao *Vozhd*. Telefonou à segunda figura judaica mais importante depois de Kaganovitch, Polina Molotova, para lhe perguntar se devia apelar a Zhdanov ou a Malenkov.

«Nem Zhdanov nem Malenkov o ajudarão», respondeu Polina. «Todo o poder do país está exclusivamente nas mãos de Estaline, e ninguém consegue influenciá-lo. Não o aconselho a escrever-lhe. Ele tem uma atitude negativa em relação aos judeus e não nos apoiará.» Antes da guerra, teria sido impensável dizer semelhante coisa.

Mikhoels tomou a tentadora mas espectacularmente extemporânea decisão de tentar chegar a Estaline através de Svetlana. O generalíssimo já andava engasgado com a tendência da filha para os homens judeus. Depois de Kapler, houvera Morozov, com quem casara no ressalto de Sergo Béria. Estaline não tinha nada contra Morozov, pessoalmente, «um bom rapaz», dizia, mas não combatera na guerra, e era judeu. «Os sionistas levaram-te à certa», disse a Svetlana. A filha de Malenkov, Zolya, acabava de casar com o neto judeu de Lozovski, que dirigia o Comité Judaico de Mikhoels. Molotov tinha apresentado a carta de Mikhoels a respeito da Crimeia judaica e o irmão da mulher era um homem de negócios judeu americano. Aqueles agentes americanos estavam por todo o lado. E a coisa estava a tornar-se cada vez pior.

Desesperado por proteger a sua comunidade, Mikhoels pediu a Zénia Alliluyeva, que se dava com a *intelligentsia* judaica, que lhe apresentasse Svetlana. Os filhos da elite viviam na desconfiança de que quem se aproximava deles o fizesse com a intenção de tirar proveito da suas ligações. «Um dos aspectos mais desagradáveis de ser filha de um

*chinovnik* era não poder confiar nos rapazes que me rodeavam», diz Volya Malenkova. «Muitos queriam casar comigo, mas eu não sabia se me queriam a mim ou à influência do meu pai.»

Os Alliluyev aconselharam Zénia a não se envolver em perigosas questões judaicas: «Havia demasiada gente a mexer aquela panela», diz Vladimir Redens. «Sabíamos que não ia acabar bem.» Parece, no entanto, que Zénia apresentou de facto Mikhoels a Svetlana e a Morozov. Estaline soube imediatamente do caso,\* e teve um ataque de fúria: os judeus estavam «a insinuar-se na família». Por outro lado, Ana Redens tinha uma vez mais irritado o *Vozhd* ao publicar, com notável falta de tacto, umas memórias sobre os primeiros anos de Estaline, e implicando com Vassili, que se queixou ao pai. E foi assim que Mikhoels, inocentemente, tropeçou num ninho de vespas.

Estaline ordenou a Abakumov que investigasse as ligações dos Alliluyev à espionagem sionista-americana, dando a entender a Svetlana que Zénia tinha envenenado o marido, Pavel, em 1938. Os mais espertos começaram rapidamente a desembaraçar-se dos respectivos cônjuges judeus. Svetlana Estaline divorciou-se de Morozov: todos os livros de História afirmam que Estaline ordenou este divórcio, e Leonid Redens confirma-o. Mas ela própria explicou: «O meu pai nunca me pediu que me divorciasse dele», acrescentando, numa entrevista mais recente, que nunca estivera apaixonada por Morozov: «Divorciámo-nos porque eu não estava apaixonada por ele.» Soa a verdade. Leonid Redens acrescenta que «houve muitos homens na vida da Svetlana; ela estava farta do Morozov». Mas o próprio Estaline disse a Mikoian que «se ela não se divorciar do Morozov, eles prendem-no». Svetlana deixou Morozov: «Ninguém me teria deixado», diz esta *czarevna*. Ao que tudo indica, Estaline encarregou o filho de resolver o assunto. «Vassili levou o passaporte de Morozov»,† diz Redens, «e entregou-lhe outro novo sem a averbação do casamento.»

Abakumov começou a prender o círculo judaico dos Alliluyev. A 10 de Dezembro, deteve Zénia Alliluyeva, outrora tão íntima de Estaline, acusando-a de «espalhar vis calúnias a respeito do chefe do governo soviético». O marido de Zénia e a filha do casal, Kira, a exuberante actriz de cinema, foram juntar-se-lhe. A redada apanhou as figuras mais destacadas da comunidade judaica.

A *Instantsyia*, esse temível eufemismo para a sagrada eminência no Kremlin,creditava que o grupo judeu/Alliluyev tinha «manifestado interesse na vida pessoal do chefe do governo soviético, com o apoio de agentes estrangeiros». Estaline autorizou «métodos de persuasão» para implicar Mikhoels. A «luta livre francesa», como os torturadores lhe chamavam, era liderada por Komarov, um sádico psicopata anti-semita

---

\* Não passou muito tempo antes que Zénia soubesse que o marido era agente do MGB e dava informações sobre ela desde que estavam casados. (Mas a verdade é que todas as famílias da élite tinham o seu informador.) Divorciou-se dele.

† Grigori Morozov, que se tornou um respeitado advogado soviético e se portou sempre com grande discrição e dignidade, recusou ser entrevistado para este livro, dizendo: «Não quero reviver 1947 nunca mais.» Faleceu em 2002.

que anunciava às suas vítimas: «A tua sorte está nas minhas mãos e eu não sou um homem, sou uma besta», acrescentando: «Todos os judeus são uns sujos filhos da puta!» Abakumov supervisionava esta diabólica criatura, ordenando «espancamentos até à morte!»

Goldshtein, que apresentara Mikhoels aos Alliluyev, contou mais tarde como «começaram a bater-me com bastões de borracha nas partes moles do corpo e nos calcâniares (...) até que já não conseguia estar de pé nem sentado». Bateram-lhe tanto na cabeça que «tinha a cara terrivelmente inchada, e afectou-me o ouvido. Exausto por dias e noites seguidas de interrogatórios, aterrorizado pelos espancamentos, insultos e ameaças, mergulhei numa depressão profunda, numa confusão moral absoluta, e comecei a fornecer provas contra mim mesmo e outros.»

– Dizes então que o Mikhoels é um porco? – gritava Abakumov.

– Sim, é – respondia o desfeito Goldshtein, que admitia que Mikhoels lhe tinha dito que «reparasse em todos os pequenos pormenores da relação entre a Svetlana e o Grigori (...) [para] informar os nossos amigos americanos». Quando Estaline leu isto, viu confirmados os seus piores receios a respeito de Mikhoels.

Vladimir Redens, com doze anos, tinha perdido a mãe e o pai. Os seus jovens primos, filhos de Zénia, tinham perdido os pais e a irmã. Vladimir correu a dizer a Olga, a avó, que tinha continuado a viver no Kremlin depois da morte do marido, em 1946. Para seu espanto, descobriu que ela nunca perdoara a Zénia o facto de ter voltado a casar tão cedo.

– Graças a Deus! – disse Olga, ao saber que Zénia tinha sido presa, e benzeu-se. Mas telefonou a Estaline a propósito da detenção de Ana.

– Foram usados pelo Inimigo – respondeu ele.

Quando a família desejava «que alguém dissesse a Estaline», a velha respondia: «Nada acontece sem que ele saiba.» Todos culpavam ingenuamente Béria, sem se aperceberem de que Abakumov respondia apenas perante Estaline.

Svetlana tentou interceder pelas «Tias», mas o pai avisou-a de que tinham «falado demasiado. Também tu fazes comentários anti-soviéticos.» Kira Alliluyeva, prima direita de Svetlana, igualmente presa, afirma que Estaline disse à filha: «Se te armas em defensora deles, metemos-te também na prisão.» Mas tanto Svetlana como Vassili cortaram todas as relações com os Alliluyev.

\* \* \*

Agora que Svetlana estava novamente solteira, Estaline começou a falar a respeito de com quem casaria ela a seguir, dizendo aos potentados: «Diz que casa com o Stepan Mikoian ou com o Sergo Béria.» Os pais alarmaram-se. A *czarevna* parecia não se preocupar com o facto de ambos os rapazes não só serem casados, como estarem apaixonados pelas respectivas esposas.

– Eu disse-lhe que nem com um nem com o outro – explicou Estaline aos enervados Mikoian e Béria. – Com quem ela deve casar é com o Iuri Zhdanov.

Entretanto, este desajeitado e tirânico casamenteiro dizia a Iuri que casasse com Svetlana.

A 16 de Julho, Estaline iniciou uma viagem por estrada para conhecer o povo e ver o país, algo que não fazia desde 1933. Seriam umas reflexivas e nostálgicas férias de três meses, um sinal da sua exaustão e do seu novo estilo como líder distante mas supremo. Deixou ao indeciso Bulganine as rédeas do governo.

Enquanto Abakumov torturava judeus para criar uma nova conspiração «americana» e destruir Mikhoels, Estaline, na sua caravana de *ZiS 110* blindados, seguia para sul, acompanhado por Valechka, em direcção a Kharkov.

O generalíssimo ordenara que não houvesse cerimónias aborrecidas, e tudo se passou «sem qualquer espécie de sensacionalismo – o que muito agradou a Estaline», escreveu Vlasik, que achou a expedição esgotante. O próprio Estaline só tinha dormido cerca de duas horas, mas «estava de bom humor, o que nos deixou a todos felizes». Inspeccionou tudo, murmurando que não teria visto nada «da minha secretária».

Experimentou inclusivamente alguns aspectos da vida das pessoas normais: o carro dele avariou-se perto de Orel. Estaline apeou-se para dar um passeio, rodeado pelos seus «anexos», e chegou junto de um grupo de camiões estacionados, cujos motoristas ficaram positivamente aparvalhados quando ele se apresentou. Em Kursk, passou a noite no apartamento de um chekista local. De manhã, achou que deviam deixar um presente ao casal, de modo que deixou um frasco de perfume no toucador da dona da casa. Em Kharkov, reparou que as pessoas continuavam a viver em abrigos antiaéreos. Disse a Valechka que aquilo o tinha perturbado muito. Quando Khrushchev, na altura caído em desgraça, chegou, afirmando que a fome tinha sido grandemente exagerada e oferecendo-lhe alguns sumarentos melões, Valechka ficou ingenuamente estupefacta, resmungando para Svetlana que estavam a enganar «o teu pai... imagine-se!»

Finalmente, o aliviado Vlasik meteu Estaline num comboio especial que o levou para Ialta, onde provavelmente ficou no Livadia até que o cruzador *Molotov* o transportou até Sochi. O tempo estava magnífico; a tripulação, excitada pela presença de tão extraordinário passageiro. Vlasik, o fotógrafo da corte, tirou tantas fotografias que Estaline, «sempre sensível», fez notar:

– O Vlasik está a fazer tudo bem, mas ninguém o fotografa a ele. Alguém devia fotografá-lo ao pé de nós.

Em Sochi, Estaline passeava pela cidade, seguido por Vlasik, Poskrebichev e pelos frenéticos guarda-costas, que se esforçavam por controlar os campistas de férias junto à costa. Quando um grupo de crianças se juntou à volta do carro, ofereceu-lhes uma boleia até ao café local, o Riviera, onde uma garotinha chorou porque não tinha doces. Estaline sentou-a nos joelhos e disse-lhe para escolher o que quisesse. O porcino Vlasik pagou a conta e então voltou-se para as crianças e gritou:

«Agora, meninos, um hurra de Pioneiro pelo camarada Estaline» – a versão soviética do «Hip, hip, hurra!» Imaginamo-lo a dar murros no ar enquanto «as crianças gritavam um harmonioso hurra!»

\* \* \*

Seguiram então para aquela que seria a casa espiritual de Estaline naqueles anos de crepúsculo, a Abcázia, onde ele acreditava que os ares e a comida garantiam a longevidade:

– Lembram-se de como aquele escritor inglês, o [John Boynton] Priestley, ficou espantado quando conheceu um camponês abcaziano com cento e cinquenta anos? – reflectia. – Se eu vivesse aqui, talvez chegasse aos cento e cinquenta.\*

Falava muitas vezes a Molotov das saudades que tinha da sua terra natal. Sempre exaltara o povo russo como o cimento que mantinha unido o seu império; era ele que proporcionava a força dinâmica para promover o bolchevismo e garantir a sua glória. O seu destino era russo. Daí Vassili dizer: «O meu pai foi em tempos georgiano.» Mas o russianismo de Estaline era exagerado. O seu estilo de vida e mentalidade continuavam a ser georgianos. Falava georgiano, comia georgiano, cantava georgiano, governava pessoalmente a Geórgia através dos chefes locais, envolvia-se nas políticas paroquiais, tinha saudades dos amigos de infância e passou quase metade dos seus últimos oito anos numa Geórgia de fantasia, isolada, só dele.

Tinha a sua base em Córrego Frio, mas mudava-se constantemente para casas novas. Diz-se que eram tristes. É verdade que as paredes apaineladas a madeira lhes dão um ar sombrio, mas quando as visitamos no Verão são encantadoras. Estaline comia e trabalhava geralmente no exterior, nos alpendres, à vista dos luxuriantes jardins cheios de flores onde tanto gostava de passear. Sobretudo, as casas eram escolhidas pela vista que delas se desfrutava: a paisagem que se vê de todas estas graves moradas é de uma beleza de cortar a respiração.

---

\* Estaline sempre manifestou um grande interesse por esta questão. Em 1937, patrocinara o trabalho do Professor Alexandre Bogomolov sobre a extraordinária longevidade dos povos da Geórgia e da Abcázia. Diz-se que acreditava dever-se o facto à água dos glaciares e à dieta – por isso bebia água de glaciar especialmente recolhida para ele.

Nesta viagem, começou por ficar na mansão pseudobarroca situada no meio dos verdes jardins do Parque Dedra, em Sukhumi, onde Mandelstam tinha visto Iezhov dançar a *gopak*. Nos anos 30, costumava passar férias numa pequena *dacha* construída por Lakoba, em Nova Atos; agora, mandara construir, ao lado, uma nova moradia estilo cubano, de um só piso e com uma magnífica vista para o mar. Havia já um sanatório do CC junto ao remoto lago Ritsa, aonde só se podia chegar percorrendo uma longa estrada que atravessava uma espectacular garganta lado a lado com uma fervilhante torrente. Em 1948, mandou erguer uma nova casa ao lado da antiga.\*

Estaline tinha acesso a qualquer das inúmeras *dachas* do Estado, mas aparentemente havia cinco à volta de Moscovo, várias na Crimeia, incluindo dois palácios imperiais, três na Geórgia propriamente dita e cerca de cinco na Abcázia que usava com especial regularidade. Quinze, pelo menos, tinham pessoal permanente. No entanto, e de muitas maneiras, continuou sempre a ser o inquieto e itinerante revolucionário georgiano da sua juventude. Acompanhado por Poskrebichev, constantemente abastecido por avião dos últimos documentos do CC, convocando os seus potentados quando queria, enviando telegramas para os quatro cantos do mundo, era sempre o fulcro do poder.

\* \* \*

Quando chegava, havia um ritual que era como que um eco de outros tempos: em Kuntsevo, tinha suspensa da parede a máscara fúnebre de Lenine, iluminada, como um ícone, por uma bruxuleante candeia. Sempre que ia de férias, o ícone ia com ele. Ordenava então ao comandante Orlov que «pendurasse o rosto no local mais visível».

Ao mesmo tempo que o *Vozhd*, os potentados e toda a liderança georgiana chegavam às respectivas casas locais, na expectativa de uma convocação. Abakumov estava pronto para voar em direcção ao Sul de um momento para o outro, com notícias dos últimos interrogatórios. Se havia discussões no seio do Politburo, Estaline chamava os potentados e decretava sentenças salomónicas. Todos tremiam à ideia de passar tempo com Estaline durante as férias, algo que, segundo Khrushchev, que certa vez teve

---

\* O acesso à maioria das casas de Estaline fazia-se através de uma passagem em arco incluída na casa da guarda (ainda que não no lago Ritsa e em Nova Atos). Chegava-se então a um luxuriante jardim com sebes de alfena e um caminho que conduzia a uma *villa* de estilo mediterrânico rodeada por uma varanda. A maior divisão era sempre a sala de jantar, de tecto alto e paredes apaineladas a madeira, com uma comprida mesa que se podia, no entanto, encolher. Todas elas estavam pintadas de uma espécie de verde militar, talvez com o objectivo de camuflá-las do céu. Todas eram praticamente invisíveis, escondidas no final de estreitos trilhos, e tão apertadamente cercadas de palmeiras e pinheiros que se tornava difícil vê-las, mesmo dos respectivos jardins. Quase todas tinham o seu próprio pontão de atracagem e todas incluíam um pavilhão onde Estaline trabalhava e dava jantares. Todas tinham a inevitável sala de bilhar, regra geral combinada com cinema, sendo os filmes projectados na parede mais distante através de pequenas janelas de madeira abertas na mesa de bilhar. Todas tinham numerosos quartos equipados com divãs e vastas casas de banho com pequenos duches feitos à altura de Estaline. Todas foram feitas ou remodeladas para Estaline pelo arquitecto da corte, Miron Merzhanov, que vivia com a mãe de Marta Béria, Timocha, neta de Gorki e o grande amor de Iagoda. Merzhanov foi preso no final dos anos 40, como todos os outros amantes de Timocha.

de aguentar um mês inteiro, era ainda pior do que os jantares. Enquanto combatia a fome e o separatismo ucranianos, Khrushchev permanecia sob uma nuvem temporária, sob vigilância. Estaline ordenara a Kaganovitch que estivesse de olho nele e extirpasse, usando a força necessária, qualquer vestígio de nacionalismo de que os ucranianos dessem provas, proeza que já uma vez conseguira, em finais dos anos 20. Khrushchev e Kaganovitch, aliados de longa data, eram grandes amigos, tanto que as duas famílias faziam passeios em conjunto aos fins-de-semana. Fatalmente, não tardou que se tornassem inimigos mortais. Apelaram ambos a Estaline, que os chamou a Córrego Frio. Durante o jantar e o inevitável filme, acirrou o ódio entre os dois, impôs a paz e acabou por reenviar Kaganovitch para Moscovo.

Os vassalos da Europa de Leste, especialmente Gottwald, Bierut e Hoxha, não ouviam resistir às suas convocações. Mas os dois favoritos eram os chefes locais, com os quais podia relaxar, em parte por andarem ambos pelos trinta e poucos anos, em parte por serem georgianos. Confiando mais neles do que nos próprios filhos, parecia-lhes divino, mas também paternal.

Cândido Charkviani, o culto primeiro-secretário da Geórgia, visitava-o «dia sim, dia não». Ajudava bastante o facto de Estaline ter aprendido o alfabeto com um padre chamado Charkviani, apesar de não ter qualquer parentesco com Cândido. Confiava de tal maneira nele que não só lhe revelou os preparativos que fazia para dormir como até, quando Cândido lhe contou que um certo príncipe georgiano mudava de roupa interior todos os dias, lhe mostrou uma cómoda cheia de «roupa interior de algodão branco». «Não é muito difícil para um príncipe», gracejou, «mas eu sou um camponês e faço a mesma coisa.»

O outro confidente era Akaki Mgelandze, o implacável, elegante e atraente patrão da Abcázia, a quem Estaline dera a alcunha de «Camarada Lobo.» Estaline gostava de Charkviani pelo seu conhecimento da literatura e de Mgelandze pelo seu maquiavelismo político. Por vezes, desafiava Mgelandze a fazer o percurso de carro do seu gabinete em Sukhumi até à *dacha* em dezassete minutos. Charkviani e Mgelandze detestavam-se um ao outro, como, aliás, os seus antecessores Béria e Lakoba.\*

Valechka, Vlasik e Poskrebichev, que ficavam em *dachas* próximas, além de uma estenógrafa e do oficial criptógrafo, eram os seus outros companheiros regulares. Com a sua «cara triste, olhos inquietos e astúcia», Poskrebichev fazia a triagem dos papéis que chegavam todos os dias de avião, vindos de Moscovo, e levava-os à *villa*. O chefe de gabinete, a quem Estaline começara recentemente a chamar «Comandante-Chefe», protegia o generalíssimo de maçadores e importunos. Quando Mikojan telefonou, a 17 de Outubro de 1947, Poskrebichev admoestou-o:

\* Isto segundo as memórias de Charkviani. As de Mgelandze, que se situam quase na mesma categoria que as de Mikojan, pela sua intimidade, acabam de ser publicadas na Geórgia. Os patrões georgiano e abcaziano eram naturalmente rivais: no caso de Béria *versus* Lakoba, o patrão de Tbilisi destruiu o de Sukhumi, mas com Charkviani e Mgelandze aconteceu precisamente o contrário.

– Já lhe foi dito que não deve incomodar o camarada Estaline com essa questão, e no entanto insiste em fazê-lo.

Para os de fora, para quem o Politburo era o santo dos santos, isto era algo de chocante.

Estaline comia as suas refeições ao ar livre, nas varandas, no pavilhão ou junto ao lago Ritsa, enquanto lia os jornais. Havia livros abertos e revistas em praticamente todas as superfícies planas, e resmas de papéis. Antes de partir para sul, rabiscou uma nota dirigida a Poskrebichev:

«Arruma estes livros todos. Estaline. *Cartas de Goethe*, *Poesia da Revolução Francesa*, Puchkine, Konstantin Simonov, Shakespeare, Herzen, *História da Guerra dos Sete Anos* e *Battle at Sea, 1939-1945*, de Peter Scott.» Continuava a trabalhar até altas horas da noite, começando a jantar muito tarde. Vlasik e Poskrebichev nem sempre jantavam com o Patrão, mas o *chef de cabinet* acolhia os convidados com palavras assustadoras:

– Estaline espera-o.

Quando Poskrebichev escoltava os felizes contemplados até à porta, Estaline gracjava:

– Então, como está hoje o nosso Comandante-Chefe?

Queimado pelo sol, de cabelos grisalhos, com a calva a acentuar-se, o rosto magro, o ventre proeminente e os ombros descaídos, Estaline recebia os seus convidados na varanda, como um afável cavalheiro georgiano, trajando à civil, como, por exemplo, um fato de safari. Quando estava muito calor, havia no terraço de Córrego Frio um aspersor que refrescava o ar, projectando um arco de água por cima do telhado.

Por vezes, a governanta encaminhava os convivas para o jardim, onde encontravam o *Vozhd* de pá em punho, a cuidar dos limoeiros com a ajuda do general Vlasik:

– Estou a mostrar-lhes como se trabalha! – dizia, apontando, orgulhoso, os seus limoeiros e roseiras.

«Era um romântico no que respeitava à natureza», escreveu Mgelandze. Mas a sua flor preferida, a mimosa, que se fecha como uma boca quando lhe tocamos, era como que uma metáfora orgânica da sua própria e reservada sensibilidade. «A mimosa é a primeira flor a anunciar a chegada da Primavera», disse Estaline a Mgelandze. «Como os moscovitas adoram mimosas! Fazem fila para as comprar. Pensa numa maneira de cultivar mais, para tornar os moscovitas felizes!» Faziam frequentemente longos passeios, e acontecia-lhes por vezes atravessar Sukhumi, onde Estaline fazia às crianças da escola perguntas como: «Que querem ser quando forem crescidos?»

\* \* \*

Nas festas georgianas, que muitas vezes decorriam no exterior, Estaline abria sorridentemente as garrafas. As «intermináveis refeições» eram um tormento para os potentados, mas fascinantes para os jovens georgianos. Estudavam-se mapas, admiravam-se impérios, discutiam-se figuras do passado, contavam-se anedotas, faziam-se brindes. Poskrebichev brindava a Estaline por ter destruído Bukharine e Rikov:

«Tinha razão, camarada Estaline... Se eles tivessem vencido...» Poskrebichev podia permitir-se uma certa familiaridade com Estaline, que muitas vezes o nomeava *tamada*. «Agora, vai beber à minha saúde!», ordenava. Estaline obedecia. Molotov propunha brindes elaborados:

— Se não fosses o camarada Estaline — declamava o «Cu-de-Ferro» —, a URSS não teria derrotado Trotski, vencido a guerra, obtido a Bomba ou conquistado um tal império para o socialismo.

Estes ditirambos agradavam ao anfitrião. As bebedeiras tornavam-se com frequências feias se os convidados eram membros do Politburo ou vassalos estrangeiros, mas com os georgianos era tudo simultaneamente mais alegre e nostálgico.

Quando Estaline cantava, Poskrebichev e Vlasik faziam o acompanhamento, como um par de grotescos meninos de coro. Depois do jantar, os convidados ficavam quase sempre para passar a noite. Estaline conseguia ser desconcertantemente bondoso. Quando Artyom, irmão de Mikoian e criador do caça *MiG* (Mikoian-Gurev), sofreu um ataque de amigdalite e foi levado para a cama, sentiu alguém entrar no quarto e estender uma manta em cima dele. Ficou estupefacto ao ver que era Estaline.

Uma coisa unia praticamente todos os convidados: o desejo de escapar àquele estranho e nervoso velho, com as suas alternâncias de sadismo, perigosas explosões de fúria, acessos de remorsos autocomiseratórios e mortalmente entediantes reminiscências. Os frenéticos e criativos esforços que todos eles faziam para encontrar desculpas que lhes permitissem deixar o omnipotente e supersensível anfitrião sem causar ofensa proporcionam-nos um tema cómico para amenizar a evocação daquelas longas noites.

Naquele ano, Svetlana foi uma das primeiras convidadas, ficando três semanas na sua própria casa, mais pequena. Achou os estranhos jantares com Béria e Malenkov excessivamente entediantes. Fugir era para ela mais fácil do que para os outros, mas não se fazia sem luta. Uma noite, durante um jantar com Molotov, Mikoian e Charkviani, pediu subitamente:

— Deixa-me voltar a Moscovo!

— Porquê tanta pressa? — perguntou Estaline, ofendido. — Fica dez dias. Achas aborrecido, estar aqui?

— Pai, é urgente! Por favor, deixa-me ir!

Estaline irritou-se:

— Pára de falar nisso! Ficas!

Mais tarde, porém, Svetlana voltou ao assunto.

— Vai, se é isso que queres! — gritou Estaline. — Não posso obrigar-te a ficar!

Não se apercebia da medida em que os seus assassinios políticos tinham esterilizado e envenenado o seu próprio mundo, mas talvez o pressentisse quando disse pateticamente à filha:

— Não estás na casa de um estranho.

Svetlana ainda lá estava quando Zhdanov chegou. Conseguiu partir sem zangas, escrevendo ao «Pai» uma carta calorosa a que ele respondeu:

« Olá, Svetka (...). É bom não te teres esquecido do teu pai. Estou bem (...). Não estou sozinho. Envio-te uns pequenos presentes: tangerinas. Beijos.»

Zhdanov chegou para ajudar Estaline a definir uma política que lhe permitisse afirmar o seu domínio sobre a Europa de Leste. A tendência de Molotov para negociar com o Ocidente acabara com a rejeição do Plano Marshall. Agora, Zhdanov parecia ganhar preponderância tanto em questões de política externa como interna, ou então estava naturalmente mais perto da voz do dono. A relação entre os dois continuava a ser quase paternal. Estaline marcava os discursos de Zhdanov com notas de mestre-escola: «É preciso incluir citações de Lenine!», rabiscou numa delas, a lápis.

Juntos, criaram o discurso de Zhdanov que dividia a Europa em «dois campos» e que foi a base ideológica da Cortina de Ferro durante os quarenta anos seguintes. Como resposta ao Plano Marshall e à embarçante independência de Tito na Jugoslávia, Estaline ordenou a Zhdanov que criasse uma nova Internacional Comunista, a Cominform, para reforçar a hegemonia soviética no Leste europeu.

Zhdanov, acompanhado pelo seu odiado rival Malenkov, recentemente recolocado num cargo menos importante, voou então para a cidade polaca de Szklarska Poreba, onde os partidos comunistas governantes, da Polónia à Jugoslávia, aguardavam as instruções de Moscovo. A conferência decorreu numa casa de repouso da polícia secreta, tendo Zhdanov e os restantes delegados ficado instalados no piso superior. Além de pronunciar, a 25 de Setembro, o seu discurso dos «dois campos», Zhdanov comportou-se com toda a vociferante pesporrência de um vice-rei imperial. Quando Berman, um dos líderes polacos (o mesmo que tinha valsado com Molotov), expressou dúvidas a respeito do Cominform, Zhdanov respondeu-lhe arrogantemente:

— Não comece a armar-se. Em Moscovo, sabemos melhor do que vocês como aplicar o marxismo-leninismo.

A todo o momento, o «camarada Filipov» (Estaline de férias) instruía «Sergeev e Borisov» (Zhdanov e Malenkov) sobre como proceder. Foi este o ponto mais alto da carreira de Zhdanov e a sua maior e mais duradoura realização, se assim se lhe pode chamar. Parece apropriado que a reunião tenha decorrido num sanatório porque, no fim, «o Pianista» estava a ir-se abaixo devido ao alcoolismo e ao mau funcionamento do coração. Podia ter vencido Molotov, Malenkov e Béria, mas não podia controlar a sua própria força. Zhdanov, com apenas cinquenta e um anos mas exausto, sabia que «não era suficientemente forte para suportar a responsabilidade de suceder a Estaline. Nunca quis o poder», afirma o filho. Regressou de avião à estância balnear, para convalescer perto de Estaline. Os dois visitavam-se com frequência, mas então Zhdanov sofreu um ataque cardíaco.\*

A doença de Zhdanov criou um vazio habilmente preenchido por Malenkov e Béria, os quais se tornaram tão chegados que, nesse Novembro, enviaram inclusivamente

---

\* Não foi o único: Andriev, com apenas cinquenta e dois anos, adoeceu em 1947, embora se tenha mantido como membro activo do Politburo até 1950; perdeu a sua posição em 1952.

saudações conjuntas a Estaline, escrevendo: «Sentimo-nos particularmente felizes por trabalhar sob a sua liderança (...). Seus dedicados, L. Béria e G. Malenkov.» No entanto, esta amizade foi sempre política: na realidade, Béria achava Malenkov «um fraco... não passa de um bodel!» Em todo o caso, Zhdanov apercebeu-se da ressurgência dos dois homens, dizendo ao filho: «Acaba de ser formada uma facção.» Obrigado a repousar até Dezembro, estava demasiado fraco para travar esta violenta batalha.

\* \* \*

Uma vez que Molotov e Mikoian, recentemente recuperados das respectivas humilhações, também já lá tinham passado algum tempo, Estaline viu-se sozinho. Ansiava a companhia de gente mais jovem. Béria, segundo o filho, achava que esta solidão de Estaline era teatro. Queria os seus associados por perto para «poder mantê-los debaixo de olho, não por temer a solidão», mas isto não explica a procura da companhia de jovens sem qualquer importância. «Enquanto toda a gente fala do grande homem, um génio em todas as coisas», queixava-se Estaline a Golovanov, «não tenho com quem beber uma chávena de chá.» Zhdanov, uma das suas visitas, fazia-se acompanhar pelo filho, Iuri, o genro ideal de Estaline, que lhe telefonava frequentemente para o aconselhar:

«As pessoas dizem que passas demasiado tempo entregue a actividades políticas», dissera certa vez a Iuri, «mas eu quero dizer-te que a política é uma coisa suja. Precisamos é de químicos!» Iuri licenciou-se em Química e em seguida fez um mestrado em Filosofia.

Então com vinte e oito anos, Iuri e uma das tias passeavam de carro ao longo da costa do mar Negro quando passaram pela estrada que conduzia à *dacha* de Gagra, ficando surpreendidos ao ver um grupo de soldados correr para eles:

– O camarada Estaline chama-te, camarada Zhdanov! – disseram-lhe. Iuri mandou recado de que estava com a tia. Pouco depois, o guarda regressou: – Estão ambos convidados.

Um Estaline bronzeado e descontraído aguardava-os na varanda coberta. Depois de ter inquirido sobre a saúde do pai, Estaline, enquanto servia o vinho, foi direito ao assunto:

– Talvez devesses trabalhar para o partido.

– Camarada Estaline – respondeu Iuri –, disse-me uma vez que a política era uma coisa suja.

– Estamos numa era diferente. Os tempos mudam. Vais trabalhar para o partido, viajar e conhecer as regiões. Verás como nós tomamos as decisões e eles discordam imediatamente delas.

– É melhor consultar a minha mãe e o meu pai – disse Iuri, sabendo que nenhum potentado queria os filhos metidos no ninho de víboras que era a corte de Estaline. Mas Zhdanov concordou. Estaline nomeou Iuri para o importante cargo – para um

homem tão novo – de chefe do Departamento de Ciência do CC. Sem o querer, Iuri enfiava a cabeça na boca do crocodilo no preciso instante em que a batalha pela sucessão ia tornar-se sangrenta. «Não tinha medo dele», diz Iuri agora, «conhecia-o desde criança. Só mais tarde percebi que *devia* ter tido medo.»

Iuri não teve de ficar, mas um outro jovem foi menos afortunado e suportou nove dias antes de conseguir escapar. Nesse Outubro, Oleg Troianovski, de vinte e seis anos, funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, foi enviado a Gagra para servir de intérprete a Estaline numa reunião com um grupo de deputados trabalhistas britânicos.\*

Bem parecido, de cabelo castanho e erudito, Troianovski era também ele um filho da elite. Quando conheceu o jovem, Estaline gostou tanto dele que adoptou o seu sotaque índio de *O Último dos Moicanos*: «Envia saudações a irmão cara-pálida do chefe dos peles-vermelhas!» Depois da partida dos deputados britânicos, disse a Troianovski:

– Por que não ficas a viver connosco por uns tempos? Embebedamos-te e ficamos a saber que espécie de pessoa és.

Aquilo era tão inesperado e alarmante que Troianovski tartamudeou que seria com certeza «um fardo para o camarada Estaline», mas o *Vozhd* insistiu. Troianovski sentia-se compreensivelmente pouco à vontade, mas Estaline convidou-o algumas vezes para jogar bilhar, um jogo em que era extremamente bom, dando a impressão de quase não apontar à bola. Encontravam-se sobretudo ao jantar, em que tinha ocasionalmente a companhia de Poskrebichev ou de membros do Politburo. O anfitrião servia pessoalmente o seu jovem convidado. A conversa nunca era «contrafeita, não havia silêncios», apesar de Troianovski ser suficientemente esperto para não fazer perguntas e dar muito poucas opiniões. Estaline encarregava-se de falar, recordando a sua estada com o pai de Oleg em Viena, em 1913, a «primeira vez que estivera com uma família ao estilo ocidental». Tirando isso, limitava-se a dizer-lhe que repousasse, mas «dificilmente se poderia descrever como repousante fosse o que fosse que tivesse a ver com Estaline».

Troianovski, como todos os outros convidados, procurava uma maneira de escapar sem ofender o Supremo. Ao cabo de nove noites, conseguiu reunir coragem suficiente para perguntar a Estaline se podia ir-se embora. Estaline pareceu surpreendido até que Troianovski explicou que queria regressar a Moscovo para se inscrever no partido.

– Um acontecimento importante – disse. – Boa sorte.

---

\* Estaline tinha ficado em casa do pai de Troianovski, Alexandre, quando visitara Viena, em 1913. Mais tarde, nomeou-o primeiro embaixador em Washington e protegeu-o durante o Terror. Gostava de Troianovski, mas nunca confiou nele, por ser um ex-menchevique. Certa vez, aproximou-se dele pelas costas, tapou-lhe os olhos com as mãos e murmurou: «Amigo ou inimigo?» Em 1948, a carreira de Troianovski como intérprete de Estaline chegou a um fim abrupto quando Molotov o transferiu, para o proteger. O pai, o velho diplomata, estivera a jogar *bridge* e a criticar a liderança com o indomável Litvinov. Eram tempos perigosos. Mais tarde, Troianovski serviu de intérprete a Khrushchev. Este relato baseia-se na entrevista que me concedeu.

Houve um momento embarracoso mas revelador quando, ao despedir-se do jovem com a oferta de um cesto de fruta, Estaline comentou:

– Provavelmente, achas isto aqui aborrecido. Eu estou habituado à solidão. Habituei-me quando estive preso.

Ao regressar a Moscovo, a 21 de Novembro, este simpático e velho anfitrião ordenou a Abakumov que assassinasse o actor *yiddish*, Mikhoels. Nove dias mais tarde, votava na ONU a favor da criação do Estado de Israel.

DUAS ESTRANHAS MORTES:  
O ACTOR YIDDISH E O HERDEIRO PUTATIVO

O Comité do Prémio Estaline mandou Mikhoels a Minsk para apreciar as peças que se representavam nos teatros bielorrussos. Ao saber disto, Estaline ordenou verbalmente a Abakumov que o assassinasse, especificando alguns pormenores na presença de Malenkov. Abakumov confiou o encargo ao seu adjunto, e chefe do MGB em Minsk, invocando a *Instantsyia*. O plano era «convidar Mikhoels para visitar alguns conhecidos, à noite, proporcionar-lhe um carro (...), levá-lo até às proximidades da *dacha* de Tsanava [o chefe do MGB na Bielorrússia] e matá-lo aí; em seguida, levar o corpo para uma rua deserta, deixá-lo estendido no pavimento e passar com um camião por cima dele (...).» Um plano que tinha todas as características típicas dos trapalhões jogos gangsterianos que Estaline costumava magicar com Béria para liquidar aqueles que eram demasiado célebres para serem presos. Tsanava transmitiu a ordem para baixo, ao longo da cadeia de comando, usando sempre a palavra mágica – *Instantsyia*.

A 12 de Janeiro, Mikhoels e o seu amigo Vladimir Golubov-Potapov, crítico de teatro e agente do MGB, passaram o dia a entrevistar actores, após o que jantaram no hotel. Por volta das oito, saíram para se encontrarem com o «amigo» de Golubov. Presumivelmente, o carro do MGB levou-os à *dacha* de Tsanava, onde Mikhoels foi provavelmente injectado com veneno para o atordoar, mais um serviço para os médicos do MGB. Talvez tenha resistido. Este exuberante artista, a última ligação ao brilho intelectual de Mandelstam e Babel, amava a vida e deve ter lutado para defendê-la. Bateram-lhe na têmpora com um objecto contundente, e feriram-no a tiro. Golubov,

o traidor, foi igualmente abatido. Os corpos foram então levados para a cidade, atropelados por um camião e abandonados na neve.\*

Estaline foi informado destas mortes provavelmente ainda antes de os corpos terem sido deixados na rua, e no preciso instante em que Svetlana chegava para visitá-lo em Kuntsevo. Estava ao telefone, talvez com Tsanava. «Alguém lhe comunicava qualquer coisa, e ele escutava. Então, como que para resumir a situação, disse: "Bem, um acidente rodoviário." Lembro-me perfeitamente da entoação dele: não era uma pergunta, era uma confirmação (...). Não estava a perguntar, estava a propô-lo, o acidente rodoviário.» Quando pousou o telefone, beijou a filha e disse: «O Mikhoels morreu num acidente de automóvel.»

Às sete horas da manhã seguinte, foram encontrados dois corpos meio enterrados na neve. O de Mikhoels foi enviado para Moscovo e entregue no laboratório do Professor Boris Zbarski, o bioquímico (judeu) que se ocupara da múmia de Estaline: notando a contusão na cabeça e o orifício da bala, recebeu ordens para preparar a vítima do «acidente de automóvel» para ficar exposto em câmara ardente no Teatro Judaico, onde ninguém se deixou iludir pelo «rosto desfeito» e pelas «feições mutiladas disfarçadas com tinta».

Mikhoels era um herói artístico tanto para uma parte dos cortesãos de Estaline como para o público em geral: na noite de 15, que precedeu o funeral, Polina Molotova, que tinha redescoberto as suas raízes judaicas durante a guerra, esteve discretamente presente no velório, e murmurou: «Foi assassinio.» Depois das exéquias, Júlia Kaganovitch, sobrinha de Lazar e filha de Mikhail, o que se suicidara em 1941, chegou a casa dos Mikhoels e levou a filha do falecido para a casa de banho. Ali, com a água a correr das torneiras, sussurrou-lhe: «O tio manda cumprimentos», acrescentando uma ordem do preocupado Kaganovitch: «Pedi-me para te dizer que nunca pergunes nada a respeito seja do que for.» O Teatro Judaico passou a chamar-se Teatro Mikhoels; foi aberta uma investigação de assassinio. O Comité Judaico continuou a existir e Estaline seria o primeiro a reconhecer Israel.

No entanto, longe dos olhares do público, o assassino de Mikhoels, Tsanava, recebia a Ordem de Lenine «pela execução exemplar de uma missão especial atribuída pelo governo». Zénia Alliluyeva foi sentenciada a dez anos, a filha, Kira, a cinco, por «fornecerem informações sobre a vida pessoal da família [de Estaline] à embaixada americana». Ana Redens apanhou igualmente cinco anos. Foram todas colocadas em prisão solitária.<sup>†</sup>

---

\* O homem encarregado da operação foi Lavrenti Tsanava, de cabelos negros e com um elegante bigode, um dos georgianos que Béria levara para Moscovo. Como tantos outros membros da Cheka, era um criminoso. Os que o conheciam bem só podiam dizer que «era uma fera». De seu verdadeiro nome Djandjugava, tinha sido condenado por assassinio quando Béria o salvou, e acabou por chegar a chefe do MGB na Bielorrússia. Não foi com certeza um protegido muito leal, uma vez que se tornara entretanto muito próximo de Abakumov. Depois da morte de Estaline, foi preso e executado.

† As «Tias» estavam na prisão de Vladimir. Zénia Alliluyeva tentou suicidar-se e engoliu pedras, mas sobreviveu. Como tantas outras, foi mantida viva pela generosidade de terceiros. Uma presa polaca, encarcerada na cela ao lado, batia na parede, usando o código da prisão, a mensagem: «Vive pelos teus filhos.»

O MGB começou, entretanto, a construir um caso contra o ministro adjunto dos Negócios Estrangeiros, Solomon Lozovski, e outros judeus proeminentes: Polina Molotova foi discretamente afastada do seu cargo. Estaline gracejava abertamente a respeito do seu próprio anti-semitismo, espicaçando Djilas a propósito dos judeus que faziam parte da liderança jugoslava:

«Também você é um anti-semita, também você (...).»

\* \* \*

Não obstante o seu «rosto vermelho e inchado e os gestos vivos», Zhdanov recuperou a impetuosidade e o poder: «Posso morrer de um momento para o outro ou posso viver muito tempo», disse a Djilas. Aos jantares, tentava resistir ao álcool e comia apenas um prato de sopa rala.

Para um homem doente, os meses que se seguiram dificilmente poderiam ter sido menos repousantes: Estaline acabava de encontrar a primeira oposição a sério desde havia quase vinte anos. O marechal Tito era tudo menos um vassalo. Os seus *partisans* tinham combatido corajosamente contra os alemães, em vez de dependerem do Exército Vermelho para os libertar. Agora, os jugoslavos denunciavam azedamente o «comportamento ditatorial» de Zhdanov na conferência do Cominform. Quando soube disto, Estaline nem queria acreditar na impertinência, escrevendo a lápis castanho: «Informação muito estranha!»

Estaline aceitara deixar a Grécia ao Ocidente, reservando-se o direito de escolher quando e onde confrontar os Estados Unidos. Tito ignorou as suas ordens e começou a fornecer armas aos comunistas gregos. Estaline estava interessado em testar a determinação americana em Berlim, e não numa qualquer aldeia obscura dos Balcãs. A gota de água foi a planeada Federação Balcânica, acordada entre o líder búlgaro, Dmitrov, e Tito, sem autorização do Supremo. Quando a discussão subiu de tom, Tito mandou dois dos seus camaradas, Milovan Djilas e Edvard Kardelj, negociar com Estaline. Numa série de sombrios jantares em Kuntsevo, Estaline, Zhdanov e Béria tentaram impressionar a Jugoslávia com a supremacia soviética. Djilas mostrou-se fascinado, mas desafiador. A 28 de Janeiro, o *Pravda* denunciou o plano de Dmitrov.

A 10 de Fevereiro, Estaline chamou os jugoslavos e os búlgaros ao «Cantinho» para os humilhar, como se fossem membros do Politburo que se tivessem portado mal. Em vez de se opor ao plano búlgaro-jugoslavo, propôs uma colagem de pequenas federações, ligando países que já se odiavam uns aos outros. Estaline «fazia rabiscos num papel, olhando para eles com um ar furioso».

«Quando eu digo não, quer dizer não!», declarou, e então propôs que a Jugoslávia engolissee a Albânia, fazendo gestos de agarrar com os dedos e sons de chupar com os lábios. O ameaçador trio – Estaline, Zhdanov e Molotov – só conseguiu exacerbar a resistência de Tito.

Estaline e Molotov enviaram uma carta de oito páginas na qual Tito era implicitamente acusado do mais odioso de todos os crimes: trotskismo. «Pensamos que a car-

reira política de Trotski é suficientemente instrutiva», escreveram, ominosamente, mas os jugoslavos não se deixaram impressionar. A 12 de Abril, rejeitaram a carta. Estaline decidiu esmagar Tito.

— Vou abanar o dedo mindinho — disse a Khrushchev —, e acaba-se o Tito!

Tito provou, no entanto, ser um osso mais duro de roer do que Trotski ou Bukharine.

\* \* \*

Nos jantares em Kuntsevo, Zhdanov, o herdeiro putativo mas cada vez mais um débil alcoólico com problemas de coração, «perdia por vezes a força de vontade para se controlar» e deitava a mão à garrafa. Então Estaline «gritava-lhe que deixasse de beber», um dos raros momentos em que se opunha à bebida, sinal do lugar especial que Zhdanov ocupava. Mas noutras ocasiões, o inexpressivo e santimonial Zhdanov, sentado muito calado e sóbrio enquanto Estaline praguejava contra Tito e ria de piadas escatológicas, fazia-o perder a cabeça:

— Olhem para ele, ali sentado como Cristo, como se nada disto tivesse a ver com ele! Ali, a olhar para mim como se fosse Cristo!

Zhdanov empalideceu, o rosto cobriu-se-lhe de gotas de suor. Svetlana, que estava presente, deu-lhe um copo de água, mas aquilo era apenas uma erupção rotineira do explosivo mau génio do *Vozhd* e que, regra geral, desaparecia tão depressa como tinha surgido. Em todo o caso, Estaline sentia-se cada vez mais irritado com a excessiva familiaridade e independência de espírito de Zhdanov. Béria e Malenkov receberam, no seu esforço de vingança, ajuda de onde menos esperavam.

Escolhido por Estaline, cada vez mais próximo de Svetlana e, aos vinte e oito anos, chefe do Departamento de Ciência do CC, Iuri Zhdanov era uma figura dominante. Levava a ciência tão a sério como o pai a cultura. Por isso detestava a absurda influência de Trofim Lisenko no campo da genética: o descarado charlatão servira-se do apoio de Estaline, durante o Terror, para purgar a área da genética de todos os verdadeiros cientistas.

— Iuri, não te metas com o Lisenko — dizia-lhe o pai, na brincadeira. — Olha que ele cruza-te com um pepino.

Talvez, porém, Zhdanov estivesse demasiado doente para travá-lo.

A 10 de Abril de 1948, num discurso proferido perante a Politécnica de Moscovo, o jovem Zhdanov atacou não só o chamado darwinismo criativo de Lisenko, mas também a supressão que levara a cabo de cientistas e das respectivas ideias. Lisenko ouviu a conferência através de microfones, numa sala contígua. Cortesão cheio de experiência, apelou a Estaline, atacando a impudência de Iuri ao dirigir-se ao partido «em seu próprio nome». Lisenko enviou uma cópia da carta a Malenkov, que o apoiou. As rodas começaram a girar. Malenkov enviou a carta a Estaline, que agora se julgava o «corifeu» — o «maestro» — da ciência. O Supremo leu o texto da conferência de Iuri com crescente desdém.

«Ha, ha, hal!», rabiscou, furiosamente. «Disparate» e «Vai-te embora!» O rapazinho contrariara a visão de Estaline sobre hereditariedade e evolução, e usurpara a sua autoridade pessoal. Quando Iuri explicou que aquelas eram as suas opiniões pessoais, Estaline exclamou: «Aha!», e fez seguir os seus comentários para um deliciado Malenkov.

Frustrado pela resistência jugoslava, a tensão em Berlim e as intrigas sionistas, Estaline decidiu que chegara o momento de desafiar a América na Europa. Exigia disciplina partidária; Iuri tinha-a infringido. Num relâmpago olímpico que mudou a ciência e a política soviéticas, o Corifeu interveio. A 10 de Junho, organizou uma das suas habituais sessões de humilhação no «Cantinho». Andrei Zhdanov tomava humildemente notas na primeira fila, o filho espreitava de mais atrás, enquanto Estaline, andando de um lado para o outro «de cachimbo na mão e a soprar baforadas de fumo», murmurava:

– Como se atreveu alguém a insultar o camarada Lisenko? – Zhdanov apontava miseravelmente as palavras do Supremo no seu caderno de exercícios: «Relatório está errado. ZHDANOV TEM ESTADO ENGANADO.» Então, Estaline deteve-se e perguntou: – Quem o autorizou?

O olhar dele gelou a sala. «Fez-se um silêncio de túmulo», escreveu Chepilov, um dos protegidos de Zhdanov. Todos baixaram os olhos. Chepilov pôs-se de pé para admitir:

– A decisão foi minha, camarada Estaline.

Estaline aproximou-se dele e olhou-o nos olhos. «Posso com toda a sinceridade afirmar», recordaria Chepilov, «que nunca tinha visto um olhar assim (...). Os olhos dele pareciam possuir uma espécie de força incrível. As pupilas amareladas trespassaram-me como (...) uma cobra preparada para dar o bote.» Estaline «não pestanejou pelo que pareceu uma eternidade». Então, perguntou:

– Por que o fez? – Chepilov tentou explicar, mas o Supremo interrompeu-o: – Vamos criar uma comissão para esclarecer todos os factos. Os culpados devem ser punidos. Não o Iuri Zhdanov, é ainda muito novo. – Apontou o cachimbo para «o Pianista». – Mas é preciso castigar os pais. – Então, no meio do terrível silêncio, andando lentamente de um lado para o outro, enumerou os membros da comissão: Malenkov... mas nenhum Zhdanov! Tinha esperado deliberadamente até ao fim. Significaria isto que a *Zhdanovshchina* tinha acabado? «Depois de muito pensar, Estaline disse: “E Zhdanov», fazendo um longo silêncio antes de acrescentar: “Sénior.”»

Iuri escreveu um pedido de desculpas, referindo a sua «inexperiência»: «Cometi inquestionavelmente toda uma série de erros graves.» Malenkov manipulou magistralmente a impudicência não intencional do jovem Zhdanov para guindar-se de novo até à posição central: o pedido de desculpas foi publicado no *Pravda*. Mas o próprio Estaline tinha engendrado o eclipse de Zhdanov. A humilhação abalou-lhe ainda mais a saúde: desejou certamente ter imitado os Béria e os Malenkov, que mantinham os filhos bem afastados da política.

A 19 de Junho, um exausto Zhdanov, acompanhado pelo seu rival Malenkov, chegou à segunda reunião do Cominform, em Bucareste, para presidir à expulsão da Jugoslávia. «Temos informações», anunciou absurdamente Zhdanov, «de que Tito é um espião imperialista.» Os Jugoslavos foram excomungados.

A 24 de Junho, Estaline impôs o Bloqueio de Berlim, desafiando os Aliados europeus na esperança de forçá-los a sair cortando o abastecimento às respectivas zonas, profundamente encravadas na Alemanha soviética. Estes dois desafios não podiam deixar de acelerar a violenta campanha contra os judeus em Moscovo e a venenosa luta pela sucessão de Estaline. É costume afirmar que Zhdanov tinha apoiado os jugoslavos e por isso foi culpado de ser o responsável pela secessão. E certo que Zhdanov e Voznessenski conheciam bem os jugoslavos desde 1945, mas não só apoiaram a posição de Estaline, como até a aceleraram levando à sua atenção as manobras de Tito.

O cisma jugoslavo foi o resultado desnecessário da teimosia de Estaline. Enquanto o país venerava Estaline, o Deus, a familiaridade gerava desdém. Em 1948, Djilas achava que o *Vozhd* começava «a mostrar sinais evidentes de senilidade», comparando tudo a distantes recordações da sua infância ou dos exílios siberianos: «Sim, lembro-me das mesmas coisas (...), e «rindo de inanidades e piadas sem graça». Os seus próprios homens notavam-lhe o declínio intelectual e a perigosa imprevisibilidade: «velho e confuso, começámos a perder o respeito por ele», disse Khrushchev. Também Béria passara pela mesma «evolução» – tendo começado com zelosa veneração e terminando em desilusão. Mas muitos dos potentados, sobretudo Molotov, Mikoian, Kaganovitch e Khrushchev, continuavam a ser crentes fanáticos no marxismo-leninismo, enquanto praticamente todos eles, incluindo Malenkov, que se considerava um funcionário público *chinovnik*, acreditavam que Estaline estava ainda do lado da História, apesar de todos os seus defeitos.

Em Junho, Zhdanov, regressado de Bucareste, sofreu novo ataque cardíaco e um leve AVC, de que resultaram dificuldades respiratórias e paralisia do lado direito do corpo. «Aconselharam-me tratamento médico e repouso», disse a um protegido. «Não creio que vá estar muito tempo fora.» A 1 de Julho, Estaline substituiu Zhdanov pela sua némesis, Malenkov, no cargo de segundo secretário. Era um bode expiatório útil, mas, na órbita de Estaline, não havia necessidade de destruir Zhdanov para promover Malenkov: convinha ao Supremo fazê-los correr em paralelo. Zhdanov perdeu os sentidos quando regressava de Kuntsevo: agora desesperadamente doente, já não podia continuar a exercer os seus deveres. Iuri explica que o pai «não foi destituído – simplesmente adoeceu e deixou de poder defender os seus interesses», o que é confirmado pelos médicos: «O camarada Zhdanov precisa de dois meses de repouso, um deles acamado», dizia o Professor Iegorov num relatório secreto no qual Estaline escreveu: «Onde as férias? Onde o tratamento?»

Estaline, recorda Iuri, «ficou preocupado. A doença do meu pai introduzia uma mudança no equilíbrio do poder.» Mikoian confirma-o. O facto é que os aliados de Zhdanov, Voznessenski e Kuznetsov, continuaram em ascensão. Iuri conservou o seu cargo.

Estaline mandou os seus próprios médicos examinar Zhdanov, que foi transferido para um sanatório em Valdai, perto de Novgorod. Mesmo assim, Zhdanov sentia o poder a sumir-se-lhe por entre os escleróticos dedos: quando, a 23 de Julho, Chepilov ligou para o pôr ao corrente do regresso de Malenkov, Zhdanov gritou ao telefone. Nessa noite, teve um ataque cardíaco. Estaline enviou o seu segundo, Voznessenski, e o seu próprio médico, Vinogradov, visitar o doente.

Os sintomas de Zhdanov, que apontavam claramente para arteriosclerose e insuficiência cardíaca, foram mal diagnosticados. Em vez de electrocardiogramas diários e repouso absoluto, receitaram-lhe exercício e massagens prejudiciais. A 29 de Agosto, novo ataque, este grave. Mais uma vez, Estaline enviou Vinogradov e ordenou a Voznessenski e a Kuznetsov que verificassem o tratamento. Antes que os políticos chegassem, rebentou uma discussão a propósito do paciente. A Dra. Lídia Timachuk, a cardiologista, diagnosticou um «enfarte miocárdico» (um ataque cardíaco), e tinha quase de certeza razão, mas os distintos professores obrigaram-na a reescrever o seu diagnóstico de modo a especificar uma muito mais vaga «disfunção devida a arteriosclerose e hipertensão», num típico episódio de luta burocrática. Os médicos trocaram do grave diagnóstico da cardiologista e prescreveram passeios no parque. Em consequência, Zhdanov sofreu novo ataque cardíaco.

Timachuk denunciou os seus superiores e conseguiu que o chefe dos guarda-costas de Zhdanov entregasse a carta a Vlasik, para que a desse pessoalmente a Estaline. Quando nada aconteceu, a médica, que era também agente do MGB, escreveu à polícia secreta. Abakumov fez seguir a carta para Estaline nesse mesmo dia. Estaline assinou-a, escreveu «Para arquivo», mas nada fez. Estava, no entanto, «muito ansioso e voltou a enviar Voznessenski visitar o meu pai», diz Iuri, que já se encontrava no hospital.

A 31, o ex-favorito de Estaline levantou-se da cama para ir à casa de banho e morreu, vitimado por um ataque cardíaco fulminante. Por ordem de Poskrebichev, a autópsia foi feita numa casa de banho mal iluminada, na presença de Kuznetsov. Os professores, com medo de que o seu erro de diagnóstico e encobrimento fossem descobertos, despediram e denunciaram a Dra. Timachuk, que então escreveu a Estaline e a Kuznetsov, *curator* do MGB, cartas em que fazia acusações ainda mais graves. Mas, desta vez, Vlasik não entregou a carta e Kuznetsov ignorou a dele.

Timachuk tornou-se a má desta Conjura dos Médicos porque as suas cartas foram, mais tarde, usadas por Estaline, o que não deixa de ser curioso porque, medicamente, ela tinha razão. Zhdanov pode ter sido vítima de negligência médica, mas as acusações de assassinio parecem improváveis. O Kremlevka fora concebido para ser o melhor hospital soviético, mas era de tal modo regido pelo medo e pelos erros, pelo atraso científico e pela competição política, que as comissões de médicos aterrorizados tomavam com frequência decisões incompetentes. Pacientes famosos, de Mekhlis a Koniev, eram rotineiramente mal tratados. Até nas democracias os médicos tendem a esconder os seus erros. Se Estaline tivesse realmente querido liquidar Zhdanov, não teriam sido necessários cinco ataques cardíacos ao longo de vários anos: uma rápida injecção teria

bastado. A viúva e o filho de Zhdanov estavam convencidos de que ele não tinha sido assassinado: «Era tudo mais simples», recorda Iuri. «Nós conhecíamos bem os médicos. O meu pai estava doente. O coração dele estava gasto.»

No entanto, por que terá o maniacamente paranóico Estaline ignorado as denúncias? A doença de Zhdanov era obviamente grave, e é bem possível que Estaline se tenha contentado com deixar o tratamento a cargo dos melhores médicos do Kremlin: além disso, estava irritado com Zhdanov. Mas, a um nível mais profundo, aqueles erros médicos representavam uma oportunidade. Ele próprio já usara o assassínio médico e, nos anos 30, forçara médicos a confessarem-se assassinos de Kuibichev e Gorki. Este oportunista meticuloso e conspirador paciente, mais velho mas ainda um génio na criação de maquinações complexas, exploraria a morte de Zhdanov quando estivesse pronto para criar o Terror de cuja necessidade estava convencido. Um ano mais tarde, o seu velho camarada Dmitrov, o líder búlgaro, morreu quando estava a ser tratado pelo mesmo médico. Passeando pelo jardim de Sochi com o seu ministro da Saúde, Estaline deteve-se para admirar as rosas e comentou:

– Não é estranho? O mesmo médico tratou-os os dois, e ambos morreram.

Estava já a magicar a Conjura dos Médicos, mas ainda passariam três anos antes que voltasse às cartas de Timachuk.

Estaline ajudou a transportar o caixão aberto de Zhdanov, no funeral, e mostrou-se solidário para com a família. Depois, durante o jantar, embebedou-se.\*

Diz-se que, nessa noite, o Aragvi se encheu de georgianos de Béria, a brindar à morte de Zhdanov.

\* \* \*

A 8 de Setembro, Estaline, retido em Moscovo pela crise de Berlim e pelo funeral de Zhdanov, iniciou umas férias de três meses, mudando irrequietamente de Sukhumi para o Livadia, onde recebeu o presidente checo, Gottwald. Em Museri, a velha *da-chá* construída por Lakoba, foi visitado por Molotov e Mikoian. Durante o jantar, Poskrebichev pôs-se de pé e denunciou Mikoian:

– Camarada Estaline, enquanto estava a descansar no Sul, Molotov e Mikoian preparam uma conjura contra si, em Moscovo.

Mikoian ergueu-se de um salto, com os olhos a faiscar.

– Seu filho de puta! – gritou, erguendo o punho para agredir Poskrebichev.

Estaline agarrou-lhe a mão.

– Por que gritas dessa maneira? – perguntou, acalmando-o. – És meu convidado!

– Molotov permaneceu sentado, «branco como papel e imóvel como uma estátua».

---

\* Talvez Estaline tenha sido afectado pela morte de Zhdanov. Mudou o nome da terra natal do falecido, Mariopol, junto ao mar Negro, para Zhdanov. Segundo os guarda-costas, depois do funeral, Molotov mostrou-se preocupado com a saúde do *Vozhd* e pediu-lhes que não o deixassem jardinar. Quando Estaline descobriu esta interferência na sua vida privada, passou a confiar ainda menos em Molotov.

Mikoian protestou a sua inocência. – Se assim é, não ligues ao que ele diz – acrescentou Estaline, que fora o inspirador da acusação de Poskrebichev.

Estaline declarou que aqueles veteranos eram todos demasiado velhos para lhe sucederem. Mikoian, com apenas cinquenta e dois anos, muito mais novo do que o *Vozhd*, achou aquilo uma parvoíce, mas nada disse. O sucessor, continuou Estaline, tinha de ser um russo, não um caucasiano. Molotov continuava a ser «a pessoa óbvia», mas Estaline estava desencantado com ele. Então, numa bênção letal, Estaline apontou para a benigna e alongada face do protegido de Zhdanov, Kuznetsov: «aqui está o homem» que queria que lhe sucedesse como secretário-geral. Voznessenski suceder-lhe-ia como primeiro-ministro. Mikoian sentiu que aquilo «era um péssimo serviço prestado a Kuznetsov, considerando os que sonhavam secretamente com um tal papel».

O próprio Estaline tinha tendência para passar a desconfiar de qualquer sucessor designado, sobretudo tendo em conta o fracasso do seu Bloqueio a Berlim, que teve de ser suspenso quando os Aliados, em vez de ceder, reagiram energicamente abastecendo as suas zonas graças a uma extraordinária ponte aérea. Tudo isto contribuiu para exacerbar a fervilhante paranóia do Supremo, já acicatada pela sua própria doença, pelo desafio de Tito e pela agitação sionista entre os judeus russos. Béria e Malenkov começaram a afiar as facas.



DÉCIMA PARTE

**O TIGRE COXO,**  
**1949–1953**

**.0X00 3**  
© 2012

Enquanto, no Sul, Estaline ungia sucessores, a indómita Enviada Extraordinária do novo Estado de Israel, Golda Myerson (conhecida da História como Meir), chegava a Moscovo, a 3 de Setembro, no meio da tumultuosa excitação dos judeus soviéticos. O Holocausto e a fundação de Israel tinham tocado até os internacionalistas mais ferrenhos entre os Velhos Bolcheviques, como Polina Molotova. A mulher de Vorochilov (em solteira, Golda Gorbman) espantou a família ao afirmar: «Agora, também nós temos uma pátria.»

No Ano Novo judaico, Meir assistiu ao serviço religioso na Grande Sinagoga de Moscovo: uma multidão de judeus exultantes aguardou no exterior, porque o templo estava apinhado, mas tudo se passou sem agitações. Até Polina Molotova, então com cinquenta e três anos, compareceu. Na recepção diplomática de 7 de Novembro, em casa dos Molotov, Polina conheceu Golda, duas mulheres formidáveis e inteligentes vindas de meios quase idênticos.

Polina falou *yiddish*, a língua da sua infância, que usava sempre quando os seus interlocutores eram oriundos da Europa Central, embora lhe chamasse, diplomaticamente «a língua austríaca». Meir perguntou-lhe onde aprendera *yidiish*. «*Ikh bin a yidishe tokhhter*», respondeu Polina: «Sou uma filha do povo judeu.» Quando se separaram, Polina disse: «Se tudo correr bem para vocês, tudo correrá bem para os judeus do mundo inteiro.» Talvez não soubesse a que ponto Estaline se ressentia da sua agressiva inteligência, da sua activa elegância, das suas raízes judaicas, do seu irmão americano e, como disse a Svetlana, da «má influência que tivera em Nádia». A sua destituição, em

Maio, fora um aviso, mas Polina não fazia ideia de que o *Vozhd* considerara a possibilidade de mandá-la assassinar, em 1939.\*

A «manifestação» junto à sinagoga e o *schick yiddish* de Polina foram vistos como um ultraje pelo velho na sua vilegiatura, confirmando que os judeus soviéticos estavam a transformar-se numa Quinta Coluna americana. Não admirava que Molotov tivesse apoiado a Crimeia judaica. A 20 de Novembro, o Politburo desmantelou o Comité Judaico e desencadeou o Terror anti-semita, gerido por Malenkov e Abakumov. Os colegas de Mikhoels foram presos, juntamente com alguns brilhantes escritores e cientistas judeus, do poeta *yiddish* Perets Markish à bioquímica Lina Shtern. Prenderam também o pai do recém-divorciado marido de Svetlana: «Toda a geração mais velha está contaminada pelo sionismo», declarou Estaline à filha, «e agora estão a ensinar também os jovens.»

Ordenou que os presos fossem forçados, pela tortura, a implicar Polina Molotova, enquanto passava as quentes noites meridionais em jantares em Córrego Frio, a contar a Charkviani histórias da sua infância. Repentinamente, sentia a falta dos velhos amigos, sobretudo de um padre chamado Pedro Kapanadze, com quem estudara no seminário. Depois da Revolução, o padre tornara-se professor, mas Estaline, por vezes, enviava-lhe dinheiro. Resolveu convidar Kapanadze e o tenente-general Sacha Egnatachvili, o amigo da família de Gori a que chamava «o filho do estalajadeiro», para um jantar. Charkviani apressou-se a regressar a Tíflis, para ir buscar os convidados. Não tardou que os sete velhos amigos estivessem a cantar canções georgianas, liderados pelo «anfitrião da bela voz». Estaline insistiu em que alguns ficassem uma semana, finda a qual, como todos os convidados, estavam desesperados por fugir dali. Finalmente, um deles deu provas de um considerável engenho ao cantar, durante o jantar, uma canção folclórica cujo refrão dizia: «É melhor partir do que ficar!»

– Oh, comprehendo – disse Estaline –, estão aborrecidos. Devem ter saudades dos vossos netos.

– Não Soso – respondeu o convidado. – É impossível alguém aborrecer-se aqui, mas já cá estamos há quase uma semana, a desperdiçar o teu tempo...

Estaline deixou-os ir, regressando a Moscovo a 2 de Dezembro, a remoer a perigosa duplicidade de Molotov. Descobrira (provavelmente através de Vichinski) que Molotov viajara sozinho numa carruagem especial de Nova Iorque a Washington, onde talvez tivesse recebido instruções para minar a URSS com aquela história de uma pátria judaica. Foi Poskrebichev, o alter-ego de Estaline, quem «começou a sondar»

---

\* Alguns judeus foram demitidos. Kaganovitch continuou como vice-primeiro-ministro e membro do Politburo, mas o seu irmão mais velho, Iuli, perdeu o lugar. O neto de Kaganovitch recorda que, tal como Polina, também Lazar se lembrava do *yiddish* da sua infância: quando conheceu o comunista alemão Ernest Thälmann, tentou usá-lo. A «segunda dama do Estado», Dora Lazan, mulher de Andreiev, foi demitida do cargo de ministro-adjunto dos Teixeis e a esposa judia do general Khrulev foi presa. Mekhlis, como Kaganovitch, continuou como ministro do Controlo do Estado e só se retirou em 1950, na sequência de um AVC. O judeu Boris Vannikov continuou a chefiar o Primeiro Directorado do Sovmin, que tinha a seu cargo o projecto nuclear.

Molotov: «Por que foi que lhe atribuíram uma carruagem especial?» Molotov somou dois e dois, mas nada havia que pudesse fazer.

Espantosamente, foi uma ópera que acabou por convencer Estaline a avançar contra os Molotov. Pouco depois do seu regresso, o *Vozhd* assistiu a uma ópera arménia, *Almast*, que contava a história de um príncipe cuja mulher o traía. «Viu que a traição podia estar em todo o lado» e vir de qualquer pessoa, mas sobretudo de entre as mulheres dos potentados. Operaticamente fortificado e armado com os testemunhos de Abakumov, Estaline confrontou Molotov com a culpa de Polina. «Eu e ele discutimos o assunto», escreveu Molotov.

— É tempo de te divorciares da tua mulher — disse Estaline.

Molotov concordou, em parte porque era um bolchevique, mas também porque a obediência podia salvar a mulher que amava. Quando falou a Polina das acusações que lhe faziam, ela gritou:

— E tu acreditaste! Se é disso que o partido precisa, divorciar-nos-emos — concordou.

De uma maneira muito estranha, foi um divórcio extremamente romântico, em que ambos se sacrificaram para salvar o outro. «Discutiram a melhor maneira de salvar a família», diz o neto. Polina foi viver com a irmã. Esperaram nervosamente, mas, disse Molotov, «um gato preto tinha atravessado o nosso caminho».

\* \* \*

Estaline ordenou a Malenkov e a Abakumov que montassem o Caso Judaico. Malenkov repetia a Béria que não era um anti-semita: «Lavrenti, sabes que sou macedónio. Como podes acusar-me de chauvinismo russo?»

Uma vez que a peça central de todo o esquema era o plano para a criação de uma Crimeia judaica, a 13 de Janeiro de 1949 Malenkov chamou Lozovski, ex-líder do Comité Judaico, à Praça Velha, para ser interrogado. Tudo aquilo era já um caso de vida ou de morte para Lozovski, mas tinha também os seus perigos para Malenkov, o meticoloso «funcionário-assassino», porque a filha mais velha, Volya, casara com o filho de um oficial judeu chamado Shamburg cuja irmã estava casada com Lozovski.

«Simpatizou (...)» com a ideia da Crimeia judaica, disse Malenkov, «e a ideia era má!» Estaline ordenou a detenção de Lozovski.

Malenkov desembaraçou a família de todas as suas ligações judaicas. Volya Malenkova divorciou-se de Shamburg. Todas as histórias repetem que Estaline ordenou esse divórcio e Malenkov o impôs. Volya Malenkova nega-o vigorosamente, afirmando que o casamento não funcionou porque Shamburg casara com ela pelos motivos errados... e tinha «um péssimo gosto artístico». «O meu pai até me desencorajou, dizendo: “Pensa bem e seriamente. Precipitaste-te ao casar, não te precipites no divórcio.”» Mas não foi assim que a coisa pareceu a Shamburg, que foi chamado ao gabinete de Malenkov.

Tal como Vassili Estaline acelerara o divórcio de Svetlana, assim o guarda-costas de Malenkov tratou do de Volya.\*

Pelo menos 110 presos, na sua maioria judeus, eram na altura vítimas da «luta livre francesa» às mãos do sádico Komarov, na Lubianka. «Era impiedoso para com eles», gabar-se-ia Komarov, mais tarde. «Destroçava-lhes a alma (...). Nem o próprio ministro os aterrorizava tanto como eu (...). Era particularmente implacável (e detestava mais) para com os nacionalistas judeus.» Quando Abakumov interrogiou a distinta cientista Lina Shtern, gritou-lhe: «Sua puta velha (...). Confesse! É uma agente sionista!» Komarov perguntou a Lozovski que líderes estavam casados com judias, acrescentando: «Ninguém é intocável.» Os presos eram igualmente encorajados a incriminar os potentados judeus, Kaganovitch e Mekhlis, mas o verdadeiro alvo era Polina Molotova. Abakumov disse a Estaline que ela tinha «contactos com pessoas que eram Inimigos do Povo»; foi à sinagoga uma vez, aconselhou Mikhoels, «esteve presente no funeral e manifestou preocupação em relação à família dele».

Cinco dias mais tarde, Estaline reuniu o Politburo para fazer a leitura das bizarras acusações semítico-sexuais contra Polina. Um jovem testemunhou ter tido um caso e praticado «sexo em grupo» com esta matrona bolchevique. Molotov mal podia acreditar naquela «horrível sujeira», mas, à medida que Estaline continuava a ler, compreendeu que «a Segurança se tinha empenhado a fundo no caso dela!» Até o férreo traseiro de Molotov estava apertado: «Os joelhos tremiam-me.» Kaganovitch, que não gostava de Molotov e, como judeu, tinha de provar a sua lealdade, atacou maldosamente o Cu-de-Ferro, recordando que «não foi capaz de dizer uma palavra!»

Polina foi expulsa do partido por manter «contactos íntimos com nacionalistas judeus», isto apesar de ter sido avisada, em 1939, quando Molotov se abstivera numa votação semelhante. Desta vez, notavelmente, voltou a abster-se, mas, sentindo a gravidade do caso, emendou a mão: «Quando o Comité Central votou a proposta para expulsar PS Zemchuzina (...), absteve-me, o que agora reconheço ter sido politicamente incorrecto», escreveu a Estaline, a 20 de Janeiro de 1949. «Venho por este meio declarar que, depois de pensar bem, voto agora a favor (...). Reconheço que cometí um erro grave ao não impedir a tempo uma pessoa próxima de mim de dar passos em falso e manter relações com nacionalistas anti-soviéticos como Mikhoels (...).»

A 21 de Janeiro, Polina, envergando o seu casaco de pele de esquilo, foi presa. As irmãs, médico e secretárias foram igualmente presos. Uma das irmãs e um irmão morreriam no cárcere. A sua prisão foi um ominoso sinal para os outros líderes, que secretamente se solidarizavam com ela.

---

\* Shenberg «ficou destroçado», segundo a sua amiga Júlia Khrushcheva. Tanto Svetlana Estaline como Volya Malenkova afirmaram peremptoriamente ter posto fim a casamentos infelizes, mas certamente não havia maior incentivo para pôr fim a um casamento infeliz com um judeu do que a paranóia anti-semita de Estaline. O *Vozhd* nem precisava de dizer uma palavra. Os jovens sabiam o que fazer. A magro crédito de Malenkov fica o facto de ter conseguido proteger os Shenberg, escondendo o pai do rapaz, Mikhail, na província. «Volya» foi um nome inventado por Malenkov e significava «Vontade», como em «a Vontade do Povo».

Polina, que não foi torturada, negou tudo: «Não estive na sinagoga... Foi a minha irmã.» Mas enfrentava também acusações de deboche sexual: a acareação com Ivan X parece uma farsa de quinta categoria:

– Polina, chamaste-me ao teu gabinete [e] propuseste-me intimidades!

– Ivan Alexeevitch! – exclamou Polina.

– Não o negues!

– Não tive relações com X – afirmou ela. – Sempre considerei Ivan Alexeevitch X pouco digno de confiança, mas nunca pensei que fosse um miserável.

X, porém, apelou à misericórdia dela:

– Recordo-te os meus filhos e a minha família desfeita para que admitas a tua culpa em relação a mim... Obrigaste-me a uma relação íntima!

Entretanto, Polina continuava a fazer o papel de *grande dame* no mundo dos mortos. Um outro preso ouviu-a gritar: «Telefonem ao meu marido! Digam-lhe que me mande os comprimidos para a diabetes! Sou uma inválida! Não têm o direito de me dar esta porcaria para comer!»

Nunca mais ninguém ouviu falar de Polina, que passou a ser o Objecto N.º 12. Muitos julgavam-na morta, mas Béria, que desempenhou um papel muito pequeno no Caso Judaico, sabia, através dos seus contactos, que não. «A Polina ESTÁ VIVA!», murmurava ao ouvido de Molotov durante as reuniões do Politburo.

Estaline e Abakumov discutiam a possibilidade de fazer dela a principal acusada no julgamento dos judeus, mas então decidiram que Lozovski seria a estrela. Polina foi sentenciada a cinco anos de exílio – uma pena leve, considerando a sorte dos outros presos – em Kustanai, na Ásia Central. Voltou-se para a bebida, mas conseguiu ultrapassar esta fase. «Na prisão, uma pessoa precisa de três coisas», disse às filhas, mais tarde. «Sabão para se manter limpa, pão para se manter alimentada, cebolas para se manter saudável.» Ironicamente, foi ajudada por alguns *kulaks* deportados, de modo que os inocentes camponeses que ela e o marido tanto se tinham empenhado em liquidar acabaram por ser os bondosos desconhecidos que lhe salvaram a vida. Nunca deixou de amar Molotov, pois, do cativeiro, escreveu-lhe:

«Com estes quatro anos de separação, quatro eternidades passaram pela minha estranha e terrível vida. Só o pensar em ti me força a viver, e o conhecimento de que podes ainda vir a precisar dos restos do meu coração atormentado e de todo o meu imenso amor por ti.» Molotov nunca deixou de amá-la: tocantemente, ordenava às criadas que continuassem a pôr um lugar para ela à mesa, todas as noites, enquanto comia sozinho, consciente de que «ela sofria por minha culpa (...).»

Estaline excluiu Molotov dos escalões mais elevados, decretando que os documentos deviam ser assinados por Voznessenski, Béria e Malenkov, «mas não pelo camarada Molotov, que não participa nos trabalhos do Buro do Conselho de Ministros». No entanto, ainda confiava o suficiente em Mikoian para enviar o cosmopolita arménio numa missão secreta cujo objectivo era avaliar Mao Tsé-tung, o qual se preparava para completar a conquista da China.

A Guerra Civil Chinesa estava nos seus estertores finais. Estaline calculara mal a rapidez com que o regime de Chiang Kai-chek se desmoronaria. Até 1948, o êxito de Mao fora um obstáculo à sua *realpolitik* de uma parceria com o Ocidente, mas a Guerra Fria fizera-o mudar de ideias. Começou a pensar no chinês como um aliado potencial, apesar de ter dito a Béria que o Presidente era «um marxista de margarina».

A 31 de Janeiro de 1949, em grande segredo, Mikoian chegou ao quartel-general de Mao em Xibaipo, na província de Hopei, onde conheceu o futuro Grande Timoneiro e Chou En-lai, e apresentou as oferendas de Estaline. Um dos presentes era tipicamente venenoso: Mikoian tinha de dizer a Mao que um americano da sua corte era um espião e devia ser preso. Estaline (o camarada Filipov) mantinha-se em contacto com Mikoian (o camarada Andreev) através do médico russo de Mao, o doutor Terebin, que fazia também o papel de descodificador. A visita foi um êxito, apesar de Mikoian ter admitido que fora a contar com um período de descanso dos hábitos nocturnos de Estaline, só para descobrir que Mao mantinha os mesmos horários.

Quando chegou a Moscovo, esperava-o um grande choque. Estaline demitira-o do cargo de ministro do Comércio Externo, e a Molotov de ministro dos Negócios Estrangeiros, ainda que ambos continuassem como vice-primeiros-ministros. Então, o *Vozhd* acusou-o de violar o segredo oficial sobre a sua viagem à China. Mikoian só falara do assunto ao filho, Stepan.

– Falaste com alguém a respeito da minha viagem à China? – perguntou-lhe.

– Só à Svetlana – respondeu Stepan.

– Não digas nada, nunca.

Um comentário inocente de Svetlana feito na presença do pai pusera em perigo os Mikoian. Estaline não esquecera a detenção dos filhos de Mikoian, em 1943. Continuavam sob vigilância.

– Que aconteceu aos teus filhos que foram presos? – perguntou inesperadamente a Mikoian. – Achas que merecem o direito de estudar em instituições soviéticas?

Mikoian, sensatamente, não respondeu... mas compreendeu a ameaça, sobretudo depois da prisão de Polina. Estava à espera de que os rapazes fossem presos, mas nada aconteceu. Estaline começou a resmungar que Vorochilov era «um espião inglês» e mal falava com ele,\* enquanto os diminuídos Molotov e Mikoian continuavam suspensos. Mas então os sucessores escolhidos por Estaline sucumbiram à brutal *vendetta* de Béria e Malenkov, num súbito banho de sangue.

---

\* A 22 de Agosto de 1946, Estaline ouviu a previsão meteorológica e ficou furioso ao descobrir que estava completamente errada. Ordenou então a Vorochilov que investigasse os meteorologistas para descobrir se havia «sabotadores» entre eles. Era uma missão absurda que reflectia o desprezo do Supremo pelo seu primeiro marechal. Vorochilov apresentou o seu relatório no dia seguinte, afirmando nele que era injusto culpar os meteorologistas pelos seus erros.

## ASSASSÍNIO E CASAMENTO: O CASO DE LENINEGRADO

Os «dois patifes» só jogavam para a aposta mais alta: a morte. Mas Estaline estava sempre pronto a decapitar as papoilas que sobressaíssem – os dois leninegradenses – para manter a sua própria proeminência.

O herdeiro putativo do *Vozhd* como primeiro-ministro, Nikolai Voznessenski, «julgava-se o mais esperto de todos, depois de Estaline», recordava o gestor do Sovmin, Chadaev. Aos quarenta e quatro anos, o mais jovem membro do Politburo distinguiu-se como um brilhante planeador que beneficiava de uma relação invulgarmente franca com o líder. No entanto, o facto tornava-o tão ousado que «não se dava ao incômodo de esconder os seus estados de espírito» ou o seu estridente nacionalismo russo. Rude para com os colegas, ninguém fez tantos inimigos como Voznessenski. Agora, o seu patrono, Zhdanov, estava morto, e o seu inimigo, Malenkov, a voltar à mó de cima. Béria «temia-o» e cobiçava-lhe os poderes económicos. A sua própria arrogância e a susceptibilidade de Estaline tornavam Voznessenski vulnerável.

Durante 1948, Estaline notou que a produção cresceria no último quadrimestre do ano, mas caíra no primeiro. Era uma variação sazonal normal, mas o *Vozhd* pediu a Voznessenski que equilibrasse os números. Voznessenski, que geria a Gosplan, prometeu que o faria. Mas não conseguiu e, com medo de Estaline, escondeu as estatísticas. Sem que se saiba muito bem como, esta habilidade chegou ao conhecimento de Béria, o qual descobriu que centenas de documentos secretos da Gosplan tinham desaparecido. Certa noite, em Kuntsevo, Béria referiu o facto a Estaline, que, segundo Mikoian, «ficou espantado» e, logo a seguir, «furioso».

– Significa isso que o Voznessenski mente ao Politburo e nos engana como se fôssemos tolos?

Béria revelou então o segredo que guardava desde 1941, as palavras que, durante a quebra do *Vozhd*, Voznessenski dissera a Molotov: «Lidera, Viatcheslav, e nós seguirmo-nos-emos!»

Esta traição foi a gota de água. Andreiev, o implacável e incansável burocrata-assassino, foi chamado para investigar. Frenético, Voznessenski ligava para Estaline, mas ninguém o atendia. Afastado do Politburo a 7 de Março de 1949, passava os dias no apartamento da Rua Granovski, a escrever um tratado de economia. Mais uma vez, esse temível duo, Malenkov e Abakumov, tomaram conta do Caso Gosplan.

O outro herdeiro nomeado era o «jovem e bem-parecido» Kuznetsov, que ajudara Zhdanov a afastar Malenkov, em 1946, e substituíra Béria como *curator* do MGB, granjeando assim o seu eterno ódio. Sincero e afável, Kuznetsov era o oposto de Voznessenski: praticamente toda a gente gostava dele. Mas a decência era um valor relativo na corte do czar vermelho: Kuznetsov tinha ajudado Zhdanov em questões anti-semíticas e fizera chegar a Estaline um relatório sobre os pecadilhos sexuais de funcionários do partido. Venerava Estaline, guardando como um tesouro a nota que recebera dele durante a guerra, mas não o compreendia. Cometeu o erro de examinar os ficheiros do MGB sobre o assassinato de Kirov e os julgamentos-espectáculo. A intromissão de Kuznetsov em matérias tão sensíveis despertou as suspeitas do Supremo.

Simultaneamente, Malenkov alertou Estaline para o facto de o partido de Leninegrado ter encoberto um escândalo numa votação e organizado uma feira comercial sem autorização do governo. Conseguiu relacionar estes dois pecados com um vago plano gizado por Zhdanov para criar um partido *ruso* (por oposição a soviético) que funcionaria em paralelo com o já existente e fazer de Leninegrado a capital da Rússia. Estas trivialidades poderão não parecer crimes puníveis com a morte, mas a verdade é que disfarçavam as linhas de rotura existentes no Império Soviético e na ditadura de Estaline.\* Além disso, um partido russo não poderia ser liderado por um georgiano. O Supremo exaltava o povo russo como sendo o cimento unificador da URSS, mas continuava a ser um internacionalista. O nacionalismo de Voznessenski preocupava os caucasianos: «Para ele, não só os Georgianos e os Arménios, mas até os Ucranianos, não são pessoas», disse Estaline a Mikojan. Béria deve ter temido pelo seu futuro sob a férula dos leninegradenses.

Malenkov juntara astutamente uma colagem e erros que tocavam todos os pontos sensíveis de Estaline. «Vão até lá e dêem uma vista de olhos ao que se está a pas-

\* Estes perigos ficaram claramente demonstrados quando, em 1991, Boris Ieltsin usou a sua presidência russa para demolir a URSS de Gorbatchev. A mudança da capital para Leninegrado, a cidade de Zinoviev e de Kirov, era uma questão mortífera na política russa desde Pedro, o Grande. Muitos tinham morrido por causa dela no século XVIII, e outros morreriam em 1949. Além disso, Estaline desconfiava do popular heroísmo de Kuznetsov, e da própria cidade, durante a Segunda Guerra Mundial. Representava um totem de patriotismo militar alternativo a ele próprio e a Moscovo.

sar», ordenou o Supremo a Malenkov e a Abakumov, que chegaram a Leninegrado acompanhados por quinhentos funcionários do MGB e vinte investigadores do Sled-Chast, o departamento que tinha a seu cargo a «investigação de Casos Especialmente Importantes», tudo isto transportado em dois comboios. «Quando Estaline o manda matar um», disse Béria, «o Malenkov mata mil!» Malenkov atacou os patrões locais, atando pontas dispersas até formar uma conspiração letal. Começaram as detenções, mas Voznessenski e Kuznetsov continuavam descansados nos respectivos apartamentos no prédio cor-de-rosa da Rua Granovski, convencidos de que Estaline lhes perdoaria: 1937 parecia ter acontecido havia muito, muito tempo. Até Mikoyan pensava que o derramamento de sangue era uma coisa do passado.

\* \* \*

Tinha boas razões para esperar que sim, pois o seu filho mais novo, Sergo, estava noivo da «encantadora e bonita» filha de Kuznetsov, Alla. Quando o pai caiu, Alla deu a Sergo a oportunidade de escapar a um casamento com uma proscrita:

«Isto muda as tuas intenções?» Mas Sergo amava Alla e os pais dele adoravam-na «como se fosse sua própria filha». Mikoyan apoiou o casamento.

«E tu permitiste esse casamento? Será que enlouqueceste?», murmurou o pusilântime Kaganovitch a Mikoyan. «Não comprehedes que o Kuznetsov está condenado? Pára esse casamento.» Mikoyan manteve-se firme. A 15 de Fevereiro de 1949, Kuznetsov foi demitido de secretário do partido e acusado de «desvios não bolcheviques» e separatismo «anti-Estado». Três dias mais tarde, os dois jovens casaram. Kuznetsov mostrou-se alegremente inconsciente, «um homem corajoso», pensou Mikoyan, «que não fazia a mínima ideia dos hábitos de Estaline». Mikoyan ofereceu uma festa aos noivos, em Kuntsevo, mas Kuznetsov, apercebendo-se finalmente da sua situação, telefonou a dizer que não podia ir porque «estava mal do estômago». Mikoyan não quis saber de razões:

– Temos casas de banho suficientes cá em casa! Vem!

– Não tenho carro – respondeu Kuznetsov. – Ficam melhor sem mim.

– É indecente um pai faltar ao casamento da filha – declarou Mikoyan, que mandou a sua limusina buscá-lo.\* Na festa, Kuznetsov foi incapaz de relaxar. Sentia que estava a pôr a filha em perigo..

– Não me sinto bem – disse. – Bebamos aos nossos filhos!

E saiu.

---

\* Entretanto, num outro apartamento do edifício Granovski, quase em frente no lado oposto do corredor, decorria, neste pequeno mundo, uma discussão similar: Rada Khrushcheva, cujo pai continuava em Kiev, estava instalada em casa dos amigos da família, os Malenkov. Queria ir ao casamento, mas Malenkov, sabendo que Kuznetsov estava condenado, recusou emprestar-lhe a limusina para a levar lá. «Não te deixo levar o carro... não andas a estudar o suficiente.» Mas Rada foi pelos seus próprios meios.

\* \* \*

Naquela perigosa Primavera, o pobre Kuznetsov assistiu a outro casamento no seio do Politburo que envolveu a sitiada facção de Zhdanov. «Estaline sempre quis que eu casasse com a Svetlana», recorda Iuri Zhdanov, na altura ainda no Comité Central. «Éramos amigos de infância, de modo que a ideia não me assustava.» Mas casar com a filha de um ditador não era assim tão simples: Iuri não sabia a quem fazer o pedido, se ao ditador, se à filha. Foi ter com Estaline, que tentou dissuadi-lo:

– Não conheces o feitio dela. Põe-te na rua em menos de um fósforo.

Iuri, no entanto, insistiu. «Estaline não me fez mais preleções, mas disse-me que esperava que eu tomasse conta da Svetlana», diz Iuri.

O Supremo resolveu então fazer de casamenteiro, segundo Sergo Béria.

– Gosto daquele homem – disse a Svetlana. – Tem futuro e ama-te. Casa com ele.

– Declarou-se a ti? – retorquia ela. – Nunca olhou sequer para mim.

– Fala com ele e verás – respondeu Estaline.

Svetlana continuava a amar Sergo Béria, a quem disse:

– Não me quiseste? Muito bem, vou casar com o Iuri Zhdanov.

Tornou-se, no entanto, muito amiga do «meu piedoso Iurochka», e combinaram casar. Mas «o meu segundo casamento foi por escolha do meu pai», explicou Svetlana, «e eu estava cansada de lutar, de modo que me deixei ir».

O generalíssimo não assistiu à festa de casamento na *dacha* dos Zhdanov, onze quilómetros para lá de Zubalovo pela estrada de Upenskoie. Entre os convidados contava-se outro casal do Politburo: Natacha, filha de Andreiev e Dora Kazan, estava presente com o marido, Vladimir Kuibichev, filho do falecido potentado. «Havia também antigos colegas da escola (...), de famílias relativamente vulgares», recorda Stepan Mikoian, igualmente convidado. Houve baile e um banquete: Iuri, como o pai, tocava piano. Era natural que Kuznetsov estivesse presente, porque fora o aliado mais próximo de Zhdanov, mas todos sabiam da nuvem negra que pairava sobre ele.

Iuri e Svetlana, juntamente com o filho dela, José Morozov, então com quatro anos, viviam agora com a viúva de Zhdanov, no Kremlin. «Nunca conheci o meu verdadeiro pai», diz José. «Chamava “papá” a Iuri. Ele amava-me!»

Alguns dias mais tarde, estavam de visita a Zubalovo quando Vlasik telefonou: Estaline ia a caminho.

– Por que foram viver com os Zhdanov? – perguntou à filha. – As mulheres comem-nos vivos. Há demasiadas mulheres naquela casa.

Queria que o jovem casal se mudasse para Kuntsevo, acrescentando um segundo piso à casa, mas, à sua maneira desajeitada, era incapaz de fazer o convite e, provavelmente, não queria ser incomodado.

Svetlana continuou a viver com as austeras viúvas de Zhdanov e Shcherbakov: depressa começou a odiar a sogra, Zinaida, que combinava «a hipocrisia do partido» com uma «complacência burguesa». Não havia amor no seu casamento: «A lição que aprendi foi nunca entrar num casamento como num negócio.» Sexualmente, como ela própria

diz, «não era um grande êxito». Nunca perdoou a Zinaida Zhdanova por lhe ter dito que a mãe era «louca». Mesmo assim, tiveram uma filha, Katya, apesar de Svetlana ter passado tão mal durante o parto que escreveu ao pai a queixar-se de que se sentia abandonada, ficando encantada ao receber a brusca resposta.\*

Além disso, o casamento não calhara na melhor altura para os Zhdanov. Kuznetsov e Voznessenski estavam à beira do precipício. Iuri sentia que «o Caso de Leninegrado tinha indiscutivelmente como alvo o meu pai», mas «na altura não tinha medo. Descobri mais tarde que eu próprio devia ter sido destruído (...).» Tinha razão: posteriormente, os presos foram torturados, para os obrigar a incriminar Zhdanov.

\* \* \*

Estaline ficou a remoer sobre que destino dar a Kuznetsov. Poskrebichev convidou o homem de Leninegrado para jantar em Kuntsevo, mas Estaline recusou apertar-lhe a mão. «Não o chamei.» Kuznetsov «pareceu encolher». Estaline estava à espera de uma carta de autocrítica, mas o ingénuo Kuznetsov não enviou nenhuma. «Significa que é culpado», resmungou Estaline a Mikoian.

Tinha, no entanto, as suas dúvidas. «Não será um erro não deixar o Voznessenski trabalhar enquanto decidimos o que fazer com ele?», perguntou a Malenkov e a Béria, que não disseram palavra. Estaline recordou então que o marechal-do-ar Novikov e Chakhurin continuavam na prisão. «Não acham que é altura de os libertar?» Mais uma vez, o duo manteve o silêncio, murmurando na casa de banho que, se libertassem Chakhurin e Novikov, «a coisa podia alastrar a outros» – os leninegradenses. Enquanto considerava estas questões de vida e de morte, Estaline partiu para a sua *dacha* em Semionovskoe, passando, pelo caminho, por uma fila de ensopados cidadãos que esperavam à chuva numa paragem de autocarro. Mandou parar o carro e ordenou aos guarda-costas que lhes oferecessem uma boleia, mas as pessoas tiveram medo.

«Vocês não sabem falar às pessoas», rosnou o *Vozhd*, apeando-se e convidando-as a entrar na limusina. Falou-lhes da morte do filho, Iakov, e uma rapariguinha falou-lhe da morte do pai. Posteriormente, Estaline enviou-lhe um uniforme escolar e uma sacola. Três semanas mais tarde, ordenou a Abakumov que prendesse, torturasse e destruísse os dois homens que, até muito recentemente, tinham sido os seus sucessores designados.

\* «Querida Svetochka», escreveu Estaline a Svetlana, que se encontrava no hospital, em Maio de 1950. «Recebi a tua carta. Fiquei contente por te teres safado tão bem. Os problemas de rins são uma coisa muito séria. Para não falar de ter um filho. Onde foste buscar a ideia de que eu te abandonei? É o género de coisas que as pessoas sonham. Aconselho-te a não acreditar nos teus sonhos. Cuida de ti. E cuida também da tua filha. O Estado precisa de pessoas, mesmo daquelas que nascem prematuramente. Tem um pouco mais de paciência, ver-nos-emos em breve. Beijo-te, minha Svetochka. O teu “papazinho”.» Estaline não dedicou todo o seu tempo ao Caso de Leninegrado. Durante aqueles dias, supervisionou igualmente a criação da Enciclopédia Soviética, decidindo todos os pormenores, da qualidade do papel ao conteúdo. Quando o editor perguntou se a obra devia incluir «pessoas negativas», como Trotski, o Supremo gracejou: «Vamos incluir o Napoleão, que foi um grande patife!»

A 13 de Agosto, Kuznetsov foi chamado ao gabinete de Malenkov. «Volto já», disse à mulher e ao filho, Valeri. «Não começem a jantar sem mim.» O rapaz viu-o descer a Rua Granovski em direcção ao Kremlin: «Voltou-se e acenou-me. Foi a última vez que o vi.» Foi preso pelo guarda-costas de Malenkov.

Estaline hesitava ainda, porém, no respeitante a Voznessenski, cuja detenção o dei-xaria nas mãos de Malenkov e de Béria. Continuava a convidá-lo para Kuntsevo, para os habituais jantares, e falava de nomeá-lo para o Banco do Estado. A 17 de Agosto, Voznessenski enviou-lhe uma carta patética, em que suplicava um trabalho: «É duro estar afastado dos camaradas (...). Compreendo a lição de *Partiinost* (...). Peço-lhe que confie em mim.» E assinava: «Devotado a si.» Estaline enviou a carta a Malenkov. O duo manteve a pressão. O adoentado mas temível Andreiev denunciou todo o tipo «de desordens nesta organização»: faltavam 256 documentos da Gosplan. Este caso inventado foi uma das últimas realizações de Andreiev. Voznessenski admitiu que não tinha agido contra os culpados porque «não havia factos (...). Agora comprehendo (...). A culpa foi minha.» Mais tarde, Khrushchev acusaria Malenkov de «ter murmurado ao ouvido de Estaline» que Voznessenski tinha de ser exterminado. «O quê?», replicou Malenkov. «Eu manobrei Estaline? Deve estar a brincar!» Estaline não era manobrável, mas era altamente sugestionável: manteve sempre o comando absoluto.

Quatro meses mais tarde, Voznessenski foi preso na mesma redada que apanhou a maior parte dos zhdanovitas, indo juntar-se a Kuznetsov e outros 214 presos torturados num frenesi de «luta livre francesa». Irmãos, esposas e filhos seguiram-nos nas fauces do MGB de Abakumov. Kuznetsov foi espancado com tanta violência que lhe reben-taram os tímpanos. «Bateram-me até que o sangue me saiu pelas orelhas», testemu-nhou um prisioneiro, Turko, depois da morte de Estaline. «Komarov batia-me com a cabeça contra a parede.» Turko implicou Kuznetsov. Os torturadores perguntaram a Abakumov se deviam bater na prisioneira Zakrichevskaya, que estava grávida.

— Estão a defendê-la? — berrou Abakumov. — A lei não o proíbe. Façam o vosso trabalho!

Zakrichevskaya foi torturada e perdeu o filho.

— Conta-nos tudo! — ordenaram-lhe os torturadores. — Nós somos a vanguarda do partido!

A vanguarda caída em desgraça, Kuznetsov e Voznessenski, foi mantida numa Prisão Especial situada na Rua Matrossakaia Tichina, criada por Malenkov, que aparecia in-cógnito com Béria e os membros do Politburo para interrogar os presos.

O sinistramente jovial Bulganine, que se encontrava também sob suspeita, foi en-carregado de interrogar um velho amigo, o irmão de Voznessenski, Alexandre, ex-reitor da Universidade de Leninegrado. Ao vê-lo, o preso julgou que estava salvo: «Correu para mim», admitiu Bulganine mais tarde, «e gritou: "Camarada Bulganine, meu querido, finalmente! Não sou culpado. É tão bom teres vindo!"» E Bulganine rosnuou ao seu antigo amigo:

«O lobo de Tambov é que é teu amigo», um ditado russo que significa «não sou teu amigo». Bulganine sentia que não tinha por onde escolher. «Que podia eu fazer?», lamuriou-se. «Sabia que o Malenkov e o Béria estavam sentados num canto, a vigiar-me.» Como em todos os casos de Estaline, a culpa era elástica e podia ser estendida à vontade dele: Molotov, próximo de Voznessenski, foi também vagamente implicado.

\* \* \*

Quando Alla, a filha de Kuznetsov, e o marido, Sergo, regressaram a toda a pressa da lua-de-mel, poucos dias mais tarde, já o pai dela tinha sido forçado, pela tortura, a assinar uma confissão. Anastas Mikoyan recebeu a nora no seu gabinete no Kremlin. «Foi muito difícil para mim falar com a Alla», escreveu. «Claro que tive de contar-lhe a versão oficial.» Alla fugiu, a soluçar.

«Corri atrás dela», recorda Sergo, «com medo de que tentasse suicidar-se.»\* Mikoyan, chamou Sergo e mostrou-lhe a confissão de Kuznetsov, que Estaline distribuíra. Sergo não acreditou nas acusações.

— Todas as páginas estão assinadas — fez notar Mikoyan.

— Tenho a certeza de que ele esclarecerá tudo quando voltar — respondeu Sergo.

«Eu não podia dizer-lhe», escreveu Mikoyan, «que a sorte de Kuznetsov tinha já sido predeterminada por Estaline. Nunca mais voltaria.»

\* \* \*

O Caso de Leninegrado não foi o único êxito de Béria, que, pouco depois da detenção de Kuznetsov, em finais de Agosto de 1949, partiu, num comboio especial blindado, para uma instalação nuclear secreta escondida nas estepes do Cazaquistão. Estava terrivelmente preocupado, porque, se as coisas corressem mal, «todos nós», como disse um dos responsáveis, «teremos de prestar contas ao povo». A família de Béria seria destruída. Malenkov confortou-o.

Béria chegou a Semipalatinsk-21 para o teste do «artigo». Instalou-se numa pequena cabina, ao lado do posto de comando do Professor Kurtchatov. Na manhã de 29 de

---

\* Sergo e Alla estavam convencidos de que se tratava de «uma intriga maquinada por Malenkov e Béria, que tinham conseguido enganar Estaline. É incrível acreditarmos em semelhante coisa», recorda Sergo. «Mas NUNCA, NEM UMA ÚNICA VEZ, falámos do assunto antes da morte de Estaline. O pai deixou Sergo ver o filho de Kuznetsov, mas não a mulher, porque sabia que também ela seria presa. Quanto às crianças do Kremlin que viviam na Rua Granovski, repararam que, de repente, os seus vizinhos Voznessenski e Kuznetsov tinham desaparecido. «Mas ninguém falou disso», disse Igor Malenkov, cujo pai fora o responsável. «Por mim, concentrei-me na leitura dos jornais desportivos.» Júlia Khrushcheva «costumava brincar com Natacha, a filha de Voznessenski. Pouco depois de o pai ser preso, levei-a para o nosso apartamento. Mas a minha mãe não disse nada.» A etiqueta da transformação de alguém em não-pessoa diferia de família para família: enquanto Natacha Poskrebicheva continuava a brincar com Natacha Voznessenskaia, Nádia Vlasik «passava para o outro lado da rua sempre que a via». Estou particularmente grato a Sergo Mikoyan por ter partilhado comigo a sua versão desta história.

Agosto, viu a grua baixar a cápsula reflectora de urânio, com o hemiciclo de plutónio no interior, para o seu berço na carreta de transporte. Os explosivos e o iniciador estavam nos respectivos lugares. O «artigo» foi então levado até uma plataforma, onde seria içado até ao topo da torre. Béria e os cientistas retiraram-se.

As seis da manhã, juntaram-se no posto de comando, a dez quilómetros de distância, com os seus painéis de controlo e os seus telefones ligados a Moscovo, tudo protegido atrás de um muro de terra destinado a deflectir a onda de choque. Kurtchatov ordenou a detonação. Houve um clarão fortíssimo. Depois de a onda de choque ter passado, saíram do abrigo para admirar a nuvem em forma de cogumelo que se erguia majestosamente diante deles.

Béria estava loucamente excitado e beijou Kurtchatov na testa, mas não parava de perguntar:

— Foi igual à americana? Não lixámos tudo, pois não? O Kurtchatov não nos está a enganar, pois não?

Ficou muito aliviado quando lhe disseram que a destruição no local da detonação era apocalíptica. «Teria sido uma grande infelicidade se isto não tivesse resultado», disse. Correu para o telefone, para informar Estaline, para ser o primeiro a dizer-lhe. Mas, quando telefonou, Estaline respondeu secamente que já sabia, e desligou. Estaline tinha as suas próprias fontes. Béria esmurrou o general que ousara ser o primeiro a dizer ao *Vozhd*, gritando: «Traíste-me, miserável. Vou esmagar-te!» Mas estava imensamente orgulhoso da sua «colossal realização». Quatro anos depois de Hiroshima, Estaline tinha a Bomba!

Béria tinha outra razão para estar feliz. Conhecera uma bela mulher chamada Drozhdova, cujo marido trabalhava no Kremlin. É possível que tenham tido um caso antes de ela o apresentar à filha, Lília, com apenas catorze anos mas já «uma beldade tipicamente russa, de olhos azuis e pernas compridas, com longas tranças douradas», recorda Marta Pechkova. Béria ficou enfeitiçado: «o seu último grande amor». A mãe queria sacar tudo o que pudesse.

«Não o deixes fazê-lo antes de teres um apartamento, um carro e uma *dacha*», disse à filha, segundo Pechkova. Béria instalou-a em grande estilo. Nina Béria tolerou mais este caso, mas no Verão, quando ela e Marta estavam em Gagra, o marido recebeu Lília na *dacha*. «Moscovo inteira sabia», diz Marta. Béria e Malenkov estavam na crista da onda, mas seria outra pessoa quem mais beneficiaria do vazio de poder deixado pelos homens de Leninegrado.

\* . \* \*

Estaline mandou Khrushchev regressar de Kiev. «Não pude deixar de sentir-me preocupado», admitiu Nikita, enquanto Kuznetsov e Voznessenski eram torturados. Telefonou a Malenkov, que o tranquilizou:

— Não te preocipes. Não posso dizer-te agora por que foste chamado, mas prometo-te que não tens nada a recear.

Khrushchev governava a Ucrânia desde 1935, expurgando implacavelmente os *kulaks* antes da guerra, esmagando os nacionalistas ucranianos, ordenando o assassinato dos bispos uniatas depois e organizando, em Fevereiro de 1948, a expulsão dos «elementos perniciosos» das aldeias: quase um milhão de pessoas foi preso por sua iniciativa, um crime colossal que ficou muito perto da deportação dos *kulaks* tanto em termos de brutalidade como de escala. Pouco espanta que, ao retirar-se, tenha reflectido: «Estou ensopado em sangue até aos cotovelos.» Excluindo um curto período em 1947, quando Estaline mandara Kaganovitch substituí-lo em Kiev, Khrushchev, «cheio de vitalidade, estupidamente obstinado, jovial», mas agora completamente calvo e quase esférico, era um dos favoritos mais duradouros do *Vozhd*. A maneira brusca de falar fazia com que a sua bajulação parecesse genuína. Estaline considerava este homem que mais parecia uma bala de canhão um camponês semi-iletrado – «O Khrushchev é tão ignorante como o negus da Etiópia», disse a Malenkov. No entanto, não subestimava totalmente a sua «profunda naturalidade, a sua pura masculinidade, a sua astúcia tenaz, o seu senso comum e a sua força de carácter».

«Com ele», comentava Estaline, «é preciso rédea curta.» Quando chegou a Moscovo, Khrushchev correu a casa de Béria, em busca de novas garantias de segurança. Havia uma crescente solidariedade entre os cortesões de Estaline. Também Béria o tranquilizou.

Estaline nomeou Khrushchev secretário do CC e patrão do partido em Moscovo, mas confidenciou-lhe: «As coisas não estão a correr muito bem (...). Desmascarámos uma conspiração em Leninegrado. E Moscovo pulula de elementos antipartido.» Queria que Khrushchev «visse o que se passava». Como o Caso de Leninegrado demonstrara, o sistema encorajava o espírito empreendedor em matéria de terror. Os potentados tanto podiam abafar um caso como atiçar as chamas até transformá-lo numa matança: cabia a Estaline decidir se protegia as vítimas, guardava as provas para mais tarde ou as chacinava de imediato.

«É obra de um provocador», respondeu Khrushchev. Estaline aceitou este julgamento. Pouco depois, pô-lo à frente da Agricultura. «Estaline tratou-me bem.» Tendo destruído o «grupo de Leninegrado» e minado Molotov e Mikoyan, os «dois patifes» estavam perfeitamente colocados para a sucessão. Khrushchev foi chamado para recriar um equilíbrio de poder. O plano não resultou, no entanto, muito bem, pois Khrushchev tornou-se «inseparável» de Béria e de Malenkov. Os Khrushchev e os Malenkov\* viviam perto uns dos outros, no edifício Granovski, e a limusina de Béria parecia estar constantemente estacionada na rua, à espera deles. Por vezes, acenava aos jovens Khrushchev, quando estes saíam para a escola:

– Olhem-me para aqueles rapazes! A imagem chapada do pai!

\* Formavam agora o núcleo do novo «quinteto» íntimo de Estaline, juntamente com Béria e Bulganine. Kaganovitch beneficiou de um regresso, pelo menos parcial, às boas graças. Aos domingos, os dois rotundos amigos burocratas, Khrushchev e Malenkov, passeavam pela Rua Gorki, rodeados por coortes de agentes da polícia secreta.

Os membros do trio faziam troça do plano de Estaline, enquanto ao mesmo tempo se traíam uns aos outros. Depois de Malenkov se ter revelado incapaz de levar a cabo a sua missão impossível na Agricultura, Andreiev assumiu o lugar, mas foi desacreditado e obrigado a recuar, marcando o fim da sua carreira. Era agora a vez de Khrushchev, mas o seu plano de criar gigantescos centros agrícolas, as «agrocidades», estourou-lhe nas mãos. Estaline, Béria e Malenkov obrigaram-no a retractar-se publicamente. Molotov e Malenkov queriam-no demitido, mas Béria, que subestimava «o pateta de cabeça redonda», interveio para salvá-lo. Estaline protegia Khrushchev, batendo-lhe com o cachimbo na cabeça – «É ocal!», gracejava.

\* \* \*

A 5 de Setembro, Estaline iniciou as suas férias em Sochi, onde Béria se lhe juntou para um churrasco de *shashlyks*, para festejar a Bomba, que, juntamente com a destruição dos homens de Leninegrado, lhe tinha valido um temporário regresso ao estado de graça. Que não duraria. A desconfiança de Estaline relativamente aos homens que o rodeavam era agora obsessiva. Mudou-se mais para sul, para Nova Atos, a mais pequena e aconchegada das suas casas, onde passou quase todas as suas últimas férias.

Quando o Soviete Supremo anunciou a Bomba soviética, Estaline teve, junto do seu jovem confidente Mgelandze, a seguinte reflexão sobre a nova ordem mundial:

– Se a guerra rebentar, o uso da bomba atómica vai depender de haver ou não Trumans e Hitlers no poder. Os povos não permitirão que gente dessa chegue ao poder. O uso das armas atómicas significa o fim do mundo.

Estava tão feliz que se pôs a cantar *Suliko*, acompanhado por Vlasik e Poskrebichev, numa interpretação perfeita em todas as notas, tal como a Bomba de Béria.

– Chaliapin cantava-a um pouco melhor – disse, a sorrir.

– Só um pouco – responderam em coro os companheiros.

O velho Estaline pensava cada vez mais em Nádia. Passeando pelos jardins com Mgelandze, lamentava os seus desastres como pai. Primeiro, fora Iasha:

«A sorte tratou mal o Iakov (...), mas morreu como um herói», disse. Vassili era um alcoólico: «Não faz nada, mas bebe muito.» E depois Svetlana, o seu alter-ego feminino, «faz o que quer». Este homem, que fora o mais destrutivo dos maridos, mostrava-se sensível em relação aos casamentos da filha: «O Morozov era um bom rapaz, mas para a Svetlana não era amor (...). Para ela, era só brincadeira. Espezinhava o desgraçado (...). Naturalmente, isto deu cabo do casamento. Então, voltou a casar. Quem sabe o que se seguirá? (...) A Svetlana não sabe sequer pregar um botão, as amas não a ensinaram. Se tivesse sido criada pela mãe, seria mais disciplinada. Compreendes, havia sempre demasiada pressão em cima de mim (...). Não tinha tempo para os filhos, por vezes passava meses sem os ver (...). Os meus filhos não tiveram sorte. Ekaterina!» Referiu ternamente o nome da primeira mulher, Kato, e então, «Oh, Nádia, Nádia!» Mgelandze nunca o vira tão triste. «Camarada Lobo, peço-te que nunca digas uma palavra a respeito do que acabas de ouvir.»

MAO, O ANIVERSÁRIO DE ESTALINE  
E A GUERRA DA COREIA

A 7 de Dezembro de 1949, Estaline regressou a Moscovo a tempo de estar presente em dois momentosos eventos: a chegada do novo líder chinês, o presidente Mao Tsé-tung, e as celebrações do seu próprio septuagésimo aniversário. Ao meio-dia de 16, Mao, que tomara Pequim em Janeiro, chegou à estação de Iaroslavski, onde foi recebido por Molotov e Bulganine, este envergando o seu uniforme de marechal.\* A visita começou de um modo tão estranho como viria a terminar. Mao convidou os russos para uma refeição chinesa no comboio, mas Molotov recusou. Mao amouou. O início de um amuo tão monumental, à sua maneira, como a própria Grande Muralha. Impressionado pela grandeza de Estaline mas ao mesmo tempo irritado pela consistente falta de apoio e pela leitura errada que o líder soviético fazia da China, o alto e desengonçado Mao foi directamente levado para uma das *dachas* de Estaline, Lipki.

As seis da tarde, Mao e Estaline encontraram-se pela primeira vez, no «Cantinho». Os dois titãs comunistas do século, ambos fanáticos, poetas, paranóicos, camponeses alcandorados ao governo de impérios cuja história os obcecava, displicentes assassinos de milhões de pessoas e comandantes militares amadores, tinham como objectivo concretizar o pior dos pesadelos para os Estados Unidos: um pacto sino-soviético que seria a última grande realização de Estaline. No entanto, observavam-se friamente um ao

---

\* Mao levava consigo uma autêntica arca do tesouro em oferendas chinesas e vários vagões carregados de arroz. Os ornamentos de laca ainda hoje decoram as paredes do apartamento onde Molotov viveu a sua reforma, na Rua Granovski, e Estaline dividiu o arroz entre os seus cortesãos. Em troca, Estaline ofereceu-lhe os nomes dos agentes soviéticos no Politburo chinês. De regresso a Pequim, Mao liquidou-os imediatamente.

outro do cimo das olímpicas alturas em que a si mesmos se colocavam. Mao queixou-se de ter sido «posto de lado durante demasiado tempo».

— Os vencedores nunca são culpados — respondeu Estaline. — Alguma ideia ou desejo?

— Viemos realizar uma certa tarefa — disse Mao. — Deve ser simultaneamente bonita e saborosa.

Seguiu-se um silêncio pesado. Estaline parecia confundido por esta enigmática alusão a um tratado que devia ser simultaneamente simbólico e prático, que defendesse tanto a revolução mundial como os interesses nacionais chineses. A primeira prioridade de Estaline era proteger os seus ganhos no Extremo Oriente, acordados em Ialta e confirmados no antigo tratado sino-soviético. Assinaria um novo tratado desde que não alterasse o anterior. Mao queria salvar a face antes de assinar a alienação de território chinês. Era um impasse. Mao sugeriu que chamasse Chou En-lai, o seu primeiro-ministro, para completar as negociações.

— Se não conseguirmos definir o que devemos completar, para quê chamá-lo? — perguntou Estaline.

Despediram-se: Mao afirmou que Estaline recusava recebê-lo, mas ele próprio tinha as suas razões para esperar. Continuou em Moscovo, a sentir-se infeliz, durante várias semanas antes de as duas partes voltarem a reunir-se, queixando-se amargamente de que «aqui não há nada que fazer excepto comer, dormir e cagar». Os austeros russos ficavam chocados com as piadas escatológicas de Mao, tanto as que dizia cara a cara como as que apanhavam nas escutas.

— Camaradas — disse Estaline —, a batalha da China ainda não terminou. Só agora está a começar.

Béria gracejava, dizendo que Estaline tinha ciúmes de Mao por este governar muito mais gente.

Mao não era totalmente ignorado: Molotov, Bulganine e Mikoian visitavam-no na *dacha*. Estaline perguntava a si mesmo se aquele enigma chinês seria um «verdadeiro marxista». Como um abade a testar um noviço, Molotov sondava paternalistamente os conhecimentos marxistas de Mao, decidindo que o presidente era «um homem inteligente, um líder camponês, uma espécie de Pugatchev chinês»,<sup>\*</sup> mas não um verdadeiro marxista. Ao fim e ao cabo, relatou escandalizadamente Molotov a Estaline, Mao «confessou que nunca tinha lido *Das Kapital*».

\* \* \*

A 21 de Dezembro, Mao e todo o mundo comunista juntaram-se no Bolchoi para celebrar o aniversário do seu sumo pontífice. Qualquer coisa entre uma peregrina-

---

\* Iemelian Pugatchev, o impostor cossaco que afirmava ser o falecido imperador Pedro III e liderou uma gigantesca rebelião camponesa contra Catarina, a Grande, em 1773-74.

ção religiosa e um triunfo imperial, um casamento real e um piquenique corporativo, as festividades custaram 5,6 milhões de rublos e atraíram milhares de peregrinos. Estaline, dividido entre o desprezo por esta adoração e a necessidade que tinha dela, fez o papel de modesto renitente, enquanto Malenkov, sempre na vanguarda dos mais baixos actos de idolatria, tentava convencê-lo de que «o povo» estava à espera da celebração... e de uma segunda estrela de Herói da União Soviética.

- Não pensem sequer em oferecer-me outra estrela – resmungou Estaline.
- Mas, camarada Estaline, o povo...
- Não metas o povo nisto.

Acabou, no entanto, por aceitar a segunda estrela e supervisionou alegremente os preparativos. Os arquivos mostram-nos como foram extraordinários: o presidente Chvernik presidiu ao «Comité para a Preparação do Aniversário do Camarada Estaline», que incluía, como era devido, «vulgares trabalhadores», potentados, marechais e artistas como Chostakovitch, os quais debateram gravemente a criação de uma Ordem de Estaline, o *placement* dos convidados... e um pacote-oferta Estaline. Por um preço total de 487.000 rublos, cada delegado receberia um roupão, umas pantufas, uma navalha de barba e um conjunto sabonete-talco-perfume Moskva (orgulho da sua criadora, Polina Molotova, na altura presa).

No *Pravda*, Molotov exaltou a «dura intransigência [de Estaline] para com esses cosmopolitas sem raízes», os judeus. Poskrebichev louvou a perícia com que o líder cultivava limoeiros. As esposas dos potentados levaram os seus presentes – Nina Béria fez compota de noz «como uma pequena recordação (...) da sua mãe». Estaline agradeceu por carta:

«Quando como a sua compota, recordo a minha juventude.»

Béria ergueu os olhos ao céu: «Agora ficas obrigada a fazer o mesmo todos os anos.

Artistas famosos e os filhos da elite ensaiaram os respectivos tributos. Nunca os pais se tinham esforçado tanto: Poskrebichev conseguiu para a filha, Natacha, o belo papel de recitar um pequeno poema laudatório e em seguida oferecer a Estaline (que lhe mandara assassinar a mãe) um ramo de flores. No Bolchoi, as bailarinas ensaiavam «reverências ao Deus».

Na noite anterior, no «Cantinho», Estaline alterou a distribuição dos lugares, de modo a não ter de ficar no centro, mas Malenkov insistiu em que tinha de estar na primeira fila. O *Vozhd* situou-se então, muito deliberadamente, entre Mao e Khrushchev, o novo favorito. Mais tarde, sentiu uma pressão no pescoço, e teve uma tontura, mas Poskrebichev amparou-o. Recusou chamar os médicos. Poskrebichev receitou um dos seus remédios.

Na noite seguinte, o Bolchoi, à cunha, aguardava os potentados. O exótico séquito de Estaline, incluindo Mao, Ulbricht da Alemanha, Rakosi da Hungria e Bierut da Polónia, conversou na *avant-loge* até estar tudo pronto. Quando apareceram no camarote, a assistência aplaudiu delirantemente. Estaline sentou-se um pouco para a esquerda, sob uma floresta de bandeiras vermelhas e um gigantesco retrato dele próprio.

Começaram então os intermináveis discursos, saudando o menino dos anos como um génio. Estaline fez sinal ao general Vlasik e decretou que os convidados falariam nas respectivas línguas, um gesto internacionalista do «pai dos povos». Togliatti falou em italiano, que ele próprio traduziu para russo. O discurso de Mao, feito na sua voz surpreendentemente aguda, mereceu uma ovacão de pé. Estaline estava exausto por ter de levantar-se tanta vez. Apareceram então as colegiais com os seus uniformes de pioneiros, lideradas por Natacha Poskrebicheva, para recitar o seu poema. Poskrebichev piscou um olho à filha, que subiu até ao camarote para oferecer o ramo de rosas vermelhas. «O papá e Estaline adoravam rosas vermelhas», diz ela.

— Obrigado, *ryzhik* (ruiva), pelas rosas! — disse Estaline, e apontou para Poskrebichev, que sorria orgulhoso.

O grupo reencontrou-se no Kremlin, para um gargantuesco banquete no Salão Georgievski e para um concerto em que foram estrelas o tenor Kozlovski, a bailarina Maya Plisetskaia e a soprano Vera Davidova. Vlasik revistou pessoalmente todos os camarins, para se certificar de que não havia assassinos nem bombas. Enquanto dançava, Maya reparou no «rosto bigodudo do imperador na primeira fila da comprida mesa festiva, desviado do palco e meio voltado para mim, [com] Mao a seu lado».

O superlativo amuo de Mao estava a dissipar-se. Salvara a face. Quando tentou ligar para Estaline, foi-lhe dito que «não estava em casa e era melhor falar com Mikoian». Finalmente, a 2 de Janeiro, Estaline enviou Molotov e Mikoian para iniciar as negociações. Chou En-lai\* chegou a 20 e começou a negociar com o novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Vichinski, e com Mikoian. Mao e Chou só foram convidados para o Kremlin para ouvirem uma reprimenda por não terem assinado uma crítica ao recente discurso do secretário de Estado norte-americano, Dean Acheson. Quando Mao protestou contra a relutância de Estaline em assinar o tratado, o *Vozhd* retrucou:

— Ao diabo com isso! Temos de ir até ao fim.

Mao ficou ainda mais amuado. Na limusina, à saída de Kuntsevo, o intérprete chinês convidou Estaline a visitar Mao.

— Engole as tuas palavras! — sibilou-lhe Mao em chinês. — Não o convides!

Nenhum dos dois titãs voltou a falar durante os trinta minutos da viagem. Quando Estaline convidou Mao a dançar ao som do seu gramofone, uma honra especial para um líder visitante, o chinês recusou. Não importava: o jogo de póquer tinha acabado. Reservando embora para si o papel de sumo sacerdote do comunismo internacional, Estaline concedia a Mao um primeiro papel na Ásia.

Durante o banquete no Hotel Metropol, a 14 de Fevereiro, depois de assinado o tratado, Estaline denunciou vigorosamente o titoísmo... e Mao manteve o seu heróico amuo. Os dois gigantes quase não falaram: «esporádicas» trocas de palavras esmore-

---

\* Estaline considerava Chou e o presidente Liu Chao-chi os mais «distintos» dos homens de Mao, mas achava que o marechal Chu-Teh era uma versão chinesa «dos nossos Vorochilov e Budeny».

ciam em «intermináveis pausas». Gromyko esforçava-se por manter o diálogo. Estaline pode não ter gostado de Mao, mas ficou impressionado: «Do mundo marxista, o mais notável é Mao (...). Tudo na sua vida de marxista-leninista mostra princípios e determinação, um lutador coerente.» A aliança foi imediatamente posta à prova nos campos de batalha da Coreia.

\* \* \*

Kim Il Sung, o jovem líder comunista da Coreia do Norte, chegou por sua vez a Moscovo para pedir a Estaline autorização para invadir a Coreia do Sul. Estaline encorajou Kim, mas, astutamente, passou a batata quente a Mao, dizendo ao coreano que «só poderia passar à acção» depois de ter consultado «pessoalmente o camarada Mao». Em Pequim, um nervoso Mao voltou a chutar a bola para o campo de Estaline. A 14 de Maio, o *Vozhd* respondeu: «A questão deve, em última análise, ser decidida em conjunto pelos camaradas chinês e coreano.» Deste modo, protegia o seu papel dominante, mas livrava-se da responsabilidade. O que não impediu os potentados de ficarem preocupados com este imprudente desafio à América e, sobretudo, com os diminuídos dotes de discernimento do líder. Às quatro da manhã de domingo, 25 de Junho, a Coreia do Norte atacou a do Sul. Levando tudo à sua frente, os comunistas pareciam à beira da vitória.

A 5 de Agosto, um Estaline cansado e envelhecido partia, de comboio especial, para as mais longas férias que até então fizera. Seriam quatro meses e meio, a remoer o seu caso antijudeus, a sua raiva contra Molotov e Mikoian, a sua desconfiança em relação a Béria, o seu descontentamento com a brutalidade do MGB de Abakumov – enquanto, a milhares de quilómetros de distância, na Coreia, o mundo vacilava à beira do precipício.

Mal tinha chegado ao seu local de repouso quando o desastre se abateu sobre a longínqua península. A URSS retirara-se das Nações Unidas como forma de protesto contra o facto de a organização ter reconhecido Taiwan, e não o regime de Mao, como legítimo representante do povo chinês, mas Truman desmascarou o *bluff* ao convocar o Conselho de Segurança para aprovar a intervenção da ONU contra a Coreia do Norte. A União Soviética poderia tê-lo evitado, mas Estaline, erradamente, teimou em boicotar a sessão, contra o conselho de Gromyko: «Por uma vez na vida, Estaline deixou-se guiar pela emoção», escreveu Gromyko. Em Setembro, o poderoso contra-ataque norte-americano em Inchon, sob a bandeira das Nações Unidas, encorralou os norte-coreanos de Kim no Sul, e em seguida desbaratou-os. Mais uma vez, a tentativa de Estaline de testar a determinação dos americanos foi um tiro que saiu pela culatra – mas o velho líder limitou-se a suspirar e dizer a Khrushchev que, se Kim fosse derrotado: «Que importância tem? Seja. Sejam então os americanos nossos vizinhos.» Se ele não conseguisse o que queria, a Rússia continuaria a não intervir.

Enquanto os americanos avançavam pela Coreia do Norte em direcção à fronteira chinesa, Mao voltou-se desesperadamente para Estaline, receando que, se a China in-

terviesse e enfrentasse os Estados Unidos, o tratado sino-soviético arrastasse a Rússia para a refrega. Estaline respondeu, com uma displicência digna de Nero, que estava «longe de Moscovo e um tanto desligado dos acontecimentos na Coreia». Mas, a 5 de Outubro, enviou um telegrama de dura *realpolitik* e descarada bazofia: os Estados Unidos não «estão preparados (...) para uma grande guerra», mas, se se chegasse a isso, «melhor agora do que dentro de uns poucos anos, quando o militarismo japonês estiver restaurado». Estaline desarmava assim as reservas de Mao e forçava o seu aliado a dar mais um passo na direcção da guerra.

Mao mobilizou nove divisões, mas enviou Chou à casa de férias de Estaline, provavelmente Nova Atos, para discutir a prometida cobertura aérea às tropas chinesas. A 9 de Outubro, um Chou muito tenso, acompanhado pelo homem de confiança e protegido de Mao, o frágil mas talentoso Lin Piao, que haveria de tornar-se o malogrado herdeiro putativo do Grande Timoneiro, confrontava Estaline, Malenkov, Béria, Kaganovitch, Bulganine, Mikoian e Molotov.

– Hoje, queremos ouvir as opiniões e o pensamento dos nossos camaradas chineses – disse Estaline, dando início à reunião. Quando Chou expôs a situação, Estaline respondeu que a Rússia não podia entrar na guerra... mas que a China podia e devia. Em todo o caso, se Kim perdesse, ofereceria refúgio aos norte-coreanos. Só podia ajudar com equipamento. Chou, que estivera a contar com a cobertura aérea soviética, ficou de boca aberta. Posteriormente, Estaline convidou os chineses para um bacanal do qual só Lin Piao emergiu sóbrio. Esta foi uma das ocasiões em que Béria discordou de Estaline e, como sempre, foi dos mais arrojados a expor os seus pontos de vista. Quando saiu da reunião a respeito de enviar ou não forças chinesas para a Coreia, encontrou o patrão do partido georgiano, Charkviani, à espera no exterior.

– Que está ele a fazer? – exclamou nervosamente Béria, que compreendia a ameaça nuclear. – Os americanos vão ficar furiosos. Vai fazer deles nossos inimigos.

Charkviani ficou estupefacto ao ouvir semelhante heresia.

– É difícil para mim confiar num homem a cem por cento, mas acho que posso contar com ele – disse Estaline a Mgelandze, durante o jantar, depois de ter manobrado de modo a levar Mao a combater os americanos sem cobertura aérea soviética.

A 19 de Outubro, Mao lançou as suas hordas de carne para canhão, obrigando os surpreendidos americanos a recuar. A partir daqui, mesmo depois de a frente ter estabilizado ao longo do paralelo 38 e de os norte-coreanos terem pedido a paz, Estaline recusou concordar: aquela situação de atrito convinha-lhe. Como disse a Chou num encontro posterior, numa frase que resume toda a sua criminosa carreira, os norte-coreanos podiam continuar a lutar indefinidamente, porque «não têm nada a perder, excepto homens».

\* \* \*

Enquanto o velho generalíssimo se bronzeava ao sol e puxava os cordelinhos na Coreia, ocupava-se também a matar os seus próprios homens. A 29 de Setembro,

Kuznetsov e Voznessenski foram julgados no Clube de Oficiais de Leninegrado, perante um público formado por membros do MGB. Antes que o julgamento finalmente começasse, os acusados receberam ordens para não referir Zhdanov nos seus depoimentos. No dia seguinte, os principais réus foram condenados à morte por fuzilamento. O Politburo confirmou a sentença. «Ele assinou primeiro», admitiu Khrushchev, «e então fez passar o papel à volta da mesa, para que nós assinássemos. Assinámos sem querer olhar (...).» Terão assinado a condenação à morte durante o jantar, no alpendre?

Kuznetsov recusou desafiadoramente confessar, o que enfureceu Estaline e embaraçou Abakumov.

«Sou e continuarei a ser um bolchevique, apesar desta sentença. A História justificar-nos-á.» Diz-se que os acusados foram enfiados em sacos brancos e arrastados para fora, para serem abatidos. Foram assassinados à meia-noite e cinquenta e nove do dia 1 de Outubro, e as famílias exiladas para os campos. Há alguns indícios de que Estaline terá marcado as listas com símbolos que indicavam como deviam as vítimas morrer. É possível que Voznessenski tenha sido mantido vivo durante mais algum tempo, porque, mais tarde, Estaline perguntou a Malenkov:

– Está nos Urales? Dêem-lhe qualquer trabalho que fazer!

Malenkov informou-o de que Voznessenski tinha morrido gelado na caixa de um camião da prisão, com temperaturas abaixo de zero. Depois da morte de Estaline, Rada Khrushcheva perguntou o que tinha acontecido a Kuznetsov.

– Morreu horrivelmente – respondeu o pai –, com um gancho a trespassar-lhe o pescoço.

Esta pequena chacina consolidou o poder de Malenkov, Béria, Khrushchev e Bulganine – os últimos ainda de pé quando Estaline entrou nos seus últimos anos –, mas foi o canto do cisne para Abakumov. Este sádico sensual e espalhafatoso em breve enrolaria o seu ensanguentado tapete pela última vez. Talvez tenha sido o excesso de confiança que o levou a encerrar o Caso Judaico em Março de 1950: ninguém foi libertado. As torturas eram tão violentas que uma vítima contou duas mil pancadas nas nádegas e calcanhares.

No entanto, ainda este caso principal parecia acalmar um pouco, pelo menos temporariamente, e já o Supremo, na sua casa de férias, maquinava um novo espasmo anti-semita. O anti-semitismo «crescia agora como um tumor no cérebro de Estaline», diria mais tarde Khrushchev, apesar de ele próprio o ter elogiado nas páginas do *Pravda*. Estaline convocou os patrões ucranianos para um jantar durante o qual os instruiu sobre como orquestrar, em Kiev, uma campanha anti-semita igual. A caça «ao perigo sionista» foi levada a cabo por todo o governo, e milhares de judeus perderam os seus empregos.\*

\* Até o marido de Svetlana estava agora envolvido. Na máquina do Comité Central, Iuri Zhdanov, genro de Estaline, esse altamente qualificado paradigma da educação soviética, comunicou ao orquestrador da caçada anti-semita, Malenkov, que alguns cientistas «tinham inundado os departamentos teóricos dos (...) Institutos de apoiantes seus, de origem judaica.»

Estaline estava particularmente fascinado pelo caso contra os gestores judeus da prestigiosa Fábrica de Automóveis Estaline, de onde saíam as suas limusinas: tinham enviado um telegrama a Mikhoels a celebrar a fundação de Israel.

– Deviam dar cacetes aos bons trabalhadores da fábrica, para que pudessem correr com esses judeus à pancada no fim do dia de trabalho – disse a Khrushchev, em Fevereiro.

– Então, recebeste as tuas ordens? – perguntou sardonicamente Béria.

Khrushchev, Malenkov e Béria, esse trio inseparável, chamaram ao Kremlin os gestores judeus da ZiS e acusaram-nos de «falta de vigilância» e cumplicidade num «grupo de sabotagem anti-soviético de nacionalistas judeus». Um dos aterrorizados gestores desmaiou. Os três potentados tiveram de reanimá-lo com água fria. Estaline libertou o homem, mas dois jornalistas judeus, um deles uma mulher, que tinham escrito a respeito da fábrica foram executados. A intervenção pessoal do Supremo fazia a diferença entre a vida e a morte. Outro gestor judeu, Zaltsman, foi salvo porque, durante a guerra, enviara a Estaline um conjunto de secretária em forma de tanque, em que as canetas eram os canhões.

Os judeus não eram, porém, o único alvo do *Vozhd*: as suas suspeitas em relação a Béria eram constantemente alimentadas pelo ambicioso Mgelandze, o patrão do partido na Abcázia, que astutamente lhe denunciava os crimes e as *vendettas* de Béria no final dos anos 30. Estaline encorajava-o e acusava Béria nas conversas que tinham durante o jantar. Mgelandze era apenas umas das vozes que informavam Estaline sobre a forma corrupta como os mingrelianos governavam a Geórgia. Béria era mingreliano, tal como Charkviani, no poder desde 1938. Estaline ordenou a Abakumov que investigasse a notoriamente venal Geórgia e montasse um caso contra os mingrelianos, sem esquecer o próprio Béria: «Apanha o Grande Mingreliano!»

A 18 de Novembro, já perto do fim das suas férias, Estaline concordou com a prisão do primeiro médico judeu. O Professor Iakov Etinger, que tinha tratado os líderes, foi apanhado, em acções de escuta, a falar demasiado francamente a respeito de Estaline. Etinger foi torturado a propósito das suas tendências «nacionalistas» por um dos oficiais de Abakumov, o tenente-coronel Mikhail Riumine, que o obrigou a incriminar todos os mais destacados médicos judeus de Moscovo, mas não conseguiu mesmo assim agradar ao chefe. Abakumov ordenou a Riumine que desistisse, mas o oficial torturou Etinger tão entusiasticamente que o médico morreu de «paragem cardíaca» – um eufemismo para morto durante a tortura. Riumine estava metido em sarilhos... a menos que conseguisse destruir Abakumov primeiro.

Abakumov não podia ser acusado de ociosidade: Estaline tinha redobrado a repressão. O número de detenções aumentou. Em 1950, havia mais escravos no Gulag – 2,6 milhões – do que em qualquer outra altura. Mas Abakumov sabia demasiado a respeito dos casos de Leninegrado e dos judeus. Pior, Estaline sentia que o MGB – e o próprio Abakumov – andava a arrastar os pés. Era uma repetição da história de Iagoda... e ele precisava de um Iezhov.

As paragens no Caso dos Judeus, os rumores de corrupção, os sussurros de Béria e de Malenkov, possivelmente a espantosa arrogância do próprio homem, voltaram Estaline contra Abakumov. Não houve uma quebra súbita, mas quando o *Vozhd* regressou de férias,\* logo a seguir ao seu septuagésimo primeiro aniversário, a 22 de Dezembro, não convocou Abakumov. Cessaram as reuniões semanais, como tinham cessado nos casos de Iagoda e Iezhov. No ninho de víboras que era o MGB, o refluxo do favor de Estaline e a morte de Etinger ofereceram a Riumine a oportunidade por que esperava. O «Pequeno Michka», ou, como Estaline lhe chamava, «a Amostra» ou «o Pigmeu» – o «Shibsdik» – era o segundo anão assassino do *Vozhd*.

---

\* «Quero adiar o meu regresso por causa do mau tempo que faz em Moscovo e do perigo de gripe. Estarei em Moscovo depois do aparecimento da geada», escreveu Estaline a Malenkov, em Dezembro de 1950.

O PIGMEU E OS MÉDICOS ASSASSINOS:  
«BATAM, BATAM E TORNEM A BATER!»

Riumine, com trinta e oito anos, gordo e careca, estúpido e mau, foi o último de uma sucessão de torturadores ambiciosos mais do que dispostos a agradar e encorajar Estaline descobrindo novos Inimigos e matando-os. Ao contrário de Iezhov, que fora extremamente popular antes de se tornar um inquisidor, Riumine era já um assassino entusiasta apesar de ter passado por oito graus de estudo, qualificando-se como contabilista. Como Malenkov bem provava, a educação não era óbice a ser-se um assassino psicopata. Já tivera os seus problemas. Despedido por desvio de dinheiros, em 1937 – e agora em perigo por ter matado o velho médico judeu –, o Pigmeu resolveu agir. Talvez para sua própria surpresa, foi ele quem acendeu o rastilho da Conjura dos Médicos.

A 2 de Julho de 1951, escreveu a Estaline e acusou Abakumov de ter morto deliberadamente Etinger para esconder uma conspiração de médicos judeus para assassinar líderes como o falecido Shcherbakov. A acusação teve o condão de juntar os três grandes medos de Estaline: a idade, os médicos e os judeus. Foi Malenkov, e não Béria, quem remeteu ao *Vozhd* a carta de Riumine. O adjunto de Malenkov confirma o facto, embora afirme que Riumine escreveu a carta «por razões suas». A Conjura dos Médicos funcionou contra Béria e a velha guarda, como Molotov, mas este caso, que não parava de inchar como um balão, podia igualmente ameaçar Malenkov e Khrushchev. Frequentemente, na corte de Estaline, um caso começava por pura coincidência, era encorajado por um dos potentados e em seguida lançado contra todos eles por Estaline, como uma espécie de sangrento *boomerang*. Malenkov aliava-se umas vezes a Béria, outras a Khrushchev, mas era sempre Estaline quem tomava as grandes decisões.

As alegações de Riumine a respeito de assassinio médico podem ter sido provocadas pelo próprio Estaline – ou podem ter sido a faísca que o fez voltar à morte de Zhdanov e criar um emaranhado de conspirações com o objectivo de provocar um Terror que unisse o país contra a América no exterior e os seus aliados judeus no interior.

O certo é que ordenou a Béria e a Malenkov que examinassem a «Péssima Situação no MGB», acusando Abakumov de corrupção, inépcia e deboche. Por volta da meia-noite de 5 de Julho, no «Cantinho», o Supremo concordou com a sugestão de Malenkov de nomear Semyon Ignatiev, de quarenta e sete anos, como o novo chefe. À uma da manhã, Abakumov foi chamado e informado da queda. À uma e quarenta, Riumine chegou para receber os seus prémios: promoção a general e, mais tarde, ministro-adjunto. Tendo servido por um curto período como chekista, em 1920, Ignatiev era um dedicado burocrata do CC, amigo de Khrushchev e de Malenkov. Khrushchev descreve-o como «compassivo e bem-educado», embora os médicos judeus dificilmente pudessem estar de acordo. Béria tinha, mais uma vez, falhado a tentativa de recuperar o controlo da polícia secreta. Doravante, Estaline geriria pessoalmente a Conjura dos Médicos, através de Ignatiev. Começou por mandar Malenkov dizer ao MGB que queria encontrar «uma grande organização de espionagem dos Estados Unidos» ligada aos «zionistas».

No dia seguinte, 12 de Julho, Abakumov foi preso. Na tradição dos chefes da polícia secreta caídos em desgraça, os frutos da sua corrupção foram amorosamente registados: foram encontrados, nas suas casas, 3000 metros de tecido caro, roupas, serviços de porcelana, vasos de cristal – «o suficiente para uma loja». Para poder construir os seus apartamentos, Abakumov tinha desalojado dezasseis famílias e dispensado um milhão de rublos para erigir um «palácio», usando duzentos trabalhadores, seis engenheiros e todo o Departamento de Construção do MGB. No entanto, a queda dos monstros destruía também os inocentes: a jovem esposa de Abakumov, Antonina Smirnova, com quem tinha um filho de dois meses, recebera presentes no valor de 70.000 rublos, incluindo um antigo carrinho de bebé vienense. Por isso, foi presa: ninguém sabe o que lhe aconteceu, nem ao bebé.\*

Abakumov, já não um ministro mas apenas um número, o Objecto 15, passou três meses algemado na cela de refrigeração, a ser implacavelmente interrogado pela sua némesis, o Pigmeu.

---

\* Como acontecera em 1937, o Terror começou por destruir a própria liderança do MGB, que foi presa. O coronel Naum Shvartsman, um dos mais cruéis torturadores desde os anos 30 e um jornalista perito em «montar» confissões, testemunhou que tivera relações sexuais não só com o filho e a filha, mas com o próprio Abakumov, e, numa noite em que entrara na embaixada britânica, com Sir Archibald Clark Kerr, um momento desenrolvimento nas relações anglo-soviéticas que, misteriosamente, passou despercebido na corte de St. James. Shvartsman afirmou ter sido envenenado com «sopa sionista» – uma ideia que nos faz recuar à infame conspiração urdida pelos Inimigos, nos anos 30, na Oblast Autónoma Judaica, para envenenar o *gefle* de Kaganovitch. Mas também forneceu aquilo que Estaline queria ao implicar Abakumov, esse mais do que improvável simpatizante sionista.

«Caro LP», escreveu lamentosamente a Béria. «Estou muito mal (...). É a pessoa mais próxima de mim, e espero ansiosamente que me convide a voltar (...). Vai precisar de mim, no futuro.» Abakumov fora destruído por ter deixado cair o Caso dos Judeus. Ignatiev e o egrégio «Pigmeu» Riumine trataram de torturar os funcionários judeus do CJAF e os médicos a fim de «substanciar as provas de espionagem e actividade nacionalista».

\* \* \*

O empresário deste teatro de conjuras e sofrimento envelhecia rapidamente. Por vezes, tinha tonturas tão fortes que caía no chão, no seu apartamento no Kremlin. Os guarda-costas tinham de andar de olho nele, porque «não cuidava de si mesmo». Mal se dava ao trabalho de ler os papéis. Kuntsevo estava atulhada de caixas fechadas. Continuava a corrigir os discursos de Bulganine, como um mestre-escola, mas depois esquecia-se do nome dele diante do resto do Politburo:

- Ouve, como te chamas?
- Bulganine.
- Sim, isso mesmo... era o que eu queria dizer.

Emperrado pela artrite, diminuído pela arteriosclerose, acometido de tonturas e desmaios, embaraçado pelas falhas de memória, atormentado por dores nas gengivas provocadas pelas próteses dentárias, imprevisível, paranóico e irascível, Estaline partiu, a 10 de Agosto, para as suas últimas e mais longas férias. «A maldita velhice apanhou-me», murmurou. Mostrou-se ainda mais irrequieto do que de costume, saltando constantemente de Gagra para Nova Atos, daqui para Tsaltubo, depois para Borzhomi, outra vez para Nova Atos... No lago Ritsa, espalhadas pelos bosques, as margens e os trilhos, havia estranhas caixas de metal pintadas de verde contendo telefones especiais para que pudesse pedir ajuda se se sentisse mal durante um dos seus passeios.

Não eram, porém, as tonturas que iam impedi-lo de fazer uma limpeza na sua *entourage*.

«Eu, o Molotov, o Kaganovitch, o Vorochilov... estamos velhos (...), temos de encher (...) o Politburo com quadros (...) mais jovens», disse ominosamente a Mgledadze. Mas a paranóia não lhe dava descanso. «Estou acabado», disse a Mikoyan e a Khrushchev, que, como todos os potentados, se encontravam também de férias ali perto, de modo a poderem visitá-lo duas vezes por semana. «Nem sequer em mim mesmo eu confio.»

Ao jantar, vigiava os cortesãos e, «inchando o peito como um peru», lançava-se no seu tema preferido, e letal: o sucessor. Não podia ser Béria porque «não era russo», nem Kaganovitch, um judeu. Vorochilov estava demasiado velho. Nem sequer referia Mikoyan (um arménio) ou Molotov. Não podia ser Khrushchev, porque era «um rapaz do campo» e a Rússia precisava de um líder oriundo da *intelligentsia*. Falou então de Bulganine, o mesmo cujo nome tendia a esquecer, para lhe suceder como primeiro-ministro. Nenhum deles estava ideologicamente qualificado para dirigir o partido,

mas não mencionara Malenkov, que talvez tenha tomado o facto como um sinal encorajador. Pelo menos, muniu-se de livros e começou a estudar freneticamente.

— O camarada Estaline quer que eu estude ciéncia política. De quanto tempo achas que vou precisar para dominar a matéria? — perguntou Malanya, apanhado a ler Adam Smith, a um colega.

Os potentados estavam convencidos de que Estaline entrara em senescéncia, mas a verdade é que nunca fora mais perigoso, determinado e controlador. Atacava em todas as direcções, os camaradas, os judeus, os mingrelianoss, até os importadores de bananas. A história das bananas resume bem o estilo de governo do envelhecido Estaline.

Vlasik soube que acabava de chegar um carregamento de bananas, e, desejoso de aliviar as doridas gengivas do Amo, comprou algumas. Ao jantar, em Córrego Frio, com todos os potentados presentes, apresentou orgulhosamente as bananas. Estaline descascou uma e descobriu que não estava suficientemente madura. Experimentou outras duas. Também estas não estavam suficientemente maduras.

— Já provaram as bananas? — perguntou aos convidados. Chamou Vlasik. — Onde arranjaste estas bananas? — Vlasik tentou explicar, mas Estaline gritou: — Esses aldrabões recebem subornos e roubam o país. Como se chamava o navio que trouxe as bananas?

— Não sei — respondeu Vlasik. — Não me interessei...

— Então interessa-te! Levo-te a julgamento juntamente com os outros! — berrou o *Vozhd*.

Poskrebichev saiu a correr para descobrir o nome do navio e ordenar detenções. Malenkov pegou no seu bloco e pôs-se a tomar notas. Estaline ordenou a Mikoian que demitisse o novo ministro do Comércio. Mas Béria estava decidido a chegar às bananas antes de Mikoian, por assim dizer.

O jantar acabou às cinco da manhã. Às seis, Estaline telefonou a Béria, ordenando-lhe que demitisse o ministro. Quando, pouco depois, Mikoian ligou para Moscovo, ficou a saber que Béria já admoestara o infeliz. Dias mais tarde, Mikoian chegou para se despedir, e Estaline continuava a falar das bananas. O ministro foi demitido. Charkviani escreveu que isto era típico das «erupções de Estaline, que levavam a decisões irrelevantes». Estaline, concluiu secamente Mikoian, «limitava-se a gostar imenso de bananas».

O *Vozhd* sofria de dores nos membros, mas, quando foi a águas a Tsaltubo, o tempo estava demasiado quente. Decidiu então ir para Borzhomi, e visitar uma casa cheia de recordações especiais. Em tempos mais felizes, ficara instalado, com Nádia, no Palácio Likani, uma mansão neogótica, sobranceira ao rio Kura, que pertencera ao grão-duque Miguel, irmão do czar Nicolau II. Fora entretanto transformada em museu e estava praticamente inabitável, sem quartos, o que convinha perfeitamente a Estaline. Convinha bastante menos aos potentados: Khrushchev e Mikoian receberam ordens para ficar a fazer-lhe companhia. Vieram à pressa de Sochi e Sukhumi, mas, sem camas, tiveram de acampar juntos, partilhando um quarto como dois escuteiros.

Estaline comia todos os dias numa mesa posta debaixo de uma árvore, à beira do Kura, rodeado por uma paisagem de idílica beleza. Quando ia passear, praguejava contra os guarda-costas, chocando com eles ao mudar bruscamente de direcção. Decidiu visitar Bakuriani, mas a população local cercou o carro, estendendo tapetes e mesas de banquete no meio da estrada. O supremo rezingão teve de apear-se e juntar-se aos seus excitadíssimos admiradores num festim georgiano. «Abrem a boca e gritam como imbecis», resmungou, com o rosto a contorcer-se. Não conseguiu chegar a Bakuriani e regressou à Abcázia.

No palácio, onde Nádia tinha repousado depois do nascimento de Vassili, Estaline pensou tristemente na família. Vassili, destruído pelo alcoolismo, foi visitá-lo. «Está tão mal de saúde, tão doente do estômago, que mal consegue comer», confidenciou Estaline a Charkviani. Como um milionário ocidental a internar o filho na Betty Ford Clinic, Estaline interveio para inscrever o filho num programa de recuperação, mas também neste caso procurou um culpado, e encontrou-o na pessoa do homem que tentara oferecer-lhe bananas:

«A culpa é do Vlasik e dos amigos, que transformaram o hábito de beber num vício!» Havia anos que Estaline verberava a corrupção de Vlasik. Uma carta de denúncia e a investigação de Malenkov à venalidade do MGB revelaram as orgias e as trapaças de Vlasik. Estaline ficou perturbado, mas sentia-se atascado em corrupção. Finalmente, despediu o seu mais dedicado servidor.\*

O casamento de Svetlana com Iuri Zhdanov terminou ao cabo de apenas dois anos. Numa carta dirigida ao pai, Svetlana chamava a Iuri um «rato de biblioteca sem coração» e um «icebergue». Estaline disse a Mgelandze que, naquele casal, era Svetlana quem usava calças:

– O Iuri Zhdanov não é o chefe daquela família... é incapaz de insistir seja no que for. Ele não a ouve e ela não o ouve a ele. O marido deve mandar na família... isso é o principal.

Iuri, porém, nunca ousaria ir ter com Estaline para pedir um divórcio, de modo que foi Svetlana a fazê-lo.

– Sei o que queres dizer-me – disse Estaline. – Decidiste divorciar-te dele.

– Pai – respondeu Svetlana, num tom suplicante. Charkviani, que estava presente, sentiu-se embaraçado e pediu licença para se retirar, mas Estaline mandou-o ficar.

– Por que queres então divorciar-te? – perguntou.

– Não consigo viver com a mãe dele! A mulher é insuportável!

– E que diz o teu marido?

– Apoia a mãe!

Estaline suspirou.

– Decidiste divorciar-te, e não posso fazer-te mudar de ideias, mas o teu comportamento não é aceitável.

\* Vlasik foi enviado, como comandante-adjunto, para um campo de trabalho nos Urales, de onde, insensatamente, bombardeou Estaline com protestos de inocência. Mas isto não pôs Béria à frente dos guarda-costas, que continuaram sob a alçada do MGB de Ignatiev.

Svetlana corou e foi-se embora. Pouco depois, deixou a família Zhdanov e mudou-se para um apartamento na Casa do Cais, com os dois filhos.

— Quem sabe o que se seguirá? — murmurou Estaline.

«Estaline não ficou muito feliz quando o nosso casamento acabou», admite Iuri, mas também não ficou muito surpreendido. Não acusou Iuri do malogro, pelo contrário, convidou-o a ficar com ele no lago Ritsa, onde conversaram noite dentro sobre a visita de Estaline a Londres, em 1907. Quando, naturalmente, falaram da campanha contra o cosmopolitismo, Zhdanov, que desempenhara o seu papel na perseguição aos cientistas judeus, perguntou a Estaline se não achava que estava a «assumir um facioso carácter nacional», querendo com isto dizer se não estaria a ser demasiado dirigida contra os judeus.

— O cosmopolitismo é um fenómeno muito espalhado — respondeu Estaline. Quando finalmente se levantou para ir para a cama, já de madrugada, referiu uma judia que admirava: — Maria Kaganovitch... essa é uma verdadeira bolchevique! Deve ter-se em conta a posição social, não a condição nacional! — E afastou-se para ir dormir.

De manhã, a mesa foi posta junto ao Kura, e Iuri viu Estaline passar os olhos pelo *Pravda*.

— Que estão eles a escrever? — resmungou, lendo em voz alta: — «Viva o camarada Estaline, líder de todas as nações!» — E atirou fora o jornal, irritado.

Depois de ter recebido outros velhos amigos, que se queixaram de que os mingrelianos eram notoriamente corruptos, Estaline regressou a Nova Atos, e foi então que desafiou Mgledzé a pôr-se lá em dezassete minutos. O ambicioso chefe abcaziano, sentindo que as suas horas de conversa com o velho estavam prestes a dar fruto, fez o percurso em quinze, e finalmente convenceu Estaline de que Charkviani dirigia «um bordel!»

Furioso, o líder chamou à sua presença o chefe do MGB georgiano, o rude e corpulento Rukhadze.

— Os mingrelianos são completamente indignos de confiança! — disse-lhe. Na velhice, passara a partilhar os ódios paroquiais das diferentes regiões da Geórgia. Foram presos milhares de mingrelianos, mas Estaline queria destruir Béria. Talvez suspeitasse de que Lavrenti era tudo menos marxista: «Está a tornar-se muito pretensioso... já não é como costumava ser... Camaradas que jantam com ele dizem que se aburguesou completamente.»

Estaline «tinha medo de Béria», achava Khrushchev, «e gostaria de desembaraçar-se dele, mas não sabia como». O próprio Estaline confirmava isto, sentindo que Béria estava a conquistar apoios: «O Béria é tão esperto e cheio de truques. O Politburo confia tanto nele que o defende. Não percebem que ele está a enfiar-lhes a carapuça. Por exemplo... o Viatcheslav [Molotov] e o Lazar [Kaganovitch]. Penso que o Béria tem em mira um objectivo futuro. Mas é limitado. Em tempos fez um bom trabalho, mas agora... Não estou certo de que não fizesse um mau uso do poder.» Recordou então os seus aliados mais próximos: «O Zhdanov e o Kirov não gostavam dele... mas nós apreciávamos o Béria pela sua modéstia e eficiência. Mais tarde, perdeu estas qualidades. Não passa de um polícia.»

Ignatiev mandou a Tíflis sessenta interrogadores do MGB e um perito em tortura com uma mala de médico carregada de instrumentos especiais. Estaline telefonou a Charkviani, com quem passara horas a falar de literatura e da família, e, sem sequer o cumprimentar, ameaçou:

– Fechou os olhos à corrupção na Geórgia... As coisas vão correr mal para si, camarada Charkviani. – E desligou. Charviani ficou aterrorizado.

A família Béria, Nina e Sergo, sentiu este apertar do garrote. Estaline escolheu Béria para fazer a prestigiosa alocução do 6 de Novembro, mas, três dias mais tarde, ditou uma ordem a respeito de uma conspiração mingreliana que o ameaçava directamente, usando as ligações da mulher, Nina, aos emigrados mencheviques em Paris.

Vassili Estaline confidenciou ingenuamente a Sergo Béria que as relações entre os pais de ambos estavam «tensas», situação cuja culpa atribuía aos russos antigeorgianos do Politburo. Svetlana, que era muito chegada a Nina, avisou-a de que se preparava qualquer coisa. O casamento de Nina estava sob tensão porque Lília Drozhdova acabava de dar à luz uma filha a que chamara Marta, o nome da mãe de Lavrenti. Lília, agora com dezasseste anos, aguentara-se como amante de Béria durante um par de anos. Os guarda-costas contaram a Marta Pechkova que quando Lília estava na *dacha*, a bebé era deitada nos mesmos berços que os filhos de Sergo. Muito naturalmente, o nascimento da criança perturbou Nina, que decidiu que precisava de uma vida separada e construiu uma casa em Sukhumi.

\* \* \*

A 22 de Dezembro de 1951, como um tigre coxo, impaciente e faminto, Estaline regressou a Moscovo, claramente decidido a lançar uma nova vaga de Terror, desta vez com características especificamente anti-semitas. As câmaras de tortura de Ignatiev e Riumine encheram-se de judeus e mingrelianos, mas o objectivo era destruir Molotov e Béria. A verdade é que Estaline sabia como «desembaraçar-se» de Béria, só que o «mestre da dosagem» sempre trabalhara com infinita paciência. Agora, porém, estava velho. Odiava Béria, mas, no dizer de Sergo, «quando estava triste, procurava-nos em busca de calor humano». Estaline confessou a Nina que já quase não conseguia dormir:

«Não imaginas como estou cansado. Tenho de dormir como um cão de guarda.»

Béria jogou as suas cartas da melhor maneira: ofereceu-se para purgar pessoalmente a Geórgia. Em Março de 1952, demitiu Charkviani,\* substituiu-o por Mgeldadze e admitiu publicamente:

\* Estaline protegeu Charkviani porque, em criança, aprendera as primeiras letras com um padre que tinha o mesmo nome. Por isso, transferiu-o para Moscovo, dando-lhe o lugar de inspector do CC. Béria, pelo contrário, era impotente para defender-se a si mesmo ou aos seus protegidos. Quando Rapava, um agente da polícia secreta de origem mingreliana, amigo da família, foi preso, a mulher, corajosamente, partiu em segredo para Moscovo, para pedir a ajuda de Béria. Mas quando, desesperada, ligou para casa dele, Nina estava demasiado assustada para pegar no auscultador. Quem atendeu foi Ella, a governanta alemã, que disse: «Nina não pode vir ao telefone.» Foi assim que os mingrelianos se aperceberam de que o próprio Béria estava ameaçado.

«Também eu sou culpado!»

Estaline e Béria desprezavam-se reciprocamente, mas estavam ligados pelos laços invisíveis de crimes passados, invejas mútuas e manhas complementares. O *Vozhd* continuava a discutir política externa com Béria: deixou-o inclusivamente escrever um documento em que propunha uma Alemanha neutral e reunificada. Béria continuava a ser capaz de manipular o generalíssimo com aquilo a que Khrushchev chamava «uma astúcia jesuítica», mas era demasiado manhoso, o que irritava Estaline.

– Andas a brincar com um tigre – avisava-o Nina.

– Não consigo resistir – respondia ele.

O abismo entre os sonhos de Béria e a realidade tinha feito dele «um homem profundamente infeliz», escreveu o filho. Sem o fanatismo ideológico que ligava os outros a Estaline, Béria questionava todo o sistema soviético: «A URSS nunca será bem sucedida enquanto não tivermos propriedade privada», disse a Charkviani. Desprezava Estaline, que, em sua opinião, «já não era humano. Julgo que há só uma palavra capaz de descrever o que o meu pai sentia naquele tempo», escreveu Sergo Béria. «Ódio.» Béria tornou-se cada vez mais ousado nas suas críticas a Estaline: «Durante muito tempo», escreveu, sarcasticamente, «o Estado soviético foi demasiado pequeno para José Vissarionovitch!» Sempre o mais cobarde e o mais irreverente, denunciava Estaline, mas os outros líderes tinham medo de acompanhá-lo: «Considero isto uma tentativa de nos provocar», disse Mikoian.

No entanto, pouco a pouco, o medo partilhado da imprevisibilidade de Estaline criou um «sentimento de solidariedade», um sistema de entreajuda entre assassinos ambiciosos que queriam sobreviver e proteger as respectivas famílias. Até Béria se tornou, naqueles tempos difíceis, um amistoso consolador de espezinhados como Khrushchev e Mikoian. Os outros exultavam com o eclipse de Béria... e partilhavam os seus medos. Malenkov avisava-o, Khrushchev provocava-o. Molotov e Kaganovitch continuavam tão impressionados por ele que o defendiam, mesmo quando Estaline o criticava. Mas a verdade é que todos e cada um deles estava pronto para destruir os outros. Não tardou que Ignatiev e os seus torturadores do MGB tentassem relacionar as duas obsessões de Estaline: Béria, murmuravam, era secretamente judeu.

Nessa Primavera, Estaline foi observado pelo seu velho médico, Vinogradov, que ficou chocado ao verificar o estado de degradação a que chegara. Sofria de hipertensão e arteriosclerose, com ocasionais perturbações da circulação cerebral, o que provocava ligeiras tromboses e pequenos enquistamentos do tecido do lobo frontal que exacerbavam a irascibilidade, a amnésia e a paranóia do paciente. «Descanso absoluto, abstenção de toda e qualquer espécie de trabalho», escreveu Vinogradov no seu relatório. Mas a ideia da reforma enfureceu Estaline, que mandou destruir os registos clínicos e resolveu consultar outros médicos. Vinogradov era um Inimigo.

A 15 de Fevereiro, Estaline ordenou a prisão de mais médicos, que confessaram ter ajudado a matar Shcherbakov, o que por sua vez levou à Dra. Lydia Timachuk, a cardiologista que escrevera a Estaline a respeito do tratamento errado ministrado a

Zhdanov. Estaline chamou Ignatiev e disse-lhe que, se não acelerasse os interrogatórios dos médicos judeus já presos, iria juntar-se a Abakumov na mesma cela. No MGB, eram todos «uma corja de cretinos!»

«Não sou um suplicante face ao MGB!», gritou a Ignatiev. «Posso derrubá-lo se não cumprir as minhas ordens (...). Dispersaremos o vosso grupo!»

Falava agora mais com Valechka e com os guarda-costas do que com os camaradas. A morte em Moscovo, nessa Primavera, do ditador da Mongólia, o marechal Choibalsang, perturbou-o o suficiente para confidenciar ao seu motorista: «Morrem uns atrás dos outros. O Shcherbakov, o Zhdanov, o Dmitrov, o Choibalsang (...). Morrem tão rapidamente! Temos de trocar os velhos médicos por outros novos!» Os guarda-costas podiam falar com uma liberdade que não era consentida a outros, e o coronel Tukov argumentou que aqueles médicos eram muito experientes. «Não, temos de trocá-los por outros novos... O MGB insiste em prendê-los como sabotadores.» Valechka ouviu-o dizer que não estava muito seguro em relação ao caso. Mas Estaline não era homem para mudar de ideias: queria o caso da Crimeia judaica julgado o mais rapidamente possível. Lozovski e um distinto elenco de intelectuais judeus tornaram-se uma vez mais os brinquedos de Riumine e Komarov.

Entretanto, o tratamento de Vassili Estaline falhara rotundamente. Na parada do 1.º de Maio, o tempo estava mau e os aviões não deviam sequer ter levantado voo, mas Vassili, completamente embriagado, mandou-os avançar. Dois bombardeiros Tupolev-4 despenharam-se no solo. Estaline assistiu a tudo do alto do Mausoléu, e pouco depois demitiu o filho do cargo de comandante da Força Aérea de Moscovo, reenviando-o para a Academia da Força Aérea.

Oito dias mais tarde, a 8 de Maio, tinha início, no Clube de Oficiais Dzerzhinski, na Lubianka, o «julgamento dos poetas judeus», tendo como primeiras figuras Solomon Lozovski, ex-ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, e o poeta *yiddish* Perets Markish. Estaline já decidira que praticamente todos os acusados seriam executados.

Lozovski tinha sido torturado, mas o orgulho nas suas raízes bolcheviques e, ainda mais surpreendentemente, judaicas permanecia intacto. O discurso que então fez brilha no meio desta escuridão primeva como a mais notável e comovente oração de dignidade e coragem alguma vez proferida em todos os julgamentos estalinistas. E, do mesmo golpe, desfez em pedaços a imbecil conspiração judaica-crimeana inventada por Riumine:

«E mesmo se tivesse querido envolver-me em tais actividades (...), teria contactado um poeta e um actor? (...) Ao fim e ao cabo, há uma embaixada americana (...) a pulular de agentes dos serviços de informações. O porteiro do Comissariado das Finanças não faria semelhante coisa, quanto mais o ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros!»

---

\* Georgi Dmitrov, o líder búlgaro, morreu em 1949.

Lozovski foi tão convincente que o juiz, o tenente-general Alexandre Cheptsov, interrompeu o julgamento, um acontecimento único, sugestivo de que Estaline estava a impor uma nova vaga de Terror a uma burocracia renitente e já não cegamente obediente. Cheptsov queixou-se a Malenkov, na presença de um perturbado Ignatiev, da debilidade da acusação – e humilhou Riumine. Malenkov ordenou que o julgamento prosseguisse. A 18 de Julho, Cheptsov pronunciou sentenças de morte contra treze réus (incluindo duas mulheres), poupando apenas a cientista Lina Shtern, talvez devido às suas pesquisas na área da longevidade. Mas o juiz não deu cumprimento às execuções, ignorando as ordens histéricas de Riumine, e apelou a Malenkov.

– Quer pôr-nos de joelhos diante destes criminosos? – retorquiu Malenkov. – O Politburo investigou este caso três vezes. Cumpra as deliberações do Politburo.

Malenkov admitira, mais tarde, que não contou tudo a Estaline. «Não me atrevi!»

Estaline rejeitou os apelos oficiais. Lozovski\* e os poetas judeus foram executados a 12 de Agosto de 1952.

\* \* \*

Estaline recusou fazer férias em Agosto: em vez disso, descontente com a proeminência de Malenkov e Khrushchev, decidiu convocar um Congresso para Outubro, o primeiro desde 1939, com o objectivo de nomear novos líderes, mais jovens, e destruir os seus antigos camaradas.

Em Setembro, Ignatiev, assistido pelo «Pigmeu», tinha arrancado aos seus prisioneiros, pela tortura, «provas» de que os médicos do Kremlin, liderados pelo clínico pessoal de Estaline, tinham de facto assassinado Zhdanov, Shcherbakov, Dmitrov e Choibalsang. Nova redada proporcionou novas vítimas, mas não chegara ainda a vez de Vinogradov. A 18, Estaline ordenou a Riumine que torturasse os médicos. Riumine, que tinha um dom macabro para o teatro primitivo, concebeu, em Lefortovo, uma câmara de tortura especial, mobilada como uma mistura de bloco operatório e sala de dissecação, para intimidar os presos. Muito antes de Laurence Olivier fazer o papel de dentista nazi em *O Homem da Maratona*, já Estaline torturava os seus médicos numa macabra paródia cirúrgica.

«Está a portar-se como uma puta! É um miserável espião, um terrorista!», gritou Riumine a um dos médicos. «Vamos torturá-lo com um ferro em brasa. Temos todo o equipamento necessário (...).» A própria família de Estaline foi envolvida numa

---

\* Um dos sobreviventes da era de Estaline, Máximo Litvinov, o judeu ex-comissário dos Negócios Estrangeiros, conseguiu a proeza de morrer na sua própria cama, a 31 de Dezembro de 1951. Foi um alvo constante dos casos anti-semitas inventados pelo MGB. Molotov admitiu que devia ter sido fuzilado pelas suas escandalosas indiscrições durante os últimos anos da guerra: «Foi por puro acaso que continuou entre os vivos», comentou Molotov, com gélida displicência. Havia um plano para arranjar um acidente de automóvel «à la Mikhoels», mas Litvinov acabou por morrer com a sua errante esposa inglesa sentada à cabeceira: «Inglesa, vai para casa», foram as suas últimas palavras. «Não o apanharam», disse Ivy Litvinov, ao regressar a Londres. A filha do casal vive actualmente em Brighton.

bizarro melodrama médico criado pela furiosa imaginação do *Vozhd* e pela diabólica obediência de Riumine: os médicos tinham deliberadamente subvertido o tratamento de Vassili para «perturbações nervosas» e sido incapazes de evitar a toxicose que afetara Svetlana depois do nascimento da filha, Katya Zhdanov, na Primavera de 1950. Como se fosse preciso, a tudo isto foi acrescentado um toque surrealista com o caso de Andreiev, que estava doente desde 1947: os médicos receitaram-lhe cocaína para a insónia, pelo que dificilmente espantará que não conseguisse dormir. Andreiev<sup>\*</sup> acabara por viciar-se na droga, tornando-se um dos toxicodependentes mais inesperados da História.

Por absurdos que os pormenores possam parecer, a Conjura dos Médicos tinha a bela simetria envolvente de uma panaceia e foi uma das obras-primas do fantástico estalinista: trabalhando sozinho, só informando os potentados quando tinha resultados e mantendo um controlo absoluto sobre todos os fios paralelos através do «Pigmeu», o *Vozhd* teceu uma tapeçaria que unia na mesma trama todas as intrigas e principais vítimas desde a guerra, de modo a mobilizar o povo soviético contra o inimigo externo, a América, e os seus agentes internos, os judeus, e assim justificar um novo Terror. Investigações recentes mostram que Estaline atirou para este caldeirão vários judeus e médicos «assassinos», Abakumov e os seus chekistas «cretinos» e «incompetentes», juntando-lhes o executado Kuznetsov, que seria o elo de ligação entre os judeus, a morte de Zhdanov e os potentados – especialmente Mikoian, através do casamento dos filhos. Tal como em 1937 uma pessoa não precisava de ser trotskista para ser executada como tal, assim agora as vítimas não precisavam de ser judias para serem acusadas de «sionismo»: Abakumov, tudo menos um filo-semita, via-se culpado de sionismo. Quanto ao irredutível e inequivocamente russo Molotov, por alguma razão Estaline lhe pusera, nos anos 20, a alcunha de «Molotstein».

Acreditaria Estaline verdadeiramente em tudo isto? Sim, com paixão, porque era politicamente necessário, o que era melhor do que ser simplesmente verdade. «Nós próprios saberemos determinar», disse a Ignatiev, «o que é verdade e o que não é.»

Estimulado por este labirinto de investigações secretas, Estaline não perdeu de vista os seus interesses literários e científicos. Enquanto o seu cérebro atrofiava, continuava a «marrar como um bom aluno», no dizer de Béria, estudando para dominar novas áreas e resolver problemas ideológicos. «Tenho setenta anos e continuo a aprender», gabou-se a Svetlana. Lia todas as obras concorrentes ao Prémio Estaline e presidia, no seu gabinete, à comissão que escolhia os vencedores. Naquele ano, a andar de um lado para o outro como de costume, decretou que o laureado seria um romancista chamado Stepan Zlobin. Malenkov, no entanto, puxou de um processo e disse:

---

\* Em Janeiro de 1949, Andreiev pedira a Malenkov que verificasse «o tratamento (...). Continuo a não me sentir bem apesar de seguir as indicações dos médicos. Tenho tonturas (...), ando quase aos tombos. É um desastre. Sinto que o tratamento e o diagnóstico estão errados (...).» Tinha provavelmente razão, uma vez que a cocaína era com toda a certeza a medicação menos indicada. «Sinto-me diabolicamente infeliz por estar sem trabalhar», concluía.

– Camarada Estaline, Zlobin comportou-se muito mal quando esteve detido num campo de concentração alemão...

Estaline deu três voltas à secretaria num silêncio mortal, e então perguntou:

– Perdoar? – Continuou a dar voltas, em silêncio. – Ou não perdoar? Perdoar ou não perdoar? – Finalmente, respondeu: – Perdoar!

Zlobin recebeu o prémio.

Estaline começou então a atacar o anti-semitismo: ultimamente, insistira em que os nomes semitas dos escritores judeus aparecessem entre parêntesis a seguir aos respectivos pseudónimos russos. Naquele momento, perguntou à estupefacta comissão:

– Para que serve isto? Dará prazer a alguém sublinhar que este homem é judeu? Porquê? Para promover o anti-semitismo?

Como sempre, a velha raposa jogava vários jogos ao mesmo tempo.

Sempre se interessara pela teoria da linguística, uma área dominada pelo Professor Marr, que estabelecera a ortodoxia estalinista argumentando que as várias línguas, como as classes, acabariam por desaparecer e fundirem-se numa única em paralelo com a aproximação do comunismo. Um erudito linguista georgiano, Arnold Chikobava, escreveu a Estaline atacando esta teoria. Estaline, interessado em reforçar o seu bolchevismo nacional derrubando o marrismo, convidou Chikobava para um jantar que durou das nove da noite até às sete da manhã, tomando aplicadamente notas, como um estudante. Lançou então um debate aberto no *Pravda*, intervindo finalmente com o seu próprio artigo, «O Marxismo e o Problema da Linguística», que de imediato alterou todo o campo da ciência e da ideologia soviéticas.\*

Pouco antes da abertura do Congresso, Estaline distribuiu orgulhosamente o outro fruto dos seus estudos, uma gorda obra-prima intitulada *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, que declarava a «objectividade» das leis económicas e reafirmava a visão ortodoxa de que os Estados imperialistas iriam para a guerra, mas também saltava por cima de algumas das etapas do marxismo ao proclamar o comunismo atingível a curíssimo prazo. A fé na ideologia era sempre vital para Estaline, mas os velhos crentes Molotov e Mikoian não concordavam com esta «deriva esquerdistas». Quando foram jantar a Kuntsevo, Estaline perguntou:

– Perguntas? Comentários?

Béria e Malenkov, que poderiam ser tudo menos ideólogos, louvaram a obra. Mas nem mesmo naquela altura, nem mesmo correndo perigo de vida, Molotov concordaria com um desvio ideológico. Limitou-se a resmungar qualquer coisa incompreensí-

\* Chikobava contou a Estaline que alguns dos seus colegas arménios tinham sido despedidos por partilharem as suas opiniões. Estaline pegou imediatamente no telefone, ligou para o patrão do partido na Arménia, Arutinov, e perguntou pelos professores. «Foram afastados dos cargos», respondeu Arutinov. «Foi demasiada precipitação», disse Estaline, e desligou. Os professores em causa foram acordados a meio da noite e reinstalados nos antigos lugares. Este encontro com Chikobava ocorreu provavelmente a 12 de Abril de 1950, na mesma altura em que discutia o calendário da guerra da Coreia; o seu artigo foi publicado a 20 de Junho desse ano. A carta de Chikobava foi remetida a Estaline por Cândido Charkviani, na altura primeiro-secretário da Geórgia, o que prova o poder daqueles que tinham acesso directo ao *Vozhd*.

vel, e Mikoyan permaneceu calado. Estaline notou o silêncio de ambos e, mais tarde, sorriu maliciosamente a Mikoyan:

– Ah, deixaste-te ficar para trás! É agora, chegou o momento!

Quando se reuniram para discutir o Presidium do Congresso, Estaline disse:

– Não há necessidade de inscrever Mikoyan e Andreiev... São ambos membros inactivos do Politburo.

Uma vez que Mikoyan estava imensamente ocupado, ergueu-se um coro de gargalhadas.

– Não estou a brincar – disparou Estaline. – A minha sugestão é séria.

As gargalhadas cessaram no mesmo instante, mas Mikoyan foi incluído. Mesmo no auge da sua tirania, Estaline tinha de abrir caminho com cuidado naquela oligarquia apertadamente fechada: Mikoyan e Molotov eram prestigiados titãs do Politburo, respeitados não só pelos colegas como pelo público. Estaline propôs que alargassem o Politburo a um Presidium de vinte e cinco membros. Mikoyan percebeu que isto tornaria mais fácil afastar os membros mais antigos. «Pensei... “está a acontecer qualquer coisa”» De súbito, Mikoyan teve medo: «Foi como se me tivessem atirado ao chão.» Todos perceberam que Estaline falava a sério quando ele gritou:

– Estão todos velhos! Vou substituí-los!

Às sete da manhã (por acomodação ao horário do *Vozhd*), teve início o Décimo Nono Congresso. Os líderes sentaram-se juntos do lado esquerdo, com o envelhecido Estaline sozinho na direita. Só esteve presente na abertura e no encerramento do Congresso, mas, ao confiar os principais relatórios a Malenkov e a Khrushchev, colocou-os no primeiro lugar da grelha de partida para a sucessão.\* Quanto a ele, limitou-se a um curto discurso no final, mas, como um pugilista aturdido terminado o combate, disse a Khrushchev:

– Olha para eles! Ainda sou capaz!

Khrushchev adoeceu durante o Congresso e foi visto no seu apartamento na Rua Gronovski, por um velho médico que o tratou com grande solicitude. «Senti-me atormentado, porque já tinha o testemunho contra aquele médico. Sabia que, dissesse eu o que dissesse, Estaline não o pouparia.» Mas a acção a sério aconteceu a 16 de Outubro, no Plenário que iria eleger o Presidium e o Secretariado. Ninguém estava preparado para a emboscada de Estaline.

---

\* Molotov inaugurou o Congresso, Kaganovitch falou sobre as regras do partido, e Vorochilov encerrou-o, representando o *status quo*, que, poucos o suspeitavam, Estaline se preparava para revolucionar. Mas havia pistas. Significativamente, Estaline mudou o nome do partido de Bolchevique para Comunista. No novo Presidium, Beria escorregou do seu habitual terceiro lugar atrás de Molotov e Malenkov para quinto depois de Vorochilov. Os acólitos de Beria, Merkulov e Dekanozov, deixaram de ter lugar no novo CC.

## GATINHOS CEGOS E HIPOPÓTAMOS: A DESTRUIÇÃO DA VELHA GUARDA

Estaline desceu com passos pesados até à tribuna situada dois metros à frente das filas de bancos compridos, como os das igrejas, onde se sentavam os potentados. O Plenário observava, em petrificado fascínio. O velho líder começou a falar «num tom de grande dureza», fixando «atenta e insistentemente, como que a tentar adivinhar-lhes os pensamentos», os olhos do pequeno grupo de espectadores.

«Tivemos, pois, o Congresso do Partido», disse. «Foi óptimo, e a maior parte das pessoas pensaria que gozamos de uma grande unidade. No entanto, não temos unidade. Algumas pessoas exprimem desacordo com as nossas decisões. Por que excluímos ministros de cargos importantes (...), Molotov, Kaganovitch, Vorochilov? (...). O trabalho dos ministros (...) exige grande força, conhecimento e saúde.» Por isso ia fazer avançar «homens novos, cheios de vigor e energia». Foi então que largou a bomba: «Se estamos a falar de unidade, não posso deixar de abordar o comportamento incorrecto de alguns respeitados políticos. Refiro-me aos camaradas Molotov e Mikoian.»

Sentados logo atrás de Estaline, os dois puseram-se «pálidos como mortos» no «terrible silêncio». Os potentados, com «expressões pétreas, tensas e graves», perguntavam a si mesmos «onde e quando iria Estaline parar, iria atingir outros depois de Molotov e Mikoian?»

Primeiro, tratou de Molotov:

«Molotov é leal à nossa causa. Peçam-lho, e não duvido de que daria a vida pelo nosso partido, sem hesitação. Mas não podemos ignorar actos indignos.» Estaline desenterrou os velhos erros de Molotov em matéria de censura: «O camarada Molotov, nosso ministro dos Negócios Estrangeiros, embriagado com *chartreuse* durante uma

recepção diplomática, permitiu que o embaixador britânico publicasse jornais burgeses no nosso país (...). Este foi o seu primeiro erro político. E qual é o valor da proposta do camarada Molotov de dar a Crimeia aos judeus? É um grande erro (...), o segundo erro político do camarada Molotov.» O terceiro foi Polina: «O camarada Molotov respeita tanto a mulher que, mal adoptamos uma decisão no Politburo (...), ela torna-se imediatamente conhecida da camarada Zemchuzina (...). Um fio invisível liga o Politburo à mulher de Molotov (...) e aos seus amigos (...), que não são dignos de confiança. Um tal comportamento não é aceitável da parte de um membro do Politburo.»

A seguir, atacou Mikoian por ter-se oposto ao aumento dos impostos aplicados ao campesinato: «Quem pensa ele que é, o nosso Anastas Mikoian? O que é que não está claro para ele?»

Tirou então uma folha de papel de dentro do bolso do dólman e leu os nomes dos trinta e seis membros do novo Presidium, incluindo muitos que apareciam pela primeira vez. Khrushchev e Malenkov entreolharam-se: onde teria Estaline ido descobrir aquelas pessoas? Quando propôs o novo Bureau restrito, todos ficaram espantados por Molotov e Mikoian não estarem incluídos.\* Então, regressando ao seu lugar, o *Vozhd* explicou a queda dos dois potentados: «Ficaram assustados pelo esmagador poder que viram na América.» Ominosamente, ligou Molotov e Mikoian aos direitistas Rikov e Frumkin, executados havia já muitos anos, e a Lozovski, morto em Agosto.

Molotov pôs-se de pé e confessou:

«Sempre fui e continuo a ser um leal discípulo de Estaline.» Mas o generalíssimo pôs a mão em concha atrás de uma orelha e gritou:

«Disparate! Não tenho discípulos! Somos todos discípulos de Lenine! De Lenine!»

Mikoian foi desafiadoramente à luta:

«Deve lembrar-se bem, camarada Estaline (...). Provei não ser culpado de coisa nenhuma.» Malenkov e Béria apuparam-no, sibilando «Mentiroso!», mas ele insistiu. «E quanto ao preço do pão, nego totalmente a acusação.» Estaline interrompeu-o:

«Vêem, lá está Mikoian outra vez! É o nosso novo Frumkin!»

Então, uma voz gritou:

«Devemos eleger o camarada Estaline secretário-geral!»

«Não», disse Estaline. «Dispensem-me dos cargos de secretário-geral e de presidente do Conselho de Ministros.» Malenkov pôs-se de pé e correu para a frente, os vários queixos a tremer, com a graça desesperada de um pequeno galgo fechado dentro de um bolo de gelatina. A sua «terrível expressão» não era de medo, observou Simonov, e sim a de alguém que compreendia «melhor do que qualquer dos outros o perigo mortal que os ameaçava a todos: era impossível satisfazer o pedido de Estaline». Detendo-se,

---

\* Estaline não esqueceu, porém, o mais leal dos seus servidores, Mekhlis, que sofrera um AVC em 1949. Agora à beira da morte na sua *dacha*, tudo o que desejava era assistir ao Congresso. Estaline recusou, resmungando que aquilo não era um hospital, mas, quando o novo CC foi anunciado, lembrou-se dele. Mekhlis ficou encantado – morreu feliz e Estaline autorizou um magnífico funeral.

cambaleante, na beira do palco, ergueu ambas as mãos, como se estivesse a rezar, e guinchou:

«Camaradas! Temos de exigir unanimemente que o camarada Estaline, o nosso líder e o nosso mestre, continue como secretário-geral!» Abanou o dedo, num sinal. O auditório inteiro compreendeu e começou a gritar que Estaline tinha de continuar no seu posto. O rosto de Malenkov relaxou, como se acabasse de «escapar a um perigo directo e mortal». Mas ainda não estava a salvo.

«Não é preciso o aplauso do Plenário», respondeu Estaline. «Peço-lhes que me libertem (...). Já estou velho. Não leio os documentos. Elejam outro secretário.»

Desta vez, foi o marechal Timochenko que interveio:

«Camarada Estaline, o povo não ia entender. Todos nós, a uma só voz, o escolhemos como nosso líder. Secretário-geral.» Os aplausos prolongaram-se por muito tempo. Estaline esperou, e então, agitando modestamente uma mão, voltou ao seu lugar.

A decisão de destruir os seus mais antigos camaradas não era um acto de loucura e sim a liquidação racional dos mais prováveis sucessores. Como Estaline bem recordava, Lenine, doente, atacara o seu provável sucessor (ele próprio) e propusera um Comité Central alargado de que nenhum dos líderes seria membro. Foi neste momento que os potentados perceberam que «estavam todos no mesmo barco», porque, disse Béria ao filho, «nenhum de nós seria o sucessor de Estaline: ele tencionava escolher um herdeiro entre a geração mais jovem». Não havia, provavelmente, qualquer herdeiro secreto: só um «colectivo» poderia suceder a Estaline.\*

Estaline ficara satisfeito com a submissão ritual de Molotov, mas pediu-lhe que devolvesse os protocolos secretos do Pacto Ribbentrop, claramente com o intuito de montar um caso contra ele. Quanto a Mikojan, estava chocado com o facto de ele o ter desafiado. Em Kuntsevo, na ausência dos dois papões, disse a Malenkov e a Béria:

– Reparem, o Mikojan até discutiu!

Nos dias que se seguiram ao Plenário, Molotov e Mikojan continuaram a desempenhar os seus papéis habituais no governo, mas Estaline estava, na altura, a supervisionar o clímax da Conjura dos Médicos, ardendo em fúria contra o Professor Vinogradov

---

\* Um desses herdeiros teria provavelmente sido Mikhail Suslov, de cinquenta e um anos, secretário do partido, que combinava as necessárias credenciais ideológicas (sucessor de Zhdanov como chefe do Departamento de Ideologia e Relações Internacionais do CC) com um empenhamento brutal: «limpara» Rostov, em 1938, supervisionara a deportação dos Karachai durante a guerra, reprimira os Baltois depois e presidira à campanha anti-semita. Em 1948, reunia frequentemente com Estaline. Além disso, era pessoalmente ascético. Béria odiava este «rato do partido», de óculos, alto e magro como uma «ténia», com uma voz de «castrado rouco». No seu recém-publicado *Neizvestnyj Stalin*, Roy Medvedev assume, baseado nas suas fontes, que Suslov era «o herdeiro secreto de Estaline», mas não há verdadeiras provas de que isto fosse verdade. Suslov ajudou a derrubar o desestalinizante Khrushchev, em 1964, e tornou-se a eminência parda do reestalinizante Brezhnev até à sua morte, em 1982. No Plenário, Brezhnev foi um dos novos nomes escolhidos para o Presidium. Quanto à questão do título, Estaline acabou por impor a sua vontade: a partir daqui, começa a aparecer como primeiro «secretário», mas já não como «secretário-geral», uma alteração que convenceu alguns historiadores de que tinha perdido poder no Plenário. Até muito recentemente, o único relato que tínhamos deste extraordinário encontro era o de Simonov, mas hoje contamos também com as memórias de Mikojan, Chepilov e Efremov.

por ter ousado sugerir que se retirasse da vida activa. Era, todavia, típico deste tortuoso e velho conspirador ter reprimido a sua raiva e esperado onze meses para reunir provas para destruir o seu próprio médico. Chegara agora o momento de soltar a fúria. Ao ordenar a Ignatiev que prendesse Vinogradov, gritou:

— Grilhetas! Ponham-no a ferros!

A 4 de Novembro, Vinogradov foi preso, o que afectou todos os membros do Politburo, pois, como Sergo Béria escreveu, ele era «o nosso médico de família».

\* \* \*

Três dias mais tarde, Svetlana, agora envolvida em mais uma ligação perigosa, desta vez com Johnreed Svanidze, filho dos «espiões» (executados) Aliosha e Maria, levou os dois filhos para brincarem com o avô. Era o feriado da Revolução, o vigésimo aniversário do suicídio de Nádia. No auge do Terror Judaico, Estaline ficou autenticamente «babado» com o seu neto semijudeu, José Morozov, com sete anos e «uns enormes e brilhantes olhos de judeu, de compridas pestanas».

— Que olhos pensativos — comentou Estaline, servindo à criança dedais de vinho, «à maneira do Cáucaso». — É um rapaz esperto.

Svetlana ficou emocionada. Estaline conhecera recentemente a filha de Iakov, Gulia Djugachvili, que deliciara deixando-a servir o chá.

«Deixem a *khozyaika* servir!», disse, remexendo-lhe nos cabelos e beijando-a. Gulia, melhor do que ninguém, capta a febril excitação do velho ditador face ao grande empreendimento de uma nova luta: «Tinha um ar muito cansado, mas mal conseguia estar quieto.»

Estaline estava furioso com a demora de Riumine em arrancar confissões aos médicos, chamando ao MGB uma manada de «hipopótamos». Gritou a Ignatiev: «Batam-lhes! O que são vocês? Querem ser mais humanitários do que Lenine, que ordenou a Dzerzhinski [fundador da Cheka] que atirasse Savinkov da janela aberta? (...) Dzerzhinski não estava à vossa altura, mas não fugia ao trabalho sujo. Vocês trabalham como criados de mesa, de luvas brancas. Se querem ser chekistas, tirem as luvas.» Malenkov reiterou a ordem de Estaline de «bater até à morte».

A 13 de Novembro, poucos dias depois da visita do pequeno José, ordenou ao pe-trificado Ignatiev que despedisse Riumine: «Afaste o Pigmeu!» Quanto aos médicos, «Batam-lhes até que eles confessem. Batam, batam e tornem a bater! Ponham-nos a ferros, esmaguem-nos, triturem-nos!» Ofereceu a vida a Vinogradov se ele admitisse «as origens dos seus crimes. Pode dirigir o seu testemunho ao Líder que prometeu poupar-lhe a vida (...). O mundo inteiro sabe que o nosso líder cumpre sempre as suas promessas.» Vinogradov não sabia.

«A minha situação é trágica», respondeu o médico. «Não tenho nada a dizer.» Tentou referir pessoas já falecidas, a quem o seu testemunho não poderia prejudicar.

Estaline atacou o próprio Ignatiev por esta apostasia. Ignatiev sofreu um ataque cardíaco e caiu à cama.\*

O *Vozhd* voltou-se então para o seu cabeçudo criado, Vlasik, destruindo o debochado guarda-costas como, em 1937, tinha destruído o pitoresco Pauker. Vlasik fora companheiro de bebida dos médicos homicidas, mas, sobretudo, sabia de mais, nomeadamente que Estaline fora informado do tratamento errado ministrado a Zhdanov e nada fizera para remediar a situação. O próprio Vlasik, provavelmente, só ignorara as cartas de Timachuk porque Estaline lho ordenara. Agora, porém, foi preso, levado para Moscovo e acusado de conluio com Abakumov para ocultar provas. Nunca traiu o Chefe. Mas a sua detenção foi uma jogada astuciosa, uma vez que a «traição» de Vlasik ajudava a cobrir o papel de Estaline. Todas as suas amantes e parceiros de bebedeira foram presos e interrogados por Malenkov, Vlasik foi torturado: «Fiquei com os nervos desfeitos e sofri um ataque cardíaco. Passei meses sem dormir.» Estaline sabia que Poskrebichev, o seu outro velho servidor, era amigo de Vlasik: teria também ele desempenhado algum papel na ocultação de provas contra os médicos assassinos? Ficara a desconfiar dele desde a publicação, em 1949, do artigo sobre as suas habilidades como cultivador de limões: estaria alguém a encorajar o soturno amanuense a sair da sombra? Por outro lado, Estaline sabia que Poskrebichev participara nas orgias de Vlasik. Estava atascado em «negócios sujos», segundo Molotov. «As mulheres podem servir como agentes!» Poskrebichev chegou a casa de Béria num estado de pânico: todos corriam para Béria em busca de segurança, mas ele próprio estava em perigo.

Estaline despediu Poskrebichev (substituído pelo seu adjunto, Chernukha), fê-lo secretário do Presidium e recebeu-o pela última vez a 1 de Dezembro. Tinha afastado os seus dois servidores mais leais. Dispunha agora de provas suficientes para se lançar numa espiral ascendente de histeria.

Depois de ter recebido o desolado Poskrebichev, Estaline revelou ao Presidium o horror daquilo a que chamava «os assassinos de bata branca»: «São como gatinhos cegos», disse-lhes, em Kuntsevo. «O que vai acontecer sem mim é que o país morrerá porque vocês não sabem reconhecer os vossos inimigos.» Explicou então aos «gatinhos cegos» que «todos os judeus são nacionalistas e agentes da espionagem americana» convencidos de que «os Estados Unidos salvaram o país deles». Ligou aqueles médicos assassinos às mortes de Gorki e Kuibichev e repetiu a justificação tipo mantra de 1937. Um Grande Terror estava uma vez mais iminente. Voltou-se contra a polícia secreta: «Temos de “tratar” da GPU», disse. «Eles sabem que estão sentados na merda!»

---

\* A queda do «Pigmeu» foi tão meteórica como a sua ascensão. De um dia para o outro, viu-se relegado para uma obscura secretaria no Ministério do Controlo do Estado e substituído por S. A. Goglidze. Anteriormente, já Estaline se voltara contra o seu instrumento no Caso Mingreliano, Rukhadze, chefe do MGB georgiano, que se vangloriava da sua intimidade com o *Vozhd*. «A questão da detenção de Rukhadze é oportuna», escreveu Estaline a Mgledze e a Goglidze, a 25 de Junho de 1952. «Mandem-no para Moscovo, onde decidiremos da sua sorte!» Riumine, Goglidze e Rukhadze foram todos fuzilados depois da morte de Estaline.

Os potentados compreenderam esta ominosa referência porque estava já a decorrer um julgamento anti-semita em Praga, onde o secretário-geral checo, Rudolf Slansky, um judeu, era acusado de «conspirar contra o Estado». Três dias mais tarde, ele e outros dez comunistas, maioritariamente judeus, foram enforcados. Estaline planeava algo de semelhante em Varsóvia, pois interrogou Bierut a respeito dos seus adjuntos judeus:

– De quem gosta mais, de Berman ou de Minc?

Bierut, para seu crédito, respondeu:

– Dos dois igualmente.

Estaline ordenou então a preparação de planos para assassinar Tito.

\* \* \*

As execuções na Checoslováquia apertaram o nó à volta dos pescoços de Molotov e de Mikojan, que debateram a etiqueta da corte em relação aos homens condenados. Estaline chamava-lhes «espiões americanos ou britânicos». «Ainda hoje», recordaria Molotov, «não sei exactamente porquê. Sentia que ele desconfiava profundamente de mim.»

Continuavam a aparecer para jantar, como se nada tivesse acontecido. «Estaline não gostava de os ver», notou Khrushchev. Finalmente, decidiu-se a bani-los: «Não quero continuar a ver esses dois à minha volta.» Mas o pessoal, em segredo, avisava-os dos jantares. Estaline proibiu os criados de falar com eles. Mesmo assim, continuaram a ir, porque Khrushchev, Beria, Malenkov e Bulganine, os Quatro, os alertavam – um sinal de crescente simpatia, porque «tentavam manter-se por perto para se salvarem (...), para continuarem vivos». Mikojan pediu conselho a Beria.

«Talvez seja melhor manteres-te longe das vistas», sugeriu este.

«Muito gostaria de ver a tua cara quando (...) fores despedido», respondeu Mikojan.

«Já me aconteceu, há anos», disse Beria.

Molotov e Mikojan, compreendendo que as suas vidas estavam em perigo, encontraram-se no Kremlin para decidir o que fazer. Mikojan sempre confiara em que Molotov não repetiria a ninguém os seus comentários – e «ele nunca me deixou ficar mal nem traiu a minha confiança». Estavam ambos ofendidos, e zangados.

«É praticamente impossível governar um país aos setenta anos e decidir todas as questões à mesa do jantar», disse Molotov durante esse encontro, um arriscado acto de lesa-majestade que teria sido impensável antes do Plenário.\*

Todos os potentados teriam ajudado à liquidação de Molotov e Mikojan. Estaline estava velho, raivoso, vingativo, paranóico e cheio de pressa. Todavia, a noção do pos-

\* Vorochilov, demitido e humilhado, parece ter guardado igualmente um respeitoso rancor contra Estaline. A mulher costumava dizer à boca pequena que o *Vozhd* tinha inveja da popularidade de Klim – outra heresia impensável.

sível, a paciência e o *charme* que contrabalançavam a sua crueldade, e a sua dureza, continuavam a funcionar, permitindo-lhe microgerir o caso com método e lógica. Ironicamente, a fúria imprevisível, a pressa frenética e a paranóia implacável tiveram o condão de aproximar ainda mais os potentados. Béria e Khrushchev opunham-se às mudanças desejadas por Estaline. Malenkov confortava Béria, que confortava Mikoian; Khrushchev e Béria confortavam Molotov. Durante consultas sussurradas nas casas de banho de Kuntsevo, os Quatro riam-se das suspeitas de Estaline e trocavam da Conjura dos Médicos.

— Temos de proteger o Molotov — disse Béria aos outros três. — O partido ainda precisa dele.

21 de Dezembro era, oficialmente, o dia do septuagésimo terceiro aniversário do *Vozhd*. Havia trinta anos que Molotov e Mikoian não faltavam à festa. Raramente Estaline convidava fosse quem fosse... as pessoas simplesmente apareciam para jantar. Os proscritos discutiram o que fazer. Mikoian era de opinião de que, se não fossem, isso significaria «que mudámos de atitude para com Estaline». Telefonaram aos Quatro, que lhes disseram que tinham de ir.

Assim, às dez da noite de 21, chegaram os dois a Kuntsevo, onde Estaline tinha pendurado nas paredes plangentes fotografias de revistas que mostravam crianças a alimentar cordeiros ou famosas cenas históricas, como *A Resposta dos Cossacos de Zaporozhian*, de Repin, o seu quadro preferido. O anfitrião estava pouco falador mas amistoso, orgulhoso por ter deixado de fumar ao fim de cinquenta anos de vício. Mas a verdade é que já sofria de dificuldades respiratórias. Tinha o rosto lívido e engordara um pouco, o que sugeria uma pressão arterial elevada. Bebericava pequenos golos de um leve vinho georgiano. Quando Svetlana se preparava para sair, o pai perguntou-lhe:

- Precisas de dinheiro?
- Não — respondeu ela.

— Estás a fingir. De quanto precisas? — Deu-lhe 3000 rublos para ela e para a filha de Iakov, Gulia, dinheiro útil para o governo da casa, mas que Estaline julgava representar milhões. — Compra um carro, mas primeiro mostra-me a carta de condução!

Secretamente, estava «furioso e indignado» por os Quatro terem convidado Molotov e Mikoian.

— Pensam que não sei que disseram ao Molotov e ao Mikoian? Parem com isso! Não o tolerarei — disse a Khrushchev e a Béria, ordenando-lhes que transmitissem a seguinte mensagem aos proscritos: «Não vai resultar, ele já não é vosso camarada e não quer que o visitem.»

Isto deixou Mikoian seriamente alarmado:

«Estava a tornar-se claro (...), Estaline queria acabar connosco, e isso significava não só destruição política, mas também física.»

Os quatro últimos homens de pé decidiram, segundo o filho de Béria, «não permitir que Estaline os atirasse uns contra os outros». Por vezes, o *Vozhd* perguntava aos

Quatro: «Estão a formar um bloco contra mim?» Num certo sentido, estavam, mas nenhum deles, nem sequer Béria, tinha a força de vontade necessária. Mikoian discutiu, provavelmente com Molotov, o assassinio de Estaline, mas, como mais tarde disse a Enver Hoxha: «Desistimos da ideia por recearmos que as pessoas do partido não compreendessem.»

\* \* \*

A 13 de Janeiro de 1953, ao cabo de dois, talvez mesmo cinco anos de paciente preparação, Estaline desencadeou uma onda de anti-semitismo histérico ao anunciar no *Pravda* a detenção dos médicos: «Ignóbeis Espiões e Assassinos Sob a Máscara de Professores-Doutores», uma frase que ele próprio tinha criado e rabiscado no rascunho do artigo que anotou cuidadosamente.\* A 20 de Janeiro, a Dra. Timachuk, a cardiologista de Zhdanov, foi chamada ao Kremlin, onde Malenkov lhe apresentou os agradecimentos pessoais de Estaline pela sua «grande coragem» e, no dia seguinte, recebeu a Ordem de Lenine. Mas o *Vozhd* estava ainda a usar Ehrenburg como chamariz quando, na semana seguinte, a 27 de Janeiro, lhe concedeu o Prémio Estaline. Entretanto, ao longo de Janeiro e Fevereiro, intensificaram-se as detenções.

O artigo denunciava a falta de vigilância dos serviços de segurança, um sinal de que o próprio Béria era visado. E não só na Geórgia foram presos aliados de Béria; protegidos seus em Moscovo, como Shtemenko, chefe do Estado-Maior-General, foram demitidos. A sua ex-amante V. Mataradze foi igualmente presa. «Esperava o golpe fatal (...) a qualquer momento», escreveu o filho. Béria «expressava o seu desrespeito por Estaline cada vez mais ousadamente», notou Khrushchev, «insultuosamente». Gabou-se até a Kaganovitch de que «Estaline não percebe que se tentasse prender-me os chekistas organizariam uma insurreição».

Além do medo pelas suas próprias vidas, os potentados temiam uma guerra nuclear com os Estados Unidos: Estaline, que estava ainda a atiçar a guerra da Coreia, oscilava inconsistentemente entre o medo da guerra e a convicção ideológica de que ela era inevitável. Béria, Khrushchev e Mikoian receavam o efeito que a perigosa imprevisibilidade de Estaline podia ter na América.† O generalíssimo cercou Moscovo de mísseis antiaéreos. Numa altura em que a sua própria campanha exacerbava o medo de um ataque americano, chegou a discutir o assunto com os guarda-costas:

\* Estaline acrescentou diligentemente, à mão, as seguintes frases: «Durante muito tempo, o camarada Estaline avisou-nos de que o nosso êxito tinha sombras (...). A negligência é boa para os nossos inimigos, que nos sabotam (...).» Eles eram «os esclavagistas e os canibais dos Estados Unidos e da Inglaterra (...). E as pessoas que inspiraram os assassinos? Podem ter a certeza de que lhes pagaremos (...). Enquanto houver sabotagem, temos de matar a negligência entre o nosso povo.»

† Depois da morte de Estaline, Mikoian disse aos filhos que, «se não tivemos guerra enquanto ele foi vivo, não a teremos agora». O que é irónico, uma vez que, apesar da paranóia de Estaline, das suas inconsistências e manobras arriscadas em matéria de política externa, foi o desastrado e impulsivo Khrushchev que colocou o mundo mais perto de uma guerra nuclear, durante a Crise dos Mísseis, em Cuba.

– Que acha... a América vai ou não atacar? – perguntou a Pedro Lozgatchev, comandante-adjunto de Kuntsevo.

– Penso que teriam medo de o fazer – respondeu o oficial, o que provocou uma súbita explosão da parte do *Vozhd*:

– Desapareça... O que é que está aqui a fazer, ao fim e ao cabo? Não o chamei.

Era, no entanto, gentil para com os guardas de uma maneira que seria impensável para com os políticos. Telefonou a Lozgatchev:

– Esqueça que gritei consigo, mas recorde uma coisa: eles vão atacar-nos. São imperialistas, e vão com toda a certeza atacar-nos. Se os deixarmos. Era esta a resposta que devia ter dado.

\* \* \*

Entre curtos períodos de sono estendido num qualquer sofá, como um cão de caça, Estaline acalmava os nervos desfeitos tocando repetidamente o Concerto para Piano N.º 23 de Mozart. Os visitantes achavam-no «muito mudado» – um «velho cansado» que «falava com dificuldade» fazendo «longas pausas». Mas continuava a gerir tenazmente o seu Terror. Orquestrou a redacção de uma carta, que deveria ser assinada por proeminentes judeus soviéticos, a suplicar que os judeus fossem deportados das cidades para os proteger contra o iminente *pogrom*. A carta nunca foi encontrada, mas Mikoian confirmou que «a expulsão voluntária-forçada dos judeus» estava a ser preparada. Kaganovitch ficou ofendido quando lhe foi pedido que a assinasse, mas encontrou uma maneira leal de recusar.

– Por que não assinas? – perguntou Estaline.

– Sou um membro do Politburo, não uma figura pública judaica, e só assinarei como membro do Politburo.

– Está bem – disse Estaline, encolhendo os ombros.

– Se for necessário, escreverei um artigo.

– Talvez precisemos de um artigo – concordou Estaline.

Até Kaganovitch se queixava do *Vozhd*, confidenciando a Mikoian:

– É tão doloroso para mim, que sempre lutei conscientemente contra o sionismo... e agora tenho de subscrevê-lo.

Khrushchev afirma que Kaganovitch «rabiou», mas assinou a carta. (Nem Khrushchev nem Kaganovitch são testemunhas fidedignas quando se trata dos seus próprios papéis.) Mas Ehrenburg, que a viu e conseguiu evitar assiná-la apelando a Estaline, disse que era dirigida ao Politburo e assinada por «eruditos e compositores», o que parece sugerir que Kaganovitch terá conseguido «rabiir» com êxito. Indícios recentes mostram que estavam a ser construídos dois novos campos, talvez para os judeus.

Estaline lia atentamente os depoimentos dos médicos torturados que Ignatiev lhe enviava todos os dias. Ordenou que a provável estrela do Caso Judaico, o Objecto 12 (outrora conhecida como Polina Molotova), fosse levada para Moscovo e interrogada. Mas o Caso Judaico não era a única coisa a ocupar Estaline ao longo daquelas semanas.

Raramente recebia diplomatas, mas, a 7 de Fevereiro, recebeu o jovem embaixador argentino, Leopoldo Bravo, que achou o *Vozhd* «de boa saúde, repousado e ágil na conversa». Estaline admirava Peron, concedendo-lhe generosos empréstimos, a despeito do seu passado fascista, porque lhe apreciava o antiamericanismo. Mas estava sobretudo interessado em Eva Peron.\*

– Diga-me – perguntou a Bravo, que foi o penúltimo estrangeiro a vê-lo vivo –, ela deveu a sua ascensão ao seu carácter ou ao facto de ter casado com o coronel Peron?

Sete dias mais tarde, a 17 de Fevereiro, Estaline visitou o «Cantinho» pela última vez, para receber o diplomata indiano K. P. S. Menon. A sua mente estava nas conjuras que urdia, pois passou toda aquela meia hora a desenhar cabeças de lobo num bloco de notas, escrevendo: «Os camponeses têm o direito de matar os lobos raivosos.» Às dez e meia da noite, saiu com Béria, Malenkov e Bulganine, provavelmente para jantar em Kuntsevo.

Continuava a preparar o caso contra Béria e os seus outros Inimigos: ordenou ao novo chefe do partido na Geórgia, Mgledze, que conseguisse convencer Béria a assinar uma ordem para atacar o MGB – na realidade, para se atacar a si mesmo. Béria não gostou, mas teve de concordar. Uma das últimas reuniões do primeiro-ministro foi para ordenar uma nova tentativa de assassinio contra Tito.

Às oito da noite de 27 de Fevereiro, Estaline chegou sozinho ao Bolchoi para assistir ao *Lago dos Cisnes*. Ao sair, disse ao seu «anexo», o coronel Kirilkin, que agradecesse ao elenco em seu nome, seguindo para Kuntsevo, onde trabalhou até às três da manhã. Levantou-se tarde, leu os últimos interrogatórios dos médicos judeus e os relatórios sobre a Coreia, fez um passeio pelos jardins cobertos por um manto de neve e ordenou ao comandante Orlov: «Mande varrer a neve dos degraus.»

É possível que, nessa tarde, tenha tomado um banho de vapor. À medida que envelhecia, o calor aliviava-lhe as dores da artrite, mas o Professor Vinogradov proibira-lhe as *banyas* por serem prejudiciais à hipertensão. Béria disserra-lhe que não era obrigado a acreditar nos médicos. Estaline atirou as cautelas às urtigas. Chegada a noite, dirigiu-se ao Kremlin, onde encontrou os seus eternos companheiros, Béria, Khrushchev, Malenkov e Bulganine, no cinema. Vorochilov juntou-se-lhes para ver o filme, notando que Estaline estava «animado e bem-disposto». Antes de sair, combinara a ementa com o comandante-adjunto Lozgatchev e encomendara algumas garrafas de um leve vinho georgiano.

Às onze da noite, Estaline e os Quatro chegaram à *dacha*, para jantar. O bufete georgiano foi servido por Lozgatchev e Matrena Butuzova (Valechka estava de folga naquela noite). Bulganine informou-o sobre o impasse na Coreia e Estaline decidiu aconselhar os norte-coreanos e os chineses a negociar. Pediu mais «sumo». Falaram a respeito dos interrogatórios dos médicos. Béria terá dito que Vinogradov tinha «uma língua comprida» e que revelara pormenores sobre os desmaios do *Vozhd*.

---

\* Evita tinha morrido de cancro do ovário a 26 de Julho de 1952.

– Muito bem, o que propõe fazer agora? – perguntou Estaline. – Os médicos confessaram? Diga ao Ignatiev que, se não lhes arranca confissões completas, fica uma cabeça mais baixo.

– Hão-de confessar – respondeu Béria. – Com a ajuda de outros patriotas como a Timachuk, completaremos a investigação e viremos pedir-lhe autorização para conduzir um julgamento público.

– Trate disso – ordenou Estaline

Isto é o que diz o relato de Khrushchev: mais tarde, ele e Malenkov culparam Béria de todos os crimes de Estaline, mas os papéis que eles próprios desempenharam na Conjura dos Médicos permanecem pouco claros. É improvável que Béria fosse o único a encorajar Estaline.

Os convidados ansiam ir para casa. Estaline estava satisfeito com o suave Bulganine, mas resmungou que havia na liderança quem julgasse poder viver à custa de méritos passados. «Estão enganados», disse. Num dos relatos, saiu da sala depois destas palavras, deixando os convidados sozinhos. Talvez tenha regressado. Os relatos parecem contraditórios – mas a verdade é que também o comportamento dele o era. Cerca das quatro horas da madrugada de domingo, 1 de Março, Estaline despediu-se finalmente deles. Estava «bastante embriagado (...) e muito bem-disposto», dando uma palmada no estômago de Khrushchev enquanto murmurava «Nichik» com sotaque ucraniano.

Os aliviados Quatro pediram ao «anexo», coronel Khrustalev, que chamassem as limusinas: Béria, como de costume, partilhou o seu ZiS com Malenkov, e Khrushchev, o dele com Bulganine. Estaline e os guardas acompanharam-nos até aos carros. De novo em casa, Estaline deitou-se no divã cor-de-rosa da pequena sala de jantar, com as suas paredes forradas por painéis de madeira de tons claros, que era onde o velho e peripatético conspirador resolvera dormir naquela noite – de modo algum impotente, de modo algum louco, mas um brutal organizador de Terror no auge do seu temível poder.

– Vou dormir – disse jovialmente a Khrustalev. – Podem descansar um pouco também. Não vou precisar de vocês.

Os «anexos» ficaram satisfeitos: nunca antes Estaline lhes dera uma noite de folga. Fecharam as portas.

\* \* \*

Ao meio-dia daquela manhã de domingo, os guardas esperavam, na casa da guarda ligada ao edifício principal por uma passagem coberta com vinte e cinco metros de comprimento, que o Chefe acordasse. Mas não houve «qualquer movimento» durante toda a tarde. Os guardas começaram a ficar preocupados. Finalmente, às seis da tarde, Estaline acendeu as luzes na pequena sala de jantar. Tinha obviamente acordado. «Graças a Deus, pensámos nós», disse Lozgatchev, «está tudo bem.» Podia chamar por eles a qualquer momento. Mas não chamou.

Passaram uma, duas, três, quatro horas sem que Estaline aparecesse. Alguma coisa se passava. O coronel Starostin, o «anexo» mais graduado, tentou convencer Lozgatchev a ir ver o que estava a acontecer. «Respondi: “És o mais graduado, vai tu.”», recordaria Lozgatchev. «Tenho medo», confessou Starostin. «E o que é que pensas que eu sou, um herói?», replicou Lozgatchev.

Não eram eles os únicos que esperavam: Khrushchev e os outros aguardavam a chamada para o jantar. Mas o telefone não tocou.

«LIQUIDEI-O!»: O PACIENTE  
E OS SEUS TRÉMULOS MÉDICOS

Por volta das dez da noite, chegou o correio do CC. O baixo e entroncado Lozgatchev, com os papéis na mão, entrou nervosamente na casa, indo de sala em sala. Fazia tanto ruído quanto podia, porque «tínhamos o cuidado de não lhe aparecer de surpresa (...), para que ele nos ouvisse chegar». Na pequena sala de jantar, deparou-se-lhe «uma imagem horrível». Estaline estava caído no tapete, com as calças de pijama e a camisa vestidas, apoiando-se numa mão «de um modo muito esquisito». Estava consciente, mas incapaz de mover-se. Quando ouviu os passos de Lozgatchev, chamou-o, «erguendo debilmente uma mão». O guarda correu para ele:

— Que se passa, camarada Estaline?

Estaline murmurou qualquer coisa, «Dzzz», mas não conseguiu falar. Estava gelado. No chão, junto dele, havia um relógio e um exemplar do *Pravda*; em cima da mesa, uma garrafa de água mineral *Narzan*. Tinha urinado nas calças.

— Chamo o médico? — perguntou Lozgatchev.

«Dzzz», murmurou Estaline. «Dzzz.» Lozgatchev pegou no relógio: tinha parado às seis e meia. Estaline deixou escapar um grunhido e pareceu adormecer. Lozgatchev correu para o telefone e chamou Starostin e Butuzova.

— Vamos pô-lo em cima do divã. Está desconfortável... aí no chão — disse-lhes, e, entre os três, içaram o *Vozhd* para o sofá. Lozgatchev manteve-se de guarda — «Não saí de junto do Chefe» — enquanto Starostin telefonava ao chefe do MGB, Ignatiev, responsável pela segurança pessoal de Estaline desde o afastamento de Vlasik, em Maio de 1952. Ignatiev ficou demasiado assustado para decidir fosse o que fosse. Tinha poderes para chamar os médicos, mas precisava de agir com cuidado. Ordenou a Starostin

que telefonasse a Béria e a Malenkov. Provavelmente, avisou também o seu amigo Khrushchev, porque precisava de protecção contra Béria, que o culpava da Conjura dos Médicos e do Caso Mingreliano e queria a cabeça dele. Béria foi provavelmente o último a saber.

Entretanto, os «anexos» transferiram Estaline para o divã da sala de jantar principal, onde decorriam os famosos jantares, por ser um lugar mais arejado. Fazia um frio intenso. Cobriram-no com uma manta e Butuzova puxou-lhe as mangas para baixo. Starostin não conseguiu encontrar Béria, provavelmente enrolado algures com uma amante, mas contactou Malenkov, que prometeu procurá-lo. Meia hora mais tarde, ligou para a *dacha*.

— Ainda não consegui encontrar o Béria — admitiu. Passada mais meia hora, Béria ligou.

— Não falem a ninguém da doença do camarada Estaline — ordenou. — E não telefonem.

Lozgatchev ficou nervosamente sentado ao lado de Estaline. Afirmou que o cabelo se lhe tornou grisalho naquela noite. Malenkov tinha telefonado igualmente a Khrushchev e a Bulganine:

«Telefonaram os chekistas da casa de Estaline. Estão muito preocupados, dizem que lhe aconteceu qualquer coisa. É melhor irmos até lá (...).» Khrushchev, no entanto, conta que, quando chegaram à casa-da-guarda, «combinaram» não entrar e deixar aquela delicada questão nas mãos dos guarda-costas. Estaline estava a dormir e não havia de querer que o vissem «num estado tão diminuído. Por isso, fomos para casa.» Os guardas não se lembram desta visita. Parece mais verosímil que Khrushchev, Bulganine e, provavelmente, Ignatiev, ao cabo de frenéticas consultas, tenham enviado Béria e Malenkov para saber se acontecera realmente qualquer coisa. De algum modo, durante essa noite, a campanha anti-semita no *Pravda* foi travada por alguém... ou terá sido uma pausa deliberada decidida por Estaline?

Às três da madrugada de segunda-feira, 2 de Março, a pequena delegação chegou a Kuntsevo, mais de quatro horas depois do primeiro telefonema de Starostin para Malenkov. Comportaram-se os dois como seria de esperar: Béria foi o aventureiro dinâmico, vibrante (talvez embriagado); Malenkov, o meticoloso e enervado funcionário estalinista. Enquanto Béria entrava decididamente no vestíbulo, Malenkov notou, horrorizado, que os seus sapatos rangiam, e descalçou-os. Malanya meteu os sapatos debaixo do braço e avançou em bicos de pés, de peúgas, com a graça de um balofo dançarino.

— Que se passa com o Chef? — Olharam para o adormecido generalíssimo, que ressonava tapado pela manta, e então Béria voltou-se contra os «anexos»:

— Qual foi a ideia de desencadear todo este pânico? — gritou a Lozgatchev. — O Chef está a dormir calmamente. Vamos embora, Malenkov.

Malanya saiu, ainda em bicos de pés, enquanto Lozgatchev tentava explicar que «o camarada Estaline estava doente e precisava de assistência médica».

– Não nos chateie, não provoque o pânico e não incomode o camarada Estaline!  
– Os preocupados guardas insistiram, mas Béria gritou: – Quem foi que pôs estes cretinos a guardar o camarada Estaline?

A limusina afastou-se para ir ao encontro de Khrushchev e Bulganine, que aguardavam. A luta pelo poder começou certamente naquela mesma noite. Lozgatchev voltou à sua vigília, enquanto Starostin e Butuzova iam dormir para a casa da guarda.

A aurora iluminou os pinheiros e as faias de Kuntsevo. Doze horas depois de ter sofrido o AVC, Estaline continuava a dormir no divã, encharcado na sua própria urina. Os potentados discutiram certamente se deviam ou não chamar os médicos. É extraordinário não terem chamado um médico durante doze horas, mas a verdade é que se tratava de uma situação extraordinária. O facto é habitualmente usado como prova de que os potentados deixaram deliberadamente Estaline sem assistência médica com a intenção de matá-lo. Mas na frágil situação em que se encontravam, com a corte já infectada de espionite contra os médicos assassinos, não era apenas uma hipérbole de medo a causar pânico. Os próprios médicos de Estaline estavam a ser torturados mereitamente por terem dito que ele precisava de repousar. Se o *Vozhd* acordasse a sentir-se um pouco grogue, veria o simples acto de chamar um médico como uma tentativa de tomar o poder. Além disso, estavam de tal modo habituados ao controlo constante do Chefe que mal conseguiam funcionar por iniciativa própria.

Os Quatro tiveram, em todo o caso, aquelas doze horas para dividir o poder. A decisão de fazer coisa nenhuma convinha a toda a gente. Béria e Malenkov, como primeiros adjuntos de Estaline, um no governo, o outro no partido, eram legalmente os responsáveis até que se fizesse uma reunião plenária do Politburo e, depois, do Comité Central. Se Estaline estivesse a morrer, precisavam de tempo para congregar forças. Possivelmente pelas mesmas razões, era do interesse de Khrushchev e de Bulganine postergar a assistência médica até terem reforçado as respectivas posições. Aparentemente, prometeram proteger Ignatiev e promovê-lo ao Secretariado do CC.

Béria, o único dos Quatro que, naquele momento, temia pela vida, tinha todos os motivos para desejar que o odiado Estaline morresse. (Molotov e Mikoyan ainda não sabiam que o *Vozhd* estava doente.) No entanto, em momento algum Béria esteve sozinho com Estaline – teve o cuidado de ter constantemente Malenkov consigo. Não controlava o MGB, nem a Conjura dos Médicos, nem os guarda-costas, o que explica o seu comentário: «Quem pôs estes cretinos a guardar o camarada Estaline?» Apesar de Béria sempre ter sido acusado da demora, Khrushchev e Ignatiev podem na realidade ter sido os verdadeiros culpados.

Fosse por que razão fosse, os Quatro esperaram pela manhã para chamar um médico. Nunca saberemos se isto foi ou não clinicamente decisivo. Havia a possibilidade de uma intervenção cirúrgica para eliminar o coágulo de sangue, mas os médicos foram unâimes em afirmar que deveria ter sido feita nas horas imediatamente seguintes ao acidente, e quem teria ousado autorizá-la? Nos anos 50, as possibilidades de uma tal intervenção ser bem sucedida eram remotas: mais provavelmente, mataria o paciente.

Relatos melodramáticos da morte de Estaline, dos quais há grande abundância, afirmam que o generalíssimo foi assassinado. É muito mais provável que a negação de cuidados médicos não tenha feito a mínima diferença. Mas Béria, muito claramente, achava que sim:

«Liquei-o!», vangloriou-se, mais tarde, a Molotov e Kaganovitch. «Salvei-vos a todos!»

Investigações recentes sugerem que talvez Béria tenha «temperado» o vinho de Estaline com uma droga anticoagulante, como a varfarina, cuja administração repetida ao longo de vários dias poderia causar uma embolia. Talvez Khrushchev e os outros fossem cúmplices, caso em que o encobrimento conviria a todos.

Os Quatro foram para casa dormir, sem nada dizerem às respectivas famílias. Sentado à cabeceira imperial, Lozgatchev desesperava. Acordou Starostin e disse-lhe que ligasse para o Politburo – «caso contrário, ele morre, e nós os dois é que nos lixamos». O terror que impedira os líderes de chamar os médicos levava agora os guardas a exigir-lhos. Telefonaram a Malenkov, que lhes disse que mandassem Butuzova dar uma nova vista de olhos. Butuzova anunciou que aquilo «não era um sono normal». Malenkov telefonou a Béria.

– Voltaram a ligar de casa de Estaline – disse Malenkov a Khrushchev. – Dizem que se passa qualquer coisa de errado com o camarada Estaline. Temos de lá voltar. Concordámos que devíamos ter chamado os médicos.

Béria e Malenkov estavam a tomar todas as decisões, mas que médicos chamar? Pediram a Tretiakov, ministro da Saúde, que escolhesse alguns médicos *russos* (não judeus). Khrushchev chegou a Kuntsevo para dizer aos aliviados «anexos» que os médicos iam a caminho. O coronel Tukov telefonou a Molotov, Mikoian e Vorochilov, mais um sinal de que os Quatro nunca tinham aprovado a exclusão de qualquer deles.

– Liguem para o Politburo. Vou a caminho – respondeu Molotov.

Quando o telefone tocou em casa de Vorochilov, o velho marechal como que se transformou: «Tornou-se forte e organizado», escreveu a mulher, num diário inédito, «como o tinha visto em situações perigosas durante a Guerra Civil e a Grande Guerra Patriótica (...). Compreendi que vinha aí infelicidade. Cheia de medo, com as lágrimas a correr, perguntei-lhe: “Que aconteceu?” Ele abraçou-me e disse: “Não tenhas medo!”»

Vorochilov juntou-se a Kaganovitch, Molotov e Mikoian à cabeceira do líder. Molotov notou que «Béria assumira o comando». Estaline abriu os olhos quando Kaganovitch chegou e olhou para os seus lugares-tenentes um a um – e então voltou a fechar os olhos. Ao contrário do dominador Béria, Molotov e Kaganovitch estavam profundamente emocionados. As lágrimas escorriam-lhes pelas faces. Vorochilov dirigiu-se reverentemente ao doente:

– Camarada Estaline, estamos aqui, os seus leais amigos e camaradas. Como se sente, meu querido amigo?

O rosto de Estaline estava «contorcido». Agitou-se, mas nunca recuperou completamente o conhecimento. Khrushchev estava «muito perturbado, tinha muita pena de estarmos a perder Estaline». Foi rapidamente a casa lavar-se e correu de volta a Kuntsevo, sem que ninguém da família lhe tivesse perguntado fosse o que fosse. Segundo o filho, Béria ligou para casa e informou a mulher da doença de Estaline: Nina desfez-se em lágrimas. Como a maior parte das esposas de membros do Politburo, mesmo daqueles sobre quem pesava uma ameaça de morte, ficou inconsolável.

As sete da manhã, os médicos, liderados pelo Professor Lukomski, chegaram finalmente, mas eram uma equipa nova, que nunca trabalhara com Estaline. Foram levados até junto do doente, na grande sala de jantar, que devia feder a urina. Com os colegas sob tortura, ficaram apavorados pela santidade de Estaline e pela mefistófélida presença de Béria, que os vigiava. O exame que fizeram ao indefeso e outrora todo-poderoso paciente foi uma comédia de enganos. «Estavam todos a tremer, como nós», observou Lozgatchev. Primeiro, apareceu um dentista para tirar a dentadura postiça de Estaline, mas «estava tão assustado que a deixou escorregar-lhe por entre os dedos» e cair no chão. Depois, Lukomski tentou despir a camisa de Estaline, para lhe medir a pressão arterial. «As mãos deles tremiam tanto», escreveu Lozgatchev, «que nem conseguiam despir-lhe a camisa.» Lukomski estava «aterrorizado por ter de tocar em Estaline» e não foi sequer capaz de pegar-lhe no pulso.

— Segure-lhe na mão como deve ser — ladrou Béria.

As roupas tiveram de ser cortadas com uma tesoura. «Rasguei a camisa», recordaria Lozgatchev. Começaram a examinar o paciente «estendido de costas no divã, a cabeça voltada para o lado esquerdo, os olhos fechados, com ligeira hiperemia da face (...). Tinha havido micção involuntária [as roupas estavam ensopadas em urina].» O pulso estava a 78; os batimentos do coração eram «fracos»; a pressão sanguínea, 190/110. O lado direito do corpo estava paralisado, mas os membros esquerdos estremeciam ocasionalmente. Refrescaram-lhe a testa. Deram-lhe um copo de água com uma solução de sulfato de magnésio a 10%. Um neuropatologista, um terapeuta e uma enfermeira ficaram de vigia. Os médicos perguntaram aos guardas quem tinha visto o quê. Agora, também os guardas temiam pela vida: «Pensámos: “É agora, enfiam-nos num carro e adeus, estamos feitos.”»

Estaline sofrera uma catástrofe cerebral, ou, nas palavras dos médicos, «uma hemorragia arterial no hemisfério cerebral esquerdo (...). O estado do paciente é extremamente grave.» Era, finalmente, oficial. Estaline não poderia voltar a trabalhar.

Os guarda-costas recuaram e sumiram-se nas paredes. Havia muito pouco que os médicos pudessem fazer. Recomendaram: «Repouso absoluto, deixar o paciente no divã; sanguessugas atrás das orelhas (oito aplicadas neste momento); compressas frias na cabeça (...). Nenhum alimento, hoje.» Quando fosse alimentado, seria com uma colher de chá, «para ministrar líquidos sempre que não se engasgassem». Foram preparados cilindros de oxigénio. Os médicos injectaram cânfora. Colheram uma amostra de urina. O paciente agitou-se. «Estaline tentou cobrir-se.»

Svetlana, que festejara o seu aniversário na noite anterior, foi chamada a meio de uma aula de francês. «Malenkov quer que venhas» a Kuntsevo, disseram-lhe. Khrushchev e Bulganine, ambos lavados em lágrimas, obrigaram o carro que a transportava a parar e abraçaram-na.

– O Béria e o Malenkov contam-te tudo.

Mais uma vez, estava bem claro quem mandava. A agitação e o barulho espantaram-na: Kuntsevo sempre fora tão sossegado. Reparou que os médicos eram desconhecidos. Quando chegou junto ao divã, beijou o pai, apercebendo-se de que «o amava mais ternamente do que nunca».

Ao ser chamado, Vassili ficou com tanto medo do pai que pensou que teria de apresentar o seu trabalho e apareceu pateticamente carregado de mapas da Força Aérea. Pouco depois, estava embriagado. Durante os dois dias que se seguiram, entrava e saía aos tombos da silenciosa sala de jantar, gritando: «Grande porco, não salvaste o meu pai!» Svetlana estava envergonhada por ele. Os líderes ponderaram a possibilidade de afastá-lo, mas Vorochilov chamou-o à parte e acalmou-o:

– Estamos a fazer tudo o que podemos para salvar a vida do teu pai.

Uma vez definitivamente provado que o *Vozhd* estava incapacitado, Béria «deu vazão ao seu ódio», mas mal Estaline pestanejava ou abria os olhos, aterrado pela ideia de que ele pudesse recuperar, «ajoelhava e beijava-lhe a mão», como um vizir oriental à cabeceira de um sultão. Quando Estaline voltava a mergulhar no sono, Béria quase cuspiu na cara dele, revelando a sua louca ambição e a sua falta de tacto e de prudência. Os outros potentados observavam-no em silêncio, mas choravam Estaline, seu velho e imperfeito amigo, líder, titã histórico e sumo pontífice do credo internacional de todos eles, mesmo quando suspiravam de alívio por ele estar a morrer. Cerca de 20 milhões de mortos, 28 milhões de deportados, 18 milhões dos quais obrigados a trabalho escravo nos Gulags. E no entanto, depois de uma tão grande matança, continuavam a ser crentes.

Por volta das dez da manhã, todo o antigo Politburo, de Béria e Khrushchev a Molotov, Vorochilov e Mikoian, seguiu para o Kremlin, onde reuniu às dez e quarenta, no «Cantinho», para combinar um plano de ação. O lugar de Estaline estava vazio. Tinham-se reinstituído a si mesmos no poder. Durante dez minutos, o Dr. Kuperin, o novo médico-chefe do Kremlevka, e o Professor Tkatchev apresentaram aos confusos, perturbados e tensos potentados o relatório referido acima. Depois disto, ninguém falou, o que deixou Kuperin ainda mais nervoso. Era talvez demasiado cedo para discutir o que ia acontecer a seguir. Finalmente, Béria, que já emergira como o mais activo dos líderes, despediu os médicos com uma ordem carregada de ameaça:

– São responsáveis pela vida do camarada Estaline. Compreendem? Têm de fazer o possível e o impossível para salvar o camarada Estaline! – Kuperin estremeceu, e retirou-se. Malenkov, com quem Béria parecia estar a coordenar tudo, leu um decreto que estabelecia vigílias de vinte e quatro horas, feitas pelos líderes, aos pares. Feito isto, regressaram os dois a Kuntsevo, para acompanhar o doente. Molotov e Mikoian

não participariam nas vigílias: Béria ordenou ao segundo que ficasse no Kremlin e se encarregasse da governação do país.

Em Kuntsevo, durante o seu turno de vigília, Malenkov e Béria pediram um prognóstico clínico. Kuperin mostrou um mapa da circulação sanguínea:

— Estão a ver o vaso sanguíneo obstruído pelo coágulo? — disse, dirigindo-se aos membros do Politburo como se fossem alunos de Medicina. — Tem o tamanho de uma moeda de cinco *kopeks*. O camarada Estaline teria vivido se o vaso tivesse sido desobstruído a tempo.

— Quem garante a vida do camarada Estaline? — perguntou Béria, desafiando os médicos a operar, se se atrevessem.

«Nenhum se atreveu», escreveu Lozgatchev. Malenkov pediu um prognóstico.

— A morte é inevitável — responderam os médicos. Mas Malenkov não queria que Estaline morresse já. Não podia haver um interregno.

Às oito e meia da noite, os líderes, sob a presidência de Béria, voltaram a reunir durante uma hora, no «Cantinho». O relatório oficial de Kuperin não apresentava o estado do *Vozhd* como desesperado, mas o paciente piorara. A pressão arterial situava-se agora em 210/120, a respiração e o batimento cardíaco eram irregulares. Tinham sido aplicadas seis a oito sanguessugas à volta das orelhas. Estaline recebeu clisteres de sulfato de magnésio e bebeu chá com açúcar, à colher. Nessa noite, juntaram-se a Lukomski mais quatro médicos, entre os quais o eminent Professor Miasnikov: o Politburo sabia que todos os melhores médicos estavam na prisão.

Em Kuntsevo, o Dr. Miasnikov encontrou «um Estaline baixo e gordo» deitado «num monte (...). O rosto contorcido (...). O diagnóstico parecia claro: hemorragia no hemisfério cerebral esquerdo provocada por hipertensão e esclerose.» Os médicos mantiveram um registo pormenorizado, tomando notas de vinte em vinte minutos. Os potentados mantinham-se por ali, ora sentados em cadeirões de braços, com expressões sombrias, ora esticando as pernas, de pé junto da cama, a vigiar os médicos. Aquelas noites intermináveis deram-lhes a possibilidade de planear a transferência do poder.

«Malenkov deu-nos a entender», escreveu Miasnikov, «que esperava que conseguíssemos prolongar a vida do paciente “por um período suficiente”. Todos compreendemos que estava a falar do tempo necessário para organizar o novo governo.»

Até 5 de Março, não houve mais reuniões oficiais no Kremlin. Enquanto Béria e Malenkov murmuravam entre si a respeito da distribuição de cargos, Khrushchev e Bulganine procuravam maneira de impedir que o primeiro assumisse o controlo da polícia secreta. Os planos de Béria estavam havia muito traçados, provavelmente com Malenkov: uma vez que não seria possível outro georgiano voltar a governar a Rússia, Malenkov planeava chefiar o governo e, simultaneamente, permanecer no Secretariado. Béria recuperaria o seu antigo feudo, o MGB/MVD.

Durante a noite, Mikoyan ia verificar o estado do moribundo. Molotov estava doente, mas mesmo assim aparecia de vez em quando, a pensar na sua Polina, na esperança

de que estivesse viva no exílio. Não sabia que estava a ser interrogada na Lubianka. Mas naquela noite, por ordem de Béria, o interrogatório cessou repentinamente. Os dos médicos, no entanto, continuaram. O factótum da Conjura dos Médicos, Inagtiev, foi visto a espreitar nervosamente para o prostrado Estaline, da porta. Continuava a ter um medo mortal dele.

Houve momentos em que Estaline parecia recuperar a consciência: estavam a dar-lhe sopa, com uma colher de chá, quando ele apontou para uma das delicodoces fotografias penduradas na parede, de uma menina a alimentar um cordeiro, e em seguida «apontou para si mesmo». «Fez uma espécie de sorriso», achou Khrushchev. Os potentados sorriram também. Molotov pensou que aquilo era mais um exemplo da ironia autodepreciativa do *Vozhd*. Béria caiu de joelhos e beijou-lhe fervorosamente a mão. Estaline fechou os olhos, «e nunca mais voltou a abri-los». Às dez e um quarto dessa manhã, os médicos anunciaram que o estado do paciente se tinha agravado.

— Os filhos da mãe mataram o meu pai! — voltou Vassili a gritar. Khrushchev passou um braço pelos ombros daquele homenzinho aterrorizado e levou-o para a sala contígua.

Béria foi a casa comer qualquer coisa, e falou abertamente do seu alívio: «Será melhor para ele morrer», disse à família. «Se sobreviver, passará a ser um vegetal.» Nina continuava a chorar a morte de Estaline. «És esquisita, Nina. A morte dele salvou-te a vida», disse-lhe o marido. Nina visitava Svetlana todos os dias, a fim de a confortar.

Para o fim da tarde do dia 4, o estado de Estaline deteriorou-se ainda mais. A respiração tornou-se curta e superficial, um efeito do enfraquecimento do padrão respiratório Cheyne-Stokes. Béria e Malenkov passaram em revista a lista de médicos detidos. Nessa noite, três surpreendidos prisioneiros, torturados diariamente no âmbito da investigação da Conjura dos Médicos, foram levados para mais uma sessão. Mas, desta feita, os torturadores não estavam interessados na conspiração sionista. Em vez disso, pediram-lhes delicadamente opiniões médicas.

«O meu tio está muito doente», disse o interrogador, e tem «essa coisa da respiração Cheyne-Stokes. O que é que acha que significa?»

«Se está à espera de herdar do seu tio», respondeu o médico, que não perdera o seu humor judaico, «considere-o dinheiro em caixa.» Foi pedido a outro distinto professor, Iakov Rapoport, que indicasse um especialista que pudesse tratar deste «tio doente». Rapoport nomeou Vinogradov e os outros médicos presos. Mas o interrogador quis saber se os doutores Kuperin e Lukomski também eram bons. Ficou chocado quando Rapoport respondeu: «Só um dos quatro é um médico competente, mas a um nível muito inferior ao dos homens que estão na prisão.» Os interrogatórios continuaram, mas os interrogadores tinham perdido o interesse. Por vezes, adormeciam durante as sessões. Os presos não sabiam coisa nenhuma.

Às onze e meia da noite, Estaline teve um vômito. Havia longas pausas entre cada entrecortada inspiração. Kuperin disse aos potentados reunidos, que observavam num apavorado silêncio, que a situação era crítica.

– Tomem todas as medidas para salvar o camarada Estaline! – ordenou o excitado Béria, de modo que os médicos continuaram a lutar por manter vivo o moribundo generalíssimo. Foi trazido um respirador artificial, que nunca chegou a ser usado mas veio acompanhado por jovens técnicos que contemplavam «de olhos esbugalhados» as coisas surrealistas que aconteciam à volta deles.

No dia 5, Estaline ficou repentinamente muito pálido e a respiração tornou-se-lhe ainda mais superficial e espaçada. O pulso era rápido e fraco. Começou a abanar a cabeça. A perna e o braço esquerdos tiveram movimentos espasmódicos. Ao meio-dia, vomitou sangue. A pesquisa recente descobriu os primeiros rascunhos das notas dos médicos, pelos quais ficamos a saber que teve uma hemorragia gástrica, um pormenor omitido no relatório final. Talvez tenha sido eliminado por poder sugerir envenenamento. A varfarina poderia ter provocado esta perda de sangue, que parece sem dúvida suspeita mas que também pode simplesmente assinalar o colapso final de um corpo velho e doente.

«Vem depressa, Estaline piorou!», disse Malenkov a Khrushchev. Os potentados correram para Kuntsevo. O pulso de Estaline estava mais lento. Às vinte e cinco para as quatro, a respiração tinha paragens de cinco segundos a intervalos de dois a três minutos. Estava a afundar-se rapidamente. Béria, Khrushchev e Malenkov tinham recebido autorização do Politburo para se certificarem de que «os documentos e papéis [de Estaline], correntes e de arquivo, sejam postos na devida ordem». Deixando os outros dois à cabeceira do moribundo, Béria correu ao Kremlin para iniciar o processo de revistar o cofre e os arquivos de Estaline em busca de documentos incriminatórios. Talvez houvesse um testamento: Lenine deixara um e Estaline falara de consignar os seus pensamentos. Se havia, Béria destruiu-o. Os arquivos estavam cheios de denúncias e provas contra todos os líderes. Havia seguramente provas do dúbio papel de Béria em Baku durante a Guerra Civil, e devia também haver os documentos, nunca encontrados, que revelavam a sanguinolenta intervenção de Malenkov e Khrushchev no Grande Terror, no Caso de Leninegrado e na Conjura dos Médicos. Nessa tarde, os três iniciaram a destruição dos documentos. O acto conseguiu proteger a reputação histórica de Khrushchev e de Malenkov, ainda que a de Béria não tivesse já salvação possível.\*

Béria voltou a Kuntsevo. Os médicos deram nota do último agravamento. Foi marcada para essa noite uma reunião oficial de todo o regime, trezentos funcionários superiores. Entretanto, os potentados reuniram-se informalmente numa das outras salas para formar o novo governo. Béria e Malenkov tinham pré-cozinhado a «liderança

\* Cinco cartas reveladoras foram supostamente encontradas debaixo de uma página de jornal na secretaria de Estaline, disse Khrushchev a A. V. Snegov, que só se lembrava de três delas quando falou com o historiador Roy Medvedev. A primeira era a de Lenine, de 1923, a exigir que Estaline pedisse desculpa pelo modo como tratara a sua esposa, Krupskaia. A segunda era o último apelo de Bukharine: «Koba, por que precisas que eu morra?» A terceira era de Tito, de 1950. Diria o seguinte: «Pare de mandar assassinos para me matarem (...). Se isto não acabar, mandarei um homem a Moscovo, e não precisarei de mandar mais nenhum.»

colectiva», alternando nas propostas de nomeações. Molotov e Mikoian voltavam ao Presidium, reduzido ao seu tamanho anterior. Molotov retomava a pasta dos Negócios Estrangeiros, Mikoian a do Comércio Interno e Externo. Khrushchev continuava a ser um dos principais secretários, mas era excluído do governo. Béria dominava, reunificando o MGB e o MVD e continuando como vice-primeiro-ministro. Malenkov sucedia a Estaline nos cargos de primeiro-ministro e secretário do partido. Mas também os militares viam as suas posições reforçadas: os novos adjuntos do ministro da Defesa, Bulganine, eram os velhos paladinos Zhukov e Vassilevski. Vorochilov tornava-se presidente. Não espanta que Béria estivesse exultante.

O bastardo mingreliano, que estudara para arquitecto mas se revelara na polícia, sonhava já governar o Império, uma das superpotências nucleares, e tornar-se um estadista mundial, e já não um simples membro da polícia secreta. Tinha sobrevivido contra tudo e contra todos; estava livre do medo. Podia dar largas ao seu ódio por Estaline: «Esse miserável! Esse porco! Graças a Deus, estamos livres dele!» Podia agora desmascarar aquele generalíssimo de pacotilha: «Não foi ele que ganhou a guerra!», dizia, pouco depois, aos seus confidentes. «Nós é que ganhámos a guerra!» Mais do que isso: «Nós teríamos evitado a guerra!» Serviu-se da frase «culto da personalidade» para denunciar Estaline. Libertaria as nacionalidades, abriria a economia, libertaria a Alemanha Oriental, esvaziaria os campos de trabalho com uma generosa amnistia e desmascararia a Conjura dos Médicos. Não duvidava por um instante sequer que a sua inteligência superior e as suas novas teorias antibolcheviques triunfariam. Até Molotov compreendia que «ele era um homem do futuro».

Ainda que as suas políticas parecessem prefigurar as reformas de Gorbaciov, Béria continuava a «não passar de um polícia», como Estaline dizia, pois estava desejoso de vingar-se daqueles que, como Vlasik, o tinham traído. Não era o sucessor, apenas o homem forte de uma «liderança colectiva». Mas muitos dos novos potentados temiam-no, à sua brutalidade e à sua tentativa de conquistar popularidade desbolcheviquizando o regime. Béria subestimou Khrushchev e os marechais. Foi, em todo o caso, uma realização notável.

Finda a reunião, os potentados voltaram a juntar-se junto ao líder agonizante. Béria aproximou-se da cama e anunciou melodramaticamente, como o príncipe herdeiro num filme:

– Camarada Estaline, estão aqui presentes todos os membros do Politburo. Fala connosco!

Não houve reacção. Vorochilov puxou-o para trás:

– Deixa os guarda-costas e os criados aproximarem-se. Ele conhece-os intimamente.

O coronel Khrustalev foi pôr-se aos pés da cama e falou com Estaline. Que não abriu os olhos. Os líderes fizeram fila para um último adeus, juntando-se aos pares como alunos de uma escola em passeio, por ordem de importância, com Béria e Malenkov à frente, e depois Vorochilov, Molotov, Kaganovitch e Mikoian, seguidos pelos mais jovens. Apertaram-lhe ritualmente a mão. Malenkov afirmou que Estaline lhe tinha retido os dedos, transmitindo-lhe a sucessão.

Enquanto Bulganine ficava sozinho à cabeceira do moribundo, os potentados voltaram ao Kremlin, onde o Presidium, o Conselho de Ministros e o Soviete Supremo assinaram de cruz a aprovação do novo governo: afastaram Estaline do cargo de primeiro-ministro mas, estranhamente, deixaram-no como membro do Presidium. Os cerca de trezentos funcionários confirmaram o que tinha sido previamente decidido. Houve uma sensação de «alívio» entre os potentados.\*

Esperavam um telefonema de Bulganine, a anunciar a morte de Estaline, mas nada aconteceu. O *Vozhd* continuava agarrado à vida quando iniciaram o regresso a Kuntsevo. Às nove da noite, começou a suar. O pulso enfraqueceu, os lábios ficaram azulados. Os membros do Politburo, Svetlana, Valechka e os guardas juntaram-se à volta do sofá. Os líderes mais jovens agruparam-se lá fora, espreitando da porta.

Às nove e meia, Estaline fazia quarenta e oito movimentos respiratórios por minuto. Os batimentos cardíacos tornaram-se mais débeis. Às nove e quarenta, com toda a gente a observar, os médicos deram-lhe oxigénio. O pulso praticamente desapareceu. Os médicos propuseram uma injecção de cânfora e adrenalina, para estimular o coração. A decisão deveria caber a Svetlana e a Vassili, mas ambos se limitaram a ficar a olhar. Béria deu a ordem. Estaline estremeceu, depois da injecção, e a respiração tornou-se ainda mais ofegante. Começou lentamente a afogar-se nos seus próprios fluidos.

— Levem a Svetlana daqui — ordenou Béria, para lhe poupar o terrível espectáculo... mas ninguém se mexeu.

«O rosto dele estava descolorido», escreveu Svetlana, «as feições tornaram-se irreconhecíveis (...). Morreu literalmente sufocado, diante dos nossos olhos. A agonia da morte foi terrível (...). No último instante, abriu os olhos. Foi um olhar terrível, louco ou furioso, e cheio de medo da morte.» Subitamente, o ritmo respiratório alterou-se. O moribundo ergueu a mão esquerda. Uma das enfermeiras pensou que «era como uma saudação». «Parecia estar a apontar algures para cima, ou a ameaçar-nos a todos (...),» observou Svetlana. É mais provável que estivesse apenas a esgatanhar o ar por falta de oxigénio. «No momento seguinte, o espírito dele, depois de um último esforço, separou-se do corpo.» Uma médica rompeu a chorar e abraçou a devastada Svetlana.

A luta não tinha ainda terminado. Um médico de enorme estatura saltou para cima do cadáver e começou a ministrar respiração artificial, massajando atleticamente o peito. O espectáculo era tão penoso de ver que Khrushchev teve pena de Estaline:

— Pare com isso, por favor! Não vê que o homem está morto? O que é que quer, trazê-lo de novo à vida? Está morto! — gritou, mostrando a sua impulsiva autoridade

\* Khrushchev e Bulganine protegeram Ignatiev, que se tornou secretário do CC, mas, mais tarde, Béria arranjou maneira de demiti-lo por causa do papel que desempenhou na Conjura dos Médicos. O castigo limitou-se, no entanto, a ser repreendido e despachado para a Basquíria como primeiro-secretário, antes de ir governar a Tartária. No seu Relatório Secreto, Khrushchev apresenta-o como uma vítima, não como um monstro. A maior parte dos chekistas de topo envolvidos na Conjura dos Médicos, incluindo Ogoltsov, que encomendara o assassinato de Mikhoels, gozou da protecção de Khrushchev e, mais tarde, da de Brezhnev. O modo como Khrushchev puniu os crimes de Estaline foi altamente selectivo. Ignatiev recebeu medalhas no seu septuagésimo aniversário, em 1974. Sem dúvida o mais afortunado dos chefes do MGB de Estaline, foi o único a morrer, respeitado, na sua própria cama, com setenta e nove anos, em 1983.

na primeira ordem que não era dada por Béria ou por Malenkov. As feições de Estaline tornaram-se «pálidas (...), serenas, belas, imperturbáveis», escreveu Svetlana. «Ficámos todos como que petrificados, em silêncio.»

Mais uma vez, formaram a estranha dupla fila: Béria avançou e foi o primeiro a beijar o corpo ainda quente, o equivalente a arrancar o anel do dedo de um rei morto. Os outros, à vez, imitaram-no. Vorochilov, Kaganovitch, Bulganine, Khrushchev e Malenkov soluçavam juntamente com Svetlana. Molotov chorava Estaline, não obstante a sua iminente liquidação, e a da mulher. Mikojan escondeu os seus sentimentos, mas «pode dizer-se que tive sorte». Béria não chorava: estava até «radiante» e «regenerado» – um gordo mas efervescente sapo cinzento, a brilhar de mal disfarçada satisfação. Passou pelo meio dos lacrimejantes potentados e saiu para o corredor. O sepulcral silêncio à volta do leito de morte foi subitamente «desfeito pelo som da voz dele, em que vibrava uma declarada nota de triunfo», nas palavras de Svetlana:

- Khrustalev, o carro! – gritou, desejoso de voltar ao Kremlin.
- Está a preparar-se para tomar o poder – disse Mikojan a Khrushchev.

«Estavam cheios de medo dele», observou Svetlana. Viram-no sair... e então, com uma pressa frenética, «os membros do governo correram para a porta (...). Mikojan e Bulganine ficaram um pouco mais, mas, instantes depois, também eles pediram as limusinas. A *Instantsiya* retirara-se. O colosso desaparecera, deixando apenas a casca de um velho em cima de um divã numa feia casa dos subúrbios.

Só os criados e a família ficaram: «cozinheiras, motoristas e guardas, jardinérios e mulheres que serviam à mesa» saíram então da sombra para «dizer adeus». Muitos choravam, e rudes guarda-costas limpavam os olhos com as mangas, «como crianças». Uma velha e lacrimejante enfermeira distribuiu gotas de valeriana. Svetlana assistia, atordoada. Alguns dos criados começaram a apagar as luzes e a limpar a sala.

Então, a companheira mais próxima de Estaline, o conforto deste monstro sem paralelo, Valechka, que tinha então trinta e oito anos e trabalhava para ele desde os vinte, abriu caminho por entre as chorosas criadas, «deixou-se cair pesadamente de joelhos» e atirou-se para cima do corpo com todo o desinibido desgosto das pessoas vulgares. Esta mulher alegre mas inexcedivelmente discreta, que vira tanta coisa, manteve, até ao último dia da sua vida, a convicção de que «nunca um homem melhor do que ele pisou a terra». Com a cabeça pousada no peito do cadáver, Valechka, as lágrimas a escorrerem-lhe incontidas pelas faces «do rosto redondo», «gritou a plenos pulmões, como as mulheres das aldeias costumam fazer. Continuou a gritar por muito, muito tempo, e ninguém tentou fazê-la parar.»

## PÓS-ESCRITO

Estaline foi embalsamado. A 9 de Março de 1953, Molotov, Béria e Khrushchev discursaram no seu funeral, após o que o corpo foi colocado no Mausoléu, ao lado de Lenine. Polina Molotova continuava na Lubianka. No dia seguinte, Béria convidou Molotov para o gabinete que lá tinha. Quando Molotov chegou, Béria correu à frente dele para saudar Polina: «Uma heroína!», declarou. A primeira pergunta que ela fez foi: «Como está Estaline?» Desmaiou quando soube que tinha morrido. Molotov levou-a para casa.

Béria tomou medidas no sentido de liberalizar o regime e prender os responsáveis pela invenção da Conjura dos Médicos, mas a sua proposta de libertar a Alemanha Oriental provocou uma tempestade de protestos que alarmou os outros potentados. Khrushchev começou a planejar a destruição de Béria. Conquistou para o seu campo o primeiro-ministro Malenkov e o ministro da Defesa, Bulganine. Molotov continuava a admirar Béria, mas aceitou apoiar Khrushchev por causa da crise alemã. Surpreendentemente, o presidente Vorochilov apoiou Béria. Consultado, Mikoian disse que não confiava em Khrushchev, tão próximo de Béria e de Malenkov. Khrushchev não lhe contou a história toda, mas Mikoian concordou que Béria fosse relegado para ministro do Petróleo. Kaganovitch, tipicamente, não conseguia decidir-se. Mas o marechal Zhukov e os seus generais proporcionaram a força necessária.

A 25 de Junho, Béria balouçava alegremente na rede da sua *dacha*, a cantar canções georgianas. Fora chamado a uma reunião especial do Presidium. Nina avisou-o para que tivesse cuidado, mas ele não estava preocupado, porque, conforme explicou, Molotov o apoiava. Por volta da uma da tarde, no dia seguinte, Khrushchev tomou a

palavra e atacou Béria. Bulganine juntou-se ao ataque, mas Mikoian ficou surpreendido ao saber que Béria seria preso.

– Que se passa, Nikita? – perguntou Béria. – Por que é que andas à procura de pulgas nas minhas calças?

Quando foi a vez de Malenkov apoiar o golpe, perdeu a coragem e fez um sinal secreto aos generais que esperavam no exterior. O marechal Zhukov entrou de rompante e deteve Béria.

Nina Béria, Sergo, o filho, e Marta Pechkova, a nora, foram igualmente detidos e encarcerados. Da sua cela, Béria bombardeava Malenkov com cartas a pedir ajuda e misericórdia para com a família. A 22 de Dezembro, ele, juntamente com Merkulov, Delanov e Kobulov, foi condenado à morte por um tribunal político secreto, acusado de traição e terrorismo, acusações de que aqueles assassinos estavam obviamente inocentes.

Béria foi obrigado a despir-se até ficar de roupa interior; algemaram-lhe as mãos e prenderam-nas a um gancho na parede. Começou a pedir freneticamente que lhe poupassem a vida, fazendo tanto barulho que lhe enfiaram uma toalha na boca. Os olhos esbugalhavam-se-lhe por cima da tira de pano amarrada à volta da cara. O seu carrasco – o general Batitski (mais tarde promovido a marechal como recompensa pelo seu papel) – enfiou-lhe uma bala na testa. O corpo foi cremado. O seu protegido e depois rival, Abakumov, foi julgado pelo Caso de Leninegrado e abatido a tiro em Novembro de 1954. Muitos dos crimes de Estaline foram assacados a estes dois homens.

Quando os novos líderes começaram a libertar prisioneiros, as primeiras reacções destas pessoas foram com frequência semelhantes. Kira Alliluyeva, ela própria recém-libertada, foi buscar a mãe, Zénia, à Lubianka.

– Finalmente! Estaline sempre nos salvou, ao fim e ao cabo!

– Louca! – exclamou Kira. – Estaline morreu!

Zénia continuou a admirar Estaline até ao dia da sua morte, em 1974. A cunhada, Ana Redens, tal como a segunda mulher de Budeny, Olga, tinha enlouquecido na prisão e nunca recuperou. Vlasik saiu destroçado do cárcere, mas ele e Poskrebichev continuaram amigos, morrendo ambos em meados dos anos sessenta.

Khrushchev emergiu como o líder dominante. Malenkov foi afastado do cargo de primeiro-ministro e substituído por Bulganine. Em 1956, Khrushchev, apoiado por Mikoian, denunciou os crimes de Estaline no seu famoso «Discurso Secreto». Cinco anos mais tarde, o corpo de Estaline foi retirado do Mausoléu e sepultado no Muro do Kremlin.

Em 1957, Molotov, Kaganovitch e Malenkov, apoiados por Vorochilov e Bulganine, conseguiram derrubar Khrushchev no Presidium. Mas Khrushchev mobilizou o Comité Central, trazendo apoiantes numa espécie de ponte aérea organizada pelo marechal Zhukov.

No Plenário, os antigos potentados de Estaline tentaram atirar as culpas dos respectivos crimes para cima uns dos outros: «De mangas arregaçadas, machado na mão, decepa-

ram cabeças», acusou-os Zhukov – e Khrushchev também. Khrushchev atacou Malenkov, que replicou: «Só tu és completamente puro, camarada Khrushchev!» Kaganovitch insistiu em que o Politburo inteiro assinara as listas de morte. Khrushchev atacou-o, mas Kaganovitch rugiu: «Não assinaste sentenças de morte na Ucrânia?» Finalmente, Khrushchev gritou: «Todos nós juntos não valemos a merda de Estaline!» Como um historiador recente escreveu, «não se tratou seguramente de um Nuremberga», mas foi «o mais perto que os assassinos de Estaline estiveram de um dia de juízo». Molotov, Kaganovitch e Malenkov foram demitidos. Kaganovitch e Malenkov foram dirigir respectivamente uma fábrica de potassa e uma central termoeléctrica em regiões remotas. A filha de Malenkov afirma que, para o pai, este trabalho menor foi um repousante alívio; o neto de Kaganovitch conta-nos que o «Lazar de Ferro» se desembaraçou imediatamente do seu notório mau feitio e nunca mais voltou a gritar, tornando-se um terno avô.

Molotov foi nomeado embaixador na Mongólia e, mais tarde, em 1960, representante soviético junto da Agência Atómica da ONU em Viena, de modo que estava presente, ignorado em segundo plano, quando Kennedy e Khrushchev lá se encontraram, em Junho de 1961.

Khrushchev, como Estaline antes dele, foi primeiro-ministro e primeiro-secretário. O marechal Zhukov foi nomeado ministro da Defesa como recompensa pela sua ajuda, mas a sua fama e pugnacidade ameaçavam o cada vez mais vaidoso Khrushchev, que acabou por demiti-lo, acusando-o de «bonapartismo». Quando, em 1960, o senil Vorochilov se retirou do cargo de presidente, Khrushchev e Mikoian eram os últimos potentados de Estaline ainda no poder. Durante a Crise dos Mísseis de Cuba, foi Mikoian que voou até Havana, acompanhado pelo filho, Sergo, para convencer Castro a aceitar o compromisso a que Khrushchev chegara, e depois até Washington, para falar com Kennedy. Mikoian, que ajudara a carregar o caixão de Lenine, assistiu também ao funeral de JFK.

Na sequência do susto da Crise dos Mísseis e da loucura autocrática das suas paixões agrícolas, Khrushchev foi derrubado, em 1964, por um par de jovens estrelas estalinistas, Brezhnev e Kossiguine, apoiados pela *éminence grise* dos dois, Suslov, que governou até à morte de ambos, nos anos 80. Mikoian sobreviveu até a esta convulsão e tornou-se presidente, retirando-se em 1965.

Os velhos potentados tiveram dificuldade em lidar com a perda dos antigos privilégios. Tendo esperado a prisão, sentiam-se contentes por estarem vivos. Quando, em 1957, deixaram os respectivos apartamentos no Kremlin, Kaganovitch e Andreiev descobriram que não tinham de seu sequer uma toalha ou um par de lençóis. Muitos deles foram alojados nos palacianos edifícios Granovski, onde o astuto Molotov conseguiu assegurar dois apartamentos, além de uma *dacha*. Kaganovitch e Malenkov retiraram-se para espartanos mas espaçosos apartamentos, noutro edifício do Cais Frunze, mas evitavam-se mutuamente. Estes velhos pensionistas, famosos e salpicados de sangue, ocupavam a reforma a escrever as respectivas memórias, a receber admiradores estali-

nistas, a evitar os olhares hostis de antigas vítimas que encontravam ao acaso nas ruas, a pedir a readmissão no partido e a remexer velhos papéis na Biblioteca Lenine: eram não-pessoas, mas observá-los tornou-se uma excitante forma de arqueologia viva.

Novamente juntos e apaixonados, Molotov e Polina continuavam a ser irredutíveis estalinistas: Svetlana escreveu que visitá-los era como entrar num «museu paleontológico». O afectado desdém entre Molotov e Kaganovitch durou até ao fim da vida de ambos, mas não era nada comparado com o ódio que tinham a Khrushchev, o qual confessava estar «ensopado até aos cotovelos» no sangue das suas vítimas e que isso «perturba a minha alma». Khrushchev desafiou os seus sucessores ditando umas memórias selectivamente honestas antes de morrer, em 1971. A despeito das suas muitas doenças, Andreiev faleceu nesse mesmo ano: a placa comemorativa afixada na parede do Granovski faz dele o último dos carniceiros de Estaline a ser celebrado. Mikoian escreveu umas memórias francas, mas igualmente selectivas, e morreu em 1978.

Três outros sobreviveram até uma nova era: Polina morreu em 1970, mas Molotov – que legou à posteridade, em conversas com um jornalista mais do que compreensivo, as suas impenitentes reminiscências – viveu o suficiente para assistir à ascensão de Gorbatchev, tendo morrido em 1986. Malenkov continuou estalinista, mas gostava da poesia de Mandelstam e redescobriu a fé cristã da sua infância, o que talvez tenha sido uma espécie de arrependimento. Desde 1988, jaz numa campa encimada por uma cruz e (muito impropriamente) um «leão de justiça», esculpido pelo neto. Kaganovitch, sempre o mais cauteloso e pusilânime, sobreviveu a todos os outros e assistiu ao começo do fim da União Soviética que tinha ajudado a construir, morrendo em 1991.

Os familiares conheceram sortes diversas e têm opiniões muito diferentes sobre Estaline e os papéis dos respectivos parentes: muitos tornaram-se editores, arquitectos ou cientistas. Vassili Estaline foi preso, libertado, voltou a casar e morreu tragicamente de alcoolismo, em 1962. Um dos filhos, Alexandre, que usa o apelido da mãe, é um respeitado encenador teatral em Moscovo, mas os outros dois, que teve com a filha do marechal Timochenko, morreram ambos jovens... de alcoolismo. Svetlana Alliluyeva fugiu para o Ocidente, regressou à Rússia, voltou a sair, casou com um americano de quem teve uma filha, viveu em Harvard e em Cambridge, fez e perdeu uma fortuna com as suas magnificamente escritas memórias, acabou por ver-se sem casa nem meios num asilo de Bristol e vive hoje, em solitária obscuridade, no Midwest americano. Tendo abraçado o liberalismo e rejeitado o estalinismo, revelou-se tão inteligente e paranóica como o pai. Os seus filhos russos, José Morozov e Katya Zhdanova, são ambos médicos e vivem na Rússia.

Iuri Zhdanov voltou a casar e regressou à vida académica, tornando-se reitor da universidade de Rostov-do-Don, onde ainda hoje vive como um respeitado professor *emeritus*, admirador de Estaline e defensor do pai. Artyom Sergeev continuou nas Forças Armadas, chegou a tenente-general e vive nos arredores de Moscovo. O resto da família Alliluyev mantém-se unida: Kira Alliluyeva trabalhou como actriz e continua

tão indomável como quando recusou gatinhar por baixo da mesa de bilhar de Estaline, em 1937.

Stepan Mikoian conheceu o êxito como piloto de testes e também ele chegou a tenente-general. O irmão mais novo, Sergo, editou uma revista na América Latina. Vivem ambos em Moscovo. A filha de Kaganovitch, Maya, casou, teve filhos e cuidou do pai na sua velhice, sobrevivendo-lhe apenas uns poucos anos.

Sergo Béria e Marta Pechkova foram libertados e transferidos para Kiev juntamente com a viúva de Béria, Nina, que nunca deixou de amar o marido. Em 1965, Marta divorciou-se de Sergo, que continuou a sua carreira científica na área dos mísseis usando o nome da mãe, Gegechkori. Pouco antes de morrer, em 2000, publicou as suas memórias e apelou ao Supremo Tribunal russo para que reabilitasse o pai. O tribunal manteve as acusações forjadas contra Béria. Marta, que conservou os seus livros, vive ainda hoje na ampla *dacha* da antiga propriedade do avô, Gorki. Dos encantadores netos de Béria, que usam o apelido Pechkov, um é decorador de interiores, outro, professor de Arte, e o terceiro, especialista em electrónica,

Lília Drozhdova, o «último amor» de Béria, nunca o traiu. Vive em Moscovo e, com sessenta e poucos anos, conserva a sua antiga beleza.

A terceira mulher de Budeny vive ainda no apartamento da Rua Granovski, cheio de retratos em tamanho natural do marechal a cavalo. Os apartamentos valem hoje mais de um milhão de dólares, de modo que os Molotov alugaram o deles a banqueiros americanos, confirmando talvez a razão das suspeitas de Estaline a respeito das tendências «direitistas» de Viatcheslav. O neto de Molotov, Viatcheslav Nikonov, foi um dos mais destacados liberais de 1991, ajudou a abrir os arquivos do KGB e tornou-se um dos principais conselheiros do presidente Ieltsin, fazendo parte da equipa que o apoiou nas eleições de 1996. Actualmente, lidera um dos mais respeitados «grupos de reflexão política» de Moscovo e escreve a biografia do avô.

Talvez Estaline tivesse igualmente razão no que respeita a Mikoian: o neto de Anastas, Stas, tornou-se uma estrela da música *rock* soviética, criou a sua própria editora durante os anos 90 e é hoje um grande empresário musical. As esperanças de Béria de que os netos estudassem em Oxford não se concretizaram, mas o seu bisneto acaba de sair de uma escola pública inglesa, Rugby. A filha de Malenkov, Volya, uma arquitecta, seguiu o percurso religioso do pai e dedicou-se a construir igrejas: os seus cartões de visita incluem imagens dos templos que desenhou. Ela e os irmãos, ambos professores de Ciências, continuam convencidos da inocência do pai.

O confidente de Estaline, Cândido Charkviani, viveu o suficiente para ver uma Geórgia independente, em 1991, e escreveu as suas memórias, ainda inéditas. O filho, Gela, serviu, a partir de 1993, como conselheiro político do ex-presidente Chevardnadze.

Tanto as amizades como os ódios do reinado de Estaline sobreviveram até hoje entre os filhos dos potentados. As famílias dos que continuaram no poder, os Mikoian, os Khrushchev e os Budeny, são ainda, nos nossos dias, consideradas como que uma

espécie de aristocracia soviética. Nina Budeny, sempre estalinista, é grande amiga de Júlia Khrushcheva, que deixou de o ser. A amizade entre os marechais Budeny e Zhukov foi continuada não só pelas filhas, mas também pelos netos. Stepan Mikoian é amigo de Natacha Andreieva, apesar de ele ser um liberal e ela uma estalinista ferrenha. Artyom Sergeev mantém-se em contacto com as velhas amigas Nádia Vlasik e Natacha Poskrebicheva. Mas tanto os Melenkov como os Andreiev continuam a desprezar os Khrushchev.

Muito naturalmente, todos defendem os papéis que os pais desempenharam no Terror. Os Khrushchev e os Mikoian têm a coragem e a honestidade de admitir a verdade, reflectindo as tentativas dos progenitores de corrigir o pior das atrocidades de Estaline (e deles próprios).

Marta Pechkova, que cresceu junto de Gorki, em Sorrento, que continua a acreditar que o avô e o pai foram assassinados, que em criança brincou com o *Vozhd*, considera que «Estaline era tão esperto como cruel. A política no tempo dele era como um jarro fechado cheio de intriguistas a lutarem uns contra os outros até à morte. Que tempo assustador! Mas se Béria tivesse conseguido levar a melhor depois da morte de Estaline, teria melhorado o estilo de vida de todo o país e teríamos provavelmente podido evitar a destruição e a pobreza de hoje!»

Vladimir Alliluyev (Redens), cujo pai foi assassinado por ordem de Estaline e cuja mãe enlouqueceu na prisão, insiste em que ele era «um grande homem, com um lado bom e um lado mau». Natacha Poskrebicheva, cuja mãe foi assassinada por ordem de Estaline, admira-o enormemente e afirma ser sua filha. Natacha Andreieva, que vive com grandes dificuldades num apartamento no Kremlin cheio das mobílias *art déco* que tinham pertencido ao pai, continua a ser a mais agressiva das estalinistas. «Herdei a intuição da minha mãe», disse ao autor durante a entrevista para este livro. «Reconheço um Inimigo pelos olhos. É um Inimigo? Tem medo da Bandeira Vermelha?» Continua a defender o Terror: «Tínhamos de destruir os espiões antes da guerra.» Não obstante o acumular de provas sobre as actividades criminosas do pai em 1937, afirma a inocência dele, e proclama: «As mãos sujas de Khrushchev mataram muitos mais na Ucrânia!» O sistema, e não Estaline, fora o culpado de quaisquer «erros», conclui Andreieva. «Mas vocês, os capitalistas, mataram muitos mais na Rússia, com a vossa sida, do que Estaline alguma vez matou!»

Os que conheceram a extraordinária, terrível e privilegiada existência de filho de um potentado de Estaline permanecem juntos, e não espanta que as suas atitudes desafiem o tempo... e a sorte das suas próprias famílias. Os apaixonadamente optimistas ideais do marxismo-leninismo-estalinismo e os triunfos imperiais dos exércitos do generalíssimo continuam tão poderosos e persuasivos como a presença do próprio Estaline, da qual nunca se libertaram. Alguém perguntou ao velho Molotov se sonhava com Estaline. «Não com muita frequência, mas às vezes. As circunstâncias são muito estranhas. Estou numa espécie de cidade destruída e não consigo encontrar a saída. Então, encontro-O...»

## FONTES DAS NOTAS

As referências completas e extremamente extensas estão disponíveis na edição de capa dura e também no *website* do autor, em

<http://www.simonsebagmontefiore.com>

Muitas das fontes desta obra são totalmente novas. No entanto, com o objectivo de tornar esta edição mais manejável, o autor e os editores decidiram não as incluir. Esperamos que os nossos leitores concordem que, no todo, esta é solução que melhor defende o equilíbrio da conveniência.

## ILUSTRAÇÕES

### *Secção 1: 1929-1934*

Estaline, de férias, beija a filha, Svetlana, no início dos anos 30.<sup>1</sup>

Nádia abraça Svetlana.<sup>1</sup>

Estaline e o motorista no banco da frente de uma das limusinas do Kremlin, com Nádia no de trás.<sup>2</sup>

Os Estaline de férias no mar Negro, com o pedante Molotov e a sua inteligente e apaixonada esposa judia, Polina.<sup>3</sup>

Estaline com Svetlana ao colo no jardim de Zubalovo, a casa de campo próximo de Moscovo.<sup>1</sup>

Estaline conversa nos bastidores, durante o Congresso do Partido, em 1927, com os seus aliados Sergo Ordzhonikidze e o primeiro-ministro Alexei Rikov.<sup>2</sup>

No Congresso do Partido, Estaline preside entre os seus potentados.<sup>2</sup>

Depois da sua trágica morte, Nádia jaz em câmara ardente.<sup>2</sup>

O funeral de Nádia.<sup>2</sup>

Estaline sai do Grande Palácio do Kremlin com dois dos seus aliados mais chegados: Sergo Ordzhonikidze e Mikhail «Papa» Kalinine.<sup>4</sup>

Lazar Kaganovitch, adjunto de Estaline nos anos 30, lidera uma expedição aos campos da Sibéria, em busca dos cereais escondidos pelos camponeeses.<sup>2</sup>

Os potentados eram tão próximos que mais pareciam uma família: o «Tio Abel» Ienukidze com Vorochilov.<sup>2</sup>

As férias de Estaline em 1933: Estaline e Vorochilov vão acampar; arrancando ervas daninhas na sua *dacha* de Sochi; preparando-se para uma expedição de caça com Budeny, Vorochilov e um guarda-costas; Lavrenti Béria oferece-se para ajudar a mondar o jardim; Estaline em-

barca para uma viagem de caça e pesca no mar Negro – que terminaria numa misteriosa tentativa de assassinato.<sup>2</sup>

Molotov, primeiro-ministro durante os anos 30, joga ténis com a família.<sup>2</sup>

Estaline governava informalmente o seu império: sentado ao sol, na *dacha* de Sochi.<sup>2</sup>

### *Secção 2: 1934-1941*

Sergei Kirov de férias com Estaline e Svetlana, em Sochi.<sup>3</sup>

Estaline com Svetlana.<sup>3</sup>

Andrei Zhdanov junta-se à família, provavelmente na *dacha* de Córrego Frio.<sup>3</sup>

A corte do Czar Vermelho em meados dos anos 30.<sup>2</sup>

As mulheres de Estaline.<sup>2</sup>

Estaline com os seus potentados e as respectivas esposas no antigo camarote imperial do Bolchoi.<sup>2</sup>

Estaline (com Béria e Lakoba) visita a mãe, já bastante doente, pouco antes de ela morrer.<sup>3</sup>

Béria recebe Vorochilov e Mikoyan em Tíflis, para o festival Rustaveli, no auge do Terror, em 1937.<sup>2</sup>

Iagoda, Kalinine, Estaline, Molotov, Vichinski e Béria.<sup>2</sup>

O marechal Semyon Budenov posa com Kaganovitch e Estaline, entre mulheres adoradoras.<sup>2</sup>

Béria e Iezhov – os dois monstros mais depravados da corte de Estaline.<sup>2</sup>

Iezhov e a mulher, Ievgenia, recebem o seu poderoso amigo, Sergo Ordzhonikidze. Muito em breve, Iezhov ajudaria Estaline a levar Sergo ao suicídio.<sup>2</sup>

Estaline, Zhdanov, Kaganovitch, Mikoyan e Vorochilov posam junto ao corpo de Sergo Ordzhonikidze.<sup>2</sup>

Iezhov e o seu amigo Nikita Khrushchev acompanham Molotov, Kaganovitch, Estaline, Mikoyan e Kalinine.<sup>2</sup>

Estaline bebe chá com o romancista Gorki.<sup>2</sup>

Poskrebichev com Bronislava, a bonita, brilhante e culta médica por quem se apaixonou, e a irmã dela.<sup>5</sup>

Alexandre Poskrebichev foi *chef de cabinet* durante a maior parte do reinado de Estaline.<sup>5</sup>

O general Nikolai Vlasik com Iakov, o malogrado filho de Estaline, pouco antes da guerra.<sup>3</sup>

Svetlana no início da adolescência, envergando o uniforme dos Jovens Pioneiros.<sup>1</sup>

### *Secção 3: 1941-1945*

Estaline comanda a guerra, ajudado pelos seus potentados e generais.<sup>6</sup>

Estaline com Zhukov, Vorochilov e Bulganine, em 1945.<sup>4</sup>

Estaline como árbitro da Grande Aliança, jogando Roosevelt contra Churchill: em Teerão, 1943.<sup>7</sup>

Churchill e Estaline em Ialta, seguidos pelo general Vlasik.<sup>8</sup>

Na Conferência de Potsdam, Estaline posa com Churchill e o presidente dos EUA, Harry Truman.<sup>4</sup>

Troca de palavras entre Vorochilov e Churchill, na Conferência de Teerão.<sup>9</sup>

Béria e Molotov visitam as ruínas da Berlim de Hitler, flanqueados pelos polícias secretas Kru-glov e Serov.<sup>10</sup>

Béria e a família, por volta de 1946.<sup>10</sup>

A casa de Béria em Moscovo, escolhida por Estaline (hoje é a embaixada tunisina).<sup>10</sup>

A Casa do Cais, construída para os membros do governo no início da década de 30.<sup>10</sup>

O bloco de apartamentos Granovski, próximo do Kremlin, onde os potentados mais jovens viviam em casas palacianas.<sup>10</sup>

As residências de Estaline: a sua principal casa em Moscovo, Kuntsevo;<sup>8</sup> a casa de férias preferida antes da guerra, Sochi;<sup>11</sup> a sala de jantar de tecto abobadado onde dava grandes banquetes georgianos;<sup>11</sup> a piscina especialmente construída para ele;<sup>11</sup> o quartel-general de férias no pós-guerra, Córrego Frio;<sup>10</sup> a mansão milionária em Sukhumi,<sup>10</sup> e Museri.<sup>10</sup>

O general Vassili Estaline, promovido sem mérito, alcoólico, instável, cruel e aterrado.<sup>1</sup>

Depois da guerra, o general Vassili Estaline convenceu o general Vlasik a dar-lhe esta belíssima casa, não longe do Kremlin.<sup>10</sup>

Terminada a guerra, Estaline, cansado mas feliz, senta-se entre os dois rivais, Malenkov e Zhdanov.<sup>2</sup>

#### *Secção 4: 1945-1953*

Depois da vitória, Estaline sofreu uma série de pequenas tromboses e ataques cardíacos.<sup>3</sup>

A 12 de Agosto de 1945, o generalíssimo Estaline lidera alegremente os seus potentados no desfile.<sup>8</sup>

Zhdanov e o charlatão Trofim Lisenko.<sup>10</sup>

Estaline, exausto, seguido por Béria, Mikojan e Malenkov, atravessa o Kremlin a caminho do Mausoléu, para o desfile do 1º de Maio de 1946.<sup>4</sup>

Estaline encabeça o cortejo no funeral de Kalinine, em 1946.<sup>2</sup>

Estaline, Vorochilov e Kaganovitch seguem o caixão, no funeral de Zhdanov.<sup>2</sup>

No final de 1948, Estaline senta-se com a geração mais velha, Kaganovitch, Molotov e Vorochilov, enquanto, nas costas deles, se prepara uma intriga entre os mais novos.<sup>2</sup>

Mikojan e outros em casa de Estaline, no Verão.<sup>3</sup>

Estaline no palco do Bolchoi, durante a gala do seu septuagésimo aniversário, entre Mao Tsé-tung e Khrushchev.<sup>10</sup>

As últimas férias sem descanso de Estaline, em 1952: a casa de Nova Atos;<sup>10</sup> o Palácio Likani, que pertencia ao irmão do czar Nicolau II, o grão-duque Miguel;<sup>10</sup> a remota casa no lago Ritza, onde passava semanas;<sup>10</sup> os guardas construíram caixas metálicas pintadas de verde com telefones para que Estaline pudesse pedir ajuda se adoecesse durante um dos seus passeios diários.<sup>10</sup>

O sofá de Kuntsevo, onde Estaline morreu, a 5 de Março de 1953.<sup>10</sup>

Velho mas determinado, Estaline assiste à apresentação do relatório principal, por Malenkov, durante a sua última aparição em público, no Décimo Nono Congresso, em 1952.<sup>6</sup>

Khrushchev, Bulganine, Kaganovitch, Mikojan, Béria, Malenkov, Molotov e Vorochilov frente a frente, tendo pelo meio o corpo de Estaline.<sup>4</sup>

Estaline no Congresso de 1927: no seu auge.<sup>2</sup>

O autor e os editores fazem questão de agradecer às seguintes pessoas e entidades a autorização que nos deram para usar estas imagens.

1. Colecção da Família Alliluyev
2. RGASPI
3. Colecção da Família Vlasik
4. AKG
5. Colecção da Família Poskrebichev
6. David King Collection
7. Camera Press
8. Museu Estaline, Gori, República da Geórgia
9. Hugh Lunghi Collection
10. Fotografias do autor/colecção do autor
11. Victoria Ivleva-Yorke

## BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

### Primária

- Antipenko, N. A., «Tyl Fronta», *Novy Mir*, n.º 8, 1965
- Alanbrooke, Viscount, *War Diaries 1939-45*, Londres, 2001
- Alexandrov, G. V., *Epokha I kino*, Moscovo, 1983
- Alliluyeva, Svetlana, *Twenty Letters to a Friend*, Londres, 1967
- Alliluyeva, Svetlana, *Only One Year*, Londres, 1971
- Alliluyev, Sergei, *Proidennyi put*, Moscovo, 1946
- Alliluyeva, Anna S., *Vospominaniya*, Moscovo, 1946
- Alliluyev, Sergei, e Anna Alliluyeva, (ed. David Tutaev), *The Alliluyev Memoirs*, Londres, 1968
- Babel, Isaac, *1920 Diary*, New Haven (CT), 1990
- Babel, Isaac, *Collected Stories*, Londres, 1994
- Baibakov, N. K., *Delo zhizni: zapiski neftyanika*, Moscovo, 1984
- Bazhanov, Boris, *Bazhanov and the Damnation of Stalin*, Athens (OH), 1990
- Berezhkov, Valentin, *Kak i a stal perevodchikom Stalina*, Moscovo, 1963
- Berezhkov, Valentin, *History in the Making, Memoirs of WW2 Diplomacy*, Moscovo, 1983

### L. P. BÉRIA:

- Beria, L. P., «Lavrenty Beria: Pizma iz tyuemnogo bunkera», *Istochnik*, n.º 4, 1994
- Beria, L. P., *On the History of Bolshevik Organizations in Transcaucasia*, Moscovo, 1949
- Beria, Nina, «Letters to LP Beria», *Istochnik*, n.º 2, 1994
- Beria, Nina, «Letter to Members of Presidium 7 January 1954», *Vlast*, n.º 34, 2001
- Beria, Sergo, *Beria My Father: Inside Stalin's Kremlin*, Londres, 2001
- The Beria Affair, The Meetings Signalling the End of Stalinism*, (ed. D. M. Sick), Nova Iorque, 1992.

- Beria Affair*, CC Plenum 12-7 July 1953, *Izvestiya TsK KPSS*, n.º 1 e 2, 1991
- Bessedovsky, G., *Revelations of a Soviet Diplomat*, Londres, 1931
- Birse, A. H., *Memoirs of an Interpreter*, Londres, 1967
- Bohlen, Charles E., *Witness to History*, Londres, 1973
- Bolshakov, I. G., «Letter to AN Poskrebyshev on film Tarzan», *Istochnik*, n.º 4, 1999
- Budyonny, S. M., *Pridemnyi put*, Moscovo, 1968
- Budyonny, S. M. (ed. Nina Budyonny), *Notes*, inédito
- Bukharin, Nikolai, *How It All Began*, Nova Iorque, 1998
- Cadogan, Alexander, *The Diaries of Sir Alexander Cadogan*, Londres, 1971
- Charkviani, Candide, *Memoirs on Stalin*, inédito
- Chikobava, Arnold, «Kogda ix kak eto bylo», *Ezhegodnik iberiysko-kavkazskogo yazykoznanija*, vol. 12, 1985

W. S. CHURCHILL:

- Churchill, Winston S., *Second World War*, Londres, 1951
- Churchill and Stalin, documents from British Archives*, FCO Historians
- Dan, Lydia, «Bukharin o Staline», *Noviy Zhurnal*, 75 (Março de 1964)
- Davies, Joseph E., *Mission to Moscow*, Londres, 1942
- Dedijer, V., *Tito Speaks*, Londres, 1953
- Dekanov, Reginald, *Some Episodes of the History of Soviet-German Relations Before the War*, inédito
- Deriabin, Peter, *Inside Stalin's Kremlin*, Dulles (VA), 1998
- Dmitrov, Georgi (ed. Ivo Banac), *The Diary of Georgi Dmitrov 1933-49*, New Haven (CT), 2003
- Dobrynin, Anatoly, *In Confidence: Moscow's Ambassador to Six Cold War Presidents*, Washington DC, 2001
- Djilas, Milovan, *Conversations with Stalin*, Nova Iorque, 1962
- Djilas, Milovan, *Wartime*, Londres, 1980
- Djugashvili, Gulia, *Ded, Otets, Mat i Drugie*, Moscovo, 1993
- Eden, A., *Memoirs, Facing the Dictators*, Londres, 1962
- Efimov, Boris, *Mikhail Koltsov, Kakim On Byl*, Moscovo, 1965
- Efremov, L. N., Memoir of Plenum, *Dosye Glastnosti, Spetsvypusk*, 2001
- Ehrenburg, Ilya, *Men, Years, Life*, Londres, 1966
- Eisenhower, D. D., *Crusade in Europe*, Londres, 1948
- Fedorenko, N. T., «Zapiski diplomata. Rabota s Molotovym», *Novaya i Noveishaya Istoriya*, n.º 4, 1991
- Gaulle, Charles de, *Memoires de Guerre*, Paris 1959
- Gaulle, Charles de, *Complete War Memoirs of Charles de Gaulle 1940-46*, Nova Iorque, 1964
- Ginsburg, Eugenia S., *Journey into the Whirlwind*, Nova Iorque, 1967
- Gnedin, E. A., *Katastrofa I vtoroe rozhdenie*, Amesterdão, 1997
- Gromyko, Andrei, *Memoirs*, Londres, 1989
- Gromyko, Andrei, *Pamyatnoye*, Moscovo, 1990
- Grossman, Vasily, *Life and Fate*, Londres, 1985
- Grossman, Vasily, «Mama», *Znamya*, vol. 5, 1989
- Guinzburg, S. Z., *O proshlom, dlya budushchego*, Moscovo, 1984
- Gunther, John, *Inside Russia Today*, Nova Iorque, 1962

Harriman, Averell W., e Elie Abel, *Special Envoy to Churchill and Stalin, 1941-6*, Noya Iorque, 1975  
Hilger, Gustav, e Alfred Mayer, *Incompatible Allies: A Memoir History of German-Soviet Relations 1918-41*, Nova Iorque, 1953  
Hoxha, Enver (ed. Jon Halliday), *Artful Albanian: the Memoirs of Enver Hoxha*, Londres, 1986  
Iskander, Fasil, *Sandro of Chegem*, Londres, 1979

J. V. ESTALINE:

Lih, Lars T., Oleg V. Naumov, e Oleg V. Khlevniuk (eds.), *Stalin's Letters to Molotov*, New Haven (CT), 1995  
Khlevniuk, O. V., R. W. Davies, L. P. Kosheleva, E. A. Rees, e L. A. Rogovaya, *Stalin i Kaganovich Perepiska 1931-36*, Moscovo, 2001  
Stalin, J. V., *Sochineniya*, Moscovo, 1946-1952  
Stalin, J. V., *Ekonomicheskiye problemy socializma v SSSR*, Moscovo, 1953  
*Stalin, Vystuplenie na prieme v Kremle v chest kommanduyushchikh voiskami Krasnoi Armii*, in *Works* (ed. Robert McNeal), vol. II 1941-5, Stanford (CA), 1967  
«Stalin, Molotov Zhdanov o vtoroy serii filma Ivan Grozny», *Moskovskie Novosti*, n.º 37, 7 de Agosto de 1988  
«Josif Stalin v obiatiiakh semyi: iz lichnogo arkiva», *Istochnik*, Moscovo, 1993  
Starostin, Nikolai, *Futbol skvoz gody*, Moscovo, 1992  
Sudoplatov, Pavel, e Anatoli Sudoplatov, com Jerrold I. e Leona Schecter, *Special Tasks, the Memoirs of an Unwanted Witness, a Soviet Spymaster*, Londres, 1994  
Sukhanov, N. N., *The Russian Revolution 1917. A personal record*, Londres, 1955  
Sukhanov, D. M., *Memoirs*, Library of Congress  
Timashuk, Lydia, «Tsel byla spasti zhizn bolnogo. Pisma Lidii Timashuk», *Istochnik*, n.º 1, 1997  
Trotsky, Leon, *My Life*, Nova Iorque, 1930  
Trotsky, Leon, *Stalin*, Londres, 1968  
Trail, Vera, *Memoirs of Yezhov*, inédito  
Trifinov, Yury, *House on the Embankment*, Evansto (IL), 1999  
Troyanovsky, Oleg, *Cherez godiy rasstoyaniya*, Moscovo, 1997  
Valedinsky, I., «Vospominaniya o vstrechah s tov. Staliny IV», *Muzei Revolutsii*, vol. 23, t. 2, Moscovo, 1992  
Vaschenko, N., *Za Grani Istorii*, Moscovo, 1998  
Vasilevsky, A. M., *Delo Vsey Moey Zhizni*, Moscovo, 1978  
Vishnevskaya, Galina, *Galina, Galina, Russian Story*, Londres, 1984

G. IAGODA:

Litvin, A. L. (ed.), *Genrikh Yagoda Narkom vnutrennikh del SSSR, Generalnyi kommissar gosudarstvennoy besopastnosti*, Kazan, 1997  
Yakovlev, A. S., *Tselzhizni*, Moscovo, 1970  
Yerofeev, Vladimir, «Ten Years of Secretaryship», *International Affairs*, vol. 9, 1991  
Zakharov, M. V., *Generalnyi shtab v predvoennye gody*, Moscovo, 1989  
Zbarsky, Ilya, e Samuel Hutchinson, *Lenin's Embalmers*, Londres, 1998

L. M. KAGANOVITCH:

- Kaganovich, L. M. (ed. Felix Chuev), *Tak Govoril Kaganovich*, Moscovo, 1992  
Kaganovich, L. M., *Pamiatniye Zapiski*, Moscovo, 1997  
Kennan, George, *Memoirs*, Boston, 1967  
Kamov, B., «Srñert Nikolaia Yezhova», *Iunost*, n.º 8, 1993  
Kavtaradze, Sergo, *Memoirs*, inédito  
Kavtaradze, Sergo, *Entrevista, Literatumaya Rossiya*, n.º 12, 1989

N. S. KHRUSHCHEV:

- Khrushchev, N. S. (Jerrold Schechter e Vyacheslav Luchkov, eds.), *Khrushchev Remembers: the Glasnost Tapes*, Nova Iorque, 1990  
Khrushchev, N. S., *Khrushchev Remembers*, Londres, 1971/Londres, 1974  
Khrushchev, N. S., «Memuary Nikity Sergeevicha Khrushcheva», *Voprosy Istorii*, 1990-95  
Khrushchev, Sergei, *Nikita Khrushchev and the Creation of a Superpower*, Pensilvânia, 2001  
Koniev, I. S., *Sorok pyatyi*, Moscovo, 1966  
Koniev, I. S., *Zapiski kommanduushchego frontom*, Moscovo, 1991  
Kopelev, Lev, *No Jail for Thought*, Londres, 1977  
Krivitsky, Walter, *I Was Stalin's Agent*, Londres, 1940  
Kravchenko, Victor, *I Chose Freedom*, Nova Iorque, 1946  
Krementsov, Nikolai, *Stalinist Science*, Princeton (NJ), 1997  
Kuznetsov, N. G., Memórias, *Voprosy Istorii*, n.º 4-5, 1965  
Larina, Anna, *This I Cannot Forget, The Memoirs of Nikolai Bukharin's Widow*, Londres, 1993  
Lunghi, Hugh, *Minutes of Meeting between Generalissimo JV Stalin and Admiral Mountbatten at Babelsberg, Germany, 25 July 1945 at 12.45 hours*, inédito  
Lunghi, Hugh, *Tribute to Sir Winston Churchill at Churchill Memorial Concert*, Palácio de Blenheim, 1 de Março de 1997  
Lunghi, Hugh, *Meeting Stalin*, European Service, General News Talk, BBC, 1 de Março de 1963  
Maisky, Ivan, *Memoirs of a Soviet Ambassador*, Londres, 1967  
Malenkov, Andrei, *O moem otse Georgie Malenkove*, Moscovo, 1992  
Malyshev, V. A., Notas, *Istochnik*, n.º 5, 1997  
Mandelstam, Nadezhda, *Hope Against Hope*, Londres, 1999  
Meretskov, K. A., *Na sluzhbe narodu*, Moscovo, 1970  
Mgeladze, Akaki, *Stalin, kakim ya ego znal*, Tbilisi, 2001

A. I. MIKOIAN:

- Mikoyan, Anastas, *Tak byto*, Moscovo, 2000  
Mikoyan, N., «A Month at Beria's Dacha», *Forum*, n.º 3, 1995  
Mikoyan, Stepan, *Memoirs of Military Test-flying and Life with the Kremlin's Elite*, Londres, 1999

V. M. MOLOTOV:

- Molotov, V. M. (ed. Felix Chuev), *Molotov Remembers*, Chicago, 1993  
Molotov, V. M. (ed. Felix Chuev), *Sto Sorok Besed s Molotovym*, Moscovo, 1991  
Muratov, E., «6 Chasov s I V Stalinyrn na Prieme v Kremle», *Neva*, n.º 7, 1993

- Myasnikov, A. I., Notas médicas sobre a doença de Estaline, *Literaturnaya Gazeta*, 1 de Março de 1989
- Nutsibidze, Ketevan e Shalva, *Nakaduli*, Tbilisi, 1993
- Okunevskaya, Tatiana, *Tatianin den*, Moscovo, 1998
- Orlov, Alexander, *Secret History of Stalin's Crimes*, Londres, 1954
- Ortenberg, David, «U Zhukova v Perkbushkogo», *Krasnaya Zvezda*, 30 de Novembro de 1991
- Ortenberg, David, *Stalin Shcherbakov Mekhlis i Drugie*, Moscovo, 1995
- Pahlavi, H.M. Mohammed Reza, *Mission for My Country*, Londres, 1961
- Parrott, Cecil, *The Serpent and the Nightingale*, Londres, 1977
- Patolichev, N. S., *Ispytanie na zrelost*, Moscovo, 1977
- Pavlov, V. N., «Avtobiographicheskie Zametki», *Novaya i Noveishaya Istočnaya*, 2000, n.º 4
- Plisetskaya, Maya, e Tim Scholl, *I, Maya*, New Haven (CT), 2001
- Platonov, Andrei, *The Foundation Pit*, Londres, 1996
- Pronin, Vasily P., «Gorod u linii fronta», in *Moskovskie Novosti*, n.º 21, 26 de Março/2 de Abril de 1995,  
p. 14
- Pronin, Vasily P., *Gorod-voin, Bitva za Moskvu*, Moscovo, 1966
- Pirozhkova, A. N., *At His Side, The Last Ten Years of Isaac Babel*, VT, 1996
- Putin, Vladimir, *First Person*, Nova Iorque, 2000
- Rapoport, Yakov, *The Doctors' Plot, Stalin's Last Crime*, Londres, 1991
- Razgon, Lev, *Plen v svoem otechestve*, Moscovo, 1994
- Roberts, Frank, *Dealing with Dictators*, Londres, 1991
- Rokossovsky, K., *Soldatskiy dolg*, Moscovo, 1968
- Romanov, A. I., *The Nights are Longest There*, Boston, 1972
- Rosliakov, K., *Ubiistvo Kirova. Politicheskie i ugolovnye prestupleniya v 1930 godakh*, Leninegrado, 1991
- Rybin, A. G., *Stalin v Oktyabre 1941*, Moscovo, s.d.
- Rybin, A. T., «Ryadom s IV Staliny», *Soziologicheskie Issledovaniya*, n.º 3, 1988
- Rybin, A. T., *Stalin i Zhukov*, Moscovo, 1994
- Rybin, A. T., *Ryadom Staliny v Bolshom Teatre*, Moscovo, s.d.
- Rybin A. T., *Kto Otravil Stalina?*, Moscovo, s.d.
- Rybin, A. T., *Next to Stalin: Notes of a Bodyguard*, Toronto, 1996
- Rzhevskaya E., «B tot den pozdhnei oseniu», in SS Smirnov, *Marshal Zhukov: kakim my ego pomnim*,  
Moscovo, 1988
- Sakharov, Andrei, *Memoirs*, Nova Iorque, 1992
- Sbornik zakonodatelnykh i normativnykh actov o repressiyakh i reabilitatsii*, Moscovo, 1993
- Serge, Victor, *From Lenin to Stalin*, Londres, 1937
- Shakhurin, A., «Memoirs», *Voprosy Istorii*, n.º 3, 1975
- Shepilov, D., *Neprimknutshii*, Moscovo, 2001
- Shepilov, D., «Vospominaniya», *Voprosy Istorii*, 1998, vols. 3, 4, 5, 6
- Shreider, M., *NKVD iznutri. Zapiski chekisty*, Moscovo, 1995
- Sholokhov, Mikhail, *Virgin Soil Upturned*, Londres, 1988
- Shostakovich, Dmitri, *Testimony: The Memoirs of Dmitri Shostakovich As related to and edited by Solomon  
Volkov*, Londres, 1981
- Shtemenko, S. M., *Generalnyi shtab v gody voyny*, Moscovo, 1981
- Simonov, K., «Glazami cheloveka moego pokoleniya», *Znamya*, n.º 3, 1988

- Simonov, K., «Conversations with Admiral IS Isakov», *Znamya*, n.º 5, 1988  
 Simonov K., «Zametki k biografii GK Zhukova», *Voprosy Istorii*, n.ºs 6, 7, 8, 9, 10, 12, 1987  
 Simonov, K., *Diaries*, RGALI, Moscovo  
 Smith, Walter Bedell, *My Three Years in Moscow*, Nova Iorque, 1948  
 Smirnoff, S. S., *G. K. Zhukov: Kakim My Ego Pomniu*, Moscovo, 1988

N. S. VLASIK:

- Vlasik, N. S., «Moya Biografiya», *Shpion*, vols. 8 e 9  
 «Vlasik Case: Interrogations», *VIZh*, n.º 12, 1989  
 Voronov, N.V., *Memoir of NV Voronov*, Volkogonov Collection, bobina n.º 8, 6 de Junho de 1994

K. E. VOROCHILOV:

- Voroshilov, K E., *Stalin and the Armed Forces of the USSR*, Moscovo, 1951  
 Voroshilov, K E., *Razzkaz o zhizni. Vospominaniya*, Moscovo, 1968  
 Werth, Alexander, *Year of Stalingrad*, Londres, 1946  
 Werth, Alexander, *Russia at War*, Londres, 1964

A. A. ZHDANOV:

- Zhdanov, A. A., «Doklad Zhdanova o zhurnalakh Zvezda i Leningrad», *Bolshevik*, n.ºs 17-18, Setembro de 1946  
 Zhdanov, Yury, «O kritie i samokritike v nauchnoy rabote», *Bolshevik*, 1951, n.º 21, pp. 28-43  
 Zhdanov, Yury, «Vo mgle protivorechii», *Voprosy Filosofii*, 1993, n.º 7, p. 74

G. K. ZHUKOV:

- Zhukov, G. K., *Vospominaniya i razmyshleniya*, 10.ª ed., Moscovo, 1990  
 Zhukov, G. K., «Korotko o Staline», *Pravda*, 20 de Janeiro de 1989  
 Zhukov, G. K., «Na Kurskoy Duge», *VIZh*, Agosto de 1967

**Secundária**

- Antonov-Ovseenko, Anton, *The Time of Stalin: Portrait of a Tyranny*, Nova Iorque, 1980  
 Antonov-Ovseenko, Anton, *Beria*, Moscovo, 1999  
 Applebaum, Anne, *GULAG: A History of the Soviet Concentration Camps*, Londres, 2003  
 Aptekov, Pavel, e Olga Dudorova, «Peace and statistics of losses: Unheeded Warning and the Winter War», *Slavic Military Studies*, vol. 10, n.º 1, Março de 1997  
 Avtorkhanov, Abdurakhman, *Stalin and the Soviet Communist Party*, Londres, 1959  
 Axell, Albert, *Stalin's War Through the Eyes of his Commanders*, Londres, 1997  
 Babichenko, D., e M. Sidorov, «Nevelika pobeda», *Itogi*, n.º 31 (269), 2001  
 Barsukov, N., «Mart 1953. Stranitsy Istorii KPSS», *Pravda*, 27 de Outubro de 1989  
 Barbosa, Adalberto Zelmar, *El Federalismo Bloquista: Bravo o el pragmatismo politico*, Buenos Aires, 1988  
 Beevor, Antony, *Stalingrad*, Londres, 1998  
 Beever, Antony, *Berlin: The Downfall, 1945*, Londres, 2002  
 Biagi, Enzo, *Svetlana: The Inside Story*, Londres, 1967

- Bialer, Seweryn (ed.), *Stalin and his Generals*, Nova Iorque, 1969
- Bloch, Michael, *Ribbentrop*, Londres, 1994
- Blotsky, Oleg, *Vladimir Putin: The Story of My Life*, Moscovo, 2002
- Bobrenov, V., e V. Wiazantsev, «Marshal protiv Marshal», *Armia*, 1993, n.º 8, 9 e 10
- Bortoli, Georges, *Death of Stalin*, Londres, 1975
- Bos, W. H., e E. M. Farber, «Joseph Stalin's Psoriasis: Its Treatment and the Consequences», *Cutis*, vol. 59, Abril de 1997
- Brackman, Roman, *The Secret File of Joseph Stalin*, Londres, 2001
- Brent, Jonathan, e Vladimir P. Naumov, *Stalin's Last Crime: The Doctors' Plot*, Londres, 2003
- Briukhanov, B. B., e E. N. Shoshkov, *Opravdaniyu ne podlezhit: Ezhov I ezhovshchina*, São Petersburgo, 1998
- Bromage, Bernard, *Molotov*, Londres, 1956
- Brooks, Jeffrey, *Thank You Comrade Stalin*, Princeton, 2000
- Burleigh, Michael, *The Third Reich, A New History*, Londres, 2000
- Carlton, David, *Churchill and the Soviet Union*, Londres, 2000
- Carr, E. H., *What is History?*, Londres, 1964
- Carswell, John, *The Exile, the Life of Ivy Litvinov*, Londres, 1980
- Chase, William J., *Enemies Within the Gates: The Comintern and the Stalinist Repression 1934-39*, New Haven (CT), 2001
- Chinsky, Pavel, *Staline archives inédites*, Paris, 2001
- Chisholm, Anne, e Michael Davie, *Beaverbrook: A Life*, Londres, 1992
- Chubariyan, Alexander O., e Vladimir O. Pechatnov, «Molotov the Liberal: Stalin's 1945 Criticism of his Deputy», *Cold War History*, vol. 1, n.º 1, Agosto de 2000
- Clark, Alan, *Barbarossa*, Londres, 1996
- Cohen, Stephen, *Bukharin and the Bolshevik Revolution, A Political Biography 1888-1938*, Londres, 1973
- Cohen, Y., «Des lettres comme action: Stalin au début des années 1930 vu depuis les fonds Kaganovich», *Cahiers du Monde russe*, n.º 3, vol. 38, Julho-Setembro de 1997
- Conquest, Robert, *The Great Terror, Stalin's Purge of the Thirties*, Londres, 1968
- Conquest, Robert, *The Nation Killers*, Londres, 1972
- Conquest, Robert, *Inside Stalin's Secret Police: NKVD Politics 1936-1939*, Stanford (CA), 1985
- Conquest, Robert, *Harvest of Sorrow: Soviet Collectivization and the Terror/Famine*, Londres, 1986
- Conquest, Robert, *Stalin and the Kirov Murder*, Oxford, 1989
- Conquest, Robert, *Stalin: Breaker of Nations*, Londres, 1991
- Coox, Alvin D., «L'affaire Liushkov: Anatomy of a Defector», *Soviet Studies*, 1967, vol. 8, n.º 3
- Coox, Alvin D., «The Lesser of Two Hells: NKVD General GS Lyushkov's Defection to Japan 1938-45», *Slavic Military Studies*, vol. 11, n.º 3, Setembro de 1998
- Curtis, J. A. E., *Manuscripts Don't Burn: Mikhail Bulgakov, A Life in Letters and Diaries*, Londres, 1991
- Dallin, Alexander, e F. I. Firsov (ed.), *Dmitrov and Stalin 1934-1943*, New Haven (CT), 2000
- Davies, R. W. «The Sypsov/Lominadze Affair», *Soviet Studies*, 33, n.º 1, Janeiro de 1981
- Easter, Gerald, *Reconstructing the State: Personal Networks and Elite Identity in Soviet Russia*, Cambridge, 2000
- Ebon, M., *Malenkov*, Londres, 1953
- Erickson, John, *Soviet High Command A Military/Political History 1918-41*, Londres, 1962

- Erickson, John, *The Road to Stalingrad*, Londres, 1983
- Erickson, John, *The Road to Berlin*, Londres, 1996
- Fairbanks, C. H., «Clientilism and higher politics in Georgia 1949-1953», *Transcaucasia*, Ann Arbor (MI), 1983
- Fay, Laurel, *Shostakovich, A Life*, Oxford, 2001
- Figes, Orlando, *A People's Tragedy: The Russian Revolution 1891-1924*, Londres, 1996
- Figes, Orlando, *Natasha's Dance, A Cultural History of Russia*, Londres, 2002
- Fitzpatrick, Sheila, *The Cultural Front, Power and Culture in Revolutionary Russia*, Ithaca (NY), 1992
- Fitzpatrick, Sheila, *Everyday Stalinism, Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930s*, Oxford, 1999
- Fitzpatrick, Sheila, *Stalinism: New Directions*, Londres, 2000
- Garros, V., N. Korenevskaya, e T. Lahusen, *Intimacy and Terror: Soviet Diaries of the 1930s*, New Press, 1995
- Gazur, Edward P., *Secret Assignment: The FBI's KGB General*, Nova Iorque, 2001
- Gendlin, L., *Confession of Stalin's Lover*, Moscovo, 1991
- Getty, J. A., e R. T. Manning (eds.), *Stalinist Terror. New Perspectives*, Cambridge, 1993
- Getty, J. Arch, *Origins of the Great Purges: the Soviet CP Reconsidered 1933-1938*, Cambridge, 1985
- Getty, J. Arch, e Oleg V. Naumov, *The Road to Terror: Stalin and the Self-Destruction of the Bolsheviks 1932-9*, New Haven (CT), 1999
- Gilbert, Martin, *Churchill: A Life*, Londres, 1991
- Glantz, David, «The Kharkov Operation May 1942», *Slavic Military Studies*, vol. 5, Setembro-Dezembro de 1992
- Glantz, David, *Zhukov's Greatest Defeat: the Red Army's Epic Disaster in Operation Mars 1942*, Manchester, 2000
- Glantz, David, *Barbarossa: Hitler's Invasion of Russia 1941*, Londres, 2001
- Glantz, David, «Forgotten Battles of German Soviet War – the Winter Campaign: the Crimean Counter-Offensive», *Slavic Military Studies*, vol. 14, Março de 2001
- Gleason, Abbott, *Totalitarianism: The Inner History of the Cold War*, Oxford, 2001
- Gobarev, Victor, «Soviet Military Plans and Actions During the First Berlin Crisis», *Slavic Military Studies*, vol. 10, Setembro de 1997
- Gobarev, Victor, «Khrushchev and the Military: Historical and Psychological Analysis», *Slavic Military Studies*, vol. 11, 1998
- Goncharov, Sergei N., John W. Lewis, e Xue Litai, *Uncertain Partners: Stalin, Mao and the Korean War*, Stanford (CA), 1993
- Gorlizki, Yoram, *Stalin's Cabinet: the Politburo and Decision-Making in the Post-War Years*, in Christopher Read, *The Stalin Years: A Reader*, Londres, 2003
- Gorlov, S. A., «Peregovory VM Molotova v Berline v Noiabre 1940 goda», *VIZh*, vols. 6 e 7, 1992
- Gorodetsky, Gabriel, *Stafford Cripps' Mission to Moscow 1940-2*, Londres, 1984
- Gorodetsky, Gabriel, *Grand Delusion: Stalin and the German Invasion of Russia*, New Haven (CT), 1999
- Gromov, E., *Stalin: Vlast I Iskusstro*, Moscovo, 1998
- Hahn, Werner, *Postwar Soviet Politics: the Fall of Zhdanov and the Defeat of Moderation 1946-53*, Ithaca (NY), 1982

- Harris, Jonathan, «The Origins of the Conflict between Malenkov and Zhdanov 1939-1941», *Slavic Review*, vol. 35, n.º 2, 1976
- Holloway, David, *Stalin and the Bomb: the Soviet Union and Atomic Energy 1939-1956*, New Haven (CT), 1994
- Hosking, Geoffrey, *A History of the Soviet Union 1917-1991*, Londres, 1992
- Ivanov, S. P., *Shtab armeiskii, Shtab frontovoi*, Moscovo, 1990
- Izumov, Y., «Why Khrushchev took revenge on Stalin», *Dosye Glasnost*, n.º 12, 2001
- Jansen, Marc, e Nikita Petrov, *Stalin's Loyal Executioner: People's Commissar Nikolai Ezhov 1895-1940*, Stanford (CA), 2002
- Jeffery, Inez Cope, *Inside Russia: Life and Times of Zoya Zarubina*, Austin (TX), 1999
- Jenkins, Roy, *Truman*, Londres, 1986
- Karpov, Vladimir, «Tainaya rasprava nad marshalom Zhukovym», *Vestnik Protivovozdushnoy Oborony*, n.º 7 e 8, 17 e 19 de Agosto de 1991
- Karpov, Vladimir, «Rasprava Stalina nad Marshalom Zhukovym», *Vestnik Protivovozdushnoy Oborony*, 7-8, 1992
- Karpov, Vladimir, *Marshal Zhukov: Opala*, Moscovo, 1994
- Karpov, Vladimir, *Rastrelyannye Marshaly*, Moscovo, 2000
- «Career of Communications Worker Vladimir Kazakov», *Nezavisimoe Voennoe Obozrenie*, vol. 19, 2002, p. 5
- Kahan, Stuart, *Wolf of the Kremlin*, Nova Iorque, 1987
- Kemp-Welch, A., *Stalin and the Literary Intelligentsia*, Londres, 1991
- Kenez, Peter, *Cinema and Soviet Society from the Revolution to the Death of Stalin*, Londres, 2001
- Khlevniuk, Oleg, *Stalin NKVD i sovetskoe obshchestvo*, Moscovo, 1993
- Khlevniuk, Oleg, *In Stalin's Shadow, the Career of Sergo Ordzhonikidze*, Nova Iorque, 1993
- Khlevniuk, Oleg, *Stalinskoe Politburo v 1930 gody. Sbornik dokumentov*, Moscovo, 1995
- Khlevniuk, Oleg, *Le Circle du Kremlin, Staline et le bureau politique dans les années 30: les jeux du pouvoir*, Paris, 1996
- Khlevniuk, Oleg, Y. Gorlizki, A. I. Miniuk, M. Y. Prozymenshikov, I. A. Rogovaya, e S. V. Somonova (eds.), *Politburo TsK BKP i Sovet Ministrov SSSR 1945-53*, Moscovo, 2002
- Kirilina, A. A., *L'Assassinat de Kirov*, Paris, 1995
- Knight, Amy, *Beria: Stalin's First Lieutenant*, Princeton (NJ), 1993
- Knight, Amy, *Who Killed Kirov? The Kremlin's Greatest Mystery*, New Jersey, 1999
- Kojevnikov, Alexei, *Games of Stalinist Democracy. Ideological discussions in Soviet sciences 1947-1952*, in Sheila Fitzpatrick, *Stalinism: New Directions*, Londres, 2000
- Korkin, Stephen, *Magnetic Mountain: Stalinism as a Civilization*, University of California, 1995
- Korol, V. E., A. I. Sliusarenko, e I. U., Nikolaenko, «Tragic 1941 and Ukraine: New Aspect of Problems», *Slavic Military Studies*, vol. 11, n.º 1, Março de 1998
- Kostyrchenko, Gennadi, *Out of the Red Shadows, Anti-Semitism in Stalin's Russia*, Nova Iorque, 1995
- Kulikov, E., M. Miakgov, e O. Rzheshevsky, *Voina 1941-1945*, Moscovo, 2001
- Kun, Miklos, *Stalin: An Unknown Portrait*, Nova Iorque, 2003
- Kuznetsov, I. I., «Stalin's Minister VI Abakumov», *Slavic Military Studies*, vol. 12, n.º 1, Março de 1999
- Kuznetsov, I. I., «KGB General Naum Isakovich Eitingon 1899-1991», *Slavic Military Studies*, vol. 14, n.º 1, Março de 2001

- Lakoba, S., *Ocherki po politicheskoy istorii Abkhazii*, Sukhumi, 1990
- Lastours, S. de, *Toukhatchevski*, Paris, 1996
- Lebedeva, N. S., *Katyn*, Moscovo, 1994
- Levashov, Viktor, *Mikhoels: Ubiystvo Mikhoelsa*, Moscovo, 1998
- Lewis, Jonathan, e Phillip Whitehead, *Stalin: Time for Judgement*, Londres, 1990
- Leyda, Jay, *Kino: History of Russian and Soviet Film*, Londres, 1973
- Likhonov, D., e V. Nikonov, «La pochistil OGPU», in *Sovershenno sekretno* 1992, 4
- Loguinov, V., *Taini Stalina, General Vlasik i yego soratniki*, Moscovo, 2000
- Malia, Martin, *The Soviet Tragedy: A History of Socialism 1917-2000*, Nova Iorque, 1994
- Marcucci, L., *Il Commissario di Ferro di Stalin*, Turim, 1997
- Mariamov, Grigory, *Kremlevskiy tsenzor: Stalin smotrit kino*, Moscovo, 1986
- McLoughlin, Barry, e Kevin McDermott, *Stalin's Terror: High Politics and Mass Repression in the Soviet Union*, Londres, 2002
- Medvedev, Roy, *Let History Judge*, Londres, 1976
- Medvedev, Roy, *On Stalin and Stalinism*, Oxford, 1979
- Medvedev, Roy, *Khrushchev*, Nova Iorque, 1983
- Medvedev, Roy, *All Stalin's Men: Six Who Carried the Bloody Purges*, Nova Iorque, 1985
- Medvedev, Roy, *Neizvestnyi Stalin*, Moscovo, 2001
- Medvedev, Roy, e Zhores Medvedev, *Politicheskiy dnevnik*, Amesterdão, 1975
- Medvedev, Zhores, *The Rise and Fall of T. D. Lysenko*, Nova Iorque, 1969
- Mee, Charles L. Jr, *Meeting at Potsdam*, Londres, 1975
- Merridale, Catherine, *Night of Stone, Death and Memory in Russia*, Londres, 2000
- Merridale, C., *Moscow Politics and the Rise of Stalin: the Communist Party in the Capital 1925-32*, Basingstoke/Londres, 1990
- Morgan, Ted, *FDR*, Londres, 1985
- Munn, Michael, *John Wayne: the Man Behind the Myth*, Londres, 2003
- Naumov, V., *1941 god. Dokumenty*, Moscovo, 2000
- Nekrasov, V. F., *Beria: Konets kariery*, Moscovo, 1991
- Nekrasov, V. F., *Zhelezni Narkomy*, Moscovo, 1995
- Nenarokov, A., «Shatbs/Kapitan, Marshall, Vrag Naroda, Yegorov», *Rodina*, n.º 10, 1989
- Nevakivi, Jukka (ed.), *Finnish-Soviet Relations 1944-1948*, Helsínquia, 1994
- Nevezhin, V. A., «Stalin's 5th May Address: the experience of Interpretation», *Slavic Military Studies*, vol. 11, n.º 1, Março de 1998
- Nove, Alex (ed.), *The Stalin Phenomenon*, Nova Iorque, 1993
- Overy, Richard, *Russia's War*, Londres, 1997
- Papkov, S. A., *Stalinsky Terror v Sibiri 1928-1941*, Novosibirsk, 1997
- Parrish, Michael, *The Lesser Terror: Soviet State Security 1939-1953*, Londres, 1996
- Parrish, Michael, «The Last Relic: Serov», *Slavic Military Studies*, vol. 10, n.º 3, Setembro de 1997
- Parrish, Michael, «Downfall of the Iron Commissar NI Yezhov 1938-1940», *Slavic Military Studies*, vol. 14, n.º 2, Junho de 2001
- Pavlenko, N. G., «GK Zhukov: Iz neopublikovanykh vospominaniy», *Kommunist*, vol. 14, Setembro de 1988
- Pavlenko, N. G., «Razmyshleniya o sudbe polkovodtsa», *VIZh*, n.ºs 10, 11 e 12, 1988

- Pechatov, Vladimir O., «The Allies are pressing on you to break your will...», *Foreign Policy Correspondence between Stalin and Molotov and other Politburo members, September 1945/December 1946*, Working Paper 26, Cold War International History Project, Woodrow Wilson International Centre for Scholars, Washington DC
- Perrie, Maureen, *The Cult of Ivan the Terrible in Stalin's Russia*, Londres, 2001
- Perlmutter, Amos, *A Not So Grand Alliance 1943-45*, Columbia (MO), 1994
- Petrov, N. V., e K. V. Scorkin, *Kto Rukovodil NKVD 1934-41: Spravochnik*, Moscovo, 1999
- Pipes, Richard, *The Formation of the Soviet Union: Communism and Nationalism 1917-1923*, Harvard, 1954
- Pipes, Richard, *Russia Under the Bolshevik Regime*, Londres, 1994
- Polianski, A., *Yezhov: Istorya zheleznogo stalinskogo narkoma*, Moscovo, 2001
- Pope, Arthur Upham, *Maxim Litvinov*, Londres, 1943
- Popov, B. S., e V. G. Oppokov, «Berievshchina», *VIZh*, 1990, n.º 3
- Porter, Cathy, *Alexandra Kollontai*, Londres, 1980
- Povartsov, S., *Prichina smerti-tastrel*, Moscovo, 1996
- Raanan, Gavriel D., *International Policy Formation in the USSR Factional «Debates» during the Zhdanovshchina*, Hamden (CT), 1983
- Radosh, R., M. R. Habeck, e G. Sevostianov (eds.), *Spain Betrayed the Soviet Union in the Spanish Civil War*, New Haven (CT), 2001
- Radzinsky, Edvard, *Stalin*, Londres, 1996
- Read, Christopher, *The Stalin Years: A Reader*, Londres, 2003
- Read Anthony, e David Fisher, *The Deadly Embrace: Hitler, Stalin and the Nazi-Soviet Pact 1939-1941*, Londres, 1988
- Rees, E. A., *Stalinism and Soviet Rail Transport 1928-1941*, Londres; 1995
- Reese, R. R., *Stalin's Reluctant Soldiers: A Social History of the Red Army*, Kansas 1996
- Richardson, Rosamond, *The Long Shadow: Inside Stalin's Family*, Londres, 1993
- Rieber, Alfred J., «Stalin Man of the Borderlands», *American History Review*, vol. 106, n.º 5, Dezembro de 2001
- Riehl, Nikolaus, e Frederick Seitz, *Stalin's Captive Nikolaus Riehl and the Soviet Race for the Bomb*, Londres, 1996
- Rigby, T. H., «Was Stalin a Disloyal Patron?», *Soviet Studies*, vol. 38, n.º 3, Julho de 1986
- Rigby, T. H., *Political Elites in the USSR*, Aldershot, 1990
- Ritterspoon, G. T., *Stalinist Simplifications and Soviet Complications. Social Tensions and Political Conflicts in the USSR 1933-53*, Filadélfia, 1991
- Roberts, Andrew, *The Holy Fox: A Biography of Lord Halifax*, Londres, 1991
- Roberts, Geoffrey, «Beware Greek Gifts: the Churchill/Stalin Percentages Agreement of October 1944», *Churchill and Stalin*, FCO Historians' Conference, 2002
- Rogovin, Vadim Z., *1937: Stalin's Year of Terror*, Oak Park (MI), 1988
- Rosenfeldt, N. E., *Knowledge and Power: the Role of Stalin's Secret Chancellery in the Soviet System of Government*, Copenhaga, 1978
- Rubenstein, Joshua, *Tangled Loyalties: the Life and Times of Ilya Ehrenburg*, Londres, 1996
- Rubenstein, Joshua, e Vladimir P. Naumov, *Stalin's Secret Pogrom, The Postwar Inquisition of the Jewish Anti-Fascist Committee*, New Haven (CT), 2001

- Rubtsov, Y., *Alter Ego Stalina: Stranitsy politicheskoi biografi LZ Mekhlisa*, Moscovo, 1999
- Rubtsov, Y., *Marshay Stalina*, Rostov, 2000
- Rybakov, Anatoli, *Children of the Arbat*, Boston, 1988
- Rzheshevsky, O. A., *Vtoraya Mirovaya Voina*, Moscovo, 1995
- Rzheshevsky, O. A. (ed.), *War and Diplomacy: the Making of the Grand Alliance*, Nova Iorque, 1996
- Rzheshevsky, O. A., «Winston Churchill in Moscow 1942», *Churchill and Stalin*, FCO Historians' Conference, 2002
- Sainsbury K., *The Turning Point*, Londres, 1986
- Salisbury, Harrison, 900 Days, *The Siege of Leningrad*, Londres, 1969 (reimpr. 2000)
- Seaton, Albert, *Stalin as Military Commander*, Conshohocken (PA), 1998
- Service, Robert, *The Bolshevik Party in Revolution: A Study in Organizational Change 1917-23*, Londres, 1979
- Service, Robert, *A History of 20th Century Russia*, Londres, 1997
- Service, Robert, *Joseph Stalin, the Making of a Stalinist*, in John Channon (ed.), *Politics, Society and Stalinism in the USSR*, Londres, 1998
- Service, Robert, *Lenin*, Londres, 2000
- Service, Robert, «Architectural Problems of Reform: from Design to Collapse», *Totalitarian Movements and Political Religions*, vol. 2, n.º 2, Outono de 2001
- Shapiro, Leonard, *The Communist Party of the Soviet Union*, Londres, 1970
- Sheinis, Z., *Maxim Maksimovich Litvinov*, Moscovo, 1989
- Shentalinsky, Vitaly, *The KGB's Literary Archive*, Londres, 1995
- Shentalinsky, Vitaly, «Okhota v revzapovednike», *Novy Mir*, 1998, n.º 12
- Shukman, Harold (ed.), *Stalin's Generals*, Londres, 1993
- Shukman, Harold (ed.), *Stalin and the Soviet-Finnish War 1939-1940*, Londres, 2002
- Siegelbaum, Lewis, e Andrei Sokolov (eds.), *Stalinism as a Way of Life, A Narrative in Documents*, New Haven (CT), 2001
- Smith, Edward Ellis, *Young Stalin*, Nova Iorque, 1967
- Soyfer, Valery, *Lysenko and the Tragedy of Soviet Science*, New Jersey, 1994
- Spahr, William J., *Zhukov, The Rise and Fall of a Great Captain*, Novato (CA), 1995
- Spahr, William J., *Stalin's Lieutenants, A Study of Command under Duress*, Novato (CA), 1997
- Starr, S. Frederick, *Red and Hot, The Fate of Jazz in the Soviet Union 1917-80*, Oxford, 1983
- Stoliarov, K. A., *Golgota*, Moscovo, 1991
- Sukhomlinov, A., *Vasily: Syn Vozhdy*, Moscovo, 2001
- Sulianov, Anatoli, *Arrestovat v Kremle. O zhizni i smerti marshala Beria: Povest*, Minsk 1991
- Suny, Ronald Grigor, *The Making of the Georgian Nation*, Stanford (CA), 1988
- Suvenirov, O. F., *Tragediya RKKA 1937-8*, Moscovo, 1998
- Taubman, William, *Khrushchev, The Man and His Era*, Londres, 2003
- Taubman, William, Sergei Khrushchev, e Abbott Gleason, *Nikita Khrushchev*, New Haven (CT), 2000
- Taylor, A. J. P., *Beaverbrook*, Londres, 1972
- Thomas, Hugh, *Armed Truce, The Beginnings of the Cold War 1945-6*, Londres, 1986
- Thurston, Robert W., *Life and Terror in Stalin's Russia 1934-41*, New Haven (CT), 1996
- Trepper, L., *Bolshaya igra*, Moscovo, 1990
- Tolstoy, Nikolai, *Stalin's Secret War*, Londres, 1981

- Tolstoy, Nikolai, *The Tolstoys*, Londres, 1983
- Torchinov, B. A., e A. M. Lentiuk, *Vokrug Stalina*, São Petersburgo, 2000
- Toranska, Teresa, *Oni, Stalin's Polish Puppets*, Londres, 1987
- Tucker, Robert, *Stalin as Revolutionary*, Nova Iorque, 1974
- Tucker, Robert, *Stalin in Power: the Revolution from Above*, Nova Iorque, 1990
- Tucker, Robert, *Stalinism: Essays in Historical Interpretation*, New Brunswick (NJ), 2000
- Ushakov, S., e A. A. Stukakov, *Front Voennyykh Prokurorov*, Moscovo, 2000
- Uspenski, V. D., *Taynyi Sovetnik Vozhdy*, Moscovo, 1992
- Vaksberg, Arkady, *Stalin's Prosecutor, The Life of Andrei Vyshinsky*, Nova Iorque, 1991
- Vaksberg, Arkady, «Delo marshala Zhukova: nerazorvavshaysya bomba», *Literaturnaya Gazeta*, n.º 32, 5 de Agosto de 1992
- Vaksberg, Arkady, *Stalin Against the Jews*, Nova Iorque, 1995
- Vasilieva, Larissa, *Kremlin Wives*, Londres, 1994
- Vasilieva, Larissa, *Kremlevskie Zheny*, Moscovo, 2001
- Vasilieva, Larissa, *Deti Kremla*, Moscovo, 2001
- Veiskopf, Mikhail, *Pisatel Stalin*, Moscovo, 2001
- Volkogonov, Dmitri, *Stalin: Triumph and Tragedy*, Londres, 1991
- Volkogonov, Dmitri, *The Rise and Fall of the Soviet Empire*, Londres, 1998
- Watson, Derek, «The Early Career of VM Molotov», *CREES Discussion Papers, Soviet Industrialisation Project Series*, Universidade de Birmingham, vol. 26, 1986
- Watson, Derek, *Molotov and Soviet Government: Sovnarkom 1930-41*, Basingstoke, 1996
- Wheatley, Dennis, *Red Eagle. The story of the Russian Revolution and of Klimenty Efremovitch Voroshilov, Marshal and Commissar for Defence of the USSR*, Londres, 1938
- Yakovlev, Alexander, *A Century of Violence in Soviet Russia*, New Haven (CT), 2002
- Yakovlev, A. N., R. Pikhoya, e A. Geishtor, *Katyn*, Moscovo, 1997
- Yakovlev, N. N., *Zhukov*, Moscovo, 1992
- Young, Gordon, *Stalin's Heirs, Who's Who in Soviet Russia*, Londres, 1953
- Zenkovich, N. A., *Marshaly Igenseki*, Smolensk, 1997
- Zhavoronkov, G., «I snitsya nochyu den», *Sintaksis*, n.º 32, 1992
- Zhirnov, E., «Gornichnyh Predstavit k Nagradam», *Vlast*, vol. 16, 2000
- Zhirnov, E., «Conversation with Office Manager of USSR Council of Ministers Mikhail Smirtukov», *Vlast*, vol. 11 (Molotov), vol. 7 (Bulganin), vol. 5 (Malenkov), vol. 25 (Stalin), 2000
- Zhukov, Y. N., «Borba za vlast v rukovodstve SSSR v 1945-1952», *Voprosy Istorii*, n.º 1, 1995
- Zhukov, N. Y., «Tainy Kremlevskogo dela 1935 goda I sudba Avelia Yenukidze», *Voprosy Istorii*, n.º 9, 2000
- Zubkova, Elena, «Obshchestvennaya atmosphera posle voiny (1945-1946)», *Svobodnaya Mysl*, n.º 6, 1992
- Zubok, Vladislav, e Constantine Pleshakov, *Inside the Kremlin's Cold War, From Stalin to Khrushchev*, Harvard, 1996

# ÍNDICE

A árvore genealógica de Estaline .....	7
Mapas .....	9
Introdução e agradecimentos .....	11
As personagens .....	17
Prólogo: O jantar de festa: 8 de Novembro de 1932 .....	21
<b>Primeira Parte</b>	
OS BONS TEMPOS: ESTALINE E NÁDIA, 1878-1932	
1. O georgiano e a colegial .....	43
2. A família do Kremlin .....	56
3. O sedutor .....	61
4. A fome e o grupo do campo: Estaline de fim-de-semana .....	74
5. Férias e Inferno: o Politburo à beira-mar .....	87
6. Comboios cheios de cadáveres: amor, morte e histeria .....	97
7. Estaline, o intelectual .....	107
<b>Segunda Parte</b>	
OS ALEGRES COMPANHEIROS: ESTALINE E KIROV, 1932-1934	
8. O funeral .....	117
9. O viúvo omnipotente e a sua amantíssima família: Sergo, o príncipe bolchevique .....	127

10. O triunfo estragado: Kirov, a Conjura e o Décimo Sétimo Congresso .....	137
11. O assassinio do favorito .....	143

### Terceira Parte

#### NO LIMIAR DO PESADELO, 1934-1936

12. «Fiquei órfão»: o especialista em funerais .....	157
13. Uma amizade secreta: a rosa de Novgorod .....	168
14. A ascensão do anão e a queda do Casanova .....	175
15. O czar viaja de metro .....	183
16. Escolham os vossos pares; montem os vossos presos: o julgamento-espectáculo .....	191

### Quarta Parte

#### A MATANÇA: IEZHOV, O ANÃO ENVENENADOR, 1937-1938

17. O carrasco: o veneno de Béria e o cerco a Bukharine .....	203
18. Sergo: a morte do «Perfeito Bolchevique» .....	215
19. A chacina dos generais, a queda de Lagoda e a morte de uma mãe .....	223
20. O banho de sangue em números .....	231
21. «O Amora» no trabalho e no lazer .....	238
22. Mangas de camisa ensanguentadas: o círculo íntimo do crime .....	247
23. A vida social durante o terror: as mulheres e os filhos dos potentados .....	256

### Quinta Parte

#### MATANÇA: A CHEGADA DE BÉRIA, 1938-1939

24. As judias de Estaline e a família em perigo .....	265
25. Béria e o cansaço dos carrascos .....	272
26. A tragédia e a depravação dos Iezhov .....	279
27. A morte da família Estaline: uma estranha proposta e a governanta .....	286

### Sexta Parte

#### «O GRANDE JOGO»: HITLER E ESTALINE, 1939-1941

28. A partilha da Europa: Molotov, Ribbentrop e a questão judaica de Estaline .....	299
29. O assassinio das esposas .....	313
30. Cocktails Molotov: a guerra de Inverno e a mulher de Kulik .....	322
31. Molotov encontra-se com Hitler: trabalho no arame e ilusão .....	332
32. A contagem decrescente: 22 de Junho de 1941 .....	348

### Sétima Parte

#### GUERRA: O GÉNIO TRAPALHÃO, 1941-1942

33. Optimismo e colapso .....	357
34. «Feroz como um cão»: Zhdanov e o cerco de Leninegrado .....	377

35. «Consegue aguentar Moscovo?» .....	387	
36. Molotov em Londres, Mekhlis na Crimeia, Khrushchev em colapso .....	401	
37. Churchill visita Estaline: Marlborough vs. Wellington .....	410	
38. Estalinegrado e o Cáucaso: Béria e Kaganovitch na guerra .....	416	
 Oitava Parte		
GUERRA: O GÉNIO TRIUNFANTE, 1942-1945		
39. O Supremo de Estalinegrado .....	427	
40. Filhos e filhas: os filhos de Estaline e do Politburo na guerra .....	437	
41. O Festival da Canção de Estaline .....	448	
42. Teerão: Roosevelt e Estaline .....	455	
43. O impante conquistador: Ialta e Berlim .....	471	
 Nona Parte		
O PERIGOSO JOGO DA SUCESSÃO, 1945-1949		
44. A Bomba .....	483	
45. Béria: potentado, marido, pai, amante, assassino, violador .....	494	
46. Uma noite na vida de José Vissarionovitch: tirania nos filmes e jantares .....	504	
47. A oportunidade de Molotov: «Quando um homem está bêbedo, nem sabe o que diz!» .....	523	
48. Zhdanov, o herdeiro, e o tapete ensanguentado de Abakumov .....	529	
49. O eclipse de Zhukov e os saqueadores da Europa: a elite imperial .....	536	
50. «Os sionistas levaram-te à certa!» .....	549	
51. As férias de um velho solitário .....	554	
52. Dúas estranhas mortes: o actor <i>yiddish</i> e o herdeiro putativo .....	564	
 Décima Parte		
O TIGRE COXO, 1949-1953		
53. A prisão da Senhora Molotov .....	575	
54. Assassínio e casamento: o caso de Leninegrado .....	581	
55. Mao, o aniversário de Estaline e a Guerra da Coreia .....	591	
56. O pigmeu e os médicos assassinos: «Batam, batam e tornem a bater!» .....	600	
57. Gatinhos cegos e hipopótamos: a destruição da velha guarda .....	613	
58. «Liquidei-o!»: o paciente e os seus trémulos médicos .....	625	
 Pós-escrito .....		637
Fontes das notas .....	643	
Ilustrações .....	645	
Bibliografia seleccionada .....	649	